# ESTUDOS PSIQUICOS

Vol. XVIII

1959

# Estudos Psíquicos

Director ISIDORO DUARTE SANTOS

18.° VOLUME — 1959

# Índice das matérias contidas no presente volume


A

Algo para Recordar, por *Marie Mercedes* ..... 211
Alguém Vai Morrer, por *Wynne E. Lisett* ..... 331
Amigo, (Soneto) pelo *Dr. Pereira Brasil* ..... 99
Ansiedade, por *Maria Inês Sena* ..... 356
António Cardoso a Caminho do Brasil ..... 304
Aparição de Um Vivo, por *Charles Richet* ... 184
Aparição (A) do Jornal era de Um Antigo Director ..... 153
Apelo aos Homens de Boa Vontade, por *S. Teixeira* ..... 300
Aproxima-se o Natal! ..... 311 e 359
Aspiração ao Todo, por *Rocha de Sousa* ..... 54

B

Balanço (O) por *Cyrilo Alleixo* ..... 354
Boa Vontade, por *I. D. S.* ..... 257

C

Cadeira da Parapsicologia nas Faculdades de de Medicina do Brasil ..... 71 e 104
Carta Noticiosa, por *Paulo Alberto* ..... 10
Casa de Saúde «Reper-Siam», por *H. Magalhães* 53
Casa de Saúde «Reper-Siam» — Resposta a H. Magalhães, por *José Francisco Cabrita* ... 137
Caso (O) Dénise Créteil ..... 307
Centenário (O) de Conan Doyle ..... 200
Cidade (Uma) Universitária ..... 181
Ciência (A) da Felicidade ..... 249
Charles Richet e o Espiritismo, por *Armand Donnay* ..... 214 e 239 e 262
Clarividência e Telepatia, por *Daniel Vincendon* ..... 236
Como eu Vejo o Maravilhoso Espiritismo, pelo *Dr. Carl E. Müller* ..... 290
Como o Espiritismo se Apresenta à Minha inteligência, por *Joaquim F. da Albuquerque* 262
Comunicação de *Reper-Siam* ..... 325
Conan Doyle, por *Newton Gonçalves de Barros* 204
Conceito, por *I. D. S.* ..... 161
Confia sempre, por *Meimei* ..... 314
Confusão, por *I. D. S.* ..... 33
Considerações sobre a Natureza do Espiritismo, por *Scholasticus* ..... 270
Conversa com João Amado Venâncio, vice-presidente do Hospital Espirita de Porto Alegre ..... 336
Convivência, por *I. D. S.* ..... 289
Crenças (As) Espiritualistas de Mackenzie King 368
Crónica do Novo Ano, por *Alfredo Miguel* ... 24

**Crónica Mundial**, por *Isidoro Duarte Santos*

Acampamento (O) de Chesterfield ..... 158
Álvaro Moreira e o Espiritismo ..... 351
Antecipação do Tempo? ..... 94
«Ataques católicos» ..... 94
Aura (A) Humana ..... 157
Bom humor... ..... 383
Cão (O) Sabia ..... 157
Casa (A) da «Mãe Pobre» e *La Revue Spirite* ..... 29
Casa (A) de Sete Cruzes ..... 318
Casa Transitória ..... 382
Caso (Um) Estranho ..... 350
Caso (Um) Sensacional ..... 94
Comunicação (A) Espirita ..... 220
Confederação (A) Espirita Pan-americana 221
Congresso Espirita Mineiro ..... 29
Cresce a Editora! ..... 287
Dotes (Os) Psíquicos de Pio XII ..... 189
Edith Piaf e a Sobrevivência ..... 382
Espiritismo (O) evitou um suicídio ..... 317
Espiritismo (O) na Argentina ..... 30
Espiritismo (O) na Inglaterra ..... 125
Espiritismo (O) na Suécia ..... 383
Espiritismo (O) no México ..... 190
Espiritismo (O) Nórdico ..... 125
Experiências Estranhas ..... 62
Filme de Magia Negra, Hipnotismo e Espiritismo ..... 254
Flammarion e o Calculista ..... 286
Grande (U) Curador ..... 382
História (A) de Mae West ..... 350
Instituto de Estudos Superiores de Montevideu ..... 126
Lenda (A) de Tut-Ank-Amon ..... 255
«Livro dos Espíritos» (O) em Inglês ..... 287
Materializações em São Paulo ..... 220
Maternidade (A) «Casa da Mãe Pobre» 61
Medicina e Espiritismo ..... 318
Navio assombrado ..... 351
Notícias da Fraternidade Esotérica ..... 125
Novo (Um) Génio ..... 30
Novo Tipo de Experiência ..... 190
Opinião (A) de *La Conciencia* ..... 189
Pegadas (As) do Cão Morto ..... 93
Predição (A) Astrológica ..... 157
Premonição Verídica ..... 286
Psicómetra (Um) Holandês ..... 383
Resistência Científica ao Estudo dos Fenómenos ..... 317
Sanatório Espirita de Uberaba ..... 287
Semanário (O) *Two Worlds* em apuros ... 255
Sessão (Uma) Espirita em Budapeste ..... 62

Sessões de voz directa num avião ..... 255
Sonho ou pesadelo? ..... 254
Tragédia (A) do «Titanic» foi prevista ... 126
Três Fenómenos Curiosos ..... 30
União Espirita de Brasília ..... 126
Vida (A) das Árvores ..... 158
Vivemos depois da Morte? ..... 221
Voam Pedras, Frutas, etc. ..... 286

D

Dai aos Pobres, por *Maria Inês Sena* ..... 343
De Irmão para Irmão, por *António Millecco* 306
Determinismo (O) de Claude Bernard, pelo *Dr. Rocha Brito* ..... 168 e 232
Diálogo Fantástico (poesia), por *Isidoro Duarte Santos* ..... 234
Diário (Um) Estranho ..... 309
Divagando, por *Maria Inês Sena* ..... 173
Doentes, por *I. D. S.* ..... 193
Dois Livros de Ramantis ..... 7
Dois (Os) Tentadores, por *Ego* ..... 46
Dos Primórdios do Espiritismo no Brasil, por *Ney da Silva Pinheiro* ..... 344
Dotes (Os) Psíquicos do Escritor L. A. G. Strong, por *Fred Archer* ..... 90

E

Ecos da Imprensa Portuguesa ..... 57

**Ecos de Uma Viagem,** por *Isidoro Duarte Santos*

XLII — Na Sinagoga Espirita ..... 16
XLIII — A Luta de Um Homem ..... 48
XLIV — Maré Cheia ..... 80
XLV — Meditação ..... 144
XLVI — O Lar-escola Francisco de Paula 240

E Depois? por *Cyrilo Alleixo* ..... 109
Educar é Despertar para a Verdade, por *José Simões de Matos* ..... 196
Espiritismo e Espiritualismo no México, por *Pedro Alvarez y Gasca* ..... 78 e 98
Espiritismo (O) na Argentina, por *Ernani Cabral* ..... 298
«Espiritismo (O) no Brasil» — Anúncio de livro — ..... 87 e 154
Espiritismo (O) Será a Única Religião, afirma *Earl Baldwin* ..... 58
Estranha Homenagem, pelo *General Levino Cornélio Wischral* ..... 141
Estranho Fenómeno, por *James Macdonald* 211
Exemplos de Regeneração, por *Deolindo Amorim* ..... 162
Êxodo, por *I. D. S.* ..... 129
Exortação, de *Constâncio C. Vigil* ..... 89
Exortação aos Poetas, de *Paulo Alberto* ..... 213

F

Fantasma (O) que Enforcou um assassino ... 140
Fernando Pessoa, a Máscara e o Espiritismo, por *Rui Almeida* ..... 111
Festa (A) da Primavera no Centro Espiritualista Luz e Amor ..... 112
Festa (A) de Encerramento do Centro Luz e Amor ..... 276
Festa (A) do Natal no Centro Espiritualista Luz e Amor ..... 12

G

Gandi Materializado Numa Sessão Espirita ... 8
Gradação, por *I. D. S.* ..... 353
Grande (O) Mistério dos Caixões Vazios, por *Rick Lawrence* ..... 6
Grande (O) Tesouro ..... 228
Grandes e Pequenos ..... 225

H

Há Nove Anos (Soneto), por *António Cardoso* 21
Homem (O) que eu Conheci, por *Harvey Metcalf* ..... 206
Homens e Deuses, por *Octavio de Marialva* 44
Horizonte (do livro «Novos Caminhos», de *Lia*) 185

I

Ideia (A) de Deus, por *Cyrilo Alleixo* ... 194 e 264
Incoerências, por *José Francisco Cabrita* ..... 370
Infinitamente (O) Pequeno (Mensagem de Lia, psicografada por *Márius* ..... 284
Informação por *I. D. S.* ..... 65
Informação do Conde Carlo Gamba sobre uma carta de Lorde Byron, por *José Martín* 8
Instituto de Cultura Espirita do Brasil, por *Deolindo Amorim* ..... 88

J

Jogo (O), por *Rui Barbosa* ..... 149
Jornal (O) e o Fantasma ..... 107
Jornalismo (O) Espirita em Crise Perigosa, por *Tito L. Bancéscu* .....
Jovens (Sejamos) ..... 360
Juízo de Realidade e Juízo de Valor, por *Deolindo Amorim* ..... 66
Juventude (trecho de um livro inédito de Lia) 247

K

Karl (Dr.) Eugène Müller ..... 75

L

Lágrima (poesia), por *Isidoro Duarte Santos* 139
Lar de André Luís, por *Newton Gonçalves de Barros* ..... 175
Leis (As) de Deus, por *José Simões de Matos* 335
Lendo «Iluminação» (soneto), por *Vitorino Elói dos Santos* ..... 323
Liberdade (A), por *Anselmo Paermentier* ..... 43

M

**Maiores (As) Histórias Psíquicas do Mundo,** por *W. F. Neech*

Aldous Auxley Visita o Paraíso ..... 296
Cora Tappan, Médium Precoce e Extraordinária ..... 208
John Wesley e o Espiritismo ..... 371
O Homem que Conheceu o Espírito do Universo antes de Morrer ..... 34
O Lado Psíquico de Churchill ..... 345
O Rapaz que Descobriu o Mistério da Sua Morte ..... 229

Um Caso Inédito em Criminologia ..... 138
Um Espírito Materializado ..... 85
Uma Poetisa Morta Saudada como Maravilha Literária ..... 102
Yeats — O Poeta Inspirado do Além ..... 179

Mãos (As) da Compaixão, por *Cynthia Alen* 123
Marco Postal ..... 124 e 188
Maria (D.) Cecília Gorina ..... 74
Médium (O) Cura os Doentes à vista da Assistência ..... 56
Médium (O) em Face da Psiquiatria, pelo *Dr. Lauro Neiva* ..... 134 e 176
Mensagem aos Espiritas do Brasil, por *António Cardoso* ..... 165
Mensagem de Amor (poesia), pelo *Dr. Vasco de Lemos Mourisca* ..... 378
Mensagem da Saudade, pelo *Dr. Newton Gonçalves de Barros* ..... 136

**Mensagens aos Materialistas,** por *José Francisco Cabrita*

I — Demonstração Científica e Fenomenológica do Mundo Espiritual 22
II — A Fenomenologia do Mundo Oculto e os Intelectuais de há 100 Anos que a Estudaram ..... 37
III — Quatro Fontes que Revelaram o Mundo Espiritual ..... 76
IV — No Campo da Demonstração Experimental ..... 100
V — No Campo da Investigação Científica ..... 130
VI — Continuando no Campo dos Factos ..... 166
VII — Apresentação de novos Factos ... 216
VIII — Os Últimos Argumentos ..... 248

Memórias (As) de Estelle Roberts ..... 373
Missão (A) do Esperanto na Terra, por *Ramatís* ..... 313
Mistérios da Magia, por *Adelaide Ivone de Sousa* ..... 116 e 152
Moço (O) que Caiu da Janela, por *Godoy Paiva* ..... 143
Morte (A) no Marco da Estrada, por *Thomas J. Hadfield* ..... 150
Morte (A) Tem um Número, por *Sibbey S. Morril* ..... 364
Mulheres (As) Pobres (poesia), de *Paulo Alberto* ..... 261

## N

Nada Além (Soneto), por *Amadeu Santos* ... 183
Natal dos Necessitados ..... 14 e 93

**Notas e Comentários,** por I. D. S.

Acção Psíquica? ..... 319
Alma (A) dos Animais ..... 349
«Apóstolo (O) da Juventude» ..... 95
Através da Porta Fechada... ..... 95
Carreira (Uma) Fulgurante ..... 349
Centro Espirita «Luz» ..... 223
Clínica Allan Kardec ..... 223
Companheiros Nocturnos ..... 127
Chuva de Pedras ..... 159
Dois Aniversários ..... 379
Doutor Celso Cardão ..... 379
Edison e o Médium Bert Reese ..... 319
Esperanto (O) Oficializado ..... 127
Espiritismo (O) e a Política ..... 31
... e 13 Fantasmas numa Catedral ..... 63
Espiritismo (O) em Brasília ..... 285
Espiritismo (O) na Televisão ..... 285
Espiritismo (O) nas Faculdades ..... 285
Espiritismo nos Estados Unidos ..... 349
Fantasma (Um) Numa Igreja ..... 63
Fechar... (A) ..... 379
Feliz Aniversário ..... 319
Figura (A) Parada ..... 253
Francisco Cândido Xavier ..... 191
História de Um Gato ..... 127
Imprensa em Dificuldades ..... 253
Juiz (Um) Processado ..... 285
Madeixa Materializada ..... 95
Médium (O) Tinha Razão ..... 349
Mesa (A) Agitada ..... 319
Não Ofende quem Quer ..... 31
Para Terminar ..... 63
Para Fechar ..... 159
Prece (A) Faz Crescer as Plantas? ..... 63
Profecia (A) de Henri Heine ..... 253
Propaganda Religiosa ..... 191
Prova (Uma) de Sobrevivência ..... 379
Quem me Guia a Mão? ..... 159
Réquie (O) do Tordo ..... 127
Retrato (O) Sangrento ..... 127
Reunião Psíquica no Cabo da Boa Esperança ..... 191
«Silva Melo e os Seus Mistérios» ..... 223
«Silver Birch» Fala ..... 253
Sua mãe Falou ..... 159
Visão Providencial ..... 159

Notícias da Bahia ..... 348
Novo (O) Mistério de Edwin Drood, por *Jerome E. Kelly* ..... 312
Noticiário, 32, 64, 96, 128, 160, 192, 224, 256, ..... 228, 320, 352 e 384

## O

Óscar F. Carneiro, por *J. M. Moreira Guimarães* ..... 362
Outra (A) Margem (poesia), de *Octávio Marialva* ..... 209

## P

Paixão (A) da Cobiça, por *Antenor Ramos* ... 75

**Palestras Doutrinárias,** por I. D. S.

8 — Juventude ..... 4
9 — A Vida ..... 68
10 — A Humildade ..... 118
11 — A Força de Vontade ..... 132
12 — O Poder da Energia ..... 170
13 — O Dia de Amanhã ..... 198
14 — Atitude Mental ..... 230
15 — A Modificação do Homem ..... 260
16 — O Veneno Mental ..... 294
17 — Eu Sou o que Penso ..... 332

Palingenesia (A), pelo *Dr. Maurice Delarrey* 142
Papa (O) João XXIII viu a Figura de Pio X, por *Pascuale Pala* 212
Para Meditar, por *Juan Luis Vives* 328
Parapsicologia (A), por *Octávio Marialva* 361
Parapsicologia (A) e a Psicose Senil, por *José H. Grasse* 2
Pastoral (poesia), de *Rocha de Sousa* 367
Pecado (O) Está na Penitência, por *Tito L. Bancéscu* 210
Pergunta à Tua Alma, por *Ana de Gómez Mayorga* 263
Podem os Nossos Cães Viver Outra Vez?, por *Edward Rehmus* 47
Poema (poesia), de *Rocha de Sousa* 207
Poemas (Dois) de *Paulo Alberto* («Os Ouvidos e os Olhos» e «Água, és Divina») 273
Pombas (As) — poesia — *de Paulo Alberto* 103
Possuem os Animais um Sexto Sentido? 305
Portas (A) Fechadas, por *H. Magalhães* 174
Prece (A), por *Eduardo F. Conceição* 15
Previsão Espiritual acerca de um Futuro Escritor, por *Don Penny* 25
Problema (O) da Mãe Solteira (Mensagem) 36
Profecia (Uma) sobre Napoleão 172
Propaganda ou quê? 215
Psicologia e Realidade da Alma, por *Deolindo Amorim* 258

## Q

Quadro (O) que Voa, por *Keith Ayling* 375
Quando o Estalido Parou, por *D. William* 211
Que Curas Milagrosas!, por *Paulo Alberto* 250
Quem Cantou a Estranha Melodia?, por *Pauline Saltzman* 42
Quarto (O) onde a Morte se Deteve, por *Dorothy Bonner* 363
Quem me Dera! (poesia), de *Paulo Alberto* 79

## R

Razão e Lógica, por *Rui Ribamar* 328
Razão e Sentimento, por *Rui Ribamar* 267
Reflexões sobre a Federação Espirita Internacional, por *Humberto Mariotti* 329
Relações Psico-somáticas, por *Dolores de Paz* 368
Respeito, por *I. D. S.* 97
Responsabilidade Histórica dos Espiritistas, por *Tito L. Banscéscu* 122
Revelação (A) de um Crime, por *Philip H. Godsell* 326
Ricardo Machado (A desencarnação de) 205

## S

São as Nossas Espingardas, por *E. M. Griffiths* 211
Sede Perfeitos, por *José Simões de Matos* 366
Semana (2.ª) do Livro Espirita em Braille, pelo *Marechal Mário Travassos* 274
Seminário Espirita, por *José Simões de Matos* 149
Sempre no Nosso Posto, por *José Francisco Cabrita* 311
Sepulcros, por *I. D. S.* 321
Seria assim?, por *Ego* 314

## T

Teatro da Eternidade, por *S. Teixeira* 197
Transe (O) Profundo é hoje Muito Raro 73
Tríplice (O) Apecto, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* 342
Tumor (Um) Extirpado por Meios Psíquicos, pelo *Coronel A. E. Powel* 310
Túmulo (O) onde a Erva não Cresceu, por *Michael Sheldan* 280

## U

Um Grande Problema (de um novo livro de LIA) 151
Um Mês de Intensa Actividade 222
Uma Aventura mais Fantástica que a Própria Morte (Sessão num aeroplano) 202
Uma Viagem a Madrid, por *A. Ivone de Sousa* 40
Universalidade (A) do Espiritismo, por *Joaquim Fernandes de Albuquerque* 334

## V

Vão Materialismo, por *Maurice Barbanell* 357
Viagem (Uma) de Confraternização, por *José Simões de Matos* 282
Victorien Sardou, célebre autor e espirita convicto 245
Vida (A) e a Obra de Conan Doyle, por *Fred Archer* 200
Vidência e Quirologia, por *A. Ivone de Sousa* 374
Vinte Anos, por *I. D. S.* 1
Visão através do Espaço, por *Sallie A. Cooper* 377

**Voz (A) de Portugal Espirita,** por Isidoro Duarte Santos

Agora (E)?... 381
Auxílio Espiritual 186
Beethoven 268
Casa (Uma) de Saúde 252
Cirurgia Espiritual 315
Coelho Neto 347
Coisas que Sucedem 155
Cura Espantosa 121
Delinquência Juvenil 316
Duas (As) Vozes 92
Galardão 251
Grande (O) Problema 120
Justiça (A) do Mestre 380
Lição (A) 269
Morta (A) que Fala 346
Não Compreendo... 59
Padre (O) Cantor 156
Pita, o Jornaleiro 187
Pressentimento (O) 91
Problema (Um) 219
Prova (Uma) 218
Ternura 27
Trabalho 28
Volta... Volta... 60

## Y

Yoga e yogue, por *E. F. da Conceição* 164

# ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO | LISBOA, JANEIRO DE 1959 | N.º 1

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa


# VINTE ANOS!

O primeiro número desta revista tem vinte anos de existência. Quando foi lançado, as nossas ilusões floresciam, tinham perfume suave. Tudo era menor que o entusiasmo e fácil de ser vencido.

Lembramo-nos bem. O quarto de sentinela abarcava dia e noite, em serviço ininterrupto. Havia braços, havia cavouqueiros. Era menos difícil o trabalho. Lembramo-nos bem.

O primeiro número coincidiu com os primeiros tiros da guerra, que envolveu depois o mundo em chamas fratricidas. As armas tinham-se fabricado...

Mau prenúncio, dissemos. E a esperança diminuiu e as lutas aumentaram. Sem papel, sem dinheiro, que poderíamos fazer? Não bastava a chama alimentada pela fé. Era preciso conjugar um sem número de factores, criar ambiente, inspirar confiança. Tantos jornais surgiram e tantos jornais morreram de encontro à rocha! Tantos! Tantos!...

Em certo momento sentimos quebrantar o ânimo. Porque não dizê-lo? Os homens são fracos... Se o não fossem manter-se-iam firmes no reduto.

— Não tenhais receio! — dizia um amigo espiritual que não faltava em horas de aflição —. Caminhai serenamente, olhos postos no Alto! Sereis vencedores, mas não podereis gastar um minuto em coisas fúteis.

E as edições sucediam-se, umas após outras, aumentando a tiragem e a fé. O arroio tornou-se caudal.

As contrariedades são de grande alcance no rumo dos missionários. E por isso vieram também. Temperaram a coragem. A convicção tornou-se mais forte. Como é bom servir a doutrina! O sacrifício não é sacrifício. É prazer mental e espiritual. O adepto vai-se elevando e desdobrando...

Vinte anos de apostolado, vinte anos de propaganda sem quebra de vontade. Os da primeira hora seguiram seus destinos. Uns desertaram, outros abandonaram a Terra. Mas não estamos sós. Alguns, partindo, ficaram. Sentimos a sua presença amiga. E quando o obstáculo é maior, enfileiram connosco.

Estes vinte anos são pedras de um caminho que persiste, é uma fita sinuosa de altos e baixos, ora de flores, ora de abrolhos. Às vezes o desalento parece invadir-nos. É quando o material suplanta o espiritual. Mas depois tudo se normaliza, tudo se recompõe.

Assim é a vida, assim é o mundo... Se nos for permitido, continuaremos a trabalhar e a lutar, enquanto houver força e disposição. Os amigos do Alto dizem que sim. Estimulando, incitando...

É extraordinário. Quem passa por isto fica a saber muita coisa. Tempera o espírito, como se tempera uma espada. Depois resiste ao vendaval. Vento norte ou vento sul, chuva forte ou escarcéu, não altera a marcha iniciada.

Há quem não acredite. São os falhados, os abúlicos vergados ao desânimo, incapazes de reacções fortes. Os actos corroboram, os actos demonstram.

Por isso temos esperança. O que foi responde pelo que será. A vida não está na mão deste ou daquele. É sempre contingente, mil factores a condicionam. Mas vive-se. E as obras humanas são o reflexo da vontade.

Vinte anos a desbravar charnecas! Vinte anos de canseiras, batendo ferro na bigorna, suando e tressuando! Vinte anos dedicados a uma causa, cujo objectivo é a regeneração do homem! Vinte anos a escrever, do artigo de fundo à notícia mais simples, a suportar motejos de uns, injustiças de outros, qual se uma nascente inspiradora estivesse a jorrar!

É muito vinte anos de jornalismo filosófico, de propaganda acérrima, sem desfalecimentos, sem recuos, sem incoerências.

O desabafo é mais para nós, que os leitores também têm problemas.

Se, para lá deste esforço, alguma coisa houver que o possa aumentar em benefício do mundo, estamos prontos à tarefa, seja ela qual for, contanto que os homens se sintam mais próximos uns dos outros.

# A Parapsicologia e a Psicose Senil

Por JOSÉ H. GRASSE

Devemos reconhecer que, entre os transtornos do ancião, a chamada *psicose senil* ocupa a mais elevada percentagem, embora, na Clínica Psíquiátrica, segundo afirmava Kraepelin, constitua o campo mais escuro. Geralmente, essas alterações psíquicas começam a manifestar-se acentuadamente depois dos cinquenta anos e caracterizam os indivíduos afectados por estado melancólico delirante, com intervalos esporádicos de acessos hipomaníacos.

Na psicose do ancião, impròpriamente chamada *involução* por alguns geriatras (como se a involução fisiológica coexistente fosse o *sine qua non* daquela), devemos intercalar certos delírios com atrofia e hipertrofia do eu, alterações da memória anterógrada e a própria *demência* senil (não confundir com a demência orgânica associada a lesões dos vasos cerebrais — hialinose de Scholz).

Para indagar na patogenia deste transtorno psíquico, devemos analisar os três seguintes factores etiológicos, segundo opinião de especialistas notáveis:

1) A psicose senil é consequência ou sinal de processos somáticos de involução.

2) É uma reacção psíquica geral perante transtornos ocasionados pela mesma involução.

3) É uma reacção psicógena e psicològicamente justificada no ancião, em face da vida social e particular.

Entre os que mantêm o primeiro factor citaremos E. Bleuler, que via na involução senil do cérebro a etiopatogenia da decadência psíquica, mas a prática tem-nos demonstrado que a causa da psicose senil se evade da primeira hipótese. Citaremos, entre muitos, estudados por eminentes investigadores, o caso referido por Metchnikoff. Trata-se da senhora Robineau, de 106 anos. A sua velhice era grave, pois todos os dentes lhe tinham caído, à excepção de um, e a pele seca e transparente deixava entrever as veias, os tendões e até os ossos. Cega de um olho, com o sentido do olfato e do gosto atrofiados, surda aos sons agudos e quase surda aos graves. O seu andar era difícil, não podia ir além de uns passos consecutivos. Em compensação, o espírito e a afectividade conservavam-se inalteráveis.

Apresentemos também o caso do sr. Lincoln, examinado por Benedict e Root. O facto de apresentar um olho velado por catarata, anemia e leucopenia, 70 % de hemoglobina, espessamento das artérias da retina e com a função renal consideravelmente alterada, não lhe impedia de possuir uma inteligência lúcida.

Juntemos os casos referidos pelo Dr. Gustave Geley (1), relativos a pessoas surpreendidas pela morte em pleno gozo das faculdades mentais, cuja autópsia revelou a presença de cérebros completamente atrofiados, reduzidos a um monte de pus.

Na análise do segundo factor em que os sinais de involução psíquica se apresentam como consequência de vicissitudes emotivas ou acompanhadas de mutações corporais, Walthard, Wiesel e Mathes referem-na «in extenso» ao clima feminino, não mencionando que peso exerce no indivíduo andropáusico.

Não há dúvida que na menopausa há sintomas de reacção psíquica, ante a involução fisiológica do ovário. Observamos então certas aparições parnoicas e psicoses depressivas, cujo motivo, em geral, estão no marido ou nos filhos, menoscabando a fidelidade do primeiro e o bom comportamento dos segundos.

Os tratamentos hormonoterápicos e psicoterápicos consuetudinários só nos oferecem um escasso número positivo. Depois, devemos dizer que a andropausa (masculina) se produz mais lentamente e solapadamente que a desaparição dos ciclos na mulher, no que respeita à reacção motivada pela involução física. Quanto às paranóias do ancião, o ambiente familiar não é o maior factor predisponente dessas alterações psíquicas.

Por último, resta-nos tratar do terceiro factor, que pretende explicar os sintomas psíquicos do ancião como reacções determinadas pelas experiências feitas.

Encontra-se ele no final da profissão; deu à família o máximo do seu trabalho; são maiores as exigências dos filhos; compreende que não alcançou o que ambicionava desde jovem. Então a ânsia de honrarias leva-o a mudar de profissão ou a tentar novas actividades.

Estas manifestações começam a aparecer aos 50 anos, quando a consciência egocêntrica toma relevo precoce. Mas aos 60 esse egocentrismo desaparece, dando lugar à consciência altruista e religiosa, como afirmava Gesse.

Aos 50 anos a mulher encontra-se isolada dos filhos, que já não necessitam da atenção maternal, como sucedia na infância. Observa menos o filho e não pode compreender que seja o último.

Poderíamos enumerar muitas outras circunstâncias relativas à vida do ancião que reagiriam sobre o seu psiquismo. Para refutar o terceiro factor diremos que diàriamente se observam casos de longevidade que, apesar de haverem experimentado choques emocionais intensos, têm vivido circunstâncias ainda mais depressivas que as citadas. Os estados de angústia, depressão psíquica, nervosismo, amnesia, etc., não se apresentam.

Uma última interrogação da psiquiatria, a mais nefasta, oferece-a a citada *demência senil* em que o ancião se torna pueril, perde o pudor e a memória das coisas mais recentes (amnesia parcial), grita a todo o momento, deseja casar com pes-

# "RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA"

**pelo Doutor Gustave Geley**

**Tradução de ISIDORO DUARTE SANTOS**

**Já chegou a 2.ª edição deste grande livro editado pela Livraria Allan Kardec Editora, de São Paulo.**

**É uma obra magnífica englobando o resumo do Espiritismo filosófico, um estudo sobre a Reencarnação e os fenómenos físicos do Espiritismo, além de um vocabulário de palavras usadas em Espiritismo, Metapsíquica e Ciências Ocultas.**

**Para que os assinantes de Estudos Psíquicos e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor a possam obter em condições especiais, far-lhes-emos o desconto de 15 %.**

**Desde já recebemos pedidos deste livro raro, subscrito por um dos maiores metapsiquistas mundiais.**

**PREÇO — 30$00**


soas muito mais novas, comete atentados sexuais e cai no gatismo (incontinência de urina ou de fezes). Pensar que ao lado destas graves expressões da psicopatologia da velhice podemos colocar como antítese grandes personalidades que numa idade muito avançada produziram obras intelectuais imorredoiras: Miguel Ângelo, escrevendo sonetos aos 79 anos; Goethe, concluindo «O Fausto» aos 82; Stradivárius e Amati, fabricando violinos em plena velhice, os quais morreram, respectivamente, aos 93 e 98 anos; Galileu, realizando importantes descobrimentos depois dos 70 anos, e Tolstoi, escrevendo novelas na velhice prolongada até aos 84 anos!

Quantos problemas, quantas conjecturas e quantas interrogações reverberam na mente de psiquiatras, geriatras e gerontólogos ao estudar o psiquismo senil!

★

Vejamos agora o auxílio que a parapsicologia oferece na interpretação e terapia preventiva ou curativa desses aberrantes estados de consciência.

A Metapsicologia em sua fase experimental pode provocar o mesmo quadro psíquico que soe observar-se em psicologia anormal. Estes fenómenos mostram-nos a subpersonalidade, fruto do psiquismo inferior ou cerebral, com seus costumados acessos paronoicos, delírios melancólicos, hipomania, angústia, nervosismo, etc.

Contrastando com isto e já no exercício do psiquismo *superior* ou *subconsciente*, observamos a aparição de centelhas de lucidez, inspiração genial e fenómenos supranormais que demonstram a enorme diferença que há entre as duas psiques.

O automatismo do *inferior*, de sugestibilidade exaltada, apresenta-nos personalidades que têm semelhança com estados anormais ordinários (mímica, linguagem, atitude, etc.), ao passo que, na experimentação do subconsciente ou do superior, a genialidade evidente permite-nos identificá-lo com a mentalidade dos anormais superiores.

Em resumo, diremos que se entende por *consciência normal* o produto da colaboração dos dois psiquismos, sendo o *subconsciente* o que desempenha o papel de director e centralizador. Pois é no ancião, com um subconsciente saturado de recordações palingenésicas actuais, em que um traumatismo que fere a sua grande sensibilidade produzirá a descentralização de ambos.

As experiências parapsicológicas de A. de Rochas, Quintin López Gómez, Melchior y Farré, Inácio Ferreira e outros corroboram o que expus, anteriormente. Além disso há centenas de casos curados de psicose senil, neurose, esquizofrenia, paranóia, mania depressiva, inexplicáveis em psicologia normal e anormal, em que a parapsicologia ensina que as mal denominadas curas ortodoxas por aqueles que os ignoram são tão científicas e dignas de estudo como as outras terapêuticas, porque se iniciam nos mais altos princípios da fisiologia humana.

Assim, é dever dos gerontólogos incluir na terapia preventiva da psicose senil o emprego das armas que nos fornece a ciência parapsicológica: hipnose por magnetismo e conhecimento racional do *ser subconsciente*, chave-mestra que guarda os segredos insondáveis da mente humana.

A terapêutica curativa em mãos de geriatras e psiquiatras formados nos cânones desta ciência realizará verdadeiras investigações no psiquismo do demente senil.

Admitamos, pois, com Richet, que a humanidade enferma espera o dia em que a ciência parapsicológica se esforce no sentido de lhe mitigar os seus males no dia da «Grande Esperança».

---

(1) «*Do Inconsciente ao Consciente*», *do Dr. Gustave Geley.*

**Buenos Aires**

# PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

## (8) JUVENTUDE

Estas palestras foram improvisadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

*Eis uma coisa que todos gostariam de possuir e de manter: a juventude. É um tema permanente em que pensam até aqueles que se consideram velhos por natureza. O que é certo é que ninguém cessa de prolongar a vida, a não ser meia dúzia de fracos que se evadem pelo suicídio.*

*Primeiro é o instinto de conservação que se radica em nós, mesmo antes do nascimento. É a defesa natural. Ao fim de alguns meses, se a criança cai, leva ao chão as suas defesas. São as mãos. E se lhe aproximarmos dos olhos um fósforo aceso, fecha-los-á imediatamente. É o instinto de defesa.*

*A vida é a coisa mais preciosa do mundo. Sem ela seríamos como as pedras e os metais, embora metais e pedras tenham vislumbres de vida. O aço, por exemplo, é sujeito a fadiga evidente. Os barbeiros conhecem o fenómeno, porque as navalhas de barba cansam ao fim de certo tempo e é preciso substituí-las para se reconstituirem.*

*Mas a vida é preciosíssima. Conheci um velhinho de 90 anos a quem chamávamos o «tio Barrelas». Meu pai era apicultor nas horas vagas e esse velhinho simpático é que tratava delas por montes e vales, ao sol e ao vento, como quem cumpre um sacerdócio.*

*As colmeias exigem tratamento muito especial em várias épocas do ano, a fim de poupar as abelhas ao frio e proporcionar-lhes o alimento necessário, principalmente nos anos maus, de flora precária, quando são obrigadas a percorrer quilómetros e quilómetros em busca do pólen destinado à fabricação do mel.*

*Pois o «tio Barrelas» por duas vezes ficou inconsciente numa vereda de montanha. E um dia perguntei-lhe a sua opinião acerca da vida e da morte.*

*Na minha inconsciência de criança julgava que um homem tão idoso já nada esperava da vida. E se ele «morrera» duas vezes, como se dizia na minha aldeia, talvez tivesse impressões a dar que poderiam fornecer elementos preciosos sobre um problema que só em plena mocidade vim a estudar com interesse.*

*— Ó tio Barrelas — disse eu — vocemecê, que já «morreu» duas vezes, não deve temer a morte... Demais, com 90 anos...*

*O ancião fitou-me a sorrir. O seu olhar bondoso iluminou-se, como por encanto. Pensou um momento e respondeu em voz trémula onde havia saudade:*

*— Ó filho, é como se tivesse vinte anos!*

*O «tio Barrelas» não se sentia velho, certamente. Sentia na alma a jovialidade dos tempos em que as ilusões nos impelem, apesar de alquebrados pelos anos.*

*Mas, embora a vida seja preciosidade, poucos se esforçam por lhe manter o equilíbrio e a força. Vivem até contra a própria natureza. Não têm disciplina mental, andam sobrecarregados, tristonhos, de mau humor. E se eles soubessem que o organismo é um relógio que se deve manter eficiente e que, de contrário, se desarranja e pára — parar é morrer —, tratá-lo-iam com mais cuidado e o corpo estaria sempre pronto a desempenhar as tarefas que lhe são inerentes.*

*Já disse que o pensamento é criador, que deve harmonizar-se com o desejo e, neste ponto, as interferências diminuem as possibilidades.*

*Eu posso ter força de vontade; mas se estiver dessincronizada com o pensamento haverá dificuldades a vencer. São as tais interferências, os atritos que não permitem grandes caminhadas.*

*E certas pessoas definham também a pensar na velhice. São fracas, taciturnas, convenceram-se de que perderam a juventude, o que é perigoso, visto levar ao despenhadeiro.*

*Nunca devemos pensar que somos velhos, nunca devemos pensar que nos afastámos da juventude. Seria cavar, alargar o barranco que se distende entre o pensamento e a vontade.*

*Restringem a ideia, esgotam as forças que poderiam canalizar-se no sentido da regeneração. É uma espécie de alquimia. Os alquimistas buscavam o impossível a que chamavam pedra filosofal. Queriam extrair o oiro de um raio de luz. Houve há pouco um austríaco que participava dessa ideia, fantástica para a época em que vivemos. Não digo que não possam realizar um dia essa transmutação.*

*Mas nós, através do pensamento, que é uma força prodigiosa, podemos fazer maravilhas maiores do que transformar um raio de luz em oiro. É questão de saber dinamizá-lo, pondo em prática as forças latentes.*

*Claro, que a velhice, como já afirmei, não é função dos anos. Quem os conta, imaginando-se nesse resvaladouro, definha mais depressa, porque os jovens de espírito são jovens de corpo e vice-versa. Bernardo Shaw, o conhecido humorista irlandês e um dos maiores dramaturgos da sua época, morreu aos 92 anos e até ao fim demonstrou fino espírito, grande optimismo e alegria de viver. E quando lhe perguntavam a que atribuía a longevidade, dizia que o segredo residia na vida simples e natural e na forma de encarar os grandes e pequenos problemas humanos.*

*Houve também um astrónomo francês chamado Fontenelle, que manteve a jovialidade até os cem anos. Um dia encontrou em certo salão parisiense uma condessa muito conhecida, que estabeleceu com ele o seguinte diálogo:*

*— Ó sr. Fontenelle! Muito folgo em vê-lo! A morte parece que não se lembrou de nós...*

*O astrónomo aproximou-se mais da interlocutora com a mão em concha junto aos lábios e segredou-lhe ao ouvido:*

*— Psiu!...*

*Como quem dissesse:*

*— Fale mais baixo, que a Morte pode andar por aí...*

*Há, pois, uma reacção entre espírito e corpo.*

*Mas, porque havemos de pen-*

sar no declínio e que a vida começa aos quarenta ou cinquenta anos? Os animais vivem quatro a cinco vezes o tempo da maturidade e o homem poderia viver cem anos, se levasse uma vida de acordo com a natureza.

O sinal da velhice está no desprendimento. Não há interesse pela vida, há muitas desilusões, o homem volta-se para a tradição... e afinal temos de acompanhar os tempos. Não devem afastar-se da mocidade aqueles que entraram nos anos. Devem procurá-la. Lucrarão com isso, porque a mocidade desprende força vital que pode beneficiar os mais velhos. E a convicção é alavanca de triunfo ou de fracasso.

Se pensarmos que somos novos, que as nossas ideias salvarão algumas pessoas, teremos harmonia construtiva.

Outros há que pensam: «Hei-de morrer aos tantos anos». E morrem, porque formularam a ideia, plasmaram a ideia, pensando nela a cada instante. E nós somos o que pensamos. As nossas realizações foram primeiro pensamento, tiveram origem no mundo mental. Eles morreram, porque a convicção os matou. Convenceram-se de que não podiam viver além desse número de anos. Essa impressão transmitiu-se a todo o organismo. É que o mundo celular está ligado ao sistema nervoso e este é comandado pelo Espírito. Portanto, é necessário fugir ao ramerrão da vida, variar o trabalho quotidiano. Na variedade é que está o segredo da longevidade.

Sabem como eu trabalho? Sabem como passo o tempo e a vida? Fixei numa legenda um grande conceito: «A noite é noite e o dia é dia». Isto, antes de mais nada. Depois a higiene, o ar, o sol, a alimentação frugal. Finalmente, o equilíbrio mental e a capacidade de resistência.

Estes factores interessam-me. São o segredo do meu triunfo. Considero-me jovem.

O facto de nos julgarmos uma coisa ou outra depende da convicção e da força de vontade. Mas para haver convicção é preciso que haja realização, que se vejam os efeitos da força de vontade. Eu posso trabalhar horas e horas, quase sem comer, sem beber e não sinto cansaço; e quando almoço, a minha ração é metade da de outro homem. É que antes do corpo envelhecer envelhece o espírito e por isso impõe-se alimentar o corpo e manter o espírito calmo e equilibrado. Nestas condições, o passeio na cidade ou no campo é factor de longa vida. E ver coisas novas, falar com jovens que nos transmitam fluidos vitais.

Gosto muito de crianças e de falar à mocidade, porque me considero jovem. Ser alegre e optimista e fraterno é outro elemento para não envelhecer.

A preguiça destrói a juventude. Eu conheço pessoas tão negligentes, que devem ter nascido cansadas e nunca passarão da cepa torta, seja qual for a profissão, a empresa, o objectivo da vida. Perderam a vontade, se é que algum dia a tiveram. É um índice de velhice o perder a vontade. «Estou aborrecido, estou gasto, isto não dá nada». E por mais esforços que alguém faça para os arrebatar a esse abismo, é tudo inútil, é tudo em vão.

Há certas profissões que são factores de longevidade. Os industriais, por exemplo, vivem mais que os merceeiros. E certo autor disse uma vez:

— O navio que apodrece é o que está no porto e não o que anda no mar.

Isto verifica-se bem, porque a água estagnada perde as suas qualidades intrínsecas, ao passo que o trabalho é renovador, atrai saúde e bem-estar.

Nas Leis Morais do Espiritismo o trabalho tem lugar primordial. Que seria o mundo, se não houvesse trabalho? Selva, caverna, vegetação pura e simples. Nada mais. Estaríamos ainda nos tempos pré-históricos.

É preciso renovar o orgânico, substituir as células mortas e fortalecer as vivas. Isto é obra do pensamento.

A memória também desempenha função importante neste conjunto. O seu fim precípuo devia consistir em reter impressões agradáveis e repelir as tristes, pois que evocar é reviver. E se a tristeza, o ódio e a inveja nos envelhecem, o dever de todos é fugir deles. Por isso é necessário afastar os atritos caseiros, as discussões à mesa e depois das refeições, que intoxicam o sangue, alteram as células e destróem a harmonia, para não sobrevir um desastre orgânico e mental.

Outro factor de mocidade é o sono. Nele se restauram as energias gastas no trabalho e nas discussões inúteis. A seguir, não esquecer o sol, que é rei da vida e senhor do movimento. E o ar puro, essencial aos pulmões e ao sangue. E os ideais nobres, que dão alegria e boa disposição, nos quais reside oculta a felicidade, tal como a podemos conceber na terra.

O ideal espírita é ideal de longevidade.

A juventude reside, repito, na harmonia, na boa disposição e no altruismo. As ambições e os ódios envelhecem e matam.

Vejamos o desequilíbrio vital dos agiotas. Fogem dos novos, que são exuberantes e dinâmicos. É bom pensarmos nos jovens, esquecendo os agiotas que vivem nas criptas entre caruncho e apetite que não podem satisfazer.

Devemos, pois, viver aprumados e resistir sempre às curvaturas vertebrais. Quando marcharmos, nunca arrastar os pés, como dizia Marden. Mesmo que as forças estejam quebrantadas devemos esforçar-nos para fingir o que não somos, porque a juventude é alegria, divertimento, recreio de corpo e de espírito.

Digo mais: É bom, de vez em quando, contar uma anedota. O gracejo sem ofensa é óptimo estímulo de rejuvenescimento.

Conheço indivíduos que são verdadeiros almanaques de anedotas. Podem levar algumas horas a contá-las, fazendo rir os semelhantes. Esses homens não têm necessidade de ir ao espelho a pôr os cantos da boca em cima, porque a alegria está em suas almas. Não mais poderão envelhecer. Os outros, os azedos, os sombrios, os mal-humorados, esses são fungos sociais que devemos evitar, como doença contagiosa. É que a ferrugem corrói todos os materiais, e a inércia corrói saúde, mocidade e alegria.

Mac Donald dizia que a velhice não é só o declínio. É a vida que se derrama, rasgando o próprio invólucro.

E Marden afirmava:

— A grande diferença entre envelhecer e murchar está nisto: o homem do futuro há-de envelhecer, aumentando sempre os seus conhecimentos.

Pois eu digo mais: mantendo-se alegre e jovem, apesar de tudo.

E assim chegamos à conclusão de que o maior elixir de juventude está em nós. Não temos necessidade de procurar um Voronoff com suas glândulas simiescas para adquirir saúde, alegria e optimismo. Tudo isso está em nós. O segredo é procurar com inteligência e força de vontade. E se as gerações conseguissem vislumbrá-lo estariam mais próximas da sua verdadeira felicidade...

# O Grande Mistério dos Caixões de Barbados

**Por RICK LAWRENCE**

*(Este artigo foi publicado recentemente pelo «Diário Popular», que, por várias vezes, se tem referido a assuntos semelhantes).*

Durante o fim de semana em que a princesa Margarida visitou a ilha Barbados, é bem provável que lhe tivessem indicado uma igrejazinha de aspecto muito inglês, rodeada por árvores de mogno verde, escuras e empoleiradas no planalto duma pequena colina. Aquela igreja encerra um dos mais obscuros enigmas — o grande mistério dos caixões de Barbados.

Sou natural dessa ilha, por isso todos os factos deste caso me são familiares; durante muito tempo vivi próximo da igreja do Cristo que, há perto de 150 anos, foi teatro de uma inexplicável série de incidentes.

Lembro-me de, ainda criança, escutar muitas vezes, de olhos arregalados, a narrativa da minha avó, e tenho ainda uma vaga recordação de ter ouvido a minha bisavó contar, em primeira mão, o que sabia dos misteriosos acontecimentos que há tantos anos se deram naquele cemitério das Índias Ocidentais.

Quem visitar a ilha, ainda hoje verá, na extremidade ocidental do cemitério, uma placa de mármore azul do Devonshire, lápida funerária que fecha a entrada de uma grande catacumba, em parte cavada na rocha calcárea, tão vulgar na ilha.

Tudo agora ali respira serenidade e paz; no pavimento da catacumba estão espalhados alguns velhos ossos e a erva invadiu a alvenaria decrépita.

Mas foi neste tranquilo ambiente que uma e muitas vezes se encontraram fora dos seus lugares pesados caixões forrados de chumbo, misteriosamente deslocados por um agente que, até hoje, ninguém conseguiu identificar, nem explicar.

Conforme se lê na inscrição gravada na lápida, o jazigo pertencera, primitivamente, à família Elliot, tendo permanecido vazio até 1807. Em Julho desse ano, foram enterrados ali, dentro de um caixão revestido de chumbo, os restos mortais da senhora Tomasina Goddard.

No dia 22 de Fevereiro de 1808, foi enterrado, também em caixão de chumbo, o cadáver de uma criança, Maria Chase, filha do «Honorable» Thomas Chase.

### VIBRANDO DE EMOÇÃO

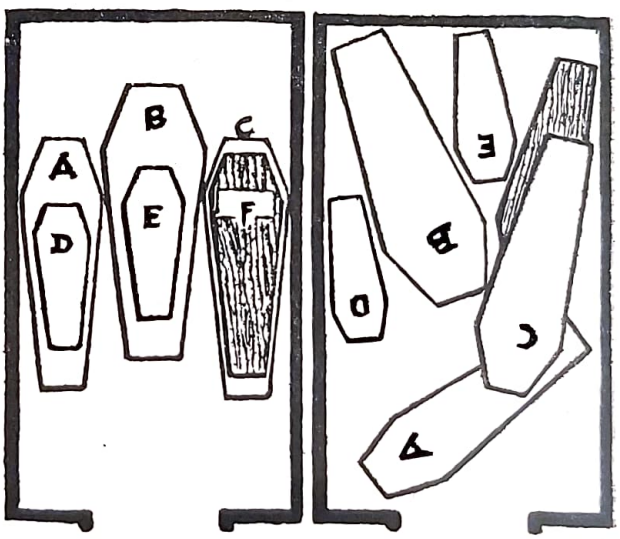
Quando pela terceira vez, se abriu a catacumba — em 6 de Julho de 1812 — para acomodar os restos de Dorcas Chase, também filha de Thomas Chase, notou-se que alguma coisa insólita se passava.

Os dois primeiros caixões haviam sido retirados das suas posições originais: o caixão da criança fora arremessado do canto nordeste da catacumba para o lado oposto e estava erguido no chão de pedra quase em posição vertical.

No dia 25 de Setembro de 1816, sepultou-se Samuel Ames, outra criança da mesma família; quando se abriu a catacumba, verificou-se que os caixões haviam sido, de novo, deslocados e jaziam em desordem no chão da gruta.

Por essa altura, já Barbados vibrava de emoção e chegava gente de perto e de longe, para lançar um rápido olhar sobre a misteriosa sepultura.

Os acontecimentos tiveram ainda outras repercussões mais prejudiciais para as plantações das proximidades da igreja do Cristo do que para ás tabernas locais; os indígenas recusaram-se a trabalhar a distância inferior a uma milha de um cemitério onde vaguevam espectros, e só à força de ameaças e sob promessas de recompensas de rum, era possível persuadí-los a entregarem-se às suas tarefas diárias.




**À esquerda, a posição em que ficaram os caixões, antes do encerramento do sepulcro. À direita, a posição em que foram encontrados nove meses depois, quando se quebraram os selos.**

No dia 17 de Novembro de 1816, a sepultura foi novamente aberta, desta vez para ali depositar o corpo de outro parente, Samuel Brewster, assassinado numa das revoltas de escravos que houve nesse ano; mais uma vez se verificou que

os caixões haviam sido arremessados em todas as direcções e se encontravam em desordem.

O ataúde da senhora Goddard desconjuntara-se, e foi, nessa ocasião, grosseiramente atado. Mas quando se reabriu a gruta, em 7 de Julho de 1818, para receber o corpo de Tomasina Clarke, descobriu-se que se haviam dado as mesmas estranhas manifestações.

Contudo, sempre que se abria a catacumba, os caixões eram novamente colocados nos seus lugares e a entrada da sepultura fechada e cimentada por pedreiros.

Por esta altura espalhara-se o enigma do cemitério assombrado e discutia-se em Inglaterra e em muitas outras partes do mundo.

Nos meados de 1819 foi ordenado um inquérito oficial, para acabar de uma vez para sempre com o mistério, o qual, embora excitasse o interesse e a curiosidade das camadas superiores da sociedade de Barbados, espalhava o pânico entre a porção mais supersticiosa da população indígena.

## INQUÉRITO OFICIAL QUE NADA PERMITIU APURAR

Assim, no dia 7 de Julho de 1819, a catacumba foi oficialmente aberta, os caixões colocados na sua respectiva ordem e a entrada fechada e cimentada por pedreiros, na presença do regedor da freguesia e de várias altas individualidades do Governo e da Igreja.

Cada um dos presentes apôs o seu selo ou sinal particular no cimento húmido; no pavimento da catacumba espalhara-se, primeiro, uma camada de areia fina, com uma polegada de espessura, de modo que qualquer intruso — homem ou animal — deixaria, forçosamente pegadas.

Menos de um ano depois — a 18 de Abril de 1820 — por ordem de Lorde Combermere, então governador de Barbados, procedeu-se, mais uma vez, à abertura oficial da catacumba, na presença do «Honorable» Nathaniel Lucas, de Robert Boncher Clarke de Rowland Coton e de outras importantes individualidades da ilha.

Todos os selos e sinais estavam intactos; a pesada laje de pedra que obstruia a entrada da gruta encontrava-se no seu lugar, sendo precisos quatro homens possantes para a remover. Na areia não se via pegada alguma, nem existiam fendas na espessa muralha do sepulcro.

Todavia, os pesados caixões forrados de chumbo tinham sido, mais uma vez, projectados para todos os cantos como se um monstro furioso se houvesse introduzido ali.

Uma das mais engenhosas teorias propostas para explicar o mistério atribuia à água a deslocação dos caixões; contudo, dentro do sepulcro, não se viam sinais de água, nem marcas de descoloração causadas pela maré.

Um tremor de terra suficientemente violento para mover aqueles pesados invólucros de chumbo teria também arrasado a igreja e devastado o cemitério.

O «Honorable» Nathaniel Lucas descrevia, num documento assinado, a maneira como um hábil pedreiro examinara as paredes, polegada a polegada, batendo-lhes com um martelo e encontrando-as intactas e sólidas.

Os ladrões nada tinham a ganhar, ainda que tivessem conseguido entrar na gruta; um gracejo era, igualmente, de excluir, pois tantas pessoas teriam de entrar no segredo, que seria impossível guardá-lo durante muito tempo.

E o terror supersticioso dos mortos, que a maior parte dos indígenas de Barbados partilhava, excluía também a ideia de que alguns deles estivessem envolvidos no caso.

Quando se tornaram conhecidos os resultados do inquérito de Lorde Combermere, produziu-se tal sensação, que a catacumba foi oficialmente fechada e os caixões distribuídos por várias sepulturas do cemitério — sepulturas que anda hoje existem.

Depois disto, não se deram mais manifestações e durante muito anos tudo se manteve em completo sossego, no pequeno cemitério de Barbados; a história converteu-se em lenda, até que, na década de 1930, o macabro assunto voltou a dar que falar. Um dia, a malfadada igreja foi parcialmente destruída por um incêndio que rebentou misteriosamente no campanário, depois da meia-noite.

O túmulo continua a despertar o interesse dos visitantes; todavia, o turista vê hoje apenas uma abertura de aspecto inocente, parcialmente coberta pela imensa lápida de mármore azul de Devonshire.


# Dois livros de Ramatís

## A VIDA NO PLANETA MARTE E OS DISCOS VOADORES

**Uma obra sensacional cheia de revelações assombrosas decalcadas na ciência objectiva. Insere capítulos especiais sobre a humanidade marciana, entre eles, noivado, casamento, família, religião, cinema de quatro dimensões, alimentação, edifícios, indústria, comércio, formas de governo, etc.**

1 grosso volume de 415 páginas — 100$00

## MENSAGENS DO ASTRAL

**Outro livro sensacional com capítulos de grande valor, a saber, «Juízo Final», «O Valor da Profecia», «A Besta Apocalíptica», «O Astro Intruso e sua Acção Satânica», «O Número 666 na Profecia Apocalíptica», «A Verticalização do Eixo da Terra», «A Explorações Atómicas e os Efeitos Kármicos», «Os Engenheiros Siderais e o Plano da Criação», «O Terceiro Milénio e a Nova Humanidade», além de 8 grandes capítulos sobre a vida e missão de Jesus.**

1 volume de 464 páginas de grande formato e papel de linho — 130$00

# Informação do Conde Carlo Gamba sobre uma carta de Lord Byron

**Por JOSÉ MARTÍN**

Em artigo anterior intitulado «Uma Carta de Lord Byron», dissemos que a sensitiva Adela Albertelli reproduzira em Alemão e através da escrita automática uma carta do famoso poeta inglês, datada da cidade de Bolonha e dirigida à condessa Teresa Gamba de Guiccioli.

As averiguações feitas levaram-nos à conclusão de que a carta original inglesa fora realmente escrita num exemplar do livro «Corina», de Madame de Staël, pertencente à biblioteca particular da condessa.

Há uns anos que esse exemplar estava em poder de um dos descendentes de Teresa, o conde Carlo Gamba, a quem escrevemos e em cuja resposta nos informou, entre outras coisas, que sua tia-avó, a condessa de Guiccioli, praticava a mediunidade nos últimos anos de vida. Indicou-nos também o lugar onde repousam os seus restos e o livro com a dedicatória.

Publicamos a seguir as duas cartas, por entendermos que são de interesse geral.

PRIMEIRA CARTA

Solarolo (Lavena), 19 de Julho de 1957

Sr. Martin

Desculpe responder-lhe em Italiano, pois não conheço o Espanhol. Um amigo colombiano traduziu-me a sua carta, a fim de que eu pudesse compreendê-la inteiramente.

Depois de uma senhora ter publicado certos apontamentos das memórias de seu tio (o marquês Alexandre Guiccioli, descendente do marido de minha tia) em que se referia aos amores de Byron e Teresa de Guiccioli, estes apontamentos produziram novo interesse. Foram tratados também por Maurrois, que colocou a família Gamba.

Apesar disso, Maria Borghese quis escrever uma biografia completa de Teresa Gamba, condessa de Guiccioli e depois marquesa de Boissy. Começou a tarefa com grande empenho, estudando a fundo todos os papéis, cartas e lembranças que eu conservava em Florença. Interessava-me muito esse trabalho, pois revelava o nobre procedimento da minha família nos períodos em que surgiram os primeiros movimentos libertadores do governo pontifício e que, por neles intervir, meu bisavô foi exilado e seus bens confiscados. Depois foi preso com seus filhos. Era amigo do primeiro Alexandre Guiccioli, com quem desempenhou certas missões durante o período napoleónico. Quando se voltou à normalidade, mantiveram acesas as aspirações italianas em Ravena. Isto explica as relações de Alexandre e da minha família com Byron, que tanto se interessava por essa causa.

Guiccioli alugou-lhe um departamento no seu palácio; e em vez de facilitar as relações dos amantes, tornava-as mais difíceis, devido à hostilidade do filho de Guiccioli e de certas serviçais.

Fez-se então amigo de Pedro Gamba, quase irmão de Teresa. Esta amizade, prolongada depois do exílio, em Pisa e Génova, influenciou o interesse de Byron na causa da independência grega. Partiram juntos e, quando o poeta morreu, Pedro acompanhou-lhe os restos a Inglaterra. Depois, foi encarregado de nova missão em prol dos revoltosos gregos. Morreu de febre palustre e foi sepultado num forte de Morea, que já não existe.

Guiccioli casou três vezes. Enquanto esteve separado da primeira convivia com outra, de quem teve alguns filhos. Ficando novamente viúvo e desejando descendência legítima, pediu ao meu bisavô Ruggero uma de suas filhas. A escolhida foi Teresa, que, pela idade, podia ser filha dele. Não houve herdeiros e decidiu então legitimar um dos filhos, que morreu novo. Fez o mesmo a outro, que se casou com uma Capranica, de Roma, adoptando o título de marquês de Cá del Bosco, cuja imensa propriedade foi restaurada por eles. Tiveram dois filhos: Alexandre, que foi prefeito de Florença, embaixador no Japão e redactor das no-

# GHANDI MATERIALIZADO

***O Mahatma Gandhi, a maior figura da Índia, era uma das sete personalidades a ser materializadas numa sessão de Keith Milton Rhinehart em Bombaim. Assim o declara V. D. Rishi, conhecido pelo Conan Doyle da Índia.***

*No seu relato, Rishi descreve-nos a notável sessão dada por Rhinehart, o médium americano cuja volta ao mundo é um presente oferecido ao 21 aniversário do Centro Espirita de Seatte, de que é médium.*

*Para esta reunião vestiu apenas uma tanga e uma túnica negra e sentou-se num gabinete improvisado.*

*Duas das figuras a ser materializadas e claramente divisadas pelos assistentes, foram Subhadrabai, a primeira esposa de Rishi, e Oka, o guia do centro.*

*As vozes doutras materializações eram mais audíveis e claramente visíveis durante a sessão, que demorou mais de uma hora. Annie Besant e Madame Blavatsky, duas teosofistas de ligação com a Índia, foram também materializadas.*

*Uma das outras demonstrações de Rhinehart nas sessões de Bombaim foi a audição directa duma voz, quando todas as luzes do recinto estavam acesas!*

*Nesta reunião o médium sentou-se vendado no recinto junto à trombeta. Entre as vozes ouvidas salientavam-se Madame Blavatsky, Annie Besant e Shri Aorabindo.*

*Rishi conta que várias pessoas testemunharam a fidelidade do fenómeno, dado que tinham ouvido as vozes de Annie Besant e Shri Aorabindo, quando vivas.*

# NUMA SESSÃO ESPIRITA

*Um sensacional acontecimento ocorrido durante outra sessão foi a recepção de mensagens de espíritos transcritas em postais distribuídos aos assistentes. Uma delas — afirma Rishi — incluia um nome escrito em Guzarate.*

*Para a sessão das vozes, Rhinehart seguiu o seu processo habitual: atado a uma cadeira, os lábios selados, depois da boca cheia de água, com adesivo aplicado por membros da assistência que examinaram o médium e o gabinete.*

*Dois dos guias de Rhinehart falaram-lhe através da trombeta. Um deles, Susana, saudou Rishi e pediu-lhe que se aproximasse do gabinete. Diz Rishi que a sua mão lhe tocou e que foi apertada por muitos dos assistentes.*

*A uma reunião pública, que se efectuou em Blatsky Lodge, assistiram cerca de 500 pessoas.*

*Foi esta a maior reunião espirita jamais vista em Bombaim. A exibição de Rhinehart como médium mental era uma nova experiência para a maioria da assistência que ficou surpreendida com as suas provas verídicas, incluindo nomes e datas e a soma de mensagens espirituais que ele transmitiu.*

*A assistência pôde ver também a sua demonstração exterior de leitura de bilhetes, nos quais respondia a perguntas encerradas em sobrescritos selados.*

*Rhinehart assistiu a uma sessão de prancheta, em que a Senhora Rishi era médium, e muito satisfeito ficou ao receber uma longa mensagem dum dos seus guias.*

**(De «Two Worlds», de 8 de Março de 1958)**

tas biográficas acima citadas, e Fernando, mestre de cerimónias da corte, pai e avô daquela senhora que as publicou.

A obra de Maria Borghese foi destruída, com a casa editora de Milão que a estava a publicar, em virtude de um bombardeamento na última guerra. Só depois da sua morte é que o filho, correspondente artístico do diário *Corriere Della Sera* a publicou em forma primitiva e pouco correcta. É um livro muito interessante, especialmente no tocante à vida ulterior da condessa de Guiccioli, tão mal julgada por certos escribas. Tinha mais de 50 anos, mas era muito formosa, quando casou com o marquês de Boissy, par de França e avô do príncipe de Léon, filho do duque Rohan Chabot. Morreu em Florença em 1873, tinha eu dois anos, e está enterrada na minha vila de Settimello, que dela herdei.

Pouco tempo depois da guerra, a marquesa Iris Origo quis escrever um livro sobre Byron e por intermédio de amigos comuns pediu-me autorização para estudar os documentos que estavam em meu poder. É um livro excelente e teve grande êxito. Creio que foi traduzido em muitas línguas e provàvelmente em Alemão.

Ela restituíu-me todos os documentos ordenados com muito cuidado. Mas como havia outras pessoas interessadas nas mesmas consultas, resolvi doar todo esse material à Biblioteca Classense de Ravena, junto com o busto esculpido por Lorenzo Bartolini e o arquivo da casa Gamba.

Entre as lembranças de Byron está o famoso exemplar de «Corina», com a carta a que o sr. se refere e que foi transcrita pela Borghese e pela Origo.

Minha tia dedicou-se nos últimos anos ao Espiritismo e escrevia longas cartas em transe, como se fossem ditadas por Byron. Eram escritos vagos, sem valor nem interesse, e já foram destruídos.

Não poderiam alguns assistentes à sessão que originou esta correspondência conhecer a tradução alemã do livro da Origo e tivesse influído sobre a médium?

CARLOS GAMBA

SEGUNDA CARTA

Viarregio (Hotel Bristol),
25 de Dezembro de 1957.

Sr. Martin:

Tanto a senhora Borghese, como a marquesa de Origo foram exactas no relato da vida de minha tia. Estudaram a fundo a correspondência e os documentos.

O meu bisavô, o conde de Ruggero Gamba, teve três filhos varões e oito mulheres, entre as quais Teresa era a terceira. Dos varões, Pedro Gamba era o mais velho, nascido em 1800, provàvelmente no mesmo ano que sua irmã Teresa, cujos documentos nunca se encontraram. Diziam que nascera em Paris, numa das viagens que o pai fizera nos tempos de Napoleão. As duas irmãs mais velhas haviam nascido em 1798 e 1799, Pedro em 1800, outra irmão em 1801 e, ano a ano, os outros. O segundo varão, Vicente, tinha menos dois ou três anos do que Teresa. Acompanhou-a a Inglaterra em 1835, quando esta visitou a casa de Byron, a sua sepultura e as suas recordações. A fisionomia dos dois irmãos foi reproduzida pelo conde D'Orsay e constam de um álbum do duque de Devonshire, em Chatsworth, de que se fizeram reproduções. Vicente morreu novo e solteiro. Meu avô foi o terceiro, o conde Hipólito Gamba, nascido em 1806 e morto em 1890. Tomou parte em vários movimentos revolucionários, com seu pai e seus irmãos. Depois da unificação da Itália foi prefeito de Parma e Ancona. Depois foi senador. De um primeiro casamento com uma condessa de Rasporni teve meu pai, em 1833, um filho, que morreu em 1926. Eu nasci em 1870 e tinha pouco mais de dois anos, quando morreu em Florença a viúva de Boissy (Teresa), de quem herdei a propriedade de Settimello, onde está sepultada.

O meu amigo colombiano viu na Biblioteca a famosa «Corina» com a dedicatório de Byron; esta biblioteca não tem direcção que se interesse pela sua manutenção e por isso é difícil fotografá-la.

Eu sou o último dos Gamba, mas há descendentes de minha irmã, condessa Cini de Pianzano.

CARLOS GAMBA

***(Tradução de I. D. S.)***

# CARTA NOTICIOSA

## EM QUE SE FALA DE SAUDADE, DE LEOPOLDO MACHADO, DO DR. ANTÓNIO BERNARDO DE VASCONCELOS E DA CIDADE ESPIRITA DE PALMELO

Salvador, Outono de 1958.

Meu caro Isidoro:

Saúde e paz.

Não lhe tenho escrito. Absorvido por grandes problemas da família e pelo modesto trabalho a que me dei nos campos férteis do Espiritismo e da Legião da Boa Vontade, como que não percebo a marcha acelerada do tempo... Perdoe-me. Creio poder afirmar que não se passa um dia em que eu não pense (com saudade, é claro) no meu prezado amigo Isidoro Duarte Santos. Não tenha nenhuma dúvida a respeito da nossa amizade. É coisa sólida, firme, inabalável. Deve ter começado há séculos, se não há milénios, e é cada vez mais indestrutível. O vigoroso abraço que

**Jerônimo Cândido Gomide, o Apóstolo de Palmelo, e sua esposa, D. Francisca Borges Gomide, médium receitista**

você me deu no Restaurante Colon, ao chegar a Salvador, revelou-me que as raízes da nossa amizade estão presas a um passado bem remoto. Não sabe que tive mais de uma existência aí, nesse formoso Portugal? Para que lhe falei eu nisto? Estou emocionado, todo o meu ser está vibrando intensamente, maravilhosamente...

Aposto em como, muitas vezes, contemplámos juntos as encantadoras paisagens portuguesas e juntos celebrámos o nosso culto nos templos das letras e das artes. Alguma coisa me diz que já vesti a famosa capa da Universidade de Coimbra. Quem sabe se não estudámos juntos ali? Um dia, no outro lado da vida, conheceremos, decerto, quanto de real têm estes meus pressentimentos.

Não é preciso que nos digam que outrora não estávamos nas mesmas condições espirituais do presente. Agora, sim! Agora somos trabalhadores da seara de Jesus e, apesar das nossas deficiências, com que entusiasmo, com que alvoroço, com que desassombro nos lançamos pelo mundo empunhando o deslumbrante facho da Verdade!

Fizessem o mesmo todos os homens e, de uma hora para outra, dar-se-ia na Terra um estupendo milagre: — a ausência das trevas!... Mas, graças a Deus, aproxima-se o terceiro milénio. A luz não cessa de cair dos Céus, penetrando nas almas, iluminando o caminho. A humanidade desperta. Multiplicam-se os verdadeiros, os legítimos pregadores da Boa Nova. No Brasil, em Portugal, na Índia, na Inglaterra, na Itália, na França, na Argentina, nos Estados Unidos da América do Norte, em todos os recantos do planeta, há surpreendentes eclosões de mediunidade e as vozes do Alto fazem-se ouvir em maravilhosas mensagens de advertência e consolação.

A Legião da Boa Vontade está agitando sèriamente o povo brasileiro. É, na verdade, um extraordinário movimento espiritualista.

Todo o Brasil agita-se num emocionante esforço de renovação. A Federação Espirita Brasileira, o templo de Ismael, e as nossas demais sociedades espiritistas, continuam no seu grandioso trabalho de difusão da Luz e de assistência aos infortunados, sem distinções de raça nem de religião.

Tomei em 1957, como já deve saber, vinte e oito assinaturas de *Estudos Psíquicos*. Quanto estou devendo da que me é enviada directamente? Verifique também se já paguei todos os livros que mandei vir daí. A importância da conta irá por intermédio do nosso amigo Alfredo Miguel.

Incorreria em grave falta se não lhe falasse da desencarnação de Leopoldo Machado, um dos homens mais felizes que, até hoje, me foi dado conhecer. Leopoldo foi um grande espirita. Soube, como poucos, seguir o Evangelho do Meigo Nazareno. Pelo nosso querido *Tio Juca*, certo Espírito revelou que ele «se acha ao lado da sua admirável Marília, numa região onde tudo é beleza e tranquilidade». O mesmo me disse ele próprio por D. Maria Ferreira, uma das melhores médiuns da Bahia:

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

«Ainda não me acho em condições de reencetar a luta. Estou veraneando. Sou apenas um turista e que maravilhas tenho encontrado ao lado de minha doce companheira! Como ela soube receber-me! Foram tantas as surpresas, que difícilmente poderia descrevê-las!

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

«Quero que você, Paulo, me sinta no íntimo da alma».

E aconselhou-me:

«Coragem, muita coragem! Paulo, ânimo e perseverança na fé».

Ainda não nos havíamos refeito do choque da desencarnação de Leopoldo e outro grande trabalha-

dor da seara do Mestre, José da Costa Filho, regressava, por entre luzes, músicas e flores, ao mundo espiritual!

Lembra-se do Dr. António Bernardo Vasconcelos de Queirós, um velho a quem o apresentei na sede do *Centro Espirita «Caminho da Redenção»?* Tambem esse nosso irmão já se transferiu para o «lado de lá».

O Dr. António Bernardo tinha talento e invejável cultura. Era um dos mais sábios e humanitários médicos baianos e professor de primeira ordem. Pertencia à família do notável estadista do Império, Zacarias de Góis e Vasconcelos. Não tinha, infelizmente, a verdadeira convicção religiosa, mas lia *Estudos Psíquicos* e outras publicações espiritas e muitas vezes me dizia:

«Os adeptos do Espiritismo prestam relevantes serviços aos desprotegidos da sorte».

De acordo com Bezerra de Meneses e outros médicos da Espiritualidade, levei meu filho Germano, em Fevereiro último, para um dos melhores sanatórios do Brasil — o «Eurípedes Barsanulfo», de Palmelo, no Estado de Goiás.

Palmelo — cidade pequena e pobre de bens materiais — é o «primeiro posto de socorro espiritual criado na Terra».

**Sanatório Espirita de Palmelo, Brasil**

Num folheto intitulado «A História de uma Cidade do Cristo» e divulgado pela *Mocidade Espirita Maria Madalena,* lê-se o seguinte:

«Foi lá pelos idos de 1929 que os mensageiros do Senhor resolveram fundar naquelas plagas um núcleo de Cristianismo. Para tanto vinham de há muito desenvolvendo grande actividade. Inúmeras vezes, em viagens de reconhecimento e orientação, volitaram pelo espaço vindos de *Nosso Lar, Campos de Paz* ou *Nova Aurora,* para trazer àquele punhado de homens simples, mas de boa vontade, o esclarecimento necessário, de posse do qual pudessem assentar as bases de uma boa comunidade cristã, fadada a grandes cometimentos espirituais.

«A vastidão das matas e dos campos se perdia na grandeza incomensurável do sertão quase virgem, quando os mensageiros do Senhor, nessa tarde memorável, doirada pelos últimos raios do sol, vieram mais uma vez àquela habitação rústica, alegres e esperançosos, com a sua experiência milenar, inspirar os que ali se reuniam a fundar o *Centro Espirita «Luz da Verdade».* Luz, para aclarar o seu entendimento e o seu coração, a fim de guiá-los ao Bom Caminho. Verdade, que os libertasse do mundo, identificando-os ao Cristo.

«O sol partia deixando uma mensagem de esperança... Os obreiros do Alto voltaram às moradas de paz onde viviam, mas deixavam ali plantada, a 2 de Fevereiro de 1929, na Fazenda Palmela, município da então cidade de Santa Cruz, a semente da Boa-Nova. E se a «Pátria do Evangelho e Coração do Mundo» teve por primeiro nome «Santa Cruz», a primeira cidade espirita do mundo surgiria no município de uma cidade chamada «Santa Cruz».

«Jonas Branquinho, Gervásio Cândido Branquinho, Gervásio Branquinho Primo, João Borges, Joaquim Gomes Meneses, Filemon Nunes da Silva e Josino Cândido Branquinho foram os seus fundadores. À comunidade emprestaram o melhor dos seus esforços.

«Mais tarde, em 1937, Jerónimo Cândido Gomide mudou o nome de Fazenda Palmela para o de Palmelo, denominação que se passava a dar ao então distrito e pequeno povoado que ali surgia. Dessa data para cá, vem dirigindo com firmeza e inequívoca dedicação a grande igreja cristã que se formou na actual cidade de Palmelo, que teve a sua emancipação em 1954. Sacrificando conforto e bem-estar, tudo tem feito para que o Evangelho do Cristo seja conhecido de quantos tenham a felicidade de visitar Palmelo. À causa cristã e à prática das virtudes evangélicas já dedicou duas dezenas de anos, dispensando os seus dias à cura de obsidiados e à prática desinteressada da mediunidade.

... ... ... ... ... ...

«Em Palmelo têm-se verificado curas extraordinárias. Doentes desenganados por médicos do Rio e de São Paulo têm encontrado cura radical em Palmelo. Câncer, lepra, tuberculose, pênfigo (fogo selvagem), úlcera, sinusite, tudo, enfim.

... ... ... ... ... ...

«Materialmente, Palmelo é muito pobre. Talvez seja o menor município do Brasil. Sem indústria, sem lavoura e sem pecuária, mas, assim mesmo, com um crescente progresso urbano. Espiritualmente é uma montanha de luz, galgando a qual nos aproximaremos de Deus».

Palmelo, a Cidade da Paz, não tem cadeia, nem consultórios médicos, nem templos, salvo o *Centro Espirita «Luz da Verdade»,* que é um verdadeiro templo cristão.

Vai para *Estudos Psíquicos* uma tonelada de versos de minha lavra.

Recomende-me aos seus dignos familiares e aos demais confrades daí e receba um grande abraço do seu velho amigo

**PAULO ALBERTO**

---

*NOTA — Quantas lembranças ligadas à sua carta amiga! Neste momento não há palavras de resposta. Deixe passar uns dias para equilibrar a emoção. Depois terá carta minha, talvez menos noticiosa, mas igualmente fraterna, onde o coração há-de imprimir o que o tempo não destrói.*

# A FESTA DO NATAL

## NO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

Nesta época do ano as festas multiplicam-se por toda a parte! Quer nos grandes teatros, quer nos simples clubes, realizam-se espectáculos, em que todos se sentem, mais do que nunca, envolvidos num ideal de fraternidade. O *Diário de Notícias*, numa jornada a todos os títulos louvável, realiza o Natal dos hospitais e cadeias, levando um pouco de alegria onde existe quase sempre sofrimento físico e moral! As fábricas, as simples oficinas projectam festas dedicadas aos filhos dos seus empregados, levando riso e júbilo a esses pequeninos seres.

O *Centro Luz e Amor*, além do bodo que distribui nesta época aos mais necessitados, decidiu realizar também uma festa de Natal, a *sua* festa de Natal! Foi marcado o dia 21 de Dezembro, domingo, uma tarde chuvosa e de temporal, mas que em nada ofuscou o brilhantismo do acontecimento.

Passavam poucos minutos das 15.30 horas quando António Cardoso subiu ao estrado, começando por agradecer a todos os artistas a sua valiosa colaboração. Referiu-se em especial à Prof.ª D. Ema Cordeiro, a quem se deve, conforme afirmou, a extraordinária projecção de todas as nossas festas.

— D. Ema Cordeiro desde a primeira hora tem colaborado connosco; basta um simples telefonema para que ela, da melhor vontade, numa gentileza invulgar, se ponha inteiramente ao nosso dispor. Para ela e seus talentosos alunos vão os nossos mais sinceros agradecimentos.

Manuel Canaveira abriu a parte musical do programa com *Devaneio*, um bolero feito de propósito para aquele dia. Isidoro Duarte Santos subiu em seguida ao estrado, tendo sido recebido com uma vibrante salva de palmas. Depois de se referir ao simbolismo desta quadra, disse que aquela festa não era mais que uma jornada de confraternização, em que artistas e público se sentiam tocados pelo mesmo Ideal.

Maria de Lurdes Lima, a gentil artista das emissões infantis, com a sua graça comunicativa cantou *Deixem-me ser solteirinha!* Jorge Raimundo, declamou em seguida *O Homem*, de Manuel Caetano de Sousa e *Verdade Suprema*, de Felícia Caldeira. Como sempre, Jorge Raimundo conquistou o público, graças às suas brilhantes interpretações, tendo recebido uma justa e calorosa salva de palmas. Depois... *voámos* à Itália para ouvir Jul Ruela que interpretou a conhecida canção *Até à volta, Roma.*

Lembram-se certamente da Maria de Fátima, a pequenina estreante da última festa que tanto êxito alcançou; pois de novo a tivemos no *Luz e Amor!* Com o seu vestido de roda e o seu sorriso gracioso, de novo conquistou a assistência declamando *Os Presentes do Menino Jesus*. Zizi Dional — uma voz que também com muito gosto nos habituámos a ouvir — cantou-nos desta vez *A Lenda da Vília*. Jorge Raimundo e Manuel Canaveira divertiram em seguida a assistência num autêntico dueto de anedotas! As referentes às *sogras* tiveram lugar especial... Helder Padesca, acompanhou-nos em seguida até Coimbra com a sua *Coimbra ao Luar!* E D. Ivone de Sousa declamou uma poesia em francês e ainda *Porquê*, de Heloísa Cid.

Tivemos em seguida as duas primeiras estreias: Henrique Fernandes como violoncelista e Manuel Brazão como pianista. Ambos deliciaram a assistência interpretando uma peça de Schumann. Fernando Ferreira, o estreante da última festa, voltou ao Centro, desta vez para declamar, de Maria Teresa Santos, *A Manta de Farrapos*. E a 3.ª estreia foi Rui Cunha, que cantou *Conceição*, aquela linda canção brasileira que a revista *Fogo no Pandeiro* popularizou. É uma canção melancólica, fascinante, que nos conduz à visão dos morros e dessa Conceição de que nos fala a cantiga. A pequenina Maria de Fátima subiu para o estrado (e para a cadeira) para declamar agora *O Barco dela!* Seguiu-se-lhe Manuel Brasão que interpretou ao piano *Estudos de Chopin.*

Mais uma pausa no programa musical, agora para António Cardoso declamar *A Ceia dos Cardeais* (última parte), do Dr. Júlio Dantas. E de novo Maria de Lurdes Lima para interpretar uma canção muito *doce: Lábios de Mel*. Irene Marques não podia faltar às nossas festas. A sua graça, a sua vivacidade são autêntico bálsamo tonificante. Desta vez cantou *Santo António*, esse *Santo* que tantos rios de tinta tem feito correr, em prosa, versos e canções...

A 4.ª estreia foi Armindo Santos, que nos levou de novo a Coimbra, como há pouco nos fizera Helder Padesca. Armindo Santos cantou *Coimbra é uma lição de amor!* O pior é na Universidade as *cadeiras* não serem assim tão poéticas...

«*Quem soubesse escrever!...*» Não, estimados leitores, não se trata de mais um *slogan* da Campanha de Educação de Adultos! *Quem soubesse escrever* é o título duma muito interessante poesia de Campoamor que Isidoro Duarte Santos declamou! Não a conhecíamos, e confessamos que gostámos imenso, valorizada ainda pela brilhante interpretação. E de novo Irene Marques subiu ao estrado para nos falar das *Andorinhas*. Se elas a ouvissem, se escutassem a sua voz *quente*, fugiriam para África, a fim de escapar ao frio!

A canção do momento é *Encosta a Cabecinha!* E justo é dizê-lo que não só o título é muito poético, como a canção é realmente bonita! Temos tudo, como músicas da moda, melodias de arripiar, de importação americana, como aqueles *rocks* e *swings* que são a última degradação na escola musical! Ao menos agora, o público, talvez já enfastiado de tanto barulho sem ritmo, escolheu como preferida uma canção deliciosa que nos convida a sonhar... E como sonhar é fácil, é sempre com prazer que se ouve *Encosta a Cabecinha!* Manuel Canaveira, sabendo desta justa preferência do público, tocou ao piano esta canção, tendo — será preciso dizê-lo? — sido muito aplaudido!

Armindo Santos, depois de nos ter levado a Coimbra e em virtude do temporal do dia, regressou a Lisboa para nos cantar *Adeus Mouraria.*

Pedro Noronha, artista da Emissora Nacional veio outra vez colaborar connosco, cantando *Avé-Ma-*

*ria,* de Gounod. António Vivas — outro colaborador que nunca dispensamos — deliciou-nos com o seu *Torna a Sorriento.*

Fernando José dos Santos, artista da Rádio e Televisão, é elemento precioso das nossas festas. O seu grande à-vontade, aliado ao seu extraordinário poder de comunicabilidade, tornam-no sempre desejado pelo público. Desta vez veio acompanhado por outro artista — Humberto Marques — que não conhecíamos e constituiu, portanto, a 5.ª estreia na nossa festa. Fernando e Humberto deliciaram alguns momentos a assistência com canções alegres; Humberto Marques, além de cantar, acompanhou os números à viola! Além de cantarem 3 números, a assistência pediu mais, o que não pudemos satisfazer, em virtude da extensão do programa, que nem permitiu intervalo. António Vivas, de novo nos deliciou, agora com o *Lamento de Frederico,* da *Arlesiana.*

Como extra-programa tivemos a grande satisfação de ver entre nós o Sr. Juventino Oliveira Nobre, da direcção do *Centro Amor, Caridade e Esperança,* do Rio de Janeiro. Pedindo-lhe António Cardoso que dissesse algumas palavras, o ilustre confrade saudou os espiritas portugueses, afirmando que estava encantado com aquela festa.

— Tenho visto muitas festas espiritas no Brasil, mas confesso que nunca vi uma festa tão extraordinária como esta. Que dinamismo, que ritmo, que maravilha!

António Cardoso agradeceu as breves, mas expressivas palavras de Juventino Nobre, acrescentando ser provável em breve o pudesse abraçar em terras brasileiras.

Manuel Canaveira, continuando a dar inquebrantável ritmo a todo o programa, tocou ao piano *Festas de Lisboa.* A 6.ª estreia foi de Maria de Lurdes Hasse, outra pequenina colaboradora, que muitíssimo bem declamou a *Balada da Neve,* de Augusto Gil. Helder Padesca contou-nos em seguida a história de certo *Bambino.* E Maria de Lurdes Lima de novo nos encantou, agora noutro género; veio declamar *Mãe,* de Miguel Torga. Helder Padesca e Zizi Dional cantam agora *O Teu Olhar!*

António Cardoso apresentou em seguida Luís Calheiros, distinto ilusionista português, especializado em trabalhos de Mentalismo Científico. Ainda recentemente o professor Oger, na revista lisboeta *O Mágico,* o classificou como um dos melhores mentalistas da península. Esta estreia — a 7.ª — constituiu êxito absoluto, a tal ponto, que prometeu vir em breve ao Centro realizar uma Sessão de Mentalismo! Fez nessa tarde três números: *Fixação de 30 palavras, Transmissão de pensamento* e *Fenómeno de radiestesia.* Na impossibilidade de dar uma ideia pormenorizada de toda a sua brilhante exibição, vamo-nos referir ao *fenómeno de radiestesia,* verdadeiramente curioso. Luís Calheiros convidou uma jovem da assistência a subir ao estrado. Depois entregou-lhe um pêndulo, pedindo-lhe que se concentrasse nele.

— O pêndulo vai girar da esquerda para a direita — disse.

E com grande espanto da jovem, que se mostrava ao mesmo tempo confusa e surpreendida, assim sucedeu.

— Agora vai descrever círculos.

E também assim sucedeu!

Luís Calheiros mostrou um baralho de cartas a uma senhora da assistência, pedindo-lhe que escolhesse uma carta. Ela assim fez! Viu-a e meteu-a de novo entre as outras, sendo tudo bem baralhado. Luís Calheiros estendeu as cartas sobre duas cadeiras, com as costas para cima. Disse à jovem que passeasse com o pêndulo sobre as cartas, e aquela que lhe parecesse reflectir acção no pêndulo devia ser a carta escolhida pela senhora.

A assistência olhava-se incrédula! Podia lá ser uma coisa destas... A probabilidade de acertar num baralho de 40 cartas era 1/40! A jovem, porém, alheia a estes cálculos probabilísticos, ia passeando com o pêndulo sobre as cartas! O momento era de autêntico *suspense.*

— Mais devagar!—murmurava-se.

— Concentração!—diziam os que não acreditavam que pudesse ser ilusionismo...

— Parece ser esta — diz por fim.

Volta-se a carta! Errado!

Volta-se a fazer a experiência! E volta o pêndulo a incidir noutra carta! Ela é voltada e... maravilha das maravilhas: é a carta procurada!

A assistência rompe em aplausos justíssimos a Luís Calheiros por este seu interessantíssimo número.

Um último apontamento: gostámos também da sua *Transmissão de pensamento* que António Cardoso nos afirmou ser um número muito difícil.

E depois de ilusionismo, um número 100 % alegre: *As Respostas do 39,* por Fernando Santos e Humberto Marques. De novo tivemos ocasião de apreciar as qualidades invulgares de Humberto Marques. Três dias depois fizeram o mesmo número na Festa dos Hospitais e Cadeias organizada pelo *Diário de Notícias.* O agrado foi tal, que a enfermeira-chefe veio felicitá-los, afirmando ter sido o número que mais agradou a todos, pela naturalidade e humorismo com que era apresentado.

É curioso acrescentar que na Festa dos Hospitais e Cadeias do *Diário de Notícias* colaboraram vários elementos da Festa do *Luz e Amor.* Além de Fernando Santos e Humberto Marques, podemos ainda acrescentar D. Ema Cordeiro e os seus alunos, e António Cardoso, como ilusionista.

Henrique Fernandes e Manuel Brasão deliciam-nos com um trecho de Chopin. E Rui Cunha vem ao estrado para nos cantar *Ai, Ralisca.*

Fernando Ferreira, com o seu

**D. Ema Cordeiro, grande animadora da Festa**

# NATAL DOS NECESSITADOS

**Transporte do mês de Dezembro — 1.170$50. João Gomes Pinto, de Lisboa, 50$00; Hilda Rocha Sério, de Lisboa, 20$00; M. M. A. Silva, de Almada, 20$00; Anónimo, de Paris, 20$00; Vasco Teixeira C. de Oliveira, de Lisboa, 10$00; Fernando Esmeraldo, de Lisboa, 10$00; Maria da Conceição Valente, de Sines, 20$00; U. S. J., de Ponta Delgada, 20$00; Artur Levi Gomes, de Lisboa, 20$00; Ana Colaço Guerreiro, de Lisboa, 40$00; Laura Maria Marques Correia, de Lisboa, 20$00; Feliciano Carvalho Freire, de Dundo, Angola, 100$00; António do Passo Alves, de Lisboa, 20$00; António Saraiva, de Lisboa, 20$00; Quatro amigos de «Estudos Psíquicos», de Abrantes, 20$00; António da Silva Braga Júnior, de Coimbra, 50$00; Aida Duzolina e Silva, de Lourenço Marques, 50$00; Noémia de Seabra, de Lisboa, 14$50; Laura Maria Marques Correia, de Lisboa, 20$00; João Jorge da Cruz, da Beira, Moçambique, 45$00; A. G. Campos, de Lisboa, 20$00; Maria Celeste Carvalho Lanita, de Lisboa, 40$00; Eugénio da Costa Morgado, de Lisboa, 50$00; Anónimo, de Lisboa, 10$00; Bárbara da Conceição Ramalho, de Moura, 20$00; João Gomes Ferreira Júnior, de Lisboa, 50$00; Ivo Torres, de Lisboa, 20$00; Francisco E. Carvalho Simão, de Ovar, 100$00; Luís Gonçalves de Carvalho, de Colares, 20$00; G. V. S. R., de Rossio ao Sul do Tejo, 10$00; José Morais Dias, de Braga, 10$00; M. S. T., de Lamego, 20$00; Alberto Cardoso de Oliveira e sua filhinha Maria de Fátima Oliveira, de Pampilhosa, 20$00; Anónima, de Leiria, 20$00; Lucinda Mendes, de Lisboa, 50$00; Manuel de Sousa, de Silves, 50$00; Sabina Marques Garcia, de Lisboa, 20$00; António Nobre Rasteiro, de Lisboa, 20$00; Joaquim Filipe, de Lisboa, 10$00; S. A. S., de Lisboa, 10$00; Sócia n.º 1576, de Lisboa, 10$00; Jaime João Jerónimo, de Lisboa, 50$00; Rogério Leite de Faria, do Porto, 100$00; Celeste Aurora Lopes, de Lisboa, 50$00; Joaquim Cordeiro, de Lisboa, 20$00; José Santos Silva, de Santiago do Cacém, 42$50; V. L., de Coimbra, 50$00; A. L., de Setúbal, 50$00; Dulcina Cigarrito de Almeida, de Moura, 10$00; Tamar de Sousa Rocha, de Peso — Minho, 20$00; José Farinha, de Angra do Heroismo, 30$00; Joaquim Granja da Silva, de Évora, 10$00; António Bolinhas Nogueira, de Lisboa, 7$50; Maria Aguiar, de Lisboa, 20$00; C. V. S., 20$00; Hermínia Celeste da Cunha, de Lisboa, 10$00; Júlio Magalhães, de Lisboa, 30$00; José Eduardo da Silva, do Barreiro, 10$00; Cupertina Ferreira Meneses, de Alhandra, 10$00; José da Silva Bonifácio, de Ovar, 40$00; Romão Saragoça Velez, de Campo Maior, 5$00; Isaura Lopes Teixeira da Cunha, de Celorico da Beira, 20$00; José Joaquim, de Faro, 6$00; Maria Augusta Rodrigues da Costa, da Amadora, 10$00; José de Almeida, de Viseu, 10$00; Francisco Ramiro Fontinha, do Rossio ao Sul do Tejo, 9$00; Zahyra Fontes Pereira de Melo, de Lisboa, 20$00; J. & E., de Lisboa, 20$00; Maria do Patrocínio Manso, de Lourenço Marques, 50$00; Manuel Figueiredo, de Viseu, 10$00; Anónimo da rua Nevala, de Lourenço Marques, 50$00; Carlos Calderon Dinis, de Lisboa, 50$00; Fé, de Lourenço Marques, 30$00; Maria Gertrudes Damas da Cruz, de Lisboa, 10$00; S., na rua de Nevala, Lourenço Marques, 16$70; Cristiano de Almeida Henriques, de Vilar Seco, 40$00; Lília Costa e Silva, de Lisboa, 20$00; José Espinha, de Lisboa, 20$00; Almuroles, de Abrantes, 20$00; Dulce de Brito e Maria Francisca de Brito Sales, de Entradas, 20$00; Anónima de Leopoldville, 20$00; Anónima de Lisboa, 15$00; Outra anónima de Lisboa, 10$00; Glória Carvalho Gaspar, de Póvoa de Santa Iria, 20$00; Anónimo, da Covilhã, 20$00; Palmira Nazaré Gomes, de Benfica do Ribatejo, 20$00; Agostinho João Gomes, de Benfica do Ribatejo, 28$00; Elvira Pereira de Campos, do Porto, 20$00; José Dias Correia, de Moncarapacho, 20$00; Jerónimo Gomes Almeida, de São Pedro do Sul, 30$00; José Pais de Carvalho, de Mangualde, 50$00; Maria Gaspar, 50$00; Fernando Canita, 20$00; Maria Luísa Leal Bravo, de Lisboa, 20$00; Antero Gomes, de Malange, 100$00; Leonel Gomes Pinto, de Malange, 100$00; Amália da Conceição, de Lisboa, 7$50; António Pereira de Almeida, de Lisboa, 100$00; Alfredo Cavalheiro, de Lisboa, 50$00; Augusto Borges Martins, de Beja, 20$00; Adriano Lopes do Paço, de São João de Loure, 20$00; Maria Eva de Figueiredo Luís, de Lisboa, 50$00; Virgínia Branco, de Lisboa, 20$00; Maria da Luz Ribeiro, de Lisboa, 10$00; J. G., de Lisboa, 10$00; Lourenço Alves Ribeiro, de Lisboa, 50$00; Patrocínia Ponces, de Lisboa, 50$00; Maria e Mário, de Lisboa, 50$00; Incógnito para os pobres, 10$00; Outro incógnito, 5$00; António dos Santos Almeida, de Figueiró da Serra, 20$00; Francisco Grilo Fevereiro, de Estremoz, 10$00; João Vicente de Freitas, de Beja, 20$00; João da Silva Gomes, de Cabaços, Moimenta da Beira, 100$00; E. P., de Lisboa, 10$00; J. O. R., de Lisboa, 20$00; Albano Romãozinho, de Lisboa, 50$00; Maria Alice Moreira, de Lisboa, 50$00; Severo Moreira, de Lisboa, 50$00; B. Bento, de Lisboa, 20$00; Amélia Silva Vieira, de Lisboa, 20$00. TOTAL — 4.723$00.**

*(Continua)*

dinamismo de sempre, volta agora para nos declamar *Infelizes*, de Bento Faria. E António Cardoso sobe ao estrado para realizar dois números de Ilusionismo que dedica aos ilusionistas presentes, Luís Calheiros e Prof. Coelho de Sousa.

A pequenina Maria de Lurdes Hasse, que tanto agradou há pouco, declama *Jesus*, a conhecida mas sempre apreciada poesia de Junqueiro. E Pedro Noronha, com *Will you remember*, dá-nos mais um momento de belo-canto!

António Vivas dá-nos outro momento de belo-canto com uma ária dos *Palhaços*. O Prof. Coelho de Sousa contou algumas anedotas.

A festa está prestes a terminar. António Cardoso faz votos para que o Novo Ano traga a todos grandes felicidades e os maiores progressos espirituais.

E com uma *Granada, atirada* por Helder Padesca, terminou esta *Festa de Natal*, que durou 4 horas consecutivas. Quatro horas de alegria, de canções, anedotas, recitativos, ilusionismo, diálogos humorísticos, peças de música clásica, etc., etc. Depois de tudo isto, perguntamos:

— Haverá quem tenha a coragem de afirmar que o Espiritismo é uma doutrina de *mortos*, onde tudo anda cabisbaixo, olhos pregados no chão?...

# A PRECE

**Por Eduardo F. Conceição**

Das duas ciências — concreta e abstrata — realça a segunda pela sua transcendência, posto que o seu estudo implica maior evolução espiritual, que é o requisito que falta aos contraditores sistemáticos.

O valor da Prece é incontestável. Por ele militam milhões de criaturas que se devotam às religiões, em toda a parte do mundo. A prova disso encontra-se nos ascetas, que captam e transmitem ao vulgo doutrinas que excedem a sua capacidade, sendo disso exemplo os grandes médiuns da actualidade — Pietro Ubaldi e Francisco Cândido Xavier.

Os dois mundos — Aquém e Além-Túmulo — a que estamos sujeitos, são, evidentemente, habitados por entidades que espiritualmente se entrelaçam, atraídas pelo pensamento. A bibliografia, a este respeito é vastíssima. O sono, o sonho e os fenómenos psíquicos provocados pela vontade do homem, testemunham a existência da vida extra-matéria, que é o fundamento desta e sua razão de ser, e com mais inteligência do que aquela que possuímos, subordinada ao corpo físico.

O subconsciente o consciente representam o passivo e o activo, ou sejam os arquivos e as observações, no remontar de vidas sucessivas.

Os imortais, quando libertos da Terra e da sua atmosfera revelam conhecimentos superiores aos mortais, porque ascendem aos planos siderais, onde se acham libertos das paixões que inferiorizam os mortais e os duendes, a par da tranquilidade que caracteriza os elementais.

A Prece é equivalente à moral do crente. «Pedi e recebereis», é a advertência que os iluminados fazem aos cultores da Prece. Mas pedir e receber o que não é devido mostra que o crente não transpoz a Terra e a sua atmosfera, onde predominam as injustiças, a resgatar pela dor. Portanto, é preciso saber pedir, para que não haja acumulação de pecados. Os débitos e os créditos determinam o destino de cada um. É pela pureza que o pensamento ascende aos planos superiores, donde derivam os grandes ensinamentos, que só aproveitam às pessoas da boa vontade, devotadas ao bem comum. Esta é a razão da máxima, dos iluminados dos planos superiores, aos mortais em expiação ou provação: «Glória a Deus nas alturas e na Terra paz aos homens de boa vontade».

O crente que não olha à qualidade das suas rogatórias, para obter favores imerecidos, contrai dívidas, que agravam o seu destino. Quem deve tem que pagar e paga até ao último ceitil, como disse o Cristo.

Não só os orientais, mas também os ocidentais, consagrados ao estudo das ciências abstratas, recuam milénios sem conta, para reviver a Teosofia hindu, que acumulou os conhecimentos transcendentes, que são expoentes do Eterno e do Infinito, em constantes mutações.

O Karma que os espiritistas citam com frequência, é uma expressão hindu. Os teosofistas vão além, reportando-se ao Dharma, ao Karma, ao Samsara e ao Nirvana, que significam, Dever, Somatório, Retributo e Perfeição.

O Paraiso e o Inferno, são aquilo a que os hindus chamaram-Samadi e Kamaloca. O Samadi reporta-se aos sete planos superiores ou sete céus, que envolvem o Kamaloca, ou seja a Terra e a sua amtosfera, que são os planos inferiores. Eis os dois mundos a que as seitas se reportam, desvirtuando-lhe o sentido.

A superstição e o fanatismo, o preconceito e o dogma, o sobrenatural, o milagre e o mistério que caracterizam os seitistas, são coisas que a Ciência psíquica exclui.

Os projectéis lançados ao Espaço sideral, enquanto circulam nele, mantêm a sua integridade; mas ao regressarem, logo que entram em contacto com a atmosfera da Terra, desintegram-se, pela diferença que existe entre os dois planos.

A diferença existente entre os habitantes dos dois mundos a que estamos sujeitos levou-nos a conceber a seguinte Prece, que é síntese dos conhecimentos adquiridos e que corrobora muitas outras, em termos diferentes:

«Luz sideral, fonte das leis imutáveis e comuns que regem o Universo! Venha a nós a consciência dos nossos deveres, do somatório dos nossos feitos, dos retributos naturais e da perfeição que nos identifica com a Divindade, para que nos seja dado compreender, respeitar e cumprir as leis naturais, tão inteiramente quanto caiba em nossas forças de modo que sintonizemos o nosso pensamento com as entidades dos planos superiores, donde derivam os grandes ensinamentos, e libertar-nos das actuações maléficas dos errantes quer da Terra quer da sua atmosfera mortais e imortais «Glória a Deus nas alturas e na Terra paz aos homens de boa vontade».

Sobre o valor da Prece, definido por Allan Kardec e corroborado por Abraão Lincoln Baudelaire, Aléxis Carrel, M.me Chiang-Kai-Schek, e muitos outros de reputação mundial, estamos assim em concordância com a reportagem de Alfredo Miguel, publicada em *Estudos Psíquicos* de Junho de 1958, a páginas 185.

Se a Prece e os seus retributos não equivalessem à moral do crente, certamente que os devotos da religião e da política, que preponderam, não forjariam as leis sociais, em contraposição às leis naturais, que deviam ser o seu índice, nem o mundo correria o perigo de uma terceira guerra mundial, que será a mais destruidora de todas.

As conferências, as deliberações e os pactos dos políticos inconscientes que desbaratam o tempo para encobrir interesses inconfessáveis é o panorama da actualidade a reforçar os vícios do passado, que destruiram sucessivas civilizações.

As atmosferas delectérias, de que a humanidade enferma, resultam dos pensamentos contraditórios que são a origem de todos os males.

Às causas sucedem-se os efeitos consoante a sua moral. Por isso se diz que «vale mais um mau acordo do que uma boa contenda».

Os pensamentos, as palavras e as acções têm o seu eco na Eternidade.

**Lourenço Marques, 28-7-1958**

# ECOS DE U

Por ISIDORO

## NA SINAGO

*O Amadeu Santos telefonou ao português António Trindade, que nos convocara para a inauguração do Ambulatório.*

*A chuva miudinha confundia-se com a garoa. Os chapéus de chuva davam ar de cogumelo ao transeunte de São Paulo.*

*Trindade não se fez esperar muito. As pessoas activas são assim. Cultivam o compromisso e a pontualidade.*

*Quando chegou rumámos à Sinagoga Espirita «Nova Jerusalém», de que é presidente nato, e donde saímos direitos à estação Roosevelt. Havia lá confrades que nos aguardavam, julgando que viajaríamos pela estrada de ferro. Com efeito, lá estava o Baptista Lino, da Allan Kardec Editora, o Vicente Neto, o Dr. Sérgio Vale, o português Alberto Soares e a esposa, além de outros cujos nomes ignoramos. Foi uma recepção amigável. Abraços, expansões...*

*O paulista difere muito do carioca. É mais dinâmico. O planalto e o clima dão-lhe tom diferente. Rua abaixo, rua acima, falando e andando, homens e mulheres vão e vêm, nada os distrai. É um formigueiro que se desloca de um lado para o outro. Há certas artérias literalmente cheias. Pai, mãe e filho, vão em fila indiana. Não podem ir a par devido aos encontrões. Mais uma vez nos lembramos do urbanismo, que devia ser extinto para bem de todos.*

*A Prefeitura constrói passagens de nível, mas nem assim consegue descongestionar o trânsito. Porque a urbe cresce incessantemente.*

*Da estação seguimos de automóvel para a casa do Trindade. Alguns despediram-se até ao dia seguinte.*

*—Afinal—disse este último—já não inauguramos o Ambulatório. Mas não faz mal. Tudo se remedeia. O Isidoro realiza à noite uma conferência na Sinagoga, amanhã fala em dois programas radiofónicos e na Federação Espirita do Estado de São Paulo. E dará o tempo por bem empregado.*

*O Amadeu olhou para nós com cara de quem não compreende. Nós também compreendemos pouco. É que viéramos com outro fim ao chamado. Dizer a alguém: «Faça já uma conferência, que estão aqui mil pessoas para ouvi-lo», é surpresa pouco agradável, demais calculando a natureza do auditório. Por isso o Amadeu olhava para nós e nós para ele, como quem não compreendesse e... compreendesse.*

**Praça Clovis Bevilaqua em São Paulo**

*Fosse o que fosse. Verdade ou pretexto, a intenção era boa. António Trindade quis obsequiar-nos com a sua hospitalidade e dar motivo a três acontecimentos que iriam ficar na memória de muitos. Só por isso lhe estaríamos gratos. Mas houve outros motivos.*

*

*A Sinagoga é um majestoso edifício de quatro andares com grandes salas. No rés-do-chão funciona a Cozinha dos Pobres, iniciativa do maior alcance que tantas necessidades tem minorado.*

*Ao percorrê-la, na companhia do Amadeu, lembrámo-nos de uma notícia auspiciosa que em 1949 correu mundo, nas colunas de* Alvorada de uma Nova Era, *embora não tivesse sido compreendida, como nos disse o seu director.*

*Tratava-se da fundação de uma Academia Espirita a funcionar na Sinagoga, onde há espaço para todas as exigências: aulas, arquivos, laboratórios, salas de música, de recreio, quartos para estudantes, além de vastíssimo salão de conferências que poderia adaptar-se às aulas de conjunto destinadas a sabatinas.*

*O ensino ali ministrado seria gratuito e constaria de Português e Literatura, História Geral, Filosofia, Sociologia e Política, História Ética e Técnica Jornalística, Oratória, Religiões Comparadas, Espiritismo Teórico e Prático e Exegese Evangélica. Os professores iriam buscar-se onde estivessem.*

*Qualquer indivíduo maior de 21 anos poderia concorrer ao estudo, como externo, interno e semi-interno. Quarenta para os primeiros, trinta para os segundos e igual número para os terceiros. Cem alunos ao todo. E*

# MA VIAGEM

JARTE SANTOS

II

# GA ESPIRITA

*para ser admitido bastava o exame de instrução primária.*

*A ideia deste homem enérgico era organizar uma turma de pregadores que difundissem Brasil em fora os postulados da Terceira Revelação. E a estadia em São Paulo seria gratuita, para todos.*

*Esta notícia — repetimos — impressionara-nos tanto, que ainda nos perguntamos:*

*— Porque não aceitaram esta oferta, que reflectia iniciativa única no movimento espirita brasileiro.*

*O mais interessante é que os estudantes, vivessem onde vivessem, poderiam estudar ali e voltar à sua terra a pregar os ensinamentos adquiridos. Quanto aos solteiros, teriam o futuro garantido pela Sinagoga.*

*Era isto, pouco mais ou menos, o que António Trindade idealizara. Trata-se de um projecto que excede o que se poderia imaginar. No Brasil é tudo assim. Há seiva na terra e nas almas.*

*O Amadeu seria um dos professores contratados. Chegou mesmo a organizar a vida para o efeito. Quem o vê, não avalia o que ele é. Ar de bonachão, mas forte e decidido. E quando se trata da Causa, esquece os interesses. Ele aí vai de rota batida, cavaleiro andante da generosidade...*

*Mas nós íamos percorrendo a Sinagoga. No 1.º andar estava a Sala da Directoria, artìsticamente mobilada, o Gabinete de Leitura, o Arquivo, a Biblioteca, e o Salão de Conferências, onde se alojam à vontade cerca de 1.000 pessoas. Os madeiramentos são de jacarandá. Lá vimos também o gabinete do fundador e actual presidente da instituição.*

*O 2.º andar é privativo do mesmo confrade. No 3.º estão os alojamentos de 40 empregados e o Salão de Bilhar.*

*O edifício — não podemos negá-lo — é magnífico de instalações nos 600 metros quadrados que o constituem.*

★

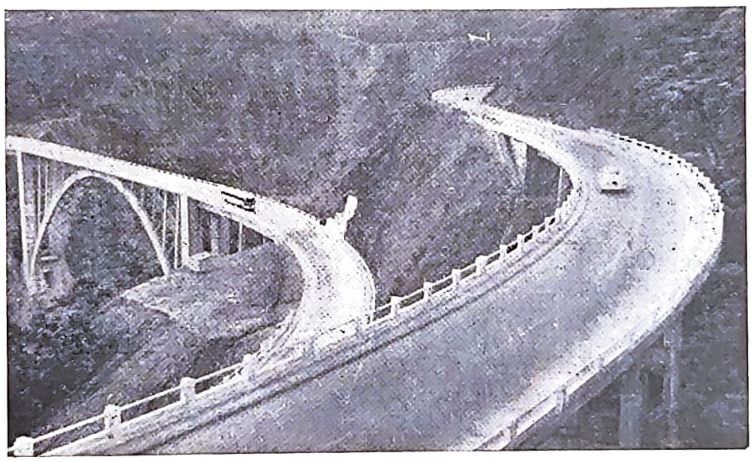
*A Sinagoga Espirita «Nova Jerusalém» tem uma história de quatro décadas. Nasceu nos tempos de Mirabelli, esse médium discutidíssimo a quem alguns chamavam obsidiado, mas que outros acolitaram e endeusaram, para mal dele e da Doutrina.*

*Conhecemos peripécias estranhas e lemos notícias mirabolantes, entre elas, a do seu invisível transporte de São Paulo a certa localidade do interior. Dizemos mirabolante, porque houve críticas acerbas ao propalado, nas quais enfileiraram entidades espiritas responsáveis, cujos nomes poderíamos citar, mas que omitimos por razões evidentes.*

*António Trindade é médium de excelentes faculdades e no seu livro «Factos» há coisas verdadeiramente assombrosas. Não admira que Mirabelli tivesse passado algumas horas más com o presidente da Sinagoga, pois quando um passivo não reage contra a fraude, mesmo inconsciente, está sujeito a percalços que exercem acção formal na vida de relação.*

*Estas andanças deram origem à fundação da primeira Sinagoga Espirita, num prédio da rua do Gasómetro, pertença do velho português Sampaio Moreira. Trindade fizera várias conferências no Teatro São José e na União Espirita de São Paulo acerca da mediunidade de Carlos Mirabelli, que tiveram grande repercussão, a ponto de alguns confrades lhe pedirem que fundasse ali um Centro, antes de voltar ao Rio, donde se deslocara.*

*O Estatuto desta Sociedade intitulada* Sinagoga Espirita de S. Pedro e S. Paulo *preconizava a fundação de sanatório para obsidiados, asilo para pobres, ambulatório médico gratuito com os respectivos medicamentos, além de assistência a quem lhe batesse à porta.*



**Via Anchieta, trecho entre S. Paulo e Santos**

*Esta última parte era a futura Cozinha dos Pobres, que proporcionaria aos necessitados o pão do estômago. Com efeito, antes mesmo da sua fundação, a Sinagoga já distribuira mantimentos, nozes, figos, amêndoas, castanhas e dinheiro!*

*O alcance da iniciativa foi enorme e logo se alugou outro prédio à rua José Bonifácio para ampliação de serviços.*

★

*Pouco depois erguia-se um Sanatório em Gopoúva, ramal da*

*Cantareira, com mais de 200.000 metros quadrados de superfície, a fim de acolher obsidiados e no qual se realizaram curas extraordinárias. Hoje é pertença do Governo e abrigo de morféticos.*

*Na construção da obra desempenhou notável papel o confrade António Trindade. Novamente o seu dinamismo foi posto à prova. Não se limitou ao lançamento da pedra fundamental e disse aos companheiros de directoria que as obras começariam imediatamente. E num esforço incalculável bateu de porta em porta em busca dos materiais necessários. Um dava vigamentos, outro dava ferragens; este oferecia pedra e areia, aquele oferecia dinheiro para pagar aos operários... E em menos de seis meses o pavilhão central era óptima realidade!*

*Nós, portugueses, não compreendemos estas façanhas, que se objectivam à guisa de mágica, num «abre-te, Sésamo» que só o Brasil proporciona aos animosos de alma grande.*

*Pois a verdade é que, algum tempo decorrido, se abriu ao público um belo pavilhão, onde se recolheram numerosos doentes.*

*Sucedeu isto em 1918 e o património da Sinagoga era de 173.868$690 (cento e setenta e três contos, oitocentos sessenta e oito mil seiscentos e noventa réis).*

*Pouco depois houve divisão de valores: a Sinagoga ficava com a casa da rua José Bonifácio e o Sanatório, e António Trindade com a casa da rua do Gasómetro, que passou a chamar-se Sinagoga Espirita «Nova Jerusalém» e nesta conformidade instalou outro Sanatório na rua Voluntários da Pátria, n.º 490, cujas curas originaram uma campanha da igreja católica que ficou célebre nos anais do Espiritismo.*

*O programa de acção era enorme. Tudo corria normalmente, quando um misterioso incêndio destruiu todo o património da instituição existente na sede da rua do Gasómetro, bem como o edifício em que ela funcionava...*

★

*Mas o homem põe e Deus dispõe. Os elementos erguiam-se contra um homem ousado que lançara na refrega o que tinha a seu alcance. Outros perderiam a coragem, exautos e desanimados e mudariam até de parecer. Os acontecimentos, quando surgem inesperadamente, são como as avalanches que tudo levam de vencida. Os que ficam nos destroços são marcos que a história aponta para lição de coevos ou vindouros. Outros, porém, aguentam as intempéries, com vida para novos planos e novas realizações.*

*Os fortes não quebram. Cedem às vezes, conforme a ocasião, sem abdicar da linha mental que lhes guia os passos.*

*As labaredas incendiárias eram experiência para as almas, que não cederam um palmo do terreno conquistado. A doutrina valia mais que um prédio, que vinte prédios, que mil prédios. Valia todo o esforço que se realizasse. E esses cavouqueiros, com Trindade à frente, adquiriram terreno na Rua Casimiro de Abreu. Ele mesmo o comprou e dirigiu a construção da Sinagoga, que ali se ergue há muitos anos, para bem dos pobres e da Causa.*

★

*A propósito, vamos referir-nos à acta do lançamento da primeira pedra do templo para a Sinagoga Espirita e de uma Cozinha para os pobres.*

*É um documento estranho, em que a simbólica assume expressão bizarra. Ei-lo:*

*«Esse templo, que terá trinta e três metros e trinta e três centímetros de comprimento e doze metros de frente, obedecerá em tudo ao que o Senhor manda seja feito em Sua casa, como adiante vai descrito.*

*«Sendo a descendência de Jacob de doze membros, em doze tribos ficou dividida a Casa de Israel, embora nem todos eles soubessem guardar o pacto feito com Abraão, Isaac e Jacob.*

*«Sete são, portanto, os que procuraram obedecer à Lei de Deus, para em tudo haver harmonia, desde os dias em que o Senhor dividiu a semana e formou a terra até às sete pragas do Egipto e desde a sentença com que o Senhor ameaça a quem matar Caím até às sete falas que o Cristo proferiu na cruz.*

*«Ora, tendo os alicerces da casa de Jacob doze colunas, doze fundamentos, doze são também os metros que terá a fachada do Templo «Nova Jerusalém», para depois se resumirem apenas em sete colunas, que suportarão o peso do altar onde brilharão as sete estrelas, que terão ao centro o Leão da casa de Judá, a raiz de David, cujo brilho ofuscará as sete estrelas.*

*«No alto do edifício, dominando o Templo, teremos quatro animais simbólicos, os mostrados a João na ilha de Patmos, sendo o primeiro semelhante a um leão; o segundo semelhante a um novilho; o terceiro semelhante a uma águia voando, e o quarto semelhante no rosto a um homem.*

*«Estes animais terão olhos por diante e por detrás, por cima e por baixo, assim como cada um seis asas.*

*«Ao centro dos quatro grandes animais ficará um cordeiro em pé, embora parecendo morto, o qual terá sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus mandados por toda a terra a vencer a ignorância e arrancar a iniguidade do mundo.*

*«Ao lado do Templo, subindo junto a ele, uma torre a dominá-lo, sobre a qual ficará um candeeiro, onde brilharão as sete lâmpadas do Senhor.*

*«Este Templo será, pois, um refúgio para todos os escorraçados pelos povos, por terem a ousadia de confessar o nome do cordeiro e bem assim o de Deus.*

*«Nele será diàriamente elevada a voz do Criador, para lhe render as graças a quem tem jus, assim como d'Ele hão-de sair as bênçãos para todos os povos, nações e línguas que comungarem à mesa do Senhor e guardarem a santa Lei que por Ele foi dada a Moisés no Monte Sinai.*

*«Nele não entrarão os idólatras, os mentirosos, os feiticeiros, nem os que propositadamente truncarem a Lei dada a Moisés no Sinai, antes dele sairá a brasa que a todos há-de queimar, por não guardarem a advertência que o Senhor fez a Moisés no deserto de Sur.*

*«Nele não haverá tolerância nem temor para com ninguém, pois que todos os que à sua sombra se abrigarem amarão a Deus e todo o que ama a Deus e praticar a sua justiça não teme a ninguém.*

*«Do Templo sairá o pregão constante do Atalaia de Israel, que dia e noite chamará as ovelhas desgarradas, ao mesmo tempo que não deixará dormir os que desprezam a sua voz. E sairá também o pregão e o castigo; este para os que têm enganado a seu próximo e tentando enganar a Deus; aquele para os que tudo suportam com paciência, procurando entrar pela porta estreita, embora marchando sobre escorpiões e sujeitos às investidas das feras.*

*«Aqueles que nele entrarem, assim como os que esta acta ouvi-*

rem e que não tencionem guardar o que neste Templo se pregue, sejam desde já réus do fogo, da segunda morte, da qual nem todos os patriarcas e profetas juntos poderão salvá-los.

«Assim como da Sinagoga Espirita, até hoje, tem saído a luz para todos os cegos do corpo e da alma e a saúde para todos os males físicos e espirituais, assim também ai daqueles que isto tendo visto param no caminho, olhando para trás.

«Aceite, pois, esta Lei quem puder guardá-la; e os covardes, os pusilânimes e os que querem ganhar a vida terrena passem de largo e não assinem esta acta, assim como de largo passem pelo Templo, para que a ira do Senhor os não faça perecer. E assim como os animais que encimam a fachada do nosso Templo não deixam nenhum pecador aproximar-se da mesa do Senhor sem se lavar no sangue do cordeiro, assim também nós nos propomos defender as leis de Deus, pedindo-lhe nos destrua e ao Templo no dia em que não guardarmos este pacto — Amem.

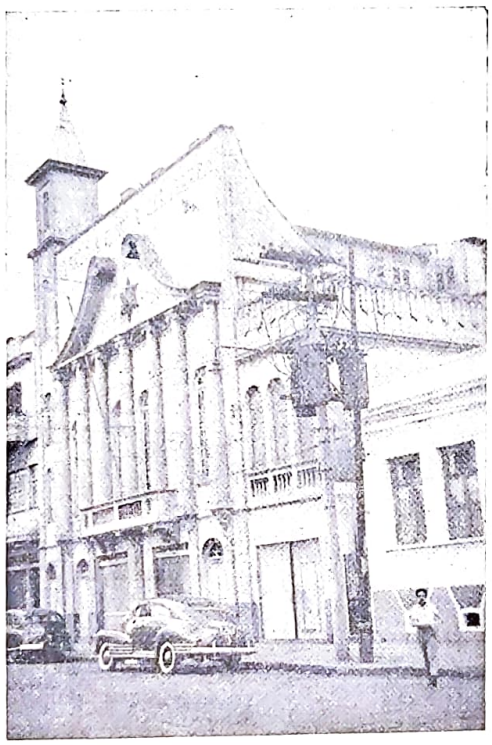
«Esta acta, uma vez assinada por todos os presentes que a este credo queiram submeter-se, será feita em duplicado, sendo uma via lançada na pedra, que formará o alicerce deste edifício, e outra arquivada na Sinagoga, para que todos os anos seja lida aos consócios e transmitida de geração em geração a todos os que quiserem entrar no reino de Deus. Juntamente com ela ficarão os jornais do dia e os que ao acto se referiram, assim como as moedas nacionais actualmente em circulação, pelas quais a humanidade perde a vida espiritual.

«E assim como lançada fica a pedra fundamental do nosso Templo, lançada fica também uma cozinha dos pobres, onde jamais baterão em vão os famintos do pão do corpo, até que esta cidade seja verdadeiramente santa e por isso mesmo habitação dos justos. — Nova Jerusalém, 17 de Abril de 1921».

★

Já viram alguma acta deste género? Aparte as possíveis discrepâncias com relação ao pensamento geral, temos de convir que se trata de coisa única no sector espirita do mundo. Vamos mais longe: António Trindade deve ter recebido do Alto a intuição para a sua obra, apesar dos termos um pouco endurecidos em que é vazado o documento, cuja leitura nos faz recuar aos tempos bíblicos do «olho por olho, dente por dente».

O certo é que a construção da Sinagoga foi concluída no ano seguinte quase a expensas de um só homem, do qual se pode discordar, mas a que se deve fazer justiça.



**A Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, de São Paulo**

O Jornal do Comércio, de São Paulo, deu ampla notícia do evento, citando o fornecimento de refeições diárias a 250 pobres, com postos nos bairros de Cambuci, Bom Retiro e Bexiga... Digam o que disserem, uma das melhores obras humanas é dar de comer a quem tem fome. Não se concebe que haja bocas famintas, quando tantos magnates respiram abundância e se intoxicam com o supérfluo. A divisão da terra obedece a linhas arbitrárias. Quem mais armas tiver é que triunfa. Não foi a lei da razão ou da necessidade que abriu caminhos ao destino do homem, mas a lei da força, que só admitimos numa ou noutra circunstância para equilíbrio da sociedade.

O nome da instituição é rebarbativo — dizem espiritas tradicionais —. «Sinagoga» é templo hebraico e o simbolismo da acta traduz misticismo incompatível com a perseverança de António Trindade. Remontar ao Velho Testamento, seguindo à letra anacronismos ou legendas proféticas, não é o rumo mais adequado à Doutrina — dizem outros —. Nós achamos que todos os caminhos vão dar a Roma e que os postulados espiritas estão onde é preciso dignificar o homem.

O que António Trindade faz é dignificante. Tem as suas directrizes, as suas fórmulas de trabalho, que muitos não compreendem ou não adoptam, mas ninguém lhe pode negar o mérito que o afirma como um dos grandes pioneiros do Espiritismo no Brasil. Quem se distingue num meio retrógrado, é espírito superior que ampliará a projecção em meio afim. Este homem de ideias e de acções é um mundo psicológico em constante irradiação. Taciturno, concentrado, observador arguto, nem por instantes abandona um projecto maduramente estudado. Podem os companheiros abandoná-lo, que ele avança sòzinho, resoluto e firme em seu critério.

★

A Cozinha, a padaria, o depósito de veículos e de mantimentos ocupam 250 metros quadrados de construção. São a mola real do empreendimento que interessou milhares de pessoas, demonstrando como se pode edificar sobre a rocha e responder à crítica solerte.

A Cozinha dos Pobres trouxe numerosos elementos ao Espiritismo, sobretudo das classes populares. Se consultarmos a Estatística verificaremos que os centros espiritas começaram a proliferar em São Paulo depois das iniciativas de António Trindade, que no Brasil se encontra há perto de cinquenta anos.

Numa população de vida oscilante a braços com graves crises de trabalho era mais lógico fundar uma Cozinha do que uma loja de modas. A Beneficência Portuguesa tem-se imposto na

vida brasileira como factor humanitário, principalmente em São Paulo, onde o seu hospital é majestoso conjunto sem paralelo nos hospitais de Lisboa, à excepção do Santa Maria, cujas instalações foram parcialmente ultrapassadas pela técnica, em virtude do edifício ter levado anos a concluir. António Trindade secundou os esforços dos nossos patrícios no tocante a um problema que ainda não foi solucionado. E pôs nele toda a boa vontade e espírito de sacrifício. Esta circunstância comprova a nossa afirmação de que na base do Espiritismo brasileiro se encontra a Lusitânia, amorável, fraterna, generosa, a construir, a impulsionar essas obras maravilhosas que visitámos de Norte a Sul e nas quais resplandece a solidariedade no seu mais nobre aspecto.

A Sinagoga Espirita «Nova Jerusalém» acudiu aos humildes de São Paulo em horas amargas enfileirando ao lado de outras associações humanitárias, brasileiras, portuguesas e estrangeiras. Dizemos portuguesas, com santo orgulho, já que a pátria-mãe está no Brasil, do simples povoado à vasta metrópole, espargindo alegria e sentimento.

Mas a Sinagoga nunca recebeu um ceitil do governo estadual. Bastou-se a si própria, como soe dizer-se, e por isso mais digna é de respeito e admiração.

Durante a revolução de 1924, chefiada pelo General Isidoro Dias Lopes, deu assistência a quantos a procuraram e agasalhou mais de duzentos associados que ali foram abrigar-se.

Um período revolucionário traz sempre desordem, luto e pavor. Pois a Cozinha dos Pobres manteve os seus departamentos em actividade e teve que fazer repetidas fornadas de pão e repetir o enchimento dos caldeirões para acudir aos famintos que lhe batiam à porta.

O General Miguel Costa, que nessa época era inspector da Força Pública de São Paulo, encareceu a acção da Sinagoga, no tocante aos abrigados e ao alimento.

Na revolução de 1930, António Trindade teve de abandonar a capital paulista, por se haver recusado a organizar batalhões patrióticos. É que a sua função não era matar. Levara uma vida a espalhar concórdia e queria ser coerente com os seus princípios.

Dias antes deste movimento vitorioso escrevera ele o livro «Não Matarás». Por isso não estava em seus desígnios tingir de sangue as mãos exercitadas no bem.

Um ano durou o exílio deste homem, mas, durante a sua ausência, os comensais, que eram 80 por dia, chegaram a 200, independentemente de côr, religião ou nacionalidade.

António Trindade, mesmo de longe, continuou a animar a Sinagoga, mandando vender propriedades, no sentido de manter o exarado na acta célebre de 17 de Abril de 1921.

★

A Sinagoga Espirita «Nova Jerusalém» não se limitava a dar de comer a quem tinha fome, nem a socorrer os nus e desamparados. Além desta, tinha outra função meritória: disseminar a doutrina espirita. E para isso fundou uma revista quinzenal intitulada Alvorada de Uma Nova Era, que António Trindade dirigiu com aprumo e independência invulgares. Lamentamos o seu desaparecimento numa altura em que a sua presença tanto se fazia sentir.

Qnase todos os órgãos espiritas se ressentem de apatia, no que respeita à expressão. Parece que algo existe de imperativo a que se poderia chamar tabu. Os postulados filosóficos não obrigam o profitente à estratificação de ideias. Se é preciso acompanhar o progresso mental e moral, devemos preencher as lacunas existentes, para que o Espiritismo resulte mais forte e homogéneo. Nisto está o seu carácter evolucionista e antidogmático.

Alvorada de Uma Nova Era, que acompanhámos de longe, enquanto viveu, reflectiu bem a posição do seu director, que se fazia acompanhar de elementos combativos, opostos por natureza à rotina dos tempos.

Um órgão de imprensa pode ser alavanca de realizações ou fomentador de discórdias. Saber manejá-lo não é tão fácil como parece. «Palavras leva-as o vento», diz o rifão. E um provérbio chinês acrescenta:

— Uma vez soltas, já não pode alcançá-las um cavalo a galope.

Isto quer dizer: cuidado com o que se diz e, sobretudo, quando fica escrito para os contemporâneos e os vindouros.

O homem liga as palavras às acções. Chama-se a isto coerência. Nunca foi ela tão necessária como no jornalismo, noticioso, político ou doutrinário.

António Trindade tem as suas opiniões e sabe defendê-las, contra tudo e contra todos. Responde com argumentos. Outros se encontram em situação igual. Também lutam, também sofrem, não medindo sacrifícios. E às vezes sucumbem na refrega. Que a vida só é digna, quando, ao fazer o balanço, não tenhamos de corar de nós próprios, como dizia Gracian. Morrer ou viver, do ponto de vista humano, é coisa simples. O difícil é honrar o trabalho, promover o bem, ensinar o ignorante e auxiliar o pobre. Isto é que poucos sabem ou querem fazer. Apoderam-se de bases estratégicas e nelas se amesendam, como se o mundo lhes pertencesse... E não admitem reparos ao seu procedimento. Consideram-se intangíveis, talvez invulneráveis.

Assim começam as guerras. A injustiça, seja qual for, instala-se no homem e produz estados de revolta surda. É como as nuvens que se acastelam e misturam. Depois vem a chuva e a tempestade.

No Espiritismo a missão do jornalista assume aspectos ainda mais difíceis. Defender a doutrina é tarefa nobilitante; mas exercê-la não é atacar os outros, como não raro se vê. Outras vezes impõe-se o esquecimento da ofensa e o domínio próprio, como exemplo de cordura.

Felizes dos que podem e sabem difundir ideias!

★

Vamos terminar o capítulo com o balanço geral do movimento da Sinagoga Espirita durante 40 anos de acção contínua, sendo 34 da Cozinha dos Pobres:

| | |
|---|---|
| Número de refeições distribuídas ..... | 2.301.070 |
| Famílias socorridas por ocasião do Natal | 73.789 |
| Peças de roupa distribuídas ..... | 28.572 |
| Consultas gratuitas ... | 284.808 |
| Pessoas atendidas com medicamentos gratuitos ..... | 21.632 |
| Total de pessoas atendidas ..... | 2.712.391 |

(Dois milhões setecentaos e doze mil trezentas e noventa e uma).

A receita foi Cr$ 1.198.997,60 e a despesa Cr$ 2.603.543,30. Houve um défice de Cr$ 1.409.545,70 coberto por António Trindade,

# Há nove anos...

Por ANTÓNIO CARDOSO

Morrem estrelas, sol do Universo.
A flor emurchece ante a semente.
Rompe-se um dique, o campo jaz imerso,
Indo ficar em luto muita gente.

A guerra estala, resta-se nervoso,
Sangue e suor de novo irão correr.
As nuvens passam, mas o sol radioso
Num só beijo faz tudo reviver!

Também há tempos, num infausto dia,
O pesar nos tocou, enquanto Lia
Subia a uma esfera de Verdade,

Legando além da sua protecção
Isto: infiltrar em nosso coração
A flor imorredoira da saudade.

*Maria G. Duarte Santos*

*fundador e presidente perpétuo desta Sociedade.*

★

*O que aí fica é um pálido resumo, à guisa de crónica, chamando a atenção para certos pontos mais edificantes de uma viagem. Quando regressarmos ao lar é possível que muitos brasileiros fiquem assombrados com o que lá existe e nos foi dado revelar, mercê de Deus e da nossa curiosidade de observador impenitente.*

*Este livro é de exposição. Mostramos o que, em nosso conceito, possui interesse. O que não referimos é porque o não apreciámos ou não merece lugar nesta resenha. Para ver tudo o que há de notável no sector espírita, necessitaríamos de alguns anos de labor contínuo. E outros tantos a compilar as notas e a meditar no esforço gigantesco de mil e um obreiros que se estendem de Porto Alegre a Manaus.*

*O Amadeu Santos andou connosco na Sinagoga. Tomou parte na digressão, nas conversas com António Trindade, nas emoções que iremos descrever brevemente. Ele sabe que somos verdadeiros.*

*Também houve emoções na Pauliceia. Isto pertence ao dia 10 de Junho, sexta-feira nevoenta que se imprimiu em nós com a* garôa. *Amanhã é dia 11. Iremos a Gusano visitar o* Grande Sanatório Jesus de Nazaré, *destinado a tuberculosos e que tem uma história digna de ser contada.*

*Hoje é dia de descanso. Vamos jantar com António Trindade, já que somos hóspedes da* Sinagoga.

*Conhecêmo-lo em Lisboa, no* Centro Espiritualista Luz e Amor, *onde dirigiu uma sessão e realizou uma conferência. Nessa época — há cerca de oito anos — demos alguns passeios juntos e tivemos ensejo de trocar impressões acerca da Doutrina.*

*Agora revíamo-lo no seu meio e apreciávamos a sua obra. As viagens têm sempre um lado bom que serve de estímulo e faz esquecer os contratempos. Se assim não fosse, onde haveria mãe que se dispusesse a novos filhos?*

*Mas há, porque a natureza está sempre a manifestar-se e não deixa adormecer o instinto que nos cinge ao progresso universal. E por isso estamos prontos a novas emoções e a novas viagens.*

Jan/59

# Demonstração científica e fenomenológica da existência do mundo espiritual

**Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA**

I

Os nossos irmãos descrentes da espiritualidade vão conhecer, pelas *Mensagens* que se seguirem, os fundamentos científicos da crença dos que militam no campo oposto, isto é, dos que aceitam, como uma verdade demonstrável, a sobrevivência da alma depois do aniquilamento, pela morte, do corpo físico em que ela se manifestava e com a qual fazia a sua vida de relação ou de convivência.

Vamos, pois, iniciar hoje uma segunda série de *Mensagens* em que abordaremos, em todos os seus pormenores, a revelação espiritista.

Ora, pouco mais de meio século depois de Swedenborg, o profeta ou médium intuitivo e de desdobramento a que fizemos larga referência no número anterior desta revista, as manifestações do mundo espiritual tomaram um aspecto de intensa curiosidade e começaram a despertar o interesse dos homens cultos do século XIX quando, em 1847, em casa dum padre protestante, João Fox, em Hydesville, na América do Norte, se produziram ruídos insólitos, que pareciam intencionais.

Atribuído o estranho facto a manifestações do demónio, as filhas do referido pastor protestante entretanto estabeleceram diálogos com o importuno hóspede invisível que, desejoso de comunicar-se, indicou uma forma mais prática de transmitir os seus pensamentos.

Simplificado o processo de comunicação, pela combinação de uma pancada indicar *a*, duas *b*, três *c* e assim sucessivamente, formando desta maneira palavras, afirmou o manifestante invisível ser o espírito dum homem assassinado e naquela mesma casa enterrado; e indicou o nome do assassino e fez referência a factos desconhecidos de todos.

E assim se apurou, perante inúmeras provas de identidade, conforme a própria família Fox o reconheceu, tratar-se da manifestação do espírito duma pessoa que tinha vivido em Hydesville. E pela mediunidade das irmãs Fox outros espíritos se manifestaram em seguida. Muda a família várias vezes de localidade, mas por toda a parte as acompanham as mesmas manifestaçõse de agentes invisíveis.

As irmãs Catarina e Margarida Fox evidenciaram-se assim, por longos anos, em curiosas sessões públicas e particulares como excelentes médiuns.

Mas durante os meses de Agosto e Setembro de 1888 Margarida Fox publicou, sob a promessa de dinheiro e por influência do Cardeal Manning, uma série de declarações no *New Herald* dando as suas faculdades e os fenómenos produzidos como uma farsa, uma pura mistificação.

Naquele mesmo ano Catarina Fox escreveu uma carta a uma sua amiga em Londres, e que foi publicada na revista *Light*, a páginas 619, em cuja carta censurava o procedimento de Margarida, por haver acusado o Espiritismo.

Aquelas falsas declarações de Margarida Fox têm sido muito exploradas pelos detractores do Espiritismo, porque eles escondem o que a mesma escreveu, quando se viu burlada, pois em 20 de Novembro de 1888 a imprensa novaiorquina fazia publicar novas declarações de Margarida Fox que dizia ter espalhado aquelas falsidades por motivos inconfessáveis. E, perante várias testemunhas, entre as quais se conta o Sr. O'Sullivan, ministro dos Estados Unidos em Portugal durante vinte e cinco anos, segundo lemos em *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira, de Outubro de 1958, ela fez declarações nos seguintes termos:

«Faço a presente retratação não só inspirada em meus próprios sentimentos de verdade e justiça, mas também estimulada pelos Espíritos que usam do meu organismo, apesar do bando de traidores que me fizeram promessas de felicidade e riqueza em troca dos meus ataques ao Espiritismo, promessas que se tornaram enganosas».

Este incidente, todavia, não embargou a expansão do interesse pelas manifestações do mundo invisível que passaram a registar-se com desusada frequência, pois já em 1850 se descobrira que, colocando algumas pessoas as mãos sobre uma mesa de três pés, esta executava movimentos não provocados pelos assistentes, levando, portanto, à curiosidade de perguntar quem era que assim se manifestava.

E assim obtiveram, por meio de pancadas dadas em quantidade correspondente ao número de ordem das letras do alfabeto, ou pela simples convenção de uma pancada significar «sim» e duas pancadas «não», ou vice-versa, assim obtiveram —íamos dizendo— mensagens e revelações que provavam a existência dum agente inteligente desconhecido, mas que quase sempre dizia quem era. Nasceu assim o processo das mesas girantes, que também se designa tiptologia.

A curiosidade de consultar as *mesas falantes* generalizou-se então, duma forma espantosa, tanto na América como na Europa.

Vários sábios dedicaram a sua atenção a este fenómeno, atribuindo uns a força actuante a movimentos musculares inconscientes, outros ao fluido magnético; e quanto às mensagens, uns atribuíam-nas à transmissão do pensamento de algum dos assistentes, outros a fraude consciente ou inconscientemente prati-

cada, outros a uma faculdade transcendente de conhecimento, e desta variedade de interpretações veio a variedade de designação como a *criptestesia* de Richet, *metagnomia* de Boirac, panestesia de Wasielewski ou telestesia de Myers.

Este último investigador, que foi professor da Universidade de Cambridge, no seu livro «*A Personalidade Humana, a sua Sobrevivência e as suas Manifestações Supranormais*», a propósito do médium Thompson diz: «Eu creio que a maior parte das mensagens provêm de espíritos que, temporàriamente, se servem do organismo dos médiuns para no-las transmitirem».

E sobre a explicação de Faraday a respeito das mesas girantes, fez o seguinte comentário:

«A explicação bem conhecida de Faraday, segundo a qual os movimentos das mesas girantes seriam o resultado da soma de muitos movimentos inconscientes, verdadeira para os casos mais simples, deixa em aberto a questão mais difícil respeitante à origem destas mensagens inteligentes transmitidas por movimentos distintos e repetidos de objectos fàcilmente móveis.

«Quando se diz que os movimentos afectam a forma da palavra desejada ou esperada, é preciso notar que isso se dá num reduzido número de casos, porque em geral as respostas fornecidas pelas mesas são das mais caprichosas e de modo nenhum em relação com o que se desejava ou mesmo se esperava».

★

Na França foi onde, desde que começou a espalhar-se a novidade de comunicar com o mundo dos espíritos, primeiramente foi encarado como digno de sério estudo o conjunto de fenómenos físicos e psíquicos resultantes daquelas comunicações, que cedo se verificou darem lugar a conclusões filosóficas e religiosas de subido valor.

E tomou a peito fazer corajosamente aquele estudo um ponderado espírito de pedagogo e de filósofo, que em toda a sua vida se orientou por este lema: *trabalho, solidariedade, tolerância.* O seu nome de baptismo foi Léon-Hippolyte Denizart Rivail, nascido em Leão em 3 de Outubro de 1804, e falecido em Paris em 31 de Março de 1869; mas foi com o pseudónimo de *Allan Kardec* que a sua actividade no moderno movimento espiritualista mundial marca a sua personalidade como verdadeiramente notável.

Nascido duma família que se distinguiu na magistratura e no foro, sentiu-se entretanto, desde muito novo, atraído pelos estudos da ciência e da filosofia.

Fequentou a Escola de Pestalozzi em Yverdun (Suíça) e tornou-se um dos mais distintos discípulos de tão notável professor.

Concluídos os seus estudos voltou para a França, e, possuíndo profundo conhecimento da língua alemã, traduziu para ela diferentes obras de educação e moral, entre as quais, o que é característico, as de Fénélon, que mui particularmente o seduziram.

Era membro de muitas sociedades sábias, entre outras, da Academia Real de Arras, que, em seu concurso de 1831, lhe coroou uma notável memória sobre a seguinte questão: *Qual o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?*

De 1835 a 1840 fundou em sua casa, rua de Sèvres, cursos gratuitos de física, química, anatomia comparada, astronomia, etc.

Entre as suas numerosas obras de educação, apontaremos, por exemplo, as seguintes:

*Plano para o melhoramento da instrução pública,* em 1828; *Curso prático e teórico de aritmética, segundo o método de Pestalozzi para uso dos professores e das mães de família,* em 1829; *Soluções racionais de questões e problemas de aritmética e de geometria,* em 1846.

Muitas outras poderíamos mencionar, por onde se vê que «antes que o Espiritismo lhe tivesse popularizado o pseudónimo de *Allan Kardec,* tinha ele sabido ilustrar-se por trabalhos de natureza muito diferente».

Colhidas estas rápidas notas biográficas na *Revue Spirite,* de Paris, número de Maio de 1869, vamos ver como o pedagogo Léon Denizart Rivail fez a sua iniciação no Espiritismo, cujos fenómenos despertaram tão grande interesse após o referido ano de 1850.

É ele mesmo que o conta nestes termos, segundo se lê em «*Obras Póstumas*»:

«Foi em 1854 que ouvi falar pela primeira vez em mesas girantes. Encontrando-me com M. Forstier, magnetizador que eu conhecia, havia muito, disse-me ele:

— «Sabeis que se acaba de descobrir no magnetismo uma singular propriedade?

«Parece que não são sòmente as pessoas que se magnetizam, mas também as mesas que giram e andam à nossa vontade».

— «É, com efeito, singular — respondi; mas isso não me parece rigorosamente impossível. O fluido magnético, espécie de electricidade, pode muito bem actuar sobre os corpos inertes e fazê-los mover».

«As notícias dadas pelos jornais, de experiências feitas em Nantes, Marselha e outras cidades, não permitiam dúvidar da realidade do fenómeno. Tempos depois tornei a encontrar Forstier, que me disse:

— «Mais extraordinário do que fazer uma mesa girar e andar, é fazê-la falar: perguntam e ela responde.

— Isso é outra questão, acreditarei se vir ou se me provarem que a mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode tornar-se sonâmbula.

«Até então permita-me que considere isso uma história fabulosa».

«Este raciocínio era lógico. Eu compreendia a possibilidade de movimento por uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenómeno, parecia-me absurdo atribuir inteligência a uma coisa material.

«Coloquei-me na posição dos incrédulos dos nossos dias, que negam, porque não podem compreender os factos».

E vem a propósito citar o seguinte facto relatado por Kardec em referência às mesas falantes a páginas 69 do «*Livro dos Médiuns*»:

«A bordo de um navio de guerra francês, estacionado nos mares da China, toda a equipagem, desde os marinheiros até ao Estado-Maior, ocupavam-se em fazer falar as mesas. Tiveram a ideia de evocar o espírito de um tenente desse mesmo navio, o qual havia falecido dois anos antes. O oficial veio e, depois de várias comunicações que impressionaram a todos, disse o que segue, por meio de pancadas:

«Peço-vos com insistência que pagueis imediatamente ao nosso capitão a quantia de (e indicou a soma), que lhe devo, e que lamento não ter podido pagar antes da minha morte».

Diz o comentador desta mensagem que ninguém tinha conhecimento desse facto; o próprio capitão havia esquecido essa pequena dívida; mas, examinando as suas notas, verificou realmente ser exacta, e a soma inteiramente idêntica. E o comentador acrescenta:

— «Perguntamos: do pensamento de quem podia ser reflexo essa indicação?»

Esta consideração final é em referência à explicação que muitas pessoas, refractárias à crença na

existência de inteligências invisíveis, dão de tais mensagens atribuindo-as aos pensamentos dos indivíduos que actuam nas mesas.

Mas tal explicação não é acertada naquele e em todos os casos em que a tiotplogia dá comunicações referentes a assuntos em que ninguém está pensando e, por vezes, inteiramente desconhecidos de todos os assistentes reunidos nas melhores intenções de observarem as reacções do mundo oculto. Porque isto de obter mensagens nestas condições — por simples pancadas indicando letras segundo a ordem alfabética, ou de ver as mesas de três pés girar sem o mais leve contacto e executando movimentos claramente subordinados a uma vontade oculta, era e é caso para chamar a atenção de quem está livre de preconceitos e de ideias feitas.

Foi o que aconteceu a Kardec e aos curiosos do seu tempo, tomando a resolução de investigar as origens de tais manifestações, reveladoras da existência de inteligências invisíveis, assunto altamente interessante que era preciso esclarecer.

O processo de comunicações por pancadas é moroso, e por esse motivo aquelas inteligências indicaram mais tarde, que, de boa fé, se dispunham a fazer largas observações e experiências, processo mais rápido utilizando a escrita com o manejo automático do braço duma pessoa possuidora de fluido magnético ou mediúnico.

E olhando o excêntrico, o sobrenatural ou o inacreditável dos factos que a fenomenologia do mundo invisível exibia então, Allan Kardec dizia:

«Há 50 anos (isto era escrito em 1854) se tivessem dito, pura e simplesmente a alguém que era possível a transmissão de um telegrama a 50 léguas e a recuperação da resposta numa hora, obter-se-ia uma gargalhada em troca, aliás bem firmada em razões científicas, que provavam a impossibilidade material do facto. Hoje, que a lei da electricidade é conhecida, ninguém o contesta, nem mesmo um campónio. O mesmo acontece aos fenómenos espiritas.

«Para quem não conhece a lei que os rege, parecem sobrenaturais, maravilhosos e, por consequência, impossíveis e ridículos.

«Conhecida, porém, essa lei, desaparece o maravilhoso, e eles não têm mais nada que repugne à razão, porque compreende-se-lhe a possibilidade».

É este, pois, o caso da insistência que empregamos na recomendação que fazemos a todos que encaram estes assuntos psíquicos com demasiado cepticismo ou com bem manifestada disposição de mofa ou de crítica chula: estudem os assuntos que se ligam com a ciência da alma, ou meditem nas conclusões daqueles que os estudaram, e verificarão como tudo se torna compreensível e aceitável.

Não fazer assim, e simplesmente insistir na negação e na incredulidade, é fazer a figura do cego teimoso que, não querendo aceitar como bom o caminho que lhe indicaram, se perdeu na primeira volta de esquina por onde seguiu.

# CRÓNICA DE ANO NOVO

Por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Baía)

*Escoaram-se os 365 dias de 1958 e um novo ciclo anual começa, hoje, acendendo nos corações as mesmas esperanças de que foi portador o ano extinto.*

*Em todo primeiro de Janeiro é assim: o povo recobra ânimo, experimenta uma emoção diferente, julga que vai ser muito feliz.*

*Quando chega o último dia de Dezembro é que muitos dão balanço nos acontecimentos dos doze meses transcorridos, e então reparam que o ano não foi tão favorável e próspero como almejaram. Malograram seus mais fagueiros ideais, suas mais caras aspirações malograram!*

*Contudo, não desanimam. Preparam-se para recepcionar o outro ano que vem. E como ao que se passou, chamam a esse, acolhedoramente, de Ano Bom, porque ele desponta sob os mesmos augúrios populares e tem o condão de ressuscitar as esperanças mortas...*

*Este 1959, que surpresas trará à pobre Humanidade?*

*Se de ano para ano as coisas pioram, a vida fica mais difícil de ser vivida, as incompatibilidades mais se alteiam entre os homens e as nações — que de bom nos é lícito esperar, agora, ao longo desse espaço de tempo que se fechará no derradeiro dia de Dezembro?*

*É quimérico pensar numa paz efectiva para o mundo, quando as grandes potências, separadas inconciliàvelmente por antagonismos políticos e ideológicos, só cuidam de aumentar o seu poderio bélico...*

*Impossível é fazer que os exploradores do povo adquiram consciência e honestidade. Que haja casa para se morar e que os senhorios se detenham na sua avidez de elevar extorsivamente o custo dos aluguéis.*

*Embora não sejamos pessimistas, preferimos encarar a realidade, sem fantasia. O mundo continua a ser dos gananciosos, dos incorrigíveis adoradores de Mamon.*

*A luta dos humildes pela subsistência vai ser mais árdua, mais penosa do que em 1958.*

*Aí vêm maiores angústias e sofrimentos para o povo.*

*Não esperemos melhoras, que os sofrimentos são mesmo as consequências dos erros humanos.*

*O que importa é estarmos prevenidos e conjugarmos todas as nossas energias morais e espirituais para enfrentar, varonilmente, os dias aflitivos que nos estejam reservados neste enigmático ano de 1959, cujo advento ainda há pouco o povo festejou com vivas e foguetório...*

UM CASO EXTRAORDINÁRIO

# Previsão espiritual acerca de um futuro escritor

Por DON PENNY

**Bill Hopkins foi aclamado génio pelos seus camaradas escritores, mesmo antes da publicação do seu primeiro livro.**

**Muito anteriormente à época em que seus amigos se apereceberam das qualidades do seu estilo, o talento de Hopkins foi reconhecido e a sua fama prevista pelo mundo dos espíritos. Levado pela chuva a uma sessão de Espiritismo recebeu ali uma mensagem que o médium Joseph Benjamin proclamou como oriunda do grande romancista francês Vítor Hugo.**

**A história do que aconteceu naquela noite, como a doutras evidências tendentes a ligar Bill Hopkins a Vítor Hugo, vão aqui relatadas pelo jornalista não-espirita Don Penny.**

Foi Vítor Hugo quem primeiro descobriu Bill Hopkins, o último do grupo «Angry Young Man» («Os jóvens encolerizados») e autor do livro «O Divino e o Corrupto» que tanto confundiu a crítica literária. E foi Vítor Hugo, morto em 1885, que predisse a sua corrida para a celebridade.

Em 1950 eu e Bill Hopkins errávamos nas ruas ínvias de Londres — caminhando, conversando e juntando algum dinheiro para chávenas de café.

Hopkins, nessa data, poeta existencialista, admirador de Sartre e Stig Svensen, acabava de regressar de Paris e dum longo vagabundear pelo continente. Eu, naquela noite, procurava assuntos para a minha coluna semanal no «Penge and Anerley News».

Hopkins, sujo e com a barba por fazer, estava numa das suas mais terríveis disposições, nesse estado de espírito em que mergulhava para criar o mórbido ditador do seu romance. Durante algum tempo caminhávamos em silêncio, até que começou a chover. Corremos para o passeio abrigado por algumas árvores duma rua de casas sombrias e mal cuidadas, mas os ramos nús ofereciam fraca protecção. Instintivamente dirigimo-nos para o brilho pálido duma insígnia luminosa e em poucos momentos encontrávamo-nos dentro dum vestíbulo envidraçado que abria para um compartimento em forma de capela.

## QUERIA PARTIR

Em frente erguia-se um pequeno estrado e num dos lados um orgão insuflado à mão. Alguém dava notícias de reuniões e da necessidade de mais fundos, sem que a assistência lhe prestasse atenção — até que um enérgico homenzinho, de fato azul velho, foi apresentado como sendo Joseph Benjamim, o famoso médium de East End.

Hopkins quis deixar o recinto. Foi então que Benjamim começou a falar da sua fé no «Além» — num longo e lúgubre monólogo suspenso sobre a assistência como negro pano mortuário.

— Estou a ver uma caneta — disse ele, abruptamente, e creio que está na sua mala de mão, minha senhora.

Uma mulher, completamente espantada, abriu a malinha e exibiu uma caneta.

Benjamim disse-lhe então — «Foi o seu falecido marido que mo disse».

No meio dum discurso sobre o poder dos guias interrompeu-se para dizer:

— Estou vendo um livro... lá fora, no jardim, junto ao pilar.

Segui com a vista o seu dedo apontado para Bill Hopkins, que estava tão espantado como a velha senhora da malinha. Mas antes que Hopkins pudesse expressar o seu desagrado, Benjamim começou a descrever as dificuldades enfrentadas pelos escritores, as suas mentes torturadas e a fé intensa no valor do seu trabalho. Então dirigindo-se directamente a Bill declarou:

— Estou a ver um homem atrás de si. Está nìtidamente de pé. É um guia e o seu nome é Vítor Hugo.

Já excitado, acrescentou:

— É esta a primeira vez que tomo contacto com um nome tão famoso, pois habitualmente os guias são familiares ou amigos íntimos.

Comecei a tomar notas enquanto Benjamim continuava:

— Vítor Hugo escreveu muitos livros e entre eles «Les Misérables» (ele pronunciava: Leess Miserables»). Não sou muito instruido, mas sei que Vítor Hugo não acreditava em Deus. Retractou-se no seu leito de morte, dizendo qualquer coisa acerca disso: «O Inverno está na minha cabeça, mas a Primavera está no meu coração....

Benjamim voltou-se então para Hopkins e perguntou:

— Quem é o senhor?

— Um escritor.

— Conhece Vítor Hugo?

— Certamente!

— Ele diz que «não se preocupe. Continue como até aqui e escreverá um livro.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Penso que o livro versará o Espiritísmo.

Pouco depois deste encontro com Vítor Hugo perdi o contacto com Bill Hopkins, só o voltando a ver quando há poucas semanas regressei de África. Fui encon-

trá-lo num quarto sujo em Notting Hall — mas agora havia ali jornais, novidades...

Uns tinham-no apontado como «um génio com estilo próprio», um «rebelde» e «um megalómano». Outros artigos eram encimados por títulos como este: «Cresça ou Desapareça» e «É um génio — diz ele!».

O seu livro foi aplaudido por alguns críticos literários e criticado por outros.

Muitas cartas de escritores famosos misturaram-se pelo quarto com convites para visitar a Jugoslávia, a França e a Alemanha numa digressão de conferências.

— E que me diz agora sobre Vítor Hugo? — perguntei.

— Tudo isso é estranho — respondeu. Mas eu não posso esquecer aquela noite. Onde quer que vá parece que me cruzo com ele — que os meus caminhos se entrecruzam com os dele, apesar de tão diferentes...

## O MESMO CAMPO

Hopkins disse ter ido para Sark, afim de erguer o cenário para a sua novela acerca dum ditador diabólico e ali ter descoberto cavernas nomeadas por Vítor Hugo e que este tinha estado exilado na vizinha ilha de Guernesey:

— Pouco antes começara eu a gizar um estudo sobre a figura de Oliver Cromwell, só para vir a saber que Vítor Hugo tinha escrito um no mesmo campo e sobre o mesmo tema e que o abandonara. Pela minha parte deixei de escrever o meu.

— Você acredita na possibilidade de ser o próprio Hugo?

— Eu não, mas as pessoas que lerem o que você escrever podem pensar que sou. E se o pensarem eu ressinto-me disso e não gostaria que se creditasse a Hugo o que penso e o que escrevo. Mas, de facto, interessar-me-ia saber o que ele julga agora de mim.

A seguir pegou num recorte de jornal e comentou:

— O bispo de Chester pronunciou um sermão sobre a minha pessoa e por isso devo estar perto da verdade da predição de Vítor Hugo.

## COMENTÁRIOS SOBRE BILL HOPKINS E VÍTOR HUGO

**por Fred Archer**

*«Algumas das passagens mais sombrias do seu livro lembram-me «Os Homens do Mar». Esta citação é extraída duma carta enviada a Bill Hopkins por Mervyn Saville, o eminente tradutor de Herman Hesse, que é tido como o maior escritor vivo.*

*A comparação entre a sua novela «O Divino e o Corrupto» e o famoso livro de Vítor Hugo não foi recebido com muito calor por Bill Hopkins.*

*«Não tomo isso como um cumprimento» — disse-me ele durante uma conversa que tivemos após Don Penny me ter trazido o artigo que publicamos nesta página.*

*Mas é outra estranha coincidência que parece ligá-lo de certo modo a Vítor Hugo e ele julga horríveis estas multiplicações; como muitos artistas criadores, repele a ideia de que está sendo «usado» por Hugo ou qualquer outro.*

*Eu próprio sou bastante céptico ante pretensões à inspiração directa vinda das grandes figuras do passado. Mas, quando o objecto de tal sugestão demonstra um talento notável, a possibilidade merece pelo menos uma investigação séria.*

*Expliquei a Hopkins que empregar o termo «usado» era centrar mal a questão. Muitos escritores, e entre eles Milton, Blake e até Kipling, acreditaram ter recebido inspiração doutras regiões.*

*Se um Hugo que continue vivo verificasse que Hopkins, com a sua grande habilidade para escrever, tinha ideias afins das suas, natural seria interessar-se pelo trabalho dele.*

*E o que Hopkins não sabia era que Hugo, durante o seu exílio em Guernesey, se dedicara a investigar fenómenos psíquicos e a desenvolver os seus próprios dotes de médium.*

*Denis Saurat, Professor de Literatura francesa na Universidade de Londres, discutindo comigo as comunicações recebidas através de Víctor Hugo, afirmou-me:*

*— Contêm realmente um grande sopro de poesia comparável aos seus melhores trabalhos e, no entanto, tão profundamente diferente, que só podem ser atribuídos a um poder mais alto.*

*Mas Bill Hopkins não é fácil de convencer. Manterá um ceptismo severo até que dados firmes lhe baseiem uma conclusão. Mas eu sou de opinião que está intrigado com o que aconteceu e de espírito aberto à verdade, seja ela qual for.*

*Na sua contribuição para a «Declaração» — o livro dos «Angry Young Men» que produziu tão grande furor literário alguns meses atrás — ofereceu-nos uma análise das religiões ortodoxas nas suas imperfeições, alguns passos que seriam adequados fàcilmente à coluna principal de qualquer jornal espirita.*

*O romance excedeu o padrão da sua fama de «génio com estilo próprio (uma reputação que nunca procurara) e a dum «Angry Young Man» (um nítido amontoado de jornalistas discutíveis), alcançou os aplausos da crítica e fez dos seus pares apenas velhos agastados.*

*Se não for por outra via, alinhará por esta ao lado do Espiritismo — que já tem angustiado tantos outros homens!*

**Fred Archer**

**(Do «Psychic News» de 22 de Fevereiro de 1958)**


# MEDICINA NATURAL

**Mensário de vida sã, profilaxia e cura**

Director e Proprietário — **Isidoro Duarte Santos**

**Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA**

**Uma revista de grande utilidade e oportunidade dedicada à saúde do corpo, através de cujas páginas há conselhos de higiene, ensinamentos profilácticos, receitas vegetarianas, orientação mental, etc., etc.**

**32 páginas de leitura variada**

**Preço da assinatura anual — 40$00**

(Envia-se um exemplar gratuito a quem o pedir)

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

57

**TERNURA**

Amigo radiouvinte:

Na vida que passa há sempre um quadro a reflectir as almas. Não há necessidade de procurá-lo. Vem ter connosco, oferecer-se à observação, como quem diz:

— Não se perdeu tudo, apesar da maldade humana.

Quando é preciso, o quadro vem. E a dureza dos corações esconde-se um pouco à vista do exemplo.

Porquê, não sabemos. No fundo talvez seja egoismo, coisa difícil de entender e que alguns dizem estar na base do altruismo. Sendo assim, é possível que se toquem...

Isto vem a propósito de uma notícia da Agência ANI que «O Século» poetizou em requintes de ternura, sob um título romântico: «Corrida pelo mundo à procura de um pêssego para o menino que morre». Gostei de ler a crónica. O articulista não era vulgar. As tintas do quadro embelezavam o assunto e o seu verbo diluía-se em bondade e caridade.

O caso é simples.

«Tinham-lhe levado tudo o que uma criança pode desejar: uma bola e um urso branco, um comboio eléctrico e um soldadinho articulado. Fez ontem 10 anos e até a própria Morte decidira conceder-lhe um prazo. Febril, de olhos tristes, espiou tudo. A mãe, junto da cabeceira do leito gèlidamente branco do hospital londrino, sorriu para o poqueno moribundo.

«— Mãe — disse ele num cicio — eu só queria um pêssego!...»

O articulista diz que era pedir a Lua, «porque os ingleses, em Dezembro, quando falam em fruta é como se evocassem um mito». O certo é que a pobre mãe alanceada correu por toda a parte, como se um pêssego lhe pudesse restituir o filho amado. Foi aos hotéis, aos restaurantes, às casas de luxo, impelida pelo sentimento, atrás daquela miragem... A mãe em tudo crê, desde que o filho esteja em causa. Tudo faz por ele. Como dizia João de Deus,

*Não é mais fundo*
*O mar no equador,*
*Nem todo este mundo*
*Maior que esse amor!*

E por isso ela continuou a correr e a pedir... Não havia pêssegos em Londres, mas podia ser que os houvesse noutra parte do mundo...

Nesta angústia dirigiu-se a um jornal. Estava lá um homem bom e logo o apelo surgiu em grandes parangonas. Foi rastilho que originou grande movimento.

Os telefonemas internacionais fazem vibrar os microfones, a rádio envia mensagens aos navios, o «Sterling Castle» responde da Biscaia oferecendo uma caixa de pêssegos ao moribundo. E se um helicóptero os fosse buscar?... A distância e o mau tempo obriga a pôr de lado a hipótese...

A força aérea americana tem um avião pronto a sair para trazer o precioso carregamento. Digam-lhe onde é, que ela irá... Finalmente, dirige-se ao Palácio Real de Buckingham, mas também ali se não encontra o fruto que buscava...

Ela volta ao hospital.

— Mãe, quero um pêssego!...

— Deixa, filho, que os homens andam à procura dele!...

Sim, os homens condoídos, que entenderam aquele drama, como se deles fosse... Esses é que buscavam um pêssego destinado à criança que a morte escolhera para seu repasto. Não era a boca, não era o estômago. Era o grito da aflição que se alargara no público e se amplificara nas almas. E um oceano de instinto empolgou os homens.

O fino instinto das almas, que são todas sentimento — dizia Rebelo da Silva — é adivinhar os motivos dos sacrifícios generosos.

Estes estavam ocultos e ocultos ficariam sempre. Que o espírito ignora a origem de certos impulsos. Sente impressões que não explica. Vai atrás de um pensamento. É a borboleta e a luz radiosa.

Mas os homens não podem tudo. Eles estão alerta. Da Costa Azul informam que os frutos poderiam seguir de avião, se lá os fossem buscar. E o veículo fretou-se e a R. A. F. manteve-se vigilante. Apesar do nevoeiro, quatro aeródromos se mantinham abertos para receber o avião.

Quando ele surgiu no espaço, de regresso do Sul da França, e poisou em Gatwick, após manobra suicida de um piloto de 28 anos, o frémito apoderou-se de quantos o aguardavam no aeródromo. Era a luz, era o santelmo naquela mãe ansiosa.

Os caminhos de ferro participaram na acção. O comboio seguiu a toda a velocidade...

Na grande metrópole continuou a luta contra a morte, para que o moribundo levasse da vida terrena uma impressão de conforto. E a caixa de pêssegos é entregue no hospital...

«Nesse momento — exclama o articulista — o pequenito adormecera. E os frutos ficaram à sua cabeceira, junto da bola e do urso branco, do comboio eléctrico e do soldadinho articulado. Ficaram, porque os homens quiseram»...

Talvez já não precisasse deles...

A mãe dissera-lhe que teria pêssegos no dia de anos, que muita gente se esforçava para lhos trazer, que vários apelos haviam sido lançados pelo mundo fora...

Disse tudo isto ao filho amado, num hospital de Londres.

Até que o desejo foi satisfeito. E então não era um pêssego sòmente. Era um cabaz vindo da Riviera Francesa e alguns caixotes da Grécia, da França, da África do Sul, dos Estados Unidos!...

Mas o doentinho só pôde comer um. Naturalmente ficou satisfeito, pronto a morrer feliz, agradecido e sereno, certo de que nem tudo era maldade à sua volta.

O câncer da perna levava-o agora para regiões desconhecidas. O mundo tornava-se-lhe cada vez mais nebuloso, como retrato desfocado.

Os frutos que de longe vinham jaziam inertes ao lado de um ser que lutava com a morte e não podia fugir ao seu destino.

E quando tudo parecia extinguir-se em torno dele, quando o cre-



E. Psiq. - jan/59

púsculo lhe apagou a última esperança, titubeou num murmúrio:

— Mãe, agradeça aos homens que me trouxeram o pêssego!

Há ou não há ternura neste quadro patético, onde as almas se espelham? Por isso cada vez me convenço mais de que o Espiritismo tem grande missão a cumprir...

Adeus, amigo radiouvinte. Sei que darias um pêssego ao moribundo, se o tivesses, porque eu também o daria, mesmo que fosse necessário implorá-lo...

58

## TRABALHO

Amigo radiouvinte:

Não sei como hei-de principiar a crónica. Falta de assunto, falta de inspiração? Às vezes a dificuldade não está nas ideias, mas na maneira de as apresentar. É como quem trauteia um cântico ou escreve uma palavra.

Em geral, quando escrevo, idealizo primeiro o quadro, com seu ambiente e suas personagens. Depois construo. Pode o material ser bom, adequado ao edifício; se a técnica for deficiente, o resultado ficará muito aquém dos objectivos. Outras vezes não idealizo. Pego nos factos e deles extraio a porção de humanismo que contêm. E faço tudo alegremente, porque é esforço que me afasta de grandes males.

Coisa que não interesse a comunidade, também me não interessa. E o tempo é tão escasso para se malbaratar em frioleiras!...

O código do escuteiro impõe uma boa acção diária. Não basta evitar o mal, é necessário praticar o bem.

Assim, falando de trabalho, exaltando-o, proclamando-o lei da vida, cercearei lugar ao tédio, ao vício, à necessidade. No trabalho não se maldiz. Há boa disposição.

O homem sabe que deve ser útil. Trabalhando, colherá o que semeou. Mesmo fraco, sentirá força de razão, como diria Gustave Le Bon.

Mantegazza escreveu:

— Passar ràpidamente de um trabalho a outro é carácter próprio de grandes cérebros.

Eu não sou grande cérebro e preencho a cláusula do higienista italiano. Porque me distrai e anula a monotonia do trabalho em série.

No fundo, o trabalho é optimismo e felicidade. Que alegria não sente o obreiro ao receber o salário! Ganhou-o, pode gastá-lo, como lhe aprouver. É libertação.

Severo Vaccaro era cidadão argentino que trabalhou sempre desde a mocidade. Torneiro, jornalista, dono de empresas, milionário, tudo conseguiu sem alarde, firmado em generosidade e modéstia. Foi o que se pode chamar um modelo dos tempos hodiernos.

— Trabalhemos! — exclamava ele, com todo o entusiasmo da sua vontade —. Bendito seja o trabalho! Se dignifica o valor das agrupações humanas, esforcemo-nos por aumentar os seus adeptos. O bom, o útil, o são dever é difundi-lo. Todas as manhãs se apresenta sorrindo a reclamar-nos energias acumuladas no sono reparador, convencendo-nos de que as máquinas humanas se atrofiam, se não exercitam a força no movimento.

Vaccaro compreendia o trabalho, como fonte de vida plena. Sabia que a tristeza se dissipa em obras proveitosas e trabalhava para andar alegre, exclamando:

— Os que não trabalham vivem à custa dos outros!

Esta afirmação englobava os parasitas de existência efémera, semelhantes às plantas que elanguecem e morrem, quando desaparece a seiva que as mantém.

Legauvé considerava o trabalho circunstância atenuante na vida que somos levados a viver. Não há dúvida. Eu estou de acordo e lembro a sentença de Salomão:

— Um pouco dormirás; outro pouco dormitarás; outro pouco ainda cruzarás as mãos; e virá sobre ti a indigência como um caminheiro e a mendicidade como um homem armado.

Para que não surja tamanha calamidade é que o trabalho veio em nosso auxílio. O facto de nada fazermos conduz ao tédio e à desgraça moral. Eu prefiro tudo à negligência que desautoriza e corrói.

Severo Vaccaro, que ponho em relevo neste momento, foi um homem activo e honesto no mais alto sentido da palavra. Quase todos os trabalhadores o são, porque avaliam o esforço que as obras demandam. Os indolentes, pelo contrário, julgam-se privilegiados da criação e não compreendem o altruismo do facto que vou contar.

Vaccaro tinha uma agência de lotarias e certo funcionário aposentado pediu um bilhete. Depois viu que não tinha dinheiro suficiente e desistiu da compra, apesar de insistirem para que a levasse.

O bilhete ficou guardado na caixa do estabelecimento. Dias passaram sem que alguém o reclamasse ou pagasse. Quando se realizou o sorteio, coube-lhe o primeiro prémio de cem mil pesos.

Qualquer pessoa habituada aos formalismos sociais diria que o bilhete era de Vaccaro e por isso o prémio lhe pertencia.

Vaccaro, porém, não escutou os que lhe propunham semelhante coisa. Chamou um táxi e foi a casa do comprador, que ficou surpreendido com a visita. E a breve trecho estabeleceu-se o seguinte diálogo:

— Você desculpe, Vaccaro; mas eu não trouxe o bilhete, porque não tinha dinheiro.

— E agora?...

— Também não. Só tenho em casa um peso e trinta.

— Pois venho dizer-lhe que o bilhete obteve o primeiro prémio. Aqui o tem. É seu...

Não vou descrever o efeito das palavras de um homem, cuja honestidade tocava as fronteiras da renúncia. Quero frisar, todavia, que o caso foi narrado pelo autor no livro «Páginas Dispersas» e que terminava com as seguintes palavras:

«Marquei o acontecimento com todos os pormenores para que algum leitor diga se era capaz de fazer o mesmo».

Se eu fosse leitor da sua obra, não sei que reacção teria, embora o meu lema seja trabalho permanente em benefício da humanidade.

Vaccaro seguiu o impulso do instinto amadurecido pela consciência. Em juízo, talvez o prémio lhe coubesse, tanto mais que o comprador reiterou o desejo de não comprar o bilhete.

Geralmente, os ambiciosos são os que menos trabalham. Ligam-se ao primeiro esforço. O resultado é trampolim para nova posição, menos árdua e mais lucrativa.

Sei que a maioria dos homens são trabalhadores honrados. Andam jungidos à obrigação imanente ou contraída. Pensam como Lemaitre: «Para as almas dotadas de boa vontade, não há um minuto que não tenha o seu dever».

O Espiritismo oferece a lei moral do trabalho a quantos a queiram seguir. Em minha opinião é a maior das leis. Cinjamo-nos a ela e tudo nos virá por acréscimo. As dificuldades e os contratempos serão espinhos de um roseiral que enche de júbilo o coração.

Eu não sabia como principiar a crónica, nem como argumentá-la, para concluir, com Eurípedes, que o trabalho é o pai da glória e da ventura e que sem ele não pode haver progresso.

Desculpa, amigo radiouvinte. Nem sempre se diz o que se quer. Diz-se o que se pode.

Boa noite e até à próxima.

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## A «CASA DA MÃE POBRE» E «LA REVUE SPIRITE»

*La Revue Spirite*, de Paris, fundada há 100 anos por Allan Kardec e dirigida pelo nosso confrade e amigo Hubert Forestier, um dos mais acérrimos batalhadores da causa em França, publicou no seu número de Novembro-Dezembro a seguinte notícia acerca da *Maternidade «Casa da Mãe Pobre»:*

«Temos falado muitas vezes do Brasil espirita e nunca será demais fazê-lo ante as notáveis, generosas e — porque não dizê-lo? — prodigiosas realizações dos nossos amigos deste país, quer no domínio da observação, quer da propaganda e da acção social.

«Prodigiosa no domínio social, oferecemos hoje uma nova prova aos leitores, pondo em sua frente a maqueta da *«Casa da Mãe Pobre»*, em construção na Rua Ibituruna, 81, próximo do centro do Rio de Janeiro. O seu presidente, Henrique Magalhães, enviou-nos um relato edificante.

«Esta fundação, que compreenderá brevemente 376 leitos dos 500 previstos, algumas dezenas dos quais a pagar, destina-se exclusivamente às mães pobres. Será a maior maternidade do Brasil, não só no meio espirita, mas também entre as outras maternidades deste vasto país. Com 110 metros de comprimento, a sua fachada será de 16m,50, acrescentada no centro com 32m,50. A superfície total será de 17.000 metros quadrados. Terá cinco salas de operações, um banco de sangue, um laboratório completo, uma sala de raios X e um berçário de 50 camas. Haverá consultas pré-natais e dentárias, etc., etc.

«Esta *«Casa da Mãe Pobre»* elevará a 25 as obras de assistência espirita no Rio de Janeiro: hospitais, clínicas, asilos, lares para velhos e crianças, sem contar com escolas, cursos de costura, berçários, albergues, etc., também em grande número, fundados e mantidos pelas agremiações espiritas.

«Se estas realizações impõem respeito às autoridades e à opinião pública, relativamente à doutrina espirita, inspiradora de todos estes actos beneficientes, os nossos amigos demonstram-nos a sua alegria, sobretudo por poderem ser úteis aos semelhantes e aliviar o mais possível o sofrimento e a miséria.

«Novamente os felicitamos calorosamente, sentindo que a modicidade dos recursos espiritas europeus nos não permitam seguir o seu grande, o seu nobre exemplo, bem digno da protecção espiritual do nosso fundador Allan Kardec.

«Por outro lado saudamos fraternalmente Henrique Magalhães, presidente desta *«Casa da Mãe Pobre»*, exprimindo-lhe todos os nossos incitamentos, bem como aos seus colaboradores, para que, durante longos anos, possam cumprir honradamente a sua tarefa».

Em nome da *Maternidade «Casa da Mãe Pobre»* agradecemos à *Revue Spirite* as palavras de justiça que inseriu em suas páginas a respeito de uma instituição que, por si só, é um dos mais nobres exemplos de caridade e fraternidade.

## CONGRESSO ESPIRITA MINEIRO

Em 22, 23 e 24 de Junho de 1958 realizou-se em Belo Horizonte o 3.º Congresso Espirita Mineiro e ao mesmo tempo comemorando o 50.º aniversário da União Espirita Mineira, com a presença de representantes de 152 instituições da capital e do interior do Estado.

Pelo relato do *Espirita Mineiro* soubemos que o certame foi animado pelo nosso bom amigo Dr. Ademar Dias Duarte, Director Geral do Congresso, redactor-chefe deste periódico e Director da Escola Pascoal Commanducci.

Foi uma verdadeira jornada de propaganda, na qual se procurou visar a organização administrativa do Espiritismo, a exemplo do que a União Social Espirita de São Paulo realizou no seu Estado.

É-nos impossível dar uma ideia do entusiasmo que pairou neste acontecimento ligado a vinte e tantos municípios em que a Doutrina mergulhou raízes, neles mantendo obras fraternais que o tempo não destrói, antes fortalece e amplia numa cruzada promissora. Ao mesmo tempo serviu para estreitamento de relações.

Atento o reduzido espaço de que dispomos resumiremos as *Conclusões* do Congresso:

1.ª — Organização do Espiritismo em Minas Gerais nos seguintes termos, com vistas à unificação: *a*) Fidelidade aos princípios do Espiritismo científico, filosófico e religioso; *b*) respeito e acatamento ao Conselho Federativo Espirita de Minas Gerais, órgão da União Espirita Mineira, ao qual se filiarão os Conselhos Regionais; *c*) onde houver duas ou mais entidades espiritas, criar-se-á a Aliança Municipal Espirita, que terá como órgão o Conselho Espirita Municipal, composto de representantes dos Centros e entidades espiritas das cidades e dos distritos.

O Conselho Regional Espirita colaborará com as Alianças Municipais, com as agremiações de sua jurisdição que sofram violências ou arbitrariedades, dará parecer sobre a fundação e localização de obras assistenciais e activará os trabalhos das *Juventudes* e *Mocidades Espiritas* e as tarefas dos Centros com relação à evangelização da criança.

*2.ª conclusão — a*) criar cursos de orientadores de infância e respectivos programas; *b*) instituir *Departamentos de Mocidade ou Juventude* nos centros onde não existam; *c*) preparar os jovens para trabalhos doutrinários; *d*) recomendar a reunião semanal «Culto do Evangelho no Lar», onde se estudem lições espiritas associadas ao Evangelho; *e*) intensificar a campanha moralizadora «Juventude Transviada».

Foi também ratificada a seguinte *Declaração de Princípios* aprovada no 2.º Congresso de 1952 e que *deverá ser inscrita no pórtico das casas espiritas de Minas:*

Os espiritas crêem:

I — Na existência de Deus, inteli-

gência e causa suprema de todas as coisas;

II — Na existência da alma, unida, durante a vida terrena, ao corpo físico perecível, por um elemento intermediário chamado perespírito ou corpo etéreo;

III — Na imortalidade da alma, sua evolução contínua até à perfeição, por estágios progressivos, sua reencarnação sucessiva em planos de vida correspondentes ao seu estado de adiantamento;

IV — Na responsabilidade individual e colectiva entre todos os seres, segundo a lei de causalidade;

V — Na comunicação dos vivos com os chamados mortos.

VI — Que, pelo conhecimento exacto de tais expressões e vida pautada em tais normas, estarão praticando a verdadeira religião.

Aos valentes confrades mineiros apresentamos as nossas saudações com desejos de novos triunfos.

## TRÊS FENÓMENOS CURIOSOS

O que vamos narrar respigámo-lo em *Fate Magazine*. Não se trata de coisa retumbante, como às vezes sucede, mas nem por isso deixa de ter o seu interesse psíquico. Por isso arquivamos os três casos à espera de algum estudioso que os tente explicar melhor.

O primeiro é narrado pelo sr. Bryan F. Parkes. Diz que um dia, ele, seu pai e um amigo viajavam de automóvel em direcção a Nottingham. O tempo estava sombrio e havia troços da estrada inteiramente encovados, obrigando-os a marcha muito lenta.

Num dos mais perigosos, rente ao lago Rudgard, seguiam em longa fila separados apenas por alguns centímetros. A visibilidade estava reduzida a zero.

— Olhar pelas vidraças laterais — escreve — dava-nos a impressão de que recuávamos a grande velocidade, uma ilusão que meu pai dizia ter experimentado muitas vezes, quando guiava em momentos de nevoeiro. Sùbitamente fomos alarmados pelo som contínuo e impaciente de uma buzina acompanhado do ruído de um motor potente. Sem qualquer aviso, enorme carro nos ultrapassou num relâmpago, como se fosse dia claro. Três pessoas o viram e perguntaram se o acontecido fora motivado por nervos e olhos cansados ou se teria sido fenómeno sobrenatural. Por estranha coincidência, um carro se despedaçou uma semana depois no mesmo local da estrada.

E o sr. Bryan F. Parkes pergunta aos leitores:

— Teria sido ilusão óptica ou visão do futuro?...

O segundo caso é contado por um leitor e refere-se ao aviso de morte de sua mãe.

Na madrugada de 17 de Setembro de 1917 a mãe da articulista acordou a gritar. Toda a família se levantou assustada e a progenitora explicou então que vira em sonho o filho Harry, morto por uma bala e clamando:

— Mãe! Mãe!

Harry estava em França, no Corpo Expedicionário, e a pobre senhora ficou tão combalida, que chamaram o médico, a fim de acalmá-la com sedativos. Entretanto apontaram a data do acontecimento.

Quinze dias depois receberam um telegrama do Ministério da Guerra, notificando-os da morte de Harry em combate em Marvel, no mesmo dia.

No ano seguinte um camarada de Harry declarou que este morrera numa árvore e que momentos antes dissera: «Mãe! Mãe!»

O terceiro é devido à pena da sr.ª L. A. Larkin.

«Em 1949 — diz ela — meu filho e minha nora sairam para o trabalho, deixando o bebé a meu cuidado. A criança tinha 8 meses e era meu hábito colocá-la no berço, sobre o relvado em frente de casa.

«Assim o fiz no domingo de Páscoa, mas senti estranha necessidade de localizar o berço mais longe, a muitos metros da janela. Uma hora depois ouvi um súbito fragor. A janela do quarto de dormir, que estava arrancada, deu de si e caiu precisamente no sítio onde eu colocava habitualmente o bebé. Todos os vidros se partiram, assim como os caixilhos. Se não fosse a minha ideia, o menino teria ficado gravemente ferido».

Há ou não há muita coisa que transcende a nossa vã filosofia?...

## O ESPIRITISMO NA ARGENTINA

A revista *Ahora*, de Buenos Aires, dá a seguinte resenha do Espiritismo na Argentina:

«Na Argentina, embora em menor proporção que na França, Inglaterra, Estados Unidos e Brasil, onde há colégios espiritas de grande envergadura, notam-se organizações de grande responsabilidade e bela trajectória, onde o problema é estudado a fundo.

«Cabe mencionar nesse sentido a velha *Sociedade Constância*, fundada pelo Dr. Cosme Mariño e frequentada por notáveis figuras da nossa história; a *Confederação Espirita Argentina*, que atingiu 58 anos de actividade constante e a *Escola Científica Basílio*. Estas duas últimas têm centenas de filiais disseminadas pelas regiões mais afastadas da capital da república.

«Há outras instituições colaterais e de objectivos coincidentes, como a *Missão de Jesus*, onde se está desenvolvendo uma verdadeira falange de telépatas, capazes de produzir milagres *(sic)*; as *entidades teosóficas*, cuja acção se exerce nas esferas intelectuais; o *Círculo Payke*, verdadeira faculdade de estudos metapsíquicos, animada pelo incansável apóstolo espirita Mânio Rinaldini; os centros estrictamente científicos, como o *Instituto de Parapsicologia* e o *Centro Argentino de Estudos Parapsicológicos*, organismos estes fundados pelo conhecido físico argentino, engenheiro José S. Fernández, ex-catedrático da Universidade afastado do magistério pela idade e no qual desenvolveu trabalho fecundo».

Aparte os «telépatas capazes de fazer milagres», o resto da notícia é deveras edificante, porque na Argentina o Espiritismo se divulga integrado no Ministério dos Cultos, que pode fiscalizar as sociedades espiritas.

## UM NOVO GÉNIO?

A grande revista *O Cruzeiro*, publicou um notícia que não resistimos a transcrever:

«Hasan Kaptan é um menino de 11 anos que esqueceu as legendas guerreiras otomanas para se tornar um pintor de novos aspectos. A Galeria de St. Etienne, de Nova Iorque, exibiu recentemente trinta e três telas do garoto de Anatólia. Seu pai, pintor de fama, diz que nunca o obrigou a pintar e nem lhe deu sugestões sobre técnica de pintura. A única coisa que fez foi entregar-lhe um dia um pouco de papel. Hasan pôs-se a rabiscar e quando olharam para as suas mãos de três anos viu-se nelas certo engenho e graça.

«Aos sete anos, Ankara viu os seus quadros numa primeira exposição.

«Outra demonstração artística foi realizada em Paris. Nas suas telas há grafismo forte e uma «técnica» muito ligada à do falecido Matisse. O americano John Rawvon organizou a exposição de St. Etienne e é o maior admirador da arte de Hasan».

## NÃO OFENDE QUEM QUER...

*Os jornais brasileiros reflectiram certa campanha contra o grande médium Francisco Cândido Xavier levada a efeito por seu sobrinho Amauri Pena, o qual chamou mistificador ao tio, que todos conhecem como expoente máximo da seriedade e da caridade.*

*A revista belorizontina* Alterosa *referiu-se ao detractor em termos categóricos:*

*«Agitado, nervoso, o rapaz meteu-se na redacção do jornal para fazer uma confissão. Como credencial nada apresentava, a não ser algumas poesias que diz ter psicografado e atribuídas a Camões e outros bardos do passado. E confessou que nunca fora médium, mas apenas mistificador. «Tudo o que tenho escrito — acrescentou — foi criado pela minha imaginação, sem interferência de «alma do outro mundo» ou de qualquer fenómeno miraculoso.*

*«Na segunda parte da confissão voltava-se contra Francisco Cândido Xavier, o conhecido médium de Pedro Leopoldo, o qual, dizia, também seria mistificador. Mas Francisco Cândido Xavier é conhecido como exemplo de probidade, desprendimento e amor ao próximo, famoso em todo o mundo pela sua pujança mediúnica, à qual se devem cerca de 60 volumes psicografados, «best-sellers» no país e no exterior, traduzidos em diversos idiomas.*

*«Era natural que a imprensa anti-espiritista se pusesse em campo para explicar o escândalo, tornado mais expressivo por Amauri Pena ser sobrinho de Francisco Cândido Xavier; mas no dia seguinte o facto se esclareceria, reduzindo o escândalo às proporções reais: um «parto de montanha».*

*«O Capitão Agostinho Couto, delegado de polícia de Sabará, onde mora a família de Amauri Pena, procurado pela imprensa, informou: «O moço é desordeiro e demente. Várias vezes mandei trancafiá-lo no xadrês (calabouço), proibindo-lhe de residir em Sabará». Ao mesmo tempo o pai do rapaz arrumava o assunto declarando-se admirado pela publicidade com que a imprensa divulga acusações tão graves, sem apurar a procedência, acrescentando:*

*«— Meu filho é um doente de alma, todo o mundo o sabe. Mas o Chico (F. Cândido Xavier) conhece-o bem e não lhe dá importância nenhuma».*

*Não vale a pena escrever mais sobre o caso, sabido que não ofende quem quer. Os rapazes só atiram pedras a árvores de bom fruto. E Chico Xavier encolhe os ombros, silenciosamente, como quem diz:*

*— O cão ladra e a caravana passa...*

## O ESPIRITISMO E A POLÍTICA

*Temos lido nalgumas publicações espiritas brasileiras notas e artigos de resposta à pergunta: «Devem os espiritistas ingressar na política?» e confessamos o nosso desapontamento, quanto à maneira como algumas têm conduzido o assunto. Não pomos em dúvida a sinceridade das opiniões emitidas. Todas nos parecem idóneas. Mas uma coisa é falar individualmente e outra falar em nome de uma doutrina evolucionista por natureza, cujas leis morais se não coadunam com a estática social, que exige dinamismo, integração completa do homem nos quadros do seu tempo e da sua vida.*

*Onde se baseiam os apolticos para aventar afirmações rotundas, como quem leva caudais a seu moinho? Onde está o cidadão que não faça política no verdadeiro sentido do termo? Onde está o homem que se desinteresse do bem do seu país? E como poderemos nós, espiritistas, estabelecer na terra o reino da justiça, extinguir a escravidão e o racismo, se não passarmos de clamores platónicos em nossas actuais perorações?*

*Quantas vezes pensamos no que seria o mundo, se a sociedade se guiasse pelos nossos princípios? Quem exerce o seu direito cívico faz acepção de pessoas, escolhe os mais aptos. Não o fazemos nas agremiações espiritas, quando elegemos os seus corpos gerentes? E o problema nacional, o problema colectivo, não será muito mais transcendente? O acesso de um verdadeiro espiritista à Câmara Munical ou à Câmara Legislativa seria sempre garantia de morigeração e de bom exemplo. Deste modo, não vemos razões que nos impeçam de apresentar programas eleitorais baseados no bem público. Quando se diz que o Espiritismo é apolítico quer-se revelar o seu carácter individual no tocante à modificação do homem. Mas se ninguém pode isolar-se nos ambientes em que se vive, tem de partilhar forçosamente dos problemas alheios.*

*Para reformar o mundo é necessário, primeiro, reformar o homem. E essa reforma tem que subordinar-se em grande parte a actos políticos, com força da lei. Se estivéssemos à espera que o homem se modificasse espontâneamente, levaríamos séculos a conseguir pequeno nível de progresso. Ao escol intelectual cabem as directrizes do mundo moderno e não aos oligarcas que vão caindo em desuso.*

*Portanto, não vemos prejuízo doutrinário no facto de os espiritistas se constituirem em corpo eleitoral no sentido de escolher homens inteligentes, sãos e dinâmicos, capazes de servir os povos com dignidade e justiça. Desinteressarmo-nos das eleições, sejam elas quais forem, é abandonar o campo dos «politicões» que se «servem» antes de servir a grei.*

*Sacrificar-se por um ideal e chegar a morrer por ele, como fazem alguns pioneiros, é exemplo das maiores qualidades cívicas.*

*E o Espiritismo é doutrina que os comodistas não compreendem. Impõe deveres muito rígidos e poucos direitos confere, mesmo aos grandes trabalhadores que esquecerám a sua vida em benefício do próximo.*

## UMA CONFERÊNCIA DO PROF. J. ESTEVE DULIN

Esteve entre nós o Professor Dulin, que em Buenos Aires tem desenvolvido uma grande actividade em prol do Naturismo aliado ao Espiritismo.

A sua conversação agradabilíssima cativou de tal modo a nossa simpatia, que logo ficámos amigos, dir-se-ia conhecidos velhos, remadores da mesma galé, votados ao mesmo ideal fortalecedor.

O Prof. Dulin viveu muitos anos no Brasil, onde frequentou alguns centros espiritas. E não se limitou ao papel de assistente. Estudou a doutrina, cujo aspecto social e humanista o impressionou fortemente.

Por isso a sua conferência no *Centro Espiritualista Luz e Amor* focou vários aspectos de um problema que se impõe a quantos desejem um mundo melhor, do ponto de vista moral.

Homem viajado e cheio de modéstia, a sua conferência teve o sabor de uma *charla*. Contou vários episódios de viagem através de França, Alemanha, Argentina e Brasil, para deles extrair argumentação lógica que exerceu na assistência efeito salutar.

Foi uma noite inesquecível. Oxalá o Prof. J. Esteve Dulin volte a deliciar-nos com a sua palavra convincente, na sua volta a Portugal.

## TRABALHOS DO CENTRO
### em Janeiro e Fevereiro de 1959

Dia 1 de Janeiro, 5.ª feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 2, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo Allan Kardec, dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 4, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por José Francisco Cabrita, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 6, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 7, 4.ª feira, às 21.30 — Grupo «Léon Denis», dirigido por António de Carvalho Rasteiro, com a médium D. Alice Maria Cristina.

Dia 8, 5.ª feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 9, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 11, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por António de Carvalho Rasteiro, com a médium D. Alice Maria Cristina.

Dia 13, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 14, 4.ª feira, às 21.30—Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 15, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 16, 6.ª feira, às 21.30—Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 18, domingo, às 16 horas — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «Uma Doutrina Revolucionária».

Dia 20, 3.ª feira, às 21.30—Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 21, 4.ª feira, às 21.30—Grupo «Léon Denis», dirigido por António de Carvalho Rasteiro, com a médium D. Alice Maria Cristina.

Dia 22, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 23, 6.ª feira, às 21.30—Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 25, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 27, 3.ª feira, às 21.30—Grupo de intuição e clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 28, 4.ª feira, às 21.30—Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 29, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 30, 6.ª feira, às 21.30—Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 1 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por José Francisco Cabrita, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 3, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 4, 4.ª feira, às 21.30 — Grupo «Léon Denis», dirigido por António de Carvalho Rasteiro, com a médium D. Alice Maria Cristina.

Dia 5, 5.ª feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Alice Maria Cristina.

Dia 10, 3.ª feira, às 21.30—Grupo de intuição e clarividência com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 11, 4.ª feira, às 21.30—Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

**NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com a quotização em dia, devendo, para isso, munir-se da última quota paga.**

## FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos destinados ao Fundo de Beneficência:

*Mês de Novembro e mês de Dezembro* — M. do Rosário, de Coimbra, 10$00; Zeto, de Tavira, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 5$00; M. Teresa, de Ovar, 10$00; I. S., de Lisboa, 40$00; Anónimo, de Nova Iorque, 100$00; D. Irene de Almeida (oferta de bolsas de plástico) 240$00. *Total — 410$00.*

# ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1959 — N.º 2

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
L I S B O A — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa


# CONFUSÃO

A humanidade está enferma. Em toda a parte se trabalha, luta e sofre por vida melhor. As guerras passadas deixaram sulcos que ninguém preencheu, que ninguém arrasou. Foram lições perdidas que se hão-de resgatar com sangue e lágrimas.

Se a liberdade era o motivo ponderoso, ficou acanhada. Se a paz social era aspiração, foi riscada do quotidiano. Se a confiança era base de entendimento, foi extinta nas almas. O mundo corre velozmente, como cavalo desenfreado direito ao precipício.

Chegou o baixo império da história! As leis e os códigos são fragilidades ao sabor dos fortes. A violência gera violência no ciclo da vingança mesquinha. As religiões perderam o rumo, imiscuídas no temporal. O individualismo puro caminha ovante de arma engatilhada. Os sistemas políticos nascem e morrem à semelhança das rosas. E neste galopar sem norte o espírito não entende a experiência.

Uma geração liga-se a outra com programa de novo trabalho e novo anseio. É preciso liberdade e justiça, que o homem seja braço e cidadão. Que não haja famintos nem desalojados. Que o Sol cubra o grande e o pequeno, o belo e o feio. Que a mulher se emancipe, a infância desabroche e Deus se instale nos corações. Assim haverá felicidade.

A competição é rivalidade que entristece. O reino do espírito cedeu ao reino da matéria. Amor, generosidade, renúncia ao mal são arcaísmos que ninguém entende. Anda tudo abastardado. É a «Dança dos Fogos Fátuos», de Tchaikowsky.

O ontem é substituído pelo hoje, que não sabemos o que seja. É a roda de alcatruzes, em cima e em baixo. A ideia é mecanizada em calabouço escuro. Faz lembrar a «Ciuleandra» de Rebreanu, dança fantástica em que tudo se oblitera no físico e no psíquico.

Há quem diga que os tempos são chegados. Chegarão um dia? Que forças lançam pais contra filhos e irmãos contra irmãos? Individualmente, o homem deseja paz. Mas entra em relação e logo surge a guerra. É o atrito, que gera a discórdia.

Devia haver atritos e desencontros sem consequências nefastas. No fundo das ideias há desejo de melhorar o existente. Então, porque se apagam luzes, quando se quer mais claridade? Todos procuram impor o seu método e o seu caminho. O sistema dos outros pode ser bom, mas tem um defeito: não ser nosso.

Isto é exclusivismo. O «amai-vos mútuamente» não está no homem, quando se encontra com outro homem.

Por isso as guerras hão-de existir, enquanto houver duas ideias numa terra de provação; enquanto a escola não for universal no amor ao semelhante; enquanto se der a uns o que a outros se nega; enquanto houver miséria e doença e prostituição.

Há-de haver guerras, enquanto não houver cooperadores. Não basta a riqueza à multidão honrada; não basta a ordem nas ruas; não basta comércio e indústria florescente. Se tudo isto houver, sem tolerância nem espírito de justiça é como se nada houver.

Justiça é moeda forte no mundo da verdade. É o pão do povo, como disse Chateaubriand, e salvação dos rectos que preferem a morte à desonra.

Muitas vezes é indulgência. A um crime não corresponde outro crime. A ideia de justiça é extinguir a violência e dar a cada um aquilo a que tem direito.

A humanidade está enferma. Perdeu a noção do tempo e do dever. O racismo causa explosões aqui e além. Todos querem um palmo de terra e um raio de sol. Vemos escravos nos senhores e senhores nos escravos. Em toda a parte há um vilão.

Elevemos o pensamento em voluta amorosa! Para que o bem saia triunfante e a geração do sacrifício possa ainda salvar-se! Elevemos o pensamento em nome da justiça, porque só a justiça poderá opor-se às forças do mal!

# AS MAIORES HISTÓRIAS PSÍQUICAS

por W. F. NEECH

## 1) *O homem que conheceu o Espírito do Universo antes de morrer*

Os convivas do banquete do Grupo Gotemburgo quedaram-se silenciosos olhando incrédulamente o relevo da figura flexível do génio do mundo, esquecidos da comida e dos vinhos, no mais extraordinário repasto desde a legenda bíblica do pão e dos peixes.

Quem silênciou as suas vozes, interrompeu o riso alegre, parou o retinir dos garfos e das facas? Teria o génio pronunciado uma estimativa penetrante e profunda da situação do mundo? Seria assim tão fascinante a sua oratória?

Não, porque só falava acerca da sua cidade natal. Nada há nisso de extraordinário — dirão! Pois enganam-se, visto que a cidade natal deste homem era Estocolmo — a 325 milhas e 3 dias de viagem. E nesse momento preciso era cenário de um incêndio devastador. E o génio, com os seus olhos azuis, incrìvelmente penetrantes, podia vê-lo!...

### VÍTIMA DE GAGUEZ

Quem era e o que aparentava este homem extraordinário, cuja fascinação só podia ser igualada por Leonardo da Vinci na história da grandeza humana? Imaginai um sueco alto e sóbrio, com a face plena de espiritualidade, vestido de negro, com joelheiras, fivelas e uma bengala. Frugal, trabalhador aplicado, gentil e sereno, é, contudo, vítima da gaguez, que lhe embaraça a dicção.

E, no entanto, homem algum soube tanto. O maior engenheiro de minas do seu tempo, autoridade mundial em metalurgia, era ao mesmo tempo um anatomista e zoólogo e tão entendido em engenharia militar, que a sua destreza e conhecimentos salvaram Carlos XII da Suécia de um grave desastre durante uma campanha crucial.

### UM TALENTO VERSÁTIL

Era também astrónomo instruído, físico reputado e autor de importantes trabalhos sobre as marés, a longitude e a latitude, além de financeiro e economista que antecipou as conclusões de Adam Smith.

Paradoxalmente, este cientista extraordinário era filho de um bispo e um exegeta profundo. Mas não é pela sua ciência ou pela sua teologia que o mundo o relembra hoje.

*Manuel Swedenborg é recordado, porque foi o primeiro homem que nos deu uma descrição pormenorizada do espírito dos mundos; porque é provàvelmente o maior e com certeza o mais célebre clarividente de todos os tempos; porque é o primeiro e o mais santo dos médiuns modernos.*

E, no entanto, não manifestou os seus poderes psíquicos até à idade de 55 anos!

### FALAVA SETE LÍNGUAS

Nascido em 1688, Manuel Swedenborg estudou com os mais famosos físicos e matemáticos da sua época: Sir Isac Newton, Flasmsteed, Halley e De Lahire. Dominava sete línguas e nas cartas escritas à família, em 1714, enumerava 14 invenções importantes em que se encontrava engolfado. E que invenções! Invenções que incluiam uma máquina voadora, um submarino, uma bomba de ar e uma bomba de incêndio. Tinha, de facto, nascido três séculos antes do seu tempo.

Escreveu vários poemas em Latim; e quando, após 5 anos de estudo no estrangeiro, voltou para a Suécia foi nomeado Assessor do *Real Colégio de Minas* e mais tarde entrou no Parlamento. A nobreza foi-lhe concedida pela rainha Ubrica e nessa altura mudou o nome para Swedenborg. Mas então, no auge da sua carreira científica, resignou o cargo e resolveu devotar o intelecto e imaginação ao esclarecimento do espírito — uma tarefa para o qual julgava tê-lo Deus eleito.

### GUIADO PELO ALÉM

Que aconteceu então para transformar este brilhante físico num místico sublime, que nos seus últimos 25 anos escreveu em latim 30 volumes religiosos e filosóficos, alguns dos quais ele próprio declarou terem sido ditados pelo *espírito do mundo?*

O que aconteceu foi que este homem de estado e cientista de primeiro plano, exemplo vivo do homem prático, passou por notável experiência psíquica em Abril de 1744. Deus, — anunciou — tinha-o favorecido com uma revelação especial. Tinha-lhe permitido despojar-se do seu corpo físico e ingressar por vezes no Além.

Em estado consciente pôde explorar o mundo dos espíritos e conversar com os seus habitantes, como se fossem homens da terra.

Assim se gerou o primeiro espirita. E desde então e até à sua morte, em 1772, manteve contacto quase diário com o mundo espiritual.

### OS OLHOS ABERTOS DO ESPÍRITO

«Nessa noite o mundo dos espíritos, o inferno e o céu, foram-me abertos e ali encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de todas as condições — escreveu ele —. Desde então o Senhor abria diáriamente os olhos do meu espírito para que eu pudesse ver, em perfeita visão, o que se passava no outro mundo e conversar, completamente desperto, com os anjos e os espíritos».

Na sua primeira visão, Swedenborg fala de uma espécie de vapor evolando-se dos poros de seu corpo — um vapor nìtidamente aquoso que caía no chão, sobre o tapete.

Esta substância — seria ectoplasma? — transformava-se então, segundo o seu relato, em vermina, coisa que ele interpretava assim:

— Os meus guias não aprovavam a minha dieta.

«Podiam dizer que o homem era doido — comenta Sir Artur Conan Doyle no seu livro «His-

tória do Espiritismo», cujo primeiro capítulo é dedicado, com propriedade, à figura de Swedenborg —, mas durante os anos seguintes da sua vida não mostrou qualquer sinal de fraqueza mental. Ou talvez dissessem que mentira».

### O MAIOR DOS MÉDIUNS

«Mas ele era conhecido pela mais escrupulosa probidade. Ter-se-ia então iludido a si mesmo?

Devemos encarar o facto de que, na maioria, as observações espiritas que fez foram confirmadas e ampliadas desde a sua época e por inúmeros observadores psíquicos.

«A verdade é que ele era o primeiro e, por diversas formas, o maior de todos os médiuns e só por intermédio do estudo mediúnico as suas faculdades podem ser realmente compreendidas».

### DOMÍNIO DA RESPIRAÇÃO

Quando falava com seres espirituais — afirma Swedenborg — podia durante uma hora fazer uma só inspiração e fazia-o para alimentar os pensamentos.

Chegou à conclusão de que o outro mundo consistia num número diferente de esferas de variadas sombras e luminosidades e que seremos atraídos para a esfera a que a nossa condição espiritual nos adaptou.

Somos julgados de maneira automática — afirmou ele e foi o primeiro a fazê-lo — por uma lei espiritual que age de acordo com o resultado total da nossa vida terrena. O arrependimento à hora da morte é de pouca utilidade.

No suplemento ao livro «A Verdadeira Religião Cristã» escreve: «Segundo o que vi durante tantos anos posso afirmar o seguinte: No mundo espiritual há terras, planícies e vales, rios e riachos, jardins, bosques e florestas».

### CRIAÇÃO INSTANTÂNEA

«Há cidades com casas e palácios; há escritos e livros, ocupações e negócios. Há oiro, prata e pedras preciosas; numa palavra: existe tudo o que existe no mundo natural, se bem que as coisas do céu sejam incomparavelmente mais perfeitas».

E acrescenta: «Mas existe esta diferença: todas as coisas vistas no mundo espiritual são criadas instantâneamente pelo Senhor em correspondência com a essência dos espíritos consubstanciada nas suas afeições e pensamentos, ao passo que no mundo natural tudo nasce da semente». Isto concorda com o relato dado pelos médiuns do século vinte, de que o outro mundo é um mundo de pensamento, um mundo espiritual.

«Nós não mudamos em nada após a morte — afirma Swedenborg. O homem nada perde com a morte; continua a ser um homem em todos os sentidos, ainda que mais perfeito do que em carne.

### CASAMENTO CELESTIAL

O baptismo não exerce influência alguma.

Todas as crianças são igualmente recebidas e conduzidas por mulheres jovens, se a mãe permanecer na terra. E crescem no outro mundo.

Fala-nos também da arquitectura no mundo espiritual e descreve as suas flores e os frutos, os bordados, a arte, a música, a literatura, a ciência, as escolas, museus, colégios, livrarias e desportos.

Existe casamento no Além — diz Swedenborg — um contrato para toda a vida sob a forma de união espiritual que inibe o homem e a mulher de união humanamente completa. Os casais consorciados continuarão juntos, se os seus sentimentos mútuos forem elevados. Caso contrário, serão dissolvidos. «Dois verdadeiros amantes não serão separados pela morte, desde que o espírito de um coabite com o espírito do sobrevivente, mesmo após a morte deste último. Assim, quando reunidos os dois, mais ternamente se amarão do que antes».

### CONTEMPLOU O FUNERAL

Falando da morte do seu amigo Polhem diz-nos: «Morreu na segunda-feira e falou-me na 5.ª. Fui convidado para o funeral e ele viu a carreta e os homens conduzirem o caixão ao túmulo. Conversou comigo, como se ali estivesse, perguntando porque o tinham enterrado, se ele estava vivo.

«Quando o padre proclamou que ele se levantaria no Dia do Juízo Final, perguntou para que era isso necessário, se ele já estava de pé». Noutro passo: «Brahe foi decapitado às dez da manhã e falou-me às dez da noite e esteve comigo, quase sem interrupção, durante alguns dias».

Kant, o grande filósofo, investigou a história de Swedenborg e o caso do fogo de Estocolmo e apurou que o vidente sueco, com outros amigos, formavam um grupo na casa de William Castrel, em Gotemburgo.

### PÁLIDO E ALARMADO

Às 6 horas da tarde, Swedenborg informou-os de que um perigoso incêndio deflagrara perto de sua casa e que o lar de um dos seus amigos, que ele nomeou, estava quase em cinzas e que, além disso, o fogo alastrava ràpidamente.

Estava completamente pálido e alarmado e saía frequentemente, dizendo-lhes que a sua própria casa corria perigo. Às 8 horas exclamou alegremente:

— Graças a Deus! O incêndio foi extinto na terceira porta antes da minha!

Verificou-se depois que tudo era rigorosamente exacto, até ao mínimo pormenor. Kant dá-nos um relato completo da confirmação do visionado por Swedenborg, fornecido pelo Governador de Gotemburgo. Todas as teorias de alucinação foram varridas pela chegada do correio de Estocolmo que veio confirmar tudo o que Swedenborg vira. Kant foi em pessoa a Estocolmo, a fim de verificar os pormenores.

Noutra ocasião um logista exigiu o pagamento de uma conta de géneros fornecidos ao marido de uma senhora viúva antes da morte dele. A viúva estava segura da liquidação da factura, mas não tinha provas disso e na sua perplexidade consultou Swedenborg, que lhe disse que o marido recebera o certificado do pagamento e o tinha colocado entre as folhas de um dicionário para marcar o local da leitura.

O recibo, efectivamente, lá estava dentro do dicionário!

### ESTRANHA CARTA DE UM VIDENTE

Swedenborg nunca se encontrou com o seu grande contemporâneo John Wesley. Um dia, este convocou os seus pregadores, a fim de se prepararem para uma digressão evangélica, mas, ao falar-lhes, caíu-lhe uma carta nas mãos. Olhou-a

# O Problema das Mães Solteiras

*Esta mensagem é da autoria do Espírito de* Luciana *e foi recebida na Tenda Espírita Vicente de Paulo, de Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil.*

Luciana *foi mulher de cor e coração claro. Não poupou sacrifícios para manter esse Orfanato. Vestida com hábito* marron *solicitava óbolos para manter as crianças que lhe deixavam à porta, às escondidas. Todos os dias, chovesse ou ventasse, lá estava ela de madrugada na estação da estrada de ferro, à saída dos trens, na sua faina de colher donativos.*

*Depois as irmãs de caridade tomaram conta do Orfanato de São Benedito e hoje é um* prédio diferente.

Graças a Deus por me ter permitido conversar um pouco convosco para dizer quão contente e emocionada fiquei naquela tarde em que prestastes homenagem a todas as mães.

Emocionada até às lágrimas só agora posso dar a minha pequena colaboração, àquela data, que também me atingiu, porque, não deixando neste mundo filhos directos da minha carne, deixei muitos filhinhos do meu coração e do meu amor.

Quero também falar sobre as outras mães.

Se muitos pequeninos se aconchegaram em meus braços; se se aqueceram em meu coração, foi devido em parte à falta de amor materno de quem os pôs no mundo.

Quanto sofri, quantas lágrimas derramei para confortar um pouco aquelas criaturinhas que vinham para mim jogadas pelos corações impiedosos de suas próprias genitoras!

É tremendo de suportar e dá-nos responsabilidade maior, quando fizemos nosso um filho alheio. Temos de envolvê-lo em maior amor. Temos que redobrar a nossa vigilância para que não continue o mesmo destino com que entrou na vida.

Muitas mães levam seus filhos para a roda, para os asilos e para os orfanatos por causa do pudor traído pela sedução. São as chamadas *Mães Solteiras.*

Pobrezinhas!

Qual será mais desditoso? O destino de seu filho entregue a mãos mercenárias que lhe deturpam o carácter, lançando-o nas sargetas do vício, ou o destino das *Mães Solteiras?*

Quantas vezes por necessidade de dinheiro, continuam na mesma vida do pecado! Qual dos dois destinos é mais pecaminoso? O do filho inocente ou o da mãe, que tudo fez por sua condição de pobreza e miséria para salvar o fruto do pecado, atirando-o aos cuidados de seus semelhantes?

Que fizeram os homens para melhorar a vida dos velhinhos e para amparar as criancinhas orfãs e abandonadas, para salvar da vergonha e da miséria moral as *Mães Solteiras,* que não encontraram amparo que lhes desviasse o rumo, que lhes ofertasse meios para se tornarem criaturas de bem?

E olhem: a religião a que pertenceu esta velha, nada tem feito para melhorar a sorte das *Maezinhas Solteiras.*

A minha homenagem é um apelo.

Daqui partirá a mensagem para salvar em todo o nosso Brasil o futuro das que têm filhos e continuam solteiras, sujeitas ao mais vergonhoso dos pecados carnais.

Recuperá-las é tarefa que compete a todos os irmãos para que possam organizar estabelecimentos adequados ao aprendizado espiritual que deve ser ministrado a estas mãezinhas.

Esta é a mensagem que deve ser difundida para que os corações bondosos de todos os espiritas, velhos e moços, concorram para a criação de verdadeiras *Escolas de Recuperação das Solteiras com Filhos* num ambiente de puro evangelismo, baseado nos princípios da Caridade Cristã.

Não mais publicidades escandalosas que ferem todos. Não mais denúncias públicas nos púlpitos. Não mais cochicos de matronas impiedosas nas reuniões da sociedade menos indicada para atacar. Não mais disso.

Mais amor, mais compreensão, mais caridade e menos dedo em riste.

Menos punhos fechados. Mais mãos abertas para organizar pelo coração os órgãos de assistência e recuperação destas desgraçadas. E estes pedidos, serão transformados em flores lançadas sobre a organização que hoje lançamos a todos os espiritas do Brasil no dia em que se comemora a data festiva das MÃES.

---

com espanto e leu-a aos companheiros. Dizia: «Fui informado no mundo dos espíritos de que alimenta um forte desejo de conversar comigo. Terei muito prazer em vê-lo, se me visitar. A carta era assinada por «Eman Swedenborg».

Wesley disse que nutria grande desejo de falar ao vidente, mas a ninguém o disse. Respondeu que se sentiria feliz por esperar Swedenborg, quando voltasse a Londres.

**A SUA MORTE PREDITA!**

Na volta do correio chegou a resposta de Swedenborg. Nela frisava que a data marcada era tardia, porque, acentuava, ele devia ingressar no mundo dos espíritos, no dia 29 do mês seguinte, para nunca mais voltar.

E no dia 29 de Março de 1772 Emmanuel Swedenborg faleceu, como previra, no seu alojamento de Londres, sendo sepultado no pátio de uma pequena igreja, perto da Torre. E isto é o mesmo que dizer: o seu corpo foi sepultado junto à Torre, porque o homem que primeiro explicou que a morte é uma simples transição, que o mundo do espírito é uma contra-partida deste mundo, que a situação no Além é condicionada pela vida que aqui levarmos — apenas regressou a casa!

**(De «Two Worlds» de 9 de Agosto de 1958)**

Fev/59

# A fenomenologia do mundo oculto e os intelectuais de há cem anos que a estudaram

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

II

Recapitulemos o que dissemos na *Mensagem* anterior, e façamos como que um intróito ao muito que temos a dizer, ouvindo, ou antes, lendo o que nos diz o erudito e prestigioso espírita português há pouco desencarnado—o Dr. António J. Freire—no seu bem documentado livro «*Da Evolução do Espiritismo*»:

«Em volta de 1850, o Espiritismo irradiou da América para a Europa pela força do seu dinamismo universalista, depois do ter sofrido as mais revoltantes perseguições, movidas pelo fanatismo religioso de algumas seitas protestantes norte-americanas.

«Os memoráveis e conhecidos acontecimentos ocorridos de 1847 a 1849, na casa mal-assombrada da família de J. Fox, na vila de Hydesville, Estado de Nova Iorque, de natureza supranormal, marcam o início do Moderno Espiritualismo, assim denominado pelos povos anglo-saxónicos, e por Espiritismo pelos povos latinos. A América do Norte foi, assim, o berço deste renascimento espiritualista, objecto de estudo em todos os países civilizados».

★

«A Inglaterra, fleumática e circunspecta, serena e reflectida, recebeu o Espiritismo com simpatia e aprazimento, vendo, desde logo, no seu experimentalismo multiforme e complexo, objecto digno de estudo e de ponderação.

«Comissões de sábios de reputação consagrada mundialmente foram eleitas para verificar a veracidade dos fenómenos espiritas e induzir as leis e a finalidade da sua produção.

«Era uma nova Psicologia que, pelo seu carácter positivo, essencialmente objectivo, saía dos moldes da Metafísica racionalista, teológica e subjectiva, abrindo novos e fecundos horizontes ao estudo da alma humana no campo positivo da observação e da experimentação.

«Foram os sábios ingleses, desde A. Russel Wallace, o precursor de Darwin, a William Crookes, que inauguraram o período científico do Espiritismo.

«É ainda na Inglaterra que se encontra a mais completa e criteriosa bibliografia da fenomenologia anímica e espirita.

★

«A França, exuberante e entusiasta, fútil e humorística, céptica por vezes, mas sempre criadora, mercê do seu génio latino universalista e renovador, recebeu o Espiritismo entre o desdem olímpico dos seus homens de ciência, no rígido aprumo do seu protocolo positivista comteano, contrastando com o frívolo entusiasmo do mundanismo aristocrático e burguês.

«O Espiritismo fez moda nos melhores salões parisienses. Era como que um fruto exótico criado nas regiões do mistério, de fragrância vaporosa e esquisita, que embriagava pela sua imprevista novidade a sociedade elegante do Paris de 1853.

«Durante os seus inícios, o Espiritismo foi o complemento obrigatório das partidas de voltarete e dos chás das reuniões mundanas. Os *guéridons* (mesas de pé-de-galo) voltejavam pelos salões franceses como loucas mariposas pelos jardins de Versalhes».

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

★

«Realmente, o Espiritismo apresentava-se duma forma inédita, estranha, proteiforme: mesas e pranchetas, rebeldes às leis fundamentais da mecânica clássica, ditavam e escreviam automàticamente uma extravagante e heteróclita literatura, umas vezes chocarreira e gracejante, grosseira e incoerente, outras vezes dissertando sobre elevados conceitos filosóficos e morais.

«Bandolins, harmónios e concertinas, sem o devido respeito pela lei da gravidade, libertando-se da atracção neutoniana e do quadrado das distâncias, irrompiam pela atmosfera, baloiçando-se em revoadas melodiosas, tangidos por mãos ocultas e invisíveis, mergulhadas no mais profundo e irritante mistério; aparições e fantasmas, mais ou menos materializados, sem a devida consideração pelos cânones da Biologia universitária, perpassavam por entre os assistentes atónitos e estarrecidos. As máquinas fotográficas, as impressões e moldagens na parafina, no negro do fumo, na argila e noutras substâncias plásticas, provavam irrefutàvelmente que estes fenómenos não se adaptavam à categoria das alucinações individuais ou colectivas.

«Era um mundo novo, moldado em fórmulas inéditas, que abria novos horizontes, fecundos e luminosos, às Ciências, Filosofias e Religiões.

«Era uma Psicologia *positiva*, liberta das especulações metafísicas, que trazia, no íntimo das suas engrenagens, as melhores soluções para o eterno problema da Alma humana, e o mais formal e lógico desmentido a todas as fórmulas e postulados materialistas.

«O espiritismo, na multiplicidade do seu experimentalismo e na orgânica da sua doutrina, representa, no campo positivo, o decisivo triunfo do espírito sobre a matéria.»

★

Pela recapitulação que acabamos de fazer do que publicámos na *Mensagem* anterior, e feita, como aí fica, pelo estilo brilhante e pela fé viva que sempre caracterizaram a personalidade inconfundível do nosso saudoso amigo Dr. António J. Freire, queremos assim dar, aos nossos irmãos descrentes das realidades espirituais que tanto admiramos e admitimos, um cunho de elevação intelectual e sincera contida

na forma como são abordados os assuntos espiritistas e o cunho científico com que muitos homens de saber e de prestígio encaram sempre os modernos estudos sobre espiritualidade, ou então, sobre a ciência da Alma.

Sobre tais estudos apenas se dedicaram, até há um século atrás, e sòmente no campo puramente subjectivo ou platónico, a Filosofia e a Teologia.

Mas na ânsia de desvendar o desconhecido, ou o oculto dos antigos, os homens racionalistas do nosso século, impulsionados pelas revelações feitas na segunda metade do século passado, têm posto completamente a claro, e tratado mesmo no campo experimental os casos mais extraordinários de natureza psíquica, ou seja os relacionados com as potencialidades da Alma humana. E para confirmação vejam aqueles descrentes o que lhes formos transmitindo ao longo destas *Mensagens*.

E, posto isto, continuemos agora a ouvir o intelectual francês Léon Dénizart, mais conhecido em todo o mundo, como já o dissemos, pelo pseudónimo de Allan Kardec.

Diz ele em «*Obras Póstumas*»:

«Em princípios de 1855 encontrei M. Carlotti, amigo de vinte e cinco anos, que, com o entusiasmo que despertam as ideias novas, falou-me dos fenómenos que me preocupavam. M. Carlotti era corso, de natureza ardente e enérgica, e eu sempre estimei nele as qualidades que distinguem uma grande e bela alma, mas desconfiava da sua exaltação.

«Foi ele quem primeiro me falou da comunicação dos Espíritos, contando-me tantas coisas surpreendentes, que, longe de me convencerem, aumentaram as minhas dúvidas.

«— Um dia serás dos nossos — disse-me. E eu respondi-lhe:

— «Não digo que não; veremos mais tarde.

«... Em uma das sessões de M.me Plainemaison travei relações com a família Baudin, que morava à rua Rochechonart.

«O sr. Baudin convidou-me para suas sessões hebdomadárias, nas quais fui muito assíduo.

«...Foi ali que fiz os meus primeiros estudos sérios sobre Espiritismo, não tanto pelas revelações como pelas observações.

«Apliquei a esta ciência o método experimental, não aceitando teorias preconcebidas, e observava atentamente, comparava e deduzia as consequências dos efeitos, procurava elevar-me às causas, pela dedução e encadeamento dos factos, não admitindo por valiosa uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão.

«... Tendo-me relacionado com outros médiuns, sempre que se me oferecia ocasião aproveitava-a para propor algumas das perguntas que me pareciam mais espinhosas. Foi assim que mais de dez médiuns me prestaram a sua assistência ao trabalho e foi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remoídas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição do «*Livro dos Espíritos*», aparecida a 18 de Abril de 1857.»

★

O que atrás fica referido é simplesmente para frisar o escrúpulo e a sinceridade com que Allan Kardec se dedicou ao estudo transcendente das manifestações do mundo espiritual, e para acentuar bem o espírito de independência e liberto de preconceitos que o animava quando fazia as suas observações e realizava as suas pesquisas.

Nunca se deixou arrastar pelo entusiasmo dos outros, nem nunca aceitou de ânimo leve teorias e explicações por outros arquitectadas.

Partiu inteiramente das suas dúvidas, da sua descrença inicial, e da observação perspicaz com que analisava todos os factos e todas as revelações.

E a propósito dos seus primeiros contactos com inteligências do mundo invisível, já então por processo mais didáctico do que o da escrita pelo processo da comunicação verbal transmitida por médium em transe magnético, será curioso citar o seguinte episódio contado pelo próprio Kardec:

«Nesse tempo (em Março de 1856) morava eu à Rua dos Mártires, n.º 8-2.º andar.

«Uma noite, achando-me no gabinete de trabalho, ouvi fracas, reiteradas pancadas na parede que o separava do compartimento vizinho.

«A princípio nenhuma atenção lhes dei; como, porém, continuassem com mais força, variando de lugares, fiz minucioso exame de um e de outro lado da parede, e escutei para ver se partiam do outro andar, sem descobrir-lhes explicação. O que havia de particular é que toda a vez que eu examinava, cessava o ruído, recomeçando logo que voltava ao trabalho.

«Minha mulher entrou pelas 10 horas, veio ao gabinete e, ouvindo as pancadas, perguntou-me o que era aquilo.

«— Não sei, respondi-lhe; há uma hora que se dá isto.

«Procurámos os dois, sem nada descobrir, continuando o ruído até à meia-noite, quando fui deitar-me.

«No dia seguinte, havendo sessão em casa do sr. Baudin, contei o facto e pedi explicação.

«*Pergunta* — Tendes, certamente, visto o facto que acabo de referir; podereis dizer-me qual a causa das pancadas tão persistentes que ouvi?

«*Resposta* — Foi o teu Espírito familiar.

«*P.* — Com que fim batia daquele modo?

«*R.* — Queria falar-te.

«*P.* — Podereis dizer-me quem ele é e o que queria?

«*R.* — Pergunta-lho, que ele está aqui.

«*Observação* — (Nessa época não se fazia ainda distinção entre as diversas categorias de Espíritos simpáticos; confundiam-se sob a denominação geral de Espíritos familiares).

«*P.* — Espírito familiar, quem quer que sejais agradeço-vos a visita e peço-vos que me digais quem sois.

«*R.* — Para ti chamar-me-ei a *Verdade*, e todos os meses, por um quarto de hora, aqui estarei à tua disposição.

«*P.* — Ontem, quando dáveis sinal, enquanto eu trabalhava, tínheis alguma coisa particular a dizer-me?

«*R.* — O que eu tinha a dizer-te era sobre o que estavas fazendo. O que escrevias desagradava-me e eu queria que cessasses.

«*Observação* — (O que eu escrevia era precisamente sobre os estudos que fazia quanto aos Espíritos e suas manifestações).

*P.* — A vossa desaprovação era ao capítulo que eu escrevia, ou sobre o assunto em geral?

«*R.* — Sobre o capítulo. Faço-te juiz. Torna a lê-lo esta noite, e, reconhecendo as tuas faltas, hás-de emendá-las.

«*P.* — Eu mesmo não fiquei satisfeito e reformei-o hoje. Ficou melhor?

«*R.* — Está melhor, mas ainda não está bom. Lê da 3.ª à 30.ª linha e reconhecerás um grave erro.

«*P.* — Rasguei o que escrevi ontem.

«*R.* — Não importa. A falta subsiste. Lê e verás.

«*P.* — O nome de *Verdade*, que tomaste, é alusivo à verdade que procuro?

«*R.* — Talvez. Pelo menos é um guia que te protegerá e te ajudará.

«*P.* — Posso evocar-vos em minha casa?

«*R.* — Sim, para assistir-te em pensamento; quanto a respostas es-

# Natal dos Necessitados

| | |
|---|---|
| **Transporte do número anterior** | **4.723$00** |
| **António Constantino Brites, do Cartaxo** | **10$00** |
| **Sara Santos, de Lisboa** | **20$00** |
| **Zizínia das Neves, de Coimbra** | **10$00** |
| **L. F. C., de Lourenço Marques** | **50$00** |
| **Anónima de Algés** | **5$00** |
| **M. H. P., do Alentejo** | **10$00** |
| **De Alberto e António, de Lisboa, por alma de seu avô** | **500$00** |
| **Luís António Trigoso, de Barril de Alva** | **20$00** |
| **León de Castro, de Lisboa** | **30$00** |
| **Eduardo Manuel Cortes, de Lisboa** | **10$00** |
| **Helder Fagundes, de Lisboa** | **20$00** |
| **Maria Augusta Fonseca, de Lisboa** | **10$00** |
| **Anónima, de Lisboa** | **50$00** |
| **Frederico Pereira, de Lisboa** | **10$00** |
| | **5.478$00** |

**Além destes donativos em dinheiro, recebemos muitos enxovais para criança, gentilmente oferecidos pelo casal Rogério Leite de Faria, do Porto, que todos os anos se lembram dos nossos protegidos. São duas almas benfazejas votadas à Doutrina e cuja propaganda se tem feito sentir naquela cidade nortenha, em benefício da nossa revista e dos livros de Lia. Do fundo da alma lhes agradecemos o seu labor.**

**D. Maria Eva Rodrigues Alves enviou-nos peças de vestuário. Também esta amiga se lembra sempre do nosso Natal dos pobres.**

**De D. América da Conceição Gomes Pinto recebemos um enxoval e roupa para vestir uma criança.**

**E de D. Dulce Pereira de Brito, de Entradas, Seia, tivemos a oferta de uma porção de flanela.**

**A todos estes benfeitores, o nosso agradecimento. Que Deus os comule de bênçãos.**

**O Grupo de Protecção às Crianças, dirigido pela incansável obreira D. Júlia da Luz Soares, distribuiu muitos enxovais a famílias necessitadas.**

**Por sua vez, o Grupo «Jesus Cristo», dirigido por D. Adelaide de Jesus Pires, distribuiu vestuário, calçado, comida e agasalhos a muitas famílias pobres.**

**O Centro Espiritualista Luz e Amor, aparte estas duas distribuições, contemplou 250 famílias no dia 23 de Dezembro e no dia 4 de Janeiro último.**

**A todos os contribuintes destas festas de caridade, enviamos as nossas saudações com votos de saúde e progresso espiritual.**

critas muito tempo levarás antes de obtê-las.

«*Observação* — (De facto, pelo espaço de um ano nunca pude obter, em casa, comunicação alguma escrita.

«... Não obtinha comunicações senão fora de casa).

«*P.* — Não podeis vir mais de uma vez por mês?

«*R.* — Posso, mas até nova ordem não prometo.

«*P.* — Animaste alguma pessoa conhecida na terra?

«*R.* — Disse-te para ti: eu era a *Verdade;* este *para ti* quer dizer — discrição: não deves querer saber mais.

«*Observação* — À noite, entrando em casa, apressei-me a ler o que havia escrito e, tanto no rascunho atirado à cesta, como no novo escrito, na linha 3.ª reconheci um grave erro, que me admirei de haver cometido. Desde então nenhuma manifestação daquele género teve lugar inùtilmente, visto acharem-se estabelecidas as relações com o meu Espírito protector.

«As conferências mensais, que ele me havia prometido, não foram pontualmente realizadas a princípio, e mais tarde deixaram de o ser completamente. Foi sem dúvida para advertir-me de que devia trabalhar por mim mesmo e não me acostumar a recorrer a ele para resolver dificuldade por mais insignificante que fosse.»

E assim começou Allan Kardec o seu aturado estudo de investigação, do que resultou a mais racional coordenação e codificação das doutrinas espiritas por meio dos seus livros.

E trabalhava na preparação de novas publicações quando morreu em 1869, deixando discípulos notáveis que lhe continuaram a obra, como Léon Denis, Gabriel Delanne, Camille Flammarion e outros.

Pois aquele trabalho extenuante de Allan Kardec, e tão extenuante que lhe acarretou a morte, foi a base de todo o grande movimento neo-espiritualista que se lhe seguiu, e o incitamento lógico para muitos homens sábios que depois se lançaram a estudar a fenomenologia espirita em todos os seus aspectos.

# UMA VIAGEM A MADRID

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

O comboio percorria velozmente as campinas da Estremadura espanhola. A sã e comunicativa alegria da juventude envolvera também aqueles que já há muito tinham visto passar as suas primaveras...

No horizonte um leve traço claro da aurora dezembrista anunciava o dia sem chuva. E logo todos cantaram hosanas ao Sol, fonte da Vida, e que gentilmente nos queria acompanhar durante a nossa visita aos confrades espanhóis!

O tempo vestira-se de galas para nos receber e permitir aos nossos amigos virem acolher-nos com aquela afectuosa cordealidade tão ibérica.

Após os festivos abraços da chegada fomos acompanhados até ao elegante hotel Rex, em cujo 9.º andar fiquei instalada e donde tive o prazer de admirar a Serra do Guadarrama que também se enfeitou de prata e lantejoulas brancas que o sol radioso fazia brilhar feéricamente em nossa honra!

Em seguida os dirigentes da *Penha Vegetariana* e outros dos seus membros quiseram obsequiosamente acompanhar os excursionistas na visita a alguns pontos da capital, fotografando-se todos no jardim do Palácio do Oriente. Depois, admirando o Museu d'Armas, onde apreciaram a soberba armadura do nosso sonhador e desditoso D. Sebastião, que não sei porque voltas do destino foi parar à Alemanha e ali comprada para Espanha.

Pouco depois, nesse dia 7 de Dezembro deste ano da graça de 1958, os nossos confrades espanhóis, querendo vincular os laços de confraternização, ofereceram-nos um grande e delicioso almoço, com uma ementa verdadeiramente racional.

Iniciou-se a delicada refeição, impecàvelmente confeccionada e servida, com os discursos das entidades marcantes do Movimento Naturista Luso-Espanhol ali presentes, sendo os excursionistas saudados pelo Presidente da *Penha Vegetariana*, Sr. Senis.

Todos os oradores enalteceram o Naturismo, e, num ambiente da mais sã alegria e da mais pura cordealidade, todos prestaram o seu culto ao vegetarianismo.

A vasta sala repleta de excursionistas e de seus amigos apresentava um lindo aspecto pela alegria esfusiante que irradiava de todos os rostos.

**Arranha-céus de 30 andares na Praça de Espanha, tendo à frente a estátua de Cervantes**

A espiritualidade é tão maravilhosa, aliciante e subtil, que transparece em todos os actos da vida do homem, desde que ele conquistou a compreensão da Vida. Há quem considere o acto alimentar como um gesto banal, quase grosseiro! Que grande erro!

É na alimentação que alguns revelam os seus instintos, a sua cultura e o seu avanço moral. Este progresso observa-se até nos próprios animais! Portanto, divulgar o Naturismo é uma árdua tarefa, é certo, mas civilizadora.

Não é vergonha confessar que a humanidade ainda conserva muitos costumes primtivos (não se vêem raças primevas?) que urge desenraizar. Todo o lavrador sua e sofre para cultivar o seu campo, mas que alegria ele não sente quando pode colher belos e fartos frutos duma grande sementeira!

Essa tarde encantadora decorreu em cânticos de fraternidade e em hosanas ao vegetarianismo! E todos os corações reflectiram estrofes de alegria pelo êxito da excursão!

Na segunda-feira, A. Costa Cabral e Luciano Silva, respectivamente Presidente e vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Naturalogia, realizaram as suas anunciadas conferências na sede da Penha Vegetariana num ambiente de carinho e de apreço, seguidas de uma cultural e divertida sessão cinematográfica. Finda esta, o nosso querido amigo e precioso colaborador Dr. António Cardoso deliciou a assistência com uma sessão de ilusionismo que lhe valeu fartos aplausos.

E parecia-nos que o tempo corria velozmente; mais rápido do que de costume... É que, em boa verdade, nunca nos cansamos de ser felizes!

Por toda a parte Madrid nos sorria acolhedora, especialmente nos restaurantes e nas «cafeterias», o serviço modelar, a correcção, amabilidade e simpatia com que nos acolhiam, faziam-nos desejar permanecer mais tempo na capital espanhola.

Na terça-feira a Casa Santiveri ofereceu-nos um mimoso aperitivo numa autêntica demonstração dos seus valiosos e apetitosos produtos naturais, comprovativos de que a Ciência também está ao serviço do Naturismo. É um facto incontestável essa valiosa aliança dos cientistas com a Natureza! E num futuro que auguro bem próximo

o Naturismo terá o seu completo triunfo. Então não haverá mais céptícos nem maldizentes de uma doutrina que só visa a felicidade física e moral da espécie humana.

Na mesma ocasião, o Dr. Serrano Piqueras, numa sentida alocução nomeou os sócios da S. P. N. mombros de honra da Liga Anti-Tabagista Espanhola, de que é fundador e mui digno Presidente.

Constituiu assim um autêntico triunfo a 1.ª Jornada de Confraternização da Sociedade Portuguesa de Naturalogia, à Penha Vegetariana, de Madrid.

Foi uma jornada de grande alcance moral que estreitou laços de amizade, e de que certamente resultará proveitoso progresso não só para o Movimento Naturista, mas também dum modo geral para o Neo-Espiritualismo, posto que o verdadeiro espiritualista tem de cultivar não só a ciência da alma, mas igualmente a do corpo, visto que este lhe foi confiado para a sua evolução anímica.

Quantos católicos, protestantes, teósofos e espiritistas sinceros contrariam a máxima cristã — «não matarás» — alimentando-se com os cadáveres dos inocentes animais que para esse fim expressamente são sacrificados, desprezando por isso também os sacrossantos conselhos dessa alma de élite que foi S. Francisco de Assis, que tanto amava e defendia os «nossos irmãos inferiores»!

★

Entrando em Madrid esquecemos a monotonia dos seus arredores e somos logo invadidos pela sedução que irradia da vida madrilena nos seus diversos aspectos. Compreendemos que a Espanha se sinta orgulhosa das suas tradições históricas e artísticas e que Madrid mantenha em alto nível esse sentimento de orgulho. Incontestàvelmente compete a quem recebeu uma herança, não a delapidar mas aumentá-la para legar maior riqueza à geração vindoura.

A capital espanhola herdou preciosidades que a justo título carinhosamente conserva com devotado amor, e compreendendo a lei da sucessão da vida, não se limita sòmente a guardar religiosamente o património legado pelos séculos: aumenta-o e enriquece-o.

Nesta época de inovações, de transformações e de criações de todos os géneros, mesmo os mais fantásticos, Madrid não podia deixar de responder a essa chamada, e fê-lo na hora própria. E garbosamente estendeu o seu domínio mostrando ao mundo que sentiu «o movimento moderno».

Ao lado da silenciosa Madrid dos velhos tempos em que parecem flutuar os fantasmas das «Carmens» e dos «Dons Josés», e de outras figuras lendárias ou históricas, surgiu uma Madrid elegante, que se agita rumorosa, alegre, e como sempre salerosa e cônscia do seu valor, percorrendo com passo firme as largas avenidas onde palpita o fogo ardente da vitalidade espanhola.

**São Bruno, escultura de Manuel Pereira**

Da bela igreja de S. Francisco, do século XVIII, do clássico e riquíssimo Museu do Prado ao Museu de Arte Moderna, da baiúca também do século XVII ao Pasapoga, Zambra, etc., e à Cueva de Sésamo, cenáculo da juventude existencialista, Madrid oferece-nos todos os seus contrastes.

Na Academia de Belas Artes de São Fernando tivemos o prazer de admirar o São Bruno, esse notável trabalho do nosso Manuel Pereira, famoso escultor do século XVI que deixou a pátria a convite do rei de Espanha, tendo ali permanecido largos anos, onde deixou numerosas obras de estatuária.

A Porta do Sol outrora centro da cidade, foi suplantada pela moderna Praça de Cibeles, e a velha Grã Via aumentada e modernizada aparece-nos sob o nome de avenida José António, concentrando em si o grande movimento comercial e o fulcro dos divertimentos da capital.

Se Madrid possui riquíssimo património pictural não é do mesmo quilate o da estatuária, da arquitectura clássica. Eis porque recentemente construiu a sua «torre», um arranha-céus de trinta andares, dominando a Praça de Espanha, onde o monumento a Cervantes, num belo bronze, nos apresenta cavalgando o inolvidável D. Quixote e o seu Sancho Pança.

Se é essencialmente barroco, no barroquismo aristocrático e monumental dos seus edifícios, Madrid vincula bem a nossa época na sua espaçosa Cidade Universitária.

Madrid, capital orgulhosa das suas amplas avenidas e da bela Castelhana e do lindíssimo Parque do Retiro; dos seus pintores: Velasquez, Goya, Zurbarán, Ribalta, Murillo, Medraza, Zuloaga e tantos outros, e dos seus notáveis músicos, Manuel de Falla. Granados, etc., e dos seus pensadores, como Unamuno, Ortega y Gasset e de tantas outras coisas belas e de tantos outros nomes ilustres, Madrid é também e com justa razão a capital orgulhosa da sua cortesia tão castiçamente castelhana! E a comprová-la os nossos cativantes amigos novamente se juntaram na Estação das Delícias para nos testemunharem toda a sua satisfação pela nossa visita. E entre abraços, palavras amáveis e de saudade, lenços e mãos acenando, vimos desaparecer os rostos amigos que nos sorriam prometendo-nos uma próxima visita.

Digam lá se não valeu a pena esta viagem. Além da confraternização que nos deu verdadeiros momentos de alegria e proporcionou conhecimentos que ficarão em nós como relíquias, tivemos oportunidade de apreciar a paisagem em toda a sua grandeza.

Depois, a alma espanhola, sempre hospitaleira, manteve-se a grande altura e deu provas do que é capaz, quando irmãos de ideal percorrem a sua terra, no desejo de estreitar relações amistosas.

E ficamos, desde já, com o desejo de voltar à Espanha amiga...

# Quem Cantou a Estranha Melodia?

Por PAULINE SALTZMAN

Até à data de sua morte em 1915 Theodor Leschetizky, o professor de Schnabel, Paderewsky e Gabrilowitsch, só para citar três dos seus alunos, jamais pode encontrar explicação satisfatória para um incidente ocorrido, quando contava 22 anos de idade.

Durante o verão de 1853 após uma série de concertos a favor do hospital de Helsingfors, Leschetizky dicidiu fazer uma viagem sòzinho, através das paragens desérticas da Finlândia.

O jovem artista sabia que tal viagem significava uma intensa solidão, por isso que, aparte algumas estações de posta, raramente se encontravam sinais de vida ou habitações. Mas a ideia despertou-lhe a imaginação e ele fez os preparativos para partir num pequeno carro de duas rodas que comprou e carregou com carne fumada, mercearias, conservas e chá.

Numa noite, quando viajava, Leschetizky divisou a considerável distância a estação da mala-posta onde resolveu pernoitar e, graças à visibilidade do sol da meia noite, viu tratar-se de um posto típico, com dois ou três compartimentos, que pouco mais poderia oferecer que uma muda de cavalos, um leito duro e um velho «samovar».

Quando o seu carro se aproximava da cabana, o jovem artista foi agradavelmente surpreendido ao ouvir música no interior. E deleitado com a perspectiva de passar algumas horas com músicos seus camaradas apressou o cavalo. Mas, logo que transpôs o portal, a música cessou e, no interior, a não ser o velho postilhão, já vacilante, com sua tigela de chá nas mãos, não havia outro sinal de vida.

Curioso e não pouco aborrecido, Leschetizky interrogou o homem em russo, mas não conseguiu fazer-se compreender e concluiu que era mais uma prova de que um finlandês se recusava a falar a língua dos invasores do seu país. O letárgico velhote não articulou palavra, limitando-se a ficar ali, com seu «samovar», sorrindo vagamente.

Leschetizki tentou não mostrar o seu desapontamento; movimentou-se em redor, preparando a solitária ceia com o seu «stock» de provisões e depois de comer estendeu-se sobre a cama.

Sùbitamente abriu os olhos: lá estava de novo a música, profunda e ampla. Não havia dúvida alguma e a melodia era cantada por uma bela voz de contralto e acompanhada por uma «balalaika» (guitarra nórdica).

Decidido a descobrir o cantor saltou da cama e vestiu-se ràpidamente. Mas uma busca completa à casa não deu resultado algum. A não ser o velho postilhão que ressonava placidamente, arrumado a um canto, não havia por ali qualquer outro ente humano!

Leschetizki perdeu a cabeça. Foi direito ao ancião e sacudiu-o rudemente, cantando a melodia que acabava de ouvir e, através de uma desesperada pantomima, tentou fazer-lhe compreender que queria conhecer o paradeiro do cantor. O postilhão limitou-se a olhá-lo alvarmente.

O desesperado moço subiu a escada que ligava às mansardas e mais uma vez, graças ao sol da meia-noite, não teve necessidade de luz. O velho finlandês trepou atrás dele e encostou-se silenciosamente à parede. De repente a ideia de uma brincadeira de mau gosto atravessou a mente enfreneziada de Leschetizky. Mais uma vez agarrou o pescoço do infeliz postilhão, apontando-lhe uma pistola e dando-lhe claramente a entender que, ou ele lhe apresentava o misterioso contralto, ou então...

O velho finlandês caíu de joelhos e, erguendo as suas mãos nodosas, implorou piedade.

Leschetizky sentiu no seu íntimo que o velho guarda de posta era incapaz de cometer qualquer crime. Murmurou uma desculpa e soltou o aturdido velhote.

Movido por súbito impulso foi examinar o soalho e arredou as tábuas uma a uma, mas, ainda desta vez, nada encontrou. Irritado e decepcionado desceu a escada e saiu para fora. Procedeu a buscas nas imediações, mas sem resultados. Voltou para o interior, agora completamente enervado, e atirou-se para cima da cama com desespero. Pensamentos mórbidos atravessavam-lhe a mente e velhas histórias de fantasmas vinham-lhe à memória.

Pouco a pouco chegou à convicção de que alguma tragédia sem nome ocorrera nesta velha estação de mala-posta. E era evidente que o espírito da vítima o chamava para remediar o mal.

Theodor Leschetizky dispendeu ainda mais algumas horas em buscas infrutíferas. Por fim, completamente exausto, deixou-se cair no leito outra vez. Mas, assim que fechou os olhos, a voz de contralto, rica e enigmática, do invisível cantor encheu de novo o compartimento.

Leschetizky começou a suspeitar que era vítima de uma alucinação auditiva. Ou seria ele próprio o alvo de qualquer trágico gracejo?

Febrilmente desdobrou um rolo de papel de música e escreveu a melodia e o seu acompanhamento de balalaika. O canto tinha parado outra vez, mas a impressionante tristeza da música ficara gravada na sua alma.

Leschetizky acordou às 10 horas do dia seguinte e imediatamente se preparou para retomar a viagem. Tentou afastar do seu espírito os acontecimentos da noite anterior, como se de um pezadelo se tratasse, mas, de repente, os seus olhos avermelhados fixaram o papel de música caído no soalho!

Leschetizky cantou a história à sua biógrafa Condessa Angela Potocka:

— Quando o velho postilhão me viu, ajoelhou. Os seus temores devolveram-me o equilíbrio e procurei tranquilizá-lo. Atrelei o cavalo, no que me ajudou com grande zelo, e ficou no um-

# A LIBERDADE

Por ANSELMO PAERMENTIER

*É quase unânime a teoria acerca da liberdade. Argumentando-se em sua defesa, diz-se que, por ser inerente à natureza humana, não deve limitar-se.*

*Embora não seja remotamente oposto a esta teoria — muito longe disso, posto que é aspiração inata em cada um de nós, proveniente de idades longínquas — digo que é finalidade anímica por nos conduzir à perfeição.*

*Ela só se conquista por mérito próprio, subordinado ao grau evolutivo do espírito; consequentemente, vê-se que, do ponto de vista igualitário, não deixa de ser uma utopia, resistindo ao exame sereno e judicioso. Posta em mãos inábeis, os resultados não deixam de ser funestos. Exemplos demonstrativos são as atitudes que dia-a-dia se registam no mundo, desvirtuando o sentido da palavra e convertendo-o em libertinagem.*

*Convém estabelecer que a liberdade é prerrogativa do ser moral, ao passo que a libertinagem é uma abjecção, um abuso, uma injúria. Portanto, é agir contra a lei e não só contra a dos homens, mas também contra as leis divinas. Se os humanos são falíveis, Deus não é.*

*Ouçamos a respeito o insigne Léon Denis acerca da liberdade:*

*«O ser não é verdadeiramente forte para a liberdade até que as leis universais exteriores se transformem em interiores e conscientes, em virtude da própria evolução. No dia em que compreenda a lei e a transforme em regra de suas acções, alcançará o ponto moral em que o homem se possua, se domine e se governe a si mesmo. Então não terá necessidade das proibições e da autoridade social para dirigir-se. E o mesmo sucede com a colectividade. Um povo só é verdadeiramente livre, digno de liberdade, quando obedeça a esta lei interior, lei moral, eterna e universal, que não emane de uma casta, nem das multidões, mas de uma potência mais alta. Sem a disciplina moral que cada um deve impôr-se, as liberdades públicas serão uma farsa. Poderá haver aparências, mas não se modificarão os costumes de um povo livre. A sociedade continuará exposta pela violência das suas paixões e pela intensidade de seus apetites a todas as complicações e a todas as desordens.*

*«Tudo o que marcha para a luz, marcha para a liberdade, que se abre inteiramente na vida superior. Quanto maior for o peso das fatalidades materiais, mais atrasada e mais inconsciente é a alma, que será tanto mais livre, quanto mais se elevar e se aproximar do divino. No seu estado de ignorância é bom estar submetido a uma direcção. Inteiramente livre, perder-se-ia nos baixos da existência; mas, chegada à sabedoria e à perfeição, goza da sua liberdade na luz divina. O homem é o artífice da sua libertação. Só alcança a liberdade absoluta por meio da cultura interior e pondo em vigor as suas potências ocultas.*

*«Os obstáculos acumulados na sua rota são os meios de obrigá-lo a sair da sua indiferença e a usar as suas forças latentes. E todas as dificuldades podem ser vencidas.*

*«Todos somos solidários e a liberdade de cada um liga-se à liberdade dos outros. Libertando-se das paixões e da ignorância, o homem liberta os seus semelhantes. Tudo o que contribui para dissipar a noite da inteligência e atrasar o mal, torna a humanidade mais livre, mais consciente de seus deveres e poderes. E como o estado de plena liberdade é o ponto culminante da ascensão e da entrada do ser no plano superior e magnífico das coisas, tudo em nós deve concorrer para o desenvolvimento de nossas atitudes morais, visto serem, ao mesmo tempo, a nossa coroa de luz e a ampliação do livre arbítrio.*

*«Elevemo-nos, pois, à consciência do nosso papel e da nossa finalidade e seremos livres. Asseguremos pelo esforço os nossos ensinos e os nossos exemplos, o triunfo da vontade, como o bem; e em vez de formar seres passivos jungidos ao jugo da matéria em prol da incerteza e da inércia, teremos modelado almas verdadeiramente livres das cadeias da fatalidade, pairando sobre o mundo pela superioridade das qualidades adquiridas»*

*bral do posto a olhar-me, enquanto me afastava. Decerto, tomou-me por um louco.*

*«Assim que cheguei a Viborg, a primeira cidade no meu caminho, fui directamente a um editor de música e pedi-lhe que me enviasse todas as canções folclóricas da Finlândia para o meu hotel. Com grande surpresa encontrei a melodia que até mim viera naquela inesquecível noite. Ali estava, apenas com um pouco menos de harmonia!*

*O editor pediu-me que lhe deixasse o meu manuscrito e em breve a canção foi publicada, tal como a ouvi».*

*Leschetzky referia-se muitas vezes àquela estranha noite passada nos confins da Finlândia. A sua cunhada, Condessa Angela Potocka, descreve-a fielmente na biografia «Theodor Leschetizky — um estudo íntimo do Homem e do Músico».*

*O manuscrito original, versão da melodia, tal como a escreveu, foi incluido no livro, sob o título «Motivo Finlandês».*

*A biografia foi traduzida do orignal francês para a língua inglesa por Genevieve Seymour Lincoln, em 1903.*

*Já no fim de sua vida, Theodor Leschetizky, mestre dos maiores pianistas do mundo, perguntava a si próprio:*

*— Podem os mortos procurar um estranho capaz de corrigir um velho erro?...*

# HOMENS E DEUSES

## (Carta a Lady Max Heindel)

**Por OCTÁVIO DE MARIALVA**

Excelência:

Conversando, há poucos dias ainda, com um meu amigo e pensador ocultista, depreendi do seu argumento que ele próprio estaria convencido de que existe algures um Logos Cósmico, «único e absoluto».

Ou não teria eu compreendido?

Seja como for, porém, o facto é que o filósofo C. Jinarajadasa também afirma, no seu tratado sobre *Fundamentos de Teosofia*, precisamente o seguinte: «O Universo, com as suas miríades de estrelas, é a expressão de uma vida consciente, a quem chamamos Deus, Ishvara, Ahura Mazda ou Alá. Esta Vida Única é o Logos Cósmico, o *Único sem Segundo*».

Ora, quer-me parece que há aqui um equívoco de interpretação e que, tanto o pensador ocultista como o filósofo do Ceilão, ou seja, o famoso Dr. Jinarajadasa, estão em relativa contradição com os princípios da razão raciocinante.

Se não, vejamos. Que diz o Iniciado Max Heindel, no seu *Conceito Rosacruz do Cosmos?*

Simplesmente isto: «Quando se emprega o nome de Deus, quase sempre não se sabe com segurança se se quer indicar o Absoluto, a existência una, ou o Ser Supremo, que é o Grande Arquitecto do Universo; ou o Logos, que é a Divindade do Sistema Solar».

Com efeito, chama-se hermèticamente Logos ao regente do Sistema Solar, que «existe mais próximo que as mãos e os pés» e é fonte de todas as coisas manifestadas. Este é o Logos Solar. O Logos Cósmico, a que se refere o Dr. Jinarajadasa, deve ser, certamente, não o «Único sem Segundo», mas sim um Logos ainda mais para além do Logos Solar, ou melhor: o Supremo Arquitecto do Universo, que encerra o agregado de 200 mil milhões de estrelas, conhecido em astronomia pelo nome de Via Láctea.

Mas, como se sabe, existem outros Universos (que não devemos confundir com os sóis pertencentes à referida galáxia) mesmo em número infinito, e cada um deles é a expressão de um Logos Cósmico que, em última análise, nada mais é do que o Eu de qualquer ser humano ou planetário, embora, incomparàvelmente, mais evolucionado.

O «Único sem Segundo» deve ser, por conseguinte, não um Logos Cósmico, o qual, como todos os outros Logos girando no espaço, é o fruto de uma evolução anterior, mas apenas o Absoluto, através de cuja essência existe simultâneamente tudo o que foi, é e será, num eterno-agora.

Sim, só o Absoluto, «tudo em tudo», que está para além de toda a limitação, e, portanto, fora da compreensão, pode ser, realmente, apelidado de «Único sem Segundo».

É a Substância una e indivizível, que existe dentro e fora do tempo e de espaço e cujo centro se encontra em toda a parte e a circunferência em parte alguma.

Como explicar este mistério dos mistérios?

O Foco ou Raiz Cósmica da existência, tem dois pólos: o positivo e o negativo.

Ao pólo positivo, ou grau mais alto da vibração da Substância, dá-se o nome de Espírito, que é o átomo real, única realidade, que se move num grande latejar rítmico, sendo tudo o mais apenas uma sombra dessa mesma realidade; e quanto ao pólo negativo, ou seja, o grau mais baixo da vibração da Substância, tem o nome vulgar de *Matéria*, a força, que alternativamente emana as formas transitórias e as reabsorve, quando através delas os seres adquiriram a experiência e o conhecimento.

Ora, a maravilha do Grande Segredo é que «o todo está na parte e a totalidade na unidade». Não vos parece?

Exemplifiquemos:

### ABSOLUTO

Quer dizer, a realidade eterna, que não é, de modo algum, qualquer ser individual ou relativo, principiado ou limitado, mas tão sòmente a raiz de tudo, oceano da vida infinita, sempre presente em toda a parte, em cada átomo, protão ou electrão do cosmos visível e invisível, dentro e em torno de cada molécula indivisível.

### LOGOS CÓSMICO

Isto é, o Grande Arquitecto do Universo ou Via Láctea, emanado do Asoluto na aurora da manifestação cíclica, que é o vasto campo de evolução dos milhões de Logos com os seus respectivos zodíacos, constelações, sistemas estelares e planetários, do qual faz parte o sistema solar.

### LOGOS SOLAR

Ou seja, o Parácleto revelado, fundador e governador do sistema solar, que inclui no seu próprio âmbito as hostes de hierarquias gloriosas, de um incomensurável esplendor espiritual, que evolucionaram em mundos anteriores.

Numa palavra, pois, tanto o Logos Solar como o Logos Cósmico devem ser considerados Mónadas em ascenção, que se limitaram a si mesmas em certa dimensão do espaço sideral, ao princípio de um Dia de Manifestação, para a evolução e aumento da sua consciência individual.

Mas o homem é, de igual maneira, um fragmento ou faúlha da chama divina, como todos os outros Eus, evolucionando dentro da aura do Logos Solar, no qual todos «vivemos e temos o nosso ser».

E o teósofo Sinnett diz, com razão: «O sistema solar é, na realidade, um recinto ou espaço limitado da natureza, encerrando tantas coisas, e coisas tão altas,

que os mais elevados tipos que a nossa humanidade possa desenvolver, sòmente estão em condições de as suspeitar. Teòricamente, todos nós sentimos com exactidão — e para isso basta contemplar os céus à noite — que o sistema solar não é mais do que uma gota de água no oceano do universo. Esta gota é, por sua vez, um oceano para os seres pouco desenvolvidos que ela encerra; e apenas podemos adquirir hoje uma vaga e obscura concepção de sua origem e constituição».

Vemos assim que todas as forças e energias físicas são modificações da vida irradiada pelo Logos Solar, fonte de toda a luz em seu sistema, pois cada um dos milhões de sóis da galáxia de que fazemos parte, é o aspecto exterior do corpo físico do Logos correspondente.

E por isso é que em algumas religiões antigas o sol indicava o símbolo do Deus conhecido, símbolo que era «o que menos se expunha às falsas interpretações do ignorante».

Posto isto, espero que a luz da verdade nos possa esclarecer ainda mais, através da senda inaudita desta teodiceia.

Quem duvidar, que vá lendo, e o seu espírito se iluminará.

Mas será este argumento verdadeiro, do ponto de vista do Esoterismo tradicional?

Como se declara numa escritura iniciática: «Tendo permeado esta esfera solar com um fragmento de Mim, continuo o mesmo».

Eis-nos diante duma evidência insofismável.

«Dessa sua vida superior — diz o vidente Leadbeater — nada podemos saber. Mas do fragmento da sua vida que dá energia ao seu sistema, podemos achar qualquer coisa nos planos inferiores da sua manifesação. Não o podemos ver, a Ele, mas podemos ver o seu poder operando. Ninguém que seja clarividente pode ser ateu; a evidência é demasiado esmagadora.

«De si próprio tirou Ele este grande sistema. Nós, que neste sistema existimos, somos fragmentos evoluindo da Sua vida, faúlhas do seu fogo divino; de Ele procedemos todos; para Ele voltaremos».

E insistindo: «Muitos têm perguntado porque emanou Ele de si todo este sistema? Porque nos mandou Ele sair ao encontro das tempestades da vida? Não podemos saber, nem a pergunta é prática; basta-nos ver que aqui estamos e devemos fazer o melhor que pudermos».

É claro que muitos filósofos e pensadores teriam já formulado diversas hipóteses sobre este mesmo assunto; mas a mais bela que se conhece é a de um gnóstico: «Ele é amor, mas o amor não pode ser perfeito, se não tiver aqueles a quem possa retribuir esse amor».

E o nosso vidente prossegue: «Em que estupenda altura paira a Sua consciência não sabemos, nem podemos saber qual é a Sua natureza, tal qual ela ali se revela. Mas quando Ele desce até tais condições que possamos atingir, a Sua manifestação é sempre tripla, e, assim, todas as religiões o têm assinalado como uma Trindade. Três, posto que fundamentalmente Um; Três Pessoas (porque «pessoa» quer dizer «máscara») e contudo um só Logos, revelando-se sob três aspectos».

Chegados a este ponto, Leadbeater explica ainda que, abaixo desta Divindade Solar, vêm os seus sete Ministros, às vezes chamados Logos Planetários; e, empregando uma analogia tirada da fisiologia do nosso próprio corpo, indica que a relação desses génios planetários para com Ele é como a dos gânglios, ou dos centros nervosos para com o cérebro.

Logo após estes altos governantes, por sua vez, vêm vastas hostes ou ordens de seres espirituais, a quem chamamos Anjos, Arcanjos, Serafins e Potestades, os quais se encontram ligados à construção do sistema e ao desdobramento da vida dentro dele.

Aqui no nosso orbe, por exemplo, há um grande Oficial «que representa o Logos Solar e tem regência absoluta de toda a evolução que se dá no mesmo planeta. Podemos visioná-lo como o verdadeiro *Rei do Mundo*, e sob a sua direcção estão alguns ministros que têm a seu cargo várias secções. Uma destas secções trata da evolução das diferentes raças da humanidade, de modo que para cada raça há um Chefe que a funda, e a diferencia das outras todas, e vigia o seu desenvolvimento. Uma outra secção é a da religião e educação, e é desta que têm saído os maiores Mestres da Sabedoria. O grande Oficial à testa desta secção ou vem Ele-próprio, ou manda um dos seus discípulos fundar uma nova seita ou academia, quando veja que uma nova filosofia ou religião são necessárias».

É curioso notar que a escada da Hierarquia Oculta não termina ainda neste ponto.

Mas a humanidade vive quase em completa cegueira das coisas transcendentais, e treme no receio de não poder evitar os ensinamentos perigosos...

—Não será todavia um dever — pergunto eu — daqueles que conhecem um pouco da verdade, levantar uma ponta do véu de Isis e dar ao mundo um pouco de luz?

**ROUA ELOIM AOUR**

«Faça-se a luz» na tradução literal de Fabre d'Olivet.

Consequentemente, deixemos o sigilo para os ocultistas e falemos apenas para os profanos.

Leadbeater dá aqui o último retoque, ao referir-se aos primeiros estádios do desenvolvimento do homem, «quando os grandes Oficiais da Hierarquia são fornecidos de fora, de outras mais evoluídas partes do sistema solar»; e acrescenta que logo que há seres humanos que podem ser educados «ao preciso ponto de poder e sabedoria, estes lugares passam a ser exercidos por eles».

«Para poder chegar às condições de ter um lugar destes, um homem deve elevar-se a um nível muito alto, e tornar-se o que se chama um Iniciado ou Adepto — uma criatura de bondade, poder e sabedoria tão grandes, que se ergue acima da humanidade, pois que já atingiu o auge da evolução humana normal, encaminhando-se por fim até ao Divino».

Muitos homens têm conseguido alcançar o nível de Adeptos, homens não sòmente de uma nação, mas dos principais países do mundo: «almas raras que com indómita coragem tomaram de assalto os fortes da natureza e lhe capturaram os seus mais íntimos segredos e assim ganharam o direito de ser chamados Mestres».

Sintetizando:

1. Existe um único Absoluto.
2. O Absoluto contém um número infinito de universos.
3. Cada universo concentra em si mesmo milhões de sóis.
4. O sistema solar é uma estrela pertencente a um universo ou galáxia, a que se dá em Astronomia o nome de Via Láctea.
5. A estrela ou sistema solar ao qual pertencem os planetas Mercúrio, Marte, Terra, Vénus, etc., é uma casa sideral fundada por um Logos.
6. Um Logos é sempre um Eu

# «OS DOIS TENTADORES»

## de PAPINI

*Desde novo que apreciamos o vigor literário e a coragem moral de Giovani Papini, admirável escritor que com uma argumentação cerrada e uma filosofia aberta legou belas páginas à Humanidade. Esta simpatia pelo lutador da pena vem-nos do tempo em que éramos católico de Fé e mandamentos.*

*A sua «História de Cristo» é monumento grandioso, visto do ângulo em que foi feito, e, no de realismo e pregão antifarisaico. O seu ataque ao* espírito de sacristia *e ao* cristianismo de fachada, *mostra-nos a coragem dum pensador extra, dada a sua posição de militante ortodoxo. Não nos admirou, portanto, que o «católico» que era Papini escrevesse «O Diabo». Essas vibrantes páginas, escritas com amor e inteligência, desmoronam, sàbiamente, a insistente e infundada pragmática teológica.*

*No capítulo* Os Dois Tentadores *desse discutido livro, excomungado pelo Santo Ofício, Papini fala do Tentador (Diabo), e pergunta:*

*— Mas será deveras o único...?».*

*E refere-se ao Eden justificando a sua lógica: «O Eden patenteia-nos, desde o princípio, um estendal de tentações. Existem naquele ditoso jardim duas árvores, as mais apetecíveis de todas: a árvore da Ciência e a árvore da Vida. Mas, precisamente estas e tão só estas são proibidas. O Homem e a Mulher sabem a natureza e a virtude dessas árvores, podem ver, entre as folhas, os frutos que pendem ao alcance da mão e dos olhos, podem admirá-los e tocá-los; adivinham-nos e sentem-nos preciosos mais do que todos os outros; e contudo, precisamente esses e só esses, não devem eles comer. Não se assemelha esta proibição dupla a uma verdadeira e rigorosa tentação? Se Deus não queria que Adão adquirisse o conhecimento e a imortalidade, não tinha forma de evitar pôr essas árvores no Eden, ao alcance do homem?*

*«Ele tinha plasmado Adão e devia saber quão frágil era a argila de que era feito: porquê expô-lo então a tão dura e difícil prova?».*

*Argumento estranho pelo anjo, mas lógico e firme nas bases racionais, «o fruto de muitos anos de estudo, de leituras e de pesquisas», «O Diabo», porque racionado em moldes claros, mas fora do bafio tradicional, foi logo destronado e combatido.*

*Como consideração pelo homem de ontem, dulcifica-se a excomunhão, na aparência, e Papini é advertido do Erro com uma «indulgente caridade».*

*Os homens, os mesmos. O processo, o mesmo. Erro, o mesmo. Que lamentável procedimento!*

*Estas são as únicas palavras que conseguimos pronunciar depois de ler o livro em questão e depois de conhecer o* Veridictum...

EGO

ou centro autoconsciente, em maior ou menor grau de evolução, ou seja, o produto de um ciclo anterior.

7. Cada Logos, seja planetário, solar, zodiacal ou galáctico, obedece à mesma lei evolutiva, dentro do campo da relatividade.

8. Alguns Logos são menores e outros maiores; uns são ainda atrazados e outros mais adiantados; mas todos eles pertencem a um circulo infinito, sem solução de continuidade.

9. O homem é também um Logos ou Eu diferenciado, que faz parte da mesma hierarquia dos deuses cósmicos, solares e planetários, e foi dotado de uma consciência própria que lhe é peculiar no seu plano de percepção.

10. A constituição de um sistema solar e a do sistema humano estão submetidas às mesmas leis da «emanação do sopro», pois um único e mesmo princípio divino existe na raíz de todas as coisas e domina a matéria cega.

11. E o que é o Absoluto? Como dizem os místicos orientais: *Sat*, Aquilo, é o consciente abstracto (não confundi-lo com a autoconsciência do Eu) que está para além de toda a relatividade e podemos chamar o Não-Ser.

12. O Absoluto não é de A nem de B, não é propriedade de ninguém em particular, mas sim uma essência substancial que comunica energia a tudo com o seu poder de evolução e involução.

13. Um Eu ou Logos é uma síntese do Absoluto, ou melhor esclarecendo: um Logos é o proprio Absoluto tornado autoconsciente através do *Ego* renascido.

**25 de Abril de 1958**

# PODEM OS NOSSOS CÃES VIVER OUTRA VEZ?

Por E. Edward Rehmus

Será esse estranho fenómeno da reencarnação limitado aos homens? Eu e minha mulher afirmamos postivamente que não. Vou dizer porquê:

Na manhã de 17 de Julho de 1954 eu e minha esposa iniciámos uma viagem. A nossa cadela Doxie, de 5 anos, ficaria com meus pais, como decidimos; Mas, ao pretender deixá-la só, fez tal barulho, que não tivemos coragem de abandoná-la. Assim, os três começámos a viagem naquela manhã e Doxie ia satisfeitíssima, sentada no banco posterior, entre raquetes de ténis e malas diversas. É conhecido o prazer que certos cães experimentam em viajar de carro, olhando durante horas para a paisagem circundante, e Doxie não era excepção.

Eu e minha esposa conversávamos, confortàvelmente instalados, quando Doxie começou a ladrar daquela maneira súbita, inexplicável e, na verdade, aborrecida com que os cães nos costumam surpreender. Como passávamos junto a uma pequena quinta, julgámos, que algum coelho ou qualquer objecto de interesse canino lhe despertasse a atenção. E íamos mandá-la calar quando saltou do carro. Premi os travões com rapidez (ia quebrando o pára-brisas) e encostei o carro à berma da estrada, receando encontrar a cadelinha inconsciente ou, pelo menos, com uma perna partida, pois íamos quase a 80 km à hora. Doxie, porém, rolara uma tantas vezes no ar antes de embater com o asfalto e corria agora em direcção à quinta que ultrapassáramos há pouco. Uma palissada de baixa altura separava a propriedade da estrada e quando Doxie a tentou saltar, as suas curtas pernas não a ajudaram. Ladrou durante uns momentos e depois começou a cavar com as patas, no intuito de furar por baixo da palissada. Gritei-lhe, ordenando-lhe que voltasse para o carro, mas não fez caso.

— «Que tens tu, Doxie? — perguntou-lhe minha mulher, tirando-a da palissada. E começou a ralhar-lhe.

Neste momento a porta da quinta abriu-se e uma mulher idosa aproximou-se de nós.

Explicámos-lhe que a cadela saltara do carro para ir atrás de algum coelho, ou doutra coisa, e que tentara furar a vedação.

— Ouvi os vossos travões e pensei num acidente — disse ela.

Ao ouvir sua voz, Doxie começou a agitar-se e a ganir, conseguindo escapar-se dos braços de minha mulher e, como esta se encontrava junta da palissada, ao nível da parte superior, Doxie saltou por cima dela, caíndo no pátio. Depois correu para a mulher, ladrando e ganindo como se a conhecesse e se sentisse feliz em vê-la! A este já de si estranho facto juntou-se o dela deixar a mulher e desaparecer pela porta da casa. Nós estávamos tão admirados, como desesperados. Com as faces vermelhas pedíamos desculpa, mas isto não evitava a desagradavel situação. A mulher sorriu e assegurou-nos que não tinha importância.

— Entrem. Sou Mrs. Woodford. Qualquer coisa que o vosso cão procure nós a encontraremos.

Penetrámos na habitação e fomos encontrar Doxie agitando-se junto à porta das trazeiras, como se quisesse sair. Mrs. Woodford abriu a porta e Doxie encaminhou-se directamente para um grande celeiro, seguida por nós. Reparei que Mrs. Woodford franzia o sobrolho com espanto.

Quando ali chegámos ficámos atónitos, de boca aberta, perante o que vimos. Raro é o cão que aprende a subir uma escada móvel só por si! Duvido que Doxie visse jamais em sua vida uma escada assim, mas ali estava ela subindo os degraus que a levavam ao palheiro!

Quando o atingiu, mostrou-se muito excitada e começou a proceder como se alguma coisa a confundisse. Principiou a ganir, lamentosamente, correndo de um lado para outro e removendo o feno com o focinho. Subi a escada e agarrei-a para evitar que se escapasse.

Quando voltámos ao cercado notei que Mrs. Woodford estava muito pálida e como que alquebrada. Acompanhámo-la a casa e pelo caminho foi-nos dizendo que algo de misterioso devia haver no estranho procedimento de Doxie. Contou-nos então que em Dezembro de 1948 possuia uma «foz-terrier» chamada *Queennie* que dera à luz uma ninhada de cachorrinhos justamente no palheiro em questão. Seu filho Robert ensinara *Queennie* a subir a escada e, sem dúvida, à hora do parto, a cadelinha julgara o palheiro ninho aproriado para as suas crias.

Dois dias depois foi avisada de um acidente ocorrido com seu marido, quando viajava de automóvel e de que ele fora transportado ao hospital. Roberto estava no Colégio e Mrs. Woodford não tinha meios de transporte. Foi obrigada a chamar a polícia e pedir-lhe que a levassem. Quando esta chegou, preocupada e aflita por causa do marido, esqueceu completamente *Queennie*, que comia nesse momento na cozinha.

Mrs. Woodford fechou a porta e partiu, deixando *Queennie* fechada em casa. Só voltou 48 horas depois, ao saber que seu marido estava livre de perigo, e quando chegou ao lar encontrou *Queennie* a seu lado. Parece pouco lógico que ela notasse que as crias tinham ficado sós, sem alimento durante dois dias, mas era evidente que o que peria era ir ter com elas. Correu através do pátio em direcção ao palheiro. Subiu a escada, mas, junto à entrada, tinha-se amontoado uma fina camada de gelo. Na sua excitação *Queennie* escorregou na juntura e caiu do alto sobre uma forquilha a prumo. Morreu quase instantâneamente e Mrs. Woodford, tristemente, viu também as crias mortas.

Seria Doxie a reencarnação de *Queennie?* Ou teria recebido qualquer comunicação telepática do espírito de *Queennie?* Seja o que for, o procedimento de Doxie indica que os seres humanos não possuem o monopólio das intercomunicações psíquicas.

**(Do «Your Fate», de Abril de 1958)**

# ECOS DE U

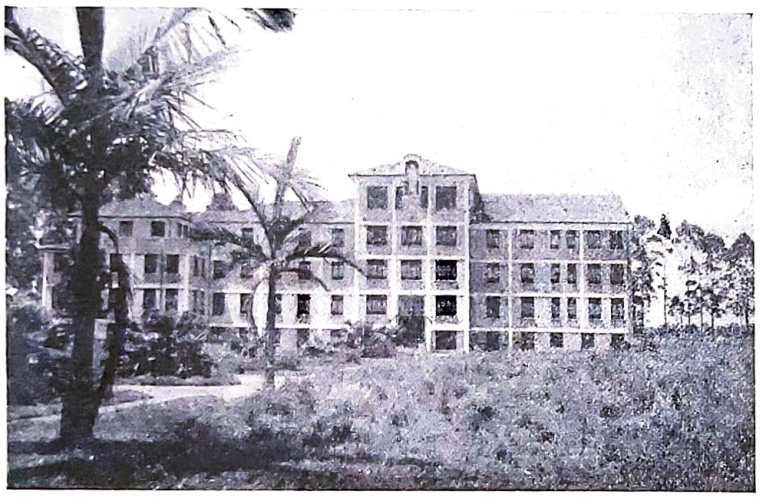
Por ISIDORO

XI

## A LUTA DE

*O dia 12 de Junho amanheceu alegre, apesar da chuva da véspera. Levantámo-nos cedo. Como disse, o paulista é dinâmico, não tem ovos nas axilas. Às seis horas já se vê gente na rua, em formigueiro, cada qual buscando a mantença, segundo o meio de vida. Os abúlicos, os bradípodes, não rumam a São Paulo. Ficam em seus pagos, dão largas à tendência que os marcou ao nascer. Quando muito, buscam ambientes similares. Em regra vivem em climas quentes, de temperatura uniforme. E o ser humano necessita de alterações climáticas para aumentar o labor físico. O próprio organismo reage naturalmente.*

*António Trindade convidou-nos a visitar o* Sanatório Jesus de Nazaré, *em Suzano, nos arredores de São Paulo. Devíamos partir às 10.30, mas antes demos uma volta pelo mercado.*



**Sanatório Jesus de Nazaré, em Suzano, arredores de São Paulo**

*Já dissemos que é visita obrigatória em qualquer localidade. Aqui há vários mercados ao ar livre, onde os bairros se abastecem. Já os tínhamos visto no Meier e na Tijuca, do Rio de Janeiro.*

*O mercado citadino reflecte, não só a vida da população, como também a fertilidade do solo e as técnicas agrícolas. Nesta grande metrópole predominam as leguminosas de cultura portuguesa, espanhola e japonesa. Tantas hortas que vimos ao percorrer a auto-estrada General Dutra! Tanta gleba arroteada a 800 metros de altitude, em clima de serra, por vezes pluvioso e nebuloso! Os vastos latifúndios, as «fazendas» amanhadas pela enxada do caboclo deram origem às antigas aldeias de Itapecerica, Guarulhos e outras, que facilitaram o povoamento, que fizeram uma urbe magnífica, das maiores e mais florescentes da América do Sul.*

*Só o esforço hercúleo pôde fixar tamanha aglomeração num planalto, sabido que as migrações preferem quase sempre a beira-mar, como a Capital Federal, os rios, como Porto Alegre e Recife, e a planície, como a cidade de Campos, empório do açúcar.*

*As hortas paulistas reflectem o trabalho português. Delas saem milhares de toneladas de tomates, batatas e laranjas, a caminho de outros Estados e do Estrangeiro. Nesta latitude um fenómeno se exerce, muito pouco frequente no Brasil. É a divisão agrária que dá aspecto europeu à superfície. A pequena cultura é mais variada e demonstra em maior grau a iniciativa e a vontade humana.*

*Nesse mercado exibiam-se frutas e hortaliças, que os compradores transaccionavam na luta pela vida.*

*Como seriam os mercados dos outros bairros? Onde procurar alimentos para dois milhões e quinhentos mil estômagos habituados à mantença? Eis um problema em que poucos meditam, embora esteja na base das preocupações quotidianas...*

★

*Agora atravessamos as zonas comerciais e industriais próximas da rua Casimiro de Abreu e os bairros israelitas e japoneses. António Trindade domina o volante com segurança. O Amadeu Santos, cremos que ficou na Sinagoga, com indisposição de estômago. Não sabemos ao certo. Como dissemos, valemo-nos em grande parte da memória. Mas se veio ou viesse connosco, participou ou participaria de nossas impressões. São Paulo não lhe é estranha. Cá tem estado muitas vezes. Mas é sempre agradável um passeio deste género. Satisfaz a curiosidade e aumenta o conhecimento.*

*Os estrangeiros agrupam-se de harmonia com a nacionalidade. Há grandes bairros onde uma raça predomina, com indústria, comércio, escolas, parques desportivos, hospitais e agências funerárias. Compraram gradualmente os edifícios mais valiosos e foram adquirindo os restantes ao longo do tempo, mesmo à custa de somas fabulosas, para as quais contribuiu a comunidade.*

*Nas zonas mencionadas escaparam alguns prédios que aguardam a sorte dos primeiros. Há indivíduos que receberam três e quatro vezes o valor da propriedade. Mas isso não importa. O que é preciso é espaço vital des-*

# MA VIAGEM

JARTE SANTOS

II

## UM HOMEM

*tinado à expansão da raça. De resto, «onde todos pagam nada é caro», como diz o rifão.*

*Os judeus são rigorosos visto. Levam o racismo ao extremo, como fizeram em Israel. Excessivamente económicos nas coisas elementares, esbanjam riquezas para ganhar um ponto. São unidos, têm amor à grei. Não são fàcilmente assimiláveis. O exílio milenário não os extinguiu. Pelo contrário, refinou qualidades que noutras raças teriam desaparecido.*

*Os japoneses não lhes ficam atrás em tenacidade, embora menos astutos e oportunistas. Bons patriotas, amantes do trabalho, são capazes de refazer sete vezes a mesma construção, à semelhança da aranha, e a sua frugalidade ultrapassa a de qualquer outro povo. Só eles poderiam engendrar culturas de arroz nas montanhas e fabricar relógios para venda ao quilo...*

*Os sírios são mais cosmopolitas e encontram-se igualmente na metrópole bandeirante. O seu ofício é o negócio de toda a espécie. Descendentes de maronitas — sírios perseguidos pelos otomanos e que aportaram ao Brasil em 1890 — dedicam-se ao comércio ambulante, com seus baús de pacotes, algodão, meias, etc., que expõem nas festas religiosas, como os nossos quinquilheiros, e avançam pelo sertão oferecendo objectos em troca de gado, metais preciosos, borracha e aguardente. Os que têm sorte, compram muares e depois camionetas, muitos havendo em São Paulo com lojas-bazares, de mercearia, café e pimenta, os tais «secos e molhados» que se transformam em verdadeiros centros de comércio. Muitos habitam na rua 25 de Março de elegantes linhas, e a indústria têxtil deve-lhes grande parte do seu progresso.*

*Gostaríamos de viajar a pé, observando vagarosamente e detidamente os fornecedores do povo, agarrados a balcões extensos, olhos perscrutadores e falas mansas — no agradar está o ganho — que ficam no armazém a somar parcelas e a conjugar o verbo haver...*

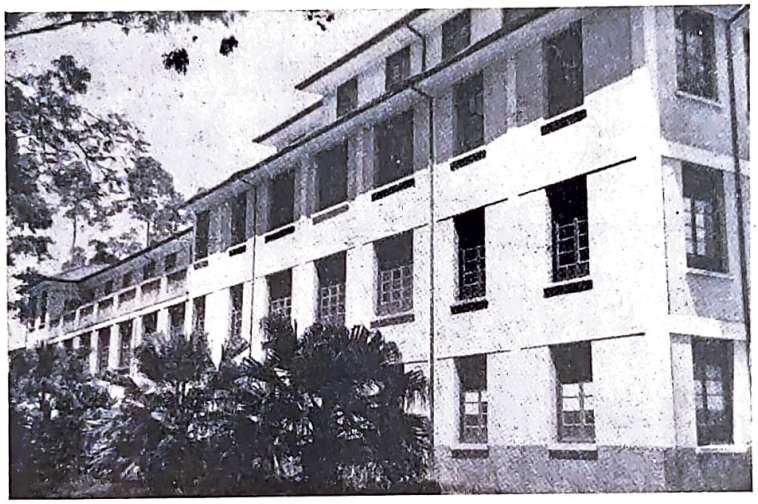
*O sírio é que tornou possível a classe operária de São Brás, composta de italianos, húngaros e polacos, e cujas vivendas, construídas por eles, se localizam em terrenos baratos da periferia, ligados a enormes latifúndios.*

*O Trindade informa a respeito disto e daquilo.*

*— Vê estas ruas até além, a perder de vista? Tudo isto era descampado, quando aqui cheguei...*

*E ao cabo de meia hora estávamos na antiga estrada de São Paulo.*

*Os bairros novos aparecem de um e outro lado da estrada. Casinhas pequenas dispostas ao acaso. Lêramos que se erguia aqui uma de cinço em cinco minutos e não podíamos conceber tal ritmo construtivo. À vista de semelhantes aglomerados mudámos de parecer. Quase tudo casas abarracadas com uma ou outra rua em esboço. Nestes locais é que a construção alastra e não em arranha-céus, que vão sendo postos de lado. Assim mesmo a periferia da cidade alarga-se extraordinàriamente. Trinta e cinco quilómetros de comprimento... é demais para quem tem que andar a pé. Não há dúvida. São Paulo é uma vasta metrópole de ondulações insensíveis e outeiros arredondados. É pena que não disponha de água suficiente. Terão que a captar a cem quilómentros de distância. A orografia local é formada de xistos e granitos decompostos misturados com areias da época terciária que justificam os sapèzais dos subúrbios, essas gramíneas que serpeiam por toda a parte, no vale e na encosta.*



**Outro aspecto do Sanatório**

*Em certo momento, António Trindade afrouxou a marcha. Queria mostrar-nos a chácara, que fornecia a Cozinha dos Pobres de certos alimentos. E por lá andámos algum tempo em observação hortícola, entre fruteiras e campos ajardinados que ele plantara e arranjara com saber de mestre.*

*Mesmo no inverno havia interesse natural que deliciava. Basta dizer que há frutos todo o ano. Não se morre de fome em latitudes que a natureza dotou de sol e humo abundante. Tivemos ensejo de atravessar algu-*

mas, de automóvel ou trem, nas quais as árvores frutíferas se sucediam ininterruptamente, atingindo enormes alturas.

É assim na zona tropical. A vida derrama-se, eufórica, explosiva, luxuriante, em cornucópia de sonho.

Na chácara do Trindade, o podador andava sempre atrasado, por maior cuidado que tivesse. Em três meses crescem rebentos que atingem quatro e cinco metros.

Outra vez na rodovia, os olhos se espraiam por vales e ribeiros e colinas de meia laranja, que jazem lembrar as do Estado do Rio. Um ou outro mascate palmilha junto à valeta, quando não chouteia na alimária sobre cangalhas e ceirões destinados à feira, com a prole atrás, morena e esgua, à guisa de almocreve.

Isto faz lembrar o povoamento da capital paulista cheio de aventuras, desde a instalação dos primeiros núcleos de europeus colonizadores, à exploração da terra vermelha do café. Quantas centenas de milhar teriam acorrido às «fazendas» no segundo quartel do século dezanove para neutralizar a predominância africana das antigas culturas levadas a efeito por legiões de escravos?

O branco suplantou a acção de qualquer outra raça. Cabe, pois, a São Paulo a honra de haver europeizado o Brasil, além de introduzir no seu Estado a indústria de maior fôlego da América latina.

Hoje fabrica-se tudo nesta cidade. Não há nada que se não encontre à venda, «made in São Paulo». Por isso a sua população duplica de vinte em vinte anos. Este crescimento não tem réplica em parte alguma, à excepção de Sidney e Chicago.

E ao lado dos bairros excêntricos que os olhos beijam, outros se inauguram anualmente sobre lotes de terreno mercadejados na véspera e agora polvilhados de casinhas novas de cores berrantes e arrojada arquitectura...

O desenvolvimento de São Paulo está em contradição com a pobreza do solo e só pode residir na vontade dos seus fundadores e continuadores que, por sua vez, atrairam energias semelhantes. É da sabedoria das nações. Nas terras pobres é que se instalam as grandes indústrias. Cebolais de Cima, nossa terra natal, era das mais estéreis do concelho de Castelo Branco. Seus antigos habitantes viviam miseràvelmente cingidos à gleba, minando a superfície e triturando a rocha para semear trigo ou centeio e plantar oliveiras. Grande parte do ano percorriam as aldeias do Norte a negociar, a trocar quanto podiam e regressavam ajoujados, como os sírios. Os homens cardavam lã e as mulheres fiavam-na grosseiramente em rodas primitivas. Até que alguém se lembrou de montar uma pequena fábrica de fiação. A princípio chamaram-lhe utupista e lunático, como em geral acontece, mas logo se verificou o contrário e aquele velho povoado é hoje a freguesia mais florescente da região, com cerca de vinte fábricas do género, desde fiação a acabamentos. Se a terra é forte e ubérrima, o homem liga-se à agricultura, de menos projecção que o comércio e a indústria.

★

Numa volta de estrada surge ao longe o edifício do Sanatório. É, realmente, majestoso. Julgávamos que não fosse tão grande. E à medida que nos aproximamos a perspectiva assume proporções maiores. A brisa é mais fresca, não obstante o sol radioso. Temos a sensação de zona temperada.

A primeira coisa que se nota é a beleza da paisagem. António Trindade teve ideia excelente ao escolher o local do sanatório. É, de facto, um homem extraordinário, cheio de iniciativa e de vontade.

Mais uns minutos e chegamos à frente do monstro de pedra que está sendo reparado.

Nós sabíamos a história desta construção gigantesca, destinada a estância de tuberculosos. Os trabalhos, as canseiras, os obstáculos e os milhões gastos na empresa são impressionantes. Muita gente não acredita. Andaram centenas de operários a terraplanar, a abrir alicerces, a construir muros, a rasgar portas e janelas; depois outras centenas a pregar madeiramentos, a fazer escadas, a aplicar caixilhos, a estucar naquela Babel de corredores, camaratas, salas de operação, arrecadações, cozinhas, despensas, lavabos, etc., etc., e, finalmente, a pintar, a lavar e a encerar madeiras de primeira qualidade para 250 abrigados distribuídos por quatro amplíssimos andares, onde tudo fora previsto com óptimo rendimento... E um campo enorme de eucaliptos e terras de cultivo com poço artesiano e vastíssimo panorama...

O Sanatório estava em obras de reparação e limpeza, informou o Trindade. Percorremos os pavimentos através de belos lanços de escada. Ele ia explicando e narrando coisas espantosas. Queria vender aquilo por lhe ser impossível mantê-lo eficientemente, devido à falta absoluta de auxiliares. E grande mágoa se lhe imprimia no olhar...

Há oito anos, ou seja em 1951, desabafou connosco acerca deste imóvel:

— Construí uma obra — disse ele — que me consumiu quase oito anos de trabalho ingente e que é o Sanatório Jesus de Nazaré, em Suzano. Nele inverti o que possuía e não possuía, visto que, para o concluir, me endividei em mais de milhão e meio de cruzeiros (nesse tempo 1 cruzeiro valia 1 escudo e 60 centavos). Ultimada a obra, convidei confrades de projecção a colaborar comigo, para o que seriam bem pagos, além de prestarem bons serviços à Causa. Iam visitá-lo e ficavam deslumbrados. Mas ao exigir-se-lhes sentido de responsabilidade para qualquer posto directivo, todos se esquivavam alegando a grandiosidade da obra. O tempo ia passando e meus encargos aumentando, até que resolvi compromissá-lo com os Sanatórios Koch do Rio de Janeiro por quinze milhões e meio de cruzeiros, dos quais apenas recebi um milhão e duzentos mil! E agora tenho que assumir a sua direcção, para não deixar morrer uma obra que seria a maior de todas no seu género, pois que no Ocidente nada há que se lhe compare, por ser de um homem só, um tolo idealista com a ilusão de encontrar em seu caminho quem se dispusesse a trabalhar...

«E o que se deu neste sector deu-se em todos os outros, a terminar em nossa Academia Espirita. Ainda não funciona. Sabe porquê? Porque os candidatos, necessitando de ficar muito tempo internados a estudar, com cama, mesa, roupa lavada e ensino gratuito, querem saber ainda como hão-de conseguir dinheiro para as suas necessidades, vestir, calçar, etc.

«E deu-se a mesma coisa com o meu Laboratório, Farmácia e Ambulatório Médico, destinado a dar consulta e medicamentos gratuitos, inclusivé raios X. Também não encontrei quem me substituisse na minha ausência».

Um ano depois volta a desaba-

*far. O caso do Sanatório encontrava-se emaranhado. Os* Sanatórios Koch *não saldavam o seu débito, nem o proprietário via possibilidade de liquidar a questão, mesmo com grande prejuízo de sua parte, por nela estarem envolvidos elementos de grande projecção social e política.*

*O dilema apresentou-se-lhe com nitidez incrível: ou processá-los com elementos de que dispunha, ou sacrificar-se para que a Causa não sofresse.*

*António Trindade aproveitou a última hipótese, quando a dívida dos* Sanatórios Koch *atingia perto de dezoito milhões de cruzeiros, incluindo os juros.*

*Outro ano se passou e outro e outro... sem que o caso do dinheiro pudesse arrumar-se.*

*A justiça é bela, quando tem olhos vendados; mas às vezes parece mancomunar-se com a vingança para fins comuns. Nesse momento já não é justiça, é arbítrio.*

*Maquiavelo dizia que o dever do juiz era ouvir afàvelmente os litigantes e dar razão e justiça a quem as tivesse. Qualquer pessoa diria o mesmo, sem ser litigante, juiz ou Maquiavelo...*

★

*Mas — dizíamos nós — o Sanatório estava em obras de reparação e limpeza. É que os* Sanatórios Koch *o tinham utilizado a bel-prazer e não o entregaram como o receberam.*

*A verdadeira honra está no dever cumprido.*

*A história é mais complicada. Por isso o processo levou anos a esclarecer. E se António Trindade não fosse enérgico e pertinaz, ainda hoje se arrastaria nos tribunais de justiça pequena. Mas ele preferiu a liquidação com grande prejuízo de tempo e de dinheiro.*

★

*Depois voltámos à Sinagoga, a meditar na situação de um confrade, cujos empreendimentos excediam muitos outros em arrojo e grandeza e ficavam de antemão condenados. Amadeu Santos esteve sempre ao lado dele, disposto a secundá-lo. Mas a verdade é esta: ainda não surgiu o «right man in the right place». Todos acham as coisas maravilhosas, mas receiam a bola de neve. Serão homens de pouca fé ou haverá qualquer obstáculo que os não deixe associar?*

*Seria interessante unificar esforços, em vez de os destruir, como fazem alguns.*

*Quere-nos parecer que as obras de grande vulto raro sobrevivem aos seus artífices, a não ser que encontrem fiéis continuadores.*

*António Trindade abalançou-se ao máximo, sem garantia do mínimo. Lançou os haveres num empreendimento admirável, que per-*

**António Trindade em Lisboa, com a família de Isidoro Duarte Santos**

*corremos de lés-a-lés e nos fez lembrar, de certo modo, o Hotel Quitandinha, de Petrópolis, erguido por outro espiritista, embora com objectivo diferente. Guardadas as distâncias, são monumentos dignos de louvor irrestricto.*

*No meio do vendaval, a Cozinha dos Pobres continua a manter-se firme em sua missão de benfazer. Continua a socorrer quantos necessitados a visitem. Esta não exige obreiros especializados, como o Sanatório, como a Farmácia, como a Academia Espírita. E por isso se vai mantendo.*

*Nós somos dos poucos que avaliam a posição do Presidente da Sinagoga. Que avaliam e compreendem. Também nos encontramos numa encruzilhada semelhante. Estamos convencidos de que só um milagre dará sequência à nossa modesta obra.*

★

*Após o almoço escrevemos algumas cartas e recreámo-nos com o ensaio do Orfeão da Sinagoga, que estava sendo dirigido pelo maestro.*

*Sempre gostámos de escrever com fundo musical. Qualquer coisa nos estimula ou nos inspira. Não sabemos o que é, mas sentimo-la. Tantas coisas que se ignoram e cuja presença nos sensibiliza! Tantas!...*

*A poesia é a música do sentimento e o canto a música da palavra! — exclamou um dia esse elevado esteta que foi Paulo de Mantegazza. Mas, para além da expressão verbal, há encanto que se não descreve. A eloquência da palavra é inferior à eloquência da música. Na primeira há arrebatamento; na segunda, imersão e ascensão.*

*A princípio ouvíamos o canto coral, mas ignorávamos que emanava do Orfeão. O Amadeu Santos é que o identificou.*

★

*À noite era a nossa conferência. O Salão tem condições acústicas especiais, com uma tribuna adrede construída. Por lá têm passado vultos eminentes do Espiritismo, das Artes, das Letras e das Ciências. Encher-se-ia, afirmava António Trindade. E a* Rádio Progresso *estava pronta a irradiá-la. Tudo se faria normalmente, sem dificuldade, ao mesmo tempo que um magnetofone iria captando o discurso.*

*Quando o relógio deu as oito, já os lugares estavam ocupados pela numerossíma assistência. A meio, o estrado em forma de balcão destinado à mesa da presidência, onde António Trindade se encontrava, como num grande dia de festa. A seu lado, nomes*

de relevo no Espiritismo: Dr. Carlos Jordão da Silva, Dr. Amadeu Santos, Dr. Eurípedes da Costa, Prof. Anselmo Gomes, João José Cabreira, do Conselho Metropolitano da União Social Espirita, Paulo de Godoy, Carlos Strombelli, Dr. Sálvio Gois, Amália Góis, Maria Paneta, José Paneta, José da Silva, Carlos da Silva Cordeiro e Carlos Ferreira.

O ambiente era solene. Perto da mesa via-se o Orfeão, garboso, imponente quase, infundindo curiosidade e expectativa. Todos estavam ansiosos.

Era natural. Vínhamos de longe precedido de bons augúrios... As vozes amigas tinham aplanado o macadame... De todos, éramos o mais calmo.

Trindade pusera-nos de sobreaviso acerca da tribuna, pois alguns nela haviam emudecido. Era possível. O imponderável gera efeitos estranhos. Já vimos um orador de garra ser desnorteado pelos invisíveis. O campo mental obscurecera-se de tal modo, que o orador permaneceu extático e confessou a sua fraqueza. Podia suceder-nos o mesmo. Não éramos mais do que os outros. Nesta viagem de amizade houve momentos de exaltação variável, cujo motivo desconhecemos. Outros, porém, ajustaram-se à expectativa.

A primeira parte foi preenchida por música orfeónica, que nos deixou funda recordação, terminando com o «Coro dos Soldados». Raros conjuntos temos ouvido tão selectos.

Depois o Prof. Anselmo Gomes fez a nossa apresentação. Durante alguns minutos nos chamou Isidoro Dias Lopes, enaltecendo qualidades ilusórias e proclamando um valor que não reivindicamos. O que vale é que os assistentes não nos tomaram pelo chefe revolucionário brasileiro, nem nós tínhamos aspecto de caudilho... Há quem viva de confusões onomásticas e passe por aquilo que não é. O conferencista era o que sempre fora. Não queria mais nem menos.

★

Quando subimos à tribuna e relanceámos os olhos pela sala sentimos a emoção dos grandes acontecimentos. Já nos haviam estimulado do outro lado da vida. E a calma apoderou-se de nós com a certeza plena de vencer a dúvida.

Um improviso de cinquenta minutos agitou perto de mil pessoas sensíveis. Sobre o tema «As Fontes Secaram» girou o nosso esforço moral e mental. Não eram os veios de água subterrâneos, mas as fontes inspiradoras que se haviam deslocado para a América do Sul. Éramos o sequioso em busca da linfa. Atravessáramos o deserto escaldante e queríamos dessedentar-nos. As nascentes estavam naquele Brasil amorável, meca do Espiritismo redivivo que se desdobrava em obras imorredoiras.

A vibração prestes atingiu o ponto culminante e se manteve durante a palestra, uma das melhores e mais felizes que realizámos em toda a viagem.

O Alto lá esteve sempre e à sua intervenção endossamos o êxito do certame. Não fora ele, o resultado teria sido menor. Mas os Amigos vigiaram e auxiliaram...

★

No final António Trindade ofereceu um lanche aos assistentes, o qual durou cerca de uma hora.

Não poderíamos ter sido melhor recebido. Não mais esqueceremos esses momentos, nem o cavalheirismo do presidente da Sinagoga.

Passava da meia noite, quando nos deitámos, e ainda nos mantivemos acordado, a vibrar e a pensar nessa apoteose imerecida.

E o Amadeu Santos, que ficara a nosso lado, também não podia conciliar o sono, tal fora o choque recebido. Lembramo-nos bem de suas exclamações espontâneas. Se pudéssemos traduzi-las nestas linhas... Mas não queremos ferir a modéstia do nosso anfitrião, português de lei e grande amigo do Brasil que não perdeu a esperança de «instalar no Sanatório a sonhada Academia e, mais do que isso, um Seminário Espirita, de onde possam sair um dia os futuros pegureiros de Israel, capazes de levar tão pesado barco a porto de salvamento».

Não há dúvida. A obra espirita de António Trindade é demasiada para um só homem. Por isso não há quem se abalance a secundá-lo, com receio de sossobrar na senda penhascosa. O seu nome não pertence apenas à Sinagoga e ao Sanatório Jesus de Nazaré. Ultrapassou as fronteiras paulistas, onde o Espiritismo voga em maré-alta, ultrapassou as fronteiras do Brasil e pertence ao Espiritismo mundial, de direito e de facto. Esta verdade era preciso dizê-la e aí fica para expectação dos leitores. Não há louvaminha em nossas palavras, porque os factos soam mais alto. Há justiça.

Este livro é de revelação e de justiça. Mostramos o objectivo e o subjectivo, sem interesse particular. Só a verdade nos impressiona.

Como escritor, atemo-nos à história e seu entendimento; como jornalista atemo-nos ao evento e seu efeito nas multidões, sempre em linha recta, que é a distância mais curta entre o homem e a realidade; como crítico o nosso fim é construir, orientar e aconselhar, como fazemos há muitos anos.

Gostámos de ir a Suzano, gostámos de ver a construção gigantesca de um sanatório espirita destinado a tuberculosos. Foi uma viagem e uma lição. Aquele painel viverá connosco e servir-nos-á de modelo na análise e cotejo dos factos.


**COLECÇÕES DE «ESTUDOS PSÍQUICOS» E DE «MEDICINA NATURAL»**

**Temos lindas colecções de «Estudos Psíquicos» encadernadas em percalina azul, que vendemos aos seguintes preços:**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1.º | ano | 120$00 | 10.º | ano | 90$00 |
| 2.º | » | 90$00 | 11.º | » | 90$00 |
| 3.º | » | 90$00 | 12.º | » | 90$00 |
| 4.º | » | 90$00 | 13.º | » | 90$00 |
| 5.º | » | 90$00 | 14.º | » | 90$00 |
| 6.º | » | 120$00 | 15.º | » | 90$00 |
| 7.º | » | 90$00 | 16.º | » | 90$00 |
| 8.º | » | 90$00 | 17.º | » | 90$00 |
| 9.º | » | 90$00 | | | |

**Da «Medicina Natural» temos dos anos 1955, 1956, 1957 e 1958, ao preço de 55$00.**

# CASA DE SAUDE "REPER SIAM"

Por H. MAGALHÃES

Não nos lembra em que ano foi, mas há anos atrás, «Reper-Siam», o iluminado Espírito-Guia do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, fez um apelo aos espiritas portugueses, no sentido de levantar um hospital para obsidiados, como passo inicial para o movimento de assistência em terras lusas. Houve, a seguir, muita animação em torno do assunto e, se não nos falha a memória, também uma oferta de cinco mil escudos, para esse fim, caso se concretizasse a ideia. No entanto, como nos fala Jesus na parábola da «semente que caíu em terra estéril», o entusiasmo arrefeceu, fenecendo, consequentemente, o impulso manifestado.

Ao que parece e segundo o que observamos — perdoem-nos, se estamos incidindo em erro — na Pátria onde nascemos e também noutros países de além-Atlântico discute-se muito sobre Espiritismo e também sob qual denominação deve ser cultivado, sem, contudo, algo se fazer de prático. Gastam-se rios de tinta para impor este ou aquele ponto de vista, perdendo-se precioso tempo nas discussões, mas nada se faz de concreto, contrariando os dispositivos básicos que o Espiritismo nos ensina.

Esclarecem-nos os Espíritos Superiores que devemos agir com o cérebro, as mãos e os pés, como a indicar-nos o caminho do trabalho efectivo, em benefício da humanidade. Os nossos irmãos de além-mar, parece, não compreendem essas exortações, limitando-se a trabalhar sòmente com o cérebro, na exposição de suas ideias.

Aqui, no Brasil, cada Grupo toma conta dum sector. Este dá início a um «Lar para Crianças»; aquele, a um «Abrigo para Anciãos»; aqueloutro ataca a construção de um «Albergue»; um quarto grupo esforça-se por levantar uma Escola Primária; um quinto agrupamento constrói e mantém um Hospital e assim por diante.

A Federação Espirita Brasileira, com todo o seu entusiasmo, inicia e desenvolve o maior movimento de propaganda espirítica do mundo, representado pelo seu Departamento Editorial. Em São Paulo, Matão, Porto Alegre e outros locais, surgem outras editoras, embora menos volumosas.

Em Portugal já temos um bom sector de propaganda, representado pela revista *Estudos Psíquicos*, assim como a cidade de Braga, que mantém uma bem conceituada revista. Os outros sectores, no entanto, estão completamente abandonados, sem que se apresente alguém a defendê-los.

É caso confirmado no Brasil, que cada Casa de Caridade Espirita é uma Luz que se afirma.

Se demonstrado está, como acima afirmamos, que onde surge uma Casa Espirita de Assistência, aí se afirma uma Luz, porque é que os espiritas portugueses e os de outras terras não se unem, para dar início à primeira instituição? Porque não arregimentar forças em torno para vencer a incredulidade e desmascarar os que nos acusam de manter pactos com o diabo? Porque não se plantam essas Luzes, aqui e além, para servir de farol aos leigos, como estrada de redenção?

Ao escrever estas linhas, companheiros de jornada, freme nossa alma, triste por não poder estar nesse meio, para trabalhar ombro a ombro, de manhã até à noite, hoje, amanhã e sempre, encorajando-os a prosseguir, incentivando-os para a frente, sempre e sempre.

É tempo de despertar, amigos e irmãos, companheiros de longa data, deixando de lado tricas e futricas dignas de homens sem acção, de criaturas nulificadas. Tomai o bastão e segui, em torno da bandeira desfraldade por «Reper-Siam» — a *Casa de Saúde para Psicopatas*. Sereis olhados com mais respeito, meus irmãos, mesmo pelos que vos julguem seus inimigos. Vossos passos serão seguidos, palmo a palmo, pelas entidades superiores. Jamais vos faltará o alento dos Arautos do Além.

O campo é livre e o Cristo vos conclama, como há 2.000 anos, quando bradou, com toda a força de seus pulmões:

— A seara é grande e os trabalhadores são poucos!

Qual a criatura corajosa e decidida que empunhará a bandeira?...

Do irmão em Jesus, servo dos servos do Senhor,

## AOS ASSINANTES DO BRASIL

**Como dissemos em Dezembro de 1958, a revista «Estudos Psíquicos» foi obrigada a elevar o preço da assinatura no Brasil, em virtude da queda do Cruzeiro. De Janeiro de 1959 em diante será de cr $200,00 cada anuidade.**

**Pedimos aos nossos estimados representantes que não cobrem assinaturas a preço diferente; e àqueles que já tenham efectuado a cobrança, agradecemos que a rectifiquem, no sentido de podermos continuar a exercer a propaganda no sector espirita luso-brasileiro.**

**A todos, os nossos agradecimentos.**



E. Psiq. – Fev/59

# ASPIRAÇÃO AO TODO

## Por ROCHA DE SOUSA

A vibração externa da Natureza, incessantemente alimentada pelas radiações luminosas, estava tranquila na luz morna da tarde. Silêncio profundo na dimensão das formas e da atmosfera vazia. Uma quietude quase inacreditável sufocava as mais elementares manifestações do movimento. Os animais, talvez aterrorizados pela percepção dessa quietude impressionante, tinham fugido para a obscuridade de suas moradias.

O lugar das formas vegetais, imóveis na sua permanência em cenários sempre iguais, parecia, realmente, coisa tristonha, há muito afastada desse riso quente de vida que a luminosidade do dia faz estampar nas formas e nos movimentos. A noite, por muito cantada que seja nas fugas da inspiração humana, é realmente triste. Triste pelo seu contraste com a vigília das coisas naturais. Triste pelo seu contraste com a luz de um sorriso diurno, com a luz que transcreve páginas passadas, que renova atitudes e cores, que faz de uma dimensão limitada um mundo infinito de força e de graça. Triste no seu descanso, na sua condição de coisa que dorme, em que tudo dorme, em que o sono abafa os sentimentos e sufoca as cores na ausência do Sol.

Caía a noite. Lenta, monòtonamente graduada, começava a sufocar as últimas tonalidades luminosas, os últimos gritos de uma vida que, assim maniatada, se via na contingência de repousar. E o repouso abarcava as coisas e as formas. Repouso aparentemente exteriorizado, porque a vibração eterna da matéria em que se apoiam verdades mais altas, incansàvelmente na sua própria manutenção.

O Sol desapareceu na linha acidentada do horizonte. Grandes pinceladas de treva se derramaram pela amplitude desafogada do céu. Pontos luminosos de maior ou menor intensidade, estamparam-se no negrume das pinceladas, aquecendo-os com qualquer coisa de risonho que se comunicava do céu à terra.

A noite dominava. A noite era. A Natureza era noite. Das formas mais simples às mais complicadas, tudo era sono na circunstância do descanso.

O Sol fora dormir também.

A casa estava perdida na obscuridade. Era uma casa de campo, vulgar, branca, com um telhado apontando ao alto e uma chaminé também branca a rasgar-se na cor suja das telhas.

Quando olhamos para a tranquilidade que uma imagem dessas nos apresenta, não somos capazes de perceber qualquer coisa de mais amplo para além das paredes brancas, do telhado e da chaminé. Tudo o que, porventura, possa estar a passar-se na dimensão íntima e cúbica da casa, foge poderosamente à limitação dos sentidos.

Era um quarto humilde, de paredes tìmidamente decoradas. Ao fundo havia gente que chorava. Lágrimas brilhando pelas faces cavadas, lenços dolorosamente apertados entre os dedos de mãos trémulas, oscilando de um modo incerto.

Havia uma cama larga no lado mais iluminado. Posto a nu, na sua realidade trágica, pela luz difusa de um candeeiro, o homem deixava pender as mãos quase frias. Fechara os olhos. Uma confusão sufocante que não podia esclarecer, estava dominando a sua lucidez. Já não percebia que as mãos trémulas daquela velhinha humilde lhe estavam a limpar o sangue e o suor. Realmente, era doloroso ser assim arrastado para a profundidade de uma treva desconhecida. Não tinha uma vontade forte, de convicções acertadas, mas estava convencido de que poderia, com esforço notável, fugir àquele poder que se impunha de momento para momento. Fugir, fugir apressadamente ao peso horrível que lhe maniatava a respiração e qualquer tímido esboço de movimento voluntário dos músculos.

A luz morrera de todo para as camadas impressionáveis da sua sensibilidade. Tinha vontade de chorar. Vontade de clamar à tranquilidade das coisas o seu desespero indizível. Vontade de explicar aos seus o acidente que o impossibilitara, mas que — estava certo — não teria consequências mais graves. Ia levantar-se. Tinha que arranjar forças suficientes.

Ergueu-se dificilmente da cama. Foram breves os momentos em que se conservou de pé. Uma vertigem louca fê-lo vacilar e cravou-lhe profunda angústia na alma. Quando essa sensação indomável atingiu a culminância, o homem, vencido ao peso da força e da treva desconhecida, acabou por tombar na abstracção do inconsciente.

★

Brilhou para os lados do nascente a primeira claridade da manhã. A luz das estrelas começava lentamente a agonizar. O lugar que durante a noite adquirira entre as manchas negras da abóbada sideral, era agora usurpado pelo clarão imenso do Sol, despertando, com risos de cor, do sono momentâneo.

O galo cantou ao longe. O cão ladrou duas vezes e foi correr pela estrada em busca de vida. As árvores, estendendo seus braços na preguiça da brisa matinal, davam ao Sol uma retribuição de cor diversa. A cor dançava. Dançava infantilmente no calor vivificante do dia. A vitalidade universal, filtrando-se através das formas e dos átomos, brincava na beleza dos movimentos matinais.

Para os lados do poente, caíam, inertes, esfarrapados, os últimos vestígios da noite.

Das covas imperfeitas que a bizarria da Natureza moldara em muitos séculos de trabalho, saíam para o ar e para a vida os animais das mais diversas raças. O paraíso animava-se de formas, movimentos e cor, tudo vibrando

na luz já intensa, tudo gritando para o ar sua aspiração de força.

O dia é, realmente, imagem de beleza, de força, de alegria contagiosa que sabe esquecer a morbidez das dores humanas e põe nas almas uma fé maior em si próprias.

Tudo — mas completamente tudo — acordava com frescura nessa manhã luminosa e quente.

O Sol despertara primeiro.

★

O homem despertou também. Sentia-se aturdido. A cabeça andava-lhe à roda. Não sabia realmente o que lhe acontecera e achava estranho que não tivesse dormido em casa. Havia gente à sua volta que sorria e cantava, como que saudando a claridade da manhã ridente.

O homem, pregado intensamente ao solo, olhando para a transparência quase irreal das coisas, humilde na sua fraca precepção e na sua rudimentar orgânica sentimental, julgou-se mistificado pelos seus sentidos. Num esforço tremendo por integrar-se de novo na realidade absurda que sempre o rodeara, esforçou-se por mentalizar os pais. Sofria. Um estranho capricho da Natureza dotara-o desse exagerado amor pela família que o impedia de sentir as necessidades mais puras.

O homem, cansado, oprimido por dores e forças desconhecidas, arrastou-se até casa.

Havia ainda — como naquela noite agora distante — uma certa obscuridade em torno da casa, talvez provocada pela sombra das árvores seculares que carinhosamente a protegiam. A porta estava aberta. O homem entrou.

— Pai! Mãe!

A sua voz roufenha, diferente, dificilmente reconhecível, alongou-se em ondas concêntricas a todo o comprimento do corredor.

Ninguém lhe respondeu. Havia no ambiente parado uma dolorosa nota de vazio, qualquer reflexo de tragédia que se traduzia pela cor e pelo silêncio.

— Pai! Mãe!

A voz do homem soava agora com mais desespero, talvez julgando que a resposta do silêncio representava morte, abandono, impossibilidade de contacto.

Tornou a chamar. Chamou muitas vezes desesperadamente, patèticamente. Em passos incertos, atingiu a cozinha. Sua mãe, curvada pelas dores e pelo tempo, velhinha, estava de pé, junto do fogão, preparando o café.

— Mãe!

Gritava ainda. Foi junto da mãe e agarrou-a pelos ombros, tentando fazer-lhe sentir a sua presença. Mas a mãe, indiferente, insensível, extraordinàriamente afastada desse contacto que não a atingia, continuou com a mesma paciência e ar cansado, a preparar o café.

O homem voltou-se. Chorava sem compreender. Viu o pai ao fundo do corredor. Deixando que a marca das lágrimas se intensificasse nas concavidades do rosto, correu para o pai, tomado de violentos espasmos de alegria.

Parou repentinamente. O pai passava por ele sem dar mostras de reparar na sua presença. Vendo essa assombrosa atitude, cuja origem não era capaz de esclarecer, encostou-se, quase louco, à parede branca. Tomado de um desespero indizível viu o pai, vestido de negro, afastar-se lentamente em direcção à cozinha e desaparecer para lá da porta escura.

Saiu para a rua. Crianças luminosas brincavam no campo. Ouviam-se ainda os cânticos matinais que vibravam na translucidez da matéria.

★

Da amálgama esbranquiçada das formas que povoavam a tenuidade da atmosfera, destacou-se uma voz dolente que foi até junto do homem com carícias brandas de amor. Pediu-lhe que a acompanhasse ao cemitério para orar com ela pelas almas dos mortos.

O homem foi. Na nostalgia parada da paisagem fúnebre, elevavam-se para o ar as cruzes já sujas das sepulturas. A terra seca deixava ver gretas sombrias onde habitava o mistério da putrefacção. Flores murchas tombavam lentamente, desoladamente, sobre as pedras tumulares, deixando no ar tranquilo um hálito incerto de pureza.

A um canto, o coveiro, de cabelos eriçados e olhos fundos, retirava ossadas terrosas do interior de escura cova. A enchada batia secamente. O coveiro suava. Os ossos vinham pelo ar cair junto das flores murchas, das pedras e dos vermes. A caveira desdentada, com o crânio sujo de pó, rolou pelo monte de terra e foi parar junto dos pés do homem.

— Nós somos isso... — murmurou a voz que vinha de longe.

O homem arregalou os olhos de pavor.

— Sim — repetiu a voz,— nós somos isso. Que importa agora exigir mais vida dessa matéria inútil? Porque estacionar na mesma articulação, não querendo subir às verdadeiras regiões da nossa personalidade?

«Vem! Vive!

«Quando olhamos para essa complexidade quase incrível, quase inatingível, de que é composta a nossa mecânica fisiológica, não podemos deixar de sentir racionalmente, proporcionalmente, quanta complexidade existe no plano astral e espiritual. E tu, homem, estás a sentir.

«Depois de tentarmos ajustar todas as peças que o conhecimento dessas últimas verdades nos fornece, verificamos quanta impotência nos limita. De facto, a impossibilidade de explicarmos os efeitos físicos e astrais causados pela transcendência do Eu feito vontade ascendente, quase nos torna loucos de confusão. Sofremos. E esse desespero, mistura de ideal fervoroso e de dúvida incerta, radica-se pela escassez de bases capazes de produzirem associações mentais.

«Do Ser e da Força Real até à mónada primária, e daí até à disseminação pelas formas e das formas em planos, vai uma infinidade intraduzível de graus de aspiração. Sendo a aspiração média uma forma espiritualizada da aspiração primária e uma forma rudimentar da aspiração completa, deduz-se que a impotência parte ùnicamente do grau evolutivo individual. Porque a aspiração é, afinal, única, imutável, pré-estabelecida pela formação das várias dimensões, na luta contra a única resistência concebível — o Nada».

O homem sentiu e compreendeu. Curvou-se em oração sobre a caveira e ficou escutando as últimas vibrações agónicas da voz distante:

— A aspiração ao Todo depende, fundamentalmente, da abstracção, tão completa quanto possível, das realidades físicas. Isto não quer significar que seja possível nas primeiras fases humanas, uma directa aspiração ao Todo. Praticando-a indirectamente, inconscientemente, na sombra da matéria, só das realidades físicas poderão atingir as astrais em razão, as espirituais em ser — e as completas em consciência no Todo!

# O Médium cura os doentes á vista da assistência

O pai via complacentemente seu filho de 18 meses brincar junto à lareira. Sùbitamente notou que a sua cabeça se tornava maior e que seus tornozelos engrossavam. Examinou-o mais de perto, mas a sua aparência era absolutamente normal. No entanto levou-o ao médico local que logo diagnosticou: «doença dos pais». Mas o pai — o alfaiate Peter Gilhead — estava convencido de que o filho necessitava de um adequado exame clínico.

Por fim o médico do sítio concordou e recomendou-lhe uma consulta no hospital, só para tranquilizar o espírito do progenitor. O exame completo revelou então que o menino vinha sofrendo de anemia perniciosa e de raquitismo dos ossos frontais da cabeça e dos tornozelos.

O relatório do «Great Ormend Street Children's Hospital» incluia também um cumprimento para o «talento do médico local» que tão ràpidamente diagnosticara uma rara e difícil doença em estado tão primário...

**PREVISÕES**

O rapaz curou-se e o pai começou a receber informações relativas à saúde de amigos e vizinhos que vinham visitá-lo. Assim, começou a interessar-se pelo Espiritismo e a assistir a várias sessões de tratamento. Muitos clarividentes lhe disseram que ele próprio poderia curar.

Foi então que um médium, Joseph Benjamim, no Alliance Hall, o chamou ao estrado e diante da assistência chamou também outro homem. Disse-lhe a seguir:

— Este homem está prestes a ser submetido a uma operação à úlcera do estômago. Cure-o!

Gilhead, de pé no estrado, estendeu as mãos sobre o homem e esperou o resultado. Mais tarde comunicaram-lhe que a úlcera tinha desaparecido e que o cirurgião cancelara a operação. Começou então a curar nas horas vagas, com grande amor.

— Dá-me uma sensação maravilhosa de paz e satisfação — dizia ele, em desabafo.

Dentro em pouco não tinha um minuto livre, com o seu trabalho de alfaiate e os constantes pedidos de tratamento.

**COMPAIXÃO**

Chegou, enfim, o dia das grandes decisões. Promoveram-no e enviaram-no para a sede da firma, como mestre de corte. Quer dizer, doravante era a cabeça do departamento, com mais proventos e mais conforto. Mas também menos tempo para curar — no justo momento em que as petições de tratamento aumentavam incessantemente. E como ele olhava com compaixão para os seus doentes!

Sentiu, porém, que não os podia abandonar e resolveu deixar o emprego e a promoção e devotar-se inteiramente ao seu trabalho de curador.

Hoje Gilhead contempla, no seu santuário do n.º 20 da Avenida Ashbourne — Templo Fortuna, em Londres N. W. 11 — um ano pleno de curas.

No intuito de investigação, seleccionou ele 25 casos que receberam tratamento e que não voltaram ao santuário durante algumas semanas. Escreveu-lhes a perguntar como se encontravam e recebeu 23 respostas — todas afirmativas de melhoras, algumas de cura completa.

O hemorroidal é um doloroso sofrimento rectal. Quando se desenvolve pode acompanhar a vítima por toda a vida.

Uma delas frequentou durante dois anos o Hospital Escolar da Universidade de Londres, a fim de tratar o mal, sem qualquer êxito. Foi então que se dirigiu a Peter Gilhead.

Este homem foi um dos que respondeu a Gilhead (o seu nome e morada estão patentes) nestes termos: «Desde que comecei a frequentar a sua clínica de cura espiritualista e a seguir os seus conselhos é com satisfação que afirmo que o meu mal desapareceu — não há outra palavra para dizê-lo.

Aproximadamente na idade de 4 anos um rapazinho perdeu os pais — que se separaram — e contraíu gaguez.

— Depois da guerra a minha gaguez agravou-se até que há alguns anos se transformou em angústia aguda — diz o sr. A. Trebell, de Londres N. W. 11. Tentei vários tratamentos: — exercícios de pausa, fonoterapia, métodos psicológicos e hipnóticos, tendo obtido alguns resultados com os últimos, cujos efeitos se desvaneceram ràpidamente.

**TRATAMENTOS**

Trebell notou melhoras imediatas, logo que começou a receber tratamento espirita da parte de Gilhead. A gaguez desapareceu, embora haja momentos em que, sob determinadas circunstâncias, volte a gaguejar. Mas desaparecerão — afirma ele.

Um velho pensionista de 76 anos, que vive em Glamorgan, padeceu durante semanas duma ardente irritação da pele que se estendia às pernas, braços e pescoço. O seu médico assistente tentou vários unguentos sem qualquer resultado. Um mês depois de escrever a Gilhead voltou a fazê-lo nestes termos: «É com prazer que lhe comunico que estou livre do ardor e da comichão».

Albert Canning teve alta do hospital ainda com grandes dores e só podendo andar com dificuldade. Os médicos fizeram todo o possível por curá-lo.

Diz ele a Gilhead: «Depois da minha primeira visita a sua casa comecei a andar muito melhor e após três outras visitas pude retomar a vida normal e voltar à minha indústria, como engenheiro do calor e do chumbo», A carta de 26/1/58 fornece-nos o seu endereço: 33, Stiven Crescent, South Harron, Middlesex».

Durante três anos, A. B. Tate, morador em 192, Farrant Avenue, 22, sofreu de dores nas costas e na região dos rins. «Apesar de todos os esforços da medicina ortodoxa as dores persistiram» — confessa Tate — que após o tratamento espirita se viu curado.

**LIVRE DE DORES!**

Meses depois escrevia ele em resposta ao inquérito de Gilhead: «Estou-me sentindo muito bem estes dias — isto é, livre das dores nas costas, pelo que lhe devo os meus agradecimentos, como ao treino dos seus assistentes». Lina Norman, que vive no n.º 39, da Avenida Golders Green, N. W., 11, foi assistida na sua asma por Peter Gilhead. Winifred Thomas, de Finchley, deu uma queda por

**SEMPRE É BOM LER...**

# ECOS DA IMPRENSA PORTUGUESA

O *Diário Popular* inseriu no dia 4 de Outubro último o seguinte artigo que os leitores avaliarão na devida conta. Precedido da legenda: «Para quem se interessou pelos fenómenos da Casa de Almada...», apresentava-o em grandes parangonas, ao largo de quatro colunas, assim intitulado: «A mulher de um carniceiro «falou» uma língua misteriosa usada pelos faraós e sacerdotes do antigo Egipto»:

«Quando surgiram nos jornais, há poucos dias, as notícias dos fenómenos ocorridos numa casa de Almada, onde objectos e pedras se deslocavam em trajectórias caprichosas sem que ninguém lhes tocasse, outras pessoas recordaram-se de alguns casos semelhantes ocorridos no estrangeiro, um deles recentemente, como o nosso jornal teve oportunidade de referir, ao inserir na passada segunda-feira um curioso artigo em que se evocam muitas dessas ocorrências, designadas como fenómenos de poltergismo.

«A propósito e embora não haja semelhança entre os dois factos, temos oportunidade de relatar aqui o caso fantástico da mulher de um carniceiro francês que, em estado de transe, proferiu uma série de sons, posteriormente reconhecidos como sendo palavras de uma língua que no antigo Egipto era usada exclusivamente pelos faraós e sacerdotes.

«A protagonista dessa aventura invulgaríssima é a senhora Jacqueline Mallay, residente em Paris, casada com um carniceiro e mãe de três filhos. Segundo ela contou e a Imprensa francesa divulgou largamente por ocasião do ocorrido, foi desde muito nova extremamente sensível e emotiva. Um dia, aos dez anos, alguém, de brincadeira, pediu-lhe que lhe lesse a sina na palma da mão. A autora da brincadeira confessou depois, estupefacta, que Jacqueline lhe contara coisas da sua vida que só dela eram conhecidas...

«No entanto, a vida de Jacqueline parecia destinada a afastá-la de todas essas coisas. Foi assim que se casou com o sr. Mallay, um carniceiro relativamente próspero, bom marido e bom chefe de família, mas pessoa tão prosaica que atribuía certas características invulgares de sua mulher a simples perturbações nervosas, aconselhando-a a tratar-se com um médico da especialidade

«Procurando ocultar aos seus familiares determinadas manifestações que ela tinha por sobrenaturais, a senhora Mallay não deixou, no entanto, ao longo de alguns anos, de sentir perturbações que a afligiam: capacidade divinatória (saber, por exemplo, quem ia passar em exames...), ouvir vozes que ela não entendia...

«E assim, um dia, quando seguia numa rua a caminho de casa, depois de ter feito as suas compras, voltou a ouvir uma voz, ou melhor, «percebeu» uma ordem imperiosa: devia entrar em casa de Belline, o conhecido vidente. Obedeceu à ordem e ouviu da boca de Belline que ela era um «médium de actuação», isto é: uma pessoa através da qual os espíritos pretendem comunicar com os vivos.

«Boa católica, a senhora Mallay nunca se interessava por espiritismo, mas isso não obstou a que, por curiosidade, se prestasse a submeter-se a uma prova: consentir em que Belline, um jornalista e um fotógrafo assistissem a uma das crises que, de vez em quando, a acometiam, e durante as quais ela tinha a sensação de ouvir vozes estranhas.

**UMA EXPERIÊNCIA QUE RESULTA E O DEPOIMENTO ESPANTOSO DE UM CIENTISTA E PROFUNDO CONHECEDOR DE LÍNGUAS DA ANTIGUIDADE**

«Com os assistentes estava uma máquina de registar. E quando a senhora Mallay, como que em transe, começou a pronunciar sons estranhos, eles foram cuidadosamente gravados. Mas nem Belline, nem o jornalista compreenderam nada do que a senhora Mallay dissera, ao torcer-se convulsivamente e como que a fazer grande esforço. Levaram a fita registada ao professor Bazin, da Escola de línguas orientais de Paris e este aconselhou que se consultasse o dr. Azoulay, médico e erudito, famoso pelos seus estudos bíblicos. Foi o dr. Azoulay que deu a explicação do facto, invertendo os sons pronunciados pela senhora Mallay e reconhecendo-os depois como palavras de uma língua usada pelos faraós e pelos sacerdotes do antigo Egipto.

Segundo o dr. Azoulay, o texto que lhe apresentaram e que saira da boca da senhora Mallay estava invertido, como um objecto reflectido num espelho... Achou o cientista natural aquela prova do reflexo, no espírito da senhora Mallay, do espírito de um dos sacerdotes que prestavam culto a Amon. Mas a senhora Mallay é que acha muito estranho, pois não só não reconheceu a sua voz na fita magnética, como também não percebeu um único dos sons que emitiu...»

desmaio e afectou uma costela, além de sofrer múltiplos cortes e pisaduras. Levada ao hospital soube que a sua glândula tiróide era insuficiente. Também durante anos se queixara de dores de cabeça quase contínuas.

Gilhead agiu ràpidamente sobre a sua tiróide e auxiliou-a a restabelecer-se dos ferimentos e da costela atingida e aliviou-a das dores de cabeça. E ainda que estas voltassem, depois dum trabalho prolongado sob luz artificial ou depois de choques nervosos, eram de pouca dura e experimentou um estado geral de melhoras na sua saúde geral.

S. Matcoch, morador no n.° 6, The Drive Golders Green, e que sofria dum complexo nervoso diz: — «O senhor fez mais por mim em duas semanas que os hospitais em três anos»!

**(Do «Psychic News» de 15 de Março de 1958)**

# O ESPIRITISMO SERÁ A ÚNICA RELIGIÃO

## afirma Earl Baldwin

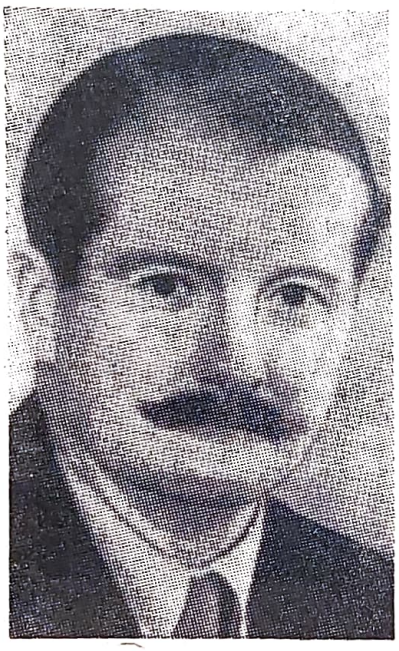
*Ao que parece só um periódico nacional soube que Earl Baldwin, de Bewdley, o filho socialista de um Primeiro Ministro conservador e que morreu em Setembro, era espírita fervoroso. E no entanto concedia tanta importância ao assunto que escreveu:*

*«Aproxima-se a era (e aproxima-se ràpidamente) em que o Espiritismo, (ou a comunicação com os que partiram) será a única religião; em que as igrejas estarão mais vazias do que hoje e religião e política significarão o mesmo. Quando tudo isso se der a Igreja voltará aos seus primeiros dias, à época em que se provava a existência do espírito, à época em que a aparição de Cristo aos discípulos era aceite, não como a ressureição do corpo, mas como visita do espírito daquele que havia partido antes dos que amava».*

*Oliver Baldwin, como era mais conhecido, escreveu estas palavras no seu livro «Unborn Son» (Um filho por nascer) — uma série de opiniões sobre temas sociais, morais, educativos espirituais, políticos e religiosos para responder às perguntas peculiares que um rapaz de 16 anos pode fazer.*

*No capítulo dedicado ao Espiritismo explica o antagonismo entre as Igrejas: «As mensagens não estão sujeitas ao ritual ou ao dogma» — diz ele: Confortam os aflitos, são indiferentes a se a pessoa antes de morrer pertence ou não a qualquer igreja. Confessar pecados sob o terror do fogo do inferno é coisa que difícilmente teria êxito no Além. O Espiritismo trouxe conforto aos atormentados e desvaneceu o medo da morte, embora sacerdotes de muitas crenças acusem de diabólicos e malvados os que usam tal meio de comunicação.*

*«Dêem-me esse diabolismo» — afirma —; para mim ele virá de Deus. Dêem-me essa maldade; para mim será boa. Mas quanto à religião, como à política, digo como o Bispo Warburton disse a Lorde Sandwich: «A ortodoxia,*



EARL BALDWIN

*meu Lorde, é minha boa amiga e a heterodoxia é boa amiga dos outros. O acordo neste campo surgirá, «quando o logro e a hipocrisia de que rodeamos a nossa vida forem queimados pela força de Deus, se derramará sobre nós num mundo muito mais feliz e resplandecente do que este em que vivemos».*

*Baldwin, que verificou que todos nós temos mais ou menos dons mediúnicos, ainda que pouco desenvolvidos, deu provas evidentes de que possuia faculdades psíquicas.*

*W. J. Brown, conhecida personalidade do jornalismo e da televisão, conta-nos dois incidentes ocorridos, quando os dois eram mebros do Parlamento.*

*Baldwin, Brown e muitas dezenas de parlamentares tinham lançado o seu nome na urna do escrutínio, como candidatos ao direito de propor o que na Inglaterra se chama «Private Member's Motions» (Moções dos Membros Privados). Ao verificar-se a leitura do resultado do escrutínio, o Presidente já tinha atingido três partes da lista dos candidatos aprovados, quando Oliver, que estava no corredor a conversar com Brown, exclamou sùbitamente:*

*— Tenho que ir lá dentro agora. O próximo número será o meu.*

*E cedo se provou que era verdade.*

*O segundo relato de Brown refere-se a certa ocasião em que Baldwin jantava com um grupo de amigos numa dependência do Parlamento. Sùbitamente, um homem sentando numa mesa do outro lado da sala, caiu desamparadamente e logo toda a gente se levantou. Baldwin gritou então:*

*— Não se levantem! O homem está morto! A confirmação veio pelo médico dois ou três minutos depois.*

*Baldwin nunca fez segredo das experiências psíquicas que o converteram ao Espiritismo através de inúmeras sessões com alguns médiuns e sintetizou o seu ponto de vista nestas palavras publicadas no «Daily Sketch»:*

*— Nós viemos ao mundo para desenvolver espiritualmente esta nossa faceta.*

**(De «Two Worlds» de 16 de Agosto de 1958).**

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

59

**NÃO COMPREENDO...**

Amigo radiouvinte:

Há coisas que a minha razão não compreende. Faço esforços e não compreendo. Notícias que se propalam, que fazem gemer os prelos, que agitam a opinião e não entendo. Será porque estou deslocado, porque não senti os costumes de certas populações? Elas sentem a seu modo e deve haver lógica em suas atitudes.

O *Manchester Guardian* indagava há dias se um jornalista deveria ser obrigado a declarar a origem das afirmações. E segundo *O Século*, de Lisboa, o quotidiano inglês respondeu com um «não» categórico. A ética periodística tem seus pontos de honra, como o segredo profissional dos médicos e dos padres, que não pode ser ofendido.

O motivo da pergunta e da resposta baseia-se em questão vulgar. A jornalista Maria Torre, de certo jornal novaiorquino, «informou que um empregado da C. B. S. (importante cadeia de emissores de rádio) lhe contara que a cançonetista Judy Garland se recusava a trabalhar por entender que estava gorda e que o público lhe voltava as costas».

Limitou-se a isto a notícia. Pois a Garland ficou indignadíssima e mandou a Nova Iorque o seu advogado holiudense. Partir e chegar foi obra de um momento. E logo processou a *delinquente* por tão «grande e horrível crime», exigindo indemnização de 1 milhão de dólares, ou sejam 29.000 contos ou 145 milhões de cruzeiros!

Por isso eu digo que não compreendo certas coisas. Se alusão tão simples vale tanto dinheiro, quanto não valerá um esforço, mesmo em legítima defesa? E um roubo? E uma agressão premeditada?

A América do Norte é a terra dos dólares e das surpresas. Nada existe de extraordinário e fantástico que lá não possa admitir-se. É como no reino infantil em que se brinca aos casamentos e aos soldados e tudo volta à forma primitiva.

O processo de Maria Torre arrastou-se muito tempo. Pelos vistos, a justiça americana também emperra, como em Portugal e no Brasil.

Santo Agostinho avisava: «Tirai a justiça, e os reinos ficarão uns latrocínios grandes, porque os latrocínios não são mais do que reinos pequenos».

Finalmente o juiz sentenciou que a ré fosse absolvida, caso divulgasse o nome da pessoa que a informara.

Outra coisa que não compreendo, porque a não sinto, nem posso sentir. Condicionar a absolvição, sugerindo um delito maior?...

Maria Torre recusou-se peremptòriamente.

— Se o fizesse — disse ela — o homem seria despedido. E um jornalista tem de respeitar quem o serve.

O juiz interveio. Contená-la-ia a dez dias de prisão, se teimasse na recusa. Ela respondeu:

— Não quero assumir papel de heroína, mas prefiro a prisão ao peso da consciência.

E concluíu, exclamando:

— Eu não posso trair!

Depois cumpriu a pena. Os 29.000 contos ou os 145 milhões de cruzeiros ficaram reduzidos à expressão mais simples.

Cabe intercalar um provérbio árabe: «Entre dois litigantes, o que vence fica em camisa e o que perde fica nu».

A imprensa mundial ergueu um trono a Maria Torre; Judy Garland encolheu os ombros em Hollywood e declarou, cingida mais ao costume, que à justiça:

— Tenho pena de a saber na prisão. Mas se desejou ser mártir, que o seja.

Este é um quadro da vida moderna num país onde os homens juram sobre a «Bíblia». Como entenderão eles o Sermão da Mantanha? ...

Sempre ouvi dizer que o dinheiro demasiado faz esquecer as belezas da existência. Artificializa o homem, modifica-o, rouba-lhe o verdadeiro sentimento. Outras vezes endurece-o, perante honorários fabulosos. Há quem receba mais numa hora do muitos em toda a vida. Mas não deixam de jurar... Não deixam.

Alexandre Dumas disse que «o primeiro juramento era a primeira sangria: o homem mais forte impressiona-se, quando estende o braço». Depois a impressão atenua-se ou desaparece. Por isso o povo segreda, apoiado à sabedoria: «quem mais jura, mais mente».

Há coisas que a minha razão não compreende. Inteligência precária? Talvez. Insensibilidade aos costumes ianques? Acredito. Quando neles me enquadrar, é possível que assim não pense.

Mas a dignidade não é de compra e venda. Há latitudes em que os Catões germinam à maneira de cogumelos. No tripúdio são fartos. Trocam a estrada pela berma, mas ai de quem lhes aponte um fracasso!

A cantadeira Garland é um fenómeno deste género. E quantas Garlands não haverá no mundo, vegetando à larga, dançando e folgando! Quantas não haverá! Se lhes tocam, exigem milhões, que a reputação estética é caso muito grave.

E há juizes que alimentam narcisismos. Onde se apoiarão os códigos? Onde começa e termina a moral? E a moral dos privilégios, sobre a qual assentam caprichos e incongruências sociais?

Toulougeon gritava:

— Façam as leis consoante os costumes, porque os costumes não são feitos pelas leis!

Mas o homem tende a abastardar-se e é preciso corrigi-lo...

Cícero apostrofou a devassidão com a frase célebre:

— *O tempora! O mores!*

O que se passa na América a respeito da pessoa humana não deve ser tomado colectivamente. A maioria não adopta semelhantes costumes. Os bem instalados, os magnìficamente instalados é que pensam desse modo e a lei vai-lhes cerceando a basófia que prolifera noutras regiões, onde o desequilíbrio económico é semelhante ao desequilíbrio moral.

Legislar em função dos costumes e da tendência dos indivíduos, é regressar à caverna, porque no fundo de cada um há princípios que se devem travar, senão extinguir.

Doutra maneira não compreendo. Deixar crescer as plantas ao sabor do clima é patrocinar a selva, a volta absoluta à natureza; e o que importa é evolucionar no verdadeiro sentido.

Maria Torre foi humana.

— Eu não quero traír!

Sim, não quis denunciar quem lhe deu a informação. Preferiu sofrer a pena.

A outra encolheu os ombros do alto dos seus dólares. Não entendeu aquela linguagem. Foi ignorante. É o que sucede a muitos com advogado às ordens. Se o não tivessem, evitariam às vezes motivos de arrependimento...

Adeus, amigo. Até à próxima.

60

## VOLTA... VOLTA...

Amigo radiouvinte:

Embora não haja coisas novas debaixo do sol, somos obrigados a meditar em certos casos que parecem diabólicos. Andamos a pregar doutrina, a coligir argumentos vivos para a obra, e o mundo a repelir o aguilhão. Tudo quer estrada larga. Facilidade e comodidade. É o reino do estômago, a vegetação material, a comodidade exagerada. Para além deste sector, pouco mais existe.

Houve grandes homens que faziam gala do seu niilismo provocante. Entre eles, um antigo presidente da República dizia.

— Espírito? Nunca lhe toquei com a ponta do bisturi!

E Junqueiro discreteava:

*Deus! O terrível problema!*
*Quando a ciência chega aqui,*
*Ou emudece ou blasfema.*

O Presidente era médico; Junqueiro era «bacharel como toda a gente». Assim o proclamava no seu livro «A Musa em Férias».

Realmente grande parte dos Esculápios endeuzam a matéria. Se é dela que vivem, não admira que lhe prestem vassalagem. Mas às vezes sofrem um bocado por causa da descrença.

Vamos narrar um episódio sucedido entre médicos operadores, dos tais que só encontraram matéria debaixo da lanceta.

Um doente que se queixava dos rins foi operado há meses no Hospital de Santa Maria. Dias depois regressou a casa e entrou em convalescença. Ao cabo de uma semana achou-se pior e ficou alarmado. Sofrera muito e não via melhoras na saúde.

Começou a entristecer. Uma sombra escura o agrilhoava. Até que alguém lhe falou:

— Porque não vai a uma sessão espírita? Outros se têm curado... Comunica-se lá o espírito do Dr. Sousa Martins...

O homem ficou a pensar. Quem está doente recorre, nem que seja ao absurdo. Tem-se visto tanta coisa!...

Ele não era espiritista, mas tinha intuição de que fora mal operado. E queria desenganar-se, tirar o caso a limpo, como diziam na sua aldeia.

Encheu-se então de coragem e seguiu o conselho do amigo. O espírito comunicante falou pela médium.

— Irmão — disse ele —, tens que fazer nova operação. Deixaram-te um tumor à profundidade de nove a dez centímetros.

Muito aborrecido dirigiu-se outra vez ao operador, que é tido por muito competente.

— Não estou bem, doutor. Tenho sentido dores horríveis...

O médico manteve-se na sua:

— O sr. está bom. Não tenha ilusões a respeito. Vai-se curando com o tempo...

O doente, por seu turno, também se manteve:

— Mas eu quero ser operado!

— Ser operado? Que ideia!... Sabe mais do que o médico?

— Sim, senhor, ser operado. Sei que tenho um tumor que não foi tirado na operação.

O facultativo admirou-se da firmeza do interlocutor. E respondeu, em termos displicentes:

— O sr. fala com tanta convicção, que até parece que é verdade...

— Se não fosse, não o dizia!

Depois insistiram com ele e o pobre homem revelou a origem da informação.

O operador, cujo nome não vem ao caso, relatou a conversa aos colegas e o episódio redundou em gargalhada.

Um deles, porém, que era professor, manteve a seriedade.

Por fim resolveram fazer a vontade ao doente, para acabar de vez com a crendice na entidade espiritual. Que dianho! Em pleno século vinte não se admitiam superstições!

E submeteram-no à operação. Como não podia deixar de ser, havia curiosidade naquelas almas, esse complexo que, no dizer de Eça de Queirós, leva por um lado a escutar às portas e por outro a descobrir a América.

Estenderam o paciente na marquesa, prepararam-no, tomaram as providências habituais, abriram-lhe o ventre... E o tumor lá estava, como dissera!... Foi uma bomba! Juntaram-se em torno do corpo alguns médicos e procederam à conferência dos momentos graves. É que, um só, não via o suficiente. E por isso reclamavam a presença de outros, mais experimentados.

— Que dizem a isto? — inquiriu o operador, dirigindo-se aos circunstantes.

Todos se calaram. Contra factos não valiam argumentos.

Voltaram-se então para o professor — cujo nome também não vem ao caso — e perguntaram:

— Qual a sua opinião?...

O professor olhou para eles com aspecto grave.

— Nada disto me é estranho — respondeu —. Não vo-lo disse, mas nunca faço operações, que não invoque esse espírito.

O operador ficou abismado. Seria possível semelhante coisa? E no seu espírito a dúvida pairou em dança de São Vito. As hipóteses e teorias dessa arte de curar tão reputada careciam de alicerces fortes. Que haveria para lá da matéria falaz, do agregado celular que o último sopro imobiliza?

Então os «mortos» podem voltar?... Onde ficaria a ciência, onde ficaria o próprio homem?...

E dirigiu-se à terra natal. Mudança de ares era aconselhável, era imprescindível. Fugir uns dias ao ambiente hospitalar e respirar fundo entre montes e pinheiros...

Sentou-se ao volante e dispôs-se à digressão. Agora, sim, afastaria a ideia de tudo que o pudesse incomodar. Depois regressaria a Lisboa, tonificado e restaurado. Era necessário crer na ciência médica, apesar de tudo.

O automóvel rodava velozmente no alcatrão e a brisa envolvia-o em carícia leve. O rádio deu-lhe sambas e malaguenhas. Fumou um cigarro, trauteou uma canção em voga ...

Nisto ouviu uma voz:

— Volta ... Volta ...

Estacou de repente, apurou o ouvido e sentiu os cabelos em pé.

— Volta ... Volta ... Vol ... ta ... Assim como ajudo os teus colegas, também te ajudo a ti ...

O operador não chegou ao seu destino. Voltou à capital.

O doente está restabelecido.

Comentários? Não vale a pena. Que os faça o radiouvinte. O mundo dos espíritos há-de impor-se por si mesmo aos incrédulos ...

Adeus, amigo. Até sempre, se me for possível.

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## A MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO

Temos presente o relatório de 1957-58 do presidente desta agremiação espirita, que é o nosso grande amigo e patrício Henrique Magalhães, a cujo labor incansável tantas vezes nos temos referido.

Anos maus atravessou a Maternidade, em virtude dos inúmeros encargos assumidos pela sua directoria em época de incerteza. A inflação desvalorizadora veio beneficiar os débitos em cruzeiros e prestes se equilibrou a conta-corrente. Mas os dirigentes sofreram agruras que recordarão pela vida fora.

Desde essa data, as aquisições realizadas em terrenos e imóveis culminaram no projecto de novo hospital, a que nos referimos em 1958.

Hoje, não obstante vários contratempos, a situação é relativamente boa, pois os quatro milhões de cruzeiros gastos na compra do terreno n.º 75 da Rua Ibituruna estão quase pagos, não falando nas despesas feitas nas obras de reforma do anexo da Rua Frei Pinto, 18.

Para enfrentar a construção do Novo Hospital foi adquirido um terreno na Rua Ibituruna, do Rio de Janeiro, o qual, juntamente com outro já adquirido, perfaz o total de 6.000 metros quadrados.

Também se adquiriu um terreno e um imóvel na rua Figueiredo Rocha, junto à propriedade que foi doada à Maternidade. Além de barata, a compra valoriza a doação.

Continuaram as indemnizações a médicos e funcionários, que atingiram Cr $ 1.383.822,00 sendo que as totais nos três últimos anos perfazem o total de Cr $ 2.444.982,00.

O Dr. Osvaldo Nazaré, que por muito tempo dirigira a turma de médicos da instituição, demitiu-se do seu cargo, solidarizando-se com os colegas, que se negaram a oficializar por escrito o acordo verbal que se vinha mantendo. Foi pena ter saído este elemento prestimoso que conhecíamos pessoalmente e que durante oito anos trabalhara sem auferir um centavo. Foi substituído pelo Dr. Carlos Augusto Pires de Sá, continuando os serviços em plena eficiência.

Vejamos agora o movimento da Casa: Nos *Serviços de Pré-natal*, houve 1.674 consultas nas enfermarias e 68 particulares. Quanto a *internações*, houve 4.240 no I. A. P. I., 2.274 nas enfermarias, 295 ferroviários e 94 particulares. Ao todo 6.903.

Os *nascimentos* distribuiram-se assim: 3.410 no I. A. P. I., 1.786 nas enfermarias, 528 nos ferroviários e 83 nos particulares. Total, 5.807.

Comparando, temos: Em 1955-56 nasceram nas enfermarias 1.390 crianças; em 1956-57, 1.719; em 1957-58, 1.786. Portanto, atingiu-se a média de 148,10 nascimentos por mês, no tocante às enfermarias. No tocante a todos os sectores a média mensal atingiu 483,9. Desde 1948 a 1958 nasceram na Maternidade 26.835 crianças!

O sangue transfundido alcançou o total de 102 quilogramas: nas enfermarias, 31.550 grs; às parturientes do I. A. P. T., 57.800 grs; às dos ferroviários, 7.650 grs; às particulares, 5.750 grs.

No laboratório a cargo do Dr. Wilson Fragoso, houve 15.884 exames diversos. Só de sangue foram 11.024!

A secção de *pediatria* deu 2.504 consultas e a de *Raios X* fez 279 exames radiológicos.

Dona Matilde continuou a exercer o seu esforço na administração, com raro engenho e proficiência. Por sua vez, o General Fábio dirigiu a Secretaria com resultados extraordinários. Foi um grande obreiro, bem como o velho servidor Póvoa, sempre incansável e devotado.

A *creche* (berçário) foi dirigida por D. Clélia de Paiva Meira e D. Édite de Carvalho, duas «mães» esforçadas.

Na *Tesouraria* permaneceu António Joaquim Monteiro, nosso representante geral no Rio de Janeiro. O seu trabalho foi notabilíssimo, esquecendo muitas vezes os seus interesses particulares para atender aos da *Maternidade*.

A *Legião Protectora da Mãe Pobre* continuou na sua tarefa de manufacturar enxovais, roupas, lençóis e fronhas para as crianças pobres. O *Bazar da Boa Vontade* produziu Cr$ 7.500,00 e a *Campanha do Natal* 61.187,00.

Várias obras de reconstrução se fizeram no anexo da rua Frei Pinto, 18, que totalizaram Cr$ 1.179.876,00 e comprou-se material sanitário no valor de Cr$ 785.795,00.

O Dr. Telémaco Gonçalves da Maia, vereador municipal, conseguiu grandes verbas destinadas à *Maternidade*, bem como a outras agremiações espiritas. De 1955 a 1958 inclusive, obteve três milhões de cruzeiros. Tem sido um grande amigo. Aqui lhe consignamos o nosso agradecimento.

Quanto a subvenções, D. Nena tem-se esforçado na aquisição de donativos. No exercício anterior obteve Cr$ 4.697.568,20. Neste exercício obteve Cr$ 804.650,00. Todas as casas de caridade tem esbarrado com tremendos cortes impostos pelas autoridades competentes.

O Novo Hospital, que já começou a construir-se, será a maior maternidade da América do Sul, relativamente a parturientes necessitadas, a quais terão 376 leitos à sua disposição. Haverá também 59 quartos-apartamentos e 55 quartos destinados a moradias de enfermeiros.

Para se avaliar a grandeza da obra, digamos que a construção terá 17.000 metros quadrados, não incluindo a Creche (berçário, aliás), cujo projecto ainda não foi elaborado.

E agora perguntamos: De onde virá o dinheiro para este gigantesco empreendimento?... Do Banco da Fé. O seu tesoureiro-mór é o Cristo de Deus.

E o relatório termina:

«Forças imponderáveis presidem aos trabalhos que se vêm desenvol-

vendo, impulsionando-nos para a frente. Não fosse isto verdadeiro e longe estaríamos de vencer os obstáculos que surgiram. Peço aos ditosos companheiros que tenham fé nos destinos superiores. Com ânimo e coragem, trabalho e humildade, chegaremos aos fins colimados».

## EXPERIÊNCIAS ESTRANHAS

As seguintes experiências foram extraídas de *Your Fate*. A primeira intitula-se «A Minha Amiga Espiritual». É C. M. Harman o seu autor.

Diz ele que foi despertado bruscamente com uma leve bofetada na face e esta frase, que ouviu claramente:

— Vamos, levanta-te, senão chegarás tarde.

E era verdade. Harman tinha apenas cinco minutos para saltar da cama, lavar-se, vestir-se, tomar o pequeno almoço e correr estrada fora para apanhar o autocarro e chegar ao trabalho às 8 horas. Correu, mas conseguiu o seu intento. Depois começou a pensar no caso:

— Quem me tocou? Quem me falou?...

Duas semanas depois, ao assistir a uma sessão espirita, é que soube a razão do ocorrido. O médium, que era estrangeiro, disse-lhe: «O sr. tem junto de si uma rapariguinha de cor. Agora exclama: «Fui eu que te acordei e disse que te levantasses».

A segunda não vem assinada, mas a redacção tem o nome em seu arquivo.

«Certo dia — diz o articulista — convidei uma amiga para o chá. No fim o telefone tocou e saí da sala para atender a chamada.

«A casa de banho está numa extremidade do vestíbulo; e enquanto ouvia o telefonema outra voz se me dirigia da casa de banho. Olhei para lá e vi a luz acesa e um homem de pé junto à porta. Julguei tratar-se do meu marido, mas não consegui ouvir o que me disse.

«Interrompi o telefonema, dizendo à minha interlocutora que tinha convidados e que depois falaríamos outra vez. E dirigi-me à casa de banho. Como tudo estivesse às escuras, fui à cozinha, onde meu marido e a nossa convidada estavam a lavar as mãos, e perguntei o que me tinham dito, quando um deles se encontrava no lavabo. Responderam-me logo que nenhum deles lá estivera, nem tinha falado para mim. Neste momento assustei-me e disse-lhes:

«— Então, está lá um homem. O melhor é certificarmo-nos.

«Mas ninguém estava na casa de banho ...»

A terceira e última é narrada por R. Nelson e intitula-se «A Misteriosa Bola de Fogo».

Durante pequenas férias no norte de Inglaterra o autor foi protagonista de um caso estranho que desafia todas as explicações, a não ser que algum leitor possa desvendar o mistério.

O sr. Nelson estava uma noite sentado ao pé da televisão, ouvindo um programa de variedades na companhia da esposa, da filha de 16 anos e do seu anfitrião. De repente viu uma luz que iluminou o aposento imerso em escuridão.

Julgando que alguma visita acabasse de chegar e que a luz do vestíbulo penetrasse através da porta, voltaram-se para ver quem era. Com grande surpresa viram que a porta estava fechada e que a luz provinha de uma bola azul-alaranjada que parecia de fogo e se mantinha suspensa, quase junto ao tecto. Era semelhante a uma bola de ténis e dava-nos a impressão de «pulsar» com regularidade. Ficaram ali uns cinco segundos imobilizados e aturdidos, aé que a «coisa» desapareceu num relâmpago brilhante e sem qualquer som.

E o sr. Nelson termina, dizendo que acenderam a luz e nenhum vestígio encontraram de explosão, se é que de explosão se tratava. Para justificar de certo modo o sucedido, lembrou-se de qualquer fuga de gás que tivesse atingido o tecto e se inflamasse em contacto com o calor da sala. Mas isto não é razão plausível. O calor, por si só, não origina explosão de gás ... É melhor arranjar outra coisa que explique melhor o estranho fenómeno.

## UMA SESSÃO ESPIRITA EM BUDAPESTE

O *Psychic News* relata uma sessão realizada em 1 de Novembro de 1956 na Hungria, quatro dias antes de Budapeste ser destruída pelos russos.

A atmosfera política era satisfatória, porque o governo soviético concordara em retirar de Budapeste a maior parte das suas forças, as quais, de facto, recolheram à Roménia e à Ucrânia.

A sessão foi dirigida por Frederic Rubin na noite de 1, em casa da própria médium, que era esposa de um ferroviário e cuja única habilidade era ser uma boa cozinheira.

Depois de jantar sentiu dores de cabeça e instalou-se numa cadeira de braços. Em seguida caíu em transe, começou a falar com voz de homem e deu esta mensagem:

«*Sou o coronel Zsombor do Exército Húngaro. Fui morto por uma granada em Buda (parte oriental de Budapeste), durante o combate de Fevereiro de 1945 para defender a cidade dos ataques do Exército Vermelho.* Comandava um regimento de artilharia que dominou o ataque e muitos oficiais nossos morreram e outros foram aprisionados e internados em campos de concentração russos.

«Estou num lugar onde se encontram temporàriamente as almas dos militares que morreram na guerra. Há cá pessoas de várias nacionalidades e posso ver o passado e o futuro. Os meus conhecimentos de trigonometria e matemática auxiliaram-me a compreender e aprofundar muitas coisas do Além.

«No dia 4 de Novembro deveis estar preparados para uma desagradável surpresa, visto que nesta data começaria um período negro da história da Hungria. Os *russos* destruirão Budapeste e às 5 horas da manhã ouvireis os primeiros tiros da artilharia pesada do Exército Vermelho, vindo novamente da Ucrânia. Os Russos atravessarão a fronteira, violando o acordo feito com os Húngaros».

No final da sessão, Frederic Rubin disse que, no momento em que o espírito deixou de falar, a médium ficou numa atitude especial, como um soldado que tivesse sido exautorado.

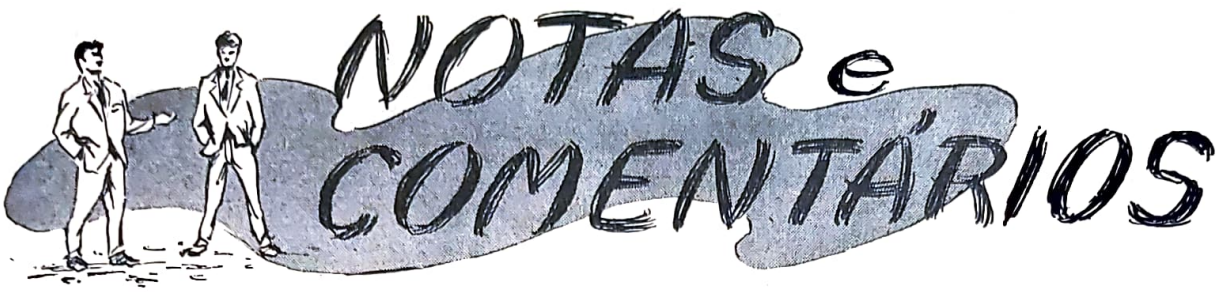
Quando despertou do transe, a médium ignorava tudo o que acontecera na sessão. Quanto à predição, Rubin declarou perentòriamente que seria impossível, pois não acreditava nas razões alegadas.

Mas, quando amanheceu o dia 4 de Novembro e ouviu o estrondo da artilharia pesada, acreditou plenamente na veracidade da mensagem do coronel Zsombor ...

Rubin não tinha conhecido este oficial durante a guerra, mas descobriu o seu nome na lista do exército e viu que, na verdade, Zsombor pertencera à arma de artilharia e fora notável matemático.


## LEITOR AMIGO

**Traz mais um assinante à nossa revista, que atravessa uma crise difícil que só o aumento de assinaturas pode enfrentar!**




## UM FANTASMA NUMA IGREJA...

Psychic News *de 3 de Janeiro publica uma notícia de grande relevo, segundo a qual o organista Frederic Fea escreveu ao Bispo de Exeter a queixar-se de ter sido importunado por um fantasma.*

*Trata-se do último episódio de uma série de acontecimentos ligados ao actual organista citado da Igreja de São Jorge e que parecem motivados pelo espírito de um antigo organista que desencarnou em 1883 em plena maturidade.*

*O* News Chronicle *contou que um ensaio coral foi suspenso há poucas semanas, quando apareceu o fantasma do organista, acrescentando que o órgão fez barulho extraordinário e que a presença do espírito tornou-se notada por todos, segundo afirmação do vigário Anthony Rouse, que acrescentou:*

*— Alguns componentes da Sociedade Coral também o viram.*

*E disse que Frederic Fea relatara ao Bispo, que de quando em quando sentia uma presença no banco do órgão quando tocava, sentindo-o desafinado.*

*Este fenómeno tem sido observado, quando o órgão toca.*

*O diário londrino espera que o Bispo tome providências.*

## ... e 13 FANTASMAS NUMA CATEDRAL

*A* France Presse *e a* Reuter *divulgaram há tempos uma notícia curiosa: a Catedral de Winchester, um dos mais belos monumentos da arquitectura gótica na Inglaterra, é habitada por almas do outro mundo.*

*Eis o relato do articulista:*

*«O sr. T. L. Taylor, de 42 anos, engenheiro e fotógrafo amador, afirmou em Sedgley, no Straffordshire, que as figuras fantasmáticas de treze pessoas vestidas com trajos medievais, apareceram numa fotografia colorida por ele tirada ao altar-mor da Catedral de Winchester, que se encontrava vazio nessa altura. Taylor disse «não poder explicar» a aparição das velhas figuras, que pareciam estar ajoelhadas e sentadas defronte do altar».*

*«Peritos em fitas coloridas de cinema que examinaram a fotografia tirada por Taylor declararam que não se trata de dupla exposição, pois a máquina está equipada com um dispositivo que a evita, em películas de 35 milímetros.*

*«A mulher de Taylor, sua filha Valery, de 16 anos, e um amigo encontravam-se presentes, quando ele tirou duas fotografias do altar. Depois de reveladas, a primeira mostrava os bancos do coro vazios e a segunda, tirada um minuto depois, mostra as treze pessoas.*

*«A linha de mármore dos degraus do altar vê-se claramente através do corpo transparente de alguns fantasmas. As figuras sentadas envergam túnicas ou capas do tempo dos Plantagenetas e dos Tudores. Uma delas tem longas barbas semelhantes às de um patriarca bíblico, e outra — uma mulher — usa toucado do século catorze.*

*«Taylor não faz comentários e limita-se a dizer:*

*— «Estou profundamente espantado com o caso e não percebo como isto aconteceu».*

*Se não estivessem lá teriam sido captados pela objectiva?...*

## A PRECE FAZ CRESCER AS PLANTAS?

*O diário londrino* People *relatou uma série de experiências americanas acerca do crescimento de plantas através da prece e dedicou ao assunto grande parte da primeira página e duas páginas também na sua edição dominical. O articulista classificou as experiências de notabilíssimas só igualadas pelo último satélite russo.*

*Len Coulter apontou o caso de feijões que foram semeados em duas panelas. Sobre os feijões de uma fizeram-se preces e as plantas cresceram 25 centímetros, ao passo que as outras não chegaram a germinar. E não tem dúvida de classificar este acontecimento como a experiência mais científica do século vinte.*

*Depois de alguns anos de rigorosa experiência laboratorial, um grupo norte-americano afirma que as preces produzem efeito, visto que as provas estabelecem a existência de uma força supranormal exercida pela mente ou alma.*

*«Esta força invisível — acrescenta — não é simples teoria do reino do espírito, mas um facto rigoroso no mundo material que nos cerca. Como Franklin Loehr e os seus companheiros de Los Angeles têm provado, trabalha-se para acelerar o crescimento de plantas, de forma verdadeiramente assustadora.*

*Loehr é um padre-cientista formado em Química e as suas experiências de prece realizou-as na Fundação de Investigações Religiosas, destinada ao estudo científico das crenças religiosas. Loehr foi incitado pelo célebre Dr. J. B. Rhine, que fez aceitar a telepatia como facto científico em muitas universidades do mundo.*

*A notícia refere-se a três espécies de sementes, entre elas feijões e ervilhas, sobre as quais, no início das experiências, incidiram preces «ad petendam pluviam» (a pedir chuva). As sementes impressionadas ultrapassaram em muito as outras.*

*Com as ervilhas, porém, houve resultado inverso.*

*As experiências repetiram-se muitas vezes. Coulter diz que se provou que as plantas poderão ser atrofiadas com preces deliberadas.*

*Todas as descobertas humanas têm medalha e reverso. Ao lado do bem está o mal. E o mais interessante é que isto surge em primeiro lugar, como temos dito. A destruição de qualquer coisa sobreleva a construção.*

## PARA TERMINAR

*Uma vidente dirige-se indignada ao marido:*

*— Quem é essa mulher com quem te «vejo» de manhã à noite?...*

*Um fantasma pergunta a outro:*

*— Que tens tu, que estás tão assustado?*

*— Se to disser, não acreditas. Acabo de ver um homem!*

## AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

«Uma Doutrina Revolucionária» foi o título da brilhante conferência que Isidoro Duarte Santos realizou no dia 18 de Janeiro, no Centro Espirita Luz e Amor. Começando por aludir à diversidade de doutrinas que tendem a constituir uma sociedade mais homogénea e perfeita, referiu-se à superstição e às lutas religiosas como factores reaccionários à revolução da humanidade.

Falou em seguida na educação dirigida e na chamada *separação dos sexos*, que condenou, afirmando que a sociedade só será perfeita quando o homem tiver consciência de si próprio e do meio em que vive, sendo falso o princípio de que *não deve* — para evitar o pecado — conhecer o que o rodeia e o seu próprio destino. O Homem — acentuou em determinada altura — tem direito a conhecer tudo o que se processa no mundo.

Analisando depois o Espiritismo nos seus aspectos doutrinários e sociais, disse que o seu aparecimento contribuiu para que o Homem se tornasse cônscio de si mesmo e da sua posição no universo.

E terminou mostrando como a sociedade espirita resolveria múltiplos problemas da hora actual, visto que, baseada em princípios doutrinários especiais, promoveria justiça e Espiritualidade .

António Cardoso, que presidiu, secretariado por Jorge Raimundo, congratulou-se pelo esplêndido trabalho apresentado, afirmando que conferências deste género nobilitam o Espiritismo Português e os seus dirigentes.

## TRABALHOS DO CENTRO EM FEVEREIRO E MARÇO DE 1959

Dia 1 de Fevereiro, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por J. Francisco Cabrita, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 3, 3.ª feira, às 21.30—Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 4, 4.ª feira, às 21.30—Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 5, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por António C. Rasteiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 10, 3.ª feira, às 21.30—Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 11, 4.ª feira, às 21.30—Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 12, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 13, 6.ª feira, às 21.30—Grupo «Allan Kardec» dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 15, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «Os Fenómenos Telepáticos».

Dia 17, 3.ª feira, às 21.30—Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 18, 4.ª feira, às 21.30—Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 19, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 20, 6.ª feira, às 21.30—Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 22, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por Luís Clemente, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 24, 3.ª feira, às 21.30—Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 25, 4.ª feira, às 21.30—Grupo de Estudos Filosóficos, dirgido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 26, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 27, 6.ª feira, às 21.30—Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro com a médium D. Conceição Dias.

Dia 1 de Março, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por J. Francisco Cabrita, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 3, 3.ª feira, às 21.30—Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 4, 4.ª feira, às 21.30—Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 5, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, 6.ª feira, às 21.30—Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Conferência de Ivone de Sousa, intitulada «No Mundo dos Fenómenos».

Dia 10, 3.ª feira, às 21.30—Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 11, 4.ª feira, às 21.30—Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 12, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 13, 6.ª feira, às 21.30—Grupo «Allan Kardec», dirigido por Raúl Ribeiro, com a médium D. Conceição Dias.

*NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com a quotização em dia.*

## FUNDO DE BENEFICENCIA

*Mês de Janeiro* — Lionel Gomes Pinto, de Malange, 100$00; Joaquim Dias, de Lisboa, 20$00; Venda de 1 mala, 20$00; Sócio 523, 20$00; Sócia 1719, 5$00; Sócio 1720, 15$00; V. L., de Coimbra, 5$00; A. L., de Setúbal, 5$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Zétó, de Tavira, 2$50; M. Teresa, de Ovar, 5$00; M. L., de Coimbra, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 2$50; M. F., de Beja, 5$00. *Total — 200$00.*

# ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO | LISBOA, MARÇO DE 1959 | N.º 3

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa


# INFORMAÇÃO

Há várias maneiras de informar o público acerca dos acontecimentos. As melhores são as que se aproximam da verdade. E dizemos «aproximam», porque, infelizmente, a verdade é relativa a cada um de nós.

Noticiar um facto em síntese é promover omissões, que se evitam descendo ao pormenor.

Mas a informação invade o campo da análise. Neste momento já não informa. Conclui sobre elementos escolhidos. É opinião própria.

Quem informa deve abstrair as ideias e limitar-se ao acontecimento. Quem analisa procura saber as causas.

O jornalismo é campo fértil de informação e análise. Infelizmente, porém, quem menos informa é a informação. Limita-se a mostrar a faceta que mais interessa a este e àquele. O leitor conhece a parte, não conhece o todo; e com a parte não é esclarecido, com a parte pode até laborar em erro. Às vezes é melhor ignorar do que saber impròpriamente.

Sempre tivemos em conta a boa informação e a boa análise. Ludibriar em comércio é fraude punível; ludibriar em esclarecimento é fraude a que deve corresponder pena maior.

Por que teremos tamanho culto pela verdade, embora a mentira prolifere à nossa volta? Não sabemos. A causa deve estar em passado remoto que nos pertence.

Marco Aurélio escreveu: «Se não convém, não faças; se não é verdade, não o digas». Mas, quem lê hoje Marco Aurélio? Quem lhe segue os passos? Quem pensa na sua moral?

A verdade é nua como a espada e por isso a vestem a seu modo.

A informação honesta firma reputações, infunde confiança, atrai o povo, ludibriado por agências sem escrúpulo.

O homem devia proceder sempre com isenção. Assim, não teria medo da verdade. Quando informasse alguém, seria verdadeiro. Não haveria mais verdades ocultas, como há hoje e que são as mais genuínas. É que a verdade às claras é «mentira que resiste», como declarou Briand. O que reside nela de bom extingue-se ou abastarda-se.

Pode o facciosismo levar os homens a repelir a verdade, que ela volta à sua posição. Isto levou Churchill a dizer que uns tropeçam nela e outros se lhes juntam e seguem pressurosos, como se nada houvesse ocorrido.

Na informação há gente sem critério que segue Churchill. E o mundo vive enganado.

Nisto se nota a crise de educação que deforma as realidades morais e sociais.

A imprensa espirita não deve falsear a verdade. «A Deus o que é de Deus, a César o que é de César». Quem nos combate pode não ser analfabeto...

O que informarmos será digno de menção, se servirmos a verdade.

As doutrinas impõem-se, quando o fanatismo as não conspurca. Se nelas entra, ficam adulteradas.

Mas é preciso que de nossa parte não saiam «asas velozes para correr ao mal», na frase de São Paulo. Quando informarmos acerca de adversários ou inimigos, seja o nosso dizer «sim, sim; não, não». Não entre a análise ...

Se tivermos que defender a posição, o caso será outro. Firmeza, raciocínio, autoridade. Mas nunca deturpar a informação, que deve ser neutral e legítima, em todos os campos, em todos os sentidos.

Não basta ser pregoeiro; é necessário conhecer os efeitos do pregão.

Quando voltaremos ao tempo em que o jornal educava e instruía? Quando poderemos ter confiança nele? Quando passarão a ser colaborados por elementos responsáveis? Porque as agências estrangeiras invadem de tal modo o espaço destinado ao ensino, que deixou de haver crédito na mais simples informação.

# Juizo de Realidade e Juizo de Valor

Por DEOLINDO DE AMORIM
(Correspondente no Rio de Janeiro)

**(Última prelecção do 1.° ano, no Instituto de Cultura Espirita do Brasil, sobre «Introdução à Doutrina Espirita»).**

★

O Espiritismo parte, como se sabe, de uma ordem de fenómenos, sobre os quais se constituiu a sua doutrina. Em face do fenómeno, todavia, podemos identificar três atitudes diferentes:

atitude *mística,* que se caracteriza pela passividade do espírito;
atitude *científica,* que se caracteriza pelo espírito de exactidão;
atitude *filosósofica,* que se caracteriza pela indagação.

O mesmo fenómeno, conforme sejam as tendências íntimas de cada indivíduo, pode provocar três tipos de reacções distintas. O místico, por exemplo, que vê tudo pelo prisma exclusivo da fé, não pode ter a mesma reacção do homem afeito à experimentação e à crítica. Para o místico, o fenómeno pode ser até um *milagre,* uma *graça do céu,* ao passo que o mesmo facto, para o homem de ciência, é objecto de estudo ou de curiosidade intelectual. O indivíduo que tem formação filosófica já encara o fenómeno através de uma perspectiva mais larga, porque se preocupa sobretudo com o aspecto especulativo acerca das causas gerais. Quando estudámos Filosofia Geral, já vimos que o conceito de *causa* pode ser tomado no sentido mediato de causa principal e no sentido imediato de causa instrumental. O pincel, por exemplo, é uma causa *instrumental,* porque sem ele o artista não pode pintar o quadro, mas o pincel não é a causa principal da obra do artista. Então, o artista é a causa principal ou eficiente, porque é o criador do quadro, mas os materiais e aparelhos são causas *instrumentais.* Se o homem de ciência, diante de um fenómeno, procura simplesmente a causa imediata, já o filósofo, que vê mais longe, quer encontrar a causa primária ou causa última das coisas.

Convém acentuar, nesta oportunidade, a diferença entre a posição da Ciência e a posição da Filosofia, porque uma é *descritiva* e a outra *apreciativa.* A Ciência observa e descreve os factos, pois lhe cumpre, especìficamente, saber *como* se operam os fenómenos. Não cabe à Ciência entrar em apreciações de ordem normativa ou inerentes a valores éticos, porque o seu campo de acção é adstrito às verificações e à descrição dos fenómenos. A Filosofia serve-se dos resultados obtidos pela Ciência, mas envereda por outra direcção, porque lhe interessa principalmente saber *porque ocorrem* tais e tais fenómenos, seja no plano material, seja no plano das transcendências. A Filosofia é, ao mesmo tempo, especulativa e apreciativa, porque:

em primeiro lugar, preocupando-se com o domínio do conhecimento puro, faz especulação, a fim de saber, antes de tudo, *porque* se deu isto ou aquilo;
em segundo lugar, adoptando uma atitude de julgamento, faz apreciação, porque estabelece juízos de *valor,* enquanto a Ciência se atém aos juízos de *realidade.*

É indispensável, portanto, compreender a diferença entre a atitude científica e a atitude filosófica, para que possamos distinguir o *juízo de realidade* e o *juízo de valor.* Quando apenas queremos saber se uma coisa é ou não real ou quando nos interessa a demonstração pura e simples de um princípio, sem qualquer preocupação com as consequências desse princípio ou dos fenómenos que a ele se vinculam, estamos inclinados naturalmente para a formação de um *juízo de realidade.* Nada mais do que isto. Quando, porém, começamos a inquirir sobre o uso que devemos fazer das observações ou das experiências, quais as consequências deste ou da-

quele fenómeno, qual a sua significação moral ou intelectual, já estamos passando ao terreno apreciativo; e se apreciamos, é claro que estamos valorizando, segundo o nosso critério de julgamento. Tanto podemos valorizar, como depreciar uma coisa, de acordo com o que essa coisa venha a significar para nós, segundo a nossa apreciação. É o que se chama *juízo de valor*. Qualquer objecto pode ser julgado quanto ao valor intrínseco, isto é, quanto ao que vale por si mesmo, e também quanto ao valor estimativo, o valor de significação, atribuído subjectivamente ou em razão de critérios convencionais. Consequentemente, um objecto de uso pode ser considerado bom ou mau, elevado ou medíocre, profano ou sagrado, conforme seja o juízo de valor, da parte de quem esteja fazendo apreciação, dentro do sistema de suas concepções ou de sua tábua de julgamento.

Tomemos, como exemplo, uma espada, que era, antigamente, instrumento de guerra, e hoje, com a evolução do aparelhamento bélico, já não tem mais aplicação prática, porque não passa de uma peça ornamental ou simbólica, para a imponência dos uniformes, nos dias de gala. Ora, uma espada tanto pode ser um símbolo de honra, para um homem educado sob a influência de tradições guerreiras, como pode ser uma representação do mal, para um homem habituado a pregar santidade. O juízo apreciativo depende, portanto, da posição de um ou de outro. O Corão ou *Koran*, para o maometano, é um livro *sagrado*, porque é a bíblia de sua religião, e ai de quem ouse dizer mal do Corão na presença de um maometano, ainda que seja de brincadeira!... Para nós, todavia, o Corão é um livro religioso, respeitável como qualquer outro, mas não tem o carácter de livro *sagrado* ou intocável. Porquê? Justamente porque não somos adeptos da religião de Maomé e, por isso mesmo, o nosso juízo de valor, no que diz respeito ao Corão, não pode ser o mesmo juízo dos que lhe acompanham as pegadas.

Os juízos de valor, como se vê, são muito variáveis, de indivíduo para indivíduo, como de grupo para grupo e de época para época, segundo as ideias e os padrões dominantes. Coloque-se uma jóia, e do mais alto quilate, na frente de dois tipos psicològicamente antagónicos — um homem de negócios e um homem de espírito ascético e desprendido — e logo se nota que os dois, diante da mesma jóia, emitem juízos muito diferentes. A reacção do homem de negócios, que se impressiona pelo valor comercial da jóia, é absolutamente oposta à reacção do tipo místico ou indiferente, porque este último pode ver na jóia, em última hipótese, um objecto condenável, por excitar o luxo e a vaidade. Conquanto a jóia continue a ser uma jóia, porque não muda de natureza, *(juízo de realidade)*, os dois indivíduos formam juízos diferentes, senão incompatíveis, porque têm concepções contrárias, vive cada qual o seu mundo interior. Logo, o *juízo de valor* não pode ser idêntico, em se tratando de dois indivíduos que vêem as coisas e a vida à luz de prismas completamente distintos. Se, por exemplo, um argentário está sujeito a perder até os sentidos ou ficar deslumbrado pelo simples facto de ver uma barra de ouro, porque tudo nele vibra em consonância com os interesses imediatos, um homem do tipo de Francisco de Assis, que tem outra direcção vibratória, seria capaz de passar por cima de barras e meias barras de ouro e nem sequer lhes dar atenção.

Evidentemente, dois indivíduos de cultura diferente, sem o mesmo acervo de experiência espiritual, vivendo em ambientes contraditórios ou trazendo educação orientada em sentidos opostos, nem sempre podem ter a mesma atitude nem o mesmo critério apreciativo em face dos objectos. É natural que os juízos de valor sejam discordantes, ora exaltando, ora rebaixando os objectos, uma vez que cada qual formula os seus julgamentos de acordo com a sua concepção de vida, suas aquisições intelectuais, seu estado emocional.

Voltando, agora, ao ponto de partida de nossa conversação, que é a última do ano, podemos dizer que enquanto a Ciência se preocupa com o que *é* e *como é*, as doutrinas se preocupam com o que *deve* ou *deveria ser*. As doutrinas têm os seus juízos de valor e por isso não podem deixar de ser também normativas. É o caso do Espiritismo, como corpo de doutrina, em face do fenómeno. Enquanto está em jogo apenas o fenómeno em si, há simplesmente um juízo de *realidade;* logo que penetramos na parte filosófica do Espiritismo, logo que estabelecemos norma de procedimento, porque consideramos o fenómeno objecto de preocupações muito elevadas,

temos *juízos de valor*. Não podemos, entretanto, desprezar os juízos de realidade, visto como só valorizamos os fenómenos depois de havermos chegado à convicção de que eles são, realmente, a prova objectiva da imortalidade da alma. Isto quer dizer, portanto, que precisamos e devemos admitir atitude científica, isto é, uma atitude absolutamente isenta de prevenções ou ideias preconcebidas. O facto de alguém gostar muito de sessões mediúnicas ou provocar fenómenos de materialização, ainda não é, em todos os casos, uma atitude científica. Há pessoas que fazem tudo isso, mas não se desenvencilham da *idolatria* dos fenómenos, do mesmo modo que acreditam piamente em tudo quanto é *revelação*, como subscrevem qualquer comunicação, ainda que seja desconexa ou incoerente. Isto, positivamente, não pode ser atitude científica, ainda mais quando se sabe que o Espiritismo recomenda moralidade, senso crítico, moderação em todas as situações. Há, também, os que negam tudo *a priori*, e se dizem enfàticamente «homens de ciência» (?...). Ora, o que caracteriza a atitude científica, seja em Espiritismo, seja em qualquer outro domínio do conhecimento, é um conjunto de comportamentos psicológicos, indispensáveis a qualquer trabalho sério:

*a)* — «a paixão dos factos», isto é, *paixão* no sentido eminente, significando amor à exactidão e às provas;
*b)* — cautela nas afirmações, pois é necessário estabelecer, antes de tudo, uma série de hipóteses, a começar das mais simples, até que se possa afirmar com segurança aquilo que constitui a base de certeza, depois de eliminadas, uma por uma, as hipóteses formuladas;
*c)* — espírito emancipado, pois não é possível ser imparcial, quando se está influenciado por ideias religiosas, assim como por *tabus* ou preconceitos;
*d)* — perseverança, como condição indispensável, porque os trabalhos de grande responsabilidade não podem ser precipitados, e por isso é necessário levar em consideração o factor tempo, como o fizeram Allan Kardec, Flammarion, Delanne, Léon Denis, Crookes e outros grandes experimentadores da fenomenologia mediúnica;
*e)* — honestidade nos depoimentos, sem o que o esforço intelectual se desacredita, pois é indispensável ter coragem moral para afirmar, em benefício da própria Ciência, tudo quanto a experiência demonstra de positivo, de concreto, insofismável.

De nada vale a pesquisa ou a cultura científica, quando não há honestidade pessoal, na hora do testemunho. Sem reunir tais requisitos, ninguém está suficientemente habilitado a fazer investigações criteriosas, com o nobre propósito de servir à causa da Verdade, acima dos homens e das convenções. E o Espiritismo, não tenhamos a menor dúvida, exige tudo isto. A atitude científica muitas vezes impõe um procedimento semelhante ao de São Tomé, sem o exagero da negação sistemática, que é anticientífica. Já se vê, em suma, que o fenómeno, por si só, encarado como simples objecto de curiosidade passiva ou motivo puramente devocional, ainda não pode caracterizar o trabalho científico, pois o indivíduo de acentuado misticismo ou de excessiva credulidade está mais propenso a ficar extasiado ou fanatizado pelas manifestações de espíritos do que a tomar uma posição consentânea com o legítimo carácter do Espiritismo. Concluíndo, podemos chegar às seguintes noções:

*a)* — o Espiritismo parte de um *juízo de realidade* (prova dos factos), sem o que não teria carácter científico;
*b)* — sendo, porém, uma doutrina de profundo conteúdo filosófico, não pode ficar apenas nos julgamentos de *realidade*, porque lhe é inerente o julgamento apreciativo, quanto à dignidade do fenómeno e ao valor moral de suas consequências;
*c)* — como corolário de tais proposições, vem o aspecto normativo da doutrina, porque ela tem *normas* implícitas de comportamento.

Daí se segue, para terminar, que *não basta reconhecer a realidade dos factos*, pois é igualmente necessário *colher lições* através dos factos; e essas lições nos fazem compreender, a cada passo, que o Espiritismo não pode cingir-se ao círculo exclusivamente experimental ou fenoménico, como simples juízo de realidade, porque lhe cumpre, acima de tudo, influir na espiritualização do homem, iluminando-o com os ensinamentos do Evangelho.

# PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

## (9) A VIDA

Estas palestras foram improvizadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

*Vamos fazer algumas considerações sobre a vida. Há uma pergunta que aflora ao espírito:*

*— O homem deve viver isolado?*

*E outra:*

*— A vida conventual e contemplativa está de harmonia com a missão do homem social?*

*Talvez possa haver um pouco de verdade naquilo a que se chama retiro, segregação do mundo em que se vive. Um dia estudaremos aqui o assunto.*

*O homem é um acumulador de energia. Às vezes julga-se fraco perante a luta, porque a vida é um combate permanente. Mas, se fizer um apelo mental, o ânimo surgirá no momento oportuno.*

*Alguns exclamam:*

*— Em face de um golpe semelhante ao que sofreste, não resistiria.*

*Esse golpe pode ser a morte de um ente muito querido. Duas almas que viveram juntas anos e anos, que trabalharam e sofreram e tiveram alegrias espirituais, separarem-se assim de um instante para outro é, de facto, um golpe tremendo, que tem levado alguns à chamada* grande viagem. *Mas isso é excepção à regra, porque a regra é suportar e vencer os obstáculos da vida, que, sem obstáculos, seria vegetação pura. Nós queremos ser fortes, porque uma voz íntima nos diz que assim devemos ser. Se a vida é transitória, se é breve, se é o dia de hoje, como lhe chamou João de Deus, devemos aproveitá-la, devemos extrair-lhe o perfume, porque ela tem perfume e lágrimas, medalha e reverso, enfim, os seus contrastes.*

*Ai da vida, se não tivesse contrastes! Como poderíamos avaliar o belo, sem conhecer o monstruoso? O sol, sem conhecer a sombra? A sombra é o contraste. As cores têm seus contrastes. Mas, porque a vida é transitória, é que a devemos viver com entusiasmo. As dificuldades fazem parte dela? Então vençamo-las! Mas vençamo-las com alegria. Ao apoderar-se de nós uma certeza, não há nada que resista ao nosso impulso. Ele vem do mundo interior e galga as dificuldades. Não raro julgamos impossível um avanço e conseguimos chegar à meta. Não foi por acaso que vencemos, porque não há acaso. Sabemos que tudo está ligado ... Então, porque falamos em acaso? E nós, espiritistas, sabemos melhor que os outros que o acaso é palavra sem sentido.*

*Mas devemos aproveitar as realidades da vida que se processam em cada minuto que passa e olhar alegremente uma lágrima, uma acção generosa, pois tudo isto são momentos dignos de ser vividos. É a vida com altos e baixos, prazeres e dores, arroubos mentais e espirituais.*

*O coração é uma janela aberta para as grandes verdades do sentimento. Devemos utilizá-lo e utilizá-las. E assim extrairemos alegria da própria tristeza. Faremos como os que potabilizam a água salgada, a ponto de a ingerirem com proveito.*

*É uma alquimia mental que se exerce em nós, um laboratório à nossa disposição. Basta um apelo às forças latentes e elas virão à superfície.*

*

*Nunca como hoje senti que se deve amar a vida pelo divino que encerra. E apesar das dores, que são lágrimas evolutivas, porque a lágrima é a síntese do* sofrimento. *Mas se é na lógica que se temperam as boas qualidades e se nela está o cadinho purificador, espécie de alambique de onde a vida sai quintessenciada, não há que recear qualquer esforço para alcançar o equilíbrio espiritual da personalidade, que só podemos conseguir à força de trabalho e sofrimento.*

*O trabalho alarga a vida. Torna-a mais ampla, mais bela, diviniza-a, dá-lhe poesia, heroísmo! Ah! tem havido tantas opiniões sobre a vida! Rufo disse que é um receio perpétuo: foge dos que nascem e corre atrás dos que morrem. Eis um conceito da alta filosofia. Mas ele analisou a vida do ponto de vista católico, tendo em conta a teoria da vida única. Os espiritistas sabem que há muitas vidas e não acreditam no «receio perpétuo» do filósofo. Mais: ela não foge de uns, nem corre atrás de outros. Nós é que corremos para a vida e fugimos da vida. Todavia, se soubermos indagar os actos, se soubermos senti-los, nem fugiremos nem correremos.*

*João de Deus disse que a vida é o dia de hoje. Sim, a vida é o eterno presente, o minuto que passa; o segundo é milésimo a seguir a outro milésimo, que se juntam para formar as centésimas, que se juntam para as décimas e para a unidade. Estas, finalmente, agrupam-se para formar o todo. É o tempo que passa, tão fugaz como um sopro, afiado como o gume de uma navalha. Porque o segundo que se viveu deixou de ser presente, deixou de ser vida, deixou de ser existência. Foi uma coisa que se arrumou no tempo e na história. Ou no ferro-velho, porque há coisas que se viveram e não podemos guardar no escrínio da memória ...*

*Edouard Richer diz que não teríamos esperança noutra vida, se ela, de facto, não existisse. Esta afirmação está mais próxima de nós, porque o homem só pensa naquilo que tem existência. Todos os sonhos que se engendram, todos os sonhos a que assiste no ideário do seu psiquismo são realidades. O que nos parece ilusório não é. Assim, convenço-me de que viver a vida é exaltá-la.*

*Os que hão-de vir seremos nós talvez, pois se a vida é múltipla, se não temos uma só, mas muitas vidas, o que fizermos para outros será para nós, quando voltarmos. Os que dizem egoìsticamente «não planto mais árvores, porque estou no fim da existência; não construo mais casas, porque não necessito delas», ignoram estas realidades. O homem deve plantar sempre, construir sempre, porque planta e constrói para a huma-*

*nidade, que é a soma de quantos vieram à terra a trabalhar na evolução. Por isso o exemplo dos inventores e construtores deve permanecer em nossa retina. Estou convencido de que a maioria dos génios não trabalharam para si próprios. Uns trabalharam para a Ciência, outros para a Humanidade e outros nem sabem para que, nem para quem trabalharam.*

★

*Bernardo Palissy — o descobridor do esmalte — foi uma das cerebridades mais entusiásticas, um dos génios mais curiosos que se conhecem na galeria dos homens célebres. Levou anos e anos à procura da fusão do esmalte e não resistiu a lançar na fornalha todos os móveis de casa e até o próprio soalho para conseguir o ponto de fusão. A esposa estava alarmada com o fenómeno e gritava:*

*— Este homem enlouqueceu!*

*O sábio não deu ouvidos às súplicas da mulher e pôde gritar: «Eureka!» Tinha encontrado a fórmula. E passou à história como homem de génio e de acção, não obstante haver sido encerrado na Bastilha. Soube encontrar nas forças latentes o mistério do seu triunfo. Quando se fala em cerâmica, não se pode esquecer o nome deste químico-mineralogista francês.*

*Mas há outros que merecem referência nesta amena conversa. Pasteur, o homem que destruíu a ideia da «geração espontânea». Em certo momento provou a causa das fermentações, das doenças contagiosas, entre elas, a raiva, e forneceu a verdadeira base da assépsia que revolucionou a cirurgia moderna. Não havia nem há geração espontânea. Sendo farmacêutico, legou à medicina um elemento poderoso que se utiliza nas operações cirúrgicas e tem salvo milhares de vidas. Isto se deve a este génio, tão grande, como Edison, Branly ou Marconi.*

*Edison foi talvez o maior inventor de todos os tempos. Aos dezoito anos, porém, dava indícios de cretinismo e sua mãe, lavada em lágrimas, dizia que o filho não tinha inteligência. Mas prestes desabrochou e pôde legar ao mundo mais de mil invenções. Foi o inventor da lâmpada eléctrica; do fonógrafo, da bataria que leva o seu nome e de inúmeras coisas úteis que dão alegria e prazer à humanidade.*

*Branly, que inventou o coesor da T. S. F. e morreu paupérrimo, sem epitáfio, preparou o terreno a Marconi, industrializador da telegrafia sem fios. Este não foi pròpriamente inventor, mas utilizador das ondas hertzianas. No entanto ligou o nome a centenas de companhias espalhadas pelo mundo. Branly, por seu turno, morreu com perto de 100 anos, votado ao ostracismo. Como não trabalhava para si, não se importou.*

*Vemos, assim, que tudo lucra com o trabalho. Quando voltarmos, encontraremos o campo arroteado.*

*Quem recebe uma linda herdade pode exclamar:*

*— Que bela terra! Que magnífico pomar! Água a jorros! Tudo canalizado! Terra fértil que dá o que é necessário!*

*E fica-se a pensar no trabalho desses pioneiros. Mas, se soubéssemos vislumbrar o que pertence ao passado, talvez lá víssemos o dedo próprio de quem teve coragem de plantar mais uma árvore e de construir mais uma habitação.*

★

*O povo diz que amar sem esperança é o verdadeiro amor. E eu digo que o trabalhar sem esperança é o verdadeiro trabalho.*

*Sem esperança — note-se —, sem esperança de usufruir o que se realizou com fim humanitário e que produzirá seus efeitos no momento oportuno. Outros hão-de usufruir.*

*É assim a evolução. Não se pode conceber de outra forma o trabalho permanente de tantos indivíduos que se esqueceram de si próprios para auxiliar os semelhantes com o fim de aumentar o cabedal humano para que os vindouros sejam mais felizes e se vejam a braços com menos problemas. Depois será menos difícil viver, muito menos difícil.*

*Portanto, mãos à obra. Trabalhemos. O Espiritismo nos ajudará a vencer e a transformar o mato em jardim.*

*As árvores serão melhores, darão mais saborosos frutos; a existência será mais bela, haverá menos dores, menos ódio, menos egoísmo, menos revolta. Haverá mais paz, mais justiça. Numa palavra, o mundo será melhor.*

*E nós temos o dever de trabalhar pela felicidade do mundo, temos obrigação de apelar para tudo o que em nós existe da paz virgiliana de que fala o poeta, porque sem paz não há felicidade.*

*Nós, espiritistas, que conhecemos verdades eternas, indestrutíveis, que sabemos que a causa tem seus efeitos, devemos trabalhar mais do que os outros, sem almejar recompensa, que nada representa para os que olham para lá da fronteira.*

*Portanto, a vida é breve, é transitória, mas é necessário fazer o possível par ampliá-la, a fim de extrair dela todo o perfume que contém.*

**I. D. S.**

# A MEU PAI

**(A um mês do seu desencarne)**

**Meu querido Pai: Tua alma se evolou**
**Já cansada do muito que sofreu.**
**Na terra bruta tudo se acabou**
**E outra luz a teus olhos se acendeu.**

**Nesse além, onde a tua alma chegou,**
**Possas ver já o quanto te valeu**
**Ser na terra um vivente, que abraçou**
**A pouca sorte e a par dela viveu!**

**Liberto, como estás, por esse etéreo,**
**Hás-de ter o mais doce refrigério,**
**Que Deus guarda aos do mundo sofredores!**

**E, passo a passo, ilustra o pensamento**
**Nas vibrações subtis do firmamento,**
**E vai cantando a Deus os teus louvores!**

**HUMBERTO CORDEIRO DA SILVEIRA**

# Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil

O Dr. Milton de Andrade, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, enviou há tempos o seguinte projecto de lei ao deputado espirita Dr. Campos Vergal, criando a Cadeira de Parapsicologia no 4.º e 5.º ano das Faculdades de Medicina do Brasil, em ligação com a Psiquiatria, em atenção ao pedido de Antenor Ramos, presidente da Liga Espirita do Estado de São Paulo, como contribuição ao projecto a apresentar com o propósito de criar a Cadeira de Metapsíquica em curso de três anos, nas mesmas Faculdades:

Considerando que a Parapsicologia, a qual estuda, sob os cânones da Ciência oficial, os conhecimentos que chegam ao homem por via extra-sensória, bem como os demais fenómenos tidos por paranormais, hodiernamente constitui matéria ensinada em cursos superiores de principais nações do mundo;

Considerando que há quase meio século foi criado o «Psychical Research Department» da «Leland Stanford University of California», nos Estados Unidos;

Considerando que hoje a Cadeira de Parapsicologia faz parte dos cursos de cerca de 50 universidades e colégios da América do Norte, entre os quais a Harvard University, a Columbia University, a New York University, a Duke University, a Miami University, a Washington University, a Princeton University, a Stanford University, a Croningen University, a Fordham University, a Drake University, a Colgate University, a Brown University, a Clark University, a Pardue University, a Southwestern University, a Tulane University, a Wayne University, a University of Alberta, a University of Bonn, a University of Colorado, a University of Glasgow, a University of Illinois, a University of South California, o Antioch College, o Bard College, o Cettisburg College, o Connecticut State College, o Earlham College, o Florida State College for Women, o Guilford College, o Hamden-Sydney College, o Hanover College, o Hunter College, o John Hopkins College, o Massachusetts State College, o Queen's Chicara College, o Skidmore College, o Tankio College e o Wisconsin College;

Considerando que na Universidade de Friburg, da Alemanha, foi criada a Cadeira de Parapsicologia, com laboratório especializado, a cargo de Hans Bender, médico alemão e, ainda, Director do Instituto de Parapsicologia e de Psico-higiene da mesma Universidade;

Considerando que na Universidade de Utrecht, da Holanda, foi criada a Cadeira de Parapsicologia, com laboratório especializado, a cargo de W. C. Tenhaeff, psicólogo holandês;

Considerando que na Universidade de Leyde, da Holanda, foi criada a Cadeira de Parapsicologia, com laboratório especializado, a cargo de P. Dietz, médico, neurologista holandês;

Considerando que na Bélgica foi criado um órgão consultivo, em matéria de fenomenologia paranormal, sob a denominação de «Conseil de Recherches Métapsychiques de Belgique», no ano de 1924, pelo paleontólogo A. Rutot, membro da «Academie Royale de Belgique», e instituído um «Comité Officiel pour Investigation des Phénomènes Réputés Paranormaux», no ano de 1949, por acto do Governo Belga («Moniteur Belge», órgão oficial do Governo Belga, de 4-6-1949, Anexo, pág. 589) — integrado por médicos, engenheiros e advogados;

Considerando que nas universidades inglesas de Londres, de Oxford e de Cambridge funcionam, como órgãos de supervisão da pesquisa psíquica e de investigação dos fenómenos paranormais, respectivamente, o «Council of London Psychical Research of Oxford's Universit» e a «Cambridge University Society for Psychical Research»;

Considerando que na Universidade de Harvard, dos Estados Unidos, funciona a «Society of Parapsychology», sob a presidência do médico e parapsicólogo norte-americano S. David Kahn;

Considerando que as sociedades fundadas para investigação da fenomenologia paranormal, com finalidade e métodos científicos, de regra são presididas por médicos, inclusive psiquiatras e psicanalistas; de facto,

Considerando que desde 1922 funciona na Alemanha a «Aertzliche Gesellschaft für Parapsychologische Forschung» («Sociedade Médica de Investigação Parapsicológica»), fundada por Paul Sünner, psiquiatra e parapsicólogo alemão, Chefe do Asilo d'Aerzberg e Director do «Zeitschrift für Parapsychologie», de Berlim;

Considerando que na Argentina de há muito funciona a «Asociación Médica Argentina de Metapsíquica», sob a presidência de Orlando Canavesio, psiquiatra argentino e Director do «Instituto de Psicopatologia Aplicada Argentino»;

Considerando que em Varsóvia funciona a «Sociedade Médica Polonesa de Investigações Psíquicas»;

Considerando que a Comissão Directora da «Polskiego Towarzystwa Badán Psychicznych», de Varsóvia («Sociedade de Investigações Psíquicas da Polónia») já foi presidida por Thadei Sokolowski, médico, neurologista polonês;

Considerando que a «Society for Psychical Research» da Inglaterra teve por presidente William James, médico norte-americano, antigo Professor de Fisiologia da Universidade de Harvard e célebre filósofo (1894/5) — Charles Richet, médico francês, Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina (1905) — Mrs. Henry Sidgwick, médica inglesa (1908 e 1932) — T. W. Mitchell, médico e psicólogo inglês, Director de «The British Journal of Medical Psychology» (1922) — e Hans Driesch, médico e parapsicólogo alemão, além de figuras do porte de William Crookes, célebre físico e químico inglês (1896/9), e Henri Bergson, célebre filósofo francês (1913);

Considerando que o «Institut Métapsychique International» da França foi dirigido por Gustave Geley, médico francês, de 1919 a

1924, e por Eugéne Osty, também médico francês, 1924 a 1937, e teve por Presidente Rocco Santoliquido, médico italiano, antigo Professor de Terapêutica da Faculdade de Medicina da Universidade de Nápoles e ex-Director da Saúde Pública da Itália, e por Presidente de Honra Charles Richet, antigo catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris e Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina;

Considerando que o «Comité d'Administration» do «Institut Métapsychique International» da França é integrado com outros metapsiquistas, pelos seguintes médicos franceses: B. Cuneo, Professor de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris e membro da «Academie de Médecine» da França; J. Vinchon, psiquiatra, médico-assistente do Serviço de Psiquiatria do «Hôpital de lá Pitié», de Paris; François Moutier, Chefe de Laboratório da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris; G. Maingot, chefe do «Service d'Électro-radiologie» do Hôpital Laennec», de Paris; Jean-Charles Roux, Vice-presidente do Instituto; Henri de Soile, psiquiatra; Pierre Prost, psiquiatra; J. Maxwell e B. Lenglet, clínicos, *Comité* esse, de que já fez parte um médico como Émile Calmette, bacteriologista francês;

Considerando que o «Consiglio di Presidenza della Associazione Italiana Scientifica di Metapsichica», de Milão, é integrado, com outros metapsiquistas, pelos seguintes médicos italianos: Ferdinando Cazzamalli (Presidente), neuropsiquiatra, Professor da Clinica Neuropsiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de Milão; Plácido Consiglio (Vice-presidente), General-médico do Exército Italiano; Gaetano Boschi, neuropsiquiatra, Professor da Clínica Neuropsiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de Modena; Edoardo Carvaglio, General-médico do Exército Italiano; Aleardo Cerioli, Director do «Ospedale Civile» de Lonate, e Venturino Venturini, clínico em Milão;

Considerando que a «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro», a qual tem como uma de suas finalidades principais a investigação científica da fenomenologia paranormal, foi presidida 15 anos por Levindo Melo, médico brasileiro, clínico na Cidade do Rio de Janeiro (1941/56) e antigo Preparador de Fisiologia e Fisiologia Nervosa da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (Belo Horizonte);

Considerando que a actual Directoria da «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro» é integrada, com outros investigadores psíquicos, pelos seguintes médicos brasileiros: Telémaco Gonçalves Maia, Major-brigadeiro-médico da Força Aérea Brasileira (Vice-presidente); Levindo Melo (Director do Departamento de Difusão Cultural); Lauro S. Tiago (Director do Departamento Médico-hospitalar) e Joaquim Santos (Director do Departamento de Investigações Experimentais), todos clínicos na Cidade do Rio de Janeiro;

Considerando que a «Gesellschaft für Metapsysche Forschung» de Munich («Sociedade de Investigação Metapsíquica») teve por Presidente o Barão Albert Von Schrenck-Notzing, médico, psiquiatra alemão;

Considerando que a «Oesterreich Gesellschaft für Psychische Forschung», de Viena («Sociedade Austríaca de Investigação Psíquica»), é presidida pelo Barão Alfred Von Winterstein, médico, psiquiatra e psicanalista austríaco;

Considerando que o «International Institute for Psychical Research», de Londres, teve por Investigador Oficial David Fraser-Harris, médico inglês, fisiologista, antigo Professor de Fisologia da Escola de Medicina da Universidade de Ottawa, no Canadá;

Considerando que a «Societá Italiana di Metapsichica», de Roma, teve por co-fundador Emilo Servadio, médico e psicanalista italiano, Vice-presidente da «Societá Italiana di Psicanàlisi» (1956);

Considerando que a «Société d'Études Psychologiques», de Paris, a qual se dedicava também à investigação científica dos fenómenos paranormais, tinha por Presidente Allan Kardec, médico francês;

Considerando que o «Institut Général de Psychologie», de Paris, o qual investigava também a fenomenologia paranormal, tinha por co-Director Juliusz Ochorowicz, médico polonês, e possuia entre seus membros personalidades de grande projecção científica, como D'Arsonval, médico e físico, e professor e Madame Curie, os célebres descobridores do «rádium»;

Considerando que a «Société d'Études Métapsychiques», de Paris, é presidida por V. M. Belin, médico francês, bacteriologista, Director do «Institut Bactériologique de Tours;

Considerando que a «Sociedade de Investigações Psíquicas da Islândia», de Reykjawick, é presidida por E. Kvaran Hjorleifsson, médico e escritor islandês;

Considerando que a «Sociedade de Investigações Psíquicas de Riga», na Letónia, é presidida por Karl Blacher, médico letão e Professor de Química Aplicada na Universidade de Riga;

Considerando que a «Sociedade de Investigações Psíquicas da Noruega», de Oslo, é presidida por Oskar Jaeger, médico norueguês, Professor da Unversidade de Oslo;

Considerando que a «Sociedade Helénica de Investigações Psíquicas,», de Atenas, é presidida por Ângelo Tanagras, Almirante-médico da Marinha de Guerra da Grécia;

Considerando que a «Sociedade de Investigações Psíquicas e Metapsíquicas da Roménia» é presidida por Levon Mirahorian, médico romeno e Professor de Neurologia da Universidade de Cluj;

Considerando que a «Turkiye Metapsiki Tetkikler ve Ilmi Arastir malar Cemiyeti», de Estambul («Sociedade de Metapsíquica e Investigação Científica da Turquia»), é presidida por Bedri Ruhselman, médico turco;

Considerando que a «Sociedade Japonesa de Ciência Psíquica», de Yokohama, é presidida por Wasaburo Asano, médico japonês;

Considerando que a «Society for Psychical Research», da Índia é presidida por Sanjv, médico indú;

Considerando que a «Society for Psychical Research» de Winnipeg, no Canadá, foi presidida por Glen Hamilton, médico canadense;

Considerando que a «American Society for Psychical Research», de Nova York, é presidida por George Hyslop, médico norte-americano;

Considerando que a Dinamarca foi representada, no Primeiro Congresso Internacional de Investigação Psíquica, reunido em 1921, na Cidade de Copenhague, pelos médicos A. Friedenreich (professor de Medicina), Ejnar Jarlov (Chefe de Clinica do Hospital do Estado), K. H. Krabbe (Antigo Chefe de Clínica) e August Wimmer (Professor da Universidade);

Consderando que a Suécia foi representada, no Segundo Congresso Internacional de Investigação Psíquica, reunido em 1928, na Cidade de Varsóvia, por Sydney Alrutz, médico e psicólogo sueco, Professor de Psicologia Experimental da Universidade de Upsala;

Considerando que as «Comissões Internacionais de Investigação Psí-

# O transe profundo é hoje muito raro

Two Worlds *insere uma notícia que oferecemos aos leitores.*

*As exigências da vida moderna impuseram uma transformação na técnica do transe mediúnico, segundo afirma Ursula Roberts no seu folheto intitulado «Ideas sobre o Desenvolvimento Mediúnico, acrescentando que os médiuns não deviam perturbar-se pelo facto de não ficarem totalmente inconscientes, quando caem em transe.*

*Nos últimos tempos do Espiritismo a inconsciência total era geralmente comum e o médium ficava quase inanimado, visto que a respiração e o pulso eram imperceptíveis.*

*Os assistentes alarmavam-se ao ver a morte aparente do médium seguida de contorsões e respiração agonizante, como sucede na manifestação de entidades espirituais, cuja partida seria acompanhada de gemidos e respiração ofegante do sensitivo, como se disse e cujo organismo se enfraquecia e regelava.*

*Actualmente — diz Ursula Roberts — os estados de transe são realizados pela fusão suave do médium e do espírito comunicante e a transformação é gradual.*

*Há muitas vezes mudança no pulso e na respiração, mas sem qualquer prejuízo do médium. A sua inconsciência é quase sempre passageira.*

*

*Ursula Roberts tem analisado a mudança técnica dos operadores espirituais, que se baseia em várias experiências com muitos médiuns. Os espíritos que hoje se comunicam não combatem o cepticismo e o preconceito religioso de há cem anos. A mediunidade é prontamente aceite.*

*

*Outro motivo são as condições diferentes em que a mediunidade se exerce. Ursula Roberts diz que há numerosos ruídos na vida moderna, o que impede o transe completo. E cita o exemplo das campainhas telefónicas, o roncar inesperado dos aviões, o barulho dos motores e as buzinas dos automóveis, susceptíveis de causar grandes choques no transe dos médiuns.*

*Há um século o mundo era tranquilo. Os ruídos vinham de longe e aumentavam gradualmente de intensidade. A vida familiar era mais pacata.*

*Os médiuns tinham melhor oportunidade de recuperação do transe do que no meio do barulho da vida quotidiana.*

quica», organizadas para diversos países, por deliberação do congresso internacional de 1921, ficaram constituídos, com outros cientistas, psicólogos e metapsiquistas, pelos seguintes médicos: Gustav Harter, austríaco, clínico em Viena; Paul Bjerre, sueco, clínico em Lakäre, Tumba; I. Zeehandelaar, holandês, clínico em Amsterdão; N. C. Borberg, dinamarquês, clínico em Copenhaga; Karl Vojacek e V. Ruzicka, tchecoslovacos, este último Chefe do Instituto Biológico da Universidade de Praga;

Considerando que representaram os respectivos países no Primeiro Colóquio Internacional de Parapsicologia, realizado em 1953, na Cidade de Utrecht, da Holanda, com outros cientistas, psicólogos, metapsiquistas e parapsicólogos, os seguintes médicos:

ESTADOS UNIDOS — Jan Ehrenwald e Jule Eisebund, neuropsiquiatra de evidência no momento; Gotthard Booth e Hilde Bruch, psiqiuatras e psicanalistas; Montague Ullman, psiquiatra e psicanalista, Professor de Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Nova Iorque, e S. David Kahn, fundador da «Harvard University Society of Parapsychology»;

INGLATERRA — William Gillepsie, psiquiatra e psicanalista, antigo Professor de Psiquiatria da Universidade de Londres e ex-Presidente da «British Society of Psychoanalysis»; Louis Rose, psicólogo, Director-adjunto da Secção de Medicina Psicológica do «St. Bartholomew's Hospital», de Londres, e D. J. West, psiquiatra, Director de Investigações da «Society for Psychical Research» da Inglaterra;

ALEMANHA — Hans Schaeffer, fisiologista, Professor de Fisiologia da Universidade de Heidelberg; Karl Saltzer, antropólogo, Director do Instituto de Antropologia da Universidade de Munich, e Joseph Wüst, biólogo, adido ao Instituto de Fisiologia Experimental da Universidade de Munich;

FRANÇA — Marcel Martiny, Médico-chefe do «Hôpital Foch», de Paris, e Jacques Donnars, clínico em Paris;

ÁUSTRIA — Hubert Urban, neuropsiquiatra, Director da Clínica Psiquiátrica da Escola de Medicina da Universidade de Innsbruck;

ITÁLIA — Emilio Servadio, psicanalista, Vice-presidente da «Societá Italiana di Psicanalisi»;

SUÍÇA — Heinrich Meng, psiquiatra, Professor de Higiene Mental da Universidade de Bâle;

SUÉCIA — John Björkhem, clínico em Estocolmo;

HOLANDA — W. Kat, neuropsiquiatra, Professor de Neuropsiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Amsterdão.

**(a concluir)**

# D. MARIA CECÍLIA GORINA

Há serviços inestimáveis e figuras cuja dedicação à uma causa se impõe, através de exemplos frisantes. Uma delas é a médium D. Maria Cecília Gorina, que no Centro Espiritualista «Luz e Amor» trabalha há perto de vinte anos, sempre com a mesma atitude e a mesma constância.

Nunca a vimos desanimada perante os sacrifícios nem as circunstâncias desagradáveis que esmaltam a vida dos médiuns, tantas vezes mal compreendidos e defendidos. O seu apego à obra do Centro levou-a a exercer a actividade em condições anormalíssimas, por si sós susceptíveis de justificar esta referência, que não deve ser considerada laudatória, mas absolutamente justa, numa fase de vida em que as forças lhe faltam, quase a impossibilitando de se locomover.

**D. MARIA CECÍLIA GORINA**

D. Maria Cecília Gorina pertence a uma família espirita do Barreiro e seu pai lançou uma revista que durante muito tempo defendeu a Causa com denodo. Assim, não admira que o seu labor constitua, por assim dizer, um prolongamento, uma extensão do esforço paterno.

Uma vez veio ao Centro «Luz e Amor» em precário estado de saúde e durante o transe mediúnico comportou-se como se nada houvesse acontecido. Quando despertou surgiram as mesmas crises e os vómitos que antecederam o transe.

As suas faculdades curadoras manifestaram-se pròdigamente e numerosos têm sido aqueles que se normalizaram de suas perturbações.

Lembra-nos o caso de um rapaz que estava noivo e de um instante para outro perdeu a memória de tudo que o cercava, até o próprio nome. Toda a família lhe passou a ser estranha, inclusivamente a namorada, que sofria horrìvelmente. Tratava-se, afinal, de uma verdadeira obsessão.

Primeiro consultaram um médico psiquiatra, que se limitou a dizer que «era um caso interessante». E para de algum modo provar que não abandonava o doente, prescreveu-lhe «qualquer coisa». As melhoras foram nulas. Nesse momento lembraram-se de o trazer ao Espiritismo. D. Maria Cecília Gorina tomou conta do assunto e ao cabo de seis ou sete sessões o «caso interessante» deixou de ter interesse e o casamento realizou-se pouco depois com alegria de todos.

Como este, poderíamos citar numerosos exemplos.

O nosso fim não é fazer a biografia de uma colaboradora dedicada e por isso não entramos em pormenores, embora de grande valor intrínseco, que poderíamos revelar neste momento. Queremos apenas apresentá-la como pessoa de bem que se entregou à vida associativa, no sentido de fortalecer uma causa cujo objectivo é servir a verdade e dignificar a vida humana.

Há pouco vimos o esforço quase sobreumano com que ela subiu e desceu a escada do Centro. E mesmo

**Duas expressões mediúnicas: à esquerda, o espírito do Dr. Vasconcelos; à direita o guia-curador Dr. Carvalho**



E. Psiq. - Março/59

# A Paixão da Cobiça

**Por ANTENOR RAMOS**

*Tudo no mundo vive sob o influxo de uma palpitação incessante.*

*Palpitação ritmada sob a égide da justiça, palpitação imponderada sob o influxo das paixões inferiores...*

*Com os bens materiais, os corações humanos se alegram, julgando-se grandes na opulência dos palácios e nas* élites *das sociedades que formam o mundo.*

*Palpitam nas cobiças impoderadas que fàcilmente conduzem ao campo estéril da avareza ignominiosa. Os lucros (contanto que sejam realmente lucros) empolgam os sentidos, fanatizam as mentes, jamais prevendo qualquer possibilidade de segurança. Os homens, com os lucros, ficam cegos e como cegos se aprofundam, fàcilmente, no abismo insondável que preparam...*

*E dizem então:*

*— Ó minh'alma, goza, porque os meus celeiros estão repletos.*

*E fazem-no com tal insensatez, que Jesus os classificou de cegos conduzindo outros tantos cegos, todos rumo aos abismos.*

*Alguém disse que os homens não se envergonham de introduzirem os seus corações no cofre onde recolhem os seus tesouros e lucros diários. No entanto, se se abstivessem da ganância, poderiam sentir melhor a própria vida, evitando que os tesouros acumulados sirvam de desgraça para si e seus semelhantes, como tem acontecido a muita gente.*

*Quem não vê por toda a parte a subnutrição produzindo o raquitismo e a tuberculose?*

*O coração do egoísta e do avarento está sempre azinhavrado, porque traz no seu bojo o indiferentismo pela espécie humana.*

# Dr. Karl Eugène Müller

**Novo Presidente da Federação Espírita Internacional**

O Dr. Karl Eugène Müller, que sucedeu a David Bedbrook na presidência da Federação Espirita Internacional, é um sábio espiritualista de vastos recursos que nasceu em 1893 em Nova Orleans (América do Norte), filho de pais suíços, que negociavam em algodão. Três anos depois foi levado para Zurique, em virtude da morte de sua mãe, e passou a viver com sua avó.

Após vários cursos, frequentou a Escola Politécnica desta cidade, donde saíu engenheiro. Mais tarde obteve o título de doutor em ciências técnicas e trabalhou no México, na Venezuela e nos Estados Unidos.

Sua avó era espirita e proporcionou-lhe uma sessão, após a qual conheceu o Juiz Georg Sulzer, o maior espirita suíço do seu tempo que deixou numerosos livros sobre o aspecto religioso da doutrina.

De 1948 em diante observou muitos fenómenos físicos, «vozes directas» e materializações e construiu um aparelho de fotografia infravermelha, até que em 1957 foi eleito encarregado de investigações da Federação Espirita Internacional. Mais tarde, no Congresso de Paris, foi eleito vice-presidente desta agremiação.

O Dr. Karl é também poliglota distinto e reencarnacionista convicto.

Esperamos que o Dr. Karl nos distinga brevemente com a sua colaboração.

assim, ao lhe manifestarmos a nossa admiração, declarou terminantemente:

— Enquanto tiver um sopro de vida hei-de cumprir o meu dever.

Quantos há que não abdicam de suas comodidades em plena saúde, quanto mais enfermos, como se encontrava D. Maria Cecília?

O verdadeiro adepto trabalha sempre, sejam quais forem as condições. E por isso erguem obras de vulto. Muitos olham-nas de longe e passam. Um ou outro se aproxima, indaga, aprecia, analisa e acaba fazendo parte do núcleo.

D. Maria Cecília aproximou-se e ficou. Grande número se aproximou e não ficou. Eram de pouca fé ou talvez nenhuma. Vaguearam por aqui e por ali e não alentaram outras colectividades.

Deus permita que D. Maria Cecília nos acompanhe ainda muitos anos, mesmo doente. É que, ao chegar a certa idade, já não se exige saúde completa. O que é preciso é força de vontade que, felizmente, nunca lhe faltou, nem falta, apesar da sua doença.

Vamos fazer ardentes votos pela saúde de D. Maria Cecília Gorina, obreira do Espiritismo português radicada no Centro Espiritualista «Luz e Amor». Que possa acompanhar-nos ainda muitos anos para alicerçar a fé de incrédulos que têm necessidade de uma prova chocante. Felizes dos que acreditam sem provas. É que estão mais perto da Verdade.

Maio 59
1

# Quatro fontes de diferente origem que deram revelações sobre a existência do mundo espiritual

**Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA**

III

Depois do que dissemos na *Mensagem* anterior sobre as actividades de Allan Kardec e a criteriosa codificação das doutrinas espiritas feita através dos seus livros que tão rápida divulgação tiveram por toda a parte, é curioso anotar que já nos fins do século XVIII, e sem ligação alguma com as revelações feitas em meados daquele século pelo místico nórdico Emanuel Swedenborg a que, em *Mensagem* anterior, fizemos larga referência, germinavam, na Europa central, ideias espiritualistas das da mesma natureza que Kardec lançou aos quatro ventos e reveladas numa série de cartas que o filósofo alemão João Gaspar Lavater enviou de Zurique à imperatriz da Rússia, esposa do imperador Paulo I, e escritas de 1798 a 1800.

Aquela correspondência foi encontrada nos arquivos da biblioteca imperial da capital russa, e tais cartas foram publicadas, depois das devidas autorizações oficiais, em 1858, com o título de *Cartas de João Gaspar Lavater à imperatriz Maria Féodorowna, esposa do imperador Paulo I da Rússia.*

Esta publicação foi editada à custa da referida biblioteca imperial e oferecida em homenagem à Universidade de Ilna, por ocasião do terceiro centenário da sua fundação.

Léon Dinis é quem nos aponta a existência daquelas cartas em seu livro *O Porquê da Vida,* e sobre elas faz os seguintes comentários: «Essas cartas provam que a crença nas relações entre o mundo material e o mundo espiritual germinava na Europa desde o fim do século XVIII, e que não sòmente esse célebre filósofo alemão estava convencido dessas relações, mas também (os próprios termos da sua correspondência não permitem duvidar) que tais ideias fossem partilhadas pelo imperador e pela imperatriz, pois, expondo-as, Lavater não fazia mais do que atender ao desejo que eles haviam manifestado».

Leiamos agora algumas passagens daquelas cartas.

Na primeira, e quase no fim diz:

«Toda a doutrina sobre o estado da alma depois da morte baseia-se neste princípio: tudo o que vulgarmente chamamos juizo prévio, compensação, felicidade suprema, condenação, pode ser explicado deste modo: se tiveres semeado o bem em ti mesmo e nos outros, fora de ti, pertencerás à sociedade daqueles que, como tu, semearam o bem em si e fora de si; gozarás a estima daqueles a quem te assemelhaste na maneira de fazer o bem.

«Cada alma, separada do seu corpo livre das prisões da matéria, se apresenta a si própria tal como ela é na realidade.

«Todas as ilusões, todas as seduções que a impediam de ver e reconhecer suas forças, suas fraquezas ou suas faltas, desaparecerão nesse novo estado. Assim, ela manifestará irresistível tendência a dirigir-se para as almas que lhe estão em afinidade e a afastar-se das que lhe são dissemelhantes».

Na segunda, logo no princípio, expõe esta doutrina, inteiramente verificada nas experiências espiritistas:

«As necessidades experimentadas pelo Espírito durante *o seu desterro no corpo material,* ele continua a senti-las depois de abandonar este.

«A felicidade para este consistirá na satisfação dessas necessidades; a condenação resulta da impossibilidade de satisfazer seus apetites carnais no mundo espiritual onde então se encontra.

«Tais necessidades constituem-lhe uma condenação, pois sòmente ficaria satisfeito se pudesse saciá-las».

E quase a terminar diz assim:

«Oh! quão incomparável é a liberdade moral do Espírito despojado do corpo!

«Com que ligeireza o Espírito do bem, rodeado de clara luz, efectua a sua ascensão!

«A ciência e o poder de comunicar com os outros são seu património! Que luz emite de si! Que vida se irradia de todo o seu ser!

«As mais límpidas claridades aprecem de todos os lados a fim de satisfazerem suas necessidades mais puras e elevadas.

«Legiões numerosas de bons Espíritos o recebem em seu seio».

A carta de 14 de Setembro de 1798 é acompanhada duma comunicação transmitida dum Espírito a um seu amigo ainda na terra. É a seguinte:

«Foi, afinal, permitido, querido amigo, satisfazer, ainda que só em parte, o desejo que eu tinha, e que também partilhavas de comunicar-te alguma coisa sobre o meu estado actual.

«Desta vez só poderei dar-te alguns detalhes, e depois, tudo dependerá do uso que fizeres de minhas comunicações.

«Sei que mui grande é o desejo que nutres de saber notícias minhas e, em geral, do estado dos Espíritos desencarnados, mas não é menor a minha vontade de dar-te a conhecer tudo quanto for possível neste sentido.

«O poder de amar, compatível ao ser humano no mundo material, avoluma-se de um modo extraordinário quando ele passa a viver no mundo espiritual.

«Com o amor, aumenta-se proporcionalmente o seu desejo de transmitir, às pessoas que conhecem na terra, tudo o que lhe é permitido.

«Começo por explicar, meu bem amado, qual o meio por que me é dado escrever-te, sem tocar o papel, sem conduzir a pena, ou mesmo,

como posso falar-te numa língua que aí não compreendia (1).

«Basta isto para fazeres uma ideia aproximada do nosso estado presente.

«Imagina que o meu estado actual, em relação àquele que eu tinha na terra, é pouco mais ou menos como o da borboleta que, depois de abandonar o casulo da lagarta, fica voejando nos ares. Sou, portanto, essa lagarta transformada, emancipada, depois de passar por duas fases. E, assim como a borboleta vôa em torno das flores, assim voamos algumas vezes, porém nem sempre, ao derredor das cabeças dos homens.

«Uma luz invisível aos mortais, conquanto visível a alguns, brilha e irradia-se docemente do cérebro de todo o homem bom, amante e religioso.

«A auréola que imaginastes para os santos, é essencialmente verdadeira e racional. Essa luz torna feliz todo o ser humano que a possuir, pois ela combina-se com a nossa em laços de simpatia, e segundo o grau de claridade que for correspondente.

«Nenhum Espírito impuro pode ou ousa aproximar-se dessa santa luz. Por meio dela pode-se prescrutar fàcilmente as almas, a fim de serem lidas ou vistas em toda a sua realidade.

«Assim cada pensamento que parte dos seres humanos é para nós uma palavra e às vezes um completo discurso.

«Respondemos aos seus pensamentos, porém eles ignoram que somos nós que estamos falando. Sopramos ideias que, sem o nosso concurso, eles não poderiam conceber, embora lhes fossem inatas a disposição e a aptidão para recebê-las.

«O homem digno de receber a luz torna-se deste modo um instrumento útil para o Espírito simpático que a deseja comunicar. Encontrei um Espírito, ou antes, um homem acessível à luz de que me pude aproximar, e é por seu órgão que me dirijo a ti (2). Sem sua mediação, impossível seria entender-me contigo verbalmente, palpàvelmente, ou mesmo por escrito. Recebes por este modo uma carta anónima da parte de um homem que não conheces, porém que alimenta em si grande tendência para as coisas ocultas e espirituais. Pouso sobre a fronte dele, da mesma maneira que o mais divino de todos os Espíritos pousou sobre a fronte do mais divino de todos os homens, no acto do seu baptismo; suscito ideias e ele as descreve sob a minha inspiração, sob a minha direcção, por efeito da minha irradiação.

«Por ligeiros toques faço vibrar as cordas de sua alma, de um modo conforme com a sua individualidade e com a minha. As minhas ideias tornam-se suas, e assim, ele considera-se ditoso em escrever o que eu desejo, sente-se mais livre, mais animado, mais rico de ideias, julga-se viver e pairar num elemento mais alegre e claro, anda como um amigo pela mão de outro amigo, e deste modo é que te foi dado receber uma carta minha.

«O que a escreve se considera livre, e realmente o é, pois nenhuma violência sofre, e o é, como são dois amigos que, de braço dado, se conduzem recìprocamente.

«Deves sentir que meu espírito se encontra em relação directa com o teu, concebes o que te digo e compreendes os meus mais íntimos pensamentos. Basta por esta vez».

A esta comunicação fez Léon Dinis os comentários respeitantes às chamadas 1 e 2, que vão no final desta mensagem.

★

Com outras cartas foram outras comunicações, abordando situações diversas no mundo espiritual, dando assim como que um vislumbre de tal mundo, o que Kardec nos seus livros nos apresenta com todos os pormenores e sobre os seus diferentes aspectos.

E pelo exposto, até aqui, nesta segunda série de *Mensagens*, encontram os descrentes quatro fontes diferentes originárias de revelações sobre o mundo espiritual, e todas elas sem revelações prévias entre si, a saber: a que nos deram, na América do Norte, as irmãs Fox; aquela que as faculdades perscrutadoras do sobrenatural possuídas por Swedenborg nos deram a conhecer; aquela em que se inspirou o filósofo João Gaspar Laváter, e aquela que esclareceu todo o ocultismo dos antigos a Allan Kardec, que aproveitou todas as possibilidades que se lhe ofereceram para pôr ao alcance de todas as criaturas o que até então só era conhecido de uns tantos previlegiados.

De tudo isto podemos e devemos deduzir que não são da imaginação ou da fantasia dos homens as revelações sobre a existência do mundo espiritual feitas através daquelas quatro fontes.

O que elas revelaram está no campo das realidades, como o demonstram os sábios que se dispuseram a investigá-lo com os seus métodos experimentais.

O que deixamos exposto é para apontar o valor de testemunhos vindos de origens diversas e expressando-se em termos semelhantes e apontando factos idênticos.

Com isto pretendemos justificar a razão que nos assiste em acreditarmos na existência da vida espiritual, ou seja, na sobrevivência do Espírito, e pretendemos, ao mesmo tempo, dar bases seguras em que possam firmar igual crença os que simpatizarem com os novos aspectos da espiritualidade, que desinteressadamente procuramos incutir nos ânimos de quem nos lê ou nos ouve.

Mas, para além destas provas mais ou menos objectivas, há as que os métodos rigorosamente científicos e experimentais nos apresentam.

Oiçamos, pois, nas *Mensagens* seguintes, a confirmação dos sábios.

---

«(1) O ensino do *Livro dos Espíritos* confirma esta definição, e, portanto, Lavater pode ser considerado como o precursor desta doutrina.

«(2) Consiste nisso a mediunidade, conforme está perfeitamente explicado no *Livro dos Médiuns*».


## Aos Assinantes do Brasil

**Avisamos os nossos prezados assinantes do Brasil que o preço da assinatura anual de «Estudos Psíquicos» é de Cr$ 200,00 a partir de Janeiro de 1959.**

**Agradecemos que procurem os nossos representantes para o efeito da renovação da assinatura.**

# Espiritismo e Espiritualismo no México

**Por PEDRO ALVARES Y GASCA**

**(correspondente no México)**

Recomenda o mestre Kardec na Introdução ao «Livro dos Espíritos» que nos ponhamos de acordo nos termos que usamos para exprimir determinadas ideias, a fim de evitar confusões, visto que frequentemente se suscitam polémicas intermináveis ocasionadas pelos diversos modos de entender ou interpretar uma palavra que pode servir de interpretação de diferentes ideias. A este respeito trata de esclarecer o significado dos termos «espiritismo» e «espiritualismo», «espiritista» e «espiritualista». Lembra-nos que a palavra «espiritualismo» serve para designar toda ideia que tenha como base a crença na existência do espírito. De acordo com esta definição, todas as religiões, filosofias e teorias — mesmo que estas últimas sejam científicas — que contenham a crença na existência do espírito, são espiritualistas. Da mesma forma é também espiritualista qualquer pessoa que professe tal crença, quer a sustente do ponto de vista religioso, filosófico ou científico. Consequentemente e tendo em conta que os termos «espiritualismo» e «espiritualista» são demasiado gerais no seu significado e no seu uso, o mestre propõe os de «espiritismo» e «espiritista» para designar a nova ciência do espírito e os seus adeptos. Assim se evitam confusões, já que o termo «espiritismo» define um conjunto de fenómenos, teorias e doutrinas bem delimitados e precisos. Na sua acepção geral, o Espiritismo pode ser classificado como espiritualista, posto que se funda na existência do espírito; mas, concretamente, o Espiritismo é um conjunto de factos e doutrinas referente à vida de além-túmulo e às relações entre os espíritos encarnados e os desencarnados; sustenta a tese do progresso ilimitado do espírito e explica a realização da justiça divina nos mundos humanos — e também nos espirituais — pela acção de leis como as do Karma e Reencarnação.

Explicado assim o significado dos termos «espiritismo» e «espiritualismo», passaremos a ocupar-nos de uma acepção muito especial que se dá no México a esta última palavra e que constitui o tema principal deste estudo. Sob a denominação de «Espiritualismo», conhece-se no México uma espécie de espiritismo religioso com fortes reminiscências de catolicismo.

Indica a tradição, como fundador do Espiritualismo, Roque Rojas, personagem que parece ter vivido na cidade de México na segunda metade do século dezanove. Os dados sobre a sua vida são escassos e contraditórios. Não há documentação alguma a respeito, nem se escreveu um só texto com autenticidade suficiente para unificar o critério geral e por isso as versões existentes se contradizem e carecem de solidez. Assim, por exemplo, uma tradição conservada num dos templos diz que viveu na rua do Rosário, onde teve o seu templo e que dali ordenou as primeiras normas, entregando aos primeiros fundadores de templos uns pergaminhos escritos com sangue de cordeiro, sangue que também se usava para marcar os primeiros adeptos. Mas não se tinha notícia de que existisse algum destes documentos, através dos quais a notícia fosse desmentida. Outros afirmavam que as fundações que se seguiram à de Roque Rojas foram ordenadas por ele depois da sua morte, quando, com o nome de *Elias, o Filho do Homem*, começou a manifestar-se pela mediunidade da irmã Damiana Oviedo, desenvolvida espontâneamente na juventude. Seja como for, ele ordenou as normas de sete templos a que chamou «as sete igrejas» ou «os sete selos», por cada um deles estar representado por uma figura simbólica. O primeiro, por exemplo, compõe-se de um triângulo, dentro do qual se inscreve um círculo e no círculo vê-se uma cabeça de leão que representa a força espiritual. Outro símbolo consiste num triângulo que encerra um olho e representa a omnipresença divina: Deus está em toda a parte e, portanto, vê tudo.

Roque Rojas escreveu uma série de vinte e cinco preceitos morais sob o título «Os Preceitos de Moisés, Jesus e Elias», com a data: «Ano do Senhor, 1.º de Setembro de 1866». Estes preceitos constituem o código moral do Espiritualismo e a data que ostentam é preconizada como a da sua fundação. Nisso, como em tudo que se refere a Roque Rojas, há incerteza, pois não faltam espiritualistas que atribuam os «preceitos» e ditados após a sua morte, através da mediunidade da irmã Damiana.

A maior parte dos preceitos são inspirados no Decálogo de Moisés, com ampliações de alguns dos seus mandamentos. Condenam a guerra civil e permitem tomar parte em guerra estrangeira, sempre que o governo, seja ele qual for, assim o determine. O México foi ensanguentado em cruentas guerras civis quase todo o século passado e na data dos preceitos ainda se combatia contra o império de Maximiliano imposto pela intervenção francesa. Alguns preceitos são dedicados à educação dos filhos e outros condenam o aborto, a maledicência e a crença em demónios, bruxas, espíritos malignos, etc.

A irmã Damiana Oviedo afirmava ter conhecido pessoalmente Roque Rojas e ter dele recebido o encargo de continuar a sua obra. Este é o testemunho mais importante acerca da sua existência, aparte as revelações feitas por ele em espírito. Há também um retrato que — diz-se — é o de Roque Rojas. Representa um venerável ancião vestido à moda da segunda metade do século dezanove. O original deste retrato, segundo pudemos averiguar, estava em poder de uma irmã chamada Maria, que foi uma das continuadoras do Espiritualismo, depois da irmã Damiana.

Segundo as revelações, Roque Rojas teve sete encarnações. Na antiguidade foi um profeta hebreu, pelo que a maior parte dos adeptos, ligando este facto ao de apresentar-se também com o nome de Elias, tomam-no pelo célebre profeta do Velho Testamento, mas parece que não o afirmou explicitamente. Noutras encarnações foi trabalhador, como ferreiro e carpinteiro, e noutra sacerdote, tendo aban-

donado os hábitos ao certificar-se da falsidade do clero romano. Ignora-se a data da morte de Roque Rojas, que devia ser datada do final do século passado, pois nessa altura ou princípio do actual já se comunicava por meio da irmã Damiana. Alguns afirmam que foi enterrado na Vila de Guadalupe e outros que no povo de Contreras, ao passo que uma terceira versão diz que foi enterrado nestes lugares, em encarnações anteriores.

A irmã Damiana faleceu cerca de 1920. Os seus continuadores foram a irmã Maria, já mencionada, e os irmãos carnais Manuela e José Pacheco. A princípio trabalharam juntos, mas logo se separaram, fundando cada um o seu templo, onde tiveram origem os dois templos mais famosos do Espiritualismo actual e que ostentam o título de «catedrais». São o de *La Fé* e o de *Medio Dia*, fundados pelos irmãos José e Manuela Pacheco, respectivamente.

O facto de Roque Rojas ter sido sacerdote ajuda a explicar essa mistura de catolicismo que se encontra no Espiritualismo mexicano e que o diferencia, pròpriamente, do Espiritismo.

Passamos agora a estudar algumas das principais analogias e diferenças que se observam nestas doutrinas. Tanto as analogias como as diferenças, podem classificar-se em duas categorias:

1.ª — De forma. 2.ª — De fundo.

As analogias e diferenças de forma encontramo-las na organização e funcionamento dos centros que — como já dissemos — se denominam «templos» no Espiritualismo. As de fundo referem-se à doutrina pròpriamente dita.

## ANALOGIAS E DIFERENÇAS DE FORMAS

Como a organização dos centros espiritas é demasiado simples e bem conhecida, não insistiremos muito nela. Os encarregados de dirigir o centro são geralmente três ou quatro pessoas: o director do centro, o médium, o director de sessões que às vezes se chama «operador» e um director de estudos. Às vezes, em centros importantes, há também uma Mesa Directiva formada por um presidente e vários secretários, como em qualquer organização civil. Para os estudos, que se dividem em doutrinários, filosóficos e científicos, usam-se textos adequados. Para os primeiros, as obras do mestre Kardec; para os segundos, as de Léon Denis, principalmente. E para os terceiros as de investigadores científicos, como William Crookes, Gustave Geley, Aksakoff, Flammarion, etc., completando com literatura espirita e História do Espiritismo. Durante a sessão esclarecem-se os espíritos perturbados, recebem-se ensinamentos filosóficos e morais e fazem-se curas fluídicas e magnéticas, pelos espíritos comunicantes ou por intermédio de pesoas especialmente designadas para isso.

Ao começar uma sessão concentram-se os pensamentos através de leitura ou dissertação e depois invocam a Deus e aos espíritos bons para que prestem assistência. O médium senta-se ao fundo da sala ladeado de pessoas de vibração afim, de mentalidade mais adequada, destinadas a auxiliar os trabalhos mediúnicos com pensamento e com fluido. Isto denomina-se a «cadeia». Há sessões especiais para desenvolvimento de médiuns e de efeitos físicos ou materialização, de que não tratamos em pormenor.

Nalguns templos espiritualistas existe também uma Mesa Directiva, mas, em geral, o eixo de todo o movimento do templo é constituído pelo médium, a quem se chama «pedestal», e por um director de sessões, denominado o «Pedro» do templo, a que também chamam «recintos». Nalguns costumam pôr um altar adornado de flores, às vezes com velas e imagens. Mas há outros de ideias mais avançadas, sem altares, nem imagens. O recinto tem mobiliário simples. Ao fundo, sob plataforma de pouca altura, o cadeirão do médium. Não se costuma formar cadeia. Há também uma escada móvel de sete degraus chamada «Escada de Jacob», representando em forma material a escada do progresso, a escada da perfeição que se encontra no mundo espiritual, e as sete fases que o espírito atravessará nas plagas materiais e que constituem o ciclo da sua evolução.

**(Tradução de I. D. S.)**

*(Continua)*

# QUEM ME DERA!...

*Ah! se me fosse possível*
*Dizer em formosos versos*
*O que se passa em minh'alma!*
*Saberá, meu Deus, o mundo*
*O que é um poeta? Não sabe.*
*Quem dera que minha lira*
*Refletisse fielmente*
*Dores e alegrias, tudo*
*Que me reservou a sorte*
*Nesta romagem terrena!*
*Que estrofes maravilhosas*
*As em que eu me referisse*
*Ao pranto ardente e brilhante*
*Que meus olhos têm vertido*
*Em cinquenta e tantos anos*
*E aquelas em que falasse*
*De minha fé e do enlevo*
*Em que a todo o instante vivo!*
*Minhas lágrimas!... Meus êxtases*
*Nas horas santas da prece!...*
*Meu grande deslumbramento*
*Ao contemplar, ou, apenas,*
*Imaginar os divinos,*
*Encantos da natureza!...*
*Quem me dera, quem me dera*
*Poder compor um poema*
*Em que se visse minh'alma*
*Tal como vive: coberta*
*Dos aljófares do pranto,*
*Banhada na luz da Crença*
*E sob o miraculoso*
*Fascínio da Poesia!*

Bahia, 1953 **PAULO ALBERTO**

# ECOS DE U

Por ISIDORO

X

# MARÉ

*12 de Junho. Véspera de Santo António.*

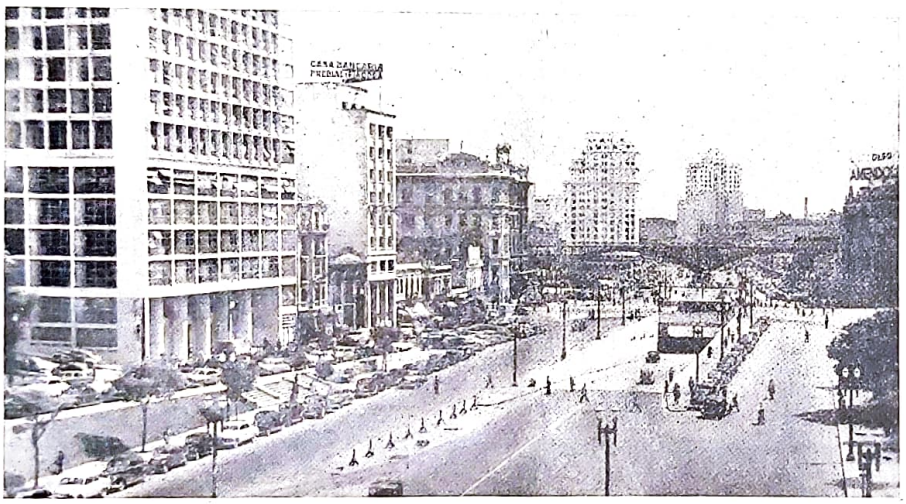
*Os santos populares são aclamados em Portugal e Brasil num misto de entusiasmo e de alegria. Não porque haja fundo religioso na expressão da grei. O povo juvenil requer dinamização.*

*A mocidade é semelhante às abelhas que poisam de flor em flor. As corolas são ideias rodopiantes e o pólen tem perfumes variados que se instalam no espírito, modificando agora ou logo o néctar que se plasma.*

*O Brasil é espelho de Portugal. A raça lateja e vibra no mesmo ritmo. Os grandes momentos são vividos em plena altura. A alma do povo é o caudal dos grandes rios. Quanto mais crescem, mais correm.*

*Por isso o doze de Junho nos encontrou a pé bem cedo, a fim de saborear a infância de um dia em São Paulo. O sol enfrenta o zénite e o casaredo sacode o orvalho da garoa nocturna. As ruas e as praças, ladeadas de arranha-céus que estampam sombras no pavimento arborizado, dão escoante à população que vai e vem. O mercado é a razão essencial da espertina subordinada à mantença. Se pudéssemos entrar nas almas que arrastam o invólucro e dele cuidam, sem compreender os desígnios da chamada Providência; se nos fosse dado perscrutar o drama de uns, a comédia de outros e o anseio de muitos na luta pela vida; se a nosso alcance ficasse o sol e a sombra dos problemas e os analisássemos em rigor e minúcia, o mistério não teria existência. Ele só existe na medida da ignorância humana.*

*Em verdade, o brasileiro paulista anda ligado a destino grandioso. O litoral deu-lhe espírito de aventura e voltou-o para Campinas, no encalço de um mundo maior, porque o Norte foi-lhe interdito em grande extensão. Cada qual tem seu destino. Nesta grande urbe há sangue variado, como dizem alguns, a levar o aborígene à região de seus maiores. É o império da saudade a borbulhar nas células e a reflectir-se em obras que os séculos não destróem. O temperamento e o carácter estão presentes nesta cidade e nada do mundo conseguirá modificá-los totalmente. É um amor «sui generis» que os cariocas ignoram, porque o não sentem e que produz milagres de esforço concatenado.*



**Parque Anhangabahú — São Paulo-Brasil**

*No Rio há privilégio. O cidadão tem pergaminhos que lhe dão foros de soberano. Olha para a selva com orgulho real, percorre o interior com ar de adventício e o nativo mira-o de soslaio.*

*Não admira. A Presidência da República, o Governo da Nação e a Câmara Federal dão ensanchas à urbe. O baicuara, o caburé, o mandioqueiro, o mano-juca colam-se à gleba e empapam-se no humo que jorra da bostela terráquea. Vivem de humildade, porque a natureza os caldeou em cruzamentos de influência e não desejam mais que uns hectares onde mergulhar o feijão. O sol e a chuva se encarregam dos elementos vitais.*

*Mas um dia o muxuango aprende o caminho da escola. E de socalco em socalco vai à cidade do privilégio, contempla a distância do alto do Corcovado e regressa cafangando a sorte avara. Às vezes fica por lá. O braço é forte; grande é a vontade e às fontes vão os sequiosos.*

*Em São Paulo quase todos têm sede de triunfo. Por isso trabalham dia e noite, fazem cambalacho de judeu uns tantos, para se libertarem da clausura. Correm hoje, amanhã claudicam, mas a terra é milagrosa, semelhante à nascente que não se cansa de correr.*

*O Brasil é assim. Vastíssimo e ubérrimo, dá para brancos, negros e amarelos.*

*— Roubam-no de dia — disse-nos um paulista — e cresce de noite.*

*Esta imagem ajusta-se à situa-*

# MA VIAGEM

## ARTE SANTOS

## IV

## CHEIA

ção e condiciona em parte a liberdade que nele se disfruta.

Conta-se que certo inglês vivera lá dez anos e de volta a Londres pediram-lhe informações da vida brasileira.

O homem pensou, repensou, engoliu em seco e gaguejou a frase:

— O Brasil é um país onde todos falam... ninguém obedece... mas tudo vai bem.

Não podia haver melhor definição, aparte o exagero natural que encerra. Todos falam, porque são livres; ninguém obedece, porque se cingem à lei; e tudo vai bem, porque o povo é extraordinário de sensibilidade e bondade.

O melhor do seu solo é gozado por estranhos, mas sempre fica alguma coisa ao indígena. Um dia, que não vem longe, o Brasil será dos brasileiros, quando os polvos quebrarem os tentáculos e forem gargantear para a sua toca.

Isto dizemos nós aqui à puridade, que o resto fica para mais tarde, porque, segundo julgamos, voltaremos à matéria oportunamente.

★

O Amadeu Santos passara noite aziaga por causa do jantar. Mas também se ergueu a tempo de ver o quadro citadino e levar a imagem na memória fresca. Gosta de observar. Parece que não vê e define o objecto até ao pormenor.

— Sabe onde vamos? — inquiriu de nós em pergunta-resposta.

— Vamos à Rádio-Tupi falar ao microfone.

— Isso mesmo. Já sabe o que vai dizer?

— Nunca o sei, quando lá vou.

António Trindade tinha o auto à espera. Alinhavara um programa de algibeira e tudo iria correr bem. Ele assim o julgava.

No tocante ao Amadeu, não havia receio. Era bom orador, homem culto e entusiasta. Onde chegasse diria como César: «Veni, vidi, vinci». Quanto a nós, já estávamos embotados de tanto falar. Palestra a mais ou a menos era questão de número.

Já contámos a nossa estreia ao microfone de «Selecções Espiritualistas», na Rádio Guanabara. Uf! Parece muito fácil aproximar os lábios dum bloco cheio de buraquinhos. Mas quando o locutor anuncia a parlenda começa a «revolução» e as palavras fazem lembrar um peixe seguro pela cauda.

Mas fomos à Rádio-Tupi, grande emissora posta ao serviço da «Hora Espiritualista» de Antenor Ramos, presidente da Liga Espirita do Estado de São Paulo. A gentileza deste confrade foi extrema. Cedeu-nos o lugar, anunciando aos ouvintes o inesperado evento.

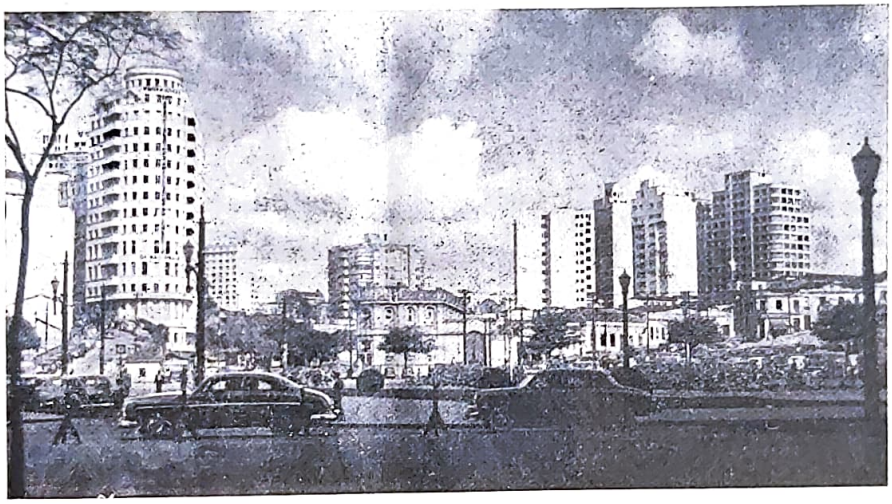
Doze minutos estivemos a pé firme ante o bloco metálico. Não sabemos se falámos aos peixes, como Santo António, ou se tivemos auditores bem selectos. É difícil sabê-lo. Quantas arengas se não perdem no éter, sem impressionar, mesmo de leve, os tímpanos do irmão humano! Temos afastado muitas do nosso convívio, como devem ter afastado as nossas. É questão de interesse ou afinidade.

Os curiosos «ligam», quando gostam do programa. Depois continuam, se lhes apraz.

Não há nada mais cómodo, que a posição do radiouvinte. Não palmeia nem pateia. Tem facilidade maior. Um toque no botão e pronto. E passa a outra freguesia. Vai ao concerto, ao clube nocturno, à ópera, à conferência. Entra e sai com o mesmo bilhete. E volta à palestra que «afastou». Às vezes, sendo má, podia ser melhor que as outras.

Na emissão há paisagem sonora que os técnicos aperfeiçoam. Resfolegar de trem e galopar de cavalo imitam-se, como latir de cão ou zumbir de nortada. É como nos truques de cinema, que deixam às vezes calafrio na assistência.

Ali não houve truque nem paisagem sonora. Houve expansão, ligamento de almas. O que estava



**Praça da Bandeira — São Paulo-Brasil**

em nós não era nosso. Era do microfone, era do radiouvinte.

O Amadeu falou a respeito da viagem, contou a largos traços alguns acontecimentos emotivos.

Além do Antenor e do Trindade, tínhamos ao lado o Baptista Lino e sete ou oito amigos que conhecêramos na véspera.

Estávamos um pouco agitado. O arrebatamento fora grande e tudo vibrava ainda em nós. E dizem que só o tangível é verdadeiro! Que é que excitou o organismo e deu à voz consonância estranha? Que é que nos levou àquele entusiasmo, entre pessoas que nunca víramos?...

★

António Trindade olhou para o relógio.

— Vamos à Rádio-Difusora — disse ele —. É aqui ao lado, no mesmo edifício.

Outro programa, outro microfone com buraquinhos. Sala espaçosa, boas condições acústicas, fios eléctricos exigidos no momento. Imponência, grandiosidade, circunspecção.

Os estúdios brasileiros são mais amplos que os nossos. Os construtores alargam projectos, porque ali tudo é grande. Na Europa aprende-se mais a dividir. Será por isso que há tantos geómetras em Portugal?...

Tivemos um homem que pensava à brasileira e deixou obras largas atrás do nome imorredoiro. Foi Duarte Pacheco, homónimo do outro, que entrou há séculos no museu da história.

Um museu é uma espécie de bricabraque. O diamante ao lado da sapata, da glória, do ferro-velho. Sempre há gente que gosta de ver antiguidades.

Nesta emissora contámos o «apólogo do aluno», que éramos nós próprio. Porque a nossa vinda constituía aprendizagem de muita coisa interessante, ainda inédita para centenas de milhar de luso-brasileiros e que, mercê de Deus, talvez puséssemos um dia em letra de forma.

É tão bom divulgar o que se viu e sentiu! E quando se pode imitar o belo, como fazem os grandes pintores, então o instante é divino.

O aluno não se limita a aprender. Se for inteligente vai mais longe. Integra-se no quadro, é intérprete, vive a conjuntura. Depois fala com melhor critério.

Conhecíamos o Brasil espirita através de narrações esboçadas e vínhamos buscar a prova. O cronista tem que sentir os acontecimentos, avaliar as obras de perto, como se faz no museu.

Aquele microfone inflamava. O discurso ia ao sabor da inspiração dirigido a quantos pudessem ouvi-lo. O entusiasmo invadiu o espírito e lembrámo-nos de Latino Coelho, tribuno castiço, quando exclamou:

— Se alguém ao falar nas assembleias meditasse um instante no ofício de orador seria a tribuna quase um ermo e os parlamentos pouco distariam das cartuxas no silêncio.

Mas quem fala não vigia o que às vezes lhe dizem ao ouvido. E em vez de orientar é orientado. O público julga que não.

Já vimos um orador em apuros. Embora ignoremos a situação por falta de experiência, concordamos que deve ser embaraçosa.

O Amadeu também expôs aqui os trâmites da viagem, depois de ser apresentado pelo Vicente Neto, de quem viremos a falar ainda, como companheiro e amigo que mais tarde foi — e dos mais dilectos — no interior do Estado. Devemos-lhe páginas curiosas que poderiam constituir um livro de sentimento.

★

Elisabete Drew acha que as viagens prolongam a loquacidade, em vez de alargar o conhecimento. Terá razão a escritora? É-se mais loquaz, porquê? A variedade expande; a unidade contrai. Isto sabemos nós, porque o sentimos e observamos. O que não sabemos é se expansão é sinónimo de loquela. Os povos marítimos são mais comunicativos que os povos continentais. Até no mesmo sector geográfico se nota o fenómeno. A população ribeirinha é alegre, afável, hospitaleira. A do interior é introvertida. Será do mar? Será do clima?...

No Brasil a diversidade é maior, em virtude da extensão territorial e das condições climatéricas. Todos conhecem a diferença entre o nordestino e o paulista. A aridez do solo obriga o homem a trabalho violento. Assim, o sertanejo do nordeste é enérgico e loquaz. Separado do oceano por zonas de plantio, em luta contra o cacto e a catinga, calcurria a charneca atrás de bovinos e caprinos, nas montanhas de Araripe e Borborema. E apesar da fome que assola a região inóspita, raras vezes abandona a terra de seus pagos. O paulista, como vimos, é diferente.

O clima exerce influência decisiva no indígena. O homem das regiões lacustres é mais oportunista que o montanhês que se perde a medir horizontes. Quando alguns rios trasbordam arrastam aluviões depositadas que vao fertilizar a superfície e o caboclo avança sobre as faixas e apodera-se do nateiro.

Se a humidade é grande, o sol fecunda melhor os campos.

Mas isto pouco influirá na loquacidade de Elisabete Drew. Nem vemos que a nossa tenha aumentado em relação às regiões percorridas.

Ganhámos em facilidade expressiva, que o difícil é traduzir no léxico o que vai na mente, transformando a nuvem em claridade.

Quantos poemas não andam à solta à espera da captação! As imagens, ora se aproximam, ora se afastam em volutas caprichosas e nem sempre as atraímos ...

★

Que mundo andava em nós, quando o Trindade nos levou à Federação Espirita do Estado de São Paulo! O tempo escoava-se e era preciso agir com firmeza. Outras coisas estariam reservadas à nossa expectação.

10.30. A grande sala estava repleta de assistentes. Na presidência, Américo Montagnini, ladeado por Benedito Godoy Paiva, Pedro de Camargo (Vinicius), Dr. Carlos Schalders, António Baptista Lino, Dr. Eurípedes de Castro, António Trindade, Carlos Jordão da Silva, Dr. Amadeu Santos, etc., etc.

O Godoy Paiva apresentou-nos em termos de muita amizade. Antes, porém, e mal entrámos no Salão superlotado foi-nos oferecido pelas crianças um lindo ramo de rosas. Era difícil romper por entre a mole imensa de assistentes ao som de palmas que estrugiam clamorosamente. Mais de mil pessoas se encontravam ali reunidas em homenagem à doutrina.

Confessamos que nunca tínhamos falado a tão numerosas assembleias, nem havíamos sentido o frémito de tantos corações a pulsar em unísono.

O mundo psicológico tem escaninhos que a investigação não desvendou, nem desvendará. Para entrar nele é preciso abandonar instrumentos de pesquisa. Pode haver aproximações e deduções, sempre frágeis e imprecisas, que não resolverão, afinal, o problema. E o homem continuará a sen-

tir e a vibrar ao contacto dos movimentos anímicos que põem à prova a sensibilidade da criatura.

Há qualquer coisa estranha e indefinível a circundar-nos, ou antes, a envolver-nos e deixamo-nos empolgar sem reacção volitiva. Vamos na onda absorvente, na ondulação magnética. E voltamos ao ponto inicial, após a ronda do inefável.

Naquele recinto pairavam sombras amigas, cuja presença, revelada pelos clarividenntes, infundia coragem aos obreiros. Não havia desconhecidos na verdadeira acepção da palavra. Os adeptos de um ideal não carecem de apresentação protocolar. Estão na espiral, são membros do todo. A onda é comum. E tudo caminha, tudo avança em marcha triunfal, rumo ao infinito da expansão. Nessa viagem portentosa não há vista nem ouvido. O sensório desdobra-se em síntese magnífica e apreciamos as coisas com maior conhecimento.

O Godoy é uma grande alma e grande valor. Talvez por isso nos foi apresentar àquele auditório, dizendo-lhes que chegara ali um português de nascimento e brasileiro de coração. E muito mais acrescentou em amizade, que agradecemos, mas não assinamos, pois nos confunde o louvor, quando vai além do mérito.

É conveniente pensar no que somos e valemos e resolver a equação. Quando passar dos limites, a situação é confusa e perigosa para quem recebe.

Já dissemos que a simpatia deforma a apreciação. É melhor admirar a obra silenciosamente e segui-la, do que louvar em público o seu autor.

Por tudo isto alterámos a linha de pensamento que nos conduzira à Federação. É que se estabeleceram vibrações fortíssimas e fomos levados para os caminhos da espiritualidade e da fraternidade e não mais parámos na torrente impetuosa ...

Ao fundo, a Câmara de Passes, refúgio de quem se acolhe a um grupo de abnegados, prontos ao serviço do Mestre.

Na mesa da presidência encontrava-se uma figura de bronze que há muitos anos admiramos. Pedro de Camargo é o seu nome e Vinicius o seu pseudónimo literário. Conhecemos a sua obra valiosíssima do ponto de vista evangélico e doutrinário. Exegeta de rara envergadura, ninguém como ele sabe comentar as Escrituras em linguagem tersa e fluente. A sua pena é raio de sol que ilumina os mais obscuros arcanos. Ao mesmo tempo, o vernáculo fulgura em seu verbo, aliciando e cantando.

Os homens seguem a linha de seu destino. Uns dedicam-se à ciência. Escalpelizam os factos, dão-lhes volteio em análise minuciosa, procuram afirmá-los ou negá-los para reforçar a Doutrina ou escoimá-la do que lhe não pertence. Outros estão na filosofia. Meditam, discorrem, confrontam, entram na órbita intuitiva. E vão iluminando escaninhos onde a ciência bruxuleia. Os últimos são companheiros de Vinicius, alicerçados em convicção. Já não precisam de ciência e filosofia. Chegam à moral, onde vivem, e constróem barragens contra a vasa. São os construtores da humanidade.

Vinicius é construtor no verdadeiro sentido.

★

Tudo vai correndo bem. A Federação Espirita do Estado de São Paulo é um colosso digno de apreço que irá construir um edifício de doze andares no coração da cidade. Quando, não sabemos. Mas o projecto existe. E se os paulistas projectam, é certo que realizam. São uma espécie de «tripeiros» do nosso Porto, «cidade invicta» que sente orgulho no seu bairrismo e no seu progresso.

Quando regressámos à Sinagoga, no veículo do Trindade, o Amadeu não quis almoçar. A indisposição gástrica mantinha-se e resolveu prevenir o mal com jejum. É óptimo processo de evitar doenças e desintoxicar o organismo. Nisto, há muito que aprender com os animais. Quando estão febris não comem. E quando o intestino funciona mal, ei-los a mastigar ervas de sua preferência para normalizar a saúde.

Nos climas quentes há que ter cuidado, mormente se o viajante vem de zonas temperadas do norte ou do sul. Um sem número de factores concorrem para ameaçar o equilíbrio orgânico. Por isso esta viagem nos desequilibrou em parte. As emoções, como dissemos, a violência da atmosfera em contacto com o corpo, o sol ardente, a necessidade de ingerir grandes porções de líquido, os repetidos banhos de chuveiro a qualquer hora do dia e da noite, todos estes imperativos se devem ter em conta para se sair ileso da emergência.

★

António Trindade foi um belo anfitrião. Já o dissemos e repeti-lo não é redundância.

Após o almoço demos uma volta pelos bairros novos de São Paulo e guardamos na memória impressões fortes. É uma cidade opulenta, de largos arruamentos arborizados, onde assumem relevo os Estados sul-americanos na homenagem paulista.

O europeu não faz ideia da vegetação que se agiganta nas estradas, nas avenidas e nas praças de sentido histórico que enriquecem esta urbe. É uma das maiores cidades da América.

A digressão foi óptima. O Trindade levou-nos aos lugares mais pitorescos e sublinhava tudo com legendas que ficavam. Mais uma vez reconhecemos o génio lusíadas naquele conjunto maravilhoso. Ele é que introduziu as árvores nos centros urbanos. Onde aparece, o reino vegetal ameniza e encanta com seus tons verdes. São habitantes de outro quilate, erectos e ondulantes, beijando a atmosfera e saudando o transeunte.

Gómez de La Serna diz que as árvores têm veias e artérias, mas não têm coração. E por isso vivem tanto. O grande humorista vê coisas que nós não vemos. As mulheres também. Gostávamos de saber o que elas pensam das árvores, sobretudo as mulheres brasileiras. O que pensam dos homens sabemo-lo, correcto e aumentado.

As árvores pertencem a um reino variado e utilíssimo. É pena que vivam em silêncio e não possam questionar com o género humano, que dispõe delas a seu talante, no lar e na construção. E se virmos bem, são dois amigos que se acompanham do berço ao túmulo.

Nos parques de recreio dão sombra e adoçam o ambiente. Danificam-nas e recompõem-se. E para maior satisfação de quem passa ou estaciona, cobrem-se de flor e dão frutos generosos e saborosos.

★

13 de Junho. Santo António viu o seu aniversário, mas deve rir-se das bombas de pataco. Para que serão elas? A que virá esse barulho de petardos a comemorar um santo? Costumes bárbaros, erros de gramática celeste.

Agora, um parêntese. Perdemos o chapéu. Naturalmente deve es-

tar no fígaro, onde estivemos antontem a cortar o cabelo. O Trindade, sempre amável e solícito, foi lá ver se o encontrava ...

E dirigimo-nos ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, sito à Praça Almeida Júnior, a fim de visitar a agremiação e saldar uma conta.

Um enorme edifício de linhas sóbrias. Entrámos no elevador a convite do confrade Leandro, da Gerência. Liquidámos o débito e visitámos as instalações da casa. Que vastíssimo salão se desdobrava à nossa vista! Oitocentas cadeiras confortáveis, mas admite mais de mil pessoas.

— Está às suas ordens — disse o Leandro, sorridente e amável —. Venha, quando quiser. Recebê-lo-emos com satisfação.

Agradecemos o convite cheio de franqueza e lealdade.

E passámos às máquinas de impressão. Parecia uma catedral. Lá estava o «Almanaque de O Pensamento» para 1956 em pilhas de vinte mil. Esta edição era de 500 mil exemplares!...

Disse-nos o Leandro que compõem e imprimem livros de particulares e de livrarias editoras, no valor de muitos milhões de cruzeiros.

É uma empresa de vulto, que fornece a sua livraria da rua Rodrigo da Silva, 87, onde estivemos também em colheita de livros novos.

Após a visita, seguimos para a casa do Lino, no automóvel do confrade Leandro.

Ia connosco o Lino e o Amadeu. Eram horas de almoçar.

★

Nem só de pão vive o homem. Há coisas muito belas que sugerem atenção, mas o alimento orgânico é indispensável nas viagens pela terra.

Sentámo-nos à mesa de um amigo e patrício, onde conhecemos o João Teixeira de Paula, redactor de Unificação, órgão da União Social Espirita. Um jornalista seguro, que em tudo deixa a marca da personalidade. Muito estudioso e honesto de processos, gosta de exibir as fontes de informação, como reforço de critério. Assim fizessem os que nos atacam.

Não foi o almoço, em si, que mais nos deliciou, embora preparado com requintes de bom gosto pela esposa do Lino, mas aquele convívio, à feição do nosso temperamento. Lino é batalhador incansável e honesto. Sofre às vezes o toque da inveja e da calúnia e não quer mal aos seus inimigos. A ele se devem belas obras em língua portuguesa, como as de Pietro Ubaldi, e algumas de Charles Richet e de Allan Kardec. Não mede sacrifícios, quando a Causa está em jogo.

Há muitos anos que o conhecemos. Numerosas transacções tivemos com ele, do ponto de vista comercial e editorial, e sentimos prazer nesta afirmação.

Tais homens necessitam de lares bonançosos. Os dois filhos suavizam-lhe a existência, ao lado da esposa e de um sogro que é grande e devotado amigo.

O Teixeira de Paula admira muito a revista Estudos Psíquicos e deseja saber o que se passa em Portugal em matéria de Espiritismo.

A conversa espraia-se pelos sectores mentais e intelectuais. Projectos, realizações, altos e baixos do trabalho humano. É preciso coragem para vencer o prélio da vida. Quantos não ficam pelo caminho, exangues! E quantos não morrem à nascença de uma empresa?...

Cada indivíduo é um tratado psicológico. O destino é cheio de provações e expiações. Vencê-las nobremente é dever de todos, para que as almas resplandeçam.

Em seguida passámos ao escritório da L.A.K.E., onde conversámos acerca da possibilidade de editar alguns livros em Lisboa, aproveitando a possível concessão de câmbio oficial. Falámos também na futura edição do «Resumo da Doutrina Espirita», que traduzíramos e editáramos há muito em primeira edição, e noutras de alguns clássicos do Espiritismo, como César Lombroso. Depois autografámos vários exemplares de obras nossas.

Um autógrafo é qualquer coisa que se desprende de nós mesmos e continua a vibrar na vida dos outros. Demos muitos durante a viagem. Aqui e ali surgiam as nossas modestas produções em mãos conscientes e nós rubricámo-las. Mais uma vibração e os amigos iam contentes.

A fraternidade resulta da simpatia. Só as pessoas afins colaboram nas obras comuns.

★

O Alberto Soares, de Barretos, estava em São Paulo com a esposa e quis levar-nos de automóvel ao aeroporto de Congonhas, de regresso à Capital Federal. Ia também o Vicente Neto.

Alberto Soares é português de lei e tem auxiliado agremiações espiritas lusitanas.

O aeroporto é obra notável, uma espécie de antecâmara a vinte quilómetros da cidade. O mundo parece maior e mais dinâmico com os aviões que se levantam e poisam de cinco em cinco minutos.

Estávamos quase na hora da partida, quando apareceu o Trindade com o chapéu que havíamos perdido. Dupla alegria para nós: recuperar o objecto e rever o confrade.

É sempre bom encontrar o que perdemos. Os brasileiros, além de simpáticos, são honestos e fiéis. É a nossa impressão. Cremos que a maioria dos patifes que abundam no país devem ser estrangeiros. Os portugueses, esses são irmãos de raça e trabalham no prestígio da região. Nada têm com os outros.

Ainda sobre o chapéu ... Foi um achado precioso. Além do valor estimativo, estávamos em pleno inverno e teríamos de perder o amor a quinhentos cruzeiros... para comprar outro.

Dezasseis horas. Abraços, palavras de ânimo, bons augúrios de viagem e eis-nos na Real Aerovias em pleno céu tropical.

Balançámos um pouco, antes de ganhar altura. Sobrevoámos a costa e alguns rios, que pareciam fitas prateadas na superfície irregular da crosta.

Em nossa frente, uma tabuleta luminosa:

— Não fume! Use o cinto!

Como estava escrito na parede ... cumprimos e não abusámos. E quando o fumo do tabaco nos chegou à pituitária perguntámos à aero-moça se poderíamos fumar, ao que ela respondeu, com o melhor sorriso brasileiro:

— Cigarro di palha não pòdi, nem chàruto, nem càchimbo ...

Compreendemos então a vantagem de ser analfabeto.

A paisagem ... essa estava a cargo do Amadeu Santos, que a lobrigava pelo quadradinho de vidro inquebrável.

Chegámos às 17.30. Hora e meia de jornada. Do aeródromo à Rua Baltazar Lisboa demorámos quase tanto, como de São Paulo ao Rio. A evolução dos transportes terrestres! ...

# As maiores histórias psíquicas do Mundo

por W. F. NEECH

## 2) *Um espírito materializado*

Um cidadão bem conhecido de Cardiff apelou, certo dia, para uma ordem expressa do Tribunal da área, a fim de proibir um tal Rees Lewis, de Newport Road, de consentir que espíritos passeassem no seu jardim durante o dia e assustassem os filhos do queixoso. Mas o pedido foi rejeitado.

O caso era que, alguns dias antes, uma forma espiritual se tinha materializado na sala de sessões de Newport e convidado Lewis a acompanhá-lo num passeio pelo jardim, o que ele aceitou alegremente. Sairam ambos à noite, de braço dado, e encaminharam-se para o jardim.

Quando atingiram o extremo do cercado a forma espiritual entrou no caramachão e colheu um cacho de uvas. De volta ao local da sessão, a fruta foi distribuída pela assistência e o espírito desmaterializou-se.

Isto não é uma história fantástica. É, sim, um dos mais extraordinários incidentes da vida de Georges Spriggs, um dos médiuns mais fortes e saudáveis do mundo.

### NADA DE COBRANÇAS

Spriggs nasceu logo após o eco revolucionário do Espiritismo que as irmãs Fox haviam feito ouvir na casa de seus pais, em Hydesville. Cresceu em Cardiff e mantinha uma pequena oficina de reparação de calçado em Clifton Street dando para Newport Road.

No lado oposto situava-se a casa de Rees Lewis que o afastou duma estreita seita religiosa, introduzindo-o no Espiritismo, onde descobriu e encorajou as suas soberbas faculdades psíquicas que nunca mercantizou.

O seu grupo tornou-se famoso em toda a região. No dia das reuniões os membros jejuavam desde o pequeno almoço até ao fim da sessão; muitos não fumavam e todos eram abstémios. «Sem qualquer preconceito — afirmava Spriggs — digo que todo o médium deve ser totalmente abstémio».

### A MÃO TRANSPARENTE

Quando o grupo da Luz — como era conhecido — começou, obteve-se imediatamente escrita automática e clarividência. Mas só ao fim de 10 meses os fenómenos físicos surgiram, de facto.

Uma mão branca, quase transparente, pegou num lápis que estava sobre a mesa e escreveu algumas palavras de encorajamento.

Depois uma nuvem luminosa, sem forma definida, apareceu semana após semana no decorrer das sessões. Gradualmente com o correr dos meses, a nuvem ganhou contorno definido e distinto, aproximando-se cada vez mais da forma humana, até que, em noite memorável, uma figura completamente materializada saíu dela, envolta em roupagens brancas de neve.

### A MATERIALIZAÇÃO DUM NEGRO

Se se tratasse da maioria dos médiuns de efeitos físicos, este triunfo seria suficiente. Mas o abstémio e dedicado Spriggs continuou a aperfeiçoar a sua acção mediúnica verdadeiramente extraordinária e dramática.

As formas materializadas podiam afastar-se cada vez mais do médium, até que saíam do recinto para outras partes da casa e às vezes para o jardim, com grande desgosto de certo cidadão.

Uma vez, um negro alto, materializado, penetrou num quarto, pegou no neto de Rees Lewis, que dormia, e levou-o para o jardim, reconduzindo-o à procedência após alguns momentos.

A. J. Smart, um dos poucos que convivia com Spriggs, presta-lhe assim a sua homenagem:

— Durante uma noite vi 10 ou 12 formas masculinas e femininas desenharem-se no espaço: algumas da estatura duma criança, cerca de 1m,20, outras de 1m,80; todas de diferente configuração, contornos e maneiras, algumas vezes aparecendo em rápida sucessão. Também vi duas de estatura diferente aparecerem ao mesmo tempo e o médium ao lado de uma.

### ARQUIVO DE MILAGRES

16 pessoas, incluindo Smart, assinaram um relato, que foi publicado no *Médium* de 21 de Dezembro de 1877, afirmando que tinham visto ao mesmo tempo o médium e um espírito materializado.

«Vi — continua Smart neste arquivo de casos *milagrosos* —, uma forma de 1m,80 de altura desmaterializar-se gradualmente, dissolver-se até se transformar numa pequena nuvem branca e voltar lentamente à sua altura normal. E vi alguns dos controlados, durante a sua materialização, cometer proezas de força física muito além das possibilidades do médium ou de qualquer dos assistentes. Presenciei também o facto de uma forma sair da sala da sessão e voltar completamente diferente. E vi outras de diferente nacionalidade, com feições negras e mãos negras.

### COMO JÓIAS RESPLANDECENTES

Uma visitante assídua era uma impressionante e graciosa figura revestida duma túnica de brancura imaculada, com um cinto cor de rosa e longos cabelos dum doirado pálido caíndo-lhe abaixo da cintura. E outra distiguia-se por um objecto brilhante na fronte, à semelhança de uma

jóia, logo que se movia em redor. E outra ainda, que deu o nome de John Cobham e conviveu na terra com o partido revolucionário do tempo dos Stuarts, patenteou feições de homem idoso e barba grisalha em luz brilhante, como a de um jacto de gás na sua máxima potência.

A figura esbelta e flexível duma nativa do Oriente surgiria dentre o véu, atravessaria a sala, com o peito constelado de qualquer coisa semelhante a jóias que brilhavam à luz, enquanto se movia.

Uma forma encantadora era a de «Ahi» que aparecia vestido à maneira dos antigos sacerdotes, numa larga túnica branca e com a testa pintada de vermelho e azul, num modelo especial.

Spriggs partiu mais tarde para a Austrália, onde todas as provas possíveis das suas materializações foram dadas pelos «mortos».

A par das notáveis demonstrações da sobrevivência, os assistentes viram, ouviram e tocaram os «mortos», que eram pesados e medidos ante seus olhos. W. D. C. Donavan, um antigo membro da Assembleia Legislativa de Vitória e notável australiano daquele tempo, resumiu estas provas, obtidas durante 18 meses de sessões regulares, no seu livro «As Provas do Espiritismo».

## A PROVA DA FORÇA

*Dá exemplos de formas materializadas levantando e carregando objectos pesados, escrevendo mensagens e apertando mãos. Um dia um espírito materializado estendeu a mão fora da janela, pegou numa pedra de 7 quilos com o braço estendido, levou-a à cabeça e deixou-a cair no chão.*

Noutra ocasião, ante a assistência, um copo de água e um pequeno prato de biscoitos foram colocados no encosto da janela. A forma espiritual que tinha trazido a pedra dirigiu-se à janela levou o copo aos lábios, bebeu quase metade da água e mordeu um dos biscoitos. Outra forma materializada encaminhou-se também para a janela, bebeu o resto da água, comeu parte dum biscoito e mordeu outro, deixando as marcas dos dentes como prova da sua presença.

## MADEIXAS DE CABELO

Um caso histórico provém duma mulher materializada que pediu que lhe cortassem uma madeixa de cabelo. Cortaram-lhe duas que por longo tempo se guardaram nos escritórios de um jornal espirita.

A prova mais recordada pelo respectivo assistente foi provàvelmente a de um homem «morto» que lhe apertou a mão tão vigorosamente, que lhe doeu durante horas!

Mas a noite mais notável na vida de George Spriggs foi aquela em que presenteou o mundo com este fenómeno tão extraordinário, que ainda não foi excedido nos anais do Espiritismo:

Um homem materializou-se e manifestou desejo de escrever uma carta. Os objectos de escrita foram-lhe entregues e colocados depois numa secretária.

A forma materializada escreveu uma carta de três páginas, colocou-a num sobrescrito e endereçou-o a uma mulher que vivia em Sydney e que estivera já no grupo duas ou três vezes.

## ESQUECEU-LHE O TROCO

Aconteceu, porém, que ninguém tinha um selo. O espírito disse que ia comprar um. Alguém lhe deu 6 pences e a figura dirigiu-se à loja do lado. O empregado, que já fora avisado, entregou-lhe o selo, esquecendo-se de lhe dar o troco.

*A materialização voltou para a sala das sessões, notou o erro do caixeiro, voltou ao estabelecimento, dirigiu-se à caixa, estendeu a mão para receber o troco, regressou à sala e devolveu o dinheiro à mulher que lho emprestara.* Depois colou o selo, deu a carta a um assistente, que a deitou no correio sem nada acrescentar à direcção. Por fim o visitante do «outro mundo» voltou à loja pela terceira vez, levando flores que distribuíu pelas três pessoas que ali encontrou.

## UM CHOQUE PARA OS CÉPTICOS

A carta teve resposta e esteve em exposição numa estante da sala de sessões. O homem materializou-se outra vez, pediu mais luz, rasgou o lacre e leu as quatro páginas da resposta!

Todas as sessões tinha lugar na *Associação Espirita Vitoriana*, num compartimento sólido de rés-do-chão, sem cave. Não havia gabinete, no sentido vulgar da palavra, mas apenas duas cortinas suspensas de parede a parede, sendo estas de sólido tijolo, construídas antes do início daquelas sessões. A única saída era inteceptada pelas cadeiras dos assistentes.

Mas, a despeito disto, ainda havia cépticos. Um visitante esfregou as mãos com tinta antes de agarrar a forma materializada — e as marcas de tinta não podem extinguir-se logo à primeira lavagem, mesmo com água e sabão. Pois, quando o médium regressou à plena luz, o céptico ficou desapontado de não encontrar quaisquer vestígios da tinta que ele imprimira na mão da forma materializada. O guia de Spriggs só fraquejou uma única vez. Um assistente pediu-lhe que trouxesse um carvalho para a sala! Òbviamente, isto era uma ordem muito alta; mas após um certo tempo, o gracioso e a assistência foram premiados... com um ramo de azinheira.

A grandeza de Spriggs evidenciou-se nas suas faculdades psíquicas. Só pelas materializações, ele ficará sempre na memória dos pesquisadores do sobrenatural. No entanto, nenhum fenómeno físico interferiu numa célebre demonstração dos seus transes de médium, que contribuiram para aquilo que é um dos muitos casos de sobrevivência sobre as águas.

Hug Junor Brown, de Melbourne, perdeu dois filhos num acidente marítimo. Quando viu que a embarcação não regressava pediu a Spriggs uma audiência, sem mencionar o barco de seus filhos.

Quando Spriggs entrou em contacto, o seu guia disse-lhe: «Oh! Vejo todo o mar. Dê-me alguma coisa que lhes pertença». E entregou-lhe um livro de apontamentos dum dos filhos.

O guia começou a seguir os rapazes desde a hora da partida até às 9 da manhã de 2.ª feira, até que exclamou: «o barco foi varrido pela tempestade, quando os tripulantes estavam na amurada».

Os dois filhos e outro homem — esclareceu o guia — morreram afogados. O barco submergiu-se nas águas e não pôde ser recuperado.

No dia seguinte Brown recebeu carta dum

# "O ESPIRITISMO NO BRASIL"

## (ECOS DE UMA VIAGEM)

Encontra-se no prelo o 1.º volume deste livro de ISIDORO DUARTE SANTOS, constituíndo um verdadeiro arquivo de impressões, através das quais perpassa, em judiciosa observação, a paisagem humana e campesina, a bondade dos homens e a graça das mulheres, e principalmente a alma brasileira em pinceladas fortes que aguçam a curiosidade e fazem vibrar o coração.

Os maiores expoentes do Espiritismo de Santa Cruz pairam neste livro como afirmações duradoiras de quanto pode e vale uma doutrina.

Eis os capítulos em que se divide a obra:

**1 — Primeiras Impressões: 2 — Três Obras que se Entrelaçam; 3 — Duas sessões Memoráveis; 4 — Um Passeio à Ilha de Paquetá; 5 — A Jornada de Niterói; 6 — No Rumo de Macaé; 7 — Na Cidade de Campos; 8 — Um Trém ... ou talvez não; 9 — Uma visita à Penitenciária; 10 — A Volta do Corcovado; 11 — Hospital Espirita Pedro de Alcântara; 12 — A Casa de Luciá; 13 — Barra do Piraí; 14 — Legionárias de Maria; 15 — Na Trilha de Resende; 16 — Na Academia Militar; 17 — Psicologia do Viajante; 18 — Na Cidade do Aço; 19 — Na Cachoeira Paulista; 20 — Na Cidade do Cruzeiro; 21 — Rumo a São Lourenço; 22 — Petrópolis; 23 — Aspectos de Petrópolis; 24 — Três Rios; 25 — Em Juiz de Fora; 26 — Um Dia Agitado; 27 — Novas Emoções; 28 — O Lar de Jesus; 29 — Belo Horizonte; 30 — A Recepção e a Obra; 31 — Três Obras Modelares; 32 — Um Braçado de Flores; 33 — Em Pedro Leopoldo; 34 — Uma Sessão Memorável; 35 — Uma Visita a Sabará; 36 — Duas Obras Notáveis; 37 — Uma Cidade Histórica; 38 — Coração Mineiro; 39 — A Federação Espirita Brasileira; 40 — Um Departamento é Uma Conferência.**

A obra, única no género, é ilustrada com 110 gravuras, «hors texte» em papel «couché», num volume de grande formato que interessará particularmente a todas as agremiações visitadas.

Nunca se escreveu um livro deste género. Os próprios brasileiros ficarão admirados com os monumentos espiritas existentes em sua pátria e sentir-se-ão estimulados e fortalecidos com o depoimento de um estranho que soube ver e fixar para a história o que há de grande e belo num país que se vai impondo em surtos de liberdade e de progresso. O livro será impresso em papel Buffon de 1.ª classe.

A fim de calcular a tiragem recebemos desde já encomendas dos nossos representantes, que poderão ser dirigidas a Henrique Magalhães, Rua Jiquibá, 155, Apt.º 402, P. da Bandeira, Rio de Janeiro.

**É MAIS UMA OBRA DE «ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA»**

amigo, (médium de Adelaide, que se encontrava a 600 milhas de distância) dizendo-lhe que um dos filhos o tinha visitado e lhe dissera que o seu braço direito tinha sido arrancado e a sua veste rasgada por um grande peixe que poderia bem ser um tubarão, mas que era diferente de tudo o que ele vira.

### O TUBARÃO FORNECE A PROVA

Alguns dias depois o corpo dum dos filhos era arrojado à praia com um braço decepado. E dois dias depois um enorme tubarão das águas profundas, completamente diferente dos tubarões que infestavam a baía, foi apanhado cerca re Melbourne. No seu estômago foi encontrado o braço direito do mais velho, cortado pelo cotovelo e parte da vestimenta, contendo o seu relógio de oiro, chaves e diversas moedas.

O relógio parara às 9 horas da manhã — hora a que o guia de Spriggs dissera haver ocorrido o acidente.

O barco, como também afirmara, nunca foi recuperado.

**(Do «Two Worlds», de 16 de Agosto de 1958)**

# Instituto de Cultura Espírita do Brasil

## ENCERRAMENTO DAS AULAS DO 1.º ANO — PROFESSORES HONORÁRIOS

A fim de entrar no período de férias, previsto no estatuto, o Instituto de Cultura Espirita do Brasil realizou uma sessão especial, no dia 29 de Novembro, para encerrar as aulas do 1.º ano. Antes da solenidade, reuniu-se o Conselho Deliberativo, sob a presidência do Dr. Lauro Sales, tendo aprovado as contas da administração, bem como o relatório apresentado pelo presidente do Instituto. Pouco depois, às 16 horas, teve início a sessão de encerramento. Fizeram parte da mesa, além dos Professores e Directores do Instituto, ainda o Dr. Carlos Imbassahy, professor *honorário* e o Dr. Miranda Ludolf, presidente da Liga Espirita do Distrito Federal, em cuja sede funcionam as aulas do Instituto.

## «A JUSTIÇA INTERIOR EM FACE DA MEDICINA PSICO-SOMÁTICA»

Sobre o tema acima, coube ao Dr. Túllio Chaves ministrar a aula de encerramento do 1.º ano, com ilustração no quadro negro. Tomando por base o composto humano — corpo, perispírito e espírito — o ilustre professor, que é também catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, desenvolveu o tema da aula com toda a segurança e clareza, mostrando a correspondência entre as reacções do corpo e do espírito e os seus reflexos em determiandas doenças. Fez sentir, a certa altura, a insuficiência da explicação materialista, pois esta, não admitindo a existência do princípio espiritual, não pode compreender a acção do espírito sobre a matéria, e no entanto o espírito influi directamente sobre o corpo. Fixando bem o tema da justiça interior, acentuou que, quando o homem abusa do livre arbítrio e comete desregramentos que lhe prejudicam a saúde, ele próprio sofre a sanção, assim como sente a felicidade íntima quando pratica o bem ou cumpre os seus deveres. É a justiça interior. Tudo isto tem muita influência na vida psíquica e, por decorrência, no equilíbrio do organismo, como pode até causar doenças muito graves ou restabelecer a saúde. Entrou, depois, na parte pròpriamente da medicina psico-somática, que é assunto da sua predilecção e sobre o qual já publicou livros. Frisou bem que a medicina psico-somática, ao invés de se fixar sòmente no corpo, vai mais longe, porque se preocupa com a alma, e, por isso, é a corrente médica que, de dia para dia, mais se aproxima do Espiritismo. A aula final do Dr. Túllio Chaves foi muito aplaudida e, depois, o distinto professor foi muito cumprimentado, até mesmo por pessoas estranhas ao Instituto. Convém notar — informa o nosso correspondente —, que o Dr. Túllio Chaves era, a princípio, muito inclinado para o materialismo, e hoje, com o correr dos tempos, afirma francamente a tese espirita da sobrevivência da alma e também a reencarnação. Faz parte do Corpo de Professores do Instituto de Cultura Espirita do Brasil, tendo ensinado princípios gerais de *biologia* durante o 1.º ano. No próximo ano, terá a seu cargo outra matéria, de acordo com o programa.

## REFERÊNCIA ESPECIAL A «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Na parte relativa aos agradecimentos à imprensa espirita, o relatório da Directoria do Instituto faz referência especial a esta revista e ainda cita nominalmente o seu director, que é membro *Correspondente* do Instituto. «Estudos Psíquicos» sempre esteve com as suas colunas abertas ao intercâmbio espirita luso-brasileiro. São citados diversos órgãos da imprensa, do Brasil e do exterior.

## CULTURA HUMANA E CULTURA ESPIRITA

Ao chegar à parte pròpriamente doutrinária, o relatório procura deixar bem claro que a principal preocupação do Instituto é utilizar a cultura humana apenas como *meio*, pois o *fim* de toda a especulação deve ser, acima de tudo, a cultura espiritual. Acrescenta que os conhecimentos gerais, abrangendo *biologia, psicologia, lógica, didática, filosofia geral, sociologia*, etc. são necessários à formação de um lastro de cultura básica, pois um Instituto de Cultura Espirita pressupõe uma rede de conhecimentos bem encadeados, mas o *fim* precípo a atingir é o conhecimento espiritual, e por isso mesmo o *Espiritualismo* é a matéria básica nos três anos do currículo.

## PROFESSORES HONORÁRIOS

No uso de uma faculdade, que lhe é privativa, pelo estatuto, o Conselho Deliberativo resolveu considerar professores honorários do Instituto de Cultura Espirita do Brasil, em virtude dos grandes serviços que prestaram à causa espirita na tribuna, na imprensa, na rádio e no livro, e também por satisfazerem inteiramente às condições estatutárias, os seguintes confrades brasileiros:

*Dr. Henrique Andrade*—Advogado, jornalista, antigo director do jornal *Mundo Espirita*, ex-presidente da Liga Espirita do Brasil (hoje do D. Federal) e de outras associações; cultura das mais brilhantes do movimento espirita brasileiro, com longos anos de actividade pública na propaganda espirita; membro da Sociedade Brasileira de Filosofia;

*Alfredo Pedro d'Alcântara* (Rio de Janeiro) — Escritor e conferencista espirita, com um passado de mais de meio século a serviço do Espiritismo;

*Dr. João Carlos Moreira Guimarães* (Rio de Janeiro) — Um dos mais conhecidos evangelizadores espiritas do Rio de Janeiro, contando também mais de meio século de actividade espirita, autor de belos trabalhos doutrinários, antigo director de diversas instituições espiritas, conferencista dos mais conceituados, figura respeitabilíssima no movimento espirita brasileiro;

*Dr. Francisco Raitani* (Paraná) — Jurista, antigo professor da Faculdade de Direito da Uni-

versidade do Paraná, orador vibrante, jornalista, membro do Conselho da Federação Espirita do Paraná, propagandista da causa espirita há mais de trinta anos;

*Prof. Arnaldo Claro S. Tiago* (Sta. Catarina)—Escritor e jornalista, orador espirita, autor de diversos livros, membro da Sociedade Brasileira de Filosofia — foi professor e, depois, director da antiga Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos; pertence a uma família de tradições espiritas e vem servindo à causa do Espiritismo há mais de cinquenta anos.

## NOVAS AULAS

Serão reiniciadas no dia 20 de Março, às 20 horas, as aulas do *Instituto de Cultura Espirita do Brasil*, o qual veio substituir a antiga Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, cujo acervo voltou para as mãos de seus fundadores, depois de encerradas as as suas actividades. O objectivo principal do Instituto é ministrar cursos de Espiritismo para o público, em conexão com algumas matérias com as quais a doutrina tem relações. Em todo o currículo, porém, o *Espiritismo* é a matéria básica, pois as outras disciplinas são dadas em função do Espiritismo, como subsídio convergente. Não há taxa de inscrição nem pagamento de espécie alguma.

Afim de examinar e aprovar o programa de aulas para o corrente ano, reuniram-se em sessão conjunta a Directoria e o Corpo de Professores do Instituto, tendo sido recebido, nessa ocasião, como novo professor, o Dr. Renato Giraux Pinheiro, nosso confrade de doutrina, estudioso do Espiritismo, engenheiro civil, que foi saudado pelo prof. José Jorge.

A aula inaugural vai ser proferida, em sessão solene, no *auditório* do Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, devendo-se executar, no início, uma parte artística de três números prèviamente escolhidos.

Depois de bem discutido pelos directores e professores foi aprovado o seguinte

## PROGRAMA DE AULAS DO 2.° ANO:

*Didática aplicada ao Espiritismo* — Prof. José Jorge

*História da Filosofia* — Prof. Newton de Barros

*História das Religiões* — Coronel Delfino Ferreirà

*Psicologia à luz do Espiritismo* — Dr. Lauro S. Tiago

*Elementos de Fisiologia* — Dr. Túlio Chaves

*Noções básicas de Geologia* — Dr. Renato Giraux Pinheiro

*Fundamentos do Espiritismo*— Deolindo Amorim

A Directoria do Instituto esclarece que o ensino de *Fisiologia*, uma das matérias constantes do programa deste ano, será ministrado segundo a concepção espirita, isto é, partindo da composição tríplice do homem: *corpo*, *espírito* e *perispírito*. Esta matéria é muito necessária, em se tratando de um curso regular de Espiritismo, porque o estudo das propriedades do perispírito, como outros aspectos da organização psíco-somática do homem, reclama o concurso desta disciplina médica, nos pontos em que ela possa interessar mais de perto à cultura espirita. O responsável por tal disciplina é o Dr. Túlio Saboia Chaves, médico, autor de obras especializadas, professor catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Outra disciplina também confiada a médico é a *Psicologia à luz do Espiritismo*. Tendo-se dado, no 1.° ano, a Psicologia Geral, é natural que, agora, no 2.° ano, entre a Psicologia à luz do Espiritismo, abrangendo a *Psicopatologia* e *Higiene Mental*. O Professor é o Dr. Lauro S. Tiago, médico, professor oficial da Prefeitura e também espirita praticante. Ora, Psicologia, ciência da alma, em seu sentido corrente, pode ser encarada à luz do materialismo, dando um conceito de alma absolutamente oposto à conceituação espirita. Cabe, portanto no currículo do Instituto, uma definição de posição em face da Psicologia, porque se trata de um curso de Espiritismo. Daí, pois, a inclusão da *Psicologia à luz do Espiritismo*.

Outra matéria nova no programa é a Geologia. Porque? O Espiritismo trata do Espírito após a vida terrena; a Geologia é a ciência que estuda a terra, sua formação, sua composição, etc. Que relação tem com o Espiritismo? É que a evolução, durante algum tempo, se faz na terra, recebendo a influência do meio físico e reagindo sobre ele. A terra, portanto, é o campo de experiência do Espírito, em sua fase de transição. É pelo conhecimento dos meios circundantes que compreendemos as condições da vida terrena. Justamente por isso mesmo é que *A Génese*, de Allan Kardec, tem três capítulos relativos a estes problemas. Em vista disto, a Directoria e o Corpo de Professores do Instituto resolveram incluir, no programa do corrente ano, o estudo da Geologia em relação com *A Génese*, que é uma das obras fundamentais da doutrina espirita.

O Instituto de Cultura Espirita do Brasil está funcionando, em carácter provisório, na sede da *Liga Espirita do Distrito Federal*, bondosamente cedida pela directoria desta última instituição, com alto espírito de compreensão e solidariedade. Horário das aulas: Sábado, das 16 às 18 horas, com entrada franca, na Rua dos Andradas, 96, 12.° andar, Rio de Janeiro.

Como no ano passado, haverá *seminários* para debates, em datas marcadas pela Directoria. O Instituto comemorará, de um modo especial, o centenário do nascimento de Conan Doyle, no dia 23 de Maio próximo.

**(Do nosso correspondente Deolindo Amorim)**

# EXORTAÇÃO

*Não esperes a vida inteira para dizer palavras de piedade, esperança e fé!*

*Que tuas mãos se estendam ao próximo, a fim de ajudá-lo em seu desalento!*

*Que teus ouvidos não se fechem à justiça, nem teus olhos à luz da verdade!*

*Que teus pés aprendam o caminho de Jesus!*

**Constâncio C. Vigil**

# Os dotes Psíquicos do escritor L. A. G. Strong

Por Fred Archer

Quando criança, L. A. G. Strong, o novelista de histórias curtas e poeta falecido a semana passada, sabe-se que tomou parte em experiências psíquicas com o seu mentor, o qual, no dizer do próprio Strong, possuía extraordinários dotes afins. As experiências abrangiam telepatia, voltear da mesa e levitação e o escritor assistia-o na realização dos seus feitos, que então julgava supostos, e só mais tarde alcançou a sua surpreendente natureza. E decerto surpreendente, se considerarmos que os protagonistas eram um mestre de escola e um aluno. Strong disse-me particularmente que realizara as experiências acima, o que explica o seu interesse pelos assuntos psíquicos, interesse que o acompanharia toda a vida.

L. A. G. Strong

Foi Sir Oliver Lodge quem o recomendou ao Professor F. C. S. Schiller, de Oxford, ao qual Strong deu sempre o maior crédito no sentido do desenvolvimento das suas percepções extra-sensoriais, que era como preferia denominar as suas qualidades mediúnicas, tão latas, aliás, que muitos amigos o consultavam, quando se apercebiam de que a clarividência podia ser um auxílio.

Strong acreditava na sobrevivência através das provas pessoais, a qual — afirmava — «era tão certa como tudo quanto sei» e também «no regresso do espírito». Numa das suas novelas a personagem principal faz um pacto com um amigo, a fim de que o primeiro a morrer volte a procurar contacto com o outro. Esse amigo morre e três meses depois, no momento em que o outro já se não lembra dele, regressa e fala-lhe, a ele que era um sensitivo!

Quando perguntei a L. A. G. Strong qual era o seu ponto de vista sobre o assunto e os fundamentos do que havia descrito no passo citado, respondeu-me que se baseara numa das suas próprias experiências.

Strong era muito sensível e chegava à rudeza, quando se tratava de impor a sua crença aos outros. Ao fazer as suas asserções era pouco diplomata e colocava os outros na posição de aceitar os factos, porque os afirmava ou então de o tomarem por mentiroso.

A propaganda é uma boa coisa e o conhecimento deve comunicar-se. Mas há um limite para além do qual as atitudes de Strong mais largamente se erguiam.

Antes de dedicar todo o seu tempo à literatura profissional, Strong era professor. A experiência e vida interior que assim ganhara levaram-no a desenvolver uma ideia, plena de interesse, para o uso que deveria ser dado aos que tivessem faculdades sensíveis. Deveriam — pensava — ajudar mais e melhor e espontâneamente a compreensão entre os vivos de hoje e de cá: «Tomemos por exemplo a possibilidade de discernir o carácter «antes do tempo». «Quando mestre de escola, era para mim não só de grande importância concluir o que uma criança era, mas o que ela seria mais tarde e não apenas o aspecto revelado em determinado momento».

Strong possuía ideias igualmente «sui generis» sobre a maneira por que os escritores recebem a inspiração, e dizia: «Quando um escritor está inspirado parece-lhe muitas vezes que está vendo qualquer coisa independente de si próprio ou escrevendo o ditado por uma fonte alheia à sua vontade». E a melhor maneira de a receber será um completo relaxamento do poder de vontade e do «contrôle» do consciente. «O que é, incidentalmente, o método preconizado para o desenvolvimento das outras formas de sensibilidade». Ainda que Strong estivesse cônscio de ter recebido inspiração, não se abalançou a definir a sua fonte, pensando que vinha do exterior ou que fosse uma percepção mais elevada dos conhecimentos inconscientes. O seu talento era multiforme — o que leva a conjecturar que, se fosse mais especializado, a sua fama seria maior. Mas, para além da conjectura, permanece o facto de que tudo o que tentou o fez com distinção.

O seu trabalho mais duradoiro será a sua colecção de poesias, novelas e histórias curtas; mas também escreveu muitos argumentos para filmes e para a rádio e ganhou celebridade pela leitura dos seus próprios escritos ante o microfone.

Como homem, L. A. G. Strong era sensível e despretensioso. Como escritor era um profissional na boa acepção do termo, tão mal vulgarizado por vezes.

A sua última novela «Luz sobre o Lago» tem por tema um caso psíquico, sendo, como é, a história dum médico que consegue estabelecer contacto com a mulher amada que morrera.

**(Do «Psychic News», de 30 de Agosto de 1958)**

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

61

## O PRESSENTIMENTO

Amigo radiouvinte:

Os sentidos humanos são janelas de infinito. Mais ainda: sentimo-nos ligados ao todo, vibramos com ele, tocamo-lo e somos tocados. E parece incrível que um ser tão fraco esteja na base de grandes forças.

Não há isolamento, não, não pode haver, apesar de muitos se julgarem isolados, quando exclamam:

— Estou só! Não tenho ninguém!

Ninguém está só. Se estivesse, não vibrava ao contacto de outros seres. Por isso há ligação. É que os sentidos espraiam-se em sectores mal conhecidos, não obstante o esforço da Psicologia. Espraiam-se e tocam ou impressionam coisas ocultas, que exercem influência em nós e talvez façam parte do círculo de vida em que lutamos.

Para se realizar uma obra é necessário pensar nela com entusiasmo. Vai-se plasmando no mundo mental, adquire esboço e forma e materializa-se no barro, na pedra ou no bronze. Outras vezes a construção exerce-se no mundo moral.

Charles Richet contou a história do homem que morreu por sugestão, cercado de médicos que lhe «extrairam» todo o sangue, sem lhe tirar uma gota. Vendaram-lhe os olhos, picaram-lhe o braço e fizeram-lhe correr na perna um líquido viscoso, cuja densidade e temperatura semelhavam as do tecido sanguíneo, e diziam baixo, de modo que ele pudesse ouvir:

— Um decilitro ... dois ... três ... quatro ... cinco ...

Ao fim de algum tempo estava morto. Fora condenado à morte pelos tribunais e submetera-se à experiência. Se triunfasse restituí-lo-iam à liberdade.

Mas a história de hoje não é esta. É a de outro homem, que não estava doente, nem condenado. Pelo menos, segundo os códigos medico-sociais que nos regem. E por isso desperta maior interesse.

Tinha setenta e cinco anos e morava na terra algarvia de Bensafrim. Chamavam-lhe «Chico Rita», embora o se nome se escrevesse Francisco António. Nas aldeias é assim. Além do nome, os homens têm apelidos que chegam à caricatura e passam de geração em geração.

O «Chico Rita» avançava nos setenta e cinco com aspecto de sessenta, talvez devido ao leite azedo e à vida simples que levava. Foi em Novembro de 58 e a única sombra que o acompanhava era certo mal de estômago que o afligia de quando em quando. Cinquenta e quatro anos de casado, pai de filhos e filhas e avô de muitos netos, segundo reza a notícia, espantou a família com a revelação de um pressentimento que o atormentava.

Pressentimentos há muitos — dirá o radiouvinte —. Sim, há muitos e quase sempre ilusórios. De onde vêm, não sei. A previsão do tempo justifica-se pela rapidez de informação oriunda de regiões longínquas, onde se formam as grandes massas de ar que se deslocam mais lentamente do que as ondas hertzianas. Mas a premonição do futuro não se justifica tão fàcilmente.

«Chico Rita» tinha a certeza de morrer no dia dos seus anos. O porquê não o sabia. Só o facto lhe interessava.

Sua mulher fazia tudo por lhe tirar a ideia da cabeça. Que não pensasse nisso. Ainda viveriam muito tempo em bom convívio.

Mas o marido não se convenceu. Dia-a-dia a ideia aumentava, através de raciocínios que só ele avaliava relativamente.

Em regra atraímos certos pensamentos que não podemos explicar. Escapam à percepção e bailam como pirilampos à hora do crepúsculo.

Entrou o mês de Novembro e o dia dezasseis ainda estava longe. Em todo o caso, pelo sim, pelo não, o sr. Francisco António foi-se despedindo da família. Queria jogar pelo seguro. Valia mais prevenir, que remediar.

E meteu pés ao caminho do Monte das Figueiras de Baixo, onde residia uma filha, o genro e os netos.

Parece que lhe custou um pouco a deslocar-se. Sempre eram oito quilómetros, talvez por montes e vales, que o macadame civilizador não chega tão depressa a certos povoados. Mas voltou satisfeito por ter cumprido o seu maior desejo.

Se pudesse escrever as memórias dessa inquietação dir-nos-ia coisas estranhas. Vítor Hugo viveu momentos patéticos no «Último Dia de Um Condenado à Morte». O sr. Francisco António também os viveria no anseio da sua hora, apesar de não conseguir exteriorizá-los.

No dia seguinte, porém, continuou a despedir-se de uns e outros, como quem tira bilhete com lugar marcado. Começou pelos amigos mais próximos.

— Vou morrer no dia 16 e não quero deixar de lhes dizer adeus ...

Qual história! Morrer, quando não se está doente?! E todos tentavam convencê-lo:

— Viverá muitos anos e festejará o aniversário com alegria.

Isso era bom de dizer, mas o pressentimento avolumava, transformado em ideia fixa. O quadro aviva-se-lhe na memória visual e nada poderia arrebatá-lo. Tudo acabaria em 16 de Novembro, ao completar 76 anos.

Só faltava um dia ... No sábado, 15, despediu-se dos filhos e netos residentes em Bensafrim. O domingo ficaria para a companheira. E depois seria limpinho. Adormecer e marchar ...

Assim fez o «Chico Rita». Chamou a mulher e expandiu o sentimento. «Beijou-a, afagou-a com imensa ternura, porque era a luz dos seus olhos e tinha pena de a deixar para sempre». Meio século de convivência davam-lhe direito a sofrer «por se ir embora».

E choraram os dois, como se estivessem noivos, como se a vida deles ainda não tivesse começado. É assim, quando se ama verdadeiramente.

A mulher não acreditava no pressentimento. Aquilo não poderia tornar-se realidade. Só nos contos há situações semelhantes. Quem adivinha não é deste mundo e seu Francisco andava na crosta a comer o pão que o diabo amassou.

Veio a noite e com ela o misté-

rio da sombra que envolvia os ciprestes. Era o silêncio, a quietação, a languidez marmórea a cair nas almas.

As nove badaladas soaram em tom lúgubre e o «Chico Rita» estava rodeado de família e amigos que o iam visitar para lhe dar os parabéns. E o pobre homem, em vez de exultar e agradecer, estremeceu e sentiu cair os braços lentamente e ficarem inertes... E os olhos cerraram-se para sempre...

Afinal, o velho tinha razão. O pressentimento era exacto: morreu no dia do aniversário com as formalidades cumpridas. Há coisas misteriosas que os homens não desvendam. Onde pára o tangível e começa o nebuloso?...

Adeus, amigo. Saúde e coragem. E até sempre, se me for possível...

62

## AS DUAS VOZES

Amigo radiouvinte:

O microfone é coisa admirável. Alegra e aflige, alvoroça e comove. Mas é arma de dois gumes que poucos sabem utilizar. Eu sou um deles e reincido no erro de lhe oferecer quadros arrancados à parte mais ignota da existência. Como vou buscá-los, não sei. Ando à pesca num mar imenso, cujas costas não distingo, e procuro trazer à superfície a luz do sentimento e da verdade. Às vezes ando milhas e milhas sem resultado aparente. Os músculos cedem ao cansaço. Mas uma força me ergue e dirige para o alvo.

Quando se fala deve-se aproveitar o ensejo no sentido da edificação. Nem que as palavras sejam comesinnhas. Assim, o microfone é salutar.

O caso de hoje pertence ao sr. Calheiros, que não tenho a honra de conhecer. Mas há quem o conheça bem. É da terra de Santo António, aquele Bulhões popular que Lisboa conhece e festeja. Pois esse amigo iria sofrer duas provações. Uma nos negócios, outra na saúde orgânica e moral.

Até aqui não há nada de novo. Quem é que não tem provações do corpo ou do espírito? Os que andam à chuva molham-se e felizes daqueles que podem sacudir o capote. É porque o têm. Se o não tivessem o caso era pior.

Mas o sr. Calheiros estava aflito, a deitar sangue pela boca em grande quantidade. E pensou numa operação cirúrgica. Quando a situação é grave, não há preconceitos que valham. Recorre-se a tudo, como já tenho dito. A lanceta nem sempre resolve os casos. Até os complica. O doente fica sem reservas e não pode abalançar-se a nova experiência.

A úlcera gástrica fizera estragos consideráveis e o médico não queria operá-la. Era a voz da ciência e do bom senso. A operação seria a morte do sr. António Calheiros, que, por seu turno, não se conformava com a opinião do mestre.

Se lhe perguntassem porquê, respondia:

— Porque não!

Era tudo questão de fé. Não fé cega que embaraça, mas fé lúcida que orienta.

E mandou alguém perguntar à médium se morreria, fazendo operação ao estômago. Esta concentrou-se e respondeu que não haveria perigo na intervenção cirúrgica.

O sr. Calheiros era espiritista sincero e confiava na médium, cujo nome não vem ao caso. E acto contínuo disse ao médico:

— Quero ser operado.

O caso complicava-se mais e mais. O facultativo tinha medo que o pobre homem ficasse na anestesia e não deu qualquer indicação ao doente, que já expelira dois litros e meio de sangue pela boca.

Então o sr. Calheiros exclamou aborrecido:

— Porque espera doutor? Quero ser operado! Sei que não morro!

Tão estranha atitude levou o médico a repetir à família a mesma opinião: o doente não resistiria ao anestésico. Aferrava-se a esta ideia, em virtude dos sintomas que falseiam a realidade. Pelo menos, alguns falseiam. O esculápio vai atrás deles e perde-se no caminho do diagnóstico. E não o encontra, por mais que procure.

Tenho visto exemplos assim e o médico do sr. Calheiros deve conhecer alguns. E por isso duvidava. Aquela insistência do homem, a forma decidida com que impunha o seu desejo e a multidão de pensamentos que o caso envolvia eram dignos de estudo. Ao cabo de grandes cogitações resolveu operar o doente.

À meia noite em ponto o sr. Calheiros foi sujeito à intervenção, que durou seis horas ininterruptas. Seis horas, reparem bem! E na enfermaria, para onde o levaram, era vigiado minuto a minuto.

Acordou às duas da tarde, exclamando:

— Dêem-me o bacio. Preciso de urinar.

O médico estava admiradíssimo. Que mistério haveria nas palavras do sr. Calheiros? Tudo se processava contra a regra geral.

Oito dias depois abandonou o hospital e regressou a casa. Todavia, passadas quarenta e oito horas, voltou a deitar sangue pela boca.

Mandou chamar o médico.

— Está perdido — declarou este.

As últimas palavras da ciência ecoavam na família, como dobre de finados. Mas ele não acreditava. Estava sufocado e não acreditava. Que perguntassem à médium se morreria ou não.

A médium concentrou-se outra vez e disse:

— Ele não morre.

E viu o sr. Calheiros a ser operado espiritualmente. Entidades de bata branca haviam-lhe posto a máscara anestésica. E ponderou ao marido:

— Há-de ficar bom.

— Deitou tanto sangue...

— Eram resíduos que ficaram. Tinham que sair de qualquer modo...

E sairam. E alarmaram o médico.

O sr. Calheiros estava entre duas vozes: a do alto e a do baixo. A primeira dava-lhe ânimo, inspirava-lhe confiança. A segunda confundia-o. Era atraído por uma e por outra.

Todos estamos entre vozes, como o sr. Calheiros, mas damos preferência à da carne, que menos valor contém. A voz do espírito parece ilusão, uma espécie de sonho que se dilui. E por isso a relegamos, não obstante a prova contundente.

Se pudéssemos crer na hora própria haveria menos dor e menos sujeição.

A voz do Alto é mais sábia que a voz da Terra. Não tem limitações, nem interesse. Vê ao longe e ao perto.

O médico estava de cá; o médium estava de lá. Duas personalidades, duas afirmações, dois campos opostos.

— Sr. Calheiros, —fez o doutor— porque tinha o sr. a certeza de que não morreria, quando eu julgava o contrário?

O doente ouviu a pergunta, olhou para o médico e limitou-se a dizer:

— Isso é comigo. Mais tarde lhe direi.

O acontecimento passou-se em Novembro e Dezembro de 1958. Já lá vão quatro meses de expectativa.

O homem melhorou e dirigiu-se a casa da médium.

— O sr. Calheiros por aqui?

—Vim visitá-la. Ainda estou combalido, mas agora tenho a certeza...

As vozes não atraiçoaram o homem de muita fé.

Adeus, amigo radiouvinte. Há coisas que a gente não entende... Que Deus te guarde e me guarde.

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## ANTECIPAÇÃO DO TEMPO?

O sr. E. C. Robertson narrou o seguinte caso no «Your Fate»:

«Numa radiosa tarde de verão de 1938 eu e meu primo Red Hilton viajávamos de automóvel numa estrada do Lake District e quando chegámos ao cimo da montanha, Red desviou-se inesperadamente para a berma e parou o carro.

«— Que foi? — perguntei ao vê-lo sair.

«Não respondeu, mas atravessou a erva e contemplou um muro de pedra no fundo do vale.

«— Red, dize-me o que se passa.

«— Oh! Agora mesmo vi um camião desarvorado esmagar-se contra o muro, rolar para esta ravina e o condutor ser arremessado ao charco. Mas isto deve ser uma das minhas visões habituais.

«Uma hora depois regressámos pela mesma estrada, subindo outra vez a montanha, em direcção a Lake District. Cinco quilómetros decorridos, encontrámos diversos carros parados à beira da estrada, enquanto um grupo de pessoas falava baixinho.

«Houvera uma acidente no local exacto em que tínhamos parado anteriormente, no mesmo lugar onde Red descrevera o camião descontrolado a sair da estrada. Através de uma brecha irregular aberta no muro vimos o camião desconjuntado, esmagado e caído, ainda com uma roda girando devagarinho. Tudo correspondia à descrição de Red».

O articulista conclui:

— Olhámos um para o outro com silencioso temor. Como teria Red pressentido o acidente? Por uma antecipação de tempo?

Sim — dizemos nós —, trata-se de prenonição ou visão antecipada do fenómeno. Os anais do Espiritismo estão cheios de casos deste género. Ainda não há muito, ao falar de Swedenborgue, W. F. Neech referiu «o fogo de Estocolmo» previsto pelo grande sábio, que também previra a data exacta da sua morte.

A propósito, vamos contar um sonho paranormal contado pelo metapsiquista e psicanalista Emile Servádio na revista italiana «Nuova Stampa», de Turim, sob o título «Até as casas assombradas pelos espíritos são objecto de estudos sérios e experimentais».

Neste artigo — comenta «La Revue Spirite», de Paris, —o professor cita um caso verdadeiramente clássico de sonho paranormal de singular actualidade. E prossegue, em tom sibilino:

«Em Janeiro de 1922 o papa Benedito XV caíu doente e morreu. A morte de um papa origina sempre repercussões; mas esta, sem dúvida alguma, deu resultados particularmente estranhos.

«Em Bolonha muitas pessoas, entre elas um director do diário católico local, sabiam que a morte deste papa «fora exactamente prevista em sonho» há muitos meses e que, no tocante à segunda parte, aguardava realização, dando-lhe, assim, interesse excepcional.

«Eis, como os factos se passaram: No fim de Agosto de 1921, o professor do seminário de Bolonha Gaetano Dall'Olio, viu em sonho o seu antigo professor Arturo Pierali, que morrera nove anos antes.

«O prof. Pierali tinha-lhe dito:

«— Há pouco o papa promoveu ao cardinalato o seu sucessor.

«— Quem é?

«— O cardeal Ratti, arcebispo de Milão. A morte verificar-se-á brevemente, no mês de Janeiro.

«— Em que dia?

«— Entre 20 e 25.

«O Prof. Dall'Olio ficou perturbado e contou o sonho a numerosos religiosos e amigos. Muitos meses se passaram até que no dia 22 de Janeiro, se realizou a primeira parte do sonho com extraordinária precisão.

Faltava agora saber se a segunda parte teria igualmente realização. Era o que certos indivíduos perguntavam a si próprios, inclusivamente o director do diário católico que preparou um editorial com muitas informações relativas ao cardeal Ratti, e, quando, no dia 6 de Fevereiro seguinte, o Conclave elegeu este último para suceder a Benedito XV, o seu jornal apareceu em edição extraordinária antes dos outros diários, com farta documentação relativa ao novo papa.

## AS PEGADAS DO CÃO MORTO

Houve tempo em que a B. B. C. de Londres repelia de suas emissões o fenómeno psíquico, aliás conceituado por centenas de milhar, senão milhões de radiouvintes. As coisas foram mudando, a resistência foi-se atenuando e hoje somos aqui e ali surpreendidos com uma ou outra emissão em que o supranormal tem relevo proeminente.

Há poucas semanas Patrick Mac Noghten falou para o interior, dizendo que a prova relativamente aos fantasmas era assombrosa.

— Eu tive sorte — exclamou — de viver em duas casas assombradas por fantasmas e aparições completamente diferentes. Na primeira — uma casa de campo — o fantasma abria uma porta e, depois de uma pausa suficiente para alguém passar, a outra porta era também aberta. Isto acontecia duas vezes por dia durante certo tempo e outras vezes no lapso de duas ou três semanas. Em certas ocasiões, eu sabia que isto acontecia e vigiava a porta. Sempre assim sucedia.

Sigamos o pensamento do locutor. Segundo o seu relato as portas eram pintadas de branco com os velhos ferrolhos esmaltados de preto a salientarem-se contra o fundo claro da madeira e ele podia ver as linguetas corridas.

Durante 15 anos fecharam cuidadosamente as portas, que eram abertas por alguém ou por alguma coisa e os cães escoceses que tinham em casa reagiam do mesmo modo às aparições: quando a porta se abria e ninguém entrava o cão saltava para um casaco e ali ficava a tremer. Às vezes ladravam e uivavam, o que é raro nos cães escoceses, naturalmente corda-

tos, quando saúdam visitantes que não sejam fantasmas...

A outra casa, segundo lhe disse uma clarividente, era assombrada pelo espírito de um monge chamado Angustine, que usava um longo hábito castanho.

— Meses depois — acrescenta Mac Noghten — fui ao quarto de minha mãe dar-lhe a boa-noite e lá fiquei uns minutos sentado numa cadeira, de costas para a porta e a olhar para o leito. Da cama, minha mãe não podia ver para além da porta, sempre aberta para que os seus cães e gatos pudessem entrar e sair livremente. Com rápido movimento sentou-se e olhando através do umbral disse-me: «Acabo de ver um homem de cabeça rapada e largas vestes castanhas».

E o locutor perguntou:

— Se os cães podem ver fantasmas, poderão um dia vir a sê-los, como acontece aos humanos?...

E comenta:

«Durante os poucos meses de vida, o meu velho alsaciano tornou-se muito pesado para subir as escadas e o passo vagaroso e inconfundível anunciava o seu aparecimento num quarto do andar superior. Por fim tivemos que o mudar para baixo até morrer. Julgar-se-á que o ruído de seus passos cessou; mas não sucedeu assim, porque durante muitos meses ouvimos o som arrastado do seu andar nos degraus. Há qualquer coisa de estranho nestes passos do meu cão. Costumava levá-lo comigo para toda a parte, mas havia sítios e ocasiões em que era impossível. Nesses momentos ficava na cama que lhe arranjei no meu «estúdio» e corria para mim cheio de alegria, quando eu regressava. A casa é muito velha e a passagem para o «estúdio» é de pedra que ressuma no tempo húmido e, apesar disso e embora o meu cão houvesse morrido há dois anos, vê-se ali a pegada da sua pata impressa nas lajes, sobretudo nos dias de grande humidade.

Patrick Mac Noghten termina dizendo que, em sua opinião, as aparições fantasmáticas são devidas às emoções violentas.

— E haverá — conclui — poucas emoções mais violentas do que a do cão que saúda o seu dono, quando este regressa a casa...

## UM CASO SENSACIONAL

A questão dos «apports» em Espiritismo ocupou muitas personalidades, entre as quais William Crookes, Oliver Lodge, Crawford, Richet, Zoellner, Moses, etc., os quais escreveram páginas interessantes e elucidativas.

É claro que ainda não se explicou a sua técnica em termos de Física ou de Matemática. Contudo, está provado que os objectos não são transportados através do ar, ou antes, do éter, mas que suportam mutação vibratória até se apresentarem à nossa vista. Às vezes até se nota certo calor nos objectos transportados, vestígio talvez do fenómeno físico operado.

Vamos apresentar uma série de fenómenos deste género relacionados com a médium americana Enid S. Smith, que já tem colaborado em «Estudos Psíquicos». O caso de hoje transcrevemo-lo de «Voz Informativa», do México:

Desde criança que a senhora Enid tem observado fenómenos de «apport», durante os quais alguns objectos caem sem se saber de onde vêm, quer esteja em casa ou no jardim, a considerável distância de qualquer vizinho.

Bíblias que às vezes pede têm-lhe aparecido no regaço marcadas por espíritos, assim como rosas orvalhadas trazidas por desencarnados através de portas e janelas fechadas. De trás das portas cerradas de uma dispensa saem latas de conserva para variar a comida frugal; de terras longínquas vêm pedaços de rocha e pedras de forma estranha, etc., etc.

Mas o «apport» mais dramático veio-lhe de São Petersburgo, Flórida, para Lily Dale, Nova Iorque e consistia num pesado embrulho de películas e retratos estrangeiros, o qual chegou a suas mãos em circunstâncias inesperadas.

A senhora Enid S. Smith tem semanas de receber quinze a vinte «apports» por semana.

Um dia dirigiu-se à cozinha a fim de preparar a refeição e sentiu uma desagradável sensação na planta do pé direito. Pareceu-lhe caminhar sobre pedras, embora não as houvesse na Flórida, nem costumasse trazer pedras nos sapatos, que são de ponta aberta. Desatou o sapato e tirou três pérolas. Depois foi preparar a comida. Agora o fenómeno deu-se no pé esquerdo. Sentou-se, afrouxou o sapato e tirou duas pérolas. Calçou-se outra vez, começou a trabalhar e sentiu novamente pedras no direito. E assim andou nesta faina aborrecida de tirar pérolas e soube donde elas vinham, pois dias antes da experiência, encontrando-se a grande distância, rompera-se-lhe o colar de pérolas e não as pôde recolher todas. Com as pérolas adicionais que haviam sido transportadas fàcilmente reconstituiu o colar, que passou a usar depois.

Enfim, a sensação do caso baseia-lhe em coincidências quase sempre agradáveis, mas bastante raras na fenomenografia geral.

Uma entidade familiar entretém-se por vezes a trazer-lhe livros de que necessita para referência, demonstrando assim que acompanha o seu trabalho literário. E conduz centavos, lápis, cruzes e outras coisas para chamar a sua atenção e coloca-os em livros e entre roupa dobrada.

Algumas obras literárias andam tempos e tempos às ordens dos espíritos e depois são colocados sobre cómodas ou mesas, em lugares visíveis.

O mesmo sucede, quanto às janelas do automóvel, que a sr.ª Snid nunca abre, e às de casa e quartos onde vive. Estes últimos são às vezes cerradas por espíritos, na ausência da locatária.

Três vezes o seu automóvel apareceu virado, no tocante ao sentido da marcha, depois de o fechar cuidadosamente, e muitas outras peripécias verdadeiramente humorísticas, como certa garrafa de leite que foi transportada várias vezes e ao ser fotografada tinha um retrato muito claro de um cavalheiro oriental.

Enid S. Smith já está habituada a estes fenómenos supranormais.

## «ATAQUES CATÓLICOS»

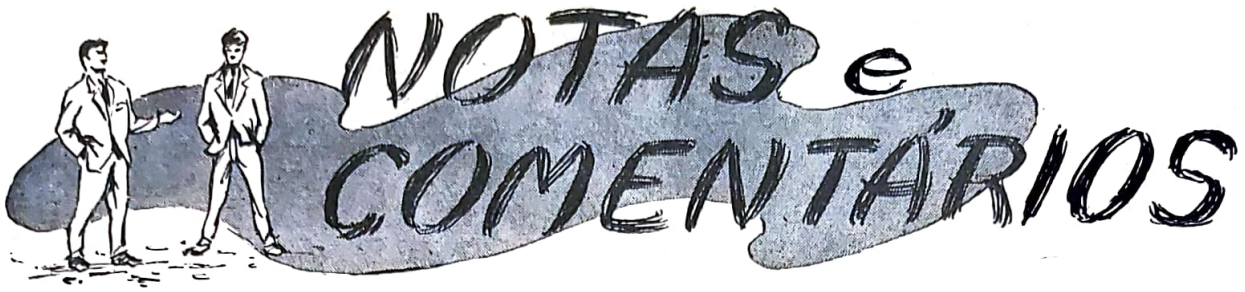
A A. P. P. E. E. M. de Buenos Aires insere o seguinte num boletim de informação:

«Os católicos que escrevem atacando o Espiritismo, fazem-no depois de ler livros sobre esta doutrina escritos por outros... católicos. A prova está em que nessas livros se fala repetidamente do «doutor» Fox, referindo-se às famosas irmãs sensitivas de Hydesville, Estados Unidos da América.

«Os espiritistas riem-se de semelhante desconhecimento, mas cometem outro erro, quando escrevem o nome do grande médium Daniel D. Home. Com efeito, entre os espiritistas latino-americanos, é frequente chamarem-lhe Daniel Douglas Home, quando, na realidade, é Daniel Dunglas Home».

O ataque é sempre desairoso, sobretudo, quando se exerce à margem da verdade. Ataca-se o que destrói ou contribui para a degradação humana e nunca o que constrói e dignifica.

Mais uma vez se demonstra a necessidade de estudo para melhor defesa da doutrina.




## MADEIXA MATERIALIZADA

*O* Two Worlds *de 30-8-1958 faz elogiosas referências ao médium Warren Smith, um dos mais notáveis em fenómenos de materialização. Uma recente narrativa das suas sessões informa como, sob forte luz vermelha, um espírito materializado avançou dois metros além do gabinete das experiências, convidando os familiares para junto de si. Às vezes, o espírito cantava, dançava e tocava no órgão da sala, chegando a materializar o rosto.*

*— Podem ver-me claramente? — pergunta.*

*Se a resposta é negativa, a forma torna-se mais forte e o rosto mais nítido. E outras vezes o ectoplasma dissipa-se para se distinguirem os cabelos, a barba ou qualquer feição particular.*

*Numa sessão materializou-se certa entidade que perguntou à neta de que cor eram os seus cabelos, quando vivia na terra. A neta não soube responder. A aparição forneceu uma madeixa à sua família.*

*Mais tarde, ao consultar as recordações da avó, encontrou uma madeixa idêntica de quando a entidade era jovem.*

*Warren Smith — diz o articulista — é médium nato, de provas incontestáveis. Uma delas é um anel dos tempos antigos do Egipto e outra é uma chave histórica de muitos séculos.*

## O «APÓSTOLO DA JUVENTUDE»...

*Há 38 anos que em Braga se publica um jornalzinho intitulado* Apóstolo da Juventude, *«semanário consagrado à maior glória do Coração de Jesus».*

*Esta glória maior deve ser a bondade e a caridade. O meigo Jesus era bondoso e por isso atraía as criancinhas. Era justo e por isso escorraçou os vendilhões. E, sobretudo, fez oscilar o trono dos césares com o inconformismo da sua doutrina, que o* Apóstolo da Juventude *apregoa, mas não usa.*

*E é pena. O Cristo disse que só a verdade nos fará livres e que devemos fazer bem aos que nos maltratam.*

*Ora o* Apóstolo da Juventude *insere três parágrafos a fechar a sua edição de 28 de Dezembro último, sob o título «O Espiritismo». São eles: «O espiritismo, sobre ser uma heresia, é também um grande perigo para a saúde pública». «Por isso ele deve ser combatido não só pelos teólogos como também pelos que devem cuidar da saúde pública». «É preciso que todos tenham conhecimento de que tal seita prejudica muito o bem-estar das sociedades».*

*Assim mesmo, respeitando-lhe a pontuação.*

*Logo por cima dos parágrafos insere quatro provérbios. O primeiro é este: «Quem não sabe e não sabe que não sabe, é tolo. Foge dele».*

*E na 2.ª página tem este desabafo precioso:*

*«O primeiro grau do pecado é o pensar no mal; o segundo é consentir nele; o terceiro cometê-lo interiormente e o quarto não se arrepender do mal feito».*

*Se tudo o que for contrário aos dogmas católicos é heresia, então há muitos heréticos no mundo, a começar pelas centenas de milhão de adeptos de outras religiões. Os reformistas, para só falarmos da Europa, são heréticos e nem por isso deixam de ser considerados pessoas de bem. O Espiritismo é heresia, como o reformismo. Agora, por exemplo, o papa João XXIII pensa num concílio ecuménico, a fim de atrair os heréticos de várias latitudes.*

*Em boa verdade, a resposta aos três parágrafos é dada pelo jornalzinho através do provérbio acima transcrito. Ele não sabe de Espiritismo e não sabe que não sabe. Portanto fujamos dele, como aconselha aos leitores.*

*E quanto ao seu desabafo da 2.ª página, não há dúvida que pensou no mal e por isso cometeu pecado; consentiu nele e por isso cometeu pecado; cometeu-o interiormente e não se arrependeu do mal feito e por isso cometeu pecado. Donde se conclui que não deve julgar para que não o julguem e que não é de bom cristão apontar o argueiro sem ver a trave, como sucedeu ao santo da Catalunha.*

*Dizer que o Espiritismo faz perigar a saúde é injuriar os seus adeptos, que são tão inteligentes e honestos como ele, a quem desejamos progresso espiritual para atrair os heréticos, como fez o seu pontífice, e conhecer a caridade, como ensinou Paulo apóstolo.*

*Se assim fizer, será verdadeiro* apóstolo da juventude.

## ATRAVÉS DA PORTA FECHADA...

*O sr. António J. López Boez publica em* Your Fate *um curioso relato, que não resistimos a transcrever:*

*«Em Fevereiro de 1954, Paulino Rocha e sua mulher Helena deixaram os dois filhos pequenos fechados na sua única habitação e dirigiram-se ao armazém de mercearias de Torreón.*

*«A casa só tinha duas entradas: a janela com grade de ferro e a porta munida de potente fechadura, além de cadeado «Yale» no exterior.*

*«Contudo, quando o casal voltou das compras, encontrou o filho mais novo ao colo de uma vizinha que lhes disse tê-lo agarrado ali próximo, junto às linhas férreas, e que, antes de o entregar, os admoesteou e lhes deu alguns conselhos sobre a maneira de se cuidar das crianças.*

*«Numa tentativa para lhe provar que não tinham sido culpados, os Rochas mostraram-lhe o compartimento em que as crianças permaneciam, encontrando-o fechado da mesma maneira e a menina lá dentro. Perguntando a esta quem abrira a porta e deixara sair António, Juanita—este é o seu nome— disse que ninguém lá entrara e que António, ao terminar o pequeno almoço, descera da cadeira e saira através da porta fechada. Ele, depois, tentou fazer o mesmo e não o conseguiu. E mais: batendo na porta, pediu ao irmão que a abrisse, coisa que ele não fez».*



E. Psiq. - Março/59

## TRABALHOS DO CENTRO EM MARÇO E ABRIL DE 1959

Dia 1 de Março, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 3, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 4, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirgido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 5, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Conferência de Ivone de Sousa intitulada «No Mundo dos Fenómenos».

Dia 10, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 11, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 12, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 13, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec» com a médium D. Conceição Dias.

Dia 15, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», dirigido por Luís Vicente, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 17, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 18, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 19, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 20, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

**Dia 22, domingo, às 15,30 prefixas — Festa da Primavera dedicada aos sócios do Centro, com três actos de variedades, dirigidos por António Cardoso.**

Dia 24, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 25, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 26, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 27, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 29, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 31, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano» dirigido por António Cardoso.

Dia 1 de Abril, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 2, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 3, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 5, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 7, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 8, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 9, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 10, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec» com a médium D. Conceição Dias.

Dia 12, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 14, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

## FESTA DA PRIMAVERA

Prosseguindo no seu programa de sessões culturais e recreativas, o Centro Espiritualista «Luz e Amor» realizará no próximo domingo, dia 22, às 15,30, a sua *Festa da Primavera*, dirigida pelo nosso incansável companheiro António Cardoso e na qual vão colaborar numerosos elementos em três grandes actos de variedades.

Esta festa é dedicada aos nossos consócios e constituirá, como sempre, um elo de inquebrantável amizade a manter pela vida fora.

## CORRESPONDÊNCIA

Continuamos a pedir aos nossos correspondentes que façam acompanhar as suas cartas de 2$50 em selos postais para resposta, sempre que as mesmas contenham pedidos de interesse particular. De contrário, não poderemos atendê-los, por carecermos de fundos monetários que enfrentem as numerosas cartas e postais que nos chegam às mãos.

## FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

*Mês de Fevereiro* — Manuel Romão de Sousa Gago, de Luanda, 20$00; Maria de Lurdes Palminha, de Lourenço Marques, 15$00; U. S. J., de Ponta Delgada, 20$00; Manuel Joaquim Zarcos, de Beja; 50$00; V. L., de Coimbra, 5$00; A. L., de Setúbal, 5$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Zétó, de Tavira, 2$50; M. Teresa, de Ovar, 5$00; M. L., de Coimbra, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 2$50; M. F., de Beja, 5$00. *Total — 145$00.*

# ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO | LISBOA, ABRIL DE 1959 | N.º 4

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa


# RESPEITO

A ética, ou ciência da moral, como alguns lhe chamam, impõe normas de respeito próprio e tolerância para com os outros. Cremos que é nesta base que assenta toda a vida de relação entre as nações, pelo menos desde a proclamação dos direitos do homem e do cidadão, consequência da Revolução Francesa que, não obstante o sangue inútil derramado, trouxe ideias novas de liberdade aos povos dominados pelo feudalismo. É pena que sejam necessários grandes cataclismos para orientar o mundo em rumos diferentes.

O homem não pode estratificar. Seus passos obedecem a vozes instintivas, que em muito sobrelevam decretos e leis; e os governantes esquecidos desta verdade enfrentam problemas de solução impossível. Governar não é só congraçar; é dar forma exequível ao substrato daquelas vozes, orientando as massas com prudência no sentido da marcha.

Para isso é conveniente universalizar as questões, dar-lhes conteúdo humano. Antes de mais nada, outorgar à criatura deveres e direitos inalienáveis. Onde acabam uns? Onde começam outros? O cidadão quer saber o que lhe é imposto e o que lhe dão em troca. Só assim poderá integrar-se no relógio social e agir para que ele funcione bem. Quando uma peça, mesmo insignificante, se afasta do ritmo, já não há equilíbrio, nem harmonia. O relógio está doente; exige conserto.

Eis, porque há tanto relojoeiro no mundo enfermo. Eis, porque as almas não se entendem, não se acomodam em certos princípios, que já não lhes correspondem.

Swift escreveu esta frase lapidar:

— No mundo há religião bastante para levar os homens a detestarem-se mùtuamente; e não sobra para se perdoarem ou amarem uns aos outros.

Isto é efeito de coisas erradas. Que adianta ler nos Evangelhos o «Sermão da Montanha» — — o maior e melhor sermão de todos os tempos — se ninguém o decora para seu uso? Que adianta estudar filosofia, meditar sobre a ética, se não há respeito nem tolerância? Que adianta fazer belos estatutos, se os associados os não cumprem, porque os directores são os primeiros a transgredi-los? Não adianta.

O essencial é ser honesto, é dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César.

A educação deve ser vazada neste molde: não atropelar, para que não nos atropelem. Respeito mútuo dentro da lei equitativa.

Os governantes devem ser neutrais a respeito do bem colectivo. Mesmo eleitos por uma facção, devem considerar-se orientadores do todo, abstraindo interesses e particularismos. E ter o máximo cuidado em promulgar alterações fundamentais sem o beneplácito das maiorias, levado a efeito através de plebiscitos com garantias de liberdade individual.

O grande brasileiro José Bonifácio dizia que o amor da liberdade devia ser, na frase bíblica, invencível como a morte. Ségur, por sua vez, afirmava que a liberdade era mais vezes destruída pelos seus excessos do que pelos seus inimigos. E Voltaire, finalmente, perguntava e respondia:

— Porque é tão rara a liberdade? Por ser o maior de todos os bens.

Assim, o respeito mútuo conciliará qualquer ânsia de libertação. É preciso que o forte proteja o fraco, que o rico aliene alguma coisa em benefício do pobre, que o saudável desconte para auxiliar o doente.

O Espiritismo é uma doutrina de amor e respeito e condena a violência de toda a pessoa humana, porque o primeiro direito é o de nascer. Logo que se entra nesta vida, começa no ser a lição divina. Do esforço do aluno depende o seu grau na escala de valores.

Se a doença da humanidade é cada vez maior, se a falta de respeito excede quanto se imagina, conclui-se que é grande a nossa cabulice e que todos nos devemos aplicar ao trabalho, para que a ciência da moral não deixe de ter sentido.

# Espiritismo e Espiritualismo no México

por PEDRO ALVARES Y GASCA

(correspondente no México)

II

Como se recordará, Roque Rojas teve sete encarnações após as quais foi levado a um plano superior em que já não é necessário reencarnar. Daqui se infere que a evolução do espírito se liga a sete encarnações. Crê-se também que os seres espirituais confirmam esta ideia, quando, ao dirigirem-se a alguns assistentes, lhes dizem que apenas se encontram no primeiro degrau da escada ou que já vão no segundo, etc. Mas os termos usados por alguns espíritos, nestes casos, sugerem a ideia de que não se referem precisamente a encarnações; referem-se a ciclos de evolução do espírito, cada um dos quais pode constar de várias encarnações.

Ter-se-á notado que o número sete desempenha um papel muito importante nas crenças espiritualistas: as sete igrejas ou os sete selos; as sete tribos que formam o povo espiritualista, também chamado *Povo de Israel;* as sete fases do espírito. Bem sabido é que o número sete foi sempre um número sagrado no antigo oriente e que a ideia das sete igrejas e dos sete selos foi extraída, muito claramente, do Apocalipse de São João.

No Espiritualismo desenvolvem-se principalmente três espécies de mediunidade: vocal, vidente e auditiva. Não há memória de médiuns de efeitos físicos nem de materializações. O corpo de mediunidades coloca-se na frente do recinto, junto aos muros laterais. Os videntes são encarregados de vigiar os trabalhos espirituais e de revelar se os seres que se apresentam são realmente o que eles dizem ser, desmascarando os que se apresentam para enganar.

Antes de começar a sessão entoam-se cantos e hinos com objecto de unificar os pensamentos.

Uma característica muito especial e generalizada entre os médiuns espiritualistas que infelizmente vai desaparecendo é a das fortes sacudidelas que sentem ao cair em transe. Em certa ocasião, inquirindo a causa do fenómeno, disseram-nos que residia no facto de se acercarem do médium espíritos de peles-vermelhas, que assim costumavam manifestar-se.

É muito provável que os espiritualistas ilustrados não estejam de acordo com esta explicação, que trouxe à nossa memória um fenómeno similar originado por espíritos de peles-vermelhas.

Sabe-se muito bem o papel que espíritos de peles-vermelhas têm desempenhado nas manifestações espiritas, sobretudo em efeitos físicos, materialização e cura.

O fenómeno que recordamos foi o que se produziu nos Estados Unidos nas comunidades chamadas «shakers» (sacudidores), de 1837 a 1844. Os peles-vermelhas apresentavam-se em massa, apoderavam-se de todos os presentes, que se sacudiam violentamente, dançando e muitos falando dialectos dos índios.

Nestes fenómenos, embora houvesse causa real e efectiva. deve ter havido também muito de sugestão colectiva e é provável que algo similar ocorra com os médiuns espiritualistas, isto é, que tendo eclodido o fenómeno pela manifestação dalguns espíritos desta natureza, se tenha generalizado depois, através de sugestão e imitação inconsciente dos médiuns em desenvolvimento, pois os sacudimentos se observam, quer se manifestem espíritos de peles-vermelhas — cada vez mais escassos —, quer se manifestem outros espíritos.

Nas sessões espiritualistas há muitos trabalhos e fenómenos idênticos aos que se realizam nas sessões espiritas. Recebem-se comunicações de seres em vários graus de evolução, fazem-se curas fluídicas, esclarecem-se espíritos perturbados, desenvolvem-se novas mediunidades, etc. Mas as sessões espiritualistas caracterizam-se muito especialmente pelas comunicações que eles apelidam de «cátedras», recebidas sob os auspícios de nomes ilustres.

Há um calendário especial para o desenvolvimento destas cátedras, que se efectuam aos domingos e quintas-feiras e, de forma especial, a 9, 13 e 21 de cada mês. Estão a cargo do Mestre Jesus de Nazaré, que se apresenta — outra influência religiosa — como a segunda pessoa da Trindade, ou seja o Filho de Deus.

Também se recebem cátedras de Elias, o Filho do Homem — já dissemos que se identifica com Roque Rojas —; de Maria, mãe de Jesus, e, nalguns casos, de Jeová, o deus de Israel, ou Pai Eterno. Além deste, outros seres espirituais de hierarquia católica se manifestam uma ou outra vez, fora de cátedra, como os arcanjos São Miguel (para retirar espíritos malignos) e São Gabriel.

Como é natural, isto tem provocado várias críticas e discussões. Mas entre os espiritualistas — como entre os espiritistas — há muitos que nunca estudaram a doutrina que dizem professar e afirmam-se adeptos ou julgam sê-lo, simplesmente por assistirem às catedras e às curas. Outros há, contudo, que buscam aprofundar o significado de suas crenças. É justo apontar aqui alguns dos seus argumentos.

Os espiritualistas ilustrados concordam em dois pontos:

1.º — As comunicações autênticas do Mestre Jesus e de outros seres muito elevados são mais raras do que vulgarmente se julga, apesar do que se afirma nalguns templos, em que, frequentemente, se recebem comunicações com o seu nome.

2.º — Nem o Mestre Jesus nem o Pai Eterno descem aos planos materiais, nem se apoderam — pelo menos pessoalmente — do médium. O que se manifesta no fenómeno é uma irradiação do pensamento divino e os médiuns ou «pedestais» podem receber esta irradiação com maior ou menor claridade, empregando a sua própria linguagem para transmití-la, segundo a sua capacidade e elevação moral. Há muitos médiuns que julgam receber esta irradiação, mas é o seu próprio espírito que se comunica (animismo).

Também há espíritos que usam nomes de seres elevados para enganar e de tudo isto resulta diversidade de linguagem e de conceitos, desde os mais vulgares às formas mais depuradas e elevadas.

Do ponto de vista espirita podem notar-se os seguintes factos:

1.º — A irradiação do Mestre Jesus, *em princípio*, pode aceitar-se como possível, tendo-se recebido em centros espiritas algumas comunicações, cuja elevação e grandeza levam certos ouvintes a atribuí-los a essa fonte. Podemos citar como exemplo luminoso a «Vida de Jesus Ditada por Ele Mesmo» (¹), sem esquecer que há espiritistas que julgam que o Mestre Jesus, pela sua grande elevação, não se comunica com a humanidade e, portanto, a «Vida» não foi ditada por ele. Há, todavia, muitas provas — materiais e espirituais — a favor da autenticidade da obra.

Ora bem; na «Vida», o mestre esforça-se por fazer compreender à humanidade que, embora o título de Filho de Deus lhe pertença por direitos espirituais adquiridos, todas as criaturas são *Filhos de* Deus e, acumulando méritos, um dia virá em que possam ostentar, verdadeiramente, o título de Filho de Deus, isto é, com honra merecida. Desta maneira pronuncia-se contra a divinização que lhe atribuíu a humanidade.

No Espiritualismo, pelo contrário, apresenta-se dogmàticamente como Filho de Deus, mas na acepção de segunda pessoa da Santíssima Trindade. Estes dois aspectos da mesma personalidade são, pois, irreconciliáveis.

2.º — É verdade que em todos os tempos se acreditou numa comunicação directa da Divindade com os seres humanos, atribuíndo-se esta origem aos chamados livros sagrados da humanidade. Mas o estudo da Ciência do Espírito demonstrou que os deuses da antiguidade, incluíndo os dos povos monoteístas, como os persas e os hebreus, eram meros espíritos protectores desses povos, com a missão de conduzi-los a melhores condições de vida social e moral. Donde se conclui que, sem negar que em todos os tempos tenha havido comunicação entre o Criador e a critura ditada pelo amor divino, ela se tem realizado por mediação de espíritos de diversas hierarquias.

Os médiuns espiritualistas e espiritas encontram-se em vários graus de desenvolvimento, o qual, unido à diversidade de suas próprias atitudes e às dos espíritos comunicantes, levam as suas comunicações — como no Espiritismo —, do animismo e da conversa vulgar e intranscendente às de elevada moral, mas todas elas, quando se trata de cátedra, têm selo religioso especial e desenvolvem-se numa espécie de linguagem bíblica, chamando aos auditórios «povo de Israel» e usando termos e figuras semelhantes aos do Velho Testamento. Esta mistura de Espiritismo, Catolicismo e Judaísmo é que caracteriza a forma adoptada pelo Espiritualismo Mexicano. Mas é interessante acrescentar que, apesar dessas influências religiosas, amiúde se recebem comunicações condenatórias do clero católico e do clero de todas as religiões humanas.

*Analogias e diferenças doutrinárias* — O Espiritualismo carece de doutrina organizada e unificada. A autoridade reside exclusivamente nos espíritos que se comunicam, mas a falta de preparação faz com que, na maioria dos casos, se não distinga a qualidade das comunicações. Nas cátedras ouve-se muitas vezes recomendar o estudo aos assistentes, mas julga-se que esse estudo consiste em estar atento às comunicações e até se proibe o estudo de textos ou livros de qualquer espécie.

Neste aspecto há diferença radical no tocante ao Espiritismo. Os centros espiritas têm sido sempre considerados como escolas ou centros de investigação do espírito, sua vida, origem e destino. Os centros espiritualistas são considerados como templos destinados a receber a palavra divina, e suas comunicações têm carácter dogmático. Contudo, há importantes analogias com o Espiritismo. Podemos dizer que as verdades fundamentais do Espiritismo se encontram no Espiritualismo. A crença em Deus e na existência do espírito; na sobrevivência deste à morte do corpo e na comunicação dos encarnados com os desencarnados. Crêem no progresso do espírito e na reencarnação, com as limitações que deixamos apontadas. Crêem também nas penas e recompensas futuras, em forma semelhante à do Espiritismo. As principais diferenças consistem em ponto de doutrina que se aproximam do Catolicismo. Conservam-se alguns dogmas, como o da Trindade de Deus, o da pureza de Maria e o da divindade de Jesus-Cristo, como segunda pessoa da Trindade.

Por último, insistiremos em que a falta de doutrina organizada e impressa em textos que sirvam para seu estudo e divulgação, leva a maior parte dos adeptos a ignorar os princípios dessa doutrina, dando origem a muitas interpretações erróneas. Devemos lembrar que o conhecimento e o estudo são os elementos do progresso e que a ignorância produziu sempre fanatismo e superstição.

O Espiritualismo deve combater estes males, implantando o estudo, que ilumina a inteligência. Proceder de outro modo é condená-lo a seguir o caminho da igreja católica, que através dos tempos se tem separado cada vez mais do espírito de amor e elevada moral que lhe imprimiu o seu fundador, convertendo-o numa série de fórmulas e ritos teatrais que entram pelos olhos sem chegar ao coração.

---

(¹) *Este livro encontra-se à venda na livraria de* Estudos Psíquicos Editora.

FIM

**(Tradução de I. D. S.)**

# O AMIGO

**pelo Dr. Pereira Brasil**

**Se o Mundo te gritar que estás sòzinho**
**E que os homens jamais te ajudarão,**
**Pensa, gritando Cristo em teu caminho;**
**Os bens da Vida não te faltarão.**

**E se alguém te lançar sangrento espinho**
**Ou desviar de tua boca o pão,**
**Não lhe negues a taça do teu vinho**
**E estende-lhe, na queda, a tua mão.**

**Só assim saberás que anda contigo**
**O companheiro que não falta à mesa**
**Da casa do argentário ou do mendigo.**

**Na companhia desse amigo certo**
**Tua pequenez parecerá grandeza**
**E dadivoso e alegre o teu deserto.**

# No campo da demonstração experimental

**Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA**

IV

Chegámos agora, pròpriamente, à altura de apresentar a demonstração científica da existência do mundo espiritual, e que já na *1.ª Mensagem* desta segunda série tínhamos tencionado fazê-lo, o que a vastidão dos assuntos a debater e a escassez do espaço não o permitiram.

Ora os factos que mais impressionaram os sábios foram os das materializações e os das deslocações de objectos e outros corpos sem contacto.

A materialização, sobretudo quando ela é susceptível de ser fotografada, é a prova mais indiscutível da realidade da vida espiritual, prova visível, palpável e verificável pelo trabalho mecânico e, portanto, sem sombra de sugestões, das máquinas fotográficas.

Mas há ainda os fenómenos da *voz directa* e da *escrita directa* que são não menos impressionantes e comprovativos.

Sobre as manifestações do Além, conhecidas por materializações, o estudo mais perfeito sob o ponto de vista imparcial, sério e científico é o do sábio inglês William Crookes, sócio da Sociedade Real de Londres, que no campo da química, da física e da astronomia deixou um nome célebre.

Outros estudos sobre deslocações de objectos sem contacto e sobre materializações obtidas em moldes de parafina foram mais tarde realizados com toda a aparelhagem laboratorial no Instituto Metapsíquico de Paris por homens respeitáveis como o Dr. Charles Richet, o Dr. Gustave Geley e mais recentemente pelo Dr. Osty.

Serviu de incitamento ao estudo de William Crookes as experiências feitas pelo professor Alexandre Aksakof, lente da Academia de Leipzig.

Vejamos o que diz o sábio Aksakof no seu livro «Animismo e Espiritismo», sobre a materialização do espírito de Katie King, que depois foi precioso objecto de estudo de William Crookes em fins de 1873 e primeiros meses de 1874:

«Achando-me em Londres nessa época (1873), desejei naturalmente ver esse fenómeno único então. Tendo-me relacionado com a família da senhora Cook, fui graciosamente convidado para assistir à sessão que devia realizar-se a 22 de Outubro.

«Reunimo-nos em um pequeno aposento que servia de sala de jantar.

«A médium, a senhora Florence Cook, sentou-se em uma cadeira no canto formado pelo fogão e a parede; atrás havia uma cortina corrediça; o sr. Luxmoore, que dirigia a sessão, exigiu que eu examinasse bem o lugar e as ligaduras da médium, pois pensava ser esta última precaução sempre indispensável.

«Em primeiro lugar ligou ele cada uma das mãos da médium, separadamente, com uma fita de linho, selou os nós, depois, reunindo as mãos por trás das costas, ligou-as conjuntamente com as extremidades da mesma fita e, de novo, selou os nós; depois ligou-as ainda com uma longa fita, que fez passar por fora da cortina por baixo de um gancho de cobre e que foi preso à mesa perto da qual ele estava sentado; deste modo a médium não podia mover-se sem imprimir um movimento à fita.

«O aposento estava iluminado por uma pequena lâmpada, colocada atrás de um livro.

«Ainda não havia decorrido um quarto de hora e a cortina foi afastada, suficientemente, para deixar ver uma forma humana, em pé, vestida completamente de branco com o rosto descoberto, mas tendo os cabelos envolvidos em um véu branco, as mãos e os braços nus.

«Era Katie.

«Na mão direita ela segurava um objecto, que entregou ao sr. Luxmoore, dizendo-lhe: — É para o sr. Aksakof; eu lho ofereço.

«Ela me oferecia um pote de doce, e a entrega desse presente provocou um riso geral.

«Como se vê, a nossa primeira entrevista não teve nada de místico.

«Tive a curiosidade de perguntar donde vinha este pote de doce, e Katie deu-me esta resposta, não menos prosaica que o presente:

«Da cozinha.

«Durante toda essa sessão ela conversa com as pessoas presentes; a sua voz era abafada, não se percebia senão um ligeiro cochicho, e repetia a todo o instante:

— *Façam-me perguntas, perguntas sensatas.*

«Então perguntei-lhe: não poderá mostrar o seu médium? Ela respondeu-me:

— Sim, venha depressa e olhe.

«Imediatamente afastei as cortinas, das quais eu estava apenas afastado cinco passos.

«A forma branca tinha desaparecido, e diante de mim, em um canto escuro, avistei a médium sempre sentada na cadeira, trajava um vestido de seda preta, por consequência não podia eu vê-la distintamente na escuridão. Logo que voltei ao meu lugar, Katie tornou a aparecer perto da cortina e perguntou-me:

«— Viu bem?

— Não muito bem, respondi: estava escuro atrás da cortina.

«— Então segure a lâmpada e olhe depressa, respondeu-me Katie.

«Em menos de um segundo coloquei-me atrás da cortina com a lâmpada na mão.

«Todo o vestígio de Katie tinha desaparecido, e eu achava-me em presença da médium, que estava sentada na cadeira, com as mãos ligadas por trás e mergulhada em profundo sono.

«A luz da minha lâmpada, caín-

do sobre o seu rosto, produziu o efeito ordinário: a médium gemeu fazendo esforço para acordar. Um interessante colóquio travou-se atrás da cortina, entre a médium, que queria acordar completamente, e Katie que queria adormecê-la ainda; ela, porém, teve de ceder. Katie despediu-se dos assistentes, e fez-se silêncio: a sessão estava terminada.

«O sr. Luxmoore convidou-me a examinar bem as ligaduras, nós e selos: tudo estava intacto. Quando tive de cortar os laços senti grandes dificuldades para introduzir a tesoura sob as fitas, tão fortemente tinham sido atados os punhos.

«Examinei de novo o gabinete, logo que a senhora Cook o deixou. Para mim era evidente que não tinhamos sido o joguete de uma mistificação da parte da senhora Cook.

«Mas então donde tinha vindo e por onde tinha desaparecido essa forma branca, viva, falante — uma verdadeira personalidade humana?

«Lembro-me muito bem da impressão que experimentei nesse dia.

«Eu estava certamente preparado para ver essas coisas, e entretanto custou-me a acreditar nos meus olhos».

E sobre tudo isto o sr. Aksakof faz as seguintes considerações:

«Um observador superficial suporá naturalmente que o papel de Katie foi representado por uma pessoa qualquer, introduzindo-se por uma abertura hàbilmente dissimulada». E depois acrescenta:

«Mas não nos esqueçamos de que as sessões nem sempre eram realizadas na casa ocupada pela família Cook.

«Assim, tive ocasião, a 28 de Outubro, de tornar a ver Katie em uma sessão organizada na residência do sr. Luxmoor, um homem rico, antigo juiz de paz.

«Os convidados eram em número de quinze. Enquanto esperávamos a senhora Florence Cook, examinámos o compartimento que devia servir de câmara escura e que se abria para a sala. Achava-se nele uma segunda porta, que o sr. Dumphery (redactor do *Morning-Post)* fechou à chave guardando-a no bolso.

«Logo depois chegou a senhora Florence acompanhada de seus pais.

Seguidamente descreve uma sessão igualmente curiosa como a que atrás fica descrita, e que decorreu mais ou menos nos mesmos moldes quanto a precauções e a seriedade, caracterizando o seu aspecto transcendente as seguintes passagens:

«Katie desapareceu por um instante e tornou a aparecer segurando um grande vaso japonês que estava no aposento onde se achava a senhora Cook, mas a grande distância da cadeira onde ela estava amarrada. O vaso foi retirado das mãos de Katie, e esta voltou três vezes sobre o lugar. Por esses movimentos queria, evidentemente, demonstrar-nos que o seu corpo e mãos estavam livres de obstáculos, e, por consequência, que não era o médium que se mostrava.

«A sessão foi quase de uma hora, durante a qual Katie apareceu e desapareceu repetidas vezes.

«Enfim, a senhora Cook acordou, teve ainda uma conversa com Katie e a sessão terminou como precedentemente.

«Um dos assistentes examinou os selos e os nós, cortou as fitas e levou-as.

«Entre as minhas notas encontro esta, que se relaciona com a época das experiências em questão: Confesso que as sessões da senhora Cook me inpressionaram vivamente: de um lado eu hesitava em crer nos meus olhos, e entretanto a evidência dos factos, as condições em que se produziram, obrigaram-me a aceitá-los».

Depois de todas estas observações obedecendo a um critério puramente científico e de ânimo inteiramente despido de preconceitos, o Dr. Alexandre Aksakof expôs em longa conversa ao sábio inglês William Crookes todas as observações atrás relatadas. Este então pediu-lhe a sua opinião sobre todas aquelas manifestações, e Aksakof respondeu-lhe que se via forçado a considerá-las autênticas.

E Crookes então observou-lhe: «Não creio em nenhuma ligadura favorecendo esse fenómeno. A meu ver a ligadura não oferece embaraços à força que age: não me darei por convencido enquanto não vir ao mesmo tempo o médium e a figura materializada».

E foi assim o sábio William Crookes incitado a estudar esta nova modalidade de fenómenos, depois de estudar, atentamente, de 1870 a 1873, os transcendentes fenómenos de deslocação de objectos sem contacto, de levitações de corpos humanos, de aparições luminosas, de escrita directa, e outros.

Vamos, pois, na próxima *Mensagem* reportar-nos às investigações de William Crookes.

# VOO DE ALMA

**Ao contemplar o azul do firmamento,**
**vou escutando a eterna sinfonia!**
**Hinos que elevam a alma e o pensamento,**
**cantos de amor, de paz e de alegria!**

**Todo o meu ser se expande, como o vento,**
**e ascende à inefável harmonia!**
**Sinto-me então feliz nesse momento,**
**sinto que a vida é eterna... e eterno o Dia!**

**E vou de mar em mar, de serra em serra,**
**olhando o espaço etéreo e o céu profundo!**
**No mistério sem fim que a vida encerra**

**— as estrelas brilhando além no fundo —**
**sinto que tenho o corpo preso à Terra...**
**e minh'alma a voar de mundo em mundo!...**

**MANUEL DE SOUSA**

# As maiores histórias psíquicas do mundo

por W. F. NEECH

## 4) *Uma poetisa morta saudada como maravilha literária*

Uma entidade espiritual de grande sagacidade, inexaurível imaginação e eloquência de ouro penetrou brilhantemente no mundo num dia de Julho de 1913 — para escrever livros de poesia premiados através da mão duma americana vulgarmente educada. O seu nome era Patience Worth. Como um meteoro brilhou no firmamento psíquco, fonte de maravilha e admiração de poetas, professores e psicólogos.

Tinha voltado ao seu mundo e, a despeito do que diz Keats acerca da doçura das melodias não ouvidas, estamos mais pobres com sua partida.

A poesia apresenta muitos aspectos e só ocasionalmente um poeta eleito os pode consubstanciar. Shakespeare é um exemplo supremo. Mas em geral um poeta é notável por certos dotes particulares, como Skelley pela elevação de lirismo, Milton pela grandiosa arquitectura de seus versos, Pope pelo impecável rigor da criação artística e Keats pela sublimidade da imaginação e beleza empolgante da frase.

### A PALAVRA EMBRIAGADORA

O que eu aprecio especialmente na poesia é a maravilhosa destreza das palavras, rara e preciosa qualidade da imaginação criadora. O homem que cultivou esta habilidade quase até à perfeição foi Gerard Manley Hopkins, esse padre jesuíta de palavra embriagadora, «o pai da moderna poesia».

Quase tão fascinante na magia da palavra foi Dylan Thomas, autor de meia dúzia dos mais puros e emocionantes poemas da língua inglesa.

No terceiro lugar da minha lista coloco Patience Worth, a qual, com soberba auto-confiança que poderia ser apenas conceptual em qualquer outro artista mais pobre, proclama assim o seu génio:

— Brincarei com as palavras como se fossem castanholas, fá-las-ei brilhar como estrelas, sim, e torná-las-ei polidas e langorosas: queimá-las-ei na chama da paixão e afogá-las-ei numa vertigem, contorcidas. Não as tecerei, não, mas do íntimo destas mãos sairá a palavra que fará arder a terra de admiração.

E a terra assim o fez!

### VOLTO OUTRA VEZ

A primeira a admirar foi a senhora Curran. Habituada a um idioma mais estridente, vivendo como viveu no berço do *jazz*, esta mulher de St. Louis ficou estupefacta, quando o aparelho tentava pronunciar este melodioso anúncio:

«Há muitas luas que vivi. Agora volto outra vez — e o meu nome é *Patience Worth*... Espera, quero falar contigo. Se vives, eu também viverei. O meu pão será o teu. Bons amigos, consorciamo-nos. O tempo do trabalho já passou. Deixa o Tabi dormir e entreabrir os olhos da sua sabedoria para a acha ardente».

A sr.ª Curran perguntou então:

— Quando viveste e donde vieste, *Patience Worth?*

O indicador apontava a data de 1649. Depois pronunciou:

— Da Inglaterra e através do mar...

Foi este o início duma fenomenal e prolífica associação poética. Desde essa data até à morte da senhora Curran, em 1937, mais do que três milhões de palavras manuscritas e milhares de poemas foram produzidos e seis livros publicados.

Quando 40.000 pessoas entraram em competição poética, *Patience Worth* ganhou um dos cem prémios.

Comunicando primeiro em inglês moderno, mas mudando depois para o dialecto arcaico, os seus escritos eram de grande beleza, possuíndo conhecimento, estilo e profundidade filosófica muito além da capacidade da senhora Curran, cuja educação formal terminara aos 14 anos.

A sr.ª Curran seguia *Patience Worth*, quando ela lhe falava ao ouvido espiritual. Eventualmente, tudo era ditado a estenógrafos profissionais, que tinham que dar rendimento pleno à extraordinária rapidez da composição.

O dr. F. C. S. Schiller, notável filósofo e psicólogo da Universidade de Oxford, disse acerca de *Patience:*

— Estamos em face do que se pode chamar uma maravilha filológica.

O dr. Walter F. Prince, eminente investigador de física que inquiriu o caso durante 12 anos, declarou:

— Ou o nosso conceito sobre aquilo a que chamamos subconsciente tem que ser radicalmente alterado , ou então alguma causa operou, mas não originou, através da subconsciência da senhora Curran e que tem de ser reconhecida.

Os peritos ergueram louvores a «The Sorry Tale» (A História Triste), um livro com 340.000 palavras ditadas letra a letra diante da assistência e descrevendo os hábitos e costumes dos judeus e dos romanos no tempo de Jesus-Cristo.

O dr. Usher, professor de história na Universidade de Washington disse que o livro era a maior história escrita da vida e da época de Cristo desde que os Golpels terminaram.

William M. Reedy, crítico e editor, manifestou-se assim:

—A mais notável peça literária que jamais li. E

não hesito em dizer que este trabalho é uma maravilha literária universal.

**O GÉNIO ABSOLUTO**

Outro livro, «Hope True-Blood», passado na Inglaterra vitoriana, foi assim comentado pelo *New York Tribune:*

— Seja em espírito ou carne, o autor é singularmente dotado de imaginação inventiva e poder expressional. A análise psicológica e a potência dramática patenteadas na narrativa são extraordinárias e selam-no como trabalho aproximado dum génio absoluto.

Os membros do círculo em que *Patience* se manifestava costumavam inventar problemas comprovativos do seu poder de «destrinçar palavras». Em resposta a um pedido do dr. Prince para o delineamento dum poema começando com todas as letras do alfabeto, excepto *f*, ela prontamente acedeu velozmente, regulada apenas pela diligência do escrevente em redigi-lo. Começa assim:

A task is — Uma tarefa tenho
Before me — Diante de mim
Can I, O God, perform it? — Poderei, ó Deus, cumpri-la, seguindo no mesmo tom e elevação?

Referindo-se à extraordinária espontaneidade de *Patience Worth*, o dr. Prince declarou:

— Na suposição de que qualquer poeta vivo se visse no apuro de ser inquirido acerca de 30 assuntos a seguir uns aos outros e produzir 32 poemas curtos e mais sete apontamentos aforísticos num conjunto de 13.600 palavras, como o faria? Existe alguém que se submetesse a tal prova?

Depois do poeta americano Edgar Lee Moster ter ouvido um número de poemas improvisados por *Patience* sobre temas dados, perguntaram-lhe se algum escritor poderia assim fazê-lo e respondeu:

— Não há outra resposta: é impossível.

Noutra prova Prince propôs o tema: «qualquer género de conversação entre um campónio e uma donzela numa feira» intercalado com um poema sobre «The Folly of Atheism» (A Loucura do Ateismo). Recorda ele que cerca de 8 segundos decorreram entre o seu pedido e o início do ditado, que prosseguiu sem interrupção até ao fim e tão depressa como podia ser escrito. Quando a composição foi analisada, o poema surgiu nas suas partes distintas, começando assim:

— «Who doubts his God but announced (Quem duvida do seu Deus só anuncia»).

A novela «Telika» com 70.000 palavras e em verso branco, foi ditado em 35 horas de escrita e está redigida em dialecto arcaico; 98 % dos termos são de uma ou duas sílabas e nenhum deles entrou na língua antes do século XVI.

Para aqueles que proclamavam que os seus escritos eram produto do subconsciente da senhora Curran, *Patience* respondia orgulhosamente:

— Quem diz que sou uma falsificação da médium, diga também quem poderia apresentar um homem maior do que a criança da sua própria imaginação.

**(Condensado do «Two Worlds» de 30 de Agosto de 1958).**

---

Nota — *Muitos poemas que os leitores podem ler em original no periódico inglês* Two Worlds *de 30 de Agosto de 1958 provam o génio deste espírito manifestado aos homens.*

# As pombas

Foi o distinto médico Heron de Oliveira o protagonista da pequena mas edificante história que se conta nestes versos.

**Comprou uma espingarda — e ei-lo na mata,**
**À procura de pombas. Cauteloso,**
**Antegozando a «glória» da caçada,**
**Põe-se debaixo de um bambual e espera.**
**Bate-lhe o coração... Por que lhe bate**
**Tão fortemente o coração? Quem sabe**
**Se não é de remorso que em seu peito**
**Ressoam tantas, tantas marteladas?...**
**Espera, cada vez mais ansioso.**
**De súbito, uma grande, encantadora**
**Revoada de pombas... Todas elas**
**Vêm, coitadas, pousar, precisamente,**
**Nas ramas onde a morte se escondera.**
**Um tiro assombra toda a natureza,**
**Como que até as fontes emudecem**
**E tremem de pavor!... Cena terrível,**
**Cena dantesca!... A nuvem de fumaça**
**Que se escapa do cano da espingarda**
**Mancha o verde das árvores e mancha**
**O azul do firmamento!... Cinco pombas**
**Agonizam no chão! O caçador**
**Vai apanhá-las, extático, aturdido...**
**O triste olhar de uma das pobrezinhas**
**Entra-lhe n'alma, fere-lhe a consciência.**
**Ele estremece, pensa em Deus, relembra**
**O Meigo Nazareno e São Francisco,**
**Banha-se em pranto ardente e, iluminado,**
**Como Paulo na estrada de Damasco,**
**Pede perdão às avezinhas mortas.**
**Novas lágrimas descem-lhe dos olhos...**
**Então quebra, espedaça a arma assassina.**
**E volta ao lar seguido por brilhantes,**
**Por angélicos seres das Alturas.**
**Envolvem-no perfumes suavíssimos,**
**Deliciosos... Flores invisíveis,**
**Flores de luz do Céu caem-lhe sobre**
**A cabeça... É tão belo o que se passa**
**Com o caçador arrependido! Tudo**
**Tudo o bendiz, tudo o abençoa! A brisa**
**Murmura-lhe ao ouvido: «Agora, quando**
**As florestas e os campos visitares,**
**Hás-de ser recebido com as mais lindas**
**Melodias das aves e das fontes!...»**

**Bahia - 956**

**PAULO ALBERTO**

# Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil

II

Considerando que o estudo e a investigação da percepção extra-sensória e dos demais fenómenos paranormais, sujectivos e objectivos, receberam a denominação de Ciência Psíquica na Inglaterra, a de Metapsíquica nos países latinos, e a de Parapsicologia nos países de língua alemã e na América do Norte — denominação, essa última, que reune as preferências dos meios científicos:

Considerando que o programa duma Cadeira de Parapsicologia, para ser completo, assim, há de reunir tanto o que estuda mais restritamente a Parapsicologia pròpriamente dita, quanto o que estudam mais amplamente a Ciência Psíquica e a Metapsíquica, embora deva a cadeira ter a denominação única de Parapsicologia, mesmo porque o grande artífice e vulgarizador da Parapsicologia — o psicólogo norte-americano Professor Joseph Banks Rhine, catedrático de Psicologia e de Parapsicologia da «Duke University» — está estendendo a todos os domínios da fenomenologia paranormal as suas investigações e seus estudos;

considerando que assim é tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, pois a «Schweitzer Parapsichologische Gesellschaft» de Zurique (Sociedade Parapsicológica Suíça), de que fazem parte eminentes professores universitários, psicanalistas e médicos, por exemplo, foi fundada pelo Dr. P. Ringger, seu Presidente, com a finalidade de promover «a colaboração de todas as sociedades e pessoas isoladas que se interessam sèriamente pelo estudo dos fenómenos chamados ocultos, tais como a telepatia, a clarividência, a mediunidade, os fantasmas, a radiestesia e a astrologia»;

considerando que o Brasil nunca deverá ficar na retaguarda, em qualquer sector do conhecimento humano;

considerando que também assim é na Argentina, onde foi fundada a «Sociedad Argentina de Parapsicologia», em 14 de Dezembro de 1948, com a finalidade, principal, de «abordar o estudo e a investigação dos fenómenos denominados *parapsicológicos* e *metapsíquicos* em geral» (Estatuto Provisório, sigla I, letra *a*) onde o «Instituto Argentino de Parapsicologia», que tem por finalidade *(sic)* o estudo científico da Parapsicologia, Metapsíquica ou Metapsicologia, em seus diversos aspectos (Estatuto, art. 2.º), mantém um Curso Geral de Parapsicologia — e onde o programa desse curso versa não apenas sobre os fenómenos de percepção extra-sensória (Telepatia e Clarividência) e de psicocinesia (experiências com jogo de dados) pròpriamente ditos, mas, ainda, sobre os de precognição, rabdomancia ou radiestesia, telecinesia, ectoplasmia ou materialização, desmaterialização, bilocação ou transporte, fotografia paranormal, moldagem paranormal e «poltergeist», bem como, por fim, sobre a *Sobrevivência* («Boletin del Instituto Argentino de Parapsicologia», Buenos Aires, 1955, junho, págs. 4/5)»;

considerando que o Brasil se fez representar no Congresso Internacional de Psicologia de 1952, realizado em Paris, de que participaram renomados psicólogos, parapsicólogos, psicanalistas e psiquiatras do mundo inteiro, por delegação chefiada pelo Professor Maurício de Medeiros, catedrático de Psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, e actual Ministro da Saúde;

considerando que esse Congresso aprovou importantes conclusões, entre as quais a de constituir *dado certo* o de que, *em imensa maioria, os conhecimentos do homem lhe chegam pelas vias extra-sensórias,* o que é a consagração definitiva da Parapsicologia;

considerando, em tais condições que se impõe e urge a criação da Cadeira de Parapsicologia, como matéria de ensino regular nas Faculdades de Medicina do país, «ex-vi» do que dispõe a Constituição da República (Art. 5.º inciso XV, letra *d*); e, finalmente,

considerando que essa cadeira deve fazer parte do ensino médico, por suas conexões com a Cadeira de Psiquiatria,

O CONGRESSO NACIONAL

Resolve:

Art. 1.º — Fica criada a Cadeira de Parapsicologia como matéria de conexões com a Psiquiatria, a ser leccionada no 4.º e no 5.º ano das Faculdades de Medicina do país.

Art. 2.º — Será o seguinte o programa de Parapsicologia, a ser ministrado com base nas obras «Parapsychologie» (Munich, 1922: método e teoria), de Hans Driesch, médico alemão, Professor de Filosofia da Universidade de Lípsia e Presidente da «Sociéty for Psychical Research» da Inglaterra (1926/7); «Extra-sensory Perception» (Boston, 1935: investigação científica da telepatia e da clarividência), «New Frontiers of the Mind» (Nova Iork, 1937), «Reach of the Mind» (Nova Iork, 1953) «Extra-sensory Perception after Sixty Years» (Nova Iork, 1956), de Joseph Banks Rhine, psicólogo norte-americano, catedrático de Parapsicologia da «Duke University» dos Estados Unidos; «Parapsicologische verschijnselen en beschouwingen» (Utreque, 1949); de W. C. Tenhaeff, catedrático de Parapsicologia da Universidade de Utreque, Secretário Geral da «Studievereeniging voor Psychical Research» e Director do «Tijdochrift voor Parapsychologie», de Utreque, na Honlanda; «Parapsychologie» (Paris, 1954), de Robert Amadou, redactor-chefe da «Revue Métapsychique» (1953), órgão oficial do «Institut Métapsychique International» de Paris, e um dos representantes da França no Primeiro Colóquio Internacional de Parapsicologia, reunido em 1953, na cidade de Utreque, da Holanda; «Traité de Métapsychique» (Paris, 1922. Há versão brasileira, editada na cidade de São Paulo), de Charles Richet, médico francês, catedrático de Fisiologia da Faculdade de Me-

dicina da Universidade de Paris, e Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina; «Introduction à la Métapsychique Humaine» (Paris, 1926), de René Sudre, metapsiquista francês, Vice-presidente do «National Laboratory of Psychical Research», de Londres; «Metapsichica Moderna» (Roma, 1923), de William Mackenzie, biólogo italiano, parapsicólogo, director da revista «Parapsicologia», de Roma; «The Dissociation of a Personality» (Boston, 1906) e «The Unconscious» (Boston, 2.ª edição-1919), de Morton Prince, médico norte-americano, Neurologista do «Boston City Hospital»; «Encyclopaedia of Psychic Science» (Londres, 1933), de Nandor Fodor, investigador psíquico húngaro radicado na Inglaterra, investigador oficial do «International Institute for Psychical Research», de Londres; «Phantasms of the Living» (Londres, 1886. Há versão francesa, de L. Marilier, com o título «Les Hallucinations telepathiques», Paris, 1905), de Edmund Gurney, Frederick Myers e Franck Podmore, investigadores psíquicos ingleses e co-fundadores da «Society for Psychical Research» da Inglaterra; e «Hypnodynamic Psychology» (Nova Iork, 1955) e «A Scientific Report on *The Search of Bridey Murphy*» (Nova Iork, 1956, págs. 154 e 182), de Milton Kline, psicólogo norte-americano, Membro da «American Psychological Society» e Director de «The Journal of Clinical and Experimental Hypnosis», de Nova York:

## CADEIRA DE PARAPSICOLOGIA

### Programa

### TEORIA

I. *Introdução à Parapsicologia:*

*a*) Definicão.
*b*) Classificação.
*c*) Histórico:

1.º período — mítico;
2.º período — magnético (1779, Franz Anton Mesmer, médico alemão);
3.º período — hipnótico (1841. J. Braid, médico inglês);
4.º período — hipnótico (1848. Allan Kardec, médico francês);
5.º período — psíquico-científico (1870—William Crookes, célebre físico e químico inglês);
6.º período — metapsíquico (1905—Charles Richet, médico francês, Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina);
7.º período — parapsicológico (1930—Joseph Banks Rhine, catedrático de Parapsicologia da «Duke University» dos Estados Unidos).

*d*) Médium, sensitivo, paciente, agente e percepiente.
*e*) Transe e hipnose.
*f*) Relação psíquica.
*g*) Subconsciente.
*h*) Animismo.
*i*) Alucinação.
*j*) Fraude:

1. consciente;
2. inconsciente.

*k*) Método de investigação:

1. da parapsicologia subjectiva;
2. da parapsicologia objectiva.

II. *Parapsicologia subjectiva:*

*a*) Definição.
*b*) Cálculo de Probabilidades e acaso.

A. *Parapsicologia Humana:*

1. Experimental (Percepção Extra-sensória):

§ 1.º nos normais;
§ 2.º nos extáticos;
§ 3.º nos sonâmbulos;
§ 4.º nos hipnotizados;
§ 5.º nos mediunizados.

*a*) Telepatia.
*b*) Clarividência.
*c*) Autoscopia interna.
*d*) Diagnóstico paranormal.
*e*) Aparição.
*f*) Clariaudiência.
*g*) Casa mal-assombrada.
*h*) Precognição.
*i*) Cristaloscopia.
*j*) Psicometria paranormal.
*k*) Correspondência cruzada.
*l*) Transposição dos sentidos.
*m*) Radiestesia.

2. Acidental (Percepção Extra-sensória):

§ 1.º definição;
§ 2.º classificação;
§ 3.º condições;
§ 4.º simbolismo;
§ 5.º em estado de vigília;
§ 6.º em estado de sono;
§ 7.º em estado magnético;
§ 8.º em estado hipnótico;
§ 9.º em estado mediúnico

*a*) Monição:

§ 1.º singular;
§ 2.º colectiva;
§ 3.º de morte.

*b*) Premonição:

§ 1.º de acidente;
§ 2.º de doença;
§ 3.º de morte.

*c*) Auto-premonição:

§ 1.º de doença;
§ 2.º de morte acidental.

3. Emissão de ondas cerebrais.
4. Escotografia.
5. Incorporação.
6. Transfiguração.
7. Licantropia paranormal.
8. Possessão.
9. Xenoglossia.
10. Tiptologia.
11. Psicografia.
12. Xenografia.
13. Dupla e múltipla personalidade.
14. Narcose (soniloquia paranormal).
15. Regressão no tempo.
16. Terapêutica paranormal.
17. Desenho e pintura paranormais.
18. Sobrevivência e reencarnação.

B. *Parapsicologia animal.*

III. *Parapsicologia objectiva:*

*a*) Defination.
*b*) Modalidades.
*c*) Condições:

§ 1.º obscuridade;
§ 2.º luz vermelha;
§ 3.º luz artificial;
§ 4.º luz natural.

*d*) «Contrôle»:

§ 1.º pessoal;
§ 2.º físico;
§ 3.º eléctrico;
§ 4.º foto-eléctrico;
§ 5.º fotográfico;
§ 6.º cinematográfico.

A. *Parapsicologia dinâmica:*

— Definição.
1. Fluido psíquico (passes magnéticos).
2. Psicocinesia.
3. Telecinesia:

§ 1.º barulhos;
§ 2.º rapes;
§ 3.º alavanca psíquica.

4. Paracinesia.
5. Endocinesia.
6. «Poltergeist».
7. Levitação:

§ 1.º de objectos;
§ 2.º de pessoas.

8.º Bilocação.

B. *Parapsicologia plástica:*

— Definição.
1. Ectoplasmia (materialização)
2. Voz Directa.
3. Moldagem paranormal.
4. Impressões físicas paranormais.
5. Assombração (fantasma).

C. *Parapsicologia somática:*

— Definição.
1. Estigmas.
2. Desmaterialização humana.
3. Insensibilidade paranormal.
4. Incombustibilidade paranormal.

D. *Parapsicologia Físico-Química:*

— Definição.
1. Hiloclastia.
2. Aporte.
3. Luzes, sons e odores paranormais.

E. *Parapsicologia Animal.*

PRÁTICA

1. Testes de telepatia.
2. Testes de clarividência.
3. Testes de regressão no tempo.
4. Testes de psicocinesia.

Art. 3.º — O programa de Parapsicologia será assim leccionado:

4.º ano (2 períodos) — *Teoria:* Introdução à Parapsicologia e Parapsicologia Subjectiva. *Prática:* Testes de Telepatia e Testes de Clarividência.
5.º ano (2 períodos) — *Teoria:* Parapsicologia Objectiva. *Prática:* Testes de Regressão no Tempo e Testes de Psicocinesia.

Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Sala de Sessões da Câmara dos Deputados,... de ..... de 1958.

ESCLARECIMENTOS COMPLEMENTARES

Não haveria investigação psíquica, caso não houvesse fenomenologia espirita; consequentemente, não existiria a Ciência Psíquica, nem a Metapsíquica, nem a Parapsicologia — essa, hoje, admitida no mundo psicológico-científico, e leccionada como matéria de curso regular, no ensino superior de grande número de universidades do globo.

★

O anteprojecto justifica a criação da Cadeira de Parapsicologia, em curso médico, fazendo ver que é matéria que tem conexões com a Psiquiatria — mórmente no que concerne à possessão, bem como à dupla e à múltipla personalidade; mostrando que são principalmente médicos, muitas vezes eminentes, os que se têm dedicado à investigação psíquica, em quase todas as partes do mundo, através dos tempos, antes de tudo pelo atractivo da influência que a mente pode exercer sobre o organismo, sobre o comportamento e sobre o próprio destino do indivíduo, como revelam a Psico-somática, a Psicanálise e a Psicotécnica; e menciona em seu texto as obras que deverão constituir a base do ensino, por imperativo da inovação de fundir sob a denominação de *Parapsicologia* as três escolas que investigam a fenomenologia paranormal, *sob os mesmos cânones materialistas*, com o mesmo rigorismo, e dentro dos mesmos limites, traçados pelo preconceito contra a origem espiritualística da fenomenologia, que é o que veio restringindo cada vez mais o campo da pesquisa (Preconceito é o característico comum às três escolas, mas distingue-as, por sua gradação ascendente) — a inglesa (Ciência Psíquica), a franco-italiana (Metapsíquica) e a germano-americana (Parapsicologia). Apesar do preconceito, os factos levaram esses investigadores às seguintes conclusões, o que é altiloquente, provindo de materialistas, alguns dos quais se tornaram espiritualistas, em face da verificação procedida, embora outros continuassem materialistas: 1.ª) os fenómenos são reais; 2.ª) trata-se de fenómenos naturais, provocados pelos espíritos dos mortos, através dum médium — para a minoria; 3.ª) trata-se de fenómenos paranormais, provocados pelo inconsciente do próprio médium—para a maioria.

★

O Dr. Campos Vergal é médico e representa, como deputado, o Estado de São Paulo no Congresso Nacional Brasileiro.

★

Há dezassete anos Milton de Andrade colecta dados para elaborar um «Tratado de Ciência Espiritualista», a ser publicado sob a égide da *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*, no qual pretende reunir o máximo possível de fenómenos espiritas, investigados por médicos em geral; neuropsiquiatras, psiquiatras e neurologistas em particular; psico-somatistas, psicanalistas, psicólogos, metapsiquistas, parapsicólogos, pesquisadores psíquicos, neurofisiologistas, fisiologistas, físicos, químicos, bioquímicos e engenheiros; escritores, jornalistas e personalidades de grande projecção, na administração pública e na sociedade. Foi isso que lhe possibilitou indicar, nos considerandos do anteprojecto, as credenciais que melhor recomendam as personalidades mencionadas, bem como sua nacionalidade e sua profissão de médico.

✲

A única sociedade de investigação psíquica da capital brasileira é a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* (Avenida Rio Branco, n.º 4 - 15.º andar - Salas 1.504/5/6). Considera ela o fenómeno espirita, em tese, como real; mas *adopta a dúvida por princípio:* cada fenómeno deve fornecer, por si, os elementos de convicção, quanto à sua realidade.

**FIM**

Nota da Redacção — *O projecto que aí fica pode não passar de tentativa vã ao ser apresentado à Assembleia Legislativa, onde se têm discutido e aprovado coisas de somenos importância. O que não se pode negar é o critério esclarecido e esclarecedor que presidiu à sua redacção, assente em rigor histórico.*

*Sabíamos que Milton de Andrade tinha entre mãos um trabalho exaustivo de análise e investigação que virá preencher importantes lacunas, ou pelo menos abrir novos caminhos às Ciências Psíquicas. Por isso não nos admiramos de o anteprojecto apresentado pela Sociedade de Medicina e Espiritismo revelar tão grande objectividade.*

# O JORNAL E O FANTASMA

Os membros do *Isle of Man Weekly Times* estão convencidos, e escreveram-no em letras maiúsculas, que os seus escritórios, velhos de cem anos, estão assombrados. Dois deles viram uma aparição, outros ouviram-lhe os passos, os cépticos podem zombar e os cínicos mofar, mas o director assegura aos leitores não se tratar de maneira alguma de qualquer «caixa» jornalística: «representa, sim, o testemunho e a fé de homens e mulheres que, não sendo médiuns profissionais, estão perturbados pela certeza de que um espírito atormentado manifesta a sua presença». Assim diz o artigo, o relato que Arthur Moore escreveu para os seus leitores e do qual damos abaixo uma versão abreviada.

«Começou o caso com a estranha e singular experiência da nossa mulher de limpeza, Mrs. Elizabeth Leece, que vive no n.º 92, Lord Street, Douglas, e me forneceu toda a matéria acerca do espectro do edifício do *Times*.

«Idosa, de cabelos grisalhos, Mrs. Leece é natural de Liverpool e mulher decidida e prática, nada fantasista e que veio trabalhar para o edifício deste jornal, pouco depois do jornal *Examiner* ter daqui saído. É nisto que residem (quanto a mim) os contornos mais importantes do seu «depoimento».

«Nunca conhecera ou discutira com qualquer pessoa ligada ao *Times* e desconhecia que alguém relacionado anteriormente com o jornal, há 50 anos ou mais residisse no último andar da parte velha do edifício. Nunca pusera os olhos sobre fotografias dos antigos sócios da firma original e ignorava tudo da quase esquecida lenda relativa ao fantasma dos escritórios do *Times*.

**Sean Kenny, o repórter que viu o espírito no seu escritório**

«No entanto — no dia seguinte à noite do que só pode ser classificado como terrível experiência para uma mulher da sua idade — descreveu-nos o espírito que, dizia ela, lhe tinha aparecido e cujos pormenores concordavam com a descrição de alguém que alguns de nós conhecêramos bem durante a vida.

«Tenho experimentado as faculdades de memória e a exactidão de Mrs. Leece diversas vezes após a noite da sua prova e sempre o seu relato foi imutável nas afirmações. Eis, portanto, aqui o que me relata:

«Numa 6.ª feira à noite, às 9 horas e há cerca dum mês, estava quase a terminar a limpeza do compartimento dos repórteres do *Times* e encontrava-me no umbral da porta, de costas para o patamar escuro, quando, sùbitamente, senti qualquer coisa fria atrás de mim. Voltei-me e olhei ràpidamente para a escada de ligação com o telhado e na curva dos degraus vi o contorno transparente dum pequeno e entroncado homem de idade, que parecia usar pequena barba e envolver-se numa luz brilhante, inclinando-se sobre o corrimão para me fixar bondosamente.

**SERÁ MÉDIUM?**

«Tudo isto eu aprendi enquanto lá permaneci durante segundos, petrificada pelo medo. Depois larguei a vassoura, lancei-me escada abaixo e só parei em casa, na rua Lord Sheet, verificando que trazia o avental, por não ter tido tempo de ir buscar o casaco ao escritório, tal a minha pressa».

Perguntei-lhe então se já tinha tido qualquer experiência igual ou parecida e ela respondeu:

— Sim! Depois da morte de minha mãe, em Liverpool, vi-a durante alguns minutos sentada numa cadeira de braços, junto ao fogão.

— Não tem medo de trabalhar sòzinha no *Times*, depois do pessoal sair?

— Não o tenho agora — respondeu-me — porque não acredito que uma pessoa veja o mesmo fantasma duas vezes. Mas estou certa de que outra pessoa o verá em qualquer noite.

O repórter Sean Kenny do *Times* e do *Examiner* é um irlandês de meia idade e ainda muito sensível. A sua função principal é enfrentar os factos, e sendo um devoto católico foi a única pessoa que com Mrs. Leece, entre o pessoal, viu até agora o espectro. E viu-o alguns meses antes da experiência de Mrs. Leece, mas até agora guardou para si o relato da sua dramática cena com receio que os seus colegas jornalistas troçassem dele.

Eis aqui a história do nosso colega Kenny:

«Pode ser que eu, sendo irlandês, seja tabu e que se traduza isso pelo indesejável dom de ver o que os outros não vêem e muitos diriam ser alucinação. Umas certas *claques* que cìnicamente me dizem que sempre souberam que estive junto «do homem do varandim».

«Mas, com toda a franqueza, Artur, eu não quero saber do que eles pensam, porque sei o que vi. E sei o que experimentei e nada me convencerá de que não estive temporàriamente na presença dum espírito, porque eu só vi essa figura sombreada durante os momentos que antecederam a minha rápida partida do edifício do *Times*. Mas cá fora, em Athol Street, encontrei-me banhado em suor frio — de puro medo. E o caso foi assim: eu estava só no *Examiner* sentado na sala dos repórteres, escrevendo à má-

quina, cerca das 11 horas da noite. O escritório fica junto à passagem onde Mrs. Leece se encontrava, quando viu a aparição, e a minha janela dá para Athol Street e fica junto à mesa do telefone.

**OLHOS FIXOS**

«O recanto, alguns centímetros longe de mim, é ocupado por um velho cofre que julgo ter pertencido muitos anos aos primitivos proprietários do *Times* e que está agora cheio de velhos documentos. Eu estava escrevendo o meu artigo para o jornal, quando, sùbitamente, senti o quarto a tornar-se muito frio. Continuei a escrever, mas cada vez mais contrafeito, até que pressenti que alguém me vigiava.

«O compartimento estava imerso em escuridão, excepto no sítio da luz da secretária. Levantei-me e acendi todas as lâmpadas, voltando ao meu trabalho, sempre com aquela horrível sensação de ser espiado. Sentia-me envolto em ondas de frio e comecei a tremer.

«Por fim arranquei a última página e recostei-me na cadeira. Maquinalmente olhei para o recanto do cofre — e foi então que o vi... — uma figura nevoenta, mas suficientemente visível para divisar os seus olhos envidraçados que pareciam trespassar-me. Senti-me um momento, petrificado, o suor escorrendo-me pela face, a minha mão buscando o rosário para murmurar uma oração. A figura desapareceu e então corri. Sim! — corri para fora do escritório; mas ao chegar à porta senti um ruído. Olhei para trás e vi que o estuque, junto ao cofre, precisamente no lugar do fantasma, tinha caído no chão.

«Depois de refeito fui a Santa Maria rezar pela pobre alma que não podia descansar.

«Quando voltei ao escritório na manhã seguinte o canto do pavimento estava juncado de estuque...

«É esta, Artur, a minha história. Se já tinha visto uma aparição antes desta? Sim, uma vez na costa oeste da Irlanda...

«Vi e ouvi a Banshee — a mulher de roupas brancas — fora da janela da casa do meu melhor amigo. Nessa mesma noite o pai do meu amigo morreu».

O repórter Kenny fez uma pausa e acrescentou:

— Estou convencido de que vi o espectro do *Times*. E lembro-me de ouvir passadas no gabinete do director, onde não estava ninguém — como as ouviu uma das nossas empregadas.

**PASSOS LIGEIROS**

Seguiu-se o solene testemunho do repórter John Quirk, que me disse:

«Quando há anos e em determinada noite pensei que estava só, ouvi inegàvelmente passadas vindas da parte alta do edifício. Concluí que qualquer secretário também trabalhava àquela hora e chamei-o, sem resposta. Fui investigar e fiquei atónito ao ver uma sombra na escada e ouvir os passos afastarem-se, por isso que agora sabia não estar ninguém nas cercanias. Estou convencido de que Mrs. Leece viu, de facto, algo de sobrenatural.

A co-directora do *Times*, Miss Alice Haywood Rylance, é uma jornalista prática e experimentada que trabalhou durante três gerações, neste edifício. O seu gabinete situa-se entre a parte velha do edifício e as novas secções; e diversas saídas, de direcções opostas, dão para duas escadarias convergindo para a tipografia em baixo. Muito simplesmente Miss Rylance disse-me que não costuma, quando só, utilizar o corredor e as escadas da parte velha do local.

**INFELIZ**

«Mrs. Flo Stafford, a popular encarregada do R. A. F. A. Club Dunglas é a esposa do chefe de redacção do *Times* Lancastrian Tom Stafford e também mulher de firmes convicções religiosas.

Eis o que ela me contou:

«A minha primeira visita ao edifício do *Times* fi-la com meu marido há cerca de cinco anos, à noite, enquanto ele fornecia original para a redacção. Quando chegámos ao primeiro andar disse-lhe: «Não gosto disto, é triste. Perguntou-me o que queria dizer, mas só o posso replicar dizendo que tenho por vezes profundas experiências espirituais e que sou muito sensível». Devo acrescentar que Mrs. Stafford só soube do fantasma depois da aparição a Mrs. Leonce e que seu marido não utiliza mais o salão dos repórteres quando o edifício está deserto.

«Mas só foi às 10 da noite desse dia de Setembro passado que eu tive a prova pessoal dum incidente invulgar no edifício do *Times*. Tinha prometido telefonar a Miss Margaret Tregellis, ao tempo trabalhando em Port Erin, e estava já um pouco atrasado quando abri a porta do andar de baixo em Athol Street e sem parar para estabelecer a luz peguei num dos telefones e liguei para Port Erin.

Miss Tregellis, uma inteligente testemunha, respondeu. Mas antes que pudesse falar-lhe, ouvi como que fortes pancadas no soalho. Pedi-lhe então que aguardasse um minuto e fui lá, encontrando tudo às escuras e sabendo eu que era a única pessoa viva no edifício. Ao voltar disse a Mrs. Tregellis que me parecera ouvir ruídos, ao que ela respondeu: «Também ouvi distintamente três pancadas».

Portanto, não engendrara eu, por sugestão, as pancadas e, ardendo em curiosidade, pedi a Mrs. Rylance que ficasse junto ao telefone e fui ao primeiro andar bater com os pés três vezes no soalho. Mrs. Rylance e outra pesoa ouviram logo o ruído que fiz. E se bem se recordam o portal da sala dos repórteres foi o sítio onde Mrs. Leonce viu o espectro. Doutra vez o telefone tocou longamente e, ao atender, uma voz masculina perguntou-me o número que desejava.

**NÃO HOUVE CHAMADA!**

Disse-lhe que o telefone tocara. Mas ele insistiu que ninguém estava na linha. Minutos depois, a campainha tocou outra vez, mas o som vinha agora do compartimento contíguo — e mais uma vez o operador me disse não haver chamada. Mas apenas me sentei de novo à secretária uma terceira campainhada soou — desta vez do gabinete dos directores do *Times* — o mesmo onde o repórter Kenny ouvira as passadas. Quando o operador me perguntou o número, gritei-lhe: «Escute! Não ouve o telefone a tocar?» — ao que me respondeu: «Sim, há uma campainha a tocar, mas a sua linha está livre. Ligue para as Informações».

Isto deu em resultado a vinda dum engenheiro da Companhia para verificar os telefones do edifício, sem encontrar falta alguma.

E assim devo confessar pessoalmente que, se não vi a aparição lendária no jornal, foi porque acredito talvez que quando «a suave, escura e incessante cortina» desce, os que morrem estão separados para sempre dos que vivem...

**(Do «Psychic News» de 10 de Janeiro de 1959)**

# E D E P O I S ?

Por Cyrilo Alleixo

*Ao entrar num cemitério, entre túmulos e mausoléus, ou ante as campas dos que tombaram sob a foice da morte, quem não há experimentado um sentimento misto de respeito e de mistério? Quem não há sentido fervilhar no cérebro um turbilhão de ideias, numa ansiosa espectativa, perante a incógnita da morte?*

*O pensamento mergulha então nas sombras do desconhecido e, depois de uma breve pausa no torvelinho da vida, sai-se no geral, dali pressuroso, procurando-se esquecer lá fora, o problema acabado de enfrentar.*

*Nesses recantos solitários, onde a brisa arranca aos arbustos notas esparsas duma melodia ignota e onde as silhuetas dos jazigos parecem pormenores duma tela invulgar, sente-se bem viva a eloquência da solidão, numa linguagem que nos empolga e nos faz pairar acima do complexo de ilusões que o mundo tem.*

*É a voz dos que o tempo ali transformou em pó, cinza e nada, linguagem muda mas vibrante, conduzindo o pensamento às esfíngicas barreiras do além.*

*Dores, alegrias, esperanças e desenganos, todo esse fervilhar de paixões e sentimentos que alimenta a vida, ali jazem em sete palmos de terra, onde os vermes se locupletam num eterno festim.*

*E os ignorantes e timoratos desviam o rosto, fugindo dali como de um pesadelo, sem coragem para se debruçarem por mais tempo nessa fresta aberta sobre mistérios que se lhes afiguram insondáveis, procurando longe dali o olvido para o que viram e sentiram.*

*O bulício da vida prestes vem abafar a grave voz de além-túmulo, pondo, assim, ponto final às suas lucubrações, até que um dia terão de transpor a barreira fatal, para, por sua vez, servirem de alvo às gerações vindouras, nas suas meditações sobre o enigma da morte.*

*Para que desprezarmos um problema de interesse geral? Para que aturdirmo-nos na agitação mundana, se a hora final há-de soar para todos, infalìvelmente?*

*Não será mais sensato prepararmo-nos para enfrentá-la, a fim de não sermos colhidos de surpresa?*

*Certo, ninguém procura empreender uma viagem de vulto, sem prèviamente se ter preparado para isso e, no entanto, é assim que a maior parte dos mortais procede, quanto à viagem de além-túmulo.*

*Rir-se-ão, talvez, os materialistas, declarando-se já preparados para ela, uma vez que, segundo seus pontos de vista, a morte é o aniquilamento total do ser e, portanto, o nada nos aguarda, após o último sopro vital.*

*Mas em que baseiam eles essa convicção? Porque não admitir a hipótese de poderem estar enganados, preparando-se, pois, para o que der e vier? Assim, se o nada lhes não estender as mãos, não ficarão desorientados, uma vez que na posse da bússula do conhecimento, saberão orientar-se no novo estado em que a morte os colocou.*

*Ante os despojos dos que nos antecedem na grande jornada, quem não terá sentido uma como que voz, vinda sem se saber de onde, ecoando em nosso âmago com estranha ressonância, qual vibrante clarim, convocando-nos ao silêncio e à meditação: E depois?*

*Magnífica oportunidade essa, que todos deviam aproveitar, procurando esclarecer-se acerca de um fenómeno tão natural, cuja má interpretação acarreta para a humanidade avultados prejuízos, mergulhando-a na psicose de um inveterado sentimento derrotista.*

*E depois? Após alguns momentos de espectativa ante tão gélida incógnita, não há dúvida que a maioria dos homanos, pronto põe termo a tal estado de alma, virando costas a questão tão transcedente e fugindo lèpidamente das sombras que se iam adensando em suas mentes perplexas.*

*E de novo no tumultuar do mundo, ràpidamente esquecem essa voz misteriosa que os convidava à meditação, procurando evitar tudo que seja susceptível de colocá-los de novo em estados semelhantes.*

*Mas o tempo passa célere e esse momento inevitável, tão temido quão desprezado, eis que chega um dia, obrigando-os a franquear também esse portal enigmático, ante o qual sentem o pavor do desconhecido, pela ignorância em que deliberadamente mergulharam.*

*O arrependimento surge então, por se terem esquivado à luz que podia iluminá-los e, quais crianças ignorantes e medrosas, deambulam no Além desnorteados.*

*Mas o conhecimento relativo à desencarnação, não interessa sòmente a esse fenómeno, sendo de inestimável valor em qualquer altura da vida, por nos conduzir a uma vasta e profunda ciência, cujos admiráveis postulados condicionam a nossa felicidade.*

*A questão é saber-se se depois da morte há ou não qualquer coisa; se é o nada, ou uma outra modalidade de vida que nos aguarda após a nossa imobilidade final.*

*Crê-se, no geral, ser impossível chegar-se a uma conclusão definida, porque, diz-se, nada se pode saber de positivo, enquanto o véu da carne não for rasgado e os que já passaram por essa operação nada nos dizem a tal respeito.*

*Este modo de ver é actualmente tão frágil, que não resiste ao escalpelo da nova ciência.*

*Prova-se hoje, experimentalmente, que a vida não cessa nos sarcófagos, nem em parte alguma, por ser eterna, embora assumindo aspectos vários no universo visível e invisível.*

*Seria, de facto, absurdo, ver terminar num coval, tudo o que constitui a nossa personalidade, todo esse mundo palpitante de vida, extinguindo-se ali para sempre, com a desagregação do edifício celular.*

*Se tal sucedesse, se o nada fosse o remate da vida, aonde iríamos encontrar o estímulo para nos aperfeiçoarmos e a coragem para enfrentar a adversidade?*

*Sob o império de tal ideia, sem um freio que não viesse conter nossa parte animalesca, prestes o mundo assumiria um aspecto caótico, num frenesi diabólico pela*

posse de todos os gozos, antes que a parca nos retirasse para sempre do plano da vida.

Ideias de bondade, perfeição e nobreza, seriam relegadas para o plano das quimeras e os seus detentores encarados como produtos mórbidos, num meio em que a astúcia e a força bruta seriam os predicados indispensáveis para triunfar.

Se o berço e a tumba fossem, de facto, os limites da vida, este orbe seria um inferno, uma desolação, sem alvo e sem rumo, vogando num mar de indiferença colectiva, nada mais se ambicionando do que apreveitá-la o melhor possível em todas as seduções do mundo.

Sem temor de qualquer espécie, não haveria um freio capaz para conter os abusos e desregramentos e, assim, o egoísmo e as ambições inferiores dominariam uma humanidade constantemente apavorada, com a ideia de que a morte viesse de um momento para o outro cortar para sempre o fio da vida.

A crença num céu e num inferno «post mortem», não é, porém, mais consoladora. Isto de o destino se decidir irrevogàvelmente durante uns breves momentos na eternidade, que são os anos da nossa vida, por mais longa que seja, não se coaduna com a existência dum Ente supremo, todo amor e justiça.

Porque condenar para sempre, em vez de nos serem facultadas novas oportunidades, para nosso resgate e progresso?

Qual o pai amoroso, que neste planeta seria capaz de proceder tão cruelmente? Admitir tal conjuntura, é ter do Criador uma mesquinha concepção, é torná-lo inferior a muitos dos seus filhos, a cuja sensibilidade repugna a ideia de tormentos sem fim.

Mas não. A bondade e a justiça divinas são infinitas e assim, em vez de destinar a eternidade à punição ou à recompensa dos que o curto espaço de uma existência colocou na condição de réprobos ou de eleitos, Deus a reserva ao nosso aprimoramento anímico, facultando-nos, para isso, tantas oportunidades, quantas as necessárias para atingirmos a perfeição.

O facto de o Criador não querer se perca uma só ovelha do seu rebanho, no dizer desse sublime espírito que foi Jesus, é uma prova flagrante da inexistência de penas eternas.

A humanidade tem custado a sacudir-se da poeira milenária dos erros e superstições que a envolvem, mas o sol da verdade vai dissipando aos poucos o nevoeiro da ignorância, abrindo amplas clareiras, por onde a luz se precipita, ávida de revitalizar um corpo moribundo, minado de fraquezas e mazelas.

Em sua obra, dum primor inexcedível, o Criador nos concede as existências necessárias para alijarmos a carga das imperfeições que nos retêm cá em baixo, a fim de podermos ascender a planos cada vez mais elevados, onde a vida assume aspectos progressivamente mais belos e mais santos.

Uma só vida, ainda que centenária, seria insuficiennte para o fim em vista, razão por que o Incriado nos patenteia um sem número delas, aprendendo-se em cada uma um pouco da grande lição de amor e conhecimento, que constitui a finalidade de todos os seres.

Como seria possível em algumas dezenas de anos, por mais virtuoso e esclarecido que se fosse, atingir um estado de absoluta perfeição?

E que dizer de tantas criaturas rudes, espalhadas pelo globo, pouco mais do que simples amontoados celulares, ainda, pràticamente, em bruto?

Seria tão absurdo, como pretender reduzir-se a um só ano, ou mesmo a uma única lição, um curso escolar que demanda vários anos de aprendizado, ou a um só dia, o tirocínio necessário à obtenção de qualquer cargo ou ofício.

Na obra do Criador, não há saltos nem lacunas; tudo é regido por leis harmónicas e equitativas, desenrolando-se o plano da criação segundo uma linha ascencional, embora à limitadíssima percepção humana, condicionada ainda pela noção do tempo e do espaço, pareça haver muitas vezes quebra de harmonia.

Assim, as pessoas bondosas, aquelas que passam a nossos olhos como modelos de virtudes e nos dão a impressão de nada mais precisarem de aprender, pelo menos no tocante ao coração, mesmo essas estão longe de terem terminado o seu labor. Quando muito, terão aprendido tudo o que este planeta lhe pode ensinar, encontrando-se assim preparadas, para fazerem a sua admissão em escolas superiores, sitas nesses inumeráveis astros, espalhados pelo infinito.

Tudo é relativo e essas pessoas bondosas, muito terão que aprender ainda em esferas sucessivas, onde ingressarão como alunas das classes iniciais, até terem atingido um grau de aperfeiçoamento tal, que, qual diploma após um curso, as dispense definitivamente do retorno à carne, libertando-as assim para sempre, do ciclo das reencarnações.

Passaremos então a viver exclusivamente no plano espiritual, até alcançarmos a finalidade suprema: o ingresso no Foco de onde somos originários.

Este mundo pertence ainda à categoria dos planetas atrasados e, para nos servirmos duma pálida comparação, é para nós o que a escola primária é para a sociedade, empenhada em desbravar almas infantis, por meio de conhecimentos bastante rudimentares.

Mas, como tudo, está sujeito à lei da evolução, pelo que, na devida altura, terá de subir também na hierarquia dos mundos.

A efervescência dos tempos modernos, não é mais do que o efeito de vastas transformações, que hão-de promove-lo a orbe redimido.

O conhecimento destas verdades, ocultas sob o bolor dos erros e convencionalismos, abre novos horizontes à alma humana, mergulhada até hoje na noite de uma ignorância que parecia interminável, permitindo-lhe avançar de passo firme, na senda que tem a percorrer.

A ideia da divindade se sublima e assume aspectos nunca antevistos, fazendo-nos curvar contritos ante aquele cuja solicitude por seus filhos é ilimitada, rodeando-os de todas as precauções para não se transviarem no caminho.

A morte não existe, proclama hoje a nova ciência, mas que esse brado jubiloso se não limite a libertar-nos desse longo pesadelo, pois que, à luz do espiritualismo moderno, compete-nos aproveitar cada existência o melhor possível, na eliminação de defeitos e aquisição de virtudes, em porfiados esforços de crescente sublimação, porque, sendo as vidas solidárias entre si, cada uma delas será fatalmente a lógica sequência da anterior, colhendo-se, portanto, conforme se houver semeado.

Nada de fatalismos, réprobos ou predestinados, mas seres dotados de livre arbítrio, dos quais depende o seu próprio destino, de acordo com a escolha que fizerem entre o bem e o mal, patentes em todas as circunstâncias da vida.

Relativamente pouco conhecida

# FERNANDO PESSOA, A MÁSCARA E O ESPIRITISMO

**Por RUI ALMEIDA**

Fernando Pessoa sentiu-se sempre atraído pelo Espiritismo. Em certa fase da sua vida chegou mesmo a cometer a leviandade de o querer tornar um passatempo de família, o que poderia ter sido perigoso por falta de rigorosa direcção científica.

Pois bem. Este escritor distinto usou muitas vezes, como ele próprio um dia confessou, de uma forma suprema de ironia: o dizer-se uma coisa, quando se quere dizer precisamente o contrário. Era a isso que ele chamava «ironia civilizada». Para cúmulo, ia ao ponto de usar outros nomes, acabando por desorientar completamente o leitor desprevenido.

No caso que vai citar-se foi o Espiritismo o tema e Fernando de Castro foi a máscara. Pessoa, na pele de um tradutor autêntico de Annie Besant escreveu em nota marginal às «Conferências Teosóficas»: «Inconvenientes resultantes das comunicações espiritas para as entidades que comunicam intensificação das suas paixões e desejos inferiores pelo facto de voltarem a sua atenção para a vida terrestre, atraso na sua evolução espiritual, e muitas vezes o doloroso despertar de lindos sonhos em que a entidade está mergulhada. Para o médium e circunstantes: diminuição da vitalidade, desorganização orgânica, perturbações no funcionamento do sistema nervoso cardio-vascular, nas funções psíquicas e finalmente a loucura».

Veja-se entre outras a obra do Dr. Marcel Violet «Le Spiritisme dans ses rapports avec la follie». Por este facto a Teosofia condena as comunicações espiritas como sendo prejudiciais, tanto aos habitantes do plano astral, como aos do plano físico, mas, note-se bem, condena baseada exclusivamente em dados científicos e não sobre uma pretensa intolerância. De resto, o estudante dos mistérios menores preferirá o método oculto adquirido pelo desenvolvimento da sua natureza espiritual conforme o indica a sua ilustre autora. Quanto às fraudes, estas podem ser físicas e extrafísicas. As últimas são devidas a forças astrais etéricas, espíritos da natureza, cascas, sombras, elementais, etc. Tudo isto nos pode intrujar e enganar!

Dir-se-á que é um líbelo o que acima fica. Mas não é. É uma defesa. Basta que, fundamentados no sentido da «ironia civilizada», nós troquemos o sinal a tudo quanto ele diz.

A comunicação com os espíritos do Além, bem conduzida, é favorável pois não só eleva os habitantes do plano físico pela recepção de mensagens superiores, como eleva os habitantes do Além que se sentem escutados e amados para além da morte, ou melhor, para além das mortes.

A evolução espiritual duns e doutros só beneficia com o contacto.

Quanto ao «doloroso despertar de lindos sonhos» parece inspirado pelo «morrer, dormir, sonhar talvez!» do Hamlet neurasténico. Os espíritos que nos buscam porque nos amam experimentam um suplício de Tântalo ante a nossa indiferença e sentem-se felizes, quando nós temos a consciência de um reencontro. Os médiuns e circunstantes não estarão condenados a nenhuma «desorganização orgânica», se a sua actuação for plenamente científica.

Pelo contrário, serão mesmo superiores a si mesmos, super-homens conscientes, se desenvolverem as suas aptidões adentro das lições da Psicologia Transcendente e de acordo com os ditames da Medicina.

Sucede até que, ao contrário da letra de Pessoa, mas de acordo realmente com o espírito do texto, estarão assim muito mais livres de cairem na loucura, que quaisquer outros mortais.

Só onde a Ciência for desrespeitada haverá perigos.

Fala Pessoa na Teosofia. E nós apenas perguntamos isto: quem foi Blavatsky, senão uma grande médium?

Esse «desenvolvimento da natureza espiritual» não será justamente o desenvolvimento em alto grau das qualidades mediúnicas?

A ária das fraudes está estudada. E por ela se confirma realmente que Pessoa não fala a sério. Ele alude às forças astrais etéricas, aos espíritos da natureza... Mas as fadas, os gnomos, as ondinas amam-nos e servem-nos e nós não pretendemos captar forças maléficas.

Quanto ao resto («cascas, sombras, elementais, etc.») é já um sorriso do Poeta.

Lembremos, pois, com Saudade, este grande Artista tão irónico e tão amigo de se mascarar e cujo nome significava etimològicamente «Máscara»... Lembremo-lo com saudade. Foi sempre muito mais atraído pelo Espiritismo, que pela Teosofia.

---

*ainda a lei das vidas sucessivas, principalmente no ocidente, foi ela objecto de atenção das grandes escolas filosóficas do passado, encontrando-se essa crença muito espalhada no oriente, onde a lembrança das existências pretéritas é relativamente frequente.*

*Grandes vultos do passado a perfilharam, como Vítor Hugo, Alexandre Dumas, Walter Scott, Ponson du Terrail, etc., e alguns, como Lamartine, segundo o seu livro: «Voyage en Orient», viram ressurgir das profundezas da consciência a lembrança das vidas pretéritas, ao visitarem, pela primeira vez, certos locais, onde aquelas se haviam desenrolado.*

*Uma das objecções à doutrina da pluralidade das existências, consiste no facto de não nos recordarmos das vidas anteriores, objecção essa assaz inconsistente e que não resiste aos actuais conhecimentos da ciência espiritualista, esquecimento esse aliás indispensável ao aperfeiçoamento anímico.*

*Tais recordações encontram-se, porém, indelèvelmente gravadas na subconsciência, prontas a aflorarem na zona do consciente em determinadas circunstâncias, sem falar daqueles casos em que se patenteiam com maior ou menor precisão, durante a primeira infância.*

*A ciência espiritualista conta hoje com valiosas obras de estudo, legadas por infatigáveis investigadores, que a humanidade precisa de conhecer e nelas meditar, para sair do labirinto inextricável, em que o materialismo a colocou.*

# A Festa da Primavera no Cen

O dia 21 de Março é assinalado nos calendários como o início da Primavera, da estação do Sol, dos campos verdejantes, das flores perfumadas e dos frutos apetitosos! Mas o calendário é uma coisa e a realidade é outra, por vezes bem diferente! Foi precisamente o que sucedeu este ano em que a Primavera surgiu chuvosa, enevoada, quase nos fazendo esquecer que estávamos em fins de Março.

**Manuel Canaveira e Jorge Raimundo num dueto de anedotas que fez desopilar o fígado à assistência**

No passado domingo, 22, o tempo melhorou; porém, o Sol brilhou e um perfume de Primavera, ainda que ténue, pairou nos ares! Dir-se-ia que o Senhor Tempo, sabedor da nossa Festa, não quis que a sua amiga Primavera ficasse mal vista...

Como é habitual, muito antes da Festa começar já as nossas salas se encontram completamente cheias. Eram 14.30. Portanto, uma hora antes já havia pessoas na sala, que não queriam perder o assento! Sim, porque cerca das 15.30 uma cadeira disputava-se dificilmente!

Quando António Cardoso subiu ao estrado, não havia espaço vazio! Salas, corredores, o próprio gabinete da Direcção encontrava-se superlotado por um público conhecedor da categoria destas nossas realizações. A Festa abriu com D. Maria Amélia Rebelo da Silva, que tocou ao piano Le Dieu Acton! Ângelo da Costa Cabral proferiu em seguida a Saudação da Primavera. Em curta mas vibrante alocução falou-nos do significado astrológico desta data! Maria de Lurdes Lima, com o seu sorriso gentil e alegria comunicativa, cantou e encantou a assistência com a sua Saloia Moderna! Jorge Raimundo declamou em seguida dois sonetos. Ziza Dional, com sua voz inconfundível, deliciou-nos com um Sonho de Amor!

O prof. Coelho de Sousa, além de naturista e espiritualista distinto, é um cultíssimo discípulo de Robert Houdin e para o qual as Ciências de Subjugação dos Sentidos não têm segredos! Mais uma vez este nosso confrade teve ensejo de mostrar a sua Arte e os seus conhecimentos em duas interessantes ilusões, tendo dedicado a segunda (o Jarro de Leite) ao seu colega da A. P. I. (Academia Portuguesa de Ilusionismo) António Cardoso. Escusado será acrescentar que foi vibrantemente aplaudido.

Mário Moutinho é outro elemento que nunca dispensamos. A sua voz quente, bem timbrada, é sempre com prazer que a escutamos. Desta vez interpretou De Degrau em Degrau.

Fazer rir não é coisa fácil! Quantas vezes vemos um filme cómico, e, em nosso semblante, nem um simples sorriso se desenha! Quantas vezes nos contam uma anedota considerada muito boa e não nos impressiona e rimos com gosto com outra bem simples! E isto tudo, evidentemente, porque há pessoas que têm um poder de comunicabilidade enorme e outras quase nulo! Lembremo-nos do caso do Artur Agostinho que, mesmo com uma anedota fraca, consegue arrancar francas gargalhadas a centenas de pessoas! Isto vem a propósito dos confrades Jorge Raimundo e Manuel Canaveira, autênticos virtuoses na forma de contar anedotas! Sempre que se anuncia o seu aparecimento, a assistência ajeita-se melhor nas cadeiras e apura o ouvido, sabendo de ante-



E. Psiq. Abril/59

# INOLVIDÁVEL

# tro Espiritualista Luz e Amor

*mão que vai passar uns momentos de franca gargalhada. Foi o que mais uma vez sucedeu! Durante uns 10 minutos o público descongestionou o fígado, dispondo-o melhor para o resto do espectáculo.*

*Alberto Alves deu-nos depois um momento romântico com* Gostar de Uma mulher. *Luís Lima — cuja voz também muito apreciámos — cantou-nos depois dois números:* Da Janela do Meu Quarto *e* Senhora da Nazaré.

*Saber declamar é difícil, mas saber fazer versos que saiam fora da craveira normal, ainda é mais! Esboçar uma poesiazita em que se faça* paixão *rimar com* coração *todos o conseguem, desde os bancos da escola! Mas fazer algo de superior, que englobe Ideias e Sentimentos mais profundo e subtis, é coisa a que poucos se aventuram, porque, repetimos, não está ao alcance de qualquer poeta de café! Todos sabem rimar, mas poucos fazem um* Se *de Rudiard Kipling ou uns* Versos de Ouro *de Pitágoras! Ora Isidoro Duarte Santos é desses raros para quem cada Poesia deve ser uma mensagem, uma mensagem de Amor, de Espiritualidade, de Ideal!* A Nuvem, *que brilhantemente declamou, empolgou-nos, transportou-nos a regiões etéreas. O público compreendeu bem que aquilo era Poesia com P maiúsculo e por isso no final não se cansou de o aplaudir.*

*Manuel Canaveira voltou ao estrado, não para contar anedotas, mas para tocar uma selecção de canções! Maria Ernestina Massano, a tal jovem considerada* incurável *(!?) a que já fizemos referência em números anteriores, voltou ao Centro Luz e Amor, desta vez num género diferente. Declamou* Poema *da conhecida poetisa Natércia Freire.*

*D. Alice Pancada é uma artista lírica que nunca nos cansamos de ouvir! A sua escola e a sua voz são sobejamente conhecidas de todos, espiritas e não espiritas. Há muito tempo que não tínhamos o prazer de a ter em nossas festas recreativas e por isso foi com viva simpatia que a vimos subir o estrado do* Centro Luz e Amor, *para nos cantar uma* Ave-Maria. *Maria de Lurdes Lima declamou em seguida* Alcacer-Quibir, *com um talento do qual muito há a esperar.*

*Seguiu-se depois mais um momento de boa-disposição, de franca gargalhada, com os nossos inseparáveis colaboradores Fernando Santos e Humberto Marques. A sua presença em qualquer festa é sempre solicitada; tanto assim que já nos tinham perguntado se não teríamos a sua colaboração. E nesta sua primeira actuação fizeram uma engraçada rábula, durante a qual Fernando José dos Santos cantou* Anúncios de Casamento *e* Rendas de Casa, *acompanhado à viola por Humberto Marques.*

**Madalena Lacombe, neta da grande metapsiquista Madame Lacombe, declama «Súplica», de sua autoria**

*Tivemos depois a primeira estreia: Rafael Ferreira — uma bela voz e uma presença agradável — que cantou duas canções, uma delas tirolesa, acompanhadas à viola por Humberto Marques.*

*Falámos há pouco na categoria indiscutível das nossas festas e todos sabem que não é exagero. Depois da artista lírica Alice Pancada, do artista de Rádio e Televisão Fernando José dos Santos, aparece-nos agora Pedro No-*

ronha, artista da Emissora Nacional. Cantou Mama (leia-se mámá) e, como sempre, foi justa e delirantemente aplaudido.

Mais uma estreia (há sempre estreias em todas as nossas festas ...): Aventino da Silva! Cantou-nos Alcoa. Pelas palmas verificámos com agrado que a assistência gostou! António Cardoso declamou em seguida O Cavalo das Touradas, de Eugénio George. D. Maria Amélia Rebelo da Silva tocou ao piano a valsa Recordação, de sua irmã Almerinda Rebelo da Silva, para quem António Cardoso pediu também uma salva de palmas. Fernando Ferreira, apesar de se encontrar doente, não quis regatear a sua colaboração a esta festa, e bastaria este facto para lhe estarmos imensamente gratos. Declamou A Manta de Farrapos!

**António Cardoso numa sorte de ilusionismo**

É cada vez com mais prazer que vemos e ouvimos Maria de Lurdes Lima! Artista da Rádio-Peninsular, tem hoje já público certo! O seu sorriso e graça torna-nos melhores, mais optimistas, isto em flagrante contraste com o aspecto carrancudo de certos indivíduos que sempre que falam ou aparecem poem-nos mal dispostos! Profetizamos — e dizemos isto com verdadeira sinceridade — que Maria de Lurdes Lima há-de ter um futuro brilhante, cheio de grandes triunfos!

Seguiu-se — conforme afirmou António Cardoso — o momento culminante da Festa! António Cardoso, depois de recordar a obra da saudosa Madame Lacombe, cujas experiências de materialização feitas entre nós foram sensacionais, lamentou que nunca mais nos nossos meios se tivesse falado dela ou de sua família.

— Pois bem, — afirmou em seguida — tenho a honra de vos apresentar a neta da saudosa senhora. Eis aqui Madalena Lacombe!

Sua neta surgiu e — será necessário dizê-le? — a assistência rompeu em quentes e vibrantes aplausos. Vivamente comovida em virtude daquela prova de carinho e admiração por sua avó, Madalena Lacombe declamou Súplica, de sua autoria.

António Cardoso apresentou em seguida dois números de ilusionismo: o Leque e a Moldura Partida, que dedicou, respectivamente, ao seu colega da A. P. I., prof. Coelho de Sousa e D. Madalena Lacombe!

Mais uma estreia ... a 4.ª: a pequenina Regina Maria, de poucos anos de idade, declamou de pé, numa cadeira, para ser vista por todos. Recitou A Boneca, isto é, declamou aquilo que é: uma autêntica boneca de carne e osso ...

D. Alice Pancada voltou ao estrado, agora para nos deliciar com uma Romanza! Em seguida António Cardoso apresentou uma adaptação do concurso O Dobro é para Você, com prémios em livros: «A Psicologia dos Animais», «A Electridade Cerebral», a «Metapsíquica», o «Poder da Mente» (de Rhine) e a «Magia do Hipnotismo», do nosso ilustre amigo Dr. Martins Oliveira, 1.º prémio da Literatura Mundial em Ciências de Subjugação dos Sentidos. Os assistentes espiritas só podiam responder a perguntas de Metapsiquíca e Espiritismo, e

**A pequenina Regina Maria, depois de recitar «A Boneca»**

*os não espiritas podiam responder a perguntas sobre este assunto ou de Cultura Geral. As perguntas e as respostas permitiram-nos tirar conclusões que aliás não nos surpreenderam: o público espirita português lê pouquíssimo!*

*Isidoro Duarte Santos já se tem lamentado deste panorama, mas infelizmente parece não ter sido compreendido. Perguntando-se, por exemplo, quem era o autor do livro* Resumo da Doutrina Espirita, *traduzido por Isidoro Duarte Santos, responderam: Allan Kardec! Perguntou-se a nacionalidade do Prof. Bikov e responderam:* Brasileiro, *etc., etc. É curioso assinalar que foram os de fora que ganharam todos os livros, exceptuando a consócia D. Isabel Ricardo, que ganhou um. Maria de Lurdes Lima ganhou* A Metapsíquica, *Fernando Nunes o* Poder da Mente *e Fernando Ferreira* A Psicologia dos Animais *e a* Magia do Hipnotismo.

*Maria Ernestina Massano voltou ao estrado para declamar* Deus nos Conhece *e Madalena Lacombe* Não és sentimental, *de sua autoria! Ziza Dional e Helder Padesca cantaram o «Dueto» da* Traviata. *Em* duo *ou em* solo, *Ziza Dional e Helder Padesca são artistas que muito apreciamos e que, desde as primeiras horas, nos têm sempre acompanhado.*

*António Cardoso declamou* Num Cabaré, *de sua autoria, seguindo-se-lhe D. Maria Amélia Rebelo da Silva em mais uma* Ave-Maria, *também de sua irmã. E de novo Fernando e Humberto — os reis da boa disposição — voltaram a deliciar-nos! Como na actuação anterior, agradaram plenamente, e também, como sucede quase sempre nas festas em que actuam, foram convidados a participar noutra que brevemente se realizará no* Instituto Espiritualista Português. *D. Gertrudes Marramaque Silva, que os convidou, disse-lhes:*

*— A vossa presença é indispensável. Agradecia muito que não faltassem!*

*Alberto Alves é outro elemento que desde há muito nos acompanha e que igualmente não dispensamos. Gostámos da sua* Ave-Maria de Gounot *e a assistência aplaudiu-o demoradamente.*

*E de novo Regina Maria subiu ao estrado, ou melhor, subiu à cadeira para declamar* Milu. *Alberto Alves volta agora com uma* Granada, *(não granada de mão, mas com uma granada ... de música).*

*E Maria de Lurdes Lima voltou a comunicar boa-disposição com o seu* Fado das Queixas. *Jorge Raimundo mostrou em seguida uma nova faceta das suas múltiplas possibilidades. Em* Momentos de Bom Humor *fez uma crítica sorridente a vários lugares comuns, a várias superstições e a certas atitudes ...*

*— É preciso fazer rir ensinando — dizia-nos, minutos antes.*

*E a verdade é que, com os seus* Momentos, *conseguiu plenamente o fim em vista! Parabens, portanto, a Jorge Raimundo!*

*Alberto Alves cantou em seguida* Matinata.

*E a festa terminou com Helder Padesca na* Canção à Primavera, *cuja letra fora escrita de propósito para esta Festa pelo próprio cantor, por gentileza para connosco, o que muito nos sensibilizou.*

*António Cardoso, agradecendo no final a colaboração de todos, referiu-se em especial à nossa amiga Sr.ª D. Ema Cordeiro, sem a qual as nossas Festas nunca poderiam ter o prestígio de que hoje disfrutam. Pediu à Sr.ª D. Ema que subisse ao estrado, a fim de ser premiada com uma salva de palmas.*

*Na verdade, D. Ema Cordeiro tem sido de amabilidade insuperável para com o Centro Luz e Amor, pois jamais apelámos em vão para a sua boa vontade e espírito de bem servir a causa espiritualista. E o mesmo se tem dado com os seus discípulos sempre amáveis e joviais.*

*António Cardoso agradeceu ainda ao nosso ilustre amigo Fernando Nunes a reportagem fotográfica da festa, pedindo igualmente para ele uma salva de palmas.*

*Mais uma festa terminou! Perto de quatro horas de espectáculo, sem uma quebra, uma simples interrupção! Quatro horas que passaram velozes, sem quase darmos por isso! Todos desejavam mais, — artistas e público — e a prova está nestas palavras de Maria de Lurdes Lima, ao perguntar-nos:*

*— Quando há outra festa?*

*— Em Julho!*

*— Oh! Que bom!...*

**Um aspecto da assistência num ângulo da sala**

# Mistérios da Magia

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

I

Os iniciados da Grande Antiguidade chamavam-se Magos. Eram sábios e filósofos, dedicavam-se ao estudo da Natureza nas suas diversas manifestações, tais como a Astronomia, a Filosofia, a Astrologia que nessas épocas atingiu um elevado nível, e no campo científico pròpriamente dito, à engenharia, matemáticas, medicina, química, etc. Nesses tempos tão recuados, nessas civilizações tão remotas a Ciência tinha o nome de Grandes Mistérios, que só aos Iniciados ela abria as portas dos seus santuários mediante rigorosíssima e difícil iniciação. Os templos eram as faculdades de então.

Esses mestres, sábios venerados pelo seu saber e suas virtudes eram designados por Magos. Ainda hoje pelo Natal, ao contemplar os presépios, todos respeitam os Reis Magos, ou senhores da Sabedoria.

A ciência moderna orgulha-se vaidosamente das suas conquistas esquecendo-se de que *nada há de novo sob o sol*, visto que em vários aspectos os antigos ultrapassaram em muito os nossos conhecimentos.

Afirma-se que a destruição da Atlântida foi motivada pelo abusivo emprego das forças atómicas que, segundo afirmam certos autores, já eram conhecidas daquele povo.

Não me custa acreditar nessa afirmação, porquanto a História repete-se, não só no domínio político, mas também em outras manifestações da actividade humana. Certos inventos que fizeram a glória de alguns cientistas dos tempos modernos, já tinham sido conhecidos dos povos pre-históricos. Quem tem estudado os costumes das raças e de civilizações hoje desaparecidas, como os Incas e certas tribos ainda existentes na África e Egipto e na Austrália fica surpreendido de certos conhecimentos que não condizem com o estado de atraso dos nossos dias, em que dormem essas raças, de civilizações milenárias e desaparecidas.

Assim os sábios dessas eras longínquas conheciam profundamente a química geral, orgânica e inorgânica. A China possuía a imprensa cinco séculos antes de Gutemberg a ter descoberto. Os egípcios tinham métodos de química industrial e de medicina muito avançados, entre os quais o embalsamamento dos cadáveres e a fabricação do vidro maleável. Muitos processos científicos se perderam e não foram ainda redescobertos.

Os Caldeus eram famosos astrónomos, sabendo calcular com a maior precisão os eclipses do sol. A pólvora e a dinamite também faziam parte dos vastos conhecimentos dos antigos povos, conforme afirmou Plínio quando se referiu aos exércitos de Constantino Profigeneta que nas suas batalhas empregavam esses explosivos.

Percorrendo a História da Antiguidade nela encontramos tão grande progresso, que comparando-o com a nossa civilização, o nosso orgulho esmorece perante o valor de tão vasto saber dos nossos longínquos antepassados.

★

Entre os ramos da Ciência que muita atenção mereceram a esses nossos maiores, conta-se o Ocultismo ou Ciências Psíquicas, que eram ministradas nas escolas esotéricas ou templos que tinham designações apropriadas a esse ensino.

A Ciência Antiga atravessou as idades, sofreu com as sucessivas civilizações, algumas das quais a perseguiram ferozmente, como a Idade Média. Nesta época teve de se ocultar para que os seus continuadores não perecessem completamente e com eles os conhecimentos que os sábios tinham legado à Humanidade. Formaram-se então várias escolas esotéricas. Deste modo o Ocultismo conservou a ciência psíquica que em tempos remotos tinha estudado os *três elementos* componentes do homem: o *corpo físico, o perespírito e a alma.*

A Escola Esotérica prosseguiu através do cristianismo, antes direi, ao lado e a ocultas do catolicismo e do protestantismo a ensinar a sua filosofia. Nomes ilustres nela se iniciaram e colheram rutilante luz como Luís de Camões, Da Vinci, Goethe, Newton, Bacon, Paracelso, Cardan, Portel, Swedenborgue, Laváter, Saint-Martin, Eliphas Levy, etc., etc.

Parece que Vasco da Gama também pertenceu a uma escola de ocultistas, o que nada surpreende, pois nesses centros de estudo muitos homens receberam a luz maravilhosa que iluminou o seu génio e os levou à celebridade.

Os ocultistas receberam dos seus antigos mestres a clara definição do homem. Sabe-se que os antigos conheciam o nosso corpo físico, acerca do qual se perderam valiosos formulários de tratamento, que ainda hoje são ignorados. Apenas se conhece que utilizavam sàbiamente a acção exercida pelo perespírito e a maneira como ele anima o organismo físico, exercendo principalmente a sua acção no peito e na região occipital. Sabiam muito bem que o Espírito, tendo o seu fúlcro de acção no cérebro, governa o mecanismo orgânico, embora nele não penetre totalmente. Manejavam proficientementes estes elementos, assim como a parte mais subtil — *a alma!*

Parece estranha semelhante afirmação. Depois veio a época de grande obscurantismo, como foi a Idade Média, na qual, apesar de tudo, os ocultistas continuaram exercendo a sua acção.

Para os cientistas oficiais da nossa época o homem é apenas um agregado de moléculas! Como Pascal apresentasse o seu célebre axioma, «penso, logo existo», deliberaram então os pais da moderna Minerva que a Vida residia no cérebro! O problema da imortalidade da alma ficou no plano dos mistérios dogmáticos e e desta maneira se quebrou a ligação da Fisiologia com a Psico-Fisiologia. Os trabalhos do coronel De Rochas, sobre as vidas sucessivas e do célebre físico W. Crookes, comprovativos da eternidade da alma, não conse-

guiram emocionar os pontíficies das Faculdades!

Na Idade Média a Igreja negava as visões e as vozes da *Pucelle*, e o século XIX também pelo menos queimar-lhe a reputação mundial de sábio!

Como já disse, nessa longínqua Antiguidade os sábios eram os magos. Ontem como hoje a Ciência é o símbolo do Bem e do Mal. Salva e mata!

A ciência pré-histórica dos Magos iluminou grandes espíritos, como Buda, Confúcio, Moisés e afirma-se que Jesus também bebeu nessa fonte esplendorosa da seita dos Essénios. Sólon, Licurgo, Pitágoras, Platão e outros grandes luminares da antiguidade grega e romana tiveram por mestres os iniciados ou magos.

★

A Ciência oficial continua a negar o valor do Ocultismo nos seus aspectos, especialmente naqueles que estão estreitamente ligados ao espiritualismo. São ainda as sombras da Idade Média pairando sobre a nossa época... Foram essas mesmas sombras que queimaram a Donzela de Domremy negando-lhe as vozes e as visões que a levaram a salvar a França!

Na realidade o espírito medieval ainda não acabou completamente.

O neo-espiritualismo enriquecido com os notáveis trabalhos do coronel De Rochas, Heitor Durville, Bozzano e outros experimentadores, veio confirmar conhecimentos que os antigos já possuíam referentes ao nosso duplo etérico.

Os egípcios, os índios, os persas e os gregos sabiam trabalhar com o duplo ou corpo astral.

Os egípcios, por excelência, eram os mestres dessa ciência, cujo potencial magnético conheciam profundamente e manejavam com extraordinária perícia. E a atestá-lo estão ainda na nossa memória todas as desgraças verdadeiramente catastróficas que ocasionou a profanação do túmulo de Tut-Ank-Amon!

Como agiram as forças da maldição inscrita junto do famoso túmulo sobre aqueles que o profanassem? Acaso os cientistas contemporâneos se debruçaram sobre esse estranho mistério para tentar desvendá-lo?

Acaso ponderaram esses filhos de Minerva que a razão do estranho costume de conservar os cadáveres e de os rodear de tudo quanto constituia o seu modo de vida terrena, provinha da finalidade de manter permanentemente o seu duplo junto desses lugares? Reis, sacerdotes e altas personalidades que o povo egípcio considerava como entidades de alto valor moral e espiritual eram assim mantidas pelo seu duplo junto da terra! Esta técnica, sublimava o *Ka* ou duplo egípcio. Em todas as civilizações antigas, o duplo é considerado como um elemento de essencial valia, até na própria Grécia, ao qual chamavam *ochema*. Os persas davam-lhe o nome de *Kaleb*, os índios *linga-sharira*, e mais tarde os cabalistas da Idade Média designaram-no por *ruach*.

O nosso duplo tem sido considerado como um facto precioso nas ciências psíquicas, desde os tempos pré-históricos.

Era sobre o duplo que Jesus e seus discípulos agiam, quando faziam as suas curas que foram classificadas de *milagrosas*, em vez de sábias. É sobre o duplo que grandes curadores, como Harry Edwards, actuam na actualidade. Era ainda no duplo que os velhos magos dos tempos lendários praticaram as suas façanhas, e ainda é o duplo que os magos e os feiticeiros de hoje exploram para conseguir os seus fins benéficos ou maléficos.

★

Sabido é que da ciência dos antigos Magos derivou a Magia Negra. Reis e grandes senhores, todos tinham ao seu serviço um mago, que era simultâneamente médico, adivinho e feiticeiro.

No moderno ocultismo, sobretudo após as experiências dos famosos cientistas que já enumerei, reafirmou-se a importância do nosso duplo, como base das actividades psíquicas do homem.

O nosso duplo é pois o motor onde reside a nossa força psíquica, e esta é a mais poderosa força da natureza.

O nosso duplo ou perispírito é a base onde assenta toda a ciência oculta. No duplo se condensam todas as actividades que accionam o indivíduo e que tem por sede o sistema cérebro-espinal e o grande simpático. Todas as fibras nervosas, por mais pequeninas que sejam, são veículos para a sua força dinâmica, invisível aos nossos olhos, mas existente em todo o nosso corpo.

Esta extraordinária substância renova-se constantemente, e em volta de nós a nossa aura forma-se, da pureza ou da corrupção, conforme o ambiente em que o indivíduo vive, pensa, age e sente.

São Paulo afirmou ousadamente que «*se há um corpo matéria, também há um corpo* espiritual.» (Corintios XV. 44).

O perispírito possui pois a *energia vital* que alimenta os glóbulos sanguíneos e mantém a substância celular.

Sabemos que o corpo astral pode abandonar temporàriamente o corpo físico, quer seja durante o sono normal, ou provocado, ou ainda pela vontade do próprio indivíduo, querendo exteriorizar-se.

Afirma-se que Hermes, Sócrates, Xénocrate, Platão, Plótino, Héraclito, Pitágoras e Zoroastro se desdobravam com frequência, facto que os deliciava.

Todos os ocultistas sabem que o homem possui *sete* forças correspondentes aos 7 princípios relacionados com a Kabala que possui interessantes definições acerca da localização do eixo magnético no eixo do sistema cérebro-espinal; e que sendo a metade do corpo positiva, a outra metade é negativa; que dois líquidos de carácter químico e diferente, separados por uma parede porosa, conforme o demonstrou o sr. John Trowbridge, originam uma corrente eléctrica. Daqui resulta que a endosmose, exercendo-se através dos tecidos do organismo, dá nascimento a uma corrente, o que certifica a importância da polaridade magnética do corpo humano.

«Esta polaridade é regida pela grande *lei do equilíbrio vital*, lei sintética e rigorosa que permite deduzir todas as outras leis, englobando ao mesmo tempo os três focos de actividade que constituem o ser, e que serve de critério infalível para localizar à priori, não sòmente a polaridade de cada um dos três sistemas dinâmicos — intelectual, anímico e astral — mas também os termos duma polarização crucial dupla de reciprocidade inversa e complementar, e que vai do intelectual ao físico, dum lado, e do indivíduo macho ao indivíduo fêmea, do outro. É esta a chave da biologia oculta — chamada em magia — *a chave da composição dos imãs* — lei verdadeiramente universal, que se liga a uma série de outras, como a Sociologia e a História primitiva, a Cosmogonia e a Teogonia ocultas» afirma o grande ocultista Stanilas de Guaita.

*(continua)*

# PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

## (10) A HUMILDADE

Estas palestras foram improvizadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

*A humildade é um tema cheio de facetas interessantes. Mas nem todos o podem ventilar e extrair dele a lição que encerra. É uma grande lição, talvez a maior lição da humanidade.*

*E por ser lição tão difícil é que poucos a têm estudado. Há temas mais fáceis e simpáticos que podem fornecer assuntos similares. Depois a humildade é coisa somenos no conceito de ambiciosos e orgulhosos, fauna tão disseminada e conhecida, que fàcilmente se dá com ela.*

*Para mim é uma lição que estudo há muitos anos e ainda pouco assimilei. Quando a tiver aprendido, então sim, serei mais rico do que sou. E serei mais sábio e mais bondoso.*

*Geralmente o homem não cura de coisas mínimas, a exemplo do pretor, e costuma olhar para cima no sentido de se engrandecer e nunca para baixo, a fim de humildar.*

*Haverá coisa mais humilde do que um prego? Que representa ele na construção? E um rebite? E um simples parafuso?*

*À primeira vista são coisas insignificantes. Mas se num momento desaparececem das habitações, das pontes, dos transatlânticos, das aeronaves e dos reservatórios de gás, petróleo, etc. — como aventou um moralista — tudo ficaria desconjuntado. Não haveria aeronaves, transatlânticos, pontes, habitações. Seria um amontoado de escombros. Esta pequenina coisa é que mantém a coesão nas construções humanas. É um símbolo, um verdadeiro símbolo para quem estuda e observa.*

*Lembro-me de outro tema, igualmente aliciante e grandioso: o significado da roda no progresso do mundo. Todo esse movimento das fábricas, das oficinas e das viaturas está ligado à roda. Quem a inventou deveria ser um génio.*

*A força-motriz sem a roda não se transmitiria e não usufruiríamos o que usufruímos.*

*E a linha de coser foi também um dos maiores acontecimentos da vida. Se a destruíssemos, toda a gente ficaria despida. Vejam o espectáculo! E o mesmo se daria com as agulhas e os alfinetes. É que a civilização criou hábitos que se arraigaram e já não poderíamos viver sem eles. Os hábitos estão no âmago do ser.*

*Houve quem chamasse ao temperamento uma segunda natureza e por isso arrancar um velho hábito ao homem seria arrancar-lhe meia vida.*

*Os nossos avós permaneceram longos anos aferrados à luz do azeite e do petróleo e custou habituá-los à lâmpada eléctrica.*

*Ninguém foge a este problema. O trabalhador do campo, das oficinas e a riqueza industrial são factores intimamente ligados ao progresso. Não os podemos separar sem quebra do assunto e sua finalidade.*

*Que seria o mundo, por exemplo, sem manufacturas? Onde haveria prédios e automóveis? Por isso o homem deve humilhar-se a ponto de esquecer que é homem, como dizia Cícero. Porque nesta grande lição da vida, que não aprendemos como deveria ser, vê-se que as coisas humildes não o são tanto como parecem. Sobretudo, quando o orgulho obscurece o entendimento. As coisas pequeninas são necessárias, como as grandes. Olhemos para uma casa. Ninguém poderia erguê-la sem auxílio de pedras pequenas. As grandes são mais fortes, é certo, mas não manterão o equilíbrio sem apoio de pedras pequeninas. Ninguém construiria, pois, uma casa, só com pedras grandes.*

*Assim verifica-se que há lugar para grandes e pequenos, que há grandeza e pequeneza entendidas de forma diferente.*

*O orgulho é mais dos grandes que dos pequenos e separa os homens, ao passo que a humildade os aproxima e torna mais solidários. O orgulho é introvertido; a humildade é comunicativa.*

*Há mais união entre pobres do que entre ricos. Tenho observado este fenómeno, mas não sei bem a causa. Como há muito mais pobres do que ricos, os primeiros talvez sejam contagiados pelo número e se contentem com a sorte que lhes coube. Os ricos são poucos, relativamente, e sentem olhares cubiçosos em seu redor e até certa inveja de alguns pobres recalcitantes. Isto leva-os, julgo eu, à defesa permanente do seu reduto e a gerar orgulho em seu poderio.*

*Francisco de Assis dizia:*

*— Vale mais uma onça de humildade do que mil libras de honraria.*

*É que ele tinha experiência da humildade, sabia que todo aquele que se humilhasse seria exaltado aos olhos da consciência, que é Deus em nós, porque está constantemente alerta, a vigiar os pensamentos.*

*O orgulho exige vassalos e curvaturas. A humildade não tem vassalos. Apresenta-se simplesmente, sem atavios. É a humildade. Nada mais. E os magnates, em geral, não foram humildes. Tinham braços à disposição e enriqueceram com trabalho dos fracos.*

*Vejamos três magnates, a começar por Alfredo Nobel, o inventor da dinamite e cujo nome corre mundo ligado a um prémio literário, científico e filosófico, capaz de enriquecer um homem humilde.*

*Que fez ele? Primeiro destruiu; depois edificou.*

*Ford, rei do automóvel utilitário, aproveitou as forças que nele jaziam e conseguiu ser um dos homens mais ricos do mundo. E depois de se tornar opulento à custa do proletário, do braço que accionava a sua máquina florescente, instituiu fundações de caridade.*

*O mesmo sucedeu a Rockfeller. Depois de muito ganharem e amontoarem em regimes capitalistas, meditaram na forma como enriqueceram. E depois disso é*

*que se penitenciaram, erguendo obras humanitárias ou de auxílio ao progresso.*

*Esta fácil humildade — chamo-lhe fácil, porque encobre o verdadeiro orgulho, como dizia Pascal — encontra-se a cada passo, não só em potentados da finança, da construção e do comércio, mas em muitas almas que encontramos na rua, na repartição, na escola e na oficina. É que o mundo não repara nos humildes.*

*A que hora se levanta o padeiro para servir os que dormem, quando lhes bate à porta? E o leiteiro? E o trapeiro que manhã cedo vasculha os caixotes da cidade? E o garimpeiro? E o pescador de pérolas? E tantos outros obreiros ignorados que labutam um dia para ganhar o almoço? E o guarda-nocturno, que vela pelo repouso dos moradores do burgo? Por isso alguém disse que vale mais o trabalhador do campo do que o milionário da cidade.*

★

*Eu gostaria de apresentar este assunto com maior poder de sugestão, pois sinto que a ostentação do mundo é feita à custa da humildade.*

*Isto não é tropo de retórica. É sentimento que se nota, quando se observa o mundo interior. Há justiça que se deve aos outros, principalmente ao braço que trabalha sob um jugo qualquer. É preciso extraí-la e ostentá-la. A justiça deve ser ostentada, melhor do que as fundações de Ford e Rockfeller.*

*Um italiano célebre disse um dia:*

*— Neste mundo é sempre gigante quem olha para baixo e anão quem olha para cima.*

*E pensando bem no conceito, não pode haver duas opiniões diferentes. Mas eu agora não analiso o problema à luz do Espiritismo. Analiso-o à luz do bom senso e nada mais.*

*Tomás Ribeiro escreveu uma quadra alusiva ao assunto e que tento repetir, se a memória não falhar.*

As palmas olham a terra
e as argueiras o céu.
Pois vale mais quem se curva
do que quem tanto se ergueu.

*Os rifões são legendas extraídas da alma do povo. E olhem que são realidades incontestáveis. São como os diamantes, que levaram milénios a formar. Os sábios de hoje não conseguem destruir os velhos rifões. E para reforço de argumento vão buscá-los à história e à tradição popular. Outras vezes para clareza de suas expressões. É que, no fundo de cada homem, está o fiel da balança que pesa a justiça.*

*Quem é verdadeiramente humilde não cuida de si. Trabalha e sofre sem cogitar no resultado do seu esforço. Que lhe importa que outros se locupletem, se cumpriu o seu dever e recebeu o salário? E de nada mais necessita para viver contente.*

*Isso não importa. Sabe que vale, mas não se impõe, porque o seu fim é trabalhar, ganhar honestamente.*

*Talvez não saiba que um prego no barco vale mais do que um duque em palácio. Talvez não saiba, porque é humilde e a humildade não sabe estas coisas.*

*Nós, porém, à luz da Doutrina sabemos um pouco mais que os humildes e ignorantes. Sabemos que à custa de lapidação e de esforço contínuo as almas se vão aperfeiçoando, o orgulho se vai esbatendo e a vaidade, a soberba, todos esses inimigos vão adelgaçando a crosta. E através das reencarnações ou vidas sucessivas o espírito vai evolucionando... Sabemos tudo isso.*

*E sabemos que os humildes também foram orgulhosos noutras eras e devem sentir-se felizes longe desse inimigo. Quanto mais humildes formos a respeito do nosso valor e do nosso trabalho, mais nos elevaremos com relação ao futuro. O ser chama-se homem no ciclo planetário, que é parte pequeníssima da grande cadeia que nos liga ao todo. É talvez uma parte das mais frágeis e precárias. Há outras maiores, onde este mundo não cabe. Não é vaidade, nem protérvia o verdadeiro lastro da existência.*

*E quem for escoimado de imperfeições ganhará, tornando-se maior, mais digno de salário.*

*Por isso o Espiritismo ensina a ser humilde. Não condena os ricos, mas os maus ricos. Tendo nós vidas múltiplas e reagindo em cada uma de harmonia com temperamento e finalidade, teremos vivido circunstâncias que nos habilitem a conhecer esses dois polos da individualidade.*

*Mas as palavras humildade e orgulho têm de ser analisadas com elevado critério de onde se não vejam as sombras de uma e de outra. Porque, se há falso orgulho, também há falsa humildade.*

*E não sei qual será pior. E onde temos nós possibilidade de descortinar o que há de verdade em cada um?*

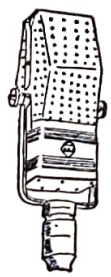
*Já disse aqui que somos compartimentos estanques e que só podemos avaliar os outros por analogia. E assim também cada qual terá seu conceito de orgulho e de humildade.*

*Por isso é tudo relativo no mundo. Os conceitos ainda são mais relativos do que os actos, porque são de ordem abstracta. E nós estamos mais habituados ao concreto do que ao abstracto.*

*De uma forma ou de outra, sejamos humildes, muito humildes, porque a humildade é exaltação.*

*Esta é a legenda que não devemos esquecer, quer no alto, quer no baixo, quer ricos, quer pobres. Porque a humildade nada tem com a riqueza. Há ricos que desenvolvem o bem para auxiliar os pobres e pobres de trabalho que não sabem onde aplicar o esforço. Fazendo circular a moeda, o rico fomenta a riqueza do pobre. Por isso é difícil delimitar a palavra orgulho e a palavra humildade.*

*Sejamos ricos ou pobres, fortes ou fracos, brancos ou pretos, o nosso dever é humildar-nos, por vivermos subordinados a um poder mais alto, susceptível de nos destruir num instante, como poderia destruir os transatlânticos e as pontes e as construções, desfazendo a cabeça dos rebites e os pregos dessas grandes obras de engenharia.*

**Selecções Espiritualistas**

Direcção e Apresentação de

**NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO**

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

**Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»**

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

63

## O GRANDE PROBLEMA

Amigo radiouvinte:

O problema do ser e do destino impressiona muita gente educada em doutrinas materialistas. E nalguns... o que o berço dá, a tumba o leva. Nasceram, beberam e ficaram embriagados durante a vida. Por mais lufadas de ar puro que recebam, não se reanimam. Onde estão julgam que sabem. E de onde vieram e para onde vão?...

Mas há muitos que desejam saber o rumo para lá. Andam inquietos e querem saber. E percorrem caminhos velhos e caminhos novos à procura de luz que os esclareça. Tenho ouvido alguns, duvidosos e ansiosos. Não estão satisfeitos, querem mais do que têm. E perguntam e respondem e discutem...

O preto no branco é o melhor. A+B. Fora disto, não existe nada.

Norman Vincent Pearl escreveu nas *Selecções do Reader'Digest* que um cientista dissera dogmàticamente:

— Ao morrer, a vida apaga-se, como a chama de uma vela.

E logo esta palavra foi ouvida com respeito, porque estava na moda a ciência materialista. Hoje não seria tão fácil. Era preciso demonstrá-lo por A+B...

O articulista também diz que não cremos na imortalidade pelo facto de a poder demonstrar, mas que a procuramos demonstrar por acreditarmos nela. E acrescenta:

«A ânsia de imortalidade é universal e não a podemos rejeitar de ânimo leve. O que desejamos e sentimos deve ser reflexo de um facto essencial da existência».

Este pensamento já eu tenho emitido por outras palavras. E vou mais longe. Tudo o que pensamos é realizável numa ou noutra fase de vida. O espírito humano não sai da órbita que lhe foi marcada. O que o impressiona está ali, actuando e vibrando.

A ciência materialista é demasiado estreita para explicar coisas deste género. E se não fosse a intuição andaríamos anos à procura de verdades que já conhecemos.

Pearl diz, baseado em Bergson:

— É possível que os homens de ciência atinjam uma linha de conhecimento verificável pela experiência, e depois, graças à intuição, cheguem à verdade.

Mais abaixo afirma:

«A investigação científica apoia a intuição e a fé. A antiga concepção materialista do universo está a desaparecer».

E cita James Jeans: «Todo o mundo vibra»; e Einstein: «A matéria e a energia são uma e a mesma coisa».

Extraindo a moral ao conto, termina assim:

«Parece que os sábios notam na vida uma substância espiritual».

Vincent Pearl refere a conversa que teve com a viúva de Edison sobre as opiniões desta a respeito da vida futura. Ele acreditava na existência da alma e na sua libertação após a morte do corpo. E quando estava moribundo, o médico ouviu-lhe esta frase:

— É belo o mundo espiritual!

Depois cita casos de indivíduos que penetraram no «vale das sombras» e cujas impressões revelam que há vida e beleza no Além.

O testemunho de uma enfermeira merece-lhe grande apreço, quando ela declara peremptòriamente:

— Vi morrer numerosas pessoas e muitas exalaram o último suspiro com expressão característica, dir-se-ia terem visto alguma coisa. E às vezes falam de luzes e músicas sublimes. Outros reconhecem certos rostos e estampa-se-lhes nos olhos incrédulo assombro.

O articulista narra o seu caso pessoal. Um amigo moribundo dirigiu-se de repente ao filho, sentado junto dele, e exclamou:

— Jim, vejo edifícios esplêndidos e um deles está iluminado. Essa luz é para mim. Como isto é lindo!

O filho explicou então que o pai era homem de ciência e que não dizia aquilo, se não fosse um facto comprovado.

Outro fenómeno, igualmente narrado por Vincent Pearl, foi verificado pelo médico londrino Leslie Wealherhead, o qual, pegando na mão de um moribundo, o sentiu estremecer e exclamar:

— Deixe-me ir! O que além vejo é maravilhoso!

Este médico conta o caso do seu colega William Huter, que disse no leito mortuário:

— Se tivesse força para segurar a pena escreveria como é fácil e agradável morrer.

O professor Ernesto Bozzano coligiu também variadíssimos depoimentos que se encontram no livro «A Crise da Morte» e que são muito edificantes.

Norman Vincent Pearl, que no *Cruzeiro* tem uma crónica de assunto internacional, é mais que espiritualista. Deve estar bem próximo de nós. De outro modo não teria publicado o seu artigo.

A visão do Além produz estranho efeito nos descrentes da imortalidade. Primeiro é o choque, o inesperado, espécie de horizonte artificial que facilita a rota ao navegante aéreo. Durante algum tempo anda o quadro a cirandar e o homem oscila, recua, batalha. O abalo é profundo.

E outro quadro surge. E a perturbação aumenta e as convicções se transformam...

ela declara peremptòriamente:

Que imagens seriam aquelas? Outra vida se prolonga para além da morte, ou terá sido alucinação?

Tantos «alucinados» houve e haverá que «viram» e sentiram o mundo que os espera!

Os casos de morte aparente fornecem elementos preciosos. O Dr. Wiltse, médico de profissão, esteve quatro horas sem pulsações e os sinos da aldeia tocaram a finados. Ao recuperar os sentidos teve a impressão de que entre corpo e espírito nada havia de comum. E entre muitas coisas descreveu duas mulheres que choravam ajoelhadas à esquerda do seu corpo. Soube que era sua mulher e sua irmã, embora no momento não concebesse o que era individualidade. Mulher, irmã e amigos eram a mesma coisa para ele. Só podia discernir os sexos.

— Sinto-me tão bem! — pensou ele — Ainda agora sofria horrível-

mente. A mudança libertou-me do sofrimento. Parece-me ser o homem que era dantes. E concluíu:

— Percebi então que um tenuíssimo cordão semelhante a uma teia de aranha saía do occipital, ligando-se à base do pescoço de outro corpo...

A visão do Além tem sido experimentada, não só pelos moribundos, como também por enfermos que foram anestesiados, em virtude de operações cirúrgicas. E não há dúvida, amigo radiouvinte! O ser e o seu destino é um problema de hoje e de sempre. É o grande problema da humanidade.

Até à próximo e que Deus nos proteja.

64

## CURA ESPANTOSA

Amigo radiouvinte:

Hoje a Voz de Portugal refere um caso do Brasil. O que vou contar não é novidade para muitos que me escutam. As coisas estranhas divulgam-se melhor do que as vulgares. O habitual pouco interessa. Pelo menos, não suscita curiosidade, essa alavanca que às vezes impele os homens a empreendimentos inverosímeis.

Aleixo Vítor Magaldi narrou o acontecimento em Agosto de 58. O protagonista é António Braga de Sousa. Residia então em Nova Iguaçú, na Estrada de Santana, inteiramente paralítico da cintura para baixo, em consequência de acidente ocorrido oito anos antes. Um automóvel apanhou-lhe a espinha dorsal e foi internado num hospício, onde permaneceu cerca de três anos, submetido a modernos processos terapêuticos.

Vários médicos o trataram carinhosamente e todos eles garantiram que não tinha cura.

Situação difícil, embaraçosa, a do enfermo desenganado pelo facultativo! É como a legenda dantesca no «Inferno»: «Lasciate ogni speranza, voi chi entrate!».

O caso não era para menos. As radiografias acusavam falta de um disco da coluna vertebral. Libelo tremendo contra a saúde orgânica! O único recurso seria adaptar um disco de platina e parafusos de ouro para substituir o que faltava. E tudo feito nos Estados Unidos.

Platina e ouro! Até parece um conto das «Mil e Uma Noites».

O pobre homem andou de porta em porta a suplicar donativos: cinquenta gramas de platina para 16 centímetros de coluna e oito gramas de ouro destinados aos parafusos. Já tinha 16 gramas da primeira, quando chegou a Juiz de Fora e um médico generoso, o Dr. Lage, o instalou na pensão e andou como ele pela cidade e lhe deu cartas para amigos de Belo Horizonte e Volta Redonda.

Quando se tem consciência do mal ou da provação, a dor é maior. É como o ladrão apanhado na curva. Se conhece a lei sabe que não há remédio. As portas se lhe fecham com estrondo e fica reduzido ao calabouço.

O António Braga não era bem recluso. Algumas janelas deixavam coar nesgas de sol, que o acalentavam na desolação.

Em Minas teve a clareira de Noraldino de Melo Castro, à rua Mar de Espanha, a pedido do Dr. Lage, de Juiz de Fora. Do que não será capaz o Noraldino, homem de leis e homem de coração! Cama, mesa e roupa lavada em muitos dias que não esquecem, com auto às ordens e assistência requerida.

A dor é estímulo no círculo da vida, disse Voltaire, génio irreverente e ousado, negador de Deus, mas que não concebia o relógio sem relojoeiro.

Quem não conhece a dor — escrevia Rousseau — não conhece a ternura humana, nem a doçura da comiseração. Por isso o António Braga ia sofrendo e conhecendo. Se havia corações duros, também os havia abnegados.

De Minas Gerais transitou para Volta Redonda, onde ficou instalado. Quatro médicos da Companhia Siderúrgica o examinaram, verificando que a tuberculose havia destruído parcialmente alguns, ao lado daquele, cuja falta as radiografias anteriores tinham acusado. E foram de opinião que nada mais poderiam fazer.

A sorte do homem estava decidida. Só lhe restava aguardar a sua hora. E nesta conformidade começou a pedir auxílio, a fim de construir uma casinha na cidade do aço, que lhe proporcionasse alojamento e à numerosa família. E a esposa do presidente da Siderúrgica abriu a subscrição com um donativo de dez mil cruzeiros...

A vida é assim. Num instante tudo se modifica. Altos castelos, verdes e amarelos, rolam como folhas secas. É assim mesmo. O que era grande caíu; o que era pequeno elevou-se a maior altura. É a transformação relativa ao mérito. O homem fica a pensar num poder oculto e na fragilidade da matéria. E ajoelha acovardado, olhos receosos e trementes...

Entretanto...

O presidente de um centro espirita de Bangú chega a Volta Redonda e ministra tratamento ao António Braga. Passes magnéticos, que a medicina repudia, chamando charlatães aos médiuns que os aplicam. E um purgativo salino.

Com os passes o doente caíu em sono profundo que durou onze horas. A família alarmou-se e telefonou para Bangú, a pedir providências ao médium.

A circunstância era grave e difícil. Mas o confrade Yanco (era este o seu nome) mandou que lhe dessem o purgativo e que aguardassem o resultado em calma.

Cumpridas as instruções, o doente continuou a dormir. Quando, porém, o efeito orgânico estava prestes a chegar, António Braga movimentou as pernas e vestiu as calças sòzinho, coisa que jamais lhe acontecera, desde o acidente.

Outro qualquer teria saído de casa a proclamar o acontecimento. Este limitou-se a gritar:

— Mulher! Mulher!... Jesus me curou!... Já movo as pernas!...

O milagre não pode aceitar-se na verdadeira acepção do termo. Mas nesta conjuntura houve fenómeno difícil de explicar.

O purgativo obrigou o doente a expelir enorme quantidade de sangue e pús. E no dia seguinte levantava-se e andava, à semelhança do Lázaro.

Foi isto a 27 de Abril e três semanas depois o Braga dirigiu-se a Bangú para testemunho da cura, visto que já estava restabelecido.

O que se passou não sei. Não houve musicatas, nem foguetes. Isso não houve, porque os verdadeiros médiuns praticam o bem por amor do bem. Mas deve ter havido música nas almas.

As boas acções — disse um alto espírito — acendem luzeiros no céu. Hoje, António Braga de Sousa cuida do seu botequim, sem vestígio da velha paralisia.

Normalizou a vida e ganha para a mantença da família.

Isto é tão estranho, que até parece um apólogo humanizado. Mas não termina aqui a parlenga, visto que o António recusou os cruzeiros oferecidos pela esposa do General Macedo Soares.

— Não! — disse ele — Aquela importância foi dada a um paralítico! Eu já não sou aleijado!

Adeus, amigo radiouvinte. Mergulhemos o pensamento no oceano do ignoto, buscando nele a chave da existência.

## Tito L. Bancéscu escreve...

# RESPONSABILIDADE HISTÓRICA DOS ESPIRITISTAS

O Espiritismo no seu tríplice aspecto: científico, filosófico e moral, é força imensa e de efeitos transcendentes. Poderíamos concretizar que é a síntese cabal dos princípios normativos de amanhã. Principalmente a parte que se relaciona com a filosofia e a moral terá que ser reconstruída para marcar rumos novos.

É preciso concordar que o homem exterior progrediu consideràvelmente. Já domina o espaço infinito, a profundidade dos oceanos, a velocidade do pensamento, etc. Mas o mundo interior, os aspectos introspectivos, são-lhe quase desconhecidos. Se assim não fosse, não seríamos testemunhas impotentes dos espectáculos dolorosos do mundo.

Os materialistas estão convencidos de que a situação exótica em que agimos e vegetamos se normalizaria com distribuição mais equitativa das riquezas, isto é, dos bens materiais. Cremos que, deste modo, o problema se resolveria a meias. A riqueza moral e psíquica e económica e social.

Claro que o materialismo não está em condições de solucionar a questão do espírito, visto que, para o que está fora da matéria, só existe o *nada*. E o nada carece de virtualidade para reconstruir o essencial, o vital, o dinâmico e criador.

Serão os espiritistas em geral capazes de reconstruir o mundo introspectivo das sociedades que até hoje viveram na confusão de numerosas religiões que acentuaram ainda mais o desconcerto do panorama moral do homem?

Em frente à terrível crise, os espiritistas mundiais têm uma grave responsabilidade histórica.

Estaremos em condições de enfrentar tão vasta empresa? Respondemos negativamente. Não analisámos ainda o enorme valor da força espiritual, cuja projecção é de natureza cósmica. E também não interpretámos bem o sentido universal do Espiritismo.

Da vida invisível nos vêm anunciando um futuro de lutas e de amarguras, convidando-nos a organizar melhor o mundo introspectivo e a unirmos as nossas forças individuais e colectivas. Salvo raras excepções, as actividades espiritas neste sentido são cada vez mais diminutas e incoerentes. Todavia, nelas impera o individualismo, como seu corolário. Ainda não conseguimos entender-nos para trabalhar firmemente, mancomunados no pensamento e na acção. Todavia olhamo-nos de esguelha, mantendo pontos de vista, em oposição aos mais elementares princípios da doutrina.

Falta-nos compreenssão e harmonia, essa harmonia que vibra com as leis divinas. E perguntamos:

— Escudamos as nossas fraquezas e os nossos erros no Espiritismo, sem o ter compreeendido na mais lata expressão? Quando uniremos os nossos esforços, a nossa vontade e o nosso pensamento aos nossos irmãos invisíveis para agir em benefício da humanidade? Quando deixaremos a mesquinhez de nossas concepções e nos elevaremos sobre as insignificâncias humanas?

Só as acções práticas têm ressonância cósmica.

Que temos feito até agora para que a paz reine em nosso campo? As vozes do Alto caem geralmente no vácuo, enquanto as lutas intestinas aumentam na trajectória negativa. O orgulho e a vaidade andam à solta no mundo chamado «espirita». É pecha do personalismo, a soberba de querer ser alguma coisa aos olhos do mundo, sem ter em conta a humildade em toda a sua grandeza.

Devemos preparar-nos para o futuro, porque a responsabilidade histórica dos espiritistas é enorme. Eles é que têm de encher o vácuo gigantesco que as religiões deixaram nas almas.

Poderão atingir este objectivo aqueles que, por sua vez, estão vazios e órfãos de qualidades superiores? Neste comboio, colocamo-nos na mesma via dos negativistas, dos niilistas e dos materialistas.

O nosso santo-e-senha é este: ou nos renovamos integralmente ou desaparecemos do cenário que ocupamos. Não há outra alternativa. Os que desejam ser «espiritistas», mas que no terreno dos factos o não são, constituem peso morto na marcha do progresso. Invocam a ciência do psiquismo sem a respeitar nem honrar com os seus conhecimentos, as suas obras e a sua maneira de ser, dir-se-ia que lhes agrada mais ser espiritistas... de vez em quando. É tão bom pregar...

Temos receio que a tormenta renovadora surpreenda os predicadores na tribuna. Os povos, na sua hora reclamarão novo sentido da vida e nova concepção do universo. Estaremos nós em condições de preencher essa necessidade de características e projecções imperiosas? As multidões estão fartas de palavras e promessas fictícias. Querem factos, obras, realidades, exemplos, como fruto vivo do Espiritismo. E se não pudermos satisfazê-las e nos virem tão ocos como os pastores religiosos seguem-los-ão por rotina e por atracção de hábito.

Estuguemos o passo e libertemo-nos das quisílias

# AS MÃOS DA COMPAIXÃO

**Por CYNTHIA ALEN**

*Isto aconteceu há muitos anos, mas as minhas impressões do que ocorreu naquela noite continuam mais vivas do que nunca.*

*Nessa altura meus pais viviam num dos mais encantadores postos de montanha do Norte da Índia; e porque meu irmão tinha uma digressão de muitos dias, a esposa decidiu passar com eles as últimas semanas que antecediam ao nascimento do seu primeiro filho, pois tínhamos a certeza de que era um rapaz. Nenhum filho jamais foi esperado com maior ansiedade e expectativa do que o seu.*

*A data devia ser perto do dia 26 de Julho. Cheguei a casa no dia 27 e o berço continuava vazio!*

*— Então, nada de bebé?*

*— Não — respondeu minha mãe; mas quando regressares na próxima semana já cá o encontrarás, para o festejarmos.*

*Voltei ao meu trabalho no Jardim-Escola, esperando com ansiedade o outro fim de semana; mas, justamente nessa tarde, recebi uma mensagem urgente: «— Se queres ver a criança viva, vem imediatamente. Mando-te transporte».*

*Nos primeiros momentos fiquei desorientada. Depois, lembrando-me de que não havia tempo a perder, dirigi-me ao escritório do Director e pedi-lhe uma licença de emergência. Logo que a obtive entrei para o «dandy» e com a força dos quatro coolies subi a montanha.*

*Viagem alguma me pareceu tão longa, apesar dos esforços dos moços e das preces que elevei ao céu.*

*Quando cheguei a casa encontrei meus pais num estado de ansiedade febril. Ninguém tinha dormido ou descansado desde a noite anterior e explicaram-me que, nas tentativas de trazer o infante ao mundo, o forceps tinha-lhe ferido a cabeça, possìvelmente o cérebro, e o seu estado era gravissimo.*

*— Mas eu oiço-o chorar! Está vivo, então?!*

*— É isso mesmo, minha filha. Não parou um momento de chorar desde ontem à noite. Pára algumas vezes, mas volta a gritar, como se sentisse grande dor. É horrível!*

*Entrei no compartimento e contemplei a pequena porção de humanidade no seu berço, lutando pela vida. Comoveria um coração de pedra! A face da mãe confrangia-se num ricto de angústia.*

*Não se pode acalmar a dor? — perguntei à parteira.*

*— Fiz tudo o que era possível. Nada se pode fazer mais. É o bebé não melhorará. É questão de horas.*

*— Mas você não vai deixar a criança morrer assim... Não pode o doutor dar-lhe qualquer coisa que o faça dormir? Creio que o sono ajudaria!*

*— Isso é fácil de dizer! Se o tivesse visto durante estas 24 horas! Está a desaparecer!*

*— Não percamos a esperança. Vou tentar adormecê-lo.*

*— Nada pode fazer. O médico fez o possível. Deixe a criança em paz!*

*Olhei-a com dureza e declarei:*

*— Mesmo assim vou ver se o faço dormir, ainda que seja só por momentos.*

*A parteira aquiesceu com relutância e deixou-me só com ele.*

*Levantei-o com muita cautela e sentei-me numa cadeira de repouso com ele nos braços. Acariciei-lhe levemente a testa, enquanto a mãe olhava ansiosamente: «Dê-me aquele copo de sumo de laranja» — pediu-me. Dei-lho e, pouco depois, dormia, inteiramente esgotada.*

*Então dei ao bebé um pouco de sumo e vi que o ingeria.*

*E assim foi toda a noite... E o choro da criança não cessava... Mas eu não desistia, até que de madrugada parou repentinamente de chorar e a sua face encheu-se de serenidade. Julguei o pior, mas senti-lhe a respiração. E agora dormia, naturalmente!*

*Minha cunhada e meus pais ficaram felicíssimos ao ver o sono da criança.*

*— Como foi isto? Como fizeste? — perguntaram.*

*— Fiz-lhe uma pequena massagem sobre a testa — e orei.*

*— É um milagre! Deves ter mãos curadoras!*

*Talvez eu as tenha, porque não é esta a primeira vez que ajudo uma cura «in extremis».*

*E o bebé recompôs-se. Se os recursos da cura espirita fossem mais conhecidos no estrangeiro, como o são aqui, tenho a certeza de que muitos doentes se teriam curado, sem o tormento de operações ou drogas.*

---

familiares, orientando-nos no sentido da harmonia fraternal. Demonstremos que entre nós a *irmandade* não é palavra decorativa. O mundo materialista e fetichista prepara apressadamente o cerco ao período apocalíptico. Estamos em vésperas de fortes convulsões mundiais, porque é o início do rearmamento das pequenas e grandes potências.

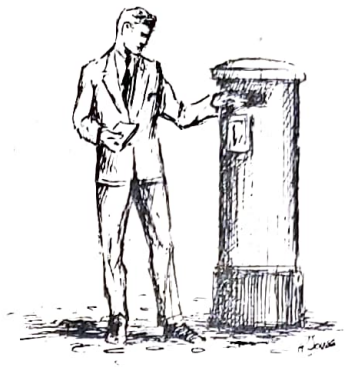
As consciências antibélicas fixam-nos e analisam-nos, esperando a nossa palavra, a palavra alentadora do Espiritismo, cuja natureza é profundmente pacifista, mas revolucionária na essência. Infelizmente a nossa revolução pacífica e introspectiva permanece estática devido à ferrugem de suas molas, ou seja dos seus elementos cooperadores e propulsores que se limitam a esperar a hora propícia, a fim de se apresentarem com o prato a receber o que lhes corresponda. Neste particular não nos sincronizamos com a doutrina espirita. Falta-nos a transformação ética. Por mais que o Espiritismo se esforce na transformação do novo homem, este constitui uma raridade.

Não negaremos que há bons e autênticos espiritistas. Mas são tão pouquitos, tão pouquitos... Não obstante, confiemos neles, em seus exemplos, em suas obras admiráveis e magníficas.

As transformações nas várias manifestações da vida foram sempre obra de poucos, das insignificantes minorias, que são a levedura do progresso das sociedade humanas. Abriguemos a esperança de que, através do seu dinamismo, marcarão sendas mais precisas à evolução da humanidade.

**(Tradução de I. D. S.)**

# MARCO POSTAL



**Dr. Carlos Imbassahy** — *Recebi o seu cartão em verso. Conheço a sua obra doutrinária, as suas polémicas de luva branca, o seu vernáculo a brilhar como gota cristalina, o seu espírito de cavaleiro andante, o tom faceto que imprime a certas respostas, mas não lhe conhecia a veia poética. Será que vai fazer estreia em verso? Não se admire de eu lhe seguir as pegadas, que a inspiração, quando vem, não bate à porta: galga a janela...*

**Pereira Guedes — Rio de Janeiro** — *Muito agradecido pela referência ao vigésimo aniversário de* Estudos Psíquicos. *Suas palavras calaram-me no espírito. Vieram de um franco-atirador que não abandona a linha, que se mantém firme no reduto escolhido. Pode-se discordar de suas atitudes, mas você impõe-se pela coerência. Quem fizer a história do Espiritismo terá que mencionar o seu nome. Queiram ou não queiram os conformistas.*

**Ramiro Viana — Cidade de Campos** — *Há muito que não tenho notícias suas, nem do Peixotinho. Sei que mourejam na seara, que se esforçam como trabalhadores que não desejam salário e que muito poderiam dizer, se quisessem. Eu é que não me esqueço de vocês. Nunca me esquecerei. O que se passou aí anda em mim a cantar e a rezar. Quando reviverei o sonho que me envolveu naquela noite? Lembranças aos amigos dessa urbe acolhedora!*

**Ismael Gomes Braga — Rio de Janeiro** — *Que pena tive de não poder avistar-me consigo após aquele telefonema na casa do Humberto! As injunções do tempo no tocante aos quefazeres da vida roubaram-me essa oportunidade. E quando quis, não era tempo. Ficará para outra vez. Tenho esperança. Gostaria de o conhecer pessoalmente. Há certos homens que é preciso conhecer, para melhor se avaliarem. Você é um deles. Devia-lhe estas palavras. Agora estou quite com o coração. Coragem e avante!*

**António José Alves — Rio de Janeiro** — *Você é outro que não esqueço. Está na brecha, frente ao sacrifício. Trabalha sem alarde. Mas trabalha sempre. A Causa merece o seu esforço, o esforço de todos. Os evidentes e os apagados. Que uns e outros são necessários. Aliás a obra será incompleta. Um grande abraço.*

**João Teixeira de Paula — São Paulo** — *Tenho lido seus trabalhos em* Unificação *e no* Espirita Fluminense *(Coluna Filológica em defeza (sic) da Língua). É pena que aquela «defeza» não tenha defesa. Mas deve ser* gralha, *certamente. Porque não colabora connosco?* Estudos Psíquicos *aguarda a sua vinda. Mourejar aqui é mourejar aí. Lembra-se do almoço em casa do Lino? Que belo manjar e que excelente* bate-papo! *Dois eventos que ficaram* per omnia seculae...

**General Milton O'Reilly — Niterói** — *Sigo-lhe a obra com grande interesse. A sua coluna habitual é magnífica. Ensinar é a mais bela missão de quem aprendeu, para que a luz se não esconda. Não me esqueço do seu abraço em Resende, nem da Academia Militar das Agulhas Negras. Há coisas que se fixaram. São indeléveis. Lembra-se da flâmula? Não olvidarei jamais esse momento simbólico. A Academia Militar Espirita mantém-se atrás da relíquia drapejante. E o abraço também...*

**Major Dr. Luís Gentil — Niterói** — *Você é um ausente... presente. Nem o tempo nem a distância influem na amizade. As nossas viagens foram edificantes em tudo. Até neste laço inquebrantável. Como vai a nossa pianista? Continuo à espera da sua colaboração. É o sebastianismo que me anda nas veias. Quando voltar — não hei-de voltar ainda ao Brasil? — terei de ver coisas novas, surpreendentes como as outras, para me encher de encanto fluminense...*

**Dr. Lauro Sales — Rio de Janeiro** — *Ainda não lhe respondi, mas você tem razão. Há coisas espantosas e Camilo escreveu um livro sobre o assunto. Eu também já tenho escrito alguma coisa. Quer que lhe diga? Kardec teve detractores. Mas onde estão eles? Em que Panteão repousam seus invólucros? E o Mestre está vivo nas multidões ansiosas. Não valem conspirações, quando a glória dos homens envolve as almas. A cada um segundo as suas obras. Um grande abraço de simpatia.*

**Jaime Xavier Silva — Maceió** — *Aguarde as minhas crónicas. Falarei a seu tempo do que vi e senti nessa terra promissora, alfobre de seareiros que não param. Você tem um lugar em meu coração. Você e a prole magnífica que não esqueço, nem posso esquecer. Veja o preço da revista para 1959. Peço-lhe que rectifique a cobrança. Saudações fraternas.*

**Marechal Mário Travassos — Rio de Janeiro** — *«O Espiritismo no Brasil» está em marcha. Muitas páginas estão compostas. A circular seguiu na revista de Março, menos o preço de capa, que ainda ignoro. Brevemente sairá outra, que devemos enviar aos Núcleos da Cruzada dos Militares Espiritas. Espero que o livro seja bem acolhido. Preencherá uma lacuna e será um depoimento. O estímulo de suas cartas é parcialmente responsável pela edição. O segundo volume revelará muitas coisas que não couberam neste. Saudações e cumprimentos à Ex.ma esposa.*

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## NOTÍCIAS DA FRATERNIDADE ESOTÉRICA

No dia 28 de Fevereiro último iniciou as suas actividades um Grupo Doutrinário a que podem concorrer membros dos corpos gerentes desta agremiação, sócios da mesma e de outras colectividades espiritas de Lisboa, além de convidados sem qualquer filiação associativa, e reunirá no último sábado de cada mês, desenvolvendo temas prèviamente estabelecidos em que se aprofundarão os ensinamentos espiritas, evangélicos e rosacrucianos, que poderão constituir belas comunicações livres.

Também se poderão estudar assuntos de interesse para a propaganda das doutrinas evangélico-espiritas, com vista à boa fraternidade.

A inauguração do Grupo constitui justa homenagem ao seu patrono Sousa Couto, que nos princípios do século desenvolveu brilhante acção espirita.

A mesma colectividade realizou também no dia 2 de Março uma sessão de homenagem à memória do Dr. António Joaquim Freire, que durante grande parte da vida se dedicou à propaganda das doutrinas espiritas, nela incluíndo acção permanente relacionada com a Federação Espirita Portuguesa.

Presidiu à sessão o Dr. António Lobo Vilela, secretariado pela viúva do homenageado. Falou primeiro o nosso colaborador José F. Cabrita, da Direcção da *Fraternidade Esotérica,* que agradeceu a representação dos centros de Lisboa e exaltou as qualidades do homenageado.

D. Ivone de Sousa associou-se à manifestação, como delegada dos espiritistas de Tondela.

Por fim, o Dr. Lobo Vilela teceu o panegírico do Dr. António Joaquim Freire, focando a sua vida agitada, impulsionada por incontido temperamento combativo, quer no campo político, quer no combate renhido aos adversários do Espiritismo.

Seguiu-se prolongada concentração pelo seu Espírito, na qual foi envolvida a viúva, D. Antónia de Morais Freire, que agradeceu, muito sensibilizada.

## O ESPIRITISMO NA INGLATERRA

No dia 18 de Janeiro último, a nossa correspondente em Londres, sr.ª A. W. Sungleton, falou no Centro Espirita de Cambridge, na sessão da manhã (11 horas) e da tarde (6,30). De manhã uma clarividente do Centro trabalhou com ela a distância sobre o doente J. Cunningham, que devia ter colaborado nas duas sessões.

Há outro Centro em Cambridge, que mantém excelentes relações com o Centro de John Stred, os quais colaboram com a União Espirita Nacional.

Nesta cidade há falta de propaganda espirita. Assim, no domingo seguinte, depois de se anular uma sessão devido a divergências entre a nossa correspondente e uma senhora, com receio de possíveis controvérsias, aquela visitou a Igreja de Good Shepherd, em Stamford Hill, antigamente aberta ao culto católico.

Durante a cerimónia da bênção, o arcebispo respondeu a várias perguntas do alto do púlpito e terminou exaltando a bela clarividência de Roy Morgan, o qual exerceria as suas faculdades no fim das práticas religiosas. De facto, o seu trabalho foi notável.

O conhecido médium Joseph Benjamin deve ir lá brevemente. A Igreja mantém um serviço mensal de curas de animais e aos sábados um Clube de Harmonia, de que fazem parte judeus e elementos de outras raças.

No final do serviço de clarividência foi lançado um apelo a todos os espiritistas, no sentido de se unirem para salvar os pequenos santuários ameaçados pelo aumento de renda de casa. Como se vê, a posição é séria. Em toda a parte surgem dificuldades. O que é preciso é realizar cada vez mais esforços, seja qual for a latitude e a circunstância.

## O ESPIRITISMO NÓRDICO

*Consciência,* de Buenos Aires, relativa a Novembro-Dezembro de 1958, insere uma carta da senhora sueca Ostman, em que se fala de Espiritismo. Depois de afirmar que os suecos são demasiadamente materialistas, para que se detenham a estudar o problema da reencarnação, informa acerca do último Congresso Espirita Nórdico que revestiu aspectos notáveis. As sessões abriram com preces, hinos e música clássica e as numerosas conferências, de fundo religioso, filosófico e científico agradaram sensìvelmente.

A missivista diz que o Espiritismo deve interessar-se pela ciência, pela parapsicologia, telepatia e teosofia e não cair em dogmas. De certo, o nosso dever é combater o materialismo.

O discurso mais notável foi pronunciado pelo Dr. P. Goos, que dissertou sobre «A Ciência e o Espiritismo do Nosso Tempo». O Dr. Goos estudou na Universidade de Buenos Aires e fez parte de uma expedição ao país dos índios calchaquies.

*Consciência* publica algumas notas relativas aos países escandinavos, onde vários grupos espiritas fundaram a Sociedade «Riksjorbund», filiada na *União dos Espiritistas Nórdicos,* cujo representante sueco é Magnus Bernstrom, residente em Gotemburgo.

A organização do Espiritismo nesta região data de 1927. Em Estocolmo funcionam três sociedades que se dedicam à literatura da especialidade.

A Dinamarca é campo mais propício. Há mais de 10 000 adeptos, com bons médiuns, entre eles, o famoso Einar Nielsen, que tem obtido óptimas materializações e recebe visitas dos países limítrofes. Além disso, há cinco templos e três reverendos. As curas mediúnicas são muito frequentes.

Na Finlândia há cerca de 30 obras espiritas no idioma do país. À sr.ª Helmi Ilhohn se deve aqui a instituição do Espiritismo.

Assim, a doutrina vai avançando e proliferando em todos os recan-

tos do mundo. É bom que falem os críticos em tom de sátira. Isso tem o condão de originar polémicas, que o público acompanha sempre com agrado. Depois a luz acaba por espancar as trevas.

A discussão é necessária para agitar as ideias e aguçar a curiosidade. O *auto de fé* de Barcelona, onde se queimaram as obras de Kardec, produziu excelentes frutos e serviu de pretexto à fundação de muitos centros que difundiram o ideal, através de jornais, revistas, folhas soltas e conferências. A violência de um bispo cimentou as nossas fileiras e deu aso a que milhares de pessoas procurassem aquelas obras. É sempre assim. É bem certo o ditado: «Deus escreve direito por linhas tortas»...

## INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES DE MONTEVIDEU

Segundo lemos em *Constância,* de Buenos Aires, o Conselho Directivo deste Instituto, a que preside o arquitecto José Cláudio Williman, tem desenvolvido grande actividade, integrado na Universidade de Montevideu, com ensino absolutamente gratuito.

A cátedra de Parapsicologia é dirigida pelo professor Guilherme B. Pascal. As primeiras conferências foram realizadas na sede do Instituto e a última no Salão de Actos do Liceu Francês de Montevideu. As três primeiras conferências, respectivamente a cargo do Dr. R. Warburton, do professor Alexandre Erú e de Carlos Alonso, versaram sobre «Estado Actual da Investigação Parapsicológica», Acção da Mente sobre a Matéria» e «As Minhas Experiências Pessoais em Clarividência». O engenheiro José S. Fernandes encerrou o ciclo de divulgação com o trabalho «Parapsicologia e Realidade da Alma».

«O País», velho diário uruguaio, publicou três grandes relatos do acontecimento em 11, 18 e 25 de Novembro de 1958. a toda a largura da página, com fotografia de oradores e do público. Estas conferências despertaram enorme interesse no ambiente de Montevideu.

O Instituto de Estudos Superiores trabalhou em estreita ligação com o Colégio Argentino de Estudos Psíquicos, que se encarregou da parte teórica, a qual reforçou as afirmações doutrinárias expostas.

— O arquitecto Williman é filho do antigo presidente da República do Uruguai — diz a revista *Constância* — e pode estar satisfeito por haver testemunhado a verdade transcendente do homem.

Enquanto o progresso caminha a passos de gigante em certas regiões, noutras como que se contrai, amesquinhando ainda mais as parcas regalias do bípede implume.

## A TRAGÉDIA DO «TITANIC» FOI PREVISTA

O *Melbourne Herald* publicou uma notícia a propósito da exibição da fita «A Night To Remember», que em Português se intitulou «A Tragédia do *Titanic*».

Segundo alguns investigadores, houve uma espécie de Júlio Verne que narrou a tragédia 14 anos antes dela suceder. Assim, em 1898, o jornalista inglês Morgan Robertson escreveu uma novela acerca de novo transatlântico que ele denominou «Titã» (quase o nome do outro), dando-lhe as características de 70 000 toneladas e 256 metros de comprimento (o «Titanic» tinha 66 000 toneladas e 282 metros).

O paquete era munido de três hélices e podia alojar 2 500 passageiros, mas os salva-vidas só acomodavam um terço deste número (o «Titanic» tinha três hélices, podia alojar 2 500 passageiros, mas os salva-vidas só chegavam para algumas centenas).

O transatlântico de Robertson era insubmergível e foi a pique na primeira viagem atlântica, depois de abalroar com um *iceberg* numa noite fria de Abril (o «Titanic» era também considerado insubmergível e foi a pique na primeira viagem atlântica numa noite de Abril, depois de chocar com um *iceberg).*

No «Titã» de Robertson, só um terço dos passageiros se podiam salvar (no «Titanic» salvaram-se 713, entre 2.224 que iam a bordo; precisamente um terço).

Ainda há outra estranha semelhança entre o paquete real e o imaginário. Robertson «meteu» no barco muitos passageiros ricos e bonacheirões, provenientes dos Estados Unidos da América (quando o «Titanic» saiu de Southampton, em 1912, havia a bordo uma lista de passageiros em que predominavam americanos, cujos depósitos bancários atingiram 266 milhões de dólares).

Como explica a ciência materialista a antecipação que acabamos de citar? Há tantas coisas que não entende a humana filosofia!...

## UNIÃO ESPIRITA DE BRASÍLIA

Tem-se falado muito em Brasília, a nova capital dos Estados Unidos do Brasil que o presidente Kubitschek de Oliveira mandou construir no planalto de Goiás e cujas maquetas estiveram expostas na Sociedade Nacional das Belas-Artes, constituíndo verdadeiro êxito. Pois ao lado desse empreendimento invulgar que muitos brasileiros combateram por seu apego à tradição já se movimentaram milhares de pessoas que desejam acompanhar o progresso e levar à nova urbe a seiva renovadora.

Primeiro foi a Sociedade Eclética Universal, cuja população associativa se trasladou do Rio de Janeiro a Goiás, num verdadeiro êxodo que já está dando os seus frutos. Agora é a fundação da *União Espirita de Brasília,* devido aos esforços do Dr. Ernani Cabral, professor de Direito na Faculdade deste grande Estado.

No Brasil, o Espiritismo marca a sua presença em todos os actos nobilitantes.


**COLECÇÕES DE «ESTUDOS PSÍQUICOS» E DE «MEDICINA NATURAL»**

**Temos lindas colecções de «Estudos Psíquicos» encadernadas em percalina azul, que vendemos aos seguintes preços:**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1.º | ano | 120$00 | 10.º | ano | 90$00 |
| 2.º | » | 90$00 | 11.º | » | 90$00 |
| 3.º | » | 90$00 | 12.º | » | 90$00 |
| 4.º | » | 90$00 | 13.º | » | 90$00 |
| 5.º | » | 90$00 | 14.º | » | 90$00 |
| 6.º | » | 120$00 | 15.º | » | 90$00 |
| 7.º | » | 90$00 | 16.º | » | 90$00 |
| 8.º | » | 90$00 | 17.º | » | 90$00 |
| 9.º | » | 90$00 | | | |

**Da «Medicina Natural» temos dos anos 1955, 1956, 1957 e 1958, ao preço de 55$00.**

## HISTÓRIA DE UM GATO

*P. B. M. enviou um pequeno artigo à revista inglesa «The Cat» (O Gato), dizendo que há cerca de um ano lhe faleceu uma vizinha idosa, cujo gato negro, chamado* Lovey, *vivia sòzinho com a dona e se aterrorizou, quando lhe entraram em sua casa, deixando-se ficar a um canto, durante quatro dias. Foram buscá-lo, alimentaram-no, mas voltou para casa, enroscando-se no seu reduto. Ao quarto dia apareceu depois do jantar e instalou-se junto ao fogão, muito satisfeito ao pé do articulista e do seu gato* Dandy-Lion.

*«Os operários — escreve P. B. M. — tinham começado a reparar a sua antiga casa, até que chegaram novos inquilinos, prontos a acarinhar os dois gatos.* Dandy *procedia como se lhe pertencessem as duas vivendas, mas* Lovey *mantinha-se reservado. Um dia os novos vizinhos procuraram-me excitados.* Lovey *entrou em casa, subiu ao quarto das trazeiras onde permaneceu algum tempo a miar, desceu ao rés-do-chão e saiu, como se nada mais existisse. Mas eu sabia que era o dia do aniversário da morte de sua dona. Sabê-lo-ia ele? Teria ela voltado? Tê-lo-ia chamado? Desde então,* Lovey *entrava e saía e tornou-se amigo dos novos locatários. Estaria ligado a um ano de luto?...»*

## O RÉQUIE DO TORDO

*Grandes interrogações se levantam acerca da alma dos animais. Por isso, não deixa de ser oportuno relatar um caso publicado em revista inglesa por George Milburn, concernente a um pássaro muito conhecido em Portugal.*

*«Até à morte de meu pai — diz o articulista — sempre tivemos aves em nossa casa, situada em Jarrow-on-Tyne, Durham. Muitas eram apanhadas por meu pai: pintasilgos, piscos e tordos cantadores, que lhe dedicavam grande afecto, saltando-lhe para os ombros, quando as gaiolas estavam abertas.*

*«Após alguns anos só restava um tordo, que principiava a cantar, quando meu pai aparecia, e que, depois de ele cair à cama com gripe, deixou de o fazer.*

*«Meu pai morreu de madrugada e o tordo não cantou nesse dia, nem nos três seguintes, em que o morto esteve no caixão. No dia do enterro continuou silencioso; mas quando levaram o féretro começou a cantar maravilhosamente, como nunca havia cantado, em tom alto e claro, até que a carreta desapareceu na volta da rua. No dia seguinte, a ave estava morta...»*

## COMPANHEIROS NOCTURNOS

*O sr. James C. William insere no* Fate *um artiguinho que vai decerto causar impressão.*

*Em 1933 vivia ele em Kirkintillock, pequena cidade no Dumbartonshire. Entre os amigos de sua esposa havia uma jovem encantadora chamada Lattie e que era violinista consumada. Nessa altura um rapaz de nome Willie Bell e da mesma idade de Lottie aterrorizava a vizinhança ao conduzir uma poderosa motocicleta.*

*Um dia Lottie informou-os de que ia casar-se com ele e, depois do enlace, dedicou-se inteiramente ao lar. Em certa tarde, porém, Willie morreu de desastre de viação e Lottie voltou às suas lições de violino. Mais tarde teve um filho.*

*E o sr. William acrescenta:*

*— Numa visita que Lottie nos fez contou-nos que seu filho — agora já de sete anos — lhe dissera que um homem muito simpático vinha brincar com ele à cama. Outra senhora, igualmente visita, perguntou-lhe: «Tens alguma fotografia de teu marido?» «Tenho». «E teu filho já a viu alguma vez?» «Não». «Então mostra-lha e vê o que se passa».*

*Lottie assim fez e contou que o rapaz ao ver a fotografia do pai exclamou:*

*— Ó mamã, este é o homem que brinca comigo à noite.*

*Este caso é semelhante a muitos outros narrados por Miss d'Esperance, em seu livro «No País das Sombras».*

## O RETRATO SANGRENTO

*Na mesma revista lemos uma comunicação da senhora Patrícia Rambeon. Em 1945 seu irmão James Malinson morreu num combate em Okinava e em 1948 a família recebeu dele um retrato a óleo por intermédio de um camarada de James e feito por artista japonês, segundo uma fotografia.*

*Depois de o contemplar, a mãe de Patrícia pendurou-o junto à escada.*

*Um dia, ao descer, parou atónita ao ver o rosto de James coberto de sangue.*

*— Minha mãe — diz ela — chamou logo meu pai e minha irmã que, não menos atónitos, verificaram o fenómeno. Minha mãe foi a correr buscar um pano para limpar a mancha do quadro e quando voltou o sangue tinha desaparecido, sem deixar vestígios. Ainda conservamos o quadro, mas desde esse dia nunca mais apareceu qualquer mancha de sangue no retrato.*

## O ESPERANTO OFICIALIZADO

*Foi oficializado em Juíz de Fora, Estado de Minas Gerais, o ensino do Esperanto. A lei n.º 1194 teve promulgação a 22 de Dezembro de 1958, após intensa luta de adversários do Espiritismo, entre eles os católicos. Doravante a língua internacional será ministrada nas escolas municipais daquela região, o que levou o Bispado a protestar, através de* O Lampadário, *seu órgão oficial, insinuando que no projecto aprovado talvez «houvesse inspiração espirita inconfessada, algum prosélito de Kardec que lá soprasse dentro...» Depois adverte: «Católicos, estejamos de sobreaviso, que a Federação Espírita Brasileira, sobretudo após o centenário do impagável Kardec, está-se esforçando para propagar o Espiritismo, mediante o Esperanto».*

## AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, realizou-se no dia 15 de Fevereiro no Centro Espiritualista «Luz e Amor» uma conferência intitulada «Os Fenómenos Telepáticos».

Encarregou-se desse trabalho o nosso companheiro Dr. António Cardoso, que focou vários assuntos tendentes a despertar o maior interesse nos assistentes.

Primeiro tratou da teoria do fenómeno. Para explicá-lo estudou o electro-encefalograma e historiou a demonstração das ondas mentais através da experiência e sua correlação com as excitações externas.

Depois entrou na telecinesia e fez notar a sua enorme importância como ponto de partida para a explicação do fenómeno.

Em seguida falou dos problemas da telepatia, referindo-se pormenorizadamente às imagens-parasitas que impedem a recepção genuína da onda mental. Também esta faceta foi exposta com critério científico, única maneira de ventilar assuntos deste género.

Como sempre, António Cardoso foi rigoroso na apresentação do seu tema e procurou esclarecer alguns pontos obscuros, no sentido de facilitar a compreensão geral.

Presidiu Jorge Raimundo, secretariado por Coelho de Sousa.

No dia 8 de Março coube a vez a D. Ivone de Sousa, com o tema «No Mundo dos Fenómenos». Foi a primeira vez que esta colaboradora se abalançou de improviso em trabalhos deste género e podemos dizer que foi auspiciosa a estreia. António Cardoso, que secretariou, fez a apreciação da conferência e Isidoro Duarte Santos analisou também alguns passos, iniciando nova modalidade de palestras à moda inglesa, nas quais a assistência toma parte mais ou menos activa, como se verificou numa série de perguntas e respostas, que entusiasmaram quantos se encontravam na sala.

## TRABALHOS DO CENTRO EM ABRIL E MAIO DE 1959

### Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos. (Dia 2, 9, 16, 23 e 30 de Abril e dia 7 e 14 de Maio).

---

Dia 1 de Abril, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 3, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 5, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 7, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 8, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 10, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 12, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda.

Dia 14, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 15, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 17, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 19, domingo, às 16 horas — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «Os Mistérios da Clarividência».

Dia 21, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Dia 22, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 24, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 26, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília.

Dia 28, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 29, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1 de Maio, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 3 de Maio, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua, com a médium D. Conceição Dias.

Dia 5, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 6, 4.ª feira, às 21,30 — — Grupo de doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 8, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Problema dos Fantasmas».

Dia 12, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

## FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos:

*Mês de Março* — Torcato Cardoso Ferreira, de Nampula, 100$00; D. Noémia de Seabra, de Lisboa, 20$00; D. Rosa Guerreiro, por intenção de um filho muito querido, de Lourenço Marques, 100$00; Manuel Romão de Sousa Gago, de Luanda, 45$00; V. L., de Coimbra, 5$00; A. L., de Setúbal, 5$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Zétó, de Tavira, 2$50; M. Teresa, de Ovar, 5$00; M. L., de Coimbra, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 2$50; M. F., de Beja, 5$00. — *Total 300$00.*

# ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO | LISBOA, MAIO DE 1959 | N.º 5

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa


# ÊXODO

As fileiras do Espiritismo estão desfalcadas. Uns abandonaram a terra e outros rumaram a interesses favoritos. Antes eram decididos, impunham-se aos adeptos, suscitavam esperança. Falavam e eram ouvidos; escreviam e eram compreendidos. A causa podia contar com eles a todo o momento, fosse qual fosse a circunstância.

Os obstáculos, porém, calcetaram a roda, exigindo maior esforço e maior perseverança. E as qualidades foram postas à prova. E a coerência e a força de vontade. Tudo se caldeou nalguns que se mantêm firmes e tudo se esboroou nos outros.

«A fé começa onde o orgulho acaba — dizia Lamenais —. Tirai a fé e tudo perecerá: é a alma da sociedade e a substância da vida humana».

Desertaram, porque não tinham fé, porque não viviam o ideal; de outro modo estariam presentes na obra, sucedesse o que sucedesse.

O Espiritismo liberta as almas do mundo velho e renova os organismos. Quando mal se precata, o homem é diferente. Sente mais calma, sente mais amor. A felicidade reside no amor. Temos que olhar tudo com benevolência: mineral, vegetal e animal. Depois seremos mais homem e menos lodo. Por isso devemos ser gratos à Doutrina.

Os que desertaram perderam a fé ou trocaram-na pelo bezerro de ouro. Deixaram-se embalar por sereias transitórias.

Há de tudo no êxodo que se amplia: almas simples apoiadas a luz bruxuleante; arrivistas desconsolados ou desiludidos; talentos que brilharão mais em sectores acomodatícios; enfermos que entraram na corrente vital esquecendo a cura; fanáticos que não encontraram meio adequado à cegueira; indolentes a quem se apontara o caminho do estudo.

Estes desertores ignoravam um provérbio valáquio que deviam decorar para seu uso:

— Não é batendo com uma esponja que pregarás um prego na parede.

Não tiveram coragem, nem perseverança. Eram incapazes de cair sete vezes e levantarem-se oito, como se diz no Japão.

E as fileiras estão desfalcadas.

A monda fortalece e engrossa o trigo. O mesmo espaço fica com menos plantas, que podem alargar o caule e as folhas e dar frutos mais saborosos.

O que é preciso é qualidade. Nada de multidões, sempre variáveis e amorfas, que a Doutrina oferece-se, não constrange. É um crivo de vontades.

Os preconceitos respondem em parte pelo êxodo. Estão na base da anomalia. Maquiavelo falava bem ao dizer que os preconceitos têm mais raízes que os princípios. Estão em toda a parte a algemar, a limitar, a condenar. São convenções de poucos lançadas à consciência de muitos, que se acocoram e submetem sem esboço de resistência.

O preconceito venceu a liberdade dos fortes. Um polvo que se enroscou, aplicando a ventosa, absorvendo a seiva. É o pai, a mulher, o irmão, cada qual com seu estribilho. E o homem vai cedendo às ideias dos outros, à tradição e a costumes antiquados.

Impõe-se a renovação do Espiritismo. Os que ficaram compreendem e resistem ao privilégio. Não arredam pé. Difundem a ideia pela palavra e pela pena e os acontecimentos militam a favor da causa. Enquanto o êxodo se processa, milhares de pessoas ansiosas buscam a Doutrina, que se vai propagando e firmando em todos os lugares da terra.

É uma luta de gigantes. De um lado a reacção, o apego aos interesses individuais; do outro, a bola de neve cilindrando velharias. Sangue novo a dominar o caquético.

Venham outros valores, que os há, de grande mentalidade. Venham reconstituir as fileiras à luz da ciência e da filosofia, que o Espiritismo abre os braços à mocidade, única esperança de um provir radioso que se entrevê nas brumas do presente...

# No campo da investigação científica

**Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA**

V

William Crookes, uma das grandes glórias do campo científico britânico na segunda metade do século 19, foi, de entre vários homens de ciência daquele tempo que se dedicaram a estudar as manifestações transcendentes do mundo invisível, o que mais vincou o seu interesse e desassombro por tais estudos e o que orientou as suas investigações respeitantes a eles.

Ora o espírito de Katie King havia quase três anos que se manifestava nas sessões com a médium Florence Cook, «inocente colegial de 15 anos» — no dizer de William Crookes, quando este homem de ciência se dispôs a tomar parte naquelas sessões e a observar com espírito científico as condições em que se dava a materialização da bela Katie, de que tanta gente falava, e muitos de forma bastante depreciativa para a médium.

Foram várias as experiências feitas em sua própria casa por Crookes, dadas todas as facilidades que os pais de Florence concederam para isso. O sábio inglês fazia-se rodear de todas as precauções contra a mais leve suspeita de fraude ou de mistificação, e para se acautelar contra a ilusão dos próprios sentidos associou às suas experiências o distinto físico inglês sr. Varley, engenheiro electricista especializado na colocação de cabos submarinos e membro da Sociedade Real de Londres.

O sr. Varley concebeu a ideia de fazer atravessar o corpo da médium por uma fraca corrente eléctrica, durante todo o tempo em que a forma materializada estivesse visível. Envolvida em fios condutores cuja corrente se fazia conhecer pelo galvanómetro, foi verificado que a médium não fez o menor movimento, enquanto se movia a forma materializada de Katie.

O sr. Harrison, editor de «Spiritualist», que assistiu a essas experiências e as relatou no seu jornal, publicou também no «Médium» a seguinte notícia com a aprovação dos srs. Crookes e Varley:

«Em consequência da minha presença a várias sessões recentes, durante as quais os srs. Crookes e Varley dirigiram uma fraca corrente eléctrica através do corpo da senhora Cook, durante todo o tempo em que ela se achava no gabinete, ao mesmo tempo que Katie estava fora dele, algumas pessoas que fizeram parte da assistência pediram-me comunicasse os resultados obtidos nessas experiências, no desejo de que esse artigo tenha por efeito proteger um médium leal e honesto contra indignos ataques. Quando Katie saiu do gabinete, nenhum fio metálico aderiu à sua pessoa, e durante todo o tempo em que ela se manteve no aposento, fora do gabinete, a corrente eléctrica não sofreu nenhuma interrupção, o que teria inevitàvelmente acontecido se os fios tivessem sido desenrolados dos braços da senhora Cook sem que as suas extremidades fossem imediatamente postas em contacto.

«Admitindo mesmo que se tivesse dado esse facto, a diminuição de resistência teria sido logo posta em evidência pela agulha do galvanómetro. Nas experiências de que se trata, ficou demonstrado que a senhora Cook esteve no gabinete durante o tempo em que Katie se exibia cá fora.

«As sessões realizaram-se nas casas dos srs. Crooks e Luxmoore.

«Antes de vos dirigir a presente carta foi ela lida e aprovada pelos srs. Crookes e Varley».

Esta carta é datada de 17 de Março de 1874 e assinada pelo sr. William H. Harrison.

Eis como o próprio William Crookes descreve as suas experiências, nas breves reproduções que vamos fazer, podendo os estudiosos ler a obra deste notável investigador espirita intitulada «Recherches sur les Phénomènes du Spiritualisme» ou o livro «*Factos Espiritas observados por W Crookes e Outros Sábios*», edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira.

Referindo-se ao rigor com que fazia as suas observações diz:

«Durante esses seis últimos meses, a senhora Cook fez-nos numerosas visitas, e demorava-se algumas vezes uma semana em nossa casa. Não trazia consigo senão uma pequena mala de mão, que não fechava à chave. Durante o dia estava em companhia de minha mulher, na minha ou na de algum outro membro da minha família, e não dormia só, não tinha ocasião de nada preparar, mesmo de um carácter menos aperfeiçoado, que fosse apto para representar o papel de Katie King.

«Eu mesmo preparei e dispus a minha biblioteca assim como a câmara escura, e como de costume, depois que a senhora Cook jantava e conversava connosco, dirigia-se logo para o gabinete, e a seu pedido eu fechava à chave a segunda porta, guardando a chave comigo durante toda a sessão: então abaixava-se o gás e deixava-se a senhora Cook na escuridão.

«Entrando no gabinete a senhora Cook deitava-se no soalho, repousando a cabeça sobre um travesseiro, e logo depois caía em letargia. Durante as sessões fotográficas Katie envolvia a cabeça do médium com um chale, para impedir que a luz lhe caísse no rosto.

«Várias vezes levantei um lado da cortina quando Katie estava em pé muito perto, e então não era raro que as 7 ou 8 pessoas que estavam no laboratório pudessem ver ao mesmo tempo a senhora Cook e Katie à plena claridade da luz eléctrica.

«Não podíamos então ver o rosto da médium por causa do chale, mas percebíamos as suas mãos e pés. Vimo-la mover-se penosamente sob a influência desta luz intensa, e ouvíamos-lhe os gemidos.

«Tenho uma prova de Katie e do médium fotografados juntamente; mas Katie está colocada diante da cabeça da senhora Cook.»

E depois de relatar os resultados da sessão em que viu pela primeira vez, na sua frente, ao mesmo tempo a forma materializada de Katie e o corpo da médium no seu sono letárgico, descreve assim as diferenças que observou entre ambas:

«A estatura de Katie era variável: em minha casa a vi maior 5

centímetros do que a senhora Cook. Ontem à noite, tendo os pés descalços e não se apoiando na ponta dos pés, ela era maior 10 centímetros e meio do que a senhora Cook e tinha o pescoço descoberto. A pele era perfeitamente macia ao tacto e à vista, ao passo que a senhora Cook tem no pescoço uma cicatriz que, nas mesmas circunstâncias, se vê muito bem e é áspera ao tacto.

«As orelhas de Katie não são furadas, enquanto que as da senhora Cook trazem ordinàriamente brincos. A cor de Katie é muito branca enquanto que a da senhora Cook é muito morena. Os dedos de Katie são muito mais compridos do que os da senhora Cook, e o seu rosto é também maior.

«Na forma de se exprimir há também diferenças assinaladas».

E falando das fotografias que obteve, como a prova mais concludente dos seus trabalhos, pois possuiu 44 negativos, uns medíocres, alguns nem bons nem maus e outros excelentes, diz assim:

«Uma das fotografias mais interessantes é aquela em que estou em pé ao lado de Katie, tendo ela o pé descalço sobre um ponto particular do soalho. Vesti em seguida a senhora Cook como Katie. Ela e eu nos colocámos exactamente na mesma posição, e fomos fotografados pelas mesmas objectivas colocadas perfeitamente como na outra experiência, e iluminados pela mesma luz. Quando os dois esboços foram colocados um sobre o outro, as duas fotografias minhas coincidiram perfeitamente quanto ao porte, etc., mas Katie é maior meia cabeça do que a senhora Cook, e, perto dela, Katie parece uma mulher gorda. Em muitas provas o tamanho do seu rosto e a estatura do seu corpo diferem da médium, e as fotografias fazem ver vários outros pontos de dissemelhança».

E pelo que o próprio Crookes deixou escrito é bom esclarecer que em cada sessão havia três ou quatro exposições de placas nas cinco câmaras escuras dos cinco aparelhos completos de fotografias, o que dava quinze provas por sessão.

Algumas se estragaram na revelação das chapas e outras ao regular a luz.

Aqueles aparelhos consistiam em cinco câmaras escuras, uma do tamanho de placa inteira, uma de meia placa, uma de quarta, e de duas câmaras estereoscópicas binoculares, que deviam todas ser dirigidas sobre Katie ao mesmo tempo, cada vez que ela ficasse em posição para obter o seu retrato. Contudo Crooks diz noutra passagem do seu relato:

«Mas a fotografia é tão impotente para representar a beleza perfeita do rosto de Katie, quanto as próprias palavras o são para descrever o encanto de suas maneiras. A fotografia pode, é verdade, dar um desenho do seu porte; mas como poderá ela reproduzir a pureza brilhante de sua tez ou a expressão sempre cambiante dos seus traços tão móveis, ora velados pela tristeza quando narrava algum acontecimento doloroso da sua vida passada, ora sorridente com toda a inocência de uma menina, quando reunia os meus filhos ao redor de si, e os divertia contando-lhes episódios das suas aventuras na Índia?

«Vi tão bem Katie recentemente, quando estava alumiada pela luz eléctrica, que me é possível ajuntar alguns traços às diferenças que, em um precedente artigo, estabeleci entre ela e o seu médium.

«Tenho a certeza *absoluta* de que a senhora Cook e Katie são duas individualidades distintas, pelo menos no que diz respeito aos seus corpos».

★

E passados quase trinta anos depois das célebres experiências a que temos feito referência, no discurso que o ilustre sábio W. Crookes fez no Congresso da Associação Britânica, em Setembro de 1898, disse estas palavras: «Nada tenho que retratar dessas experiências (referia-se a todas as que lhe são atribuídas e que atrás mencionámos) e mantenho as minhas verificações já publicadas, podendo mesmo a elas acrescentar muita coisa».

E noutra ocasião disse mais:

«*Tendo-me assegurado da realidade dos fenómenos espiritas, seria uma cobardia moral recusar-lhe o mes testemunho. Após seis anos de experiências rigorosamente científicas, não digo que os fenómenos são possíveis: digo que são reais*».

E sobre o valor deste homem de ciência vamos reproduzir duas notícias da imprensa do seu tempo.

No jornal brasileiro «O País», de 1 de Junho de 1897 se lê a seguinte passagem da carta datada de 22 de Abril daquele ano e assinada por Xavier de Carvalho, correspondente parisiense daquele periódico:

«Acha-se neste momento em Paris o célebre físico inglês William Crookes. Veio aqui para discursar na Academia das Ciências sobre os raios Roentgen, os famosos raios catódicos com que se obtém a fotografia através dos corpos opacos.

«Mas Crookes não é célebre apenas pelos seus estudos preliminares sobre as grandes descobertas da física moderna: é célebre, sobretudo, pelas suas fotografias de espíritos.

«Escrevendo para um país como o Brasil, onde o Espiritismo tem tantos adeptos, temos por dever notar a estada em Paris do pai (?) da extraordinária médium Miss Florence Cook, o homem que interrogou Katie King e que fotografou o corpo astral.

«Foi William Crooks quem cientìficamente primeiro estudou o Espiritismo e, graças aos cuidados que esta doutrina tem dado a vários sábios, ei-la discutida em todas as academias. Hoje ninguém nega os fenómenos espiritas e todos procuram estudá-los».

Sobre o que acabamos de transcrever há a necessidade de fazer um pequeno reparo ou rectificação.

Aquilo de o referido correspondente de «O País» dizer «o pai da extraordinária médium», quer naturalmente significar que o sábio Crookes deu realce, deu fama às faculdades mediúnicas de Miss Florence, que pertencia à família Cook e não à de Crookes.

E agora passemos à segunda notícia prometida.

No número de Junho de 1906 da revista *Estudos Psíquicos* do Dr. Sousa Couto, publicou este confrade a seguinte local:

«No dia 10 de Abril passado celebraram-se em Londres as bodas de ouro de William Crookes, tomando as proporções duma consagração pública.

«O grande sábio e investigador, que, com a mesma ombridade com que publicara as suas descobertas químicas e físicas, proclamara a realidade da materialização dos espíritos, recebeu a prova universal de quanto o seu nome era respeitado e venerado.

«Ele mesmo ficou cativado do número imenso de congratulações, que lhe enviaram de toda a parte do mundo civilizado.

«A Alemanha, a França, a Itália, os Estados Unidos da América, a Austrália, a Índia, etc., Institutos, Universidades, indivíduos das mais elevadas categorias científicas, homenagearam o eminente físico.

«Daqui também, aproveitando o momento, o director dos *Estudos Psíquicos*, admirador do sábio eminente e pessoalmente grato às suas atencões, lhe envia a mais sincera felicitação».

E por tudo isto ficam os nossos irmãos materialistas sabendo quanto é sério, transcendente e digno de respeito o estudo admirável do mundo espiritual e, consequentemente, da sobrevivência da alma. E muito ainda vos temos a dizer sobres estes importantes assuntos.

# PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

## (11) A FORÇA DE VONTADE

Estas palestras foram improvizadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

*Todo o progresso humano é baseado na força de vontade. Uns lhe chamam alavanca, outros lhe chamam extensão mental. E outros lhe chamam, com muita razão, a base da liberdade.*

*Com efeito, as conquistas da liberdade, através das maiores lutas e dos maiores sacrifícios, basearam-se sempre na força de vontade.*

*Não há definição sintética para ela. Todos a conhecemos mais ou menos. Mas não a definimos rigorosamente.*

*Os grandes acontecimentos da história têm origem na força de vontade; mas, para mim, houve três que sobrelevam todos os outros, na rota da verdadeira liberdade: a revolta dos escravos, a tomada da Bastilha e a emancipação da mulher. Três manifestações nobres dessa prodigiosa força.*

*A revolta dos escravos foi um grito contra a servidão; a tomada da Bastilha foi uma punhalada no feudalismo; a emancipação da mulher foi tão grande como a invenção de Gutemberg. E assim, pelos tempos fora, esses acontecimentos assumiram relevo extraordinário e penetraram em todos os departamentos do espírito humano.*

*Hoje, no princípio da segunda metade do século vinte, falar de escravidão é grito de revolta, porque a revolta não se exerce apenas ruas, apoiada em tanques e barricadas. A revolta exerce-se a princípio nas almas, porque é de origem mental e sentimental. Primeiro é raciocínio que se processa; depois é efeito que se sente. Por isso a revolta se radica no espírito e no coração. E já não pode haver mais bastilhas, mais tiranetes, mais oligarcas.*

*Embora a liberdade seja diferente do que julgam alguns dos seus defensores* — liberdade *não é igualdade absoluta, mas direito e dever* —, *ainda assim é a mais bela prerrogativa do cidadão. Ser livre é compreender e sentir responsabilidade maior do que a do escravo.*

*Certo escritor disse que a liberdade não consiste em fazer o que se quer, mas em fazer o que se deve. Nesta legenda alteia-se a responsabilidade e a servidão, porque a lei* serve-se, *cumpre-se, e o homem livre, verdadeiramente livre, cumpre a lei e só depois sente a alforria em plena integridade.*

*E assim vemos que a vontade está em nós. Não se localiza aqui ou ali. Está em nós. Nós somos vontade. Quando vimos ao mundo trazemo-la connosco. E partimos com ela. Quer dizer: na terra desempenhamos nossas missões, mercê de uma alavanca que se chama força de vontade. E é com ela que nos enobrecemos e nos degradamos, porque está na base de todos os empreendimentos humanos.*

*Não é coisa que se adquira. O que podemos é fortalecê-la, como Leonardo da Vinci, Colombo e Napoleão. Desperta a saúde, o equilíbrio orgânico e mental. Mas é preciso adoptar uma divisa: «Hei-de vencer». E depois caminhar sem preguiça nem distracção. O contrário é malbaratar energias preciosas.*

*Os negros de Angola e Moçambique acompanham os seus trabalhos com melopeias harmoniosas. E o mesmo fazem os pescadores de atum. Os primeiros transportam coberturas inteiras de barracões sobre o dorso e vão entoando o cântico. É um verdadeiro coro que se reflecte de quebrada em quebrada e os espectadores simplistas não apreendem o significado psicológico daquele estímulo. Os segundos fazem quase o mesmo. Produzem grandes ruídos, a fim de estabelecer confusão nos peixes e mais fàcilmente os capturarem.*

*Este lema é o chicote da passividade, da indolência, da dúvida, do comodismo, que são os verdadeiros escalrachos da negatividade, de quanto podemos conceber de mais estreito e precário.*

*O homem sem vontade vêmo-lo a cada passo nas andanças da vida. Deita-se às oito da noite e levanta-se às onze da manhã. Deita-se cedo por comodismo e levanta-se tarde para não ter tempo de fazer projectos. Há qualquer coisa que o diferencia do homem dinâmico, do homem que se distende e transforma. E toma o primeiro almoço dengosamente, sem convicção. Quando comemos devemos atender a essa função orgânica, pois na boca se forma o bolo alimentar. A boca é a antecâmara do estômago. Por isso o indolente nada realiza de perfeito nos actos da vida, nem fiscaliza o pensamento.*

*Depois de comer, fuma; e não faz mais projectos, porque ... não vale a pena. Todavia discute e está muitas vezes em desacordo com os companheiros de trabalho. Se o obrigassem a levantar cedo seria a mesma coisa. Tudo que fizesse redundaria em labor forçado que traduz aborrecimento.*

*O trabalho forçado é aguilhão de muita gente. Obrigar quem quer que seja a confinar-se numa tarefa, a fazer o que não gosta ou que não quer, é condenar a dura pena, porque essa tarefa não se encara com olhos de bom senso. O trabalho espontâneo, esse, sim, que é alegre e saudável e só nele existe continuidade. Quando trabalhamos de vontade não nos cansamos. Há continuidade de esforço, porque a força de vontade é sucessão de impulsos. Tal como na soma, as parcelas enfileiram-se e marca-se o resultado.*

*O tipo preguiçoso e o tipo alegre e desordenado chegam às mesmas conclusões. A acção do último pode ser realmente maleável, mas incapaz de se fixar em qualquer objectivo. Conheço indivíduos deste género. Um deles, porém, tive ensejo de o analisar. Espalhava alegria à sua volta, não se pode dizer o contrário. Um verdadeiro optimista. Mas era ser levado ao desconcerto, que lhe prejudicava os primeiros impulsos.*

*Este homem era falho de critério, pois todos sabemos que o optimismo demasiado é tão mau como*

pessimismo. São dois contrastes que redundam no mesmo prejuízo. Portanto, o que é preciso é cultivar o bom senso. E que é o bom senso? Como se consegue o bom senso?

Não é pela leitura dos tratados em que psicólogos e sociólogos vazaram suas lucubrações. O bom senso é a soma de uma lição que se estuda, desde o nascimento à morte, de uma lição que se baseia em conhecimentos que vêm de outras eras. E então o homem consolida a posição de esteta, de observador das coisas que o cercam, das acções e reacções, dos pensamentos e das palavras, de tudo, enfim, que impressiona os sentidos.

E agora uma pergunta:

—Poderemos evocar a bondade?

Sem dúvida. Podemos evocá-la. Mas não teòricamente. É preciso conhecermo-nos, fazer o balanço diário das boas e más qualidades e fortalecer o desejo de trabalhar com firmeza de ânimo. Para isso, lá está a alavanca que se chama força de vontade.

A preguiça, a indolência, o comodismo podem fàcilmente transformar-se em vontade, através da atenção e da observação. Mas há tão poucos que saibam observar! Há tanta gente que negligencia o estudo das coisas! E afinal ninguém ignora que a atenção é uma bela qualidade do intelecto humano.

Saber observar é manejar uma força potente, uma grande luz a respeito do que existe à nossa volta.

A atenção espontânea não interessa muito ao caso. É mais própria do espírito na observação de um assunto. Mas quando se transforma em atenção reflexa é preciso objectivá-la, porque redunda do exercício directo dos sentidos. Abro os olhos, relanceio-os e sou impressionado por objectos, pessoas, animais e coisas. E capto as vibrações inerentes ao fenómeno. Mas se não tiver atenção reflexa, isto é, se não reflectir nas coisas, animais, pessoas e objectos que me feriram a retina, não poderei traduzir em acto o meu pensamento.

Alberto Cahier dizia:

— Insiste sempre, porque é o único meio de acelerar o juízo e o progresso.

E acrescentava que era bom seguir o exemplo dos atletas musculares que sabem treinar-se para se manterem em condições.

Estas palavras são muito judiciosas. O exemplo é frisante, porque os atletas da vontade deviam fazer o mesmo. E através da auto-sugestão, que auxilia o triunfo, tantas e tantas coisas poderíamos conseguir!

Mas a auto-sugestão não chega para tudo.

Eu posso dizer ao espelho:

— Quero ser forte! Não quero recear coisa alguma! Quero atingir o alvo!

Isto é auto-sugestão. Mas, repito, não chega para tudo. O que devemos é não olhar a sacrifícios e não pensar em fracassos. O que outros fazem, também nós faremos. E olhando a história — mesmo a história da nossa vida — vemos que há muitas coisas que pareciam impossíveis e são autênticas realidades.

Vejamos o avião de jacto, os projécteis teleguiados, a televisão, o submarino atómico e os satélites. Não serão autênticas maravilhas? Há trinta anos, mesmo há vinte, quem pensaria que assistiríamos a estas manifestações de progresso, que são, de facto, nobilitantes? Ninguém pensaria, certamente.

Mas eu falei na dúvida em sentido negativo. Essa tem que ser expulsa do nosso vocabulário.

O desalento não constrói edifícios. Nem os mais pequenos. Nem simples casas abarracadas. O optimismo é que os constrói. Mas o optimismo ordenado, o optimismo sadio. Esse, sim, porque é necessário viver a vida moderna cheia de exigências, fazer tudo agora mesmo, neste instante, com vontade e alegria. Guardar o trabalho para amanhã é manifestação de preguiça.

E tantas pessoas o guardam, tantas pessoas dizem em surdina:

—Farei e acontecerei. Não hoje, nem amanhã. Aguardarei um dia assinalado. O dia dos meus anos, por exemplo. Ou pelo São João, ou pelo Natal. E começarei a viver a sério.

Enfim, é preciso fixar uma data. No fundo, não realizam coisa alguma. O tempo avança em ritmo diferente e segundo as pessoas, como dizia Shakespeare, Para uns vai à frente, para outros galopa e para outros voa ou estaciona. Alexis Carrel chamou-lhe fisiológico.

Mas temos que dar valor ao tempo e ao trabalho. Quem não quer triunfar pode seguir outros caminhos; mas os triunfadores seguem estes, porque são os únicos que nos podem levar à felicidade.

Shakespeare também pôs na boca de Ricardo 2.º as seguintes palavras:

— Perdi o que o tempo me está perdendo.

Esta frase é um tanto sibilina. Quereria talvez dizer: «Perdi o tempo e o tempo me está perdendo». Eis porque é preciso aproveitá-lo e repousar trabalhando noutro sentido.

Um escritor inglês diz que o melhor tempo de começar a fazer exercícios de força de vontade é no inverno, às seis da manhã. Quer dizer, os melhores meses são Dezembro, Janeiro e Fevereiro, nos climas temperados. E acrescentou:

— Não julguem que é brincadeira. Se quiserem levantar-se a essa hora e não o conseguirem, não serão voluntariosos.

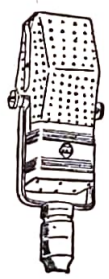
De facto, no inverno é mais difícil levantarmo-nos cedo. Mas quanto mais custa, mais vale.

—A vontade — exclamava também às vezes — é uma espécie de firmeza que sobreleva a comodidade.

Vejam como a força de vontade se pode desdobrar, porque existe em nós. Nuns, em estado latente (nas criancinhas e nos recém-nascidos); e à medida que avançamos na vida vai-se educando, aumentando e dirigindo.

De todos os dirigismos que eu conheço o que mais admiro é a força de vontade.

**I. D. S.**

**Selecções Espiritualistas**

—— Direcção e Apresentação de ——

**NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO**

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

**Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»**

# O MÉDIUM EM FACE DA PSIQUIATRIA

Pelo Dr. Lauro Nelva

*Sempre me pareceu possível que eu pudesse modificar de tal forma a minha precepção normal, que fosse capaz de compreender por mim mesmo a linguagem do visionário, do médium e até do místico.*

*Aldous Huxley*

Não é certo que o psiquiatra compreenda melhor o médium do que o homem iletrado, mas espirita ou umbandista de coração. A não ser que se trate de um colega como o dr. Inácio Ferreira, director do «Sanatório Espirita de Uberaba» e autor de «Novos Rumos à Medicina», bem assim de alguns poucos psiquiatras que trabalham nos hospitais de São Paulo, são raríssimos os especialistas que possuem, no Brasil, uma experiência apreciável no sector da psiquiatria ligada ao Espiritismo.

Pelo que aprendi em seis longos anos de Medicina, eu deveria ser, em questões religiosas, já não digo um ateu, porém, no mínimo, um mentecapto em matéria espiritual. Felizmente, não estando carente do razoável saber e da boa-fé, nem estando preso a nenhum sistema religioso, filosófico, político ou literário, não fiquei inerte e reagi às estreitas normas do formalismo académico. Pouco me importa que colegas ilustres comentem a minha actividade nesses estudos, admirados de verem um «psiquiatra tão conceituado metido no Espiritismo»... Huxley, Flammarion, Richet e Crookes não eram, ao que me consta, imbecis...

Não receio a crítica sadia, honesta e construtiva; mas rejeito, com o silêncio, a leviandade hostil dos sectários. A única autoridade científica de renome inatacável, ligada a mim por laços de amizade indestrutível, que me poderia censurar uma vez que fui seu assistente durante quinze anos, seria o Prof. Henrique Roxo. O mestre e amigo, entretanto, ainda hoje, com mais de oitenta anos de idade, não deixou de continuar a respeitar as minhas preferências de estudioso, pois, com enorme honra para mim, me envia clientes seus e me faz, demonstrando especial modéstia, seu médico, às vezes.

Ingressei, quando ainda no antigo hospício da Praia Vermelha, nas tramas desses mistérios, admirando, naquele tempo, como o Prof. Roxo tratava ràpidamente qualquer caso de «delírio espirita episódico» com valerianato de atropina. Dizia o velho mestre, que a entidade clínica que ele descrevera, em primeiro lugar, como doença mental, surgia, de repente, em consequência de choque emotivo acompanhado de alucinação e que se desenvolvia, em geral, «pela frequência de sessões espiritas». O Prof. Roxo reconhecia, como intermediário, o médium, que ele dizia ser «um histérico ou algum psicopata»; mas afirma, contudo, que a causa desse delírio pode depender de outra, «que não o Espiritismo». Esses casos antigamente curáveis em quinze dias, hoje podem ser curados com uma simples aplicação de electrochoque. O Prof. Henrique Roxo, ainda hoje tão atacado como ferrenho inimigo do Espiritismo, escreveu em sua monumental obra «Manual de Psiquiatria,». 3.ª edição, 1938, a páginas 754: «O Espiritismo que é praticado por grandes sábios e que motivou um excelente livro do justamente pranteado Prof. Charles Richet, deve ser estudado. Não provoca a loucura; aquele que pode ser causa é o Espiritismo de exploração, dos ignorantes, das classes populares».

Venho observando, atentamente, todas as espécies de médiuns, indo do mais humilde e analfabeto médium de incorporação (1), sensitivo, etc., ao raríssimo de efeitos físicos e de materialização. Convivi, também, com iogues de fama, como o Swami Vijoyananda, que me fez seu amigo, seu médico e com quem trocava ideias quase todas as tardes, quando da sua última estada no Rio. Ouvi alguns ocultistas, teósofos e inúmeros umbandistas e espiritas. Até magos e mágicos quis ver, ouvir e sentir o âmago de suas personalidades e de seus trabalhos. Com todos aprendi, principalmente com o sr. José Alvares Pessoa, e a nenhum ensinei, sempre calado e observando, avançando e recuando nas minhas experiências, que vão respondendo às exigências da clínica hodierna, apesar de toda a despretensão.

Ao primeiro lance de vista, um médium incorporado se iguala a um doente mental. Ouve sons inaudíveis, toca no impalpável e sente, bem perto, a presença dos ausentes bem distantes... Vai a outras terras e, quiçá, a outros mundos... Chegará à Lua, não sendo lunático, primeiro que os físicos e químicos deste planeta... De lápis em punho, escreve laudas e mais laudas de papel, em qualquer idioma, fácil e correctamente... Diz o presente, o pretérito e o porvir... Afirma, até a data provável da morte... Quando quer, ou é conveniente, ou pode ser, afasta o perigo... Questionando com os Senhores do Destino, da Dor e do Amor, ameniza, sem infringir as leis sábias da Natureza, o karma mais infeliz, produzindo, não raras vezes, o «milagre»... E se, por motivo de vaidade, de interesse inconfessável, de inveja, de usura ou de escusa, põe ao revés suas faculdades mediúnicas, cai no olvido, no ridículo, na ironia e na sarjeta...

Dons mediúnicos especiais nem sempre se adquirem pelo simples desejo e prática, ou, mesmo, pela vontade intensificada pela fé. Certa vez, a «entidade» que presidia a uns fenómenos de materialização, «acordou» o médium e me convidou para a cabine, dando a entender ser eu um médium de efeitos físicos... Atendi, bastante desconfiado, àquela solicitação, afastando de mim o anel, o relógio, as chaves, o cinto e os sapatos, desabotoando o colarinho, a fim de ficar à vontade. Após alguns minutos de intensa expectativa, de curiosidade e receio, em completa escuridão e ao som de uma música bem melodiosa, ouvi três pancadas batidas no chão, ao lado do meu leito! Levantei-me ligeiramente, virei-me e olhei: não vi nada. Pouco depois, aparecendo não sei como, saía da minha *cabine* uma porção de flóculos de luz, que atravessavam a cortina vermelha e, pela admiração da assistência, me deixava

supor que se estava formando, na sala contígua, o fantasma... Mas, ao contrário do que eu esperava, permaneci consciente e de vez em vez é que sentia que «alguém» me alisava (ou desgastava?) os artelhos. De outra feita, em que o médium principal estava adoentado, mas presente, fui convidado para voltar à cabine, quando o fiz tranquilamente, certo de melhores aparições resultantes de possível acomodação. Surpreza geral: não houve pancadas, não apareceu nenhuma luz e todos pensaram e disseram às largas e sorrindo, que uma pedra do Pão de Açúcar caira sobre o leito!...

Já vi médiuns que, quando incorporados, não sentiam nenhuma dor, não se queimavam e suas púpilas não reagiam à luz. Ouvi dizer, e li, que o verdadeiro iogue é capaz de fazer essas façanhas, com excepção, estou certo, da reacção pupilar negativa. Haverá um ser humano, entretanto, que possa modelar — não sendo um espírito materializado — com a própria mão e num balde de água fervente, uma luva de parafina, retirando-a, já fria, sem quebrá-la? Ou ficar afogado no fundo de uma piscina, minutos e minutos, sem nenhuma respiração artificial, e sair ileso? Ou enrolar um disco inflexível de vitrola? Ou atravessar uma parede compacta de cimento armado? Não creio que nenhum hipnotizado possa fazer essas proezas. Ainda não sei em que ponto deva tocar no cérebro, ou no crânio, ou na coluna vertebral, que seja capaz de fazer um autómato desmanchar suas mãos num punhado de massa ectoplásmica!...

Assisti, em sessões de materialização, a fenómenos sensacionais de luz, som, cor e forma. Os transportes foram os mais diversos: medalhas, flores, perfumes. Um médico do Além, trazendo um facho de luz suavíssima, fez curas inacreditáveis que, mais tarde, se ele o permitir, terei o ensejo de narrá-las. Até da composição da luz aguardo em Deus merecer o segredo. Se ainda não sabemos nada a esse respeito, talvez isso se justifique pela falta do nosso preparo, ou da nossa experiência, ou do nosso merecimento. Algo de grandioso, útil, e benfeitor se prepara nas retortas do Astral. Os homens preparam, nos laboratórios mais potentes e escondidos, os engenhos de guerra, e as «entidades» amigas neutralizam e destróem esse esforço infernal, confundindo cálculos, técnicas e experimentos...

Sòmente vingará o trabalho pelo Bem!

As antenas do bom médium captarão as graças de Deus! Os «canais» infernais, revestidos de lodo, ódio e fogo deixarão passar, ùnicamente, os ráios da destruição, da miséria e do castigo.

Os médiuns, em geral, precisam de perfeição, a fim de afinarem as arestas da alma, onde se coa a clorofila dos astros e das estrelas da Mãe Cósmica. Adquirirão, além dos cinco sentidos — vista, tacto, audição, olfato, paladar — o sentido da «iluminação» e, como síntese suprema, um outro, o sétimo. Não quisera, francamente, ser o médium de incorporação, de intuição, de efeitos físicos e de materialização. Quisera ser, tal vate privilegiado, como o perfume que se evola da violeta para o seio da noiva, como o sorriso da criança para o coração da sua mãezinha, como o perdão do pai para o crime do filho!

O médium, por intermédio do qual já observei fenómenos tão extraordinários e maravilhosos, o dr. Armando Ramos e Silva — engenheiro pernambucano, casado e com sessenta e sete anos de idade — é uma das personalidades mais perfeitas, sob todos os aspectos, que já vi no caminho de minha vida. Chamo-o, na intimidade, de «espírito iluminado»... A fim de conhecê-lo melhor, fiz-me íntimo de sua família e o atendo igualmente, como médico. Amigo carinhoso de sua dileta companheira, vivendo, sem fartos recursos, num modesto apartamento de Copacabana, apenas pede a Deus, como bênção para suas dádivas excepcionais, a saúde para a mulher e a harmonia para o lar, sempre à disposição da Caridade. Aqui fica, pùblicamente, o elogio mais sincero ao homem simples, pobre e humilde, mas que possui um sol dentro da alma!

De uma feita assistindo a uma sessão de mesa, na residência desse médium e na presença de doze pessoas — não às escuras — surpreendeu-me ver as suas mãos vibrando no espaço, como quem arranca alguma coisa do nada, em movimentos, talvez manipuladores de matérias invisíveis. De repente, onze sementes de mulungú cairam em cima de uma folha de papel . Disse o médium incorporado:

— Aqui estão onze sementes de mulungú, a semente da felicidade, uma para cada um dos presentes com excepção do médium. Quando estiverem em situação aflitiva, apertem-na na mão e elevem o pensamento a Deus!

— Mas, meu irmão — disse a esposa do médium — por que o sr. priva meu marido dessa felicidade?!

— Minha filha — respondeu a «entidade» — quando terminar a sessão, o médium encontrará a dele debaixo do seu travesseiro!...

Efectivamente, ali estava a outra semente de mulungú!

O dr. Armando Ramos e Silva não sofre de nenhuma doença grave; possui um electroencefalograma normal; não bebe nenhuma bebida alcoólica, não fuma, não joga e só possui uma única mulher!... Nasceu duma família católica e sua esposa foi educada, interna, num colégio de freiras. Abstem-se, nos dias de sessão de materialização, de comer carne e evita quaisquer aborrecimentos, cansaços e problemas de negócios. Vive, dentro de toda a simplicidade, para sua família, para os amigos e para o bem dos aflitos do corpo e do espírito. Não aufere o menor lucro monetário pelos benefícios prestados. É o primeiro, invariàvelmente, a acorrer às sessões e o primeiro, ràpidamente, a sair, ansioso para chegar ao lar ditoso. Após cada sessão de materialização, bebe um copo de água com açúcar. Às vezes, a conselho das «entidades», toma uma injecção de glicose na veia. Assim, recompõe-se dos gastos energéticos. As «entidades», segundo o modo habitual, fazem-lhe passes e massagens durante o transe, que é completo. Não sei porque é profundamente alérgico a qualquer uso da vitamina B1.

---

(1) Nota da redacção — *O ilustre expositor quer referir-se, sem dúvida, a médiuns de* actuação. *O espírito não incorpora; actua no perispírito do sensitivo através das glândulas epífise e hipófise. Portanto, neste artigo a palavra «incorporação» traduza-se por «actuação».*

**(De «O Semanário», do Rio de Janeiro)**

*(Continua)*

CRÓNICA BRASILEIRA

# MENSAGEM DA SAUDADE...

Pelo DR. NEWTON GONÇALVES DE BARROS
(Correspondente em Nova Iguaçú)

*Quando o irmão Isidoro Santos voltar ao Brasil, nós exigiremos dele uma visita a Mato Grosso espirita...*

*Não será uma visita igual às outras. Nada de recepções sociais. Nada de conferências solenes.*

*O quarto de Leopoldo Machado será o seu quarto. Os livros, o seu passatempo. As relíquias, o seu reviver!*

*Depois tomaremos um trem de ferro. Estrada de Ferro Central do Brasil. Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. Estrada de Ferro Sorocabana ou Paulista. E a Noroeste do Brasil... A isso obrigaria a nossa viagem para o oeste, até Campo Grande (Mato Grosso)! Por cinco dias talvez...*

*Bem! Mas poderemos viajar de avião! A «Cruzeiro do Sul» nos levará, de «Convair», em três horas e meia. Quebra-jejum no Rio de Janeiro e almoço na Cidade Morena (assim é chamada a capital do sul de Mato Grosso).*

*A viagem por terra nos mostrará as maravilhas do planalto ocidental do Brasil e a ponte monumental do Rio Paraná...*

*Mas a viagem pelo ar trará um contacto mais rápido e higiénico com o mundo espirita matogrossense!*

*À rua Maracajú, asfaltada e rectilínea, como as magníficas avenidas campo grandenses, está o Centro Espírita, presidido pela força moral e pela alta cultura da Senhora Maria Edwiges. E nele funcionando também uma das mocidades espiritas mais admiráveis do Brasil, sob a presidência da professora Maria Garcia Pereira.*

*Sob ângulo visiual de quarenta e cinco graus, avista-se o Sanatório, para doentes mentais, em construção pelos irmãos de Mato Grosso!*

*A todos nós cabe uma parcela de responsabilidade no término dessa obra monumental. Previsto está, na planta do edifício, o apartamento de D. Maria Edwiges Borges ...*

*E, em marcha científica ascensional, a figura cativante da doutora Alda Garcia Pereira conquista o terreno médico da sua terra!*

★

*A juventude espirita da «Cidade Morena» é um desses presentes que o céu nos envia de acréscimo!*

*A nossa mensagem distante, via Portugal, tem um significado profundo de gratidão e saudade! Pois sentimos, com o crescimento vertical de nossa doutrina, que o queridíssimo Portugal está compartilhando do nosso júbilo!*

★

*Nossos irmãos de além-mar não mediram, por certo, a distância que separa a nossa Nova Iguassú (Estado do Rio de Janeiro) de Campo Grande (Estado de Mato Grosso)!*

*A distância, por terra, «repousante», corresponde, pelo menos, a cinco dias e cinco noites!*

*Pelo ar, são dez mil cruzeiros; ou um salário mensal de professor de cursos secundários!*

★

*Pois bem; quinze horas após a Cidade Morena, está, na direcção oeste, Corumbá — fronteira da Bolívia.*

*Lá, também, Juventude Espirita admirável penetra em todos os ambientes da Cidade-Branca! E leva, aos presidiários, o pão do espírito e o alimento do corpo. Mas ... um Lar para menores abandonados está nos arremates finais ... Também, com nossas preces e aspirações, há-de ser posto em funcionamento mais uma abençoada «casa do caminho» ...*

*Samuel Gomes Costa lidera, com a sua ousadia e persistência, os irmãos da graciosa Corumbá — plantada com arte, à margem do grandioso Rio Paraguai!*

★

*— Irmãos de além-mar: se descermos para sudoeste, a outras doze horas de trem, à fronteira do Paraguai, encontraremos novo marco de luz fincado alviçareiramente!*

*Valdo Vieira do Nascimento — a simpatia e a gentileza cristalizadas — reune Brasileiros e Paraguaios!*

*A Avenida Internacional separa o Brasil e Paraguai, geogràficamente. Mas o Centro Espirita de Ponta Porã une, fraternalmente, na mesma directoria, Brasileiros de Ponta Porã e irmãos de Pedro Juan Caballero!*

*A revista* Estudos Psíquicos *vai ser minha men-*

Mai/59

# CASA DE SAÚDE «REPER-SIAM»

## (Resposta a Henrique Magalhães)

Em Portugal muito pouco se faz, efectivamente, no campo da assistência por iniciativa espirita, mas faz-se, fiquem todos sabendo, o que é possível.

Tempos virão, temos fé, em que será feito muito mais.

Entre nós, espiritas, os homens de dinheiro são muito poucos, e esses poucos, porque não foi ainda tomada a iniciativa da fundação de uma instituição espirita de caridade, levam os seus auxílios monetários às instituições caritativas existentes e aguardam, certamente, que alguma coisa de tal género se faça no sector espirita da população portuguesa.

Mas não tenhamos ilusões: os espiritas de Portugal são, na sua grande maioria, de poucos recursos, porque os homens de muito dinheiro navegam noutras águas.

Depois, é bom que se diga, em Portugal existem, de há muito, bastantes instituições de assistência, tanto oficiais como de iniciativa particular, e outras vão aparecendo impostas pela necessidade de atender aos pobres e inválidos cujo número vai constantemente aumentando, em virtude do aumento da população.

A assistência e a beneficência em Portugal são actividades dignificantes que têm já uma vasta legislação no que respeita a regulamentação e a fiscalização.

O que a iniciativa particular quiser fazer em tão vasto campo tem que cingir-se às normas estabelecidas por lei.

Uma casa de saúde tem que obedecer a preceitos e compromissos que exigem muito dinheiro. Por isso, das que existem de iniciativa particular creio não ser nenhuma destinada a quem não possa pagar. Quem necessita, recorre às organizações hospitalares do Estado ou das Misericórdias provinciais.

Mas o que não abunda, infelizmente, são as instituições acarinhadoras dos pobres inválidos.

Em regra o trabalhador português, o assalariado pròpriamente dito, não consegue, ao longo do seu constante labutar enquanto as forças o ajudam, fazer economias que o ponham ao abrigo de privações na velhice. Pela organização corporativa portuguesa estão sendo feitas tentativas para acabar com a legião dos inválidos famintos. Veremos, no decorrer dos próximos anos, o que realmente se terá conseguido.

Por este caminho de assistência aos inválidos é que os espiritas portugueses podem iniciar a sua prática de caridade colectiva, instituíndo o «Lar das Irmãs Desamparadas». Como somos de pouco dinheiro, que nos ajudem, nesse sentido, os portugueses espiritas capitalistas que vivem no Brasil ou noutras partes do mundo.

Para principiarmos era magnífico.

**JOSÉ FRANCISCO CABRITA**

---

*sageira amiga aos moços de Ponta Porã. E agora, moços, de Portugal vai um pedido a vocês:*

*Que antes da próxima visita, amiga e fraterna, de Isidoro Duarte Santos — muito antes — seja fundada a Mocidade Espirita de Ponta Porã.*

*Nada lhes falta, eu bem sei. Faltava, apenas, este bilhete internacional.*

*E o irmão Isidoro enviará a vocês, directamente, esta mensagem endereçada ao Major Valdo Vieira do Nascimento. Décimo Primeiro Regimento de Cavalaria. Ponta Porã. Mato Grosso. Brasil.*

★

*Esta carta é saudade. Mais saudade que carta. Saudade da visita do querido irmão Isidoro! Mas, uma saudosa mensagem de saudade, também aos irmãos de Mato Grosso, com a visita directa e gostosa da revista* Estudos Psíquicos, *enviada directamente do amantíssimo Portugal!*

*Março de 1959*

*Nota da direcção* — A ideia do nosso redactor-correspondente, quanto a nova viagem ao Brasil do director desta revista, encaramo-la como símbolo de amizade e faz reviver em nós antigas saudades e o desejo de conhecer outras abençoadas regiões que não pudemos ver na primeira romagem. Se fôssemos accionista da «Panair», o caso estaria mais ou menos resolvido. Assim, teremos de aguardar circunstâncias favoráveis, que talvez cheguem um dia e sugiram outro livro sobre a terra maravilhosa do Cruzeiro. Se o homem põe e Deus dispõe, vamos pensando e trabalhando neste sentido. Pode ser que a sorte favoreça a todos.



E. Psiq. - Mai/59

# As maiores histórias psíquicas do mundo

por W. F. NEECH

## 5) *Um caso inédito em criminologia*

### O médico espirita que resolveu um mistério policial

A polícia canadiana do posto de Edmonton, Alberta, crivada de críticas e menosprezada, tinha desesperado de descobrir o autor de quatro mortes a sangue frio, sem qualquer pista que a guiasse, até que ouviu falar do pequeno médico que possuía o estranho poder psíquico da identificação. Ao contrário de qualquer povo latino, o acicate da opinião pública levou-a a pedir o seu conselho sobre o caso — e ele conseguiu resolver o mistério — por telepatia!

**PERSONALIDADE**

Este médico vienense — uma estranha e predestinada personalidade — podia ler o pensamento e já tinha ajudado a polícia do Canadá. Mas anteriormente, em Vancouver, na Colúmbia britânica, irrompera certo dia pela chefatura da polícia e anunciara sem preâmbulos, que podia descobrir um roubo de jóias que fazia dores de cabeça às autoridades, afirmando que levaria os agentes até às jóias. E assim fez, num quarto que eles já haviam rebuscado sem êxito. Foi este um dos três casos que o Dr. Langsner resolveu no Canadá.

Ao chegar a Edmonton o clínico foi, em pormenor, informado do assassinato de dois membros duma família e de dois trabalhadores, todos pertencentes ao Rancho Booher. O médico, discípulo de Freud, exigiu todas as particularidades.

Henry Booher, fazendeiro de meia idade, disse que, encontrando-se a trabalhar num local afastado do seu vasto plantio, sua mulher e o filho mais velho, Fred, tinham sido abatidos a tiro nessa noite de Julho, mas que, devido à distância, não ouvira os tiros.

**AUSÊNCIA DE MOTIVO**

Um vizinho, Charles Stevenson, também se encontrava no rancho, de passagem, para convidar Booher a vir examinar a sua casa um novo catálogo de equipamento agrícola.

*Os corpos foram encontrados às 8 horas da manhã por Vernon Booher, o filho mais novo do casal. Não houve roubo. A família não tinha inimigos e nada indicava qualquer motivo. A arma do crime, uma automática 303, tinha desaparecido.*

O dr. Langsner assistiu ao inquérito, no qual foi estabelecido que a sr.ª Booher fora a primeira vítima, quando se encontrava sentada à mesa a escolher morangos. Fred, seu filho, fora provàvelmente morto, quando surpreendeu o assaltante ao entrar na cozinha atraído pelos tiros. E uns 30 minutos depois, Rosky, um vaqueiro, caira varado de balas para ser descoberto, numa poça de sangue, com o trabalhador Gabriel Cromby, duas horas depois e também assassinado.

Alguns vizinhos e transeuntes corroboraram o momento dos tiros: o primeiro às 6 horas, o segundo às 6 horas e 30 minutos e o último cerca das 8 horas, sem que alguém estranhasse os ruídos, visto o local ser terreno de caça.

Stevenson pareceu nervoso na barra das testemunhas; e perguntado se possuía espingarda, hesitou e, por fim, respondeu:

— Sim, mas já não a tenho. É justamente esse facto que me aborrece e creio ser meu dever dizer-lhes que a minha arma, uma 303, como a do assassino, desapareceu do meu armário. Deve ter sido roubada por algum desconhecido.

— E tem alguma suspeita de quando a arma foi roubada?

— Tenho. Foi no Domingo, quando me encontrava na igreja e dei por isso ao pendurar o meu fato domingueiro no cabide donde o retirara.

— E porque não participou o roubo à polícia?

— Bem, todos sabem como se procede na nossa terra: os vizinhos chegam e pedem ou levam coisas; nunca fechamos as portas, nem as trancamos. E se necessitasse de uma espingarda, não hesitaria em ir buscá-la a casa dos Boohers.

Depois deste inquérito sem resultado o chefe da polícia Michael Gier convocou uma reunião no seu gabinete e começou por dizer:

— Três pessoas podem ser culpadas ... Henry Booher, Vernon Booher ou Charles Stevenson. Nenhum deles parece ter qualquer razão para o crime e portanto julgo que deve ter sido praticado por um louco. O melhor será pesquisar a região para encontrar a arma. Talvez ela nos forneça um pista.

E voltando-se para o Dr. Langsner, meio a brincar, perguntou-lhe:

— Em sua opinião, quem é o culpado?

O médico, sem hesitar, foi peremptório:

— A espingarda não tem importância. E não há três suspeitos, mas só um. O homem que matou essas quatro pessoas é Vernon Booher.

Excitado, o chefe da polícia retorquiu:

— Tem provas?

O doutor, imperturbável, respondeu-lhe calmamente:

— Claro que não. Mas estou absolutamente certo da verdade, embora não possa explicar porquê. Já tive a honra de dizer aos ilustres oficiais da polícia que as minhas conclusões são o resultado da mutação eléctrica que se passa no meu cérebro. A maioria das pessoas não possuem esta capacidade, mas eu posso captar as ondas ce-

rebrais e entretive-me a ler na mente dos que hoje se encontravam no tribunal.

— Então, porque não nos diz onde está a arma?

— Sei onde está a espingarda. Enquanto o sr. Stevenson falava do seu desaparecimento, eu pude ver onde o assassino colocou o instrumento do crime.

No dia seguinte, a polícia, acompanhada pelo extraordinário médico, dirigiu-se à quinta dos Booher e localizou imediatamente o sítio onde a espingarda fora escondida — uma meda de ervas secas a 200 metros das trazeiras da casa, para o lado oeste. E, como profetizara, a arma não mostrava impressões digitais .

Vernon foi capturado e conduzido a uma cela da prisão de Edmonton, como testemunha material do caso e para «sua protecção», visto que não existia qualquer prova para o deter como suspeito do crime. Mas o Dr. Langsner queria resolver o assunto e obteve a possibilidade de se sentar diante da cela do preso e fixá-lo ininterruptamente. As reacções do homem variaram, entre uma tentativa de conversação e um acesso de cólera cortada de insultos. Por fim voltou as costas ao médico, num silêncio de desafio; mas este, continuou a fixá-lo.

**ODIAVA A MÃE**

Depois de uma hora de espectativa o médico voltou ao gabinete do chefe, dizendo:

— Vernon é o culpado. Matou a mãe sem remorsos, por um motivo que ainda não apreendi, mas tem pena de ter morto o irmão. Quando se dirigiu à sala de jantar para matar a mãe, esta falou-lhe sem se voltar. Isto desnorteou-o, pois esperava que ela olhasse para ele. Disparou então duas vezes, na sua fúria. O irmão Fred ouviu os tiros e acorreu. Vernon concluiu então, que o tinha de matar também. Ao correr, na ansia de esconder a arma, divisou Rosyk e Cromby nos campos circunvizinhos. Tomando que o primeiro o visse, abateu-o sem hesitação.

**A PROVA PEDIDA**

«Duas horas depois resolveu abater Cromby. Já lhe pesava nos ombros a carga dos seus crimes. E embora gostasse dele, decidiu abatê-lo, por ser a única testemunha viva.

Nesta altura, sem se poder calar, Gier exclamou:

— Não tenho dúvidas de que diz a verdade. Mas, como poderemos nós prová-la?

— Procurem a mulher, que ele teme.

— Mulher? Mas não há mulher alguma no caso.

— Não sei o seu nome. Mas Vernon roubou a arma no Domingo, escapulindo-se da igreja indo buscá-la e voltando ao templo antes do sermão ter terminado. E a mulher que o vira, de olhos negros e penetrantes e faces magras, sentava-se no banco junto do último e à esquerda da ala central. Ao olhar, viu Vernon sair e, por instintiva curiosidade, tratou de ver se ele regressava.

No dia seguinte à noite a polícia localizava a mulher, que inteiramente correspondia à descrição mencionada e que confirmou a veracidade da previsão do médico. Acareada com Vernon, disse-lhe sem hesitar:

— Vernon, eu vi-o abandonar a igreja no dia em que a espingarda de Charles foi roubada.

— Já o sabia! Já o sabia!

E numa crise de nervos confessou. Tudo o que o médico havia afirmado era correcto. Só o motivo dos crimes era novidade neste caso estranho e apaixonante que, no fundo, se limitava a um caso passional de psicologia aplicada à vida. Rose Booher, a mãe, era voluntariosa, gostava de ver submissa ao seu domínio a parte masculina da família. Mas Vernon, um romântico e um emotivo, ameaçara-a de fugir com a filha dum trabalhador da quinta.

A mãe, numa tentativa ciumenta de conservar o filho no seu lar, comentara em termos insultuosos a conduta da rapariga e ordenara-lhe que abandonasse a propriedade, quando Vernon a trouxe a casa, de visita. E deste choque de temperamentos e de paixões resultaram 4 crimes que levaram o assassino à forca em 26 de Abril de 1929.

Pouco tempo depois o doutor Langsner morria numa pequena cabana do Alasca, quando, sòzinho e entregue ao seu labor, procedia a estudos sobre as emissões psíquicas dos esquimós. Mas não só a polícia canadiana, como o Xá da Pérsia, o rei do Egipto e o Governo Britânico da Âsia e outros departamentos policiais têm motivos de gratidão pelas suas faculdades psíquicas, que tanto o auxiliaram a desvendar problemas para eles insolúveis.

O caso, na verdade excepcional e extraordinário, que acabamos de relatar, foi contado pelo chefe de polícia Gier ao conhecido jornalista Kurt Singer, que o inseriu no seu livro «Os Meus Casos Mais Famosos».

**(Trad. do «Two Worlds» de 6 de Dezembro de 1958 — pág. 7)**

## LÁGRIMA...

**Eu sou a lágrima!**
**Vim de longe e de perto,**
**estou ligada à noite**
**e ao dia, ao forte e ao fraco,**
**ao nascimento e à morte...**
**E vive em mim o júbilo**
**da criança que dobou as horas**
**na mira de um brinquedo...**
**Mas eu não canto, não me alegro,**
**porque estou na saudade**
**e no drama dos homens.**
**E rego a injustiça**
**e o movimento eterno...**
**E a sombra e o sol**
**são meus degraus**
**compostos de insondável...**
**Sou causa e efeito**
**e dor a expandir-se**
**nos extremos da culpa...**
**Eu sou a lágrima**
**que envolve e rege**
**a eterna ascensão!**
**Sou fim e princípio**
**no marulhar de um seio**
**em naufrágio.**
**Não me pertenço, estou em todos!**
**Eu sou a lágrima!...**

**I. D. S.**

# O FANTASMA QUE ENFORCOU UM ASSASSINO

Por JACK FERRAND

A estalagem de Plough, próximo de Campbeltown, na Nova Gália do Sul, Austrália, estava apinhada de colonos, condenados em liberdade condicional e libertos, nessa noite de Setembro de 1826. Os homens estavam vestidos com calças de bombazina e grandes lenços de seda berrante em redor dos pescoços queimados pelo sol. Um deles, irlandês de nome Jerry O'Connell, dirigindo-se ao encarregado do «bar», disse-lhe:

— É estranho o que se passa com Fred Fisher ao partir para Inglaterra sem dizer uma palavra a ninguém.

— Não sei nada, mas ouvi dizer que estava metido em qualquer sarilho, parece que a falsificação do nome de Nat Boon. Se é assim, fez bem em escapar-se.

— Talvez fizesse — retorquiu o outro homem — mas isso intriga-me, porque Fred ia andando direito e tinha-me dito que o esperasse aqui na noite seguinte.

— Também me disse o mesmo. E como sabemos nós que era a assinatura de Fred que George Worrel exibia na escritura? E como sabemos nós se realmente Fred lhe vendeu a quinta?

— Você não quere dizer... não quere dizer que...

Neste momento a porta giratória abriu-se violentamente e um homem penetrou, tropeçando, no «bar». Tinha vindo a correr e o seu rosto estava branco como a cera, enquanto os olhos lhe rolavam nas órbitas. Arquejando, conseguiu gritar:

— Vi-o! Vi-o! Vi Fred, o fantasma de Fred! No trilho que leva a sua casa!...

O recém-chegado, John Farley — um prisioneiro libertado, dirigiu-se a cambalear para o balcão, repetindo:

— Vi o fantasma de Fred!

Os homens riram incrédulos e troçaram dele, dizendo-lhe que o rum que bebera lhe subira à cabeça. Mas o terror de Farley era tão real e os seu relato tão vivo, que começaram a duvidar. E no dia seguinte a história contada no «bar» espalhou-se por Campbeltown e chegou aos ouvidos da polícia, que tinha suspeitas sobre o desaparecimento de Fisher em 21 de Junho de 1826.

O condenado liberto Frederico Fisher possuira uma quinta próximo de Campbeltown, empregando nela outro ex-prisioneiro chamado George Worrel, como suplente para o trabalho.

Em 27 de Junho, depois duma noite de embriaguez no bar Plough, Fisher desapareceu para mais não ser visto e Worrel propalou por toda a região que tinha fugido a um mandato de captura por falsificação e que ele, Worrel, podia dispor da propriedade de Fisher. Mas a história foi aceite com cepticismo.

Farley foi obrigado a repetir a sua narrativa à polícia e contou como, ao voltar da estalagem às 11 da noite, viu uma figura pendente do gradeamento.

Ao princípio julgou reconhecer Fred Fisher, mas logo, com horror, verificou ser o seu fantasma, pois que se tornou transparente; assim, pôde *ver* através dos seus contornos, acrescentando que a figura apontara para o fundo do cercado em direcção ao riacho.

O que a polícia pensou do relato de Farley ninguém o sabe. Durante um mês permaneceu inactiva, talvez porque atribuíssem a história a miragem alcoólica. Contudo, mais tarde, duas praças e dois carregadores negros procuraram Farley para que os guiasse ao local dos acontecimentos. Foi então que encontraram manchas de sangue; e andando na direcção apontada pela figura aparecida a polícia chegou a uma grande represa de água. Enquanto um dos negros, apoiado nos pulsos, se debruçava sobre a água, o outro, colhendo uma haste de milho, fê-la mergulhar na espuma para a cheirar depois — declarando, excitado:

— É gordura de homem!

A grande albufeira foi então pesquisada em toda a profundidade, sem quaisquer resultados, e os dois negros logo empreenderam uma busca nos arredores, devassando todo o terreno, passo a passo, com seu extraordinário sentido de vista e de olfacto.

Falavam com excitação:

— Um homem foi arrastado por aqui...

E cerca de 230 metros mais longe Gilberto gritou nervosamente e pegando na vara de ponteira enterrou-a no terreno pantanoso, esclamando:

— Cavem aqui! O homem branco está lá em baixo!

E assim era, na verdade.

Quando o desenterraram, a face estava completamente esmagada, o crânio horrìvelmente fracturado e, segundo as palavras do jornal diário, era a prova evidente de que o assassino mesmo no caso da descoberta dos restos de Fisher, queria ficar totalmente oculto.

Durante o inquérito no tribunal foi ditado um veredicto de

# Estranha homenagem

Os convivas, ao redor da mesa, endereçavam aos petiscos olhares voluptuosos e de cobiça, enquanto iam engolindo ávidos os inocentes cadáveres, transformando seus estômago em cemitérios.

Um instrutor de elevada categoria espiritual chamou certa vez a nossa atenção para um quadro terráqueo, observado durante o Natal, à meia-noite.

Estava reunida opulenta família, num lauto e elegante banquete. Sobre a mesa posta, guarnecida de alva toalha de linho belga, entre florões perfumados e cadelabros policromos, enfileiravam-se as mais fortes e exóticas bebidas, de permeio a indigestas comedorias.

Entendia aquele grupo que a celebração do nascimento do memuita festança.

Dentre o que se enxergava sobre a mesa chique sobressaíam, como nas lousas frias de um necrotério, os cadáveres de leitões recheiados, besuntados de banha, trazendo espetadas rodelas de limão; cabritos tostados, quais mercadorias salvas de um incêndio; galinhas e perús ao forno, retorcidos, demonstrando o final estertor de uma degola cruel; churrasco «mignon» ao espetinho trabalhado com esmero e, para completar o trágico banquete carnívoro, não faltava o «roest-beef», o inocente coelho assado, nem a rã «à doré».

Era de estarrecer! Quanta carne! Quanto sangue derramado, quanto sofrimento causado!

Permaneciam ainda no espaço as angustiosas lamentações que os pobres animais lançaram aos céus, quando tiveram os corações transpassados pelo punhal do carrasco insensível! Parecia-nos ver, horas antes, na campina verdejante do interior, a prestimosa vaca a doar o leite para a nossa alimentação e o saltitante cabrito a lamber com ternura as mãos do fazendeiro.

E agora —ó terrível desengano!— lá estavam esquartejados e carbonizados!...

O saudável cereal, o apreciado legume, a boa hortaliça e a suculenta gruta, apenas representavam, naquela mesa, o insignificante papel de adorno culinário.

Quanta barbaridade! Era de cortar o coração! Contudo, o macabro festim dos «civilizados» dava início.

Quase no fim do banquete, alguém levanta a voz e, a pretexto de prece de Natal, todos começam, de afogadilho, a invocar Jesus, para que Ele, nesse glorioso dia, viesse abençoar a ceia posta, aquele matadouro doméstico de IRMÃOS menos evoluídos, aliás nossos irmãos mais chegados.

Sem demora e, como por milagre, a cena mudou inteiramente.

Os espíritos presentes apreciavam a reunião de semblante triste, piedoso; alguns até choravam ante a brutal carnificina.

Após as invocações, Jesus compareceu! Sim; o Nazareno veio!

No luzidio cortejo do Mestre vinham também espíritos necessitados, esfaimados, doentes e maltrapilhos, tal como no evangélico Sermão da Montanha. Formou-se então, ao redor do festim, sem que disso os convivas tivessem a menor ideia, um enorme anfiteatro, abrigando milhares e milhares de entidades, permanecendo no centro, como num antigo circo romano, o grupo devorador de animais, saudando e homenageando com muita bulha o menino Jesus que acabara de nascer ...

Jesus, o invocado, ofuscando a multidão presente pela luminosidade que dele se desprendia, chegou e colocou-se de pé ante aquela turba. De semblante amargurado e dolorido, de coração opresso, entre as lágrimas que lhe banhavam a face, abençoou, não aquele acto infeliz que dera margem à carnificina e à dor, mas sim a inditosa família e seus convidados, implorando a Deus uma razão mais lúcida para os seus cérebros.

Em seguida, ergue Jesus seu olhar plácido e idulgente e suplica de joelhos a Deus:

— Pai, perdoa-os mais uma vez, pois aindoa não chegaram a entender o «Não matarás...».

*Eis como alguns homenageiam o Menino Jesus!*

**General Levino Cornélio Wischral**

---

homicídio premeditado contra uma ou mais pessoas desconhecidas. Mas a polícia tinha um corpo suspeito de ser o de Fisher; e, conhecedora das atoardas que circulavam, prendeu George Worrell no dia seguinte, com a certeza de que prendia o culpado. Depois de ter morto Fisher, para se apossar do seu dinheiro e da quinta, fez espalhar o boato de que o assassinado fugira para evitar complicações e foi mais longe: forjou o motivo. Antes do crime aliciou outro ex-condenado, Nathaniel Boon, para ameaçar Fisher com uma queixa por falsificação do seu nome (Boon).

Agora no tribunal para defender a vida, Worrell insistiu no caso da falsificação e no facto de que legalmente a morte de Fisher não se provara.

Boon comportou-se bem durante algum tempo, ensinado pelo seu vil amigo. Mas depois, submetido a interrogatório apertado, cedeu com relutância, afirmando que, de facto, o corpo encontrado era o de Frederico Fisher. Depois deste passo em falso a sua história embrulhou-se cada vez mais.

Tudo estava acabado para Worrell, que foi condenado sem apelo. Muita gente, contudo, ficou duvidosa acerca da sua culpabilidade, mas a verdade surgiu, em hedionda crueza, quando, na véspera da execução, em 8 de Fevereiro de 1827, Worrell fez uma confissão plena do seu crime.

A história do fantasma de Fisher é das mais famosas na Austrália — provàvelmente porque entregou um culpado à Justiça.

**(Tradução do «Fate», de Agosto de 1956)**

# A PALINGENESIA

## e a tendência moderna para uma Religião universal

**Pelo DR. MAURICE DELARREY**

A doutrina das vidas sucessivas da Alma (ou Palingenesia) data dos tempos mais recuados da história, em quase todos os povos. Foi poèticamente tratada por Virgílio há dois mil anos, no canto sexto da «Eneida». Mas o que era apenas uma crença vaga tende cada vez mais a tornar-se uma certeza de carácter experimental, portanto científica.

Quando esta hipótese for conhecida, espalhada, compreendida e admitida pela maioria da Humanidade, haverá no nosso planeta menos ódio, inveja, ciúme e também menos crimes e guerras fratricidas, pois virá certamente o dia predito pelo profeta Isaías, em que uma nação não levantará mais o gládio contra outra!...

Ora, neste momento, tal hipótese ou doutrina tem contra si duas espécies de adversários e inimigos, que, no entanto, não se entendem nos seus argumentos, a saber: de um lado estão os puros materialistas que crêem e ensinam que, num ser vivo qualquer, não existe algo fora ou pelo menos independente da matéria orgânica e cerebral e que, por consequência, nada, absolutamente nada, pode subsistir num ser vivo, depois da destruição deste organismo.

Doutro lado, estão um certo número de crenças ou religiões que ensinam, sem sombra de provas, que o princípio vital que anima um corpo humano é absolutamente imaterial e imortal, mas que a sua sorte está definitivamente fixada, no momento preciso da morte, para uma eternidade de beatitude ou de espantosos suplícios, mesmo se a vida durou apenas alguns anos ou algumas horas!...

Mas a doutrina palingenésica é um justo e equitativo meio entre duas doutrinas contraditórias, afirmando e demonstrando que todo o princípio vital (ou Alma) é descendente da Causa Primária no mesmo estado de inicial imperfeição absolutamente para todos, mas susceptível de se aperfeiçoar indefinidamente no decurso das suas inumeráveis reencarnações ou vidas sucessivas. E não é muito mais lógico pensar ou imaginar que há leis naturais (ou divinas, para aqueles que preferem este qualificativo) regendo a evolução psíquica, assim como existem leis que regem a evolução da matéria, desde o átomo aos planetas, às estrelas e às nebulosas?...

Isto não é uma simples hipótese, mas o resultado de provas experimentais que se multiplicam todos os dias, incontestàvelmente.

Em futuro mais ou menos longínquo (e é lógico pensar que é presente para os planetas cem ou mil vezes mais velhos, portanto mais evoluídos e aperfeiçoados do que o nosso) é muito natural pensar que virá um dia em que os pontifícies das religiões, das mais antigas às mais recentes, se unam contra o seu inimigo comum — o materialismo ateu —, que surge do leste da Europa e da Ásia.

Para isso bastar-lhes-á alienar alguns dogmas particulares, entre eles o do inferno eterno, o qual implica uma Divindade ao mesmo tempo infinitamente boa e infinitamente cruel para com as suas criaturas!...

Há divergências flagrantes em numerosas passagens dos Evangelhos, como no terceiro capítulo do Evangelho de João, segundo o qual o próprio Jesus teria dado este ensinamento: «Em verdade, em verdade te digo: se alguém não nascer de novo não poderá ver o reino de Deus».

Entretanto numerosos acontecimentos recentíssimos fizeram-nos apereceber o começo de uma espécie de fraternização em Paris, principalmente entre eminentes representantes das diversas religiões modernas, desde o catolicismo ao Islamismo, passando pelos Judeus e Protestantes e suas numerosas seitas divergentes.

Por isso em 16 de Janeiro 1958 um jornal muito católico de Dijon, o Bien Public, inseria estas linhas na 3.ª página:

«Durante uma conferência na Câmara de Dijon, o Pastor Marc Boegner respondeu brilhantemente e negativamente a esta pergunta: — A unidade da Igreja será uma utopia?

«O conferencista notou que há 50 ou 60 anos se estabeleceu progressivamente uma tendência para a fraternização entre os católicos dogmáticos e as numerosas seitas protestantes».

Se este movimento prosseguir e se acentuar insensìvelmente, resultará numa verdadeira Religião Universal, que não chocará os crentes, quaisquer que sejam, nem os sábios e filósofos que permanecem fiéis a uma lógica escrupulosa.

Quando será? — Ninguém o sabe.

Mas nós desejamos vivamente que chegue o mais cedo possível.

**(De «Spiritualisme Moderne», traduziu C. A.)**


**MEDICINA NATURAL**

**Mensário de vida sã, profilaxia e cura**

Director e Proprietário — **Isidoro Duarte Santos**

**Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA**

**Uma revista de grande utilidade e oportunidade dedicada à saúde do corpo, através de cujas páginas há conselhos de higiene, ensinamentos profilácticos, receitas vegetarianas, orientação mental, etc., etc.**

**32 páginas de leitura variada**

**Preço da assinatura anual — 40$00**

(Envia-se um exemplar gratuito a quem o pedir)

# O moço que caíu da janela

**por GODOY PAIVA**

*Do livro de «Actos dos Apóstolos»: «O apóstolo Paulo pregava o Evangelho na cidade de Tróas e, estando um certo moço, de nome Eutico, assentado a uma janela, no terceiro andar do edifício, caíu ao solo, tomado do sono profundo que lhe sobreveio durante o extenso discurso de Paulo».*

*Este facto aconteceu, porque passava já da meia-noite e o apóstolo Paulo continuava a falar. Certamente, o salão devia estar repleto, pois que, se assim não fosse, esse moço não se acomodaria numa janela, em lugar bastante perigoso, no terceiro andar do edifício. Já clareava o dia, — diz o Evangelho — quando Paulo terminou a sua alocução.*

*Interessante o contraste entre o modo de proceder do povo daquele tempo e o do povo da nossa era. Era tal o desejo de aprender as coisas do espírito, que os assistentes passavam a noite inteira a escutar a pregação de Paulo. Hoje, se um pregador evangélico permanecer no púlpito, ou em uma tribuna, em um centro espirita ou em uma igreja qualquer, prolongando o seu sermão ou a sua conferência, ou a sua palestra por umas duas horas, pode estar certo de que, quando menos pensar, o salão estará vazio!*

*A nota dissonante, na reunião onde Paulo falou, foi apenas o Eutico, que ficou dominado pelo sono, certamente porque não estava se interessando muito por aquilo que Paulo falava. E hoje há muitos Euticos entre os que costumam assistir às pregações do Evangelho! Para muitos, a pregação do Evangelho é um tanto «cacete» e, por isso, apesar de toda boa-vontade, o sono ataca de rijo! Entretanto, — coisa interessantíssima — as pessoas que costumam cochilar, ou mesmo ferrar no sono, como Eutico o fez, quando se lhes fala de coisas espirituais, vão ao cinema, mas lá não cochilam! Há tempos exibiram nesta Capital um filme intitulado «O Vento Levou», cuja exibição prolongava-se por mais de quatro horas e ninguém cochilava; nem mesmo os espiritas... É a falta de vontade para com aquilo que diz respeito à aquisição de virtudes! É a falta de vontade, a falta de interesse para com aquilo de que mais necessitamos.*

*O caso do moço que caíu da janela deve servir de aviso para muita gente que está dormindo sobre o colchão do indiferentismo, enquanto procuramos alertar o mundo para a necessidade de saber de onde vem, que faz aqui e para onde vai. Quem se descuida dessas coisas está sujeito a sofrer uma queda desastrosa.*

*Precisamos acordar os Euticos que andam por aí cochilando e avisá-los de que a sua queda pode ser muito maior que a daquele moço — que foi apenas de uns 20 metros de altura — pois podem cair em mundos inferiores, após esta vida, e a distância será infinitamente maior que a de um terceiro andar à rua!*

*Certa vez, eu tentei acordar um Eutico: Era um moço que, sempre que eu falava no Centro que ele frequentava, notava que dormia o tempo todo. Dirigi-me ao moço e disse-lhe:*

*— Você precisa perder esse costume de dormir durante todo o tempo que os oradores falam. Por que é que você dorme assim? Sofre de moléstia de sono, ou chega aqui muito cansado? Faça um esforço para não dormir! Se você se interessar pela palestra, o sono não o perturbará.*

*E ele respondeu:*

*— Nada disso, seu Godoy! É o contrário. Principalmente quando é o senhor que fala, eu faço até questão de prestar muita atenção, porque gosto muito do seu sistema de ensinar as coisas à gente. Mas é a mediunidade que me atrapalha, porque logo que o senhor começa a falar, o meu espírito se desprende e eu fico imóvel na cadeira, sem poder dar atenção a nada!*

*E eu disse ao moço:*

*— É interessante essa mediunidade! Então, quem fica mediunizado ronca como um leão, a ponto do companheiro lhe tocar para que você pare de roncar?*

*E contei-lhe a história do Eutico...*

*E desse dia em diante não mais roncou!*

*Hoje, quando vou falar no Centro que ele frequenta, diz-me logo à entrada:*

*— Hoje não vou bancar o Eutico, seu Godoy!...*

*Ùltimamente têm sido constantes os avisos do Espaço de que se aproxima uma era de grandes convulsões mundiais, que têm por finalidade acordar os Euticos que se descuidam dos seus deveres espirituais.*

*Portanto, os Euticos que abram os olhos ...*

**(De «O Semeador», de São Paulo)**

# ECOS DE U

Por ISIDORO

## MEDI

*O dia 14 de Junho foi de meditação. O que se passara em São Paulo abriu sulcos no sentimento e não era possível preenchê-los.*

*De tantos gastos que havíamos feito, o maior era de tempo. E lembrámo-nos do conceito de Maupertuis:*

*— Se Deus suprimisse por nós o tempo que desejaríamos suprimir, talvez a vida toda se pudesse reduzir a poucas horas.*

*O tempo é como um cofre de moedas. Retirá-las sem as substituir é reduzir o pecúlio à expressão mais simples. E nós tínhamos pouco numerário deste género. Embora fosse muito, em princípio, era quase nada em relação ao que teríamos de gastar para ver tanta coisa maravilhosa.*

*Ver passar os minutos, quando aguardamos uma boa notícia, é o contrário de quando aguardamos um mau acontecimento. O tempo fisiológico é que manda. Lento para uns, célere para outros.*

*Não podíamos fugir a este pensamento. A viagem transformava-se em manancial inesgotável. Uma fonte a correr ...*

★

*O Humberto Correia de Sá e a esposa D. Gabi eram hospedeiros de alta estirpe. Fizeram questão de nos alojar, qual peregrino que trouxesse novas do «reino». Não admira. Ele é portuense, ainda com sotaque nativo. Ouvi-lo era regressar a Portugal. D. Gabi é lisboeta. Gabi vem de Gabriela: Andreza Gabriela Calixto. A mediunidade que a exorna espalha-se por aquela mansão da Rua Baltazar Lisboa, onde pairam vibrações de entidades amigas.*

*O Humberto é tipo dinâmico. Correu as sete partidas do Brasil, pelo norte e pelo sul. Uma espécie de viajante detectivesco disposto a enfrentar emboscadas. Deve ter enfrentado algumas. Os cangaceiros são acolhidos pela selva, donde saltam à estrada, não obstante os guardas da lei, prontos ao sacrifício.*

*Não tenham dúvidas. O polícia de verdade, que fez da sua vida sacerdócio, cumpre a missão estatuída com desprezo das conveniências. Ai da sociedade, se não fosse o medo à polícia. Mas ela não pode evitar a obra do cangaceiro. Restringe-a, permitindo que os interessados se defendam com armas à sua escolha. E não pára um momento na tarefa de limpeza.*

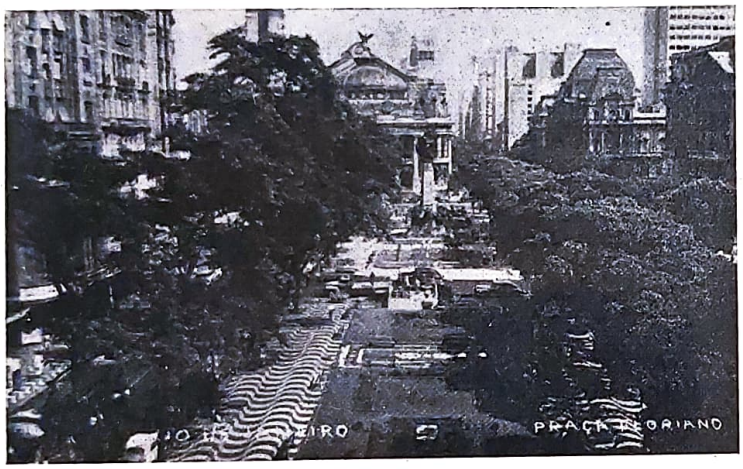
*O Humberto correu seca e meca, experimentou os transportes mais variados: cavalos, burros, muares, trens, calcantes, dia e noite na clareira e no mato, mal comido, mal bebido, mal dormido, vendo passar casacudos e mandiras, capiaus e tabareus, queijeiros e tapiocanos, semelhantes aos zagais do Alentejo e serrenhos da Estrela. Vida nómada, inquieta, atribulada, para viver digno, para ganhar a mantença e ao mesmo tempo entrar a fundo na lição terrena ...*

*Tudo se lhe imprimiu no semblante, onde um ricto ficou a assinalar o prélio. E nos olhos havia reflexos de génio insondável.*

*D. Gabi é o anjo do lar, o sol e a providência. De vez em quando o seu espírito voa a Portugal, onde gostaria de morrer. Saudade a mais, como as águas nas grandes cheias. Lisboa é um fim presente. Épocas longínquas, quadros que revive de olhos marejados, almas que ficaram na gleba a disfrutar encantos são coisas que relembra todos os dias.*

*Tem personalidade, tem carácter. Pope dizia que a maior parte das mulheres são criaturas muito fracas para conservar impressões duradoiras. Não têm carácter. São loiras ou morenas e é por isto que se distinguem melhor. Pois D. Gabi é loira e morena e a sua auréola confunde os videntes que a observam. O eu está de cá e de lá daqueles olhos vivos, cuja limpidez assombra. E quando fala é como se um vasto mundo se abrisse à nossa compreensão. Uma estranha mulher num semblante de retábulo ...*

*Quando lhe falávamos, um oceano de recordações nos envolvia. Sentíamos a presença de alguém que nos acompanhava e a conversa ia singrando, como bergantim de sonho. Mais uma vez a teoria do tempo vinha à balha, esse tempo que se passava a passar o tempo ...*




**A luxuriante vegetação da Praça Floriano**

# MA VIAGEM

JARTE SANTOS

V

# AÇÃO

★

*Pois nesta casa vivemos como se nossa fosse. E tínhamos que falar dela, dos seus moradores, da gratidão que nos ia n'alma. Tínhamos que falar deste ambiente de refúgio, pleno de amabilidade, pleno de gentileza.*

*Tantas vezes pensámos no que seria a nossa vida no Brasil! Pensar e escrever em liberdade! Dar largas ao pensamento mais recôndito, sem receio de coibição!*

*Que não seria esse trabalho harmonioso!*

*De todas as liberdades, a de expressão é a mais bela. É o órgão visual do progresso, como lhe chamou Vítor Hugo. E José Bonifácio foi mais longe: «Deve ser invencível, ter sede de infinito, ser grande, como o universo que a contém».*

*Com efeito, há universo na liberdade. O homem está onde quer, sem coacções, embora para lá dos limites haja cerceamento, falta de ambiente que não estabiliza, nem felicita.*

*A luta das ideias é encontro de opiniões dignas. A criatura sente-se enobrecida, emitindo a sua.*

*No Brasil é assim. De um extremo a outro. O fluminense, o paulistano, o gaúcho e os demais pelo continente afora, desde o escritor ao mandioqueiro. Nesse ponto, todos são iguais. Há superioridade em quem diz o que sente e as leis devem tornar o homem superior.*

*Por isso, não sabemos o que seria de nós nestas plagas benditas. Seríamos homem diferente. Perderíamos lastro e ganharíamos atitude ...*

★

*Isto veio a propósito do refúgio da Rua Baltazar Lisboa. Quem é que não quer um refúgio? Para o sequioso é uma fonte. E uma sala de jantar para o faminto. Se for viandante, a sombra de um fícus. Seja o que for e onde for. Ninguém o repele, porque a fome e a sede destroem o orgulho.*

*Aprendemos o sítio. Nomes de ruas que lá vão ter. E uma referência ... e outra ... Estas árvores, aquele gradeamento, aquela esquina ... Depois, uma vez por outra, ficamos à espera do bonde. Ao cabo de alguns dias conhecemos pessoas que embarcam à mesma hora ...*

*Nós somos animais de hábitos. Agora é que nos acabámos de convencer.*

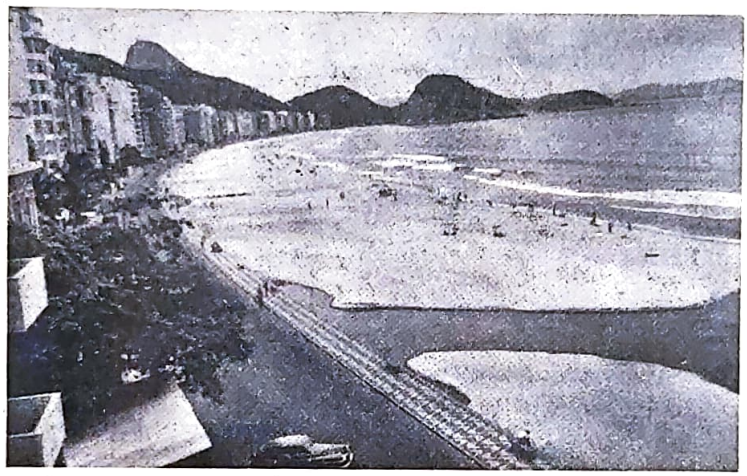
*Já tínhamos lido em Garrett que a tudo se habitua o homem e a todo o estado se afaz; e que não há vida, por mais estranha, que o tempo e a repetição dos actos lhe não faça natural.*

*O refúgio de Humberto e D. Gabi ficava longe da Cinelândia. De um extremo a outro levava tempo a chegar. Lisboa ficava talvez mais próximo do Cacém. Mas após as nossas falações na Rádio Guanabara sentíamos necessidade de regresso ao refúgio, onde tínhamos as notas de viagem e a correspondência particular. Era lá também que escrevíamos as crónicas e artigos destinados a «Estudos Psíquicos» e «Medicina Natural». Portanto íamos criando uma segunda natureza. Se lá demorássemos muito tempo ficaríamos brasileiro pela força do hábito ...*

★

*E as* Selecções Espiritualistas? *Eram tertúlia, refúgio igual. Um estúdio doméstico, sem aparatoso mobiliário. Ao centro e dependurado, aquela peça de metal com buraquinhos ... Já falámos dela algumas vezes.*

*As nossas digressões eram sempre contadas ao microfone. Em frente, na sala contígua, o locutor geral da estação a regular o mecanismo das emissões. E quando falávamos faziam-se ouvir os acordes de «A Portuguesa», que era nosso indicativo.*



**Copacabana, a praia onde à noite as luzes brilham como tufos fluorescentes ...**

*Ainda nos lembramos, como se fosse ontem. O Nelson de Azevedo estava sempre na voz da simpatia. E também da amizade. Fez questão de nos acompanhar sempre daquela antena emissora. Para onde fôssemos, o anúncio precedia a chegada ... E todos sabiam de nossos passos, mercê das ondas hertzianas da U. D. J., proprietária da hora espirita.*

*Iam lá muitos confrades, mas os mais assíduos eram Deolindo Amorim e Moreira Guimarães, duas alavancas, dois arautos. O primeiro, vulgarizador de princípios; o segundo, evangelizador do*

bem. O Deolindo é o polemista sereno, com um caudal ciente de sua força. Homem de estudo, homem de argumentos. E de estilo transparente, tão simples, que nem se dá por ele. Quando discorre, não há mais nada do que o seu raciocínio. A enxada crava-se no terreno e a gleba revolta fica ao sol. Grande lavrador e desbravador. O Guimarães é o lago tranquilo. Ouvi-lo é serenar o ânimo, é dar a camisa ao desnudo que passa. Tanta vez o ouvimos, tanta vez serenámos!

Claro, que havia outros diferentes. O Paula era um deles. Tipo de pensador, ia ao fundo das coisas a analisar, a escalpelizar. Um dia tivemos com ele acalorada palestra na Colina da Fraternidade. Não estivemos de acordo, o que é natural. Os amigos nem sempre estão de acordo, sobretudo se forem amigos de verdade. Conhecêmo-lo na sessão do Ministério do Trabalho em nossa homenagem. Homem de cor e de acção. Tão modesto, quanto valoroso. Escreveu um livro ou dois. Crónicas radiofónicas, artigos dispersos e estudos, que depois compilou. Mas tinha estilo próprio. Que importa a cor, se a alma é branca? Que importa o lugar, se o homem é universo? Muitos não dizem que a sua terra é onde são felizes?

Há frioleiras que é preciso abandonar. Preconceitos que é preciso destruir. A cor da pele, o sangue azul, a aristocracia da raça... Tudo ideias de mau sentido. O espírito é que manda em toda a parte. Nele é que nascem as obras humanas. Dele é que partem os impulsos, as realizações que amenizam a vida e lhe dão modalidade.

Por isso gostámos do Paula. E tivemos pena, quando o soubemos a caminho do além...

★

Uma vez contámos ali a nossa viagem a Pedro Leopoldo, em palavras revestidas de ternura. O Chico Xavier é, na verdade, um homem estranho, através do qual os amigos do Alto nos tinham encorajado. Descrevemos o primeiro contacto com ele, a atracção que nos infundira, a afinidade que se estabelecera e deixámos correr a imaginação como vela enfunada. Nesse momento esquecemos o microfone e revimo-nos no Centro Luís Gonzaga, onde Emmanuel baixava com frequência.

Foi uma palestra viva a escorrer oportunidade. Milhares de admiradores do singular veículo talvez a achassem oportuna, porque nos cingimos ao realismo das impressões, sem encómios escusados. Nem ele necessitava de elogios de quem quer que fosse.

Depois da emissão o Moreira Guimarães telefonou:

— Felicito-o pelas crónicas de viagem que está irradiando. Muitas pessoas o escutam, interessadas.

Nos dias anteriores faláramos de Petrópolis, Três Rios e Juiz de Fora. Mas Belo Horizonte foi um caso aparte. Daqui é que nos dirigimos a Pedro Leopoldo, como dissemos num capítulo do primeiro volume.

O leitor sabe o que é a memória. Retém os minutos felizes com mais cuidado do que as horas amargas. E conhece talvez aqueles versos de Campoamor:

Feliz quem ouve em paz, perpètuamente,
Da mesma fonte o murmurar corrente...

Soubemos então que numerosos ouvidos nos tinham escutado.

A radiodifusão é, de facto, um campo vastíssimo de propaganda. Quem escuta sem ver o orador tem liberdade de o visionar, como entende. E quase sempre a realidade é diferente da imaginação! Houve correspondentes que nos julgaram velhote, barba à guise, óculos azúis, testa franzida e passo incerto. O motivo estaria nos artigos de fundo de «Estudos Psíquicos», de objectividade doutrinária, próprios de um homem habituado à meditação. Mas, quanto se enganavam esses amigos! Éramos o reverso da medalha. Sereno, objectivo, entusiasmado, sem rugas, óculos foscos ou barba à guise. Um homem do século, que entende a mocidade e olha o futuro sem receio. E de quando em quando... humorista.

Éramos quem falava do Chico Xavier ao microfone das Selecções Espiritualistas e que ficou a pensar no telefonema do Moreira Guimarães... e nestas palavras de Vargas Villa:

— A ilusão é janela aberta no muro negro da vida; é por ela que penetra um raio de azul do infinito até aos nossos corações...

★

Naquela tarde estivemos com o Henrique Magalhães. Outra personalidade estranha. Onde vai ele buscar o humo para ulimentar a raiz? Onde vai ele buscar a pedra para as grandes construções? Respira decisão e fé. Já dissemos que é franzino e talvez por isso encontre menos obstáculos na marcha. Infiltra-se aqui, infiltra-se além, conquistando adeptos, impressionando adversários. O seu poder de convicção é subtil como um perfume. Não polemiza, não impõe o seu verbo. Caminha vagarosamente guiado pelo idealismo e as ideias é que se impõem.

Tocámos em assuntos graves, que tratava como se fossem leves. Para ele são assuntos. Tudo requer atenção. Vê o pró e o contra e a maneira mais fácil de vencer. Afinal, as coisas grandes são iguais às pequenas. O que exigem é maior número de operadores.

Andava com projectos misteriosos. Falava por meias palavras, esboçando ideias que se lhe estampavam no olhor indeciso, ligadas à «Casa da Mãe Pobre».

— Sabe — dizia-nos —; a Maternidade já é pequena para tanta coisa. Temos que pensar no futuro...

O futuro! Sempre o invisível e intangível a preocupar a mente, antes de se traduzir em acto. Uma coisa que depende da cor dos óculos. Os dele, ao longe eram transparentes e ao perto eram escuros. Os realizadores fazem planos de optimismo. Depois, como Séneca, aguardam o pior. Entretanto dinamizam a vontade. Correm, o projecto na mão, como um estandarte. Aqui e ali são atendidos. Outros, porém... De utopias está o mundo cheio. E passam adiante.

Mas ele tinha a ideia fixa: a «Mãe Pobre» era pequena para tanta coisa. O prédio da rua Ibituruna... Sim, um prédio magnífico, com cerca a rodeá-lo.

— E se construíssemos um grande hospital com escola de enfermagem?...

Era um projecto grandioso.

O Magalhães passara maus bocados com a construção da Maternidade. Noites de insónia, de pavor financeiro. A dívida avolumava-se reforçada pelos juros e o porvir ameaçava reduzir a escombros o produto de uma ideia beneficente. A vida com suas fugas e seus contrastes...

Mas ele já se esquecera. As mães também esquecem as dores do parto.

Naquela tarde estivemos com o Henrique. Tanto conversámos com ele! Tem sido um amigo e um cireneu.

★

*Estas palavras são diversão mental na cola de motivos. Uma espécie de personagem em busca do autor, como na peça de Pirandello.*

*Falámos em muitos lugares do Rio, mas ainda não tínhamos ideia geral dessa metrópole. Apareceu então um patrício movido pela afinidade: António Joaquim Monteiro, uma só peça de arcaboiço que um espírito justo orientava. Queria levar-nos no seu carro à Tijuca, à Lagoa, ao Pão de Açúcar. A Capital Federal era extensa demais para calcantes.*

*Encontrámos este homem simples e sentimos-lhe o fluido trasbordante. Pertencia à Comissão Receptora e à Casa da Mãe Pobre. Mais tarde seria representante geral de «Estudos Psíquicos», à ilharga de Henrique Magalhães.*

*Os portugueses do Brasil são gente nobre em luta pela vida. O pão é como o sol: produz movimento. O pão leva o homem e o traz em ronda de aventura. Abandona-se o lar e a terra... E quantos não ficam para sempre! Como dizia o padre António Vieira, «os pobres dão pelo pão o trabalho; os ricos dão pelo pão a fazenda; os de espírito generoso dão pelo pão a vida; os de espírito baixo dão pelo pão a alma; e nenhum homem há que não dê pelo pão todo o seu cuidado».*

*O Monteiro é o tipo de homem que nasceu para auxiliar. Não alardeia serviço, acha pouco o esforço que lhe cabe na seara espirita. O ideal tonificou-o. É um pilar de energia.*

*Ainda se mantém a impressão que nos deixou. Estamos a vê-lo de olhar calmo, palavras batidas, como trunfos que se joguem sobre a mesa. Mas o seu jogo é franco, como franco é o seu falar.*

*Estes amigos são duradoiros. Não discursam, não tagarelam. Vão direitos à cruz e aliviam o peso.*

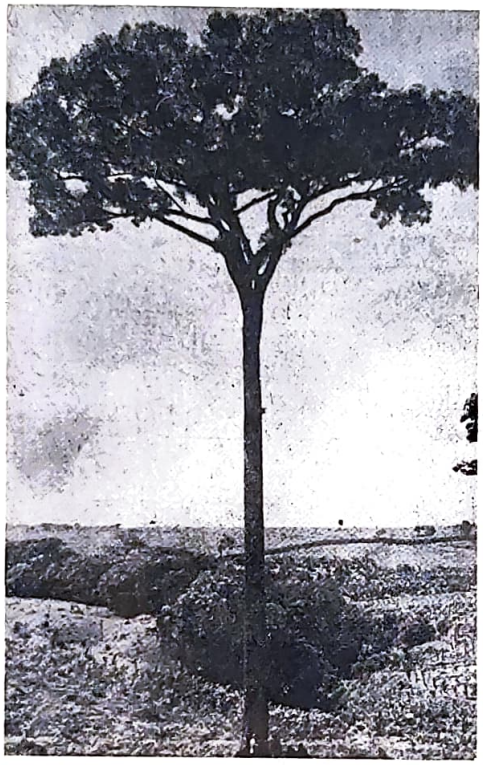
*O contrário dos «Amigos» de Camilo, «os cento e nove impávidos marotos» que o não visitavam, porque «estava cego e não podia vê-los»...*

*Destes há muitos. Discreteiam, quando é preciso agir. Oferecem-se, quando são desnecessários. Mas se a hora soa, esgueiram-se como sombras.*

*Afinal, coisas que se pensam, imagens que surgem e desaparecem. As lições têm problemas que duram uma existência. O estudante não os abarca, não os apreende... Ora se aproximam, ora se afastam... Um mistério permanente. O sol e a sombra da vida...*

★

*Quando não há trabalho obrigatório lembramos quadros do do mundo real. Uma apresentação ou simples conversa decidem*



**O jequitibá, árvore gigante em altura...**

*de nós em face do semelhante, sobretudo, quando a doutrina nos irmana. Afinidade e familiaridade abrem as portas de oiro da convivência. Os homens sentem-se ligados à obra comum, limam arestas, aguçam o entendimento.*

*Tivemos encontros deste género. Criaturas desconhecidas que se nos tornaram familiares em poucos minutos. O Brasileiro é afectivo e sensitivo. Destrói as barreiras, nivela o caminho, aproxima as almas e ao cabo de uma hora o sentimento desabrocha.*

*O idioma atrai os seres, facilita a expressão. O homem é maior e melhor, quando o estrageiro fala a sua língua. As vibrações convergem, há acordo, há ressonância. As ideias têm outra significação. Até mesmo os dialectos erguem anteparas. Temos que traduzir, num esforço dobrado. No fundo do problema está o homem com aspirações, complexos e recalques, como se não houvesse diferença de léxico...*

*Tivemos colóquios que nos enlevaram e deliciaram. Esta faceta das almas contribuiu muito para o nosso amor à terra do Cruzeiro.*

*O homem nem sempre compreende a causa da simpatia. Anda à superfície das coisas, não indaga e limita-se a dizer: «eu gosto». No Brasil gostamos de tudo, menos do calor, quando é demasiado. Pode haver isto e aquilo, contrariedades, desilusões, aborrecimentos, que a graça das mulheres remedeia tudo.*

*Não sabemos explicar. Sentimos, mas não explicamos. Talvez Mantegazza explique: «A graça é o esplendor da beleza, é a beleza em movimento, o sorriso da infância, a bondade da força, o perfume do fruto saboroso, a elegância da palmeira que se curva, ondeando, às carícias do vento. É a poesia da beleza».*

*Na verdade, não se podia interpretar melhor a graça das Brasileiras. Onde há uma ferida, vêm curar; onde há um problema, vêm ajudar. Elas estão em toda a parte. São a luz e o sol de um país florescente. Por isso o sangue português se revela em tantos lares. É uma coisa que impressiona. Os filhos são a raça nova do cruzamento. Crescem ao sol dos trópicos e vão-se alteando e embelezando. Os olhos irradiam saudade longínqua, saudade que envolve a calidez de um recanto ou de um perfume espiralado...*

*Analisar a mulher do Rio, de São Paulo ou da Baía é escrever um livro amorável, é chegar à conclusão de Camilo:*

*— Há mulheres como a lança de Pélias: curam as feridas que fazem.*

*São como as árvores do sândalo: perfumam o machado que as corta.*

*Podem ser inteligentes e sábias, que não deixam de ser mulheres. A essência divina está nelas a suavizar a dor, a envolver o outro sexo.*

*Não entendem o racismo segregador de homens. Onde estiverem*

está o seu coração, a sua graça, o seu olhar.

São coisas que vimos, que nos tocaram de perto.

Nas grandes e pequenas assembleias, a mulher predominava no colorido do traje, na esbelteza das formas. E quando sorria, eram filtros que se espraiavam. Um universo de encantamento pletórico de lampejos: amor sensual, amor platónico, amor divino. A sinfonia da vida, onde a seiva embeleza corpos e almas.

Ainda sentimos estes quadros, como se fosse de hoje. Na horas boas são paisagem luxuriante; nas horas más são remédio suave. Nunca a poesia atingiu maior altura, que nesta análise da mulher brasileira ...

★

A meditação é necessária como o oxigénio. Quem observa, medita, avalia, compara. Um lago, um rio, uma praia, tudo exige observação no aprendizado.

Mas nós gostamos de observar a vida palpitante, frente às almas que se contraem ou dilatam. Os seus movimentos reflectem-se em nosso espelho.

Subir ao Corcovado através da verdura jacente e ver alargar a baía com ilheus que parecem bóias de amarração no verde-mar ... Quando lá subimos com o Nelson e nos debruçámos sobre a Lagoa, um deslumbramento nos paralisou. Sonho de panteísmo ou arroubo do sensório tomou à sua conta a natureza sonolenta. Os raios do sol de encontro às nuvens lançavam poalha de oiro na atmosfera cinzenta.

E em breves minutos vimos passar um século de trabalho arroteador, entre epopeias de luta que a história nunca registou. A ronda dos bandeirantes, os marcos da descoberta em remate pontiagudo, a infiltração a corta-mato, os que ficaram dizimados pela febre na guerra do clima ... Homens atolados na travessia dos paúis, crestados pelo sol ou vergados ao pus das cacimbas ... Depois o cansaço e a paragem dos desbravadores sertanejos. A casamata, o lugarejo, o povoado, a vilória ... E o povoamento estendeu-se a regiões ubérrimas, na planície e no morro.

O Rio fora casebre adusto, três ou quatro pescadores ante a imensidade líquida. E agora tinha de fugir à superfície. Os morros impediam a marcha horizontal.

Nossos olhos abarcavam o grito revolucionário da arquitectura e o Corcovado parecia enorme cabeleira debruçada na vertente.

Ali era Brasil, a terra da promissão. O humo trespassava a gleba, corria aos troncos resinosos, exalando aromas e até as próprias rochas serviam de pasto às raízes ...

Tudo isto revíamos em meditação, fora do mundo físico.

Ouvíramos que os sonhos tropicais eram mais violentos. Que as imagens tinham indizíveis contrastes e que a terra se desentranhava em amor à criação. A prova estava naquele morro, onde um Cristo de cimento atraía os devotos da paisagem ...

★

Copacabana é um dos mais belos recantos da cidade. A arborização, os morros, os arranha-céus e as casas solarengas dão imponência à praia lindamente debruada na Avenida Atlântica. À noite, as luzes brilham como tufos fluorescentes, estrada em fora, num desfocamento que a humanidade vai pincelando.

Certa noite descemos a escada do «Amor, Caridade e Esperança», em companhia de Henrique Andrade, e na Avenida ficámos à espera de ónibus que nos levasse à Tijuca. Conversámos muito, evocámos antigos episódios ligados à Doutrina, enquanto as águas se espreguiçavam na mancha arenosa.

A praia estava deserta e a brisa salpicava-nos de salsugem. O nosso interlocutor, porém, insensível ao tempo, recordava lances da sua luta vitoriosa, falava do Mundo Espirita que germinou em suas vigílias, do jornalista intransigente votado à Causa e das ilusões que o acompanhavam. Batalha incruenta a caldear energias! O Dr. Andrade era martelado em bigorna de aço e por vezes ficava exangue. Depois empunhava de novo o camartelo ...

A Copacabana continuava a sentir o beijo aquoso da noite e nós à espera de ónibus que nos levasse à Tijuca ... O Dr. Andrade a desfiar contas de um rosário austero, cheio de amargura pela incoerência dos homens, e nós a pensar nestas palavras de La Bruyère que valem um compêndio de sabedoria:

—Um homem desigual são muitos homens; multiplica-se de forma diferente, como os seus maus gostos. É a cada instante o que não era e vai ser em breve o que nunca foi: suceder-se a si mesmo.

Há quem morra de armas na mão e quem se agarre à trazeira dos carros triunfais. Há de tudo na prole humana. Os primeiros são figuras de bronze e os segundos figurões de gesso no ferro-velho da existência ...

O Dr. Andrade foi precursor do jornalismo espirita. Uma autêntica figura de bronze. Acompanhámo-lo muitos anos no dia-a-dia da refrega, avaliámos-lhe os atributos e os defeitos. É um elemento a considerar no mercado dos valores. Havemos de encontrá-lo outra vez no decurso da viagem ...

★

Isto faz-nos lembrar o jequitibá que domina as grandes matas. Árvore gigante em altura, o seu tronco atinge vinte ou trinta metros sob copa elegante. O homem, quando passa, é formiga traiçoeira. Um machado, um serrote lhe bastam para estender a conífera ao longo da crosta. A majestade vencida pela astúcia. E o reino vegetal é desfalcado em força e bizarria.

Vimos o gigante em parques florestais e na selva impenetrável de certas regiões brasileiras. Uma espécie de guarda-chuva sobre a fronde espesa.

A natureza tem beleza que em vão tentam imitar. E surge o cubismo e o futurismo em digressões de arte abstracta, a compensar a falência do homem.

Os trópicos em toda a parte oferecem motivos de expectação. E nós passeamos no horizonte o olhar ofuscado, ouvindo ou sentindo a grande orquestra, em prodígio de som.

De manhã, o «Crepúsculo dos Deuses»; depois a marcha «Tanhauser» com seus passos vibrantes e alacres, cavalgada de Valquírias em pleno sol ...

O Brasil é exuberância na terra e nas almas. Na imaginação e na vegetação. Um deslumbramento dos sentidos.

O que é preciso é auscultá-lo e compreendê-lo.

O jequitibá é um símbolo. É o pavão da superfície, em garbo e formusura imponente.

Esta foi a meditação do viajante no seu regresso de São Paulo. Não sabemos quando se viaja mais: se caminhando, se recostado na poltrona em relaxamento muscular. É que os progressos hodiernos da mecânica ainda não imitaram as asas do Espírito ...

# SEMINÁRIO ESPIRITA

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Conforme estava anunciado, especialmente pela revista «Reencarnação», órgão oficial da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, realizou-se com pleno êxito nos dias de 11 a 18 de Janeiro próximo passado, o primeiro Seminário Espirita no Brasil, pela Federação Espirita do Rio Grande do Sul.

Tomaram parte no mesmo, além do Estado do Rio Grande do Sul, que esteve presente, com seus directores e colaboradores já compromissados na prática dos serviços de evangelização da Infância e da Juventude, instalados em toda a rede Espirita Federativa do Estado, mais as seguintes delegações Estaduais, pertencentes ao Concelho Federativo Nacional: Federação Espirita Brasileira, Liga Espirita do Distrito Federal, União Espirita Mineira, Federação Espirita Paulista, Federação Espirita do Paraná, Federação Espirita de Mato Grosso e Federação Espirita do Ceará.

Tomaram parte ainda no referido Seminário, as seguintes delegações de entidades de ordem municipal: União Espirita de Juiz de Fora, do Estado de Minas Gerais; Mansão do Caminho e Caminho da Redenção, de São Salvador, do Estado da Baía; representantes de entidades de Cachoeira Paulista e Baurú do Estado de São Paulo e Centro Espirita «Allan Kardec», de Lages, Santa Catarina.

Todas as delegações acima mencionadas se apresentaram verdadeiramente habilitadas para tomar parte nos trabalhos do Seminário. Não posso, entretanto, deixar de destacar a representação da Federação Espirita Brasileira, a cargo do Sr. Alberto Nogueira Gama, secretário do jornal *Brasil-Espirita;* Departamento da Juventude da FEB e representante no Conselho Espirita Federativo Nacional do Estado do Espírito Santo, pelo seu espírito de colaboração e compreensão nos trabalhos em geral.

As reuniões se processaram por espaço de 8 dias, num ambiente da mais perfeita ordem, paz e alegria. Foram amplamente apresentados e debatidos e finalmente recomendados, os seguintes temas de estudo constantes do programa de trabalho do Seminário:

1.º — Programa de ensino evangélico doutrinário para a Infância.

2.º — Programa de ensino evangélico doutrinário para a Juventude.

3.º — Métodos e processos de ensino a usar nas aulas de evangelização.

4.º — Confecção e uso de material didáctico a ser usado nas aulas de evangelização.

5.º — Como incentivar o movimento de expansão de evangelização das Gerações Novas à luz do Evangelho?

Estas teses foram apresentadas pela Federação Espirita do Rio Grande do Sul, através de seus directores e colaboradores dos serviços de evangelização. Foi um trabalho de equipa, prèviamente organizado pela Federação, com vistas à instrução, orientação e unificação da família espirita, desde a criança ao ancião, à luz do evangelho, que deve ser o nosso roteiro, aproveitando a colaboração de todos os que amam a criança e tenham fé, dentro de suas possibilidades.

O Seminário estendeu sua acção e estudos até à assistência espirita social à luz da 3.ª revelação, com objectivo de amparar a criança, sem a separar dos cuidados e responsabilidades dos pais, relativamente. Precisamos aprender a cooperar com Jesus, servindo sem nos prendermos às coisas nem complicando-as, motivando perturbações que é preciso evitar. Ajudar sem atrapalhar — deve ser a nossa cooperação.

Todos os seminaristas, sem distinção, foram hóspedes da Federação Espirita do Rio Grande do Sul. Nos intervalos das reuniões plenárias foram visitadas várias entidades espiritas desta capital. Especialmente, aquelas que mais se destacam pelos seus trabalhos de ordem assistencial.

O encerramento foi no Teatro Municipal da Capital, que apresentou uma assistência fora do comum pelo acréscimo de interessados em ouvir o conferencista, nosso confrade e amigo, Sr. Divaldo Pereira Franco, que veio da Baía especialmente para cooperar connosco.

A Federação Espirita do Rio Grande do Sul, no desempenho de sua nobre missão de instruir, coordenar e orientar os seus federados, compreendeu o problema da criança em suas várias modalidades. E percebendo perfeitamente bem que ela é o nosso futuro, numa expressão de tudo o que já somos e desejamos ser, se dispôs a fazer por ela tudo o que de melhor esteja ao seu alcance, no sentido de prever e prover à sua vida e à sua missão para que ela possa suceder-nos com confiança em si mesma.

Praza a Deus que daquela solene reunião, de tão elevados objectivos, possa cada delegação ter levado, para o seu Estado, para a sua entidade, para a sua aula de evangelização da Infância e da Juventude, um renovado incentivo de paz e de fraternidade que nos permita ajudar a Infância e a Juventude para que eles possam solucionar seus problemas, dentro da paz e harmonia sem se desajustarem. E para que no mais breve tempo possa haver mais completa compreensão da doutrina de Jesus e se desenvolva em cada um de nós mais simpatia e mais amor pela Grande Família Humana.

## O JOGO

**De todas as desgraças que penetram no homem pela algibeira e arruínam o carácter pela fortuna, o mais grave é, sem dúvida nenhuma, o jogo; o jogo na expressão mãe, o jogo na sua acepção usual, o jogo pròpriamente dito. Numa palavra: o jogo, os naipes, os dados, a mesa verde.**

**RUI BARBOSA**

# A Morte no Marco da Estrada

**por THOMAS J. HADFIELD**

Foi em 1946 que comecei a praticar em Cape Town (Cidade do Cabo) na África do Sul, depois de completar os meus estudos de direito, e tive a fortuna de comprar uma comparticipação num escritório de créditos estabelecidos e prestigiosos, pretendendo depois, como complemento deste auspicioso início, consorciar-me com a minha namorada, Estela Hildebrand, de 20 anos, que então vivia com seus pais numa quinta próximo de Ceres, Cape Province, a cerca de 140 quilómtros de Cape Town.

Era longo o caminho a percorrer para ir falar a Estela três vezes por semana, mas eu era jovem e enamorado e a estrada, ao chegar a Paarl, a uns 60 quilómetros de distância, era macadamizada e propícia a mais altas velocidades. Depois de Wellington, 18 quilómetros do outro lado de Paarl, a rodovia começa a subir duramente sobre a traiçoeira passagem de Bains Kloof com curvas traçadas a 3000 metros de altura, em faldas sem protecção.

Quando soprava o vento sueste sobre a montanha solitária ou a chuva caía numa torrente incessante, essa passagem tornava-se a mais perigosa do mundo — deserta durante a noite, raramente cortada por um carro, alongando-se durante mais de 11 km na áspera elevação para logo atingir as férteis terras do termo de Ceres.

Numa noite de Novembro de 1946 parei em Wellington para beber uma chávena de café, antes de prosseguir o meu caminho. Fazia frio e a chuva caía, apesar de Novembro equivaler ao verão nesta província do Cabo. Como tinha tido uma avaria no carro aproveitei a paragem para a mandar reparar por um mecânico.

Depois abondonei Wellington e continuei a marcha através da estrada da passagem, com os faróis dianteiros iluminando apenas uns 7 metros de caminho atrás da cortina cerrada da chuva incessante.

Mantive o carro à velocidade duns 40 quilómetros e atingi o cume da passagem em 25 minutos, parando ali alguns momentos para descansar e fumar um cigarro. A seguir embraiei em segunda e comecei a descer a estrada tortuosa, seguindo as abruptas sinuosidades debruçadas a mais de 1500 metros de altura sobre as escarpas da montanha, acima do caudaloso rio Breede. Sùbitamente olhei para o mostrador da velocidade por me parecer que esta aumentava, talvez por minha sugestão, pois a agulha mantinha-se nos meus cautelosos 40 quilómetros.

Tinha justamente cruzado o marco quilométrico n.º 14 e aproximava-me da parte mais alcantilada da descida, quando devisei as luzes da retaguarda de um veículo que avançava lentamente, quando acelerei para o alcançar. Atingi a distância duns 30 metros do carro dianteiro e resolvi manter-me assim por ser demasiado perigoso tentar a ultrapassagem na montanha traiçoeira. Estava já muito próximo das luzes posteriores do carro meu vizinho, quando ele pareceu derrapar sobre a roda direita, manter-se um momento balanceando no cimo do alcantil e rolar desamparado em direcção ao rio.

— Já tem a sua conta — lembra-me de ter pensado, ao travar com infinita precaução e manobrar, a fim de parar o meu carro a uns tantos metros do ponto onde o outro se despenhara. Enfiei o impermeável, saí do carro e encaminhei-me cautelosamente para a berma da estrada. Mas, apesar da minha lâmpada eléctrica ser de luz muito forte, não consegui devisar o carro, ainda que me parecesse ou vir gritos a distância. Hesitei um momento; depois enterrei os pés na lama da vertente e comecei a perigosa descida, passo a passo, com a cautelosa prudência de quem se pode despenhar mortalmente de 900 metros de altura no abismo que em baixo me esperava.

E assim levei meia hora para atingir os destroços do carro, inclinado sobre um lado, com a porta direita escancarada e o condutor — um homem — enrodilhado atrás do volante, com um fio de sangue correndo mansamente da boca entre-aberta. Atrás dele, num grupo amalgamado, uma rapariga abraçava-se a duas crianças mortas Pela janela semi-cerrada tomei o pulso da rapariga. Pulsava fracamente.

Examinando o que restava do veículo deparei com uma mulher caída a meia altura do assento dianteiro na porta aberta. Estava morta, com a cabeça meio despedaçada por um rochedo.

Tentei então ajudar a rapariga moribunda, mas a porta estava emperrada com o choque e tive medo de a puxar através da portinhola, não sabendo até que ponto estava ferida. Além disso sangrava profusamente da ferida da cabeça e pensei que era melhor estancar-lhe o sangue, antes de procurar socorros. Com o meu *cachecol* envolvi-lhe estreitamente a cabeça, tendo as mãos sujas do seu sangue. E sem ver o que mais pudesse fazer naquele momento, empreendi o regresso ao meu carro — que por fim atingi, enlameado e coberto do sangue de uma ferida aberta no pulso.

O ponto mais próximo que conhecia era Wellington, a 23 quilómetros de distância, e atingi-lo significava ter de cruzar novamente a montanha.

Além disso tentar voltar o auto na estrada estreita era uma tarefa perigosa à luz dos faróis e, pensando bem, resolvi dirigir-me a Worcester — a cidade mais próxima da minha rota. Atingida em 45 minutos, guiando com a velocidade que a tempestuosa madrugada me permitia, parei defronte do posto da polícia.

— Teve algum desastre? — foi a pergunta do subchefe de serviço, olhando criticamente o meu aspecto enxovalhado e as nódoas de sangue.

— Não — respondi —, mas houve um terrível acidente em Bainskloof. Envie uma ambulância ao sítio do desastre — a uns 800 metros do marco indicador n.º 14, porque há uma rapariga ainda viva — e um homem, duas crianças e uma mulher, mortos.

Dentro de momentos uma ambulância, com a estrídula sereia vibrando aos ares, cruzava o posto policial, e eu, o sargento e um agente entrávamos num carro da polícia e seguíamos para o local do sinistro, não sem que me sentisse nervoso ao ver o mostrador a 80 Km numa estrada tão traiçoeira. Depois parámos junto da ambulância, cujos ocupan-

# UM GRANDE PROBLEMA

*Em mim há um problema grande. Não destrinço o físico da terra, do psíquico das almas. Filosòficamente, não destrinço. Se tudo é matéria e se a condição a especifica, o espírito será, no conceito de alguns, realidade ou abstracção.*

*No mundo em que vivo aprecio o meu ambiente e parece-me tangível. Será porque os sentidos o condicionam? Nos sentidos estará a base das concepções acerca do físico e do psíquico, como acerca de tudo. Se os sentidos se modificam, o mundo difere, sendo o mesmo.*

*Este é o problema, que permanece insolúvel. Um dia será resolvido e luz se fará nas almas. É possível que a matéria se unifique e mais se aproximem os dois mundos. Então o misterioso deixará de existir. Já sentimos o arrebol dessa época.*

*O ritmo da vida aumentou de frequência em toda a parte. Vive-se mais em menos tempo. É um clarão na síntese. É a diversidade que se harmoniza. Chegaremos à luz e talvez ao não-ser, forma absoluta de estatismo.*

*Tanta coisa se entrevê na evolução! E não podemos estudá-las bem, porque estamos nelas. Estamos na roda, giramos no conjunto. Não podemos, nem poderemos nunca. Finitos, jamais compreendemos o infinito.*

**(De um novo livro de LIA)**

tes queriam conhecer a localização exacta do desastre. E assim atingimos o local, onde os meus pneus haviam deixado um nítido desenho. Começámos a árdua descida até à margem do rio, mas, embora pareça estranho, não pude descobrir o carro sinistrado.

— Tem a certeza que é este local, Senhor Hadfield?

— Absoluta! O carro estava aqui.

Andei uns passos e por fim descobri o meu *cachecol*, ensanguentado.

— Pus esta ligadura em volta da cabeça da rapariga e decerto ela conseguiu sair do carro.

— Mas o senhor disse-me que cortou o pulso com um vidro. Onde está ele? E onde está a mulher pendurada e morta no carro?

Sob a luz dos projectores procurámos, procurámos... sem conseguir encontrar traços de qualquer acidente!

— Não se está a divertir à nossa custa, pois não, senhor Hadfield? — perguntou o sargento com uma voz irritada.

— Não estou doido e volto a dizer-lhe que vi o carro despenhar-se na ribanceira e que vim aqui ver o sucedido. E como prova eis o meu *cachecol* manchado de sangue.

— E não podia o carro ter rolado para mais longe, depois da rapariga sair? — observou um dos homens da ambulância.

— Improvável — respondeu o sargento Pieterse —. Estamos ao nível do rio, junto à margem. Impossível, impossível!

O agente Beukes — que nos acompanhava — sugeriu que deixássemos as coisas como estavam até ser dia claro — no que, por fim, após nova e infrutífera busca, o sargento concordou, pedindo-me que fosse ao posto prestar declarações, o que fiz. Telefonei depois a Estela, que achou bem que eu passasse o resto da noite no hotel de Worcester.

Mas foi curto o meu descanso. Pouco tempo depois batiam à porta — e o sargento Pieterse entrava, para se sentar na minha cama e dizer:

— Oiça, senhor Hadfield. Tente dizer-me exactamente o que viu no carro com todos os pormenores.

Contei-lhe tudo de que me lembrava. Durante este tempo o sargento amarrotava o meu *cachecol* ensaguentado que agarrara no lavatório.

Quando terminei, o sargento disse-me mansamente:

— O acidente que presenciou ontem à noite, senhor Hadfield, ocorreu há 22 anos!

Depois fez uma pausa para que a sua afirmação produzisse efeito.

— Quem está doido, então? perguntei, atónito.

— A família Kruger — o marido, a mulher e duas filhas — morreram no dia 4 de Novembro de 1924. O seu carro derrapou e despenhou-se sobre a margem do rio. Uma criada que os acompanhava foi encontrada a 90 metros de distância da cena do acidente. Possìvelmente tentara chamar socorros.

Olhei o sargento com espanto incrédulo.

— Está o senhor a tentar-me convencer de que o que vi... eram... eram... fantasmas?

Com encolher de ombros e fixando-me bem de frente, o sargento disse-me então pausadamente:

— Não acredito muito nessas coisas, mas a descrição que nos forneceu é exactamente o que a polícia encontrou naquela manhã de Novembro, até a banda posta na cabeça da criada e que o senhor disse ser o seu *cachecol*. Mas olhe para ele, senhor Hadfield. Vê algum sangue?...

Peguei, tremendo, no meu objecto — molhado, sem, mas sem qualquer vestígio de sangue! — Olhei, completamente desnorteado, para o meu pulso. Marca alguma de ferimento se via nele, como tão-pouco o mínimo indício de sangue nos punhos da camisa, que eu vira ensanguentados.

Nunca encontrei explicação satisfatória para esta provação por que passei. Teria sonhado? Ou pude voltar atrás, no tempo e no espaço, até à data e ao local onde o drama se desenrolara há 22 anos?

**(Trad. do «Fate» de Setembro-1956)**

# Mistérios da Magia

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

II

Os antigos magos ou cientistas da Grande Antiguidade conheciam profundamente as forças ocultas do homem que eles dividiam em 3 grupos:

1.º — *Centro intelectual*, localizado no cérebro e cujo polo oculto reside nas circunvolações deste órgão;

2.º — *Centro anímico*, situado principalmente no coração e no grande simpático e cujo centro oculto é o plexo solar.

3.º — *Centro sensitivo*, que distribui a sua energia aos diversos órgãos dos sentidos e cujo polo oculto termina na região genital.

Eram estas as noções ensinadas nos antigos templos.

Os mestre dessas recuadas épocas conheciam tão bem as forças ocultas do homem como as da Natureza! Pena é que na derrocada das várias civilizações muitos desses ensinamentos se perdessem para sempre. Mas pela leitura dos livros sagrados pode-se verificar o alto conhecimento que esses homens possuíam das forças universais.

No «Ritual Cabalístico de Salomão» lê-se: «O sábio reina com todo o céu e se faz servir por todo o inferno», palavras que encerram um sentido vastíssimo.

Referindo-se ao êxodo dos judeus, a Bíblia diz: «E o Senhor caminhava diante deles para lhes mostrar o caminho, aparecendo durante o dia uma coluna de nuvens, e durante a noite uma coluna de fogo, para lhes servir de guia de dia e de noite».

Estes fenómenos chamados «milagrosos», prodigalizados pelos sacerdotes de Osiris, fazem-nos compreender como os antigos sabiam manejar certas forças, o mesmo acontecendo no relato referente à Arca Santa.

Quantos outros fenómenos verificados pelos próprios sábios contemporâneos ficaram sem explicação? Como podem explicar-se leis que não são estudadas e muito menos compreendidas?

Stanislau de Guaita concretiza admiràvelmente o seu conceito acerca dessa ignorância, dizendo: «Esta concepção da eternidade por um lado, que aqui e além no instante actual parece criar dois infinitos: por outro lado, o facto universal da vida na vida, que se afirma na escada dos seres e no círculo concêntrico do mais pequeno círculo até ao átomo, reduzido em formas geométricas à não existência!

«São mistérios perturbando a lógica e o entendimento humano!

«O impossível envolve-nos; o absurdo nos aperta num círculo de ferro; e a razão humana, quando quer controlar A+B é vítima do inexplicável: porque o absurdo, investindo dantes, agora apodera-se d'ela».

Deste modo podemos concluir que a Magia pode ser causada pela exteriorização parcial do corpo astral, ou pelo trabalho dos Elementos Inferiores do Espaço.

E tudo isto parece um absurdo!

A Magia Negra ou maléfica, é praticada, principalmente tendo por base o perispírito, sobre o qual actua de modo a transmitir-lhe doenças ou influências mentais perniciosas.

A este respeito Paracelso disse: «Afirmamos que o espírito maligno insufla doenças ao corpo, o que se pode fazer de duas maneiras: uma, quando os espíritos se atacam mùtuamente sem o consentimento ou a vontade dos homens excitados pelo ódio, pela inveja ou por outros estimulantes do mal.

«A seguda via, pela qual os espíritos transmitem as doenças, é constituída pelos nossos pensamentos, pelos nossos sentimentos ou pela nossa vontade. Quando esse trabalho é bem feito, pode-se causar prejuízo a outrem, usando duma vontade forte e bem determinada. E esta vontade é a mãe que engendra e atrai os espíritos malfazejos».

Continuando, este mestre de Ocultismo afirma ainda:

«Sabemos que uma pessoa que detesta outra, cobrindo de pedras ou de terra a imagem da pessoa a que se refere uma figura, essa pessoa sente-se atormentada no sítio em que as pedras molestaram a imagem. Se uma figura de cera expressamente feita para o caso for liberta e colocada à luz do dia, o sofrimento desaparece. Se acontece partir-se uma parte da estatueta, a pessoa ressente-se e pode acontecer-lhe ficar impossibilitada de andar.

«Se picarem a imagem, a pessoa sofrerá dores, como se a estivessem picando».

Através dos tempos e ainda hoje se pratica o embruxamento pelas imagens. Não se trata de crendices ridículas, nem de superstições tolas, mas de causas e efeitos cientìficamente provados.

Todos os ocultistas sabem que o nosso corpo emite raios, nos quais a alma actua; e que entre o corpo e a alma existe uma infinidade de vibrações. A gama dessas tonalidades de raios facilita à nossa alma poder mergulhar mais ou menos profundamente no corpo. Acontece assim, quando se trata de desdobramentos, de tratamentos, de magia, etc., etc.

Os notáveis ocultistas coronel De Rochas e Hector Durville, verificaram esses factos nas suas interessantes experiências feitas com o duplo humano.

Tudo se opera através do fluido vital e da electricidade, que tantas maravilhas tem proporcionado e proporcionará ainda. Quem um século atrás falasse de T. S. F. e de TV seria acusado de louco! Contudo, hoje essas demonstrações da ciência fazem parte integrante da nossa existência.

Muitas doenças, mortes e outras fatalidades são provocadas a distância.

Para muitas pessoas o destino está taxativamente marcado em todos os acontecimentos e tudo é *Karma* ou castigo imperdoável! Sendo assim, ninguém tinha livre arbítrio e a Misericórdia Divina, não passava dum mito.

Em tempos nebulosos criou-se a pena de Talião — olho por olho, dente por dente — «como fizeste, assim te farão». Esta lei gerada pela crueldade e ignorância da época nada tem de comum com a Lei Kármica, que muitas pessoas eivadas de fanatismo nos apresentam sob idêntico aspecto.

Recordo a este respeito o que afirmou em França o escritor es-

# A APARIÇÃO DO JORNAL ERA DE UM ANTIGO DIRECTOR

*Publicámos no passado número uma reportagem palpitante de interesse, sobre as aparições ocorridas na redacção do jornal inglês* Isle of Man Weekly Times *e cujo relato traduzimos do periódico espiritualista* Psychic News. *Dado o testemunho de inegável importância que ela representa completamos hoje a sua publicação com o artigo que o mesmo jornal inseriu no seu n.º de 17 de Janeiro do corrente ano. Ei-lo:*

Inserimos na última semana uma reportagem sobre as razões por que o pessoal do *Isle of Man Weekly Times* estava convencido de que os seus escritórios se encontravam assombrados. Podemos agora anunciar que o fantasma foi identificado e Artur Moore, autor do primeiro artigo, continua assim o seu relato:

«A minha reportagem sobre a aparição que voltou a assinalar o jornal centenário *Isle of Man Times* transformou-se no surto mais fecundo em comentários e conjunturas de toda a ilha. No meu primeiro artigo publiquei entrevistas pormenorizadas com dois empregados do *Times* que viram o fantasma e com muitos outros que o tinham *ouvido* e ainda com outros que haviam pressentido a sua presença.

Mas, ao descrever a experiência por que passou a idosa senhora Elizabeth Leece, que, como mulher de limpeza, era relativamente estranha ao local, omiti um ponto muito importante. Já disse como a senhora Leece, sem ter conhecido ou falado com qualquer pessoa relacionada com os proprietários do *Times* (que o mantiveram durante quatro gerações, até ser adquirido por uma companhia rival) pôde, no entanto, dar-me uma descrição completa dum homem que ela vira sob forma fantasmática e num patamar escuro que ligava ao andar superior. Pouco depois do meu artigo ter sido publicado mostraram à sr.ª Leece uma velha fotografia — um grupo de família — que incluía três antigos directores do *Times* e, sem ser rogada a identificar qualquer deles, imediatamente exclamou:

— O quê? Este é o velho que estava na escada a olhar para mim!

E apontou para o retrato do antigo director de há 40 anos que os empregados mais velhos sempre julgaram ser o espectro do escritório.

**CONTRASTES:**

A pessoa que mostrou a fotografia à sr.ª Leece foi *Miss* Alice Rylance que trabalhara na redacção do *Times* durante três gerações de primitivos proprietários e que deixou a firma este mês. E certo número de leitores do *Isle of Man Times* (e do *Psychic News*) enviaram-me em suas cartas algumas explicações acerca da reaparição — ou materialização — no seguimento dos anos. Eis dois pontos de vista expressos na correspondência recebida:

«Muitos dos seus leitores se terão interessado profundamente pela sua história, publicada no *Weekly Times*. Estou certo que haveria respostas desconcertantes, se pudessem relatar as suas próprias experiências ...

«Os que já passaram para o *mundo dos espíritos* não gostam de ser chamados por fantasmas ou aparições e por isso continuam a ser entidades inteligentes com as mesmas características e memória de enquanto vivos.

«Fiquei contente em verificar no seu artigo que o repórter Sean Kenny, que viu o espírito, se dirigiu à sua igreja católica para rezar pelo espírito intranquilo. Demonstra sensibilidade e vontade de auxiliar.

«Estas pobres almas podem ser vistas pelos que, próximo delas, tenham faculdades psíquicas ou aterrorizem aqueles que pouco conhecem das coisas espiritas. Orai, portanto, pelos que não tenham luz da compreensão neste mundo e no futuro, (Catherine Baxter Pert — Presidente da «Greater World Church York Road, Douglas, Isle of Man»).

A carta precedente patenteia a clara sugestão que o assombramento do edifício do *Times* é devido aos interesses materiais e à negligência espiritual do antigo proprietário — pelo menos é assim que eu a interpreto.

De outra carta: «Muito obrigado pelo seu relato. O antigo proprietário (se era ele) foi sempre um lutador e duvido que regressasse do túmulo para recuperar o seu jornal.

O repórter Sean Kenny pode rezar pelo descanso da sua alma; mas eu, como não-conformista, rezo pelo antigo director e pela sua luta no *Isle of Man Times*. Ou poderá ser que o fundador do jornal tivesse voltado. Seja como for, penso que será qualquer deles».

Os nossos leitores concluirão o que entenderem desta reportagem imparcial.

(A correspondência e nomes encontram-se na posse do director do *Psychic News*).

**(Do «Psychic News»)**

---

pirita Georges Gonzalès e, entre nós, o conhecido astrólogo Sr. Carlos Radini, que *o nosso destino não está submetido a determinismo absoluto.*

Podemos, sem dúvida, ter predisposição para certos acontecimentos, maus ou bons, mas que podem ser cortados pela nossa vontade.

Desta maneira não aceito a tendência arcaica de que aquele que anteriormente praticou, directa ou indirectamente a magia, terá fatalmente que sofrer os mesmos efeitos. Mas, se decorreram encarnações e esse espírito evoluíu, chegando mesmo a sentir repugnância por tais práticas, terá inexoràvelmente que ser envolvido por esses maléficos tentáculos? Não deverá lutar e defender-se, tal como se costuma fazer com as doenças físicas?

Apesar da Ciência oficial cantar bem alto a glória das suas panaceias, o certo é que a humanidade actual está toda enferma! E toda a gente acha lógico e necessário que os doentes sejam tratados. Mas, quando a doença é ocasionada pela Magia, o doente encontra-se numa terrível situação, porque os médicos desconhecedores da terapêutica oculta não sabem socorrê-los, e os espiritualistas eivados de erróneos critérios contentam-se em dizer que é *Karma!*

*(continua)*

# "O ESPIRITISMO NO BRASIL"

## (ECOS DE UMA VIAGEM)

**Por Isidoro Duarte Santos**

Como dissemos, está no prelo o 1.º volume desta obra de actualidade cheia de impressões fortes através das quais o Brasil perpassa em caleidoscópio. São imagens variegadas, produto da observação de um homem que depôs a verdade, tal como a viu e sentiu e que já correram mundo e foram lidas em assembleias e microfones, fazendo vibrar as almas e verter lágrimas de emoção.

Todos os brasileiros devem possuir este livro de singular leitura, que se desdobrará em dois tomos de grande formato, replectos de gravuras e de elucidações que muitos confrades estão longe de imaginar.

Não é só a paisagem espirita que palpita e vibra em suas colunas. É toda a alma brasileira, traduzida no encanto incomparável das mulheres, que perfumam e alegram norte e sul, leste e oeste deste alfobre de heróis e missionários.

O volume compõe-se dos seguintes capítulos:

**1 — Primeiras Impressões; 2 — Três Obras que se Entrelaçam; 3 — Duas Sessões Memoráveis; 4 — Um Passeio à Ilha de Paquetá; 5 — A Jornada de Niterói; 6 — No Rumo de Macaé; 7 — Na Cidade de Campos; 8 — Um Trém ou talvez não ...; 9 — Uma Visita à Penitenciária; 10 — A Volta do Corcovado; 11 — Hospital Espirita Pedro de Alcântara; 12 — A Casa de Luciá; 13 — Barra do Piraí; 14 — Legionários de Maria; 15 — Na Trilha de Resende; 16 — Na Academia Militar; 17 — Psicologia do Viajante; 18 — Na Cidade do Aço; 19 — Na Cachoeira Paulista; 20 — Na Cidade do Cruzeiro; 21 — Rumo a São Lourenço; 22 — Petrópolis; 23 — Aspectos de Petrópolis; 24 — Três Rios; 25 — Em Juiz de Fora; 26 — Um Dia Agitado; 27 — Novas Emoções; 28 — O Lar de Jesus; 29 — Belo Horizonte; 30 — A Recepção e a Obra; 31 — Três Obras Modelares; 32 — Um Braçado de Flores; 33 — Em Pedro Leopoldo; 34 — Uma Sessão Memorável; 35 — Uma Visita a Sabará; 36 — Duas Obras Notáveis; 37 — Uma Cidade Histórica; 38 — Coração Mineiro; 39 — A Federação Espirita Brasileira; 40 — Um Departamento e Uma Conferência.**

Como dissemos também, o livro é ilustrado com 110 gravuras «hors-teste», em papel *couché*, relativas a numerosas agremiações visitadas e com um retrato do autor.

Trata-se, evidentemente, de trabalho único no género que ficará bem na estante das pessoas estudiosas.

A capa é uma inspirada tricromia, apresentando o Brasil no globo sobre firmamento azulado, em estranha sugestão cromática.

**Preço do volume em papel Buffon de 1.ª classe — Cr $300,00**

A fim de calcularmos a tiragem recebemos encomendas que devem ser dirigidas ao

**GENERAL FÁBIO DE CASTRO**

Rua Marã, 100 — Maracanã — RIO DE JANEIRO

**É mais uma obra de «Estudos Psíquicos Editora»**

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

65

## COISAS QUE SUCEDEM

Amigo radiouvinte

De vez em quando somos despertados por acontecimentos insólitos que nos agitam. Muitos não concordaria com isto, porque a vida humana é tão vertiginosa que nada não a pode impressionar. Dir-se-ia termos chegado à saturação.

Todavia, há sempre alguma coisa que vale a pena ouvir. O quotidiano é uma serpente de mil cabeças renascentes. E os dias que passam modificam-lhe o aspecto e a agressividade. O homem vê-se obrigado a lutar e a sofrer e a seguir caminhos que talvez estivessem fora do seu âmbito. No fundo é evolução pura e simples.

O caso vem de Nayarit, Ilha Maria Madre. Di-lo *Voz Informativa*, do México, pela pena de Moisés Gutiérrez Mendoza, que foi o investigador, como agente da Polícia Judiciária Militar.

Em 11 de Dezembro de 1934 o motorista Leónidas Holguín Valenzuela estava de serviço na praça de táxis da cidade de Chihuahua, quando, perto das 20 horas, uma voz de mulher lhe pediu que mandasse um carro à Avenida Ocampo 2409. O homem partiu imediatamente num «Ford 34». Chegou, tocou a buzina e uma senhora elegantemente vestida saíu da casa com vários ramos de flores, abriu a porta do carro e mandou seguir para o Santuário de Guadalupe. O motorista dirigiu o automóvel para o local, mas ao chegar a certa altura frisou que não podia atingir o santuário. O trânsito estava impedido...

— Não se incomode—disse ela—. Espere-me aqui.

Enquanto a senhora desaparecia com um ramo de flores, Leónidas aproximou-se da esquadra da polícia, onde o convidaram a jogar o dominó. Mas logo a seguir um guarda advertiu: «Lá vem a tua cliente». Ele abriu a porta do carro e a senhora subiu. E mandou-o seguir para a Catedral.

Ao chegar ao lado do edifício desceu novamente, com outro ramo de flores. Uma hora depois regressou e pediu que a levasse à Capela de Santo Niño de Atocha. E desceu com um terceiro ramo de flores e permaneceu uma hora na igreja.

O último ramo foi levá-lo à igreja do Coração de Jesus, no outro extremo da cidade.

Era quase meia noite, quando saíu do templo e ordenou ao motorista que a levasse ao Panteón de la Reyna, que fica no centro da cidade. Ao chegar à porta principal desceu e disse:

— Fico aqui. Quanto lhe devo?

— Quatro horas exactas a 2 pesos e meio: 10 pesos.

— Está bem. Como não trago moeda corrente, dou-lhe um cheque. Pode recebê-lo amanhã no Banco Nacional do México. Se o não pagarem vá à casa onde me foi buscar. Nele está a gorgeta.

E entregou-lhe um cheque de 25 pesos.

O motorista viu a dama escoar-se no panteão sem que a porta se abrisse e neste momento ficou transido. Entrara nos domínios do misterioso ou sobrenatural e sentiu-se atordoado.

No dia seguinte teve vários serviços e não se lembrou do assunto. Veio o dia 13 e apresentou-se no Banco. Assinou o cheque e o gerente Don Eloi Balbina pediu-lhe que fosse ao escritório.

— Quem lhe deu este cheque? — inquiriu.

O motorista contou o caso e o outro obtemperou:

— Olhe, Holguín, o cheque é bom e vai ser pago, mesmo que fosse de vinte e cinco mil pesos. Há só uma coisa: a senhora que o assina é D. Maria Dolores de Zuloaga... e morreu há cinco anos.

Ao ouvir as últimas palavras o motorista caíu desmaiado.

Peço-te, amigo radiouvinte, que não imites este homem; aliás ficarias privado do resto da história, que, além de verdadeira, tem grande interesse doutrinário.

O Banco Nacional comunicou o facto à quinta zona militar e aqui entrou o articulista, que foi à Avenida Ocampo 2409 no carro do sr. Holguín e ficou desapontado, quando lhe apareceu uma senhora a negar que tivesse pedido carro algum e a dizer que sua patroa D. Maria Dolores de Zuloaga falecera cinco anos antes.

Sempre no desejo de investigar dirigiu-se à igreja do Santuário de Guadalupe, onde o cura lhe mostrou o ramo de flores, que uma senhora, que ele vira perfeitamente, oferecera à Virgem. Ela própria o colocou e desapareceu, depois de fazer as suas orações.

O padre acrescentou que a senhora estava vestida de azul e em meias, mas que não se admirou, por lá irem muitas pessoas cumprir promessas semelhantes.

O caso vai-se complicando e parece ultrapassar em inédito muitos comunicados das agências telegráficas, que nos transmitem as coisas mais inverosímeis.

O que mais impressionou o cura de Guadalupe foram aquelas flores lindamente orvalhadas, sobretudo em pleno inverno. E ao tirar a jarra para mostrar o ramo, o sr. Moisés viu entre elas uma carta com a seguinte indicação no sobrescrito: «Para ser lida pelo sr. Bispo na presença de vinte e cinco sacerdotes e meu marido, Leonardo Zuloaga».

As formalidades cumpriram-se e a carta rezava assim:

«Leonardo, não quero sofrer mais. Prometi fazer o Santuário à Santíssima Virgem do Imaculado Coração de Jesus do mesmo tamanho deste em que se está lendo esta carta. Para isso podes vender a fazenda de Bustillo e a de Elvira — Tua esposa, que te abençoa e aos meus filhinhos — Maria Dolores de Zuloaga».

O sr. Mendoza diz que comprovaram sucessivamente todos os pormenores do caso. Finalmente exumaram o cadáver da senhora, que jazia no Panteão, e viram-na com a mesma roupa das visitas e como se o acabassem de enterrar.

Coisas que sucedem, embora poucas vezes, e os protagonistas sejam quase sempre incrédulos que necessitem de ser tocados, para que a ideia da sobrevivência se instale nos corações transviados e transforme a humanidade em todos os sentidos.

Eu não preciso delas. Tenho a consciência formada pelo estudo e

pela experiência, mas estou longe de impor a opinião dentro ou fora do Espiritismo. Cada qual é livre de criticar e investigar em benefício da verdade, embora haja indivíduos que investigam em benefício da mentira.

A senhora Maria Dolores era católica, desencarnou com a ideia de promessa não cumprida e conseguiu transmitir ao marido os seus anseios. O que não sei é se este alargou o Santuário, como se pedia na carta...

Adeus, amigo. Saúde e alegria. E quando puder voltarei.

66

## O PADRE-CANTOR

Amigo radiouvinte

A voz de Portugal Espirita é uma tribuna aberta aos anseios do homem, venham de onde vierem, pois nele há conteúdo universal em denominador comum, por cima de crenças, interesses e amizades, que são degraus transitórios. A viagem cíclica abrange vistas mais largas.

A crença pode não ser original. Às vezes adquire-se na inconsciência do hábito. Acredita-se nisto ou naquilo, à força de ouvir, como sucede ao transeunte que aprende uma canção em voga. Muitas coisas estão em nós. Não são de ontem; são de sempre. Quando as vemos nos outros, sentimo-nos defraudados. Porque certas pessoas julgam-se exclusivas. Suas ideias são únicas e o resto é bobagem.

Ora, amigo radiouvinte, já deves ter lido alguma coisa acerca do padre Aimé Duval que anda no mundo a entoar canções à viola. Não utiliza o púlpito nem o altar. Alma simples e boa, tem sua mensagem e deseja transmiti-la.

A televisão portuguesa conhece-o, anotou a comunicabilidade do seu rosto, vibrou com seus poemas arrancados à dor, e os espectadores foram atraídos para ele, embora não lhe entendessem o idioma. É tão convincente a sua palavra!... Esta frase é do seu verbo:

— Deus está em cada homem. É preciso espalhar o amor pelo mundo, abrir os corações que me escutam. Os homens fecham às vezes o coração, querem ignorar quem vive nele.

«Rádio e Televisão» registou-lhe o depoimento em termos onde a humanidade se expande.

— Como surgem as suas canções?

— Acontecem. Numa viagem, em noite escura ou silenciosa, ao aproximar-me de uma cidade adormecida. Ao volante do meu carro trauteio, assobio, canto e nasce uma canção que fala das crianças que dormem e sonham na cidade sem vida...

E depois, em digressão de sentimento, numa explosão forte de humanismo:

— Um homem da rua, um homem vulgar que vai para o trabalho e regressa a casa vencido. Ninguém dá por ele. Um homem bom, que sofre à beira do caminho a indiferença dos que passam... Um egoista introvertido, sem um sorriso, uma palavra de conforto... Um homem que abre a janela e vê que matou a esperança... É assim, meu amigo. É assim que nascem as minhas canções...

Uns pregam evangelho sem exemplos tocantes. São esfinges. O protocolo a falar. Vão atrás da forma, da roupagem. Mas este é envolvido pela servidão. Entrega-se espontâneamente.

— Sou filho de camponeses—diz ele—. Nasci em Val d'Agel. Desde criança que gosto de música e do campo. Habituei-me à vida simples e pura, em contacto com a natureza. Habituei-me a meditar, a viver para o alto. Depois, já sacerdote, tive a ideia de fazer das minhas práticas concertos espirituais.

O padre-cantor embriaga-se de luz diáfana e tem nos olhos a epopeia dos humildes. Olhos que vêem para lá dos lindes humanos, que reflectem a tragédia dos párias, dos velhos sem lar e dos pobres sem pão. E logo a palavra esplendorosa se lhe veste de entusiasmo crescente:

— As minhas canções baseiam-se em termos concretos, do bom Deus, da piedade, que correspondem às dúvidas de todos, sujeitos aos mesmos sofrimentos, aos mesmos mistérios... Percorro o mundo ao serviço de Deus e dos homens...

O padre-cantor vem de longe e vai longe a fortificar as almas, a dar alento, ao som de viola mágica. Veio do Canadá e segue para França. Dará um recital em Marselha e noutras cidades. Sabe lá quantas serão! E há-de ir a Inglaterra, à Alemanha, à América do Sul e ao Japão... E dará mil concertos antes de voltar a Portugal...

Sinto-me bem a falar deste homem, que já pertence à história do apostolado. Que importa seja católico e o que lhe dão se destine às missões da Companhia de Jesus e às obras religiosas dos países que visita? O que interessa é o Novo Evangelho que vai pregando.

As suas canções são parábolas de um Sermão, que ninguém se lembrou de pregar ainda. Mal-entendidos que se desfazem, ressentimentos e ódios antigos a diluir-se no oceano fraterno, tudo isto ele canta, dedilhando as cordas e oferecendo aos homens um código de bondade.

A sua voz é fluido que permanece nos oitocentos e cinquenta mil discos gravados em francês e inglês e no espírito de quinhentas mil pessoas que o escutaram e vibraram com ele.

Sòzinho, é uma cruzada vibrante, é um rio que ameniza a paisagem, fortalece o capim e engrossa a raíz das árvores.

Não sabe de onde vem. É como a lágrima. Brota aqui e ali, seiva de vida a cantar a vida.

— Mas não sou uma «vedeta»... — exclama.

Sim, ele é generoso e artista, embora teime em dizer que é pessoa humilde e nada deseje para si:

— O que me dão, sem o pedir, destino-o aos outros. Canto para todos, ao serviço de Deus. Vou a sanatórios e a prisões, a toda a parte onde há homens que sofrem.

É semelhante aos padres da rua. Além da crença está a dor, o homem com seus problemas. Resolvê-los é orientar o mundo e criar uma nova sociedade.

O padre Duval já partiu de Lisboa, na ronda apologética, de cidade em cidade, de país em país, a viola junto ao coração, em busca de outros motivos e outras gentes. E todas as portas se abrem ao singular cantor...

Seus poemas são manchas de cor fraterna em contrastes luminosos. E seus pés avançam guiados e amparados. É o missionário que se desdobra na ânsia de chegar a tempo, com novas interrogações e novas dúvidas...

Um estranho humanista, este viandante que percorre mundo baseado em novos métodos. No seu corpo franzino que a sotaina encobre há vibrações de amor que espalham optimismo e nos seus olhos nostálgicos pairam santelmos que ele repete incessantemente em canções harmoniosas ...

Amigo radiouvinte: vamos auxiliar o padre-cantor?... Vamos oferecer-lhe outros motivos de exaltamento para que ele suba mais alto na digresão humana?

---

NOTA — *Norman Vincent Pearl, ao contrário do que dissemos na crónica «O grande Problema», não é colaborador de* O Cruzeiro. *É médium de grandes faculdades.*

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## A AURA HUMANA...

*La Conciencia*, de Buenos Aires, transcreveu alguns passos do livro «A 25.ª Hora», do conhecido escritor romeno Constantino Virgil Gheorghiu. Este livro corre mundo em versão portuguesa de Vitorino Nemésio e é possível que alguns leitores já tenham lido estas vidências do protagonista da obra. Em caso afirmativo, não faz mal que as leiam outra vez.

«Havia mais de quatro dias que se negava a comer no campo de concentração onde estava preso.

«Voltou-se para a parede. Seus lábios estavam secos como a cinza e sua mente emitia pensamentos semelhantes a uma película colorida. Tinha os olhos fechados, mas sentia-se deslumbrado por luz intensa, que lhe fazia lembrar os tubos fluorescentes. Aquela luz penetrava-o. Era esplendor que lhe queimava as pálpebras. Todos os pensamentos lhe pareciam iluminados e o corpo luminoso e ligeiro, como os seus sonhos. Tinha a impressão de flutuar no espaço.

«— Agora compreendo por que jejuam os ascetas e os místicos — pensou —. Quando se tem fome é mais fácil desligar-se da terra. Deus está mais próximo. Parece que toca o céu com a fronte».

«Permaneceu longo tempo naquele estado de êxtase. Depois notou que lhe tinham levado a ceia.

«Noutra ocasião, Traian Koruga estivera mais de quatro dias num campo de concentração, sem fazer a *greve da fome*. Olhou pela janela. Era meio dia. Na esplanada central do campo havia três filas de prisioneiros, que os soldados revistavam, não tivessem eles objectos escondidos. Depois de revistar um sacerdote (o Metropolitano Palade, de Varsóvia), o intérprete mandou-o embora e os soldados voltaram-se para o prisioneiro seguinte.

«O Metropolitano afastou-se com o mesmo passo vacilante, barba e cabelo flutuando, como bandeira sedosa e branca. Train pareceu-lhe que o homem não estava desnudo, como os outros, e seguiu-o com o olhar, até se ter integrado na longa coluna de homens desnudos; mas nem assim se confundiu na multidão. Qualquer coisa flutuava sobre ele. Seria a brancura do seu cabelo ou da sua barba? Fosse o que fosse, obrigava a contemplá-lo como se contemplam as imagens.

«— Agora sei o que vejo — disse Train Koruga, estremecendo.

«Os enfermeiros voltaram-se para ele, mas Train continuou a olhar pela janela, como se os ignorasse.

«A cabeça do Metropolitano está rodeada de luz mais intensa que o *néon* da electricidade. Uma luz dourada, que lhe irradia a cabeça».

«Depois de voltar ao seu lugar na coluna, o ancião levantou os olhos para as janelas da enfermaria. A sua auréola parecia brilhar com mais força.

«— A auréola não é invenção dos pintores de imagens — pensou Traian.

«Examinou os outros prisioneiros e viu outras cabeças aureoladas, mas não as conhecia. Mas o reitor da Academia de Viena tinha uma. Um jovem jornalista berlinense tinha outra. Um ministro grego e o embaixador da Roménia em Berlim também tinham auréolas. Suas frontes projectavam raios, como se em suas cabeças uma chama intensa resplandescesse. E aqueles raios podiam ter iluminado o universo».

## A PREDIÇÃO ASTROLÓGICA

A propósito do tão falado casamento da princesa Margarida de Inglaterra, John Naylor escreve as seguintes considerações no *Fate*, de 1956:

«Em 1950 escrevi um artigo acerca da princesa Margarida e os jornais recusaram-no. Em 1951 apareceu em diversas revistas de além-mar e só em 1953 foi publicado na metrópole. E ocupando-me do caso sentimental da princesa, dizia:

«— Insisto na afirmação de que ela encontrará o seu príncipe encantado e viverá feliz. Vénus, porém — o planeta mais ligado aos aspectos emocionantes da vida — apresenta-se com mau aspecto em relação a Urano, Saturno e Júpiter no conjunto do seu horóscopo. Isto é indício de reacções sentimentais e agitação, o que, no seu temperamento, pode significar uma queda e que o seu coração é susceptível de se inclinar para alguém que, devido a razões de estado, não poderá aspirar a um casamento impossível».

Depois acrescenta que no horóscopo da princesa há interessantes indicações que levam à suspeita de que ela se apaixonou por alturas de 1948. O casamento nem sempre é indicado no horóscopo e só há vestígios de oportunidades. Nos índices do seu horóscopo os períodos mais favoráveis são 1956 e 1960.

John Naylor é de opinião que o «homem feliz» oculto na predição é um diplomata, um artista ou um homem de letras.

Desde o rompimento com o coronel Towsend já ligaram o seu nome ao do príncipe Cristiano de Hanóver, ao do príncipe Bertil da Suécia e de outros, mas ela tem dois períodos futuros muito propícios: o primeiro é no inverno de 1957 e o segundo na primavera de 1960.

E o artuculista termina assim as considerações:

— Não vejo motivo para modificar a minha predição de que 1960 marcará o período futuro em que há probabilidade de casamento real. Todos nós, no decorrer dos anos, ganhamos experiência. Por isso a princesa Margarida tornar-se-á mais independente e amadurecida. E mesmo que o eleito seja homem comum, há-de encontrar-se um compromisso que neutralize o desnível. De resto, uma amizade pode surgir e trazer camaradagem e felicidade. A princesa possui forte sentido de integridade e o seu casamento será casamento de amor e não casamento de conveniência.

Fazemos votos para que assim seja.

## O CÃO SABIA...

Temos contado inúmeras histórias psíquicas de animais e hoje vamos narrar um episódio curiosíssimo devido à pena de Miss Lucy Gonin, residente em The Gables, Kingswood Road, Shortland, Kent, Inglaterra.

«Que alguns animais possuem um sexto sentido e pressentimento

do perigo iminente — diz ela — foi-nos demonstrado em nossa casa, durante a última temporada na estação árctica.

«Voltava eu, cerca das 10 horas, com o meu «terrier», depois do último passeio do dia e antes de chegar a casa contornámos o ângulo de uma estradita mal iluminada, cujas casas do lado direito se localizavam no alto de uma ladeira, de modo que os quintais, garagens, etc., faziam com ela um ângulo pronunciado.

«Estávamos no meio do pavimento, quando um carro potente chegou em marcha lenta ao longo do passeio, com o condutor a fazer o sinal de voltar para o lado da garagem, no momento em que atingíamos esse ponto. Segurei *Buster* com a trela e esperei que o carro fizesse a manobra. Depois quis continuar a marcha, mas, com grande surpresa minha, o cão ficou parado, firme como uma rocha. Curvei-me para observá-lo e arrastá-lo, quando, sùbitamente, o carro se precipitou para a rectaguarda, não nos atingindo por centímetros e imobilizando-se na estrada coberta de gelo. Então *Buster* atravessou calmamente a estrada.

«O condutor saiu do carro e pediu-me desculpa (teríamos certamente sido esmagados como caixas de fósforos, se eu tivesse atravessado, antes de *Buster* o consentir) e explicou que lavara o carro no dia anterior e que, apesar da areia que tinha empregado, a água gelara e os pneus não conseguiam subir a íngreme ladeira. E se não fosse o sexto sentido do meu cão, eu não poderia relatar este facto verídico».

## A VIDA DAS ÁRVORES

Chegou-nos à mão um exemplar da *Pro-Humanitate,* de Bruxelas, no qual vem um artigo de Gabriel D'Arras sobre a vida das árvores. Ali se informa que o professor holandês Selleger, ao estudar a vida de uma faia, sentiu um poderoso halo de vida a elevar-se pelo tronco e espalhar-se depois para a terra, através dos ramos. Diz ele que era uma impressão vital magnífica de paz universal e de unidade.

O engenheiro belga Linssen afirma que as árvores seculares não resistem como nós ao impulso da vida universal, pois são a encarnação de séculos de fidelidade à natureza, irradiando harmonia, serenidade e saúde, banhadas, como estão, de força majestosa. Quem quiser pode encostar-se a elas ou estender os pés com a cabeça voltada ao norte, a fim de participar dessa força.

Os pinheiros e eucaliptos emitem vitalidade que pode ser absorvida pelo homem, restituindo-lhe as correntes magnéticas terrestres e provocando nele um estado de autodomínio. Estas correntes, em virtude da sua pressão regular e suave, dissipam gradualmente as teias formadas nos veículos hiperfísicos da consciência e fortificam as suas partículas, incitando-os ao repouso e à calma. Por isso é bom estendermo-nos debaixo delas, perto do tronco, com a cabeça para o norte.

As árvores — principalmente as velhas — diz o articulista — têm individualidade bem definida, uma espécie de alma temporária com força e inteligência, preferências e antipatias. Os clarividentes notam um fenómeno muito curioso: quando o sol e a chuva as influenciam, uma efusão de rosa brilhante se desprende do seu todo, o mesmo sucedendo com a presença dos que as tratam com carinho. As árvores exercem, portanto, grande influência sobre os humanos, e os que as estimam poderão receber delas óptimas vibrações. É interessante saber que os camponeses austríacos, antes de abater as árvores, pedem-lhes perdão.

A alma das árvores tem a aparência de uma grande forma feminina, de olhos vivos, mas de forma vaga em que predomina o verde e o castanho. Está no centro da copa e exterioriza-se pouco.

O sr. D'Arras diz que ao passar ao reino animal a árvore fará parte das mamíferos (sic) e que no seu tronco vive uma espécie de gnomo que se pode separar, embora fique ligado a ela por um cordão. Mas, se entrar no tronco, perde a forma e espalha-se por ele.

Damos este resumo a título de curiosidade, embora não deixemos de reconhecer que as árvores desempenham grande papel na vida do homem, acompanhando-o sempre do berço ao túmulo, e por isso nos devem merecer toda a simpatia.

## O ACAMPAMENTO DE CHESTERFIELD

Ainda da revista *Conciencia,* vamos transcrever a notícia que o sr. McLaughlin, de Chicago, lhe enviou sobre o acampamento espirita de Chesterfield, a que já temos feito muitas referências.

Este acampamento está situado no Estado de Indiana e nele se reunem os espiritistas interessados nos fenómenos mais difíceis e raros de observar, como a *voz directa* e as materializações.

«A palavra «camp» — escreve o correspondente — designa uma série de edifícios rodeados de árvores e jardins, onde há salões para conferências e salas mais pequenas para realização de sessões semipúblicas, em que a assistência não vai além de 30 pessoas. Há também compartimentos reservados a sessões particulares com poucos assistentes e, nalguns casos, com um sòmente.

«O acampamento ocupa alguns hectares de terreno com largas estradas que ligam por entre a verdura os vários lugares escolhidos e muitos médiuns vivem com suas famílias nas diversas casas de campo, que se vêem espalhadas nos jardins. Há também vários hotéis à entrada do acampamento destinados aos visitantes, que ali abundam nos meses de verão.

«Devido ao carácter religioso que o Espiritismo assumiu nos países anglo-saxónios, fazem-se sessões em várias capelas e os médiuns são designados por *reverendo* ou por *licenciate,* como tenham sido reconhecidos por algum dos oito grupos nacionais que constituem o movimento espirita nos Estados Unidos. Muitos deles levaram 20 a 30 anos a desenvolver-se, embora haja alguns casos de faculdades psíquicas inatas, visto se terem observado frequentes casos de mediunidade na mesma família.

«Contudo, não é possível visitar com facilidade o acampamento, sem reservar o seu lugar para as diversas demonstrações e, mesmo assim, é preciso solicitar a aquiescência dos médiuns para ser atendido. Mas se o visitante manifesta veemente desejo de receber mensagens de seus parentes falecidos ou mostra ser investigador de boa-fé pode conseguir entrada nas sessões semipúblicas.

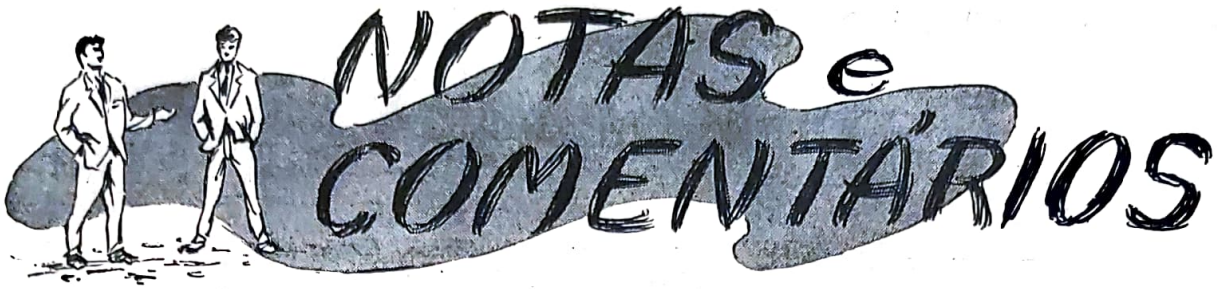
«Como os médiuns de Chesterfield são seleccionados, há grande cuidado no que respeita aos fenómenos fraudulentos.

«Há sessões festivas ou jocosas e ao mesmo tempo sessões tão importantes, que o médium de materialização é auxiliado por outro, para que se obtenham manifestações mais satisfatórias.

«Os guias das sessões só permitem que os espíritos materializados falem inglês. Assim, um estrangeiro que não fale esta língua, deve ser acompanhado de um intérprete.

«Foi um grande passo a decisão dos espiritistas dos Estados Unidos de reunir em Chesterfield os médiuns, cujos fenómenos extraordinários são resultante do desenvolvimento obtido através de muitos anos de trabalho».

Embora, como dissemos, tenhamos falado algumas vezes deste acampamento espirita, não é demais divulgar novamente os dados que aí ficam.




## QUEM ME GUIOU A MÃO?

*A sr.ª Lorie Adcok publicou no* Fate *um relato interessante que vamos arquivar nesta coluna. A sua amiga Alice sofreu em 1930 um esgotamento nervoso que a levou a julgar que estava perto do fim. Seus pais mandaram-na fazer uma visita e como a articulista a estimava muitíssimo, notou fàcilmente que nada poderia aliviar aquela depressão. Contudo, sugeriu-lhe que escrevesse uma história, visto que tinha sido uma hábil repórter. O pior é que a máquina de escrever da sr.ª Lorie encontrava-se avariada e Alice resolveu ir dar um passeio.*

*Logo que ela abandonou a sala a sr.ª Lorie implorou com toda a sua alma:*

*— Meu Deus! Ajuda-me e ajuda Alice! Mostra-me o que devo fazer!*

*A resposta veio logo em mensagem espirita:*

*— Arranja a máquina de escrever!*

*A sr.ª Lorie nada sabia de mecânica; todavia a sua mão direita procurou a máquina, de olhos fechados para que o raciocínio não interferisse a inteligência que lhe guiava os dedos.*

*E assim resolveu o problema, sem auxílio de qualquer ferramenta. Com a mesma facilidade com que aquela força se lhe apoderou da mão, assim a abandonou com este pensamento:*

*— O trabalho está pronto.*

*Quando Alice voltou, Lorie foi ao seu encontro e narrou-lhe o sucedido. A máquina funcionava e a sua amiga teve que acreditar na história. E tudo isto lhe acrisolou a fé e a tornou apta para o trabalho ...*

## SUA MÃE FALOU

*A sr.ª A. Costello, 10 Reid Street, Cregagh Road, Belfast, dirigiu uma nota à mesma revista que passamos a transcrever:*

*«Há anos, depois de minha mãe morrer, dormia eu no quarto contíguo ao de meu pai, quando certa madrugada acordei em estado semi-desperto e ouvi meu pai a gemer. Nesse momento distingui nìtidamente a voz de minha mãe a falar-lhe em tom suave. Saltei da cama, depois de compreender que minha mãe não pertencia ao número dos vivos. Corri para a porta e vi-a sair do quarto de meu pai, passar por trás de mim e dirigir-se para a escada. Mas quando voltei ao meu aposento vi-me a mim própria deitada na cama. Acordei então sùbitamente e a tremer com tal violência, que o leito estremecia com o meu peso».*

*A senhora Costello viveu aquela cena fora do corpo físico e por isso sentiu com grande nitidez a presença do espírito de sua mãe. Se assim não fosse, como poderia ter visto o seu próprio corpo estendido na cama?*

*Trata-se de um fenómeno de desdobramento ou de clarividência no espaço, comum à vidência simples.*

## CHUVA DE PEDRAS

*Há cerca de três anos o sr. P. F. Syfret, morador na rua Japie Faurie, 47, de Tierveley, África do Sul, e sacristão da Igreja Reformista Holandesa, passou por um transe singular, que principiou por uma pancada na porta principal de sua casa.*

*Ao abrir a porta não encontrou pessoa alguma, mas ouviu bater imediatamente na porta trazeira. Ali também não viu quem fosse, embora as pancadas continuassem.*

*E a seguir uma chuva de pedras começou a cair do tecto, onde não havia qualquer vestígio de buracos.*

*Acompanhado de sua irmã, dirigiu-se à cozinha e ficou estarrecido ao ver muitos pratos partidos, enquanto as pedras continuavam a cair no alpendre.*

*Chamaram a polícia, que se limitou a dizer que só atendia infracções à lei, humanas e visíveis. E o bater à porta e a chuva de pedras continuaram à luz do sol durante três dias, cessando pouco depois.*

*Desde então não houve mais fenómenos visíveis ou audíveis.*

*Tantos exemplos deste género que a ciência clássica ainda não conseguiu estudar, apresentando para eles uma causa lógica! É tempo de abandonar o «trono augusto» e descer à cidade, onde há coisas estranhas que requerem explicação que só os sábios podem dar.*

## VISÃO PROVIDENCIAL

*A sr.ª Lang Maid reside em Málaga, na rua de la Bolsa, 4, e diz que vive em Espanha há quatro anos. Há dois, porém, encontrou na rua um garoto e a mãe, criaturas pobres, mas asseadas.*

*E esclarece:*

*— Vim a saber que o pai dele estava paralítico e resolvi adoptar a criança. Antes de morrer, meu marido chegava a aborrecer-se com as visitas da rapazito, que me vinha ajudar no trabalho da casa e a receber uma lição de inglês que eu lhe dava. Tempos depois sua mãe visitou-me e disse-me:*

*— Seu marido veio ver-me duas noites antes da morte.*

*— Como pode ser isso — repliquei —, se ele ignorava a sua morada?*

*Mas a mulher insistiu e jurou que meu marido lhe dissera:*

*— Vá ter com José, que está doente.*

*Ninguém, a não ser meu marido, chamava José à criança, mas sim «Pepito».*

*A mulher acrescentou que se levantara e fora ao quarto de Pepito, encontrando-o com uma terrível dor, sendo obrigada a chamar o médico, que suspeitou de apendicite.*

*O próprio rapazinho confirmou o relato dizendo-me:*

*— Sim, o padrinho veio ver-me e até me beijou ...*

## PARA FECHAR...

*Um homem de cor quis saber o que havia de verdade no Espiritismo e assistiu a uma sessão, sentando-se em frente da médium. Depois sentiu um calafrio. Por cima da cabeça notou uma voz que lhe falava. Assustado, correu para sair, mas encontrou uma parede.*

*— Acalme-se!—disse a médium—. Não vê que não há porta nesse lugar?*

*Mas o assistente, sem deixar de fazer movimentos, fixou-a por cima do ombro, exclamando:*

*— Bem sei, mas depressa haverá.*

*E continuou a dar murros na parede ... Moral: não se pescam trutas a bragas enxutas.*

## AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No passado domingo, 19 de Abril, teve lugar no *Centro Espiritualista Luz e Amor* uma admirável conferência do nosso incansável presidente, Isidoro Duarte Santos, subordinada ao título «Os Mistérios da Clarividência».

Não se tratou, porém, de simples demonstração de fenómenos em si, com narrativas interessantes, mas que, na maior parte, pouco adiantam à investigação.

Isidoro Duarte Santos, mostrando mais uma vez ser um incansável estudioso, pretendeu aproximar-se das causas e aclarar, aqui e além, os seus pontos mais complexos.

Começando por evocar as leis básicas dos fenómenos vibratórios, fez oportunas objecções ao conceito vulgar de *plano*, tão usado pelos teósofos. Depois dividiu a clarividência em três categorias: simples, no espaço e no tempo.

Na primeira, o médium vê entidades astrais, formas-pensamentos criados pelos assistentes e até o próprio interior do organismo (autoscopia), tendo aludido a algumas experiências realizadas há anos neste Centro.

Na segunda, referiu-se às visões telestésicas, apresentando uma teoria explicativa que consideramos de grande valor.

Em virtude do adiantado da hora não pôde referir-se à mais complexa e misteriosa categoria — a *clarividência no tempo*, prometendo, no entanto, fazê-lo muito brevemente.

António Cardoso, que presidiu, secretariado por D. Ivone de Sousa e Jorge Raimundo, congratulou-se pela magnífica lição, com a qual neófitos e veteranos muito aproveitaram.

## SESSÃO DE MENTALISMO

Em 28 de Abril realizou-se também no Centro uma sessão de mentalismo científico, a cargo do distinto ilusionista sr. Luís Calheiros.

Este amigo realizou durante uma hora uma série de curiosas experiências que despertaram grande interesse na numerosa assistência. Quase no final, afirmou — e muito bem — que o Ilusionismo não pretende negar o fenómeno parapsicológico, mas apresentar o mesmo efeito com causas diferentes. Daí, concordar em absoluto com as palavras de António Cardoso, que presidiu e apresentou o experimentador.

Na assistência encontrava-se o Dr. Adriano Vaz Melo, director do *Miro Português*, e o sr. António Lopes, director de *O Mágico*, belas revistas da especialidade, além de outros, entre os quais o prof. Coelho de Sousa, Fernando Ferreira, Hermínio Canavarro, etc.

A Luís Calheiros os nossos parabéns pela magnífica sessão.

## TRABALHOS DO CENTRO EM MAIO E JUNHO DE 1959

### Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos. (Dia 7, 14, 21 e 28 de Maio e dia 4, 11 e 18 de Junho).

---

Dia 1 de Maio, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 3, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 5, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 6, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 8, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Problema dos Fantasmas».

Dia 12, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano» dirigido por António Cardoso.

Dia 13, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 15, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 17, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria F. Moreira.

Dia 19, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio A. Rosa.

Dia 20, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 22, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 24, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 26, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano dirigido por António Cardoso.

Dia 27, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos dirigido por Raúl Ribeiro Pesqueira.

Dia 29, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 31 de Maio, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 2 de Junho, 3.ª feira, às 21.30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 3, 4.ª feira, às 21,30 — Sessão de Doutrinação, dirigida por José Francisco Cabrita.

Dia 5, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 7, domingo, às 16 horas — Conferência de Raúl Ribeiro Pesqueira, intitulada «Para Deus, pela Ciência e pelo Amor».

## FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos, que muito agradecemos:

*Mês de Abril* — Anónima de Beja, 20$00; Serafim Brites, de Lisboa, 100$00; I. S., de Lisboa, 20$00; V. L., de Coimbra, 5$00; A. L., de Setúbal, 5$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Zétó, de Tavira, 2$50; M. Teresa, de Ovar, 5$00; M. L., de Coimbra, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 2$50; M. F., de Beja, 5$00. — *Total* 180$00.

# ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO | LISBOA, JUNHO DE 1959 | N.º 6

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa


# CONCEITO

Há muita gente que se preocupa com a opinião dos outros acerca do seu trabalho. O que eles pensam é susceptível de alterar um programa em que se deixou coração e cérebro, noites de vigília, mentalidade e espiritualidade. Preocupam-se com o nome que os ilustra e pelo qual são conhecidos.

O seu maior esforço está, precisamente, na fama que desejam para si, na ideia de proselitismo que os domina.

O conceito é coisa arbitrária. A não ser que o homem se imponha por atributos irrefutáveis, enquadra-se na «vox populi, vox Dei», que muitas vezes é «vox diabli»...

O trabalhador que obedece à consciência não teme o conceito público. Segue uma directriz, seguro da sua faina. O conceito busca-se na obra construtiva, na lisura dos meios e na probidade dos fins.

— A forma de conseguir nome eterno são as virtudes e não as vaidades — opinava Manuel Bernardes —. E esclarecia:

— Vivei bem. Cada acção honesta será uma estátua de vossa fama e um epitáfio de vossa memória.

Só assim poderemos erguer e manter edifícios. Abdicar de opiniões com intuito de congraçar pode ser perigoso. É amesquinhar a acção, tirar personalidade ao monumento.

O conceito das massas não deve ter-se em grande conta. Já Chamfort dizia que há muitos séculos a opinião pública era a pior das opiniões. Mas também devemos evitar a posição dos que se mantêm sòzinhos contra a opinião de todos. Será vaidade supôr que nenhum dos outros tem razão. Por isso, «in medio virtus».

Quem for judicioso ganha conceito nas pessoas de bom senso. Assim se fazem nomes, se aureolam reputações, se adquire fama durável.

Há épocas extremas que induzem ao pior dos erros. Quando o terreno se revolve é difícil firmar os pés e somos levados na onda. Assim se concebem as maiores incongruências acerca de homens que se alcandoraram sem base positiva.

O interesse particular move as opiniões sem grande custo; portanto, nada pesará na balança dos valores. A opinião dos adeptos é favorável ao adepto, como nos compadres do apólogo.

A. W. Shaw ilustrou muito bem o problema do conceito, ao escrever o seguinte parágrafo:

— Quando um homem me procura a pedir-me opinião, indago, como posso, qual a opinião que ele deseja obter e dou-lha. E ele imagina que eu e ele somos os homens mais inteligentes deste mundo.

O conceito que se forma, repetimos, é coado através das obras. E não vale buscar a primeira fila das sinagogas para que melhor vejam o eleito. Tais filas são inconstantes, se as não cimentar o verdadeiro mérito.

Temos visto apreciações que são autênticas ironias. E conspirações de silêncio que são monstruosidades autênticas.

Quantos bípedes não passam a vida a mourejar e só depois de mortos são notados? Então ouvem-se as tubas da fama. É o conceito póstumo, atrasado, um pouco fora de horas, mas talvez mais lógico. Não há receio de vaidades.

O homem honesto e sincero não tem olhos nem ouvidos. Vai direito ao fim, sejam quais forem as atitudes e as vozes. Sabe que o caminho é aquele e que serve a seus passos. Que lhe importa o que venham a pensar dele? Não tem consciência para avaliar?

Napoleão receava a opinião pública, senhora inconstante e frívola que espezinhava os heróis e aplaudia os tolos. Apesar de génio, pagou-lhe tributos onerosos e acabou vencido. Mas a história reabilitou-o para os séculos.

E outros lhe seguiram na esteira.

Há quem se preocupe com a opinião do próximo acerca do seu trabalho. Dos inimigos vem o ataque e dos amigos a lisonja. O bom conceito está no meio termo, isto é, nas palavras dos que apenas conhecem a obra. Só este será lógico e verdadeiramente justo.

# Exemplos de Regeneração

POR DEOLINDO AMORIM
(Correspondente no RIO DE JANEIRO)

Assim como nunca é tarde para se aprender, como diz a sabedoria popular, também nunca é tarde para se realizar a regeneração do homem. Há, sempre, uma oportunidade para o reerguimento moral, pois o criminoso mais temível pode entrar no bom caminho, de uma hora para outra, assim que se lhe desperte a consciência. A regeneração já é uma prova do aprendizado adquirido através da experiência e da meditação. Ainda há pouco tempo, *O Jornal*, da corrente dos «Diários Associados», do Rio de Janeiro, publicou um telegrama no qual se transmite a notícia de um dos criminosos recolhidos à Casa de Correcção, de Belo Horizonte, ficou regenerado em virtude da leitura da Bíblia.

Sob a influência de passagens que lhe tocaram fundamente a alma, principalmente a vida de Paulo e alguns trechos dos «Actos dos Apóstolos», o detento modificou-se e está disposto a tomar um rumo de vida diferente, logo que termine a pena. É interessante notar que ele próprio reconhece que é delinquente, pois cometeu roubos, mas lamenta que, no momento, esteja respondendo por um crime que não praticou ... Seu passado tem muitas manchas, pelo que se lê nas declarações ao jornal mas isto não impede que tivesse sido acusado injustamente, em determinada ocasião. Já diz o ditado: «um cão danado, todos a ele». Enfim, nada se pode afirmar a respeito. Seja como for, o que interessa é a modificação íntima do homem. Segundo o telegrama publicado, a influência da Bíblia tem sido tão forte, que ele já não se revolta, já não acusa ninguém, embora dizendo que a prisão actual é injusta. Disse ele:

— Estou acusado, nesse processo, de um crime do qual não participei. Não nego que tenha sido um delinquente perigoso, mas isso pertence ao passado. Estou pagando a dívida que contraí com a sociedade. Espero, depois do julgamento (acredita que será absolvido), solicitar a unificação das condenações de São Paulo, Rio e Rio Grande do Sul, para tentar a comutação global das penas, o que possibilitaria requerer a minha liberdade condicional.

Notemos, aí, a sua compreensão. Ao invés de se revoltar ou atirar pedras nos outros, confessa lealmente, conscientemente: *estou pagando a dívida que contraí com a sociedade*. Percebe-se que a consciência de responsabilidade já está muito lúcida no encarcerado. A repercussão de pensamentos bíblicos modificou-lhe o modo de pensar e de reagir. Tão acentuada é a transformação interior, que o delinquente já declarou estar no firme propósito de trabalhar pela regeneração de outros delinquentes. Isto é extraordinário, não há dúvida alguma! Para um homem que veio do crime e foi processado em três jurisdições, já é progresso espiritual, se realmente a sua disposição é sincera, como acreditamos que o seja. A certa altura da entrevista, o redactor do jornal perguntou-lhe o que achava da triste situação de outro detento, ainda moço, e já responsável por diversos actos criminosos. A esta pergunta respondeu nos seguintes termos:

— É uma pena que isso esteja acontecendo com esse rapaz. Ele deveria seguir o meu conselho: abandonar essa vida o mais breve possível. O crime não compensa, e eu sou a maior prova. Qual foi o meu lucro? Trabalhando honestamente, estaria melhor, pelo menos teria a liberdade, que vale uma fortuna. Esse moço não se deve deixar levar pelas conquistas fáceis das coisas materiais. Que não se deixe levar também pela ira e pela revolta. E não permita que erros de outros venham destruir a sua existência.

Há, nessas palavras, que mais parecem de um pastor, um sentido nobre de compaixão e solidariedade, como se estivéssemos a ver um conselheiro apontando o bom caminho à mocidade transviada. Quem diria, algum tempo antes, que um homem

habituado à delinquência ainda viesse a pensar assim... Mais tocante ainda é a expressão final, quando o detento se despediu do jornalista para retornar ao cubículo: *Estas mãos não roubam mais!* Francamente, comove. Eis, aí, a notícia, tal qual saiu no jornal. Façamos, agora, alguns comentários.

As boas leituras, principalmente em determinadas circunstâncias, podem operar *milagres* ou alterar os próprios rumos de uma existência. Tanto faz a Bíblia, como um livro de Marden, uma obra espirita, qualquer leitura que esclareça a consciência e penetre na alma, é capaz de reerguer uma criatura torturada pelo remorso. Não há maior elemento de conforto, em situações especiais, do que a boa leitura com a meditação, o recolhimento espiritual. O detento de Belo Horizonte, tendo lido a Bíblia na prisão, meditou profundamente sobre alguns pontos e teve a felicidade, como se diz, de abrir as «janelas da alma» para a vida futura, para a justiça de Deus. Já houve outros casos semelhantes. O homem revoltado ou o bandido têm, igualmente, o seu momento.

António Silvino, por exemplo, homem honesto, mas revoltado, encontrou na leitura de obras espritas, quando ainda na Penitenciária de Pernambuco, o caminho de sua transformação interior. É verdade que António Silvino, como tantos outros homens na mesma situação, fora levado à vida de *cangaceiro* em virtude da falta de justiça no alto sertão. No íntimo, não era mau, tinha qualidades apreciáveis. O meio social, entretanto, onde predominava a prepotência dos chamados *coronéis* de aldeia, foi que o obrigou a tomar a direcção contrária à Lei. Quem nasceu e viveu no sertão, naquele tempo, sabe muito bem que a política de campanário, exercida ao sabor da vontade dos *chefes*, abafava a própria Justiça e fazia o que bem queria. O homem rude, do sertão, uma vez ferido em seus direitos ou em seus brios, não tinha para quem apelar, não dispunha de outro recurso senão as armas. Era assim que se formavam muitos *cangaceiros*, e entre eles, apesar de tudo, havia homens bem intencionados.

Pois bem, António Silvino converteu-se ao Espiritismo, quando cumpria sentença na Penitenciária. Caiu-lhe nas mãos *O Evangelho segundo o Espiritismo*, e foi a sua luz, o seu roteiro espiritual. Homem correcto, trabalhou na prisão e ainda ajudou a educação dos filhos: um deles, oficial do Exército; o outro, rapaz moderado e estudioso, lutou muito pela vida, no Rio de Janeiro, formou-se em agronomia, e é, hoje, alto funcionário federal. Certa vez, e já faz muito tempo, quando conversávamos, no sul da Bahia, com um pastor protestante, a propósito da conversão de António Silvino, o reverendo falou-me assim: *É verdade, nós estamos trabalhando para convertê-lo, mas o Espiritismo entrou na Penitenciária e estragou tudo...* (O autor destas linhas, naquela ocasião, era *crente*, embora não confesso, e estava ao lado da causa protestante). O Espiritismo não «estragou» a acção dos protestantes, mas teve mais influência. Quando deixou a prisão, António Silvino era outro homem, depois de uma existência terrível, cheia de lances trágicos, revoltado contra a injustiça dos homens e fazendo justiça pelas próprias mãos, à custa do *rifle* e da intrepidês incontida do sertanejo. Até mesmo quando estava no banditismo, como chefe de *cangaceiros*, impunha respeito à propriedade alheia, como à família e à velhice. Não consentia que algum de seus companheiros de *bando* desrespeitasse um lar ou tripudiasse sobre a fraqueza de quem quer que fosse. E era rigoroso! Havia, inegàvelmente, muita nobreza moral na alma do ex-chefe de bandidos. É interessante recordar uma das belas expresões de António Silvino, quando entrevistado, ao saír da prisão: *ontem, eu matava para não morrer; hoje, se necessário, morro para não matar.*

Já se pode calcular, por aí, o profundo efeito renovador que teve a leitura de *O Evangelho segundo o Espiritismo* na vida de António Silvino. Podemos acrescentar, sem exagero, que a literatura espirita, difundida entre presidiários, já operou transformações verdadeiramente edificantes. Muitos delinquentes voltaram ao bom caminho, porque sairam da prisão completamente regenerados por influência de palestras e leituras espiritas. São factos, portanto. Eis, aí, uma prova de que nunca é tarde para se aprender... Em qualquer tempo, em qualquer lugar, em qualquer idade, o Espírito encontra sempre um meio, uma oportunidade para se reabilitar perante a Justiça divina. Justamente por isso mesmo, a doutrina espirita reprova a *pena de morte*, porque não é uma solução para o problema do crime, pois o Espírito faltoso tem, diante de seu futuro, o

# YOGA E YOGUE

**Por E. F. CONCEIÇÃO**

*A «Yoga» e o «Yogue» são 2 termos hindus reportados à ciência do espírito e à sua prática respectivamente.*

*O «Hata Yoga», é a ginástica que disciplina o físico e o «Raja-Yoga» é a ciência que disciplina o espírito. Trata-se da vitalização do cérebro e da tranquilidade do coração, pelos exercícios físicos e mentais que põem em acção todos os recursos latentes no indivíduo, quer pela inspiração que absorve o «prana» (energia vital), quer pela expiração que expele as energias mórbidas, que inferiorizam a individualidade. É então que o espírito se reveste de todas as suas faculdades, até à vidência e à ascensão aos planos superiores, que ultrapassam a Terra e a sua atmosfera, para o conhecimento da verdade moral que regenera o indivíduo, consciente da sua responsabilidade perante a Natureza.*

*Das faculdades do Yogue disciplinado, desabrocha a clarividência, a telepatia, o transporte, a levitação, o desdobramento, etc. É assim que se chega ao «Aúm»-Logos ou seja Deus!*

*Para o «Yogue» a pureza mental é simbolizada pela «flor do Lótus», que é uma planta que emerge das profundidades às superfícies lacustres, como quem busca as regiões siderais.*

*A Teosofia e o Espiritismo, que são dois ramos da ciência universal, testemunham a imortalidade da alma que é comprovada pelo sono, o sonho, a premonição, a hipnose, a telepatia, a clarividência e a materialização espiritual, etc.*

*Os contraditores, que preconceituosos são, restringem as suas aspirações ao cultivo do intelecto pelo gozo da matéria, concernentes ao egoísmo, à vaidade e ao orgulho. Daqui os mistificadores, que exploram, tiranizam, corrompem e desmoralizam as sociedades, lançando os povos em convulsões. É a sintonia psíquica da vibração grosseira entre os atrasados, que são os habitantes da Terra e da sua atmosfera no montante de cerca de 20 biliões de almas, em contraste com cerca de 40 biliões do planos superiores, donde dimanam os grandes ensinamentos e a ciência da moral, que conduz à fraternidade humana.*

*O homem que se submete às leis da Natureza, sabe que os seus actos são por ela responsabilizados, e é levado a meditar sobre o equilíbrio universal, onde cada estrela representa um sol, com o seu sistema planetário, e que multidões de sóis formam as galáxias, cada uma das quais abrange qualquer coisa como 200 mil milhões de estrelas, através do Eterno e do Infinito, que excedem a compreensão humana. Da ciência absoluta à consciência humana medeiam múltiplos estados de evolução, que o vulgo não compreende nem respeita.*

*Lourenço Marques, 28-4-1959*

---

curso imenso da reencarnação, para sofrer, aprender, regenerar-se.

O mal, em cada criatura humana, não é permanente; um dia, cedo ou tarde, vem a hora da redenção interior, pois a lei do progresso não é discriminativa, é uma lei que atende a todos. O maior dos difamadores, o maior dos assassinos terá, um dia, de se modificar para melhor, porque a lei do progresso é universal e inevitável. A *pena de morte* ou *pena capital* é um recurso contrário ao progresso do Espírito. Isto, como se sabe, é uma tese espirita. Ainda há poucos meses, por mais paradoxal que pareça, um sacerdote e professor universitário, teólogo ilustre, falando na Capital do Paraná, aonde fora a convite dos estudantes de Direito para pronunciar conferências, defendeu categòricamente a *pena de morte*. Na mesma ocasião, outro sacerdote professor da Faculdade de Filosofia da Bahia, também sustentava a necessidade da eliminação sumária, embora em casos especiais, com o argumento, para nós insubsistente, de que é preciso eliminar um indivíduo para defender a sociedade. Em face da reencarnação, a pena de morte é inútil; perante o Evangelho, é um atentado à moral do Cristo.

Felizmente, porém, um confrade nosso, jovem estudante de Direito, a esta hora já formado, falando em nome do Centro Académico de sua Faculdade, rebateu magistralmente a tese do tólogo, e o fez com a declaração expressa de ser *espirita*, afirmando que a pena capital é uma aberração, perante os próprios ensinamentos e exemplos de Jesus. O confrade chama-se Jacob Holzman Neto, uma das mais esperançosas inteligências a serviço da causa espirita. Tendo sido incumbido de saudar o culto conferencista e teólogo católico, Jacob Holzman Neto produziu uma peça elegante, escorreita, bem à altura daquele acto cultural, mas frisou corajosamente que, como espirita, não poderia concordar com a tese do conferencista. Foi uma lição, e lição magnífica de doutrina espirita, em ocasião das mais oportunas, perante o que se pode chamar o escol de Curitiba, porque se achavam presentes não apenas convidados especiais, mas principalmente professores universitários, juristas, académicos, etc. O Espiritismo tem razões bem fortes para rejeitar a pena de morte. Não só a doutrina, em si, já é muito clara e lógica, como a própria experiência lhe dá abono, a cada passo.

# Mensagem aos Espiritas do Brasil

Por ANTÓNIO CARDOSO

*Prezados Amigos:*

*Dentro de poucos meses pisarei pela primeira vez nesta encarnação Terras de Santa Cruz!*

*Depois de ter contactado com os movimentos metapsiquistas e espiritas de vários países desta Europa sempre jovem, é altura de ir mais longe: altura de conhecer o outro lado do Atlântico, o vosso belo e próspero país, onde a cada passo se vê o dedo do Espiritismo, onde quase não há avenida ou rua que não tenha a marca da doutrina de Kardec.*

*Na Europa troquei impressões com André Dumas, sobre múltiplos aspectos científicos da doutrina; com Warcollier, director do Instituto Metapsíquico de Paris, vendo com agrado que nossos pontos de vista coincidem em todos os aspectos; até na interpretação telemnésica que eu dava a um certo número de fenómenos que andava investigando, nossas opiniões coincidiam, manifestando Warcollier interesse especial pelas referidas experiências. Tive longas conversas com o célebre Dr. Karl Müller, da Suíça, cuja tese no último Congresso tanta discussão levantou! Falei com espiritas ilustres, directores de Centros, escritores da especialidade, médiuns e grande público! Assisti a conferências e inúmeras sessões! Falei diversas vezes nos dois últimos Congressos Internacionais, em Amesterdão e Paris! Auscultei todos os sectores, todas as categorias de espiritas! Vi a confirmação de muitos dos meus pontos de vista, em especial no campo científico! Voltei sempre cheio de vontade à pátria, no sentido de fazer neste «cantinho à beira-mar plantado» algo de mais e melhor no Espiritismo, corrigindo erros e limando arestas, para que a luz da Codificação Kardeciana possa aqui, com uma pureza cintilante, alargar cada vez mais seus horizontes!*

ANTÓNIO CARDOSO

*Dentro de dois meses aproximadamente estarei no Brasil! E tal como em França, na Bélgica ou na Holanda, todo o tempo que aí estiver vai ser pouco para conhecer o vosso Espiritismo, o grande e progressivo Espiritismo Brasileiro. Desde os Laboratórios de Metapsíquica às Obras Sociais, tudo irá merecer minha atenção. Desde o investigador de gabinete, para quem a causa de um dado fenómeno ou reacção pode roubar muitas horas de sono, até ao defensor do Espiritismo ético e social, para o qual uma Maternidade ou um Orfanato é supremo anseio, com todos desejarei ouvir e aprender.*

*Da mesma maneira como na Europa, estarei aí à vossa disposição, para conferências e simples palestras, embora saiba de antemão que pouco, muitíssimo pouco poderão ouvir de novo.*

*Amigos: deste lado do Atlântico, a dois meses da partida, daqui lhes envio saudações afectuosas, esperando muito em breve os poder abraçar a todos, um a um.*

*Até breve, companheiros de Ideal! Até muito breve!*



E. Psiq - jun/59

# Continuando no campo dos factos

**Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA**

VI

O sábio inglês William Crookes deixou este mundo em 1919 com 97 anos, mas deixou também, nos estudos que fez sobre as manifestações do mundo invisível, um vasto campo aberto à observação e à confirmação do que ele proclamara como uma verdade indestrutível:—a existência do mundo espiritual, e, consequentemente, a sobrevivência da alma após o aniquilamento do corpo.

Muitos outros sábios seguiram depois o caminho marcado naquele vasto campo até então desconhecido, a que muitos passaram a designar o Invisível e que se tem caracterizado, cada vez mais, como um grande laboratório duma nova ciência — a *Metapsíquica,* que os tempos futuros hão-de considerar como um ramo inseparável do Espiritismo.

Em 1892 se reuniram em Milão alguns daqueles sábios, e do relatório que eles assinaram consta como verificados os seguintes fenómenos: *movimento de objectos sem contacto; pancadas e reprodução de sons na mesa; transporte para cima da mesa de objectos diversos, tais como cadeiras, vestuário e outras coisas, distanciadas de vários metros e pesando vários quilos; contacto das mãos com uma figura misteriiosa,* que não era certamente a da médium, por se encontrar a distância mergulhada no seu sono mediúnico.

A médium era a senhora Eusápia Paladino. Houve ao todo dezassete sessões realizadas por instigação do famoso professor italiano César Lombroso.

As reuniões efectuaram-se na residência do sr. Finzi, um dos investigadores, das 21 horas à meia-noite. A médium tinha sido convidada para essas sessões pelo Dr. Aksakof.

E para se certificarem de que não eram vítimas de alucinações ou de mistificações, ligaram as mãos da médium às dos seus dois vizinhos, por meio de cordel de três milímetros de diâmetro, e assim os movimentos das quatro mãos se verificavam recìprocamente. Aquele cordel ficou seguro com dois nós simples, e estabelecido o círculo dos assistentes as mãos e os pés da médium foram além disso seguros também com ligaduras.

Feito isto colocaram uma campainha sobre uma cadeira, à direita da médium, com o objectivo de que a campainha tocasse como sinal do início dos trabalhos.

E então descrevem o que se passou nestes termos:

«Imediatamente ouvimos a cadeira virar-se; descreveu uma curva no soalho, aproximou-se da mesa e logo se colocou sobre ela. A campainha tocou e depois foi atirada sobre a mesa em questão.

«Acendendo imediatamente a luz verificou-se que os nós estavam perfeitos.

«... Para termos a certeza de que realmente actuava uma mão humana, fixámos sobre a mesa, do lado oposto ao da médium, uma folha de papel enegrecido com fumo, exprimindo o desejo de que a mão deixasse nele uma impressão, ao mesmo tempo que a mão da médium ficasse limpa e que o preto do fumo ficasse marcado sobre uma das nossas mãos.

«Devemos repetir que as mãos da médium estavam seguras pelas dos srs. Schiaparelli e Du-Prel.

«Dispostos os assistentes em cadeia e feita a escuridão, ouvimos logo mão estranha bater fracamente sobre a mesa, e na mesma ocasião o sr. Du-Prel anunciar que a sua mão esquerda, que segurava a direita do sr. Finzi, sentia dedos que a esfregavam.

«Feita a luz achámos sobre o papel várias impressões de dedos e as costas da mão do sr. Du-Prel estavam enegrecidas, mas as mãos da médium estavam perfeitamente limpas.

«Esta experiência foi repetida três vezes, insistindo-se para se obter uma impressão completa. Assim, sobre uma segunda folha obtiveram-se cinco dedos e sobre uma terceira a impressão duma mão esquerda quase inteira. Depois disto as costas da mão do sr. Du-Prel novamente estavam completamente enegrecidas e as mãos da médium continuavam absolutamente limpas».

É bom acentuar que depois de feitas estas experiências na escuridão, passaram a fazê-las em plena luz, ora utilizando a luz duma vela, ora a de uma lanterna com vidros encarnados, sendo então a primeira vez que a médium se submetia a tais condições. Porque é conveniente esclarecer que nesta natureza de experiências, a luz parece provocar a dissolução dos fluidos convenientes que os agentes invisíveis concetram para a produção de certos fenómenos. E sob o *contrôle* da luz, aqueles sábios apresentam no citado relatório o seguinte:

«Uma vez apareceu um punho fechado sobre a cabeça da médium. Pouco depois a mão abriu-se lentamente, ficando com os dedos separados.

«É impossível contar o número de vezes que essa mão apareceu e foi por nós tocada. Basta dizer que nenhuma dúvida se tornava possível: *era uma verdadeira mão humana e viva que víamos e tocávamos, ao passo que na mesma ocasião o busto e os braços da médium ficavam visíveis e as suas mãos estavam seguras pelos seus dois vizizinhos*».

No final do relatório de que nos temos ocupado com as referências que aí ficam, lê-se que os experimentadores apresentaram as seguintes convicções:

«1.º — Que nas circunstâncias dadas, nenhum dos fenómenos obtidos à luz mais ou menos intensa se poderia produzir com o auxílio de um artifício qualquer ;

«2.º — Que a mesma opinião pode ser mantida em grande parte para os fenómenos da escuridão completa.

«... Reconhecemos, aliás, que, sob o ponto de vista da ciência exacta, as nossas experiências deixam ainda muito a desejar, porquanto foram empreendidas sem que pudéssemos saber do que tínhamos necessidade, e os diversos aparelhos que empregámos foram preparados e improvisados sob os cuidados dos srs. Finzi, Gerosa e Ermacora.

«Todavia, o que vimos e verifi-

cámos basta, a nosso ver, para provar que esses fenómenos são bem dignos da atenção dos sábios».

E, depois de apresentarem o seu reconhecimento a Ercole Chiaia pelo zelo e paciência com que, durante longos anos, prosseguira no desenvolvimento das faculdades mediúnicas da notável médium Eusápia Paladino, assinam o citado relatório as seguintes personalidades:

Alexandre Arksakof director do jornal «Estudos Psíquicos» em Leipzig, conselheiro de Estado do Imperador da Rússia;

Giovanni Schiaparelli, director do Observatório Astronómico de Milão;

Carl Du-Prel, doutor em filosofia de Munique;

Ângelo Brofério, professor de filosofia;

Giusepe Gerosa, professor de física da Escola Real Superior de Agricultura de Portici;

G. B. Ermacora, doutor em física;

Giorgio Finzi, doutor em física;

Charles Richet, professor da Faculdade de Medicina de Paris e director da «Revista Científica»;

César Lombroso, professor da Faculdade de Medicina de Turim.

Pois muitos destes signatários continuaram, isoladamente, em sessões de sua inteira confiança, a fazer as suas experiências, a observar a repetição daqueles transcendentes fenómenos, ao mesmo tempo que lhes surgiam manifestações doutros mais completos, e foram organizados, para sistematização de estudos fora de todos os preconceitos e de todas as suspeitas, o *Instituto Metapsíquico de Paris*», a «*Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres*», e outras instituições científicas e de cultura espiritualista com centenas de periódicos como órgãos de propaganda.

★

Vamos fazer uma referência especial a um daqueles sábios — o Dr. Lombroso, que, na revista italiana *Arena*, fez declarações como as que seguem, e que a revista «*Estudos Psíquicos*» do Dr. Sousa Couto, número de Setembro de 1907, transcreveu:

«Até 1890 fui o adversário mais inquebrantável do espiritismo. A todos que me incitavam a examinar esta ordem de fenómenos respondia: «Nada tão ridículo como o falar dum espírito que anima as mesas e os «fauteils»; a manifestação de forças sem matéria é tão incompreensível como a actividade funcional sem órgão. Mas eis que em 1891, na minha prática médica, tive de defrontar-me com um dos mais curiosos fenómenos que jamais se me apresentou».

Descreve o caso patológico da sua cliente, diagnósticado de violento acesso de histeria, mas acompanhado de sintomas, cuja explicação não lhe podiam fornecer nem a patologia nem a fisiologia, como ele próprio confessa.

Foi então que teve a ideia de que talvez o Espiritismo lhe facilitasse o aproximar-se da verdade.

E então conta ele:

«Um ano depois, em 1892, achando-me em Nápoles, em serviço de inspecção profissional, encontrei-me com muitos admiradores de Eusápia Paladino, os quais me pediram para tentar mais uma vez experiências com esta célebre médium.

«Então em pleno dia, no meu quarto de hotel, onde me encontrava só com Eusápia, verifiquei a levitação da mesa e vi uma pequena trombeta transportar-se espontâneamente da mesa para cima do leito e depois voltar para cima da mesa.

«Eu estava absolutamente estupefacto, e decidi-me a fazer, no mesmo hotel, com três colegas meus, experiências novas, mais minuciosas.

«Nesta nova sessão vi ainda deslocarem-se os objectos, ouvi soar pancadas sem causa aparente, etc».

Descreve muitos outros factos supranormais, como o de ver voltar-se um prato com farinha seca, sem que a menor partícula dessa farinha caisse. Era, no dizer dele, como se ela tomasse a consistência da gelatina, fenómeno que persistiu durante mais de um quarto de hora.

E termina assim o artigo de *Arena:*

«Depois do que fica narrado, assistí ainda a outras sessões, em que Eusápia Paladino, no estado de transe, deu respostas exactas e muito sensatas em línguas que ela não conhecia, como, por exemplo, em Inglês.

«Juntando a estes factos pessoais tudo o que tenho sabido das experiências de Crookes com Home e Katie King, e do médium alemão que fazia, na escuridão, as mais curiosas pinturas, adquiri a convicção de que os *fenómenos espíritas se explicam, na maior parte, por forças inerentes ao médium, e noutra parte pela intervenção de seres supraterrestres* dispondo de forças que, por ideia analógica, podem dar as propriedades do rádium.

«A solução deste problema será um dos mais prodigiosos acontecimentos».

Pelo que fica exposto se verifica, claramente, que não é uma fantasia de ingénuos ou de pobres de espírito a crença na existência do mundo espiritual e, consequentemente, na sobrevivência da alma.

Poderão, por muito tempo ainda, os indivíduos que se dizem *espíritos fortes*, o que muitas vezes significa «espíritos obtusos», continuar a negar os fundamentos daquela crença e, para mais ostensivamente mostrarem a sua vaidade, continuar a acusar de doidos os que a aceitam e a divulgam.

Nada disso impedirá que espíritos cultos, animando personalidades de firmes responsabilidades no meio intelectual terreno, continuem, por sua vez, a proclamar bem alto os resultados das suas investigações no campo espirita e a confirmar a sublimidade das doutrinas contidas nas mensagens, que do chamado mundo oculto vêm até nós.

No que diremos aos irmãos materialistas nas próximas *Mensagens* faremos ressaltar os depoimentos mais recentes de outros homens ilustres sobre os temas aqui debatidos, com o que concluiremos este nosso propósito de demonstrar a verdade contida no neo-espiritualismo.


UM LIVRO SENSACIONAL

## "O CASO DE BRIDEY MURPHY"

Por MOREY BERNSTEIN

**O relato surpreendente e verdadeiro de uma senhora americana que, em hipnose profunda, reviveu uma existência anterior na Irlanda, há mais de um século.**

**É um livro fascinante que descreve experiências de hipnose, telepatia, clarividência, regressão de idade, percepção extra-sensorial, reencarnação e outros mistérios do espírito.**

**Foi o livro de maior venda nos Estados Unidos, em 1955. Mais de três milhões de exemplares esgotados num ano! Agora em edição portuguesa!**

**PREÇO — 50$00**

**ENVIAMOS ESTE LIVRO À COBRANÇA**

# O Determinismo de Claude Bernard

## (Excerto duma Conferência realizada em Coimbra)

**pelo Prof. Doutor Rocha Brito**

Claude Bernard era determinista, sem dúvida, — era-o ferrenhamente mas só em ciência, cujos limites ele conhecia mais que ninguém e cada vez mais com o avançar dos anos. Sabia que a ciência tem limites ... porque era um homem de ciência, mas não um adorador do cientismo, que é a caricatura daquela. Não há ciência sem determinismo, sabe-se; mas o determinismo não esgota toda a realidade, e isto já se sabe menos.

Entremos no âmago da questão: vamos ver Cl. Bernard abordar e ter opiniões sobre as causas primárias e finais, sobre a matéria viva, sobre o plano de organização, sobre a ideia directriz ou criadora, sobre o livre arbítrio, sobre as relações do cérebro e do pensamento, sobre religião.

Tomemos por guia quem até hoje melhor estudou o assunto: Pierre Lamy. Resumamo-lo e comentemo-lo.

Não foi Cl. Bernard quem descobriu, muito menos quem o inventou; quando apareceu a palavra *determinismus* já a ideia, já a doutrina se vinha formando de muito longe. Mas, foi Cl. Bernard quem melhor o definiu e codificou com inexcedível clareza e profundidade, quem lhe extraiu o melhor suco, quem melhor o aplicou e, sobretudo, quem mais subtilmente soube marcar-lhe os limites e as potencialidades.

Viu que o determinismo «não esgota toda a realidade», o que lhe levaram a mal certos deterministas de ideias restritas.

Nestas condições podemos, sem faltar à verdade, dizer do *determinismo de Cl. Bernard:* foi ele quem viu, com vista profunda, que a «ciência experimental não é mais do que a investigação metódica das relações existentes entre os fenómenos e que um determinismo demonstra».

Repete este conceito sempre que pode e de mil maneiras. Diante de qualquer fenómeno um sentimento espontâneo e irresistível leva os homens de sempre a procurar-lhe a causa.

«É o sentimento de causalidade, que não pode conceber um efeito sem causa. A admissão dum efeito sem causa seria a negação da ciência».

A esse sentimento junta-se um outro e é de que há uma ordem universal, donde deduz que a mesma causa deve nas mesmas condições *determinar invariàvelmente* os mesmos efeitos.

É o sentimento deste determinismo que caracteriza o verdadeiro homem de ciência.

O seu pensamento vai-se enriquecendo e o conceito cada vez se esclarece mais. É este determinismo *necessário nas condições* dos fenómenos que é o princípio *absoluto* das ciências experimentais.

Há, pois, no determinismo de Cl. Bernard, diz Pierre Lamy, a crise do sentimento de causalidade, com a ideia duma ordem pre-estabelecida e que se traduz pela existência de leis invariáveis.

O determinismo consiste na relação que liga todo o fenómeno a um outro, por tal forma que para um fenómeno dado em idênticas circunstâncias o antecedente deve necessàriamente ser sempre o mesmo. Donde a explicação dum fenómeno não poder achar-se no ou nos fenómenos que o precedem e desencadeiam.

O determinismo é assim, no pensar de Cl. Bernard, a causa determinante ou antes a causa próxima que provoca o aparecimento dos fenómenos.

Cl. Bernard marcou-lhe deste modo, e não foi pequeno mérito, os seus estreitos limites, pois, como comenta Lamy, ele contenta-se com as trajectórias muito curtas da causalidade que ligam dois fenómenos *encostados.*

Não quer Cl. Bernard que o interpretem mal e repete-se em frases cujo sentido é sempre este:

«O homem de ciência só pode colocar o determinismo dos fenómenos nas suas *condições* que desempenham o papel de causas próximas».

É nítido e claro. É pouco, dirão, mas é com isto que tem de se contentar o homem de ciência; todavia o homem integral pode e deve aspirar a mais.

Não tenhamos, pois, dúvidas: as chamadas causas próximas são apenas condições dos fenómenos. Insiste sempre: «as condições desempenham o papel de causas próximas. Não conhecemos senão as condições determinadas dum fenómeno. O determinismo dum fenómeno é o conjunto das suas condições materiais, isto é, o conjunto das circunstâncias que forçam o seu aparecimento».

E foi com este determinismo assim restrito que Cl. Bernard fez a sua filosofia do método experimental e as grandes descobertas que o imortalizaram.

Mas a genialidade deste homem tinha de aspirar, não podia ficar indiferente aos grandes problemas da inquietação humana e que este determinismo, embora senhor da natureza, nem sempre para utilidade dos humanos pode explicar.

Cl. Bernard não ficou indiferente perante os problemas das causas primeiras e finais, o da organização da matéria viva, o do livre-arbítrio, etc.

Cl. Bernard é o primeiro a ver que para além desta relação de fenómenos e seu ordenamento, para além da invariabilidade das leis, há necessàriamente uma causa primeira, uma causa ordenadora.

É o próprio determinismo que o postula.

Cl. Bernard vê naturalmente o problema da causa primeira, di-lo:

«A causa primeira da criação, quer da matéria bruta, quer da matéria viva nos escapa, a

ciência detém-se nas causas próximas dos fenómenos, não é do seu domínio a investigação das causas primeiras».

Mas, filósofo, Cl. Bernard não se contenta com o sentimento e a razão vai ao encontro desse e doutros problemas.

Se, em ciência experimental, não há, diz Cl. Bernard, nem materialismo, nem espiritualismo, nem matéria bruta, nem matéria viva, há apenas fenómenos naturais, cujas condições importa determinar, isso, que é muito, nos basta, di-lo de maneira lapidar:

«O homem de ciência atingiu o seu objectivo, quando por uma análise experimental sucessiva chegou a ligar a manifestação dos fenómenos a condições materiais exactamente definidas ... mas a causa próxima não pode nunca ser considerada como o limite absoluto dos nossos conhecimentos».

H. Roger, o emérito professor da Fac. de Medicina de Paris, defensor do materialismo na disciplina que professa, aconselha o verdadeiro homem de ciência a proibir a si mesmo a busca das causas primeiras e ... finais, como fizeram entre os antigos, Demócrito, Epicuro, Lucrécio e entre os mais modernos, Bacon, Laplace, Comte. Para os cientistas puros, que adoram de joelhos a ciência, toda poderosa, estonteados pela rapidez incrível dos seus processos e maravilhas, das suas descobertas, que têm permitido o domínio das forças naturais, dobrando-as à vontade do homem, assim será; mas para os verdadeiros homens de ciência, isso não basta. Cl. Bernard inscreve-se na categoria destes últimos.

Citando Bacon, diz Roger que a metafísica fez retardar o progresso da ciência; como a virgem consagrada à divindade que não concebe, nem gera, sendo infecunda.

A metafísica ergue-se como um exército de fantasmas que nos leva a crer que as actividades da natureza se moldam pelas dos homens (antropocentrismo).

É fácil também parafrasear as afirmações de Bacon. Que exército de fantasmas o positivismo e o materialismo nos não impõem, querendo assimilar o homem e as forças ou leis que regem os seres brutos!

Mas, deixemos Bacon, Laplace, Comte e as nossas próprias considerações para ouvirmos Cl. Bernard, que se em ciência se contentava com o como, em filosofia aspirava ao porquê.

Se, homem de ciência, lhe era vedado o *estudo* das causas primeiras e finais, nem por isso deixavam de existir estas causas primeiras que ele não podia rejeitar com uma penada.

Essa causa primeira, ainda que pese a Roger e a outros dos seus biógrafos, Cl. Bernard, precisamente porque era um grande fisiologista, sentia-a mais do que qualquer:

Há num fenómeno vital, como em qualquer outro fenómeno natural, duas ordens de causas: uma causa primeira, «criadora, legislativa, directriz da Vida, inacessível aos nossos conhecimentos» de experimentador; depois, uma causa próxima ou executiva. Esta é sempre de natureza físico-química e cai no domínio da *experiência do experimentador*». Essa pode medir-se, pesar-se, contar-se, portanto.

Quanto a existir uma finalidade, também Cl. Bernard a admite, quando maravilhado assiste ao desenvolvimento do ser vivo, que os da matéria pura comparam a uma máquina, mas que máquina! que contém em si mesma as leis do seu desenvolvimento, máquina que gerou outras máquinas da sua categoria, máquina que se decide e escolhe! Cl. Bernard não pode negar, nem nega este carácter finalista ou teológico do desenvolvimento do ser vivo.

Durante a vida intra-uterina do mamífero, os pulmões, o tubo digestivo, os aparelhos sensoriais constituem-se sem a menor excitação exterior. Há mais: esses órgãos, todo esse maravilhoso plano de organização se forma sem nenhuma aplicação imediata, como que na antevisão das suas futuras necessidades; trabalha para um estado ulterior da sua evolução. Durante esse longo estádio quem disse ao ovo fecundado que ele iria formar o que seria mais tarde conforme aos fins da sua própria conservação?

A causa final ressalta evidente, como sendo a única capaz deste maravilhoso mistério.

Roger censura em Cl. Bernard esta atitude. E como nós gostamos de ouvir tais censuras que colocam o grande fisiologista no caminho do saber total e não só naquele saber mutilado que fica no meio do caminho — o da ciência pura — sem anseios, sem inquietações, agnóstica em face dos mais perturbadores problemas que podem agitar o espírito humano! Se Cl. Bernard fosse vivo veria hoje, entre tantos, um Cuenot defender este princípio biológico da finalidade.

É altura de desejarmos saber o que pensava Cl. Bernard da vida — base fundamental da ciência que professava.

Antes de mais e desde já podemos afirmar que ele considerava a matéria viva como irredutível à matéria bruta.

O fenómeno vital carecia do suporte físico-químico, mas na sua essência era outra coisa, não se identificava. São muitas as passagens da sua obra que demonstram.

Também, como a tantos outros, o tentou a definição da Vida, que ele não concebe como uma entidade estranha à matéria, podendo existir sem esta, mas não é função desta, pois que os fenómenos vitais não são uma propriedade da matéria bruta. E é por isso que é difícil definir a vida.

*(Conclui no próximo número)*

## AOS ASSINANTES DO BRASIL

**Como dissemos em Dezembro de 1958, a revista «Estudos Psíquicos» foi obrigada a elevar o preço da assinatura no Brasil, em virtude da queda do Cruzeiro. De Janeiro de 1959 em diante será de cr $200,00 cada anuidade.**

**Pedimos aos nossos estimados representantes que não cobrem assinaturas a preço diferente; e àqueles que já tenham efectuado a cobrança, agradecemos que a rectifiquem, no sentido de podermos continuar a exercer a propaganda no sector espirita luso-brasileiro.**

**A todos, os nossos agradecimentos.**

# PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

## (12) O PODER DA ENERGIA

Estas palestras foram improvizadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

*Fala-se muito em energia e poucos, afinal, a sabem compreender. Pretendem aliá-la à ideia de força, mas nem sempre os fortes são os mais enérgicos. Há indivíduos de grande força física e que não são enérgicos. Não são. Dir-se-ia que o facto de suportar grandes pesos lhes cerceia tenacidade e por isso têm menos energia do que os outros. Energia é esforço constante e progressivo, orientado em certa direcção. É o que se chama perseverança. Não é acção transitória, como a do estivador ou do ferreiro que bate ferro na bigorna, não é a de quem realiza muito em pouco tempo com grande esforço muscular.*

*O verdadeiro homem activo permanece no trabalho, porque energia é associação contínua de esforço. Não importa que seja muito ou pouco. Sem directriz definida, não poderá haver energia. Faz-se um plano, exerce-se a vontade em harmonia com a ideia preconcebida. O esforço que se realiza é energia gasta ou perdida, se o trabalho se opuser aos desígnios. Vê-se, pois, que o problema exige disciplina mental e vigilância.*

*De igual maneira poderemos dizer que um homem poderoso não é o que possui grande riqueza; é o que a sabe empregar racionalmente. Mas há pessoas que confundem esse atributo com voluntariedade e energia.*

*Ora, nós temos que ser persistentes e ao mesmo tempo flexíveis. Reparem bem: flexíveis. Às vezes é preciso ladear um obstáculo para atingir um fim. É preciso recuar, para que o impulso seja maior. Depois transpõe-se o barranco. É necessário ladear para melhor vencer.*

*Um exemplo: dois homens em frente de um muro que é preciso deitar abaixo. Um deles é o tipo do homem forte, musculoso; o outro atira-se de encontro à parede, julgando que a pode derrubar. Este é o tipo voluntarioso e teimoso.*

*O primeiro era enérgico, media os obstáculos e calculava as próprias forças, acabando por abandonar a tarefa. E pensava: «Não posso derrubar o muro sem os elementos indispensáveis». E o teimoso acabou por se ferir no obstáculo.*

*Mas há muitos inimigos que se opõem à energia. O primeiro é a indecisão. Os indecisos definham, hesitam, são incapazes de tomar uma resolução firme e rápida. Se soubessem que a vacilação destrói os mais belos projectos, talvez aprendessem a ser mais firmes, a ter convicção.*

*A maior parte dos homens dizem: «Se eu tivesse feito isto, vencia». Devem-se pesar as circunstâncias, os prós e os contras em qualquer trabalho, em qualquer empresa, antes de lhe meter ombros.*

★

*Os principais elementos da pessoa enérgica são três: raciocínio, convicção e realização.*

*A convicção está na base de qualquer delas. O homem convicto realiza sempre. Forma o seu programa e avança resolutamente. Optimista a princípio, ganha confiança em si mesmo. De outra forma, não poderá ser resoluto, não poderá convencer-se de suas possibilidades ou da grandeza dos obstáculos. Calcula tudo bem e caminha, certo de vencer.*

*Há quem chame ousado ou temerário ao homem convicto. Mas não há temeridade ou ousadia no que ele realiza para atingir o alvo. Quem tal pensa esquece-se de que o homem convicto adopta a divisa «Hei-de vencer!».*

*Um amigo da energia é precisamente a lógica, que leva quase sempre ao triunfo. A lógica ensina a observar, a reflectir, a recuar oportunamente. Nas grandes batalhas não há retiradas estratégicas para fixação em melhores posições? Isto é objecto da lógica, porque o lógico mede e pesa tudo e ao mesmo tempo faz o balanço das suas forças; mas pesa com propriedade e bom senso. Recalca paixões e procura destruir a dúvida em si e nos que o acompanham. E outras vezes há mais dúvidas em si próprio do que nalguns colaboradores. E se for judicioso, se for sábio, poderá delimitar os campos e aproveitar os elementos que lhe forneçam.*

*Claro que, para isso, carece de equilíbrio mental e intelectual. Digo assim, porque inteligência não é mente. A lógica também nada tem com o sentimento. Não pertence ao coração; pertence à mente, onde se fixam os resultados da compreensão. É uma faculdade específica.*

★

*Outro amigo é o espelho. Quem faz projectos, quem procura vencer em qualquer actividade deve postar-se ao espelho para medir atitudes, ensaiar olhares e movimentos, aprendendo a dissimular sem prejuízo do semelhante e a resolver determinadas situações.*

*Mas isto não se deve transformar em costume. Deve ser um simples recurso, que fingir às vezes é obra de misericórdia. Conheço mentiras piedosas ou piedosas mentiras que chegam a beneficiar e a cimentar amizades. Deste modo, o sentimento afectivo pode aumentar perante a mentira e diminuir perante a verdade nua. Portanto, o espelho é necessário para ensaiar atitudes.*

*Churchill, quando desejava fazer um discurso político, preparava as atitudes ao espelho, a fim de calcular o efeito das palavras. Outros fazem quase o mesmo, no tocante às inflexões da voz, embora não sejam políticos. Locutores, actores e declamadores costumam tirar partido da palavra escrita, transmitindo aos auditórios o lampejo do entusiasmo.*

*Outro amigo é a força activa que exige calma, sangue-frio e serenidade. O conjunto destas qualidades é que se chama condução. Os convictos da realidade vencem todas as forças. Estudam as dificuldades, pensam e medem e concluem que devem triunfar.*

*Assim, têm mais força do que se estiverem duvidosos.*

*Mas a energia também tem inimigos. Um deles é a falta de confiança em si mesmo. Não devemos confiar nas grandes afirmações, mas sim nas grandes acções. Alguns homens — e mulheres — falam muito e, na verdade, dizem pouco. São pessoas de largas atitudes. E podem ser vítimas da incoerência verbal, sobretudo quando fogosas, loquazes ou verborreicas, como se o cérebro funcionasse mais ràpidamente do que a articulação da palavra.*

*Nos actos, porém, não deve haver efeito. As palavras são susceptíveis de alteração e os actos não podem ser rectificados. São pedras fora da mão. Ninguém as pode trazer ao ponto de partida. Por isso é que as acções definem o homem enérgico. Devem estar harmonizadas com a finalidade que nele existe.*

★

*— Uma acção sincera — diz Stevens — explica-se por si mesma. Cultiva o teu carácter, as tuas energias, os teus sentimentos, a tua saúde. Sê sincero, sê valente, tem confiança em ti e prospera.*

*De facto, um homem com estes atributos será vencedor. Mas há outros elementos da parte dos inimigos. A desconfiança destrói a vontade e o mérito. Quando se não confia nos atributos próprios, tudo está perdido. É que os desconfiados só têm esperanças duvidosas. Tudo, para eles, é pessimismo. Não há obstáculo que não se torne maior. Nem pessimismo. Eles não são culpados. Nasceram assim, trouxeram essas qualidades de outras existências e entregam-se ao fatalismo. Não vencem, porque estava escrito que não venceriam. Por isso, não irão mais além, por mais que se esforcem. São vencidos da vida.*

*No século passado houve em Lisboa um grupo de artistas, poetas e literatos que se intitularam «Os Vencidos da Vida». Entre eles estava Eça de Queirós, Bordalo Pinheiro, Lobo d'Ávila e Guerra Junqueiro, o imortal poeta de «Os Simples». Mas eles não eram vencidos. A legenda não estava de acordo com a realidade. Alguns deles eram homens enérgicos que se controlavam, que faziam auto-exame, que sabiam o que queriam e para onde caminhavam. Tanto, que deixaram o seu nome vinculado a obras imorredoiras.*

*Assim deviam ser os que trabalham nas letras, nas profissões liberais, nas oficinas, no comércio e na indústria. Em toda a parte os homens enérgicos se afirmam e o mundo pertence-lhes inteiramente. As maiores empresas foram e são impulsionadas por homens, às vezes silenciosos, de aparência inerte, mas cuja força de vontade estava em acção permanente no esforço próprio. E venceram. E vencem. E vencerão.*

*A impassibilidade também está relacionada com a firmeza e a constância. Há homens impassíveis que não temem fracassos. Quase não demonstram sensibilidade aos triunfos e às derrotas. Aceitam-nos com a mesma impassibilidade, a mesma firmeza e o mesmo silêncio. Ao terminar uma obra fracassada recomeçam-na com o mesmo optimismo e a mesma constância. São enérgicos. Não quer dizer que tenham êxito absoluto em todos os empreendimentos. Podem falhar, em virtude de alguns obstáculos, por não estarem aptos a resolver os seus problemas; mas isso são imponderáveis. O que é preciso é que em todos os actos e através da impassibilidade mostrem uma posição coerente, isto é, que são enérgicos.*

*Há outros que se encostam às vitórias políticas ou aos carros triunfais. Depois enchem-se de fé, de esperança, de optimismo. Não há erro mais triste e crasso. O melhor é confiar no mérito próprio e no triunfo dos princípios. Este é o verdadeiro caminho que deve trilhar o homem lógico e de bom-senso.*

★

*Um escritor espanhol apregoava:*

*— Aprende a dizer não!*

*É necessário submetermo-nos à lei da razão e sermos resolutos. Muita gente não sabe dizer «não». São indivíduos falsos, mentirosos, incoerentes. Sabem que não podem satisfazer todos os pedidos que lhes façam. Sabem até que alguns pedidos são incongruentes e absurdos e que era impossível satisfazê-los. Mas não têm coragem de dizer «não». São dúbios, são hesitantes. Marden referiu-se a esta espécie de indivíduos num dos seus livros mais célebres. É erro igualmente crasso e devemos afastá-lo de nossas palavras e de nossas acções.*

*Quem não pode conceder uma coisa deve dizê-lo claramente e não enganar com subterfúgios. Mas é preciso saber dizer «não». Quando se é enérgico, quando se é digno, sabe-se que se não pode conceder a lua, que se não pode conceder o céu e por isso se apresenta a questão lealmente e quem pede fica sabendo que a sua aspiração não era praticável.*

*Cuidado, portanto, com os que não dizem «não». São como as contas em que sobra dinheiro. Quem diz «não» tem muitas formas de o dizer. Algumas são de tal ordem, que quem as ouve ainda tem que agradecer. Pode-se apresentar o problema com amabilidade e diplomacia, delicadamente, cortezmente.*

★

*Disse que os homens corpulentos estão às vezes em contradição com a atitude. O povo diz: «Homem grande, alma de pau». Não deixa de haver verdade nisto. Faz-me lembrar outra contradição: a dos avaros com a riqueza que detêm. De que lhes serve a ferrugem, se comem, à força, uma côdea de pão? São escravos do dinheiro que, finalmente, não é dos avaros. Será talvez de algum perdulário que venha a herdá-lo sem esperar.*

*Há também semelhança entre egoismo e energia. Dirão: «É um paradoxo». O primeiro está na razão directa da necessidade. Às vezes somos enérgicos, segundo a circunstância. Se tivermos fome, orientaremos o impulso no sentido do pão. E se tivermos necessidade de outra coisa faremos iguais esforços. Como se vê, há relação entre os dois sentimentos. E quem diz homem, diz animal.*

*Já falei em pessoas de grande energia, como Napoleão 1.º. Imperturbável, dominador, venceu batalhas com estoicidade e fundou reinos, que pareciam de opereta. Porque? Porque fez primeiro a conquista de si próprio. A maior conquista do homem é a conquista de si próprio. Napoleão foi, realmente, um dos homens mais enérgicos que o mundo conheceu. De tenente de artilharia fez-se aclamar imperador dos Franceses.*

*Portanto, o problema é de suma importância. Através desta simples exposição é fácil avaliar o poder da energia.*

**I. D. S.**

# UMA PROFECIA SOBRE NAPOLEÃO

Por FRED KOROTKIN

As trombetas soavam em clangor, anunciando a chegada do cortejo imperial à Catedral de *Notre Dame*. Os altos dignitários, as missões estrangeiras e a suprema hierarquia da igreja assistiam, com a atenção suspensa, à unção que o Papa Pio VII impunha sobre a testa de Napoleão.

Depois o Pontífice avançou para colocar a coroa sobre a cabeça de Napoleão Bonaparte e proclamá-lo Napoleão I, Imperador dos Franceses, como se combinara no protocolo da cerimónia. Mas (o que era notório) as relações entre o Imperador e o Papa nada tinham de amistosas e aquele quis significá-lo claramente, em pública atitude.

Tendo seguido atentamente todos os movimentos de Pio VII estendeu as mãos, apoderou-se da coroa, ainda que sem brusquidão, e com gesto firme colocou-a sobre a cabeça. Em seguida, pegando na coroa da imperatriz com as suas próprias mãos, a impôs sobre a cabeça de Josefina, para logo a acompanhar ao grande trono doirado, enquanto o Papa entoava as mesmas palavras que saudaram Carlos Magno na Basílica de São Pedro, quando o clero romano o proclamava imperador: «Vivat in aeternum semper augustus!»— e os canhões troavam, anunciando a Paris o momento solene das coroações de Napoleão e Josefina.

**Fotografia de Napoleão obtida mediùnicamente pelos irmãos Campbell**

Esse dia, 2 de Dezembro de 1804, era um dia grande para Napoleão e para a França; mas, sem embargo de representar a hora de glória para o grande cabo de guerra, alguns dignitários julgaram que ele se encontrava pouco à vontade. Seria porque se recordasse, nesse momento de fastígio, da profecia de Noel Olivarius?

Pouco tempo antes da coroação Bonaparte oferecera a Josefina um velho livro — «Le Livre de Prophetíes» — para que ela lho lesse. Josefina, nessa altura, deparou com a profecia de Noel Olivarius, que leu numa voz espantada e surpreendida, perguntando ao esposo o que aquilo significava.

— É a profecia que dizem referir-se a mim — respondeu o futuro imperador.

— Num livro publicado em 1542?

— Lê e verás — ordenou Napoleão.

Com intensa curiosidade, Josefina voltou a ler a página. Ei-la:

— «Na Itália virá à luz do dia um ente sobrenatural de origem modesta que na sua mocidade sairá para o mar e adoptará a linguagem dos Celtas Gauleses.. E ainda jovem e a despeito de indiscutíveis obstáculos conquistará uma brilhante carreira e tornar-se-á um grande comandante. Mas anos de canseiras e de lutas se seguirão e ele estará por mais dum lustro engolfado na guerra, próximo da terra do seu berço. No entanto ditará leis aos Germânicos, terminará com a desordem na Gália e, finalmente, será proclamado rei. Além disso tomará o título de imperador, com o consenso de toda a nação, lutará em todos os locais do seu império e durante mais de dez anos desafiará príncipes e reis. Muito fará pelo seu reino, construirá magníficos edifícios, portos, canais e trabalhos de hidráulica e sòzinho fará tanto como os romanos conseguiram juntos. Casar-se-á duas vezes e terá um filho. Nas suas guerras as árduas campanhas estender-se-ão do paralelo 55 ao meridiano 55.

«Aqui os seus inimigos lançarão fogo a uma grande cidade, onde entrará com os seus soldados e abandoná-la-á em ruínas, com seus homens famélicos e sedentos, morrendo de frio impiedoso.

Finalmente, este grande homem, abandonado e traído pelos amigos será empurrado para a sua própria capital por um grande exército europeu. Exilado numa ilha não muito distanciada da sua terra natal ali permanecerá com os companheiros durante 11 meses, ao fim dos quais desembarcará no solo gaulês. De novo acossado pelos exércitos da tríplice aliança europeia durante três meses e meio será forçado a render-se e a entregar o trono à casa reinante sua antecessora».

Josefina, estupefacta com o que lera, fechou bruscamente o livro e começou a fazer perguntas sobre o caso a Napoleão, que lhe retorquiu:

— As profecias dizem sempre aquilo que quisermos, mas esta causou-me forte impressão.

A primeira vez que Napoleão leu a profecia rira cèpticamente; mas, quando, mais tarde, em 1806, a releu, tornou-se pálido e perguntou a um teólogo se a sua religião o obrigava a acreditar em profecias, ao que este respondeu peremptòriamente:

— O espírito de Deus falou através dos profetas.

Além disso, durante toda a sua vida, a partir de então, Bonaparte acreditou nas profecias e nas linhas do destino. Mas a predição de Olivarius, que tão

# DIVAGANDO!

Por Maria Inês Sena

Mocidade... ilusões... sonhos... são rosas que o tempo vai desfolhando pelos canteiros da saudade!

Mocidade... ilusões... sonhos... sinfónica trilogia que fica contìnuamente a soar aos nossos ouvidos...

Mocidade! Mocidade!... Ó minha mocidade, foste uma flor rubra, flamejante e efémera que me aqueceste visões de beleza e de emoção em dúbio estremecer!...

Fizeste-me promessas intensamente belas, quase místicas, como preces que um sopro levou de mansinho ungidas de doçura!...

E tu, ó Ilusão, ó minha Ilusão, foste a Fénix vestida de seda esmeraldina e de poder mágico enfiltrando-me a alma, revolvendo e ateando chamas esperançosas repletas de delícias.

Eras a minha guia — misto de sombra e de luz!

Em jovem pairei em céu cerúleo banhado de sol doirado e luar morno como em domínios lendários onde o narcótico da ilusão me estonteava ante o sortilégio das suas girândolas em devaneio excitador.

E sonhava... sim, sonhava que o sonho era um Eros acenando-me... chamando-me... atraindo-me amorosamente a grandes alturas. Depois o enleio afrouxou; acordou-me a parca da realidade e levou-me os pomos sedentos do amor... da esperança... da ilusão...

E quedei-me nostálgica, emocionada pelo ritmo vibrante do tempo que não pára, a contemplar o caminho percorrido: Tantos anos! Tantos... Tantos... formando uma grinalda de botões desabrochados pelo orvalho da maturidade, impelida qual paleta a empanar o fulgor da minha vida. E da poalha desta esfinge estilhaçada evola-se como de um turíbulo o perfume da «Saudade» composta de arpejos subtis que me embalam e me envolvem numa resignação serena!

E a minha alma despe o manto estonteante da matéria e esvoaça numa Aleluia benéfica e consoladora na extática visão do renascer!

bem se ajustava à sua vida, aborreceu-o sobremaneira. O decorrer do tempo iria provar a sua exactidão, pois, como o profeta afirmara, Napoleão restaurou a paz e fez grandes coisas pela França, depois da Revolução, sendo proclamado imperador pelas duas câmaras e com a aprovação unânime do país. Teve duas mulheres e um filho. Esteve constantemente em guerra, derrotando príncipes e reis. Criou a Confederação do Reno, aboliu o império Germânico e tornou-se árbitro da Europa. Mas não ficou satisfeito e quis conquistar a Rússia e a Inglaterra, duas nações que julgava ameaçarem a sua supremacia.

A invasão da Rússia foi um desastre e o incêndio de Moscovo deu-se, como se lia na previsão.

No seu regresso a França uma grande coligação se uniu para o abter e aos seus chefes. Respeitando o génio militar de Napoleão, ofereceram-lhe paz honrosa, que ele recusou. Os exércitos aliados invadiram a França e entraram em Paris a 31 de Março de 1814.

Napoleão quis resistir, mas viu-se abandonado pelos seus marechais e foi obrigado a abdicar em 11 de Abril daquele mesmo ano, retirando-se para a pequena ilha de Elba nas costas da Itália. E um membro da Casa de Bourbon foi coroado rei de França com o nome de Luís XVIII.

Onze meses depois, no dia 1 de Março de 1815, Napoleão desembarcava em Canes para organizar outro exército contra a coligação europeia, cujos aliados o apodaram de novo «de perturbador da paz» e o baniram para Santa Helena, onde morreu em 5 de Maio de 1821. Um mês antes de morrer disse ao Dr. Arnott, seu médico assistente:

— A nossa hora está marcada e ninguém pode exigir um momento mais de vida do que aquele que o destino nos reservou.

Quereria Napoleão referir-se à profecia de Olivarius escrita em 1542, 262 anos antes de ele nascer para o maior apogeu político e imperial?

**(De «Fate», de Outubro de 1957).**

---

*NOTA — Em 1840 o corpo de Napoleão foi exumado em Santa Helena e enviado para a França, a pedido de Luís Filipe.*

*A sepultura estava marcada com uma lousa branca e o corpo metido em quatro receptáculos. O exterior de ferro, o segundo de chumbo, o terceiro de mogno e o quarto de carvalho. Quando este último foi aberto para verificar se continha o corpo do «petit caporal», um Francês presente recuou cheio de terror e afirmou que vira mexer o corpo.*

*O escritor francês Frederic Masson escreve:*

*«Quando o Dr. Guillard levantou a coberta de cetim, algumas pessoas ficaram aterrorizadas ao ver estremecer o cadáver».*

*Contudo, alguns médicos franceses limitaram-se a dizer que o movimento teve origem na deslocação do ar, quando se abriu o receptáculo.*

# A PORTAS FECHADAS

**Por HENRIQUE MAGALHÃES**

*Por vezes lemos em revistas europeias dizeres mais ou menos assim: «Só é permitida a entrada em nossas reuniões espiritas aos sócios que estiverem em dia com suas mensalidades, etc.».*

*Brasileiro ilustre e muito culto, aliás, quando pretendia assistir a uma reunião espirita, em Paris, ficou surpreso ao lhe informarem que tinha de pagar a entrada.*

*É de estranhar tal procedimento, ainda mais por se tratar de países onde o Espiritismo tem pouco desenvolvimento. Aqui, no Brasil — em qualquer parte do território nacional — as reuniões espiritas são francas, principalmente quando se trata de reuniões de estudo. Há reuniões, todavia, em que o número de pessoas é restrito, por desenvolverem trabalhos de grande responsabilidade e onde é necesário haja muita afinidade entre os componentes. Em umas e outras, no entanto, não é exigido aos frequentadores pagamento para assistí-las.*

*Para pagar aluguel e a luz — quando o Grupo não tem sede própria — os de maior responsabilidade no Grupo quotizam-se e tomam a si essa tarefa. Muitos dos frequentadores, porém, após determinado tempo de frequência podem, espontâneamente, ajudar. Então, se assim o desejarem, ficam sendo sócios contribuintes do Grupo a que se filiam.*

*Esse modo de agir obedece a dois princípios, a saber: no primeiro caso põe-se à prova o dever de solidariedade humana e do desprendimento; e no segundo o Amor ao próximo.*

*Este modo de agir tem a vantagem de, em seu primeiro contacto com os espiritas, verificarem que não há interesse, por parte destes, em atrair quaisquer pessoas.*

*Se são enfermas e há médiuns receitistas no Grupo, são atendidas graciosamente, tantas e quantas vezes necessitam. Se o Grupo mantém farmácia (alguns agrupamentos mantêm pequenas farmácias homeopáticas), os remédios são-lhes fornecidos, sem nada pagarem. De resto, se um ou outro pode pagar, oferece um donativo. Se pedem irradiações, são atendidos da mesma forma, isto é, de graça, atendendo ao ensinamento de Jesus, onde diz: «Dai de graça o que de graça receberdes». Se há no recinto médiuns passistas, oferecem o seu concurso de boamente, com o coração em prece, por poderem ser úteis a seus irmãos sofredores.*

*Nestas condições, o neófito sente-se como em sua própria casa, desde o primeiro dia que frequenta uma destas reuniões. É fora de dúvida que este tem amigos e parentes e começa a lhes falar das vantagens que recebe no Centro que frequenta, etc., e mais um, dois e três vão engrossar as fileiras!*

*É assim, irmãos e confrades portugueses, patrícios do meu coração, que se trabalha no Brasil. Não é por mero acaso, ou que as criaturas sejam feitas de outra massa, que o Espiritismo neste país tem crescido tão extraordinàriamente, não! É pelo modo de agir de seus profitentes, pelo desprendimento demonstrado, pela assiduidade aos deveres.*

*Quantos e quantos espiritas deixam de ir a cinemas, teatros e outras distracções, para cumprir as tarefas junto aos necessitados? Quantos outros deixam os lares, para visitar os presos nas cadeias, e os doentes nos hospitais, levando-lhes sua palavra de conforto?!*

*Os tuberculosos e leprosos, em grande número de casos, são abandonados nos hospitais pelos parentes e conhecidos, receosos de se contaminarem. É nesses locais que encontramos, aos domingos e feriados, irmãos espiritas a visitá-los, a assistí-los, levando-lhes, com a palavra de conforto, coisas outras de que necessitam.*

*Nos barracões dos morros, favelas, etc., encontramos espiritas aos bandos, levando remédios, mantimentos e dinheiro. Há irmãos que tomam a seu cargo enviar os enfermos aos hospitais, providenciando ambulatórios para as crianças que necessitam de cuidados médicos, etc.*

*É asim que se pratica o Espiritismo no Brasil. E note-se: Aqui não há férias! Regra geral, os Centros Espiritas funcionam o ano todo, de segunda a sábado — de noite, naturalmente — a não ser onde as reuniões são presididas por senhoras, as quais se realizam às vezes durante o dia.*

*Compare-se esse modo de agir com o que se realiza noutros países, como acima citámos. Dirigindo-nos, franca e amistosamente aos irmãos de além-mar, somos levados a perguntar:*

*— Como querem vocês que o Espiritismo se expanda, praticando-o a portas fechadas e ainda por cima exigindo as mensalidades em dia, ou o contado à entrada?!*

*Naturalmente os leigos raciocinarão da seguinte forma: «Qual a vantagem de frequentar um agrupamento Espirita, ou de penetrar nas igrejas? Nestas, durante a missa, anda a sacola em torno, pedindo para os santos ...; mas naqueles, ou seja os Centros Espiritas, exigem-nos pagamento mensal, ou à entrada. Não havendo vantagem entre uma e outro, ficaremos onde estamos! É necessário levar em conta que o neófito, não tendo estudado o Espiritismo, nada entende de suas vantagens espirituais, igualando-o, desse modo, às demais religiões.*

*Naturalmente há honrosas excepções e são esses redutos gloriosos que mantêm aceso o facho do Espiritismo, como luz em imenso deserto. Para esses arautos do bem, as nossas mais expressivas homenagens.*

*Chegam rumores ao nosso conhecimento — embora em são consciência não possamos afirmar que seja verdade — de que certos agrupamentos na Inglaterra cobram consultas de vidência, de passes, etc. Dessa forma, meus caros companheiros, não é de estranhar que o Espiritismo caminhe a passos vagarosos e que cem anos após do seu início, sob tão bons auspícios, embora sofrendo os mais terríveis ataques, pouca expansão tenha alcançado, em seu país de origem e nas demais nações da Europa.*

*Tem razão o clero, em conjugar esforços de ataque para as terras de Santa Cruz, pois no resto do mundo as coisas lhe correm melhor! Não há necessida de atacar os espiritas, porque eles se anulam por si mesmos!*

*Não acham, meus irmãos, que é verdade?!*

*Formulamos veemente apelo aos irmãos europeus, incentivando-os ao trabalho construtivo em favor dos desgraçados, dos humildes, dos necessitados, provando o seu desprendimento e Amor aos semelhantes.*

**CRÓNICA BRASILEIRA**

# LAR DE ANDRÉ LUÍS

Pelo DR. NEWTON GONÇALVES DE BARROS
(Correspondente em Nova Iguaçú)

*Era um belo domingo de sol!*

*Havia um desejo antigo de visitá-la ...*

*Prometi muitas vezes ... Os dias correram numa velocidade inacreditável. Muitas ocupações ... Sérios compromissos afastavam-me do cumprimento da minha promessa ...*

*Ela, entretanto, representava para mim doce consolo!*

*Chegava a sonhar com aquele anseio cristalizado! Não acreditava que apenas uma palestra amiga, à tarde, no jardim do Méier, sob a chilreada alacre dos pássaros, houvesse produzido tão abençoados frutos!*

*Depois, uma palestra emotiva e entusiasta ...*

*Uma excursão a Juiz de Fora, onde o Instituto Maria fez aquecer amorosamente os nossos corações!*

*Foram tão poucas as nossas palavras! Fora tão pequena a nossa convivência!*

★

*Chegaria uma nova Semana da Criança. Mãos trémulas e corações juvenis, vibrariam intensamente no trabalho de «milhões», para mais um ano de necessidades. E eu teria de me esconder, porque não fui vê-la! Ela, que resumia uma soma invejável de sonhos adolescentes! Ela, que simbolizava a juventude sadia! Ela, que era a concretização de puras forças juvenis!*

*Sentira que eu era seu guarda. Seu tutor. Seu amigo maior!*

*Mentalmente, eu a acariciava sorridente ... Algumas lágrimas indiscretas, redondas e cristalinas, cantavam paradoxalmente o meu júbilo!*

★

*Quando nasceu o meu primeiro livro de poesias, dediquei-lhe ... dezenas! Sim! Dezenas de livros («Mansos Como as Pombas ...») lhe foram enviados!*

★

*Era um belo domingo de sol!*

*Saira de casa para um programa completo! Ia só! Não desejava, naquele dia, testemunhas do meu júbilo. Não desejava que alguém descobrisse uma explosão indiscreta de afeição antiga. Temia que algum ciúme brotasse, embora puro, vislumbrando uma preferenciazinha!*

*Na minha idade, na minha situação moral, já não tenho o direito de preferências assim!*

*Se Ruth Sant'Anna soubesse dessa predilecção! Se ... Bem, não deixemos que estes solilóquios se transformem em altiloquências!*

★

*Era um belo domingo de sol!*

*Desci do ónibus de Nova Iguaçú em frente ao arvoredo do Campo de Santana. Ali mesmo aguardei o lotação para o «Lins de Vasconcelos».*

*Foi lenta e preguiçosa a viagem do meu lotação. É incrível! Mas é a pura verdade ... Um lotação lento, com ruas vazias, num lindo domingo de sol!*

★

*Era aquela rua! Lado direito da ladeira, número 88 ...*

*Não quis bater palmas. Empurrei de leve o portão velho de ferro.*

*O coração batia estranhamente.*

*Crianças cantavam e sorriam lá dentro!*

*Um sorriso largo lavou a minha face ...*

*Parei emocionado! O céu estava azul e sereno, lâvado de paz!*

*Ouvi vozes felizes infantis:*

*— Tia Jane tá demorando!*

*— Ela vem com o tio Rosildo?*

*— Não. Hoje eles vão ver o Celzinho, no Hospital Infantil.*

*— Tia Cida: a senhora tá fazendo salada de frutas pra nóis?*

*Continuei estático. Respiração presa. Sorrisos explodindo, molhados pela face aberta!*

★

*Era realidade, sim!*

*Ela — a equipa de quatro jovens — havia construído uma casa para crianças abandonadas!*

*A equipa estava ligada a mim, pelos mesmos sonhos de extinguir a mancha do menor abandonado!*

*Conversávamos pouco. A equipa dissera que iria construir o* Lar de André Luís! *Eram quatro estudantes. Trabalhavam em Bancos, no comércio, na indústra ... A economia de diversões e a simplicidade do vestuário dariam pão, agasalho, escola, para dezenas de crianças!*

*Eu não acreditava! Não acreditei até àquele belo domingo de sol!*

★

*E eu estava ali. Parado, quieto, sorrindo, extasiado com a realidade ...*

*— Tia Cida! Tia Jane e o tio Rosildo ainda não chegaram? E o tio Valter?*

*Ela — a equipa jovem — existe. E continua firme vivendo para dezenas de meninos de todas as cores!*

*Para ela, o meu «Deus lhe pague» pela imensa alegria que me deu! Pelo imenso júbilo que me está cantando dentro dalma!*

*Assim é a mocidade brasileira espirita!*

*Assim será a vida!*

**Nova Iguaçú, Abril de 1959**

## A MORTE

**O homem morre, quando Deus faz uma dobra na ponta do livro. A morte é o beijo da boca sepultura: «procede bem, corta um farrapo de boa acção em noite rugidora e este será o teu sudário no seio da terra». A morte é a exaltação da verdade.**

*Vítor Hugo*

**Somos injustos com a morte. Deveríamos representá-la como idosa matrona bem conservada, formosa e augusta, sempre de braços abertos para nos receber.**

**É o emblema do repouso eterno depois da vida desgraçada, irrequieta e tempestuosa.**

*Príncipe de Ligne*

# O MÉDIUM EM FACE DA PSIQUIATRIA

Pelo Dr. Lauro Nelva

2

Vem a propósito aqui lembrar o estudo do médium em todos os centros espiritas, em face da medicina em geral e, em particular, da psiquiatria e da neurologia, esclarecendo-o quanto à mediunidade, à sociedade e à lei. Pelo que compete a mim, médico estudioso desses fenómenos — que muito ainda me esclarecerão quanto à esquisofrenia — ficarei com a parte referente à saúde.

Acredito que certas doenças prejudiquem, intensamente, ao médium e ao consulente. Um médium pode ser contaminado gravemente pela sucção, através dos lábios, de uma lesão cutânea sifilítica. Sempre ouvi dizer, em vários centros espiritas, que as «entidades» protegem o médium nesses contactos patogénicos, tal qual acontece na projecção inócua da chama de uma vela num globo ocular, sem haver chamuscado as pestanas, e no interior de uma garganta, sem ao menos tisná-la. Mas já examinei alguns médiuns, portadores de gomas luéticas, que me interrogaram, temerosos, se aqueles tumores não eram provenientes de chupadelas supostamente anódinas. E, de facto, não eram inofensivas, pois um desses pacientes, já afastado, por doença, da lida caridosa, recolheu-se ao repouso para o tratamento específico. Outros médiuns, que me procuraram a mando de seus «guias», me pediram explicações médicas quanto aos seus estados mentais. Ainda outros me disseram que pediram às «entidades» que fizessem passar pela tela cerebral todas as cenas por que haviam passado nas sessões, em que ficaram inconvenientes. Viram-nas, descrevendo-as com exactidão. Foi atestado por todos.

Acaba de ter uma similaridade com esses factos o descobrimento, pela ciência neurológica, de áreas cerebrais que registam as coisas vistas pelas pessoas, como se fios tenuíssimos, como os dos aparelhos registadores de som, fixassem igualmente imagens e lembranças, reproduzindo tudo fielmente, quando solicitado pela electricidade. O famoso neurocirurgião Wilder Penfield — que me honrou com uma cartinha em que agradecia um trabalho que fiz a respeito do Montreal Neurological Institute — afirmou que «existe um registo permanente da consciência no interior do cérebro, sendo seus detalhes conservados com extraordinária precisão».

As «entidades», não sei de que maneira, atenderam aos apelos daqueles médiuns, misteriosamente, registando factos passados pela imposição de uma força estranha, ou de um «espírito» que, apesar de o médium estar inconsciente, vêm à memória logo após o término da sessão espirita, ou muitos minutos depois. Penfield, entretanto, provocou-os através de pequenos impulsos eléctricos. A Ciência — «mutatis mutandis» — já está às portas do mistério!

Alguns médiuns também me procuraram, ainda a mando de seus «guias», pedindo explicações médicas, quanto aos meus estados mentais. Um deles mais histérico do que sofrendo de animismo, era um hipotireoideu, com acentuado défice mental. Outro, que já o conhecia como «cambono», vi-o, meses seguidos, na rua, vendendo bilhetes de lotaria, com os cabelos enormes e a barba dos «profetas» vulgares ambulantes, nómades... Talvez um caso de parafrenia ou, como tem sido aceite pelos autores, uma forma clínica de esquizofrenia paranóide. Quase todos, que não chegavam a ser neuróticos, apresentavam, contudo, um quadro de profunda intoxicação alimentar e, mesmo, de intensa infecção, que verifiquei pelos exames de colesterol e hemograma. A agressão à saúde mental provinha de granulomas dentários e de focos amigdalianos.

Além dessas considerações, de ordem puramente informativa e, talvez, úteis, acho que os ambientes acanhados, sem renovação de ar, antihigiénicos, deveriam ser evitados e, melhor, condenados pelos próprios chefes de «terreiros». Um conselho de real valia: a ablução das antigas práticas religiosas. Outro: o exame clínico periódico e sistemático de todo o médium, com o cuidado de não se agravarem, na prática violenta, os casos de osteofitos, as hérnias de disco ou de medula, as lordoses, as escolioses, etc., etc. Mais um: o exame prévio da electroencefalografia, lembrando ao consulente a necessidade de procurar, máxime em relação aos males físicos, endocrinológicos, os «cartolas» da Terra...

Sem nenhuma pretensão vaidosa, não posso compreender a maior superioridade, em grande escala, dos colegas do espaço. Aliás, não estou dizendo isso sem fundamento, porque uma «entidade» já me disse, em palestra cordial e elucidativa, que eu deveria ter reservas de cuidados quanto a «entidades» cujos médiuns eram doentes, uma vez que a subconsciência poderia atraiçoá-los. Às vezes, como soe acontecer, os males se agravam com as «receitas» de «entidades» inferiores, cegas, malígnas. Destarte, não deixará de lucrar quem ouvir os ditames da Terra e acudir aos reclamos do astral...

Algumas práticas e recomendações categóricas espiritas podem prejudicar o consulente, que não deve ficar receoso de prejuízo, castigo ou vingança, pela inobservância de práticas às vezes difíceis, ou impossíveis. Em sua maioria, o próprio pensamento é que prejudica, castiga e exerce a própria vingança. Algumas pessoas, presas fáceis do hipnotismo ou da simples sugestão — como essas que se prestam para as demonstrações jocosas das plateias — ficam acreditando, infantilmente, em coisas ridículas e absurdas, como a excomunhão, o fogo eterno do Inferno... A fim de não introduzirem um grave erro no pensamento, capaz de levá-las às preocupações doentias, reajam, escondendo-se numa prece a Deus! E não digam tamanhas mentiras às crianças!

Se andamos de cabeça erguida, não fazendo mal a ninguém, só pensando na caridade, no bem e no afecto, respeitando os direitos dos outros,

nada teremos a temer e, muito menos, ao Senhor! As religiões devem podar o temor de seus livros sagrados, substituíndo-o pela chama milagrosa do amor imortal! Ao invés de penas, suplícios e fogueiras, o perdão, a alegria e a felicidade! Ao invés de coacções, exorcismos e excomunhões, a liberdade, a oração efectiva e o apreço a todas as crenças! Ao invés da prisão absorvente da sujeição pela obediência a rígidos preceitos, a compreensão pelas diferenças de opiniões independentes!

Actualmente, depois de inúmeras observações, demoro-me cheio do mais vivo entusiasmo científico nas demonstrações inconfundíveis e maravilhosas dos fenómenos de materialização. Acho-me atraído, irresistìvelmente, pelo trabalho dos mortos, que obedece a leis severas de ordem, método, justiça e profundos ensinamentos. Não se formam esses ambientes de estudo fora de um plano sem defesas, ao léu, sem metas. Não é a curiosidade o móvel dos seus membros.

Agora, já finalizando, permiti que vos traga a descrição de mais dois casos desses auxiliares invisíveis, que atestam uma fé inabalável, uma ânsia bendita de fazer o bem e uma prova insofismável do Espírito.

**O CASO DA CEGA DE BELÉM.** — Após cefaleias terríveis, com vómitos, ataques epiléticos e algumas perturbações cenestésicas, a sr.ª M. O., de Belém do Pará, viera a ficar cega. Casada de pouco, em pleno início de vida nova, 28 anos de idade, pobre, caíra, de súbito em completa cegueira! Apelou, por misericórdia, para todos os especialistas paraenses que, condoídos de tanta desegraça, escreveram para os colegas do Rio, no desejo de resolverem seu triste caso, pois pelas chapas radiográficas e pelo edema da papila ótica, o diagnóstico era este: tumor cerebral.

Veio, trazida por uma de minhas cunhadas, para ser internada no Instituto de Neurologia, sàbiamente dirigido pelo Prof. Deolindo Couto. Contudo, não estando terminadas as obras da sala de neurocirurgia, foi para uma enfermaria do Hospital Pedro Ernesto, proficientemente dirigido pelo dr. António Carlos Gigliotti. Procurei, então, o chefe do serviço neurocirúrgico, dr. Paulo Niemeyer, e expus-lhe a gravidade do caso e a absoluta carência de recursos por parte da cliente. Ouviu-me atenciosamente, dizendo:

— Neiva, darei tudo de mim; fique certo.

O dr. Paulo Niemeyer merece de minha parte, um registo especial: — ficou, para sempre no meu coração. E como, além de médico, sou, também, contador, registei em partidas dobradas, indeléveis, este facto caridoso do afamado neurocirurgião! Foi perfeito em toda a caridade: ficou da manhã à noite ao lado da doentinha, acompanhando e orientando todos os exames até ao acto cirúrgico, que foi efectuado em 30 de Julho deste ano de 1958. Depois de umas quatro horas de trabalho melindrosíssimo, foi extraído um grande tumor, lá do fundo do crânio, com aspecto maligno. E, para constatar o prognóstico, mandou fazer, a expensas suas, todos os exames anatomo-patológicos. A sr.ª M. O. amanhecera bem e começou a ver um «ligeiro clarão» (sic) que, infelizmente, desapareceu. Mas ninguém supõe que ela venha a recuperar a visão!...

Agora, entra em acção a parte espiritual.

No dia imediato ao da operação, 31, quinta-feira, assisti a uma sessão de efeitos físicos e de materialização, com o médium dr. Armando Ramos e Silva, numa casa de Laranjeiras, no Rio. Além de outras pessoas gradas, estavam presentes o dr. Ladeira Marques, médico, o dr. Albino de Mesquita Pinheiro, advogado e ex-secretário da Prefeitura do Distrito Federal, o dr. Olavo de Miranda Lopes, chefe do serviço jurídico do Ministério da Marinha, bem assim o conceituado médium sr. José Herman, antigo funcionário da Caixa Económica do Distrito Federal e ex-sacerdote católico.

Antes de iniciada a sessão, deixei estas perguntas numa folha de papel branco, tendo ao lado um lápis e em cima de uma mesa, mas pedi que ninguém lesse: «A sr.ª M. O., operada, ontem, de um tumor na cabeça, vai recuperar a visão? O tumor era benigno ou maligno?»

As entidades espirituais não responderam coisa alguma. Uma delas deixou, em inglês uma frase insigificativa. Uma outra aplicou uma luz misteriosa, de efeitos curadores, que saía como que de uma esponja, em alguns dos presentes inclusive em mim mesmo, na minha cabeça, o que motivou este argumento engraçado do dr. Ladeira Marques:

— Neiva, como você é psiquiatra, esta luz deve estar purificando seu miolo...

Sùbitamente, ouviu-se um forte «pschiu!...»

Calaram-se todos e a música da vitrola ficou em surdina. Ouviu-se, então, um punhado de ruídos, como se «alguém», que estivesse materializando, mas, naquele instante, invisível, manipulasse algo naquela escuridão. E nesse momento de intensa expectativa sofredora daquela cega de Belém, projectando no ambiente toda a minha vontade de vê-la abençoada pela graça de Deus, sinto que a minha mão esquerda é aberta, nela colocada uma medalhinha e, ao mesmo tempo, fechada carinhosamente...

— Eram os olhos de Santa Luzia num prato!

**O CASO DA MÓNICA, MINHA NETINHA.** — A criança, alegre, saudável e feliz, estonteante de graça angélica e cheia de alento celestial, brincava no jardim e corria atrás das borboletas. Aproximou-se de um arbusto e arrancou uma porção de folhas. Gritou, chorou e fugiu, apertando fortemente os dedinhos na palma da mão.

Um maribondo cravara-lhe terrível ferrão...

Acudida por mim, apliquei-lhe umas pomadas analgésicas e dei-lhe um anti-histamínico. Estivesse na roça, seria isto: alho pisado, criança em cima da mesa e a aproximação de um imã...

A noite a mãozinha estava inchadíssima. Chamei então um cirurgião, o dr. Raymundo Pires de Albuquerque. Depois de paciente exame, procurou, na falta de um bisturi, extrair aquele ferrão com o auxílio de instrumentos caseiros. Não o conseguindo, marcou a manhã seguinte para levá-la a um hospital, onde, anestesiada, faria a ligeira intervenção.

Aconteceu, porém o inesperado.

Quando, nessa mesma noite e pela primeira vez, assistia a algumas operações astrais efectuadas pelo médium sr. José Herman, na Tenda Espirita Tupiara, na Rua Luís Barbosa, no Rio, fui informado por uma «entidade», que se identi-

# A VOLTA DE HAENDEL

Pelo Comandante Charles M. Cree

Cockington Hall é um antigo e vasto edifício de tijolo vermelho, situado num parque que o rodeia, no limiar da pequena vila de Cockington, em Cheshire.

Cockington Hall é digno de ser visto. A entrada faz-se por um pórtico estreito e sem grandeza e por um corredor ínvio que, num ângulo abrupto, termina no verdadeiro salão — onde um órgão suspenso domina o ambiente. Alguém, num passado obscuro e distante, ordenou que este solar fosse construído entre duas árvores rugosas, erectas como parte integrante da casa.

Quando, pela primeira vez, visitei Cockington Hall, a filha do casal falou-me da história deste órgão, dizendo que o famoso compositor G. Frederick Haendel havia ali permanecido sendo voz corrente ter composto parte do célebre «Messias» no histórico instrumento, onde, antes e depois da primeira Grande Guerra, o eminente organista Rouget gostava de tocar música clássica. E foi com este que se passou o que vamos relatar.

Uma noite de inverno estava ele só em casa e decidiu distrair-se, praticando ao órgão música religiosa. O instrumento já nessa altura havia sido adaptado à electricidade e, subindo ao estrado, carregou no pedal e os dedos erraram sobre chaves e paragens.

Tocou primeiro a «Marcha Nupcial» de Mendelssohn, após alguns trabalhos de Wagner e a encantadora «Lulleby», de Brahms. Depois duma pausa atacou o «Messias» de Haendel — concentrando-se tanto, que se sentiu inspirado na interpretação.

A música religiosa sempre soara melhor a Rouget, quando tocava sob luz velada e por isso trouxera consigo duas velas dos candelabros. De repente as velas começaram como que a derreter-se. Alguém devia ter aberto a porta, estabelecendo uma corrente de ar — pensou o músico, ao mesmo tempo que sentia a atmosfera mais fria. E voltou-se para ver se alguém entrara no vestíbulo.

Sentada num recanto, uma figura permanecia silenciosa e Rouget olhou-a atentamente, já sem dúvidas para identificar o visitante, morto e sepultado 150 anos antes e, sem embargo, ali, no estrado de Cockington Hall!

Rouget voltou para o órgão. As velas ardiam agora com luz firme e, prementemente, tocou a partitura inteira do «Messias». Depois, cansado mas feliz, voltou-se para o recanto. O visitante continuava lá sentado, não indistinto, mas, aparentemente, em corpo inteiro, com a face brilhante de prazer. Rouget perguntava a si mesmo se sonhava ou estava alucinado e beliscou-se até que uma ideia lhe veio à mente. Voltou ao órgão e começou a tocar «Sansão», errando deliberadamente um passo importante. Ao olhar para as feições tão conhecidas do grande compositor notou-lhe um ar de desgosto. As velas começaram a derreter-se e quando olhou de novo encontrou-se só, junto ao órgão.

Acendendo a luz eléctrica desceu ao rés-do-chão preso das mais contraditórias emoções.

E durante dias e dias ficou preocupado com a ocorrência. Não podia ter acontecido — era uma miragem — e, no entanto, acontecera! E se acontecera uma vez podia ocorrer outra. E decidiu o que teria de fazer.

Uns dias mais tarde voltou a subir ao órgão com as duas velas e, carregando no pedal, começou a tocar as obras primas de vários compositores e mais duma vez olhou para o recanto onde Haendel se sentara. Mas via-se sempre só.

O momento da prova chegara — e atacou o «Messias» sem deixar de olhar uma só vez para as chaves e paragens, até que a obra inteira foi tocada, sentindo em si a mesma inspiração anterior. As velas derretiam-se, sem que elelhes prestasse atenção, até que, finalmente, as últimas notas soaram no silêncio do ambiente. Olhou então: Sentado no mesmo sítio lá estava a inconfundível figura de Haendel, com a mesma suprema aparência de benevolência e felicidade.

M. Rouget voltou a tocar órgão muitas vezes em Cockington Hall, mas a música de outros compositores parecia não interessar Haendel. Todavia, sonho ou realidade, sempre que o «Messias» era tocado divisava a figura do grande músico sentada e sorrindo no seu habitual recanto.

**(De «Fate» de Novembro de 1958)**

Nota do tradutor — *São bem conhecidas as circunstâncias em que Haendel compôs o «Messias»; Circunstâncias tão dramáticas, que só uma inspiração metafísica — a intervenção duma força sensorial extraterrena—pode justificar a sua ideação. Para o leitor curioso recomendamos a reportagem póstuma publicada num dos números do «Reader's Digest».*

---

fica com o nome de André Luís, que o ferrão permanecia na polpa da mão, acrescentando: «Hoje, às vinte e três horas e meia, Bezerra de Menezes e Pedro Ernesto irão extraí-lo. Coloque a mão da netinha na sua e, no instante exacto, verá uma luz reflectindo sobre ela».

Vinte e três horas e meia! A Mónica estremece toda!...

Não vimos, em toda a escuridão, nenhuma luz azul ... Mas o ferrão da vespa havia desaparecido!

Acredito, sim, no Espiritismo!

**(De «O SEMANÁRIO», do Rio de Janeiro, n.º 130, 9/16 de Outubro de 1958).**

# As maiores histórias psíquicas do mundo

por W. F. NEECH

## 6) *Yeats — o poeta inspirado pelo Além e Prémio Nobel*

Se muitos conhecem, muitos desconhecem que W. B. Yeats, um dos maiores poetas do século 20, era espiritista convicto que na terra sempre esteve em contacto com o movimento espiritualista. E sabe-se que alguns dos seus mais belos poemas, como ele próprio confessa, foram inspirados pela mediunidade de sua esposa e da médium de escrita automática Hester Dowden.

O seu interesse pelos assuntos psíquicos começou justamente em 1887, quando ouviu ruídos e pancadas numa casa assombrada. Desde essa data apaixonou-se por estes estudos e assim se conservou toda a vida, só a poesia rivalizando com este absorvente interesse na mente do grande artista. E assim o vemos em 1880 tomando parte em sessões e escrevendo, naturalmente, acerca do que se passava nelas. Seis meses depois, ao dirigir-se à novelista Katherine Tynan, Yeats referia-se desta maneira a Londres, cidade que odiava:

— Imagino algumas vezes que as almas perdidas são forçadas a passear perpètuamente nas ruas, porque as sentimos roçar-nos como que num sopro de brisa.

**Yeats, o maior poeta vivo da Grã-Bretanha**

### PROVAS DE CLARIVIDÊNCIA

Isto, òbviamente, é uma pura fantasia de poeta. Mas, na mesma carta, Yeats, decerto o vate laureado do Espiritismo, menciona uma visita a certa clarividente que lhe disse muitas coisas que ele nunca tinha conseguido ouvir. Mais tarde, ao escrever-lhe de novo, afirmava: «Vou-lhe contar uma história de espiritismo». E relata-lhe como certa amiga de Anna Kingsford se dirigiu ao túmulo desta pouco depois da morte e rogou à notável teósofa e mística que lhe patenteasse, por qualquer indício, que se encontrava bem. Mas sinal algum lhe foi dado perceber.

Mais tarde a amiga recebeu uma carta e imediatamente reconheceu a letra de Kingsford, lendo o que esta lhe dizia: «Você está perdendo as suas faculdades e nem sequer pode ouvir a minha voz. E eu não lhe posso falar pelos médiuns».

A carta era enviada por uma rapariga escocesa que se sentiu impelida a escrever-lhe sob a influência de qualquer força sobrenatural.

Uma das mais fascinantes correspondências da literatura inglesa foi a trocada entre Æ (George Russel), o sublime místico e poeta irlandês e Yeats, correspondência na maioria referente a assuntos psíquicos, reencarnação e outros problemas do oculto.

### VISÃO DA VIDA PASSADA

Certa vez Æ escreveu-lhe para comunicar que presenciara uma visão referente à vida passada de alguém de que ambos eram amigos, ao que Yeats respondeu que um médium lha confirmara. E referindo-se às suas próprias faculdades psíquicas, o poeta escreve em 1892:

— As minhas possibilidades pessoais no ocultismo há muito que me têm comunicado numerosos factos curiosos e futuros e, como a maioria provou ser verdade, espero que os que se seguirem o sejam igualmente.

O seu interesse pela magia e o misticismo celta tornou-se mais profundo no final do século. Depois de cenas violentas com elementos dissidentes, tais como Aleister Crowley, Yeats tornou-se o chefe, durante certo tempo, do ramo londrino da «Alvorada Doirada» uma sociedade de ocultismo. As coisas azedaram-se e Yeats anunciou secamente que Crowley se entretivera a fazer imagens de cera dele próprio, espetando-lhe alfinetes, o que, na literatura inglesa, não teve funestas consequências.

Mas, na verdade, o interesse activo de Yeats pelo Espiritismo só pròpriamente atingiu um

matiz mais profundo em 1917, depois dum período de grande desventura.

Tendo casado no Outono desse ano — já contando mais de 50 anos de idade — não conseguiu alcançar a felicidade. Mas a esposa, após a lua de mel, lutando desesperadamente por qualquer coisa que o distraísse dos seus sombrios pensamentos, tentou a escrita automática e brilhantemente a conseguiu.

## A EVIDÊNCIA

As mensagens que lhe chegavam através da esposa excitaram-no enormemente e, sob o seu impulso, o maior poeta vivo da Grã-Bretanha começou a construir um sistema de filosofia mística que, segundo afirma Alan Wade, o editor das cartas do poeta, «iria ocupar o seu espírito, quase contìnuamente, por muitos anos e tornar-se o fundamento de muito da sua poética». Eis um raro e maravilhoso exemplo, sem paralelo, desde Blake, de um dos maiores poetas do mundo ser inspirado, nalguns dos seus melhores trabalhos, pela mediunidade.

Nas suas cartas pormenoriza a sessão em que a evidência lhe surgiu insofismável e, em muitas outras, conta a Lady Gregory algumas das notáveis provas de sobrevivência que recebera. Numa outra, dirigida a seu pai, J. B. Yeats, participa-lhe que encontrara uma rapariga que «conseguia uma escrita automática do tipo mais admirável».

«A rapariga — afirma então — só conhecia Inglês e um pouco de Francês; mas, no transe mediúnico, escrevia grego, latim, italiano, chinês, provençal, hebreu e outros idiomas, respondendo a muitas perguntas em Grego».

E Yeats, entusiasmado, acrescenta: «O caso não pode ser divulgado mas estou procedendo a exame cuidadoso com o auxílio dos peritos linguísticos do Museu Britânico e a escrever um relatório que possa ser publicado. Muitos espíritos têm escrito pela sua mão e fornecido nomes e datas dos falecimentos, etc., e tenho verificado as suas afirmações, ainda que nalguns só após longas pesquisas».

Serão estas as palavras entusiásticas dum visionário, sem qualidades para atingir a evidência psíquica? Claro que não, se examinarmos os factos.

Yeats declara-nos que conhecia todas as teorias racionalistas — fraude, fraude inconsciente, acção inconsciente dos espíritos, memórias esquecidas, etc., — mas depois da sua longa análise conclui «que nenhum desses casos é aplicável a este». Além disso, só muito difìcilmente poderia ser acusado de crédulo e até possuía o certificado dum médium americano, um «atestado de prudência», em que se dizia que o poeta nunca estava satisfeito».

Yeats era agora uma figura mundial. Em 1922 foi convidado para membro do Senado irlandês e em Novembro de 1923, como suprema homenagem à sua grandeza, foi-lhe conferido o Prémio Nobel.

Seis anos mais tarde, depois de ter estado às portas da morte com febre de Malta, escreveu «Palavras Através Dos Vidros», a sua peça sobre o Espiritismo. Depois seguiram-se sessões com Helena Duncan e numa delas Yeats recorda que o guia da jovem médium afirmou ter visto Hannen Swaffer — que também estava presente — de pé e em pijama, lavando a cara com um guardanapo mergulhado na água dum copo, o que este não negou.

## O MÉDIUM DÁ O ENREDO

Geraldine Cummins, médium de escrita automática, no seu livro «O Espírito na Vida e na Morte» descreve-nos uma sessão na casa de Hester Dowden, em Dublin, na qual Yeats era o hóspede de honra. *Astor*, o guia de Geraldine Cummins, foi o primeiro comunicante e fez a descrição dum velho castelo que Yeats acabava de comprar, dizendo que o domínio estava assombrado e o facto era devido a uma longa e romântica história de amor. Depois duma pausa, Hester Dowden perguntou a Yeats se queria deixar prosseguir a narrativa, ao que ele respondeu que sim, porque certamente seria o enredo do seu próprio trabalho.

Era bem natural que Yeats frequentasse muitas vezes as sessões da senhora Dowden, visto que se conheciam desde a infância, pois o Professor Edward Dowden, seu pai e famoso shakesperiano, era amigo do seu progenitor. Também, quando Geraldine Cummins se encontrou com o grande poeta, já ele estava absorvido pelo Espiritismo, como no-lo diz:

«Os seus pontos de vista originais e penetrantes fundamentados numa exaustiva investigação no campo espiritualista — diz ela —, sempre me trouxeram raro encanto nos momentos em que me encontrava no círculo dos privilegiados que escutavam as suas eloquentes dissertações. Ouvi-o muitas vezes falar dos «espíritos que sonham no passado», de tal forma exteriorizando as suas mais belas lembranças, que o que os cercava era tão real como o que cerca os mortais, revivendo por vezes momentos apaixonados das suas vidas na terra. O poeta falava com impressionante sagacidade e os seus reparos e apartes no campo da investigação eram por vezes irónicos e divertidos. Uma noite informou os ouvintes que Monsenhor B visitara certa casa da província com o fim de esconjurar os seus fantasmas, armado duma cruz e dum revólver! Noutra ocasião lembro-me de ele ter falado das suas investigações, com outros amigos em Londres e de ter sintetizado os seus comentários desta forma:

— Todos nós diferíamos dos curiosos vulgares e por isso a nossa crença é que a verdade pode não ser descoberta, mas ser revelada e que, se o homem não perder a fé, através de certas preparações, encontrará a revelação no momento próprio».

## O LIVRO REVELADOR

«Tais palavras, vindas do maior poeta do nosso tempo — continua Geraldine Cummins — eram para mim de grande valor e significado, como para todos os espíritos sensíveis que desejam desenvolver as suas faculdades psíquicas.

«Um dia pronunciou a mais comovente e bela conferência que jamais ouvi, no Abbey Theatre de Dublin. Gostava de discutir as provas que lhe eram fornecidas nas sessões e uma vez em que se encontrou com a minha amiga Beatrice Gibbes falou-lhe dum livro de provas que ele anotara depois de o receber através da senhora Blanche Cooper no *British College of Psychic Science*. A minha amiga Miss Gibbes escreveu a este pro-

# UMA CIDADE UNIVERSITÁRIA

*Já sabem que há no Brasil uma cidade espirita onde os médiuns trabalham livremente, onde não há consultórios, nem polícia, onde a fraternidade se exerce sem acepção de pessoas. É Palmelo e já lhe fizemos algumas vezes referências honrosas, a propósito de inovações no movimento espirita brasileiro.*

*O ano passado* Two Worlds *deu uma notícia auspiciosa, segundo a qual no Brasil há milhão e meio de espiritistas, que levantarão a primeira cidade universitária no planalto de Goiás, onde se está a construir Brasília. Será Jesualda.*

*Particularidade interessante: Quem lá quiser viver terá que ser vegetariano e não se permitirão bebidas alcoólicas no município.*

*Ao centro ficarão os edifícios da Universidade, aos quais afluirão nove grandes avenidas, à semelhança de Belo Hirizonte, capital mineira, uma das mais lindas urbes do mundo.*

*A Universidade terá uma faculdade de Espiritismo, além de faculdades de letras, direito, medicina, farmácia, engenharia, odontologia, destinadas a cultura moderna.*

*As avenidas principais terão nomes de mestres universais, como Jesus, Moisés, Buda, Krishnamurti, Annie Besant, etc.*

*Há tempos a Sociedade Eclética Espirita Universal do Rio de Janeiro trasladou-se àquele planalto com todos os seus componentes e cremos que está na base desta cidade universitária.*

*Que sejam felizes no empreendimento. Que novas cidades surjam no horizonte espirita brasileiro.*

pósito: — Yeats disse-me que cotejara o livro no Museu Britânico e que pensava que a inteligência invisível que outrora ocupara um corpo físico podia consultar documentos reais e transmiti-los através do médium, como provou.

### O SUICÍDIO DO MANCEBO

«Yeats disse que, na sua opinião, era essa a única explicação para o livro que a senhora Cooper lhe entregara, porque seria impossível que aquela obtivesse as referências apontadas.

Uma vez o poeta deu uma sessão no lar irlandês de Oliver St. J. Gogarty, em que sua esposa era médium. Nessa sessão apareceu um rapaz que se suicidara e que também se manifestou num médium que se encontrava noutro local da casa. Como Yeats conciliou as suas crenças espiritas com a especulação literária e intelectual di-lo ele nas seguintees palavras de uma carta dirigida a Olivia Shakespeare: — «(James) Joyce e D. H. Lawrence ... quase restauraram para nós a simplicidade oriental, nunca romantizando os seus textos com palavras, como «fogo essencial», «escuridão», etc., e Joyce nunca se afasta do sentido católico do pecado, do qual Rabelais perece escapar pela sua vasta energia. E, no entanto, porque não seguimos Swedenborg literalmente e pensamos que atingimos, em contacto parcial, aquilo que os espiritas sabem por si próprios? Em certo passo o filósofo descreve-nos o encontro de dois espíritos que, ao tocarem-se, se transformaram numa comunhão. As suas visões podem ser verdadeiras. As de Newton, não».

### O FANTASMA QUE NÃO SE MOVIA

Quando Æ morreu, em 1935, Yeats escreveu à poetisa Dorothy Wellesley:

— «Tudo vai bem com Æ. O seu fantasma não se moverá, porque não tinha relações humanas e apaixonadas que o chamassem para trás. Minha mulher disse-me uma destas noites: «Æ era a pessoa mais próxima dum santo. Tu és melhor poeta, mas não és santo». Suponho que cada um tem de escolher na vida o seu caminho».

Yeats escolheu o caminho da poesia e tornou-se, na verdade, um dos poucos e indisputados poetas do século, um dos maiores do mundo. Mas a verdade manda dizer que o Espiritismo e a sua fonte inexaurível de certezas metafísicas concorreu em larga escala para a harmonia e profundidade do seu estro poético.

Yeats previu a morte ao escrever em 1939 a Lady Elizabeth Pelham: «Tenho a certeza que a minha vez não tardará».

O seu corpo físico repousa na igreja de Drumcliffe, Sligo, Irlanda. Mas William Butter Yeats está, de facto, na imortalidade, ao lado de Shakespeare e Blake, Burns e Shelley, com Wordsworth, Dante e Milton. Dele permanecem os seus estranhos e admiráveis poemas e livros e o seu túmulo, em que pediu fossem inscritas estas simbólicas palavras:

*Cavaleiro que passas,*
*Lança um olhar frio*
*Sobre a vida e sobre a morte!*

**(De «Two Worlds» de 10-1-59)**

# Mistérios da Magia

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

III

A Magia possui ritual que pode ser considerado como fazendo parte duma igreja universal. Através dos quatro pontos cardiais encontram-se o mesmo simbolismo e as mesmas práticas; e nos povos primitivos idênticas danças, com pequenas variantes. A dança é um rito mágico e tudo nela se confina para entrar em contacto com os habitantes benéficos ou maléficos do Mundo Invisível.

O feiticeiro faz a sua aprendizagem para saber relacionar-se com as forças desse mundo. Aprende a química oculta, o valor dos produtos, das árvores, do sal, dos metais e de tantas outras matérias; confecciona bonecos, utiliza ossos e pelos de animais, unhas, sangue e cabelos, elementos estes que contêm fluido vital. Entre outros, Pierre Fontaine apresentou o testemunho dum sacerdote católico, o padre Trilles que viveu entre os indígenas da África Equatorial Francesa e que presenciou factos que provam o grande poder da Magia!

Conta esse sacerdote que os feiticeiros usam muito os feitiços ou manipansos sobre os quais trabalham como se fosse o corpo da pessoa que pretendem atingir pela bruxaria. Principalmente os cabelos merecem-lhes grande apreço, pois são considerados como «elementos orgânicos», e cuidadosamente guardados. Os povos de cor evitam sempre que os seus cabelos caiam em poder dos inimigos, sabendo que um só cabelo nas mãos dum feiticeiro pode causar doenças e até a morte!

Não nos surpreende tal procedimento, conhecedores dos métodos que a radiestesia utiliza.

Eu própria tive, infelizmente, essa prova, por uma pequena madeixa que me cortaram e que serviu para fins maléficos que quase me levaram ao suicídio.

Quanto aos feitiços, esses bonecos fabricados pelos pretos e que muitas pessoas conservam pela originalidade que apresentam e até por superstição, considerando-os como mascotes, são, em geral, objectos perigosos que serviram de elementos transmissores e condensadores de forças maléficas!

Tive ocasião de verificar a nefasta influência de um desses bonecos em casa duma família das minhas relações no Norte de África. As desgraças sucediam-se: doenças, mortes de parentes, etc., até que uma senegalesa avisou a dona da casa de que o feitiço que ornava a sala era o imã que fazia desencadear tantos desgostos. Com muito custo o boneco foi lançado ao mar. Como por encanto cessou a série de revezes que durante um ano perseguiu aquela família — desde que o manipanso ali entrara!

Caso idêntico foi narrado pelo padre Trilles e passado com uma família parisiense, composta de pai, mãe e cinco filhos. Durante quatro anos a desgraça flagelou aquele lar. Doenças graves, a morte de um dos filhos em consequência de queda grave numa escada; uma filhinha internada em sanatório; a mãe partiu um braço e, finalmente, o pai, hábil engenheiro, perdeu o emprego, não conseguindo encontrar outro. Para socorrer a mãe, uma vizinha chamou o médico mais próximo, um antigo clínico colonial. Cuidada a doente, foi informado da série de desgraças que afligiam aquela família, pela qual passou logo a interessar-se. Logo os seus olhos se fixaram num feitiço negro. Perguntou a proveniência e informaram-no que fora mandado por um parente, então no Dahomé. Observou atentamente esse e outros objectos da mesma região, e pediu que lhe deixassem levar o feitiço. Após minuciosa observação verificou que os olhos do boneco não eram de vidro, como pareciam, mas de um pássaro nocturno e que teriam sido manufacturados para cenas de magia. Aconselhou os donos do feitiço a destruí-lo, o que de início não aceitaram, pois tratava-se de recordação de pessoa que muito estimavam; mas o médico conseguiu convencê-los. Pouco depois da destruição do manipanso o chefe da infortunada família empregou-se e a fatalidade deixou de pairar naquela casa.

Outros casos do mesmo género ainda poderia citar.

Acerca das doenças também pessoalmente me recordo de um caso ao qual nessa época não dei a mínima atenção por ser muito nova e desconhecer o que depois aprendi.

Meu pai tinha ao seu serviço um árabe, Ali, que, sentindo-se doente, pediu algumas semanas de descanço. Meu pai convenceu-o a consultar um médico, o que Ali fez, tendo-lhe sido diagnosticado um começo de tuberculose. A mulher de Ali não se conformou com as indicações do esculápio e convenceu o marido a consultar determinado feiticeiro reputado pelas suas curas. E lá foram um dia para Sidi Abdherraman.

O mago afirmou que a doença de Ali caminhava para uma tuberculose que o médico francês não curaria, porque tinha sido provocada por um envenenamento à base de cobre, feito por processos de feitiçaria. Ali seguiu os conselhos do feiticeiro-curandeiro, e um mês depois considerava-se curado, o que todos verificaram.

★

Nomes marcantes nas modernas ciências psíquicas como Fulcanelli, Volguine, Jean Brun, Armand Barrault, R. L. Charpentier, etc., também foram beber nas fontes da antiguidade os ensinamentos que hoje lançam à luz do dia para os estudantes dos vários ramos do Neo-espiritualismo.

Um velho mestre francês, o Dr. Encausse, ocultista mais conhecido pelo pseudónimo de *Papus*, afirmava que « a Magia é a aplicação da força humana dinamizada à evolução rápida das forças da Natureza. É deste duplo jogo da vida sobre as forças psíquicas e físicas —afirmava ele— que resulta toda a acção sobre as plantas, os animais e todas as coisas da Natureza, cujo auxílio o homem conta para assegurar o poder da sua vontade».

É conhecida a Vontade dos faquires que, com o seu poder, conseguem agir sobre a vontade alheia, levando os indivíduos a obedecer passivamente ao que eles ordenem e sobre as plantas

que conseguem **fazer crescer e** dar frutos em pouco tempo.

São, portanto, as falanges do Baixo Astral manejadas pela poderosa vontade dos perigosos feiticeiros, que operam em casos surpreendentes e que, por vezes, nos enchem de horror.

Os malefícios ou filtros de amor e ódio são frequentemente empregados revelando uma sábia terapêutica, quase sempre baseada em plantas. Deste modo se realizam os mais estranhos casamentos e se desfazem as uniões mais amorosas e sentimentais, se arruinam famílias, se constroem e destroem lares, segundo a vontade dos feiticeiros.

Como procedem os elementos do Invisível Inferior a quem eles recorrem?

Actuando nos *chakras* ou centros de força que compõem a estrutura psico-somática do homem. Os *chakras* encontram-se colocados na superfície do nosso perespírito ou corpo astral, ou duplo etérico, como lhe chamam os teósofos, e estão situados à distância de 6 mm do corpo físico. São sete os *chakras* que envolvem o corpo humano, que assim está como metido numa finíssima rede e, portanto, fácil se torna aos habitantes maléficos do Mundo Invisível trabalhar nessa rede com o fim de prejudicar os indivíduos que lhe indicaram. Os *chakras* ou rodas são minúsculos círculos côncavos que giram incessantemente, tendo por primeira função receber e distribuir pelo corpo a energia vital que absorvem do Espaço; a segunda função é levar a cada órgão a quantidade de energia suficiente para a vida e boa harmonia do corpo físico.

Temos pois: o *chakra-raiz*, situado na base da coluna vertebral; o *chakra* do baço; o *chakra* umbilical; do coração; da garganta; da fronte situado entre as sobrancelhas, e o *chakra* do alto da cabeça. Há ainda o *chakra* dos órgãos sagrados e inferiores.

As obesessões provêm precisamente da acção nefasta que as entidades do Baixo Astral exercem no indivíduo, actuando no *chakra* da cabeça, inculcando-lhe uma vontade estranha, levando o obsidiado a obedecer-lhe passivamente. Por vezes comete acções absolutamente contrárias ao seu carácter, surpreendendo todos quantos o conhecem, pela sua incoerente atitude. Quantos crimes têm sido cometidos impulsionados pelos obsessores e quantos infelizes perderam a razão e terminaram os seus dias num manicómio! ...

Pela mesma acção, sobre os *chakras* se realizam curas, chamadas muitas vezes miraculosas!

O *processus* é o mesmo: em vez de descontrolar os *chakras*, para causar doenças, ao contrário, normalizam-se os plexos, que voltam a funcionar devidamente, dando aos órgãos afectados, pelo desvio das correntes fornecedoras da energia vital, o equilíbrio indispensável pela normalização da mesma vitalidade.

Os feiticeiros da África, da Austrália e da América consideram-se médicos e por isso aconselham resistência às práticas da nossa medicina.

Tudo quanto acabo de narrar tem à primeira vista o aspecto dum absurdo; mas após uns momentos de reflexão reconhecer-se-á que todas essas práticas, cuja técnica desconhecemos, assentam em bases fisiológicas, magnéticas e psico-fisiológicas.

Em oposição ao mago negro existe o mago branco que utiliza as mesmas forças com finalidade altruista. Para esse efeito emprega a homeopatia para libertar o corpo astral das substâncias fluídicas nocivas e elementos vitalizantes e combina a acção magnética para dominar as forças nefastas.

Esta terapêutica repudiada oficialmente encerra aliciantes e benéficas verdades.

A medicina natural destina-se ao tratamento do corpo físico, mas torna-se indispensável a aplicação dos princípios psíquicos, mesmo em casos físicos, como tanta vez temos verificado.

Em todos os tempos os iniciados praticaram curas famosas devido aos seus grandes conhecimentos da ciência hermética.

Creio da máxima utilidade que tanto os cientistas como os neo-espiritualistas dirijam a sua atenção para o estudo da magia negra, que tantas vítimas causa em todo o mundo, a fim de saberem a maneira de a combater. É certo que para esse efeito será necessário desvendar segredos cuja origem se perde na noite dos tempos, mas na era atómica é inadmissível que a magia negra continue impunemente a exercer a sua acção nefasta.

Que a luz do Progresso faça recuar as forças negras, são os meus mais ardentes votos.

# NADA ALÉM...

Por AMADEU SANTOS

«Ne sutor ultra crepidam» — Apeles

**Ninguém deve passar daquilo que é capaz**
**O seu mesmo talento; aquele que se excede...**
**E as consequências más não examina e mede**
**E tudo compromete e de todos desfaz;**

**O que tão só critica e nisso se compraz**
**E que a incerteza espalha e ainda a mais se atreve...**
**Inclusive opinando em prol do que não deve...**
**Oh insensato que é, que a própria ruína faz!**

**Amargo desengano encontrará, por certo,**
**Depois de palmilhar o tórrido deserto**
**Duma vida em falência... e em cáos profundo...**

**Ninguém deve ir além do pouco que conhece,**
**Pois a modéstia é luz, que o ser mais frio aquece...**
**E a insensatez é treva a enregelar o mundo!...**

# APARIÇÃO DE UM VIVO

**por CHARLES RICHET**

*(Crítica ao livro «Quand le Navire...», de Jules Romains)*

Eis um romance que se pode apelidar de metapsíquico. Merece, portanto, ser conhecido dos leitores. O autor, escritor sigularmente original e de grande talento, expõe nele um dos fenómenos mais raros de toda a nossa ciência, um fantasma de vivo, quer dizer, uma alucinação verídica provocada e objectivada.

Por mais raros que elas sejam, estas alucinações provocadas, objectivadas e, portanto, experimentais foram já verificadas algumas vezes em condições indubitáveis. Além disso, este belo fenómeno liga-se estreitamente às viagens, tal como há 70 anos os magnetizadores as obrigavam a fazer aos seus passivos lúcidos, para lhes permitir ver nesse decurso os factos e os gestos de certas personagens em momentos determinados e em lugares desconhecidos, no estado de vigília e exactamente descritos pelos sonâmbulos.

Eis em duas palavras o passivo do romance. Luciana, uma jovem senhora recentemente casada, apaixonadamente e sensualmente enamorada de Pedro, seu marido, tem de o deixar ausentar, porque é comissário a bordo dum grande navio que acaba de partir. Mas ela resigna-se mal à separação e pensa de tal forma no seu Pedro, que se exterioriza e vai ao barco visitá-lo em corpo astral. Tudo isto é muito bem contado, mas parece-me que a realidade, quando os percipientes nos dão o relato circunstanciado de certos factos reais e exactos, mais interessa que a ficção, apesar do prestigioso talento de Jules Romains.

Portanto, não é para esta alucinação provocada, para esta exteriorização do corpo astral, para esta viagem de Luciana que chamamos resolutamente a atenção dos leitores; é para uma observação muito profunda de Jules Romains.

Convém insistir, porque se não reflectiu suficientemente nisso ainda e eu vejo uma alta compreensão nas reflexões de Jules Romains a este respeito.

Na vida de Luciana e de Pedro surgiu um fenómeno estranho, prodigioso, que contradiz todos os seus conhecimentos habituais, que está em oposição formal com a sua vida diária, ou seja um verdadeiro milagre. Parece, pois, que deveriam modificar as suas concepções do universo, depois desta prova emocionante do sobrenatural. Muito bem! O vaivém da sua vida prossegue. Eles não falam nisso, como se tivessem medo da realidade. Vivem como viveram. Pedro continua no seu emprego de comissário; Luciana toca piano.

É verdade que, às vezes, Pedro fica surpreendido com a própria indiferença e faz observações espantosas de profundidade.

— Se eu creio que um facto como este é verdadeiro e possível, — escreve ele — há milhares e milhares doutros acontecimentos que são verdadeiros e possíveis e que formam um mundo imenso. Não sou tão estúpido para imaginar que se pode relegá-lo para o fim do mundo, como um continente antártico. Talvez que os objectos e as pessoas que me rodeiam e como eu as apresentei até aqui, com o apoio de senso comum e da ciência, fornem apenas uma superfície, uma espécie de decoração bem condicionada!

Além disso, ele faz uma comparação engenhosa.

«Um indivíduo qualquer diz: «Vou ressuscitar-vos um morto, um dos vossos, qualquer pessoa do bairro que vós quiserdes», e, com efeito, ressuscita-o. O morto aparece. O homem diz ao morto que se assente um instante... para tomar fôlego, depois de se levantar e de falar um pouco, de se lembrar das pessoas que o conheceram... Vejo muito bem as cabeças da multidão, os olhos às vezes alegres, inquietos, infelizes, um trejeito nos lábios, a crença de ser pessoa lograda ou mais ainda o incomodo de ser testemunha e a vontade de se esconder. E muitos, com efeito, vão-se como pessoas que não têm tempo a perder. Contentam-se em dizer, sorrindo e sem se fundamentarem: «É engraçado». Cem passos andados, talvez se detenham numa vitrina de sapataria ou num anúncio eleitoral...».

Esta indiferença, esta apatia, esta inércia diante do mistério tem qualquer coisa de espantoso. Portanto pode-se explicar.

Os acontecimentos desta espécie são autênticas verdades. São verdadeiros, mas extremamente inabituais. Logo, não se pode exigir do vulgo que se conduza em harmonia com os factos inabituais. Pedro viu o fantasma da esposa no camarote do navio e, pelas notas que Luciana escreveu, sabe que, no mesmo dia e à mesma hora, visitou em corpo astral o camarote.

Fenómeno estranho, maravilhoso, misterioso, incompreensível que abre horizontes inatingidos, porque esta alucinação foi verídica. Luciana sentou-se na cama, onde a forma do seu corpo permaneceu. Sim, senhor! não há dúvida. Luciana exteriorizou-se.

Em que é que este fenómeno inabitual, estranho e singular deve mudar o comportamento de Pedro? Ele continuará a fazer a sua escrita de comissário, irá jantar ao toque da sineta, acenderá um cigarro e conversará com os amigos, porque, apesar de tudo, compreende que o fenómeno não lhe transformará as paredes do camarote, a ementa do jantar e o baloiçar do navio. A aparição de Luciana é um caso fora da vida habitual. É necessário não perder a calma nem deixar-se levar por um vapor, por mais autêntico que seja.

Se eu pudesse citar o meu exemplo pessoal! E creio bem que grande número de amigos meus estão neste caso. Tenho assistido a fenómenos estranhos, a premonições extraordinárias, a telecinesias que me surpreendem. Durante vinte e nove semanas segurei a mão de um fantasma. Tive vinte vezes a prova evidente da existência de um sexto sentido. E entretanto continuei a levar a vida habitual, a escrever cartas, a jogar o bridge, a ler jornais, a abraçar os filhos, a dar o meu curso de fisiologia, a corrigir provas, como se os milagres não tivessem entrado na minha vida.

Verdadeiramente pode-se pedir aos infelizes presos a um mundo

material restrito, que anotem estas anomalias incompreensveis e que não continuem a viver exclusivamente o mundo material que os limita, porque os fenómenos metapsíquicos são de uma raridade que os elimina da nossa vida normal, das nossas convenções, na bela expressão simbólica de Jules Romains.

E entretanto ...se os homens vulgares têm o direito de se conduzir assim e dizer, abanando a cabeça: «É muito engraçado!» e seguir o seu caminho, os sábios têm outra missão diferente. Está bem que continuem a calçar pantufas, a fumar cachimbo e a assoprar o café com leite, se estiver quente, mas ao menos que façam algum esforço mental, visto que há fenómenos terrificantes, extraordinários, que nos revelam um mundo totalmente desconhecido e mais vasto do que julgamos e que não adormeçam na quietude estúpida de Chrysale. Que a panela esteja muito salgada e a carne queimada é assunto de Martine, mas Chrysale deve ir mais alto e mais longe.

Deixemos Chrysale! Ele detesta os sábios e é bastante estúpido para não compreender. Mas, felizmente, há homens que têm a relegião da ciência, quer dizer, da verdade. Não se deixam arrastar pela verdade de hoje, visto que a verdade de hoje é muito diferente da verdade de amanhã. Portanto, não teriam desculpa, quando Crookes, Lodge, Flammarion, lhes apresentassem factos deslumbrantes, estranhos, que tranquilizassem as pessoas em questão, como diz J. Romains, exclamando: «É muito engraçado!». Mas isto não impede a combustão do fósforo com o oxigénio. Não pensemos mais nisto. É muito fatigante. Voltemos aos nossos galvanómetros, aos microscópios, às nossas balanças.

Eu não posso partilhar este espírito de renúncia. Visto que tais fenómenos misteriosos existem, espero com fervor que a ciência lhes dê explicação e eu julgar-me-ia cientìficamente desacreditado, se não a procurasse com todas as forças do meu intelecto.

Em todo o caso, sem alterar a vida diária —o que seria loucura— altero a minha concepção do mundo. É um cenário, atrás do qual se escondem forças imensas e desconhecidas. E se as negarmos, é por miserável indolência de espírito.

**(De «Spiritualisme Moderne», de Liège, traduziu C. A.)**

# HORIZONTE

*Ao cabo de esforços concatenados em que revivemos mil episódios a ladeira torna-se menos íngreme e a paisagem mais acolhedora. Há perspectivas deslumbrantes de cores não sonhadas na Terra. Há sede e a alma dessedenta-se. Há calor e movimento, bulício e ruído semelhante ao vosso, face à relatividade em que vivemos. O horizonte alarga-se. Aqui se alteia, além se espraia, em ondulações que deleitam ou em planuras que cegam. Mas os altos e os baixos, a linha curva e a linha recta apresentam aspectos diferentes apreensíveis por sentidos desdobrados, cujos elementos constitutivos ultrapassam o que podeis imaginar. A captação do infinito depende da luneta astronómica. Quanto mais poderosa for, maior porção se aproximará do observador, que ficará extasiado e deslumbrado ante a grandeza do Universo.*

*O horizonte é função dos sentidos. O que vemos e ouvimos depende dos órgãos, pois tudo será diferente com órgãos diferentes. O que existe é uno desde o princípio. Os órgãos é que divergem, oferecendo-nos paisagens variadas. A ilusão dos olhos é igual à ilusão dos ouvidos. O meio é que fornece elementos de apreciação e conclusão. E assim podemos dizer: segundo tal prisma o efeito é este. Mas a realidade está para lá ou para cá e o que vimos foi imagem deformada. A posição e a condição dos seres limitam a verdade do que se vê.*

*Há entidades cujo raio de acção é a nossa imensidade. Estamos para eles, como o infusório para o homem. Que horizonte será o dessas almas que nos parecem privilegiadas? Como observarão a vida em que se infundem? Não podem fugir à relatividade universal. O que as rodeia é o que nos rodeia. Já sabeis onde está a diferença...*

*Na Terra há subidas e descidas compensadoras. Aqui sobe-se mais do que se desce. O declive não conta. A orografia espiritual tem variações de outro género. São caminhos interiores que atravancam ou franqueiam, segundo a tendência, a vontade e a aspiração. Como não há-de o horizonte ser diferente para cada um de nós?... Não basta visionar o Além; é necessário vivê-lo e senti-lo. E se a memória puder lembrar antigos acontecimentos, a comparação será utilíssima. Ficar-se-á com ideias novas acerca dos dois mundos. Embora a vida seja a vida, há também a vida de cada um, parcela limitada à unidade e ao meio. Os outros não a compreendem. Quando a diversidade se conjugar o homem será criador e não haverá caminhos. A existência plena será plena evolução e o infinito será desvendado. Se estes caminhos não tivessem referências, não seriam caminhos. Seriam círculos viciosos. Sem referência não há compreensão. A análise é uma série de referências que cientificam o observador e o habilitam a concluir. O estudo é comparação e dedução.*

*O horizonte em que falo é o meu. Não posso falar de outros, com maiores ou menores declives, com mais ou menos luz difusa. Falar deles seria interpretá-los. E não seria temeridade? Em tudo, mais vale a pobreza do ignorante, que a imprudência do sábio.*

**(Do livro NOVOS CAMINHOS, de LIA, a publicar brevemente)**

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

67

## AUXÍLIO ESPIRITUAL

Amigo radiouvinte

O mundo dos fenómenos não tem fronteiras apreciáveis. Exerce-se nos três reinos clássicos à margem da vontade humana e os observadores pouco mais fazem do que abrir os olhos e os ouvidos para encher os museus de raridades. De vez em quando ouve-se mais um grito:

— Eureka!

A ciência exulta, vigia, rectifica, quando não deita abaixo um ou outro postulado embranquecido pelo tempo, mas de existência inútil ou medíocre. É a renovação da árvore através da poda, que às vezes atinge a opulência dos ramos.

Isto no laboratório físico-químico, onde se processam mutações estranhas. Se remontarmos a outro laboratório, o caso é mais difícil de entender, quanto mais de explicar.

Refiro-me ao invisível, de margens infinitamente maiores e no qual a ciência materialista assume atitudes semelhantes à da criança que envergou o fato de um adulto.

V. Cerutti publicou na revista *Constancia,* de Buenos Aires, um artigo acerca da intervenção de espíritos protectores na vida do homem. E contou um facto muito interessante digno de ser divulgado, principalmente no mundo profano e cuja opinião é potência formada pela audácia de alguns e pela cobardia de outros, como dizia Beauregard.

O caso passou-se num hospital italiano. Geralmente as casas de saúde são lugares de concentração onde se caminha em bicos de pés e serventuários e enfermos se habituam ao maior silêncio.

Já passava da meia-noite. No leito, um ancião a braços com a morte, enquanto a filha lhe velava minutos cruciantes que pareciam derradeiros. Dias antes recebera ele os últimos sacramentos da religião católica. Sabiam que de um momento para outro seria portador de um bilhete, embora pensassem que a esperança só morre com a vida.

Mas os dias sucediam-se e a agonia prolongava-se. Ainda não chegara o momento fisiológico.

A filha continuava a velar o moribundo e a suplicar misericórdia.

— Senhor, acolhe-o em teu seio! Tem piedade! ...

Nisto, por entre lágrimas, sentiu abrir-se a porta e uma irmã de caridade entrar silenciosamente em direcção ao leito do enfermo, onde ficou imóvel.

Após ligeiro cumprimento no sorriso mais doce do mundo poisou os dedos brancos sobre as pálpebras do agonizante, que respirava a custo, e logo um suspiro de alívio modificou seu rosto pálido, imprimindo-lhe serenidade e paz ...

A filha não queria milagres que não há. Queria tranquilidade, sonho de bem-aventurança para o espírito cansado que se debatia entre dois mundos diferentes. E a irmã de caridade deslizou suavemente, como tinha entrado ...

Dias passados a madre superiora recebeu uma senhora enlutada. Desejava falar à irmã que cerrara os olhos a seu pai. Era intuito simples de agradecer-lhe.

A religiosa respondeu que apenas cumpriam deveres. A sua função era aquela ...

— Está bem — objectou a recém-chegada —. Mas espero que não me negue o favor que lhe peço.

— Em que sala morreu seu pai?

— Na sala 2. Foi na sexta-feira, pouco depois da meia-noite ...

— A noite de sexta-feira! — repetiu a superiora, surpreendida.

O caso complicava-se. Esta exclamação as duas almas e um quadro surgia em sua frente, apesar do mutismo que as envolvia. Há coisas que se lobrigam, sentem ou entressentem e se espraiam à margem das realidades tangíveis. Uma palavra, um gesto insignificante evocam em nós imagens indeleveis, quando não originam quadros novos, cheios de motivos psicológicos.

E a superiora abanava a cabeça.

— Não! Não pode ser! Essa noite destinamo-la às nossas orações!

Nese momento entrou sóror Inês, a encarregada da sala 2.

— Ia agora chamá-la — disse a superiora —.

E voltando-se para a senhora enlutada perguntou-lhe se era aquela a irmã a que se referira.

A senhora respondeu negativamente.

Como a confusão aumentasse, a superiora interrogou sóror Inês:

— Sabe se na sexta-feira à noite alguma das suas companheiras atendeu um moribundo?

— Não, madre superiora, nenhuma atendeu.

Mas a senhora enlutada afirmou peremptòriamente que fora na sexta-feira. Não tinha dúvida alguma. Lembra-se como se fosse naquele instante.

A superiora estava indecisa e perguntou, impulsionada por secreta inspiração:

— Lembra-se da fisionomia dessa irmã?

— Como se a visse agora.

E pormenorizou-lhe os traços com tão assombrosa precisão, que as duas religiosas se entreolharam pasmadas.

A superiora interrompeu a inquirição e dirigiu-se à porta, levando consigo a senhora enlutada.

Percorreram vários corredores do hospital e chegaram a um jardinzinho, onde se encontrava a estátua da fundadora da Ordem, que falecera vinte anos antes.

Então a senhora enlutada não esperou que falasse a superiora e disse numa explosão de ânimo, apontando o monumento:

— É esta! É esta mesma! ...

O articulista diz, criteriosamente: «Há circunstâncias em que as revelações não carecem de palavras».

Este facto vem corroborá-lo. E leva os incrédulos a pensar em coisas inéditas, que talvez excedam a sua imaginação.

Outros cogitam na chamada vida eterna das religiões, povoada de espíritos, com realidades e responsabilidades semelhantes às nossas.

A irmã que acorrera ao leito do moribundo morrera vinte anos antes. Como surgiu e por que surgiu no instante em que uma filha angustiada pedia socorro ao invisível? Não foi produto de imaginação exaltada. Se fosse, a mulher de luto não teria fixado tantos pormenores, que a conduziriam à identificação.

Há brigadas de socorro, no Além,

cuja missão é auxiliar os moribundos no trespasse normal. O caso sujeito era desesperado. Impunha-se abrir uma porta sobre o mistério das almas. A irmã veio abri-la suavemente, com os dedos de marfim, e o ancião partiu deixando no rosto o reflexo de paz espiritual que levou consigo.

Amigo radiouvinte: os hospitais, as casas de saúde e os presídios estão cheios de entidades que se tornam presentes, quando requeremos o seu auxílio. Este caso é um exemplo, entre muitos que escapam à ciência materialista.

68

## PITA, O JORNALEIRO ...

Amigo radiouvinte

Foi no dia um de Novembro. O Pita, que também é Manuel Pereira Ribeiro, mora no lugar da Barrosa, freguesia de Vila Franca do Lima, lá para as bandas de Viana do Castelo. Deitara-se na véspera com o pensamento na esposa e na família, talvez elevando uma prece aos santos de sua devoção, e quando acordou viu que toda a sua roupa se encontrava em frangalhos, cheia de cortes de navalha afiada. Pelo menos, assim pareciam aos olhos superficiais. E no tecto do quarto haviam aberto uma cavidade de quinze centímetros de diâmetro.

O Pita, ficou estarrecido. Quem lhe teria cortado o vestuário? Ainda chegou a pensar nalgum malfeitor que houvesse entrado pelo buraco, mas logo a ideia se desvaneceu, porque nenhum ser humano lá caberia. E então julgou-se atingido por coisas sobrenaturais.

Pelo sim, pelo não, foi chamando o regedor da freguesia; mas este limitou-se a olhar, sem esclarecer.

Passaram alguns dias, até que o Pita foi ajudar a matança de um porco, salvo seja. E quando estavam no melhor da festa, com o regedor a dirigir o trabalho, o o assombro dominou os circunstantes, que assistiram a um facto imprevisto: uma navalha invisível começou a cortar de alto a baixo a roupa do Pita, que permanecia boquiaberto, enquanto os companheiros davam às de Vila Diogo.

O caso tornou-se conhecido em Barrosa e o Pita jornaleiro era olhado com terror por toda a gente. O pároco foi também envolvido nos acontecimentos. Para ele convergiram algumas pessoas idóneas a narrar as coisas mais extraordinárias que podiam acontecer a um homem do campo.

Um dia o Pita caíu em transe e subiu por uma meda de palha sem auxílio de escada; e quando chegou ao alto pôs-se em pé na vara frágil que segurava a palha e fez um pino, qual se fosse um verdadeiro acrobata. O mais interessante é que a vara se mantinha direita, como se o seu corpo não tivesse peso algum. Outra vez subiu a uma oliveira, avançou pela vergôntea e galgou os quatro ou cinco metros que o distanciavam da árvore fronteira.

Estas proezas inexplicáveis são difíceis de acreditar. O caso é que foram presenciadas por diversos indivíduos e então o reverendo decidiu intervir. O Pita devia estar possesso do demónio, explicou ele na missa dominical. É assim que a igreja designa canònicamente o fenómeno. Solicitou a todos que dessem uma esmola ao pobre jornaleiro para substituir as roupas inutilizadas e lá conseguiram juntar 500 escudos em notas de banco.

A coisa seguia bem. Há sempre almas caridosas dispostas a auxiliar. O Pita guardou o dinheirinho num copo de plástico, sobre o qual encaixou outro para resguardar a colecta. Agora podia refazer o dano sofrido.

O pior foi no dia seguinte. Quando ia buscar as notas... só viu pequenos recortes de papel. O resto desaparecera totalmente.

O mês seguinte foi de observação. O pároco testemunhou os factos e dirigiu-se ao Arcebispado, pedindo a intervenção oficial da igreja, a fim de se proceder aos exorcismos. Até que designaram o abade de Alijó, sr. Joaquim de Sá, para coadjuvar o colega na cerimónia litúrgica, que se realizou na igreja de Vila Franca.

Durante o acto, o Pita ou Manuel Pereira Ribeiro «investiu contra os sacerdotes e chegou a agredi-los, proferindo palavras ofensivas e obscenas», que alarmaram as pessoas virtuosas.

Uma coisa espantosa na velha aldeia de Barrosa. Rima e é verdade. Finalmente, o jornaleiro caíu inteiriçado no lageado da igreja, espumando e gritando.

Deu-se então o «facto sobrenatural», como diz o articulista de Viana do Castelo. O prior colocou-lhe a estola no ombro e o Pita ergueu-se ainda estonteado, porque, ao ser inquirido pelos sacerdotes sobre a sua identidade, respondeu que se chamava *António*. E foi serenando pouco a pouco, não sem demonstrar enorme estranheza pelo ambiente e por tudo o que lhe sucedera. Depois é que disse o seu verdadeiro nome, acrescentando que não sabia por que se encontrava ali preso com sogas de bois.

Na verdade, o Pita fora manietado com aquelas tiras de couro para lhe susterem as arremetidas contra os párocos, visto serem insuficientes dois homens fortes que o seguravam.

Isto é um leve resumo do que se passou com o Pita, no distrito de Viana do Castelo, cidade pitoresca no extremo norte de Portugal. Muitas peripécias se observaram e permanecem sem explicação, em virtude da ignorância popular acerca destes fenómenos. Aquela pobre gente talvez ficasse convencida de que o demónio fora a causa dos distúrbios, semelhantes aos do «homem-macaco», que Lisboa conheceu há cinquenta anos e que, em transe, saltava para a cobertura dos bondes, como se fosse a coisa mais natural da vida. E quando aparecia o comissário de polícia Fernando de Lacerda, médium psicógrafo que recebeu o livro «Do País da Luz», o «homem-macaco» obedecia-lhe imediatamente e voltava à normalidade. Era a única pessoa que o conseguia dominar.

Os reverendos intervieram sem conhecimento de causa. Não é exorcismando que se consegue normalizar um pobre obsidiado. É persuadindo com bondade e paciência, elucidando e provando.

Quem atacava o Pita sabia o que andava a fazer, tanto mais que se irritava à simples aproximação dos sacerdotes. Mas não era o diabo, que não tem existência própria. E as fórmulas nada valem perante vontades definidas. O que é preciso é alma, coração e lógica, como ensina o Espiritismo.

Pita, o jornaleiro, é médium incipiente. Necessita de ser desenvolvido e doutrinado. E servir a doutrina com amor, renúncia e abnegação.

Depois terá sossego. Depois terá equilíbrio e mitigará muitas lágrimas, se puser as suas faculdades ao serviço das obras de Deus.

Foi no primeiro de Novembro de 1958, no lugar da Barrosa, que este facto insólito agitou uma população ignorante das coisas do espírito. Hoje devem pensar mais e melhor. Com tão dura experiência poderão enfrentar outras que sobrevenham. Em vez de exorcismos, em vez de esconjuros, palavras de amor ao semelhante. Que o maior gozo da vida é fazer o bem.

Adeus, amigo. Saúde. E até à próxima.

# MARCO POSTAL

**Dr. José Pereira Bastos — Ribeirão Preto** — *Há impressões fortes que ficam a bailar no espírito. Não se extinguem no oceano da vida. Por mais que se recalquem, emergem sempre, porque alguma coisa têm de comum connosco. Ribeirão Preto, cidade acolhedora, vai-se modernizando e embelezando. Novos arruamentos, nova arquitectura, rajada civilizadora a envolver os habitantes! Eu te saúdo neste bilhete ao Pereira Bastos e seus familiares.*

**Dr. Jaime Monteiro de Barros — Ribeirão Preto** — *Devo-lhe carta, devo-lhe muitas cartas... muitas atenções, muito carinho e o mais belo acolhimento. E o tempo a passar, draconiano, inexorável ... Neste momento visiono a recepção imerecida e as suas palavras entusiásticas cheias de amizade. Nesta nota vai um coração agradecido que não quer esquecer o panorama fraterno de há quatro anos. Um dia talvez possa voltar noutras condições.*

**Dr. Carlos Jordão da Silva — São Paulo** — *Felicito-o pelo trabalho meritório de unificação na U. S. E. Há obreiros, cuja obra permanece como exemplo de vontade forte ao serviço de uma causa. A sua é deste quilate. Mão no arado e olhar em frente, eis a divisa de um homem que renunciou a muita coisa para servir verdadeiramente. Que o Alto o proteja em novos cometimentos. Deste lado do Atlântico há quem note os seus passos. Coragem e avante!*

**Dr. Wantuil de Freitas — Rio de Janeiro** — *Gostei da sua resposta ao «Correio da Manhã» de 18-3-59, no tocante à propaganda religiosa e por isso lhe fiz referência oportuna. É preciso uma lei federal que regule o caso. De todas as respostas publicadas, a sua é a mais judiciosa. A religião é foro íntimo, não é culto externo sujeito às injunções de A ou B. A rua é de todos, sem exclusão de partes. Congratulo-me com a sua atitude.*

**Conrado Ferrari — Porto Alegre** — *Tenho lido nos jornais ingleses óptimas referências à sua obra no Hospital Espirita. Tudo justo, tudo verdadeiro. Um milagre é o que está fazendo, no campo social e no campo jornalistico. «Desobsessão» é um órgão moderno, bem organizado e bem redigido. Um dos melhores do Brasil. Orientação e selecção é coisa que poucos sabem fazer. Interessa mais o conteúdo, que o continente. Um grande abraço de parabéns.*

**Dr. Djalma de Matos — Pelotas** — *Neste bilhete vai toda a minha simpatia. Sei que trabalha sempre, com dedicação e entusiasmo. O tempo não conta. A jovialidade não está nos anos. Está na energia do espírito moço, pronto a desdobrar-se. Minha tarefa é grande e cerceia-me o tempo para escrever aos amigos. Mas eles estão presentes no coração. Não há nada que extinga as impressões benéficas. Cumprimentos para todos. Um abraço.*

**Modesto Negreiros — São Lourenço** — *Como vão as abrigadas da «Casa de Maria», que você criou nessa linda estância de ar puro e água cristalina? Tanto que me lembro do seu convívio e dos seus rasgos altruístas! Da sua emotividade e da sua bondade! São Lourenço ficou em mim, à maneira de perfume activo e penetrante. O Magaldi é da mesma opinião. Gostava de ouvir outra vez a sua palavra sincera e convincente. Se Deus quiser encontrar-nos-emos ainda, em colóquio fraterno ...*

**José da Cunha — Ribeirão Preto** — *Gostaria de saber algo sobre esse hospital de obsidiados. A sua extrema gentileza não tem nome no vocabulário paupérrimo da linguagem humana. Lembra-se do guarda-pó? E do passeio a Franca, onde abraçámos o Agnelo Morato? ... E do seu pedido concernente à «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira» e «Dicionário de Dificuldades»? Ainda aguardo resposta à minha carta ... Se o tempo lhe sobrar escreva duas linhas ...*

**João Amado Venâncio — Porto Alegre** — *Sempre atarefado! Homem de mil trabalhos, ainda lhe sobra esforço para auxiliar as obras espiritas! Você está aqui e ao mesmo tempo em Porto Alegre. Tem o dom da ubiquidade, como Santo Afonso de Ligório. Quando envia suas notícias? Saudações a D. Mimosa e ao Elói.*

**Pedro Alvares y Gasca — México** — *O seu artigo causou sensação pelo equilíbrio e pelo conteúdo que revela. A Doutrina necessita de arautos do seu quilate. O México poderá vir a ser óptimo campo de cultura. Mas é conveniente que a semente seja escolhida. Grato pela colaboração e pela amizade.*

**José S. Fontes — Aracajú** — *Ainda não respondi à sua carta. Devo-lhe momentos inesquecíveis. Quando lá chegar (em crónica), expandirei. Trouxe um mundo de impressões, creia. Esse arraial «minhoto» entrou-me no espírito e no coração. E lá continua, com as aguarelas que o esmaltaram para sempre. Também me não esqueço desse grande poeta Freire Ribeiro ...*

**Alberto Augusto de Castro — Barretos** — *Saudações fraternas para os dois. O Brasil é terra de Promissão. Nela se trabalha e vive em liberdade. Em Santos bebemos água da bica ... Tenho de voltar a esse recanto maravilhoso. Vale a pena atravessar o oceano para gozar momentos de felicidade semelhantes aos que senti. O prodígio da memória! Como ele se exerce entre a infância e a maturidade!*

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## OS DOTES PSÍQUICOS DE PIO XII

Em 18 de Outubro de 1958 o director do jornal *Two Worlds* publicou ali um artigo no qual historiava e analisava a personalidade do Papa Pio XII, grande figura da igreja dotada de notórias faculdades mediúnicas, tais como clarividência e dom de curar.

Suas visões, tão conhecidas, eram atribuídas à Divindade, sobretudo as do Vaticano, que foram descritas em 1950 por um cardeal como sendo da Virgem Maria, coisa difícil de identificar por carência de retrato exacto e em virtude das interpretações existentes serem criações estéticas de alguns pintores.

Da mesma forma, em 1955, durante grave doença, viu «a doce personalidade de Jesus» junto ao leito e ouviu-lhe a voz «vera e distinta», anunciando-lhe que a última hora ainda não soara. O Vaticano anunciou esta aparição como acontecimento sobrenatural, embora não tivesse havido identificação, como sucede nas sessões espiritas. De facto, seria tarefa enorme provar que se tratava realmente da sua imagem e da sua voz, dada a inexistência de retratos coevos e, também, porque os pintores italianos lhe deram figuração romana, tratando-se de um tipo semita.

Oito anos antes — diz o articulista — revelaram-se os dotes curadores de Pio XII, quando lhe atribuiram a recuperação da vista de um rapaz e de uma rapariga, mas o Vaticano esclareceu que a cura não era miraculosa. Nem teria que o ser, pois os espiritistas têm curado muitas cegueiras sem sugestões de milagre.

Um leitor do *Daily Express* disse que as visões do papa eram devidas a clarividência. E particularmente indicou a um leitor o médium Joseph Benjamin para esclarecer o caso, sobretudo devido à ética de Roma: quando as aparições se processam no seio da igreja classificam-se de acontecimento divino; quando se processam através dos médiuns é acontecimento diabólico.

Acha-se natural (nós também o achamos) que um católico impetre o auxílio dum santo morto. Mas é pecado pedir o auxílio de qualquer mãe que já morresse. Roma aprova o apelo dos santos (nós também aprovamos) para as aflições e até para as coisas mais vulgares. Mas reprova a ideia de que os espíritos possam ajudar o homem, porque o Espiritismo é considerado «inimigo» e os adeptos da igreja não podem sentar-se ao lado dos médiuns. O *Universo*, principal jornal católico, explicava o facto dizendo que «o demónio pode aparecer nas sessões e queimar as suas vítimas com o fogo do inferno».

O director do *Two Worlds* diz que estas proibições ou limitações nem sempre resultam, quando se trata de sessões notáveis. E acrescenta:

— Lady Caillard disse-me que o seu pároco não opôs dificuldades para que assistisse a sessões.

Toda a gente sabe que Roma nunca escondeu a sua hostilidade ao Espiritismo «e nos velhos tempos, em que a sua prática era ilegal, a maioria das perseguições eram católicas».

Mas também havia simpatizantes. O padre Herbert Thurston, por exemplo, jesuíta proeminente, demonstrava a sua admiração pela mediunidade e reprovava os colegas nos furiosos ataques ao Espiritismo. Quando Artur Findlay fez demonstrações públicas em Roma, muitos dignitários da igreja estavam presentes. Ele próprio diz na sua autobiografia «Olhando o Passado» que um dos cardeais com quem falou após a reunião lhe dissera que havia sessões no Vaticano.

Maurice Barbanell — o autor do artigo — termina dizendo que a eleição do pontífice é feita por meios espiritas. Os cardeais fecham-se na Capela Sixtina e ficam isolados do mundo. Tudo se fecha. Fica só uma porta vigiada, mas a versão oficial é a de que o Papa é eleito por escrutínio secreto.

Numa grande instituição católica novaiorquina há um retrato de Pio XII feito no Vaticano por John Myers, médium famoso pelas suas fotografias psíquicas e dons curadores. Decerto os dignitários da igreja que lhe facilitaram a entrada sabiam que era judeu, mas talvez não conhecessem as suas faculdades mediúnicas, nem que os seus dotes de pintor se tinham manifestado sùbitamente há poucos anos, sem lição alguma, ainda que à crítica o elogiasse grandemente, sobretudo o retrato referido, no qual o falecido Papa é interpretado no pleno subjectivismo da sua estesia metafísica.

Pio XII foi um extraordinário pontífice que os espiritistas apreciaram e respeitaram.

## A OPINIÃO DE «LA CONCIENCIA»

A bela revista *La Conciencia*, de Buenos Aires, referiu-se assim a *Estudos Psíquicos:*

«Em 1 de Janeiro completou 20 anos de existência a revista espirita portuguesa *Estudos Psíquicos*, que se publica em Lisboa. O seu director, Isidoro Duarte Santos, merece efusiva felicitação pela constância digna de louvor e, mais ainda, pelo eficiente labor jornalístico que confere às nutridas páginas da sua revista.

«É uma das publicações espiritas mais completas, melhor escritas e melhor assistidas por competentes articulistas.

«Foi fundada por D. Maria Gonçalves Duarte Santos, cuja efígie, após a sua desencarnação, permanece sempre na segunda página da capa, como um símbolo, bem merecido em nossa opinião, em todos os números de *Estudos Psíquicos*. Ao respeitável colega e amigo, os nossos melhores augúrios de triunfo».

Não costumamos publicar as referências com que outras publicações distinguem a nossa revista, tantas têm sido em todas as latitudes, mercê das quais nos convencemos de que estamos trilhando caminhos honestos. Se o fizéssemos sistemàticamente poderiam julgar que era para satisfação de vaidade ou amor-próprio, embora nos assistisse esse direito, visto que

as suas páginas estão repletas de belas colaborações de amigos e tudo que fosse enaltecê-las seria absolutamente justo.

Abrimos hoje uma excepção muito honrosa para quem nos distinguiu com gestos de simpatia.

Vindas de uma revista imparcial que se impôs ao mundo espirita a golpes de talento e de bom-senso, estas palavras são o mais nobre incentivo ao nosso labor de escritor e jornalista. Um abraço de gratidão a Genaro Pucci.

## O ESPIRITISMO NO MÉXICO

*Mundo Espirita*, de Curitiba, Estado do Paraná, é um dos melhores jornais ao serviço do nosso movimento. A sua colaboração esmerada e variada, o sentido de oportunidade e realidade, o acendrado amor à doutrina, a dignidade na apreciação e o rigor informativo tornam-no fonte perene de conhecimentos.

Agora resolveu entrevistar por avião algumas personalidades de relevo, entre as quais a professora Elodia Castol de Benavides, directora da revista *Voz Informativa*, de México, presidente da associação «Juana de Asbaje» e muito conhecida em Lisboa e no *Centro Espiritualista Luz e Amor*.

Dessa conversa ficámos sabendo que há vários organismos no México: uns espiritas, como a *Central Espirita Mexicana*, a *Federação Espirita Mexicana*, a *Sociedade Heliosófica «Amigos da Verdade»*, a *Associação «Juana de Asbaje»* e a *Escola Magnético-espiritual»*; outros, espiritualistas, como a *Confederação dos Centros Espiritualistas*, o *Templo da Fé* e o *Templo do Meio Dia*.

Além disso há milhares de grupos que se dedicam à prática da comunicação entre os dois mundos.

A instituição principal é a *Associação Civil «Juana de Asbaje»*, com edifício próprio, livraria, serviço de restaurante vegetariano e uma *Editorial Espirita* que traduz obras inglesas e de outras procedências.

Há também federações e confederações espiritas em diversas cidades. As sociedades espiritualistas fazem a sua propaganda em toda a parte, independentemente de recinto. Certo número de grupos espiritualistas denominados «Trinitários-Marianos» proibem a leitura, a conselho de seus mentores espirituais. Chamam *pedestais* aos médiuns e *apóstolos* aos directores.

De modo geral, há grande tendência para o aspecto religioso, embora a associação *«Juana de Asbaje»* tenha laboratório de Parapsicologia semelhante ao de Utrecht, na Holanda, que pertence à Universidade.

As obras de Kardec são bem conhecidas no meio espirita e as mais divulgadas são «O Livro dos Espíritos», «O Livro dos Médiuns» e o «Evangelho Segundo o Espiritismo», reeditados por várias casas mexicanas, a primeira das quais é *Edições Voz Informativa*, que empreendem a tarefa com o título «Colecções Espiritas».

A beneficência é feita esporàdicamente, quando há desastres, inundações, terramotos, etc., ou quando famílias pobres ficam na rua. Esta lacuna é devida ao facto de não haver *miséria trágica*, porque o Governo presta assistência a todos, através de alimentação popular, auxílio escolar, clínicas de seguro social. *No México não há desemprego: há escassez de braços*, porque os camponeses emigram para os Estados Unidos em busca de novos horizontes.

— Portanto — diz Elodia Benavides — o que mais interessa é provar a verdade da sobrevivência e a reencarnação baseadas nas obras kardecianas.

Eis um punhado de informações que agradarão aos leitores *Estudos Psíquicos*, sempre atenta e vigilante, não cessa de informar e elucidar, para que a fé não esmoreça nos convictos e a luz se vá fazendo nos simpatizantes. Não podemos alhear-nos do que vai pelo mundo em matéria de Espiritismo e por isso louvamos a iniciativa deste órgão de imprensa tão útil à doutrina. Que ele prossiga na sua faina e que o Dr. Lauro Schelder, seu actual director, não desanime em face das dificuldades, que a posição que escolheu é duplamente honrosa: para ele e para a Causa.

## NOVO TIPO DE EXPERIÊNCIA

O engenheiro argentino José S. Fernández, colaborador da revista *Constância*, de Buenos Aires, antigo presidente do *Instituto de Parapsicologia da Argentina* e actual presidente do *Colégio Argentino de Estudos Psíquicos*, publicou na citada revista um artigo acerca de um novo tipo de experiências a que soe chamar-se *precognição* ou *percepção extra-sensorial* e que se realizam com auxílio de um baralho de cartas que o percipiente vai captando, depois de baralhadas por outra pessoa.

E conta a seguinte experiência ocorrida em 16 de Novembro de 1957: o Dr. R. W. entregou um baralho de cartas Zener ao Dr. Carlos Obedman, médico e conselheiro do *Colégio Argentino de Estudos Psicológicos*, e disse-lhe:

— *Baralhe este maço como quiser. Depois verá que a sétima carta, a contar de baixo, será uma estrela.*

O Dr. Obedman baralhou à vontade e colocou-as na mesa. Depois todos os circunstantes assistiram à contagem das sete primeiras cartas. A *sétima* era, realmente, uma *estrela*, como fora previsto.

Estavam presentes os drs. Silva, Benzecry, Obedman, Warburton e esposa; os engenheiros Logegaray e Fernández, e o sr. Alonso, o prof. Erú e esposa.

Em Dezembro do mesmo ano houve outra experiência com o Dr. R. W., utilizando cartas vulgares, portanto, de resultado muito mais difícil, visto que a probabilidade de acertar a posição da carta no maço é de 1:40 e nas cartas Zener é 1:5, ou seja 8 vezes maior.

O Dr. R. W. entregou o baralho ao Dr. B., dizendo:

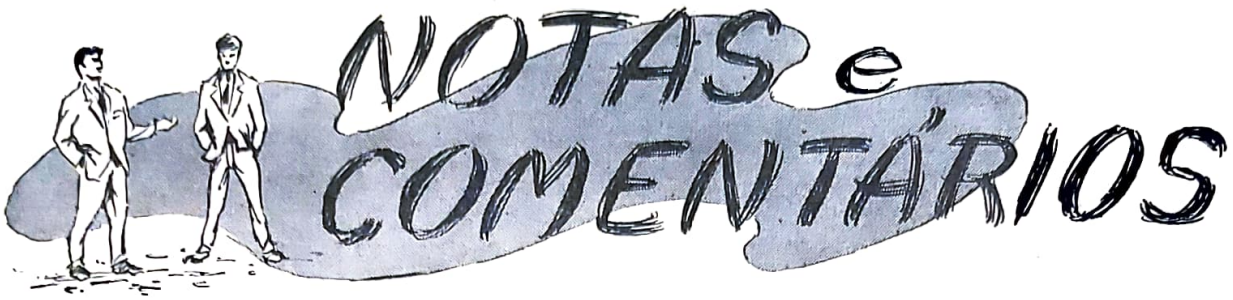
— *Baralhe as cartas e no fim verá que a undécima carta, a contar de baixo, é o às de paus.*

Quando o Dr. B. baralhou, começou a contar as cartas na presença de todos. Mostrou a *undécima:* era, de facto, o *às de paus*.

O Dr. Fernández diz que estas experiências são concludentes no tocante à realidade da percepção de acontecimentos futuros; que destes ensaios não tomaram nota; que estes trabalhos podem ser interpretados de duas maneiras: como *provas de precognição*, isto é, aptidão do sensitivo para «ver» coisas futuras e como provas da intervenção de entidades espirituais que sugerissem a quem baralha o momento de terminar a sua tarefa, de modo que a carta anunciada ficasse na posição anunciada. Seria uma espécie de acção psicocinética ou hipnótica sobre o experimentador.

Terminando o seu artigo, o Dr. José S. Fernández escreve:

— Isto implica o uso da tese espirita que, para nós, é a chave das experiências P. S. I. com sensitivos da grande categoria, sem deixar de reconhecer que as modalidades de percepção extra-sensorial e psicocinética existem em todos os seres humanos, como se pode demonstrar através de estatísticas.




## PROPAGANDA RELIGIOSA

*Segundo informa o diário brasileiro «Correio da Manhã», o vereador da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, sr. Erasmo Martins Pedro, apresentou um projecto de lei regulamentando a liberdade de propaganda religiosa consignada na Constituição do país. O redactor desse jornal ouviu a Igreja Baptista, a Igreja Metodista e a Federação Espírita Brasileira.*

*O pastor Euclides Campos, da primeira, acha que seria útil regulamentar o proselitismo dos credos religiosos e que todos têm direito a falar na praça pública. Esta igreja utiliza a rádio, o serviço de alto-falantes e a televisão.*

*O reverendo Nadir Pedro Santos, da Igreja Metodista de Cascadura, lembra que a constituição brasileira garante a liberdade de crença e culto interno e externo. E afirma:*

*— Cada credo tem obrigação de propagar a sua fé. As pessoas aceitam ou não. A propaganda religiosa não pode ficar a critério de qualquer autoridade, a não ser que perturbe a ordem.*

*Esta igreja utiliza carro-volante postado na praça pública e ali faz a propaganda, convidando o povo para a reunião no templo.*

*A Federação Espírita Brasileira também foi ouvida através do seu presidente, Wantuil de Freitas.*

*— A propaganda religiosa só deveria ser feita nos templos de cada religião — disse ele —. Assim se evitaria o barulho nas ruas, as perseguições religiosas, os encontros às vezes hostis de minorias com maiorias.*

*Fez notar as perseguições movidas ao Espiritismo e acentuou que na cidade de Russas um juiz de direito celebrava culto em sua casa, quando esta foi apedrejada e invadida pela multidão.*

*— A religião — observou — deve ser cultuada nos templos e nos lares. Cada credo deve fazer a propaganda por meio de aulas de catecismo para crianças e adultos.*

*Acha que a intenção do vereador é boa, mas seria preferível aprovar uma lei federal, proibindo a propaganda nas ruas.*

*Estamos de acordo com Wantuil de Freitas. Embora a lei deva ser igual para todos, é conveniente prevenir colisões de efeitos lamentáveis. Além do mais, a rua é livre para o trânsito, mas ninguém tem o direito de menoscabar ou achincalhar as ideias dos outros. Além das aulas de catecismo há o livro e o jornal, que exercem grande influência nas massas, desde que sejam orientados com elevação nos termos da lei de imprensa criteriosa, que condene o abuso e impeça os cabotinos de exibir falta de senso e de autoridade.*

## FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

*O Chico Xavier abandonou Pedro Leopoldo e trasladou-se a Uberaba, a bela estância de Minas detentora do Sanatório Espírita dirigido pelo Dr. Inácio Ferreira.*

*Com a saída inesperada do médium, a Meca do Espiritismo brasileiro viu decrescer enormemente o seu movimento diário. Chico Xavier era quem mais correspondência recebia na cidade. Trezentas cartas por dia a pedir instruções e conselhos e alguns secretários a responder a tamanha correspondência.*

*Quando lá estivemos vimos um saco que abrigava mais de 500 cartas prontas a seguir ...*

*De todo o Brasil ali acorriam forasteiros, como se fossem a uma romaria, sendo às vezes difícil obter lugar no hotel. O próprio comércio lucrava com isso.*

*Agora Chico Xavier está cansado e cego de uma vista. Tantos livros que tem psicografado! Ultrapassaram a casa dos cinquenta e vão a caminho dos sessenta. E sempre bondoso e simples, um sorriso impresso no semblante.*

*Sofreu há pouco enorme desgosto e pediu licença ao Ministério da Agricultura, onde era funcionário há 28 anos. E foi para Uberaba, onde não há descanso. Para ele, não há. A sua faina é permanente.*

*Já lemos mensagens que psicografou em Uberaba, no Centro Espírita «Casa do Cinza» e na «Comunhão Espírita Cristã». Onde quer que vá, encontrará braços abertos e palavras amigas.*

*Que saudades temos do Chico, da sua presença afável, da sua atitude confiante, quase infantil, com que destrói a filáucia dos narcisos que o pretendem imitar em vão! Não importa o lugar onde se encontre, porque os mentores espirituais sabem o caminho para lá. Em cidade ou aldeia, em palácio ou choupana, de dia ou de noite, este veículo estranho, com ressaibos de missionário, receberá as vozes de oiro que nos habituámos a ouvir, através da mais vasta bibliografia mediúnica de que há memória.*

*Pedro Leopoldo viveu muito da sua vida. Expandiu-se e lucrou com a sua permanência de funcionário federal modesto, cujo nome é conhecido e venerado por quantos privaram com ele.*

*Chico Xavier: só lhe dizemos uma coisa. Quem resistiu aos garfos que lhe espetaram no ventre, resiste a tudo. Então, coragem e avante! Cada um tem o seu mérito e a sua cruz. Receba o nosso abraço. Ainda não perdemos a esperança de o ver outra vez ...*

## REUNIÃO PSÍQUICA NO CABO DA BOA ESPERANÇA

O Psychic News *publicou há tempos uma notícia, segundo a qual os espiritistas sul-africanos organizaram em Fevereiro de 1958 uma reunião para não europeus na Câmara Municipal da Cidade do Cabo.*

*A sr.ª J. Sanders e o sr. A. Sow, dois dirigentes da comunidade não europeia partilharam o estrado com o presidente e o médium e exortaram os seus companheiros africanos a comparecer com regularidade às sessões quinzenais de sábado à noite, na Câmara Municipal.*

*A reunião foi dirigida pela sr.ª Mena Van der Wett, esposa de origem escocesa do Dr. Van der Wett director do Colégio Psíquico da África do Sul.*

## AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

António Cardoso realizou no *Centro Espiritualista Luz e Amor* a sua conferência intitulada «O Problema dos Fantasmas» e, como sempre, fez interessante exposição acerca do assunto, que esquematizou no quadro sob a seguinte divisão:

I — Fantasmas divinos (subjectivos e objectivos).
II — Diabólicos.
III — Do corpo etéreo (aparições após a morte e vampirismo).
IV — Licantropia.
V — De vivos.
VI — De mortos (Espontâneos e de laboratório).

Em torno deste sumário se espraiou o estudo do conferencista.

Foi, de facto, um estudo apreciável, embora nalguns pontos houvesse apresentado critério pessoal, em virtude de carecer de elementos probatórios, e noutros se limitasse ao histórico do assunto, o que não quer dizer que lhe faltasse categoria para enfrentar as dificuldades inerentes.

Isidoro Duarte Santos, que presidiu, apreciou o trabalho de António Cardoso em crítica construtiva e generalizou o debate à própria assistência, que nele participou com elegância e interesse insuperável.

As suas primeiras palavras foram estas:

— Aqui há liberdade de expressão, quer nos conferencistas, quer nos que presidem e criticam os trabalhos. António Cardoso falou livremente e agora vai submeter-se à análise.

E a análise foi minuciosa e por vezes forte, não deixando passar certas afirmações, cuja ambiguidade poderia causar dúvidas à assistência, e outras que, — em sua opinião — não tinham sido suficientemente argumentadas. No entanto reconheceu o valor da conferência, congratulando-se com a evolução de António Cardoso, que tem sido considerável.

A livre discussão em certames deste género dá ao ambiente vida nova, pois o encontro ou desencontro de opiniões é sempre útil, desde que os intervenientes sejam estudiosos e bem intencionados, como se dá nos trabalhos do *Centro Espiritualista Luz e Amor*.

## TRABALHOS DO CENTRO EM JUNHO E JULHO DE 1959

### Grupo de Irradiação Mental Reper-Siam

Todas as 5.ªs feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos. (Dia 4, 11, 18 e 25 de Junho e dia 2 e 9 Julho).

---

Dia 2 de Junho, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 3, 4.ª feira, às 21,30 — — Grupo de Doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 5, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 7, domingo, às 16 horas — Conferência de Raúl Ribeiro Pesqueira, intitulada «Para Deus, pela Ciência e pelo Amor».

Dia 9, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano» dirigido por António Cardoso.

Dia 10, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 12, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec» com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 14, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 16, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 17, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 19, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec» com a médium D. Conceição Dias.

Dia 21, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 23, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 24, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 26, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 28, domingo, às 16 horas — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «A Clarividência no Tempo».

Dia 30, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 1 de Julho, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 3, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec» com a médium D. Conceição Dias.

Dia 5, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 7, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 8, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 10, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 12, domingo, às 16 horas — Conferência de Joaquim de Albuquerque, intitulada «A Observação de um Neófito, ou Como o Espiritismo se Apresenta à Minha Inteligência».

**Nota** — *As conferências são públicas, desde que os assistentes sejam apresentados pelos sócios e as sessões são privativas dos sócios com a quotização em dia.*

## FUNDO DE BENEFICÊNCIA

**Mês de Maio** — Salvador Velez, de Lisboa, 40$00; Anónima de Ovar, 20$00; Anónimo de Leiria, 50$00; Anónimo, 13$00; I. S., de Lisboa, 20$00; V. L., de Coimbra, 5$00; A. L., de Setúbal, 5$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Zétó, de Tavira, 2$00; M. Teresa, de Ovar, 5$00; M. L., de Coimbra, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 2$50; M. F., de Beja, 5$00. **Total** — 182$50.

# ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO | LISBOA, JULHO DE 1959 | N.º 7

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa


# DOENTES

O mundo está doente. Todas as dores estão nele a clamar fragilidade. Nos grandes que se alcandoram sem base para subir e nos pequenos que se revoltam por não terem subido como os grandes. E em vão se busca tranquilidade e amor, em vão se busca segurança e fé.

Aqui e ali, falanges amedrontadas a pensar no dia de amanhã. Oh! Dia utópico, dia que se instalou em nossa aspiração, dia-sonho, dia-esboço que não vem! Se não existisse virtualmente, se o não visionássemos em potência, talvez fôssemos mais felizes...

Mas o homem gosta de ilusão, porque nela está o seu desejo maior. Quem sabe se não poderá realizar-se um dia?!... Se pensarmos a fundo... Oh, se pensarmos a fundo na amizade, na concórdia, na renúncia e no altruísmo construiremos um paraíso verdadeiro. Lançaremos as bases do mundo novo que é preciso edificar.

Às vezes aplica-se o cautério na cura dos enfermos. Grandes males, grandes remédios. E as árvores não requerem poda, quando os troncos esclerósticos impedem a seiva de circular?...

A grandeza ou pequeneza não reside na hierarquia social. Reside na hierarquia humana. E toda a experiência das almas através de vidas sucessivas se estampa no semblante em traços indeléveis. Quando pudermos fazer a leitura dos traços e das sobreposições conheceremos muita coisa inédita e seremos susceptíveis de curar a doença e substituir a velharia que luta para não morrer.

O atraso em que vivemos, ou seja a ignorância das coisas, é responsável na maior parte das ilusões morais e sociais. Por isso a solução do problema é de origem psicológica. Se alterássemos o conceito geral das palavras modificaríamos sem custo o pandemónio e encontraríamos o remédio.

Em todas as latitudes se notam sintomas de doença grave. Uma espécie de epidemia que invade os continentes e para a qual não há cordões sanitários.

Nas ciências, nas artes, na política, na economia, os sintomas são evidentes. Pode haver desejo de acertar, mas o corpo social está enfermo e não reage na direcção da sua própria reforma.

A inquietude é centrífuga. Mas não basta quedarmos-nos a contemplá-la. Enquanto existir, o progresso há-de ser doentio. Realizado esse esforço, o caminho será plano.

A doença do mundo é desconfiança, que não se destrói com armas nucleares, mas com armas fraternas. Meia dúzia de indivíduos manejam milhões de simplórios com elixires milagrosos. A corrida dos satélites é um meio de encobrir outra corrida. E o mundo sofre sem remédio. Doença endémica, cuja origem está nas paixões a corroer e a degradar, a obstruir caminho, a dificultar o encontro do homem.

O Espiritismo quer almas sãs, almas viris que debelem a enfermidade crónica de uns tantos, obrigando-os a dieta moral. Porque só a dieta pode evitar que a doença alastre, atingindo os simples de coração. Os outros terão de responder pelos malefícios realizados.

A cruzada está aberta aos saneadores. Venham de armas brancas, cheios de convicção. O mundo aguarda o seu esforço debelador e renovador. Não tem outra alternativa.

Há milhões a lutar contra o polvo. Luta incruenta, de todos os dias, até gastar os últimos cartuchos. Para que não haja mais inquietude, para que não haja mais enfermos. Para que o homem seja irmão do homem, em todos os sentidos, em todas as circunstâncias.

Os que baquearem na refrega serão contemplados. Cavouqueiros de um mundo melhor, o seu labor há-de ser compreendido.

# A IDEIA DE DEUS

*Por CYRILO ALEIXO*

I

Pretender definir Deus, é pretender o impossível, porque definir é limitar e o Ser Supremo, infinito no tempo e no espaço, não pode ser medido com nossas medidas finitas, criadas sòmente para avaliar as partes e não o todo.

Tudo que se fizer nesse sentido, redundará sempre em vão, por ser uma tarefa incompatível com a nossa posição no Universo, fragmentos de um conjunto que não podemos abarcar, simples conteúdos de um continente, transcendendo os limites de nossas percepções.

Não é esta, porém, a opinião de muita gente, que, embalada por concepções simplistas, julga fazer do Ser Supremo uma ideia mais ou menos exacta, comparando-o a qualquer monarca terreal, encarregado, lá do seu Trono no Empírio, de presidir aos desígnios da humanidade.

Se não é possível descrever-se Deus, podemos, no entanto, enunciar alguns de seus atributos, cujo conhecimento servirá para engrandececê-lO e sublimá-lO a nossos olhos, tornando-O assim muito diferente do deus cioso e vingativo das concepções antropomórficas.

Não podendo deixar de se subtrair a todos os exames e análises, Deus tem de ser considerado abstractamente, pelas mentes já preparadas para trabalho tão delicado.

É inegável a existência de uma Fonte Inicial, plena de poder e perfeição, de onde deriva tudo o que existe; o universo inteiro, assim o atesta.

Não podemos, é certo, demonstrar a sua existência por provas tangíveis, porque os nossos sentidos são incapazes de um trabalho de tal envergadura, criados que foram para agir apenas no mundo dos efeitos, ao passo que o Absoluto, em sua essência, é puro espírito e, por conseguinte, só poderá ser percebido por vias transcendentais, únicas capazes de nos revelarem o mundo das causas.

Atrás de todas as anomalias e lacunas, que parecem contradizer a existência de um Ente Supremo, absolutamente bom e justo, encontra-se patente um princípio ordenador, actuando segundo um plano preconcebido, num constante esforço para a perfeição, embora tenhamos geralmente a impressão do contrário, pela impossibilidade de, no simples decurso de uma existência, abarcarmos a majestosa obra da criação.

Seres obscuros ainda, carecemos de muita iluminação, certos de que nossa ignorância há-de fatalmente induzir-nos a uma infinidade de erros, gradualmente desfeitos, graças à intervenção de poderosas leis, oriundas desse Princípio Ordenador, actuando providencialmente no momento próprio.

E o homem se admira então das imperfeições circundantes, sem cogitar de que provêm dele próprio e de que não passam de acidentes trasitórios na marcha da vida, oportunamente desfeitos com o processamento da sua evolução.

A ordem reina soberana na criação, mas é necessário sabermos interpretar os seus símbolos, para reconhecermos a impossibilidade de o acaso ser capaz de obra tão magistral.

Será possível neste mundo a execução de quelquer obra sem o concurso da inteligência e da acção do homem?

Será crível que de um amontoado de pedras e tijolos possa sair qualquer construção, sem qualquer intervenção da parte humana?

Assim, também, operando invisìvelmente, esse grande Princípio Ordenador, latente em toda a parte, está constantemente modificando e melhorando a sua obra na ânsia da perfeição, seu objectivo supremo.

Da observação atenta de tudo que nos cerca, depreende-se a existnêcia de um Ser Básico, de onde promanam todos os seres e todas as coisas. Atrás de todas as formas e expressões, existe, pois, uma só Realidade, eterna e imutável.

Essa realidade há-de ser, porém, mais do que a matéria dos materialistas, ou do que a energia e a mente de outras correntes, cujos partidários se limitam a tomar os efeitos pelas causas. Essa Realidade há-de ser puro espírito, presente em tudo o que existe, como base da vida universal.

Sem qualquer ponto de partida, essa Realidade não teve, portanto, princípio e tão-pouco terá fim, pela simples razão de nada existir fora d'Ela que possa colocá-La entre aqueles dois limites, concluindo-se assim, que o Absoluto é eterno.

A ideia de eternidade não pode ser por nós compreendida ainda, pelo facto de tudo se nos apresentar relacionado com a noção do tempo, noção esta existente apenas no mundo dos sentidos, motivada pelas mutações circundantes.

Aliás, o próprio tempo, neste mundo aparente das coisas, é relativo e assim, quando somos felizes, parece assumir a velocidade de um meteoro, ao passo que, quando sofremos, a sua lentidão nos desespera.

O tempo é, pois, inerente às mentes finitas, não tendo lugar no Absoluto.

É-nos impossível também, compreender o facto de o Absoluto não ter tido qualquer princípio, porque, no mundo dos sentidos, tudo tem sua origem, e causa e efeito se encontram associados por toda a parte.

Mas, se no relativo assim é, no Absoluto as coisas são muito diferentes e a Causa das causas não pode ter sido efeito de causa alguma.

Isto é, na verdade, muito misterioso, mas a nossa razão concorda com estas conclusões, embora não possa explicá-las, pela impossibilidade de achar uma solução satisfatória para um assunto virgem no mundo dos fenómenos, onde todo o efeito está, pois, subordinado a uma causa.

Estando tudo contido no Absoluto, o Absoluto há-de estar forçosamente em toda a parte, presente em todas as formas de vida e assim, matéria, energia e mente, não são mais do que emanações suas, caindo por terra o conceito de que Deus criou os universos exteriores a si mesmo, como u martista executa e põe na sua frente os trabalhos a seu cargo.

Com efeito: onde poderia Deus encontrar o material para a sua criação senão em si mesmo, uma vez que fora d'Ele nada existe?

A ciência, em seu intérmino avanço, está chegando aos limi-

tes acessíveis aos clássicos métodos de observação e análise, sem conseguir descobrir a verdadeira origem da vida, que constantemente lhe escapa, vendo-se assim forçada a entrar noutros domínios, considerados até agora interditos, nos quais, desprezando velhos preconceitos, descobrirá um amplo campo de investigações, profusamente iluminado pelo fulgurante clarão de verdades desconhecidas. Verificará então que o mundo invisível é muito mais vasto do que o visível, nada aí encontrando de sobrenatural, mas apenas um lado desconhecido da natureza, não vendo razão para não prosseguir ali seus estudos e observações.

Achar-se-á assim face-a-face com a base de todos os fenómenos e manifestações do mundo material, no reconhecimento da grande unidade da vida, aparentemente fragmentada nas inúmeras formas da criação.

Omnipresença, eis outra característica de Deus, uma vez que, nada existindo fora d'Ele, não pode ter, portanto, qualquer limitação.

Tal como sucedeu com o tempo, torna-se pràticamente impossível conceber algo ocupando o espaço infinito, pelo motivo de que tudo o que conhecemos tem dimensões e limites. Tempo e espaço, são noções sòmente inerentes ao relativo, porque, do ponto de vista do Absoluto, um século ou um segundo, um astro gigante ou um germe microscópico, são perfeitamente iguais.

Podemos dizer, como certo sábio, que o infinito não tem princípio nem fim, nem no tempo, nem no espaço e que em toda a parte está o centro e o ponto de retorno e num momento está a eternidade.

A razão nos diz também, que o Absoluto há-de conter em si toda a sabedoria, não podendo existir por conseguinte, outra qualquer, pelo motivo, já citado, de nada existir fora d'Ele e que, por isso mesmo, todas as leis do Universo têm forçosamente origem nesse Ser Supremo.

Diz-nos ainda a razão, que o Absoluto é omnipotente, senhor de todo o poder e que esse poder é uno, manifestando-se no universo, através de variadas formas de energia, desde a gravitação à mais alta forma de energia mental.

A ciência reconheceu já esta verdade, expressa no princípio fundamental da energia, segundo o qual suas diferentes expressões podem ser recìprocamente transmudáveis, o que deu lugar à lei da conservação da energia.

Sendo tudo emanação do Absoluto, o Absoluto há-de ser a essência de toda a criação, presente, indubitàvelmente, em toda a parte, tanto nos animais e nas plantas, como nos minerais, nada existindo sem vida, embora esta se encontre velada nas formas aparentemente inertes, e por isso erradamente consideradas matéria morta.

A ciência vai deslocando cada vez mais a linha divisória entre as formas chamadas vivas e as consideradas sem vida e chegará, num futuro mais ou menos próximo, à conclusão de universalidade da vida, tanto nas grandes como nas mínimas partes, nas moléculas como nos átomos, electrões, protões, etc.

Rochas, areais, pó e lama dos caminhos, não são mais do que aglomerados de mundos, onde os infinitamente pequenos são regidos pelas mesmas lei que regem os gigantes do espaço.

A ciência reconhece já a presença da vida em todos os campos de sua observação, sendo compelida, assim, a admitir a hipótese de que para além desses limites continuará a fluir ainda e sempre, num palpitar grandioso, que a levará a reconhecer, como corolário dessa conclusão, a existência de uma Fonte Primária, dum Princípio Ordenador, agindo silenciosa e invisìvelmente em toda a criação.

Do mineral ao homem a diferença é enorme, mas a vida que os anima é a mesma, não sendo, como poderá parecer, uma inferior e outra superior. A diferença existente, consiste ùnicamente no grau em que ela se revela, de acordo com o aperfeiçoamento do material empregado nas formas onde se expressa.

O único fim da criação é a libertação do espírito, da essência divina contida em todas as formas da natureza.

Em obediência a esta finalidade, de escalão em escalão, de espécie em espécie, num progresso contínuo, a vida se expande gradativamente, dos seres mais elementares até ao homem que, longe de colimar a perfeição, não passa de um elo da grande corrente evolucionária, continuando depois, em seres sucessivamente superiores, o seu afã de expansão ininterrupta.

Diferentes na aparência, todos efeitos convergem para o mesmo ponto, todas as actividades têm um fim comum: esse alvo final que é Deus, pelo qual tudo é vida e movimento, tudo trabalha e luta nos inúmeros universos do infinito.

Observando atentamente a natureza, verificamos que a vida, em todas as suas modalidades, obedece a normas invisíveis, adequadas a cada caso, pressentindo-se que um impulso ordenador preside a todos os fenómenos do universo, esforçando-se constantemente pelo aperfeiçoamento da obra da criação.

Esse impulso tem sua origem, como não podia deixar de ser, em Deus.

Não quer dizer que todas as acções e reacções, provenham directamente do Absoluto, como resultantes de sua intervenção na natureza em cada momento. Essa intervenção se faz indirectamente e de um modo geral, através de leis e forças naturais contidas na criação, condicionando o seu desenvolvimento, segundo as directrizes do Criador.

A vontade do Absoluto fica assim ao dispor da vontade de todos os seres, mediante leis universais, sàbiamente ajustadas à execução do seu plano, nos fenómenos de coesão, gravitação, electricidade, etc., na parte material do universo e em força vital, nas formas onde a vida, do estado latente em que se encontrava, procura expressar-se através de um contínuo intercâmbio com o exterior.

O impulso ordenador, é a força motriz que impele contìnuamente para a frente, para novos campos de acção, a centelha divina, oculta no âmago das coisas.

Este impulso é inerente a todos os reinos da natureza, universal emanação do Absoluto servindo a essência divina, no seu afã de libertar-se de todos os jugos limitativos.

Através da diversidade de formas, encontra-se latente o mesmo princípio de vida, oriundo da grande Fonte Universal: Deus.

O aspecto de separatividade dessas formas é apenas ilusório, pois todos os seres são centros de energia no grande oceano da vida.

Daí se conclui que somos todos irmãos, conceito absolutamente racional, que vem radicar e fortalecer a ideia da fraternidade. Em todos circula a mesma seiva, ligados que estamos a qualquer outra forma de vida, superior ou inferior, porque a base é a mesma.

O processo revolucionário se encarregará de ir desfazendo a actual ilusão de separatividade,

# EDUCAR É DESPERTAR PARA A VERDADE

**Por José Simões de Matos**

O maior bem que se poderá fazer a um espírito é despertá-lo para a verdade. Torná-lo consciente de si mesmo em face daquele princípio que nos protege e ilumina, que nunca nasceu nem morreu em nós. Depois auxiliá-lo em tudo que estiver ao nosso alcance.

Essa parte excelsa a que poderemos chamar a divina presença, que emana de nossa superconsciência, pondo os pontos nos «ii» de nossa vida e da vida que nos cerca, eu considero o certo em mim para conferir o errado de minha vida. Pois, não basta que outros me louvem ou censurem. Eu só valho pelo que reconheço que sou, realmente, com aprovação deste princípio. Tudo o mais é ilusão. Todo o sofrimento é maior quando se ignora a sua verdadeira causa. Diminui na proporção do conhecimento que se alcança de tais motivos. E esta causa, a meu ver, está sempre em nós. Faz-se necessário eliminá-la, superando-a, para que a dor desapareça. Porque esta é sempre uma consequência daquela, enquanto existir.

Curar é educar. Educar é salvar, transportando as almas das trevas para a luz. Jesus foi o Mestre por excelência neste mister. Ele transformava o educando, salvando para a vida eterna. Jamais se preocupou em recorrer a remédios materiais. Sua terapêutica se aplicava sempre em espírito e verdade. Operava na mente e no coração das criaturas, onde residem as verdadeiras causas de nossos males e sofrimentos. Os pacientes se curavam imediatamente, porque aplicavam a si mesmos o remédio espiritual que lhes proporcionava. Porque não basta dizer que falava bem e dizia belas coisas. É preciso aplicar a si mesmo tal ensinamento para que se sinta a vida que nele se contém.

Quem tem fome não pode satisfazer-se em ouvir falar de boas coisas. Precisa comê-las de facto, para que possa aumentar as forças e vencer as dificuldades. Não há injustiças na lei de nosso Pai. Portanto, ninguém poderá sofrer inùtilmente e injustamente. Tudo tem uma causa que é preciso descobrir em nossa vida ou em nossas vidas, à luz da terceira revelação.

A Doutrina Espirita, graças a Deus, nos esclarece sobre todas essas leis de causa e efeito. Só poderão admirar-se delas aqueles que as ignoram. É de nossa conveniência estudar a Doutrina para termos explicação de muitas coisas que nos levam a perguntar a quem, muitas vezes, não tem recursos para nos esclarecer.

O «Livro dos Espíritos» nos esclarece perfeitamente. E o «Evangelho Segundo o Espiritismo», nos conforta e ajuda a curar os nossos males. Nele se contêm as várias receitas que Jesus pregou e exemplificou, no afã de nos curar, educar e salvar para a vida eterna, além de outras obras para este objectivo. Está em nossa vontade abreviar o sofrimento ou permanecer nele. Ele continua connosco. Procuremos estar com Ele.

---

com o gradual alargamento de nossas percepções, até ser atingida a consciência cósmica, quando todos os pequenos centros individuais se fundirem num todo harmonioso, desaparecendo assim as inúmeras linhas, que parecem estabelecer distinções na criação.

Quando tal suceder, longe de perdermos o cunho da individualidade, teremos antes a sensação do seu alargamento e a tal ponto, que todo o universo parecerá contido em nós.

Em vez de cairmos num estado de extinção de consciência, esta adquirirá uma amplitude tal, que nos identificará com toda a criação.

A vida de cada ser não tem fundamento em algo que à primeira vista possa parecer sòmente propriedade sua, mas é proveniente do mesmo manancial onde todos mergulham suas raízes e cuja origem é Deus.

Devemos ver todos os seres em nós próprios e nós próprios em todos os seres, reconhecendo no ego o conjunto da criação, o próprio oceano da vida, numa unidade magnificente, que nos encherá de júbilo e assombro, fazendo-nos curvar humildes e reconhecidos, ante o poder e sabedoria do Criador.

Nos momentos em que, através de profundo arroubo, nos sentimos desprender dos liames materiais e alar-nos às alturas, bem viva sentimos uma doce sensação de alargamento, uma como que integração no todo universal, onde a alma se sente tomada de profunda e doce serenidade.

Estes parêntesis no meio da agitação mundana, ir-se-ão dilatando gradativamente, até sentirmos a força e a sabedoria do Todo.

Os seres se abastecem na Fonte que os alimenta, segundo as necessidades e na medida do seu desabrochamento anímico, até que a sensação da unidade lhes virá prodigalizar uma força e confiança ilimitadas, libertando-os para sempre dos sentimentos negativos, responsáveis pelos sofrimentos e misérias do passado.

Tudo se esclarecerá então em sua volta, sob o clarão de uma nova e potente luz.

A humanidade encaminha-se a passos rápidos para essa unidade, se bem que, à primeira vista, pareça afastar-se dela cada vez mais.

Se o universo é obra do Absoluto, não devemos, porém, crer, como os panteístas, que Deus seja o universo, embora a sua presença seja assimilada em toda a parte, nem como os politeistas, para os quais Deus é múltiplo, vendo um deus em cada uma das forças da natureza.

*(A concluir)*

# TEATRO DA ETERNIDADE

O arauto bate com o cabo da lança e a terra treme no seu rodopiar. O cortinado de nuvens diáfanas afasta-se e o anjo refulgente aparece radioso. Toca a trombeta e dos quatro cantos do infinito aproximam-se as sombras dos homens. Também as sombras dos brutos do céu, da terra e das águas comparecem.

— O teatro vai começar, anuncia. Os papéis são distribuídos segundo os carecteres de cada um. Previno, contudo, que não são definitivos. Todos devem estar aptos a desempenhar papel diferente. Aspirar aos talentos da primeira estrela é um dever.

Novamente a trombeta ressoa e as sombras espargem-se.

## QUADRO I

**A SERPENTE** — (espreitando para dentro do Éden) — Eva é bela e elegante! O Criador foi pródigo para com ela. A mim, porém, condenou-me a rastejar, a morder o pó. É certo que o arcanjo disse ser provisória esta minha situação. Mas não importa. Hei-de vingar-me. Não posso ver aquele corpo cheio de luz e harmonia. Além de que esta tranquilidade perpétua, incomoda-me. Quero ver estalar as árvores do Paraíso sob a fúria da tempestade, o trovão ribombar e o céu castigar a terra com seu raio fulminante. Agrada-me também vê-los experimentar a dor. Conseguirei os meus desígnios, ainda que minha cabeça tenha de ser esmagada para que o mundo fique liberto da perfídia.

**A VÍBORA** — A cobra, com suas veleidades poéticas, compromete a espécie.

## QUADRO II

**HERODES** — Dizem que nasceu um menino que vem disputar-me o poderio e a glória! Uma criança arrebatar-me o domínio! Mas é verdade que ùltimamente não tenho dormido bem (furibundo, ruge como leão ferido, na jaula). Matem esse menino! Matem todos os meninos! Não quero ouvir mais falar de meninos (Empalidece e leva as mãos ao lado direito). Ai a minha dor! Chamem o áulicos! Chamem os Magos, os astrólogos e os meus brilhantes generais! Ordeno que me libertem, imediatamente, desta dor!

## QUADRO III

**O SUMO PONTÍFICE** — E que autoridade tem esse Nazareno, filho do carpinteiro José, um ínfimo plebeu, para se dizer guia das gentes no caminho da Verdade?! Acaso o povo desconhece onde está a verdade? Porventura alguém ignora que a Verdade está com o corpo sacerdotal, descendente directo do pai Abraão e fiel observador da Lei de Moisés? Note-se o gozo espiritual dos fiéis ao ver-nos oficiar na magnificência do tempo com o cerimonial e a dignidade que nos são peculiares. Que possui o Nazareno de semelhante, que possa oferecer ao povo, ele, que tomou por companheiros uns humildes pescadores da beira-mar? É preciso não conhecer a psicologia da multidão inculta para temer a acção de um homem de condição tão modesta.

**ANNÁS** — Mas opera prodígios e emprega uma palavra quase desconhecida entre nós — Amor. A turba segue-o ...

**CAIFÁS** — Aos prodígios oporemos a força da nossa autoridade; e ao Amor, a fúria jeovásica. Todavia, é preciso que esse ousado aventureiro seja severamente punido, para que a autoridade dos doutores da Lei não seja mais enxovalhada! As mãos que nasceram para abençoar não podem tingir-se de sangue, mesmo de um rebelde. Entregá-lo-emos ao bárbaro romano e ele que faça justiça!

**ANNÁS** — Pilatos diz que o Nazareno é um justo e não vê culpa para o condenar...

**CAIFÁS** — Acuse-se de sedicioso, fomentador da rebelião popular, capaz de fazer perigar a autoridade de Roma.

**ANNÁS** — Não devemos esquecer que somos um país conquistado, oprimido e que toda a Judeia aspira a libertar-se das garras da águia imperial.

**CAIFÁS** — (levantando o indicador onde brilha jóia de alto valor, sentencia) Antes o domínio estrangeiro, que perder o domínio do povo!

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Consummatum est.

A Luz que vinha iluminar o mundo mostrou-se por um instante no firmamento e desapareceu como fúlgida estrela cadente. Pesadas trevas de noite duas vezes milenária envolveram a Terra.

## QUADRO IV

Surgem os alvores do novo dia.

**O FARISEU** — (despertando conturbado e aflito) Pesadelo horrível, visões do inferno! Hordas bárbaras destroçando civilizações, fogueiras, braseiros enormes! Máquinas diabólicas destruindo massas humanas, terramotos, inundações, a terra a debater-se num mar de sangue!... (grita) Fechem as janelas! Esta luz incomoda-me! Meus olhos não resistem a tanta claridade!... Que mundo é este?! (uma pausa) Ele! O Nazareno resplendecente como o pausa) Ele! O Nazareno resplandecente como o Sol! ... Acudam! Não posso mais! Libertem-me desta tortura! Quero mergulhar novamente nas trevas do passado!

POR S. TEIXEIRA

# PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

## (13) O DIA DE AMANHÃ

Estas palestras foram improvisadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

*A palestra de hoje é baseada num mote de José Selgas. Vamos glosá-lo, vamos desdobrá-lo em conversa de amigo.*

*Diz ele que o dia de amanhã é o dia das promessas, o refúgio da preguiça, o amparo da inveja, o sono de quem sofre e — vamos lá — o receio dos que são felizes.*

*Verifiquemos até que ponto há razão nestes conceitos. Desde o homem de estado ao mendigo, todos fazem projectos. O político faz projectos de lei. E daí até o mendigo é uma grande escala na qual se encontram as profissões liberais, os funcionários públicos, os professores, os comerciantes e industriais e até aqueles que não exercem profissão, mas que, nem por isso, deixam de fazer projectos.*

*Nuns há ânsia de conhecer, como os viajantes, que saem de casa e entretêm os ócios por vários pontos do globo. Têm necessidade de paisagens novas, de conhecer povos diferentes, de observar costumes. Têm ânsia de variação.*

*Também muito perto de nós o mesmo fenómeno se pode verificar. Nas donas de casa é a mudança dos móveis e das flores e até a própria elegância elementar. Quase todas revelam o sentimento, a tendência artística e poética na disposição de tudo. É rara aquela que, ao fim de certo tempo, não quer modificar uma sala, um escritório, um quarto de cama, dar-lhes disposição engenhosa para que os olhos tenham o seu pábulo — os olhos também comem — cada vez mais atraente e sugestivo.*

*Assim, verifica-se que há desejo de variação. Noutros há ânsia de variação. Não é bem a mesma coisa.*

*Nesta particularidade há duas espécies de indivíduos. Os que desejam modificar dentro da mesma directriz e os que o desejam fazer por inconformismo.*

*Os sistemas políticos estão sujeitos a variações, mesmo porque reflectem a opinião dos seus componentes. Hoje governa um partido, amanhã governa outro, dentro da orientação respectiva.*

*Mas há quem deseje modificação pura e simples. O existente já não lhes serve. Querem outro sistema, ou outro partido, melhor ou pior. São adeptos da evolução e da renovação. Uns lhe chamam reaccionários e outros inconformistas.*

*Isto pode estender-se às artes, às letras, à vida social e à própria religião. Tudo está em nosso temperamento. É um princípio natural.*

*Não conhecem indivíduos que se encontram sempre deslocados? O operário não quer ser mais operário. Quer subir, talvez a patrão. E o patrão, que foi antigo operário, quer alargar a sua influência a nova empresa — sabe-se lá —, porque há pessoas de actividade extraordinária.*

*Sei de alguns. Ainda ontem conversei com certo exemplar de homem que devia ter sido comerciante noutra vida, comerciante activo, totalmente activo, um homem que nunca poderia estratificar. A sua fisionomia revelava-o imediatamente.*

*Deste modo o futuro se realiza. No cérebro forte é arrojo; no fraco é mediania. Foi sempre assim. A lição é uma escada de Jacob. Quem chega ao primeiro degrau quer chegar ao segundo. E quem chega ao segundo fixa o terceiro.*

*Mas não há regra sem excepção. Alguns dizem, convincentemente:*

*— Quando for promovido, aposentar-me-ei.*

*Vem a promoção e o vencimento... Sobe-se o degrau...*

*— Estou novo, quero chegar ao outro...*

*Chega à nova meta, fixa novos degraus...*

*— Estou novo, quero continuar...*

*Mesmo, porque seria grande problema arranjar esforço para encher o tempo.*

★

*O homem sonha sempre. De dia e de noite. Os sonhos nocturnos são às vezes o complemento dos diurnos. Neles tomam parte entidades espirituais e o homem não se apercebe dessa companhia. E nós, recorrendo à história recente, verificamos, por exemplo, que o sonho hitleriano foi temeridade. Não lhe bastava unificar os grupos étnicos. Queria mais. Queria alargar o território à custa de nações pacíficas. O mesmo fez a Rússia com os estados satélites. E o sonho de Alves dos Reis com as célebres notas de quinhentos? Era a verdade com o fácies da mentira. Queria desenvolver o fomento nacional baseado em notas falsas...*

*Ainda, segundo o conceito de José Selgas, vemos os indolentes que guardam tudo para amanhã, esse dia que é refúgio de preguiçosos. Assim é, na verdade. Vejam o rosto do indolente. Olhar indeciso, voltado para a frente e para trás. Estes homens, ligados à inércia, abúlicos e apáticos, já nasceram cansados. O seu estudo levaria muito tempo e conduzir-nos-ia longe e eu quero apenas glosar o mote de José Selgas.*

*Este pensador disse também que o amanhã era o amparo de quem deve. Quem deve alivia, pensando que vem longe o dia do pagamento. Alguns esbarram com o dístico: «Hoje, não se fia; amanhã, sim».*

*É um dístico que ainda se encontra nalguns estabelecimentos. «Hoje, não se fia; amanhã sim». E certos pacóvios voltam no dia seguinte, julgando que, de facto, se deve fiar. E deparam com o mesmo dístico, que os relega sempre para o outro dia...*

*Esta ideia — de hoje e amanhã — é errada. O amanhã não passa de utopia. É uma abstracção que os homens teimam em desconhecer.*

*«E é consolo de quem sofre».*

*Diz-se: «Amanhã será melhor do que hoje». Quem tem proble-*

*mas graves a resolver, quem sofre profundamente necessita de palavras suaves, de conforto, de orientação. Mas nem sempre estes factores atingem o alvo. E os que estão saturados de dor e sofrimento? Para estes não há suavidade, nem orientação. Querem simplesmente auxílio, para que o madeiro seja mais leve.*

*Mas sabemos igualmente que o homem é animal de esperança.*

*A origem disto está ao nosso alcance. É uma realidade. É-a ligação ao Invisível.*

*Porque é que o homem tem esperança?*

*Quando tudo parece sossobrar, quando não há caminho, quando não há pão, quando as fronteiras estão barradas, porque existe ainda esperança? É que o homem, mesmo através do cepticismo, continua a crer, continua ligado a um poder mais alto. E é deste poder que lhe vem uma nesga de esperança.*

*E assim José Selgas tem razão, porque o amanhã é consolo de quem sofre e receio dos que são felizes.*

*Estes não querem modificação. Receiam que não possam defender a trincheira, e lançam na refrega os cartuchos que detêm. O mote citado ajusta-se, portanto, à realidade das coisas.*

*Se os felizes não querem modificação, os deserdados exigem-na. Reivindicam justiça e aguardam o amanhã da felicidade.*

*Vejam como é a vida. Notem os seus contrastes. Há justiça em cada posição. Naquele que tem reduto sólido e naquele que o não tem. É que as almas sentem aspiração de estabilidade e ninguém pode lutar contra ela.*

*O amanhã é o longínquo, é o dia a seguir a outro dia. E todos pensamos na sua transformação em dia de hoje...*

*Que estará para lá desse paredão? Quantas meditações, quantos vaticínios?*

*Será bom? Será mau? Será doloroso?*

*É uma grande interrogação.*

*Mas todos os dias pensamos no último dia da existência. Por isso José Selgas diz: «O amanhã é o dia longínquo». Dia cheio de esperança e de dúvida. Um dia que enche de pavor alguns espíritos fortes...*

*Outros chamam ao amanhã o dia das resoluções.*

*— Conta até dez — dizia Emerson aos que não sabiam esperar, nem pensar. É que as grandes coisas pertencem ao dia de amanhã. Quem tem de resolver um caso grave, não o resolve imediatamente. Guarda-o para amanhã. E ao dia de hoje pertencem os problemas comesinhos, que não exigem meditação. Os grandes... guardamo-los para amanhã.*

*Chamam prazo aberto às necessidades materiais, morais e espirituais. E às fraquezas, às dores e aos prazeres?*

*José Selgas diz que o amanhã é uma fonte inesgotável. É a saída de apuros, o dia em que haverá esforço e tudo o mais que o homem não consegue dilatar.*

*É o dia de São Nunca, como lhe chama o povo em linguagem peculiar. O prazo alivia a carga de cada um, permite a respiração; uma espécie de sentença dilatória que traz esperança e afasta a condenação. O dia de amanhã pode dar a sorte grande ao pária que não tem meios de se libertar a miséria.*

*Há também quem o veja em perspectiva que se descobre à distância.*

*Para outros é temor e desejo. Os primeiros querem vê-lo bem longe e os segundos bem perto. É semelhantes às boas e más horas.*

*O hoje é realidade gritante ou aliciante, conforme o acontecimento.*

*Pensando melhor, o amanhã não existe, nunca existirá. Será um dia igual ao de hoje, porque o tempo não conta no ontem que se extingiu, nem no amanhã, que não chegou.*

*Fabrica o tempo o dia de hoje eternamente renovado, em constante operação.*

*É, de facto, um problema transcendente que excede em muito a nossa percepção.*

*E Selgas terminou o seu mote com uma frase estranha e verdadeira:*

*— A preguiça foi quem mais trabalhou na fabricação desse dia singular.*

*E foi, sem dúvida, porque não devemos guardar para amanhã o que podemos fazer hoje. Guardar para amanhã é não realizar a obra, é reconhecer a improficuidade do nosso esforço e do nosso pensamento.*

*Então façamos-lhe guerra permanente, destruindo-o na imaginação de homens válidos, dos homens positivos, conscientes da sua missão. E seremos felizes, verificando uma realidade incontestável: quando o acontecimento é infenso ao espírito, o oculto surge em todo o seu mistério. É um cortejo de esperança até o último dia. E o povo o assinala com seu rifão.*

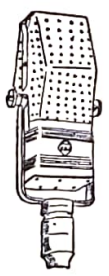
*Eis o que eu podia dizer sobre o dia de amanhã, o dia em que todos pensam, mas que ninguém viu, nem verá jamais.*

*E não podem vê-lo, porque não tem existência, excepto no calendário. Quando chega, muda de nome. É hoje. E o hoje é a única realidade temporal, dia que devemos viver com vontade de progredir que existe em nós e que temos de transmitir aos outros contìnuamente. Quem não extrai do quotidiano a humanidade que encerra, vegeta em esperança negativa.*

*E nós devemos ser fortes. Devemos extinguir o dia de amanhã, integrando os nossos projectos, as nossas idealizações no dia de hoje, o dia real, o dia em modificação, de minuto a minuto. O dia de hoje nem chega a ser um minuto. É a nota mais breve que podemos assimilar.*

*Vivamos este dia. Vivamo-lo como indica a doutrina espírita, fazendo todo o bem que pudermos. E se num décimo de segundo mitigarmos uma lágrima e colocarmos o cego no seu rumo verdadeiro, teremos exercido a orientação espiritual que os nossos guias nos outorgam, dia-a-dia, sempre e sempre no dia de hoje...*

**I. D. S.**

**Selecções Espiritualistas**

Direcção e Apresentação de

**NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO**

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

**Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»**

# O Centenário de Conan Doyle

*Agora, que em todo o mundo britânico se comemora o centenário de Sir Arthur Conan Doyle, o genial criador de* Sherlock Holmes *e uma das figuras proeminentes do Espiritismo,* Estudos Psíquicos *não quis deixar de lhe prestar homenagem, inserindo colaboração alusiva e lembrando que a mais bela faceta do grande escritor exteriorizou-se, quando se dedicou ao estudo dos fenómenos psíquicos.*

*Até então era médico que pouco devia à profissão e plumitivo inspirado num sector literário onde a surpresa e o mistério campeavam.*

*Só depois Conan Doyle começou a viver, como teve ocasião de explicar à esposa. É que o Espiritismo libertou-o dos dogmas que a sua igreja lhe apontara e ele sentiu-se outro homem. O caminho abria-se aos seus passos. Encontrou a sua vocação e o conhecimento do facto causou verdadeiro assombro. Só assim poderia ter percorrido oitenta mil quilómetros em viagens de propaganda através de vários continentes.*

**Sir Arthur Conan Doyle**

*Vivia, porém, num país retrógrado em matéria filosófica e por isso foi obrigado a financiar a publicação das suas obras espiritas.*

*Esta doutrina sublime afasta o indivíduo das frivolidades materiais e dá-lhe coragem maior em face das dificuldades. E constitui um refúgio para todas as dores e um lenitivo para todas as injustiças do mundo.*

*Como diz Fred Archer,* Sir *Arthur Conan Doyle deu riqueza, labor, tempo e talento, nome e reputação ao ideal de sua vida, numa isenção total. Foi um exemplo extraordinário de renùncia às lantejoulas da vida. Depois de se ter distinguido em muitos departamentos da actividade literária e desportiva, o Espiritismo lhe deu horizontes novos, onde brilhou como estrela de primeira, grandeza, na última fase da existência.*

# A VIDA E A OBRA DE CONAN DOYLE

**Por FRED ARCHER**

Sir Arthur Conan Doyle nasceu a 22 de Maio de 1850 e durante a sua existência terrena bem se pode dizer que personificou todas as virtudes — e também alguns defeitos — da raça britânica. O seu nome entrou na imortalidade, não só porque foi o genial criador de *Sherlock Holmes*, mas porque, a par da sua extraordinária carreira literária, lhe coube ser o maior propagandista do Espiritismo da sua época.

O contributo que prestou à literatura e particularmente à literatura de ficção, ao comemorar-se a data do centenário do seu nascimento, será lembrado — *urbi et orbi* — na rádio, nos programas da B. B. C., na televisão, nos jornais e revistas de todo o mundo, como um dos casos mais excepcionais de intensidade literária, de honestidade e de fé, numa homenagem universal e unânime.

O círculo de admiradores que se vão congregar na *Sherlock Holmes Society* no seu jantar comemorativo evocará o escritor melhor pago do seu tempo e da sua geração, o escritor que viu o seu labor bem compensado materialmente, mas que gastou com o seu ideal mais de duzentas e cinquenta mil libras — perdendo com isso muitos dos seus amigos e dando-lhe, por fim, a vida.

Foi no jantar da *Royal Society* que pela primeira vez Conan Doyle tomou decididamente a defesa de Sir William Crookes, quando, por ironia, alguém perguntou «se Saúl se podia contar entre os profetas». Ali afirmou com inteira convicção, que estudara com absoluta imparcialidade, não só os escritos de Crookes, como os de Lodge e de Myers e que concluira serem em tudo dignos de crédito, acrescentando ainda que de há muito se dedicava às leituras e investigações psíquicas. Contudo, entre esta data e a sua pública adesão ao Espiritismo, mediaram 30 anos de labor, de

estudo rigoroso e de experiências que culminariam na sua profissão de fé, total e inabalável.

Aos que afirmam que o grande novelista se converteu ao Espiritismo depois e por causa da morte de seu filho Kingsley, basta observar-lhes que já dois anos antes enunciara as suas ideias à cerca da matéria, após anos e anos de exaustivas pesquisas e lucubrações, já que lògicamente não o podia ter feito doutro modo — filho, como era, de família católica, educado por jesuítas e tendo praticado medicina na austera escola de Edimburgo. Além disso é preciso lembrar sempre que Conan Doyle era *Sherlock Holmes* e que possuía todas as qualidades de raciocínio da sua imortal figura, bastando recordar, para ilustrar a afirmação, que Óscar Slater, condenado à morte, foi libertado após os esforços de Doyle, que provou a sua inocência, tal como sucedeu com George Edalji e tantos outros, injustamente acusados, que viam em *Sherlock Holmes* um último apelo, até que se provou a necessidade dum Supremo Tribunal de Apelações.

Esses dons de dedução e clarividência levaram o chefe dos laboratórios da polícia francesa a afirmar que Doyle era um extraordinário investigador criminal, no que foi seguido por muitos outros seus colegas de todo o mundo.

Portanto, as investigações do escritor no campo do Espiritismo eram as de um *Shrlock Holmes* real. E ainda que tivesse uma família influente, que o poderia ter ajudado a fazer carreira em Londres através das relações católicas do seu meio, o jovem médico, nessa altura já agnóstico, declarou peremptòriamente não poder seguir «credos» em que não acreditava. E ante a insistência dos parentes respondeu:

— É o mesmo que dizerem-me que tenha cabelo preto em lugar de castanho. A razão é a mais bela das dádivas e o nosso dever é utilizá-la. O mal das religiões é afirmar coisas que se não provam. E o cristianismo, a par de coisas excelentes e nobres, mantém um sem número de contra-sensos.

Assim Conan Doyle teve que encarar sòzinho um futuro muito pouco animador no campo da Medicina. E foi justamente ao tentar abrir uma clínica em Southsea, que o General Draysin, matemático e astrónomo bem conhecido, seu cliente acidental, pela primeira vez conseguiu interessá-lo no Espiritismo. Em consequência, Doyle leu dum fôlego 74 livros de espiritismo no período dum ano, acompanhando as leituras e as meditações com sessões espiritas com um amigo e um médium e concluindo, imparcialmente, que a doutrina exposta nada continha da intolerância que ele detestava «sem influenciar dogmàticamnte o indivíduo e dizer-lhe que perderia a sua alma, se discordasse deste ou daquele ponto». O seu espírito arguto pôde verificar que os cientistas que defendiam o Espiritismo haviam procedido a profundas provas experimentais, ao contrário dos colegas que o contradiziam.

Assim, quando o já famoso Dr. Doyle foi a Buckingam Palace para receber o grau de cavaleiro que sua mãe insistira para aceitar — encontrou ali e para o mesmo fim o Professor Oliver Lodge. Foi uma coincidência que qualquer escritor gostaria de descrever, porque, enquanto esperavam, os dois homens, que se tornariam depois os expoentes mais notáveis e mais atacados do Espiritismo, se entretiveram apaixonadamente a falar de factos psíquicos, o que os fez quase esquecer a razão por que se encontravam juntos.

Mas Doyle não estava ainda completamente convencido. Só quando atingiu a prova decisiva que buscava se resolveu a proclamar o facto, que nos é contado por outro notável escritor policial, John Dickson Carr, na sua biografia do grande novelista e em termos emocionantes. Doyle sabia o que teria que enfrentar e quis saber a opinião de sua esposa.

— Nada me importa, se acreditas que é esse o caminho — respondeu-lhe Lady Doyle.

— Não posso proceder doutra maneira. Toda a minha vida, afinal, tinha este fim — o maior de todos no mundo.

E assim, nas palavras de John Dickson Carr, «o velho campeão, querido por tantos, mas defendido por tão poucos, levantou a sua espada pela última e mais bela das batalhas».

★

Conversão alguma poderia ter criado tão larga e discutida sensação e por isso Doyle era conhecido e respeitado em todos os aspectos da sua vida, visitado por reis e governantes, aclamado como grande novelista pelo público e por todos os escritores. O homem da rua queria-lhe, não só porque ele era o criador de *Sherlock Holmes*, mas também porque via nele o desportista viril que vencera W. G. Grace, que fazia uma centena de carambolas ao bilhar e conquistara um lugar nos meios-pesados, ao mesmo tempo que na ciência aplicada inventara um dispositivo especial contra os perigos dos submarinos.

No meio desta complexa personalidade, Conan Doyle, — apóstolo do senso comum — tornou-se um espirita convicto. Dez anos antes, quando disputava uma campanha eleitoral, seu irmão Innes observou-lhe quão estranho seria se a sua carreira se transformasse em política. Doyle limitou-se a responder — «Não, será religiosa» — e o tempo demonstrou ser verdade. E quando chegou a notícia da agonia de seu filho, Conan Doyle encontrava-se numa sessão espirita.

Depois da primeira grande guerra começou as suas viagens e em 5 anos percorreria 80.000 km e falaria a mais de 250.000 pessoas! Mas, infelizmente, o mais bem pago escritor do mundo teria de custear os seus livros espiritas — que culminaram na monumental «História do Espiritismo Experimental».

O pariato que lhe fora oferecido foi-lhe retirado pelos conselheiros do rei, dado o simples facto de ser espirita. Muitos dos seus amigos altamente colocados o abandonaram. Mas ele continuou, mesmo doente, a recusar os conselhos dos médicos, insistindo em frequentar os centros espiritas. E o seu último acto oficial foi visitar o ministro do Interior britânico para lhe pedir que o inimigo *Witchcraft Act* fosse abolido. Era uma velha lei de há séculos contra os vagabundos e que muitos juízes aplicavam aos médiuns.

... Riqueza e labor, tempo e talento, nome e reputação — muitos nos oferecem algo destes bens e muitos pouco têm para nos dar. Sir Arthur Conan Doyle tudo possuia e tudo deu, numa isenção total.

Tão generosamente como ele se votou à Humanidade nós o devemos recordar e exaltar.

**(Trad. do «Psichic News», 23 de Maio de 1959)**

# Uma aventura mais fantástica do que a própria morte

*Sir Arthur Conan Doyle nunca esteve tanto em evidência como após a sua morte. É que o seu espírito jamais deixou de revelar-se, sessão a sessão, voltando para nos demonstrar a sua sobrevivência, pedindo, mesmo suplicando que com ele se mantivesse o contacto que tivemos com a sua vida admirável e fornecendo aquelas provas de que os cépticos ainda necessitam. Mas, sem dúvida, a mais extraordinária reunião em que apareceu realizou-se numa aeronave — o que lhe fez dizer:*

*— Eis uma aventura mais fantástica do que a própria morte!*

*Com efeito, a sua voz foi ouvida no escuro da cabina dum aeroplano, a 2 quilómetros de Nova Iorque. E este inédito encontro foi planeado por John Goldstrom, autor da «História da Aviação Americana» que entrevistara Doyle 12 anos antes. Nessa entrevista uma das perguntas fora: «Sir Doyle, já pensou alguma vez em experiências psíquicas feitas a bordo dum avião?»*

*A esta pergunta o escritor respondera que jamais o pensara, mas que temia que os ruídos perturbassem o médium. E o caso ficou por aqui, até que em 1935, cinco anos após a morte de Doyle, Goldstrom assistiu a uma sessões em Nova Iorque, na companhia de Frank Decker e ali escutou a inconfundível voz do escritor, até então jamais ouvida do Além, perguntando-lhe se era o jornalista que o entrevistara. Goldstrom aproveitou a oportunidade para perguntar se se lembrava da sua sugestão e se consentia em experimentá-la — no que Doyle concordou.*

*Feitos os preparativos, Miss Maina L. Tafe foi a médium escolhida, por Decker estar ocupado, e assim, determinada noite, um transporte «Douglas» descolou para voar sobre a imensa Nova Iorque, chamejante de luzes. A única particularidade no arranjo interior consistia no obscurecimento da cabina para evitar os raios da Lua e o fulgor das estrelas. A assistência compunha-se apenas de espiritas de renome.*

*Quando Doyle voltou a comunicar, Goldstrom identificou novamente a sua voz inconfundível, quando afirmou:*

*— Eis uma aventura mais fantástica do que a própria morte! Pensar que nos encontramos aqui juntos, voando sobre a ciclópica Nova Iorque! É maravilhoso!*

## PROVAS

*No final da sessão, quando já outros famosos comunicantes tinham falado, o espírito de Doyle voltou de novo. Desta vez dirigiu-se a Arthur Ford, notável médium americano, que ajudara Goldstrom a preparar a sessão. Ford perguntou logo ao grande escritor se ele se lembrava em que local o encontrara a última vez e quem estava presente.*

*— Lembro-me muito bem — respondeu Doyle — foi após a experiência de Cantlon, no meu hotel. David Gow encontrava-se presente.*

*Era exacto e o conhecido médium declarou após a inédita experiência que, além da voz ser exactamente aquela que caracterizava na Terra o grande mestre da ficção, o facto de se ter podido ouvir num aeroplano demonstrava que a altitude não tinha efeitos apreciáveis nos fenómenos psíquicos e que nessa atmosfera isenta de vibrações terrestres as vozes eram muito mais claras.*

*No caso de Conan Doyle, quando o seu espírito se aproximou da Terra, a sua metafísica intervenção salvou duas vezes a vida de seu filho mais velho, Denis, no tempo em que era corredor de automóveis. Quando David Bedbrook lhe transmitiu o primeiro aviso, os mecânicos examinaram atentamente o sistema de condução do carro e verificaram que um parafuso estava gasto e apenas seguro pela última volta da rosca.*

*E foi o próprio Denis que declarou:*

*— Se eu tivesse guiado o carro à velocidade prevista só podia ter obtido um resultado: no primeiro aumento de velocidade máxima o eixo ter-se-ia partido e eu sofreria um choque desastroso e inevitável.*

*No segundo caso Denis recebeu uma mensagem espirita de seu pai, dizendo-lhe que não comprasse o novo carro que pretendia e que se verificou ter um grave defeito que conduziria à morte o desportista, se ele houvesse entrado na competição internacional.*

## A CHAVE

*Mas dentre todas as provas evidentes da sua sobrevivência e da comunicação com a Terra, uma das maiores é dada através de uma mulher desconhecida de sua família com quem Sir Arthur tomou contacto* — transportando durante 70 quilómetros a chave da porta do seu gabinete fechado! *O caso passou-se desta forma:*

*Aproximadamente um mês após o trespasse do escritor, uma senhora escocesa, Mrs. Caird Miller, que só recentemente começara a desenvolver os seus extraordinários dotes de clariaudiente, ouviu um espírito dizer-lhe:*

*— O meu nome é Arthur Conan Doyle; pretendo comunicar com minha esposa e transmitir-lhe uma mensagem.*

*Como a senhora jamais conhecera Doyle ou sua família pediu-lhe então uma prova da sua identidade, ao que ele respondeu fornecendo-lhe as iniciais de todos os membros de sua casa e o número do telefone de sua mulher, o qual — acrescentou — não encontraria na lista, porque se tratava do número privativo da sua moradia em New Forest.*

*A médium telefonou imediatamente para o número indicado, sendo logo atendida por Lady Doyle que, ao tempo, como de resto todos os membros da fa-*

# CONAN DOYLE E OS INTELECTUAIS

Por RUI RIBAMAR

*Para os intelectuais de todo o mundo o caso espiritual de Sir Arthur Conan Doyle é bem diverso das preocupações dos seus biógrafos e até da projecção da sua obra extraordinária no plano em que se colocou — sobretudo nos seus últimos e admiráveis livros de ficção.*

*Efectivamente o criador de* Sherlock Holmes *— uma personagem a quem podemos chamar, com propriedade, auto-biográfica — atingia, na altura da* morte *do seu ímpar investigador, a culminância dum tal poder dedutivo, especulação lógica e capacidade de raciocínio, que muitos e mais fecundos frutos se poderiam dele esperar neste domínio.*

*São conhecidas as razões por que decidiu eliminar o seu herói — herói duma geração inteira — e como sério foi o motivo que o levou a fazê-lo. Esta limitação voluntária a um talento em plena pujança e todo o processo que se lhe antecedeu, é, de facto, o que, para o escritor, o filósofo ou o teólogo mais interessa nesta figura, certa, equilibrada — «the right man in right place» — que tanto apaixonou os leitores dos dois continentes e ainda hoje é mestre incontestado no seu género.*

*Para além da vida de rotina, de convívio ou de profissão; para além das suas preferências, da sua educação, das premissas religiosas oferecidas pelo seu nascimento no seio duma nobre e velha família, o problema de Deus e do Universo foi para Conan Doyle, decerto, o problema que, com o rodar dos anos, mais o afligiu — porque a sua existência é um exemplo de autenticidade. E, sem dúvida, o escritor que com a sua pena mágica podia, na ficção, levar o leitor ao paroxismo do interesse e dar um sentido matemático às reacções humanas chegou finalmente ao ponto em que o destino do homem se descentra da sua condição efémera e transitória. A ele, como a tantos, a necessidade da explicação lógica da vida, do trânsito da morte, da aniquilação sem remissões dos materialistas, do prolongamento pela eleição ou pelo castigo noutro mundo à parte oferecido pela ortodoxia, sobreveio com a implacável urgência duma angústia de conhecimento, imperativo e inadiável.*

*Conan Doyle não se resignou ao dogma, ou, melhor, não o pode fazer. Ao ponto em que a equação da sua inteligência havia chegado, mormente o problema do infinito e das razões aparentemente inúteis da existência humana sobre a terra, assumiram no seu espírito a cruciante forma duma terrível dúvida a resolver: a de se o homem tem direito a violar o mistério vedado do Universo. A seu lado a ciência e a filosofia debatiam desde há milénios a mesma trágica pergunta. Mas nem a ciência nem a filosofia passavam da técnica e da especulação. Era pouco para um homem que, acima de tudo, via a inteligência como força divina — a que produz o génio e justifica a vida.*

*A revelação dum outro mundo comunicante surgiu-lhe, quando já de há muito o seu espírito buscava, ansioso, a prova que a sua razão lhe pedia inexoràvelmente. Não foi um caso de cómoda aceitação, de fanatismo, de atitude, de sugestão. A sua adesão ao Espiritismo foi, decerto, o acto mais sincero, real, honesto de todos os que se conhecem da parte dum intelectual, que viveu para a verdade e para a lógica.*

*E eu aqui ao prestar-lhe, nestas curtas e simples linhas, a homenagem que a sua alta figura bem merece, permito-me também apontar o seu exemplo a tantos intelectuais, cujas angústias e limitações se manifestam na ânsia insatisfeita de explicarem através da psicologia, da religião ou do agnosticismo, esse problema maior para todo o homem que pensa: o conceito de Deus e seu mundo uno na Eternidade.*

---

*mília, se via aflita com a quantidade de pretensas mensagens espíritas vindas de todo o mundo e por isso insistiu por mais provas.*

*A médium perguntou então ao espírito do grande romancista o que deveria fazer.*

*— Procure a sr.ª Deane e eu aparecerei na fotografia que ela tirar.*

*Efectivamente, depois da* pose, *a fotografia fiel e indiscutível de Conan Doyle aparecia sobre a cabeça da sr.ª Miller. Mas Lady Doyle, ainda que reconhecendo o facto, quis mais provas — que, aliás, lhe foram dadas, quando a sr.ª Miller encontrou na casa que habitava em Londres uma chave escondida sob o travesseiro. E ainda hoje é um mistério como ali chegara, se bem que a voz de Doyle lhe dissesse nessa noite:*

*— Essa chave é minha e pertence ao meu gabinete em Crowborough que sempre conservei fechado. Envie-a a meu filho Denis.*

*A sr.ª Miller telefonou a Denis Conan Doyle e contou-lhe o sucedido. O desportista imediatamente se dirigiu de Crowborough, no Sussex, para Londres, a fim de recolher a chave e, com grande satisfação da sr.ª Miller, telefonou-lhe mais tarde, dizendo que, na realidade, a chave se ajustava perfeitamente à fechadura do gabinete de seu pai!*

*Repetidas vezes, deste ou daquele modo, através de muitos médiuns,* Sir *Arthur Conan Doyle pôs a sua assinatura espiritual em muitas comunicações. E sua esposa sempre dizia:*

*— Eu e meus filhos recebemos a maior prova de que o amor e o carinho de meu marido por nós continua vivo. A sensação da sua presença e do seu poder para nos guiar e ajudar é uma fonte de indescritível energia, no sentido de enfrentarmos as dificuldades da existência.*

*Seu filho Denis igualmente afirmou:*

*— Em muitas ocasiões críticas recebi os conselhos de meu pai, vindos do Além, e nunca saíram errados. Nesses momentos, se eu os não seguisse, muito teria que lamentar.*

*No centenário do nascimento do grande novelista e do espírita convicto que foi* Sir *Arthur Conan Doyle, nem Lady Doyle, nem seu filho Denis poderão assistir às homenagens que o mundo inteiro lhe prestará. Ambos morreram já. Mas, no mundo dos espíritos, mais uma vez reunidos, poderão celebrar a data assinalada com o maior espírita — justamente* Sir *Arthur Conan Doyle, o magnífico escritor, o fervoroso espírita e o grande comunicante do Além!*

**(Do «Two Worlds» de 23 de Maio)**

# «SIR» CONAN DOYLE

Por NEWTON GONÇALVES DE BARROS
**(Correspondente em Nova Iguaçú)**

O Instituto de Cultura Espirita do Brasil presta, hoje, homenagem singela e carinhosa a um dos grandes líderes da Doutrna Espirita: Sir Arthur Conan Doyle.

Lembramos aqui alguns dados biográficos do ilustre literato e cientista.

Exactamente a 22 de Maio de 1859, há um século, portanto, nascia em Edimburgo, Arthur Conan Doyle.

Diplomou-se em Medicina em 1881. Após 1890 viajou pelas regiões mais inóspitas, do Árctico à África.

Sua precocidade nas artes foi notória. Aos seis anos escreveu o primeiro conto.

A criação de Sherlock Holmes, em seu «A Study in Scarlet», marca o início de sua gloriosa carreira literária.

O mundo civilizado, desde então, se empolgou com o super-detective literato e cientista.

Hoje, existem três colecções distintas de suas primeiras obras, vertidas para numerosas línguas.

Como consequência de sua participação na guerra dos «boers», na África, penetrou levemente em História e na Política (internacional) em alguns trabalhos seus.

Experimentado, vivido e ressofrido, iniciou, após o irromper da Guerra de 1914, a pesquisa sobre metapsíquica.

Nasceu, então, a personalidade definitiva e superior do cientista cristão!

Não foi um tímido, encolhido e escondido por trás de William Crookes ou Sir Oliver Lodge.

Não foi um comodista de gabinete, escrevendo com pseudónimos.

Não foi um estático, aguardando que outros o buscassem no seu trono já conquistado pelo mérito intelectual.

Não foi um místico, cegando a razão com pequenas provas refutáveis.

Não foi um curioso, deslumbrado com mágicas destrutíveis pela experimentação.

Entregou-se, com o raciocínio e o coração, à pesquisa e à propaganda das verdades do cristianismo renascido. Daí as palavras de Sir Oliver Lodge a 7 de Julho de 1930, ante seu corpo: «Nosso valoroso trabalhador breve estará prosseguindo sua tarefa do outro lado, com mais sabedoria e experiência!»

O Rev. Drayton Thomas disse, sobre ele, estas palavras: «Deus o abençoe pela vida que viveu, cheia de desprendimento».

«Nunca homem algum seguiu, mais dignamente, as pegadas do Mestre Jesus».

Percorrendo a Europa e a América do Norte na propaganda firme e judiciosa da Doutrina, mereceu a cognominação de São Paulo do Metapsiquismo.

Foi presidente da «London Spiritualist Alliance» e colaborador do jornal Light.

Possuía, em Londres, a «Livraria Psíquica».

Escreveu «A Nova Revelação», em 1918.

E prosseguiu com «The Vital Message», «History of Spiritualism» e «The Wanderings of a Spiritualist».

É interessante relembrar que Conan Doyle, como Kardec e Curie, sempre foi apoiado, moral e afectivamente, por uma companheira «admirável», até aos últimos momentos!

São interessantes as suas conclusões, características de um espírito frio e amante da verdade.

Afirmava o ilustre pensador:

«A questão das investigações psíquicas é uma das que mais me tem feito pensar; e, entre todas, aquela sobre a qual mais tardei em formar opinião».

Isto prova o seu cuidado de investigador honesto.

E continua: Em 1886, li com absoluto cepticismo «As Reminisciências do Juiz Edmonds», membro do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Continuei a ler todos os livros que me vinham às mãos referentes ao assunto». E auto-analisa-se escrevendo uma afirmação que lhe dá as honras de um perfeito cientista: «Darwin, Huxley, Tindall e Herbert Spencer zombavam desse novo ramo do conhecimento. Mas vim a saber que a zombaria deles chegara ao extremo de não quererem, ao menos, examinar os fenómenos. Seu modo de proceder era, portanto, dogmático e nada científico».

Embora racionalista bem intencionado, não perdeu, orgulhosamente, na lousa fria da razão fria, o calor cristianíssimo do coração humano.

E anotava expressões de espíritos, assim: «A prece é muito salutar, porque nos põe em contacto com o mundo espiritual».

Procurando interessar os verdadeiros amantes de um mundo melhor, observava sobre os fenómenos aparentemente sem significação:

«A campainhada do telefone é coisa, em si mesmo, pueril; mas pode dar-se que seja a chamada para uma comunicação de vital interesse». E continua:

«O imenso corpo de doutrina... fará da religião alguma coisa muito real, não mais simples matéria de fé, porém de experimentação e de facto». E ainda:

«Os fenómenos psíquicos... ensinam a sobrevivência da alma e influenciam o nosso proceder neste mundo...».

«Se isto é coisa diferente de religião, confesso que não compreendo a distinção».

«Para mim, é religião, é a própria essência da religião».

O cristianismo, em seu próprio benefício, receberá influências benéficas da prova científica dos fenómenos psíquicos, sintetiza o admirável pesquisador:

«envolverá, firmando-se;
ajustará a razão e a fé;
aproveitará a vida de Jesus e não a sua morte;
do mundo espiritual receberá novas luzes esclarecedoras sobre nós;
vencerá a morte para o advento da paz para a humanidade;
explicará os milagres de Jesus à

# Desencarnou o Coronel Ricardo Machado

Apesar da avançada idade e de doença intermintente que, desde alguns meses, lhe vinha enfraquecendo as energias físicas, o trespasse do Cor. Ricardo Machado causou surpresa e grande emoção no seio da sociedade baiana, onde o seu nome era alvo de particular admiração e estima.

O óbito ocorreu no dia 23 do passado mês de Abril, sendo os despojos mortais trasladados para a *Associação dos Empregados no Comércio da Bahia*, entidade de que era um dos fundadores e grande benemérito, dali saíndo o féretro na tarde do dia seguinte para o cemitério da Quinta dos Lázaros. Aí falaram, numa sincera homenagem ao espírito do companheiro de lides desencarnado, entre outros oradores, os Drs. Raúl Guimarães, Abílio Silva Lima, Eusínio Lavigne e Renato Franco, este último em nome da *Associação dos Empregados no Comércio* e os outros interpretando o sentimento da colectividade espirita e das associações que representavam.

Alagoano de nascimento, mas radicado na Bahia desde a juventude, nesta terra o Cor. Ricardo Machado, como espirita ardoroso e culto que era, desenvolveu uma actividade intensa e fecunda, tanto na imprensa como na tribuna, onde a sua palavra arrebatadora atraía sempre um público numerosíssimo e heterogéneo. Não foram poucos os adversários do Espiritismo que as réplicas de Ricardo Machado compeliram ao silêncio, assim como era incontável o número daqueles, que nessas ocasiões liam com avidez os seus artigos. Escritor, que também o era, o denodado combatente encerrou a sua laboriosa existência aos 84 anos, paupérrimo, por nunca ter sabido entesourar os bens da terra que lhe chegaram à mãos com abundância.

Melhor retratarão a personalidade do confrade objectivamente desaparecido as palavras à beira do seu túmulo pronunciadas pelo nosso ilustre companheiro de Ideal, Dr. Eusínio Lavigne:

«Ricardo da Silva Teixeira Machado era um homem que primava pelo carácter, pela honestidade, pelo dinamismo, em proveito sempre da justiça e da solidariedade humana. E foi precisamente por causa desses predicados, que tomou a iniciativa — dela saíndo vitorioso — de fundar, como de facto foi fundada, a *Associação dos Empregados no Comércio da Bahia*, que notáveis serviços tem prestado à colectividade.

«Em todos os cometimentos em que se envolvia, prevaleceu, entretanto, — e isso ele fazia questão de acentuar, e o repito por ter sido um dos seus íntimos amigos — o seu sentimento cristão, de espirita intransigente, como o fundamento da nobreza de todas as suas acções. Essa intransigência é que o levava, por vezes, aos limites da veemência, que lembrava o látego de Jesus contra os conspurcadores do Templo.

«Todavia, era a onda do mar que se agita na superfície, mas, no fundo, conserva a serenidade, para meditar e não perder o estímulo da bondade que, realmente, tanto enobrecia o seu coração, e que, por fim, lhe trouxe o empobrecimento, por avaliar títulos que religiosamente pagou.

«A par da riqueza do seu tesouro moral, realçavam-lhe o espírito a vivacidade da inteligência, o gosto pelas letras, a sua habilidade de contabilista, seu ânimo combativo, a rectidão de suas atitudes e a energia de uma vontade, nas campanhas pela imprensa, como pelas demais tribunas públicas, em prol das sagradas causas sociais, de que o espirita, dentro de uma consciência doutrinária, não pode afastar-se — eis que ninguém se nutre sem a ajuda do trabalho da sociedade, a que devemos, por isso mesmo, servir, como dever de humanismo e como imperativo da nossa própria existência individual.

«Eis por que Ricardo Machado foi dos primeiros, na Bahia, a sustentar que o Espiritismo era uma ciência e, portanto, não podia permanecer indiferente aos problemas da assistência social, de que o saudoso companheiro se tornou ardoroso apóstolo, mesmo com a oposição de confrades distintos e respeitáveis. Assim o reclamava a sua boa-fé, o seu amor à verdade, a limpidez de suas intenções, a sua franqueza incoercível, ainda que, objectivamente, nem sempre certa e acertada, mas, em todo o caso, merecedora de consideração, pela sinceridade com que se empenhava pelas obras a seu cargo, das quais, entre tantas, ressaltamos o *Instituto Kardecista da Bahia*.

«Em nome da fraternidade e da paz, invocamos a assistência do Alto para este extremo lutador, que cumpriu sua missão na terra e hoje volta redimido, às regiões do Além, onde todos havemos de depositar o nosso destino final».

**(Do redactor-correspondente de Estudos Psíquicos na Bahia)**

---

*luz da Ciência, elevando o Mestre para mais alto;*
*ressurgirá como a primitiva igreja cristã, mais puro, brilhante e sublime!».*

★

*A mensagem final de* Sir *Arthur Conan Doyle é um farol para os verdadeiros e honestos pesquisadores da hora que vivemos.*

*Afirma o homenageado desta noite:*

*«O Espiritismo assenta nalguma coisa mais sólida que textos, traduções ou instruções».*

*E afirma, decisivo e entusiasta:*

*«Empenho a minha honra em como o Espiritismo é uma verdade. E sei que o Espiritismo é infinitamente mais importante que a literatura, as artes e a política; mais importante, com efeito, do que tudo no mundo».*

*Avaliamos, hoje, todo o vigor dessa conclusão «a posteriori».*

*Nossa melhor homenagem, neste momento, ainda é uma profunda e intensa gratidão ao ínclito bandeirante que abriu vigorosamente uma trilha iluminada na terra virgem e ubertosa da verdadeira ciência superior.*

*Jesus compense o espírito de Conan Doyle com a gratidão de todos nós, felicitados pela luz que apostolarmente auxiliou a difusão!*

(Lido na Rádio Guanabara, às 19 horas de 22 de Maio de 1959, na Hora de Selecções Espiritualistas).

## CONAN DOYLE

# O Homem que Eu Conheci...

*Por HARVEY METCALFE*

Nesta hora de evocação os espiritas de todo o mundo preparam-se para prestar as mais altas homenagens à figura e à obra de Sir Arthur Conan Doyle, de sagrada memória, presidente espiritual da União Nacional dos Espiritas.

E eu fui de longada a Picardy Place, em Edimburgo, para rever os lugares onde nasceu e a lápida que comemora a sua vinda ao mundo — uma simples placa encimando a entrada humilde do edifício, agora ocupado por escritórios, ostentando o seu nome e data de nascimento e apontando-o meramente como o criador de *Sherlock Holmes*.

Mas Doyle foi muito mais que um criador. Foi, em realidade, o próprio *Sherlock Holmes* — com tal poder de observação, que podia dizer, à primeira vista, a profissão de qualquer indivíduo, ainda que o Dr. Bell, da Universidade de Edimburgo, com quem tanto Doyle privou de 1876 a 1881, ao formar-se em Medicina, seja geralmente tido como o protótipo do genial «detective».

### ERA ELE O «DETECTIVE»!

Eu sou dos que estão firmemente convencidos, pela análise da sua complexa personalidade, de que Conan Doyle possuía todas as faculdades do seu famoso herói. O treino seguido nos métodos de Doyle pela polícia egípcia e a verificação laboratorial das suas deduções no crime dos Lyons são a prova dos seus excepcionais dotes de observação e do seu extraordinário poder dedutivo. E se não é hoje o mentor de todas as histórias policiais do mundo continua a ser o seu mestre indiscutível. Pelo seu trabalho, operoso, brilhante e original conseguiu reconstituir os bens da família, perdidos quando seu bisavô, que viveu uma longa vida de fidalgo irlandês, foi expulso dos seus domínios por força e rigor da lei. Os seus antepassados tudo sacrificaram pela Igreja Católica, pela fé católica. Mas Sir Arthur Conan Doyle foi pelo Espiritismo que percorreu o mundo e prescindiu do pariato para se manter fiel ao seu ideal e à sua cruzada, sacrificando por fim a criação imortal de *Sherlock Holmes* para se dedicar totalmente ao seu apostolado.

No entanto a sua filosofia era simples. Há muitos anos disse-me um dia, por carta:

— O materialismo está na base de todos os males que afligem o mundo. É preciso convencer as gentes de que existe realmente um mundo invisível à nossa volta e que não temos de voltar atrás 2.000 anos para nos pormos em contacto com ele.

Acima de tudo, era um homem de rara coragem moral. Fossem quais fossem as circunstâncias, só a verdade lhe importava. Nunca se furtava a compromissos públicos — e numa já célebre reunião espirita falou durante hora e meia, apesar de acabar de receber a notícia da morte de seu filho mais velho, antes de subir à tribuna.

Muitas vezes pisei o estrado onde Arthur Conan Doyle discursou a milhares de ouvintes fiéis e fascinados pela sua lógica poderosa e subtil, pela sua convicção avassaladora, ainda que afirmasse sempre que era o *mensageiro* e não o *homem* que eles escutavam.

Em consequência do seu esforço incessante e contínuo, foi ele próprio que apressou a morte, dirigindo seguidamente duas sessões no dia do Armistício, quando já se encontrava muito doente. Mesmo assim, ainda subiu as escadarias do Governo para solicitar ao ministro do Interior protecção para os médiuns perseguidos ao abrigo do iníquo *Witchcraft Act*, datado de 1735. Só mais tarde, em 1951, o Parlamento modificou as anomalias da lei. Mas Doyle estava morto para a vida terrena.

Ao contrário de muitos vultos imortais da literatura, Conan Doyle viu bem compensados financeiramente os frutos do seu génio e com a premissa do pagamento de 10 xelins por linha tornou-se, sem dúvida, o escritor mais bem pago do mundo. Os seus 70 livros são o seu melhor monumento, ainda que não devamos esquecer as suas intervenções humanas e pessoais nos casos de Edalji e de Slater. Eu próprio vi Slater, quando saiu da prisão, em 1927, e considerei a dívida que o ligava ao novelista que ardera em indignação ao ver a verdade e a justiça postergadas. Em tudo Doyle punha entusiasmo e intenso ardor, mesmo quando se tratava dos nativos do Congo, por quem se batera, considerando uma honra ajudar qualquer negro e um prazer passar a noite com um doente carecido de amparo espiritual ou material.

Fìsicamente, foi um desportista notável, sobretudo no campo do críquete. Aliás foi grande em todas as esferas, muito para além da sua época. Grande em todo o sentido da palavra até na extrema cortesia e gentileza, que Sir James Barril sintetizou nestas palavras:

— Nunca existiu homem mais honrado do que Sir Arthur Conan Doyle.


**Dois livros de RAMATÍS**

**A Vida no Planeta Marte**

Lede este livro famoso de que ainda restam alguns exemplares nesta redacção. Duas edições esgotadas no Brasil

**Preço 100$00**

**Mensagens do Astral**

Livro extraordinário, cujos problemas aliciantes lançam poderosa luz nas coisas do espírito

**Preço 130$00**

(Facilitamos o pagamento)

# Poema

De

**ROCHA DE SOUSA**

Lá para os lados da infância desfeita,
entre as doidas lembranças de noites negras,
ainda vive a palidez de duas mãos brancas
que este sol todo branco, na branca terra, já queimou
e derrubou
naquela morte que a terra acolheu com flores.

Fiquei à espera.
Fiquei à espera, sentado na pedra,
e vi cheio de comoção as flores derramadas sobre a terra,
e o sol a pôr-se lentamente com o sangue de uma derrota,
e a noite a descer toda banhada de seduções claras,
e os mistérios das coisas a fingir um conto de fadas,
e tudo,
tudo,
a soluçar um não sei quê escondido e vago
para dentro do mar partido na praia.
Fiquei à espera.
de mãos vazias,
sentado na branca praia,
com os olhos postos nos restos do mar
que de longe, desfeitos em espuma,
diziam acenos de esperança
fingindo tempo de amar e ser feliz,
de ter uma casa e não ser odiado,
de viver no mundo e gostar das coisas,
de morrer em glória e saber o que há-de vir.

Fiquei à espera.
À espera de tudo o que é de amanhã e não vem mais,
nunca mais,
enquanto as flores murcham e os homens gastam o céu,
e alguns amantes parecem felizes,
de mãos dadas,
gozando delícias de carne no roxo das tardes
serenas e sem fim.
Fiquei à espera, toda a vida à espera
de poder fingir ser feliz,
como toda a gente que não é feliz,
de poder gritar o grito da esperança
que os outros não têm,
e subir a montanha que ninguém sobe,
e morrer para uma canção de amor sòmente cheia de poesia,
e deixar a razão quebrada, sem denúncias,
no pavor deslumbrante da crença!
Não; nunca mais esperar que a cidade se mostre toda,
aberta, lavada, cheia de luz e de coisas claras,
para só assim ser capaz de acreditar no horror das casas,
no fedor da técnica passeada nas horas quentes,
na arte das luzes da noite, com estrelas e silêncios,
na derrota dos que cairam sem ver o anjo da guarda,
na degradante alegria dos que triunfam num momento só,
nos mil vidrinhos multicores que enchem o mundo
e às vezes cortam os meus dedos
que ficam a sangrar de inveja, de dúvida e de descrença.

Mas fiquei à espera.
Sempre à espera disto tudo que não sei dizer;
e sabem o que tenho nas mãos já muito grandes
e muito velhas
e muito cansadas?
A esperança — só a velha esperança
de encontrar uma coisa qualquer que valha a pena!

# As maiores histórias psíquicas do mundo

por W. F. NEECH

## 7) *CORA TAPPAN — médium precoce e extraordinária*

A maior médium do Espiritismo moderno — Cora Tappan — já era célebre aos 11 anos, o que prova a força decisiva do seu destino. Dois anos mais tarde, embora continuasse a frequentar a escola, manejava um bisturi com toda a perícia, falava fluentemente várias línguas que nunca aprendera e proferia conferências sobre ciência e filosofia sem um minuto de preparação. Foi ela a primeira médium a provar as comunicações espiritas por meios metafísicos e, quando começou a falar da revelação, sem mesmo conhecer do que falava, surgiu o verdadeiro caminho, que até ali fora apenas um caso de mesas comunicantes e de pancadas reveladoras.

A linda Cora Tappan foi a primeira que, na verdade, divergiu em profundidade e métodos, das irmãs Fox, fundadoras do Espiritualismo Moderno, introduzindo, pelo transe mediúnico, uma nova fase no campo espirita, uma gloriosa transformação que, depois, nas pessoas de Lilian Baby, Helen Hughes, Estela Roberts e outras trouxe consigo consolação e convicção a milhares de aflitos deste mundo.

Três anos após as experiências de Hydesville, Cora, sentada sob uns arbustos no jardim de seu pai, em Wisconsin, caía em transe pela primeira vez, quando, com uma pedra e um giz, se preparava para os exercícios escolares e pôde esquissar a prova desta tentativa inicial.

### A IRMÃ «MARTA» ESCREVE

Quando recuperou os sentidos e após os primeiros momentos de confusão deparou com a pedra coberta de estranhos caracteres, ainda que em forma de letra e que diziam «Minha querida irmã». Desconcertada, levou a pedra a sua mãe, mostrando-lhe as palavras e ela reconheceu nelas a letra de sua filha morta, quando criança. Era o princípio. Poucos dias depois voltou Cora a cair em transe, sentada ao lado da progenitora, que, julgando ter ela perdido os sentidos, tentou reanimá-la. Mas vendo a mão da filha a mover-se apressou-se a trazer a ardosia e o giz, que entregou à jovem médium. E uma série de mensagens foram escritas ante seus olhos atónitos: «Somos amigos; não queremos fazer mal à tua filhinha, mas encontramos nela um meio ideal para comunicar com a terra».

O transe mediúnico era então desconhecido e este foi, de facto, um extraordinário e histórico momento para o Espiritismo. E eis como uma obscura rapariguinha de acanhados meios e pouca instrucção, vivendo em local desconhecido, se tornou, de súbito, a maior transmissora espiritual da época.

A princípio limitou-se à escrita na pedra, noite após noite, com os vizinhos ardendo em curiosidade e a notícia do fenómeno espalhando-se em redor. O povo começou a afluir à modesta casa e a sua professora, mulher profundamente piedosa, impressionou-se com o acontecimento e rezava, perguntando se a sua aluna predilecta estaria nas mãos das forças do mal ou do bem. Em poucos dias, porém, obteve a resposta de maneira inspirada, porque a sua educanda começou a curar doentes, ganhando fama extraordinária. Entretanto os guias de Cora continuavam a falar por seu intermédio, nos soberbos transes oratórios, que jamais foram ultrapassados.

### O FACTO MAIS SUBLIME

«O Espiritismo — dizia um dos mentores — é o facto mais sublime do século e pertence aos fenómenos que enobrecem e elevam a humanidade, demonstrando que ela dispõe de forças diferentes em poder e influência. Todos os factos que podemos demonstrar, se tornam propriedade do género humano». E Cora ia provando tudo isto e mais, porque a clarividência se tinha juntado aos seus dotes psíquicos e um médico alemão anunciou que verificaria os seus poderes de diagnóstico e tratamento.

### FALANDO LÍNGUAS

Durante os 4 anos que trabalhou com a médium, de noite e de dia, esta falou francês, alemão e italiano, línguas que desconhecia, e provou aos médicos atónitos que era profundamente conhecedora e experiente em qualquer ramo de Medicina.

Na vila de Wisconsin, no Lago Mills, onde viviam, a médium e seu pai andavam de casa em casa, a rapariga caíndo em transe e o médico diagnosticando e curando através dela. Nessa época residia na Vila um carpinteiro, e o homem a quem escapou a plaina, cravou uma farpa de madeira na unha. O dedo inchou, surgiu a inflamação e depois de alguns dias de cruciante sofrimento lancetaram-lhe o abcesso, junto à falangeta, sem resultado, pois que, poucos dias mais tarde, surgia a gangrena. Imerso em dores e terror pânico, o homem pediu à mulher que chamasse Cora. Mas a mulher, convencida de que a rapariga estava nas mãos do *diabo*, recusou, dizendo que a sua alma era mais importante do que um dedo. E o homem piorou, mergulhado em dores horríveis, até que um dia Cora o visitou de surpresa, visto que tinha sido acordada ao meio da noite pelo médico alemão, que lhe disse haver um caso de emergência. Qando a rapariga ali chegou a mulher do carpinteiro debruçava-se sobre o pobre homem contorcido em dores num

# A OUTRA MARGEM

**A Outra Margem fica não sei onde...**
**Na curva do horizonte que se esconde.**

**Fica além...**
**Sob a estância da estrela de Belém.**

**Que visionário poderá chegar**
**à culta praia desse estranho mar?**

**Quem jámais viu**
**a orla desse limiar sombrio?**

**A Outra Margem: mística legenda.**
**A Outra Margem: ignorada senda.**

**Voo de asa branca na distância,**
**núvem que se desfez na nossa infância.**

**Vela esguia sobre a onda azul,**
**em busca da Ilha Virgem que há no Sul.**

**A Outra Margem é jámais parar...**
**Negar a realidade e ao sonho aspirar...**

**É percorrer aladamente o mundo,**
**ao antever o fundo.**

**Amar o silêncio e as miragens,**
**os segredos da noite, as longínquas paragens.**

**Seguir, pisando a areia do deserto,**
**ansioso por chegar ao oásis incerto.**

**A Outra Margem... Que sei eu?**
**Vida que se esqueceu...**

**OCTÁVIO DE MARIALVA**

leito de agonia. O cirurgião que lancetara o dedo também ali se encontrava, impotente para aliviar o sofrimento da vítima e limitando-se a dizer à mulher desesperada:

— Temos que lhe amputar o braço...

Mas o médico alemão, através do corpo duma rapariga de 13 anos, penetrou no quarto e perguntou ao cirurgião pela sua caixa de instrumentos. Seleccionou um bisturi, desligou o braço e a mão e começou a extirpar a parte gangrenada. Depois, sempre calmamente, ligou de novo o penso e abandonou, sem uma palavra, o carpinteiro, que, entretanto, mergulhara em sono profundo e reparador.

Este caso granjeou-lhe uma fama enorme, pois que o homem se restabeleceu após as duas visitas semanais que lhe fez durante quinze dias; a mão voltou à normalidade e só uma pequena cicatriz indicava a infecção, quando regressou à carpintaria.

Desde então, onde ela aparecia a multidão juntava-se para a ver, de vila em vila, de cidade em cidade, de Estado em Estado, proclamando com enorme zelo a nova revelação do Espiritismo. Só com 13 anos ...

Tinha 14, quando o pai lhe morreu. Junto ao leito, com os olhos enxutos, disse, sorrindo, a sua mãe:

— O pai não morreu. Está aqui e pede-lhe que não chore, porque nunca perdeu a consciência e o seu espírito desprende-se das algemas do corpo.

Não houve prantos. Quando o corpo desceu à terra a voz do pai foi ouvida através da filha

Cora apoderou-se logo de Nova Iorque. Em múltiplas audiências milhares de pessoas ouviam a sua palavra brilhante sobre os assuntos propostos, quando se encontrava sentada no estrado e uma série de guias espirituais se esforçavam para que não perdesse o discurso, chegando a discutir com sete eclesiásticos ao mesmo tempo, dominando o debate a tal ponto, que o presidente mais se preocupava em meter na ordem os religiosos desavindos do que a controvérsia deles com a jovem vidente.

Aos 15 anos os seus poderes curadores foram-lhe retirados e o transe passou a ser o seu inteiro labor, dando mais de 3.000 improvisos em 15 anos. Nenhum orador profissional, que escreva e prepare as suas conferências antecipadamente, produziria tal número de discursos, mesmo durante toda a vida.

Por facilidades impossíveis ao subconsciente, os factos da história, da filosofia, ciência, política e outros ramos da cultura estavam imediatamente ao alcance desta rapariga extraordinária, com uma acuidade e fluência verdadeiramente espantosas.

Uma vez, quando se encontrava tão doente que mal podia erguer as mãos, os seus guias pronunciaram uma série de esclarecimentos verbais para a escolha de assuntos e éticas e sobre a vida espiritual.

Cora estava então à beira do túmulo, esgotada pelos anos ao serviço do espírito e manteve-se 18 meses de cama.

Através dela, um guia, ocupando-se de Espiritismo numa sessão em Londres disse:

— Milhões de pessoas podem testemunhar estes factos ao canto da lareira. Poderá o mundo da ciência, com estas provas ante si, levantar-se e dizer — «Não é verdade?». E que é que não é verdade? A língua fala, o pensamento vem, palavras são pronunciadas, os doentes curam-se, os espíritos divisam-se, os poderes clarividentes desenvolvem-se, os sons e os olhos estão constantemente sobre vós e coisas maravilhosas se passam neste mundo. Que é que não é verdade? O Espiritismo? Então o sol não brilha; o mundo não se move, as estações não se repetem; não existe a Primavera, nem as colheitas!

Quando morreu Robert G. Ingersoll, o eloquente racionalista conhecido em todo o mundo, pronunciou, através de Cora Tappan, a maior oração da sua vida e os extractos que dela conhecemos são o mais belo tributo prestado a uma rapariga pelas entidades que atingem a grandeza da comunicação espiritual com os mortais que os procuram e neles acreditam.

**(Do «Two Worlds», de 11-10-958)**

# No Pecado está a Penitência


## POR TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em ROSÁRIO, ARGENTINA)


À medida que a crise se acentua no mundo ocorre perguntar qual a origem desta situação anómala e perigosa. Em geral atribui-se a culpa aos governantes, dos quais se esperam assombrosos milagres. Toda a gente vive còmodamente e pretende que os sirvam em bandejas de prata ...

Claro que há governos bons, medíocres e maus; alguns fazem o que podem, ao passo que outros, devido à sua mediocridade manifesta, dão quase sempre na ferradura e raras vezes no cravo; e também os há incapazes e nocivos. Cremos que a felicidade virá de baixo, do dinamopsiquismo essencial, individual e colectivo.

Mas, que sucede nas colectividades? Há nelas matéria-prima indispensável à normalização deste estado caótico? Eis a questão.

A harmonia colectiva encontra-se quebrada. No universo impera a lei da harmonia, sem a qual seria impossível a lei da gravidade. Os planetas, os sistemas solares e as galáxias cumprem a sua função, mercê, precisamente, da mencionada lei da harmonia e equilíbrio.

Analisemos este delicado problema, do simples ao composto. Assim compreendemos melhor a questão. Comecemos pelos lares. Nem em todos reina a paz, a tranquilidade e, portanto, a harmonia. Quase todos mantêm existência precária devido a factores estranhos à concórdia. Os interesses económicos, os filhos, a crítica, etc. Neles se formam seres humanos desarmónicos, ou seja, à margem das leis naturais, impregnadas de exemplos paternos pouco edificantes.

E se os lares, como instituições, se estão arruinando, sendo os fundamentos da sociedade, que se poderá esperar do género humano, cujo espírito se tem forjado em semelhante clima?

A missão das religiões era semear a harmonia entre todos os homens, mas procederam ao contrário, com o fim de aumentar os seus prosélitos. As guerras religiosas dos 30 anos, a animadversão contra os que não professam a mesma crença, valendo-se, frequentemente, de métodos bastante censuráveis deram origem a impulsos destruidores de mútuo aniquilamento. Por isso se transformaram em instrumentos de discórdia. E o mesmo se poderia dizer acerca dos partidos políticos, que se empenham em emancipar os cidadãos, sem conseguir o seu objectivo. Os agrupamentos políticos também dividem os homens, desorientando-os mediante a discórdia sistemàticamente difundida.

Não havendo, com efeito, harmonia no seio familiar, nos sectores religiosos, nem na política, ninguém deve estranhar o que sucede no nosso infeliz planeta, cujos moradores *no pecado levam a penitência*. Como se poderia harmonizar tudo isto? Parodiando Krisnamurti, diremos que «o que falta em nosso mundo é uma divina desordem, que ponha nele um pouco de ordem».

De onde se conclui que a etiologia de tantos males está no mundo interior do homem e que é nele que devemos arrancar as raízes dos males que nos assoberbam. Até hoje temo-nos oposto a ser enérgicos connosco próprios e a expurgar-nos de tantas escórias que pairam sobre a nossa evolução. Não queremos limpar o nosso jardim e usamos, para isso, de muitos subterfúgios para enganar a Deus.

Se somos católicos, vamos à igreja, confessamo-nos e pedimos ao sacerdote que nos absolva dos pecados, pensando em cometer outros na próxima semana; depois voltamos a confessar-nos e seguimos a rotina, auto-enganados de que seremos salvos da fogueira do inferno. Se somos protestantes, vamos também ao templo a confessar-nos e a orar, parecendo que, embora hipotecando o respeito ao próximo e, por isso, cometendo muitas acções más, seremos salvos pelo simples facto de crer em Jesus, que veio ao mundo para nos salvar a todos e abrir-nos as portas do paraíso. Se somos israelitas vamos à Sinagoga pedir ao bom Deus que os negócios corram bem ... Se somos reencarnacionistas, se não aproveitamos a mais bela dialéctica para demonstrar que conhecemos o mecanismo do Cosmos vamos às sessões experimentais a ouvir as mensagens dos protectores que esquecemos ao sair do recinto. Finalmente, se somos materialistas procuramos acomodar a consciência a todas as circunstâncias.

Apesar de tudo queremos que tudo corra bem no nosso planeta; e quando as coisas vão mal atribuímos a culpa a Deus e nós é que somos os responsáveis. Queremos ser felizes e somos de-

# COISAS QUE ACONTECEM ...

### ESTRANHO FENÓMENO

*Acabo de ouvir de um companheiro uma história singular, mas autêntica. No dia 2 de Novembro de 1942, num comboio a três dias de Halifax, em Nova Escócia, o engenheiro-chefe do navio «Manchester Exporter», W. Smith, morreu sùbitamente. Conforme a tradição, foi lançado ao mar; mas assim que o corpo tocou a superfície das águas foi rodeado por um cardume de cetáceos que ficaram a brincar na imensidade, enquanto o corpo desaparecia.*

*O capitão Downing disse a propósito desta ocorrência:*

*— Com toda a experiência que tenho do mar, jamais tive conhecimento de facto semelhante, mesmo porque nem a época nem o lugar eram susceptíveis de tão insólito acontecimento.*

*Quem poderá explicar o fenómeno?*

**James Macdonald**

### ALGO PARA RECORDAR

*Todos os médiuns recordam qualquer prova sensacional de visões inéditas ou de factos notáveis de suas actividades.*

*O que vou relatar passou-se nos primeiros tempos da última grande guerra, perto do Natal. O céu era azul pálido e eu sentia-me triste e só, pensando no pouco amor que há nos homens. Olhei então para o firmamento e contemplei Sóror Maria de aspecto radiante, com um grande ramo de rosas vermelhas.*

*Atrás dela divisava-se um hindu com um turbante de alvura imaculada e carregado de pedras preciosas.*

*A visão distinguia-se em brilhante colorido e em proporções humanas e fiquei a olhá-la, fascinado. Por fim disse-me que trazia coisas maravilhosas. Tudo se passou nalguns segundos e senti-me transformada. Então pensei que os meus pensamentos eram negativos e que na vida havia amor.*

*Abri a porta e entrei em casa. Estava cheia do perfume das rosas que acabara de ver. Os meus amigos e as visitas perguntavam, depois, como podia eu ter rosas nessa época do ano.*

*O capitoso e benéfico perfume ficou a pairar no meu quarto durante quinze dias, como presença do bem...*

**Marie Mercedes, 178 Walm Lane, Londres.**

### QUANDO O ESTALIDO PAROU...

*Em criança deitava-me cedo, mas acordava sempre às dez menos um quarto, porque a escada costumava ranger às dez horas.*

*Isto sucedeu todas as noites à mesma hora, durante 16 anos. E só parou, quando minha mãe caiu com ferimentos que a vitimaram.*

*O degrau que se quebrou e a arrastou na queda era o que rangia todas as noites às dez menos um quarto — hora exacta em que minha mãe caiu...*

**D. Williams, Catedral Road, 114. Cardiff.**

### SÃO AS NOSSAS ESPINGARDAS

*Este caso passou-se há muitos anos. Uma noite estava ansiosa por terminar certo trabalho de agulha e disse a meu marido que se fosse deitar. Passados tempos senti-me sùbitamente cansada e deixei cair a lã, exclamando:*

*— Meu Deus, não acabo o trabalho esta noite!*

*Olhei para o portão e vi nele um círculo de cores sob uma barragem de espingardas apontadas para mim. Ouvi então uma voz gritar: «Ó Deus são as nossas espingardas!».*

*Dizer que estava petrificada de terror é pouco. Não reconheci a voz, mas pensei que fora testemunha dos últimos momentos de um antigo namorado meu que desaparecera havia alguns anos. Corri logo para cima e a soluçar contei a história a meu marido, que me increpou por estar a trabalhar àquela hora.*

*Três semanas depois recebi carta de um tio com um recorte de jornal relatando a morte de meu primo por ferimentos recebidos, ao arrastar-se sob uma barragem das nossas próprias espingardas! Morreu três dias antes da minha visão e ainda guardo a notícia do jornal.*

**E. M. Griffiths, Station House, Swansea, Glam.**

---

sarmónicos; queremos implantar na terra o paraíso que tentamos destruír, afastando-nos do supremo criador. Preferimos vegetar em clima asfixiante, em vez de purificá-lo para experimentar as sensações da bem-aventurança e do amor.

A benevolência é letra morta e queremos ser felizes a expensas do ódio e também do sofrimento alheio. Desumanizamo-nos a ponto de levantar barreiras entre o eu e a Harmonia Cósmica que, através da nossa consciência, nos faz advertências a que somos cada vez mais surdos.

É uma surdez terrível, tão terrível, que nos prepara o abismo que forjamos. Buscamos a dor com extrema audácia, fazendo sofrer o próximo, sem ver que, mais tarde ou mais cedo, verteremos lágrimas e pagaremos em sofrimento o dano que houvermos infligido.

— «Que mau é ser mau! — dizia a boa Amália (¹) — Dir-se-ia que o sadismo nos subjuga e depois nos lacera e faz sangrar o nosso pobre espírito, que busca a felicidade fora da órbita natural. A marcha fúnebre para o abismo produz em nós o desalento, visto preferirmos cavalgar o potro da incerteza e da miséria moral, produto da desarmonia reinante em nossos corações frios e desolado ante um porvir que vaticina desgraças». Esperemos então a desordem divina...

**(Tradução de I. D. S.)**

---

(¹) *Refere-se à saudosa espiritista espanhola Amália Domingo Soler.*

Um artigo de Pascuale Pala

# O PAPA JOÃO XXIII
## VIU A FIGURA DE PIO X

*ROMA — O Papa Sarto apareceu, milagrosamente, no Vaticano. Não obstante o absoluto silêncio mantido nos ambientes eclesiásticos romanos, uma personalidade do mundo católico confirmou-nos que a aparição se deu no sacro palácio apostólico, às 8.20 aproximadamente, de sábado, 11 de Abril. Estava fixada para esse sábado a partida do combóio especial que devia levar a Veneza os restos mortais do Pontífice Santo.*

*Pio X — conta-nos a personalidade que interrogamos — apareceu precisamente no gabinete de estudo de João XXIII, no terceiro andar do sacro palácio. Às oito horas, como habitualmente, o Pontífice estava à sua secretária. Com a ajuda do secretário particular, monsenhor Loris Capovilla, tinha acabado de examinar a correspondência mais urgente e estava a dar as últimas instruções para a cerimónia relativa à partida do combóio especial para Veneza, quando, de súbito, se calou, tomado duma viva e extasiante comoção. Também monsenhor Capovilla viu e ficou sem fala. Diante deles a cândida figura do Papa Sarto aparecera e movia-se a caminho da escrivaninha. Sorria: ainda que não precisamente com aberta alegria, o seu rosto exprimia um doce contentamento. Não falou, mas lentamente abriu os braços como para cingi-los a si, fraternalmente; depois, de cabeça levantada, deu-lhes a bênção. Em seguida, retrocedendo, desapareceu.*

*João XXIII e monsenhor Capovilla ajoelharam-se. Prostrados, rezaram bastante e fervorosamente; e quando se levantaram não tinham ainda dominado a sua forte perturbação e a feliz maravilha. O Pontífice, pálido, com o rosto banhado de lágrimas, disse: «Ele quis vir agradecer-nos por havermos cumprido o seu voto de regressar vivo ou morto a Veneza». A figura do santo ficara visível por poucos segundos.*

*Curta duração teve também a primeira aparição do Papa Sarto no Vaticano, vinte anos atrás. Ela deu-se na noite de 31 de Agosto para 1 de Setembro de 1939, quando a segunda guerra mundial estava à beira de explodir. Por volta da uma hora, Pio XII encontrava-se ainda no seu estúdio privado. Com os olhos avermelhados e a angústia no rosto, seguia as últimas notícias que deixavam entender a enormidade da catástrofe iminente. A rádio vaticana dava-lhe, a intervalos de poucos segundos, o noticiário transmitido pelas estações de rádio europeias e americanas, e na escrivaninha amontoavam-se de hora a hora as mensagens cifradas dos núncios no estrangeiro.*

*O Santo Padre não pregava olho desde há 48 horas: a sua tensão nervosa era agudíssima. Defronte da secretária, na parede, havia um grande retrato de Pio X. De repente o Santo Padre ficou extático: a figura do Papa Sarto, separando-se do quadro, avançava para ele. O santo mostrava o rosto triste e as lágrimas corriam-lhe pelas faces. Fixou Pio XII desconsoladamente, e em seguida, depois de ter dado a bênção, desapareceu.*

*Pio XII, se bem que emocionado, mas sem perder a calma, às duas horas, acompanhado pelo secretário e por dois guardas suíços, desceu a S. Pedro e dirigiu-se para as grutas vaticanas, onde permaneceu por muito tempo em oração. Antes do nascer do sol voltou para o seu apartamento. Poucas horas depois a rádio anunciava que Hitler fizera ocupar Danzigue. A guerra tinha começado.*

*A segunda aparição de Pio X verificou-se às primeiras horas da manhã de 19 de Julho de 1943. Amanhecia quando os guardas suíços de sentinela nas águas-furtadas do Vaticano, que dominam o panorama de Roma, viram uma branca figura apoiada nos vitrais, absorta na contemplação da cidade. De vez em quando a figura levantava o braço, no gesto da bênção. Os dois guardas aproximaram-se e reconheceram logo o Papa Sarto. Uma horas depois o bairro de São Lourenço era bombardeado. Pio XII dirigiu-se para lá, para o meio das casas destruídas, a confortar o povo.*

*A aparição do dia 11 do mês passado é, portanto, a terceira. Quando às 9 horas o secretário de Estado, cardeal Tardini, entrou no estúdio privado do Papa, para a quotidiana audiência matutina, reparou que João XXIII e monsenhor Capovilla se encontravam sob a pressão de qualquer acontecimento importante. A etiqueta impôs ao cardeal não dirigir qualquer pergunta a Sua Santidade: a Eminência limitou-se tão só a interrogar com os olhos. Foi o Pontífice a romper o silêncio, dizendo a monsenhor Capovilla:*

*— Podeis falar.*

*O secretário de João XXIII narrou o episódio da visão e pode calcular-se como ficou estupefacto o cardeal Tardini.*

*— Silêncio absoluto! — foi esta a recomendação do Papa. — É oportuno — observou o Santo Padre — que não suceda um clamor igual àquele suscitado pela indiscrição que em devido tempo foi feita a propósito da aparição de Jesus a Pio XII.*

*O facto milagroso ao qual aludia João XXIII, falando com o cardeal Tardini e com monsenhor Capovilla, ocorreu há poucos anos. Em Dezembro de 1954, Pio XII, atingido por uma doença grave, suportava dores que às vezes se tornavam atrozes. Nos momentos em que mais agudo era o seu sofrimento, o Santo Padre repetia para si a oração «Anima Christi» e logo a seguir sentia um certo alívio. Uma noite, enquanto a dor física se fazia mais áspera e agressiva, Pio XII, sòzinho no seu apartamento, rezou aquela oração e, chegado à invocação «Na hora da morte chama-me», viu ao lado do seu leito a figura de Jesus. Em princípio acreditou que o Divino Mestre tivesse aparecido para chamá-lo a Si e por isso disse·*

*— Ordena-me de vir a Ti.*

*Mas cedo se apercebeu de que Cristo estava lá para confortá-lo.*

*Como se recordará, a notícia da aparição de Jesus ao Papa foi publicada em todo o mundo e nenhum pormenor da narrativa que aqui acabamos de resumir teve desmentido. Os jornais da época disseram que Pio XII estava certíssimo de ter visto, precisamente visto, Jesus; estava certo, certíssimo, de não ter so-*

*nhado e ter estado «bem acordado e lúcido» naqueles instantes sublimes.*

*No hebdomadário «Oggi», que em primeira mão, em Novembro de 1955, falou daquela aparição, lê-se:*

*«No dia seguinte, quando já parecia que não houvesse esperanças, quando os jornais de todo o mundo estavam já na rua prevendo a iminente fatalidade, o enfermo começou a melhorar de modo tão repentino que a muitos pareceu miraculoso. Este episódio foi confiado pelo Santo Padre a pouquíssimas pessoas, às quais pediu que o não divulgassem. O segredo, de facto, foi mantido até este momento e só a afectuosa indiscrição de uma das pessoas que dele são depositárias nos permitiu conhecer e narrar o maravilhoso facto».*

*Também no Vaticano as paredes têm ouvidos. A notícia da terceira aparição de Pio X não ficou por muito tempo secreta. «A afectuosa indiscrição» acerca do que aconteceu na manhã de 11 de Abril passado no estúdio de João XXIII parece ter sido feita por pessoa assaz próxima da Secretaria de Estado. No Vaticano, nos ambientes oficiais, o silêncio é rigoroso; mas, em particular, são numerosos aqueles que falam do edificante acontecimento. Discute-se sobre ele, demonstrando claramente que a impressão está em todos vivíssima. Mas é fácil adivinhar a atitude que será assumida, a propósito, pela Santa Sé: silêncio absoluto e, mesmo talvez, um desmentido, formulado com o habitual tacto. Com o tempo, quando o clamor ocasionado se tiver já desvanecido, o desmentido poderá ser, por sua vez, desmentido ou repetido com palavras que significarão uma prudente confirmação.*

**(Do «Diário de Notícias» de 5-5-959)**

---

**Nota** — É com muito prazer que transcrevemos este artigo, no qual se verifica que os fenómenos de aparição de espíritos são reconhecidos pela igreja católica. No tocante ao assunto, não importa a categoria das entidades, uma vez que as hierarquias terrenas nada têm de comum com as hierarquias espirituais. Assim como apareceu o Papa Sarto, grande figura católica, podia aparecer o mais humilde dos mortais. O facto verificar-se-se-á em qualquer parte, desde que haja ambiente próprio.

# EXORTAÇÃO AOS POETAS

*Ao meu grande amigo General Levino Cornélio Wischral, um dos homens que mais se esforçam por difundir a Luz do Evangelho.*

**Poetas, ouvi meu conselho.**
**Perguntar-me-eis: — «Amigo,**
**Quem és tu que assim nos falas**
**Com ares superiores?»**
**Responder-vos-ei que em nada**
**Me julgo maior que os outros**
**Habitantes deste mundo.**
**Sou igual aos demais homens,**
**Se é que não sou mais pequeno**
**Que muitos deles. No entanto,**
**Conhecedor da Verdade,**
**Venho dizer-vos, em nome**
**Do Divino Nazareno:**
**— Não conspurqueis vossa lira,**
**Fazei dela um instrumento**
**Da Verdade e da Justiça.**
**Que vossos versos reflitam**
**O encanto da Natureza**
**E as grandezas do Evangelho.**
**Irmãos, quando nosso corpo**
**For lançado à sepultura,**
**Iremos para outra vida**
**E ai de nós se não houvermos**
**Cumprido nossos deveres.**
**Ó poetas; eis-nos chegados**
**Ao tempo em que o Apocalipse**
**Se há-de cumprir. Hecatombes,**
**Suplícios de toda sorte**
**Não forçar a humanidade**
**A seguir o bom caminho**
**E em planetas primitivos**
**Irão reencarnar aqueles**
**Cujo coração ainda**
**Seja duro! como as pedras.**
**Abramos as portas da alma**
**À luz divina e façamos**
**Que nossa lira se expanda**
**Em melodias celestes,**
**Em sinfonias que lembrem**
**O canto dos passarinhos**
**E o das fontes cristalinas!...**
**Assim teremos a glória**
**De um dia ver nossos cantos**
**Em letras de luz gravados**
**No livro da Eternidade!**

**Bahia - 1955** **PAULO ALBERTO**

# Charles Richet e o Espiritismo

Por ARMAND DONNAY

I

O Espiritismo ou Espiritualismo experimental prova que a alma não é função do organismo, mas sim, pelo contrário, a causa eficiente que sobrevive à morte do corpo material. A alma evolui progressivamente através das vidas sucessivas pela reencarnação, pois nossas acções são sancionadas pelo sofrimento ou pela felicidade, depois da morte. As comunicações são possíveis entre os vivos e os mortos, quando se reunem as condições que as determinem.

Todas estas afirmações se opõem às ideias gerais do momento. Os espiritas não pensam como a maioria dos seus semelhantes.

Os ditadores do pensamento, os príncipes da Igreja ou pontífices da ciência oficial, seguidos de certas massas que ignoram os factos, atacam-nos violentamente, amesquinham-nos, considerando-nos imaginativos e até mesmo desequilibrados mentais.

A nós, consola-nos pensar que isto é o resgate da leviandade mental, verificando-se que os nossos contraditores são úteis, afinal, porque nos dão a conhecer muitas coisas, por vezes difíceis de atingir.

No entanto, não os desgostemos, pois não é necessário lembrar que os homens de ciência, pensadores de grande envergadura, estudaram os fenómenos supranormais, reconheceram neles a realidade e tiveram a coragem de os proclamar lealmente. Depois de haverem esgotado todas as teorias convenceram-se experimentalmente de que a tese espirita era a única capaz de explicar o conjunto de fenómenos e que se impunha necessàriamente em certos casos.

Ao lado dos homens que contribuiram com seu testemunho formal à tese espirita, devemos mencionar também os sábios que, conhecendo perfeitamente os factos e a sua realidade, não admitiram a explicação espirita.

Muitos leitores gostariam que Charles Richet fosse classificado entre os últimos e ficarão talvez surpreendidos ao saber que alguns espiritistas iminentes, como por exemplo Henri Blondel, o citaram na categoria dos investigadores que concluiram pela sobrevivência da alma após a morte do corpo material.

Esta é a questão que vamos estudar muito sucintamente.

★

Filho de um célebre cirurgião, sócio lo Instituto de França e professor da Faculdade de Medicina, Charles Richet — cuja memória saúdo respeitosamente — era também sócio do Instituto de França e professor de Filosofia da Faculdade de Medicina de Paris.

Este grande médico e realizador serviu a ciência com abnegação até ao último alento! A ciência era a sua religião.

Grande foi a sua obra nos campos em que o pensamento pode ter acção generosa e humana. A Fisiologia, a Biologia, a Medicina e a Terapêutica, devem-lhe descobertas sobre descobertas.

Nas *Nouvelles Littéraires* de 7 de Dezembro de 1935 o Dr. Gilbert-Robin, relembrou que «as consequências das suas descobertas em terapêutica melhoraram de tal maneira a sorte dos que sofrem, que a glória do benfeitor suplanta a do poeta, do romancista, do psicólogo e do filósofo».

Porque Richet era tudo isto. Escreveu fábulas, um drama filosófico, duas novelas, um romance, algumas obras de filosofia e de sociologia. «Em todos os seus livros — diz ainda o Dr. Gilber-Robin — há vibrações de fé no progresso e na ciência».

Não nos deteremos nas suas realizações literárias, porque desejamos examinar certos factos da sua carreira de metapsiquista.

★

Os metapsiquistas comprovam lealmente os factos supranormais, mas querem concentrá-los no círculo estreito da hipótese anímica; quer dizer que se atêm às interacções dos vivos e não admitem a intervenção de inteligências estranhas aos médiuns e aos assistentes.

Bozano demonstrou, entretanto, pelos processos da análise comparada e da convergência de provas aplicadas aos meios de manifestação, que a existência dos fenómenos anímicos já prova, indiscutìvelmente, que há em nós uma personalidade espiritual integral, cujas faculdades são independentes das leis da evolução biológica; demonstrou que *o Animismo prova o Espiritismo*, pois são efeitos de uma só causa — o espírito humano —, visto que ambos são necessários à demonstração científica da existência e da sobrevivência da alma humana.

Apesar disso os metapsiquistas fecham sistemàticamente os olhos a estas explicações racionais. E quando as interacções dos vivos não chegam para explicar os casos eloquentes de natureza *espirita* que os colocam em sério embaraço, falam num reservatório da consciência cósmica, das lembranças individuais, a que os médiuns vão buscar os ensinamentos de que necessitam, a fim de personificar os defuntos desconhecidos de todos.

Entre estes metapsiquistas há, contudo, investigadores que não se atêm exclusivamente ao ani-

# Propaganda ou quê?

Entre os sócios do Centro Espiritualista «Luz e Amor» tem circulado ùltimamente uma revista acompanhada de impressos de propaganda, que poderão ser bem intencionados, mas que vão lançar confusão mental em muitos adeptos da Doutrina Espirita.

Não sabemos quem forneceu os endereços; mas, fosse quem fosse, praticou um acto condenável, porque é desleal, visto ninguém estar autorizado a utilizar os nossos ficheiros ou parte deles para qualquer fim, sem conhecimento e aquiescência da Direcção.

Em face do exposto aconselhamos os nossos consócios à maior prudência. O Espiritismo é uma Doutrina absolutamente alicerçada e não precisa da muleta de outros credos para se impor a todos que a queiram estudar.

Queremos paz e harmonia, sem as quais não pode haver trabalho produtivo. Portanto, o nosso dever é repelir as infiltrações que se realizem na sombra.

Aqui fica o aviso a quem o queira escutar.

mismo totalitário e que mantêm uma atitude prudente, orientando-se, quer para a solução anímica integral, quer para a solução espirita, oscilando de uma para outra, em alternativas de cepticismo e convicção.

Pùblicamente Charles Richet era um deles; com efeito, ao lado dos argumentos que sublinhava a favor de uma explicação, mencionava outros inteiramente opostos.

Conhecia, entretanto, todos os dados essenciais do problema a resolver e não podíamos dizer que esta esclarecida e elevada inteligência tivesse dificuldades mentais. Conhecia, sem dúvida, o interesse excepcional da sobrevivência humana e queria avançar prudentemente. *Porque conhecia o Espiritismo e assistira a inúmeras experiências.*

Qual a razão de tal reserva? A ciência oficial não reconhecia esta «ciência da alma», tão velha quanto o mundo e renovada por Allan Kardec. Não é preciso renovar também a ortodoxia científica, pois sabemos que a Academia das Ciências premiou a obra espirita «On ne Meurt pas», (Não se morre) de Léon Chevreuil, que foi presidente da União Espirita Francesa. Mas não premiou qualquer obra metapsíquica de Richet! Porquê? Chevreuil não fazia parte da sábia assembleia e premiar Richet era reconhecer oficialmente as suas investigações ...

Em 1922 publicou o seu magistral «Tratado de Metapsíquica», onde diz: «Não existe o absurdo; só existe o *inabitual.*

Uma análise cerrada do professor Bozzano comprovou-nos que Richet tinha uma só preocupação: não formular hipóteses. E de um extremo a outro da sua obra se anula toda a possibilidade de considerar baixo o seu verdadeiro ponto de vista, a natureza dos fenómenos que estudou.

E também às faculdades subconscientes atribuía poderes de amplitude ilimitada. Mais tarde Bozzano demonstrou a possibilidade de fixar limites bem definidos ao campo de acção destas faculdades através da lei da relação psíquica, que não é uma hipótese de trabalho, mas a pura comprovação dos factos.

Reconhecemos com agrado que o fisiologista era prisioneiro da sua ciência e da sua glória; acreditamos que, publicando este tratado, o quisesse fazer adoptar oficialmente, visto não poder pronunciar-se claramente, ainda que tivesse essa intenção a implicar com as ideias e os dogmas dos homens de ciência a quem ele destinava o seu trabalho.

No seu tratado (2.ª edição, pág. 275) Charles Richet exprime-se assim: «é provável que o mundo exterior, normalmente imperceptível — por mundo exterior compreendo também o pensamento dos outros homens — possa influenciar os nossos actos, a nossa vontade e os nossos sentimentos, porque age constantemente sobre nós, embora não o sintamos. Por serem fracos e vagos e muitas vezes ineficazes, os pensamentos humanos e as vibrações desconhecidas das coisas não deixam de ter menor acção. Em todo o caso, não é porque sejam ainda profundamente misteriosas, que é preciso repelir o seu estudo. Estas vibrações desconhecidas existem. São verdadeiras. Em raros momentos são capazes de tocar os elementos inconscientes da inteligência humana e chegar à consciência. Em face das negações desdenhosas da ciência oficial e da incredulidade sarcástica do vulgo, já é muito fazer esta afirmação preciosa ...

**(De «Spiritualisme Moderne», traduziu C. A.)**

*(continua)*

Jul/59

# Apresentação de novos factos até aos mais recentes

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

## VII

Entre muitos outros trabalhos experimentais que conhecemos, são bem dignas de referência as observações verificadas por outro sábio italiano de nomeada, o professor Milési, da Universidade de Roma, um dos mais reputados membros da então afamada escola psicológica e criminológica italiana.

Constam aquelas observações do relato de uma sessão que *Estudos Psíquicos*, do Dr. Sousa Couto, reproduziu no seu primeiro número, em Junho de 1905.

Aquela sessão realizou-se nos aposentos do sr. Pierre Cartoni, praça de Ara-Coeli, 22, em Roma, na noite de 10 de Fevereiro de 1904, com a presença das seguintes pessoas: o professor Milesi, da Universidade de Roma, o sr. e a sr.ª Franklin Simmons, americanos, Joseph Squanquarillo, dono dum estabelecimento na Praça Sant'Ignazio, e o sr. e a sr.ª Cartoni, e o médium sr. Politi.

Em tais circunstâncias obtiveram fenómenos absolutamente maravilhosos, com a circunstância de o casal Simmons nunca ter ainda assistido a sessões mediúnicas.

Os fenómenos mais emocionantes são assim relatados:

«Politi anunciou a vinda de Maria, falecida irmã do professor Milési.

«Num piano distante dos assistentes ouviram-se escalas bem executadas, sendo certo que a finada irmã de Milési era boa pianista, enquanto que nenhuma das pessoas presentes sabia tocar piano. Uma mandolina colocada sobre o piano, começou também a ouvir-se, baloiçando-se no ar, até que veio cair sòzinha ao lado das mãos de Madame Simmons, sem cessar de tocar.

«Havia também sobre o piano um pequeno tambor que, depois de ter tocado um pouco, caiu por terra.

«Mais tarde, a intervalos, o piano levantou-se, recaindo com grande barulho, sendo de notar que, para levantar o piano de um lado, são precisos dois homens.

«Depois da sessão verificou-se que o piano tinha sido deslocado meio metro do lugar primitivo.

«Mas o que nesta sessão houve de mais extraordinário foram 9 aparições de natureza luminosa vistas por todos, numa meia luz suficiente.

«Elas produziam-se entre assistentes e o gabinete, cerca de meio metro distantes deste. A sua duração era de três segundos pouco mais ou menos.

«As três primeiras reproduziram os traços da irmã de Milési, falecida há três anos, aos 32 de idade, em Crémona, no convento das «Filles du Sacré Coeur».

«Ela apareceu com o seu sorriso especial, a cabeça coberta até ao meio da testa de um toucado branco, e o vestido, visível só da cintura para cima, era de um amarelo claro, entrecortado de tons avermelhados.

«A quarta aparição foi reconhecida por Squanquarillo, como sendo de sua mãe, e as cinco restantes reproduziram os traços de dois filhos de Pierre Cartoni, que com eles conversou, recebendo respostas, sendo abraçado e cumprimentado com apertos de mão, e sentindo-os mesmo sentarem-se sobre os seus joelhos.

«Por último, as diversas entidades espirituais, que haviam intervindo, apresentaram-se juntas, e em seguida retiraram-se, acabando assim a sessão.

«A primeira a retirar-se foi Maria, irmã de Milési: despediu-se abençoando os assistentes. A sombra de toda a sua pessoa aparecia distintamente sobre o pano do gabinete. No princípio ela estava voltada para o gabinete e de costas para as assistentes, mas depois voltou-se para estes, abençoando-os muitas vezes. Os seus movimentos doces e graciosos foram notados por todos. O professor Milési reconheceu-a perfeitamente.

«Em seguida retiraram os filhos de Cartoni, repetindo por vezes: *Adeus, papá.*

«E todos os assistentes ouviram então o som de beijos».

Termina aqui o relato da sessão em referência, que é assinado pelos presentes que assim confirmam tudo o que nele consta.

Mas há um outro fenómeno muito convincente que é o da voz directa.

Sobre este fenómeno, hoje muito observado em vários centros de investigação espirita de Londres e doutros países, voz projectada por meio de trombetas acústicas ou de microfones especiais e que pode ser gravada, sobre este fenómeno da voz directa — dizíamos nós, vamos recorrer ao testemunho insuspeito do Dr. Rodrigo Sanz, natural do Ferrol, assíduo colaborador de revistas espiritas portuguesas, quando existiam várias em Portugal.

Licenciado em Direito, exerceu a advocacia na sua terra natal durante alguns anos. Incitado a estudar o Espiritismo fez-se um crente inabalável, e no seu opúsculo «*Materialismo e Espiristismo*» conta-nos muitos factos observados nos seus centros de investigação, comentando-os à face da teimosia de certos descrentes. Dali vamos reproduzir o seguinte sobre a referida voz directa:

«Na minha povoação, na vizinha campina do Ferrol, Galiza, tinham sessão, uma tarde, os meus amigos de grupo, entre eles o nosso excelente médium de então. E, sem transe sensível deste, embora às escuras, uma das trombetas de alumínio, que percorria o ar do aposento, a julgar pelo fulgor da pintura luminosa dos seus bordos, parou em frente do médium e saudou-o com voz sonora:

«Olá, meu filho!...». E aquele

homem, novo e forte, habituado aos azares do oceano e à serenidade de ânimo em que o mar exercita as criaturas, começou a chorar, a soluçar, como uma criança, dizendo:

«Pai! Pai!...», como se não soubesse dizer outra coisa. Porque o reconheceu instantâneamente, inconfundìvelmente, tanto pela voz, cujo timbre tinha no sentido, como pela palavra *Olá!*, que era a sua habitual saudação de velho marinheiro.

«Pouco depois a trombeta parou em frente doutro assistente à sessão e ouviu-se a voz duma criança que disse: «Papàzinho, não hás-de chorar por mim, que me fazes muito mal...».

«E aqueloutro homem, médico habituado às crises da morte, mas não às da sobrevivência, também se pôs a soluçar, não podendo dizer mais nada do que:

«Paquiño! Meu Paquiño!».

«Por fim, a trombeta apresentou-se ante o amigo em cuja casa se realizava a sessão, militar com largos anos de serviço, familiarizado com os ardores das campanhas e treinado na serenidade que a vida militar impõe.

«A trombeta saudou-o em inglês e chamou-o pelo seu nome: *Dániel* (Daniel), e um inglés lhe *falou alguns minutos*

«E aquele homem também não pôde dizer mais que «oh! father! oh! father!» entre lágrimas e soluços, preso de uma das maiores emoções da sua vida. O pai era norte-americano; o filho fala o inglês como o espanhol; e ali não havia outro assistente que o falasse ou entendesse. O pai falecera, já velho, havia quarenta e um anos.

«O filho reconheceu-o, não só pela voz, mas também pela pronúncia defeituosa do *s* e do *sh*, que o pai tinha nos últimos anos de vida terrestre, devido à falta de alguns dentes.

«Eu só desejo aos materialistas que oiçam, e não quero pedir-lhes senão que procurem ouvir a voz directa de um morto querido. Porque não há convicção científica. nem hábito de opinião, nem arreigada incredulidade, que resistam a esta prova prodigiosa, a esta evidência que se nos impõe: «a garganta, o cérebro, todo o corpo de Fulano, são cinza há muitos anos e já não existem, mas *aquela sua voz, a sua e não de outro*, é esta que oiço!...

«Então é porque ela subsiste.

«Então é porque outra coisa, que não o seu corpo e o seu cérebro, era e continua a ser o seu eu».

★

Todos estes factos — as materializações, a voz directa e a escrita directa, dão incontestáveis provas de identidade dos espíritos que por tais processos se manifestam. Mas há muitas outras provas de identidade demonstrativas de que são, de facto, os espíritos de pessoas falecidas e que foram conhecidas daqueles com quem tais espíritos comunicam.

Há uma vasta bibliografia contendo e relatando inúmeros factos de identificação. Todavia sobreleva a tudo isso os trabalhos de alguns sábios, tanto dos já mencionados aqui, como de muitos outros com que cientìficamente demonstraram a sobrevivência da alma e as suas potencialidades tanto encarnadas, como libertas das limitações da matéria corpórea.

No já citado Instituto Metapsíquico de Paris, que o governo francês classificou, há anos, de utilidade pública, fez aturadas investigações o referido Dr. Charles Richet e muitos outros estudiosos, tendo-se destacado de entre eles o Dr. Gustavo Geley, médico distinto, que foi até Director do supracitado Instituto e faleceu num desastre de avião em Julho de 1934.

Este distinto e ilustre investigador confirmou a existência do perespírito ou corpo astral estudando a substância de que ele se compõe que, quando devidamente adensada, se torna visível a qualquer pessoa e pode ser fotografada. Àquela substância deu o Dr. Geley a designação de *ectoplasma*, que diz ser um desdobramento físico do médium, pois que durante o transe uma porção do seu organismo se exterioriza. Esta exteriorização é — diz ele — umas vezes mínima e outras vezes considerável.

«E à custa dele se vêem aparecer formas novas que podem alcançar, quando o fenómeno é completo, todas as propriedades anatómicas e fisiológicas de órgãos biológicamente vivos.

«O ectoplasma converte-se em ser ou em fracção de ser, porém dependendo sempre estreitamente do corpo do médium, de que é uma espécie de prolongamento, e no qual se absorve no final da experiência». Assim se exprime o Dr. Geley e esta é a explicação científica das materializações.

Depois do Dr. Geley seguiu-lhe as pisadas, como Director do referido *Instituto Metapsíquico* e como investigador apaixonado o Dr. Eugène Osty, coadjuvado por seu filho Marcel Osty, engenheiro da Escola Central.

Estes dois investigadores, embora não declaradamente espiritistas, publicaram em 1932 uma obra importante intitulada *Os Poderes Desconhecidos do Espírito sobre a Matéria.*

Ficaram célebres as experiências que eles realizaram com o afamado médium Rudi Schneider, por intermédio do qual se manifestou sempre nas sessões o espírito de Olga, tendo comprovado inteiramente sob o *contrôle* automático dos aparelhos do Instituto Metapsíquico o que muitos outros investigadores já tinham observado.

Mas a principal originalidade das suas experiências consiste na ocultação dos raios infra-vermelhos pela *substância X* (o *ectoplasma* do Dr. Geley ou *o fluido ódico* de Reichenbach) desde que o seu grau de opacidade assim o permitisse, ocultação registada por células foto-eléctricas muito especiais, que são sensíveis àquela substância, ao mesmo tempo que galvanómetros, bastante sensíveis também, davam a indicação das variações eventuais de tal opacidade e o rítmo das variações daquela ocultação.

A revista *Science et Monde*, de Paris, publicou ,em 25 de Maio e em 1 de Junho de 1933, dois esclarecedores artigos resumindo aquelas experiências do Dr. Osty.

E posta a questão assim na alçada insuspeita de um laboratório especial como o do Instituto Metapsíquico de Paris, que forneceu ao falecido Dr. Gustavo Geley provas concludentes com que elaborou o seu belo livro — *Resumo da Doutrina Espirita*, achamos que se podem dar por satisfeitas as exigências mais impertinentes, e podem encontrar, em tudo o que temos exposto nestas *Mensagens*, fundamentos para muito meditar e dados excelentes para se libertarem da grande cegueira que é a ignorância.

E estas *Mensagens* ainda não terminam aqui, como tínhamos prometido, porque há elementos importantes a acrescentar, como aditamento, a mais um capítulo, que será o último, e a sair no seguinte número desta revista acolhedora, único baluarte presentemente, em terras lusas, defensor destes novos conceitos de vida espiritual que o Espiritismo contém, que hão-de ser os fundamentos de uma nova civilização de Humanidade perfeita do futuro que se avizinha, em que o Cristo reinará, de facto, no coração dos homens.

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

69

## UMA PROVA

Amigo radiouvinte:

Cá me encontro novamente a conversar contigo. Sabes que gosto de conversar, de emitir opiniões, de reforçar ideias. Seja qual for a questão, podemos e devemos assumir uma atitude. E por vezes discordar até da voz alheia, não vão julgar que estamos com ela...

Henrique IV de França tinha um criado absolutamente conformista. Concordava sempre com el-rei seu amo. Mas um dia, já farto de tanta concordância, o monarca sentenciou:

— Ó homem, contradize-me, ao menos, uma vez, para que eu sinta que somos dois.

Descansa, que não vou discordar de coisa alguma. Nem trazer novidades, porque o caso andou há meses nas colunas dos jornais espiritas e profanos. E produziu sensação, em holocausto à *France Presse* que o fez circular, depois de o ler no *Sunday Pictorial*, de Londres.

No Brasil alguns diários se lhe referiam. *O Jornal*, o *Diário da Noite*, a *Luta Democrática* e o *Reformador* arquivaram-no em suas colunas e chamaram a atenção dos cépticos para a documentação que o acompanhava.

Trata-se de fenómeno mediúnico inabitual que poderia ser intitulado: «a caneta que escreve». No fundo é uma história de amor. O noivo, de lá; a noiva, de cá, ligada ao seu refrigério.

O articulista é claro nas afirmações:

— Não nos enganam —diz ele—. Nem somos fáceis de convencer. Mas comprovamos o facto. Observámos muito bem a maneira como a senhora escreve, ou antes, como o seu falecido noivo lhe *escreve do outro mundo*. Uma caneta repousa livremente na junção do indicador com o polegar e desliza sobre um bloco de papel em caligrafia diferente, dir-se-ia guiada por força desconhecida.

Quando um jornal profano escreve com este desassombro e esta convicção, a dúvida não está em causa.

A protagonista do acontecimento é Grace Rosher, uma artista que já expôs alguns quadros na Academia Real e que nada conhece de Espiritismo, nem se entretém a fazer prestidigitação.

O seu falecido noivo — acrescenta o autor da notícia — era Gordon Burdick, director de uma empresa canadense de recuperação de navios.

Mas a médium esclarece o jornalista:

— A primeira vez que senti a mão dele a guiar a minha foi quinze meses após a sua morte... Um dia sentei-me disposta a escrever uma carta e a lapiseira começou a mover-se por si mesma. Fiquei aterrada. A princípio não compreendia o que estava sucedendo e só depois da carta escrita notei que a letra não era minha, mas de Gordon. E verifiquei que bastava apoiar a caneta num bloco de papel, para que Gordon começasse a escrever. Hoje posso falar com ele, através de perguntas e respostas, e as nossas relações são quase tão perfeitas, como quando vivia.

É um caso extraordinário de escrita automática, sem concentrações mentais, nem assistentes que forneçam elementos vibratórios. Por esta razão é que o contamos ao radiouvinte do mundo profano.

O primeiro encontro entre os dois foi no Canadá, há cerca de 40 anos. Ela tinha 20 e resolveram casar-se. Entretanto, Grace regressou a Londres e ele permaneceu nas suas ocupações, em Vancouver. Escreviam-se com frequência. Depois sobreveio a guerra e o casamento distanciou-se. Mas no fim da conflagração Gordon Burdick preparava-se para ir à Inglaterra unir-se a Grace. E faleceu uma semana antes... Um drama doloroso e cruel...

Algum dos que me escutam já sentiram coisas deste género?

O fenómeno surgiu inesperadamente, mas a protagonista não o pôde compreender. Faltavam-lhe conhecimentos doutrinários.

O redactor do *Sunday Pictorial* esteve uma noite no apartamento de Grace, em Lodbroke-Grove, Kensington, e viu a caneta na mão da pintora a escrever por si própria.

— Seria realmente uma mensagem de Gordon?...

Eis o problema.

Lembraram-se então do grafólogo e psicólogo F. T. Hilliger e entregaram-lhe os documentos, que analisou e estudou ao microscópio, cotejando-os com as cartas do falecido. E concluiu que a caligrafia era absolutamente a mesma, exclamando assombrado:

— Isto é fantástico! Estamos em presença de um fenómeno sobrenatural!

Tal declaração foi repetida no momento em que a caneta escrevia a seguinte frase:

— Estou aqui. Obrigo-vos a esse trabalho, porque é de grande importância. O mundo deve conhecer a verdade da sobrevivência.

E terminou com esta afirmação impressionante:

— Não há morte. Só há vida eterna!

O sr. Hilliger ponderou:

— Cientìficamente, o fenómeno é impossível. Mas o facto ocorreu. Não há maior prova do que esta. Não pode admitir-se falsificação ou imitação. Além disso o falecido Gordon escreveu com muita velocidade.

Depois falou do exame grafológico:

— Distingui vinte características que se repetem nos escritos de Gordon vivo. Dezasseis delas são reproduzidas a cada passo na escrita «sobrenatural». Este facto é desconcertante, mas conclusivo.

Como disse, Grace declarou que não era espiritista. E foi mais além, explicando que era católica praticante e não acreditava em superstições.

Mas foi concluíndo:

— Todas estas coisas me confundem, porque sou mulher prática.

Depois informou que em certa ocasião Gordon lhe dissera:

— Se nos tivéssemos casado e apegado aos prazeres mundanos, não teríamos adquirido os conhe-

cimentos que destróem a distância que nos separa.

Agora o articulista pergunta a quem o quer ouvir:

— Devemos acreditar nesta história espantosa? Só digo uma coisa: Vimos o facto e não podemos negá-lo.

Eis uma prova digna de registo e uma resposta admirável. Não dizia Richet que vale mais um facto do que cem teorias?...

Adeus, amigo radiouvinte. Que a sorte nos proteja a todos.

70

## UM PROBLEMA

Amigo radiouvinte:

O mundo está enfermo. Em toda a parte há dúvida, retraimento. No lar, na escola, na usina. Quem passou os cinquenta sente melhor o fenómeno. Os novos não o sentem. Nasceram e cresceram em confusão e não sentem o fenómeno. Nem podem comparar os campos que se extinguiram ou que surgiram em plena efervescência.

Políticos e sociólogos dizem que a humanidade se fixou em dois polos fundamentais e que as suas atitudes obedecem à divisão citada. Assim, o meio termo não tem luz própria. Num e noutro hemisfério se radicou a desconfiança, qual barranco entre gerações que se desconhecem. Que o essencial é conhecerem-se os homens, é auscultarem-se mùtuamente.

Este é o princípio da verdadeira paz. Segregados e emparedados não podemos tomar parte nas coisas alheias.

Como dizia Malesherbes, quem foge do mundo dizendo que não lhe convém, quase sempre convém pouco ao mundo. Por isso os comunicativos agitam os ideais e impulsionam a evolução.

Muita gente não dá pelo acontecimento, nem procura indagar as suas causas. Dizem que não há tempo. A vertigem assola tudo, empolga tudo e a transformação vai-se operando às claras e a ocultas, sem cuidar de conveniências.

O conto pode aplicar-se a qualquer departamento da nossa actividade. Não é questão de conteúdo, mas de continente.

Um governo ou uma directoria reflectem normas próprias que nem sempre se adaptam às necessidades gerais. E quando o desassossego invade as almas começa a reacção a impôr o seu domínio.

Muitas colectividades são vítimas deste ambiente insólito e a culpa sabe-se lá a quem pertence!

— Aos dirigentes! — exclamam os associados, simplificando a questão.

É que há tendência para atribuir aos chefes todos os males que nos assoberbam, esquecendo as insuficiências do meio e as imperfeições de cada qual. Faz-me lembrar uma reflexão de Pope:

— É impossível que os duros de coração se interessem pelo bem público, visto não poder amar milhões de homens quem não ama um só.

Sem dúvida. Quem não amar a família, não pode amar a colectividade. O sentimento fraternal começa no lar e vai-se desdobrando até atingir o mundo. Quem o sentir poderá governar ou orientar com proveito para todos. Pelo contrário, os egoistas nunca realizarão obra duradoira. Não compreendem o amor do próximo, julgam que a vida se concentra neles, que tudo gira à sua volta e vivem chumbados à ideia de amealhar hoje e sempre. Que poderão fazer pela colectividade, se nada fizeram pelos seus?...

O que é preciso é eleger altruístas. Deles é que se espera harmonia e felicidade. São almas abertas, quantas vezes votadas ao sacrifício, e concitam a simpatia dos governados. Cumprem o seu dever de orientadores.

Todo o bem existente foi obra de altruístas que apreciaram o conforto e o tornaram extensivo aos outros. Alguns ofereceram o trabalho à comunidade. Não patentearam inventos, não registaram edições. A sua chama aqueceu, a sua luz iluminou, o seu verbo diluíu-se, como as quadras populares, que perderam o nome do autor. Entraram no folclore e não sabemos quem são os poetas. Algumas passam à sabedoria das nações, como o carvão de pedra que se transforma em diamante.

A meu ver, o trabalho dos homens deve ser comum. Seja qual for o departamento, seja qual for o objectivo. E quanto mais avançarmos em progresso, mais notaremos a ineficácia do isolamento. Os condutores de povos devem abandonar torres de marfim e auscultar as populações, comunicar com elas, saber o que desejam. Nas torres de silêncio há só cadáveres e aves de rapina...

Os directores de centros, federações ou sociedades devem mostrar espírito democrático, amor à grei, interesse pelos humildes que lhes deram o voto, esperando equidade e justiça.

Desta posição há-de sair harmonia, há-de sair contentamento. Os povos e as massas associativas são bons de governar, desde que haja amor, consideração e respeito pelo esforço alheio.

Infelizmente o homem é vulnerável. E por isso ouvimos enunciar:

— Queres conhecer o vilão? Mete-lhe a vara na mão.

Na verdade, o povo é a base do Estado. E quando o alicerce é terra e lama, no dizer de Luís dezasseis, de França, o Estado pouco dura.

O problema é difícil, porque os polos se afastam, em vez de se aproximarem. Deste modo, as dificuldades aumentam.

É uma doença contagiosa que se exerce na terra, no mar e no ar, onde quer que a humanidade esteja. Viver é comunicar. As acções de uns reagem às dos outros; por isso é preciso delimitar e condicionar a vida.

Estas cogitações têm-me acicatado muitas vezes, quando observo a posição do homem no mundo. Desejaria ver uma sociedade forte e harmónica, em vez de um aglomerado incoerente. Estamos numa curva da história, uma grande curva que não deixa ver o caminho. Depois, cada um puxa para seu lado, a começar pelos filhos, que não obedecem aos pais, e a terminar pais, que esquecem os filhos.

A vida incerta que se leva e o medo à batalha que é preciso travar conduzem à ruína moral e económica. Daí, a confusão que gera lágrimas.

O Espiritismo abre horizontes largos, permite fugas salvadoras. Talvez esteja nele a chave do problema. Só a verdade o pode resolver. Quando soubermos de onde viemos e para onde vamos, quando essa verdade se instalar em nós, inabalavelmente, estaremos a caminho da fraternidade. Seremos condescendentes por convicção, seremos compreensivos e altruístas. Para quê as guerras fratricidas, se o fim do homem é amar o homem?...

Nisto é que reside a incógnita.

Pergunto: sabemos, acaso, a quem fazemos mal? Se o soubessemos poderia haver cisões de ideias, mas não barreiras de sentimento. Que os amigos podem discordar, sem se tornarem inimigos. O que se vê, porém, são obstáculos à compreensão.

O mundo está enfermo. Não há dúvida que sofre horrìvelmente. O homem desorientou-se e só uma onda de bom senso o reabilitará perante a vida.

Adeus, amigo. Até à próxima.

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## MATERIALIZAÇÕES EM SÃO PAULO

A *Liga Espirita do Estado de São Paulo,* sita à rua Brigadeiro Tobias, 238, da capital paulista, é uma agremiação prestigiosa que tem propagado o Espiritismo através de quantos veículos o progresso coloca à sua disposição: jornal, folheto, conferência, programa radiofónico, sessões mediúnicas e experimentais. É seu presidente o nosso confrade e amigo Antenor Ramos, funcionário superior dos Correios e Telégrafos Estaduais, que já desempenhou as funções de Director destes serviços. Mas é a modéstia em pessoa. Além de exímio jornalista, é também excelente poeta.

Pois no dia 26 de Abril de 1958 a sede da Liga abriu a sala a uma sessão de materialização, com a presença dos directores do *Centro Espirita António de Pàdua* e numerosos assistentes. Os trabalhos foram objecto da mais rigorosa fiscalização e serviu de médium o sr. António Alves Feitosa, muito conhecido na roda dos investigadores.

Antenor Ramos leu algumas palavras relativas à fenomenologia espirita e mencionou as seguintes legenda transmitida em «voz directa» pelo espírito do Padre Zabeu: «A Medicina terá de se enquadrar no Espiritismo». Citou também a opinião de Ernesto Bozzano e passou a direcção ao sr. Francisco Moreira, o qual recomendou que se não falasse com os espíritos manifestantes, a não ser quando os assistentes fossem chamados. Interrompeu-se a a luz branca e estabeleceu-se uma pequena lâmpada vermelha que deixava observar perfeitamente o que ocorresse na sessão.

Depois da prece inicial de Antenor Ramos, os espíritos accionaram o comutador, estabelecendo e interrompendo a lâmpada vermelha e manejando a vitrola. O ruído característico da substituição dos discos ouvia-se perfeitamente e as entidades materializadas apresentavam-se de branco.

Primeiro, um espírito abriu a cortina que separava o médium da assistência e ficou visível alguns segundos. Depois fechou a cortina. A mesma entidade ou outra abriu novamente a cortina e caminhou rente a um gradil de madeira, desceu o estrado e percorreu o recinto na direcção da primeira fila de assistentes, distribuindo-lhes flores, durante perto de 8 minutos.

Em seguida um espírito iluminado a vermelho abriu a cortina e permaneceu visível alguns segundos.

O mesmo ou outro espírito iluminado a azul desceu do estrado e aproximou-se da primeira fila. Foi visto durante 5 minutos.

Outro surgiu próximo da cortina, mas não irradiava tanta luz. Foi visto através da penumbra pelos que estavam perto. Oito minutos andou a passear e a tocar com as mãos nos assistentes.

Uma entidade espargiu perfume sobre as duas primeiras filas. Depois ouviram-se assobios. Era o espírito *Atanázio,* que falava assobiando. Informou que o perfume fora lançado pelo espírito Óscar Faria, que na terra fora químico e lidara com perfumes. *Atanázio* manifestou-se várias vezes e gracejou com alguns assistentes.

Houve também obtenção de «voz directa». O espírito *Adril* falou por este meio cerca de 15 minutos. Dirigiu-se ao prof. Mário Ferreira, dizendo-lhe que o Padre Zabeu lhe enviava um abraço. Dirigiu-se também a Antenor Ramos, afirmando-lhe que a mediunidade seria estudada na Faculdade de Medicina.

Outro espírito lembrou-se de abrir completamente as cortinas e as pessoas mais próximas viram que os médiuns continuavam em seus lugares. E quando chegou o momento das curas, mais uma vez a cortina se abriu, vendo-se um espírito de médico junto à mesa.

Particularidade curiosa: um espírito tocou violão em frente dos assistentes e a caixa do instrumento tinha luz fosforescente. A música era perfeita. Depois o executante entregou o violão ao confrade Francisco Baptista, auxiliar da *Liga.*

Outro espírito descerrou a cortina, inclinou-se e entregou uma vitrola ao confrade Antenor Ramos. Finalmente, outra entidade chamada *Frei David* entoou um cântico.

A fechar os trabalhos, *Adril* pediu três preces em benefício das crianças dos abrigos, dos enfermos dos hospitais e dos presos.

*Atanázio* pediu ao sr. Francisco Moreira que, ao iluminar a sala, permitisse que as pessoas examinassem os médiuns. Quando estes despertaram a sala foi sendo gradualmente iluminada. Os médiuns estavam nos mesmos lugares que ocupavam no início da sessão.

Os fenómenos de materialização e cenas correlativas deixam na assistência um verdadeiro sentido de imortalidade. Adeus, ideia de morte, que tantas lágrimas derrama nos olhos da ignorância!

Com esta sessão magnífica, a *Liga Espirita do Estado de São Paulo* avançou mais um passo no caminho da propaganda e daqui enviamos ao amigo Antenor Ramos o nosso abraço de cumprimentos.

## A COMUNICAÇÃO ESPIRITA

«Silver Birch», guia espiritual do Grupo Familiar do jornalista inglês Hannen Swaffer, tem dado utilíssimos ensinamentos pela mediunidade de Maurice Barbanell, director de *Two Worlds,* um dos semanários espiritas de maior projecção no mundo anglo-saxónico.

Numa das sessões o médium perguntou se não terá sido utilizado inconscientemente e se não haverá muitos outros indivíduos subordinados ao mesmo fenómeno.

— Sim — respondeu o Guia —; mas isso exige grande esforço de inspiração, visto que o veículo não tem consciência da realidade do espírito. Quando você está desperto é que pode responder. É que, nesse estado de alerta, estabelece uma forte cadeia com o nosso mundo. É quando sente as vibrações transmitidas pelos Espíritos. O fim da vida terrena é dar a conhecer ao homem a sua natureza espiritual.

Foi para isso que o sr. nasceu.

— Então, só em determinado ponto nos apercebemos dessa natureza espiritual?

— Quando estivermos prontos —explicou-lhe «Silver Birch»—. E, todavia, o poder do espírito já se exerceu outras vezes. Ninguém poderá viver por si só, mesmo que se encerre num quarto em ver outras pessoas. Neste momento estamos no universo em que sempre estaremos. A morte é simples mudança vibratória e de condição. Você não irá para qualquer parte diferente daquela em que se encontra. Estamos sempre rodeados de influências espirituais, mas só quando as percebemos nos é dado emitir as nossas.

Respondendo a um comentário, o Guia acrescentou:

— O que apreende através de outros intérpretes é condicionado pelo seu desenvolvimento. Há veículos e... veículos. Um médium bem desenvolvido não suscitará confusão. Mas é preciso ter paciência com as crianças. Você está em boas mãos. Esforce-se por compreender as coisas mais elevadas que lhe mostrarem. Quando tiver faculdades privilegiadas, então servirá. Servir, eis o que se lhe pede. E não há nada mais belo do que servir os menos infortunados.

Finalmente, «Silver Birch» fez a seguinte exortação:

— Você e a sua força psíquica é que possibilitam este esforço destinado a tocar os que aguardam as verdades que lhe podemos mostrar. É-nos impossível avaliar a influência do que fazemos, visto ignorarmos a extensão do seu êxito. Entretanto, alegremo-nos, convictos de que ajudamos a preencher uma quota parte do plano divino.

«Silver Birch» já ditou quatro ou cinco volumes, alguns dos quais foram citados nestas colunas. Um deles foi até objecto de resumo interesante feito por B. Bana Martins há sete ou oito anos.

## A CONFEDERAÇÃO ESPIRITA PAN-AMERICANA

A revista *Constância,* de Buenos Aires, publicou em 1958 um artigo do ex-presidente da C. E. P. A., engenheiro José S. Fernández, no qual se fazem advertências judiciosas acerca da lamentável desorientação que lavra no seio desta colectividade e que representa um atentado contra a união dos verdadeiros espiritistas que a fundaram em 1946 e que durante os primeiros anos singrou sob os auspícios da Codificação Kardeciana.

O fim da agremiação era, sem dúvida, o estabelecimento da fraternidade universal, baseada na compreensão da natureza espiritual do homem e nas leis de evolução. Por estes princípios combateu o nosso amigo coronel Delfino Ferreira, seu primeiro Presidente, e o Secretário Geral, nosso redactor-correspondente em Buenos Aires, tendo-se conseguido a adesão do Brasil, México, Cuba, Porto Rico, Colômbia, Chile, Paraguai, Uruguai e Estados Unidos.

Em 1948 participou na celebração do Centenário do «Livro dos Espíritos» realizada em Rochester, ao mesmo tempo que em Londres se reconstituía a *Federação Espirita Internacional* baseada na *realidade da alma, do mundo espiritual e da comunicação entre os dois mundos.*

A *Confederação Espirita Pan-Americana* esteve naquela comemoração universalista apoiada ao conceito *científico, filosófico* e *religioso* da Doutrina, admitindo, entretanto, as preferências de grupos ou indivíduos no tocante a outras interpretações secundárias.

Em 1949, por ocasião do *2.º Congresso Espirita Pan-Americano,* a C. E. P. A. sediou-se no Brasil.

As coisas foram-se modificando e a pobre agremiação desviou-se da sua rota devido a sectarismos intolerantes, talvez bem intencionados, mas que induziam em erro.

Quando se instalou em Cuba, o Brasil retirou-lhe o apoio, afastando-se do *3.º Congresso.*

No *4.º Congresso* de Porto Rico tudo se agravou. A C. E. P. A. perdeu o seu prestígio.

A *Voz Informativa,* de México, publicou notícia elucidativa, dizendo que tinham assistido cinco pessoas com cargos directivos residentes na Havana, outras cinco que acompanhavam o sr. W. Cólon, de Nova Iorque, e os dirigentes da Federação de Centros Espiritas de Porto Rico, que eram meia dúzia. Pois bem; com estes míseros votos se resolveu desfazer tudo o que os antigos Congressos haviam resolvido!

Além disso votaram-se algumas teses no sentido de se *abjurar pùblicamente de todo religiosismo na propagação da doutrina espirita, que se extinga qualquer nome considerado místico e se não façam preces nas agremiações.*

— Isto é absurdo e responde às tendências de certos grupos anti-religiosos e anti-teístas, como o de Nova Iorque! — diz o articulista.

Na verdade é lamentável o que se passa na C. E. P. A., que, afinal, é uma grande cepa sem valor ... *nutritivo.* Não seria obra meritória lançar-lhe um machado à raiz, como se diz nos Evangelhos?...

É dos livros e da história: quando os obreiros se afastam, mal vai à obra. Surgem então os videirinhos a dar-lhe o golpe mortal. E fazem-no com tal mestria, que chegam a passar por verdadeiros chefes.

## «VIVEMOS DEPOIS DA MORTE»

Em *Two Worlds,* Maurice Barbanell, seu director, refere-se às quatro palavras desta epígrafe que aparecem semanalmente na primeira página deste jornal, exprimindo a profunda mensagem do Espiritismo.

«A morte é um facto inevitável e cada ser humano deve tê-lo em conta, pois ninguém sabe quando chegará a hora da partida. Cada dia que passa estamos mais próximos do fim, do que quando nos deitámos.

«Isto chocará talvez os que preferem não pensar no assunto. Recear a morte é revelar ignorância do lugar biológico que se tem na vida, embora a maior parte da humanidade não encare esse momento com receio ou terror. A verdade é que a morte significa melhor vida, liberdade maior e maior oportunidade para quem morre, porque o luto é egoísta, pois são as nossas perdas que deploramos, já que não poderemos jamais ver o físico daqueles que amamos e que, em virtude da sua ausência, nos tornam a vida mais triste e vazia.

«Mas para quem morre é um nascimento em mundo melhor, livre de doenças e de dificuldades criadas pela velhice e pela injustiça, características da existência terrena.

«O testemunho da mediunidade diz que a individualidade continua inalterável, com a memória intacta e com a mesma capacidade de amar, de espalhar afeição e dar conselhos providenciais. É esta certeza de conhecimento que afasta o medo, filho da superstição, o falso ensino e a ignorância. É o conhecimento que transforma a vida, dando novas perspectivas e habilitando milhões de pessoas a viver fora da escuridão e do assombro, na luz e na serenidade. É esta grande verdade que o Espiritismo deve patentear. Com ela poderemos encarar sem sobressalto as batalhas e as amarguras diárias, fornecendo os elementos sobre os quais assentaria uma religião e uma filosofia que não seriam abaladas. Por isso devemos saber que *vivemos depois da morte*».

# UM MÊS DE INTENSA ACTIVIDADE

As últimas semanas foram caracterizadas por uma série de trabalhos extraordinários no nosso Centro, que atraíram a atenção dos nossos consócios e amigos, sendo pequenas as salas para conterem tão elevado número de confrades.

Assim no dia 12 de Maio, integrado no Grupo Ernesto Bozzano, tivemos o prazer de ter entre nós o Dr. José Castro, médico naturista de fama mundial, orador distintíssimo, dos melhores que têm subido ao nosso estrado. Na sua magnífica lição sobre Electricidade Biológica contou experiências interessantíssimas que realizou, como, por exemplo, de conseguir que as vulgares couves que duram 1 ano podessem viver 7 anos com a bonita altura de 4 metros, servindo-se, não de adubos químicos mais ou menos prejudiciais, mas de água electrizada. Explicou ainda, baseado na Electricidade, por que motivo os aviões sobrevoando determinadas montanhas caem (como em partes de Espanha), porque o leite azedo num local e noutro se mantém determinados dias, etc. No final a assistência, de pé, entusiasmada, tributou com imensas palmas ao grande Mestre espanhol a sua admiração e apreço.

**O Dr. José Castro, ao ser apresentado por António Cardoso**

Uma semana depois tivemos o grato prazer de receber a visita de Miss Hilda Nixon, directora de um liceu em Inglaterra, que, numa conferência em francês, num francês correcto e claro, contou as impressões colhidas das suas visitas a imensas clínicas da Europa e América do Norte. Interessou especialmente a assistência com as curas sensacionais que lá observou.

Na terça-feira, 2 de Junho, de novo tivemos entre nós o Dr. José Castro, desta vez para nos falar dos seus inventos no vasto campo do Naturismo Moderno. Antes de usar da palavra, o nosso Presidente Isidoro Duarte Santos dirigiu uma expressiva homenagem ao Dr. Castro, à sua figura e à sua obra, ao seu talento de escritor, investigador e infatigável propagandista de um alto Ideal. Verdadeiramente sensibilizado, o Dr. José Castro, agradeceu as palavras amigas de Isidoro Duarte Santos, elogiando ao mesmo a sua acção em prol do Naturismo português. Entrando no assunto da sua conferência, deliciou a assistência durante duas horas, relatando alguns dos seus inventos, todos eles interessantíssimos. Entre eles, citamos uns sapatos que mantêm sempre os pés quentes, mesmo em pleno Inverno...

O Grupo Ernesto Bozzano, que funciona no mesmo Centro, decidiu oferecer ao ilustre Mestre um disco que António Cardoso gravou, como Director do Grupo, com uma saudação que deixou o Dr. José Castro muito sensibilizado.

Por último, a 9 de Junho, o Grupo Ernesto Bozzano realizou uma visita ao Micro-Jardim, único no mundo, graças ao trabalho, dedicação e saber do nosso amigo Fernando de Figueiredo e que o Dr. José Castro classificou como um magnífico exemplo de quanto pode o magnetismo humano. Vimos ali plantas vulgares, árvores de todos os dias... mas de minúsculo tamanho que cresciam em vasos pouco comuns, como ovos, tubos de *baton*, conchas, pevides de melão e até... grainhas de uva! Isto para não falar de plantas que Fernando Figueiredo faz viver aquàticamente sem ser esse o seu *habitat* e de outras que passaram a ter raízes aéreas...

Esta maravilha tem sido visitada pelas maiores sumidades científicas. Fernando Figueiredo, com a sua habitual gentileza, maravilhou os presentes neste *Jardim* de sonho durante mais de 3 horas.

## CENTRO ESPIRITA «LUZ»

*O Centro Espirita «Luz», de Coimbra, fundado em 1928 e que até hoje vem mantendo a sua actividade ao serviço do Espiritismo local e regional, é uma célula de grande valor doutrinário, cuja repercussão se exerce com vantagem, não só para os seus componentes, como para quantos o procuram, a fim de resolverem seus problemas morais e espirituais.*

*Em virtude de circunstâncias várias teve que abdicar de iniciativas culturais que muito o prestigiaram há cerca de 30 anos, quando a propaganda espirita era feita livremente. Então o Centro Espirita «Luz» realizava certames, promovia conferências, às quais assistiam muitos elementos universitários que se encontram espalhados pelo magistério e diferentes profissões liberais. Bons tempos em que as ideias lutavam com ideias!*

*Pois agora, esta agremiação elegeu os corpos gerentes para o triénio de 1959-1961, que passam a ter a seguinte constituição:*

**Assembleia Geral** — *Dr. Alfredo da Silva Gomes*, Presidente; *D. Isaura de Jesus Cameirão Noronha*, 1.º Secretário; *Rodolfo João Pereira Torres*, 2.º Secretário.

**Direcção** — *José Domingues Rosa*, Presidente; *Guilherme Veríssimo*, Tesoureiro; *César Alves*, Secretário; *António dos Santos e Manuel de Carvalho Noronha*, Vogais.

*A estes confrades, que continuam a trabalhar denodadamente no sector espirita, os nossos agradecimentos pela gentileza da comunicação.*

*Devemos elucidar que o Centro Espirita «Luz» se encontra filiado no Centro Espirita «Luz e Amor», onde conta verdadeiros amigos.*

## CLÍNICA «ALLAN KARDEC»

*Os espiritas argentinos estão a erguer uma obra notável, a exemplo dos confrades brasileiros. Até aqui a Psiquiatria muito pouco tem conseguido no campo das doenças espirituais, em virtude do misoneísmo que lhe tolhe os passos e diminui a acção. A comprová-lo está o número cada vez maior de alienados, a ponto de se acotovelarem nas ruas, por carência de hospícios.*

*Nesta particularidade os irmãos argentinos são animosos e corajosos. A* Clínica «Allan Kardec» *será um empreendimento valioso. E não se julgue que é a propaganda de uma ideia. É a própria ideia definida e materializada. Foram grandes as dificuldades; mas quando há determinação e força de vontade, tudo é vencido corajosamente.*

*O Congresso Espirita Argentino de 30 de Novembro de 1958 resolveu criar esta Clínica e todos os momentos foram aproveitados nesse sentido.*

*Já requereram personalidade jurídica à Inspecção Geral de Justiça; já têm um registo de médicos, onde serão incluídos todos quantos simpatizem com esta obra; já se inscreveram várias sociedades da Capital e do Interior para realizar festivais em benefício da Clínica. E a prova de que o projecto ultrapassou os limites da hipótese, informamos que há perto de 5.000 sócios aderentes que pagam uma quota de $20 pesos anuais.*

*O Espiritismo sofreu perseguições na Argentina oriundas, principalmente, da igreja católica. Mas triunfou. A lei obrigou Federações, Centros e Sociedades a determinados preceitos, após o encerramento da maior parte deles, para adaptação e integração às exigências oficiais. Tudo melhorou, afinal, com tais exigências. Hoje realizam-se comícios de propaganda nas praças públicas, com altifalantes colocados em lugares escolhidos para que os oradores sejam ouvidos em grandes áreas.*

*É o que desejaríamos fosse permitido entre nós. Não queremos privilégios. Dar-nos-íamos por satisfeitos com uma lei equânime. O que é preciso é leis equânimes. Não sendo possível, ao menos que haja lei, mesmo dificiente. Mais vale uma lei precária do que nenhuma.*

*Se tudo está regulamentado, seria bom que se regulamentasse a liberdade de expressão e de reunião, embora com limitações que nos levassem a dizer: a liberdade é igual à responsabilidade, como podem dizer os nossos confrades argentinos.*

## «SILVA MELO E OS SEUS MISTÉRIOS»

*Acaba de sair nova edição desta obra notável, da autoria do nosso redactor-correspondente em São Paulo, Dr. Sérgio Vale, cientista de renome pelos seus trabalhos sobre a lepra e outras investigações no campo da Medicina.*

*É uma obra maciça de resposta ao livro «Mistérios e Realidades deste e do Outro Mundo» do Dr. Silva Melo, director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O catedrático emocionara os seus admiradores com um dos maiores libelos contra o Espiritismo, no qual as citações andam a trouxe-mouche, com o fim de impressionar o leitor desprevenido.*

*O Dr. Sérgio Vale, além de médico, é purista de linguagem. O seu livro lê-se com agrado e conduz o leitor, de página em página, de capítulo em capítulo, ao mais tremendo libelo contra o sábio de renome, cujo «monumento» se vê ruir, frente à lógica cerrada e por vezes irónica deste enérgico e brioso plumitivo, que surgiu inesperadamente com a pena em riste.*

*Sendo médico, como o seu antagonista, e sobretudo um valor literário inconfundível, resolveu lançar na fogueira algumas aparas adequadas ao seu objectivo e prestes Silva Melo foi envolvido pelas labaredas que o estontearam. Só assim poderemos justificar o esgotamento desta obra de 414 páginas de grande formato e a sua reedição pela LAKE (Livraria Allan Kardec Editora) em termos altamente honrosos.*

*«Silva Melo e os Seus Mistérios» é também inesgotável fonte de conhecimentos.*

*Se o Brasil não fosse verdadeiro alfobre de escritores, bastava esta obra notabilíssima para lhe justificar o atributo. Os subtítulos que a polvilham são marcos donde podemos apreciar o brilho e a cultura com que Sérgio Vale esfarela a dialéctica do professor que arrumou frases sobre frases sem vislumbre científico.*

*Com este livro, o seu autor ingressou na falange dos melhores polemistas e beletristas.*

## AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Desta vez houve um estreante no Centro E. «Luz e Amor». Foi o nosso companheiro Raúl Ribeiro Pesqueira, que dirige no Centro o Grupo «Allan Kardec». Escolhendo para tema um assunto sugestivo — «Para Deus, pela Ciência e pelo Amor» — soube expô-lo com sobriedade, deixando nos ouvintes a melhor impressão.

Disse que todo espiritista devia conciliar o misticismo com as investigações de carácter científico, para não cair no círculo estreito do fanatismo concernente às religiões, pois o homem sempre foi inclinado ao mistério que, por vezes, nele exerce grande influência.

Não obstante o nervosismo da estreia, soube haver-se com a circunstância. As suas palavra judiciosas deram origem a várias considerações de Isidoro Duarte Santos, que se congratulou com o esforço do conferencista; de António Cardoso, que se espraiou na análise de certos passos e com eles concordou plenamente; de Joaquim de Albuquerque, Túlio Rosa e Fernando Ribeiro, os quais entraram na crítica do assunto, de harmonia com os usos do Centro. Foi uma jornada bem interessante que transformou a sala em tertúlia fraterna e levou cada qual a expandir ideias, analisando, concordando, alvitrando e objectando.

## FESTA DE ENCERRAMENTO

No dia 2 de Agosto realiza-se no Centro E. «Luz e Amor» a Festa de Encerramento, que constará de muitos números de canto, música, declamação de poesias, anedotas, diálogos humorísticos, etc., nos quais intervirão muitos amigos e confrades.

## TRABALHOS DO CENTRO EM JULHO E AGOSTO DE 1959

### Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos (Dia 2, 9, 16, 23 e 30 de Julho).

Dia 1 de Julho, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 3, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 5, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 7, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 8, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 10, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 12, domingo, às 16 horas — Conferência de Joaquim de Albuquerque, intitulada «A Observação de um Neófito, ou Como o Espiritismo se Apresenta à Minha Inteligência».

Dia 14, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 15, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 17, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 19, domingo, à 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 21, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 22, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 24, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 26, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 28, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 29, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 31, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

**Dia 2 de Agosto, às 15,30** — Festa de encerramento dos nossos trabalhos com números de canto, música, declamação, etc., dos quais participarão muito colaboradores e amigos.

Nota — *As conferências são públicas e as sessões são exclusivas dos associados com as quotizações em dia.*

## Fundo de Beneficência

**Mês de Junho** — Edite Silva Gaspar, de Luanda, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; V. L., de Coimbra, 10$00; A. L., de Setúbal, 10$00; Juventino A. Nobre, 5$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Zétó, de Tavira, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 5$00; Salvador Machado, de Lisboa, 14$00; M. Teresa, de Ovar, 5$00; M. L., de Coimbra, 10$00; Anónimo, 20$00; M. F., de Beja, 5$00; Margarida Maria, de Coimbra, 5$00; P. N., de Portalegre, 4$00; J. V., de Santarém, 5$00; Jaime S., de Viana do Castelo, 6$00; V. Santos, de Foz do Douro, 10$00; C. S., de Viseu, 5$00; M. Morais, de Bragança, 5$00; Anónima de Leopoldville, 20$00; Celeste T. Gomes, de Lisboa, 10$00 — *Total 209$00.*

# ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO | LISBOA, AGOSTO DE 1959 | N.º 8

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa


# GRANDES E PEQUENOS

Em todos os tempos houve grandes e pequenos homens, grandes e pequenos seres, grandes e pequenas coisas que, no momento de se utilizarem, nem são pequenas nem grandes. São homens, seres e coisas necessárias.

Tudo é variado no seio da natureza. E as circunstâncias é que revelam o valor e a utilidade. Os homens são o que são. Podem modificar-se evolutivamente, podem alterar algumas linhas, mas o sentido fundamental há-de sempre defini-los. A descriminação que os distingue é conceito alheio.

Hoje podem ser grandes e amanhã pequenos. Hoje ricos e amanhã pobres. Hoje saudáveis e amanhã doentes.

— A hierarquia — dizia Dupin — é uma espécie de escada, ao longo da qual o poder desce do trono até ao último funcionário e torna a subir até o trono, percorrendo os mesmos degraus.

E as quedas estrondosas só provêm de grandes alturas. As outras mal se dá por elas.

A doutrina Espirita ensina a conhecer os homens, não pelo que representam, mas pelo que valem. A representação é efémera e o valor é duradoiro.

Os verdadeiramente grandes são os que renunciam à vanglória do mundo e trabalham para os ingratos, sabendo que nada esperam deles. Mas trabalham, que o trabalho é a grande lei. Adestra e tempera o espírito.

Uma assembleia de grandes nem sempre resolve grandes coisas. Grande não é quem se diz grande, mas quem se julga pequeno, sendo maior que os grandes. Daí, a nossa afirmação acerca da grandeza dos homens e das coisas.

Disto se infere uma verdade que não se deve esquecer: os que se julgam poderosos estão às vezes sujeitos ao arbítrio dos fracos. Porque há serviços que os grandes não podem fazer.

A propósito lembra-nos o apólogo do leão e o rato. Um leão estava deitado numa floresta e os ratos subiram-lhe para cima. A fera apanhou um e queria matá-lo. Então ele pediu-lhe que não o maltratasse, pois que um dia talvez lhe pudesse fazer um bom serviço.

O leão meditou e não lhe fez mal. E o rato lhe agradeceu muitíssimo.

Pouco tempo depois o rei da selva caíu num laço que os caçadores lhe armaram para o filar. E o leão começou a bradar em altas vozes. E o rato a que ele perdoara a morte exclamou, compungido:

— Todos os leões do mundo são incapazes de te livrar de aqui. Mas eu, que sou a mais vil criatura, quero salvar-te, pelo bem que me fizeste.

E logo subiu e roeu a corda que o leão tinha no pescoço e o livrou daquele perigo iminente. E o leão, vendo-se em liberdade, deu muitas graças ao rato e seguiu o seu caminho.

O Padre António Vieira pregou um sermão em que falava dos peixes grandes e pequenos. E acrescentava:

— Na rede tanto se prendem uns, como outros; mas quando alguns escapam pela malha, são os pequenos, que os grandes a sua mesma grandeza os prende. Sobre tal fundamento se há-de assentar todo este poderoso edifício: e é que os grandes, ainda que possam tudo quanto querem, não hão-de querer tudo quanto podem; porque não há melhor grilhão das acções que a grandeza.

Na seara espirita todos são necessários: os fortes e os fracos, os administradores e os servos. As pedras mínimas, quem as há-de levar ao monumento, senão os pequenos serventuários?

Não cuidemos de grandes nem de pequenos. Cuidemos de adeptos operosos e cuidadosos, distribuíndo a cada um o trabalho que lhe compete. Há tarefas para todos. E se todos cumprirem sem jactância e obedecerem sem baixeza a obra aumentará de valor e tamanho. O que as obras precisam é de aumentar dignificadas pelos trabalhadores da última hora, porque estes é que as engrandecem.

# Como o Espiritismo se Apresenta à Minha Inteligência

Por JOAQUIM FERNANDES DE ALBUQUERQUE

*(Conferência realizada no Centro Espiritualista Luz e Amor, em 12 de Julho de 1959).*

O que vou dizer não é uma Conferência, como deferentemente o Sr. Presidente o exprimiu na Revista *Estudos Psíquicos*. Há pouco tempo, cerca de três meses, que ando pelo Espiritismo, e, como é evidente, esse facto não me permitiu apresentar um trabalho de tal envergadura.

O que vou dizer é uma simples e despretenciosa exposição, que se intitula: «*A observação de um Neófito, ou Como o Espiritismo se Apresenta à minha Inteligência*». Por simples critério pessoal, que não por qualquer outro motivo, dividi-la-ei em duas partes: à primeira, em que se deve ter em conta um conceito dogmático da sobrevivência da alma, que preexistia em mim em relação à necessidade que senti de substituí-lo por outro mais concreto, mais positivo, chamar-lhe-ei «*A Observação de um Neófito em Relação às coisas do Espiritismo*»; à segunda consequência lógica da primeira, em que procuro justificar o meu ponto de vista actual, denominá-la-ei «*Como o Espiritismo se Apresenta à minha Inteligência*».

A minha posição inicial, antes de tomar contacto com o Espiritismo, não se firmava no plano daqueles que o afirmam, nem no plano daqueles que o negam, ou dele duvidam, mas sim — porque não confessá-lo? — num plano de indiferença, com respeito embora por todos aqueles que haviam formado a mentalidade à luz dos princípios espiritas, de harmonia com a norma que me tem norteado sempre e que, se Deus quiser, me há-de continuar a nortear, de tolerância para com as ideias e convicções alheias.

Ouvia falar de Espiritismo e não o ridicularizava, como por vezes se faz, por se não distinguir o verdadeiro do falso espiritismo, que afinal não é Espiritismo.

Antevia já em tal matéria um assunto de muita reflexão, um assunto sério, insusceptível de especulações de qualquer espécie.

Como a curiosidade pôde mais que a indiferença, e «*a curiosidade é a lei da vida*», no dizer do filósofo francês Jollivet, eis-me a bater à porta da Casa Espirita, que se me abriu, e pela qual entrei disposto a colaborar, porque só com verdadeiro espírito de colaboração se podem obter as melhores conclusões, mas sem quaisquer ideias preconcebidas.

Os meus primeiros contactos com o Espiritismo foram, assim, cheios de ansiedade, ânsia de me embrenhar por todas as suas veredas e de expectativa.

Eu creio que isto é uma maravilhosa atracção, e só agora compreendo porque há quem não queira sentir todo o seu poder magnético: *têm receio de cegar sob a acção de uma luz tão intensa e luminosa, e de jamais se desprenderem do poderoso imã que porventura os pudesse atrair.* Confesso que a princípio também receei, mas presentemente nada temo.

O que é belo e atraente não causa medo, antes fascina, e a fascinação é sempre convidativa e não repulsiva.

*Nestes primeiros contactos com o Espiritismo adquiri a convicção de que é um manancial inesgotável de cultura.* A propósito dele podem-se levantar questões de ordem filosófica nos aspectos que interessam à psicologia, à lógica, à moral e à metafísica, com especial relevo quanto a estes dois últimos aspectos; questões de ordem científica e questões de carácter religioso. Nele encontram os materialistas a contraprova dos seus postulados.

*Nestes primeiros contactos com o Espiritismo adquiri a convicção de que, entre as doutrinas Espiritualistas, é a contém soluções mais eficientes para a resolução dos nossos problemas espirituais.*

Nós temos problemas espirituais e de ordem material, mas os primeiros são mais difíceis de solucionar.

No Espiritismo podemos encontrar a chave de todos os nossos enigmas, porque tudo o que transcende a matéria é cheio de mistérios e só então podemos ver, ou ver melhor, aquilo que antes os nossos olhos não viam, ou viam mal.

Mas, ao mesmo tempo que satifaz as nossas exigências espirituais, o Espiritismo resolve também problemas de ordem material que se nos apresentam com carácter inibitório, quando são a projecção de causas do domínio puramente espiritual. Então ele vai atacar o mal pela raiz, vai eliminar as causas, porque sabe que, uma vez estas destruídas, cessam os efeitos: «Sublata causa cessat effectus».

*Nestes primeiros contactos com o Espiritismo adquiri a convicção, ao contrário do que por vezes se afirma, de que ele não é obra de satã.*

Certamente satã fica pesaroso e triste, quando ouve falar em «*Deus*», em «Amor», em «Caridade», em «Humildade» e em «Justiça». *A ser verdade o que muitos pensam, o Espiritismo seria péssimo mandatário de tal entidade ...*

*Como ser mandatário de satã, se o Espiritismo não acredita nele?* Que fique isto como resposta a certos sectores do Cristianismo.

*Nestes primeiros contactos com o Espiritismo adquiri a convicção de que é cheio de expressão e significado.*

Nele vamos encontrar a compreensão de certos fenómenos que antes fugiam do nosso alcance e de que não nos devemos admirar, pois que eles escapam à compreensão da própria Medicina.

Onde é que a Medicina vai diagnosticar as manifestações mediúnicas, desde as mais simples

às que revestem o carácter de obsessão? Às primeiras chama-lhes *crises nervosas*. Às outras, conforme os casos, chama-lhes: umas vezes, paralisia; e outras ainda, loucura, para já não me referir àqueles casos considerados pela mesma Ciência como «casos interessantes».

Conheço dois casos de obsessão: um, que revestia o aspecto de paralisia e que o Espiritismo sanou em menos de um mês; outro, que revestia o aspecto de loucura, e que o Espiritismo sanou em menos de um ano.

É que, em relação a eles, a Medicina se mostrou inoperante.

Mas, é óbvio, o Espiritismo e a Medicina têm as suas fronteiras definidas, têm os seus domínios próprios, sem embargo de nos podermos lamentar de não os vermos aplicados ao Domínio Medicinal, pois julgo que esse facto iria sem dúvida contribuir para o aperfeiçoamento daquela Ciência nos seus diversos campos de acção, sobretudo no da psiquiatria.

Enquanto isso se não verificar, o Espiritismo, nobre e lealmente, proclama: «A saúde do corpo para os médicos».

Contudo, pode, e com justa razão, reivindicar para si tudo o que é atinente à saúde do espírito. «A César o que é de César! A Deus o que é de Deus».

★

Tratarei agora da segunda parte da minha exposição: *Como o Espiritismo se Apresenta à Minha Inteligência».*

*Eu vejo o Espiritismo como um vasto edifício que assenta em construção científica.*

Na base está o mundo dos fenómenos espiritas, sobre os quais o investigador faz incidir a sua observação através da experiência.

O edifício é constituído por uma teoria composta pelos postulados espiritas formulados indutivamente através de generalizações sucessivas, e surgem assim os conceitos de «sobrevivência da alma», «intervenção dos espíritos», «perispírito», «reencarnação» e outros.

Serão arbitrárias tais premissas? Afigura-se-me que não.

Vejamos:

O carácter actual da ciência é essencialmente positivo, interessa-lhe tudo o que é do domínio dos factos, tudo o que pode ser verificado experimentalmente.

Portanto, pràticamente, a ciência reflecte a influência que nela exerceu Augusto Comte, através da aplicação do seu método positivo.

Todavia, pode-se objectar que o Espiritismo, porque de conteúdo metafísico, está fora do âmbito de tal método.

Eu responderei: se é certo que inicialmente a «metafísica» era inacessível à aplicação do método positivo, depois e sucessivamente foi-se generalizando a tendência de a considerar acessível a esses métodos.

Eugénio Aresta, nas suas «Noções de Filosofia», diz que o positivismo actual, fecundo para a organização científica, não dispensa as atitudes metafísicas e as atitudes religiosas; que a «Lei dos Três Estados» não representa as fases sucessivas da vida do homem, mas um todo, um conjunto que vive sob a acção impulsionadora duma mesma circulação; que, presentemente, as fases, respectivamente, teológica, metafísica e positiva, não são meras ficções, mas processos de encarar a realidade, processos que se completam e vivem conjuntamente, correspondendo a necessidades reais da vida do homem.

Os senhores doutores Pinto Barriga e Fezas Vital, este, notável jurisconsulto e notável professor, que foi, primeiramente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, e depois, da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, mas já falecido, aderiram ao positivismo por terem verificado que a «metafísica» era compatível com ele.

E no Espiritismo, que vemos nós?

Allan Kardec, na sua obra «A Génese», fundamental para quem queira compreender uma parte desta doutrina, e publicada em 1882, diz que vai construir o Edifício Espirita na base positivista, porque considera a «Metafísica» acessível a essa base, contràriamente ao que até então se admitia.

*Eu vejo também o Espiritismo intimamente relacionado com a Moral.*

A tal respeito poderá opor-se que Ele, como Ciência que é, não deve preocupar-se com problemas morais; que o cientista, ao fazer ciência, deve actuar sem preocupações de ordem moral, deve agir sem quaisquer ideias preconcebidas; que, assim como não há moral científica, também não há ciência moral.

Eu responderei: na verdade, o Espiritismo considerado em si mesmo, como Ciência, não é moral nem imoral; o cientista, ao fazer ciência, não deve agir com preocupação de ordem moral nem com outras preocupações, porquanto deve actuar sem ideias preconcebidas; assim como não há moral científica, também não há ciência moral. Isto, é claro, considerando o Espiritismo em si mesmo, como Ciência, porque se o considerarmos no domínio da sua aplicação, então verificaremos que actua em vista de fins éticos: o «Bem», o «Amor», a «Caridade», a «Humildade» e a «Justiça».

O Espiritismo postula em função do «Bem», porque diz que quanto maior for o «Bem» que praticarmos, maior será a nossa elevação espiritual.

Postula em função do «Amor», sobretudo do «Amor do Próximo», porque, como afirma o Sr. Presidente da Direcção nas suas sessões de Irradiação Mental, devemos pedir ao Alto, não para nós, mas para os que nos rodeiam.

Postula em função da «Caridade», porque acolhe abnegadamente no seu seio e abre os braços a quem se lhe apresenta vergado ao peso dos sofrimentos espirituais. E condú-los ao caminho da cura e ao caminho da luz, porque esclarecer é da mesma forma fazer Caridade, aos irmãos do além e aos irmãos do aquém.

E postula em função da «Humildade». Eu clamo ao Espiritismo a «Doutrina da Humildade», aquela em que, falando-se de «Humildade», em mais elevado grau esta se pratica.

Foi-me dado observar que os espiritas deste Centro são apóstolos da Humildade. A generalizar-se essa atitude no Mundo Espirita, não me custa augurar ao Espiritismo um triunfo rotundo e decisivo. A Humildade é uma poderosa arma, é a razão de ser de uma série infinda de vitórias.

A Humildade esmaga. A Humildade quebra. A Humildade vence e convence. Foi essa uma das facetas que mais me atraiu para cá.

Jesus-Cristo afirmou: «O que se humilhar será exaltado; o que se exaltar será humilhado». Os espiritas, pelo que verifiquei aqui, fazem daquela máxima uma verdadeira lei, que procuram cumprir inteira e plenamente.

Assim, ao mesmo tempo, o Espiritismo é a doutrina, não da escravização da «Pessoa Humana», mas da sua nobilitação e dignificação fora do sentido da vaidade, que é baixeza, fora do sentido da ostentação, do luxo ou da riqueza, que é aviltante por corromper as

consciências, mas no sentido da elevação absoluta que está em Deus.

O Espiritismo postula ainda em função da «Justiça», porque proclama que, quanto maior for a nossa elevação espiritual, maior será o nosso merecimento perante Deus. *Há assim, segundo Allan Kardec, uma «Justiça Distributiva» e imparcial, de ordem divina, que leva em conta tudo e perante a qual a nossa razão se inclina, que nunca fecha a porta ao arrependido, que estende incessantemente a mão ao náufrago, em vez de o lançar no abismo.*

Sintetizando o que ficou exposto afirmarei que o Espiritismo é uma Ciência de conteúdo filosófico e com qualidade moral.

É uma Ciência, porque assenta numa construção científica.

De conteúdo filosófico, porque é metafísico, e a «Metafísica» é «filosofia».

Com finalidade moral, porque persegue fins éticos: o «Bem», o «Amor», a «Caridade», a «Humildade» e a «Justiça».

★

Algo mais poderia dizer sobre este assunto, porque, confesso, à medida que me tenho embrenhado nas suas paredes, mais vejo por onde embrenhar-me. Talvez mesmo, chegado a este ponto, se tenham já alargado os meus horizontes.

Porém, não vos quero enfadar mais.

O Sr. Presidente convidou-me para vir aqui falar-vos, submetendo-me assim à vossa auscultação.

No cumprimento da palavra dada, aqui vim, não para me pronunciar de cátedra. A minha exposição intitula-se: «A Observação de um Neófito, ou Como o Espiritismo se Apresenta à minha Inteligência». Ora, como é óbvio, como é incontroverso, um neófito não pode, não tem possibilidades de se pronunciar de cátedra.

Há três meses que iniciei a minha jornada e ainda não me saturei.

Oxalá que, no longo caminho que percorrer, chegue ao fim e, cansado embora, possa, ufano da Verdade, erguer bem alto, em sinal de vitória, todo desfraldado ao vento, o pendão da «Doutrina d. Humildade», com a sua legenda bem visível para todos e que pode muito bem ser a legenda deste Centro expressa na Revista *Estudos Psíquicos: «Semper Ascendens»*.

Então, eu não direi como César: «Alea jacta est».

Então, eu não direi como Maharbal a Aníbal Barca: «Aníbal, avança até Roma e em três dias jantarás no Capitólio».

Não! As vitórias que pretendo ver consumadas, não são as forjadas no conflito, na violência, na carnificina ou no derramamento de sangue; são as vitórias na paz, que se conseguem com pureza do coração e com o pensamento em Deus.

As vitórias que pretendo ver realizadas são as vitórias do Espírito, factor indispensável para o progresso da civilização e para o equilíbrio social, condição «sine qua non» do bem estar moral e material dos povos.

Vamos, portanto, todos, à procura da Verdade e, depois de a encontrarmos, de sabermos onde ela está, façamo-la triunfar.

Estou certo de que, nesta vasta Seara, com esforço abnegado e vontade de bons Seareiros, a Verdade será encontrada, a Luz será feita.

Nessa altura poderemos afirmar:

— Encontrámos a Verdade, fez-se Luz!

E ao mesmo tempo, também, clamar vitória!

# O GRANDE TESOURO

*por* **EMMANUEL**

*O corpo físico, relativamente equilibrado, é o grande tesouro da alma encarnada na Terra.*

*Com ele podes fortalecer os laços fraternos através da palavra, auxiliar ao próximo pelos gestos de compreensão e socorro; amparar a vida e a natureza pelo trabalho das mãos, examinar a extensão das bênçãos divinas que te cercam, por intermédio dos olhos, registar as harmonias da Criação com os ouvidos, traçar estradas de boa vizinhança com os pés e, sobretudo, enriquecer a própria experiência, amealhando eternas conquistas para a imortalidade, pelo exercício de tua mente e de teu coração na prática incessante do bem.*

*De posse da abençoada máquina física, podes resgatar o passado, iluminar o presente e engrandecer o futuro...*

*Não te coloques, pois, à margem da luta, acusando o companheiro que recebeu a inquietante provação da riqueza material. Quase sempre, o proprietário de vastos bens transitórios é um viajante solitário e aflito na Terra, carregando, nos ombros dilacerados, esmagadora cruz de ouro maciço. Se te encontras distanciado de semelhante impedimento, és mais livre e mais rico para estender o bem.*

*Não percas tempo, condicionando a caridade ao lastro do dinheiro fácil.*

*Sê útil ao companheiro que passa no mundo suportando o peso de cofres incómodos, porque raros conhecem toda a responsabilidade daquele que foi chamado a distribuir os dons da Terra.*

*Ao invés de espalhar o vinagre da censura, expande-te na solidariedade e no entendimento, dilatando o clima do amor fraterno. E, na convicção de que nenhuma riqueza do chão de pedra vale um só fragmento dos teus braços, adianta-te no roteiro do Evangelho, convencido de que a maior caridade não é aquela que sòmente entrega ao irmão de luta o que sobra na bolsa, mas a que ajuda sempre, irradiando fraternidade e luz, a fim de que a vida se eleve e melhore para todos os que a rodeiam na grande caminhada terrestre.*

***(Recebido pelo mêdium Francisco Cândido Xavier)***

# As maiores histórias psíquicas do mundo

por W. F. NEECH

## 8) *O rapaz que descobriu o mistério da sua morte*

Como ele gostava de aventuras! Mas quando morreu, com trágica presteza, a moça Bobbie Newlove embarcou na mais excitante de todas as aventuras e fez conhecer aos pais o que ninguém poderia conhecer — a razão exacta da sua morte física.

O rev. C. Drayton Thomas, o ministro metodista que se tornou ferveroso campeão do Espiritismo, teve a ideia de, durante as suas experiências com a médium Gladys Osborne Leonard, efectuar sessões por procuração para as pessoas que desejassem comunicar com os entes queridos.

Em Setembro de 1932 Thomas recebeu uma carta dum senhor Hatch, de Nelson Lanes, pedindo-lhe para comunicar com o filho de sua enteada Bobbie Newlove, de 10 anos, cuja morte recente fora completamente inesperada.

Dizia ele na carta: «Durante 10 anos a minha enteada viveu comigo e minha esposa; e o seu filhinho tornou-se o centro da nossa existência. Era particularmente inteligente e extraordinàriamente carinhoso e amado por todos. Há algumas semanas morreu sùbitamente de difteria. A sua perda é tão horrível que nos leva a pedir-lhe a bondade de obter algum conforto para nós».

O ministro duvidou que uma criança pudesse fornecer uma prova clara e digna da sua sobrevivência. Limitou-se, contudo, a dizer à família que se iria tentar uma comunicação.

Como se viu, a primeira sessão, em 4 de Novembro, não se poderia chamar um sucesso. Só alguns itens fornecidos por *Feda*, o Espírito-guia da senhora Leonard, anunciando que Bobbie tinha tentado comunicar antes e descrito algumas características geográficas da cidade de Nelson, incluíndo um rio e um canal na vizinhança.

Na segunda, de Novembro, no dia 18, *Feda* disse: ... «O seu coração não era forte? Parece que não foi a doença de garganta que o matou. ... Parece que houve qualquer coisa que lhe afectou o coração, aparte a doença. «Suponho que antes dela qualquer esforço cardíaco lhe enfraqueceu o centro da vida e a enfermidade fez o resto. Talvez o possam saber, pois que sem o coração lesado a difteria não o teria morto».

Ao receber estas afirmações, Hatch respondeu que a doença tinha começado por amigdalite seguida de ataque de esquinencia, após o que surgiu a difteria.

Na terceira sessão, em 2 de Dezembro, *Feda* voltou a insistir por qualquer coisa acontecida a Bobbie, além da difteria. Depois fez uma pergunta com qualquer coisa de sensacional:

— Poderá perguntar, se se recordam de alguma coisa sucedida nove semanas antes do falecimento a que se não atribuíu importância? ... Nove semanas antes do seu fim deu-se um facto significativo para a sua vida e se ele se passou com alguém seu conhecido, poder-se-ão juntar os dois acontecimentos ...

Thomas perguntou então a *Feda:*

— Tem dificuldade em exprimir numa palavra o caso de que se trata?

*Feda* respondeu:

— Vou tentar ... tentar ... Espere um momento ... Barricas, barricas.

A menção das barricas nada significa para Hatch, mas quando, em Julho seguinte, Thomas visitou Nelson, examinou então o diário de Bobbie e viu que, em 15 de Junho de 1932, escrevera: «ir ter com a malta».

Na sessão de Janeiro de 1933 *Feda* declarou: ... «ele dirigiu-se para um lugar onde as barricas eram perigosas e o envenenaram — um lugar onde há animais, gado —».

— «É pena, *Feda*, que não possamos obter o nome do lugar. — disse-lhe Thomas na sessão seguinte. Ao que *Feda* respondeu:

— Estou a receber um nome estranho, parece que Bentley. E a ver uma cidade, repleta de gente e lojas e penso que há ali uma grande estação, porque vejo uma ponte ao voltar dum edifício. Há ali uma encruzilhada e eu vejo Bobbie subir a montanha ... Parece-me que agora já sei o nome: Ben ou Bentley».

A seguinte sessão mostrou um local húmido, com bastante água e, na subsequente, *Feda* indicou como encontrá-lo:

— Uma velha pedreira com um depósito de água estagnada.

Thomas foi a Nelson em Junho e descreveu a área à família Hatch. Foram à velha pedreira mas não encontraram barrica alguma no local. Finalmente foram ao «Alto» e depararam com um velho palheiro, cujo lado aberto fora usado como estábulo e próximo havia outra pedreira conhecida por Delf e ali encontraram, finalmente, duas barricas flutuando na depressão. Um vizinho disse que os rapazes tinham partido recentemente uma das barricas.

A outra continha água, que fora em tempos usada para beber. E Jack, um amigo de Bobbie, confessou que ele e Bobbie tinham estado a brincar na água.

As investigações que se seguiram, para evitar futuros danos entre as crianças, levadas a efeito por um médico oficial, demonstraram que a água da barrica estava contaminada e que qualquer pessoa, criança ou adulto, contraíria séria infecção, se dela bebesse. E assim Bobbie provou sobreviver, ao provar como morreu, através do seu diário e do seu espírito. Só ela e Jack estavam a par das brincadeiras na água e nenhum deles sabia que estava contaminada. No mistério da vida há a certeza doutra vida comunicante ...

**(Do «Two Worlds» de 3 de Janeiro de 1959)**

# PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

## (14) ATITUDE MENTAL

Estas palestras foram improvisadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

*Encontrei há pouco um livro de Marden que me satisfez inteiramente. Um dos capítulos versava determinado assunto que me preocupa há muitos anos. Refere-se à atitude mental.*

*Já pensaram o que é ler uma obra e depararmos com ideias semelhantes às nossas? Vermos um autor de nomeada pensar como nós, simples mortais, é satisfação íntima que se não descreve com palavras.*

*Foi o que sucedeu comigo ao ler esse livro do grande moralista norte-americano.*

*A atitude mental é uma posição do homem perante a vida que o cerca e perante os seus irmãos terrenos. E também para consigo próprio.*

*O que pensamos realiza-se sempre, quando há ligação entre o desejo e a imagem. É que a génese das coisas está, precisamente, nas imagens mentais. Antes de realizarmos seja o que for, criamos, ou, por outra, recebemos a imagem criadora. E através de um pensamento positivo que arrasta a vontade materializamos a ideia em obras tangíveis que ficam, às vezes, para os séculos.*

*E chegamos à conclusão de que as imagens devem ser agitadas, dinamizadas, materializadas. Só deste modo teremos ciência do que se pode desdobrar, proveniente do mundo interior.*

*A atitude mental abrange certas facetas desse mundo e a primeira e mais importante é o aspecto moral e espiritual das coisas. Quem mergulhar no seu mundo verá muito quadro inédito intrìnsecamente ligado aos seus actos ostensivos, ou seja às suas atitudes exteriores.*

*O outro aspecto — o aspecto material da vida — é precário e restrito. E o homem tem necessidade de horizontes largos, que se espraiem, que constituam o seu anseio e aspiração de vida.*

*Onde começam e acabam as margens desse oceano imenso? Onde começam e acabam?...*

*O homem não sabe, não saberá jámais. Lança-se nesse mar, ora bonançoso e cheio de ilusões que passam, ora revolvido pelo escarcéu e não tem possibilidade de orientar o seu rumo, nem às vezes de voltar ao ponto de partida. São as preocupações nefastas que o levam aos choques e entrechoques da vida. É, portanto, um mar largo sem fundo, como diz o povo e no qual nem todos sabem navegar.*

*Mas, volvendo à atitude mental, quem quiser ser novo deve adquirir o estado mental dos novos. Porque nós somos o que pensamos. E o que comemos.*

*Se formos alegres e progressivos teremos a verdadeira vida em nós.*

*Ser alegre é irradiar optimismo; ser dinâmico é irradiar vontade; ser progressivo é integrar-se no grande caudal da natureza.*

*Por isso é necessário extrair o belo das coisas prosaicas, das coisas simples. Tudo tem beleza. Uma pedra, uma árvore, um botão de rosa, um rio que vem da nascente para a foz. Um raio de sol, um dia de chuva, a planta que germina, a nascente que borbulha, a seara ondulante que se deixa acariciar ...*

*Tudo tem beleza. Beleza física, beleza moral.*

*Temos que nos apetrechar para extraí-la do que nos rodeia e integrar-nos na corrente estética universal. E assim vivermos mentalmente a nossa ideia. Desaparecerão as imperfeições supostas ou aparentes originadas na deformação com que se contemplam, com que se estudam. Porque é necessário observar, desde o simples ao composto. Quem não observa não atinge a beleza das coisas. Não atinge!*

*Se nós, pensando na velhice, nos tornamos velhos; se o ideal humano é belo; se não tem senilidade, não tem decrepitude, temos de pensar que somos jovens. Temos de pensar no modelo que procuramos. Nesse grande e ideal modelo. Devemos visionar a realidade e dizer:*

*— Tudo conseguirei, se me esforçar.*

*É o apelo ao mundo interior, às forças que nos acompanham, que nos impulsionam, porque vivemos rodeados de potências invisíveis.*

*Não raro sentimo-nos impelidos sem saber porquê. Assim disseram os triunfadores. É que eles sabiam o que queriam. Tinham firmeza e sabiam lutar. Possuíam os elementos basilares. Estavam em si próprios. Além disso eram crentes.*

*Nenhum deles deixou de acreditar no triunfo, no seu triunfo. E assim conseguiram realizar tarefas grandiosas, porque acreditar na derrota é atraí-la. Eles sabiam que atrairiam a derrota com ideias pessimistas.*

*Portanto devemos convencer-nos de que podemos fazer tudo. E repelir as dúvidas e as fraquezas, que são contrastes do activo, pois nelas entroncam as paixões nefastas e os derrotistas que não salvam.*

*Não, porque os fortes são optimistas. O optimismo é a maior conquista do homem. É o maior capital que se pode acumular na vida terrena.*

*Quem pensa bem atrai o bem. Irradia pensamentos de beleza, pensamentos activos. Se pensarmos que temos saúde ou que a devemos ter afastaremos a doença.*

*Conheço indivíduos que se curaram, apesar de haverem sido desenganados pelos médicos.*

*— Você não tem cura. Vá andando, evite certas comidas e bebidas, mas não tem cura.*

*E o homem, em face de tais desenganos, encoraja-se e diz consigo mesmo:*

*— Eu posso curar-me! Quero curar-me! Tenho força de vontade!*

*E ao cabo de algum tempo vem a reacção e a doença desaparece do organismo somático.*

*Não devemos, pois, deixar extinguir o desejo, embora a realização esteja longe de nós. É que o desejo contém o liame que nos vincula ao Criador. É a mola do*

*triunfo e deve ser esforço contínuo para o alvo que visamos.*

*Os desejos simples ...*

*Conheço pessoas que só emitem pensamentos negativos. Dizem que estão gastos, que serão desventurados, que tudo lhe sai mal. Ligam-se ao* destino, *nem sempre verdadeiro, ou entregam-se ao acaso. E estas ideias — repito — devem ser repelidas com toda a força do ânimo.*

*Não se deve admitir a fraqueza, mesmo que exista. Admiti-la é derrotar os pensamentos, ainda os mais positivos.*

*Se pudesse refrear as paixões e tudo o que pode lançar no resvaladouro, então sim, valeria a pena; de outra forma, não.*

*Ser forte é pensar diàriamente na missão que se vai cumprir, que é orientar o pensamento no ideal que se viveu e que se exprime no rosto.*

*Um cavador e um pensador: o rosto do primeiro é extático, é tranquilo. Adapta-se ao esforço diurno. Janta descansado. No dia seguinte volta à faina da véspera. Faina sempre igual. É, portanto, extático.*

*O segundo é diferente. Seus olhos inquietos reflectem anseios e aspirações de beleza que não encontra, visto que os homens, degladiando-se ou deixando de cumprir a sua missão, caem na dor e no sofrimento e não podem viver tranquilos. Têm ideais nobres, ideais superiores. Vibram e querem transmitir a vibração a todos que os cercam. Querem levá-la aos pontos mais longínquos, querem tomar parte numa cruzada de resgate, enfileirar na turma dos combatentes positivos.*

*O Espiritismo — por exemplo — é factor de rejuvenescimento e aperfeiçoamento. Quando estive no Rio de Janeiro visitei a Penitenciaria do Distrito Federal. E depois a de Florianópolis. A lição que aprendi foi tão forte e contagiosa, que saí com lágrimas nos olhos. Aqueles penitenciários tinham consciência plena de seus delitos e estavam a cumprir a lei, estavam a pagar o tributo social. Mais tarde seriam homens úteis.*

*Na penitenciária de Florianópolis vi um exemplo edificante que, por si só, demonstra a existência de uma atitude mental. Fez-me lembrar o regime penal sueco, onde as cadeias não têm fechaduras.*

*Mas cá fora também há penitenciários. Estes são os verdadeiros, que se puseram voluntàriamente ao serviço da atitude mental. Reconheceram que era preciso arripiar caminho e apareceram modificados de um instante para outro.*

*Assim, notamos que devemos ligar a fé à vontade. A fé é a visão antecipada daquilo que os sentidos não conseguiram lobrigar. As grandes obras, aliás, foram concepções mentais, foram milagres, verdadeiros milagres de pensamento.*

*Os músicos, os poetas, os engenheiros...*

*João Sebastião Bach, Mozart, Beethoven, Miguel Ângelo, Goya, Rafael, Da Vinci, Camões, Dante, Shakespeare, Edison, Marconi... Quantos e quantos não poderia nomear! Foram atitudes vitoriosas! Foram desejos, imaginações criadoras ao serviço da beleza.*

*A sua alma começou no mental. Primeiro nebulosa, indecisa, sonho indistinto que aparece e desaparece. Depois surgiram traçados e a beleza entrou no problema, alteou-se em realidade para edificação de contemporâneos e vindouros.*

*Os sonhos são o esboço da realidade futura. Só sonhamos o que podemos realizar. Todas as ideias que afluem à mente, quer em forma de sonho, quer em forma de aquisição mental, projectam-se no futuro do homem. Até as mais inverosímeis são reflexos de realidades vividas.*

*Muitos julgam-nas utopias e não lhes ligam importância. Mas têm realização. Os sonhos, as utopias de Jules Verne estão a realizar-se há muitos anos. Há muitos anos. A sua volta ao mundo em 80 dias já se faz em quatro ou cinco.*

*Os sonhos não são ilusões, não são fantasias. São autênticas realidades que poderemos transmudar em actos positivos. Di-lo a atitude mental perante amigos, conhecidos e desconhecidos. Perante o que os olhos contemplam e que os ouvidos escutam.*

*É bom que o homem se recolha para meditar. Quando meditamos entramos num mundo diferente. E tudo nele se guarda. O que lá está há-de vir à superfície.*

*A aspiração é de origem divina. Converte o homem num acumulador energético, dirige-o para o Alto.*

*Marden diz que um trapeiro há-de ser trapeiro, enquanto pensar em trapos. É que o trapeiro não tem outra aspiração, não concentra o espírito noutro desejo. Se concentrasse e dinamizasse a vontade, se mergulhasse nesse mar ondulante, deixaria de vasculhar nos caixotes de lixo à procura do trapo.*

*Vejam o exemplo de Kubitschek. Estudou à sua custa e disse:*

*— Quero ser médico!*

*Se bem o disse... E foi médico. Trabalhava de dia e estudava de noite. Mas conseguiu tocar o alvo da sua aspiração. E foi também deputado e governador de Minas Gerais. E foi também presidente da grande nação brasileira, lugar extremamente honroso. A vontade agitou o cérebro e o braço decidido. E conseguiu o que desejava. Foi um verdadeiro triunfador.*

*É preciso muita força para abanar as árvores e colher o fruto maduro.*

*Compreendemos agora a atitude mental positiva e os milagres que produz no homem de acção.*

*Máximo Gorki trabalhou na estiva. Mark Twain foi tripulante de navios. Lloyd George era filho de sapateiro. E Mazarik — o constructor da Checoslováquia — era filho de um cocheiro.*

*Vejam como os extremos se tocam! Nos países civilizados onde as ideias e o trabalho levam o homem aos mais altos cometimentos, há o toque dos extremos. Quem vive no mesmo ciclo humanitário, tem inteligência para as posições mais altas. A vida de relação prova este fenómeno. Por isso os homens de condição humilde podem vir a conduzir a ciência e os povos. O panorama geral oferece modelos que vieram do nada e se alcandoraram e fizeram progredir o mundo, com suas concepções e força de vontade. Tiveram ânimo. Sonharam e realizaram. Foram homens de atitude vitoriosa, homens que atingiram o alvo e legaram um grande património à sociedade.*

**I. D. S.**

## Aos Nossos Amigos

**Fortalecer esta revista é aumentar-lhe a expansão. Eis o maior e melhor auxílio que lhe podem oferecer os que muito lhe querem, porque muito lhe devem. Um novo assinante será um amigo a substituir os que dela se esqueceram.**

# O Determinismo de Claude Bernard

## (Excerto duma Conferência realizada em Coimbra)

### pelo Prof. Doutor Rocha Brito

II

Claude Bernard disse: a vida é a *criação*. E logo a seguir este paradoxo, a vida é a *morte;* paradoxo aparente explica Roger e explica o próprio Cl. Bernard:

«Quando queremos designar os fenómenos da vida, na realidade, indicamos os da morte. Não são os fenómenos intrínsecos da vida os que dão nas vistas; a síntese organizadora mantém-se interior, silenciosa, escondida na sua expressão fenomenal, reunindo sem barulho os materiais que serão gastos... Pelo contário, os fenómenos de destruição ou de morte vital são os que nos saltam aos olhos e é por eles que somos levados a caracterizar a vida... Quando um movimento se produz e um músculo se contrai, quando a vontade e a sensibilidade se manifestam, quando se excita o pensamento, quando a glândula segrega, a substância do músculo, dos nervos, do cérebro, do tecido glandular se desorganiza, se destrói e se consome. De modo que toda a manifestação dum fenómeno no ser vivo está necessàriamente ligada a uma destruição orgânica. «La vie c'est la mort» — frase que Anatole France aproveitou para uma bela página do «Jardin d'Epicure». De resto, ele sabe que é impossível definir a vida: «não há definições das coisas que o homem não criou».

Ora, para explicar as diversas manifestações da vida duas teorias se afrontam. Que pensa Cl. Bernard? Queremos que seja ele a responder e vamos ler alguns extractos dos mais conceituosos da sua obra.

Um exemplo: Nos nossos laboratórios podemos transformar o amido em açúcar, fazendo actuar os ácidos a uma temperatura elevada; mas os seres vivos procedem de outro modo, elaborando um fermento, e para explicar o fenómeno aceita um *vitalismo físico,* próprio e especial nas manifestações da vida e que não contraria, antes se exerce em colaboração com as forças gerais: *o elemento íntimo do fenómeno é físico, mas o arranjo é vital*». Os vitalistas não se exprimem doutro modo; mas, ele não sabe explicar e por isso diz modestamente: «A vida é uma causa primeira que nos escapa». A causa primeira que criou a matéria será considerada como uma incógnita a ser deixada de lado. atitude do cientista, pois o inamismo físico-químico não explica os fenómenos biológicos: «queremos ser sempre ou materialistas ou espiritualistas, como se a verdade só pudesse estar numa destas opiniões extremas. Pelo contrário (e isto é importante) a verdade está nestas duas reunidas e convenientemente interpretadas».

A ciência dá-nos metade da verdade; a outra metade, alguém no-la dará, ou pretenderá dar: a metafísica. «Apenas podemos saber o determinismo dos fenómenos; tudo o resto é metafísica».

E se Claude Bernard vivesse hoje saberia que mesmo esse determinismo não é tão rigoroso como ele acreditava.

No campo da microfísica, pelo menos, esboça-se uma doutrina que parece revolucionária nos domínios da ciência pura: o probabilismo, as incertezas, o princípio da indeterminação dum Heisenberg... Broghe fala em causalidade *forte* e causalidade *fraca*... A doutrina clássica já não chega.

Continuemos a segui-lo. Vai aparecer nìtidamente a sua atitude de não-materialista:

«A ciência demonstra que uma matéria organizada, uma matéria bruta não engendra os fenómenos, mas que serve ùnicamente para os manifestar pelas suas propriedades, e isso mesmo em condições determinadas... A matéria, qualquer que ela seja, é sempre desprovida de espontaneidade e não gera nada. Apenas exprime, pelas suas propriedades, a ideia daquele que cria a máquina que funciona». Passagem fundamental que prepara a sua ascensão espiritual. A matéria não faz mais nada senão dar aos fenómenos as suas condições (repare-se bem as condições) nas suas manifestações.

Claude Bernard, finalmente, vai dizer-nos que a vida é uma espécie de «força legislativa» e emprega ora uma ora outra destas duas expressões: «ideia directriz, ideia criadora».

Há qualquer coisa de *intencional* que mais tarde é designada pelo célebre experimentador e biologista Driesh com o nome de enteléquia e contém em germe a futura «Evolution Créatrice» de Henri Bergson, diz Chevalier e assim o pensei também.

Há, pois, na matéria viva «leis preestabelecidas que lhe atribuem as suas propriedades, lhe organizam o arranjo dos seus elementos, lhe marcaram a função e o fim».

Isto é, outra vez bem nítida a noção de finalidade, não podendo ser mais claro na refutação do erro materialista do que na seguinte passagem: «Não se acredite que é a matéria que engendrou a lei da ordenação e da sucessão, que dá a relação ou o sentido dos fenómenos. Seria cair no erro grosseiro dos materialistas. O que caracteriza a máquina viva não é a natureza das suas propriedades físico-químicas; o que *essencialmente é do domínio da vida é a ideia directriz da sua evolução.* Em todo o ser vivo há uma *ideia criadora,* que se desenvolve e se manifesta pela organização». Não se pode ser mais claro.

Esta ideia directriz e criadora — acima das do determinismo científico só pode ser um conceito metafísico como este outro ainda mais vasto, mais rico de Bernard: «há inteligência no mundo, mesmo fora dos seres vivos, na harmonia e nas leis do universo». Há inteligência no mundo!...

Outro problema, que evidentemente se relaciona com este mas o excede largamente e que não

podia deixar de atrair a genialidade de Cl. Bernard é o do livre arbítrio.

Tentemos dar um resumo dos seus conceitos.

Principia por muito claramente afirmar que o seu determinismo não exclui a liberdade moral, o livre arbítrio, e muitas vezes o repete. A observação dos factos e o próprio determinismo demonstram a sua existência, bem como de todos os saberes — o saber de experiências feito. O seu determinismo «não é incompatível com a liberdade moral», torna a repetir no seu manuscrito íntimo de comentário à filosofia de Tenneson. Para esclarecer melhor o seu pensamento, escreve:

«O determinismo não pode sofrer restrições ... Os fenómenos da alma, para se manifestarem têm necessidade de condições materiais exactamente determinadas ... Ninguém contestará que haja um determinismo da não liberdade moral. Certas alterações do órgão cerebral conduzem à loucura, fazem desaparecer a liberdade moral como a inteligência e obscurecem a consciência no alienado. Visto haver um determinismo da não liberdade moral tem de haver um determinismo da liberdade moral, isto é, um conjunto de condições anatómicas e físico-químicas que lhe garantem a existência. A integridade anatómica e físico-química do órgão cerebral permite predizer que as suas funções se exercerão plenamente e que seremos livres de actuar voluntàriamente; mas não podemos prever o sentido em que a nossa vontade se exercerá, porque este sentimento é dado pelas contingências dos acontecimentos, que ignoramos ou não podemos prever. Eis a razão por que somos livres de actuar e de escolher conforme os princípios da moral ou outros, que nos animem».

Nestas e noutras passagens semelhantes Cl. Bernard cumpre a sua promessa de conciliar ou reconciliar o livre-arbítrio cuja existência ele sente e para Cl. Bernard «o sentimento é um guia mais seguro do que a razão» com o seu determinismo».

Mas é esta mesma passagem que os materialistas citam para mostrarem a contradição de Cl. Bernard com a sua afirmação do livre-arbítrio. Assim um Faure, um Roger. Este último vai mesmo mais longe e confessa: «após tão nítidas declarações, Cl. Bernard recua aterrado, como Leibniz o fora, perante a *fatum mahometanum*, que o conduziu ao sofisma preguiçoso da Theodiceia». Rejeita, com razão, o fatalismo por anti-científico, como o indeterminismo.

Cl. Bernard não recua, pelo contrário, afirmamos nós. A passagem é que foi mal interpretada. Se cuidadosamente repararmos, o pensamento de Cl. Bernard está bem expresso neste trecho. Lamy interpretou-o muito acertadamente e outra interpretação não tem a lógica de Lamy, que é uma lógica honesta:

Há uma afirmação dominante:

«Os fenómenos da alma precisam para se manifestar de condições exactamente determinadas».

Nunca nenhum livre-arbitrista, nenhum espiritualista disse nem pensou o contrário.

Claude Bernard não disse que a alma tinha necessidade de condições materiais para *existir*, mas sòmente para se *manifestar*. Ele não escreveu que tinha causas materiais: o que ele escreveu é que os fenómenos pelos quais se manifesta têm necessidade de condições materiais. É bem conhecido aquele exemplo de Bergson de que um pianista não pode tocar piano, se o piano estiver desafinado. O pianista está são: a alma, o piano é que está desafinado: o cérebro.

Continuemos: «Ora, diz Lamy, estas condições materiais, necessárias à manifestação dos fenómenos psicológicos, resumem-se na integridade anatómica e físico-química (e eu acrescento: funcional) do cérebro. Se este estiver normal, são, hígido — nós podemos predizer com Cl. Bernard que «as suas funções se exercerão plenamente, mas já não podemos prever o sentido em que se exercerá a sua vontade» e por isso ficamos livres de actuar e de escolher.

Todos nós sabemos que uma coisa é o acto volitivo — que é livre, e outra a execução — que é contingente.

Cl. Bernard emprega a palavra contingência, mais tarde tão aproveitada por Boutroux.

Cl. Bernard distinguiu bem o querer do poder: nem sempre se pode fazer o que se quer; demais sabemos que sofre largas excepções o nosso aforismo popular; *querer é poder*. Aquele está no livre-arbítrio, este no determinismo, determinismo que não é só cerebral. Mas há mais afirmações de Cl. Bernard dignas de registo:

«Na doutrina do determinismo fisiológico o homem é forçosamente livre.

«O determinismo absoluto que o fisiologista reconhece e demonstra nos fenómenos da vida é uma condição necessária da liberdade.

«O determinismo longe de ser a negação da liberdade moral, é, pelo contrário, a sua condição necessária, como de todas as manifestações. Repito, o determinismo não exclui a liberdade».

«Repito, o determinismo não exclui a liberdade».

Podemos concluir sem hesitações sobre este problema fundamental da liberdade — a mais nobre característica do homem: Se o determinismo moderno pode ser contra o livre-arbítrio, pelo menos o de Cl. Bernard não o era.

O filósofo Ravaison dizia: o determinismo de Cl. Bernard é um determinismo superior.

Concluindo: De todo este longo caminho podemos dizer que, além da ciência, perante cujos progressos me curvo reverente, o homem tem outras potencialidades e que o absoluto lhe não é vedado.

A ciência não esgota toda a realidade.

Cl. Bernard era desta opinião.

Materialismo e espiritualismo não se afrontam. Nem a matéria, nem o espírito. A mente humana é que, não sabemos por que maus fados, tem essa tendência para desdobrar o que é único, opondo conceitos ou antes realidades inseparáveis. Só por necessidade ou método de trabalho é que isso deveria ser. A ciência que estude a matéria, mesmo a matéria viva; mas que a metafísica estude os outros problemas mais árduos do espírito.

Ainda que pese ao eminente colega de Medicina da Universidade de Bordeus, Pierre Mauriac, Claude Bernard foi filósofo, um grande filósofo integral, portanto também espiritualista; não um filósofo à força, *malgré lui*, mas um filósofo consciente da sua filosofia, à qual deve esse presente que não se esquece nunca — *presente* — a «Introdução ao Estudo da Medicina Experimental».

Julgo tê-lo demonstrado com grandes argumentos dele, dos outros e nossos.

# Diálogo Fantástico

De ISIDORO DUARTE SANTOS

(Ao JORGE RAIMUNDO)

Cai a pedra da montanha,
lascada, sangrenta,
e outra se ergue,
rumo ao equilíbrio
universal.
Uma nascente brota
da rocha escura
e a planta floresce
ao sol de Abril.
Florescem todas
da mesma espécie.

Vestuário cintilante,
verde, branco, amarelo.

No parto sangrento
tremem as folhas,
tremem as raízes
em dilúvios de seiva.

E o homem,
debruado no cairel,
não treme, nem exulta.
Medita, solitário,
na tragédia da Vida!

Quando foi pedra tinha água;
quando foi planta tinha sol...

E agora não tem...

Tiraram-lhe a água,
Tiraram-lhe o pão,
vestiram-no
e ficou a meditar
sobre o cairel:

— De onde vim eu?
De onde vim?
Porque me vestiram
e chamaram
Rei da Criação?

Eu não sou eu!

Quando chegou a lágrima
surgiu a Dor
e debrucei-me
a perguntar às fontes
e aos prados
e aos troncos e às raízes
e ao dia e à noite
porque me vestiram.

— Pergunta a teus irmãos —
disseram as raízes
e os troncos —. Eles sabem
porque te vestiram...
Eles sabem porquê...
Dantes não tinhas dores,
não tinhas sofrimento.
Eras livre e humilde
e tinhas água e sol!
Quando tivermos braços
colheremos os frutos
da vida e ficaremos
sem algemas
que o pão cerceiam
e a liberdade será nossa!

— Afinal — disse o homem —
eu julgava que as plantas
e os troncos e as raízes
não aspiravam
ao dia e à noite...

Mas elas responderam:

— Tu sabes o que vai
na folha e na radícula
e quantos seres
alimenta o cerne
que não vês circular?
Sabes por que mistério
a raiz busca a fonte?
Sabes a força oculta
que existe na semente?...

O homem nunca ouvira
semelhante linguagem.

Nunca!

E quando abriu os olhos
assistiu deslumbrado
à sinfonia estuante
daquele mundo:

Os ramos eram braços
que se abraçavam!
As flores eram lábios
onde o amor fremia
num festim sem par!

E à sua volta,
o tumulto infrene
da multidão...

E os fumos da vaidade
e do egoísmo,
na batalha cruenta
que produz orfandade
e divide os que ficam...

E as trevas do orgulho
toldando a vida,
e o vermelho do ódio
matando a paz!...

Ai, o que o homem via
à sua volta!...

Então ergueu os braços:

— Senhor, porque me vestiram
e calçaram?...
Porque deram anéis
e botões de oiro
e palácios
aos que me fixam,
como se eu fosse
um tronco, uma raiz,
ou pedra de montanha?
Porque, Senhor?...
Porque não me deixaram
na noite funda
dos troncos, das raízes,
para que abraçasse
e beijasse,
em vez de abrir a cova
ao meu irmão,
roubando a paz à viúva
e a mãe ao filho?

Porquê, Senhor? Porquê?...

Vestiram-me e disseram:

— Sofre!

Depois engravataram-me
e disseram:

— Sofre!

Desenho de Rocha de Sousa

— Sofre! Sofre! Sofre!...

Não quero!
Não quero!
Nem matar, nem sofrer!

Quero amar,
quero abraçar,
ser livre como as plantas
que beijam o sol,
mergulhando as raízes
nas fontes puras!

O homem, lobo do homem,
abandonou as vestes
do tirano,
do escravo,
e regressou tranquilo
à raiz e ao tronco...

E nunca mais o ódio
campeou;
nem o egoísmo
campeou;
nem o orgulho
campeou!

Nunca mais roubaram
a confiança ao mundo!

Nunca mais!

Nunca mais!...

Lisboa, 9 de Junho de 1959

# Clarividência e Telepatia

## As leis do acaso ultrapassadas pela adivinhação — Resultado lógico das investigações — Clarividência total realizada

— Por —
**Daniel Vincendon**

*A parapsicologia conquistou o direito de cidadania. Trinta anos de pesquisa científica. A letra grega (psi) representa as faculdades de percepção extra-sensoriais: Telepatia, Clarividência. O homem que rigorosamente fez o primeiro estudo científico da (psi) foi J. B. Rhine. As cinco cartas de jogar são o principal aparelho de trabalho da parapsicologia. A curva em forma de sino, ou curva de Gauss, traduz matemàticamente o jogo das probabilidades, base do método estatístico dos parapsicologistas.*

1928. Dois jovens investigadores, José Banks Rhine e sua mulher Luisa, começaram no laboratório de psicologia da Universidade de Duke (Carolina do Norte) uma série de experiências a respeito de telepatia e clarividência.

1934. Rhine publica os seus primeiros resultados sob o título «Percepções Extra-sensoriais» e desencadeia em todos os meios científicos dos Estados Unidos uma tempestade de críticas e de protestos. Os seus trabalhos pretendiam provar de maneira certa a existência de faculdades humanas impossíveis de entrar no quadro clássico das ciências físicas. A ciência oficial, confundida, não podia conceder o direito de cidade a fenómenos inexplicáveis e atacava com violência inaudita a nova ciência que Rhine tinha baptisado de «Parapsicologia».

1958. Centenas de pesquisadores tomaram as experiências de Rhine e inventaram outras. Na Universidade de Duke, Rhine e seus colaboradores prosseguiram nesses trabalhos e alargaram-nos. Na Holanda, na Alemanha, na Inglaterra, laboratórios de parapsicologia foram fundados e instituídas cadeiras universitárias. Em trinta anos uma imponente massa de resultados confirmaram amplamente, em conjunto, os que tinham sido adquiridos por Rhine desde 1934. Simutâneamente a ciência tinha aceitado as teorias fracassadas dos conceitos clássicos, a Relatividade e os Quanta, e havia-as digerido. A simplicidade mecânica das leis supostas ontem universais esfumavam-se com a descoberta das complexidades aberrantes do núcleo do átomo. A ciência oficial avançou, está no ponto de aceitar a parapsicologia como disciplina científica nova, ainda balbuciante, mas séria.

A França cartesiana, hesita ainda. Em nenhuma das nossas Universidades existe um laboratório de parapsicologia.

Oficialmente, o homem não tem outra faculdade de percepção, além das que lhe são reconhecidas pelos biologistas e pelos fisiologistas.

Oficiosamente, muitos dos nossos cientistas seguiram com interesse apaixonado os trabalhos dos laboratórios estrangeiros. Alguns realizaram experiências, tais como o Doutor Vasse, um médico de Amiens e sua mulher que fizeram interessantes pesquisas em ligação com o professor Rhine. Às nossas perguntas sobre o estado da parapsicologia em França, o Dr. Vasse respondeu que não conhecia nada entre nós de experiências estatísticas realizadas em grande escala, assim como se pratica nos Estados Unidos e na Holanda. Sim, existe, em Paris, um Instituto Metapsíquico Internacional, cujo presidente, o Sr. Walcollier, realizou numerosas experiências, sobretudo qualitativas. Algumas obras estrangeiras têm sido traduzidas para o Francês. Mas, de forma geral, a parapsicologia não passa de uma coisa ignorada do público e combatida por certos cientistas.

Se o estrangeiro é mais activo e está mais ao corrente do assunto, está todavia longe de aceitar a parapsicologia com o interesse que merece.

Tem-nos parecido espantoso que a prova da existência do que se tem chamado «forças misteriosas do espírito» seja hoje pràticamente obtida e que dela se não faça apreciável vantagem não só nos meios científicos mas também na imprensa informativa. Iniciámos um inquérito em Paris e Londres e por intermédio dos nossos correspondentes nos Estados Unidos, na Holanda e na Alemanha e demonstrou que, para grande parte do público, os resultados da parapsicologia não são bastante espectaculares. E então ...

### «CHEGOU MINHA TIA ...»

Toda a gente conhece as histórias complicadas da transmissão de pensamento, de premonição, de clarividência. Quando as conversações envolvem os mistérios, os «Chegou fulano» ou os «Isso diz-me respeito» alimentam a vaga das pretendidas verificações de percepção extra-sensorial. Há uma colecção importante de casos devidamente fiscalizados pelas sociedades de pesquisas psíquicas que pretendem provar a existência de tais fenómenos. Um exemplo, sòlidamente verificado: uma jovem americana de Long Island preparava-se para ir ao banquete anual do seu clube de «bridge». Os seus filhos estavam na praia com os vizinhos, a dez quilómetros de casa. Seu marido havia saído. Ela «sentiu» sùbitamente, de maneira muito intensa, que o filho de seis anos de idade estava no seu barquinho e que o vento o arrastava para o largo, para a corrente em direcção ao mar. Ela «ouviu» nìtidamente a criança dizer «Mamã! Mamã!». Não podendo ir à praia pôs-se a rezar. Às 17,15 seu marido entrou e gritou-lhe de baixo que ia tomar banho à praia e de caminho traria as crianças. Ela nada lhe disse a respeito da «visão», porque ele ria-se sempre das suas premonições e, por outro lado, não queria retardar a saída dele para a praia. Não tendo recebido qualquer telefonema da praia, às 18 horas e cinco minutos foi para o clube e durante o serão contou a «visão» às suas amigas. De volta a casa, encontrou os filhos profundamente adormecidos, mas seu marido estava sob a acção de violenta co-

moção. «Quando cheguei à praia — disse ele — as pessoas contavam, impressionadas, que o Joãozinho tinha sido puxado para o largo, sem que ninguém disso se apercebesse. E não se teria reparado a tempo, se ele não houvesse gritado: Mamã!, Mamã!».

Não é mais do que um caso no meio de tantos outros. Para uns estes fenómenos são reais. Para outros não passam de coincidências ou de embustes.

Para a ciência, na época em que Rhine empreendeu as suas primeiras experiências na Universidade de Duke, tinha toda a espécie de explicações, desde «o golpe preparado» às deduções dissimuladas do subconsciente e da auto-sugestão. Para alguns espíritos rectos que se recusavam a aceitar explicações, pelo menos tão improváveis como supostos fenómenos, a atitude era de impotência:

— Isso talvez exista — diziam eles —, E depois? Nós somos cientistas, nós só podemos estudar os fenómenos produzidos à vontade nos nossos laboratórios. Ora as experiências de telepatia, de preconhecimento e de clarividência decorrem sempre em condições de rigorosa experimentação. Só obtiveram bom sucesso em cenas de «music-hall», graças a expedientes hábeis, mas desprovidos de mistério. Como os casos realmente fiscalizados de transmissão de pensamento ou premonição se produzem espontâneamente, sem que se possa saber porquê, só nos resta confirmar e, talvez, tentar descobrir alguma lei, algum modo de acção, comparando os fenómenos que são narrados.

Os esposos Rhine tinham-se dedicado à Botânica. No decorrer dos seus estudos na Universidade de Chicago, estavam familiarizados com as principais armas da biometria: estatística e cálculo das probabilidades. Aplicaram-nas ao estudo da percepção extra-sensorial (O próprio Rhine engendrou este chamadoiro para designar as faculdades de transmissão de pensamento, de clarividência e de preconhecimento).

## CINCO CARTAS E MILHARES DE ADIVINHAS

A ideia não é nova, mas as experiências precedentes tinham sido insuficientemente produzidas e mal interpretadas.

Rhine decidiu pôr em evidência as faculdades «divinatórias» eventuais do homem fazendo adivinhar cartas de um maço ocultas por «cobaias» voluntárias. Utilizou cartas ditas de Zener que, em vez dos desenhos e dos algarismos das cartas de jogar usuais, têm cinco figuras geométricas simples: quadrado, círculo, cruz, estrela e linhas onduladas (ondas). Cada maço de 25 cartas conta cinco jogos de figuras: ao todo, portanto, 5 quadrados, 5 círculos, 5 cruzes, 5 estrelas e 5 ondas. O experimentador baralha as cartas (depois, Rhine empregou máquinas de embaralhar para melhor se assegurar de que eram agrupadas ao caso), coloca o maço diante dele e o «jogo» começa. O «adivinho» encontra-se do outro lado de uma pantalha, ou noutro quarto, ou mesmo noutro prédio (algumas experiências foram dirigidas à distância de milhares de quilómetros). O adivinho tenta «ver» mentalmente as cartas e anota a que ele pensa ser a sua ordem, partindo de cima. Compara-se depois a ordem «adivinhada» com a ordem real das cartas. E recomeçava-se, infatigàvelmente, o maior número de vezes possível. Era o cálculo das probabilidades que dicidia se era necessário atribuir os resultados ao acaso ou a uma faculdade mais ou menos pronunciada de precepção extra-sensorial.

Uma curva em forma de sino representa o jogo do acaso, sòmente sobre grande número de experiências: a parte intumescida, ao meio, corresponde à quantidade de cartas adivinhadas, pela certa, com frequência mais seguida. As partes baixas, a um lado e a outro do instrumento médio, correspondem aos resultados mais raros. O cálculo das probabilidades mostra que, na maioria dos ensaios, era de cinco o número de cartas adivinhadas com mais frequências. De seis cartas, menos frequente, de sete menos ainda e assim sucessivamente. Se a curva experimentalmente obtida se assemelha à curva de Gauss, não resta dúvida de que sòmente o acaso guiou o «adivinho». Se se desvia dela, é porque outros factores estão em causa. Mais afastamento é importante; mais segura se torna a prova, isto é, menos oportunidade há para que o desvio seja filho do acaso (o cálculo das probabilidades jamais confirmou certezas absolutas. é sempre *possível* que o acaso dê enormes desvios, mas a eventualidade de tais desvios pode omitir-se; se assim não fosse, os casinos e as companhias de seguros abririam falência).

Por intermédio dos seus passivos favoritos, Rhine descobriu os desvios a que os estatísticos chamam «altamente significativos»: Hubert Pearce, um estudante de teologia, em 1625 ensaios «adivinhou» 482 vezes: *não há probabilidades em cada 100 biliões para que este resultado seja acção do acaso.*

O conjunto dos resultados de Rhine parece concludente: a percepção extra-sensorial é um fenómeno real. Tendo em conta os resultados dos seus colaboradores e dos pesquisadores, cada vez mais numerosos, na América e na Europa, os quais abordaram a questão depois das suas primeiras experiências, Rhine escreveu:

«Os resultados têm mostrado que *certos indivíduos*, pelo menos, são capazes de exercer a percepção extra-sensorial nas condições de testes bem verificados. Os investigadores viram, por outro lado, que *nem o tempo nem o espaço influem nos sucesso dos testes:* experiências que põem em jogo acontecimentos futuros ou situados a longas distâncias não foram menos probatórios do que as concernentes a acontecimentos contemporâneos ou colocados a curtas distâncias».

A lista das experiências, com os seus resultados e seu grau de sucesso é demasiadamente longa para ser aqui incluída. Consintam-nos expor as experiências recentes do professor Soal em Londres.

## OS FENÓMENOS DO PAÍS DE GALES

Há alguns meses, S. G. S. Soal, professor de matemáticas na Universidade de Londres e «vice-rei» da parapsicologia, recebeu-nos na sua casa dos arrabaldes londrinos e deu-nos a honra de sermos o primeiro a ler o seu último livro, que ainda estava por abrir, contando-nos as façanhas pasmosas dos irmãos Glyn e Jones.

Em condições tais que era impossível aos rapazes trapacearem, o professor Soal organizou séries de experiências telepáticas ao ar livre; estava sentado a uma mesa atrás de uma pantalha. Glyn encontrava-se noutra mesa, à distância de 50 metros e encoberto por outra pantalha. O doutor Humphrey, sentado ao lado de Ieuan, escolhia um jogo de cartas ao acaso, num saco com 24 maços (o professor Soal, como Rhine, utilizou baralhos de 25 cartas, com desenhos de animais em vez de desenhos geométricos). O doutor Humphrey mostrava a primeira carta a Ieuan; o irmão do professor Soal, postado a 50 metros de Ieuan, assinalava a tiragem, e Glyn, sob as vistas do professor Soal, indicava num leque de cinco cartas o animal que ele pensava ter sido visto por seu irmão. «Transmitiam-se» assim as 25 cartas do baralho e recomeçava-se. No primeiro ensaio *Glyn obteve 22 sucessos.*

Trocaram-se os experimentadores de zeladores: os sucessos oscilavam à volta de 20, 12, 17, 20, 18, 15, 14. *Em duas repetições Glyn teve êxito completo nas 25 cartas!* As probabilidades para que tais resultados sejam acção do acaso estão absolutamente postas de lado: será muito menos espantoso encontrar uma agulha num palheiro ao primeiro bote.

Para a maioria dos investigadores que se ocupam da parapsicologia, a prova da existência da *percepção extra-sensorial* está feita. As suas experiências são agora orientadas no sentido do estudo da sua natureza, das modalidades do seu funcionamento. É preciso confessar que não se sabe ainda grande coisa. A antiga teoria que pretendia dizer que o pensamento se transmitia por ondas electromagnéticas, não resiste às experiências feitas a distância ou com pantalhas especiais: as ondas conhecidas dos físicos enfraquecem quando a distância aumenta, ou quando elas atravessam uma pantalha de natureza apropriada. Outra razão que impele a desviar as ondas, pelo menos as que nós conhecemos, é que a «adivinhação» pode praticar-se através de um jogo de cartas: nestas condições, se as ondas entrassem na questão, todas as imagens deveriam misturar-se e confundir-se.

## TEMPO, ESPAÇO E FANTASIA

Mais esquisito ainda é o facto de a *percepção extra-sensorial* parecer zombar do tempo e do espaço. Logo nas primeiras experiências o professor Soal pensou que os seus sujeitos, (Stewart e Basil Shackleton) não tinham dom de *percepção extra-sensorial*. Três anos mais tarde, a conselho de outro parapsicologista, repetiu os seus cálculos, procurando saber se Stewart e Shackleton, em vez de adivinharem a carta tirada, não adivinhavam a carta precedente ou a carta seguinte. Ora Shackleton adivinhou de maneira estatìsticamente significativa a carta a sair.

Soal, considerando que estes resultados podem ser adquiridos pela clarividência, modifica as experiências: Shackleton, não podia saber a carta que ia ser tirada, como se a sua faculdade de percepção se estendesse aos acontecimentos futuros. A experiência foi brilhante: em 3789 ensaios, Shackleton previu 1101 cartas. Nenhuma probabilidade há em centenas de biliões que este resultado seja apenas acção do acaso.

Outras verificações: a *percepção extra-sensorial* varia com os sujeitos e varia num mesmo sujeito com o tempo. Pode dar resultados significativamente falsos, quando o sujeito adivinha pior do que se o fizesse, se o acaso guiasse a sua escolha. O carácter do sujeito influi nos seus resultados: os extravertidos, melhor sucedidos do que os introvertidos. Estuda-se o efeito dos narcóticos, dos estimulantes; Soal notou que a hipnose era favorável em certos sujeitos. O objectivo essencial das investigações, agora, é estabelecer, na falta mesmo da natureza da «PSI», as condições que no máximo favorecem o seu funcionamento.

## SÁBIOS, CHARLATÃES OU FALSOS MATEMÁTICOS?

Os «anti-Psi» são de três espécies: os que fizeram experiências negativas e que concluiram pela não validade dos outros; os que pensam que o cálculo das probabilidades, peça mestra da parapsicologia, deve ser novamente examinada e os que julgam que todas as experiências probatórias (centenas delas) são artimanhas.

Os autores das experiências negativas contentam-se geralmente em levar os seus resultados à massa comum, o que é próprio do método científico; na acção, em conjunto, o positivo arrebata-os largamente.

As dúvidas experimentadas por alguns cientistas sobre a validade dos métodos estatísticos para o estudo da «PSI» são provàvelmente infundados; há três séculos que estes métodos dissiparam as suas provas por toda a parte onde precisavam ter cômputo de probabilidades. As objecções mais sólidas assentam na ideia de que as cifras colhidas ao acaso e utilizadas em certas experiências, não são devidas ao acaso, qualquer que seja o meio empregado para as estabelecer (por exemplo, com o auxílio do cérebro eléctrónico). Mais ainda, precisaram de pôr em dúvida o cálculo das probabilidades, que parece inatacável.

A última categoria de críticos é a mais violenta e a menos científica. Para estes inimigos irredutíveis da parapsicologia, a questão é a de encontrar processo de recusar noções que não quadram com um materialismo mecanizado. Este meio, é de negar a validade de todas as experiências, com ele provando que *podem ser justificadas*. Um biologista americano, George R. Price, publicou na revista americana *Science* um artigo no qual assegura que todas as experiências de Rhine, de Soal e de outros investigadores podem ser mistificações. Explica que o motivo de um embuste em tal escala poderia estar na necessidade de provar a existência da alma, para o bem da Humanidade e declara que só ficará convencido da existência da «PSI» por uma experiência cercada de minuciosas precauções (indicadas por ele) e fiscalizadas por uma comissão de 12 pessoas resolutamente hostís à parapsicologia: 2 psicologistas, 2 médicos, um actuário e alguns prestidigitadores.

Nas colunas de *Science*, Rhine e Soal responderam e mostraram que a «experiência perfeita» de Price podia também ser mistificada, como as suas próprias experiências eram fiscalizadas. Quanto à hipótese de uma artimanha colectiva, afastaram-na como inverosímil e centenas de sábios de opiniões diversas e de reputação perfeita não organizariam jamais um tal empreendimento.

## PRÓXIMO PASSO: O REGISTO DA «PSI»

Se, contràriamente a George Price, se aceitam os dados actuais da parapsicologia, torna a juntar-se a massa importante daqueles que sempre têm acreditado nos fenómenos de *percepção extra-sensorial*. Em vez de crenças e de presunções, têm-se provas. É muito interessante para os filósofos, é uma lição de modéstia para os cientistas que desejam deter a ciência na medida das suas convicções sentimentais. E depois? Poderemos nós tirar proveito prático de fenómenos ainda pouco conhecidos? Seremos nós telepatas? Clarividentes? Profetas? Estas perspectivas que nos mergulham em plena ciência-ficção dependem de novas inquirições; trata-se de saber se nós poderemos domesticar a «PSI».

Como o próprio Rhine diz, é possível que jamais alcancemos isso. Mas não é razão para não experimentar.

**(De «Science et Vie», traduziu ziu Manuel Marques da Silva)**

## EDUCAÇÃO

**Alcançar ciência e ilustração foi sempre o primeiro dever do homem. As palavras de Salomão a este respeito não se dirigem a uma ou outra classe em particular; segundo o exemplo dele, convertamo-las em preceito moral e religioso para todos. Devemos elevar-nos acima dos animais e fazer com que se elevem do mesmo modo todos os nossos semelhantes.**

**Alexandre Herculano**

# Charles Richet e o Espiritismo

Por ARMANDO DONNAY

II

Em 1927 a revista francesa *Comoedia* fez um inquérito entre eminentes homens de ciência, a fim de conhecer os seus sentimentos ante a crença da sobrevivência da alma.

Eis a resposta de Richet:

«Vou responder com absoluta franqueza. Ora creio nela, ora não creio. Como é que um fisiologista pode supor que há uma sobrevivência da consciência sem cérebro? Por outro lado como negar os factos chamados espiritas que admitem hipotèticamente uma explicação mais simples que qualquer outra? Conceber um pensamento sem cérebro, é precisamente o que revolta a sua larga prática em fisiologia».

Contudo, na «Grande Esperança», diz que o paralelismo absoluto, constante, irresistível, entre o pensamento e a função do cérebro, não é prova indiscutível.

Se Richet houvesse admitido, como Lodge, e tantos outros, a existência dum corpo espiritual do perispírito, as suas perplexidades teriam sido dissipadas. O espírito é independente do cérebro, mas serve-se deste para entrar em contacto com o mundo terrestre.

Contudo, a resposta de Richet à *Comoedia* mostra que em certos momentos a força irresistível dos factos parecia convencer o seu espírito lógico.

Na *Revue Métapsychique* de Janeiro-Fevereiro de 1926, Richet — notando a existência de alguns clarividentes —, deduz que este facto poderia ser muito bem o prelúdio de um sexto-sentido humano.

Numerosas considerações mostram que tal hipótese deve ser considerada como extremamente improvável:

1.ª — A frequência de clarividentes depende exclusivamente do facto, segundo o qual há dezenas de anos e nos povos civilizados estes passivos são procurados e estudados, ao passo que outrora os suprimiam.

2.ª — As faculdades de clarividência permanecem num estado absolutamente estacionário, através dos séculos, apesar das civilizações e das raças. Nada diferem nas modalidades de civilização e não existe povo algum, em que se não possa observar um melhoramento *progressivo*. Os povos da Índia, que se consagraram durante milhares de anos ao desenvolvimento destas faculdades, aprenderam a conhecer melhor os processos para escolher os passivos e os métodos empíricos de desenvolvimento empregados para favorecer ou provocar a eclosão das faculdades supranormais nos sensitivos.

3.ª — Estas faculdades são muito frequentes entre os selvagens.

4.ª — Isto não é um sexto-sentido em gestação pois que os fenómenos de clarividência se produzem, utilizando os sentidos físicos existentes.

5.ª — As condições requeridas pelo desenvolvimento das faculdades supranormais são diametralmente opostas às requeridas para o desenvolvimento das faculdades sensoriais normais. Com efeito, a acção dos factores de evolução exerce-se, necessária e exclusivamente, no plano da vida física, quer dizer, no plano da consciência normal em que se exerce a luta pela vida de todos os seres sensíveis, ao passo que as faculdades supranormais não podem manifestar-se, se as funções da vida física forem temporàriamente abolidas ou diminuídas.

6.ª — Este poder exerce-se independentemente das condições de espaço e de tempo, isto é, seja qual for a distância e o período de tempo — passado, presente ou futuro.

7.ª — A natureza simbólica de certas manifestações, mostra que as faculdades supranormais se manifestam de maneira inversa ou espiritual (do cérebro à periferia) e não de maneira directa ou fisiológica (da periferia ao cérebro).

8.ª — As faculdades de clarividência são incompatíveis com o desenvolvimento regular e natural da vida terrestre. Se a clarividência no passado, no presente e no futuro se tornasse um sentido físico, as condições da vida social seriam destruídas. Toda a iniciativa humana seria paralisada e cada indivíduo teria que cruzar os braços e esperar fatalmente o desenvolvimento e o cumprimento do seu destino.

O próprio Richet diz na *Grande Esperança* que esta palavra «sexto-sentido» não é uma explicação e muito menos uma teoria. O «sexto-sentido» significa apenas uma coisa — diz ele —; é que nós somos sensíveis às vibrações, ou, se quiserem, aos fenómenos que não tocam os nossos sentidos normais».

No seu livro *A Grande Esperança* Richet aproxima-se das nossas ideias.

Eu, como espiritista, não partilho de todas as conclusões do ilustre professor. Ele emite objecções contraditórias (como faz sempre nas suas obras) e faz restrições à tese espirita, que ele adopta e combate.

Mas as suas disposições são mais conciliatórias; o sábio é chocado por certos fenómenos indiscutìvelmente de natureza espirita, sobretudo os analisados em lógica rigorosa por Bozzano, que cita muitas vezes.

*(a concluir)*

**(De «Spiritualisme Moderne», traduziu C. A.)**

# ECOS DE U

Por ISIDORO

## O LAR-ESCOLA FR

*Já o dissemos algumas vezes: o lado social do Espiritismo é a sua grande base, contra a qual se quebram todas as frechas. Pregar uma doutrina é exemplificá-la, é torná-la compreensível.*

*Geralmente o povo não estuda filosofias, mas sabe diferençar o bem do mal. Tem senso prático e não se deixa fascinar por algumas sereias. Há quem o arraste a certos desencontros, quem se aproveite da força enorme das multidões para desígnios ocultos. Esses nomes ficaram na história amarrados ao labeu. Quando os citamos é para exaltar outros atributos. Louvamos o sol, diminuíndo as vantagens da sombra.*

*Naquele dia o tempo era bonançoso. O Nelson de Azevedo apareceu, como habitualmente.*

*— Quer dar um passeio?*

*Sempre gostámos de andar em companhia de gente boa e um passeio com o presidente dos «Discípulos de Jesus» não se rejeitava.*

*E fomos. O Rio de Janeiro é uma cidade cheia de movimento. Mal o sol pincela os morros, o ruído surge de toda a parte. O que mais impressiona são os bondes. Longos, atrelados, conduzem meia população que não pode andar de automóvel. Gentes diversas recorrem a este meio. Um cruzeiro dá para quilómetros e quilómetros. E o mesmo no ramal de Nova Iguaçú, com o trem de ferro. Nunca vimos transportes tão baratos.*

*Além do mais proporcionam óptimas paisagens, cheias de exuberância. É verdade que o carioca quase não dá por elas, à força de as contemplar; mas o forasteiro observador vai até ao pormenor.*

*O exotismo é precioso a quem viaja. Já o dissemos nos dois volumes transactos e havemos de repeti-lo ainda no decorrer destas impressões. Porque será que todos buscam o inédito? Porque será que procuram variar as reacções?*

*O Alonso conhece os arruamentos como os seus dedos. Não tem a mínima dificuldade. O volante, para ele, é um brinquedo que maneja a bel-prazer. E após alguns minutos de digresão entrámos na Rua Senador Nabuco e parámos no número 34. Lembra-nos bem: trinta e quatro, à Vila Isabel, próximo da Colina da Fraternidade, onde se encontra instalada a União dos Discípulos de Jesus.*

*Um gradeamento entrelaçado de verdura. Atrás dele um edifício sóbrio encimado pelo dístico em baixo-relevo: «Abrigo Francisco de Paula», que depois passou a chamar-se Lar-Escola.*

*— É aqui — disse o Nelson —. Vai apreciar uma obra valiosa.*

**Vista panorâmica do Eduncandário em relação ao bairro e à Vila Isabel, onde está localizado**

★

*Estamos habituado à relatividade das coisas e sabemos que as palavras andam ligadas a factores que nos podem ou não interessar. Assim, quando escutamos alguém devemos medi-los e pesá-los e descontar, quando houver desconto a fazer.*

*As pessoas que nos apresentaram tinham chama no olhar inquieto, digamos decisão, vontade de realizar alguma coisa que prendesse a atenção de governantes e governados. Não no diziam, que os realizadores raras vezes apregoam. Mas além da sua fé havia desígnios humanitários a pedir auxílio. O que estava seria bom. Quem o duvidaria? Aquelas almas lutavam há tanto na burilação da criança, que tudo fariam para que ela se desentranhasse em novos atributos.*

*As referências do Nelson àquela casa não foram laudatórias. Queria que víssemos sem premissas de qualquer espécie e por isso não louvou.*

*A visita decorreu animadíssima por entre a caravana dos directores. Eram vários. O Dr. Sílvio Freire, o Comandante Raimundo Beltrão Pontes e o confrade Sílvio Pereira de Sá cremos que estavam no grupo que nos mostrou todos os departamentos do Abrigo. Foi há muito tempo e não é possível reter minuciosamente as impressões. Há, porém, um quadro indelével que permanece na retina. É o conjunto harmonioso que resume a actividade daqueles obreiros humildes. O que ali está é obra de muitos e orientação de poucos. De outra ma-*

# MA VIAGEM

JARTE SANTOS

VI

# NCISCO DE PAULA

*neira não haveria identidade, homogenia. Mas esses poucos são operosos, dignos e valentes. A cruz que levam aos ombros é de gente nobre que dispensa cireneus, porque talharam o caminho e harmonizaram as forças. Agora avançam sem alarde, na certeza de vencer o prélio, que aumenta sempre ...*

★

*A mantenedora do Lar-Escola é a Asssociação Espirita Francisco de Paula, fundada em 1920. Meia dúzia de idealistas e adeptos fervorosos instalaram-se num prédio de aluguel à rua 24 de Maio e ali começaram a trabalhar, olhos postos na caridade a exercer nos dois lados da vida.*

*Homens cultos e honestos, incapazes de uma defecção, respeitavam a finalidade colectiva e procuravam manter o alto nível das sessões, assim grangeando adeptos cada vez mais numerosos e seleccionados. A orientação primitiva é a mesma de hoje, de acordo com as directrizes dos mentores espirituais.*

*Onze anos depois fundava-se o «Abrigo Francisco de Paula». Tantos receios destruídos, tantas dúvidas desfeitas! O Alto ordenara e a obra surgia para recolhimento de meninas necessitadas, sem distinção de cor. Claro, que a preferência era dada às órfãs.*

*O esforço foi constante e gradual. De vagar se vai ao longe — diz o rifão. E começaram com quatro meninas, porque no Brasil, antes das coisas completadas, costumam tirar proveito do existente para que não haja desperdícios.*

*Estes trabalhadores sacrificavam-se pelo seu objectivo, que era o convívio diário com as crianças desamparadas. Muitas ofereciam histórias confrangedoras. Nascidas em lodo, como flores de monturo, odiavam a vida com seus contrastes de sofrimento e provação.*

*Os órfãos merecem a nossa piedade e ai dos povos que os abandonam. Serão vítimas da deformação mental dos pequenos seres, que julgam o mundo pelo seu caso pessoal.*

*«O coração das crianças — dizia Júlio César Machado — tem movimento sincronizado e pára, quando a mãe se esquece de lhe dar corda».*

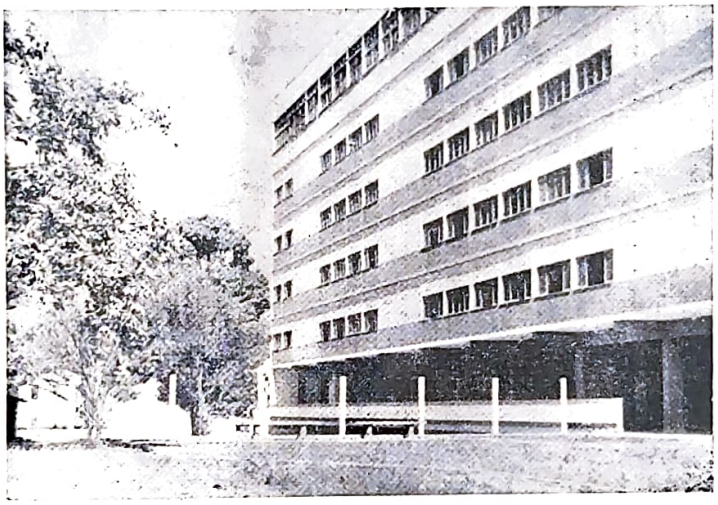
★

*Em Dezembro de 1936 inaugurava-se o edifício em que nos encontrávamos, depois de prévia remodelação de um prédio velho adquirido por donativos angariados em campanha financeira. Os fundadores da agremiação pediam de porta em porta, de estabelecimento em estabelecimento, em busca de dinheiro ou material e mobiliário. E o resultado foi o desenvolvimento da obra. Em vez de quatro, passou a quinze o número de recolhidas, que se elevou progressivamente, após longas e fatigantes campanhas, visto não ser possível tornar efectivo o auxílio oficial, sempre transitório e insuficiente.*

*Se as empresas são valiosas, todas as bolsas se abrem e novas necessidades se fazem sentir, à medida que aumentam de amplitude.*

*Assim aconteceu, quando o número de meninas aumentou para 50. As acomodações ressentiam-se pela dificuldade de as acolher, segundo os métodos da moderna pedagogia ali adoptados, em colaboração com o Departamento Nacional da Criança.*

*O único remédio era ampliar as instalações, dar-lhes nova estrutura, de forma que se acolhesse ainda maior número e instalá-las convenientemente. Este sonho era grandioso, quase utópico, mas não deixava de se evidenciar, como necessidade premente, ao espírito desses obreiros incansáveis.*



**Um ângulo da fachada do Lar-Escola Francisco de Paula**

*A «Associação Espirita Francisco de Paula», mantenedora deste sector magnífico de beneficência, adquiriu mais tarde os imóveis da rua Correia de Oliveira, precisamente nos fundos da sua sede social, e em 1950 tomou providências para o levantamento da estrutura do edifício projectado, segundo a planta do arquitecto Sérgio Wladimir Bernardes, constituído por sete pavimentos, qua-*

tro deles destinados ao alojamento de 256 meninas, em apartamentos de 8, com todos os requisitos aconselháveis, consultórios médicos e dentários, isolamentos, solários, salas-de-estar, salas-de-estudo, parques de recreio, terraços, refeitórios, cozinha e lavandaria, caldeira a vapor, elevador de acesso aos andares superiores, cabina cinematográfica, campo de jogos e outras dependências.

Em 1952 começaram as obras, sob a administração da Construtora Ortenblad; e logo que se atingiu a fase do cimento armado as obras nunca mais pararam, de harmonia com as disponibilidades financeiras. E voltaram os festivais de caridade, as tômbolas, as representações teatrais e as listas de subscrição para que o trabalho não paralisasse.

A marca do Alto estava patente, pois até os construtores ajudaram com a sua cooperação, adiantando muitas vezes as quantias necessárias ao pagamento à vista de facturas de fornecimento, mão-de-obra de operários e outras despesas.

**Meninas brincando no pátio**

★

Em 1955, quando lá estivemos, vimos coisas impressionantes. Percorremos todos os departamentos e neles se evidenciava a mais perfeita ordem. D. Odileia Barros Guerra dirigia a parte das meninas e era também professora do Jardim de Infância e directora da biblioteca. Um coração e uma vontade.

Para que as abrigadas sentissem menos o isolamento, tinham o Jornal do Lar, onde os acontecimentos respectivos assumiam lugar de relevo.

Eis uma lembrança peregrina que devia ser adoptada em todos os educandários.

Ao contrário do que sucede noutras agremiações, as meninas não usavam uniforme na instituição.

No refeitório havia mesas de professoras e mesas de meninas, mas a comida era igual para todas e o cardápio organizado para uma semana.

Lá vimos uma grande bilha de leite com 50 litros. Um litro para cada uma.

A higiene era mantida cuidadosamente através de inúmeros chuveiros, da lavandaria e de um gabinete dentário completo. Mas à higiene aliava-se a ordem. Bastava aquela rouparia cheia de compartimentos individuais e os guarda-vestidos colocados em fila para dar a nota insuperável do asseio que dominava o cenário.

E quanto a estímulo ... citamos apenas um facto: as meninas têm trabalhos internos em benefício da colectividade e recebem um pequeno salário que as ensina a dar valor às coisas, sobretudo daquilo que ali recebem.

★

Nesta resenha de informações há tópicos que nos forneceram depois da nossa visita à instituição. Como não era possível escrever obra tão vasta e publicá-la em poucos meses, atendendo a trabalhos de outro género que sempre temos entre mãos, actualizámo-la quanto pudemos.

No caso sujeito houve grande progresso desde 1955 até à data. O que vimos em ossatura e que vai ser objecto destas páginas foi inaugurado a 2 de Abril de 1958, seis anos após o início da construção mencionada, sob a forma de modelar educandário instalado num edifício que ultrapassa o que se pode imaginar de belo e grandioso.

As instituições católicas — mesmo as que se destinam apenas ao culto — disfrutam de protecção ostensiva. Caminhos de toda a espécie se lhes abrem, inclusive somas fabulosas cerceadas ao erário público, ao contrário das instituições espiritas, que andam de rua em rua a mendigar cruzeiros, areia, cal, sacos de cimento, madeira velha para erguer albergues, orfanatos, berçários e hospitais, quantos deles para dar assistência aos próprios inimigos! Poderão dizer que há muitas obras de beneficência espirita a receber auxílios oficiais. É certo, mas os donativos são diminutos e alguns não chegam a ser recebidos, por falta de ... verba.

Com o «Lar-Escola Francisco de Paula» deu-se um caso desse género. Obteve um único auxílio de 2 milhões de cruzeiros votado pelo Congresso e sancionado pelo Presidente da República e caducou por não haver dinheiro disponível.

Outras colectividades espiritas se queixam de iguais deficiências. Prometem-lhes mundos e fundos em face das obras realizadas e fica tudo no papel. Em Portugal diz-se em «águas de bacalhau». Estas circunstâncias mais avolumam a grandeza do esforço colectivo.

O majestoso edifício do Lar-Escola compreende — repetimos — sete andares com 70 metros de comprimento e 30 de largura, ou sejam 4.200 metros quadrados de pavimento! Com o terreno destinado a recreio, perfaz a área de 4.800 metros quadrados. É uma cifra dina de se fixar na memória.

★

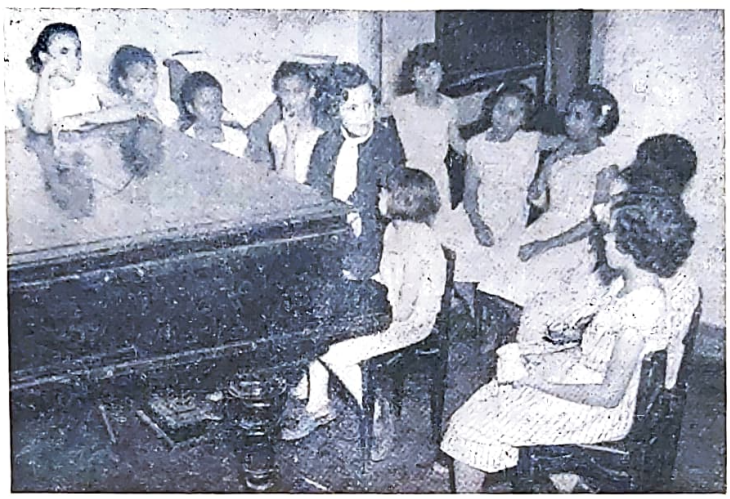
Os jardins de infância e as salas de trabalhos manuais são coisas que ficam a bailar no espírito. É impossível esquecer esses quadros repletos de sentimento e de ternura. A modelagem é um treino de observação que ajuda a formar o carácter. E é ver como

as meninas atendem ao mais leve pormenor e como seus olhos se animam perante os resultados. Sobre a larga mesa estão os moldes e um rancho de jovens enverga vestidinhos leves procedem aos trabalhos de aprendizagem. É um amor aquele conjunto harmonioso.

Desde as crianças de tenra idade às adolescentes, todas se congregam na realização das mais variadas tarefas. As primeiras enfileiram no ensino pré-primário e primário; as segundas cuidam da roupa e dos exercícios escolares.

A mentalidade vai-se formando pouco a pouco à vista do exemplo. Porque os dirigentes da Associação são pessoas honestas e de grande cultura. Entre eles, lembramo-nos do 2.º vice-presidente, Dr. José Martins de Almeida, 1.º e 2.º Secretário, Gualter Mano e Almirante Atanagildo Guimarães, 1.º Tesoureiro Acácio Liberato Nunes e António Dutra e Melo, procurador geral.

Há outros, cujo nome não nos ocorre. Gostaríamos de nomeá-los. Não deixam, porém, de ser englobados numa falange de lutadores «sans peur et sans reproche» que se mantêm com denodo à frente de uma obra notabilissíma.



**Meninas numa aula de música**

★

No 1.º pavimento vimos a parte exposta ao sol protegida de «combongó», que são pequenas lages de cimento cheias de furos cónicos à prova de água, deixando passar o ar e a luz destinada aos dormitórios.

Eis um conforto que muitos Europeus ignoram na quadra estival.

Banheiros, lavatórios e bebedouros aparecem aqui, como neutralizadores do calor dos trópicos, que chega a ser insuportável.

O refeitório é de vidro, para que as crianças sejam vistas da rua. É uma nova modalidade de fiscalização.

Neste momento perguntámos o número de associados do Lar-Escola.

— 20.000, contribuindo com importâncias que oscilam entre 10 e 30 cruzeiros mensais.

A Campanha Nacional da Criança tem auxiliado muito esta obra. As listas do Natal arrecadam centenas de milhar de cruzeiros. Todavia, os festivais, tômbolas e donativos atingem anualmente milhão e meio.

É impossível discriminar o que nos impressionou. No 7.º pavimento está o gabinete dentário, a enfermaria geral com banheiro, o aquecedor e o chuveiro, quarto destinado ao plantão da enfermaria, consultório médico, farmácia, 4 quartos particulares contra o contágio, grande sala de brinquedos para recuperação, vastíssimo terraço de onde se disfruta uma das melhores vistas do Rio de Janeiro. Lá está a Colina da Fraternidade, da U. D. J., onde tantas vezes almoçámos com o Nelson ...

No mesmo pavimento há também banheiros para médicos, câmara escura de raios X, raios X, sala de espera ... E no extremo leste um grande solário e a seguir os alojamentos da Directora: sala, dois quartos, casa de banho, cozinha, terraço recreativo ao ar livre com guarda-sóis e «combongó» contra o calor e o vento e a proporcionar óptima ventilação.

Um pouco mais acima — no terraço superior — uma caixa-depósito para 25 mil litros de água. Claro que há estação elevatória movida a electricidade, que a Capital Federal dispõe de energia suficiente para iluminar Lisboa e Porto.

O nosso cicerone informou que já tinham gasto 10 milhões, com desconto nos materiais.

★

No sexto andar também vimos coisas interessantes, como, por exemplo, quatro alojamentos de cada lado para 8 crianças cada um, nos quais há 3 chuveiros, 2 privadas e 4 lavatórios, apartamento para a inspectora do respectivo andar, armários individuais com janelas largas de correr e outra vista maravilhosa.

Os alojamentos são abertos para melhor inspecção da dirigente. Em cada extremo há um quarto para roupas de cama.

Não falamos nos outros pavimentos por serem iguais a este.

★

Depois de observarmos à vontade esta obra admirável pensámos que uma coisa era construir com pedra e cal e outra orientar e educar a massa heterogénea das meninas, refazendo-lhes quase tudo, desde o físico ao mental e espiritual.

E viemos a saber que na vida interna do educandário a direcção proporciona às meninas um verdadeiro lar com todas as condições favoráveis, onde possam formar a individualidade, adquirir condições de segurança e enfrentar o mundo sem receio.

À mesa também não se exige o silêncio sepulcral que se adopta noutras casas de caridade. São momentos propícios à comunicabilidade sóbria, sem algazarra, para que os seres humanos não sejam introvertidos.

Repetimos uma coisa que nos chocou: no Lar não se usa uniforme, o qual, se por um lado extingue na criança as diferenças sociais que deixam traços psicológicos nas almas em formação, por outro lembram-lhes, quando aparecem na rua, que levam o rótulo de abrigadas. Por isso os orientadores mandam fa-

zer vestidinhos alegres que servem de uniforme, nos cursos que frequentam fora da instituição.

Concluído o 1.º ano primário, a menina entra na escola pública do bairro e a seguir no ginásio, isto é, no ensino médio, onde mantém contacto com as colegas e ganha conhecimento da vida, aprendendo a defender-se em todas as conjunturas.

Um educandário envolve problemas transcendentes que o Dr. Sílvio Freire tem procurado resolver com alto critério de educador, acolitado por alguns obreiros de grande envergadura. Enquanto alguns entendem que a criança deve ficar isolada para evitar contágios perigosos, outros acham o contrário. Aqui não a segregam dos quadros vivos da existência. Deixam-na frequentar cinema e teatro fora do ambiente natural, para que amanhã não sintam o choque do mundo. E também assistem a festas familiares e passam férias em lares idóneos.

O problema sexual é atendido com grande carinho pela directora, coisa que se descura em muitas regiões da terra com rótulo de civilizadas. Aferradas aos antigos métodos, segundo os quais é preciso ocultar o que se relaciona com os órgãos da geração, numerosos orientadores cerceiam ao adolescente elementos básicos de equilíbrio psico-físico e conduzem-no a caminhos tortuosos de onde não poderão voltar.

Muitos governantes proíbem a circulação de livros científicos rubricados por sumidades médicas, só porque tratam de assuntos deste género. Ensina-se tudo: física, química, matemática, botânica, zoologia ... à excepção dos órgãos reprodutores dos próprios estudantes, como se fossem amaldiçoados, e, no entanto, são os órgãos mais importantes do corpo humano. Eis, porque o «Lar-Escola Francisco de Paula» merece o nosso aplauso. E como o isolamento exerce influência nesses órgãos, procura-se evitar a ociosidade, obrigando as crianças a estudar, a tratar dos objectos pessoais, a recrear-se e a executar tarefas compatíveis com a idade, atendendo igualmente às condições físicas.

Outra faceta curiosa: no primeiro domingo do mês, durante a visita das famílias, comemora-se o aniversário das meninas nascidas nesse período de tempo, com o bolo das velas e os presentes tradicionais. E todas sentem enternecimento e júbilo pelo educandário que as acolheu e guia. Algumas até voltam a leccionar aqui, depois de receber o grau de professoras.

★

Como se vê, o nome de «abrigo» não se adapta a uma obra assim.

Não há, pròpriamente, abrigadas. Há filhas adoptivas que disfrutam privilégios que faltam a pessoas da classe média.

De resto, os directores são homens conscientes do seu papel e andam ao par da pedagogia moderna. Nada de façanhudos preceptores amestrados em escolas arcaicas, mas irmãos mais velhos que se reunem semanalmente para resolução de casos que surgem, visto cada menina constituir uma individualidade isolada. Além disso há reuniões dos dirigentes com o pessoal de serviço e outros colaboradores que trabalham em ligação com as meninas. Como se vê, é uma engrenagem sincrónica digna de louvor. E na base do funcionamento está o exemplo do adulto que se reflecte para sempre na criança.

★

O trabalho directivo é absolutamente gratuito. O Dr. Sílvio Freire superintendente no departamento administrativo, no departamento escolar e no departamento médico, os quais, por sua vez, têm os seus dirigentes, que também não são remunerados.

O departamento administrativo tem a seu cargo o refeitório, a cozinha, os dormitórios, a manutenção e lavagem da roupa, calçado, etc.

O departamento escolar — escola primária para 100 meninas — orienta o ensino, bem como as aulas de piano, corte e costura, bordados, culinária e outras dependências anexas.

O departamento médico engloba os serviços gerais de enfermagem e a manutenção da farmácia.

O Laboratório de Análises Clínicas do Dr. Newton de Morais faz concessões aos sócios mantenedores do Lar-Escola. Basta apresentar o recibo correspondente à última quota paga.

★

Para se fazer uma ideia da orientação-modelo desta colectividade, damos a seguir alguns tópicos interessantes. Antes de internadas, as crianças são objecto de visitas a cargo de assistentes sociais, que observam, primeiro a casa de habitação (cobertura, assoalhado, ventilação); se tem luz eléctrica e água corrente; número de quartos, banheiro, chuveiro, privada e mobiliário; aspecto dos quartos, se neles lavam e estendem roupa; número de moradores, condições higiénicas, arrumação, alimentação da família e número de refeições diárias; reacção familiar à visita da criança (contentamento, amabilidades, interesse sobre a criança); reacção dela ao meio ambiente (espontaneidade, retraimento, agressividade, expansibilidade, interesse pelos parentes, pelo lar, pedido de saída, insistência em permanecer, indiferença, etc.); conversação da criança antes e depois da visita, com impressões

(Continua na pág. 250)

# VICTORIEN SARDOU

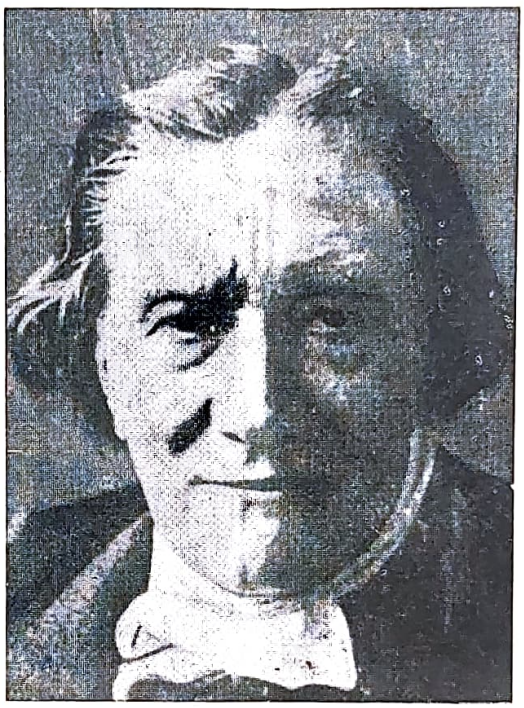
## CÉLEBRE AUTOR E ESPIRITA CONVICTO

Em 8 de Novembro de 1908, — há, portanto, 50 anos — falecia Victorien Sardou, um dos autores mais fecundos da Bela Época e um dos homens mais prodigiosos do seu tempo. Um simples cômputo permite-nos medir a extraordinária amplitude da sua obra: de 1 de Abril de 1854, data da representação, no «Odéon», da sua primeira peça «A Taberna dos Estudantes» até 7 de Novembro de 1907, dia da primeira representação do «Caso dos Venenos» escreveu e fez subir ao palco 81 peças teatrais e obras líricas. E o mais extraordinário é que, desta obra imensa, só dois ou três títulos tenham passado à posteridade, entre eles «Madame sans Gêne» e «A Tosca» que sòmente e aliás, Puccini imortalizou. Eis aqui algo que deveria tornar modestos os autores modernos que na sua terceira ou quarta peça gostam que os tratem por «mestres». E se a obra do dramaturgo é extraordinária, a sua vida não o é menos, pois que foi um dos autores mais elogiados e mais criticados, a ponto de algumas das suas peças terem originado verdadeiras batalhas.

### PRINCÍPIOS DIFÍCEIS

Victorien Sardou nasceu em Paris no dia 5 de Setembro de 1831, onde seu pai, natural de Cannet, nos Alpes Marítimos, exercia o magistério na Escola Comercial de Charonne — posição social que mal dissimulava uma grande miséria.

Os primeiros anos de Victorien Sardou foram difíceis, mas o seu destino estava marcado pelo signo do excepcional. E um dia do ano de 1842 — tinha onze anos — seu pai, em recompensa duma distinção obtida, decidiu levá-lo a Versailles pelo caminho de ferro. Mas, no momento da partida, radiosa manhã de Maio, Victorien sentiu uma das muitas dores de cabeça que o atormentariam toda a vida. De início tentou dissimular a perturbação, mas em breve as dores aumentaram a tal ponto, que, não se podendo manter de pé, se deixou caír. E o furor de seu pai perante o passeio estragado, não fez mais do que aumentar-lhe o tormento.



VICTORIEN SARDOU

Todavia, cuidado e animado por sua mãe, sentiu-se refeito do ataque e duas horas depois os Sardou empreendiam a marcha.

Mas uma multidão ansiosa comprimia-se nos cais da estação: o comboio que deviam tomar tinha descarrilado em Bellevue e 32 passageiros encontraram a morte na catástrofe, entre eles o almirante Durmont d'Urville. E assim a bendita enxaqueca salvou a família Sardou.

Entretanto Sardou é um bom aluno e interessa-se prodigiosamente por História, particularmente pela da revolução francesa.

Encorajado por um dos seus professores, o padre Brunet, membro da comissão de leitura do Odéon, já nessa altura escreve peças em verso que ele próprio confessava mais tarde serem muito más. Na verdade, ele destinava-se à Escola Politécnica, mas, com o diploma no bolso e terminado o seu curso de matemáticas elementares, renunciou à carreira de engenheiro a favor da matrícula em medicina. Mas não irá mais longe. As receitas da família — seu pai foi infeliz nos negócios — são demasiado modestas para enfrentar as despesas do curso.

A princípio sem fé, Victorien Sardou vive de lições casuais, só em Paris, com a família em Nice, e também de artigos de críticas magramente pagas por jornais particulares. No entanto, estuda e escreve a sua primeira peça responsável.

### O SEGUNDO SINAL DO DESTINO

Esta primeira peça, a «Rainha Ulfra», tragédia sueca em que as personagens falam em verso dum comprimento adequado à sua importância social, a rainha em alexandrinos, os ministros em decassílabos e a arraia miúda em versos sincopados, destina-a à grande comediante Raquel.

Mas — ai dele! — esta, a quem apresentaram o texto à força de intrigas e de diplomacia, não gosta da Suécia e sentencia:

— Que este jovem escreva uma peça grega e então veremos.

Sardou não escreveu qualquer peça helénica, mas sim «A Taberna dos Estudantes», pintura dos costumes escolares alemães que vai ousadamente depor na portaria do *Odeon*. Nesse momento Vaez, um dos directores,

saía do teatro acompanhado de M.me Bérangère e agarrou o manuscrito que se encontrava mais à mão no amontoado de originais a ler e justamente foi o de Sardou que levou, o último, como na parábola evangélica.

Assim a peça foi lida e aceite no dia seguinte. A primeira representação foi fixada para o dia 1 de Abril de 1854. Mas uma cabala dos estudantes, que julgavam ver só no título uma crítica aos seus hábitos, fizeram dela um escândalo — e caiu ao fim de três dias!

No entanto, a miséria, não impede, Sardou de trabalhar de manhã à noite, endividando-se cada vez mais. Um oficial de diligências chamado Marécat, vem, por fim, penhorá-lo e Sardou suplica-lhe que lhe deixe, ao menos, os seus livros de história; mas o homem recusa e Sardou, revoltado, promete-lhe que no dia em que puser um burro em cena ele se chamará Marécat.

Dez anos volvidos e autor parisience em voga, convida o funcionário para a «primeira» de «Nos Intimes», no teatro Vaudeville, onde aquele é ridicularizado, coisa que Marécat não levou muito a sério, aliás.

## SOB O SIGNO DO MISTÉRIO

Ainda que se encontre na maior penúria, as boas fadas não o abandonam. E uma noite, ao regressar a casa, cruza a rua Calandre uma viatura carregada de sacos de carvão e que obstrui completamente a passagem. Sardou apaga-se contra o muro, mas o veículo não avança e ele atravessa instintivamente a rua para se refugiar no lado oposto. Alguns segundos depois, um carregador de água passa pelo sítio onde Sardou se encontrava e foi esmagado pela viatura.

Todo este período da vida de Sardou é, aliás, colocado sob o signo do mistério. É nesta época que escreve o seu primeiro romance filosófico «Carlin», lançado ao papel dum jacto, na linguagem do século XVI e no estilo de Rabelais — sem que ele próprio possa explicar a origem da sua inspiração. E é justamente neste ciclo que Sardou entra em contacto com os meios espiritas da capital. De resto, o Espiritismo estava então na moda. Céptico no início, o espírito curioso do jovem dramaturgo interroga-se sobre os fenómenos a que assistira, sobretudo o da escrita automática (ditada do Além) com ajuda do aparelho.

«Confesso — declarou ele — que não posso aceitar sem rir a possibilidade de burla. Um lápis que salta com precisão maravilhosa, que escreve correctamente, não tem outra explicação possível: o fluido magnético».

Mas Sardou não tarda em revelar-se um excelente médium e participa em numerosas experiências, todas coroadas de êxito, e em breve executa uma grande cópia de desenhos espiritas notabilíssimos.

Um dia, em Maio de 1857, quando se apresentava a desenhar, a pena parte-se contra o papel. Tenta outra e acontece o mesmo. Admirado, pergunta ao seu guia misterioso:

— Porque é este estrago de penas?

A resposta é instantânea.

— O teu papel é muito pequeno.

— Mas eu não tenho outro.

— Vai comprá-lo.

— A papelaria é longe de Saint Michel.

— Então vai à praça Saint-Andrés-des-Arts, que encontras uma.

— Não encontro!

— Sim! Encontras!

Sardon, que conhece bem o local, sabe que tem razão. No entanto obedece e parte à procura do papel, mas sem conseguir vislumbrar qualquer posto de venda e regressa decepcionado; mas ao chegar a casa vê do outro lado da praça estes dizeres: «Papéis por atacado». Escolhe uma folha grande, volta ao seu quarto e ouve: «Vês bem que eu tinha razão».

Guiado por este espírito, Sardou executa uma das mais extraordinárias obras espiritas: «A casa do profeta Elias em Júpiter» e assina «Bernard Palissy».

## SUCESSO, CENSURA E PLAGIATO

Mas estas experiências espiritas não fizeram perder a Victorien Sardon o seu amor ao teatro. Depois de tantos insucessos a sua boa fada manifesta-se através da pessoa de Déjazet. A célebre comediante adquire-lhe certa peça que ele escreveu sobre uma ideia de Vanderbrich «Lés Premières Armes de Figaro» («As Primeiras Armas de Figaro»). A despeito dos múltiplos cortes da censura, a peça foi representada a 27 de Setembro de 1859 e se a crítica não se mostrou benévola, o público aplaudiu-a verdadeiramente.

Este primeiro êxito jamais abandonará Victorien Sardou, o que não quer dizer, antes pelo contrário, que as suas dificuldades acabem.

A censura vigia-o de muito perto e tem com ele questões homéricas. Acusam-no também de plagiato e, na verdade, nem sempre a acusação era destituída de fundamento. Sardou, que representa uma peça por ano, apanha as ideias no ar e o ar é de toda a gente.

Em contrapartida não resta dúvida de que foi ele quem, na época mais negra da sua miséria, refez completamente «Le Bossu», de Paul Féval, que nem sequer lhe agradeceu. Até com a Corte teve embaraços. A imperatriz julgou ver-se retratada numa velha devota das «Ganaches». Mas o público continua a aplaudi-lo. E às suas descobertas de autor dramático e aos títulos das suas peças sucedem-se, no *Ginasio*, no *Vaudeville*, no *Palais Royal*, em casa de Déjaset, sempre com o mesmo sucesso.

Agora procuram-no em casa. Harmant, o director do *Vaudeville*, vem vê-lo para discutirem a distribuição da «Família Benviton». Não chegam a acordo e Harmant fala em abandonar o projecto. Sardou responde:

— Meu caro, você faz mal em teimar. Se partir aviso-o de que, habitando no quinto andar, para obter a peça terá que me pagar mil francos por cada piso.

Apesar desta intimativa, Harmant saiu; mas ao chegar ao cubículo da porteira arrependeu-se e subiu a dar razão ao dramaturgo. Sardou, sorrindo, felicita-o pela sua sagacidade, mas não deixa de lhe reclamar os 5.000 francos em troca do manuscrito.

## UMA ÉPOCA QUE DESAPARECE

Victorien Sardou conhecerá a glória com «A Pátria» cuja síntese ele próprio escreveu nestas linhas: «Um homem conspira e é preso. Provam o seu *alibi:* foi visto em casa toda a noite da conspiração. Fez isto e aquilo e os vizinhos e os amigos testemunham o facto. Libertam-no. Portanto, em sua casa esteve um amante de sua mulher. Quem? Se ele confirma o *alibi*, aceita a desonra; se o desmente revela-a. E o amante também pertence à conspiração! O tormento...»

A peça, representada no dia 6 de Março, é um triunfo e valeu-lhe as felicitações de Sarcey, de Victor Hugo, de Arago, de Jules

# JUVENTUDE

*As trocas orgânicas são relativas às trocas espirituais. A lei é a mesma. Os passos são os mesmos. Meditar no destino é criar juventude, desenvolver potencialidades. Encaram-se as obras com ânimo gerador.*

*O espírito não tem idade. Esta pertence ao corpo, que sofre a acção da intempérie. Aquele modela a massa, adaptando-a ao objectivo. Quando ela não reage, abandona-a para sempre e busca outra. É a juventude em marcha, no desígnio e na acção, sob as vistas do Criador.*

*Nós somos expectadores que não profundam os temas, porque não podem aprofundar. O cego também gostaria de ver os horizontes da Natureza. Mas não vê e limita-se a visioná-los. Ouve o que lhes descrevem e forma o seu mundo àquela imagem. Não deixa de ser um mundo visível e sensível, com aspirações e juventude. Isto está em nós, brota em nós à semelhança de nascente.*

*Eu parti jovem, com desejo de ficar. Queria ficar mais algum tempo. Seria instinto? É possível. Talvez por causa do companheiro. Aferrei-me à obra comum e não queria separar-me dela. E foi melhor assim. Os que ficaram viram-me sempre jovem e alegre. Se atingisse idade avançada deixaria lembranças diferentes. Que o mundo olha mais ao exterior, que ao interior. Foi sempre assim. Trabalha pelo melhor, pelo mais belo, busca a mocidade e, quando esta lhe foge, ilude-se com artifícios. Alguns encontram razões de força nessa aparência de realidade. Não querem envelhecer e não envelhecem. Atraiem a seiva física e espiritual do cosmos. Quanto mais desejo houver, mais longa será a juventude.*

*O declínio é inglório. Envelhecer ou ver envelhecer é a queda no charco. Se o jovem vive com o velho, envelhece; se este vive com aquele, rejuvenesce. Não há isolamento possível. Há intercâmbios, há trocas vitais.*

*Sede jovens e alegres como eu fui e desenvolvei a vontade em obras que possam dar felicidade. Quando se estancar a força revereis o trabalho e sentireis alegria de alma.*

*A recordação será para vós um motivo de juventude.*

**(Trecho de um livro inédito de LIA)**

Janin ... e a rosácea da Legião de Honra.

Mas, apesar de tudo isto, as preocupações de Sardou não terminam. As suas opiniões políticas, a sua atitude no tempo da Comuna — é abertamente contra os revolucionários — acarretar-lhe-ão muitos ataques, alguns dos quais justificados. A maneira como abandonou o seu amigo de sempre, o Sr. Lémerie, caído nas mãos dos Versaillais, não o honra nada.

«Rabagas», peça na qual ele cria um tipo acabado de político prolixo e demagogo valeu-lhe igualmente diatribes cerradas, já que os amigos de Gambetta viam nela um ataque ao tribuno.

Mas a paz chega com o tempo. Casado pela primeira vez com Laurentine Léon, morta alguns anos mais tarde, vítima de cancro, Sardou volta a consorciar-se aos quarenta e um anos com Anne Soulié, que será a sua companheira dos dias felizes.

No dia 7 de Junho de 1877, depois duma campanha eleitoral fértil em incidentes, é eleito para a Academia francesa, à terceira volta, por 19 votos contra 17 a favor de Audiffret-Pasquier e um a favor de Lecomte de Lisle. É a consagração da sua carreira. Continua a escrever e o seu nome não deixa mais os anúncios dos teatros parisienses: «Dorá», «Les Exilés», «Les Bourgeois de Pont-Arcy», «Daniel Rochet», «Divorçons», «Fedora», «Théodore», etc.

Numerosas peças suas são objecto de manifestações violentas, pois é incontestável que Sardou representa o espírito clerical e conservador naquilo que ele tem de mais retrógrado. Mas é também e sobretudo um espírito independente e os ataques que o cumulam não o desencorajam e diz sempre o que tem a dizer.

Os maiores actores. Coquelin, Sarah Bernardt, Réjane, etc., disputam a honra de representar as suas peças. E é Réjane que criará essa «Madame sans Gêne», a única peça sua ainda conhecida do público de 1959. Continua, no entanto, a acreditar na sobrevivência da alma, na existência do Além e em 1897 entrega à Renascença uma peça intitulada «Espiritismo», em que concretiza o seu pensamento neste campo. Aliás e durante toda a sua vida acumulou uma espantosa documentação sobre Espiritismo e participou em numerosas sessões experimentais, sobretudo com a célebre médium Eusapia Paladino.

A sua última peça — L'Affaire des Poisons» — que foi representada na Porte Saint-Martin em 7 de Dezembro de 1907 é directamente inspirada no caso Dreyfus e marca o apogeu do seu teatro. É a última mensagem dum homem que, não sendo isento de defeitos, manteve ao longo duma carreira acidentada e brilhante, por vezes prodigiosa, uma rara independência de espírito e uma força excepcional de carácter.

Victorien Sardou morreu na manhã de 8 de Novembro de 1908, coberto de honras e de glória e todo o Paris assistiu às suas exéquias, no quadro imponente do aparato militar a que lhe dava direito a sua qualidade de grã-cruz da Legião de Honra. Gaston Doumerge, em nome do Governo, Vandal, representando a Academia, e Paul Hervieu, pela Sociedade de Autores, pronunciaram discursos enaltecendo a obra do dramaturgo, espírita convicto.

Mas ninguém pensou que com ele desaparecia uma época inteira...

**(De «La Revue Spirite», de Janeiro-Fevereiro de 1959)**

# Os últimos argumentos

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

## VIII

Vamos terminar, irmãos materialistas, esta extensa série de factos e considerações sobre a existência do mundo espiritual e o natural intercâmbio que podemos estabelecer com ele, invocando o testemunho de experiências feitas em Portugal e da reconhecida idoneidade dos seus experimentadores.

Pois sem a preocupação de sujeitar os fenómenos à verificação de complicados aparelhos registadores, porque uma mútua confiança anima médiuns e assistentes, têm sido obtidos, por esse mundo fora, principalmente em Inglaterra e em toda a América, fenómenos curiosíssimos.

Em Lisboa, também há anos, num núcleo familiar que se reunia em casa de D. Madalena Frondoni Lacombe, foram observados factos transcendentalíssimos que aquela senhora, muito respeitada nos meios lisboetas, coleccionou num livro de 460 páginas editado em francês e intitulado «Merveilleux Phénomènes de l'Au-Delà» e de cujos factos a família ainda guarda curiosas recordações.

Outro livro seu, com o título «O Segredo da Morte», depois dum lindo prefácio escrito pela distinta escritora D. Ana de Castro Osório, apresenta a reprodução duma carta que o ilustre sábio português e eminente professor Dr. Francisco Augusto de Oliveira Feijão dirigiu a Camille Flammarion em 15 de Maio de 1916. Nela relatava, com todo o desassombro e sinceridade, as investigações e observações que fizera em algumas das sessões a que assistira e naquelas em que ele mesmo presidira, realizadas com as pessoas que, com M.me Lacombe, obtiveram os fenómenos a que se referem aqueles livros por esta senhora editados como dissemos.

Daquela carta vamos reproduzir a parte final, que diz assim:

«Na segunda sessão vi, quando se acendeu o fósforo para o magnésio, um fantasma que foi fotografado. Vê-lo-á V. Ex.a entre muitos outros que M.me Frondoni Lacombe mostrará no seu livro «Merveilleux Phénomènes de l'Au-delá» onde se encontram semelhanças curiosas. Vi distintamente esse fantasma; avancei na intenção de o agarrar; porém, para me evitar, a aparição baixou-se quase de cócoras.

«As senhoras, cheias de medo, pediram-me que lhes não tocasse e o fantasma ergueu-se assim que retomei o meu lugar em volta da mesa, que desta vez era minha, e na qual eu tinha posto marcas especiais, só por mim conhecidas.

«Depois de termos acendido o magnésio para a fotografia, sentimos, como na sessão anterior, que nos tiravam o móvel, e pouco tempo depois foi-nos dado o sinal para terminar.

«Quando abrimos a luz, vimos no chão um montão de serradura e outro mais pequeno de ferro moído.

«Apesar de tanto eu como M.me Lacombe termos procedido a um minucioso exame, onde muito bem nos certificámos que nos quartos das experiências não podiam existir nem alçapões nem portas falsas, em frente do fenómeno da mesa partida com sinais de serra e pancadas de martelo, como também a desaparição da minha mesa, veio-me ao espírito novamente a ideia da existência de qualquer artimanha que eu não conseguia descobrir. Duvidava fortemente, apesar das afirmações positivas de M.me Lacombe, que efectivamente conhecia a casa da sua amiga desde muitos anos; mas como homem de ciência essa crença estava acima das minhas forças.

«M.me Lacombe, para me curar das minhas dúvidas e convencer-me da realidade dos factos, convidou-me a uma terceira experiência, ficando eu no corredor para onde dão as portas que são o único acesso para as salas das sessões, a fim de que eu pudese exercer sobre essas entradas e saídas a mais rigorosa fiscalização.

«Como recusasse, o sr. Lacombe acedeu a fazer as minhas vezes; tenho confiança no meu amigo Lacombe como em mim mesmo.

«Eis o que aconteceu:

«Assim que o sr. Lacombe tomou o seu posto, no dito corredor, alumiado com luz eléctrica, a mesa, por tiptologia, prometeu uma fotografia.

«A objectiva fotográfica ficou voltada para uma das portas do corredor onde estava o sr. Lacombe. Apagámos a luz e imediatamente ouvimos pancadas, notas no piano e outras minúcias que M.me Frondoni Lacombe conta no seu livro. Depois deram-nos o sinal para a luz do magnésio, e, devido ao clarão do fósforo, vimos o fantasma. Desta vez era um militar. Distinguí-o perfeitamente e fiz a sua descrição, dizendo qual seria a sua posição na chapa, o que deu certo quando foi revelada.

«No seu posto no corredor, o sr. Lacombe afirma não ter visto nem entrar nem sair ninguém. As portas estavam todas fechadas à chave, como as tinha deixado antes da sessão. Por onde entrou esta personagem que vi em frente da objectiva fotográfica, devido a um pouco de luz que filtrava através uma junção da porta do corredor onde estava o sr. Lacombe em observação? ...

«Deixo esta explicação a outros; enquanto a mim rendo-me, pois contra os factos não há argumentos.

Tenho agora o mais profundo arrependimento, pela minha incredulidade de outrora. Quando se sabe o que a ciência tem feito nestes últimos tempos, nada se deve negar sem exame. Esquecemos depressa os ensinamentos de Roger Bacon: — dizermo-nos positivistas é amarmos a escola experimental!...

«Pedindo a V. Ex.a a fineza de me desculpar a longa epístola, queira, M. Flammarion, aceitar, etc.

**F. de Oliveira Feijão**

O que aí fica dito por um respeitável português já falecido, que

foi professor da cadeira de Clínica Cirúrgica da antiga Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, prova bem que ninguém se deixa de convencer da realidade dos factos desde que se disponha a estudá-los e a verificá-los com espírito de investigador desapaixonado.

E muitos outros sábios e experimentadores não tiveram dúvidas em dar o seu parecer nos termos seguintes:

Alfredo Russel Wallace, da Academia Real de Londres, escreveu:

«Eu era materialista tão completo, tão convicto, que não podia tolerar que o meu pensamento se ocupasse da concepção duma existência espiritual.

... «Os factos tornaram-se cada vez mais certos, cada vez mais variados ... e afinal venceram-me».

Oliver Lodge, físico inglês, reitor da Universidade de Birmingam, falecido em 22 de Agosto de 1940, disse:

«Se eu tivesse alguma dúvida sobre a comunicação com os mortos, proclamá-la-ia, mas seria insensatez falsear a verdade; isso não farei nunca, quaisquer que sejam as consequências».

O Dr. Ochorowicz, professor da Universidade de Lemberg, afirmou:

«Quando me recordo que, em certa época, eu me admirava da coragem de Crookes em sustentar a realidade dos fenómenos; quando reflito, sobretudo, que li as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava o rosto dos meus colegas, ao mais simples enunciado destas coisas, eu coro de vergonha por mim próprio e pelos outros».

O Dr. Lombroso, criminalista italiano, professor da Universidade de Turim e a que já fizemos uma larga referência, disse mais:

«Depois de ter negado os fenómenos espiritas sem os observar, vi-me forçado a aceitá-los, quando, apesar disso, as provas mais manifestas e mais palpáveis cairam sob os meus olhos».

Cromwel Varley, engenheiro electrotécnico, sócio da Sociedade Real de Londres, escreveu:

«No Antigo e no Novo Mundo não conheço exemplo de um homem que, tendo estudado com cuidado os fenómenos espiritas, não se tenha rendido à evidência».

E o Dr. R. A. Ranieri, advogado formado pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e Delegado de Polícia no Estado de S. Paulo (Brasil) dedicou-se a investigar o que havia nos trabalhos dos centros espiritas, a ver se, com a sua experiência de delegado de polícia, «que faz da desconfiança constante a sua maior arma e o seu melhor e mais perfeito instrumento de trabalho (palavras do próprio Dr. Ranieri) a ver se — dizíamos nós, com tal experiência alguma coisa descobria de mistificador e trapaceiro.

Pois em Fevereiro de 1955 tinha concluído um livro admirável em que relata e comenta inúmeros factos de perturbante transcendentalismo, intitulando aquele livro de «Materializações Luminosas».

E, depois de muitas outras afirmações corajosas, diz a páginas 59:

«Eu por mim curvo a cabeça e aceito os factos como o prenúncio de uma Nova Civilização Humana.

«O Espiritismo é realmente o Consolador Prometido por Jesus. Grandes transformações sofrerá a Terra e «as potestades do Céu serão abaladas...»

★

Muitas outras opiniões de peso podíamos citar. Contudo, ao cabo de tantas experiências, e apesar das opiniões de acordo com os que crêem, convictamente, na existência do mundo dos espíritos e nas suas comunicações com os habitantes encarnados deste «vale de lágrimas», ainda há quem não acredite no valor daquelas experiências nem nas opiniões insuspeitas de tantos sábios e de tantos homens cultos ainda que não da categoria de sábios incontestados.

Por isso o já mais de uma vez citado Dr. Richet, que aturadas investigações fez em vários lugares e em várias épocas e publicou uma obra notável intitulada «Tratado de Metapsíquica», diz com razão o seguinte:

«É muito fácil dizer que os sábios se enganaram e foram enganados. Tal objecção está ao alcance do primeiro sarrafaçal que apareça. Quando o grande Crookes conta que viu, no seu laboratório, Katie King, fantasma capaz de viver, de se mover, de respirar, ao lado da médium Florence Cook, pode o dito sarrafaçal encolher os ombros e dizer: *É impossível, Crookes é um imbecil,* que semelhante apreciação não me causa o menor abalo. Serei eu quem terá o direito de encolher os ombros, se ouvir classificar de *imbecil* o grande Crookes, porque não foi o pobre sarrafaçal que descobriu o tálio, nem a matéria radiante, nem as ampolas que nos dão a luz eléctrica. Pouco importa, também, que a reboque do sarrafaçal surja um enxame de jornalistas (que nada viram e nada estudaram) e me digam que a opinião de Crookes não é de convencer: é coisa que não me impressiona. Ainda se Crookes fosse sòzinho ... Mas não! Há uns cinquenta sábios, pelo menos, grandes sábios, que narram fenómenos extraordinários. Hei-de então supor que eles são todos farsantes ou malucos?

«Os fenómenos produzidos por Eusápia Paladino foram afirmados e confirmados por ilustres experimentadores: por Morselli, um dos maiores sábios psiquiatras da Itália, pelo célebre Lombroso, Botazzi, Foa, Herlitzka, professores de fisiologia em Universidades italianas; por Oliver Lodge, por Ochorowicz, por Myers, por Camille Flammarion, por Albert de Rochas ... O testemunho formal dum só destes homens seria suficiente».

Enquanto uma autoridade como este notável metapsiquista assim se exprime, nós, humilde pigmeu neste ambiente confuso do actual movimento espirita português, nada mais temos a dizer.

## A CIÊNCIA DA FELICIDADE

**Contâncio Vigil escreveu estas palavras:**

**«Caminha-se com segurança, quando Deus nos guia e de nós depende conseguir esse condutor. Seja puro o coração, sejam rectas as intenções e também o será o nosso caminho.**

**«Deus premia o bem que se faz e se deseja fazer. E recompensa a intenção. Só com desejar agradar-lhe, já se lhe agrada.**

**«A ciência da felicidade é eminentemente prática. Veio do alto e confirmou-se sempre cá em baixo. Nunca falhou em nenhum século, em nenhum povo, em nenhum homem. Está no alcance de todos, ainda os mais pobres, como está o ar, a água e o sol. Os seus princípios são a singeleza, a naturalidade, a sinceridade e a modestia. As suas consequências são paz e beleza interior. A isto mesmo é que chamam felicidade, que é harmonia com o Criador e a sua obra».**

# ECOS DE UMA VIAGEM

(Continuação da pág. 244)

*do local, da casa, dos moradores e comparações com o Lar-Escola ...*

*Os antecedentes sociais da criança merecem igualmente cuidadosa atenção. Depois de se anotar a identificação integral e suas residências preenche-se um boletim acerca da família que morava com ela. Ali se fixam a saúde, a ocupação, as relações com o chefe, o salário mensal, os auxílios que recebem, as pessoas que se interessam pela criança, com seus endereços e recursos, o aluguel da casa, as condições sanitárias, as pessoas que dormem com ela no mesmo leito, instalações sanitárias, banheiro e quantidade de água, asseio geral e tipo de vizinhança.*

*A respeito de saúde indaga-se o comportamento da mãe durante a gravidez, forma de parto, abortos anteriores ou posteriores, peso da criança ao nascer, infecção ocular, deformações, paralisias, alimentação ao seio e mista, quando começou a andar, a falar, a vestir-se sòzinha, quando apareceram os primeiros dentes e quais foram, até que idade urinou na cama e condições actuais, tais como horário das refeições, digestão, sono calmo ou agitado, frequência de dores de cabeça, de dentes, de garganta, tosse, defluxos, emagrecimento, asseio pessoal, dados sexuais, tiques (pestanejar, roer unhas), condições de linguagem, enfim, uma série intérmina de elementos indispensáveis à boa educação das crianças admitidas no «Lar-Escola Francisco de Paula», um dos maiores baluartes do Espiritismo no Brasil.*

*Os confrades que o dirigem igualam o cérebro ao coração. Ramalho Ortigão analisou os homens nestes termos:*

*— A sua importância deduz-se do valor dos actos que praticam, das ideias que difundem e dos sentimentos que comunicam aos semelhantes.*

*Disse uma grande verdade. Pode-se apregoar doutrina sem ser apóstolo, mas quem pratica um acto meritório selou-o para sempre. Se não for homem de palavras é, sem dúvida, homem de acções.*

★

*Antes de sairmos mostraram-nos o palco de um Auditório de 300 lugares. O «Grupo Dramático Francisco de Paula» executa os cenários das peças que representa e cuida da parte eléctrica e mecânica, sem encargos para a Sociedade a que pertence. Submete-se a frequentes ensaios e tem representado obras de autores de nomeada.*

*Mais uma vez ouvimos grandes elogios à colónia portuguesa, que está, repetimos, nos caboucos de quase todas as obras espiritas.*

*A «Escolinha de Arte» do Lar-Escola já realizou uma bela exposição de pintura, modelagem em barro, trabalhos de madeira, tapetes, flores, bonecos e fantoches, que foi altamente apreciada no Ministério da Educação e Saúde.*

*Uma nota patética que demonstra o perfeito sentido da nova educação: os directores da casa jogam a peteca com as crianças ...*

★

*— Gostou? — perguntou o Nelson ao transpormos o portão de acesso à via pública, sob o olhar sorridente da turma que nos guiou durante a visita.*

*— É simplesmente extraordinário!*

*Muitos dias, semanas e meses meditámos no que víramos, à espera do momento oportuno para desabafar e que agora chegou, mercê de factores múltiplos que dilataram o nosso depoimento.*

*Parodiando Afonso Domingues no episódio da abóbada da Casa do Capítulo do Mosteiro da Batalha, diremos com igual convicção:*

*— O «Lar-Escola» não morreu, o «Lar-Escola» não morrerá!*

*Porque a sua força não se limita ao cimento dos alicerces. Há outro cimento mais belo que resiste às intempéries. É o cimento da vontade transformado em beleza fraterna, eternamente jovem e presente no coração de vinte mil associados. Essa base vencerá o tempo e a corrosão implacável. O Espiritismo ficará nas almas a produzir milagres de amor, de renúncia, de compreensão e a lamentar os egoístas que muito poderiam fazer pela felicidade das crianças necessitadas ou em perigo moral.*

# QUE CURAS MILAGROSAS!

*A Artur Leitão Pires — um homem de bem e grande médium curador.*

**Se nós, médiuns, podemos, em teu nome,**
**Mestre amado, fazer que paralíticos**
**Voltem a caminhar, loucos se tornem**
**Lúcidos, cégos vejam, surdos ouçam,**
**Que curas milagrosas não podias**
**Tu fazer, tu, que tinhas n'alma grandes**
**Mananciais de amor, incalculável**
**Sabedoria, forças assombrosas!...**
**Um leproso falou-te: «Se tu queres,**
**Podes purificar-me». A imaculada**
**Mão para ele estendendo, generoso,**
**Disseste-lhe: «Sê puro»... e ei-lo sem lepra!**
**Um dia, em Bethsaida, suplicaram-te**
**Que curasses um cego. Que fizeste?**
**Salivaste-lhe os olhos e, em seguida,**
**Os tocastes com os dedos. Um prodígio!**
**Sei que a tua saliva era veículo**
**De poderosos fluidos curadores...**
**Médium de Deus, quantas criaturas, quantas**
**Foram por ti libertas dos seus males!**
**Tudo em ti era vida, magnetismo,**
**Vibrações salutares... Onde estavas**
**Estavam a saúde, a paz, o riso!**

**Bahia - 1954**

**PAULO ALBERTO**

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

71

## GALARDÃO

Amigo radiouvinte:

Neste mundo em que vivemos quase todos trabalham por galardão, que é recompensa de esforço realizado. O pedreiro, o sapateiro, o alfaiate, o arquitecto, o médico, o advogado, todos trabalham por dinheiro, essa panaceia que cura todas as doenças, essa gazua que abre todas as portas.

Desde que se inventou a moeda, o egoísmo tornou-se mais forte. E o dinheiro passou a aferrolhar-se, em contrário de função circulante. E os quistos económicos perturbaram logo a felicidade popular. Surgiram os problemas, começaram ae lutas, a desconfiança aninhou-se nos corações e o homem nunca mais abandonou a inquietação que faz parte integrante da sua bagagem terrena. Nunca mais abandonou esse peso morto, que se transmite de pais a filhos, a netos e a bisnetos, como estigma de sofrimento.

As grandes questões humanas são de base económica, porque a sociedade construiu um mundo em que o estômago desempenha as funções mais altas. Qual a origem da guerra? Estômago. Qual a origem da fome? Estômago. Qual a origem do desequilíbrio social? Estômago e estômago.

Mas então, porque se trabalha de graça no Espiritismo? Porque se atendem desconhecidos, como se fossem companheiros de trabalho? Porque se esquece a vida particular para atender solicitações alheias? Porquê?...

É que o galardão está no trabalho realizado e na missão cumprida. É uma lufada de ar que entra nos pulmões, um raio de luz que fende as trevas. E as almas ficam satisfeitas.

Os que trabalham por dinheiro têm horas, minutos e segundos dedicados à escrituração das contas. É um galope de ansiedade. Hoje são vinte, amanhã são trinta. Um manancial a correr.

Os outros não escrituram nem contam. Labutam sem retribuição monetária. O capital é amor, é fraternidade que se vai acumulando. Não há perigos cambiais, porque a moeda estabilizou-se há muito. A transacção é feita sempre no mesmo tom.

Mas os profanos não compreendem esta circulação fiduciária, exclamando que debaixo do amor e da renúncia deve haver negócio inconfessável.

Assim pensa o utilitarista que vende esforço a tanto por minuto e usa relógios caros para não ser defraudado em fracções de tempo.

Os que andam pelo Espiritismo a atender o próximo não precisam de marcar as horas e por isso não usam relógios caros. Fazem o bem pelo bem, sem pensar em galardão.

A propósito vou contar uma história que circula de boca em boca no mundo árabe. O Califa Harum-al-Raschid andava à caça e passou junto de um velhote que estava a plantar uma nogueira. E disse aos da sua comitiva:

— Olhem para isto! Bem louco deve ser ele a plantar agora esta nogueira, como se estivesse no verdor da juventude e esperasse colher os frutos da planta.

Depois avançou para o homenzinho e perguntou-lhe quantos anos tinha.

— Para cima de oitenta, mas sinto-me tão forte como se tivesse trinta e cinco.

— Então, — obtemperou o califa — quanto julgas que viverás ainda, pois que estás a plantar uma árvore que só daqui a muitos anos dará fruto?

— Senhor — disse o velho —, quando planto sinto um grande prazer e não pergunto quem colherá os frutos. Não plantaram nossos pais as árvores que disfrutamos? Portanto é justo que façamos o mesmo em relação a nossos filhos. E se nos sustentamos de frutos do seu trabalho, como havemos de retribuir com desamor o que recebemos em carinho e providência? Assim, o pai vai semeando para que o filho possa colher...

O califa estava encantado com a conversa do ancião e mandou-lhe entregar uma bolsa cheia de ouro. O velho desfez-se em agradecimentos e criou ânimo para exclamar:

— Quem poderá dizer que não fui galardoado pelo meu acto de hoje, se esta plantazinha, logo ao primeiro dia, me deu frutos tão saborosos?

O conto aplica-se aos que trabalham a longo prazo, sem esperança de ver resultados ao segundo ou terceiro dia. Esses não usam ficheiros, nem relatórios de propaganda. É que o bem que se fez aos outros fica em nós. Somos os principais usofrutuários do altruismo que espalhamos.

Deste modo o nosso desejo é praticar o bem, à margem de recompensa. Que sucederia no caso de a recebermos? Deixaria de haver altruísmo e seríamos utilitaristas como os outros.

O Espiritismo não manda praticar o bem nem o mal, mesmo porque não impõe os seus postulados. O homem é que escolhe o caminho, preparando a vida moral e atenuando o futuro, baseado nos ensinamentos da Doutrina. Galardão não espera, ou porque o não mereça, ou porque lhe não sirva em sua rota espiritual.

Há quem auxilie com ideia retributiva. Esta atitude é desconcertante, não deixando de ser humana. É que ainda não estamos preparados para a nova ética que se desprende do ideal espirita.

Quando o sentismos, compreendê-lo-emos totalmente. É claro que não seremos deuses, mas não deixaremos de ser judiciosos e mais felizes. Nesse momento não haverá impulso natural integrado nas leis divinas e o homem será um elo da grande cadeia de renovação universal.

Plantemos árvores, muitas árvores, como aquele octogenário que não sentia o peso dos anos. Se as tratarmos carinhosamente, a sua flor rescenderá e o seu fruto alimentará, não importa quem seja.

A maior prova de altruismo é dar por necessidade e não quando há supérfluo.

Conheço indivíduos que recebem do rico para dar ao pobre. E conheço outros que, nada possuíndo, são verdadeiros milionários. Quanto mais dão, mais têm. E terão sempre, enquanto estenderem as mãos em dádiva.

Galardão? Só pensa nele quem ignora as delícias de um pensamento bom que se transmitiu a alguém. O

espiritista só deseja harmonia, paz, conformidade.

Sejamos, pois, mais humanos, cerceando ao estômago em benefício da consciência. Continuemos a dar o quinhão de alegria que nos confiaram, continuemos a prestar auxílio aos que nos procuram. Convençamo-nos de uma grande realidade evangélica: «A letra mata e o espírito vivifica». O galardão está no prazer que sentimos.

Amigo radiouvinte: se não gostaste da conversa de hoje, paciência. Amanhã será melhor. Que Deus nos proteja a todos.

72

## UMA CASA DE SAÚDE

Amigo radiouvinte:

Nesse domingo de manhã bateu-nos à porta uma mulher nova em estado de obsessão. Falava, gesticulava, ameaçava. E as duas acompanhantes limitavam-se a olhar e a chorar, implorando auxílio à desgraçada, que, em semiconsciência, pedia socorro, como quem sente o peso de medonha perseguição.

Esgotara os recursos, consultara grandes clínicos e a doença agravava-se, longe do marido, que se encontrava no Congo Belga.

Havia três anos que as perturbações nervosas a não deixavam. Primeiro foi o medo. À mínima inquietação o medo surgia e dominava-a. Até os utensílios lhe causavam receio. Uma colher, um prato, um banco. Como seriam feitos? Isto causava-lhe engulhos tremendos.

O marido dizia-lhe às vezes:

— Tua voz não é a mesma. Teu rosto modificou-se.

Corre o tempo e as agitações continuam. Acorda em sobressalto, com horror ao isolamento. Sobrevém a gravidez e os sintomas evidenciam-se mais. Os médicos atribuem tudo a esse estado e ao nervoso. E dão-lhe calmantes e anestésicos.

Na disto produz efeito. Cada vez tem mais perturbações. O medo também aumenta. Mira-se ao espelho e nota-se lívida, nariz afilado, lábios sumidos, faces balofas. Sente-se exânime.

A pobre de Cristo nem de longe supõe que a doença é alheia à medicina oficial. E por isso a ela se dirige, na esperança de cura.

No meio das crises tem um parto de sete meses, em circunstâncias estranhas que ela atribui ao medo que a tinha avassalado. A criança nasce em completa decomposição, porque dez dias antes lhe morrera no ventre, segundo opinião do médico. Mas a parturiente não é infectada, não tem febre, nem dores de cabeça ... Um caso singular que deixou os clínicos boquiabertos ...

Passam dez dias normais. Ao undécimo voltam perturbações mais intensas e baixa ao Hospital de Santa Marta, em Lisboa, a conselho do clínico, que atribuíu o caso a intoxicação por quinino ou a sezões, visto apresentar linhas arroxeadas, face cadavérica e ataxia locomotora.

No hospital tratam-na como doente de pupila dilatada. Entra em acção a penicilina, o gelo no ventre e as sulfamidas. Dois dias depois melhora. Melhora sempre, mas logo recai e nada a faz reagir. E dão-lhe alta. Ao chegar a casa as perturbações aumentam.

— São nervos! — dizem todos os médicos que a tratam.

E resolve mudar de ares. De Viana do Alentejo, onde residia, regressa a Poço Barreto, sua terra natal. Ali devia receber benefícios — pensava. Mas tudo se voltava contra ela. Isola-se, não quer conversar. Qualquer coisa a aborrece.

Nisto surge outra perturbação. O corpo fica inactivo. Os braços e as pernas experimentam enorme flacidez. Mal pode caminhar. Não tem apetite...

Passada a crise voltam as forças, volta o apetite. E sente desgosto por não poder controlar as faculdades...

Um dia disseram a sua mãe:

— Eu recebo a revista *Estudos Psíquicos*, onde vêm muitos casos deste género. Escreva-lhe. Talvez a cura esteja no Espiritismo...

Foi assim que nesse domingo bateu à nossa porta. Vinha perturbadíssima e teve que ser levada em braços por falta de acção. Não era ela, mulher perfeita, mas uma entidade espúria e desconfiada ...

À primeira sessão apresenta o ventre elevadíssimo, como se estivesse grávida de oito meses. Quinze minutos depois baixa-lhe o ventre, fala, ri, caminha por seu pé. À tarde janta, após 80 horas de jejum imposto pelos espíritos obsessores. Como não podia deglutir, morreria de inanição...

Seguiram-se oito tratamentos doutrinários e de prece, ao fim dos quais estava curada das chamadas perturbações nervosas, sem ingerir um único medicamento.

A doente volta a ser mulher. Deseja viver para o seu lar e tem esperança de se reunir ao marido e de conquistar o prémio de quem luta pela existência. Agora sente-se outra. Tem anseios, aspirações, alegria de viver.

Foi assim, sem tirar nem pôr.

Dois meses antes, *Reper-Siam* fizera o apelo:

«A casa para doentes do espírito tem de fazer-se entre vós. É preciso um refúgio onde se tente a cura, senão o alívio desses infelizes que andam influenciados por espíritos errantes. É preciso que os espiritas realizem esta obra. Não tendes os meios necessários? Tentai. Todas as obras requerem propaganda, sacrifício e cooperação. As curas que se operam aqui e ali devem animar-vos à fundação de uma Casa de Saúde, onde se ensaiem os vossos métodos ao lado dos psiquiátricos».

E acrescentava:

«O Espiritismo não progride na vossa região por carecer de elementos construtivos que enfrentem a rotina e porque as *élites* se retraem, deixando aos ignorantes o facho que deviam erguer à luz da ciência».

Sim, é necessário haver Casas de Saúde que recolham os obsidiados que nos acotovelam nas ruas e não encontram abrigo nos hospitais. O homem tem direito a assistência, mesmo depois da Medicina o desenganar, como soe acontecer em desequilíbrios que o Espiritismo restabelece naturalmente, sem drogas que intoxicam e que originam novas doenças ou agravam as que já existem.

O caso que resumi prova que os métodos psiquiátricos estão na infância, como disse o Dr. Inácio Ferreira. E quem visitar um manicómio não poderá chegar a outra conclusão. Alguns tenho visitado e garanto que setenta por cento não são loucos, mas que lá permanecem indefinidamente, sem esperança de voltar à sociedade.

Portugal necessita de uma Casa de Saúde deste género, como já proclamaram alguns que me escutam. O que eles ignoram é uma coisa bem simples: não se pode fazer o bem que se quer. O primeiro artigo que escrevemos preconizando a criação de um estabelecimento que englobasse a Medicina e o Espiritismo foi impedido de circular na revista *Estudos Psíquicos*. Quando a liberdade de expressão for uma realidade, então voltaremos à propaganda, certos de que alguma coisa se fará em benefício dessa legião de enfermos roubados à economia e aos ambientes familiares.

O Espiritismo tem realizado curas espantosas a que se rendem os cépticos mais obstinados. E quando os dois métodos terapêuticos se aliarem no combate às doenças mentais deixará de haver muitos «loucos» nos hospícios e na via pública. O que é preciso é organizar a Assistência Psíquica em moldes novos e racionais.

Adeus, amigo radiouvinte. Desculpa o arrazoado e até à próxima.

## A FIGURA PARADA

*Há desgostos providenciais que nos aliviam e salvam às vezes de tragédias irremediáveis. Foi o que se deu com a senhora K. Perrin, de 14, Fleck Street, Dan Piennaar, Bloemfontein, África do Sul, que descreveu o caso de uma aparição que lhe salvou o marido.*

*— Minha irmã — diz ela — despertou um dia e viu uma figura parada à entrada da porta, brilhante como se estivesse inteiramente coberta de fósforo. Ficou tão aterrorizada, que chamou minha mãe para ver o fenómeno, o qual se extinguiu em seguida. Mas ambas pensaram que era mau presságio para meu irmão que tencionava seguir numa expedição de pesca. Minha mãe sentira um vago pressentimento, quando ele lhe pediu que o chamasse muito cedo e por duas vezes hesitou em fazê-lo, acabando por não o acordar. Quando, mais tarde, meu irmão se levantou, mostrou-se aborrecido por não ter despertado e lhe ser impossível embarcar. Mas o seu desgosto foi consideràvelmente atenuado, embora com tristeza, ao saber que o barco se tinha afundado com toda a tripulação.*

*Teria aquela figura estranha aparecido no intuito de contribuir para que o irmão da articulista se não levantasse a tempo de seguir na expedição? É provável; de outro modo, não teria surgido no dia em que se deu o acontecimento.*

## A PROFECIA DE HENRI HEINE

*Juliette Laine escreveu numa revista inglesa que os historiadores se ocuparam sempre com enorme curiosidade da percepção extra-sensorial do grande poeta alemão Henri Heine, amigo íntimo do compositor de óperas Vincenzo Bellini. Uma noite Henri Heine assistiu a um serão em Pateaux, nos arredores de Paris, onde o músico vivia.*

*A meio da reunião, que decorria animadamente, o jovem compositor sentou-se ao piano para tocar uma das suas criações, quando Heine abandonou sùbitamente a sua cadeira, atravessou lentamente a sala e pôs as mãos sobre as de Bellini, interrompendo a execução numa brilhante passagem.*

*Toda a gente se entreolhou com surpresa e suspirou de horror, quando o místico alemão exclamou solenemente e sàdicamente:*

*— Meu amigo, prepare-se, que vai morrer brevemente.*

*Bellini desprendeu as mãos das de Heine e afastou-se apavorado. Este, em seguida, voltando-se para os convidados, prosseguiu:*

*— É lamentável que os génios morram frequentemente jovens! Lembrem-se de Rafael, Pergolesi, Mozart, Byron. E agora...*

*Bellini, lívido e descomposto, fez cruzes e figas, como faziam os Italianos para evitar ou neutralizar um «mau olhado».*

*Três dias depois, Bellini morria de inflamação intestinal. Tinha apenas 34 anos. A profecia de Heine era tràgicamente verdadeira...*

## «SILVER BIRCH» FALA...

*«Silver Birch», Guia espiritual do Grupo Espirita Familiar de Hannen Swaffer, de Londres, proferiu a seguinte invocação através da mediunidade de Maurice Barbanell:*

*«Ó Grande Espírito Branco, nós começamos em ti, no teu infinito poder que domina todas as nossas facetas! Tu és o autor e a génese de toda a vida, dominando, governando, sustentando e dirigindo com infinita sabedoria e amor!*

*«Nós somos as testemunhas vivas da realidade do teu poder que brota através de múltiplos canais, trazendo na sua esteira uma corrente de bondade para ajudar os velhos e os mártires, os aflitos e os cansados e todos aqueles que sentem a dúvida e o medo!*

*«Lutamos como sempre para estimular o conhecimento da tua Lei, sabendo que ao desviar das trevas as almas começam a viver e a compreender-se a si mesmas e a sentir despertar a divina consciência que lhes insuflaste!*

*«Num mundo amargurado e caótico e fratricida onde o egoísmo domina tantas vidas, nós lutamos para espalhar lições que ajudarão os teus filhos a cumprir a sua missão.*

*«Regozijamo-nos com o facto de as almas serem continuamente despertadas. A Religião começa a ter novo significado, nova finalidade e novo lugar em suas vidas. Para lá da doutrina e do dogma, elas vêem o princípio unitário do espírito, que faz de todos um só!*

*«Alegramo-nos com o crescente fluxo do teu poder, pois cada vez se forjam mais elos com os sábios do Além que nos manifestam parte do teu amor, através de instrumentos que se dedicaram a esse fim!»*

*Sim, a evolução vai-se exercendo vagarosamente, à margem da vontade. Tudo o que existe está na roda dentada e não pode regressar ao minuto anterior. Assim, de nada vale o esforço tradicionalista ante os factores que impelem a humanidade. O caminho é em frente, como vêm conclamendo os mentores espirituais nas várias regiões do globo. De resto, a luz é já tão forte, que só os cegos voluntários a não vêem. Mas vê-la-ão à força, quando ela jorrar de todos os quadrantes.*

## IMPRENSA EM DIFICULDADES

*A imprensa espirita luta com dificuldades, porque os espiritistas se desinteressam dela e compram os jornais profanos cheios de lugares comuns, sem vislumbres de espiritualidade. Nos jornais portugueses há desinteresse quase absoluto pelas investigações psíquicas. Páginas e páginas de anúncios dão a medida da sua preferência utilitária. E os espiritistas, repetimos, compram matutinos e vespertinos para ler os títulos e pô-los de lado, porque nada encontram que ilustre o entendimento e recreie a mentalidade. Compram a peso de ouro e vendem a peso de chumbo.*

*Então, porque se dizem espiritistas? Lembram-se do apelido, quando necessitam de cura e pretendem fugir aos consultórios? São adeptos de trazer por casa, como lhes chamou Tito L. Bancéscu. O essencial seria auxiliar as nossas publicações, que se encontram sacrificadas.*

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## SONHO OU PESADELO?

L. M. S. Alway contou no *Fate Magazine* um sonho estranho que vamos arquivar nestas colunas. Uma vez foi chamado a casa para tratar a mãe doente e enquanto lá esteve uma pobre rapariga suicidou-se, depois de abandonar a sua residência. Toda a população da localidade saiu em busca da tresloucada sem lograr qualquer pista, a não ser um velho par de sapatos que lhe pertenciam e que se encontravam junto a um monumento.

As marés foram vigiadas durante muitos dias, na expectativa de que se houvesse afogado e o mar lhe devolvesse o corpo. Tal não aconteceu, porém, e com o rodar das semanas julgou-se que as vagas a tivessem levado para longe.

No entanto o articulista mantinha a convicção de que o corpo se encontrava perto, visto que, na noite da tragédia, havia despertado de um sonho angustioso, no qual se via, ora passeando, ora correndo na estrada que liga à costa, com um casaco preto e um velho par de sapatos.

Nevara durante alguns dias e os seus pés molhados chocalhavam no gasto cabedal, tal a realidade do pesadelo. Quando chegou ao monumento deparou com os sapatos da rapariga e, num estado de horrível excitação, começou a correr em direcção à doca, onde se deteve no cruzamento das linhas férreas, olhando àvidamente em redor.

Depois atravessou a ponte que liga a doca interior à exterior, e desceu os degraus junto à Capitania e mergulhou no mar. A maré devia ter baixado, pois sentia o lodo no seu glu-glu e uma terrível sensação de sufocamento mortal. E despertou, gelado de terror.

No dia seguinte, ao contar o sonho, sua mãe disse-lhe que devia tratar-se de sugestão; mas quando se iam esquecendo da tragédia, um rapazito, ao subir os rochedos da Capitania, tocou com o pé num objecto que lhe pareceu um saco de areia e, com horror, viu o rosto de uma mulher a olhá-lo fixamente. Correu então, como louco, para junto do guarda-fiscal.

O corpo foi em seguida retirado e identificado como sendo o da rapariga. E Alway conclui:

— Teria ela tentado contar-me o que lhe sucedera, levando-me, no meu terrível sonho, ao local onde jazia?...

## FILME DE MAGIA NEGRA, HIPNOTISMO E ESPIRITISMO

*La Conciencia*, de Buenos Aires, diz que nos primeiros dias do corrente ano se exibiu na Argentina o filme «Uma cita con el diablo» (Uma entrevista com o diabo), cujo nome em inglês é «Curse of the demon».

Um psicólogo chega a Inglaterra por motivos de investigação e é vítima de um praticante de magia negra. O psicólogo mostra-se muito céptico a princípio, tanto que fala de fenómenos psíquicos e os considera absolutamente naturais.

«Há de tudo no filme: um papel que se move misteriosamente, um ciclone provocado depois de um coro astral, sons fortes semelhantes ao canto de milhares de grilos, um gato que se converte em felino muito mais feroz, um cartão que apresenta palavras escritas que desaparecem sem deixar vestígio, nuvens luminosas de fumo e pegadas circulares que se afundam no solo e fazem correr o investigador e a horripilante e gigantesca materialização de um espírito maligno. Tudo isto se vê do princípio ao fim».

E *La Conciencia* acrescenta:

«Quando o desconfiado psicólogo chega a Inglaterra pede-lhe em tom cordial que não seja muito severo com os espectros, visto que no país se crê muito neles. Mas o investigador considera tudo superstição ou sugestão. E é do mesmo parecer acerca dos discos voadores.

A meio do filme há uma sessão espirita. O médium é um homem que, em transe, muda de voz, segundo a entidade manifestante. Primeiro fala o seu guia, que é um pele-vermelha. Depois o médium fala com voz de criança, que diz procurar a sua boneca. Finalmente fala o espírito de um cientista amigo do psicólogo, que morrera em consequência da magia negra. Assinala-lhe o perigo que corre, mas o psicólogo acende bruscamente a luz com risco da saúde do médium e retira-se indignado, porque o levaram a presenciar o que ele considera um engano, embora lhe digam que o intermediário psíquico nada conhecia a respeito do amigo que se comunicou.

«Também submeteram um indivíduo ao sono hipnótico, mas, antes disso, fizeram-se comentários sobre as falsidades que os hipnotizadores costumam dizer, como afirmações de ter vivido noutros corpos. O hipnotizado indica ao psicólogo a maneira de salvar a vida. Mas, depois, por regressão de memória, obriga-se-lhe a ver uma cena que o levou a um estado perigoso (tinha visto a materialização) e tanto se assustou, que desatou a correr em transe hipnótico e saltou por uma janela, perdendo a vida na queda.

«A repetição destes factos convenceu o psicólogo e por último consegue salvar-se, mas o que o quis matar é destruído pela materialização».

Embora o filme seja interessante do ponto de vista metapsíquico, tem lacunas e afirmações que se não coadunam com a realidade dos fenómenos.

O cinema é largo campo de realizações, mas impõe-se melhor critério na apresentação dos temas. Que faria um mecânico, se realizasse documentários médicos? E um médico, se apresentasse documentários mecânicos? É preciso maior cuidado. De contrário, os realizadores farão obra deficiente e incoerente.

Estes assuntos são muito sérios e não podem ser tratados de ânimo leve, como teatro de *Gran-Guignol*. Infelizmente o cinema tem sido utilizado como veículo de propaganda negativa, fugindo assim à sua missão cultural. Apresentam-se questões transcendentes, à guisa de farsas ridículas, como se os espectadores fossem truanescos. As empresas produtoras não estão à altura de realizar filmes deste género, porque encomendam os argumentos a indivíduos impreparados e sem consideração pela cultura dos outros.

Em todo o caso, gostaríamos de

ver o filme em Portugal para melhor ajuizar do seu valor e da sua oportunidade.

## A LENDA DE TUT-ANK-AMON

*Voz Informativa,* da cidade do México, publicou a seguinte notícia:

«Desde Luxor que o Nilo se cruza para chegar ao chamado Vale dos Reis, depressão da cordilheira líbica, ao lado ocidental do rio, onde estão encerrados a maior parte dos faraós.

«As sepulturas são de fabulosas proporções escavadas na pedra a golpes de picão durante larguíssimos anos. Algumas são pequenas, como a de Tut-Ank-Amon, o jovem rei, cuja maior preocupação na vida foi preparar a sua sepultura e libertá-la dos ladrões de sepulturas de toda a espécie que tem havido em todos os tempos.

«Os tesouros que ali mandou encerrar estão guardados integralmente no Museu do Cairo, sem dúvida um dos mais aliciantes pelo belíssimo estilo que caracteriza os sarcófagos, móveis e objectos decorativos da época de Tut.

«A tumba deste rei é das poucas que os arqueólogos encontraram intactas. Foi de tal maneira protegida e dissimulada na terra pelos fiéis servidores que enterraram o monarca, que os ladrões de três mil anos não conseguiram encontrá-la.

«Uma estranha lenda rodeia a sepultura de Tut-Ank-Amon, que mandou gravar na pedra a seguinte legenda:

«— O crocodilo te despedace na água e te morda o escorpião na terra, se ousares profanar o meu sepulcro.

«Por estranha casualidade os dois descobridores desta sepultura na idade contemporânea, — Carter e Lord Carnavon — morreram em consequência da mordedura de um insecto venenoso.

«Deste modo se cumpriu a maldição de Tut. De tal forma este fenómeno impressionou o mundo moderno, que durante muito tempo a sepultura deste faraó esteve encerrada com a sua múmia numa sala especial do Museu do Cairo, onde só podiam entrar com autorização especial.

«Agora a múmia voltou à sepultura, dando assim a Tut-Ank-Amon um trato privilegiado entre os faraós, visto que todos os reis da sua dinastia permaneceram eternamente na morada que escolheram, para que seus corpos continuassem a viver depois da morte, entre o luxo e a magnificência que os rodeou em vida».

Não há muitos anos que a imprensa mundial se referiu às escavações arqueológicas realizadas na mencionada sepultura e às peripécias de índole dramática e misteriosa que rodearam a chamada profanação do templo faraónico.

Não foram apenas dois episódios que alarmaram os investigadores, mas sete ou oito vítimas caíram «imoladas à vingança daquela estranha personagem».

Em nossa opinião as causas ficarão durante muito tempo imersas em mistério, a não ser que os químicos descubram emanações tóxicas provenientes de qualquer lugar do sarcófago.

## SESSÕES DE VOZ DIRECTA NUM AVIÃO

A revista *Fate,* dos Estados Unidos refere-se ao livro de Lindbergue «O Espírito de São Luís», onde o autor fala de aviadores fantasmáticos que o ajudaram na sua rota aérea através do Atlântico, de Nova Iorque a Paris.

Lindbergue não identificou os auxiliares invisíveis, mas, depois, alguns médiuns conseguiram, no avião, receber comunicações de espíritos que deram nomes por *voz directa.*

A sessão realizou-se em 1936 sobre a cidade de Nova Iorque, conforme mencionámos no último número, a propósito do centenário de *Sir* Artur Conan Doyle, e os assistentes aéreos disseram que as vozes eram de Lincoln, Beachey, Floyd Bennett, Amundsen, Conan Doyle, Edison e Horácio Greeley.

O conhecido médium Artur Ford, que decifrou a célebre mensagem do prestidigitador Houdini, convenceu Maine Tafe, autora de «Station Astral» a colaborar na experiência de *voz directa.*

Antes do voo, os passageiros examinaram muito bem o avião, entre eles, Maina Tafe, Artur Ford, John Goldstrom, Dr. David Webster, Rita Olcott, a princesa Rospigliossi, Everett Britz, Jacob Padawer Meredith Hayes, Maria Schuman, Clara de Goldstrom e um jornalista da *Associated Press* e as *vozes* ouviram-se a 2.400 metros de altitude.

A voz de Conan Doyle foi reconhecida por pessoas que o conheceram em vida e era mais clara e forte. Notou-se que a clareza e a força aumentavam com a altitude.

Conan Doyle disse que era um grande êxito para os espíritos que podiam falar melhor aos terrícolas por entre as vibrações terrestres.

*La Conciencia,* de Buenos Aires, também se referiu a este acontecimento sem qualquer comentário.

Vê-se, pois, que não há distâncias para as entidades espirituais. Elas manifestam-se à margem da geografia, da astronomia e da climatologia. O que é necessário é haver canais psíquicos e ambiente espiritual.

## O SEMANÁRIO «TWO WORLDS» EM APUROS

Como dizemos noutro lugar desta revista, a imprensa espírita atravessa grandes dificuldades de ordem financeira e os seus leitores é que as podem debelar.

*Two Worlds,* por exemplo, anunciou que fechara o mês de Dezembro com um défice de 91 libras esterlinas, devido às enormes distribuições gratuitas que tem feito, as quais atingiram já a cifra de 172.000 exemplares.

A fim de pôr termo à situação passou a admitir donativos e alvitrou a conversão de assinantes em sócios vitalícios, com a contribuição mínima de 10 libras e meia. Deste modo passarão a receber o jornal gratuitamente durante a vida.

Mas o défice continuou a aumentar. De 91 libras passou a 129. Claro que estas contribuições representam crédito a longo prazo, que será pago com exemplares do jornal. São duas vantagens, uma para a empresa e outra para o assinante, que, ao mesmo tempo, tem a satisfação de poder auxiliar um órgão dos seus ideais.

Muitos assinantes ouviram o apelo. Presentemente já se reuniram 70 subscritores vitalícios, que entregaram perto de 60 contos à gerência do jornal.

*Two Worlds* vai no 72.º ano de publicação. Primeiro saía em Manchester, uma das maiores cidades inglesas, sob a direcção de Ernest Oaten. Agora circula sob a responsabilidade de Maurice Barbanell, fundador e primeiro director do *Psychic News,* o jornal psíquico de maior circulação mundial patrocinado por Artur J. Findlay, homem de vastos recursos que há tempos lhe garantiu a existência por meio de escritura pública.

Fazemos votos pelo êxito desta iniciativa. O magnífico semanário espírita não podia desaparecer e não desaparecerá, porque entre os seus leitores há espírito de auxílio.

*Estudos Psíquicos* encontra-se em condições idênticas. Muitos julgam que navega em mar de rosas, mas as dificuldades são enormes e tendem a aumentar.

Quando haverá mentalidade espírita em Portugal que permita sair deste círculo vicioso?...

## AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, o presidente da Direcção do Centro Espirita Luz e Amor realizou em 28 de Junho uma palestra intitulada «A Clarividência no Tempo», à qual presidiu o nosso amigo Dr. Ramos Pereira, que tem sido um operoso colaborador do Centro e desta revista.

A sua presença constituíu uma surpresa muito agradável para todos. Há tempos que se encontrava afastado, mercê de suas ocupações particulares, e voltou para marcar uma presença e demonstrar que não renegava a doutrina.

A sua palavra foi ouvida com muito agrado. Todos mataram saudades das suas antigas conferências, quando ele vinha ao Centro apresentar o resultado de meditações e lucubrações que tanta luz projectaram na consciência dos auditores.

O confrade Isidoro Duarte Santos entrou a seguir no assunto que ficara por ventilar na sua exposição «Os Mistérios da Clarividência», feita há meses no mesmo local e que despertou grande interesse.

Como não podia deixar de ser, o expositor socorreu-se do trabalho de vários investigadores, teósofos, espiritas e ocultistas, usando o vocabulário corrente, mas fazendo reservas judiciosas para não cair na confusão das ideias.

Apontou algumas circunstâncias em que os clarividentes exercem as suas faculdades, tratou largamente dos chamados registos *acásicos*, quer do ponto de vista *astral*, quer do ponto de vista *mental* e demonstrou que a idiossincrasia dos passivos tem enorme influência na tradução dos quadros reais ou simbólicos que se lhes apresentam.

Falando da *quarta dimensão* da matéria, disse ser difícil imaginar uma perpendicular às três dimensões conhecidas, para nos exprimirmos em linguagem física, e muito mais difícil seria se entrássemos na 5.ª dimensão.

Referiu-se depois à simultaneidade de passado e presente, baseado nas ideias de espaço-tempo e na propagação da luz estelar.

Apreciou em seguida certas particularidades da psicometria e a diferença entre clarividentes naturais e treinados e concluíu pela relatividade fenoménica que não permite conclusões perfeitas.

A regressão da memória valeu-lhe uma exposição muito interessante e levando a clarividência ao futuro apresentou temas curiosos e dignos de estudo.

O Dr. Ramos Pereira voltou a falar por largo tempo sobre a palestra realizada pelo Presidente da Direcção, comentando alguns passos e procurando esclarecer pontos que se mantêm na obscuridade.

Foi uma tarde cultural — digamos assim — que permitiu, como sempre, a livre discussão entre os assistentes, tornando a jornada mais variada e amena.

---

Isidoro Duarte Santos num dos seus últimos artigos de fundo em *Estudos Psíquicos*, referiu-se com a sua habitual clareza e objectividade à falta de novos elementos nas fileiras do Espiritismo. Sempre os mesmos a realizar conferências. E dizia que era preciso arejar as fileiras e que outros viessem preencher as lacunas, fazendo algo pela doutrina.

Como que respondendo ao apelo, alguns têm vindo até nós dar o produto do seu estudo e da sua dedicação. Depois de Túlio Augusto Rosa e Raul Ribeiro, tivemos no dia 12 de Julho a estreia do Dr. Joaquim de Albuquerque, confrade recente, mas que soube assimilar e exteriorizar as múltiplas facetas do ideal espirita.

Através da «Observação de Um Neófito, ou Como o Espiritismo se Apresenta à Minha Inteligência», tivemos ocasião de apreciar, além da sua palavra fluente e aliciante, as suas considerações lógicas baseadas na sua cultura universitária.

Servindo-se exclusivamente de raciocínios filosóficos demonstrou que o Espiritismo se apresenta em três facetas distintas e sobre cada uma fez brilhantes comentários.

Em dado momento afirmou que a religião não pode ser compreendida pelo homem ávido de ciência e de raciocínios concretos e por isso — afirmou — só o Espiritismo, por ser adogmático, se pode enquadrar, de direito e de facto, no campo actual do pensamento.

No final Isidoro Duarte Santos, Raul Ribeiro e António Cardoso fizeram várias considerações acerca do trabalho apresentado, sendo todos unânimes em considerar a estreia daquela tarde como verdadeiramente auspiciosa.

## FESTA DE ENCERRAMENTO

No próximo dia 2 de Agosto realizar-se-á no Centro a Festa de Encerramento dos nossos trabalhos, que reabrirão em Outubro. Todavia os sócios e os assinantes de *Estudos Psíquicos* serão atendidos em pagamentos de quotas e aquisições de livros, como habitualmente.

Durante a estação calmosa esperamos que os nossos amigos restaurem as forças abaladas por um ano de esforço contínuo.

Nós faremos o mesmo, se pudermos, porque a revista prossegue na sua faina divulgadora sem um momento de repouso. O ideal não manda parar, manda trabalhar e avançar até o último minuto.

## *Fundo de Beneficência*

*Mês de Julho* — Luís Fonseca, de Lisboa, 8$50; I. S., de Lisboa, 20$00; V. L., de Coimbra, 10$00; A. L., de Setúbal, 10$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Zétó, de Tavira, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 5$00; M. Teresa, de Ovar, 5$00; M. L., de Coimbra, 10$00; M. F., de Beja, 5$00; Margarida Maria, de Coimbra, 5$00; P. M., de Portalegre, 4$00; J. V., de Santarém, 5$00; Jaime S., de Viana do Castelo, 6$00; V. Santos, da Foz do Douro, 10$00; C. S., de Viseu, 5$00; M. Morais, de Bragança, 5$00. *Total — 128$50.*

# ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO — LISBOA, SETEMBRO DE 1959 — N.º 9

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa


# BOA VONTADE

Todas as causas necessitam de obreiros em posição dinâmica. Todas necessitam de arautos que as difundam, seja qual for o merecimento e a jerarquia. Recrutam-se em toda parte, no culto e no inculto, silenciosos no escrever, palavrosos no falar, influentes, dialécticos, capazes de convencer pelo verbo e pelo exemplo, na cátedra ou na oficina, no lar ou na sociedade, através de exposições lógicas ou conversações vulgares. O que é preciso é boa vontade.

Há doutrinas que só existem virtualmente. Fala-se delas, mas ninguém as sentiu, ninguém as viveu. Um dia talvez se agitem, dando-se a conhecer ao público. Por ora vivem em estado latente. O que exigem ainda não chegou. O progresso as tocará no momento psicológico. Não lhe poderão fugir.

No fundo, o que se requer é boa vontade que desdobre esforço, esclareça entendimento e abra veredas a corta-mato. É que não há barreiras que perdurem, quando o homem se movimenta no sentido do êxito.

— Se tivéssemos vontade suficiente — dizia La Rochefoucauld — quase sempre disporíamos dos meios necessários.

Faz lembrar o prolóquio: «O homem põe e Deus dispõe».

Se não orientarmos a acção, impulsionando-a fortemente e progressivamente, ficaremos nas obras vulgares. E lembremo-nos de que os realizadores nem sempre estão visíveis nas empresas. Há quem trabalhe na obscuridade e desenvolva actividades notáveis. A sociedade ignora esses campiões da boa vontade, mas distingue os seus feitos, proclama os seus resultados.

Dirão: «Mas há o cérebro que dirige». Sem dúvida. O cérebro é necessário. Que faríamos sem ele?

Mas o cérebro, por si só, não resolve o problema. Há questões de sentimento. O cérebro é elemento coordenador, mas não retém a vontade. Quantas vezes o cérebro ordena e a vontade não obedece?...

Na obra colectiva há cérebro geral e cérebros parciais que desempenham funções de grande alcance. Concatenam actividades que dão tonalidade à máquina.

Nunca se deve repelir a boa vontade. Lembremo-nos de outro aforismo: «Trabalho de menino é pouco, mas quem o perde é louco».

Quem não aproveita o braço que se oferece à obra poderá ser tudo, menos dirigente sensato. Mais vale um homem de vontade, que vinte mercenários sem ela. Trabalho de obrigação implica salário estipulado. A devoção, porém, não exige salário algum. Vai na própria vontade.

Verdadeiramente, não há trabalho duro. Os olhos é que têm medo dele, como dizem no Haiti.

Os olhos temem muita coisa e às vezes é preciso fechá-los para ver melhor. É que, não vendo, vêem...

Voltaire dizia a cada passo:

— Deus pôs a verdade nos nossos ouvidos e o erro nos nossos olhos.

Não sabemos em que difere a verdade dos olhos da dos ouvidos. São modos de apreciar o que nos cerca.

A vontade necessita de estímulo. Neste sentido os obstáculos são preciosos.

Frei Gabriel Teles compôs a seguinte quadra que ninguém deveria esquecer:

> Quando uma roda é quebrada
> no relógio da vontade,
> só pode ser consertada
> com muita dificuldade.

Procuremos obreiros de vontade decidida para erguer novos baluartes. Quando chegarem, se adaptarão à sua faina. E tudo chegará a bom termo.

Conhecemos um motorista que faz mais propaganda que alguns doutores. É homem de boa vontade.

# Parapsicologia e Realidade da Alma

Por DEOLINDO AMORIM
(correspondente no Rio de Janeiro)

Creio que não há, presentemente, entre os actuais estudiosos do Espiritismo e das ciências afins, quem não conheça, pelo menos em parte, a obra do engenheiro José S. Fernández, um dos mais ilustres espiritas da Argentina. Como ele, a quem poderemos chamar o *Delanne Argentino*, temos o nosso *Carlos Imbassahy*, já citado, entre nós, como o *Bozzano Brasileiro*. São, inegàvelmente, duas das mais sadias expressões da cultura espirita na América. A obra de Fernández, como a de Imbassahy, abrange o campo fenoménico e o campo doutrinário, especialmente no terreno da reencarnação. Como engenheiro e antigo professor de Física, tendo formação positiva, portanto, Fernández já chegou, até, a utilizar a matemática para a demonstração de teses inerentes à fenomenologia psíquica (Estou empregando a expressão «fenomenologia psíquica» no sentido geral, uma vez que dentro desta classificação, aliás muito ampla e sem definição específica, podemos entender diversos grupos de fenómenos). De um modo geral, o Dr. José S. Fernández, a quem tanto já deve a cultura espirita neste continente, estuda os fenómenos com o verdadeiro espírito científico, porque dos fenómenos psíquicos mais comuns à alta esfera dos fenómenos que servem de objecto ao Espiritismo.

Espirita convicto, tendo levado para o campo do Espiritismo a mentalidade e a disciplina mental do homem de ciência, sempre afeito às demonstrações, o nosso confrade argentino aceita o Espiritismo com os seus três aspectos inseparáveis — científico, filosófico e religioso — tal qual se nos apresenta a doutrina, através da Codificação de Allan Kardec. Tem, no entanto, mais inclinação para o lado científico, talvez por influência de sua formação intelectual, e é este, sem dúvida alguma, o seu domínio próprio, a seara em que deve ter sido colocado, nesta existência, para realizar a grande missão de trabalhar pela espiritualização dos homens de ciência, libertando-os, tanto quanto possível, dos reflexos materialistas e dos preconceitos ortodoxos. Seus trabalhos sobre a reencarnação, por exemplo, são apoiados na metodologia científica. Um desses trabalhos é a tese que, juntamente com o nosso culto confrade Cristóforo Postiglioni, apresentou ao *2.º Congresso Internacional para o Estudo da Reencarnação*, reunido em Buenos Aires, em 1956. Pena é que Fernández ainda não tenha tomado a deliberação de escrever um livro integral, do tipo das obras de Gabriel Delanne, Geley, Imbassahy ou Bozzano. Material, e do melhor, estou certo de que lhe não falta. Porquê, pois, não se decide a fazer uma obra especial, para ficar no património da literatura espirita, como fonte de consulta? Seria, sem a menor dúvida, uma realização marcante e bem à altura de sua capacidade. Os numerosos trabalhos de Fernández se dividem, principalmente, em teses e conferências, alguns deles já publicados em opúsculos e monografias.

Prefiro tratar, neste artigo, apenas do último de seus estudos: «Parapsicologia e Realidade da da Alma». É uma conferência, pronunciada há pouco tempo, no Instituto de Estudos Superiores de Montevideu, para encerrar um ciclo de estudos sobre problemas atinentes à alma. O Instituto é uma dependência da Universidade Nacional do Uruguai. Coube-lhe a prebenda, não muito fácil, de falar sobre o problema da sobrevivência da alma em ambiente universitário. Fê-lo com toda a felicidade, atendo-se aos dados científicos, sem discutir pontos de fé, no que, aliás, andou muito bem. O essencial da tese é demonstrar que não é mais possível, hoje em dia, à luz de tantas observações e experiências, querer negar a sobrevivência do princípio espiritual fora do corpo. Este princípio é o que se chama claramente *Espírito*, para o Espiritismo, como também se chama apenas a *mente*, no vocabulário da Parapsicologia, conquanto a designação de *mente* pareça menos adequada. A escola norte-americana, com o Prof. Rhine à frente, prefere dizer, por enquanto, que existe no homem aquilo que se denomina a *mente*, fora e acima da organização cerebral, e essa *mente* pode ter acção positiva sobre o corpo, como pode produzir fenómenos de percepção extra-sensorial (fora dos sentidos físicos), como de movimentos de objectos sem contacto, etc. A escola metapsiquista de Geley, na França, optava pelo termo *dinamopsiquismo*, ao mesmo tempo em que outras correntes falam em *psique*, etc., etc., para designar a alma humana. Seja como for, apesar de todos os cuidados, todos os eufemismos para não falar em *Espírito*, a realidade é uma só: existe, no homem, um espírito inteligente ou alma individual, independente do cérebro ou do sistema nervoso.

Foi isto, exactamente, o que o nosso confrade e engenheiro José S. Fernández se esforçou para demonstrar em sua magistral conferência, embora usando os termos da Parapsicologia.

Seguindo o processo lógico de começar pelo mais simples ou pelo que está mais próximo, para chegar, depois, ao mais complexo e ao que está mais longe, enumerou uma série de factos em que se prova a independência entre a alma e o corpo: fenómenos de criptestesia, dupla vista, premonições, aparições de vivos, etc. Já nessa ordem de fenómenos, os argumentos em favor da tese imortalista do Espiritismo são muito fortes; logo depois ainda se abre outro campo de investigações também positivo, porque atinente aos fenómenos pròpriamente mediúnicos ou de «além túmulo», na linguagem popular. São os casos de psicografia, xenoglossia e tantos e tantos outros. Começando, como se vê, pela fenomenologia psíquica mais geral, vai encontrar argumentos, aí mesmo, para afirmar a sobrevivência da alma fora do corpo, sem ser necessário, nesse passo, invocar os testemunhos que nos falam de outro tipo de fenómeno, como materialização, voz directa, etc. A tese de Fernández vai encontrar-se com a de Bozzano: o próprio animismo, que é apenas um capítulo do Espiritismo, já é suficiente para provar a tese da sobrevivência da alma e, com isto, provar o Espiritismo.

Considero oportuníssimo o trabalho de Fernández, principalmente, porque na Europa e na América, inclusive na própria Argentina, uma corrente de parapsicologistas, da qual o ilustre confrade argentino já se afastou, continua insistindo na teimosia de querer explicar os fenómenos psíquicos dentro da concepção materialista. Foi justamente por causa disto que surgiu, em Buenos Aires, o *Colégio Argentino de Estudos Psíquicos*, de fundação a bem dizer recente, a fim de congregar, no estudo e nas experiências psíquicas, os elementos que, não concordando com a orientação materialista, defendem a tese espiritualista. Se, por um lado, já se identificam parapsicologistas francamente favoráveis à sobrevivência da alma, também é certo que, por outro lado, ainda se encontram parapsicologistas irredutíveis em suas ideias materialistas. Ficam na mesma posição de muitos metapsiquistas, ainda hoje: aceitam os *factos*, reconhecem e afirmam que esses factos ultrapassam a esfera dos sentidos normais, mas não admitem a existência do princípio espiritual...

Na França, igualmente, a Parapsicologia, pelo menos em parte, tomou uma direcção propensa ao materialismo. O grupo de Rhine e o grupo francês não combinam bem, a julgar-se pela discussão que, não faz muito tempo, se desenvolveu na revista *La Tour Saint Jacques*, em 1956. Há na França, inegàvelmente, um grupo que pretende enquadrar a Parapsicologia no esquema do materialismo, o que, aliás, é contra-senso, porque a Parapsicologia leva justamente à tese contrária. Ainda há pouco tempo (já citei este facto em artigo publicado no jornal *O Espirita Fluminense*, de Niteroi), esteve no Rio de Janeiro um parapsicologista espanhol — Prof. Rapallo Ronco — e declarou, no *Instituto de Cultura Espirita do Brasil*, que poderia demonstrar, por várias experiências, que, através da Parapsicologia, a regressão da memória provaria a reencarnação. Por isto ou por aquilo, a Parapsicologia, no momento, está dividida em dois campos: o dos que admitem a existência do princípio espiritual para explicar os fenómenos *inabituais* e o daqueles que, ainda presos ao materialismo, pretendem até negar a comunicação dos espíritos em face de certos fenómenos. Vê-se, por aí, o valor de uma tese como a de nosso canfrade Fernández, defendendo uma posição inteiramente espiritualista para as conceituações da Parapsicologia.

É preciso, sem perda de tempo, frisar bem um ponto, que me parece indispensável. A Parapsicologia não deve nem pode ABSORVER o Espiritismo, porque o Espiritismo, como já disse Fernández, e disse muito bem, é uma «doutrina integral», enquanto a Parapsicologia é apenas uma escola científica na qual se estuda e perquire tão sòmenete o aspecto experimental da fenomenologia psíquica. A Parapsicologia representa uma *parte*, como a Metapsiquica, porque se atém ao fenómeno puro e simples, sem lhe deduzir consequências filosóficas, mas o Espiritismo é o TODO, porque abrange o fenómeno, a doutrina e as consequências. O Espiritismo não poderia, portanto, ser incluído na Parapsicologia, mas, pelo contrário, a Parapsicologia é que, apesar de sua terminologia própria, não passa, na realidade, de um campo de estudo já explorado pela investigação espirita. Embora seja considerada uma ciência autónoma, a Parapsicologia não trás nenhuma novidade para o Espiritismo, visto como os fenómenos chamados *paranormais* ou *supranormais*, tenham o nome que tiverem, recebam a interpretação que receberem, já estão catologados na fenomenologia espirita, em dois campos, que, sendo distintos, não se contradizem, mas antes se completam: o animismo e o mediunismo. A Parapsicologia tem ermos novos, pode adoptar técnica especial, mas os factos são sempre os mesmos e o Espiritismo já firmou doutrina sobre todos os fenómenos que, agora, estão sendo objecto de discussão entre os parapsicologistas.

# PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

## (15) A MODIFICAÇÃO DO HOMEM

Estas palestras foram improvisadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

*Os carácteres humanos são verdadeiros edifícios mentais. Forjam-se dia-a-dia no esforço, nas prevenções, nas dúvidas e são reflexo de batalhas subjectivas em que tudo se modifica paulatinamente até à transformação relativa no campo das ciências, das letras, das artes, da técnica e até da religião.*

*A crença no sobrenatural e o receio do desconhecido engendram superstições baseadas em pequeninas coisas. Um dia 13, uma sexta-feira, passar sob um andaime constituem problemas transcendentes que exigem respeito e submissão.*

*Já contei o caso de certo professor universitário que era supersticioso. Um dia o filho saíu de casa para fazer exame de electrotecnia e o pai advertiu-o em atitude grave:*

*— Sai de casa com o pé direito e não passes por baixo de algum andaime...*

*Mas o filho era homem moderno e saíu de casa com o pé esquerdo. E foi direito ao primeiro andaime que encontrou, olhou para trás, viu o pai à janela e passou debaixo do balcão que sustinha os operários.*

*Como se calcula o pai ficou irritado e furioso. E quando o filho voltou trouxe consigo uma nota positiva. Trouxe uma distinção.*

*O velho professor, embora tivesse o cérebro desenvolvido, era vítima de crendice fascinadora.*

*Mas — dizia eu, ou queria dizer — o corpo é obra do pensamento. O perispírito é o mediador plástico; e o espírito, quando reencarna, serve-se dele para modelar a forma somática, sempre de harmonia com o temperamento e a evolução.*

*O equilíbrio ou desequilíbrio orgânico também têm origem mental.*

*Assim, quem souber utilizar essa força oculta que existe em nós poderá transformar-se inteiramente.*

*Já o disse aqui — querer é poder — e todos poderemos, se soubermos querer.*

*Vejamos — por exemplo — como o temor modifica o rosto da criatura. Não é preciso ouvir depoimentos. Vê-se logo, quando se está cheio de receio ou de pavor. É que este estado de alma estampa-se no semblante e varia, conforme o carácter do indivíduo, chegando a produzir efeitos sensacionais no mundo psicológico.*

*Luís da Baviera mandou matar a esposa por infidelidade e quando soube da sua inocência embranqueceu ràpidamente.*

*Carlos 1.º de Inglaterra tentou fugir do Castelo de Karlsbruck e também lhe embranqueceram os cabelos numa noite. E o mesmo sucedeu a Maria Antonieta, quando foi condenada à guilhotina.*

*No primeiro exemplo preponderou o sentimento de injustiça; no segundo e no terceiro preponderou a ansiedade e o medo.*

*Lembro-me de um episódio célebre passado com o grande fisiologista Charles Richet. Trata-se de um caso de morte por sugestão, no qual um condenado à morte serviu de cobaia. Vendaram-lhe os olhos e disseram-lhe que lhe extrairiam quatro litros de sangue. Se resistisse, a pena seria comutada. E de olhos vendados, o homem submeteu-se à experiência.*

*Colocaram-lhe uma seringa na coxa e fizeram-lhe gotejar sobre a epiderme um líquido viscoso da consistência e temperatura do sangue, para que sentisse a impressão de que lho extraíam.*

*O médico-ajudante disse baixinho a Richet:*

*— Quatro decilitros...*

*— Veja o pulso — respondeu o fisiologista.*

*— Está a fraquejar...*

*Falavam em surdina, mas de modo que o passivo pudesse ouvir as palavras.*

*E foram continuando e o «sangue» a correr na epiderme e ele a sofrer lentamente as injunções de extracção de sangue inexistente...*

*Em certo momento disse o ajudante:*

*— Não resiste... É impossível. Tirámos três litros. O pulso está fraquíssimo...*

*Alguns segundos depois o condenado exalou o último suspiro e passaram-lhe a certidão de óbito.*

*Verifica-se, pois, que o pensamento é um grande arquitecto, o arquitecto do organismo somático. Mas já Sampaio digia que a renovação do espírito transforma o homem.*

*Na verdade, todos lhe sentimos o efeito. Vivificando e renovando o pensamento fortalecemos a máquina celular.*

*Carrel demonstrou que o estado espiritual altera a composição do sangue. O resultado das suas experiências foi concludente. O homem pode modificar o seu metabolismo e até suicidar-se por intoxicação mental.*

*A vida vegetativa é também comandada pelo cérebro e este comandado pelo espírito, que preside, por sua vez, ao mundo mental. Então a mudança do homem pode fazer-se através do pensamento.*

*De resto, o organismo está sujeito a contínua renovação celular. Amanhã seremos diferentes do que somos hoje. Combustão é renovação. Somos outros, sendo os mesmos. Isto prova que o espírito, intrìnsecamente ligado ao corpo, é diferente deste. E a renovação espiritual, que todos almejamos, pode vir da própria meditação.*

*Se pensarmos que a nossa vida é errónea e idealizarmos vida nova, poderemos alterar o rumo e modificar até a estrutura orgânica.*

*Basta a leitura de um livro. «O Livro dos Espíritos», cujo primeiro centenário foi comemorado em 1957, abre novos horizontes ao leitor. A vida total alarga-se além da morte. Dá-se*

*a derrocada do medo. Porque a maioria dos homens têm medo. Estão na vida e não sabem vivê-la. Não a sentem, não vibram, não querem sacrificar-se e fogem-lhe covardemente, como Antero, Camilo, César Machado, Stefan Zweig e outros. Grandes mentalidades, não souberam identificar-se com a existência.*

*Quando aquela derrocada nos torna visceralmente fortes, quando saímos do calabouço terreno e somos impressionados mais vivamente, mais intensamente por aquilo que nos cerca, a natureza é mais bela, mais grandiosa, mais sublime e já não há pensamentos negativos em nossa mente. Dá-se a modificação do homem.*

*O cérebro pode alterar algumas partes do organismo, mediante esforço próprio. Há indivíduos cujas faculdades mentais se desenvolveram pelo exercício. E tornaram-se normais, capazes de impulsionar uma ideia.*

*Mas para isso é necessário cultivar a atitude vitoriosa. Nada temer, nada recear, avançando como triunfadores.*

*As crianças devem ler a biografia dos grandes homens e adquirir as suas qualidades. Basta pensar nelas, porque a força do hábito modificará para melhor os seus atributos precários. Sobretudo é preciso ter coragem, encarar de frente os acontecimentos e que o homem se capacite de que cumpre uma missão.*

*É axioma muito conhecido, isto da função fazer o órgão. Claro que um órgão atrofiado acabará por ter disfunção permanente. É como se não existisse. E com o cérebro dá-se um caso semelhante.*

*O cérebro humano primitivo era muito imperfeito com relação ao cérebro actual, porque as exigências orgânicas limitavam-se ao estômago e ao sexo. O resto era ainda ignorado.*

*Mas a civilização foi-se desenvolvendo e o cérebro evolucionou para acompanhar a diversidade da vida. Ou talvez não, como diria Pirandello.*

*É o caso das árvores e da chuva: chove, porque há árvores; e há árvores, porque chove.*

*Não há dúvida. O cérebro do homem dinâmico é diferente do cérebro do cavador de enxada. A vida citadina transforma o camponês, fá-lo sair do ramerrão mental, obriga-o a maiores preocupações, a maiores movimentos, a percepções mais vivas. Já não é camponês. É um homem diferente. Deu-se nele a modificação, porque o cérebro se adaptou a todo o esforço e a todo o conhecimento. Tem caracteres multíformes, segundo a posição: um padre, um médico, um artista, um escritor. Qualquer deles terá cérebro específico, pois até na fisionomia se reflectem as preocupações mentais.*

*Um padre que exerça o ministério vinte ou trinta anos pode abandonar os hábitos, que a profissão lhe ficará no rosto e até no próprio olhar. Um actor terá os mesmos reflexos, sobretudo na atitude e na conversação. Por este motivo, nenhum actor teatral se adapta bem ao cinema, onde são diferentes as condições histriónicas. Habituaram-se a novas inflexões. É o órgão e a função.*

*As células córneas diferem das outras, devido à função que desempenham. A função é que as estrutura no conjunto orgânico.*

*De onde se conclui que se pode modificar o homem, imprimindo-se-lhe acção mental.*

*Os comerciantes cultivam a sagacidade nos negócios. Os políticos, ao invés, adquirem habilidade e penetração na coisa pública. O camponês poderá ser doutor, mas ficará camponês, se não for estimulado.*

*Todos possuímos faculdades adormecidas à espera de estímulo. Todos, sem excepção. Um estudante de Direito pode ter notas medíocres e ser um grande talento. Se o mudarem de curso revelar-se-á imediatamente. As modificações realizam-se, desde que se utilizem a fundo os nossos poderes mentais.*

*Todos possuem esses poderes. Os novos e os velhos. Os fortes e os fracos. Os belos e os feios. Todos têm forças latentes à espera de se manifestarem no mundo interior.*

*Vindas à superfície servem de alavanca aos nossos objectivos.*

*William James dizia que o homem deve tornar leve o pensamento e deixar nele o seu destino. Esta afirmação serve de base a uma ideia: todos os pensamentos humanos têm permanência dentro e fora de nós. E o rifão «palavras leva-as o vento» é conceito de ignorância, porque tudo o que se pensa, perdura.*

*O homem é o que pensa e o que come, como disse na última palestra. Pensemos fortemente na mudança para melhor e o cérebro será inteiramente impressionado. Teremos feito uma grande corrida na competição mental e espiritual. Seremos novas criaturas ao serviço da humanidade. E todo o esforço que fizermos será bem aproveitado.*

*Abandonar as paixões, o desejo e tudo o que infelicita e trocá-los por coisas belas, nobres e positivas é o que deve fazer aquele que ainda não se modificou, mas que pensa em modificar-se.*

*É o que deveríamos fazer todos.*

*Há quem queira muito em pouco. Seria, realmente, o ideal. Devemos, porém, contentar-nos com o pouco em muito. Se todos os dias fizéssemos um pequenino esforço, ao cabo de um ano seria grande e poderíamos ganhar asas que nos levassem a grandes alturas.*

*Poderíamos então afastar-nos de certas coisas mesquinhas e encarar de frente os grandes problemas universais.*

**I. D. S.**

# AS MULHERES POBRES

**Eu tenho pena das mulheres pobres.**
**Coitadas, sofrem tanto,**
**Vivem amarguradas,**
**Têm sempre os olhos húmidos de pranto!**

**Que profunda tristeza há em seus rostos!**
**Não se passa um só dia**
**Em que essas criaturas**
**Não sofram um tormento, uma agonia!**

**Bahia - 1949** **PAULO ALBERTO**

# Charles Richet e o Espiritismo

Por ARMANDO DONNAY

III

Examinemos alguns parágrafos desta obra («A Grande Esperança»). Falemos primeiro sobre a realidade dos fenómenos, a favor dos quais ele invoca (pág. 110) aquilo a que chama argumento de autoridade, dado o número de sábios que os estudaram.

— É preciso — diz ele — (pág. 118) uma fé robusta, embora injustificada, nos miseráveis dados actuais dos nossos sentidos e das nossas ciências para negar qualquer coisa *a priori*, tanto mais, que *nada há de contraditório*, simplesmente os fenómenos são novos e inabituais. Não é questão de absurdo, mas de *não conhecido*.

A propósito da mediunidade poliglota diz a pág. 262:

«Que o médium fale muitas línguas que em estado de vigília desconheça é verdadeiramente maravilhoso. *E, de facto, a explicação espirita é a mais aceitável!*».

Examina também os casos emocionantes de aparições de defuntos no leito da morte reunidos por Bozzano (págs. 226-228):

«Entre estas aparições de fantasmas as mais notáveis são aquelas em que o vidente é uma criancinha».

E cita três casos:

«1.° — Rey, de 2 anos e sete meses, vê o seu irmãozinho a chamá-lo no momento da morte.

«— Mãezinha — diz ele — o mano chama o Rey e quer levá-lo...

«Outro dia diz:

«— O mano sorriu-se para Rey e quis abraçá-lo...

«Dois meses depois morria o pequenino Rey».

«2.° — Um mês após a morte de uma tia que adorava, uma garotinha de 3 anos e 3 meses foi à janela e olhou fixamente, exclamando:

«— Mãezinha, olhe a tia Luísa a chamar-me!

«Isto repetiu-se três vezes. Três meses depois a menina caíu doente e disse à mãe:

«— Não chore, mãezinha. A tia Luísa chama-me. Como isto é lindo! Há muitos anjos com ela.

«A pobre criança morreu quatro meses e meio depois de sua tia».

«3.° caso — Uma garota de 3 anos, ao lado de seu irmão moribundo, chama sua mãe.

«— Mãezinha, ao lado do mano há senhoras bonitas que me querem levar.

«Momentos depois expirava.

«Apelo para todo o meu racionalismo e parece-me impossível negar que, no momento da morte e a anunciá-la, *há seres sobrenaturais, ou sejam fantasmas de realidade objectiva*. É certo que só são vistos por uma criança e não por outros assistentes. Mas não é absurdo supor que as crianças numa espécie de transe (agonia espirita, se quiserem) podem ver seres que os outros não vêem».

Sente-se que Richet é tocado por estas manifestações. As crianças de menos de 5 anos ignoram o que é a morte e não podem sugestionar-se a ponto de ser alucinadas.

Richet engana-se, quando diz que outras pessoas presentes nada vêem. Há numerosos casos de aparições de falecidos no leito mortuário observados colectivamente ou sucessivamente por muitas pessoas e casos de aparição de falecidos a seguir à morte, igualmente observados.

Numa palavra, se Richet se revolta contra a teoria espirita é obrigado a reconhecer que em certos casos era *a mais simples e natural*.

Reconhece também que a hipótese segundo a qual estes factos são de natureza *exclusivamente humana* encontra *enormes dificuldades*.

Richet trata de outro assunto importante (pág. 19-20):

«Há milhares de planetas imensos girando em torno de milhões de estrelas suspensas na abóbada celeste. Pois bem; só conheço um deles. É a Terra em que eu e tu vivemos, e noto que *é habitada por seres inteligentes:*

«Devo então supor que é a única que possui esta vantagem, se é que é vantagem?

«Façamos uma comparação impressionante. Eis um saco opaco e fechado com um milhão de bolas talvez de diferentes cores que eu ignoro inteiramente. Tiro uma ao acaso. É vermelha. Não seria *enormemente absurdo* supor que entre as outras 999.999 só houvesse uma vermelha?».

Não sei se vós pensais como eu. Os dois parágrafos que acabo de ler provam que Richet admite a pluralidade dos mundos habitados.

No mesmo livro (pág. 278) Richet escreve:

«Só há vibrações etéricas no imenso cosmos e dessa frequência vibratória é que surgem os fenómenos luminosos, eléctricos, atractivos, calóricos e materiais. A nossa vida e a nossa consciência devem ser talvez vibrações análogas. Ora *as vibrações não desaparecem*. Os mares ainda estremecem com a esteira dos navios de Cleópatra. *A nossa consciência, vibração etérica misteriosa, não desaparecerá então?*».

Gabriel Delanne, na sua obra magistral «A Evolução Anímica», que constitui por si só um verdadeiro monumento, estuda o perispírito e fala-nos do seu movimento vibratório. Bozzano fa-

la-nos também da tonalidade vibratória do perispírito.

Sublinho a pergunta de Richet: *A nossa consciência, vibração etérica misteriosa, não desaparecerá?*

Ele refere-se claramente à sobrevivência. Falando da morte (pág. 49), afirma:

«Além disso, nada nos diz que na morte acaba tudo. Pelo contrário, há razões para crer que nos movemos num sonho e que *ao despertar teremos magníficas surpresas*».

E termina «A Grande Esperança» dirigindo-se ao leitor (pág. 292):

«Tu existes para que teus filhos saibam. Se o souberem encontrarão a felicidade. Não é apenas o teu dever; é também a tua esperança. Reflete bem nisto: fazendo assim, pensando assim, construirás a felicidade dos teus irmãos e a tua própria felicidade. Diminuis a servidão dolorosa da vida e *quando a morte vier poderás adormecer serenamente (para depois despertar)*».

Na verdade, este parêntese é significativo.

Mas ele diz ainda (pág. 280):

«E porque a vida é como um sonho e factos estranhos nos autorizam a esperar um futuro melhor, e *porque podemos verosimilmente contar com a benevolente colaboração das forças misteriosas que palpitam à nossa volta(?)*, é necessário merecer esse futuro e ser digno dessas forças. Contra a ignorância e o ódio devemos erguer o culto da verdade, da justiça e do amor. Saibamos amar o bem e repetir o mal».

Existe, porém, uma prova formal de que Richet admitia a sobrevivência da alma (*Psychic News*, de Londres, 30-5-1936).

Durante anos manteve correspondência permanente com Bozzano e, na qual discutiram os fenómenos anímicos e espiritas. As obras de Bozzano, trasbordando de provas cumulativas, convenceram Richet de que a alma sobrevivia à morte do corpo somático.

Nos últimos meses da sua vida Richet ofereceu a Bozzano um livro com a seguinte dedicatória: «Ao meu sábio e valente amigo Ernesto Bozzano, com simpatia *crescente*».

— Como esta palavra estava sublinhada — disse Bozzano à senhora E. Maude Bubb — fiquei surpreendido e deslumbrado. Pensei logo que o facto devia ter importância teórica superior à de uma simples apreciação pessoal. Não pude deixar de exprimir tìmidamente ao professor Richet a *esperança que aquele sublinhado fazia nascer em mim.* E escreveu-me uma carta onde se lia a palavra «Confidencial». Começava por analisar uma nota minha relativa em que eu pusera a questão de saber se haveria livre arbítrio condicionado por um destino circunscrito que controlasse a nossa vida».

Eis a carta:

«*Confidencial* — Meu eminente colega e amigo:

«*Sou inteiramente da sua opinião.* Não creio na explicação simplista de que os acontecimentos da vida e sua direcção sejam devidos ao acaso, embora não o possa demonstrar. Há um *fatum*, isto é, uma força que nos conduz e nos guia onde quer por caminhos bizarros e ocultos. Mesmo fora disso há coincidências tão impressionantes, que é difícil não ver nelas uma espécie de intenção (De quê? De quem?).

«*E agora explico-me inteiramente: É verdade o que você supôs. O que nem Myers, nem Hodgson, nem Hyslop, nem Sir Oliver Lodge conseguiram, conseguiu-o você com as magistrais monografias que eu leio com religiosa atenção. Contrastam admiràvelmente com as nebulosas teorias que envolvem a nossa ciência.*

«Creia-me, com a maior simpatia e *reconhecimento*. — Charles Richet.

Esta carta mostra-nos que devemos classificar Richet entre os sábios que aceitaram a sobrevivência da alma.

Por minha parte estou convencido de que sempre a admitiu, ainda que o não tivesse declarado pùblicamente. Como sócio do Instituto de França, não podia ter ido mais longe. Mas como sábio que deve colocar a verdade acima dos preconceitos, não cumpriu inteiramente o seu dever, porque ocultou a tese espirita e tal fraqueza é deplorável. Tinha falhas como todos os homens e as suas fases dubitativas constituem um fenómeno profundamente humano e psicològicamente normal.

Richet morreu em 1935. A sua preciosa inteligência e a sua obra permanecem imortais.

*Je dis que le tombeau qui sur les*
*[morts se ferme*
*Ouvre le firmament;*
*Et que ce qu'ici bas nous pre-*
*[nons pour le terme*
*Est le commencement.*

(O túmulo que se fecha sobre os mortos abre o firmamento e o que tomamos por termo é o começo).

Sendo a morte uma libertadora podemos dizer sem errar que, no Além, Richet continua o seu trabalho ao lado de Lodge, Bozzano e tantos outros, além do seu amigo íntimo Jean Meyer, no intuito de fazer triunfar a verdade e desenvolver o movimento espirita.

**(De «Spiritualisme Moderne», traduziu C. A.)**

## PERGUNTA À TUA ALMA

**Cumpres a obrigação de cultivar o espírito? É a companhia dos bons livros que tonifica a tua vida? É na fonte imortal da música elevada que te abeberas? Estudas para te instruir, para te informar do que deixaram os que te precederam como membros da família humana? Conheces o roteiro da tua vida? Preocupaste-te alguma vez em saber de onde vieste e para onde vais? Não? Então não viveste, não aproveitaste os teus dias.**

**ANA DE GÓMEZ MAYORGA**

# A IDEIA DE DEUS

*Por CYRILO ALEIXO*

II

Segundo os mais altos ensinos do oriente, os universos não passam de criações mentais do Absoluto, pensamentos-formas em sua mente ilimitada e dinamizada por seu espírito infinito.

Considerando bem o assunto, conclui-se que Deus há-de estar infalìvelmente em suas criações mentais e que a única realidade existente é o espírito do Absoluto contido nesses pensamentos-formas, o Eu real dos seres, com o qual somos «um com o Pai».

Em todos os tempos e por toda a parte, sentiu o homem necessidade de se elevar acima de tudo que é relativo e transitório, em busca de algo superior, incessantemente impelido, sob a acção de forças ocultas e poderosas, para o grande foco de onde proveio. E assim apareceram as grandes religiões do passado, firmadas em verdades profundas, que, desafiando os milénios, até nos chegaram com seu brilho ofuscante, de carácter sempre actual, por reflectirem as suaves claridades da Fonte Original, eterna e imutável.

Dois aspectos apresentavam essas religiões de outrora: exterior e público, um, interior e secreto o outro e apenas reservado aos iniciados, àqueles que já estavam em condições de compreender os profundos ensinamentos nelas condensados.

A forma ou a letra de um lado e a essência ou o espírito do outro.

A religião, do latim *religare*, (ligar, unir) é para o homem uma necessidade imperiosa no seu mais alto significado. Sem ela, a alma mergulha no vácuo, pelo enfraquecimento dos laços que a ligam à Fonte Inicial, sentindo-se a falta de qualquer coisa, impossível de precisar.

Mas por religião não devemos entender sòmente um conjunto de certas formalidades rituais, e antes a constante comunhão com o Pai, mediante submissão à sua vontade e através do amor devotado a toda a criação, sem preocupação de outro culto que não seja o de honrá-lo com pensamentos e acções, moldados em seus estatutos de luz.

É fácil o mundanismo abafar por algum tempo essa solicitação interna e é o que sucede quando nos aturdimos no torvelinho do mundo; mas, mais cedo ou mais tarde, depois de termos assistido ao aniquilamento das ilusões colhidas naquela corrida para o vácuo, a alma retorna à sua condição de insatisfeita, continuando a sentir a falta de qualquer coisa que não pode definir.

A religião é qual mágica corrente, ligando as criaturas ao Criador, por onde constantemente flui o alento indispensável à execução da tarefa que a cada um coube segundo as directrizes do absoluto e sem o qual a alma deambula sem alvo e sem rumo, ignorante do verdadeiro sentido da vida.

Mas uma religião capaz de atingir tão alto objectivo tem forçosamente de satisfazer o intelecto e o coração, de contrário, em vez de nos ligar ao Criador, d'Ele nos afastará cada vez mais.

A mente humana reclama hoje muita luz; de tudo quere provas e explicações satisfatórias e aquilo que não obedeça a essas normas, será relegado para o plano das simples hipóteses, por falta de força para se poder impôr.

Mas uma religião que, satisfazendo o intelecto, fale ao coração, é uma alavanca poderosa na marcha da humanidade, por conter em si o impulso divino, a força máxima e orientadora dos passos humanos, no intrincado labirinto do mundo.

Sendo o nosso destino o retorno ao grande foco de onde emanámos, sem dúvida que esse alvo será mais fàcilmente atingido se nos colocarmos em seu poderoso campo atrativo e nele nos mantivermos, mediante o conhecimento de nossa origem e finalidade e daí a força espantosa das religiões capazes de nos iluminarem com os clarões das verdades eternas.

Certo que, quem anda desviado daquele âmbito, se encontra em condição anormal e transitória, mas os estatutos divinos, tudo prevendo, saberão fazer-nos sentir o erro, compelindo-nos à consequente e necessária rectificação.

As religiões do passado eram detentoras dessa força, por conterem os fundamentos de uma crença sincera, duplamente racional e sentimental, estimulando assim o desenvolvimento psíquico das sociedades onde imperavam. Em sua parte esotérica, não continham ritos nem artificialismos, nada, enfim, que pudesse empanar o seu fulgor, cuja consequência imediata é afugentar os que, por terem horror à obscuridade, reclamam muita luz.

É certo que a parte exotérica era bem diferente, mas ela se destinava aos que, incapazes de suportar a luz de frente, tinham de recebê-la velada.

Essas religiões se impunham assim à sociedade, por possuirem meios de a todos satisfazer, não se confinando em estreitos limites, onde as almas, ávidas de liberdade, se sentem estiolar.

Os livros mais antigos em que resplandecem as grandes verdades são os Védas, os quais deram origem à primitiva religião da Índia, cheia de frescura e elevação.

Esses livros, onde se fala já da imortalidade da alma, são antiquíssimos, encontrando-se informações a seu respeito com mais de cinquenta mil anos, que a eles se referem já, como obras notáveis pela sua antiguidade.

Da doutrina secreta dos Védas, saiu o Bramanismo, essa potente Teocracia Índica.

Mais tarde Krishna, nas montanhas do Himalaia, renovou e ampliou as doutrinas védicas, legando à posteridade um acervo das mais elevadas concepções.

Assegurava já trazermos Deus connosco, em nosso íntimo, mas que poucos sabem encontrá-lo, incitando os homens a sacrificarem-se para atingir a perfeição. «Se apenas frequentares os bons — dizia — teus exemplos serão inúteis; não temas viver entre

os maus, para os atraires ao bem».

Segundo certas revelações, Krishna voltou mais tarde a este planeta, na excelsa figura de Jesus-Cristo.

Cerca de seis séculos antes da nossa era, Buda, filho de um rei índico, profundamente compadecido com os sofrimentos humanos renuncia às grandezas da corte, abandonando o palácio, em demanda da solidão da natureza.

De seus longos estudos e meditações sairam magníficos conhecimentos, destinados a mostrar à humanidade a rota que há-de conduzi-lo à bem-aventurança.

É sua a concepção de que tudo no Universo, animais, vegetais e minerais é orundo do Grande Todo, a Ele retornando, depois de alcançada a perfeição e que as alegrias e sofrimentos são a justa consequência dos nossos actos nas vidas passadas, aconselhando o desprendimento das coisas terrenas, para mais fàcilmente progredirmos.

«A vida — diz-nos ainda esse iluminado — está patente em todo o universo e a ciência e o amor são as alavancas propulsoras da humanidade».

O Budismo é um dos maiores sistemas religiosos aparecidos neste globo. Seus preceitos de amor e de igualdade constituem uma poderosa oposição à distinção de castas, instituída pelos Brâmanes.

No Egipto, os conhecimentos psíquicos eram também particularmente notáveis e a doutrina oculta, cautelosamente velada sob os mistérios de Ísis e Osíris, acessível sòmente aos iniciados.

Sua doutrina profunda se encontrava nos livros sagrados de Hermes, alguns dos quais não lograram chegar até nós, tendo-se conseguido a reconstituição da ciência religiosa daquele povo, por meio da leitura dos Hieróglifos.

Estes, não podiam ser decifrados sem chave, em virtude do seu triplo sentido, pois num mesmo sinal era possível ler-se simultâneamente os pricípios, as causas e os efeitos, devido a uma adequada combinação de números e figuras, que exprimiam os três aspectos das coisas: natural, humano e divino.

No país dos Faraós, os templos são verdadeiros livros. A esfinge, com cabeça de mulher, corpo de touro, garras de leão e azas de águia, simboliza o destino do género humano, subindo da animalidade para estados cada vez mais perfeitos e as pirâmides, imperturbáveis ao desfilar dos séculos, são vastos repertórios de ensinamentos profundos.

Parte dos altos ensinos egípcios transitou para a escola de Alexandria, que, por sua vez, os transmitiu ao Cristianismo, então em seus primórdios, e à Grécia, por intermédio dos seus iniciados.

Foi aí, que a magnífica sabedoria da Terra que o Nilo fecunda floriu com todo o esplendor, em Orpheu, Homero, Pitágoras, Sócrates e Platão, tornando estes dois últimos filósofos acessíveis ao povo as grandes verdades ocultas, que, no Egipto, sòmente eram reservadas aos iniciados.

Delfos, Olímpia e Eleusis, eram os centros de iniciação na Hélade, onde essa doutrina superior se ocultava.

Uma das partes mais importantes do ensino secreto, consistia no estudo profundo do mundo invisível.

As sibilas e pitonisas eram os oráculos dos templos gregos, as médiuns dos notáveis trabalhos psíquicos, ali realizados.

A doutrina secreta espalhou-se depois gradualmente através de sucessivas migrações, tendo sido objecto de especial atenção na Gália, que soube, como nenhum outro povo, apreender-lhe os ensinamentos e aplicá-los na vida prática.

Os Druidas, que, segundo a opinião de alguns historiadores, não passavam de criaturas bárbaras e supersticiosas, eram antes senhores de muitos dos conhecimentos da ciência secreta e partidários de uma doutrina, a todos os títulos respeitável.

A sua iniciação era muito rigorosa, abrangendo vinte anos de estudo constante. Não tinham templos nem símbolos, sendo aquelas as florestas seculares e estes, tomados da própria natureza, por terem horror às imagens do culto romano, que consideravam pueris.

Celtas e gaulezes, não temiam a morte, convencidos como estavam da imortalidade da alma e assim, ante o espanto dos inimigos, deixavam no campo da batalha os despojos dos seus guerreiros, por os considerarem simples invólucros gastos.

As suas instituições eram modelares, pois se firmavam em bases seguras, onde imperava a rectidão e a justiça.

As Tríades eram um repositório de altos conhecimentos e a evolução de todos os seres, através dos vários reinos da natureza, fazia também já parte de sua ciência psíquica.

«Existindo, desde toda a antiguidade, no meio dos vastos oceanos — diz-nos um canto bardo — não nasci de um pai e de uma mãe, mas de formas elementares da natureza, dos ramos da bétula, do fruto das florestas, das flores das montanhas. Brinquei à noite, dormi pela aurora; fui víbora no lago, águia nas nuvens, lince nas selvas. Depois, eleito por Gwyon (espírito divino), pelo Sábio dos sábios, adquiri a imortalidade. Bastante tempo decorreu e depois fui pastor. Vagueei longamente sobre a terra antes de me tornar hábil na ciência. Enfim, brilhei entre os chefes superiores. Revestido dos hábitos sagrados, empunhei a taça dos sacrifícios. Vivi em cem mundos; agitei-me em cem círculos».

A comemoração dos mortos no dia um de Novembro é de origem gauleza, conhecida então por festa dos espíritos, tendo lugar, não nos cemitérios, mas em cada lar, onde se evocavam as almas dos desencarnados.

Com a invasão romana e outras, tudo se modificou. Os costumes se manterializaram, perdendo, assim, aquele cunho de espiritualidade que vitaliza e engrandece, até que, mais tarde, a Revolução deu à França certos aspectos da Gália de outros tempos.

Moisés, o iniciado do Egipto, foi o precursor de uma nova era na história da religião, que Jesus-Cristo veio depois iluminar com a sublime luz dos seus ensinamentos.

Com a decadência romana, quando uma onda de baixo materialismo lançava na corrupção todo o império, um punhado de homens, nas margens do Mar Morto, os Essénios, mantinham-se fiéis aos conhecimentos adquiridos em suas iniciações, passando os dias em estudo e meditação.

Tudo leva a crer que Jesus, antes de iniciar o seu apostalado, tenha vivido entre esses fervorosos depositários da ciência divina, se bem que, pela alta missão de que era portador, tivesse

a iluminação necessária para bem executá-la.

Jesus-Cristo foi, sem dúvida, o maior missionário de todos os tempos, tornando acessível ao povo os ensinamentos ocultos, por uma forma até então inédita: pelo coração.

As suas máximas e parábolas condensam toda a filosofia e toda a religião.

Tem conceitos profundos, como este, visando os que julgam salvar-se pelo jejum: «Não é o que entra pela boca que mancha o homem, mas o que dela sai».

«Amai vossos inimigos, fazendo o bem àqueles que vos perseguem e caluniam; amai vosso próximo como a vós mesmos» — são máximas sublimes, que, desgraçadamente, parecem cada vez mais esquecidas.

No Sermão da Montanha, resume o insigne Mestre todo o seu ensino, incluíndo nele tudo que possa encaminar para a luz a humanidade.

«Bem-aventurados os pobres de espírito (referia-se Jesus aos espíritos bons e justos), porque é para eles o reino dos Céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque verão a Deus».

O insigne Mestre referiu-se também à pluralidade das existências, dizendo:

«Em verdade, se o homem não renascer de novo, não poderá entrar no reino de Deus. — O que nasce da carne é carne, o que nasce do espírito, é espírito —. Não vos admireis do que vos digo, pois é necessário nascerdes de novo. — O espírito sopra onde quer e entendeis a sua voz, mas não sabeis donde ela vem, nem para onde vai; também sucede o mesmo com todo o homem que nasce do espírito».

Combate a ideia do inferno, nas parábolas do filho pródigo e da ovelha desgarrada: «Assim, vosso Pai que está nos Céus, não quere que pereça um só dos seus filhos».

Reconhece também que a humanidade não está preparada ainda para o conhecimento de muitas verdades, algumas das quais ficaram veladas sob imagens, que nem os próprios apóstolos souberam interpretar e outras nem sequer chegaram a ser enunciadas e a respeito das quais Jesus sentenciou: «Enviar-vos-ei o Consolador. — Tinha ainda muitas coisas a dizer-vos, porém ainda não poderieis compreendê-las. — Quando vier esse Espírito de verdade, ele vo-las ensinará e restabelecerá tudo no seu sentido verdadeiro».

Nosso desvelado Mestre, não faltou ao prometido enviando-nos o Consolador, nestes críticos tempos de transição, para que a alma não descambe nem esmoreça, ante a derrocada de uma civilização eivada de erros, cujos alicerces se sentem já oscilar e assim o espiritualismo contemporâneo é qual farol abençoado, sobranceiro ao proceloso mar onde a humanidade se debate.

Suas ideias básicas, faziam parte do Cristianismo primitivo. Acreditava-se então na imortalidade e sobrevivência da alma e na reencarnação e comunicação com os desencarnados.

A mediunidade era, por sua vez, também conhecida, a ela se referindo S. Paulo, na sua *Epístola aos Coríntios*, que qualificava de dom espiritual.

Tem-se falado muito no progresso dos últimos tempos, mas, infelizmente, por a sua feição ser essencialmente material, veio dar origem a um crescente e ameaçador desequilíbrio, que só as forças espirituais poderão contrabalançar.

Enquanto no passado a mocidade era sàbiamente preparada para enfrentar a vida, ministrando-se-lhe, a par dos ensinamentos técnicos, apropriados conhecimentos psíquicos, a juventude actual é lançada no mundo atafulhada de uma ciência materialista e geralmente estéril, faltando-lhe, pois, aquela sólida preparação, com base nas grandes energias do espírito e sem a qual os problemas vitais da humanidade jamais poderão ser resolvidos.

As religiões do passado tinham de Deus a mais alta concepção, infundindo nas massas a certeza na existência de um Princípio Superior, a que tudo está subordinado, infinitamente bom e justo, actuando como poderoso incentivo na marcha da evolução.

Deus se apresentava a esses crentes fervorosos e sinceros, com dois aspectos: externo — na vida, pulsando através da natureza, e interno — no amor, nesse fluido supremo, expresso em diferentes modalidades, ligando a criação ao Criador.

Elas nos ensinavam que é no mais íntimo do ser que podemos encontrar Deus e não num ponto abstrato do exterior, para onde geralmente convergem muitos olhares, de mistura com orações mecanizadas, ditas com o pensamento distante, numa total ignorância do poderoso valor da prece, quando feita com fé e concentração.

Infelizmente, sucessivas ondas de materialismo, vieram abafar esses magníficos surtos da alma humana, que a teriam levado a maravilhosas alturas, mas, presentemente, tudo se prepara para a maior reviravolta na história da humanidade.

E assim, nesta época de anseios e espectativas, em que tudo parece instável, num gigantesco caldeamento de onde ha-de sair o reinado da Verdade, da Justiça e do Amor, antevemos já a religião do futuro, que, conscientes de nosso destino, consistirá no conjunto de todos os nossos actos e pensamentos, no desejo ardente de fazer o bem, na ânsia indómita de alindar a alma, para subirmos cada vez mais na escala da perfeição.

O amoroso Nazareno, a isso se referiu, quando disse: «Vai chegar o tempo em que os verdadeiros crentes adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque são estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito e cumpre que os seus filhos o adorem em espírito e verdade».

---

BIBLIOGRAFIA — «*Gnani Yoga*», *de Ramacharaca*, e «*Depois da Morte*», *de Léon Denis*.

FIM

**Aos Nossos Amigos**

**Fortalecer esta revista é aumentar-lhe a expansão. Eis o maior e melhor auxílio que lhe podem oferecer os que muito lhe querem, porque muito lhe devem. Um novo assinante será um amigo a substituir os que dela se esqueceram.**

# RAZÃO E SENTIMENTO

Por RUY RIBAMAR

Todo o raciocínio humano é criado no espaço. Tal premissa encontra na filosofia a sua expressão idealista e na ciência o seu corolário experimental. Contudo o homem, em sua ânsia imediata de realização, só tarde se apercebe do círculo vicioso que o faz regressar à terra pela morte e o limita, dentro da finita restrição do seu ciclo, na descoberta desse espaço que só em parte lhe pertence, como partícula integrante que é dum todo absoluto. Quando digo terra refiro-me ao mundo no qual está integrado como unidade na imutável disciplina do universo.

Se o homem conseguisse — e isso lhe estivesse destinado — ultrapassar a lei do equilíbrio cósmico deixaria de ser, em princípio, o que é fisicamente — ou o que é relativamente — para se transformar num ser em tudo diferente. Nesse caso um novo ciclo biológico adviria e os seus problemas domésticos de hoje seriam amanhã obsoletos. Um novo ente surgiria, uma nova espécie se juntaria à imensa gama das espécies na eterna órbita da evolução. Tal possibilidade interessa, contudo e paradoxalmente, muito pouco à grei humana. O homem tem no âmbito que Deus lhe deu um campo de acção em que o livre arbítrio lhe advém do dom do raciocínio e por força e reacção desse atributo tenta, através dos meios aplicados da inteligência, desvendar o grande véu que, inexoràvelmente, lhe limita os passos perante os céus. A sua morfologia, como a sua biologia, são apenas o viático desse fuido poderoso que o anima e o faz tentar, atónito e maravilhado, a grande aventura do Infinito.

Entanto, fora do âmbito do racionalismo, ele tem que encarar o Espírito como o poderoso laboratório que a natureza lhe outorgou ou como «dádiva de empréstimo» que poderá utilizar melhor ou pior na sua materialização e passagem pelo orbe. É dizer que a carne que o encerra, corrupta, transitória, mas evolutiva nas eternas reacções químicas da recuperação é apenas a matéria que coincide com um fluido que a anima e de facto a justifica no humano trânsito — uma chama intemporal e ubíqua, maravilhosa e imortal.

Ao manter no tempo e no espaço o movimento cósmico da continuidade, Deus quis fazer perdurar o lado metafísico que coabita com o corpo num ser que, belo, feio, inteligente ou crasso, o encarna no seu ciclo de vida sobre a terra para depois continuar na imutável harmonia do infinito. Tais são as palavras que a razão e a lógica nos podem oferecer, como mais reais, para nos explicar essa latente e magnífica força que nos faz dominar, muitas vezes sem compreender, tantos fenómenos e dificuldades do mundo em que vivemos e procurar outros. Tudo quanto o homem criou de belo no seu destino só o conseguiu pela sublimação do Espírito. Ética, artística e culturalmente a jocunda fascinação dessa força criadora foi a mais nobre das suas preocupações e uma admirável prova do seu direito de existir. Mas poder pensar que num génio, num investigador, num pensador essa divina flama se pode aniquilar pela morte das células que deram forma imediata e real à sua essência é um dilema posto à razão, à lógica e à honestidade de todos os que — queiram ou não queiram — irresistìvelmente terão que preocupar-se com a sobrevivência da alma num universo onde nada se perde. É assim para o que acredita na alquimia do pensamento humano, na interrogação tácita do seu destino, na explicação duma razão transcendente, metafísica mas imediata, na angustiante incógnita das suas possibilidades mentais:

— Porque penso e posso realizar o meu pensamento? Porque o não fazem, como eu, os outros seres? Ou o fazem e eu não compreendo?

Toda a filosofia tentou explicar o homem por uma criação autónoma da natureza ou por uma consequência das forças do «acaso».

Foi Descartes o primeiro que afirmou que o espírito justifica a existência (Cogito ergo sum). E logo Kant, seguido de Bergson, tentaram, através do racionalismo, dar-lhe um sentido de autonomia que, como sempre, não explicou o problema, neste caso apenas uma equação humana. Tal é, pois, o fim da filosofia. Tal é o afã das religiões. Tal é no fundo o desiderato da ciência na sua ânsia de dominar todos os mistérios da Criação.

Ao pôr assim o problema, toda a concepção egocêntrica, religiosa ou imediata da vida sofre um desvio do que pragmàticamente se entende por «princípio e fim». Se se aceita a imortalidade da alma, tem que aceitar-se implìcitamente a sua existência perante os vivos e ninguém poderá, em princípio, negar a possibilidade da sua comunicação com os espíritos encarnados. A morte deixa assim de ter o seu trágico sentido de aniquilamento, a sua brutal imposição de fim para assumir o aspecto fortuito do encerramento dum ciclo carnal para um âmbito puramente etéreo.

Todo o pensador, repito, terá a sua hora para meditar nestas verdades. Não são os credos religiosos que resolvem a angústia de apreender uma certeza que no universo está patente e é inviolável na sua unidade. O seu movimento é contínuo, nada o limita, nada nele morre e é perante essa lição magnífica e eterna, que o homem tem que realizar o seu espírito, Espírito uno e indivisível.

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

73

## BEETHOVEN

Amigo radiouvinte:

Quando o homem atinge grande craveira mental ou moral deixa de pertencer à terra onde nasceu. Semelhante ao condor de asas pandas, alteia-as sobre as fronteiras e todo o mundo lhe pertence. O selo do génio classifica-o, depois de ser alvejado pelo vitupério. É a luta, é o drama das almas contra o ambiente, contra a família, contra a sociedade. Faz lembrar um coração que não cabe no peito.

De todos os compositores notáveis, talvez nenhum se compare a Beethoven. Um dos seus biógrafos chamou-lhe o filósofo da música, embora não tivesse impressionado muito os seus mestres. Albrechtsberger tentou embalde ensinar-lhe composição e Haydn tratou-o como aluno vulgar.

O piano é que o atraiu mais cedo, apesar dos dedos curtos e grossos que pareciam de camponês. E se fazia milagres com mãos defeituosas, que não faria ele de imaginação exaltada e força de vontade extrema?

Quem nasce em berço de oiro é geralmente bonacheirão e dado ao optimismo. Mas quem come o pão do diabo, como Beethoven, que muito novo foi obrigado a manter a família inteira e a preocupar-se com a saúde, não admira que se torne insociável, vivendo, de mais a mais, entre um pai embriagado e mãe tuberculosa.

Aos vinte anos já a sua figura atlética e atarracada e o seu espírito positivo e teimoso fascinavam o talento que os críticos não queriam reconhecer. Ele, porém, sentia qualquer coisa que o impulsionava e dominava. E tirava partido da sua técnica incomparável de pianista. E conquistou Viena. Todos o convidavam, todos o admiravam, mesmo rude e amargo na convivência com os amigos.

Se o génio roça a loucura, o temperamento de Beethoven impunha-o como um ser estranho, introvertido, quase emparedado na sua torre de silêncio a topetar as nuvens da inspiração.

— Não me interessa a música dos outros! — exclamou uma vez, quando lhe perguntaram se não ia assistir às operas de Mozart. E concluiu, decidido e voluntarioso:

— Porque não quero perder a minha originalidade! Verão música diferente e ficarão maravilhados com um novo gigante que assoma no horizonte.

Estas afirmações provocaram sonoras gargalhadas.

Os tempos rodaram e a sua técnica ultrapassou tudo quanto existia nos compêndios. Era a fama, era a glória, a confusão dos críticos a esfarelar-se perante o «louco» que tudo ultrapassava.

Mas um dia... A surdez estava perto, a espreitar o génio em plena maturidade. Nenhum médico logrou curá-lo. E mais se isolou ainda, cheio de aflição, porque a surdez num músico é como a cegueira num pintor.

Começa aqui a tragédia do homem a querer ocultar a doença e a vergonha e por isso sofreu horrìvelmente, no físico e no psíquico. Chegou a ser intolerante e brutal para com o príncipe Lichnowsky que o protegia:

— O que sou devo-o a mim próprio. Houve e haverá milhares de príncipes. Beethoven há um só no mundo...

A solidão aumentava. Todos sabiam do seu defeito, mas ninguém se atrevia a nomeá-lo. Admiração e silêncio. O problema atingia os limites do desespero.

— Não podia dizer aos amigos que falassem mais alto, nem proclamar a deficiência de um sentido que em mim devia ser mais perfeito... Portanto, devia viver exilado...

Veio-lhe então a ideia do suicídio, como sucedeu a outros génios musicais, entre eles Schumann e Tschaikowski.

Kurt Pahlen publicou um artigo em *La Nación*, de Buenos Aires, no qual se refere ao «Testamento de Heiligenstad», onde Beethoven fala claramente desse propósito, mas logo acrescentando que ninguém tem o direito de abandonar a vida antes de realizar tudo o que se tem de realizar.

Só a divina arte o susteve, depois de esvasiar a taça do sofrimento e transformá-la em beleza imarcessível. E dizia, ansioso:

— Preciso de escrever a minha música para glória de Deus!

Em Outubro de 1802 chegou ao cúmulo do infortúnio e pedia a morte com maior insistência. Vivera 32 anos de dor física e moral e repousava agora no subúrbio de Viena chamado Heiligenstad (cidade de todos os santos), onde alugara casa a instâncias do seu médico, exactamente na primavera, quando as flores e a verdura inundavam os bosques que rodeiam a capital austríaca. Todavia, o ouvido mantinha-se alheio às ondas sonoras e o espírito do compositor mergulhava mais e mais no tédio.

O dia 6 de Outubro de 1806 amanheceu cinzento e a ventania arrancava folhas murchas às árvores que se erguiam perto da sua janela. Beethoven pegou então na pena e rascunhou um *testamento*, cujas primeiras palavras, se tornaram famosas em toda a parte:

— Ó homens que me julgais hostil, teimoso ou misantropo ou me declarais como tal! Quão injustos sois comigo! Não sabeis a razão por que vos pareço assim...

«Era um documento de alto valor humano — diz Kurt Pahlen —. É quase uma justificação do seu procedimento em face dos homens, pois descreve o próprio sofrimento com exemplos comovedores: o mavioso som da flauta pastoril que os seus companheiros ouviam perfeitamente, enquanto ele nada ouvia...».

Beethoven sobreviveu à dor imensa que o alanceava, voltou à criação artística, aos ritmos incompreendidos e legou à humanidade um poema genial com o nome de *Nona Sinfonia*. Nela se concentra a filosofia do torturado de Bonn, em fulgurações de arte que levaram Wagner a escrever:

— Eis a baliza de um período

sem comparação na história musical.

É o canto da Criação, é a glória da Vida! A surdez não foi drama. Elevou-o às maiores alturas. No silêncio é que ele captou as grandes harmonias para oferecê-las em amor universal. A *Nona Sinfonia* é um abraço ao mundo sofredor, uma clareira sobre as dúvidas. Sem amor não se pode viver!

A figura de Beethoven cabe nesta galeria e merece um painel especial por ter resistido à tentação.

Amigo radiouvinte, boa tarde e bons pensamentos. Sofre até o fim, se tiveres de sofrer.

74

## A LIÇÃO

Amigo radiouvinte:

Embora a vida seja a grande escola humana, é forçoso confessar que poucos alunos fazem o curso com regular aproveitamento. Uns, porque são cábulas; outros, porque são infensos ao bom conselho; e outros, porque são estroinas e gastam as horas inùtilmente. O certo é que, ao fim de um ano, as notas andam por baixo e os estudantes não chegam a compreender a matéria. Resultado: ficaram mal no exame. Mais um compasso de espera, mais um período de aborrecimento.

Em vão o pai diz ao filho:

— Estuda e serás homem! Estuda e serás mestre! Estuda e serás sábio!

Se nasceu na abundância torna-se insociável. Ouve dizer que é rico e torna-se orgulhoso, mede a distância que o separa do seu vizinho, que leva o dia no trabalho e a noite a meditar na faina seguinte.

Que lhe importa a lição, que lhe importa o aprendizado? Não tem o que precisa? Dinheiro para o gasto, mulheres para a festa? Para que buscar o alforge, se o pai é barão?

Tudo o que há de negativo se concentra neste aluno vulgar. Que fará ele, quando se vir sòzinho, sem a muleta paterna? Que as coisas imerecidas são bens de sacristão: cantando vêm, cantando vão...

Mas o aluno chega sempre ao fim do curso. Custa a chegar, mas chega. Advogado de causas perdidas ou médico da morte, há-de sentir o efeito do seu trabalho, há-de subir a montanha que o espera, mesmo de cruz aos ombros. E de nada valerá recalcitrar. O Destino tem linhas principais e linhas secundárias. Se não houver diligência no estudo e na ponderação será difícil modificá-las.

A propósito vale evocar um quadro do espírito de Humberto de Campos recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier. É conceituoso e moralista.

Quando um jovem ia cometer o primeiro desatino, o Bom-senso aconselhou:

— Não faças isso!

E logo o interpelado respondeu, orgulhoso:

— Eu quero!

Depois tornou-se perdulário, extravagante e louco. Foi quando a Ponderação lhe disse:

— Cuidado! Porque andas num deboche inconsequente?

Ao que ele replicou, jactancioso:

— Eu posso!

Rodaram os tempos. O jovem lançou outros seres no resvaladouro e recebeu a visita da Humildade.

— Reflecte, homem! Não tens pena dos fracos e dos ignorantes?

— Eu mando! — exclamou, colérico.

E o Amor aproximou-se também:

— Modifica-te! Sê indulgente e caridoso!

E o pobre declarou:

— Eu ordeno!

Os actos condenáveis iam-se aglomerando à sua volta. Então apareceu a Justiça a adverti-lo:

— Não prossigas! Não tens remorsos de ferir os teus semelhantes?

O infeliz retrucou, implacável:

— Eu exijo!

Assim viveu esse homem durante muitos anos, cheio de orgulho, dominando e oprimindo, rindo-se dos conselhos, das súplicas, das exortações, cego e surdo ao Bom-senso que, de vez em quando, o espicaçava. Até que um dia apareceu a Morte e o levou consigo.

Compreendeu então a gravidade do caso e ajoelhou-se:

— Morte, porque me levas?

— Eu quero! — respondeu ela.

— Porque me obrigas a aceitar-te? — gemeu, tristemente, o insensato.

— Eu posso! — replicou a visitante.

O homenzinho fora apanhado na curva e perguntou, façanhudo:

— Como podes atacar-me desse modo?

— Eu mando!

— Que poderes te movem?

— Eu ordeno!

O cerco ia-se apertando.

— Defender-me-ei contra ti! — bradou ele, desesperado —. Lutarei e receberás a minha maldição!

A Morte, porém, limitou-se a sorrir, desdenhosa, e respondeu, imperturbável:

— Eu exijo!...

«E na luta de *eu* contra *eu* — conclui o comunicante — conduziu-o à casa da Verdade para maiores lições».

Mas se ele tivesse estudado e aprendido, não seria orgulhoso. Seria humilde. Quem se humilda exalta-se. Nascer na miséria ou na abundância, não tira nem põe ao carácter. É uma posição, talvez almejada antes de «chegar». Depois a névoa torna-se mais densa, a memória perde-se e avaliamos tudo «deste lado».

— Porque sou pobre? Porque sou rico? Porque sou negligente?...

A resposta não vem. Às vezes, um vislumbre, um clarão de relâmpago ilumina a memória, para logo se extinguir totalmente. Ficamos na dúvida se foi sonho ou visão e a perplexidade aumenta. Uma verdadeira tortura em face do desconhecido.

Muitos ignoram o alvo da vida. Não será uma aventura em que o forte vence o fraco? Por isso, querem, podem e mandam. E quando se abrem as portas do eterno, o quero, posso e mando perde o sentido e o espírito lembra-se de uma lição que não aprendeu. É quando se arrepende e se acocora. Se eu fizesse... se eu não fizesse... Já não valem choros, nem promessas. É dele o que fez ou não fez. A escola estava ao seu dispor. Entrou nela sem pagar matrícula, em regime de franca liberdade. Foi posto à prova da existência. Podia subir, podia descer, podia avançar ou estacionar. Era com ele. E se não fez o curso desta vida, como poderá fazer o curso das outras? Aprende-se de grau em grau, como quem sobe uma escada. Do primeiro subimos ao segundo e deste ao terceiro.

É assim. Quem não aproveitou com mestre benévolo aprenderá com mestre autoritário. Pagará matrícula em regime de servidão, até que a Morte o liberte e conduza à «casa da Verdade». O pior é que os antigos companheiros já serão mestres e ele será aprendiz...

Quem tem ouvidos de ouvir, oiça, como se diz nos Evangelhos.

Adeus, amigo radiouvinte. Que a luz se faça nas almas e nossos passos sejam mais firmes.

# CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A NATUREZA DO ESPIRITISMO

1. *Como proémio aos presentes ensaios, pareceu-nos curial, senão necessário, esclarecer o leitor de* Estudos Psíquicos *sobre ao que vimos, porque viemos e quem somos.*

*Analisar, liberados de quaisquer apriorismos desfeiteantes, as problemáticas essenciais do Espiritismo e considerar, sob o prisma da ideologia espirita, as questões nevrálgicas e aliciantes da natureza e destino do Homem e as dos vários planos interactivos da sua Cultura, tais são os objectivos primordiais dos ensaios que ora iniciamos. Entretanto, eles serão — apenas — as imagens singelas, mas tão fieis quanto possível, das fases intercorrentes do processo evolutivo de um espírito, naquilo que o dito processo poderá apresentar de algum interesse para aqueloutros homens que se não limitam ao comodismo da posição de «simples estar no mundo», ou seja o domínio palpitante do pensamento, a planimetria variegada e estruturalmente dinâmica das ideias. Por isso mesmo, ninguém deverá procurar ver nestes ensaios mais do que... ensaios, meras tentativas de apreensão da Verdade sob o aguilhão da dúvida como princípio metodológico, passos de uma caminhada de cujos primeiros pontos perdemos a consciência e cujo fim, se acaso existe, estamos longe de vislumbrar. Consequentemente, se alguma unidade apresentarem tais ensaios, ela só poderá resultar da individualidade de um esforço instante e progressivo para superar o relativismo e contingência das situações pensadas momento a momento, esforço que é a derivada volitiva do princípio postulatório, mas alicerçado nas experiências, de que a* morte *do espírito se verifica sempre que ele julgue ter atingido uma verdade e pare na contemplação dessa verdade, de olhos cegos e ouvidos surdos para as verdades dos outros homens.*

*Eis «ao que vimos». Quanto à resposta ao «porque viemos», pedimos ao leitor que não julgue a nossa atitude motivada pela convicção, que seria bem estulta por incongruente, de que pensámos ter qualquer* mensagem *a transmitir; tivemos para nós, tão sòmente, a proposição de que é um dever de todo o homem, cônscio das suas posições mentais no mundo de relatividades em que vive e se debate, expor o melhor das suas ideias, submetendo-as à discussão na esperança de esclarecer-se (e esclarecer) e de concorrer, também, para a edificação da Obra que é fruto dos esforços, nem sempre harmónicos e convergentes, das sucessivas gerações humanas. As pedras que carrearemos para essa Obra serão poucas, pequenas, frágeis, despolidas e sem importância de monta; falta-nos, sem sombra de dúvida, o poder ciclópico do Génio capaz de erguer, afeiçoar e assentar as grandes lages e as paredes mestras do edifício do Pensamento. Mas ter-se-á de reconhecer que essas peças essenciais ficariam como coisas soltas e sem vida, sujeitas a desagregar-se ràpidamente sob as fúrias dos tempos, se não houvesse pequenas pedras a rodeá-las e ampará-las e cimentos a uni-las e se sobre elas se não fossem levantando soalhos e paredes divisórias, aparentemente destituídos de valor. Esta é a tarefa que impende aos humildes obreiros que não sacodem dos ombros o peso do seu dever.*

*Finalmente, quanto à questão de «quem somos», parece-nos legítimo deixá-la sem directa resposta, até por ser o nome o que menos importa. Dir-nos-emos singelamente um... «scholasticus» no exacto sentido do termo latino, um espírito sedento de luz e de progresso e um homem que chegou ao Espiritismo pela via racional e não levado pela desesperada busca de um lenitivo a uma dor profunda.*

*Depois deste pórtico despretencioso, entremos na matéria dos nossos ensaios, começando por algumas considerações sobre a natureza do Espiritismo.*

2. *Diz-se usual a frequentemente que* o Espiritismo é uma ciência, uma religião e uma filosofia! *Ora, ainda que os termos se empreguem numa acepção bastante particular, afigura-se-nos algo excessiva, por um lado, e assaz perigosa, por outro, aquela proposição.*

*Na verdade, será o Espiritismo* uma ciência? *Ao admitir-se uma resposta afirmativa a tal questão, reciocina-se geralmente com referência à Metapsicologia, um dos ramos — e não dos melhores estudados — das ciências psicológicas. Contudo, se não devem subsistir dúvidas quanto ao carácter científico da Metapsicologia — pela natureza do seu objecto (certos fenómenos específi-*

*cos do comportamento humano) e dos métodos empregados (os experimentais) — o certo é que nos parece indefensável, de acordo com as tendências modernas da Psicologia, pretender distinguir uma metapsicologia «espirita» doutras metapsicologias. O facto de existirem várias e até opostas teorias interpretativas dos fenómenos em causa e o de uns verem em tais fenómenos a prova irrefutável da realidade de uma substância imaterial e não perecível — a alma ou espírito — enquanto outros a negam, não constituem em nosso entender um argumento favorável para a referida distinção. Enquanto metapsicologista — ou, por outras palavras, dentro do domínio do estudo científico dos fenómenos metapsicológicos — um espirita não pode nem deve diferençar-se de um materialista ou de outro «ista» qualquer; a separação dos campos ideológicos deve operar-*

## por SCHOLASTICUS

*-se apenas, em boa lógica, a partir do momento em que se comece a filosofar sobre a natureza íntima dos fenómenos observados, sobre os resultados das experiências feitas e sobre o significado, real e último desses fenómenos, quanto ao problema da posição do homem na natureza e diante dos demais homens. Mas uma tal atitude mental já se coloca fora do campo da Ciência, especialmente hoje, que a Psicologia representa um novo ramo destacado da árvore, outrora tão frondosa, da Filosofia; e isto, porque, muito embora não haja fronteiras perfeitamente definidas entre a Ciência e a Filosofia, as atitudes que presidem à investigação numa e na outra têm de ser formal e metodològ icamente distintas.*

*As seguintes palavras de Jean Piaget a propósito da Psicologia, na sua magistral «Introduction à l'Épistémologie Génétique», afiguram-se-nos inteiramente curiais e concludentes sobre a questão invocada:*

*«Logo que uma disciplina, como a psicologia experimental, se separa da filosofia para se erigir em ciência autónoma, esta decisão dos seus representantes não conduz a atribuir-se, num dado momento, um certificado de seriedade ou de valor mais alto; ela consiste simplesmente em renunciar a certas discussões que dividem os espíritos e a obrigar-se, por convenção ou* gentleman's agreement, *a não falar senão de questões abordáveis pelo emprego exclusivo de certos métodos comuns ou comunicáveis. Há, pois, na constituição de uma ciência, uma renúncia necessária, uma determinação de não misturar, à exposição tão objectiva, quanto possível, dos resultados que se atingem e das explicações que se perseguem, as preocupações que talvez sejam para nós as mais relevantes, mas que nos forçamos a deixar fora das fronteiras traçadas. É assim que o acordo dos espíritos se torna realizável mesmo em psicologia experimental, onde, por exemplo, um problema de percepção comportará soluções semelhantes em Moscovo, em Lovaina ou em Chicago, independentemente das mais diferentes filosofias dos investigadores que aplicam métodos análogos de laboratório».*

*Depois disto, será razoável manter a afirmação de que o Espiritismo é uma ciência, posto que muitos dos seus conceitos e proposições assentam directa e imediatamente sobre o conhecimento científico dos fenómenos metapsicológicos? A nossa resposta só pode ser negativa. E, de resto, a opinião contrária não deixa de revelar certos e sérios perigos para o próprio Espiritismo, especialmente quando a investigação verdadeiramente científica é bem pouco comum nos arraiais espiritas, quando os fenómenos são apresentados a assistências mais ou menos numerosas e heterogéneas, quase sempre sem preparação intelectual adequada, e os dirigentes dos trabalhos primam, na generalidade, pela falta de espírito científico, ainda que se mostrem cheios de boas intenções... Notemos, ainda, em reforço das opiniões expendidas, que se tem ido perdendo aos poucos, dentro do Espiritismo, a linha de orientação traçada pelos Crookes, Bozzano, Richet e Geley e outros cientistas que escavaram os caboucos da Metapsicologia; invocam-se-lhes os nomes em apoio de muitas teses e para reivindicar o carácter científico da Doutrina, mas pouco ou nada se faz no sentido de continuar os seus trabalhos e esclarecer tantos e tantos pontos ainda obscuros, quando não completamente ignorados. Gritar a todos os ventos que o Espiritismo é uma ciência e chamar em seu auxílio, como argumento de autoridade, os testemunhos daqueles que cientìficamente observaram os fenómenos pode ser um prestimoso trabalho de propaganda e de aliciamento junto das massas, mas o certo é que tal atitude pouca influência poderá exercer nas camadas intelectuais e tanto menos, se o que se lhes puder oferecer, para saciar o seu espírito desejoso de esclarecimento e observação científicos, não passar de um arremedo de experimentação.*

*Não digamos, portanto, que o Espiritismo é uma ciência, porque, falando assim, daremos mostra de ignorância do que é a Ciência e do que a Metapsicologia deve continuar a ser. Limitemo-nos a pugnar, mas por meio*

de acção adequada, pelos cimentos científicos da Doutrina, fomentando e apoiando a investigação realmente científica dos fenómenos e acompanhando, desta forma, as tendências do pensamento moderno, sem esquecer as lições de um passado que, do mesmo modo que nos nobilita, nos responsabiliza.

3. Mas se o Espiritismo não é uma ciência, será uma religião? Sem dúvida que, sobre a sua interpretação específica dos fenómenos metapsicológicos, ele constrói uma ética e uma metafísica, para se alçar a uma teologia de carácter particular. Todavia, na pureza da sua estrutura, ele não será uma religião, por falta da grande maioria dos atributos próprios do corpo religioso. Não queremos dizer com isto que a Doutrina Espírita não tenha, entre os seus objectivos, o de conduzir o homem à consciência dos valores espirituais mais altos — os místicos — mas, antes, que ela não oferece um formulário rígido a essa elevação do homem, não cria uma liturgia mais ou menos complexa, não define qualquer dogma, não apoia um colégio sacerdotal, nem edifica templos ou diviniza os indivíduos, por maiores que tenham sido as suas qualidades pessoais.

Isto — repetimos — é o Espiritismo na pureza da sua estrutura ideológica. Na prática, porém, ao contacto com as massas que para ele vêm trazendo modos de acção e processos emotivos e intelectuais que se geraram e alimentaram sob a influência de credos tradicionais, o Espiritismo tende a converter-se em mais uma religião, esquecido dos seus princípios e dos seus objectivos finais e encaminhando-se para um enquistamento de forças, uma estratificação rígida de processos e um imobilismo de ideias — precisamente aqueles pontos contra os quais vemos hoje a lutar as religiões constituídas.

Bastará olharmos as «sessões» espíritas correntes para nos convencermos da existência dessa propensão. Os assistentes a tais «sessões» não se distinguem grandemente dos que frequentam as cerimónias litúrgicas de uma igreja católica ou escutam as prédicas de um pastor protestante, até porque frequentemente são os mesmos indivíduos... Os actos externos poderão divergir, mas os motivos da presença e a atitude mental são análogos; os «médiuns», particularmente os da chamada incorporação, constituem-se em sacerdotes (!) dessa nova religião, acolitados e não sujeitos à orientação e controlo pelos «directores de sessão», que o são, quase sempre, apenas no nome. Todo um cerimonial se forma; os «guias» tomam nomes célebres do agiológio católico e, quantas vezes, os «irmãos» vão confessar aos «médiuns» os seus casos de consciência e pedir-lhes a sua intervenção para alcançar a ajuda daqueles «guias».

Apesar disto — na verdade forças poderosas contra as quais haverá que lutar, se não quiserem deixar o Espiritismo entrar na Idade Média da sua história — nós negamos-lhe o carácter de religião. Entender o termo pela ideia de um conjunto doutrinal que visa religar o homem ao Criador, através de uma acção continuada e sistemática e de uma tensão «sui generis» do seu espírito, será inteiramente admissível; contudo, a acepção corrente da palavra está por demasiado vincada, para que o pressupô-la despida de todos os ouropéis com que a tradição a encobriu se não preste a confusões lamentáveis e, também, não venha a reforçar as tendências antes citadas.

4. Não sendo uma religião como não é uma ciência, aceitaremos então o Espiritismo como filosofia? Esta aparece-nos como a concepção mais aceitável, pela aproximação estrutural entre o que é a Filosofia, o que será uma filosofia e o que o Espiritismo objectiva ser. De facto, a Doutrina Espírita apresenta-se, substancialmente, com os caracteres formais e as qualidades intrínsecas de uma filosofia do homem e da natureza, de uma interpretação filosófica particular dos problemas humanos em toda a sua complexidade (desde os da origem aos do destino), de uma apreciação específica das dimensões individuais e sociais da pessoa, sobre o que será lícito e desejável erguer uma filosofia do social e do processo histórico. Por assim dizer, ela é uma forma de humanismo, que Auguste Etcheverry se esqueceu de tratar na sua obra sobre «Le Conflit Actuel des Humanismes», sem dúvida porque, como filosofia, o Espiritismo mais tem vivido até agora dos outros «humanismos cristãos» do que tem feito construção efectivamente original.

Ora, se é a Filosofia o domínio do pensamento em que o Espiritismo tem o seu lugar, distinto do de qualquer outra doutrina e do qual poderá recolher os melhores frutos, temos de concordar por outro lado, sem ambages e a procura de justificações mais ou menos capciosas, que a Doutrina se nos patenteia assaz informe e desactualizada, simplesmente porque os seus adeptos mais cultos e, por isso, mais responsáveis continuam, na generalidade, de olhos virados para o passado, glosando os livros dos «clássicos» pelos afloramentos filosóficos nas obras de Kardec ou Léon Denis ou deslumbrando-se na grandeza dos trabalhos de Ubaldi. Esta linha de conduta será cómoda, mas ela constitui uma flagrante negação de princípios primordiais do Espiritismo — o da evolução e o do esforço ingente para o progresso do espírito ao encontro da Verdade, o da compreensão progressiva do Verbo presente na Criação para que o homem possa ir saltando as barreiras do contingente e do relativo.

No entanto, o dever o Espiri-

# DOIS POEMAS DE PAULO ALBERTO

## ABRAMOS OS OUVIDOS E OS OLHOS!

*A Pedro de Lima Brenneisen, um dos mais dignos auxiliares de Jesus na Terra do Cruzeiro.*

**Eu quisera dizer num poema inspirado,**
**Eloquente, expressivo, a intensa vibração**
**Que hoje me agita o ser, que a alma me per-**
**[turba,**
**Que hoje me faz pulsar de amor o coração!**

**É que estou a pensar, com profunda tristeza,**
**Na imensa multidão de homens que ainda vêem**
**A vida por um prisma escuro, mentiroso,**
**Que nas coisas do Além — as mais reais — não**
**[crêem!**

**Jesus veio trazer, pela mediunidade,**
**Como nos prometera, o santo Espiritismo,**
**A Luz que tudo aclara, a Luz que há-de sal-**
**[var-nos,**
**A Luz que nos faz ver os horrores do abismo!**

**Essa Luz deslumbrante, essa nova Doutrina,**
**Essa Revelação tem o grande poder**
**De transformar o pranto em ventura e tornar-nos**
**Escravos da Bondade e escravos do Dever!**

**O mundo se renova! Os arautos celestes**
**Pregam por toda parte a sublime Verdade!**
**Voltam-se para o Céu os corações! O egoísmo**
**Vai cedendo lugar à excelsa Caridade!**

**Um toque de reunir soa por todo o Espaço!**
**As velhas religiões agonizam... Chegado**
**É o momento de ser o precioso trigo**
**Pela mão do Criador do joio separado!**

**Abramos todos nós os ouvidos e os olhos!**
**Já se vê no horizonte o formoso esplendor**
**Da aurora rosicler do terceiro milénio!**
**Vai, por fim, começar o reinado do Amor!...**

## ÁGUA, ÉS DIVINA!

*Para Aurelino Mota de Carvalho, que é, como eu, um enamorado da água.*

**Água, eu te rendo um verdadeiro culto!**
**Como gosto de ver-te**
**Nos oceanos, nos rios, nas cachoeiras,**
**Nos córregos, nas fontes e nas chuvas,**
**E nas mimosas pérolas de orvalho!...**
**És bela e boa. Quanto benefício**
**Fazes a nós, homens,**
**Aos animais, aos vegetais, a tudo!**
**Que grande maravilha é uma simples**
**Gota de água, meu Deus!... Água, és divina!**
**Serviste um dia ao Cristo de caminho**
**E, em Caná, que fez ele? Transformou-te**
**Num vinho delicioso e que, de certo,**
**Fazia bem a quantos o bebiam!**
**Água, tu simbolizas a pureza,**
**A elevação das almas; és um santo**
**Veículo do amor do Pai Celeste.**
**O sol é indispensável,**
**Mas, onde não estás, impera a morte!**
**E não diz o Evangelho**
**Que, em nome de Jesus, jámais um crente**
**Dará em vão a um doente um copo de água?**
**Eu te amo! Meu espírito ajoelha-se**
**Onde quer que te encontre, alma da Terra!...**

**BAHIA, BRASIL**

*tismo constituir-se finalmente como filosofia, impondo-se, por aí, ao concenso dos homens, não quer dizer, de modo algum, o abandono da acção doutrinária de moralização das massas; mas, também, ficar-se por esta, repetindo lugares comuns a tantas outras doutrinas e relembrando, num saudosismo petrificador, experiências passadas, é deixar o Edifício das Ideias incompleto e condená-lo à derrocada ou a uma vida de mediocridade, incapaz de albergar e saciar todos os espíritos, de se adaptar, sem sobressaltos ou amputações, às circunstâncias das conjunturas sociais e de absorver, completando-se, os sucessivos progressos da Cultura humana. E o mundo de hoje está requerendo uma* nova *filosofia, onde se combinem as essências melhores dos vários «humanismos» e donde provenham princípios de conduta individual e social harmonizáveis, tudo para um progresso equilibrado dos agregados humanos — afinal aquela filosofia do homem que o Espiritismo poderá começar a oferecer, quando os intelectuais espiritas se abrirem inteiramente para o extraordinário momento que passa e entenderem que estão, de facto, a recuar no tempo cultural à medida que os outros avançam, apenas porque — à semelhança dos escolásticos medievos em relação a Aristóteles — julgam ver na Obra de Kardec uma construção completa e definitiva e, portanto, inultrapassável.*

# II Semana do Livro Espirita em Braille

## Sob os auspícios da Sociedade Pró-Livro-Espirita em Braille

pelo Marechal Mário Travassos

(Correspondente no Rio de Janeiro e Presidente
da Sociedade Pró-Livro-Espirita em Braille)

*No corrente ano a* Semana do Livro Espirita em Braille *realizou-se na Zona Sul da Cidade, graças à bondosa acolhida dos Directores do* Centro Espirita Seara de Cristo, *do* Grupo Espirita José, o Carpinteiro, *do* Centro Espirita Amor, Caridade e Esperança, *do* Centro Espirita Cristófilos, *da* Mocidade Espirita Leopoldo Machado *(Grupo Espirita Seara Fraterna), e do* Centro Espirita Seara de Emmanuel, *onde foi encerrada a Semana.*

*Inaugurada a Semana na* Agremiação Espirita Francisco de Paula, *sede provisória da Sociedade Pró-Livro-Espirita em Braille, a 30 de Junho, data aniversária desta Sociedade, constou de palestras-demonstrativas sobre obras espiritas em Braille e sobre a aprendizagem desse sistema de escrita para cegos, terminando os trabalhos a 6 de Julho.*

### FINALIDADES DA II SEMANA DO LIVRO ESPIRITA EM BRAILLE

*Os trabalhos desta II Semana do Livro Espirita em Braille visaram divulgar a existência do Livro Espirita em Braille e despertar no meio espirita o interesse pelo Braille, como sistema de alfabetização de cegos. Essas finalidade explicam-se por si mesmas, porque é esse certame uma iniciativa da Sociedade Pró-Livro-Espirita em Braille, mais conhecida pela sigla S. P. L. E. B., destinada que é a propiciar aos cegos espiritas o estudo da doutrina em suas próprias fontes de alfabetizar cegos, espiritas ou não espiritas (Estatutos).*

*Ocorre ainda que a S. P. L. E. B. é uma «Sociedade mista de cegos e videntes, em igualdade de condições, devidamente alternados, quando em funções colectivas» (Estatutos), o que também explica se encontrarem irmanados pelo mesmo ideal do Livro Espirita em Braille confrades que vêem e que não vêem, consoante o clima de fraterna confiança que entretém a vida íntima da S. P. L. E. B., como Instituição Espirita.*

### PIONEIRAS DO LIVRO ESPIRITA EM BRAILLE

*Ainda não se pode fazer a história do Livro Espirita em Braille, que, como a história de todos os marcantes movimentos do espírito humano em busca dos caminhos da evolução, oferece ao nosso exame um complexo de renúncias e sacrifícios, por vezes delicado em sua contestura. Das pesquisas feitas, quando da realização da II* Semana do Livro Espirita em Braille, *no ano passado, verificou-se que as actuais edições do Livro Espirita em Braille, tiveram como seus precursores, transcritos a punção, regletes ou a máquina, exemplares avulsos e únicos de algumas obras espiritas, graças à dedicação de algumas de* quatro *confreiras nossas, conscienciosas transcritoras em Braille.*

*Verificou-se, ainda, que dessas* quatro *pioneiras,* duas *eram cegas e* duas *eram videntes, realizando assim um* grupamento misto *como verdadeira* celula mater *de uma das condições básicas da organização da S. P. L. E. B. Outra coincidência digna de nota —* duas *delas, Engrácia Ferreira (vidente) e Balbina de Morais, já desencarnaram, estando ainda entre nós, no plano físico, Benedita de Melo (cega) e Júlia Pego Amorim (vidente). Como se vê, o princípio de alternância estabelecido pela S. P. L. E. B. em seus Estatutos, também já existia na fase pioneira do Livro Espirita em Braille. Louvado seja Deus!*

*Os textos espiritas transcritos para o Braille por essas irmãs pioneiras e cujos exemplares se encontram nas bibliotecas do Instituto Benjamim Constant, da Federação Espirita Brasileira e da Sociedade Pró-Livro-Espirita em Braille — foram, assim, a incubadora da ideia que inspiraria Marcus Vinicius e Luiz António Milleco à fundação de uma sociedade para o lançamento de edições de livros espiritas em Braille, que é hoje a S. P. L. E. B., já com seis anos de existência.*

*Cumpre-nos ressaltar que a mui prezada Sócia Benemérita Júlia Rego Amorim, embora cooperando para a realização de edições do Livro Espirita em Braille, continua a produzir textos avulsos em Braille, com os quais frequentemente enriquece a biblioteca da S. P. L. E. B.*

### AS REALIZAÇÕES DA S. P. L. E. B.

*Graças à cooperação técnica da Imprensa Braille do Instituto Benjamim Constant e à boa vontade do Director desse Instituto, Dr. Wilton Ferreira, e a doações e donativos de quantos compreendem o alcance dos propósitos da S. P. L. E. B. já foram transcritas três obras de Allan Kardec, a saber: « O que é o Espiritismo» (3 vol.), distribuído a 18 de Abril de 1957, em comemoração ao centenário do Livro dos Espiritos; «O Principiante Espirita» (2 vol.), a 18 de Abril*

*de 1958 e a 18 de Abril do corrente ano sua primeira grande obra espirita trasladada para o Braille «O Evangelho Segundo o Espiritismo» (6 vol.) — todos em edições de 50 exemplares.*

*No sector da alfabetização foram diplomadas por ocasião da sessão inaugural da II Semana do Livro Espirita em Braille, as três primeiras videntes alfabetizadas em Braille, sob a direcção de Marcus Vinicius Telles, Vice-Presidente da S. P. L. E. B., a saber: a senhora Marcelle Moreira Guimarães, a senhorinha Elcy Fernandes e a senhora Diva Coelho Duarte. Essas abnegadas companheiras de luta, com o conhecimento que têm da Cartilha em uso no Curso Primário do Instituto Benjamim Constant, podem tomar a seu cargo turmas de irmãos cegos a alfabetizar.*

*Para esse efeito, a S. P. L. E. B. vem se dirigindo a Instituições, espiritas ou não, de modo a pôr à disposição destas seus préstimos para alfabetização de cegos. Por outro lado continua o trabalho de formação de instrutores, já tendo sido abertas novas inscrições para o segundo semestre do corrente ano. É tal a importância atribuida à alfabetização de cegos pela S. P. L. E. B. que o «slogan» foi «Aprenda o Braille para para alfabetizar cegos», gravado em caracteres comuns e em Braille no Alfabeto Braille destribuído como lembrança do certame a mais de 500 espiritas, no Rio de Janeiro.*

## MAQUINARIA E NOVOS TRABALHADORES

*Breve retrospecto permite-nos notar que a I Semana do Livro Espirita em Braille, foi a primeira manifestação pública da existência da S. P. L. E. B., ou seja, de suas finalidades, dos atributos de seu quadro social e do trabalho até então realizado, quase que exclusivamente no campo editorial. Nesse quadro encarecia-se a necesidade de* maquinaria própria, *para que a S. P. L. E. B. pudesse transformar-se em verdadeira editora de Livros Espiritas em Braille.*

*Assim foi que resultaram da I Semana do Livro Espirita em Braille sensível aumento do quadro social, a doação de moderna máquina de escrever em Braille e de fundos que permitiram adquirir pequena* máquina impressora *para matrizes em papel endurecido. Resultou ainda que generoso parlamentar fez incluir no Orçamento da República a subvenção de cem mil cruzeiros que, se recebidos, serão destinados à aquisição de maquinaria.*

*Apesar de insignificante, com a maquinaria de que se dispõe já se podem fazer pequenas edições de textos espiritas em Braille e divulgá-los através dos serviços da Biblioteca da Sociedade, cada dia mais enriquecida com obras até mesmo de cultura geral.*

*Nesta II Semana do Livro Espirita em Braille, realizada na Zona Sul, foi novamente focalizado o problema vital da maquinaria. Sem o mínimo de quinhentos mil Cruzeiros (Cr. $500,00), estimados por técnicos do Instituto Benjamim Constant (Imprensa Braille), não será possível fazer nada de substancial, pelo menos que possa atenuar a sobrecarga desse departamento gráfico, imposta pelo serviço da S. P. L. E. B., embora aceita com alegria pelos que labutam naquela grande e eficiente oficina sob a chefia de Walter Boschiglia, hoje um dos mais dedicados amigos da S. P. L. E. B.*

*O outro grande problema de S. P. L. E. B. sobre o qual muito se insistiu na II Semana do Livro Espirita em Braille, foi a arregimentação de* novos trabalhadores *para a grande batalha da realização plena da S. P. L. E. B., dispostos a aprender e a ensinar o Braille, a encaminhar para a S. P. L. E. B. irmãos cegos que desejem ser alfabetizados ou que necessitem do apoio dos textos espiritas em Braille.*

## CONCLUINDO

*Eis em resumo o que é a Sociedade Pró-Livro-Espirita em Braille e o que representa para os cegos Espiritas do Brasil, de Portugal e demais terras de fala portuguesa, a II Semana do Livro Espirita em Braille. Foi possível falar a todos em linguagem clara, mesmo quando se tratou de aspectos materiais, porque na S. P. L. E. B. ninguém recebe qualquer remuneração e toda a sua produção é dada a quantos se inscrevam como assinantes ou sejam sócios da S. P. L. E. B. Trabalhando na S. P. L. E. B., obscura e desinteressadamente, sente-se que se está cooperando num empreendimento de tal envergadura que nos torna pequenos e humildes diante das tarefas a cumprir, posto que só se concretizam — muitas vezes tem sido verificado — graças à interferência das Forças do Alto. É que a S. P. L. E. B. é uma instituição espirita «sui generis», na sua maneira de ser, única no mundo segundo opiniões das mais abalizadas — como a desse agigantado trabalhador que é Isidoro Duarte Santos, Director de «Estudos Psíquicos» — instituição espirita destinada a difinitivamente incorporar os cegos do Brasil à Terceira Revelação, como que sob medida para «o coração do mundo, a Pátria do Evangelho» — a terra da Santa Cruz.*

*Bem que se sabe o muito que há a fazer nessa esplêndida ao mesmo tempo que dolorosa preamar do Terceiro Milénio e que cada um já tem as suas tarefas, seus compromissos espirituais, seu lugar nas fileiras sagradas do ciclópico dispositivo, que tudo modificará e a todos transformará. Longe a ideia de furtá-los a essas tarefas ou compromissos — apenas o que se deseja, o que se pede é a cooperação de todos num sector da Seara de Cristo-Jesus, que está sendo arroteada por um número insignificante de trabalhadores, se considerada a imensidade a ser lavrada.*

*Um ponto a meditar — quais serão as correlações das missões de Kardec, de Zamenhof e de Luís Braille, pràticamente contemporâneas?*

*DEUS seja Louvado!*

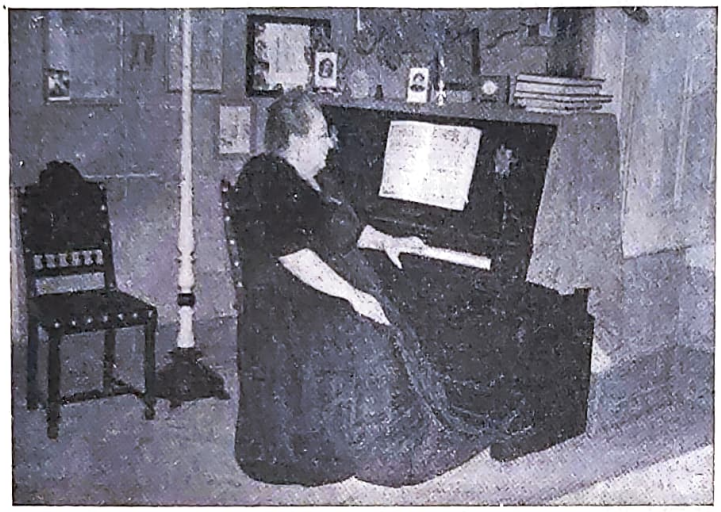
---

**Nota da Redacção** — Eis uma das obras mais belas que o espírito humano pode conceber. Após uma carreira militar brilhantíssima que o levou a um posto excepcional, o Marechal Mário Travassos não podia exercer tarefa mais honrosa do que trabalhar por uma parte da humanidade que merece todo o auxílio.

**Estudos Psíquicos** estará sempre ao seu dispor nesta grandiosa cruzada.

# FESTA DE ENCERRAMENTO DO CENTRO LUZ E AMOR

Lisboa é glorificada por poetas e prosadores, que não se cansam de a cognominar de *cidade à beira mar plantada, cidade de mármore e granito* ou ainda *jardim da Europa* onde se vive em constante primavera, com uma temperatura amena em qualquer época do ano. Porém Lisboa, *menina caprichosa*, como diz a conhecida canção, já farta de tantos elogios, decidiu de há uns tempos para cá pregar de vez em quando a sua partidinha aos admiradores. E assim ou os mimoseia com um frio glacial ou calor digno dos trópicos. Este ano, por exemplo, sem se compadecer do pobre alfacinha, convidou o calor a passar algumas semanas nos seus domínios... e o resultado foi nos últimos dias suportarmos temperaturas elevadíssimas, que excederam as do próprio deserto...



**D. Ema Cordeiro, grande colaboradora e animadora das Festas do Centro Luz e Amor**

O dia 2 de Agosto — dia marcado para a *Festa de Encerramento* de mais um ano de trabalhos do *Centro Luz e Amor* — nasceu abafadíssimo; o céu estava pardo e, se algum vento havia, era de canícula. Às 15 horas mal se podia respirar! Pouca gente havia nas ruas, pois logo às primeiras horas da manhã a população, divorciando-se da cidade, abalava para as praias e bosques dos arredores, em busca de uma sombra amiga, onde pudesse refazer as forças quase perdidas. Porém os sócios e amigos do *Luz e Amor*, quando se anuncia uma Festa, pouco se interessam que esteja frio ou calor, que o dia seja de primavera ou de inverno. Sabem que uma festa do *Luz e Amor* é sempre a certeza de grande prazer espiritual, e isso é mais do que suficiente para cairem em peso nas nossas salas. Desta vez o calor era tanto, que chegámos a aventurar a hipótese de uma compreensível excepção! Mas enganámo-nos! Mais uma vez as salas se encheram e a posse de uma cadeira era algo de muito sério ...

Os artistas, com a sua boa vontade de sempre, também não faltaram à chamada; e se alguns não compareceram foi por motivos imprevistos. Manuel Canaveira, por exemplo, que todos tanto apreciamos, quer declamando, contando anedotas ou executando ao piano diversas melodias, encontrava-se hospitalizado, por ter feito dias antes operação aos olhos, felizmente com êxito! Irene Marques, com o seu sorriso comunicativo, também não colaborou nesta Festa, por estar em Santarém, actuando no conhecido programa radiofónicos *Vozes de Portugal*.

Mais uma vez a nossa dedicada amiga professora D. Ema Cordeiro nos deu a sua valiosa colaboração!

E a Festa abriu, não com Maria de Lourdes Lima, como habitualmente, mas com Alberto Alves, também um distinto aluno da prof. D. Ema Cordeiro e que cantou *Se Uma Boca vou Beijar*. D. Gertrudes Marrameque Silva declamou em seguida *O Cego Cantador*.

Foi ocasião de António Cardoso — que dirigiu toda a Festa — apresentar a 1.ª estreia: Lília Graça! Trata-se de uma linda voz, que a assistência muito apreciou. Cantou-nos *Por Gostar só de Mim!*

Isidoro Duarte Santos subiu ao estrado para declamar *Pórtico, Mendigo* e *Lógica Infantil*, interessantes poesias de sua autoria. Isidoro Duarte Santos foi nesta Festa o colaborador mais vibrantemente aplaudido, aliás

**Isidoro Duarte Santos, declamando poesias de sua autoria**

com inteira justiça, podemos acrescentar. É que Isidoro Duarte Santos não se mostra só *grande* na direcção de uma revista como *Estudos Psíquicos* ou *Medicina Natural*, ou como presidente de um Centro sempre em franco progresso, ou como escritor e jornalista. Isidoro Duarte Santos é também *grande* no mundo da Poesia. O nosso Presidente não se limita a declamar trabalhos de outros. Ele que tem incontestàvelmente a inspiração das Musas, apresenta-nos poesias de extraordinária beleza e profundidade, como as que neste dia Jorge Raimundo e António Cardoso declamaram. Cada um dos seus poemas traz sempre uma mensagem de Amor e Perfeição, o reflexo de seu espírito evolucionista. Kipling não fez melhor!

Jorge Raimundo, desta vez sem o seu companheiro Manuel Canaveira, entreteve alguns minutos a assistência, com anedotas espirituosas, que ele tão bem sabe contar e que arrancaram fortes gargalhadas.

Helder Padesca é um elemento que muito agrada sempre: jovem de grande simpatia, de bela voz, apreciador em especial de música séria, acompanhou-nos sempre desde a primeira hora. Mais uma vez voltou ao *Centro Luz e Amor*, com a única diferença que, desta vez, voltou casado, e casado também com uma colaboradora nossa, a gentil Ziza Dional, cuja bonita voz também muito apreciámos. Aproveitamos para apresentar a esses nossos dois incansáveis colaboradores os votos das maiores felicidades. Helder Padesca, como íamos a dizer, colaborou também na Festa, cantando *Ilusão*. Seguiu-se um curto intervalo musical para António Cardoso apresentar 3 números de Ilusionismo: a *Garrafa*, a *Previsão na ardósia* e *Uma previsão com cartas*.

Carlos Leal — a segunda estreia — veio-nos falar, cantando, de uma certa *Maria Leviana!* E Jorge Raimundo, logo a seguir, declamou *Mãos*, de Manuel Canaveira. Como a Esposa deste estava presente, Jorge Raimundo transmitiu-lhe as saudações de todos e os votos de que em breve o possamos ter de novo entre nós!

Quem foi que disse que os espiritas não são alegres, não gostam de sorrir, e gostam de ver tudo em silêncio? Quem fez estas afirmações? Com certeza os não espiritas, que julgam pelo que pensam ou ouvem dizer a outros tão *sabedores* como eles... Os espiritas, esses é que não podem dizer tais coisas! Que pena que aqueles que assim nos julgam não assistam às nossas Festas, e não vissem, por exemplo, a terceira estreia do programa, a gentil Licínia Rodrigues. Bastava a sua presença para desencorajar o mais pessimista! E depois de a ouvir cantar, com tal graça e tal sorriso, não mais poderia afirmar que os espiritas são homens tristonhos... Licínia Rodrigues cantou *O Namorico da Rita!* Cantou e encantou!

E para continuar a *tristeza*, Fernando & Humberto, os reis da boa disposição, fizeram um tratamento de fígado à assistência, arrancando-lhe fortes e constantes gargalhadas. Vem a talhe de foice relatar um facto curioso: num dos números de Fernando & Humberto, este veio *vestido* de cavaleiro, mas como à última hora se esquecera de trazer a capa, substituíu-a por uma bata escura que encontrou num cabide! Encheu-a de farinha (para representar o pó da estrada...) e eis um improvizado cavaleiro... O pior é que a bata pertencia à empregada do Centro, que estava a assistir à Festa, e ficou muito admirada de a ver transformada numa capa, e ainda por cima cheia de *poeira*. Mas, longe de se arreliar, achou imensa graça ao facto. E no fim disse-nos:

— A bata amanhã vai para o sabão! Mas não tem importância! Valeu bem a pena, pelo riso que originou.

**Fernando & Humberto, no número cómico «As Irmãs Chalupas»**

Como estão vendo, em *tristeza* ninguém nos leva a palma...

Aventino da Silva cantou em seguida *Porque te Quero não Sei!* E Maria Ernestina Massano declamou *Recordando*.

Alberto Alves falou-nos em seguida de *Paris*, da Cidade da Luz! E D. Gertrudes Marramaque Silva recitou *A Galinha e a Telha*, da poetisa Laura Alves.

Lília Graça, a cuja estreia já fizemos justa referência, voltou, desta vez com o *Fado Hilário*. E também Isidoro Duarte Santos voltou a deliciar-nos agora com *Vem!* e *Aquele beijo*, poesias da sua autoria.

Mais uma estreia — a quarta desta Festa: trata-se do pequeno colaborador Luís Augusto de Vasconcelos, de 9 anos de idade, que executou ao piano uma magnífica peça musical; no fim a assistência não lhe regateou aplausos. E depois de *Rosa de Alfama*, por Helder Padesca, veio Carlos Leal, que já nos havia falado numa *Maria Leviana*. Naturalmente pensando ainda nessa Maria veio-nos falar de um *Cuore Ingrato!*

Tivemos depois um dos momentos culminantes do espectáculo. Jorge Raimundo, companheiro dedicado, colaborador desde a primeira hora, vibrante declamador, voltou agora para recitar uma poesia de Isidoro Duarte Santos. Intitulava-se *Diálogo Fantástico* e toda ela, desde o primeiro ao último verso, está impregnada de humanismo e de verdadeiro sentido poético! Se Eugénio Georges, Junqueiro ou Rudyard Kipling ouvissem poemas como este, seriam os primeiros a aplaudi-lo. Jorge Raimundo, com o seu talento habitual, soube *sentir* o pensamento do autor! E foi aplaudidíssimo! As ovações não tinham fim, ovações que iam também em grande parte para o autor, que, reclamado pelo público e verdadeiramente comovido, subiu ao estrado. As palmas redobraram e muitos assistentes de pé não se cansavam de dizer:

— Bravo, bravo! ...

Sim, bravo para Isidoro Duarte Santos, que nesta poesia nos mostrou mais uma vez toda a grandeza de sua alma; e bravo igualmente para Jorge Raimundo, que tão bem interpretou o pensamento do autor, galvanizando toda a assistência!

**Uma atitude de Jorge Raimundo na poesia «Diálogo Fantástico», de Isidoro Duarte Santos**

Licínia Rodrigues voltou a cantar (e a encantar) com *Eh Pá do Fado!*

António Cardoso apresentou em seguida o concurso *Ganhe um Livro*, tendo por lema o provérbio chinês: *Se tiveres dois pães vende um e compra um livro.* António Cardoso apresentou 60 cartões, 30 com perguntas sobre literatura espirita e metapsíquica e 30 com perguntas sobre literatura geral. Mais uma vez — dizemo-lo tristemente — tivemos ocasião de verificar que o público espirita lê pouco, muito pouco, e não conhece alguns livros que se publicam na sua terra. Perguntou António Cardoso a um confrade quem escrevera *O Problema dos Fantasmas*, e ele ignorava que era Hugo Rocha. A outro confrade perguntou quem traduziu *Nos Umbrais do Além*, de Sir William Barrett. Também não sabia que foi... Isidoro Duarte Santos! Mas como António Cardoso perguntasse em seguida quem era o autor de *Psicoses da Morte e da Vida*, outro confrade respondeu prontamente:

— Isidoro Duarte Santos... quando foi, como os leitores sabem, o Dr. Martins Oliveira.

Mais uma vez os não-espiritas levaram a maior parte dos livros! Alberto Alves, por exemplo, ganhou dois, por dizer o nome dos autores dos livros *A Cocaína* e *Os Maias!* Parabéns aos visitantes e pêsamos aos espiritas...

Lília Graça e Fernando Figueira cantaram *Lobos do Mar*, que muito agradou.

António Cardoso veio apresentar mais 3 números de Ilusionismo: *O Cubo*, *Moulin-Rouge* e a *Soma Prevista*. Fernando Figueira volta a cantar, mas agora

**António Cardoso em três números de ilusionismo**

**António Cardoso declama a poesia «O Homem Nu», de Isidoro Duarte Santos**

sòzinho. *Contigo Regressa a Calma*, eis o título do trecho que interpretou.

E de novo outro tratamento do fígado, graças aos *médicos* da boa disposição, Fernando & Humberto, que cantaram alguns números do seu alegre repertório. O último — *As Irmãs Chalupas* — foi muito aplaudido, arrancando gargalhadas sem fim! Resultado: todos os fígados ficaram como novos!

— E para a boa disposição não diminuir, Jorge Raimundo com os seus *Momentos de Bom Humor*. Numa linguagem crítica e humorística deu-nos uma visão de alguns ridículos da sociedade.

Aventino da Silva cantou em seguida *Terra Straniera* e *Alcoa*. E mais uma vez a gentil Licínia Rodrigues. Canta agora a conhecida *Lisboa antiga*.

António Cardoso subiu ao estrado para declamar mais uma brilhante poesia de Isidoro Duarte Santos: *O Homem Nu!* Ali encontra-se esculpida, em versos inesquecíveis, toda a tragédia do homem actual, que caminha como náufrago, sem saber o rumo dos seus passos, sem saber quem é e para onde vai...

Jamais sentimos António Cardoso tão vibrante e humano como neste poema. Num crescendo de entusiasmo que a própria letra impunha, alternando a inflexão e o ritmo com virtuosismo declamatório, bem difícil de ultrapassar, foi um verdadeiro intérprete do autor, que lhe deu um grande abraço de agradecimento. A assistência, por sua vez, dispensou-lhe uma trovoada de aplausos bem merecidos.

**Um aspecto da assistência**

António Vivas não faltou! António Vivas não podia faltar! É sempre bem-vindo às nossas festas e foi com grande apreço que a assistência o escutou em *Torna a Sorriento!*

E depois de mais alguns momentos de franca gargalhada, graças a Isidoro Duarte Santos, que contou diversas anedotas, Albertino Alves deu-nos uma magnífica interpretação do *Adeus à Vida*, da ópera *Tosca*, de Puccini.

António Cardoso disse que a Festa ia terminar. E depois de agradecer a todos os artistas a valiosa colaboração, referiu-se em especial à professora D. Ema Cordeiro, a quem se deve em grande parte e sem favor o brilhantismo das nossas festas culturais. Sem a sua colaboração e de seus alunos, por maior que fosse a nossa vontade, tais certames não poderiam atingir este nível. António Cardoso pediu à Prof. D. Ema Cordeiro que subisse ao estrado para que a assistência lhe tributasse longos e vibrantes apalusos.

E o espectáculo terminou com chave de ouro: uma ária do primeiro acto do *Elixir de Amor*, por Ziza Dional e Helder Padesca.

Passava já das 20 horas, quando terminou a Festa do *Luz e Amor*, com que encerrámos mias um ano de trabalho.

Quando os confrades se despediam até Outubro, ouvíamos dizer:

— Boas férias!

— Vai para o campo? Descanse, descanse! É bom para os nervos...

— Bom tempo de praia!

Entretanto, Isidoro Duarte Santos e António Cardoso iam dizendo:

— Aproveitamos estas semanas para novos trabalhos, novas realizações e novas ideias para o próximo ano!

A assistência numerosíssima que a objectiva não pôde focar num único instantâneo, em virtude da topografia das salas e do corredor ser impeditiva, foi debandando de sorriso nos lábios a pensar na próxima Festa do *Luz e Amor*...

# O Túmulo onde a Erva não Cresceu

Por MICHAEL SHELDON

Foi por entre o impressionante silêncio que de repente se fez no seio da pequena multidão que acorrera ao terreiro para presenciar o seu enforcamento, que a voz de John Davies se ergueu firme e pausada, enquanto levantava a mão direita para o céu negro e hostil e o seu olhar se fixava sobre o grupo dos curiosos. Depois, num tom grave e profético, concluíu as últimas palavras com esta afirmação que pairou no ar como um anátema:

— Tão certo como Deus estar na eternidade, posso jurar que estou inocente deste crime. Morro pedindo ao Altíssimo que não deixe, em prova da verdade, crescer erva sobre o meu coval!

A trovoada, como num augúrio, acompanhara o ritual da execução e foi sob a luz dos relâmpagos e o eco dos trovões que o corpo de Davies foi enterrado numa simples cova de metro e meio de profundidade. E durante algum tempo o assunto caiu no esquecimento.

John Davies, o executado, chegara tempos antes a Montgomery para administrar Heightly Hall, uma propriedade pertencente à família Pearce, na qual vivia a viúva do falecido dono e a sua jovem filha, mergulhadas numa pobreza extrema, com a quinta abandonada à invasão do tempo e da incúria.

Em poucos meses Davies, jovem e ambicioso, conseguiu restabelecer a prosperidade no domínio agora produtivo pelos seus cuidados. Incitava-o no seu labor o desejo de casar com a filha da viúva, ainda que na localidade a sua vinda não fosse acolhida com bons olhos.

Thomas Pearce, cujo pai fora em tempos o dono da quinta, e William Jones possuíam um duplo motivo para se livrarem de Davies: Pearce queria a propriedade e Jones a rapariga. Ambos eram amigos íntimos e em breve juntaram as suas forças e recursos contra Davies, que nem sequer suspeitava da cabala.

E assim, certo dia em que Davies se dirigira à feira de Welshpool para a venda dos borregos, os dois cúmplices esperavam-no quando regressava e entabularam imediatamente uma acesa discussão com o desprevenido moço, acusando-o de lhes roubar o gado. Pearce desafiou-o para a luta e Davies recusou a princípio entrar em pugilato. Mas, quando o outro o atacou, despiu o casaco e ripostou-lhe. Enquanto lutava com Pearce, Jones, seguindo o plano pré-combinado, introduziu o seu relógio numa das algibeiras da indefesa vítima do conluio. Depois do homem massacrado com pancadas conduziram-no a Welshpool e apresentaram queixa contra ele no posto policial, acusando-o de roubo. Jones acrescentou, com toda a desfaçatez, que quando chegara ao terreno da luta tivera dificuldade em salvar o seu companheiro de ser assassinado por Davies. Davies protestou clamorosamente a sua inocência, mas caíu em estúpido silêncio, quando lhe extrairam dos bolsos o relógio do antagonista, o que convenceu o subchefe da sua culpabilidade.

No tribunal, ao realizar-se o julgamento, um mês mais tarde, Davies protestou de novo e com extrema veemência e sinceridade a inocência dum crime inventado pela maldade dos atacantes. Os dois facínoras voltaram a jurar falso, afirmando a pés juntos que se tratava de assalto à mão armada.

Quando o juiz perguntou ao reu, antes de ler a sentença, se algo tinha a dizer em sua defesa, este limitou-se a afirmar:

— Sr. Juiz, nada posso apresentar contra a prova da acusação, mas posso afirmar perante Deus que estou absolutamente inocente do que me atribuem. Tenho a certeza de que as minhas amas saberão que não acolheram um ladrão em sua casa. Abandonado e só e indefeso peço ao Altíssimo que, para prova vindoura da minha inocência, não deixe crescer erva sobre o meu coval.

Contudo e apesar destas palavras, depois do corpo sepultado, cobriram a cova do mártir com semente de relva, o que ali era uso tradicional. Mas no dia seguinte o coveiro ficou estupefacto ao ver a terra revolta e nua das sementes que ali deitara.

Com o rodar dos tempos o coval abateu e tomou a forma dum esquife, sempre nu de vegetação, ao passo que os covais vizinhos verdejavam de relva forte e abundante.

Assim se espalhou a nova. E o povo começou a vir de longada ao cemitério para observar o facto e alguns trazendo sementes de relva. Outros plantaram flores em vão sobre a terra do anónimo coval. Voltaram a cavar a terra e a semear, mas tudo era inútil, nada crescia.

O vigário da localidade contratou, por fim, um trabalhador para cavar a terra até meio fundo e substituí-la por terra nova, estrumando-a e semeando-a com novas plantas. Tempo perdido! E a lenda, uma lenda terrível na mensagem espi-

# A VIDA ALÉM DA SEPULTURA

**pelo Espírito de RAMATÍS**

*Picografada por HERCÍLIO MAES*

**Depois de «A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores» e «Mensagens do Astral», que tanto êxito alcançaram, acabamos de receber a 3.ª obra do mesmo autor intitulada «A Vida Além da Sepultura», em que se relata a vida dos espíritos desencarnados, suas actividades no Além e os múltiplos aspectos da sua interferência nos labores do nosso mundo.**

**Nesta obra monumental impressa em óptimo papel são estudadas claramente todas as dúvidas e incógnitas relacionadas com os diversos sectores do Astral, abrangendo as regiões paradisíacas e as dos abismos de provação em que as almas são obrigadas a viver de novo os actos praticados durante a sua vida humana, a fim de certificarem a causa do sofrimento.**

**A descrição, porém, de tais cenas é exposta sem quaisquer fantasias que alterem a realidade.**

**1 grosso volume de 431 páginas no formato de 16,5 × 23 ... 120$00**

ENVIAMOS ESTE LIVRO À COBRANÇA


rita que em si continha, alastrou em muda condenação à maldade dos homens.

Chegou-se à altura, por entre a tácita revindicta que o facto em si simbolizava, em que se resolveu remodelar o cemitério. Toneladas de terra foram lançadas sobre o recinto e relva espalhada pelo terreno fresco. Dentro de pouco tempo a velha necrópole era um mar verdejante de erva tenra e pujante — excepto o local onde o corpo de Davies jazia, solitário. Exasperados, os coveiros voltaram a remexer o solo e a semear em vão!

Vinte anos depois, alguém reparou que a configuração do coval parecia querer mudar de forma, como se a terra se erguesse em dois braços sobre a superfície. Excitado e confundido, o povo acorreu para verificar que o caixão de Davies tomara pouco a pouco a forma duma cruz. Vieram bispos anglicanos e um padre católico espargiu água benta sobre o local, onde um inocente proclamava do Além a injustiça que o acompanhara à cova. Já nessa altura todo o país de Gales, apaixonado pelo assunto, sentia como uma censura tácita essa mensagem póstuma do homem injustamente sacrificado. Mas Pearce tinha morrido num acidente. E Jones, que se tornara inválido depois de vaguear pelo condado, foi descoberto pelo coveiro caído inconsciente sobre o coval de Davies. E antes de morrer disse ao confessor que jamais pensara que Davies fosse enforcado, inocente do crime que ele e o companheiro haviam forjado. Mas o facto mudo desta estranha e verídica história continuou a excitar os ânimos.

Um americano chegou a trazer fertilizadores e sementes seleccionadas. Morreu de acidente e o seu plantio nunca cresceu. Outro levou um pouco de terra para analisar, mas morreu antes de saber o resultado. Só uma roseira plantada por um homem bom cresceu e se desenvolveu no interdito coval. Mas com o tempo o seu desenvolvimento tornou-se ainda maior motivo de espanto para os habitantes de Montgomery, porque, pouco a pouco, foi tomando a forma duma cruz.

Hoje, 135 anos depois, o túmulo de John Davies pode ser visitado por qualquer pessoa que duvide da imortalidade da alma e da sua comunicação com a terra. E o actual vigário da paróquia acredita — como nós — que só a fé e a força de vontade da vítima podem manter este milagre, mostrando aos vivos, como símbolo da sua inocência e da eternidade da alma, o seu túmulo, onde a planta não cresce e a vida morre ...

**(Do «Fate», de Maio de 1956)**

# Uma Viagem de Confraternização

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Chefiada pelo primeiro vice-presidente da *Federação Espirita do Rio Grande do Sul*, José Simões de Matos, a Caravana partiu de Porto-Alegre no dia 4 de Junho do corrente ano, com destino ao Rio de Janeiro, Distrito Federal, Uberlândia e Uberaba, em Minas Gerais, e São Paulo, capital do Estado do mesmo nome.

Integraram a mesma, além do primeiro vice-presidente, João Amado Venâncio, Conselheiro da *Federação* e primeiro vice-presidente do *Hospital Espirita* de Porto Alegre, e Inácio Alfredo Leite Cerqueira, também pertencente ao Conselho Deliberativo da Federação e presidente fundador do *Ateneu Espirita Cruzeiro do Sul*, de Porto Alegre.

Foram nossos intermediários nas visitas e trabalhos espirituais de confraternização que realizámos, no Distrito Federal, o Sr. Francisco Thissen, representante da *Federação Espirita do Rio Grande do Sul*, no *Conselho Espirita Federativo Nacional* e, em Uberlândia, o Sr. Ifrahin Nunes, pertencente à Directoria da *Sociedade Espirita Joana d'Arc*, daquela localidade. Em Uberaba, o Sr. José Ribeiro, presidente do *Centro Espirita Batuira*, de Uberaba. E o Sr. Carlos Jordão da Silva, presidente da *U. S. E.*, entidade coordenadora e orientadora do Espiritismo no Estado de São Paulo.

**No Centro Espirita Batuira, de Uberaba, enquanto falava José Simões de Matos. Na mesa vê-se o médium Francisco C. Xavier**

No *Conselho Espirita Federativo Nacional*, em sua sessão mensal, realizada na tarde do primeiro sábado de cada mês, convidados a tomar parte nos referidos trabalhos, por gentileza de seu digno presidente, Sr. Dr. Wantuil de Freitas, tivemos a oportunidade de ver e sentir o trabalho de cada *Federação Estadual*, ali representada por confrades verdadeiramente dedicados à doutrina de Jesus à luz da 3.ª Revelação. O *Conselho Espirita Federativo Nacional* é uma expressão da doutrina espirita no Brasil, em prol de uma humanidade sempre mais feliz e, consequentemente, de um mundo melhor.

Visitámos a Editora da *Federação Espirita Brasileira*, onde fomos carinhosamente recebidos por seus dignos Directores. Mais uma vez notámos o progresso daquela meritória empresa, toda dedicada à iluminação dos espíritos ainda menos esclarecidos, promovendo sempre mais luz no seu caminho. A Editora é qual uma usina, produzindo forças e luz em prol da iluminação da humanidade. As edições de obras espiritas sucedem-se às dezenas de milhar cada uma. Ainda agora foi editada uma das últimas obras ditadas pelo espírito de *André Luís*, recebida através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo, e Waldo Vieira, de Uberaba, metade cada um, intitulada: «Evolução em Dois Mundos», com uma tiragem de 20 000 exemplares. Esta obra, segundo me informaram, é qual uma síntese das obras já ditadas pelo espírito de *André Luis*.

Também, em Esperanto, me informaram terem sido já editadas 7 obras espiritas, entre as quais o «O Evangelho, segundo o Espiritismo», que representa a parte moral da doutrina espirita; e «O Livro dos Espíritos», que representa a parte filosófica. «O Livro dos Espíritos» é uma verdadeira chave para abrir as portas de todos os mistérios que ainda possam existir, criados pelos preconceitos de vãs filosofias ou teologias. O Esperanto tem penetrado em vários países do velho mundo, inclusive o Japão, de onde a Federação tem recebido pedidos vários de obras espiritas.

Tivemos também a grata satisfação de visitar a *Casa da Mãe-Pobre*, modelar instituição, da qual é director e fundador o nosso velho confrade e amigo Sr. Henrique de Magalhães, que nos mimoseou com sua fidalga atenção e fraternal carinho. Aquela instituição é uma prova de sua dedicação e um testemunho de gratidão à causa de nosso Mestre Jesus.

Visitámos ainda o *Lar Bezerra de Menezes*, que é também uma verdadeira escola, onde se educa o espírito para as suas tarefas materiais e espirituais. Por tudo o que vimos e sentimos, tanto nesta, como na Casa da Mãe-Pobre, o nosso coração se encheu de fé e contentamento pelo progresso de nossa Doutrina em terras de Santa Cruz, onde, de facto, se vê crescer a árvore do Evangelho à luz da terceira revelação, cujos frutos já estão sendo alimento sublime para muitos necessitados.

Em Uberlândia fizemos uma palestra de confraternização à luz do evangelho, no *Centro Espirita*

«*Joana d'Arc*», com a presença de todos os estudiosos e simpatizantes de nossa doutrina daquela cidade.

Em Uberaba nossa permanência foi mais longa. Recebeu-nos o Sr. José Ribeiro e demais confrades representativos da doutrina naquela próspera, quanto gentil e hospitaleira cidade mineira.

Na noite do dia 9 de Junho, no *Centro Espirita Batuira*, achando-se presente o nosso distinto confrade e amigo, Sr. Francisco Cândido Xavier, Dr. Ignácio Ferreira, presidente e fundador do *Sanatório Espirita de Uberaba*, Emmanuel Martins Chaves, pelo *Centro Espirita Uberense* e *União da Mocidade Espirita Uberense*, Dr. Odilon Fernandes, pela *Casa do Cinza* também de Uberaba, Sr. João Lourenço da Costa Nunes, pela *Seara de Emmanuel*, José Tomás da Silva Sobrinho, pelo *Centro Espirita Vicente de Paulo*, da mesma cidade, e o Sr. Dorval Rodrigues, que muito nos auxiliou, realizámos a nossa palestra sobre a doutrina espirita e a organização espirita federativa à luz do evangelho. Presidiu os trabalhos da sessão o Sr. Rúben Silva e fez a prece de abertura o nosso distinto confrade e amigo, Sr. Waldo Vieira. Os trabalhos foram precedidos de alguns números de música escolhida, que muito concorreram para a boa sintonia dos mesmos.

**Durante a visita à Editora da Federação E. Brasileira. Da esquerda para a direita: Henrique Magalhães, Zeus Wantuil, João Amado Venâncio, Brito Soares, Leite Cerqueira, Simões de Matos e Iolando dos Santos**

O primeiro orador foi o nosso companheiro João Amado Venâncio, que, em breve improviso, falou sobre nossa visita ao *Sanatório Espirita de Uberaba*, agradecendo a gentileza da recepção que nos foi dispensada, assim como do *Centro Espirita Batuira*, onde nos encontrávamos, congratulando-se com seus dirigentes pelo progresso já realizado, tendo sido muito aplaudido no término de sua oração.

Falou em seguida o primeiro vice-presidente da *Federação Espirita do Rio Grande do Sul*, cuja palestra foi objecto de muita atenção por parte dos irmãos presentes, em virtude dos exemplos apresentados, demonstrando os objectivos da mesma. Assistimos ainda a vários trabalhos práticos do nosso amigo Chico Xavier, nalgumas de suas modalidades.

O primeiro, foi no seu núcleo, 6.ª feira, 12 de Julho, com início às 21 horas, de estudo da doutrina e consultas espirituais para tratamento e orientação de pacientes necessitados, tanto de enfermidades do corpo como da alma. Os trabalhos tiveram início às 21 horas com uma prece feita pelo presidente dos mesmos, Sr. Waldo Vieira, quintanista de medicina naquela localidade, e terminaram às 23,30.

Durante a sessão mediúnica foram lidos e comentados alguns trechos do «Evangelho, Segundo o Espiritismo» e do «Livro dos Espiritos» pelos irmãos convidados a tomar parte na mesa dos trabalhos. No fim da sessão foi lida uma mensagem dada pelo espírito de *Emmanuel*, esclarecendo e orientando todos os presentes sobre os estudos daquela noite.

O segundo trabalho foi de desobsessão, realizado noutro núcleo, denominado *Casa do Cinza*, cujo nome representa uma homenagem a um trabalhador da Seara de Jesus, já desencarnado.

Este trabalho foi presidido pelo irmão Dr. Odilon Fernandes, professor da Faculdade, auxiliado pelo senhor Waldo Vieira, achando-se em torno da mesa 8 médiuns de actuação, entre os quais pude ver 3 professores das faculdades locais (Direito, Medicina e Odontologia), que trabalharam parelhos com o nosso amigo Chico Xavier, recebendo espíritos sofredores para serem doutrinados e auxiliados pela corrente espiritual do referido núcleo.

Isto demonstrou-me mais uma vez a classe de trabalho do nosso amigo Chico Xavier. Tanto serve aos guias como aos sofredores, assim como àqueles que o acompanham nestes trabalhos. Ao término da sessão, a nossa Caravana recebeu duas memoráveis mensagens espirituais: a primeira nos foi dada pelo espírito há pouco desencarnado de Aparício Ferreira de Lima, pertencente à *Sociedade Espirita «Paz e Amor»*, de Porto-Alegre, que muito nos alegrou, não só pelo elevado teor da mesma, como pelas recomendações a vários irmãos, ainda encarnados, da *Paz e Amor* e da *Federação Espirita do Rio Grande do Sul*, completamente desconhecidos do médium, por quem se comunicou, cujos nomes mencionou por extenso em elevado número, particularizando assuntos próprios daqueles irmãos encarnados. A segunda mensagem foi-nos dada pelo espírito do nosso irmão Francisco Spinelli, saudando a nossa Caravana e congratulando-se pelos motivos de nossa viagem em prol da Unificação. As duas mensagens foram orais.

Assistimos ainda no dia 9 de Junho a uma sessão de preces e curas espirituais no *Centro Espirita Batuira*, na qual fez uma palestra o nosso companheiro Inácio Leite Cerqueira, por cujo motivo foi muito aplaudido por todos os presentes.

No sábado, 13 de Junho, véspera de nossa partida, ainda assistimos a uma sessão de assistência social, feita pelo núcleo de nosso amigo Chico Xavier, a 15 famílias muito necessitadas dos arredores daquela cidade, cujo trabalho é feito e presidido pelo nosso amigo Chico, todos os sábados, com início às 19 horas acompanhado por mais de 20 confrades e confreiras, pertencentes ao mesmo núcleo, visitando uma por uma, todas as 15 famílias, às quais são distribuídos alimentos diversos e um envelope com determinada quantia em dinheiro a cada uma. Além

MENSAGENS DE LIA

# O INFINITAMENTE PEQUENO

*Que a paz do Mestre nos inspire a todos. Que sua lembrança esteja sempre presente em nossos espíritos.*

*Muitas vezes a observação dos factos não pròpriamente espirituais pode nos servir de estalão para cogitações em torno da espiritualidade. Acaso já repararam que o* mundo do infinitamente grande *está ultrapassado? Dos corpos siderais como inatingíveis e intocáveis pelas distâncias astronómicas, assim chamadas pela imensidade de algarismos necessários à sua expressão? Acaso já se aperceberam de que passou o tempo dos grandes artistas, dos sábios, das grandes descobertas, bem como dos grandes santos e profetas? Sim, em verdade tudo isso já passou, porque estamos em pleno domínio do* infinitamente pequeno. *É o reinado do microscópio e do átomo, este como o microscosmo, pelas forças que o põem em equilíbrio.*

*Mesmo sem penetrarmos no âmbito sem limites do* infinitamente pequeno, *lembremos que o maior inimigo de nossa vida física são os germes e os vírus, de estranha linhagem zoo-biológica. E, ainda, que na vida espiritual nada há mais em grande relevo. Nem os espectáculos sanguinolentos dos circos, nem o estrépito avermelhado das fogueiras, queimando até verdadeiros santos. Ao invés de profetas de avançada idade e longas barbas, há médiuns por toda a parte e de todos os matizes. Dizem aos poucos, anònimamente e onde menos se pense, a palavra de Deus.* Pequenos santos *vivem, um pouco por toda a parte, a serviço do Bem. Ignorados de muitos, eles próprios ignoram que* estejam santificados, *por suas acções de humildade e de amor.*

*Hoje não se pede nada de grande a ninguém. Espera-se de todos e de cada um pequenas atitudes. Atitudes infinitesimais, partículas que são do infinito Bem que é Deus, o Pai Todo Poderoso.*

*No mundo do* infinitamente pequeno *da espiritualidade, há lugar para todos. Cada um pode pôr sua pedrinha na obra imensa da reabilitação humana. A fonte de quase todas as angústias do tempo está na incompreensão dos choques entre esses dois mundos — o do* infinitamente grande *e o do* infinitamente pequeno. *Aquele é o mundo a três dimensões; este o de quatro dimensões.*

*O que importa, por maior que seja a complexidade das coisas, é que comecemos a dar ao que é* pequeno, *ao que nos pareça* insignificante, *aos* quase-nadas *da vida quotidiana, o máximo de importância. É o que está ao alcance de nossas possibilidades. Há sempre uma migalha de qualquer coisa a ser feita. Que Deus, o Pai Todo Poderoso, e Jesus, o Mestre e Amigo de todas as horas, nos auxiliem a compreensão de nossas tarefas mínimas,* infinitas, *se projectadas no mundo sem limites do* infinitamente pequeno.

(Psicografia de **Marius,** no Centro Espirita «Pátria do Evangelho», do Rio de Janeiro, em 30 de Março de 1958).

dos alimentos, é lido, no interior de cada um daqueles lares, um trecho do «Evangelho Segundo o Espiritismo», cujo capítulo é sujeito à sorte da abertura do livro feito pelo chefe de cada lar.

Esta leitura é feita pelo chefe da Caravana assistencial, nosso querido Chico Xavier, que se apresenta naquele trabalho, tão carinhoso, quanto servidor providencial, sempre alegre e comunicante para com todos. Isto nos conforta e anima pelo exemplo edificante que nos oferece em prol de um mundo melhor e mais feliz. Diz ele que a leitura do Evangelho no lar, ao menos uma vez por semana, é o melhor remédio e o melhor auxílio espiritual para a boa solução dos problemas que possam afligir o mesmo, preparando o ambiente para que os bons espíritos melhor possam cooperar.

Ainda assistimos a uma sessão de preces e curas no *Sanatório Espirita de Uberaba* com a presença de muitos enfermos ali hospitalizados, notando-se um eficiente resultado pelo auxílio espiritual que se sente através da boa ordem reinante nos mesmos durante a sessão, à qual se achavam presentes, além do Director dos trabalhos, o Dr. Inácio Ferreira e a Directora, Sr.ª Maria Modesto.

Em São Paulo, graças à gentileza do nosso amigo Sr. Carlos Jordão da Silva, presidente da USE, que nos recebeu em nossa passagem por aquela Capital, assistimos a parte dos trabalhos do programa doutrinário daquela entidade e abraçámos os nossos irmãos em Cristo trabalhadores naquela tão próspera, quanto exemplar seara doutrinária.

Tudo isto nos conforta e anima a prosseguir com mais fé e bom ânimo, colhendo e saboreando os sazonados frutos que a fraternidade nos dá a luz do Evangelho.

**Porto Alegre.**

## UM JUIZ PROCESSADO

*O «Comércio de Franca» de 2 de Julho publicou a seguinte notícia:*

*«O presidente do Tribunal de Justiça de Belem, desembargador Arnaldo Lobo, oficiou à Polícia, pedindo abertura de inquérito para apurar a responsabilidade de um suplente de juiz que, na Delegacia de Polícia de Salinópolis, rasgou um exemplar da Constituição.*

*«Um pastor protestante dirigira-se à Delegacia, a fim de pedir garantias para pregar na sua igreja. A autoridade policial chamou o juiz e este foi dizendo que o povo do município era católico e lá não havia lugar para outra religião.*

*«Tentando argumentar, o pastor alegou que a Constituição assegura aos cidadãos a liberdade de culto religioso e apresentou um exemplar da Carta Magna, que o juiz lhe arrebatou das mãos e rasgou».*

*É lamentável que um magistrado desse exemplo tão falho de critério em face de pedido lógico baseado no código fundamental da nação. Estas atitudes, longe de impor os homens, reflectem-se nos próprios ideais que se querem defender.*

*Agora outro juiz se levanta em nome da lei para que volte ao equilíbrio a harmonia social e os delituosos, sejam eles quais forem, assumam a responsabilidade de seus actos. É que o caso foi entregue à investigação criminal.*

*Ainda há justiça... no Brasil.*

## O ESPIRITISMO EM BRASÍLIA

*Fala-se muito em Brasília, a futura capital da Terra do Cruzeiro. O que não saberão é que no dia 28 de Abril passado se inaugurou ali o primeiro Centro Espírita, cujo empreendimento se deve à Tia Sinhá, uma senhora de 70 anos com grande iniciativa e muito dedicada à Causa. O Centro é uma espécie de massa que os nossos confrades farão levedar, como sucedeu em muitas localidades do Brasil. Chama-se «Sebastião, o Mártir» e conta com uma turma de abnegados que não devem nem temem. A sua divisa é avançar e desbravar.*

*Onde se manifeste uma nesga de progresso lá estará o Espiritismo com seus arautos e servidores.*

*Muito custou a lavrar o terreno. Agora é o tempo da sementeira e os obreiros surgem em toda a parte de sacola ao ombro, lançando o grão abençoado.*

*Esta notícia tem seu quê de alviçareiro e vai, decerto, entusiasmar os leitores. Por isso a damos com alegria, desejando as maiores prosperidades aos pioneiros que assentaram a pedra de um novo monumento erguido à custa de fé inquebrantável.*

*Para a frente, amigos, que o terceiro milénio já se vislumbra no horizonte! É preciso que os espiritistas dêem o seu testemunho, de forma a que a sua presença seja afirmação de bondade e solidariedade!*

## O ESPIRITISMO NAS FACULDADES

*Lemos num jornal brasileiro que o «Irmão Saulo», pseudónimo do brilhante jornalista J. Herculano Pires que no «Diário de São Paulo» mantém a secção* Espiritismo, *foi convidado pelo governo do Estado e com aprovação do Ministério da Educação para lente da Faculdade de Filosofia (Ciências e Letras) da cidade paulista de Araraquara.*

*Nesta notícia há dois aspectos a considerar: a instituição da cátedra e a escolha do mestre. Quanto ao primeiro, nota-se que os políticos estaduais se colocam na corrente mental do século, destruindo preconceitos e construindo os alicerces de um mundo novo; quanto ao segundo, não podia a escolha ter sido melhor e mais oportuna, porquanto Herculano Pires, além de exímio jornalista, é um estudioso do Espiritismo que se impõe através dos seus escritos criteriosos e oportunos.*

*Felicitamos o «Irmão Saulo» pela distinção obtida. Na Faculdade de Filosofia de Araraquara saberá manter os créditos de culto espiritista e os seus triunfos repercutir-se-ão na doutrina que professa.*

## O ESPIRITISMO NA TELEVISÃO

*A «Revista Internacional do Espiritismo», de Matão, publicou a seguinte nota:*

*«Notícias procedentes dos Estados Unidos revelam que a «religião espírita foi reconhecida pelo novo código da Associação Nacional de Rádio e Televisão», o que vale dizer que programas religiosos de Espiritismo podem ser emitidos nas emissoras e tele-emissoras norte-americanas. Até agora só a religião católica e a protestante podiam servir-se desses meios divulgadores. O Espiritismo era posto de lado, a pretexto de «não ser religião nem ciência exacta».*

*«Acrescenta a notícia: «Foram grupos religiosos não-espiritas que instaram junto da Associação para que permitisse a divulgação desse crédito através da rádio e da televisão, alegando tratar-se de uma filosofia que, embora a não advogassem, era digna de todo o respeito». Como vemos, parece haver nos Estados Unidos menos receio da parte dos meios religiosos, quanto à propagação do Espiritismo, do que em nosso país».*

*Assim mesmo, o Brasil-espírita não se pode lastimar, no tocante à divulgação da Doutrina pela rádio, pois há mais de 250 programas espalhados pelos Estados do interior que levam a toda a parte o verbo de numerosos paladinos. Em Portugal não temos esperança alguma de utilizar as ondas hertzianas na propaganda do Espiritismo, pelo menos nos anos mais chegados. Não quer dizer que a mentalidade espírita se tenha extinguido inteiramente, mas que há retraimento geral, quer na palavra escrita, quer na palavra falada. Para que se possa difundir uma ideia é necessário liberdade de expressão baseada na lei. Condicionar o pensamento a fórmulas arbitrárias é impedir o exercício de direitos exarados no código nacional, estimulando o desinteresse pelos problemas humanos.*

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## FLAMMARION E O CALCULISTA

*A Reencarnação*, de Porto Alegre, publicou há tempos uma notícia interessante relativa ao astrónomo-espirita Camilo Flammarion, o célebre autor da «Astronomia Popular» e conhecido em todo o mundo. Vamos transcrevê-la.

«Flammarion relacionou-se com o caulador Inaudi, tinha este apenas 13 anos. Nascera em 1867 e seu pai é que o apresentou ao astrónomo, pois julgava que o poderiam admitir no Observatório de Paris, devido aos seus cálculos extraordinários. Até esse momento desconhecia os algarismos e não sabia ler, nem escrever. Era um simples pastor piemontês que contava quase automàticamente, com a mesma facilidade com que respirava. Contava as árvores da rua, as casas e todos os objectos que via.

«Flammarion interessou-se pela faculdade prodigiosa do rapaz e começou a ensinar-lhe raízes quadradas e cúbicas. O que mais o impressionava era que, sem conhecer algarismos, pois nunca frequentara a escola, fazia somas instantâneas e multiplicações de três, quatro, cinco e seis algarismos, parecendo-lhe assim que devia ter conhecimentos adquiridos em vida anterior. E quando Inaudi o visitou na véspera da sua partida para a Itália, Flammarion perguntou-lhe:

«— Já sentiu reminiscências ou recordações de coisas que nunca tinha visto?

«Inaudi respondeu:

«— Há um facto que me surpreendeu muitíssimo e de que me lembro, como se fosse de hoje. Em 1883 visitei pela primeira vez Lons-le-Saulvier, no Jura. Tinha então 15 anos. Ao chegar a certa localidade pensei: «já conheço este lugar, já o vi antes». Fixei com atenção três ou quatro casas que m epareceram familiares e pensei outra vez: «Naquela direcção, um pouco à direita, deve haver uma casa com uma pequena escada de seis ou sete degraus». Dirigi-me para lá e encontrei a casa. De tal modo me impressionei, que à noite não pude fazer os meus cálculos, como habitualmente».

«O jovem Inaudi nunca tinha estado naquela cidade. Nascera em Onorato, no Piemonte, e não conhecia o Jura. Segundo Flammarion, a explicação mais aceitável para este caso era a reminiscência de vida anterior».

Na bibliografia espirita há centenas de casos deste género sucedidos em todos os pontos do globo. A ideia reencarnacionista está grangeando adeptos aos milhares, principalmente nos países anglo-saxónios, em que as opiniões de dividem no sentido da sua aceitação. A própria Federação Espirita Internacional está a cindir-se, em virtude da influência do seu presidente, Dr. Karl E. Muller, que aceita a teoria, como também a aceitara o seu antecessor David Bedbrock.

## PREMONIÇÃO VERÍDICA

*Luz de Damasco*, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, insere notícia de Estambul referente a uma carta do Dr. Bedri Ruhselman, fundador e presidente da *Sociedade Metapsíquica da Turquia*, em que relata um facto insólito que vamos arquivar.

Achava-se no dia 9 de Dezembro de 1958 num grupo de estudos a observar o médium Mohmet Fabri Ogretici e manifestou-se uma entidade que informou:

— Sinto-me satisfeito em poder relatar um acontecimento futuro susceptível de verificação. Há grande influência espiritual sobre determinada zona. Vocês têm dado importância especial a esse respeito, com relação a factos acontecidos. O fenómeno a que me refiro constitui um desastre eminente.

A reunião pouco mais durou. Uma semana depois, no dia 16 de Dezembro, recebeu-se a segunda mensagem esclarecedora de que não se tratava de guerra, como alguns haviam pensado, mas de grande inundação nos arredores de Konya na direcção Sueste. As áreas prováveis seriam Konya, Nidge, Mersin, Arana e Antalya.

Em seguida fez-se a planta da zona e registou-se em notário, como se depreende dos impressos enviados ao jornal brasileiro donde extraímos estes elementos de informação. Cinquenta dias após a primeira mensagem verificou-se grande enchente de proporções catastróficas, cobrindo exactamente a zona delimitada na planta.

*Luz de Damasco* acrescenta que o Dr. Bedri Ruhselman é um estudioso do assunto e muito se tem esforçado para difundir mundialmente os fenómenos que obteve.

Apesar de serem numerosos os factos deste género coligidos em livros e revistas de Espiritismo, nunca serão demasiados para demonstrar a existência de faculdades supranormais que se manifestam ostensivamente, apesar da oposição de certas correntes doutrinárias que se limitam a criticar sem argumentos plausíveis.

## VOAM PEDRAS, FRUTAS, ETC.

Do *Reformador* de Junho transcrevemos a seguinte notícia subordinada ao título desta nótula:

«Segundo lemos em *A Comarca* de 1 de Maio do ano corrente, jornal de Mogi-Mirim, estão ocorrendo em Itapira, cidade do Estado de São Paulo, na residência do sr. Cid Ulboa Canto, à rua João de Morais, estranhos fenómenos com o lançamento de frutas, pedras e outros objectos, sem que ninguém até agora, por inacreditável que pareça, tenha sofrido qualquer dano pessoal. Parecem ... «teleguiados».

«Homem conceituadíssimo naquela cidade, à sua residência (católico como todos os da sua casa) têm comparecido os vizinhos, os amigos e pessoas respeitáveis da cidade, como o promotor, o delegado de Polícia, advogados, médicos, farmacêuticos, políticos e até padres, cujos exorcismos de nada têm valido. Todos são unânimes em afirmar a veracidade dos factos.

«A edição matutina de *O Globo* de 25 de Maio declarou que, «mesmo com a casa inteiramente fechada, as pedras, as frutas e os

objectos entram e saem, sobem e descem pela parede, resvalam no tecto e caem inesperadamente.

«O delegado de Polícia, que duvidava dos fenómenos, foi atingido na cabeça por um limão misteriosamente vindo do tecto, o que o levou a desistir do inquérito.

«O fotógrafo de uma revista carioca foi vencido na sua incredulidade, quando viu um objecto levantar voo, saindo pela parede.

«O enviado especial do *Globo* ouviu várias pessoas idóneas sobre as *misteriosas* ocorrências, delas obtendo plena confirmação.

«Esses fenómenos, que tão inexplicáveis se apresentam aos meios alheios ao Espiritismo, são, para nós, espiritistas, não só explicáveis, como também considerados naturalíssimos, nada tendo de sobrenaturais ou diabólicos».

Fazemos nossas as palavras do *Reformador*.

## «O LIVRO DOS ESPÍRITOS» EM INGLÊS

*Voz Informativa*, de México, publicou uma carta de Zacarias Galán, de La Plata, dizendo que, por iniciativa de uma espirita francesa residente nos Estados Unidos, se imprimirá brevemente, no Brasil, «O Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, cujo financiamento será feito com o produto de colectas que já começaram a efectuar-se.

A importância desta iniciativa é considerável, visto que a primeira edição inglesa se encontra esgotada há mais de 50 anos e ninguém se abalançou ainda à segunda, com receio de fracasso económico.

Parece que se projecta apresentar a edição no próximo Congresso Espirita Internacional que se realizará em Londres, em Setembro de 1950.

O semanário inglês *Two Worlds* tem publicado muitos fragmentos do citado livro e até a própria fotografia de Allan Kardec.

O entusiasmo suscitado nos leitores é muito grande e por isso espera-se que a edição inglesa seja uma realidade.

Há considerável renitência no movimento espirita inglês, quanto à divulgação de obras latinas de Espiritismo, ao contrário do que sucede nos países latinos a respeito das obras congéneres de autores ingleses e norte-americanos. Seria de grande alcance a permuta de obras espiritas, pois assim o mundo ficaria a conhecer os pontos de contacto e as divergências, naturalmente baseados em premissas religiosas e que tanto têm prejudicado a aproximação dos adeptos da Doutrina.

Quase todas as obras espiritas inglesas conhecidas em Portugal foram traduzidas por brasileiros, portugueses, espanhóis, mexicanos e argentinos. Agora, por exemplo, surgiram na cidade de México as *Edições Voz Informativa* sob os auspícios da professora Elodia Cástol de Benavides, uma das mulheres espiritas mais cultas e esforçadas e que tantos serviços está prestando à propaganda. Além de directora de *Voz Informativa* tem a seu cargo a *Associação Espirita Juana de Asbaje*, de séria repercussão no movimento espirita mexicano.

Voltando ao assunto, congratulamo-nos com a deliberação relativa à segunda edição inglesa do «Livro dos Espíritos», que há-de causar sensação, mesmo entre os elementos anti-reencarnacionistas, porque esta obra de Kardec é de lógica extrema e poderá exercer influência decisiva em todos os indivíduos sãos, alheios a preconceitos.

## SANATÓRIO ESPIRITA DE UBERABA

O *Sanatório Espirita de Uberaba*, sob a proficiente directriz do Dr. Inácio Ferreira e que durante muitos anos se tem dedicado à cura da obsessão, festejou há pouco as suas bodas de prata. Um quarto de século a servir uma causa, a curar doentes do corpo e do espírito, cujo desequilíbrio entronca às vezes em vidas anteriores e que os trabalhos mediúnicos revelam em condições não raro impressionantes!

Todo o Brasil conhece a obra do *Sanatório Espirita de Uberaba*. A sua repercussão tem sido extraordinária até no estrangeiro, onde as obras do seu director encontram leitores apaixonados.

Para fazermos uma ideia do movimento de 1934 a 1957, basta dizer que entraram 3 511, foram curados 1 562, melhorados 801, transferidos 328, além de 118 que moreram e 663 que foram retirados.

Os que morreram tinham doenças orgânicas com repercussões mentais e espirituais e os retirados eram doentes que pertenciam a outros departamentos hospitalares.

Há muitos anos que seguimos com interesse a obra deste Sanatório e prende-nos ao seu director a maior admiração e simpatia. O seu livro «Novos Rumos à Medicina» têmo-lo citado dezenas de vezes, sempre com merecidos louvores. Por isso é com satisfação que deixamos aqui esta nota acerca de uma instituição de alto valor espirita que teve a felicidade de encontrar um dirigente-modelo cheio de boa vontade e de prestígio.

Uma nota interessante: os doentes tratados no Sanatório foram assim classificados, do ponto de vista religioso:

Católicos, 2878; espiritas, 327; protestantes, 65; indiferentes, 241. Vê-se, pois, segundo escreve *La Revue Spirite*, que «grande percentagem de crentes católicos não hesitam em tratar-se pelos métodos de desobsessão espirita. Todos compreendem porquê...

## CRESCE A EDITORA!

Voltamos ao *Reformador* para transcrever notícia auspiciosa:

«A Federação Espirita Brasileira assinalando, como tem feito, a data do aparecimento de «O Livro dos Espíritos», iniciou, exactamente a 18 de Abril do corrente ano, a construção de um novo edifício, com quatro pavimentos em cimento armado calculado para suportar 2.500 quilos de peso por metro quadrado, edifício que ligará as suas oficinas situadas à rua Figueira de Melo, 410, com a rua Sousa Valente.

«Com essa nova obra, o nosso Departamento Editorial ficará com mais 940 metros quadrados de área utilizável e, assim, com possibilidade de acompanhar o grande desenvolvimento que vem tendo o Espiritismo e ampliar-lhe ainda mais o campo de acção doutrinária.

«Há 75 anos, desde os tempos em que publicar um livro era um desastre financeiro, vem a F. E. B. empregando os esforços nesse sector, sem descurar dos outros, por ela sempre ampliados igualmente.

«E graças ao livro, ao bom livro, é aumentado consideràvelmente o número de adeptos do Espiritismo, e, como consequência, o número dos que contribuem para a fundação e manutenção de centenas de obras de assistência social. Graças ainda ao bom livro conseguiu a F. E. B. o respeito, a admiração e a simpatia do povo, da imprensa e do próprio Governo, simpatia que, já hoje, se inicia nos 80 países para os quais são os nossos livros remetidos.

«Os directores da Federação dão tudo, nada recebem de honorários; compete, pois, aos espiritistas auxiliar também a obra, inclusive com donativos.

«A obra não pertence à F. E. B., mas a toda a colectividade espirita, não só desta geração, mas das gerações futuras.

«Jornais e revistas espiritas do mundo inteiro se têm referido à nossa Editora com ufania. Jornais religiosos também a têm elogiado, quando se lhe referem comparativamente».

Graças a Deus!

## NOVAS PUBLICAÇÕES

A seara espirita está-se enfeitando com novas espigas, aproveitando a monção de entusiasmo que lavra nas fileiras. No Brasil, é claro. Em Portugal a gleba esterilizou-se. Por causa do escalracho ou por causa do adubo. Talvez por estas duas coisas e mais uma.

Do outro lado do Atlântico respira-se a plenos pulmões, mesmo com os trópicos à ilharga. E a respiração é essencial ao organismo.

Saiu o *Kardequinho* dirigido por Jorge Rizzini e secretariado por Alfredo Cruzo. Um jornal para crianças pequenas e grandes, editado pelo *Clube dos Jornalistas Espiritas de São Paulo*. De feição moderna, com secções variadas, entre elas, «Viagem Maravilhosa ao Planeta Angius», «Biografia do Mês» (Que sabe você sobre Allan Kardec), «Saulinho Responde Tudo», «Vamos Todos Declamar?», «Vamos Fazer Nossos Brinquedos?», «Dona Ciência Pede Atenção», «Tesouro da Criança Espirita», etc., etc., impresso em papel especial, este mensário espirita juvenil veio preencher uma lacuna que se fazia sentir em nosso movimento. (Redacção: Rua de São Bento, 21, sob.—São Paulo).

A Jorge Rizzini, jornalista experimentado e cheio de entusiasmo, as nossas felicitações.

*Libertação* é outro jornal que aparece em Araras, também no Estado de São Paulo, como órgão do *Grupo «Sayão»*, tendo a seu cargo divulgar o Espiritismo Evangélico e as actividades do *Sanatório António Luís Sayão* e despertar os homens para os problemas fundamentais do Espírito. É seu director responsável o Dr. Gil Perche de Meneses e a redacção é na Rua Nunes Machado, 398, Araras, Estado de São Paulo.

Insere alguns artigos interessantes e o movimento hospitalar do referido Sanatório.

Aos dois arautos o futuro abre largos caminhos de glória ou de incerteza. O que necessitam é de trabalhar no bom sentido, para que as flores sejam mais do que os espinhos.

Desejamos a um e outro as maiores prosperidades, embora saibamos que a estrada é dura de palmilhar. Quem se abalança à defesa de um ideal deve possuir qualidades másculas, além de bom senso a toda a prova. Assim mesmo, não está livre de contratempos.

## UMA REFERÊNCIA HONROSA

Mais uma vez *Conciencia* de Buenos Aires se referiu amàvelmente à nossa revista. E fê-lo em termos sóbrios, sem elogio barato que não está nos desígnios de um órgão independente que se distinguiu sempre no movimento espirita mundial.

«No dia 1.º de Janeiro — diz o articulista — completou 20 anos de existência a Revista espirita portuguesa *Estudos Psíquicos*, que se publica em Lisboa.

«O seu director Isidoro Duarte Santos merece uma efusiva felicitação pela constância digna de louvor e, mais ainda, pelo eficiente trabalho jornalístico que espalha nas páginas da sua revista.

«É uma das publicações espiritas mais completas, melhor escritas e assistida por competentes articulistas.

«Foi fundada por D. Maria Gonçalves Duarte Santos, cuja efígie permanece numa página da capa de *Estudos Psíquicos* desde a sua desencarnação, como um símbolo, a nosso ver muito merecido.

«Desejamos ao respeitável colega e amigo os nossos melhores augúrios de prosperidade».

À revista *Conciencia* e principalmente a Genaro Pucci, seu director, os nossos agradecimentos.

## REABERTURA DO CENTRO

No primeiro domingo de Outubro (dia 4) reabrem os trabalhos do *Centro Espiritualista Luz e Amor*, com a sessão do *Grupo General Passaláqua* dirigida pelo nosso confrade José Francisco Cabrita.

Retemperados e tonificados vamos entrar noutro ciclo de esforços, auxiliados por novos companheiros.

## CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez avisamos os nossos correspondentes que devem fazer acompanhar as suas cartas de 2$50 em franquias postais, sempre que desejem qualquer informação ou esclarecimento, pois nos é inteiramente impossível arcar com as despesas deste género, em virtude da numerosa correspondência que recebemos, quer dirigida à revista *Estudos Psíquicos*, quer ao *Centro Espiritualista Luz e Amor*. As cartas que não obedeçam a estas directrizes ficarão sem resposta, apesar dos nossos desejos em contrário.

## TRABALHOS NO CENTRO NO MÊS DE OUTUBRO DE 1959

Dia 4, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 6, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 7, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 8, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 9, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 11, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

## FUNDO DE BENEFICÊNCIA

*Mês de Agosto* — Artur Levi Gomes, de Lisboa, 10$00; Anónimo, 20$00; V. L., de Coimbra, 10$00; A. L., de Setúbal, 10$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Zétó, de Tavira, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 5$00; M. L., de Coimbra, 10$00; M. F., de Beja, 5$00; Margarida Maria, de Coimbra, 5$00; R. M., de Portalegre, 4$00; J. V., de Santarém, 5$00; Jaime S., de Viana do Castelo, 6$00; V. Santos, de Foz do Douro, 10$00; C. S., de Viseu, 5$00; M. Morais, de Bragança, 5$00. *Total — 130$00.*

# ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO | LISBOA, OUTUBRO DE 1959 | N.º 10

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa


# CONVIVÊNCIA

Um dos grandes obstáculos à propagação da doutrina baseia-se na falta de convivência dos seus elementos responsáveis. A comunhão de ideias alarga o conhecimento e estimula a vontade. Assim o vão compreendendo numerosos adeptos que promovem caravanas e organizam congressos, onde os mais aptos apresentam alvitres, sugestões, projectos e teses de vasto alcance, nos quais se estribam muitos trabalhos práticos e não menos trabalhos teóricos.

Além disso, para se compreender a universalidade do Espiritismo é preciso abandonar torres de marfim, nichos de isolamento que auxiliam a estratificação do esforço comum.

As religiões cristalizaram os dogmas e vislumbram a marcha da ciência através de espessas grades. Um ou outro fiel manifesta desejo de emancipação mental, de crítica voluntariosa, mas depara com a disciplina eclesiástica e não pode erguer a voz, sob pena de anátema. O Espiritismo é diferente. Nem tem grades, nem dogmas. Cada qual é livre de estudar e falar. Pode criticar as fraquezas, apontar as lacunas, discutir uma tese, propor o que entender. A imprensa se encarrega de fazer circular o pensamento dos autores.

Ora, porque assim é, não devemos isolar-nos uns dos outros. Devemos trocar impressões com frequência, ouvir os observadores e estudiosos, ler ao máximo, aumentar a cultura, assistir a conferências, assinar as nossas publicações quotidianas. Só assim teremos consciência do ideal escolhido e daremos os passos necessários para o seu fortalecimento.

Há centros e agremiações que giram em círculo vicioso. Marcam passo em movimento uniforme, ninguém os arranca à tradição. Falam como falavam há meio século, não querem aceitar inovações. Basta-lhes o que sabem. Emparedaram-se e julgam o mundo pelos limites da sua toca.

Fazem guerra aos novos, cujo vocabulário não entendem, monopolizam a acção dirigente, colam-se aos nichos, como lapa à rocha. Isto é obra nefasta que se reflecte na causa que servimos.

O que é preciso é renovar as fileiras.

Balmes afirmava convictamente:

— O mundo marcha. Quem se detiver será esmagado e o mundo continuará marchando.

A convivência traz amizades. Nela experimentamos as virtudes e os defeitos. Se formos judiciosos aprenderemos a conhecer-nos na reacção que produzirmos nos outros. E conheceremos o progresso que se exerce fora de nós para activar melhor as nossas tarefas.

Conviver é fraternizar, é conhecer o homem, que nasceu livre, mas que em toda a parte vive agrilhoado.

Um ideal em si nada é, se não for sentido e vivido pela humanidade. O pensamento é a linguagem do espírito e o alicerce do ideal. Dinamizá-lo é engrandecê-lo, porque o movimento o dignifica, o movimento o leva de geração em geração, tonificando e arrebatando as almas. É como a gota de nascente que se junta a outras gotas e forma o regato coleante.

Mas se não houver convivência, não há gota nem arroio. Há sonho estéril, nebulosidade, escuridão total.

O homem é o espelho do homem, como diz um provérbio turco; por isso deve conviver, retratar o semelhante, para que este o retrate.

A doutrina espírita é um polo de convivência, porque só convivendo auxiliaremos a sociedade e tornaremos mais sólidos os caboucos do edifício humano.

— Se fosse possível encontrar quem não fosse sociável ou quisesse viver só dos seus recursos — afirmava Aristóteles — julgá-lo-ia muito inferior ou muito superior ao vulgar dos mortais. Seria besta ou Deus.

O ideal, portanto, é trocar o que se tem, em rasgo fraterno, onde o orgulho não entre.

Servir a pátria é belo; mas é muito mais belo servir a humanidade.

Sejamos firmes em nossas convicções, mas sejamos também solidários, dando o que temos para receber o que não temos.

# Como Eu Vejo o Maravilhoso Espiritismo

**Pelo DR. KARL E. MÜLLER**
(Presidente da Federação Espirita Internacional)

*Karl Engen Müller, doutor em ciências técnicas da Universidade Técnica Suíça, nasceu em 1893 em Nova Orleãs, Estados Unidos, de pais suíços, e cursou as escolas suíças, onde adquiriu o seu diploma.*

*Começou a exercer a profissão de engenheiro electricista no país de seus pais e depois trasladou-se ao México, onde permaneceu de 1920 a 1925. De 1927 a 1930 esteve na Venezuela e fez também uma longa viagem na América do Norte. Hoje vive em Zurique, na Suíça.*

*Conheceu o Espiritismo ainda muito jovem e ficou impressionadíssimo com uma prédica mediúnica dada por um ser da primeira guerra mundial. Conheceu pessoalmente o maior espiritista suíço, o juiz Georg Salzer (1884-1929) e convenceu-se de que a telepatia era um facto demonstrável.*

*Quando regressou da América obteve conhecimentos práticos num grupo de mediunidade vocal e em 1948 fundou uma sociedade espirita em Zurique, a que presidiu até 1956.*

*Em 1948 e 49 viajou na Dinamarca e tomou contacto com o movimento espirita da região. Ao desenvolver um médium num grupo particular observou muitos fenómenos de telecinesia, materialização e voz directa e tirou algumas fotografias probatórias à luz infravermelha.*

*No Congresso Espirita Internacional de Amesterdão de 1954 relatou estas experiências com projecção das fotos obtidas. Em 1955 viajou na Alemanha e na Dinamarca. Dois anos depois foi nomeado investigador da Federação Espirita Internacional e no Congresso de Paris de 1957 elegeram-no membro do Conselho Executivo e vice-presidente.*

*Como se vê o Dr. Karl Müller é uma figura dinâmica que exerce meritória acção no organismo a que preside.*

## O ESPIRITISMO É UNIVERSAL

Na verdade, o Espiritismo é uma coisa maravilhosa! Ao investigador honesto, dá a verdade sobre os problemas religiosos e psíquicos, mostrando-lhe o que há de verdadeiro ou de falso nos ensinamentos das religiões históricas, quer se trate daquela em que se foi educado ou de outras. O Espiritismo é também a raiz de muitos outros movimentos que procuram mascarar a sua origem, condenando todas as práticas espiritas. Eis, por que todo o investigador em matéria de Espiritismo pode estar certo de que encontrou o caminho da verdade para alimentar a alma e a inspiração necessária ao seu próprio desenvolvimento espiritual.

Além da questão individual há no Espiritismo um aspecto mais importante. Fala-se muito de paz, mas não vemos como se poderá alcançá-la entre os homens sem verdadeiros fundamentos espirituais.

Assim, por exemplo, o ensinamento de muitas Igrejas Cristãs nos seus diversos ramos afirma: quem não for baptizado em nome de Jesus-Cristo está irremediàvelmente «perdido», condenando todos os outros e até os Maometanos ao fogo eterno; por outro lado, os Maometanos sustentam que é preciso aceitar a fórmula «Alá é Alá e Maomé o seu Profeta». Todos os outros, incluindo os Cristãos, pertencem ao diabo. E de ambos os lados se elevam preces para um só e mesmo Deus! Estas concepções espiritualmente erróneas das várias religiões históricas constituem sério obstáculo à paz mundial.

Os chefes de algumas religiões tentaram destruir estas dificuldades organizando Congressos, mas nada se conseguiu. Aliás, isso seria impossível, dado que nenhum dos partidos se disporia a abandonar fosse o que fosse dos seus ensinamentos dogmáticos, que se contradizem mùtuamente. Este facto leva-nos à perspectiva pouco optimista, segundo a qual é impossível *reformar as religiões históricas e por isso devem ser substituídas.* Não pretendemos conhecer o processo histórico que produzirá este acontecimento, que chegará em virtude de necessidade puramente material que eliminará as utopias dogmáticas. Mas, paralelamente, convém preparar uma nova base espiritual para o ensino de princípios mais elevados. Por isso as ideias espiritas devem ser levadas ao público para informação, ainda que não se espere que esses novos ensinamentos sejam aceites imediatamente e em grande escala. Devemos preparar os novos fundamentos espirituais de uma humanidade unida do futuro. É a nossa tarefa. Quem recebe deve dar. Como nós, espiritas, recebemos muito dos nossos amigos espirituais, deveríamos estar prontos a sacrificar tempo e dinheiro para desenvolver e espalhar a compreensão racional dos conceitos religiosos que podemos oferecer.

## O NOSSO ENSINO

A maioria das religiões ensinam que existe qualquer sobrevivência e prescrevem códigos de moral determinados, na mira de um «futuro mais agradável depois da morte». Uma simples prova de sobrevivência é, pois, insuficiente, ainda que esta, assim como os fenómenos de ordem psíquica

e metafísica, sejam de grande importância para todos os que professam ideias materialistas. Contudo é necessário, do ponto de vista religioso, entrar em pormenores sobre a vida após a morte.

Publicou-se grande número de livros que continham comunicações espiritas, a respeito desta vida espiritual que mostra variedade de condições tão surpreendentes como as que observamos neste mundo. Acerca desta existência futura deparamos, todavia, com uma dificuldade: certos espiritas admitem a Reencarnação, enquanto outros alegam que é uma teoria baseada em provas insuficientes, segundo dizem. Fora de considerações pessoais relativas à questão, observei que os adversários da Reencarnação eram habitualmente aqueles que ignoravam o conjunto dos factos observados; podiam ter ouvido falar das curiosas reminiscências de certas crianças e mesmo de certos adultos, mas explicavam estas lembranças pela influência dos espíritos.

**DR. KARL E. MÜLLER**

Reconheço que não estou em condições de oferecer provas completas, incluindo ao mesmo tempo casos anímicos, espiritas ou uma combinação de ambos. É por esta razão que sugeri uma compilação literária onde se apresentasse o problema do ponto de vista científico e que constituiria a base de discussões ulteriores. Estou firmemente convencido de que é possível discutir o assunto em base científica; que essa discussão deveria fazer-se o mais cedo possível; que conduziria a melhor compreensão recíproca dos pontos de vista existentes e mesmo a decisões claras e precisas num ou noutro sentido. Há livros tendentes a provar a Reencarnação, nomeadamente «La Reincarnation», de Delanne e o recentemente publicado na Alemanha por Schmidt (que não é espirita), mas não há trabalhos mais completos e mais sistemáticos.

As provas notáveis no campo do animismo constituem um conjunto de provas independentes em matéria de sobrevivência.

As provas de sobrevivência podem ser muito importantes para um materialista, visto que lhe podem mudar a sua concepção da existência; alguns podem admitir, por motivos filosóficos, que a parte espiritual do ser possui a mesma «realidade» que a parte material e assim uma sobrevivência, seja qual for a sua forma, parece provável. Mas tal filosofia é incapaz de vencer a dificuldade proveniente do facto de que os nossos pensamentos e emoções parecem depender do funcionamento do cérebro físico. É por este motivo que a produção de provas de sobrevivência é a base mais importante dos nossos princípios.

No que respeita à vida futura após a morte, qual deveria ser o limite dos nossos ensinamentos? Se consultarmos o célebre «Livro dos Espíritos», de Kardec, publicado em 1857 e que é a organização sistemática de uma série de perguntas (') e respostas recebidas dos espíritos, encontraremos ali capítulos consagrados a Deus, à Criação, aos Espíritos e ao Mundo dos Espíritos, às Leis Morais e, por fim, à esperança e à consolação. Este livro foi escrito para um público cristão, discutindo preconceitos e ideias inerentes à sua fé, expondo o ponto de vista espirita de forma positiva, em vez de condenar de modo negativo.

Desde a época de Kardec publicaram-se numerosos livros que tratam da nossa filosofia, alguns dos quais dão respostas de espíritos a perguntas que lhes foram feitas.

Temos, pois, material importante: já que nenhum livro pode pretender a infalibilidade, interessa estudá-los comparativamente. Este método de aproximação é necessário e o próprio Kardec dizia que o Espiritismo devia ser científico para se manter. Isto implica também que a matéria dos nossos ensinamentos devia acentuar a universalidade do Espiritismo, no seu carácter não doutrinário. Ele nunca deveria ser «cristão» no sentido de partidário da igreja ou do dogma, mas exercer grande vigilância sobre o seu direito de nascimento, que é de se manter acima de todas as religiões históricas. Deveria escrever-se um grande manual acerca dos nossos ensinamentos, como já há tempos fiz notar, a menos que um dos livros em uso numa das nossas maiores organizações pudesse responder a esta necessidade.

## OS SEUS TRÊS ASPECTOS

Durante os cem anos que acabam de se escoar disse-se e escreveu-se muitas vezes que o Espiritismo apresenta três aspectos: o científico, o filosófico e o moral. Prefiro chamar a este último *espiritual*.

Parece-me que certos espiritas não avaliam bem o que permite esta afirmação. Os três aspectos formam um todo e todas as Sociedades Espiritas deveriam conduzir-se nos seus trabalhos práticos de modo que os satisfizessem o melhor possível. A palavra «aspecto» implica *uma só coisa vista de ângulos diferentes*. Permitam-me repetir estes aspectos como gosto de os ver:

1. — *O aspecto científico* é ao mesmo tempo o «conhecimento» e a «atitude científica». É a Ciência Psíquica, a qual compreende o Animismo e o Espiritismo. O primeiro trata dos fenómenos supranormais em relação com o homem vivente; o segundo com o espírito sobrevivente. É este aspecto que esclarece os diferentes conceitos em ligação com as religiões históricas e que permite melhor compreensão da personalidade humana, da

sua sobrevivência após a morte física e da mediunidade. A atitude científica implica o exame crítico das comunicações espiritas e dos outros fenómenos de modo sistemático e comparativo.

2. — *O aspecto filosófico* formula uma filosofia da existência à base de factos cientìficamente estabelecidos e relacionados com o estudo das comunicações dos chamados mortos. Por exemplo: uma descrição do mundo espiritual pode ser obtida pelas «excursões» dos viventes (também chamadas projecções astrais) e por intermédio do Espiritismo; uma comparação de todo este material constitui o estudo comparativo mencionado acima. O resultado é descobrirmos que não existe nisso diferença alguma de raça ou de crença: os seres humanos podem alcançar o «paraíso» segundo o seu carácter próprio e não segundo uma crença determinada. Deste modo, a Fraternidade Humana e a paz no mundo podem apoiar-se em factos estabelecidos.

3 — *O aspecto espiritual* baseia-se no aspecto científico e no aspecto filosófico e indica o caminho para a elevação espiritual, para a felicidade pessoal, para o desenvolvimento espiritual das melhores qualidades da alma humana. Exige a aplicação dos nossos princípios na vida quotidiana e pode compreender outros métodos, como a meditação e a prece. O desenvolvimento espiritual do indivíduo não exige necessàriamente a devoção numa igreja; o melhor método parece-me ser o trabalho colectivo dos grupos de aperfeiçoamento dedicados aos cuidados espirituais e os grupos que tenham por fim a meditação. Este trabalho pode ou não unir-se ao desenvolvimento da mediunidade.

Por conseguinte, o Espiritismo é *mais* do que ciência e religião. De facto, se uma sociedade preferisse concentrar-se num destes aspectos, creio que não poderia fazê-lo sem se desviar ràpidamente da totalidade da doutrina. Por isso espero que *os três aspectos* encontrem a necessária expressão dentro do nosso conceito de Espiritismo.

## O PERIGO DA UNILATERALIDADE

Uma sociedade cujo fim é estudar apenas o aspecto científico, isto é, a Ciência Psíquica, torna-se fàcilmente num grupo animista e procura evitar o que se relacione com o Espiritismo, para não perder a respeitabilidade aos olhos dos colegas universitários que não querem abandonar a sua concepção bàsicamente materialista. Por isso limitam-se à telepatia, à adivinhação das cartas e a maioria limita-se à estagnação. Todavia, a minha opinião bem considerada é que o Espiritismo deve dedicar mais atenção ao lado científico do assunto.

Grande número de sociedades espiritas podem julgar que o trabalho científico dos pioneiros do passado é suficiente para estabelecer a prova da sobrevivência e da comunicação com os espíritos que podem abstrair novos esforços em matéria de trabalho experimental, a fim de poderem concentrar-se sobre outros aspectos. Esta opinião apresenta um perigo verdadeiro, por conduzir à negligência absoluta no que respeita à atitude científica, à estreiteza de vistas e a concepções sectárias.

Isto leva ao erro de aceitar todas as comunicações espiritas como «revelação».

Em certos países têm surgido verdadeiras epidemias de «Médiuns-Pais», assim chamados, porque se supunha que Deus, o Pai, falava através deles. Estas tolices têm feito muito mal ao nosso movimento. Este «espiritismo de revelações» pode ainda encontrar-se aqui e ali, espalhado em muitos países onde a comunicação espirita é exercida por indivíduos pouco versados no assunto; frequentemente, toda esta actividade se centraliza em redor de um só médium e só um certo espírito se diz estar habilitado a dar mensagens de alto valor. Contudo, é muitas vezes uma verborreia piedosa de natureza sectária. Todos os que estão dentro do assunto sabem que estes espíritos eram fanáticos religiosos ou, mais simplesmente, espíritos piedosos com um ponto de vista estreito e que, depois da morte, acabaram por formar um grupo de espíritos semelhantes a eles, estagnando nas suas antigas concepções sem aprender fosse o que fosse de novo. Quando chegam a apoderar-se de um médium aproveitam-se dele para expandir as ideias antigas que tinham na terra, pretendendo veícular as mais elevadas verdades. Estes espíritos condenam igualmente as outras comunicações espiritas, assim como as exigências de provas e de testemunhos, disfarçando a própria incapacidade com a desculpa de que não podem dar seguimento a desejos de ordem inferior! Há, evidentemente, boas comunicações emanadas de espíritos altamente evoluídos, mas então é possível distinguir sem custo os seus ensinamentos daqueles que são objecto da presente crítica.

Nenhum conjunto único de ensinamentos recebidos por intermédio de um só médium pode tomar-se como representante de uma unidade de medida, porque sabemos que a personalidade do espírito comunicante e do médium se reflectirão nas mensagens recebidas por intermédio deste. Por isso quero sublinhar a necessidade de estudos comparativos das comunicações espiritas no tocante ao mundo dos espíritos e aos novos ensinamentos em geral, estudo que requer uma aproximação objectiva, um ponto de vista universal e muita circunspecção. Isto constitui a atitude científica, independentemente da investigação real de todo o problema específico.

## PORQUE PREFIRO O ESPIRITISMO

Em cada homem há desejo de ordem espiritual, desejo de atingir a verdade, desejo de beleza e de bondade. Esta necessidade interior provém da essência do novo ser, do eu-supremo, do qual entrevemos visões fugitivas fora de certos acidentes relativos à ciência psíquica. Esta é a base de todos os pensamentos religiosos e cada um de nós possui a sua parcela em grau mais ou menos desenvolvido. O nosso espírito, ou consciência, o nosso eu-supremo, pede mais espiritualidade e leva as pessoas aos diversos movimentos que podemos actualmente observar. Alguns deles provêm do Espiritismo e outros aproveitam-no, embora muitos o condenem! Todos estes ensinamentos — alguns são complicados — recebem o favor do público, porque ensinam verdades espirituais e prescrevem práticas destinadas a reforçar a espiritualidade dos seus alunos. Estas práticas compreendem geralmente uma espécie de meditação e preconizam o silêncio, que favorece o desenvolvimento espiritual. Todos estes grupos têm como fundador uma personalidade mediúnica, mas creio que a origem verdadeira é um grupo de espíritos que está atrás do fundador. É certo que muitos benefícios resultam destes esforços, porque a maioria de tais

espíritos são mais universais que as religiões históricas, ainda que propaguem também ideias fantásticas e inexactas.

Em comparação, o Espiritismo está numa posição mais difícil, porque a maioria do público não experimenta qualquer interesse verdadeiro pela investigação científica, pois prefere ensinamentos bem estabelecidos e espera resultados rápidos de qualquer prática recomendada. Mas estes movimentos pertencem à classe das «revelações»; os seus ensinamentos só têm por fundamento a asserção emitida pelo fundador. Assim, eu prefiro o Espiritismo, devido ao seu fundo científico. Parece-me preferível conhecer menos, mas ter a certeza de que o pouco que aprendemos pela ciência psíquica e pelas comunicações espiritas é realmente baseado na observação e no estudo comparado e possui *fundamentos verdadeiros*. Quanto ao desenvolvimento espiritual, a sua direcção foi sempre assegurada pela mediunidade. É a finalidade de muitos grupos privados. Quando observamos uma Sociedade Espirita notamos que o aumento consciente da espiritualidade começa habitualmente nos círculos de desenvolvimento. Os serviços que se ocupam de cuidados espirituais têm o mesmo efeito. De facto, penso que *a determinação do indivíduo em auxiliar a comunidade, marca o início de um movimento ascensional.* Estou convencido de que o Espiritismo tem possibilidades de dar o melhor instrumento para o nosso progresso espiritual e que os seus ensinamentos não estão imbuídos daquela magia que encontramos noutros sistemas.

A parte mais importante do aspecto religioso ou espiritual é a constituição de grupos, tendo em vista *a meditação e o desenvolvimento espiritual.* Mesmo as sociedades que tendem a evitar toda a espécie de culto religioso deviam aceitar isto. Visto que não somos escolas académicas, mas um movimento que aumenta a compreensão humana, não basta pregar a moralidade como consequência da nossa filosofia, mas devemos mostrar que há forças espirituais que desejam guiar-nos e ajudar-nos a dar mais um passo na espiritualidade.

### QUE PODE FAZER A NOSSA FEDERAÇÃO?

Acerca do triplo aspecto do Espiritismo, a que já aludi, não me parece que haja diferença tão grande entre sociedades de estudo de fenómenos psíquicos e centros Espiritas.

O Centro, uma vez reconhecido pela lei como corpo religioso, pode obter vantagens protectoras, porque a liberdade de crenças e práticas religiosas está estabelecida na maioria dos países civilizados, liberdade que por vezes é apoiada por outorga de vantagens de ordem primária. Da mesma forma, um Centro Espirita, ainda que se trate apenas de «religião», é mais fàcilmente compreendido por grande parte do público que deseja serviços fúnebres e tudo o que com eles se relaciona.

Por outro lado, uma Sociedade Espirita de estudo dos fenómenos psíquicos (ou outro nome semelhante) é realmente «mais que uma Ciência»; ela responde melhor às concepções dos agnósticos ou indiferentes em matéria de religião, a todos os que voltaram costas às concepções religiosas e dogmáticas, como são representadas pelas religiões históricas. Uma sociedade deste género pode igualmente oferecer um serviço fúnebre aos interessados e ter o equivalente a um serviço dominical acompanhado de meditação e prece.

Portanto, as diferenças existentes entre as duas podem consistir apenas em sinais exteriores. Assim, uma esforça-se por possuir um edifício do género igreja e a outra uma construção de tipo mais laico ou, como os nossos amigos brasileiros, construções de utilidade social: asilos, berçários, hospitais. O espírito reinante devia ser o mesmo em toda a parte, o *espírito de prestar serviços à humanidade* nestes tempos carecidos de uma direcção espiritual baseada no saber.

O nosso falecido Presidente, David Bedbrook, pôs em relevo a necessidade de mostrar tolerância no nosso movimento. A existência desta Federação é a prova de que os seus membros estão de acordo neste ponto. De resto, a Federação é o lugar onde podemos aprender mùtuamente. Ser-me-ia agradável que esta revista publicasse artigos emanados de todas as verdades e relativos aos métodos susceptíveis de apresentar, de modo eficiente, o Espiritismo ao público e apresentar igualmente os três aspectos dos quais tratámos. A verdadeira tolerância pressupõe a compreensão das razões que provocam as diferenças e a compreensão de condições locais que podem explicar a necessidade de certas práticas que se afastam daquilo que outras sociedades julgam ser o melhor método de aproximação. Estou certo de que uma troca de ideias a este respeito seria proveitosa para todos e convido os nossos associados a cooperarem nisso.

Apliquemos a atitude científica a todos os nossos problemas, conservemos uma concepção filosófica em todas as adversidades e, finalmente, congreguemos toda a força necessária para a tarefa, indo buscá-la à fonte espiritual de todas as potências.

---

(¹) *As perguntas foram feitas por Allan Kardec* (Nota do Tradutor).

**(De «Yours Fraternally»)**

## Aos Assinantes do Brasil

**Mais uma vez solicitamos aos assinantes do Brasil residentes em localidades onde não temos representantes acreditados, que remetam o numerário de suas assinaturas ao nosso representante geral no Rio de Janeiro**

**ANTÓNIO J. MONTEIRO**

**Rua Miguel de Frias, 20, 2.ª loja, frente à R. Onório de Lemos, Ponte dos Marinheiros.**

**Deste modo se evitarão lamentáveis atrasos de pagamento que muito prejudicam a administração desta revista.**

**Esperamos dever a todos a melhor compreensão para que o problema se resolva e bem assim a comunicação do endereço, sempre que mudem de residência.**

**A todos, muito obrigado.**

# PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

## (16) O VENENO MENTAL

Estas palestras foram improvisadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

*Todos sabem que o corpo é uma dualidade. Ouvimos falar que reagem mùtuamente o corpo e o espírito. De facto, reagem. Já o tenho dito muitas vezes, porque a vida é equilíbrio psico-físico e o desequilíbrio produz necessàriamente a doença.*

*O espírito comanda os movimentos somáticos e, através do cérebro, preside às funções orgânicas. Se os órgãos não forem perfeitos haverá natural reacção de um e de outro. Isso demonstra a existência dessa dualidade.*

*E a força mental não reside no cérebro, porque o cérebro é um veículo que leva o pensamento ao mundo celular e pode dar origem a células fortes ou a células fracas e cansadas. Como se vê, é um conjunto harmónico, uma espécie de cidade com os apetrechos necessários à vida da população.*

*Na cidade há electricidade e gás, luz eléctrica, rede telefónica, transportes de toda a espécie, ar condicionado, reservatórios de água e armazéns de géneros alimentícios. No corpo humano dá-se o mesmo fenómeno. Há uma rede telegráfica comandada através do cérebro, que é a central. Mas uma entidade preside àqueles movimentos. Não é o cérebro, que está para o espírito, como o volante para o condutor do carro. E assim é fácil de compreender como se transmite o pensamento ao mundo celular, essas partículas infinitésimas de que o corpo é constituído.*

*A ciência está na plenitude das nossas funções. Quer dizer, quando as células forem saudáveis responderão aos estímulos, às reacções e aos impulsos e então haverá harmonia.*

*Nestas condições temos que exercer a vontade para não ficarmos subordinados ao corpo.*

*Falamos de males, de achaques, de indisposições. Se pensarmos bem, a causa está quase sempre nos pensamentos malsãos, precários e negativos que o espírito emite sobre a rede telegráfica do sistema nervoso, a fim de serem conduzidos a qualquer departamento orgânico, onde tem reacção imediata. O ódio e a inveja produzem tamanho desequilíbrio, que podem levar à intoxicação mental.*

*E surge o receio de tudo, com o natural complexo de inferioridade que se reflecte no indivíduo.*

*Quando o aluno é chamado, pode saber a lição e apoderar-se dele o desequilíbrio mental que abre caminho à intoxicação física e o aluno não reflecte o que sabe. E a intoxicação mental produz o mesmo reflexo. Se o funcionário chamado pelo chefe está intoxicado, vai em estado de nervosismo que se lhe imprime na atitude.*

*Na vida militar é onde o complexo de inferioridade se nota em maiores proporções, devido à disciplina, aos regulamentos e às convenções a que o paisano não está habituado.*

*A deficiência respiratória é outra causa do envenenamento celular e do citado complexo. Depois perde-se o autodomínio e tudo se liga ao orgânico, como a falha de um disco no magnetofone.*

*Portanto, o pensamento é a origem de tudo. É até a origem do corpo humano. E os pensamentos discordantes são fornecidos às notas musicais de uma orquestra. Desta forma as emoções violentas, as notícias desagradáveis e as perturbações físicas são altamente desarmónicas e concorrem para a doença psico-somática.*

*Tudo isto destrói a saúde e até o próprio carácter. Porque o homem é semelhante aos seus pensamentos, que se lhe estampam no rosto, como já disse há tempos.*

*Os agentes da polícia judiciária sabem, não raro, quando o interrogado mente. A mentira envolve o semblante de nervosismo, de inquietação especial. Quem fala verdade não demonstra inquietação. É positivo, responde sempre com a mesma atitude.*

*É que os olhos e o semblante são reflexos anímicos e o povo nota esse facto num aforismo conhecido.*

*Os pensamentos negativos que emitimos reflectir-se-ão nos olhos sempre e sempre, por maior que seja o fingimento. E também os positivos. Mas os primeiros voltam ao ponto de partida, numa espécie de choque de retorno. Por isso se diz igualmente que não ofende quem quer. Sim, não ofende quem quer. O indivíduo sensato, equilibrado, senhor de pensamentos positivos, que deseja o bem do próximo e felicidade para todos, que tem amor à verdade e à justiça, ao que é belo e nobre, resiste às flechas dos pensamentos maus que lhe dirijam, porque o fluxo de verdade fortalece o corpo.*

*A saúde depende de pensamentos vigorosos. Há pessoas que se preocupam com nutrição forte, receosas de adoecer. Afinal, «de grandes ceias estão sepulturas cheias» e quem é parcimonioso na alimentação não receia indigestões ou comoções provenientes de grandes ceias.*

*O espírito moço influi imenso na vida do homem. Conheci um velho militar que disputava aos jovens a alegria de viver. Era o major Galvão. Com mais de oitenta anos fazia pé de dança com grande mobilidade. Um verdadeiro exemplo de juventude. Sabia que alimentar ideias de saúde imperfeita era abrir caminho à moleza. E sabia também que as células podem receber vibrações negativas. Sabia-o perfeitamente.*

*Há doentes crónicos que se curam com as emoções alegres que sofrem. Conheço um caso desse género. Uma cura completa. E o contrário se dá com os pensamentos de ódio. Se soubéssemos, na sua totalidade, quanto pode um pensamento de ódio em nós mesmos, mais talvez que nos outros, que estarão couraçados contra as tais flechas, dando origem ao choque de retorno, faríamos esforços para nos emendarmos. É que as paixões — e um pensamento de ódio é paixão — originam alterações físicas cere-*

*brais que atingem até as células mais simples, que não são inteiramente passivas.*

*Se cortarmos um tecido vivo e o colocarmos em solução especial verificaremos logo a reacção celular, aproximando dele um pouco de nitroglicerina. Quer dizer, que não há afinidade entre a célula e a nitroglicerina. Dir-se-ia que as células são inteligentes e sabem o que lhes é prejudicial. Assim, também há substâncias a que lhes poderemos chamar afins. Então dá-se o fenómeno da avidez: a célula procura a substância.*

*Mas a influência mental dá-se em todos os órgãos. Onde se verifica melhor é no estômago, que todos os dias funciona, algumas vezes em circunstâncias tão precárias para ele e para o equilíbrio geral, que se vê em dificuldade no desempnho das suas funções. Obrigamo-lo a funcionar com substâncias antagónicas e o resultado é acidez e intoxicação.*

*Voltando, porém, ao mental, todos sabem que o egoísmo e a inveja prejudicam o fígado. O ciúme ataca o fígado, o coração e o baço. E disto talvez não tenham conhecimento os invejosos e os egoístas. Mas podem estar certos desta verdade. O egoísmo, a inveja e o ciúme são autênticas desgraças.*

*As pessoas coléricas andam sempre intoxicadas. As desarmonias familiares, as conversas com pessoas teimosas e inconformistas e outras coisas semelhantes produzem a morte das células indispensáveis à vida. Por isso devemos afastar do nosso ambiente os indivíduos coléricos.*

*Nem só estes escalrachos causam efeitos perniciosos ao organismo. O ódio, por exemplo, afecta os rins. Eis outra coisa que muitos não sabem.*

*Alguns críticos falham, em virtude de pensamentos de ódio que impedem a eliminação das toxinas através da pele. Vejam, pois, a influência dos pensamentos nos actos orgânicos...*

*Um espírito perturbado pode julgar-se de saúde perfeita, mas não alimenta os tecidos orgânicos. E quando há desequilíbrio mental o estômago e o fígado ressentem-se imediatamente. É um caso de observação quotidiana.*

*Há certas discussões que produzem dispepsia nervosa. E sabem porquê? Porque o suco gástrico se altera e os alimentos não podem ser bem assimilados.*

*O suco gástrico deve reunir determinadas condições para a boa digestão. Daí, um conselho que seria conveniente aceitar: nunca se deve discutir à mesa. Arruína-se a saúde e o carácter.*

*Há casos de pessoas que suspendem a refeição devido a choques inesperados produzidos por cartas desagradáveis ou notícias intempestivas.*

*Se analisássemos o estômago nesse momento veríamos a contracção dos folículos digestivos e o suco gástrico escoar-se por eles. Assim perde-se o apetite, embora a maioria sinta o fenómeno e não lhe atinja a causa.*

*Para avaliar ainda a relação entre o pensamento e o corpo basta saber que as doenças nervosas, como a dispepsia e as úlceras, se curam pelo poder mental. Operar doentes desse género não é curá-los, a não ser que se lhes modifique o carácter e o temperamento. De contrário a úlcera ou a dispepsia voltará, porque não se adquiriu saúde mental, que é a chave do problema.*

*Além de tudo isto há outras coisas que o pensamento é susceptível de alterar. Uma delas é o sangue. As drogas excessivas produzem intoxicação mental. E quantos indivíduos não tomam comprimidos de* aspirina, veramon e melhoral *julgando curar uma doença engendrada pelo pensamento!*

*Eu já disse que as ideias negativas provocam alterações químicas cerebrais. Agora digo mais: podem queimar os centros nervosos. E a combustão de um centro nervoso é quase a morte do organismo físico. Sempre nos queixamos dos outros e quantas vezes o mal está em nós! Digo:* quase sempre *está em nós...*

*Envenenamos o sangue com emoções doentias, quando o devíamos higienizar com pensamentos harmoniosos. Por isso é necessário afastar o desalento e o medo e o que seja negativo e transtorne o equilíbrio espiritual, perque envenenaremos o sangue com vibrações doentias, julgando que beneficiaremos do conjunto.*

*O espírito tem que assumir atitudes fortes para dar vitalidade aos glóbulos do sangue, pois neles é que reside grande parte da vitalidade orgânica e mental. Se espírito e corpo são um todo indivisível, visto que não podemos separá-los, é impossível delimitar totalmente as duas partes, não obstante as tentativas de Lancelin, de Rochas e outros psiquistas.*

*E assim, se todos compreendessem estas realidades viveríamos uma época diferente. A Medicina alargaria o seu âmbito, em vez de se limitar ao físico. A sintomatologia das doenças, tal como se encara modernamente, não resolve a questão. Se não observarmos esta dualidade, o diagnóstico será errado, ou, pelo menos, insuficiente.*

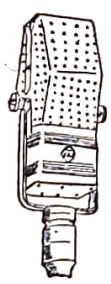
*Os médicos deviam ser amoráveis e diplomatas, porque a sua atitude perante o doente pode matar ou curar. O facultativo de verdade nua e crua pode envenenar um hepático, pode tirar a vida a um cardíaco. Ou então destruí-los a curto prazo.*

*Da mesma forma, um médico que levante o moral ao paciente pode restituir-lhe a saúde.*

*Conheço um médico que tem curado doentes crónicos com soluções de água destilada colorida, dando a impressão de qualquer droga.*

*Vê-se, portanto, que o pensamento humano é responsável pelo equilíbrio psico-somático. Nesta conformidade é preciso cultivá-lo, estudando as emoções e transformando-as em agentes de saúde. Se trabalharmos afincadamente seremos homens de equilíbrio perfeito.*

**I. D. S.**

## Selecções Espiritualistas

Direcção e Apresentação de

**NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO**

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA**, do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

**Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»**

# As maiores histórias psíquicas do mundo

por W. F. NEECH

## 9) *Aldous Huxley visita o Paraíso*

Aldous Huxley, o mais discutido intelectual da nossa época e decerto um grande escritor mundialmente conhecido, tomou contacto com o mundo espirita através das drogas que ingeriu — em busca de forças e certezas positivas. Hoje trabalha ao lado dos espiritistas e considera o campo psíquico de primacial importância para o estudo da mente, esse grande mundo experimental. No livro «Doors of Perception» (As Portas da Percepção) as suas reacções após a ingestão de 4 decigramas de mescalina foram sintetizadas nesta premissa:

— Desconhecendo se voltamos a nascer outra vez — visionários, médiuns ou génios musicais — como poderemos nós visitar os mundos que para Blake, Swedenborg ou Johann Sebastian Bach eram os lares?

E acrescenta:

— Sempre me pareceu possível que, através da hipnose ou auto-hipnose, pelos meios mediúnicos ou pela ingestão de drogas adequadas, eu poderia alterar a minha consciência ordinária ao ponto de conhecer interiormente aquilo de que o visionário, o médium e até o místico me falavam.

E desta maneira lacónica começa o relato da sua extraordinária aventura no campo da percepção:

— Tomei a minha pílula às 11 horas, e hora e meia depois encontrava-me sentado no meu escritório olhando fixamente uma pequena jarra de vidro com três flores: uma bela rosa de Portugal maravilhosamente aberta, com uns toques vermelhos e quentes na base de cada pétala; uma magenta grande de carnação rosada e, pálida púrpura ao cimo da sua haste partida, a aristocrática floração duma íris ...

«Continuei a olhar para as flores e pareceu-me identificar na sua viva luz o equivalente à respiração, uma respiração sem regresso ao ponto de partida, dum fluxo contínuo de beleza para outra beleza mais sublime, cada vez com maior significado ... Palavras semelhantes a «graça» e «transfiguração» ocorrer-me-iam ao espírito e, de facto, eram essas que elas pediam. Os meus olhos viajavam da rosa para a carnação da magenta e desta alada incandescência para a pálida ametista, que era a íris. A visão beatífica *Sat Chit Ananda* Ser — Conhecimento — Bem-aventurança — pela primeira vez a compreendi, não em nível verbal, não por indícios a distância, mas exactamente pelo que a essas prodigiosas sílabas se refere».

Recorda então a propósito uma passagem que lera nos ensaios de Suzuki: «Que é o *Dharma* do Buda? («O *Dharma* do Buda é outra maneira de dizer Mente — Semelhança, Vácuo, Divindade).

Esta pergunta é feita num monastério de Zen por um noviço zeloso e confuso. E com a pronta irreverência de qualquer dos irmãos Marx, o Mestre responde:

— A sebe no fundo do jardim.

Ao que o noviço observa:

— E o homem que realiza essa verdade posso perguntar que é?

— Um leão de juba doirada.

— Tudo isto foi para mim uma série de contra-sensos no momento em que o li, mas agora parecem-me claros como os postulados de Euclides. De facto, o corpo de Buda (Dharma) estava na sebe do jardim e eu fixava as suas flores, as flores da revelação ...

### MENTE AO LARGO

Reflectindo sobre esta visão da realidade, Huxley é levado a concordar com o eminente filósofo de Cambridge, Dr. C. D. Brood, em que «devemos considerar muito mais sèriamente do que até aqui o tipo de teoria que Bergson evidenciou conjuntamente com a memória e o sentido da percepção, sugerindo que a função do cérebro e do sistema nervoso, como dos órgãos sensoriais, é eliminativa e não produtiva.

— Todo o indivíduo é capaz de se lembrar de tudo o que lhe aconteceu e, pela percepção, de tudo o que está acontecendo no universo — afirma ele. E acrescenta:

— A função do cérebro e do sistema nervoso é proteger-nos contra a confusão proveniente desta massa de nímios conhecimentos, excluíndo os excessos que, doutra maneira, lembraríamos a cada momento, deixando-nos apenas uma pequena selecção que se apresenta prática e útil».

«De acordo com tal teoria —declara, Huxley— somos, em potência, mentes longínguas. Mas não deixamos de ser animais, e a nossa função é sobreviver; e para tornar possível a sobrevivência biológica, a «mente longínqua» tem que ser coada pela válvula redutora do cérebro e do sistema nervoso. E o que se conclui é que se trata do escoamento de uma espécie de consciência que nos ajuda a permanecer vivos na superfície do planeta».

### A BELEZA ADORMECIDA

Escreve ainda Huxley:

— Aquilo a que se chama «este mundo» na linguagem religiosa é o reduzido universo do conhecimento expresso e petrificado pela linguagem.

«Os «outros mundos» com que os homens ocasionalmente tomam contacto são outros tantos elementos que pertencem ao conhecimento da «mente longínqua».

Um dos efeitos da mescalina é obviar a efi-

ciência da válvula redutora cerebral. «A mente longínqua» escapa-se através dela e todas as coisas biològicamente inúteis começam a acontecer».

Diz Huxley: «Nalguns casos verificam-se percepções extra-sensoriais e noutros há quem descubra mundos duma beleza visionária. E a outros é revelada a glória, valor infinito e o significativo da existência, do acontecimento dado e inconcebido.

## A PARTILHA DO CORPO

A mescalina aviva as cores ao extremo e leva o percipiente a sentir uma gama infinita de cambiantes diferentes que, em estado normal, ignora inteiramente.

Huxley explica: «Como os ingestores de mescalina, muitos místicos podem divisar cores brilhantíssimas, não só com os olhos interiores, mas com os exteriores, no mundo objectivo que os rodeia. «Tais possibilidades são conseguidas pelos médiuns e sensitivos, alguns dos quais consideram material a breve revelação da ingestão de mascalina, durante longos períodos, em experiências de horas e de dias».

Quando o jornalista sugeriu um passeio no jardim, as reacções de Huxley à droga foram cuidadosamente observadas e anotadas e ele declarou convictamente:

— Ainda que o meu corpo parecesse desassociar-se quase completamente do meu espírito — ou para ser mais preciso: ainda que o meu conhecimento do mundo transfigurado exterior não fosse acompanhado pela sensação de presença do meu organismo físico — foi-me possível levantar-me, abrir a parte envidraçada e sair sem hesitação. Era estranho, de facto, sentir-me como se não fosse o mesmo daqueles braços e daquelas pernas ali fora, o mesmo desse tronco objectivo, desse pescoço e mesmo dessa cabeça. E no entanto o corpo parecia-me capaz de olhar por si próprio».

Da porta envidraçada dirigiu-se para uma espécie de pérgola coberta em parte por rosas-trepadeiras e em parte por ripas de três centímetros de largura e centímetro e meio de intervalo. O sol brilhava e as sombras do ripado desenhavam longas estrias no terreno, através duma cadeira de jardim, ao fundo do recinto.

— «Nunca esquecerei essa cadeira — declarou Huxley —. Quando a sombra caíu sobre o tecido de talagarça, autênticas faixas dum índigo carregado mas brilhante alternavam-se num desconcertante contraste com outras faixas incandescentes de fulgor tão intenso, que só nos poderia sugerir fogo azul. E durante um tempo que pareceu imenso olhei fixamente, sem mesmo compreender, sem mesmo desejar saber o que enfrentava. Em qualquer outra ocasião teria visto uma cadeira estriada por luz e sombra, mas agora a percepção englobava esse conceito; e tão absorvido estava a olhar e tão confundido pelo que via, que nada mais me interessava, e jardim, mobília, ripas, sol e sombra eram apenas nomes, mero verbalismo com fins utilitários ou científicos e para depois do acontecimento decorrente. Era esta sucessão de portas, de fornalhas azuis separadas por lapsos de inverosímil genciana, tão inexprimìvelmente maravilhosos, que se tornavam quase aterrorizantes. E de repente tive uma sensação que se deve assemelhar à loucura. A esquizofrenia tem os seus paraisos e os seus infernos ...

## ÂNSIA DE ESCAPAR

Huxley pergunta agora:

— Porque é que os psiquiatras modernos não fazem pelos loucos o que os monges do Tibet fazem pelos moribundos ou pelos mortos? Que surja uma voz que lhes assegure, em vigília ou no sono, que, a despeito do terror, do desvario e da confusão, a última Realidade continua inamovível em si própria e feita da mesma luz interior dos espíritos cruelmente atormentados.

«Muita gente arrasta vidas tão tristes e dolorosas, tão monótonas, pobres e limitadas, que a ânsia de escapar, o desejo ardente de se transcenderem a si próprios, ainda que só por alguns momentos, é e sempre foi um dos principais anseios da alma humana».

## PORTAS NA PAREDE

Arte e religião, carnaval e saturnal, doença e assistência à oratória, tudo isto tem servido, na frase de H. G. Welles, como *Portas na Parede* e para tudo há na vida diária muitas drogas intoxicantes. Huxley aponta os males do tabaco e do álcool, mas acrescenta que representam a necessidade das férias químicas dum quotidiano intolerável e dum círculo que se detesta e como tal continuarão. Depois defende a mescalina como panaceia e válvula de escape do complexo psico-somático.

E conclui: «Não sou louco ao ponto de equacionar o que acontece sob a influência da mescalina ou de outras drogas para a realização do máximo propósito da vida humana: a Iluminação. Mas ser arrancado à rotina da percepção comum, ter a dita de contemplar por algumas horas um mundo novo, interior e exterior, não como ele aparece ao animal obcecado pela conservação, mas o que nos mostra o espírito no espaço, é, de facto, uma experiência de inestimável valor para qualquer mortal.

**(Do «Two Worlds» de 15 de Novembro de 1958)**


**AUMENTAI A CULTURA, LENDO OS BONS LIVROS!**

**Estudos Psíquicos Editora possui um grande depósito de livros dos melhores autores e encarrega-se de enviar quaisquer outros livros à cobrança para todo o continente e províncias ultramarinas.**

**Enviai-nos os vossos pedidos e sereis satisfeitos com a maior rapidez, sejam quais forem as obras requisitadas.**

# O Espiritismo na Argentina

por ERNANI CABRAL

(Prof. da Faculdade de Direito de Goiás)

A visita a um núcleo de correligionários estrangeiros dá-nos a certeza de que, realmente, somos cidadãos do Universo. Se amamos nossa pátria e dela nos recordamos com particular afecto, quando transpomos as suas fronteiras também nos sentimos, entre espiritas de outros países, como entre irmãos, vibrando com fraternidade e comungando no mesmo ideal cristão de compreensão e de amor.

Foi com muita alegria que visitámos a *Confederación Espirita Argentina* (C. E. A.), situada na Calle Sanchez Bustamante, 463, em Buenos Aires, levados pela mão generosa e amiga de D. César Bogo, seu ilustre presidente, a quem fôramos recomendado por Conrado Ferrari, bondoso espirita gaucho. Ficámos sabendo que aquela veneranda instituição tem setenta Centros que lhe são filiados, sendo vinte e sete da Capital Federal e o restante do interior do país, onde o Espiritismo vai bem, notadamente em Córdoba, Rosário, Mar del Plata e em Bahia Blanca.

A C. E. A. possui quatro departamentos ou organismos, que lhe são afectos: o *Instituto de Enseñanza Espirita*, a *Federación de Mujeres Espiritas*, a *Agrupacio Juvenil Espirita «Manuel S. Porteiro»* e o *Ateneo Espirita de Artes y Letras*.

Quando visitámos aquela sede social da C. E. A., que está instalada em um prédio velho, porém amplo e bem cuidado, fazendo-nos lembrar o da *Federação Espirita Brasileira*, estava reunida a directoria da *Federación de Mujeres Espiritas Argentinas*, que são quais abelhas a difundir o néctar do Evangelho e o mel da caridade. Nosso primeiro contacto, pois, foi com a alma feminina argentina, cheia de sensibilidade e de sentimentos fraternos, como costuma ser a alma da mulher. A gente compreende e sente o propósito que elas têm de servir o Cristo com amor e alegria... Fomos então convidados para uma festa que se realizaria no dia seguinte, 20 de Junho, já programada e consagrada ao «Dia da la Reencarnación». Voltámos ainda pelo *súbte*, linha subterrânea que desde 1904 existe em Buenos Aires e que é orgulho da grande capital portenha...

Ao realizar-se ali, na Capital Federal Argentina, nos primeiros dias de Novembro de 1956, o *Segundo Congresso Internacional para o Estudo da Reencarnação*, ficou estabelecido que se consagrasse um dia, no mês de Junho de cada ano, a tais solenidades; e que se escolhesse, de preferência, o dia de João Baptista, que é o exemplo bíblico da reencarnação, mencionado por Jesus (Mateus, 17:13 e 11:14).

Mas o facto é que este ano o Dia da Reencarnação foi comemorado por espiritas, teosofistas, esoteristas e rosacrucianos argentinos, numa festa conjunta, a 20 de Junho e com um programa artístico e de conferências, muito interessante, estando repleto o salão nobre da *Confederación Espirita Argentina*.

Foram ouvidos, de início, o Hino Nacional Argentino, que é bastante espiritualizado, e o Hino da Reencarnação; no programa musical destacaram-se as vozes de um orfeão dirigido pelo maestro brasileiro Daniel Branden, gaúcho de nascimento e já radicado há mais de vinte anos na Argentina. Daniel Branden é quem auxilia a C. E. A. em seus programas lítero-musicais e ouvimos de várias pessoas que ele foi um presente do Brasil enviado aos espiritas argentinos. O certo é que Daniel Branden, em sua excelente execução, ainda nos brindou com variações do Hino Nacional Brasileiro...

Foram ouvidas quatro palestras, cada qual mais interessante, sobre a Reencarnação. «Reencarnação e Religião», pelo Dr. Norberto Dengra; «Reencarnação e Ciência», pelo Dr. Juan Carlos Damonte; «Reencarnação e Arte», pelo Prof. Humberto Mariotti e «Reencarnação e Educação», pelo Prof. Carlos Castañeras. Como as conferências eram entremeadas de números artísticos, a Sr.ª Hebe I. Mariotti conduzia a apresentação com muita graciosidade.

Notei que os oradores argentinos são cultos e substanciosos no terreno doutrinário e percebi que o Espiritismo praticado pela C. E. A. é fundado nos livros de Allan Kardec. Observa-se, entretanto, que nossos queridos confrades do Rio da Prata estão persistindo num Espiritismo muito intelectualizado e que, sòmente agora se vão encaminhando para o verdadeiro sector, que é o da caridade. Realmente, as conferências, a leitura, o processo de auto-iluminação são necessários, mas sem esquecer as obras, que possam atestar a fé, no domínio das realizações práticas, pois, como disse o apóstolo, «a fé sem obras é morta». (Epístola de Tiago, 2:17 e 26). Contudo, a C. E. A. está construíndo o «Lar Espirita para a Mãe Solteira» (Hogar Espirita para la Madre Soltera), já em fase de acabamento e com capacidade para trinta mulheres e está cogitando na fundação do Hospital Espirita, que será o primeiro da Argentina, sendo que o respectivo terreno já foi adquirido.

Entre a segunda e a terceira palestra sobre a Reencarnação, de-

ram-me a palavra, após a apresentação carinhosa do Dr. Norberto Dengra. Tomei a liberdade de saudar os irmãos portenhos em nome dos espiritas brasileiros, dizendo do elo de profunda simpatia que nos une, em torno de Jesus, o nosso Mestre e Senhor. Falei sobre a Reencarnação à luz da Bíblia, detendo-me em João (3:6) onde Jesus frisa que «O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito», querendo dizer que o renascimento deve operar-se pelo Espírito, através da transformação moral, e pela carne, por meio da reencarnação; e assim, sòmente verá o reino de Deus, quem tiver nascido outra vez, conforme foi enunciado em João (3:3). Fiz um caloroso apelo aos irmãos argentinos para que se encaminhassem, preferentemente, para o terrenb da caridade, pois «Deus é amor», como disse o apóstolo João e, FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO, consoante foi bem acentuado em Allan Kardec e conforme os Mensageiros do Senhor repetem, reiteradamente.

O actual governo argentino respeita a liberdade de cultos e o Espiritismo está-se desenvolvendo, livremente, naquelas plagas meridionais.

Finalmente, quem fala em Espiritismo na Argentina, não pode esquecer CONSTANCIA, a mais antiga associação espirita platina, fundada em 1877 e que edita uma interessante revista com aquele nome, também desde 1877. Sua sede social em Cangallo, 2.259, é própria, luxuosa, possui excelente biblioteca, grupos de trabalhos práticos e uma secção feminina bem orientada, que se dedica à realização da caridade, notadamente à distribuição de géneros alimentícios e de roupas à pobreza, sendo que a lã muito representa ali, por causa do frio, que é intenso. A *Comision de Damas del Taller de Constancia* tem como «presidenta» Maria L. de Castelo e «secretária» Raquel Lídia Malerenco.

Além de *Constancia,* Buenos Aires possui ainda outras revistas espiritas, como *La Idea,* que é o órgão oficial da C. E. A. e *La Fraternidad,* fundada em 1880. Conta ainda com vários jornais e tem uma excelente editora: VICTOR HUGO. A *Agrupacion Juvenil Manuel S. Porteiro* também publica seus boletins, que são instrutivos.

A «Editorial Victor Hugo» (Cangallo, 2.267) acaba de publicar uma obra de León Denis, ainda desconhecida em português — «El Genio Celtico y el Mundo Invisible».

Por fim, cumpre-nos falar no Secretário Geral do *Movimento Espirita Juvenil «Manuel S. Porteiro»,* que se chama Juan Antonio Durante, e que já esteve no Brasil, tendo profunda simpatia por nosso país, tanto que estuda o Português há dois anos, língua que já fala regularmente. Ele nos deu notícia do 1.º Congresso Nacional para as Juventudes Espiritas Argentinas, que se deverá realizar em Buenos Aires, a 13, 14 e 15 de Novembro próximo e que se inspirou, disse-nos ele, no movimento juvenil espirita do Brasil. As Mocidades Espiritas do Brasil estão, assim, dando exemplo de operosidade às mocidades espiritas sul-americanas. Aliás, reconhecem na Argentina o esforço do Brasil em prol do Espiritismo cristão, da mesma forma que olhamos daqui, com todo o carinho, para o Espiritismo no Rio da Prata, certos de que Jesus muito espera da operosidade de nossos irmãos portenhos, não só no terreno doutrinário, como vêm realizando, mas também no sector das obras materiais de caridade, que atestarão a firmeza de sua fé.

Fazendo esta ligeira descrição do Espiritismo na República vizinha, naturalmente cheia de deficiências e talvez de incorrecções, agradeço a Deus a oportunidade que me deu de conhecer os queridos irmãos da gloriosa Argentina, e a Ele elevo o pensamento, pedindo que abençoe as realizações daqueles correligionários, no sentido de que, juntos aos espiritas brasileiros e comungando com os Mensageiros do Senhor, possamos contribuir para a difusão do Espiritismo, cooperando assim, fraternalmente, para a elevação moral e cultural da Humanidade ou para o restabelecimento do Cristianismo puro na face da Terra, que os homens, através dos séculos, vêm enxertando de dogmas e deturpando.


## «A VIDA ALÉM DA SEPULTURA»

**pelo Espírito de RAMATÍS**

*Psicografada por HERCÍLIO MAES*

**Depois de «A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores» e «Mensagens do Astral», que tanto êxito alcançaram, acabamos de receber a 3.ª obra do mesmo autor intitulada «A Vida Além da Sepultura», em que se relata a vida dos espíritos desencarnados, suas actividades no Além e os múltiplos aspectos da sua interferência nos labores do nosso mundo.**

**Nesta obra monumental impressa em óptimo papel são estudadas claramente todas as dúvidas e incógnitas relacionadas com os diversos sectores do Astral, abrangendo as regiões paradisíacas e as dos abismos de provação em que as almas são abrigadas a viver de novo os actos praticados durante a sua vida humana, a fim de certificarem a causa do sofrimento.**

**A descrição, porém, de tais cenas é exposta sem quaisquer fantasias que alterem a realidade.**

**1 grosso volume de 431 páginas no formato de 16,5×23 120$00**

ENVIAMOS ESTE LIVRO À COBRANÇA

# APELO AOS HOMENS DE BOA VONTADE

Por S. TEIXEIRA

Não obstante os últimos habitantes das cavernas pré-históricas que se espalham por Espanha, França, etc., não disporem de outros instrumentos além da pedra lascada, o que prova o seu primitivismo, estes seres, que ensaiavam os primeiros passos no reino da humanidade, deixaram a sua passagem assinalada por verdadeiras obras de arte, como são classificados desenhos, pinturas e gravuras que cobrem as paredes e às vezes os tectos de algumas grutas. O realismo e o impressionismo que só aqueles, de entre nós, possuidores de cultura artística sabem produzir, encontram-se ali representados.

Como se explica, então, a existência de homens já assim cultos no meio dos primitivos?

Onde foi adquirida essa cultura? A natureza não dá saltos. Ninguém é capaz de fazer seja o que for, sem que haja prèviamente aprendido.

Na tradição dos povos está o simbolismo da revolta de Lúcifer e a consequente queda dos anjos.

Individualidades de destaque e responsabilidades científicas, como o Dr. Alberto Perego, famoso cientista italiano, para não citar outras, são de opinião que nos alvores da humanidade foram desterrados no nosso planeta condenados de outros mundos.

Nos glaciares nórdicos têm sido encontrados mamutes com erva no estômago ainda por digerir. Isto prova que os polos tiveram clima temperado e que a transição para frígido foi rápida, extremamente rápida. Se os polos tinham temperaturas de regiões quentes, talvez que o eixo da terra estivesse na vertical, isto é, fizesse 90º com o plano da eclíptica, recebendo assim e durante o ano a mesma intensidade calorífica solar. Teria então sido brusca a inclinação de 23.º do eixo da Terra?

Os mistérios caem um a um perante o espírito investigador do homem, quando apto a receber. Está escrito: «Pedi, e recebereis; batei, e abrir-se-vos-á».

Também a tradição dos povos fala do dilúvio universal e dos livros Sagrados de Noé e da sua pequena Arca.

Há ainda vaga memória de dois continentes desaparecidos, a Atlântida e a Lemúria, de que os Açores e certas ilhas do Pacífico seriam os cimos das mais altas montanhas. E é digno de nota o enigma das estátuas-monstros da ilha da Páscoa, verdadeiro trabalho ciclópico, que não foi ainda estudado.

Seriam então simultâneos os três grandes fenómenos telúricos, isto é, a imersão dos continentes, o dilúvio e a inclinação do eixo? Há quem opine que a Lemúria se afundou alguns milénios antes.

Muitas opiniões são concordes e a sua interdependência tem razoável explicação. Quando um volume imerge de repente, as águas, sobem além de níveis de equilíbrio, para depois aí voltarem. Em grandes proporções podem causar dilúvios.

Os glaciares estão a recuar gradualmente. Na Gronelândia e outras terras situadas além do círculo polar, cobertas de gelo desde há milhares de anos, já se cultivam cereais. Os esquimós pescam agora, nas suas águas, peixes de águas mais quentes.

Em contrapartida, nas nossas costas marítimas e não sabemos se nas de outros países, estão a notar-se acontecimentos alarmantes. A cidade de Aveiro tem sido duramente flagelada pelo mar e as belas praias quase não existem hoje.

Diz-se que se as calotes de gelo polares fundirem, os níveis dos mares subirão 50 metros, pelo que as grandes cidades marítimas desaparecerão.

Estará a processar-se a verticalização do eixo da Terra e no polo pastarão, futuramente, pacíficas manadas de herbívoros, como outrora? Parece que os ciclos históricos se repetem nas suas linhas gerais.

As profecias, partindo de várias épocas e de vários sectores, são unânimes em afirmar que o fim dos tempos é chegado. Esta geração já viu «pássaros de aço porem ovos de fogo». Também já sofreu guerras e os rumores de guerras não deixam de se ouvir. Terramotos e inundações todos os dias são relatados nos jornais. A discórdia entre nações, sociedades, famílias e indivíduos, é bem patente. A palavra de Deus está sendo levada intensamente a todos os cantos do mundo. Só a América imprime quatro milhões de Bíblias anualmente em mais de 150 idiomas. Contudo, a santa palavra não baixa dos ouvidos aos corações e vemos que a fé no bezerro de ouro é muito mais intensa que a fé em Deus.

A humanidade encontra-se em verdadeiro suplício de Tântalo. Tendo muitos e importantes problemas a resolver e possuíndo meios técnicos, materiais e morais para os solucionar, vê-se completamente impossibilitada. Todavia, consome as energias em esforços puerís e inúteis e às vezes perigosos.

Eis, em síntese, a compilação dos profetas, incluíndo alguns elevados espíritos e padres da Igreja, entre os quais Isaías, Daniel, João (Apocalipse), Santa Odília, o Cura de Ars, Nostradamus, Ramatís, etc.

Um planeta estranho, carregado de poderosa força magnética, está a aproximar-se do nosso sistema e influenciará profundamente a Terra. Essa influência principiou a exercer-se por volta de 1950, e desde então o eixo começou a tender para a verticalização. Nos primeiros anos da próxima década

(60 a 70) os astrónomos acharão nos seus telescópios o astro visitante, ao mesmo tempo que será observada a diminuição do ângulo axial. A aproximação máxima será nos anos 1998-99 e também as tribulações.

Mas, antes e após as duas grandes guerras, haverá um período de calmaria relativa, seguindo-se-lhe uma vaga de convulsões sociais. As instituições que se tenham afastado dos princípios crísticos serão demolidas. Amarelos e Negros invadirão a Europa e armas nucleares serão, possìvelmente, empregadas.

Entretanto, o astro intruso, onde uma humanidade primária, no estado cavernal, luta para dominar o fogo, continua a aproximar-se, causando perturbações meteorológicas. Aumentará a temperatura em todas as latitudes e durante alguns anos não choverá, pelo que fomes se farão sentir. Também doenças desconhecidas se juntarão ao cortejo flagelador. Cairá fogo do Céu.

Dois terços da população, já muito dizimada, perecerão, sendo atraídos, compulsòriamente, pela aura do planeta bárbaro. Ali, os arrebatados renascerão em corpos primitivos, selvagens, possìvelmente antropófagos. O subconsciente começará a manifestar-se lentamente, vislumbrando, de modo vago, o mundo feliz onde se julgarão pequeninos deuses. Estes emigrados, muitos dos quais certamente pertenceram às elites da sociedade terrícola, mas que se deixaram adormecer enlevados pela sugestão do prazer, das falsas glorìolas, riqueza, poderio, honrarias, etc., constrangidos agora num ambiente hostil, eles, que se opuseram ao progresso e emancipação no seu planeta de origem, o paraíso perdido, serão o elemento progressivo do novo mundo, aproveitando a oportunidade de reabilitação que negligentemente perderam na Terra.

Será muito provável que, quando as intempéries obriguem a mais longas permanências nos abrigos, os degredados tentem, com os rudimentares meios disponíveis, reproduzir o mundo ínfimo que os rodeia, nas paredes e tectos das cavernas, tal como há milhares de anos fizeram, neste planeta, outros seres em circunstâncias análogas.

Então a Terra, liberta do peso morto dos dois terços que se opunham ao progresso espiritual e material, estará apta a receber a Jesus, onde não mais será acusado de sedicioso nem crucificado.

E o Reino de Deus será definitivamente estabelecido sobre a Terra.

Se alguns poderosos distribuissem as suas riquezas pelos famintos do mundo e descessem à humildade de Jesus, seria possível que os outros poderosos lhes seguissem o exemplo. Se a humanidade começasse a viver o Cristianismo prático, talvez não fossem necessárias operações tão dolorosas para estabelecer o Reino de Deus na Terra.

Nínive teve a espada da maldição suspensa sobre a cabeça dos seus habitantes, mas penitenciou-se a tempo e não foi destruída.

# VIVA JESUS

**Os fundadores da instituição a que se referem estes versos são o Tio Juca e sua virtuosa esposa, a Tia Totónia, que vivem, há muito, no coração de grande parte do povo brasileiro.**

**Certa vez o Criador mandou à Terra**
**Um Anjo com a missão**
**De examinar minuciosamente**
**Cada consciência e cada coração.**

**Desejava saber o Pai Celeste**
**Até onde a humanidade**
**Aproveitara de Jesus as grandes**
**Lições de amor, de fé e de humildade.**

**O Anjo encontrou consciências tenebrosas**
**E corações de pedra.**
**Chorando, murmurava: «Inda são tantos**
**Aqueles em cuja alma o bem não medra?!»**

**Mas viu, por toda parte, criaturas**
**De sentimentos nobres.**
**Estavam elas sempre nos palácios?**
**Talvez mais estivessem entre os pobres.**

**Eis que o Missionário chega à porta**
**De um venerando lar.**
**Lê, num letreiro: «Casa do Tio Juca».**
**Entrou, sorrindo, e pôs-se a investigar.**

**Percorreu, passo a passo, toda a casa.**
**Viu dezenas de leitos,**
**Viu um bando de jovens e crianças**
**Muito contentes, muito satisfeitos.**

**Depois, sereno, penetrou nas almas.**
**Não raro assim dizia:**
**«Aqui lançou raízes bem profundas**
**O Evangelho do filho de Maria».**

**Quedou-se em frente de um casal de velhos.**
**Eram os fundadores**
**Daquela instituição. Estavam eles**
**Preocupados com alheias dores.**

**Oravam em silêncio, irradiando**
**Suavíssima luz...**
**O Enviado de Deus ajoelhou-se**
**E disse, olhando o céu: «Viva Jesus!»**

**Bahia** **PAULO ALBERTO**

# O ESPIRITISMO EM FACE DO SINCRETISMO RELIGIOSO

Por DEOLINDO AMORIM

(Redactor-correspondente de Estudos Psíquicos, no Rio de Janeiro)

**Convidado pela Federação Espírita do Estado de S. Paulo, o nosso confrade Deolindo Amorim pronunciou, naquela instituição, uma palestra sobre o tema acima e cujo resumo publicamos a seguir.**

I

Se estamos com o propósito de falar sobre *o Espiritismo em face do sincretismo religioso, no Brasil,* devemos começar pela definição do que seja sincretismo, a fim de que nos entendamos acerca de certos conceitos, no decorrer desta exposição. A palavra *sincretismo,* no sentido corrente ou popular, significa, simplesmente, como se sabe, a junção ou amálgama de elementos diversos. Diz-se, por exemplo, sincretismo literário ou sincretismo artístico, quando há, no mesmo trabalho, ideias e estilos diversos, e assim por diante. É o sentido lato. No sentido sociológico, entretanto, sincretismo é «a fusão de dois ou mais elementos culturais antagónicos, continuando perceptíveis alguns sinais de suas origens diversas», segundo E. Willems, em seu *Dicionário de Sociologia.* Isto quer dizer que, embora os elementos se «misturem», ficam sempre alguns sinais, alguns traços, que permanecem e denunciam a sua verdadeira origem. Para compreendermos esse fenómeno, precisamos ver o que se entende ou deve entender por «elementos culturais», em termos de Sociologia, pois o fenómeno do sincretismo religioso está bem situado nesta ciência, cujo campo tanto abrange os outros fenómenos sociais, como também a interacção religiosa, em todas as suas formas, independentemente dos problemas teológicos. A definição fala em «elementos culturais». Então, antes de mais nada, devemos saber o que é *cultura,* na linguagem sociológica, a fim de podermos entender bem o que são os «elementos culturais».

Quando se fala em *cultura,* logo se pensa em cultura intelectual, preparo literário ou científico, mas o conceito de cultura, quando se trata de ciência social (Antropologia, Sociologia, etc.) tem uma significação muito diferente, porque exprime realidades e valores também diferentes. A palavra cultura, portanto, no sentido sociológico, não quer dizer preparo intelectual, mas um conjunto de traços peculiares a um grupo, a um povo, a uma época: cultura africana, cultura azteca, cultura gauleza, etc. A cultura abrange instrumentos de trabalho, alimentação, costumes, crenças, padrões de etiqueta, objectos de culto, técnicas, etc. Tudo isto, englobado, forma a cultura de um povo, *uma* cultura, isto é, o que caracteriza um povo ou grupo, no tempo e no espaço.

Por necessidade didática, divide-se a cultura em dois aspectos: *cultura material* (instrumentos utensílios, arquitectura, armas, etc.) e *cultura espiritual* (crenças, concepções de vida, conceitos morais). Agora, naturalmente, podemos indicar o que são os «elementos culturais», uma vez que já temos uma noção do que seja *cultura,* na conceituação sociológica. Consequentemente, «elementos culturais», no sincretismo religioso, são aqueles elementos estranhos, que vieram com o africano, como parte da sua *cultura,* e ficaram incorporados às práticas religiosas, no Brasil. Quais são esses elementos? Vejam-se os *terreiros* e altares afro-católicos, e lá estão: objectos de adoração, símbolos, imagens, vestuário, *tatuagem, talismãs, figas,* tambores, «pontos riscados», e tantos outros. Tudo isto caracteriza a fusão de «elementos culturais»,pois o africano tinha a sua *cultura* característica, a sua *cultura* própria, mas é preciso notar, como iremos ver daqui a pouco, que tudo isto se fundiu, forçosamente, em virtude dos contactos com judeus, maometanos, cristãos, desde os tempos mais recuados. Já está provado que o africano entrou no Brasil com acentuadas diferenciações culturais, pois trouxe elementos heterogéneos no lastro de suas crenças e práticas religiosas, quando saíu de sua terra. É isto, portanto, que forma o sincretismo afro-brasileiro, no qual ainda se verificam resquícios do Islamismo, do Judaismo, etc. Há, indiscutìvelmente, um fundo mediúnico em suas práticas, tanto quanto a evocação de espíritos e a crença na sobrevivência da alma. Não há, entretanto, o que se possa chamar *ESPIRITISMO,* na exacta acepção do vocábulo.

## INFLUÊNCIAS DIVERSAS

Vejamos, agora, os principais contingentes de influências no sincretismo religioso do Brasil. São três tipos de contribuição e bem distintos: o *ameríndio* (povos indígenas), o *português* (católico) e o *africano* (conjunto de fetichismo, Catolicismo, Judaísmo, Islamismo). Ora, o nosso chamado aborígene ou indígena tinha as suas crenças, suas cerimónias, também marcadas por influências diversas e longínquas, pois o problema de sua origem é ainda muito discutido. De onde veio o homem americano, isto é, o homem nativo, que o europeu encontrou na terra? A tese da procedência aborígene (filho da terra) já não é mais ponto pacífico entre os estudiosos do assunto, porque já se diz, com base em pesquisas e teses modernas, que o nosso índio tem cruzamento com povos malaios, polinésio, australiano, etc. Logo, não é um elemento *puro,* culturalmente fa-

lando. Os cultos indígenas entre si eram também muito variados, como os cultos de procedência africana. É verdade que, quando se discute o problema do sincretismo religioso no Brasil, a influência mais notada é a do africano, porque realmente foi a que ficou mais acentuada em suas relações com o Catolicismo, introduzido pelo europeu, especialmente o português.

Então, devemos considerar o sincretismo, para efeito de estudo, em três sentidos:

a) — *quanto às causas*
*b)* — *quanto à origem*
*c)* — *quanto ao conteúdo*

As primeiras causas do sincretismo foram as migrações, fenómeno decorrente das próprias relações comerciais ou políticas entre os povos, notadamente com o advento do ciclo dos descobrimentos. Desde que haja contactos, por força dos interesses económicos, artísticos ou religiosos, é natural que se façam sentir as influências recíprocas em consequência das permutas inevitáveis: cada povo, directa ou indirectamente, recebe e transmite padrões, técnicas, ideias religiosas, costumes, etc. É certo que alguns grupos, mais *fechados* não absorvem prontamente as influências estranhas, mas também é certo que, em virtude da acção do tempo, nenhum grupo, como nenhum povo seria capaz de se conservar no isolamento absoluto, sem receber qualquer elemento de fora. O tráfico de escravos, com objectivos puramente económicos, trouxe para o Brasil um acervo imenso de crenças, ritos, instrumentos, técnicas e valores oriundos de culturas muito desencontradas. Alguns grupos reagiram, isto é, procuraram isolar-se para não *caldear* ou «misturar» as suas crenças e os seus costumes. Foi o que se deu com os africanos islamizados, cujo comportamento é muito diferente do comportamento de outros grupos. Quanto à origem, como se vê, o sincretismo religioso do Brasil tem várias procedências: asiática, africana, europeia, americana. Relativamente ao conteúdo, está bem visto que esse sincretismo engloba materiais de fonte católica, judaica, muçulmana, por exemplo, com as suas cerimónias, suas divindades, seus valores e objectos de adoração. Vejamos, agora, a situação da África, quando se iniciou o infamante comércio de escravos.

## JUDAISMO, ISLAMISMO E CRISTIANISMO

Como dizem alguns estudiosos dos problemas africanos, é erro dizer-se «África negra», como também é impróprio falar em «povo africano», visto como nem a África é inteiramente negra, pois é grande a população branca, nem existe, na realidade, um único povo, uma vez que se identificam diversos povos no continente africano. O mais certo então é dizermos «povos africanos». Convém frisar, desde logo, que não havia UNIDADE na África: nem política, nem cultural e, muito menos, religiosa. Não podia haver unidade política, uma vez que existiam ali diversos *impérios*, como o de *Ghânia, Mali* e outros; também não era possível a unidade cultural, quando já se apurou a convergência de componentes caucásicos, hamitas, camitas, etc. Evidentemente, a coexistência de tantas e tão diversificadas contribuições não permitiria a formação de unidade religiosa. Sob este ponto de vista, a África recebeu três grandes e fortes correntes de influências religiosas:

> em primeiro lugar, o *Judaísmo*, que ali penetrou muito antes das outras correntes e, embora não tivesse uma expressão maciça ou compacta, como o Cristianismo e o Islamismo, deixou os sulcos de seu pensamento e sua cultura desde os tempos mais longínquos, podendo-se recuar até à época faraónica no Egipto;
>
> em segundo lugar, o *Cristianismo*, que se espalhou além da Abissínia, apesar do contingente islamita, e levou as suas concepções e os seus objectos de culto a diversos pontos do continente africano, notadamente na orla do Atlântico;
>
> em terceiro lugar, o *Islamismo*, que entrou principalmente na parte norte da África e deixou as raízes de sua influência através de grande área geográfica e religiosa, rivalizando com o próprio Cristianismo.

Convém esclarecer que não foi sòmente o Português, autêntico pioneiro da expansão marítima, que levou o Cristianismo às terras da África, mas também espanhóis, franceses, ingleses e holandeses foram instrumentos de contactos, embora nem todos tivessem missão religiosa, porque o principal objectivo de suas viagens era o comércio. Todos, entretanto, «navegaram nas águas» dos portugueses, porque foram estes que abriram o caminho das grandes conquistas pelos mares, à força de uma tenacidade invencível. O Cristianismo teve, na África, uma distribuição mais litorânea, até certo ponto. É indiscutível que o maior contingente foi o católico, não há dúvida, mas também o Protestantismo, de alguma forma, se incorporou à penetração europeia, através de navegantes, exploradores e comerciantes ingleses e holandeses. Uma parte da África, banhada pelo Mediterrâneo e pelo Mar Vermelho, recebeu muita infiltração maometana, de que foram o exemplo mais característico os escravos procedentes do Sudão, exceptuando-se apenas, como observa o saudoso Prof. Artur Ramos, os que vieram da Guiné, isto é, da Costa dos Escravos e Costa do Ouro, zona de influência do Catolicismo. Os sudaneses (escravos *islamizados*, porque influenciados, em grande parte pelo Islamismo, religião dos maometanos, cuja bíblia ou livro sagrado é o *Corão*), trouxeram para o Brasil um tipo de culto diferente, e tão *fechado* que chegou a entrar em conflito com os escravos oriundos da chamada faixa católica: Congo, Guiné Portuguesa, Moçambique, etc. Eram religiões antagónicas, e os africanos escravizados revelaram bem esse antagonismo em seus comportamentos (1).

Era este o panorama religioso do continente

(1) *O expositor, a esta altura da palestra, apresentou um contorno da África, marcando os pontos mais salientes da penetração maometana, de um lado, e da penetração católica, de outro lado. No referido contorno africano ficaram assinalados os aspectos do sincretismo religioso judaico, maometano, cristão, fetichista, etc.*

# ANTÓNIO CARDOSO

## A CAMINHO DO BRASIL

*António Cardoso parte no dia 17 do corrente a caminho do Brasil, onde ficará dois meses em viagem de estudo e aproximação, como 1.º Secretário do Centro Espiritualista Luz e Amor e enviado especial da revista* Estudos Psíquicos.

*A todos os prezados assinantes solicitamos bom acolhimento a este confrade, proporcionando-lhe o que for necessário ao seu programa de observação.*

*António Cardoso é homem inteligente e dinâmico que tem no seu activo os melhores serviços prestados à Causa. Vai cheio de vontade e confiante.*

*Como estudante acumulou sempre trabalhos diversos, principalmente no campo espírita, sem que os seus exames tivessem sofrido a mínima solução de continuidade. E várias digressões fez ao estrangeiro, aproveitando dois congressos espiritas internacionais para afirmar a sua fé em representação da revista* Estudos Psíquicos.

*Além das visitas que figuram em seu itinerário, fará conferências em várias agremiações espiritas. Temos a certeza de que saberá impôr-se pelo desassombro de atitudes e pela simpatia que merece o trabalho que tem realizado em nosso Centro e na revista, de que é assíduo colaborador, e registará as suas impressões colhidas na Terra do Cruzeiro, que ele tanto admira e estima.*

*Experimentará, decerto, emoções fortes, à semelhança de Isidoro Duarte Santos, que em toda a parte vibrou com o povo mais sensível do mundo, pois é assim que se refere sempre aos irmãos do Brasil, em conferências ou em conversação.*

*António Cardoso, que é licenciado em ciências físico-químicas e acaba de obter o diploma de engenheiro químico pelo Instituto Superior Técnico, de Lisboa, deseja conhecer o espiritismo brasileiro nos aspectos mais relevantes e temos a certeza de que os seus apontamentos exercerão nele influência decisiva no que respeita à disseminação da doutrina.*

*Até hoje dedicou o seu esforço principalmente à parte científica, embora a filosofia e a moral lhe tenham merecido grande interesse. E o director de* Estudos Psíquicos *muitas vezes o estimulou no empreendimento desta viagem:*

*— Vá, meu caro! Conheça o Brasil e dele voltará tão brasileiro como português. Veja, observe, analise o movimento espirita e recolherá impressões imarcessíveis, perguntando a si mesmo onde vão aqueles adeptos buscar a fé que os anima e o entusiasmo que leva de vencida os maiores obstáculos. E não mais se admirará de me ouvir dizer que a Terra da Promissão começa na Guanabara e que os espiritistas do mundo deviam lá ir aprender o segredo de erguer monumentos de caridade, transformando pedras em pão. Vá, meu caro! Conheça esse povo bom e simples e hospitaleiro e não mais olvidará os seus traços incomparáveis, como me sucedeu e sucede ainda.*

*António Cardoso parte no dia 17 e vamos sentir muito a sua falta e o seu optimismo.*

*Mas ele também pertence à Direcção da Sociedade Portuguesa de Naturalogia e à Academia Portuguesa de Ilusionismo, de que é membro conceituado. Por isso fará conferências afins e sessões de ilusionismo que deliciarão os profitentes deste ramo do saber.*

*Que ele seja bem sucedido e traga muitos conhecimentos e uma fé acrisolada para transmitir aos seus amigos e admiradores são os votos dos que trabalham nesta revista.*

---

*O endereço de António Cardoso no Brasil é o seguinte: Avenida Visconde de Guarapuava, 3945 — Curitiba-Paraná.*

africano, quando ali chegou o europeu, à cata de braços para o cativeiro. O escravocrata não compreendia nem poderia compreender o fenómeno africano, em matéria de religião. Preocupado exclusivamente com a riqueza, é claro que procurou apenas arrebanhar e *juntar* escravos, arbitràriamente, sem respeitar as diferenciações religiosas, sem levar em consideração os valores culturais, incompatibilidades psicológicas. Não houve, portanto, critério selectivo, mas simplesmente «mistura» forçada de homens que, tendo crenças e práticas religiosas muito diferentes, não poderiam ter afinidades psicológicas. Então, pelos portos comerciais da época, os escravos saiam da África em promiscuidade absoluta, mas o certo é que, apesar de tudo isto, conservaram as suas crenças por muito tempo. De todo esse conglomerado humano, que a escravidão transplantou para o Brasil, sairam diversas *culturas de procedência* africana, já um tanto mescladas, devendo-se notar que, na opinião de africanólogos patrícios, a *yorubana* era a mais adiantada. O acervo *yorubano* também se infiltrou em Cuba. (Convém lembrar que falamos em *cultura* no sentido de conjunto de crenças, instrumentos, técnicas, artes, ritual, etc., distinguindo as peculiaridades de cada grupo, pois a acepção de cultura no sentido estritamente literário não caberia neste trabalho). Duas grandes culturas se encontraram no Brasil, por força do tráfico africano: a dos SUDANESES e a dos BANTOS. Eram culturas diferentes, possuíam material e valores muito distanciados entre si.

(Continua)

# Possuem os Animais um Sexto Sentido?

A experiência pessoal que se vai contar, além de ser verídica, sugere-nos mais uma vez a possibilidade, tantas vezes abordada, dum sexto sentido nos animais — para além do instinto e das reacções emocionais do afecto, da simpatia, da antipatia e da aversão.

Uma tarde de Outubro — há muitos anos — eu e o meu empregado Johnson procedíamos à transfernêcia do galinheiro para instalações mais modernas e higiénicas. O tempo estava agreste e nevava; mas, apesar disso, não tivemos dificuldade de apanhar as galinhas — com excepção de duas de raça guiné que, voando sobre as nossas cabeças, se perderam no largo cercado.

Tentámos tudo para as apanhar, sem resultados, e eu já me sentia cansado das correrias e nem sequer pensava chamar o meu cão Tawny (a quem eu chicoteara uns anos atrás por matar uma ave) para intervir na perseguição, porque desde essa data ele recusava-se a penetrar no aviário, apesar dos meus assobios. Não esquecara o correctivo.

Por uma associação de ideias e já exausto mencionei o caso a Johnson, lamentando-o.

Quando já estava para desistir, ouvi, não sem surpresa, um largo latido vindo dum bosque a cerca de 400 m de distância. Imediatamente a forma dourada de Tawny surgiu dentre as árvores, e avançou, aos saltos, através do campo, cruzando a estrada e quedando-se a ganir ao portão do cercado.

Surpreendido abri o batente ao animal excitado que me olhava interrogativamente. Apontei-lhe então uma das galinhas e ele, como uma flexa, lançou-se na caçada. Num célere momento, num salto magistral, apanhou a ave, enquanto a outra se refugiava numa moita de arbustos. Tendo a primeira bem segura conseguiu filar a última e triunfantemente voltou junto de mim com as duas presas — sem que alguma delas estivesse ferida, uma apenas magoada na asa.

Tawny aprendera a apresar aves e pequenos animais sem minha intervenção. Vi-o, mais duma vez, abocar um gatinho, levá-lo para o terreiro, deitar-se e colocar a presa entre as suas pernas abertas, estudando o pequeno ser com profundo interesse. Se a gata-mãe se aproximava para reaver a cria, ele deixava-a ir sem qualquer protesto. No entanto, era capaz de lutar até à morte, como aconteceu certa ocasião em que tive que apertar-lhe o pescoço para evitar o corte das carótidas dum grande cão de raça alemã que penetrara furtivamente no páteo e o atacara.

Depois do incidente das galinhas voltei a chamar Tawny ao cercado da criação e ele continuou a não entrar, o que sobremaneira me confundia, pois nessa altura não me interessava ainda por fenómenos psíquicos, tais como o «pensamento através do espaço» julgando que fora por mera coincidência que o cão acorrera ao galinheiro, quando as duas galinhas se escaparam e eu pensei nele. Mas muitas provas evidentes se amontoaram antes que eu chegasse à dúvida sobre «a coincidência».

★

Muitas vezes dispensava, aos domingos, o meu tratador para me ocupar eu próprio da alimentação dos animais. Nessas ocasiões deitava-me de madrugada e levantava-me tarde, entretendo-me a ler um livro ou a minha papelada, até que um olhar para o relógio me despertava da abstracção e me decidia a ir tratar dos bichos. A hora variava, mas sempre Tawny surgia nessa altura, emergindo da sua negra casota e esperando-me à porta. Isto repetiu-se tantas vezes, que perguntei a mim mesmo como podia o cão adivinhar a minha saída, sem uma palavra nem mesmo qualquer movimento de levante. Como poderia o animal saber as minhas intenções? Tão estranho era o caso, que decidi fazer uma experinêcia. Na noite seguinte sentei-me deliberadamente com o meu livro e li uma ou duas páginas, antes das 6,30 da tarde para proceder ao repasto dos animais. Continuei depois a ler, esperando os resultados. Tawny apareceu, como era habitual, e dirigindo-se à porta. Eu não quis enganá-lo e fui ao palheiro, mungi as vacas, dei feno aos cavalos e voltei para casa, imaginando que o cão considerava a tarefa cumprida naquele dia. Mas voltei a proceder à distribuição à hora normal, sete horas mais tarde. Pois o animal lá estava!

Mais tarde resolvi variar as experiências e dirigi-me um dia para o bosque, deitando-me e fingindo que queria dormir. Ordenei a Tawny que fosse para casa, o que ele fez depois de me olhar tristemente, de rabo entre as pernas. Depois de desaparecer estendi-me na relva durante meia hora antes de enviar uma mensagem mental ao meu cão, que devia estar no fim do caminho para a quinta. Sem embargo, num curto lapso de tempo ouvi-o restolhar por entre as moitas e aparecer junto de mim.

Continuei de olhos fechados e ele permaneceu silencioso a meu lado alguns minutos. Depois ganiu, sem que eu me movesse, e eu senti o seu bafo sobre a minha face e logo sobre as minhas mãos. Começou então a andar à minha volta, emitindo sons de cortar o coração, até que agarrou com os dentes os cós e o cinto das minhas calças, como se tentasse arrastar-me. Sem saber o que pretendia, abri os olhos, levantei-me e abracei-o comovidamente.

No dia seguinte tive que ir ao Correio e fechei Tawny no palheiro. Quando voltei pedi a Johnson que me ajudasse a subir para o telhado da nossa casa colonial e escondi-me junto à chaminé. O meu empregado abriu a porta do palheiro e Tawny — como ele me contou — saiu e procurou, sem nada suspeitar, a sombra da garagem, parecendo adormecer. Avisado por um assobio de que o cão estava livre enviei-lhe uma nova mensagem mental; e Johnson, que vigiava o animal a distância, disse-me que Tawny despertara sùbitamente, olhara em redor e começara a correr numa corrida circular, tentando localizar o impulso espiritual que recebera. Depois, farejando a terra, encontrara o meu rosto em direcção ao Correio,

no que terminou a pista, visto que eu subira ao telhado com a ajuda de Johnson. Tawny, entretanto, parecia intrigadíssimo e excitado por lhe falhar o faro e começou a dar mil voltas, ladrando furiosamente.

Calculando, pela direcção dos latidos, o estado em que as coisas paravam e antecipando qualquer reacção do animal à minha cilada, voltei silenciosamente a chamá-lo. Johnson informou-me mais tarde que o cão cessara sùbitamente de ladrar e que correra para casa, arranhando com as patas as portas anteriores e posteriores do edifício. E eu ouvia perfeitamente os seus curtos e impacientes latridos! Enviei-lhe então outra mensagem. Por momentos ficou quieto, mas logo, com um ladrar vitorioso, tentou saltar a parede da moradia, fazendo esforços prodigiosos para alcançar a beira do telhado e, não sem espanto, vi por várias vezes a ponta do seu focinho e logo parte da sua cabeça à altura da parte baixa do telhado. Convencido e impressionado, não quis prolongar a extraordinária coragem do animal e desci do meu esconderijo para receber as festas e os saltos de alegria do meu cão, que ladrava de contentamento.

Não tenho, eruditamente, a menor ideia do que seja «a mente»; mas, seja ela o que for, para os especialistas o meu cão não necessita de artifícios mecânicos para receber as mensagens que lhe envio. E esta possibilidade de recepção mental através do espaço é talvez nos cães uma verdade muito mais patente e actuante do que nos homens.

### HEIDI — O CÃO-MARAVILHA DO CANADÁ

Heidi é um canídeo que — diz-nos a Sr.ª Alva Mc Coel, psiquiatra de cães — se não pode fazer operações aritméticas pode ler nas mentes.

Este exemplar extraordinário conta 3 anos de idade e pertence às irmãs Bárbara e Nancy Phipps, que receberão uma boa soma pelo seu aparecimento na cadeia de Televisão de Ed Sullivan (¹).

O cão *ladra* respostas e perguntas de matemática — multiplicação, divisão, fracções e decimais — fornecendo sempre soluções correctas.

Os habitantes dos arredores de London encontram-se tão excitados acerca das estranhas habilidades do animal, como a família Phipps, mas uma certa controvérsia reina entre eles sobre se este talento é autêntico ou se se trata duma artimanha aprendida.

O Dr. John Paul, do departamento de psicologia da University of Western, Ontário, examinou o cão e concluíu que, quando pensava nas respostas numéricas em três línguas diferentes, o cão conseguia acertar seis vezes em sete. Julga ele que Heidi reconhece e identifica qualquer sinal visual que o ajuda na solução.

O Dr. A. B. Stokes, director da secção de psiquiatria da Universidade de Toronto, disse que era inteiramente natural que o cão fosse hipersensível ao pensamento das suas donas. E confessou:

— Não vejo razão para que o talento do animal não seja verdadeiro.

**(Do «Fate», de Novembro de 1957)**

(¹) *O homem que há tempo dedicou um programa inteiro ao Carnaval do Estoril e à música portuguesa.* — Nota do Tradutor.

## De Irmão para Irmão

# E TU?...

PÁGINA DE

**LUÍS ANTÔNIO MILLECCO**

(da Comissão Bibliográfica da Sociedade Pró-Livro em Braille)

**Ao teu redor tudo é agitação e dinamismo, tudo trabalha e se move, tudo age e tudo vive. E TU? Porque te manténs apático e inerte? Não receias o atrofiamento das mãos vazias? Não temes que a incessante marcha evolutiva de tudo e de todos acabe por esmagar-te, implacàvelmente?**

**Em tua atmosfera de acção há múltiplos e variados afazeres à espera de teu trabalho positivo, inúmeras tarefas aguardam-te a colaboração amiga. E TU? Porque não te movimentas para cooperar? Não sabes que ninguém pode isolar-se num universo em que tudo é interdependência e auxílio mútuo? Desconheces que a acção nobilitante gera, necessária e automàticamente, a paz e o fortalecimento do espírito?**

**A natureza que te circunda está repleta de mil e um encantos que dulcificam o coração e dão alegria de viver. E TU? Porque não voltas os olhos para esses esplendores? Não sentes que essas maravilhas, aparentemente insignificantes, poderiam constituir um céu em tua alma? Ou preferes que o Mestre Sofrimento venha arrancar-te ao egoísmo e à indiferença, obrigando-te a mergulhar nas profundezas do ser, conduzindo-te à força ao caminho da ressurreição espiritual?**

**No ambiente em que respiras há, de certo, alguém ansiando por sentir o palpitar fraterno de um coração que o ame e compreenda. E TU? Porque não vais ao seu encontro? Ignoras que o amor é a lei das leis? Não te recordas daquele humilde carpinteiro que se diluíu em afecto pela humanidade, sabendo de antemão que dela obteria a recompensa da cruz?**

**Dentro de ti, no âmago de tua alma, há um tesouro oculto que poderia fazer-te milionário, ainda que vivesses na miséria, um bem-aventurado, ainda que te cercassem as chamas do inferno. Essa riqueza inefável é o Reino de Deus, são as infinitas potências que dormitam nas regiões mais profundas desse oceano indevassável que é o teu espírito. E TU? Porque não despertas para essa realidade transcendente? Porque não permites, desde já, que esse maravilhoso potencial energético se vá desenvolvendo até que, irrompendo para fora de ti, venha a tornar-te o super-homem do futuro? É claro que bem distantes ainda nos encontramos da angelitude, mas também é certo que o diamante de nossa verdadeira personalidade brilhará, se desde agora consentirmos seja burilado pelas mãos sábias do CRISTO de DEUS.**

**Rio de Janeiro, Agosto de 1959**

# O "CASO" DÉNISE CRÉTEIL

## QUE, EM SONO HIPNÓTICO, REVELOU TER SIDO, NOUTRA VIDA, SOBRINHA DE NAPOLEÃO 1.º

Paris (via Panair do Brasil) — Quatro sombras deslizaram silenciosamente pelo cemitério. No mundo dos mortos, buscavam esclarecimentos para a questão que aflige os vivos. Súbito, a sombra que orientava o grupo — uma mulher — parou. Ergueu os braços, apontou para uma área e tombou no solo, com um profundo gemido. Só depois de alguns momentos recuperou a fala. E foi para dizer: «É ali! É ali o meu túmulo. Foi lá que me enterraram». Dénise Créteil, principal protagonista desta história, começou a revelar mais pormenores da vida de Marie-Lise, com voz estranha e ar de quem fita eternamente outras paragens. As três pessoas que a rodeavam conservavam silêncio. Eram Germaine Beauguitte, esposa de um Deputado de Meuse, o jornalista Pierre Neuville e o hipnotizador Dupil.

Por mais de 60 vezes, Dupil havia lançado Dénise Créteil em sono letárgico. Durante as sessões, a jovem mulher retornava e aludia a factos do princípio do século passado. Com voz sumida, completamente diferente da sua normal, fez desfilar episódios de uma história fantástica e ao mesmo tempo verdadeira. Era em torno da existência que ela havia vivido no século dezanove, sob o nome de Marie-Lise, resultado de amores da irmã do Corso com o Marechal Lefèbvre. Fornecia pormenores absolutamente incontestáveis e outros impossíveis de provar.

Aquela demonstração sobre onde ficara o seu túmulo constituía um ponto culminante. Verificou-se que, passados 150 anos, o cemitério havia sido completamente revolvido. No entanto, os registos confirmavam que ali, no lugar indicado por Dénise, tinham sido abertas as covas do século dezanove. Os serventes declararam que aquela mulher nunca estivera, antes, no cemitério. E, na verdade, era de espantar como, no espaço e no tempo, Dénise Créteil podia reconstituir a vida de Marie-Lise, desde o nascimento à morte.

### «O MEU QUARTO! EU MORRI AQUI»

Depois de despertada do sono hipnótico, ela pôde ouvir, gravadas em magnetofone, as suas estranhas revelações do Além:

— Vejo uma sórdida cabana, escondida num matagal. Acabo de nascer. Uma mulher idosa trata de minha mãe. Minha mãe não parece estar contente. Chama-se Paulina Bonaparte. Nasci dos seus encontros com o Marechal Lefèbvre.

Era o começo da vida de Marie-Lise, sobrinha de Napoleão. Dénise continua a falar:

— Minha mãe encerrou-se num convento, de onde eu apenas saí ao atingir a maioridade, para levar uma existência de prisioneira no Castelo de Boursault, de propriedade da Condessa de Sévigné, que jurara guardar segredo do meu nascimento.

Não havia felicidade para Marie-Lise. Seus dias corriam monótonos e sombrios, em Boursault. De vez em quando ocorria o deslumbramento ante a presença de algum hóspede ilustre, como Talleyrand ou Honoré de Balzac. Foi na sua reclusão que ela se apaixonou pelo Marechal Sebastiani, espécie de Casanova do Império napoleónico. O Marechal era casado, para maior infelicidade de sua enamorada. Depois de passar a vida à espera daquele amor impossível, Marie-Lise morre pouco depois do seu galã.

Ninguém jamais falou na existência dessa criança. No curso de suas revelações, «Marie-Lise» comete alguns erros. Engana-se sobre sua própria idade e, às vezes, sobre a de sua mãe. Todavia, o fundo da história surge verídico, desafiando qualquer contestação. Dénise Créteil só teve instrução primária, mas situa os diferentes episódios de sua «outra vida» com precisão histórica. O Castelo de Boursault existe de facto e está situado em Epernay, não muito longe de Paris. Dénise pôde conduzir o hipnotizador a esse castelo, percorrendo todas as dependências sem enganar-se uma só vez.

Chorando, abriu uma das portas do castelo e disse:

— O meu quarto! Eu morri aqui!

Este pormenor não pôde ser verificado. Mais adiante, porém, no fim do corredor, parou bruscamente e gritou:

— Não vou mais. Atrás desta porta há um subterrâneo, onde me quiseram enterrar.

Na verdade, ali começava um subterrâneo, que ligava o Castelo

a uma igreja, o qual estava esquecido de todos há mais de um século.

## NO «MUNDO DA MEDITAÇÃO»

A grande indagação é: as declarações de uma pessoa hipnotizada traduzem sempre o verdadeiro? Levada pelo hipnotizador, ajudada por sua memória subconsciente, uma pessoa hipnotizada pode mostrar-se hábil simuladora. E pode, sob a influência do hipnotismo, «inventar» a verdade. Qual seria o caso de Dénise Créteil, que habita uma velha casa de campo, com seus quatro filhos, levando uma existência normal? Afora o puro e simples registo de suas revelações, o único caminho é recorrer a outras fontes. E essas outras fontes podem encontrar-se no longínquo e misterioso Tibete.

O problema da adopção de novo corpo pela alma é intrincado e fascinante. Acha-se estreitamente ligado — como decorrência, mesmo — a outro não menos controvertido, o da imortalidade. Entre os que batem pé e afirmam que a morte é o fim e os que acreditam ser, pelo contrário, uma libertação da alma, há muitíssimas outras crenças, algumas ingénuas, outras engenhosas. Encontramos o problema na pintura, na música e na literatura, como fonte de inspiração artística. Não há quem não tenha pensado, alguma vez, no que ocorre com a morte. Entre todos os povos que se preocupam com esses mistérios, o tibetano se distingue sem paralelo. Ali parece que a vida se sublimou e sua gente, vivendo em profunda monotonia, se entristece há séculos e tem mais tempo para pensar do que os ocidentais. Por isso o Tibete é considerado «o mundo da meditação». Depois do século catorze, quando Tsong-Khaspa empreendeu a purificação do budismo, fundindo o monastério de Galdan a uma seita cujo chefe hierárquico se chama Dalai-Lama, uma cortina impenetrável isolou os tibetanos do restante da humanidade. Raríssimos são os ocidentais que conseguem conhecer o segredo de suas seitas, que têm como preceito fundamental a reencarnação. O sábio germânico, Heinrich Hensoldt, foi um dos poucos que chegaram a forçar a intimidade do Dalai-Lama e isto porque sabia muito bem a língua do Tibete. Conta Hensoldt a audiência especial que teve com a figura fabulosa do Dalai-Lama, chefe espiritual daquele povo de sabedoria.

Admitido no Palácio de Lhassa, ficou espantado ao verificar que o famoso Dalai-Lama, adorado como Deus, era uma frágil criança, de olhos brilhantes nos seus oito anos de idade.

— O Dalai-Lama, o Panchen-Lama, os santos e outros Lamas não *morrem* jamais. Vivem perpètuamente — explicou-lhe seu gia. — Quando o corpo de um Dalai-Lama é consumido por doença ou decrepitude o espírito de Deus que o anima deixa esse corpo por outro saudável, isto é, o de uma criança, que logo revela sua natureza divina.

Heinrich Hensoldt falou com o Dalai-Lama e este, primeiro, respondeu-lhe em alemão e, em seguida, no dialeto de Mecklembourg, província de onde sábio era originário. O velho cientista morreu sem encontrar uma explicação para o fenómeno. Cuidadosamente havia dissimulado a sua origem, sendo obrigado a admitir, apesar da reputação e contra a sua natureza de cientista, que o Dalai-Lama tinha imenso poder divinatório, graças a múltiplas existências anteriores.

Não faz muito tempo, houve um caso similar ao de Dénise Créteil nos Estados Unidos, envolvendo inclusive um «best-seller» pràticamente fora da linha dos habituais sucessos de livraria: o autor do livro se exprimia através de Ruth Simmons, jovem mãe de família, natural de Pueblo, Colorado.

— Eu escrevi o que me ditava Bridey Murphy — explicava, nervosa a moça. Mas ninguém conhecia Bridey Murphy.

— Bridey Murphy — respondia Ruth — é o nome que me foi dado no século dezanove. Eu tinha 8 anos, em 1806. Vivi numa casa de madeira, pintada de branco, com Cork. Era filha de um advogado. Com 17 anos, desposei Brian McCarthy, que também era advogado, e com ele fui habitar em Belfast.

Ruth Simmons não fazia, na vida normal, qualquer alusão à sua existência anterior, porém todos esses pormenores e outros eram por ela revelados, logo que estivesse adormecida, sob a acção da hipnose. Assim, descrevia com exactidão a cidade de Antran, onde também vivera. Dava o nome do seu merceeiro, um cidadão conhecido por Farr, e afirmava que seu marido escrevia no jornal «New Letters», de Belfast.

## O CASO DE RUTH SIMMONS

Ruth Simmons nasceu em 1929, no «middlewest» americano. Jamais saiu dos Estados Unidos. Nenhum dos seus parentes é de origem irlandesa nem leu algo de especial sobre a Irlanda (onde teria passado sua existência anterior). Pesquisas realizadas demonstraram que ela pertencia a uma família da classe média. O seu comportamento pessoal não admitia a possibilidade de participar numa trapaça. Se parte da sua história não era dada como rigorosamente exacta, por falta de elementos de prova, por outro lado, certas coisas não deixavam dúvida quanto à sua antenticidade.

Na época mencionada existia, de facto, em Belfaste, o jornal *New Letters*. Nos registos comerciais foi encontrado o nome do merceeiro. Mas um repórter de Chicago — que retomou a investigação — apresentou outra hipótese. Ruth tivera por vizinha uma irlandesa, em casa de quem costumava brincar. Havia-se mesmo apaixonado por um dos filhos da mulher. Sob o efeito da hipnose, então, teria podido reencontrar uma memória inconsciente, que lhe for-

# UM DIÁRIO ESTRANHO

*Na Áustria despertou grande interesse o livro «Diário de uma criatura que não nasceu», cujo autor é M. Schwab. Eis alguns passos que darão ideia do dramatismo da obra:*

5 de Outubro — *Iniciei a minha vida. O papá e a mamã não o sabem. Sou mais pequena que a cabeça de um alfinete, mas sou independente. Todas as minhas características físicas e psíquicas estão formadas. Por exemplo: terei os olhos do papá e os cabelos ondulados da mamã. E sou uma menina.*

10 de Outubro — *Começa hoje a abertura da minha boca. Dentro de um ano poderei sorrir, quando meus pais se inclinarem para o meu bercinho. A minha primeira palavra será «mamã». Seria muito ridículo afirmar que, em essência, não sou um ser humano, mas só uma parte da minha mãe.*

25 de Outubro — *Meu coração começa a pulsar e continuará a fazê-lo até ao fim da vida. Realmente, isto é um milagre.*

2 de Novembro — *Meus braços e minhas mãos começam a crescer e continuarão a crescer até serem perfeitos e fortes para o trabalho. Isto levará seu tempo, depois de ter crescido.*

12 de Novembro — *Agora nos meus dedos despontam as unhas. Com as mãos poder-me-ei apoderar do mundo e participarei na fadiga dos homens.*

20 de Novembro — *Pela primeira vez, minha mãe notou que me traz no seio. Que grande a sua alegria!*

28 de Novembro — *Todos os meus órgãos estão formados. Já sou muito grande.*

1.º de Dezembro — *Crescem-me os cabelos e as sobrancelhas. Oh! Que contente estará minha mãe com sua filhinha!...*

13 de Dezembro — *Depois poderei ver, visto que os meus olhos ainda não estão cosidos com o fio. Deve ser esplêndido ver a luz, as cores e as flores... Encher-me-ei de alegria, quando vir minha mãe... Oh! Se não tivesse que esperar tanto tempo... Ainda me faltam seis meses...*

24 de Dezembro — *Meu coração está pronto. Deve haver pessoas que nascem com o coração defeituoso. Neste caso terão de sujeitar-se a intervenções cirúrgicas para corrigir os defeitos. Graças a Deus, o meu coração não tem anomalias e serei uma criança cheia de vida e de força. Todos ficarão contentes com o meu nascimento.*

28 de Dezembro — *Hoje, minha mãe assassinou-me!*

**(Da revista «A Cruz Misteriosa»)**

necia as histórias correspondentes às imaginadas em sua infância. Porém, os pormenores verdadeiros anulavam a hipótese de coincidência de memória.

O exemplo de Ruth Simmons fascinou a imprensa americana, como o de outra jovem, Amina, empolgou o Médio Oriente.

Amina era filha de um pastor druso. Desde a mais terra idade, o rosto refletia sempre uma incompreensível seriedade. Algumas vezes, Amina chorava *sem razão alguma*. Ninguém sabia explicar. Ao completar 6 anos, seus pais resolveram levá-la a um conselheiro do Xeque Saad. Na presença do ancião, Amina pôs-se a falar:

— Senhor, eu não sou Amina. Sou a esposa do bei de Chemlane. Fui assassinada, há 6 anos, quando voltava à noite para minha casa. A bala que me atingiu foi disparada por meu marido, ansioso de se ver livre de mim.

Amina não inventara a história. Habitantes de Chemlane, além da costa do Líbano, interrogados, confirmaram a morte da esposa do bei, ocorrida na época e nas condições descritas pela menina.

## HIPNOTISMO E ALUCINAÇÕES

O caso de Amina, como o de Ruth Simmons e de Dénise Crétil, são apenas capítulos a mais. Em 1822, sábios e filósofos, entre os quais Oliver Lodge, W. James, Flammarion, Richet e Crookes, fundaram um órgão que se tornou famoso: *Society for Psychical Research*. Destinava-se, em parte, a investigar manifestações desse tipo, a que davam como origem o «possível supranatural». O Dr. François Grégoire, filósofo francês e professor da Universidade de Bangkok, depois de ler o relatório da «Society for Psychical Research», concluíu que a hipótese de uma mistificação de conjunto, sobrevivência através dos tempos, era inteiramente inadmissível. «A não ser — ajuntou — que se recuse valor ao testemunho humano».

As experiências de Charcot formam outros exemplos impressionantes. Ele praticava o hipnotismo terapêutico, com o objectivo de tratar de doenças nervosas e não como tentativa para trazer revelações sobre «outras vidas». E mais de uma vez esteve às voltas com depoimentos dessa natureza, feitos pelos seus doentes.

Em Paris, o Coronel de Rochas teve esta opinião:

— É certo que, por meio do hipnotismo, se pode reconduzir, progressivamente, a grande maioria das pessoas sensíveis a épocas anteriores à vida actual. Efectuando-se os testes com o objectivo de sondar factos ocorridos antes do nascimento, o paciente pode passar por estados análogos ao da existência anterior.

Nesse ponto o cientista lança uma advertência:

— Esses testes hipnóticos, porém, podem chegar a produzir, em determinados casos e pessoas, alucinações inteiramente falsas.

**(De «O Cruzeiro», de 20-9-958)**

# UM TUMOR EXTIRPADO POR MEIOS PSÍQUICOS

**Pelo CORONEL A. E. POWELL**

De entre os médicos e curadores com os quais tive contacto, o «Dr. Robert» foi o primeiro e o único a reconhecer que o meu caso, infelizmente, era complexo e único, segundo a sua opinião. Quando Mrs. Thomas trabalha com um doente dizem-lhe que se mantenha completamente passiva, deixando as mãos ao dispor do Dr. Koch — o «Dr. Robert» da médium.

As suas mãos movem-se ràpidamente, instintivamente, encontrando os sítios agudos — no meu caso muito frágeis — e muitas vezes tornam-se tão quentes, que ela e o doente transpiram profusamente.

Estou certo de que não me engano a mim próprio, quando digo que posso, de maneira definida, sentir essa «força» penetrando no meu corpo e no meu pobre e velho crânio, que há mais de dois anos não conheceu um minuto de alívio. Estas recaídas dolorosas, a concussão, a nevralgia proveniente do trigémio (desde que se relacione com as funções de sensação e de paladar); as injecções de álcool interganglionares espinais levam à lesão dos tecidos, à consequente meningite, colapso da circulação cerebral e a dores de intensidade suficiente que podem conduzir-me à loucura ou ao suicídio.

Muitas vezes, no dia de tratamento ou no seguinte, sentia dores tão fortes na cabeça, que permanecia horas em colapso completo. Sem eu dizer nada, comunicavam-me que os médicos me tinham operado, coincidindo o tempo com o que eu próprio notara. Destas operações sofri mais de meia dúzia.

**RUBY THOMAS**
**Médium-curadora americana**

Depois de muitas experiências, durante algumas semanas, o «Dr. Robert» disse que pensava ter descoberto «o sítio crucial» no cérebro. Desde este momento o grau de restabelecimento acelerou-se e tive logo uns dias de alívio incomparável, como não os tivera durante anos. O médico diz-me agora que estou 50 % melhor e próximo da cura completa.

Uma destas operações, como Ruby Thomas testemunhou, era o uso de influências psíquicas para remover matérias inertes ou mortas. Mas, incapaz de avançar na investigação, falei ou ouvi vários doentes que receberam marcados benefícios destes tratamentos espiritas. Um deles é uma amiga que me disse que um tumor maligno segundo o seu relato foi-lhe completamente extirpado do seu flanco, aliviando a dor, fazendo com que se sentisse outra mulher, mais rica do que um milhão de dólares — disse ela.

Mrs. Thomas está em vésperas de partida para Vitória, Colúmbia Britânica, donde tenciona regressar à Inglaterra. Há anos era joalheiro profissional. Hoje ocupa-se da jóia fìsicamente mais apetecível — a saúde.

Mr. Ruby Thomas, agora de visita à América recebe a influência do «Dr. Robert», que se diz ser Koch, o grande médico alemão que identificou o bacilo de Koch. Ruby Thomas é um nome conhecido do Espiritismo Inglês, uma médium notável e um espírito esclarecido.

**(Do «Psychic News»)**

Out/59

# SEMPRE NO NOSSO POSTO

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

Combater por um ideal que contenha o alto objectivo de disseminar, entre os homens, a Fraternidade, a Paz e o Amor tal como o Evangelho ensina), é uma missão que devia ser olhada com respeito e admiração por toda a gente. Pois o ideal espirita que nós albergamos em nossos corações, e por ele damos todo o nosso esforço e nele pomos toda a nossa boa vontade, é precisamente cheio daquela ânsia de contribuir para que entre os homens reinem, sem preconceitos nem fanatismos, na prática de todos os dias, os ensinamentos crísticos consubstanciados nesta trilogia divina: Fraternidade, Paz e Amor.

E simplesmente porque os espiritas fundamentam o seu ideal na crença da sobrevivência das almas e nos factos experimentais da comunicação delas com os terrenos, quer sejam as almas luminosas que vibrem como a dum Francisco de Assis, quer as envolvidas em trevas dos diferentes Neros que na terra viveram; simplesmente por isto, combatem aquele belo ideal até mesmo os que o acham dignificante.

E vá de injuriar os espiritas acusando-os de *herejes*, de *satânicos*, de vítimas *da mais nefasta superstição*, quando não se limitam a considerá-los e a apodá-los sòmente de «uns pobres de espírito».

E, nestas condições, quanta coragem é precisa para arrostar com todo este mar de lama, quanta persistência é necessária para não sucumbir a golpes tão infamantes!

Mas, com os olhos postos nos grandes mártires dos ideais por que lutaram, como os primeiros cristãos, envolvidos no mar revolto do paganismo, ou os missionários das grandes ideias místicas ou sociais arrastados nas satânicas perseguições dos intolerantes que têm manchado a história da humanidade em todos os tempos, com os olhos postos naqueles grandes mártires — dizíamos nós, vamos semeando a doutrina como podemos e nos é permitido, bem longe das possibilidades de que disfrutam os nossos confrades brasileiros, argentinos, mexicanos, ingleses ou franceses.

Mas caminhamos sempre em frente com o pensamento posto no Mártir Supremo — Jesus, certos de que o futuro fará justiça a esta geração de *crucificados*, como foi feita a todos os mártires que souberam sacrificar-se pelos seus ideais.

E com a má vontade e a intolerância de muitos, a complacência ou a simpatia de muitos mais e a adesão entusiasta de bastantes, do alto desta tribuna que é *Estudos Psíquicos* iremos — todos os batalhadores aqui entrincheirados — clamando aos quatro pontos cardeais que meditem nas doutrinas que defendemos, que fujam das consequências angustiosas da descrença e que confiem na Justiça Imanente do Divino Poder Criador que a todos protege e impele para o caminho da Evolução, que é aquele que conduz à regeneração e aperfeiçoamento espiritual.

E assim, esperançados em melhores tempos e certos de que um dia os homens de má vontade para connosco nos farão a justiça que hoje nos negam, continuemos cheios de Fé para praticar a Caridade que o nosso ideal nos impõe.

# APROXIMA-SE O NATAL!

*Como nos demais anos, mais um Natal se aproxima e com ele a lembrança dos necessitados que aumentam sempre, não obstante o esforço relativo que se faz para debelar a crise económica que apavora os que não têm aumentos nem casa para morar. Mais uma vez apelamos para os nossos leitores e não será em vão. Neste Natal de 1959 poderemos distribuir mais do que distribuimos o ano passado.*

*Está aberta a subscrição. Ninguém falte nesta fileira de benfeitores, sobretudo aqueles que receberam óptimos benefícios sem gastos de um centavo e se encontram aptos para a vida!*

| | |
|---|---|
| *Centro Espiritualista Luz e Amor* | *150$00* |
| *Revista Estudos Psíquicos . . . .* | *100$00* |
| *Isidoro Duarte Santos . . . . . .* | *50$00* |
| *Maria Raquel Duarte Santos . . .* | *20$00* |
| *António Cardoso . . . . . .* | *20$00* |
| | *340$00* |

# O NOVO MISTÉRIO DE EDWIN DROOD

Por JEROME E. KELLY

*Quando Charles Dickens morreu deixou uma novela inacabada. Poderia ele ter ditado a sua conclusão da sepultura?*

Pouco tempo antes de morrer em 1870 Dickens deixou-se persuadir pelo seu bom amigo Wilkie Collins, o autor de histórias de mistério, a tentar, por sua vez, a então relativamente nova forma de literatura.

Depois de debater o assunto consigo próprio durante alguns meses aceitou o desafio e começou a trabalhar no «Mistério de Edwin Drood», livro que deveria ser publicado em 12 fascículos ilustrados tão depressa Dickens o completasse. Talvez que o escritor tivesse qualquer pressentimento da morte ao combinar oralmente com o seu editor o pagamento do livro aos seus herdeiros no caso de falecer antes de que «Edwin Drood» estivesse terminado.

O seu pressentimento, se o houve, era bem fundado: Dickens morreu após escrever o 6.º dos doze fascículos — e os círculos literários em algazarra especulavam com o fim possível do «Mistério de Edwin Drood. Mas estava reservado a um modesto impressor americano, Tomas R. James, o epílogo da história de Dickens.

James chegara a Bratleboro, Vermont, nos princípios de 1871, jovem, bem disposto e de boa aparência em seus bigodes. Um contemporâneo disse dele: anda sempre bem vestido, com suas botas polidas, fumando o charuto com o à vontade de um lord». E fontes bem documentadas mencionam um interesse nada platónico de James pelo sexo frágil. O moço tipógrafo alugou seus aposentos em casa de uma senhora conhecida por uma das mais proeminentes defensoras do Espiritismo e procurou emprego imediatamente.

Numa tarde de Outubro de 1872 o jovem operário assistiu a uma sessão na sala vitoriana da sua hospedeira — e este acontecimento iniciou uma cadeia de reacções que ainda hoje revive em discussões literárias. Após a sessão James anunciou pùblicamente, alto e bom som, que tinha estado em contacto com o espírito de Dickens e que este espírito o nomeara seu agente terrestre, com poderes de delegado, a fim de terminar «O Mistério de Edwin Drood». A dona da casa lisongeada pela consideração dispensada ao seu hospede pelo mundo dos espíritos concedeu uma moratória na renda e James lançou-se ao trabalho.

E era então seu processo fechar-se no quarto até cair em transe. Quando despertava ia encontrar sobre a mesa fronteira as sucessivas páginas de «Edwin Drood». Os seus transes duravam muitas vezes 15 horas e James declarava que o espírito de Dickens permanecia junto a ele durante estes períodos. Aparentemente existia uma relação entre o espírito receptivo de 1870 e o rádio e TV dos nossos dias e por isso a comunicação entre James e Dickens era difícil quando trovejava ou nevava. A sua produção nestes dias baixava a uns poucos de linguados.

Os jornais fizeram-se eco dos boatos correntes acerca do comunicado etéreo e não tardou muito que palavras como «charlatão» e «vigarista» aparecessem a propósito nas primeiras páginas dos periódicos. Mas esta virtuosa indignação transformou-se em consternada derrota, quando o tipógrafo mostrou aos repórteres um manuscrito inegàvelmente dickensiano.

Após umas 100.000 palavras que a fantástica musa de James escrevera, a novela estava completa. Apareceu em folhetins em Outubro de 1873, onze meses apenas do início da formidável tarefa de James. O mundo das letras estava electrizado. Os jornais deixaram de o apodar de nomes indesejáveis e à compita começaram a elogiá-lo. Um jornalista chamou ao tipógrafo de Bratleboro o «novo génio das letras inglesas ... um digno sucessor de Dickens».

Uma outra gazeta enaltecia altamente a novela e de maneira indirecta consignava crédito à aparição de Dickens: «Todos que conhecem o sr. James concordam que ele não poderia completar o seu trabalho sòzinho, ainda mesmo que fosse o mais aplicado discípulo de Dickens.

Mesmo os cépticos concordaram em que James recebera ajuda de Dickens. Se espiritual ou não, não o sabemos».

A ascensão de James para a celebridade foi meteórica. Mas a sua queda para a obscuridade foi igualmente rápida e dentro desses breves anos o autor e ajudante de Dickens estava esquecido do mundo, excepto de meia dúzia de fiéis.

Os anos passaram. A novela do tipógrafo de Brattleboro perdera-se no nevoeiro do tempo até que o seu feito no campo das letras atingiu o esquecimento.

Sùbitamente o estranho acontecimento foi ressuscitado nada menos que por Sir Artur Conan Doyle, famoso pela criação *detectivesca* de Sherlock-Holmes e que não era menos *detective*, quando entrou no campo espirita.

Doyle dispendeu muitos meses em exaustivas buscas. De posse de suas notas escreveu um artigo intitulado: «Os alegados trabalhos póstumos dos grandes autores» e publicado na «The Fortnightly Review» de Dezembro de 1927». Conan Doyle alega que James não possuía, como era notório, talento literário algum; que a sua educação terminara aos 13 anos e sabia-se que jamais havia publicado uma única palavra.

E conclui que, de qualquer maneira. James tinha adquirido o estilo de Dickens, a sua maneira de pensar e de escrever o Inglês, tarefa singular para um tipógrafo pobremente instruído. Mais longe afirma: «Se se trata duma paródia, ele tem o raro mérito de nunca acentuar ou exagerar as particularidades e pormenores do original.

Ainda há exemplares de «O Mistério de Edwin Drood» da edição de James. O leitor, quando tiver tempo, leia um. Concordará com os entendidos: este livro continua a ser um mistério!

**(De «Your Fate», Junho de 1958)**

# A Missão do Esperanto na Terra

Pergunta — *E sob o vosso entendimento espiritual, como considerais o Esperanto em relação ao nosso actual progresso moral, científico e espiritual?*

*Ramatis* — Só agora o Esperanto atinge a sua fase mais importante e, também, a mais promissora. Nenhum outro idioma poderá substituí-lo e nenhum esforço futuro poderá suplantá-lo no seu mecanismo genial, pois foi elaborado cientìficamente por alma experimentadíssima no género linguístico, como é o espírito de Luís Lázaro Zamenhof. Ele foi sempre um dos mais avançados linguistas que se encarnaram no vosso orbe e já havia tido oportunidade de estagiar em outros mundos mais evoluídos, onde estudou as bases fundamentais e definitivas para o êxito de um idioma de ordem universal, na Terra.

Em face do acatamento que tem tido o Esperanto por parte dos cientistas do século 20, da sua sobrevivência através do tempo e da incessante adesão de novos e entusiastas adeptos ao seu admirável mecanismo lógico e sensato, está visto que se trata de uma nobre realização superior, pois já triunfou no tremendo impacto da lógica e da razão superdesenvolvidas da era atómica. E além de ter resistido às mais implacáveis exigências modernas — que já têm destruído os mais sólidos tabús, dogmas e crenças tradicionais dos séculos —, o idioma esperantista progride e se dissemina pelo mundo terráqueo, estendendo o seu fraternal vocabulário a todos os povos e impondo-se pela grandeza de seus postulados inalteráveis!

Pergunta — *Em síntese, por que motivo considerais o Esperanto como capaz de se tornar um idioma internacional ou de uso comum a todos os povos? Qual o motivo de sua força e resistência às investidas da crítica malévola e sarcástica que lhe têm feito alguns povos interessados em que o seu idioma nacional seja o definitivo veículo internacional?*

*Ramatis* — A perfeição linguística do Esperanto é devida principalmente ao facto de haver sido realização de um cérebro tão amigo da lógica e da ciência quanto o foi o admirável e sensato raciocínio de Kardec na codificação do Espiritismo. Alguns cientistas de renome do vosso mundo, já reconhecem que o Esperanto é uma obra-prima de lógica e simplicidade, significando um evento de tanta importância na esfera linguística, quanto o foi a descoberta da energia atómica na esfera científica. A sua reduzida gramática, isenta das regras que tanto fatigam a mente do estudante torna o Esperanto um primor de racionalidade e um monumento de habilidade e inteligência, que ainda mais se engrandece com a sua ortografia fonética e a sua sintaxe de uma simplicidade surpreendente. Ele tem tudo o que é necessário para se ajustar aos imperativos do século dinâmico em que viveis, onde tudo é feito às carreiras e o tempo é parcimonioso para o entendimento humano, motivo por que os pensamentos precisam ser resumidos em poucos vocábulos.

É um dos mais avançados mecanismos verbais à disposição do homem moderno, bastando-lhe accionar as teclas fáceis e conhecidas de suas bases inalteráveis para que, à semelhança do que se dá com as modernas máquinas de calcular, possais obter imediatamente os resultados que desejais, sem que vos fatigueis cerebralmente. Apesar de o Esperanto ser tão simples e fácil, só no século 20 é que os homens se estão revelando para o poderem articular e compreender.

## O ESPERANTO E O ESPIRITISMO

Pergunta — *Temos notado que o Esperanto é um idioma bastante simpático, pois, além de ser aceito pelos espiritas, preferem-no também alguns sacerdotes católicos, adeptos do esoterismo, teosofistas e outros espiritualistas.*

*Ramatis* — A rota do Esperanto é a mesma do Evangelho, mas ambos se afinizam. À medida que o homem se evangeliza, também se universaliza e, portanto, necessita de um idioma que corresponda com êxito e facilidade às suas avançadas aspirações por um melhor entendimento espiritual no mundo. Eis porque o Esperanto já possui cultores em todas as raças, credos, religiões e filosofias, embora devamos fazer notar — que isso acontece porque se trata de pessoas que também são simpáticas e devotadas à melhoria da confraternização da humanidade. Esses esperantistas, pertencentes a diversos credos e filosofias, inegàvelmente já constituem um fragmento da admirável humanidade fraterna do futuro, pois o Esperanto já está aferindo o grau dos seus sentimentos universalistas.

Os esperantistas, quer sejam adeptos ou não de qualquer crença, ou oriundos de qualquer raça, já se encontram distinguidos por significativa credencial espiritual, visto que na justeza da lei de que os semelhantes atraem os semelhantes, as criaturas fraternas certamente serão inclinadas a adoptar um idioma que vibre com seus ideais também fraternos. Por isso elegem o Esperanto como a sua língua ideal e cultuam-no como o revelador dos seus sonhos de confraternização humana.

Pergunta — *Não será um tanto inoportuna a preocupação dos espiritas em aliarem aos seus esforços doutrinários a divulgação do Esperanto? Isso não deveria ser tarefa exercida exclusivamente por elementos especializados no assunto e como um movimento à parte do Espiritismo?*

*Ramatis* — Toda a instituição, doutrina, credo ou movimento

## SERIA ASSIM...

*Se Cristo viesse novamente a este vale onde o gargalhar se confunde com gemidos lastimosos, Ele, O Grande Sacrificado, seria de novo vítima dos fariseus contemporâneos. Eles haviam de tecer uma intriga que, de qualquer modo, o conduzisse à morte. Acredito firmemente que se Jesus voltasse a este mundo, seria supliciado talqualmente o foi há 2.000 anos. Todas as forças que gravitam sob a dependência do Erro se haveriam de coordenar para matar o Senhor dos humildes. A tragédia, presentemente como no passado, seria encenada pelos* príncipes dos sacerdotes, pelos anciãos, pelos escribas, etc., etc.

*Seria acusado de fantasista perigoso. Categorizados tribunos fariam dissertações atulhadas de retórica e de exibicionismo teatral, pretendendo simular o valioso contributo prestado à defesa do Grande Acusado. A opinião pública seria agitada, quer pela loquacidade da Perfídia, quer pelas manchas do Suborno. Dir-se-ia que as provas do Crime eram flagrantes e o «Criminoso» seria condenado à pena última. A «Justiça» do nosso século seria igual à dos outros séculos. Tudo se passaria deste modo, porque as mães da Terra não tinham o poder do Veto.*

***EGO***

## CONFIA SEMPRE

*Não percas a tua fé entre as sombras do mundo.*

*Ainda que os teus pés estejam sangrando, segue para a frente, erguendo-a por luz celeste, acima de ti mesmo.*

*Crê e trabalha.*

*Esforça-te no bem e espera com paciência.*

*Tudo passa e tudo se renova na Terra, mas o que vem do céu permanecerá.*

*De todos os infelizes, os mais desditosos são os que perderam a confiança em Deus e em si mesmos, porque o maior infortúnio é sofrer a privação da fé e continuar vivendo.*

*Eleva, pois, o teu olhar e caminha.*

*Luta e serve. Aprende e adianta-te.*

*Brilha a alvorada além da noite.*

*Hoje é possível que a tempestade te amarfanhe o coração e te atormente o ideal, aguilhoando-te com a aflição ou ameaçando-te com a morte...*

***MEIMEI***

***(Recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier)***

espiritualista que aspire a unir e confraternizar os homens deve-se obrigar à divulgação do Esperanto, pois num mundo onde a palavra falada ou escrita ainda é o principal agente de intercâmbio dos pensamentos humanos, o cultivo da mesma linguagem torna-se abençoado recurso para a mais breve fusão emotiva e sintonia psicológica entre as criaturas separadas pelas mais distantes latitudes geográficas.

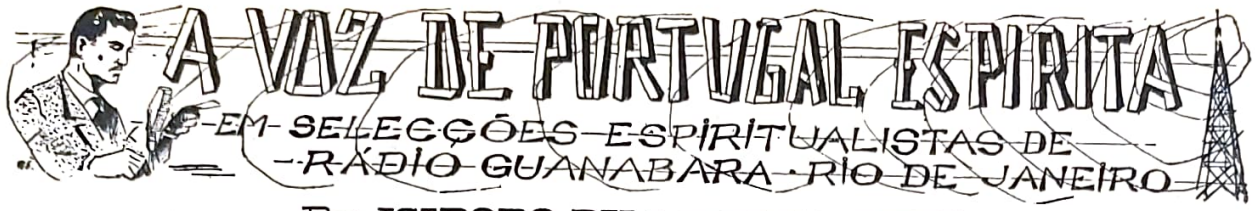
O Espiritismo, como doutrina de carácter universalista, é divino fermento a aumentar todos os esforços confraternistas; assim cumpre-lhe incentivar todos os esforços humanos que tenham por objectivo a solidariedade e o entendimento entre os homens. Considerando que o Evangelho de Jesus é a mensagem espiritual definitiva para o homem alcançar o Caminho, a Verdade e a Vida, e o Esperanto a mensagem verbal que multiplicará entre os homens a oportunidade de evangelização, o Espiritismo pode-se tornar um admirável traço de união entre ambos, porque a sua função também é a de renovar o espírito e proporcionar a Paz entre os homens!

### OS «MANTRANS» E A LÍNGUA ESPERANTO

Pergunta — *Certa entidade espiritual disse que o Esperanto é um idioma cujas palavras podem-se transformar em «mantrans», ao passo que entendidos dessas ciências nos afirmam que o idioma esperantista é tão sòmente fonético, sem qualquer efeito esotérico?*

*Ramatis* — Indubitàvelmente, os «mantrans», tão familiares aos iogas, são peças idiomáticas sagradas que, pela harmonia de sílabas ou letras, quando pronunciadas em sua pureza iniciática, despertam no psiquismo e no organismo físico do homem um energismo incomum e proporciona estados de desprendimento e euforia espiritual. As palavras «mantrânicas» possuem grande poder de acção no campo etérico astral, assim como aceleram, harmonizam ou ampliam as funções dos «chacras» do duplo etérico, ao passo que, actuando à superfície do perispírito, auxiliam a sintonização do espírito às manifestações da vida física e favorecem a justa acção do pensamento sobre o sistema cerebral.

Que importa dizer que o Esperanto é um idioma tão sòmente fonético, quando seus vocábulos também são harmoniosas combinações de letras que soam dentro de um tom puro e harmónico? Ele é um conjunto vibratório verbal, que pede o elevado alento humano e o mais perfeito ajuste de ideias, para reproduzir os anseios de confraternização da alma humana. Não é apenas uma linguagem de interpretação momentânea, mas é mensagem de poderosa aproximação espiritual entre os homens, por cujo motivo possui em sua intimidade uma extraordinária força esotérica, que difícilmente encontraríeis no idioma mais complexo ou na mais severa linguagem religiosa. Nem mesmo se pode invocar a natureza de uma língua sagrada e de uso templário ou iniciático, para sobrepô-la ao Esperanto, pois este não se limita a interpretar os anseios de grupos religiosos ou de adeptos de seleccionadas filosofias espiritualistas, porém endereça-as incondicionalmente a toda a humanidade.




Por ISIDORO DUARTE SANTOS

75

## CIRURGIA ESPIRITUAL

Amigo radiouvinte:

Continuando à procura de casos estranhos para relatar ao microfone, deparei na *Revista Internacional do Espiritismo* com o depoimento de dois médicos que foram a Congonhas (Estado de São Paulo) estudar a mediunidade de José Pedro de Freitas, mais conhecido por Arigó. Homem de 30 anos e poucas letras é actuado pelo espírito do Dr. Adolfo Fritz, que lhe transfigura a fisionomia e torna mais vivo o olhar.

Naquela noite haveria operação e os dois facultativos foram convidados pela entidade, a fim de auxilar o trabalho cirúrgico (Fritz viveu em Munique e exprime-se com dificuldade em Português). E logo o doente se sentou em cadeira vulgar com a cabeça para trás, pois se tratava de pterígio e catarata do globo ocular direito, enquanto um dos médicos auxiliava, afastando com os dedos a pálpebra inferior, para que se pudesse intervir no ângulo interno do olho.

Em seguida o espírito pediu uma pequena mecha de algodão seco, que ergueu com a mão direita, implorando:

— Senhor, materializa líquido anestésico, iodo e água oxigenada! Manda-me líquido anestésico!

E gotas cairam da altura de seis centímetros sobre o algodão, que o médium espremeu, lançando-as no globo ocular. Neste momento advertiu que o doente seria operado sem nada sentir, o que efectivamente sucedeu, pois não esboçou o mínimo protesto ou reclamação.

Depois pediu iodo e repetiu-se o mesmo fenómeno. Pegou então na tesoura e dissecou e ressecou o tecido de proliferação do pterígio, cujos fragmentos depositou na mão de um baiano, com auxílio de uma pinça e sem qualquer assepsia do ponto de vista médico, voltando a usá-la no prosseguimento da operação.

Um dos médicos disse que houve leve perda de sangue, mas a entidade voltou a pedir:

— Senhor, manda-me água oxigenada!

Imediatamente caíram gotas em nova mecha de algodão, que era renovado para cada vez, e o líquido foi espremido sobre o globo ocular, provocando espuma característica de água oxigenada. O olho apresentou-se completamente limpo e o paciente retirou-se bem disposto, como se nada tivesse ocorrido.

Quanto à catarata informou a entidade que a opacidade do cristalino desapareceria brevemente.

Em segunda viagem a Congonhas o médico assistiu a uma operação no útero de certa doente, facto que muito o impressionou. Deitada em decúbito dorsal no soalho, o Dr. Fritz perguntou ao marido se desejava intervenção por via baixa ou por via abdominal. Decidido pela primeira, introduziu na cavidade vaginal três tesouras e dois bisturis.

— O ramo de uma das tesouras — esclarece o médico — era mantido pela mão do médium, quando o outro ramo, automàticamente e sem qualquer intervenção visível, passou a movimentar-se, aproximando-se e afastando-se do primeiro, como sucede no acto de seccionar-se um objecto.

Era realmente espantoso o quadro e os dois facultativos estavam pasmados. O que observavam era coisa inconcebível nos domínios da cirurgia.

Ainda procuraram ver se o movimento da tesoura era extensivo às outras peças cirúrgicas, mas nada conseguiram notar.

Passaram alguns minutos de expectativa e o Dr. Fritz, através do médium, retirou do campo operatório uma das tesouras ligeiramente ensanguentada e tornou a repô-la, exclamando:

— Senhor, não quero que haja sangue!

O que é certo é que a operação se fez sem hemorragia alguma.

O Dr. Fritz pegou numa pinça e recomendou que tomassem sentido; e introduzindo-a no local da intervenção retirou um pedaço de tecido com oito centímetros de comprimento por quatro de largura, mostrando-o a todos os presentes.

Aqui, os médicos voltaram a impressionar-se. Julgaram que se tratava da extirpação do útero, mas a entidade espiritual disse à doente que ainda poderia conceber e por isso concluiram que devia ser um tumor uterino. E os facultativos esclarecem, a bem da verdade:

— Sem praticar nenhuma anestesia no decorrer da operação, a paciente manteve-se de fisionomia calma e tranquila, não deixando transparecer qualquer gesto ou reacção dolorosa.

O relatório médico alude igualmente a consultas clínicas. Em determinada altura o Dr. Fritz perguntou aos galenos se conheciam um produto farmacêutico lançado recentemente e citaram uma especialidade baseada no ácido linoleico, o que lhe causou viva admiração por ver que conheciam as novidades terapêuticas. Depois informou que já tinha conhecimento do produto, antes de ser posto à venda.

Noutra emergência receitou uma substância composta em parte de estreptomicina e disse que possuía a vantagem de não ocasionar surdez ou distúrbios no aparelho auditivo.

O que estou a contar parece um conto das «Mil e Uma Noites». Mas não é. Só tenho pena de não poder citar o nome dos médicos que assistiram às intervenções. Sei apenas que vivem no Rio de Janeiro, porque a revista nada mais adianta a respeito.

E o relatório termina, vigosamente:

— Como interpretar fenómenos de tal natureza, já observados por grande número de médicos que passaram por Congonhas? É humanamentet impossível a um indivíduo inculto e ignorante de assuntos médicos passar de um momento para outro a realizar operações cirúrgicas de tal vulto, em condições precárias de higiene e sem anestésico, com espantoso resultado e trocando com médicos ideias sobre as últimas conquistas terapêuticas. Seria interessante que a Medicina descesse do seu pedestal e fosse àquele ambiente pobre e modesto buscar lições de factos que ela ignora e para os quais não há possibilidade de explicação científica. Não basta querer negar a verdade com sorriso de mofa, quando os factos são gritantes na eloquência das manifestações e escapam ao controlo dos co-

nhecimentos teóricos e ao desdém caprichoso dos doutos.

Nada tenho a acrescentar à conclusão exposta, a não ser que o nosso atraso em matéria científica provém em grande parte do horror à inovação que se revela em certas camadas intelectuais. Mas o mundo marcha, não obstante os calços que se lançam na roda do progresso. Marcha e marchará, enquanto houver pensamento.

Amigo radiouvinte, há muitas coisas debaixo do sol ignoradas pela nossa vã filosofia ...

76

## DELINQUÊNCIA JUVENIL

Amigo radiouvinte

O mundo anda alarmado com a delinquência juvenil, que alastra pavorosamente na América do Norte e noutros países, onde os tribunais abarrotam de processos e os pais são impotentes para conter a sanha destruidora dos filhos.

O Dr. Samuel Liebowitz, juiz-presidente do Tribunal Superior do Crime, de Brookin, estudou durante muito tempo as causas próximas e remotas do assunto. Pensou no aumento de pátios de recreio, nas penas aplicadas aos pais pelos delitos dos filhos, no alargamento dos quadros de visitadoras sociais e declarou que alguma coisa havia desaparecido do sistema de vida para ter causado tamanha evoluç:ão na juventude americana.

— Procurei descobrir alguma coisa que me guiasse entre os despojos das vidas precocemente arruinadas que vinham à minha presença, mas não obtive resultado, — disse ele num desabafo de juiz honesto que deseja sustar a marcha do crime.

Até que uma ideia lhe ocorreu: visitar o país de menor delinquência juvenil, pois talvez encontrasse algum indício que o levasse à solução do problema. E dirigiu-se à Itália, onde, segundo as estatísticas, só dois por cento dos delitos sexuais e cinco por mil dos homicídios são cometidos por menores de 18 anos, ao passo que, nos Estados Unidos, aquelas percentagens são 13 e 9, respectivamente.

— Porque será tão reduzida a delinquência na Itália? — pensou o Dr. Liebowitz.

E semanas e semanas andou a visitar cidades e vilas para obter a resposta. Os comissários de polícia, os inspectores escolares e os governadores civis proporcionaram-lhe todas as observações.

— É verdade que alguns adolescentes americanos atacam às vezes a polícia? — indagou um comissário.

— É verdade.

— Eis uma coisa difícil de conceber — foi a resposta do italiano.

Um inspector escolar perguntou-lhe se os assassinatos cometidos em busca de emoções eram coisas imaginárias e ele respondeu que não.

Em Itália não havia semelhante delinquência. Os rapazes cometiam faltas de rapazes. Foi então que aquele juiz encontrou um elemento básico que estava desaparecendo na sua terra: todos os jovens italianos respeitavam a autoridade.

— Isto é significativo — continua o Dr. Liebowitz —. O respeito principia no lar e continua na escola, nas ruas das cidades e nos tribunais de justiça. Visitei alguns lares e vi que até nas famílias mais modestas o pai é respeitado pela mãe e pelos filhos; governa com amor, ternura e firmeza. Há regras a cumprir e o filho obedece sem castigo. Descobri este princípio em dez palavras que podem dar-nos melhor a solução do caso do que milhões de dólares combinados. Ei-la: *Restabelecer a autoridade do pai como chefe de família.*

Este grande juiz sabe que nos Estados Unidos os jovens não obedecem aos pais, simplesmente porque a mãe assume, não raro, as atribuições do chefe, desautorizando o pai na presença dos filhos. Por sua vez o pai, engolfado nos negócios, vai abdicando da sua autoridade enfraquecida.

— Nos lares das classes superior e média — afirma o insigne magistrado — temos o espectro adicional da psicologia *permissiva* e da combinação de uma mãe com poder absoluto e um lar em que o Joãozinho raras vezes é castigado e por isso se tornou o rebelde, confuso e desgraçado adolescente que inunda os tribunais.

Mas houve muitos pais de família que, após uma sentença condenatória dos filhos, lhe perguntaram:

— Afinal, que erro cometemos? Sacrificámo-nos por eles, proporcionámos-lhe vida cómoda, custeámos-lhes os estudos ...

E o juiz comenta sàbiamente:

— Não é erro por comissão, mas por omissão. O pai não se responsabilizou pela direcção da família. Não ensinou disciplina ao filho. Quando é em benefício da família deve-se obrigar o rapaz a fazer o que não quer. É a maneira como se há-de tratá-lo, quando for mais crescido, porque, em realidade, não lhe convém um mundo *permissivo* em que faça o que lhe apetece. Isso produz-lhe confusão e torna-o infeliz. O que ele necessita é de sólidas paredes disciplinares à sua volta a definir-lhe o mundo, isto é, dando-lhe um grande espaço livre, mas indicando-lhe ao mesmo tempo até onde pode chegar.

O Dr. Liebowitz é descendente de família pobre de Nova Iorque. Seu pai era tendeiro de mercearia, mas não deixava de ser o chefe da casa e respeitavam-no como tal. Quando ordenava ao filho que recolhesse a horas certas, este chegava a tempo. Hoje não sucede assim.

— Hoje — diz ele — os nossos adolescentes andam de rua em rua até às três da manhã e acham impertinência, quando os pais lhes perguntam se se divertiram. Um lar em que não se reconhece o pai como chefe de família parece-me que não é muito melhor que um lar destruído pelo divórcio. Quando a mãe desautoriza o pai, minando assim a sua autoridade aos olhos dos filhos, arranca um pedaço da base em que assenta a criança.

As considerações que apresentamos ao radiouvinte estão nas Leis Morais do Espiritismo. A educação da infância não se consegue com decretos de vastos preâmbulos. Começa no lar, continua na escola e firma-se na sociedade, à força de disciplina. Para conhecer o direito é preciso sentir o dever.

O homem é o mais indisciplinado de todos os seres. E a onda de crimes que varre a adolescência norte-americana tem origem na excessiva liberdade das crianças, que não chegam a compreender o segredo da autoridade, nem os benefícios de uma infância disciplinada.

É preciso arripiar caminho, obrigando os filhos a respeitar os mais velhos e a fazer-lhes sentir a igualdade de direitos perante a lei, independentemente de riquezas ou de hierarquias. E sobretudo a respeitar as autoridades, que se fizeram para a manutenção da ordem, sem a qual não pode haver paz e trabalho.

O inquérito do Dr. Samuel Liebowitz põe em relevo as causas de uma questão inquietante que está preocupando os juízes dos Estados Unidos e que amanhã pode alastrar a outros continentes.

O Espiritismo não deve ficar apático. Ao contrário deve utilizar as suas tribunas e apontar a desgraça moral que espera as gerações novas, se vigorosas medidas não forem adoptadas.

Que elas venham quanto antes para evitar a queda no charco. E que a juventude se apreste, pois grandes responsabilidades cairão em seus ombros.

Adeus, amigo radiouvinte. Dá o teu quinhão de auxílio e ficarás tranquilo com a consciência.

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## O ESPIRITISMO EVITOU UM SUICÍDIO

*Voz Informativa*, de México, publicou uma notícia relativa a uma artista de «striptease», de nome Phyllis Dixey, que declarou a William Frederick Neech:

— Eu tinha resolvido suicidar-me e só o Espiritismo me salvou. Agora sou guiada pelos do mundo espiritual.

«Striptease» é uma palavra inglesa que significa desnudar-se no palco, tirando gradualmente as roupas.

Phyllis Dixey não há muitos anos que ganhava 100 libras por semana e desde que abandonou a tarefa passou a viver com uma pensão semanal de cerca de 4 libras, até que em Janeiro do corrente ano se empregou como cozinheira numa casa de hóspedes com mais de 30 quartos.

Há dois anos pensou suicidar-se e foi visitar um velho amigo e parente que a protegera na sua infância. Quando a viu, sem que ela lhe tivesse revelado a intenção, olhou-a fixamente como quem compreendesse o seu estado de ânimo e começou a falar-lhe sobre o seu espírito-guia e de suas visitas a médiuns. Depois pediu-lhe que assistisse a uma sessão com a famosa Estelle Roberts, ao que ela anuiu imediatamente.

Foi isto em Janeiro e a 3 de Fevereiro tinha de iniciar nova série de exibições, mas já havia fixado o dia do suicídio: 28 de Janeiro. Eis, senão quando, recebeu um telefonema do amigo, dizendo que a sessão fora marcada para 27 de Janeiro. Embora o seu intuito fosse recusar, resolveu ir, ao menos para se despedir do seu protector.

Durante a reunião, este disse-lhe que tivera necessidade de atraí-la àquele lugar por indicação do seu próprio guia espiritual.

A médium descreveu-lhe então certo amigo morto anos antes que o elucidara acerca de tudo o que ela sabia a respeito do seu trabalho. Informou-a que assassinara uma rapariga, suicidando-se em seguida. Depois, através de Estelle Roberts, revelou a ideia do suicídio para o dia seguinte, indicando o lugar exacto onde pensava executá-lo (afogar-se nas águas de Beach Head). Phyllis Dixey reconheceu nesse momento que estava enganada, ao julgar que tudo acabaria com a perda da vida física.

A ideia de suicídio extinguiu-se nela e o seu amigo continuou a fazer-lhe convites para sessões espiritas. Numa conheceu Lillian Bailey, através de cuja mediunidade se comunicou um guia espiritual e outros seres que lhe falaram em vários episódios da sua vida, que só ela conhecia. Isto impressionou-a profundamente e resolveu então acabar de todo com as exibições corporais. Para isso abandonou a dieta e engordou deliberadamente.

Agora trabalha como cozinheira numa pensão de 60 pessoas, sente-se um ser humano como qualquer outro e converteu-se ao Espiritismo. Não pensa mais no «striptease». Convenceu-se de que é guiada espiritualmente e tem paz e alegria. As exibições constituiram um capítulo da sua vida que se fechou para sempre.

Mais um milagre da Doutrina sobre um ser humano frente ao resvaladouro, do qual se não pode voltar.

## A RESISTÊNCIA CIENTÍFICA AO ESTUDO DOS FENÓMENOS

A revista *Light* publicou um artigo de J. H. Gordon que *Conciencia* de Buenos Aires apreciou no tocante ao significado dos fenómenos físicos sobre o problema da sobrevivência, que o autor desenvolveu com grande sensatez, salientando a resistência dos ambientes científicos ao estudo do supranormal.

Eis as principais linhas de oposição:

1. — Ignorância dos «especialistas» guardiões do conhecimento científico e do público em geral.

2 — Medo sob várias formas. O primeiro diz respeito ao objecto do estudo devido a vagas associações subconscientes com as temíveis e ameaçadoras coisas que «se passam nas trevas». Medo do ridículo, medo de perder a «posição» ou «classe», sobretudo entre profissionais e cientistas. Medo às consequências filosóficas baseado na noção errada de que, em virtude de tais fenómenos, se pode introduzir na ciência um conceito «dualista».

3 — Antagonismo. Oposição ao objecto em estudo da parte dos pensadores devido aos seguintes casos:

*a)* Possibilidade de fraude, mesmo nos «grandes» médiuns, visto que indivíduos muito inteligentes, quando não se revelam fraudes, atribuem o caso a qualquer meio subtil e astuto que se emprega, formas difíceis de descobrir e que, na verdade, se empregam.

*b)* Trivialidade das comunicações.

*c)* Irregularidade nos resultados.

*d)* Desagrado pelo estado de «transe», considerado como «histérico» ou assunto para psiquiatras.

*e)* Complacência dos resultados com o que desejam os assistentes. Isto costuma entender-se como prova de fraude.

*f)* Os chamados místicos ou emocionáveis, isto é, os menos prudentes divulgadores do Espiritismo.

4 — Falta de interesse, em virtude de lutas interiores com outros temas e principalmente por falta de imaginação.

5 — Juízos, baseados em raciocínios negativos feitos *a priori*.

Por esta série de inconvenientes — diz o articulista de *Conciencia* — o sr. Gordon nota que a investigação individual é perda de tempo, porquanto qualquer investigador corre o risco de que lhe chamem desequilibrado. Portanto — conclui — os estudos devem ser empreendidos por organizações responsáveis que se libertem das censuras tão fáceis de fazer, como difíceis de provar em seus fundamentos. Por outro lado, deve fazer-se intensa propaganda para vencer aquelas barreiras. Mas isso exigirá tempo e constância.

Na realidade, este é o grande problema do Espiritismo. De Kardec até hoje, ainda não foi resolvido, apesar dos esforços de muitos pioneiros. Nem sabemos se o poderá vir a ser, porque o mundo psíquico

é mais transcendente que o mundo físico e as escadas de acesso exigem elementos raras vezes acessíveis, mesmo aos investigadores que se rodeiam das maiores precauções.

Mas achamos razoáveis os argumentos do sr. Gordon. Aliás, já temos apresentado argumentos semelhantes. Todos nós sabemos que há numerosas deficiências nos trabalhos de pesquisa. Geley apontou-as magistralmente numa das suas obras. Fundamentalmente o que é preciso é estudo metódico e comparativo de trabalhos alheios que possam fazer luz sobre experiências obscuras.

## MEDICINA E ESPIRITISMO

O Dr. Levindo Melo, antigo presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, contou um caso da sua clínica passado em 1925 na cidade de Belo Horizonte que merece arquivo nestas colunas.

Visitou uma doente que tinha «enlouquecido» sùbitamente havia quatro meses, depois dos médicos psiquiatras a tratarem sem resultado sob o diagnóstico de «esquizofrenia» e não conseguiu examiná-la devido à sua negativa quase agressiva. Lembrou-se então de lhe injectar cinco miligramas de heroína, mas a enferma, no momento da picada, exclamou agressivamente:

— Palermice! Não vê que isso nada vale para mim?

Após uma hora de expectativa sem o menor indício anestésico, ficou aborrecido com o fracasso e voltou no dia seguinte a observar a doente, continuando as visitas, como sacerdote da Medicina, isto é, gratuitamente.

Quatro meses depois desta «loucura súbita» e inexplicável, visto não haver estigmas de psicopatia na família, a intervenção de todos os psiquiatras foi absolutamente nula e a tal «esquizofrenia» continuava a desgraçar aquele lar de tendência católica, motivo que levava a resistir a qualquer intervenção espirita, até que uma velha médium foi procurada e uma entidade espiritual se manifestou, dando o nome e a rua em que falecera, ao mesmo tempo que implorava:

— Falem a minha família, dêem-lhe notícias minhas e façam o que desejo. Só assim me afastarei desta «louca» e ficará curada.

Os pedidos feitos foram tomados em consideração pelos presentes e pela família, cujo endereço estava certo.

O Dr. Levindo Melo visitou imediatamente a ex-louca, conversou com ela, com os familiares e os vizinhos e comprovou o equilíbrio mental, intelectual e psíquico da mulher. A cura foi efectuada e manteve-se durante muitos anos, até que a morte surgiu por afecção cardíaca.

— Como vemos, — acrescenta o articulista — a Ciência espiritualista aplicada empìricamente pela bondade de uma senhora ignorante, mas sinceramente cristã, deu vida, saúde, paz e felicidade a uma família que tanto sofria. Segui de perto esta cura pelo Espiritismo, como simples médico e não como espiritista, que o não era nessa época.

Mas o Dr. Levindo Melo não fica por aqui nas suas considerações.

— Observando este facto memorável, como médico agnóstico e ignorante das coisas espirituais, em 1925, tive o bom senso de encarar esse fenómeno terapêutico com a seriedade de um Paulo de Tarso na Estrada de Damasco, facto que me abriu os olhos da alma para a realidade da vida eterna do Espírito e para a grandeza do Cristianismo, que até então negava e combatia. Este facto desvelou-me um mundo novo, povoado de seres espirituais, bons, moralizados, inteligentes e imortais — os habitantes do mundo invisível ou quarto reino na Natureza. Desde então — já lá vão 34 anos — estudo o Espiritismo prático e teórico segundo a codificação de Allan Kardec, assistindo a muitas curas de «loucos», de doentes em desespero, nos quais a nossa amada e benemérita Medicina havia falhado e os recursos médicos e morais de Espíritos evolucionados deram óptimo resultado, salvando vidas, aliviando sofrimentos, restituindo à convevência social e ao trabalho pessoas irremediàvelmente condenadas pela ciência médica dos nossos dias.

O depoimento do facultativo e do psiquiatra, que se reúnem admiràvelmente no mesmo intelectual, dispensa comentários nossos. Quem os deve fazer é o leitor.

## A CASA DE SETE CRUZES

*A Nova Era*, de Franca, Estado de São Paulo, transcreve do *Diário da Sorocabana* uma nota curiosa acerca de estranhas ocorrências verificadas na *Fazenda Canaã*, do lugar das Sete Cruzes, na cidade de Ourinhos, do mesmo Estado.

Eis o que descreve o jornalista Benedito Elói no referido diário de 12 de Junho de 1959:

«Ourinhos despertou ontem cheia de boatos sobre a casa mal-assombrada do Canaã. Notícias desencontradas corriam em vários pontos da cidade, espalhando terror pânico. Informa-se que uma família de humildes trabalhadores viu «almas do outro mundo» furando a escuridão da noite. Muitas pessoas chegaram a ir a Sete Cruzes ver a casa mal-assombrada.

«D. Maria Augusta, esposa do sr. Orlando Leme, morador na referida casa, foi ouvida pela nossa reportagem na tarde de ontem e declarou que ao escurecer parecia que tinha uma pessoa do lado de fora, querendo enfiar uma chave na fechadura. Chamando o marido, este abriu a porta e não viu pessoa alguma. E continua:

— Meu marido examinou também a porta da cozinha e nada viu. Depois de se recolher ouvimos pedras a cair no telhado, pancadas nas portas e gemidos de alguém que estivesse a morrer enforcada.

D. Maria diz que passou a noite em claro com o marido e que na noite seguinte ouviram ruídos semelhantes:

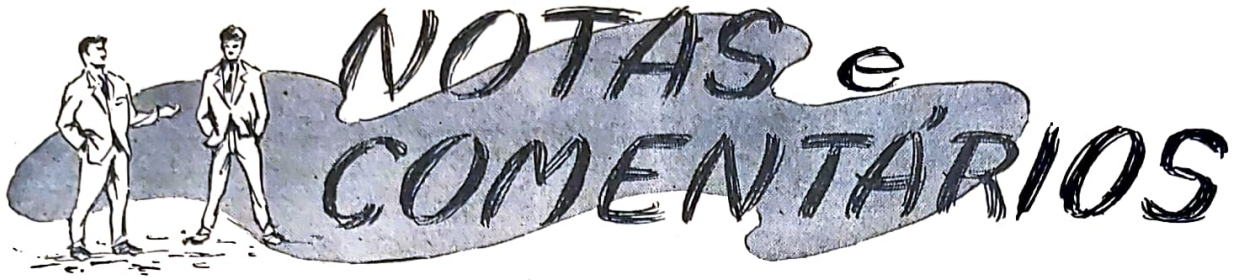
— Ouvimos ruídos na porta, como se uma pessoa estivesse deslizando por ela para entrar em casa. Depois o ruído passou para dentro e a «coisa» que deslizava parece ter caído na sala. Na terceira noite foi pior. A «coisa» bateu na porta, como se quisesse entrar, berrando que nem cabrito *(sic)*. E na manhã seguinte encontrámos rastos na beira da porta. Havia chovido durante a noite e as marcas deixadas pelo bicho eram iguais a pata de burro, de dez em dez metros. Então, não tivemos mais dúvidas. Era o demónio. Pegámos na minha máquina de costura e no rádio e deixámos a casa imediatamente.»

Claro que se trata de gente católica e ignorante e não admira que atribuíssem o fenómeno à acção do diabo.

O jornal termina dizendo que é a terceira família que se muda assustada da casa de Sete Cruzes. O sr. Orlando Leme declarou que pretendia levar o facto ao conhecimento do vigário de Ourinhos, para que fosse benzer a residência mal-assombrada. «Alguns dirigentes dos centros espiritas da localidade também se interessam pelo assunto e vão realizar uma «sessão» na casa visitada pelo «demo», conclui o articulista que, pelos vistos, percebe tanto da matéria como os pobres inquilinos que abandonaram a casa.

Damos a notícia para frisar a insistência com que estas manifestações se apresentam, quase sempre com as mesmas peripécias originadas por entidades espirituais atrasadas que se comprazem no mal ou que pretendem fazer passar um mau bocado a certas pessoas incrédulas.

De uma forma ou de outra os fenómenos exercem-se e as autoridades psiquiátricas não conseguem encontrar a chave do problema.




### EDISON E O MÉDIUM BERT REESE

*Segundo informa a revista «Ahora», de Buenos Aires, o grande inventor Tomás Alva Edison frequentava as sessões do célebre médium americano Bert Reese com espírito investigador, à semelhança de Allan Kardec antes de se abalançar à codificação da doutrina.*

*Uma vez escreveu numa tira de papel a seguinte pergunta:*

*— Haverá qualquer coisa melhor que o hidróxido de níquel para bataria eléctrica alcalina?*

*A seguir enrolou muito bem o papel e meteu-o no bolso.*

*Na presença do médium, este dirigiu-se-lhe em forma de saudação:*

*— Sr. Edison, não há nada melhor que o hidróxido de níquel para bataria eléctrica alcalina.*

*O próprio inventor é que relata o episódio, excluindo a possibilidade de fraude, ao mesmo tempo que se confessa incapaz de penetrar no mistério do fenómeno.*

*No mundo espírita são conhecidas algumas experiências psíquicas de Édison e as suas ideias acerca da sobrevivência da alma humana.*

### ACÇÃO PSÍQUICA?

*O sr. Envid Hall escreve numa revista inglesa:*

*«Nesta páscoa passei as férias no ocidente de Inglaterra e fiquei uma noite em Londres, num pequeno hotel que me pareceu asseado e de ambiente agradável. Por isso reservei um quarto para quando regressasse. Ao voltar, porém, destinaram-me outro aposento no andar superior do edifício.*

*«Cheguei tarde e fatigadíssimo e preparei-me para dormir. Ao encontrar as cabeceiras muito altas atirei a almofada para o chão, sem acender a lâmpada, puxei o travesseiro que estava embrulhado no lençol e dispus-me novamente a dormir, quando tive uma sensação de intranquilidade que em breve se transformou em terror e a palavra «colorido» começou a acicatar-me com insistência alucinante. Pressenti que alguma coisa de horrível estava presente e cheio de medo acendi a luz para examinar o travesseiro. Estava ensanguentado! Decerto que o hóspede anterior deveria ter sofrido hemorragia nasal ou da garganta, deixando o sangue seco no travesseiro. Seria então que, por uma percepção extra-sensorial, tive o pressentimento do facto?»*

*O caso pode explicar-se através da psicometria. O articulista deve ser um belo sensitivo e em contacto com o objecto pôde ligar-se ao acontecimento. Se concentrasse a atenção talvez não lhe fosse difícil descobrir a verdadeira causa do sangue impresso no travesseiro.*

### FELIZ ANIVERSÁRIO

*Sob este título publicou* Desobsessão, *de Porto Alegre, os seguintes parágrafos que agradecemos:*

*«Comemorou* Estudos Psíquicos, *em Janeiro último, mais um ano de existência: o vigésimo.*

*«Coincidiu com o reboar dos primeiros tiros da segunda guerra mundial o aparecimento do excelente mensário espírita português. Má época, evidentemente, para se lançar uma publicação de tal conteúdo. Não obstante os percalços iniciais, que não foram poucos, veio a lume o seu primeiro número. Traduzia ele todo o esforço e toda a dedicação de D. Maria G. Duarte Santos em servir a uma causa que se lhe afigurava nobre.*

*«Vinte anos de lutas e canseiras — como afirmam os actuais responsáveis da revista — são pedras de um caminho que persiste, é uma fita sinuosa de altos e baixos, ora de flores, ora de abrolhos. Às vezes o desalento parece invadir-nos. É quando o material suplanta o espiritual. Mas depois tudo se normaliza, tudo se recompõe».*

*«Eis porque acreditamos no belo futuro que os céus reservam ao grande mensário português. E acreditamos, porque está ele sob a responsabilidade directa de homens que não se intimidam com abrolhos nem com espinhos, principalmente porque sabem que «depois tudo se normaliza e recompõe».*

*«Uma belíssima lição para os que naufragam em ribeiros, com preguiça de estender o braço à margem próxima; para os que se sentam à beira do caminho, lastimando as responsabilidades assumidas. Que sirva de exemplo, aos preguiçosos e lastimosos, o trabalho árduo dessa valorosa equipa de homens, a cuja frente marcha o velho amigo Isidoro.*

*«De nossa parte fazemos votos para que este marco luminoso que é* Estudos Psíquicos, *plantado há 20 anos em Portugal por essa batalhadora Maria Duarte Santos continui a nobre missão de, pelo esclarecimento, conduzir ao redil do Senhor as ovelhas tresmalhadas».*

### A MESA AGITADA

Conciencia, *de Buenos Aires, cita um caso estranho intitulado «A mesita corria por toda a sala», em referência a um artigo de Cátulo Castillo publicado em* La Prensa, *da mesma cidade, em Dezembro de 1954, no qual o autor relata um facto real ocorrido com seu tio Giovannoni, sua tia Adelaida e suas cinco sobrinhas, quando habitaram uma propriedade adquirida em Vila Devoto, em cuja casa haviam morrido tràgicamente os antigos moradores: um advogado, um suicida, uma pessoa electrocutada e outra atropelada pelo comboio.*

*Uma das sobrinhas encontrou ali uma mesinha de três pés e a família resolveu fazer uma sessão de espiritismo. Colocaram-se em círculo, apagaram a luz e começaram a surgir diversos fenómenos, entre eles, pancadas e ruídos que obrigaram os assistentes a acender a luz.*

*— Ali — diz Cátulo Castillo — no meio da sala, levantando um pé atrás de outro, aquele objecto «vivo» dava pancadas no soalho, produzindo ruídos surdos e inquietantes. Depois, ante o pavor geral, a mesa correu por toda a sala, como um cavalo enlouquecido. Trepou pelas paredes, desceu, deu voltas, saiu pelo corredor, chegou a um dormitório, subiu para uma grande cama e recostou-se como animal cansado, saindo velozmente pelas trazeiras da casa».*

*Finalmente, os moradores conseguiram segurar a mesa e queimaram-na... Quem te manda, sapateiro, tocar rabecão?...*

## CENTRO E. LUZ E AMOR

Após dois meses de férias, o *Centro Espiritualista Luz e Amor* volta novamente à sua actividade habitual, mantendo o ritmo de trabalhos, como se pode ver no programa que inserimos nesta página.

Seria conveniente que os novos viessem até nós e colaborassem de harmonia com os seus conhecimentos, pois a seara é grande e poucos os trabalhadores, como se diz vulgarmente.

Quem quer ajudar encontra sempre meio de o fazer, visto que o Espiritismo apela para todos, sem excepção, e qualquer esforço é recebido com simpatia, em nome da causa.

É necessário aproximarmo-nos uns dos outros, em vez de erguer barreiras desnorteantes que só podem enfraquecer-nos. O que se deve combater não é o confrade que se engrandece pelo mérito, mas o amor-próprio que vive em nós e procura amesquinhar as obras que éramos incapazes de fazer. Esse é que é preciso dominar, minuto a minuto. Assim, a visita dos nossos consócios é demonstração de interesse pela obra comum.

## IMPRENSA ESPIRITA

Chegou a nossas mãos o jornal *Pará-Espirita,* órgão noticioso-doutrinário de Espiritismo Cristão que se publica em Belém do Pará sob a direcção de Luís Carlos e cuja sede própria é à Travessa Apinagés, 232.

O número que temos presente é o 6.º, relativo a Junho último. Está, portanto, no início da existência e oxalá a sua carreira seja fértil em obras duradoiras.

Quando mais um periódico espirita entra nesta redacção exultamos sempre. É mais uma estrela a brilhar no firmamento da cultura e da moral. Pode ser pequeno e humilde, mas grande no significado.

Ao *Pará-Espirita,* as nossas saudações cordiais, com votos de prosperidade e longa vida.

## TRABALHOS DO CENTRO EM OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1959

### Grupo de Irradiação Mental Reper-Siam

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 4 de Outubro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Maria Cecília Gorina, precedida de pequena sessão de abertura em que falarão vários oradores.

Dia 6, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 7, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 9, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 11, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua, com a médium D. Conceição Dias, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 14, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 16, 6.ª feira, às 21,30 — Conferência de António Cardoso, intitulada «Os Fenómenos Rítmicos»,

Dia 18, domingo, às 16 horas — Conferência de Túlio Augusto Rosa, intitulada «O Espiritismo e a Sua Propagação».

Dia 20, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 21, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 23, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 25, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Maria Cecília Gorina e dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 27, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 28, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 30, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec» com a médium D. Ermelinda dos Santos e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 1 de Novembro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 2, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos.

Dia 3, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 4, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Maria Cecília Gorina e dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 10, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 11, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

## FUNDO DE BENEFICÊNCIA

*Mês de Setembro* — V. L., de Coimbra, 10$00; A. L., de Setúbal, 10$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Zétó, de Tavira, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 5$00; M. L., de Coimbra, 10$00; M. F., de Beja, 5$00; Margarida Maria, de Coimbra, 5$00; R. M., de Portalegre, 4$00; J. V., de Santarém, 5$00; Jaime S., de Viana do Castelo, 6$00; V. Santos, da Foz do Douro, 10$00; C. S., de Viseu, 5$00; M. Morais, de Bragança, 5$00; Anónimo, 80$00. *Total — 175$00.*

ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO | LISBOA, NOVEMBRO DE 1959 | N.º 11

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

# SEPULCROS

O mês de Novembro é soturno. Logo no início tem uma data fúnebre. É o dia dois. Milhentas pessoas se vestem de crepes, avivando recordações tristes. O que está solapado vem à luz com seu cortejo de sombras. É a desolação, a melancolia, a ruína moral. E longas filas invadem os cemitérios a bater nas campas que o verdete esmaltou. Homens, mulheres e crianças. Uns vão por mágoa, consternados e aflitos; outros acompanham familiares, sem questões de sentimento. E outros, ainda, por servilismo torpe, quantas vezes na mira de gorgetas.

Abrem-se as portas dos jazigos e neles entram múmias que a dor ensandeceu. E ali permanecem horas vertendo lágrimas, aferradas a coisas velhas, e vibrações negativas tocam almas chumbadas à podridão. Os de cá não sabem. Julgam que fazem bem. É culto, é homenagem aos que «partiram para sempre e que ali devem estar à espera». Que insensatez! Se assim fosse, libertação seria clausura, seria prémio vil do sofrimento.

O espírito é luz, é asa que voa; e a vermineira dos mausoléus é nauseabunda e bafienta. Não há, não pode haver ligação possível entre extremos inconciliáveis.

Correr aos cemitérios é sinal de ignorância, é prender as almas ao lodo, impedi-las de seguir o seu caminho, obrigá-las a recordar eventos que melhor fora esquecer.

Há coisas acessórias tomadas por essenciais, há quem edifique sobre ilusões, quem volte costas ao sol para não ser ofuscado. Tudo é desconhecimento, tudo é obscurantismo, tudo é necedade.

O verdadeiro sepulcro não é aquele. Serve de morada à centelha que às vezes recalcitra em nós, ciosa de evolução. A cinza guarda-se ou espalha-se, segundo o conceito. É já simbólico e acessível ao tempo. Nada mais. Confiná-lo em vaso de ouro ou em vaso de pedra é o mesmo. Não altera o significado. A corrosão não se aparta do seu desígnio. E depois é o fim inexorável.

Na vida há sepulcros de lama que o homem arrasta e onde a vérmina substitui o cupim. São mais sombrios do que os outros. Forrados de egoísmo, passam alheios ao infortúnio. Vêmo-los a cada instante nas ruas, nos leilões, nas encruzilhadas.

Os túmulos pedregosos estão numerados. Mais acima, mais abaixo, não interessa. Mais imponentes, mais rendilhados, não interessa. O que importa é a vida que se vive. Essa não está lá, nunca esteve. E dá-se o paradoxo: túmulos vivos reverenciam túmulos mortos.

O homem deve ser fraterno, abrir o coração, deixar de ser túmulo, compreender o seu irmão. Se tal fizer será venturoso. Terá luz nos olhos e sorriso nos lábios. Viverá.

A podridão das campas, a vaidade dos epitáfios, o engano das legendas resume-se numa palavra: ignorância. Levar os corpos em urna ou em lençol não altera a situação das almas. O caso é chegar ao destino.

Por isso o culto dos mortos em 2 de Novembro devia substituir-se pelo culto dos vivos. Porque eles estão mais vivos do que os sepulcros humanos forrados de egoísmo, que passam alheios ao infortúnio.

Visitar o pó é inútil. O que é preciso é emitir vibrações de concórdia que atinjam os que partiram e podem comunicar-se. Isso é que é preciso. Manter a tradição não é cultuar, porque se obrigam as entidades espirituais a presenciar despojos e a relembrar doenças que lhes causaram sofrimento.

Os sepulcros, os verdadeiros sepulcros estão na carne, vazios de amor, de renúncia, de humildade, entregues a sonhos monstruosos, cujo azedume é decorado pela inveja e pelo ódio. É preciso lavá-los e caiá-los para servirem de veículo a novos seres.

# O ESPIRITISMO EM FACE DO SINCRETISMO RELIGIOSO

Por DEOLINDO AMORIM

(Redactor-correspondente de Estudos Psíquicos, no Rio de Janeiro)

II

## FENÓMENO DE ACULTURAÇÃO

Se os sudaneses (escravos oriundos do Sudão) trouxeram a *marca* do Islamismo, os *bantus*, por sua vez, adquiriram muitos elementos do Catolicismo. Os escravos islamizados ou maometanos eram chamados *maleses* cujos «terreiros» despertaram a atenção dos estudiosos. principalmente pela diferença que apresentavam, em relação aos escravos provenientes de Angola, do Congo, da Guiné, por exemplo, uma vez que estes últimos se prendiam mais ao ritual católico, enquanto os sudaneses, pertencentes a outro tipo de *cultura*, procuravam isolar-se para evitar contacto com os grupos *cristianizados* ou, para falar com mais acerto, os grupos que já vieram para o Brasil com acentuada ascendência católica. Uns e outros, no fundo, eram monoteístas, porque o Islamismo é uma religião monoteísta, como o Judaísmo e o Cristianismo. *Islam* exprime a crença em um só Deus; *muslim* ou muçulmano significa dirigir-se a Deus em adoração e exclusivamente a Deus. *Mahoma*, de onde vem o qualificativo maometano, já aportuguesado, é mensageiro de Allah. Seja como for, os grupos cristãos e maometanos eram rivais. A convivência obrigatória nas *senzalas* e no trabalho não anulou as divergências religiosas.

De acordo com os seus «elementos culturais», os grupos africanos foram identificados da seguinte maneira, entre outros:

## I — CRISTIANIZADOS; II — ISLAMIZADOS

Os *bantus*, que tiveram preponderância numérica, ficaram mais sujeitos à influência cristã, ao passo que os sudaneses, em grande parte, foram influenciados pelo Islamismo. Todos os grupos, apesar das diferenciações que os caracterizavam, foram distribuídos indiscriminadamente, pois só mais tarde, com os estudos e as pesquisas de Nina Rodrigues e Manuel Querino, seguidos por Artur Ramos e outros especialistas, foi que se estabeleceu a distinção entre culturas mais significativas: a dos *yorubas*, que eram chamados «nagôs», e a dos *bantus* ou bantos, na forma já aportuguesada. Os *yorubanos* estavam em situação de superioridade cultural, porque tinham melhor equipamento em relação aos bantos. No conjunto, todos os grupos se confundiam aparentemente — *gêges, minas, haussás, mandingas*, etc., mas a verdade é que havia entre eles umas tantas peculiaridades de que nem todos abriam mão com facilidade. Eram traços que os identificavam com as suas procedências. Entre os escravos de origem maometana *(maleses)*, por exemplo, os *fulahs* beberam muita coisa na fonte judaica e, por isso, ainda mantiveram certas reminiscências do Judaísmo em suas práticas religiosas. Já se admite hoje que o Protestantismo, notadamente o ramo luterano, encontrou receptividade em determinados grupos, talvez por espírito de oposição às cerimónias católicas. O contingente ameríndio ou indígena, já de si também variado, tem a sua parte no sincretismo religioso do Brasil. A junção desses elementos, tão estranhos, era uma espécie de «fatalidade» histórico-social, porque não seria possível, no início da formação do país, evitar os encontros, forçados ou não, de todos os contingentes humanos e culturais que convergiram para os mesmos pontos de confluência.

Deu-se, então, o fenómeno de *aculturação*. Em que consiste esse fenómeno? Verifica-se a aculturação, quando um grupo absorve os elementos do outro, incorporando-os ao seu acervo cultural. É o que se observa no sincretismo religioso do Brasil: o africano incorporou ideias e práticas do Catolicismo, como também o Catolicismo, pelo menos em suas manifestações populares, plagiou certos comportamentos em que ainda hoje se denunciam reminiscências africanas. A *aculturação*, todavia, não se realiza imediatamente. É um fenómeno que depende muito do tempo, da experiência e até de processos especiais de aproximação e permuta. Justamente por isso mesmo, as migrações produzem fenómenos diversos, até que se dê, por fim, a verdadeira aculturação. Vejamos alguns desses fenómenos:

a) — *adaptação*

é uma necessidade biológica, porque o indivíduo ou grupo, ainda que contrafeito ou revoltado, é obrigado a assimilar os alimentos e adaptar-se aos padrões do novo *habitat* para sobreviver;

b) — *acomodação*

é um fenómeno em que um grupo se adapta por simples acomodação, para evitar conflito, embora não aceite as crenças e os costumes do outro grupo; é, em último caso, o que se chama fazer «boa política», quando se é obrigado a conviver com pessoas com quem não se tem afinidade; acomodação não é aceitação, nem concordância; é apenas um *modus vivendi* transitório, por força das circunstâncias;

c) — *conflito*

é o que ocorre, quando dois grupos entram em choque ou se repelem, tal como

se verificou entre os escravos de procedência maometana e os de procedência cristã: o maometano lutou enquanto pôde para não absorver os ensinos, o culto e os costumes católicos;

d) — *predominância*

é o fenómeno em que, depois de certo tempo, um grupo termina preponderando sobre o outro; quando um grupo é mais forte, tem mais possibilidades, mais influência política e social, cedo ou tarde sobrepuja o outro. No caso do sincretismo afro-católico, o culto católico veio a preponderar sobre os cultos africanos;

e) — *sobrevivências*

este é um dos fenómenos mais interessantes no processo de aculturação, uma vez que, apesar da predominância de outro grupo, ainda ficam, como sobrevivências, certos traços que se não apagam; estão aí, até hoje, nos *terreiros*, *catimbós* e *candomblés*, diversas sobrevivências do passado, com a coexistência de objectos e usos de origem islamita, *fetichista*, judaica e católica; muita coisa se dilui, mas alguma coisa também fica, pelo tempo adiante, revelando as suas velhas origens (1).

**SOBREVIVÊNCIAS**

Dos povos africanos em geral ficaram até hoje muitas sobrevivências. Veja-se, por exemplo, o vestuário de certos actos, o material característico de algumas cerimónias afro-católicas ou de reminiscências muçulmanas (2). De onde vêm os números cabalísticos e os *triângulos entrelaçados* (símbolo judaico) ainda hoje observados no sincretismo religioso? E o sacrifício de animais, em função do ritual, não é porventura uma reminiscência de sacrifícios bíblicos? E não tiveram alguns grupos africanos contactos com elementos judaicos, em tempos bem recuados? Muitos deles praticando até a circuncisão? Os escravos que vieram da faixa de penetração católica também deixaram os seus vestígios bem pronunciados: estão aí as *figas*, que representam velhos traços do Congo, como ainda estão em uso, nos *terreiros*, os altares mistos, ídolos, paramentos, etc., assinalando bem a «mistura religiosa do fetichismo africano com os objectos do culto católico. Velas, incenso, trajes sacerdotais, imagens, tudo isso é encontrado no culto de Umbanda, que, aliás, não guarda a sua integridade original, pois nenhum dos cultos introduzidos no Brasil, com o tráfico africano, conseguiu manter a sua pureza mitológica e ritualística. Ficaram, entretanto, sobrevivências bem fortes, embora mescladas. É o que se nota, igualmente, nas cerimónias em que prepondera mais o elemento maometano. A figura típica da *baiana*, com o seu turbante, ainda lembra muito bem a presença do Islamismo, principalmente na Bahia, onde os *maleses* se radicaram mais.

Ainda há pouco, estudando a influência maometana em Pernambuco, o Prof. Waldemar Valente, grande estudioso da Antropologia e da Etnografia brasileira, autor de excelentes trabalhos especializados, reuniu diversas fotografias de cerimónias nos *xangôs*, através das quais se vê, ainda hoje, o «pai de santo» ou chefe de terreiro tomando posição tìpicamente muçulmana: faixa branca, o turbante característico, pernas cruzadas, atitude imóvel, pés descalços (3). Outra cerimónia, ainda observada em diversos *terreiros*, é a da prosternação. É uma das formas de imitação do Islamismo, quando rende culto a Allah. É uma devoção árabe, aliás muito conhecida: os fiéis cruzam os braços, dando a impressão de que se ajoelham e curvam até encostar a cabeça no solo. Há momento e lugar apropriado para esse acto maometano. Pois bem, cerimónia semelhante é observada até hoje nos *terreiros* que ainda guardam certas tradições islamitas.

Infelizmente, porém, os nossos especialistas — antropólogos e sociólogos — não distinguem o que seja mediunismo e o que é, na realidade, ESPIRITISMO. Observam eles certos fenómenos impressionantes, ora de animismo, ora de mediunismo, principalmente em forma de possessão, e daí concluem que o Espiritismo também está entrosado no sincretismo afro-brasileiro. Existem dois tipos de culto: o *afro-católico* e o *afro-islamita ou maometano*. Antropólogos dos mais categorizados, como Artur Ramos e Waldemar Valente, tanto quanto Nina Rodrigues, que fez pesquisa antropológica em função de estudos médicos, incidiram no mesmo equívoco, classificando de *Espiritismo* tudo quanto é prática mediúnica ou animista atinente aos cultos de origem africana. É bom lembrar que a prática mediúnica já era exercitada entre os povos africanos muito

---

(1) *Por ocasião do Congresso Afro-Brasileiro, realizado em Janeiro de 1937, na Bahia, houve um memorial em que foi pedido ao Governo do Estado o reconhecimento do* candomblé *como seita religiosa, amparada pela Constituição do país. Disto resultou a organização de uma entidade federativa com o nome de* União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia.

(2) *O expositor apresentou a figura de um «pai de santo», mostrando a influência maometana, como sobrevivência dos escravos sudaneses:* turbante, faixa branca, *etc. e, além disto, o que ainda é mais característico do culto islamita ou muçulmano, os pés descalços. Muitos* terreiros *do Rio de Janeiro, assim como* xangôs *de Pernambuco ainda exigem que os seus frequentadores, sejam crentes ou não, tirem os sapatos logo que entram no recinto das cerimónias. Muita gente não sabe o que significa isto e, no entanto, é uma sobrevivência cultural do Islamismo, demonstrando que, embora o culto maometano se tivesse isolado, o que lhe não permitiu deixar um sulco mais profundo e duradoiro no Brasil, o certo é que os seus traços ainda subsistem nas práticas do sincretismo afro-brasileiro.*

(3) *Segundo o noticiário da imprensa, o Presidente Sukarno, da Indonésia, quando visitou o Brasil, últimamente, praticou um acto público de sua religião, embora estivesse fora do protocolo oficial. Ao entrar no templo maometano, na Capital de S. Paulo (diz-se que o único existente no Brasil), o Presidente Sukarno tirou os sapatos e cumpriu, assim, o ritual do Islamismo, que é a sua religião.*

antes do tráfico escravagista. Seria difícil, porém, distinguir o mediunismo e a magia, porque o *fetichismo* (adoração de fetiches ou objectos tidos por sagrados) envolve relações muito estreitas com as práticas mediúnicas, nos cultos africanos. Ora, o Espiritismo não tem nem admite fetiches, porque ensina justamente o contrário: a adoração interior, o culto natal, isto é, o culto do sentimento, inteiramente destituído de fórmulas, ritual e objectos específicos. Justamente por isso mesmo, o Espiritismo não incorpora nem autoriza que se incorpore o culto de imagens ou ídolos a nenhum de seus actos, como também não usa processos mágicos, tanto assim que Allan Kardec separou muito bem a fenomenologia espirita e a magia, fazendo sentir que o Espiritismo não tem parentesco com a magia.

Além de tudo, convém notar que o Espiritismo não prescreve e não comporta ritual de *iniciação*, porque não adopta qualquer tipo de símbolo ou convenção. A iniciação do adepto é um problema de consciência, é um compromisso moral e, portanto, um acto subjectivo. Quem se inicia no Espiritismo, por espontânea vontade, deve estar disposto a aceitar as consequências morais da doutrina, dentro do conceito de Kardec: *Conhece-se o verdadeiro espirita pela sua transformação moral.* O compromisso é inteiramente moral, porque implica a presunção da responsabilidade individual. Não há necessidade do *baptismo*, nem de *provas de fogo*, nem de *lavagens*, *prosternação* ou qualquer outra cerimónia de iniciação religiosa. Mais um motivo para se reconhecer que o Espiritismo não tem relação com as cerimónias do sincretismo afro-brasileiro. Note-se, ainda mais, que o Espiritismo não tem vinculação com o Judaísmo, o Islamismo, o Catolicismo ou qualquer outra religião organizada, como também não se prende a nenhuma escola ou comunidade oriental: repousa sobre a ciência e não sobre dogmas, segundo as próprias palavras de Allan Kardec. É certo que existem pontos de relação, aliás muito geral, como a crença na reencarnação, que é mais velha do que o Cristianismo, a comunicação dos espíritos, a prática mediúnica, por exemplo, mas também é certo que o Espiritismo tem uma contextura doutrinária toda especial, não copiou nem imitou nenhuma fonte antiga, mas simplesmente aceitou ensinos e concepções, que, não sendo privativos de uma escola ou de uma seita ou grupo secreto, se ajustam ao espírito científico e ao raciocínio filosófico. Se, na realidade, o Espiritismo adopta a moral de Jesus, cumprindo-lhe restaurar o verdadeiro espírito do Cristianismo, tão desfigurado pela idolatria e pelas interferências humanas, não se pode concluir daí que o Espiritismo esteja configurado em qualquer tipo de culto formalizado. Logo, o Espiritismo não está nem poderia estar integrado no sincretismo religioso.

Nossos antropólogos, legistas, psicólogos e sociólogos, na maioria, estudaram apenas o aspecto mediúnico, mas não estudaram pròpriamente o Espiritismo. Daí o engano, quase generalizado, de pretenderem identificar o Espiritismo com cerimónias de origem africana e manifestações de espíritos nos terreiros, como se o fenómeno, por si só, pudesse definir o Espiritismo. Como se define, afinal, o Espiritismo? Que o diga o próprio Allan Kardec: *O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.* Disto decorrem naturalmente consequências filosóficas e religiosas, formando a homogeneidade da doutrina. O Espiritismo é, portanto, o CORPO DE DOUTRINA, não é o fenómeno isolado. A confusão, entretanto, é flagrante até mesmo nos homens de ciência, por incrível que pareça. É preciso evitar, a todo custo, que o sincretismo afro-brasileiro, com as suas manifestações materiais, que falam aos sentidos, mas não espiritualizam, termine absorvendo o movimento espirita, pelo menos em boa parte, por falta de cultura doutrinária.

## CONCLUSÃO

Depois de tudo, podemos dizer que os especialistas em culturas e religiões africanas, na maior parte, partiram de uma premissa falsa, isto é, que *mediunismo e espiritismo são a mesma coisa.* Desse inicial resultam muitas afirmações inverídicas em diversas obras de erudição, apesar da honestidade intelectual de seus autores. Cumpre, entretanto, ao próprio movimento espirita esforçar-se cada vez mais para desfazer os equívocos, embora saibamos que muitos desses equívocos são bem intencionados, porque exprimem apenas noções defeituosas ou ausência de boa orientação doutrinária.

Seja-nos permitido, agora, formular os seguintes raciocínios, para concluir:

a) — O Espiritismo não está no fenómeno, conquanto o fenómeno lhe sirva de objecto, como elemento de comprovação;

b) — se o Espiritismo não está no fenómeno, é lógico inferir que nem toda a prática de animismo ou de mediunismo é Espiritismo;

c) — se nem toda a prática mediúnica é Espiritismo, porque só deve ser considerada legítima prática espirita aquela que se conforma ao carácter da doutrina, consequentemente as práticas mediúnicas observadas nos cultos afro-católicos e afro-islamitas, embora tenham por base a manifestação de espíritos desencarnados, o que, aliás, não poderia ser negado, têm características diferentes, porque participam de um sincretismo religioso, decorrente da junção de elementos heterogéneos, inclusive o fetichismo.

Logo, o mediunismo e o animismo que os estudiosos identificam no sincretismo religioso do Brasil não se confundem com o Espiritismo, porque:

em primeiro lugar, o Espiritismo é uma doutrina que tem UNIDADE e características próprias, ao passo que o sincretismo se caracteriza pela diversidade e heterogeneidade;

em segundo lugar, o Espiritismo não tem culto material, como também não saiu de nenhum sistema ritualístico ou mitológico, porque é uma doutrina independente, constituida na segunda metade do

# COMUNICAÇÃO DE REPER-SIAM

**No dia 27 de Outubro de 1946, na presença de João Amado Venâncio, Isidoro Duarte Santos e Maria Gonçalves Duarte Santos (médium)**

*Boa noite, amigos. Que Jesus vos ilumine, que Jesus vos guie os passos, a fim de que a santa causa que defendeis se expanda cada vez mais e chegue a todos os recantos da terra.*

*Não esmoreçais, nem percais tempo a pensar na vastidão do programa, nem nas lutas e desilusões que tendes de vencer. O que precisais é de coragem, muita calma e muito auxílio do Alto. Este não vos faltará, se souberdes merecê-lo com pureza de pensamentos e de acções, se souberdes harmonizar os actos com as palavras.*

*É preciso que o Espiritismo tenha maior expansão. É preciso desbravar a terra árida, é preciso que as vossas forças se não desperdicem, antes se congreguem para maior esforço.*

*O panorama espirita associativo é, presentemente, desolador; mas isso não é causa para que a propaganda abrande. O que se não fizer pela maioria, far-se-á pela minoria sem descanso, sem fadiga, não olhando a salário. Estes lançarão à terra a semente que um dia germinará, como tem germinado noutras paragens, onde a fase inicial também foi escabrosa. Os pioneiros duma obra são sempre mártires. É que dentro de cada um está latente a consciência a lembrar o cumprimento do dever.*

*O mundo é um matagal que há-de ser desbravado. Mais do que nunca a audácia, ligada ao espírito de sacrifício, será a grande alavanca que espancará as trevas.*

*Amigo, não hesites. Sê um desses pioneiros e não te amedrontes ao pensar que podes ser um mártir. Para a frente! A vida terrena é um momento; a vida eterna vos espera para vos recompensar do muito que fizerdes.*

*Se fugirdes ao cumprimento do dever, sentireis também o ranger de dentes. Vós sabeis tudo isto, mas nunca é demais repeti-lo, sobretudo em ocasiões decisivas como a que ora atravessais. A vida associativa, para vós, está no ocaso. Outras tarefas maiores vos esperam. Não vos faltará, porém, o auxílio do Alto, se souberdes merecê-lo. Temos muito para vos dar. Os nossos depósitos transbordam, mas vós, como filhos ingratos, preferis ficar às vezes no lamaçal, a levantar para nós os olhos. Depois sofreis, depois lamentais o tempo perdido e o sofrimento inútil ...*

*Não gosto de vos dizer coisas desagradáveis, mas os espiritas que quiserem cumprir têm que despir essa roupagem e entregar-se à Doutrina. A vida mundana não é para aqueles que foram ao planeta com a vossa missão. Não hesiteis, pois, e mãos à obra. Os elementos de triunfo estão ao vosso alcance. Lançai mão deles e caminhai.*

*Como noutras emergências, vos digo: Avançastes de tal modo, que as pontes que deixastes estão destruídas. Agora, ou parar ou morrer.*

*O vosso amigo presente (refere-se a João Amado Venâncio) é desses cuja têmpera não conhece limites. Imitai-o, sede um dos da última hora. Embora no turbilhão da vida mundana, nunca abandona os deveres que sobre ele impendem, como espírita de verdade e como propagandista valente.*

*Do vosso encontro prevejo algo de útil para o progresso de todos. Assim vós saibais corresponder àquilo que de vós esperamos.*

*Do Alto velamos por todos os que saibam cumprir. Por isso, o nosso amigo parta confiante, porque a sua missão na terra ainda vai em meio. É preciso que saiba que o nosso auxílio e o de tantos espíritos protectores nunca lhe faltará.*

*Que Jesus o proteja e a todos nós, para que dentro em pouco a humanidade entre noutra era de redenção e de perdão, onde as almas puras encontrem lugar para expandir a santa lei do Cristo.*

*Amigo, contai sempre connosco, aqui ou em qualquer parte.*

---

século dezanove, acima de quaisquer seitas, dogmas e tradições canónicas.

Então, é lógico afirmar que, pela sua natureza e pelas suas consequências, *O Espiritismo não faz nem poderia fazer parte do sincretismo religioso Afro-Brasileiro.*

---

**INDICAÇÃO DE ALGUMAS FONTES**


ARTUR RAMOS — *As Culturas Negras no Novo Mundo; O Negro Brasileiro; Estudos de Folclore.* Convém ler também *O Folclore Negro no Brasil,* do mesmo Autor.

WALDEMAR VALENTE — *Islamismo em Pernambuco,* (Anuário da Faculdade de Filosofia do Recife, 1941-56).

CHARLES F. POTTER — *História das Religiões.*

MANUEL QUERINO — *Costumes Africanos no Brasil.*

MANUEL DIÉGUES JUNIOR — *Etnias e Culturas.*

RENÉ RIBEIRO — *Religião e Relações Raciais.*

RALPH M. LWEIS — *Los Antiguos Simbolos Sagrados.*

JOÃO DORNAS FILHO — *A Influência Social do Negro Brasileiro.*

DONALD PIERSON — *O Candomblé da Baía.*

OLIVEIRA MAGNO — *A Umbanda Esotérica e Iniciática* (3.ª edição).

ALFREDO D'ALCÂNTARA — *Umbanda em Julgamento.*

L. JACOLLIOT — *Le Spiritisme.*

D. SOURDEL — *L'Islam.*

D. S. MARGOLIOUTH — *Islamismo* (3.ª edição), Col. «Labor».

ALLAN KARDEC — *O que é o Espiritismo; O Livro dos Espiritos* (questões 553-54 e «Conclusão»); *O Livro dos Médiuns* (cap. XXV n.º 17).

# A REVELAÇÃO DE UM CRIME

por Philip H. Godsell

O Chefe Jack Woods, do Departamento de Investigação Criminal, empurrou com enfado a larga pilha de processos arquivados, processos lamentàvelmente tidos por insolúveis pelos zelosos agentes da Real Polícia Montada do Canadá. Depois, num gesto brusco, estendeu a mão para o telefone e atendeu troncas. Nervosamente esperou a ligação de Beechy, Saskatchewan, até ouvir a fala do Comissário Carey, o que o fez sorrir ao ripostar:

— Melhor seria que vocês fossem ao psiquiatra! Levar a sério os boatos da má-língua dessa terrinha é o cúmulo!

Mas do outro lado o Comissário insistia, teimoso, formalizado. Por fim Woods decidiu-se:

— Está bem, irei aí.

Ora eu acabava de chegar a Saskatoon Barraks, para, regalada e bucòlicamente, passar alguns dias agradáveis com o meu velho companheiro, dado que a última vez que eu vira Jack Woods fora quando, em trenó de cães, inspeccionava as feitorias de peles nas geladas e ermas terras do norte pertencentes à Companhia da Baía de Hudson. Mas logo por má sorte encontrara o meu amigo mergulhado na solução do caso de Scotty McLaucklin, vida e alma da actividade social da pequena cidade de Beechy e que havia desaparecido três anos antes sem deixar rastos.

Eis-nos, pois, a caminho no grande carro da polícia, saltitando sobre o branco trilho da neve, com os ramos das árvores fustigando-nos a face e a voz de Woods contando a sua conversa com Carey e a génese do caso:

Na noite anterior, 10 de Dezembro de 1932, o Comissário Carey assistira, no pequeno cinema citadino, à exibição dum clarividente, o Professor Gladstone, sem que o seu olhar crítico e um pouco céptico se impressionasse com a fama de que ele gozava. Mas em certa altura deu um pulo na cadeira ao ver o médium deter-se ante o fazendeiro Bill Taylor e disparar-lhe de chofre: «Com que então a pensar no seu amigo Scotty McLaucklin?» — o que varou o homem de espanto. Com os olhos fixos nele, o clarividente prosseguiu:

— Sim, foi brutalmente assassinado e o seu sangue manchou a neve na noite!

O Comissário, já de pé, enquanto a assistência, como que petrificada, se entreolhava em silêncio, seguia agora ansioso o desenrolar da estranha cena. Implacàvelmente, a voz do clarividente ressoava no meio da ansiedade da assistência, que sabia que o visado era o melhor amigo de Scotty, desaparecido tão misteriosamente três anos antes. E o próprio Taylor, pálido como um cadáver, testemunhava pela expressão que o augúrio era verdadeiro.

Agora Wood, mais calmo, ia-me explicando os antecedentes do caso, enquanto percorríamos o pulcro desenrolar da paisagem. McLaucklin chegara a Beechy havia 13 anos. Quando sua esposa morreu confiou os dois filhos aos vizinhos. Acabou por perder, na falta de pagamento de impostos, a pequena quinta que compartilhava com um tal Schumacher. No dia 16 de Janeiro (há três anos) despediu-se de seus amigos, dizendo-lhes que partia no comboio da noite para a Columbia Britânica e que gostava de despedir-se deles. E assim desapareceu.

Quando, por fim, nos vimos juntos ao Comissário Carey, disfrutando o calor do fogão, Woods teve que concordar que o Professor vidente concretizara afinal a opinião pública e que era de aproveitar a maré para esclarecer o caso.

No dia seguinte o Professor fez a sua matinal aparição no aquartelamento e não deixei de ficar impressionado pela sua calma dignidade. Era um homem alto, com olhos penetrantes e hipnóticos e uma clara determinação.

Guiando o carro policial, lentamente, pelos aglomerados da povoação, Woods foi colhendo as opiniões que agora, depois da cena no cinema, corriam livremente pelo burgo, chegando à conclusão de que o desaparecimento do fazendeiro se ligava ao facto duma desavença entre ele e Jack Renton motivada pela linda Ivone Bourget, convicção esta mais arreigada pelo casamento dos dois, logo após a partida do desaparecido. Era a voz do povo. Um dos depoentes, Li Iong, sugeriu que falassem a Ed Vogel, grande amigo de Scotty, o qual ouvira da boca de Schumacher — sócio do desaparecido — que qualquer dia o mataria.

Mas Ed Vogel, que aparentava amnésia, de nada se recordava e Woods dispunha-se a partir quando o velho Professor emergiu da sombra para dizer: «Sei o que aconteceu». E voltando-se para Vogel disparou-lhe: «Vou dizer-lhe o que se passou: você estava doente de cama, quando lhe apareceu Schumacher e lhe disse que tivera uma discussão com o sócio, jurando que o matara».

Vogel, atónito, só pôde murmurar: «Tem razão, foi assim. Ele jurou que mataria Scotty».

Em face do testemunho o carro tomou o rumo da quinta onde Schumacher era hoje o rei e os meus companheiros da polícia, já francamente impressionados, olhavam o doutor com o respeito do incompreensível. Ao chegar ao domínio um velho trabalhador disse-lhes que o patrão estava ausente, mas nós aproveitámos o ensejo para dar uma volta nas instalações.

O Prof. Gladstone, errando pela estância, declarou a certa altura:

— Há qualquer coisa de estranho nesta quinta. Um odor especial...

Mas como o proprietário se demorava e a busca não dera resultado, entrámos no carro para regressarmos a Beechy. Sob os arbustos os nossos faróis desenhavam arabescos fantásticos e em silêncio íamos avançando, quando, de repente, um enorme camião quase nos esmagou, continuando a marcha sem parar. Furioso, Woods deu volta ao carro e lançou-se em perseguição do pesado veículo. Alcançou-o e identificou-se ante o homem (um gigante loiro) que o olhava por detrás do volante.

— Schumacher! — exclamou Carey ao vê-lo.

Woods ordenou ao homem que saísse e disse-lhe que andavam à procura dele. E começou sem mais preâmbulos a interrogá-lo, logo que atingimos Beechy. O suspeito limitou-se, contudo, a repetir o que dissera à polícia dois anos antes:

— Paguei a McLaucklin 50 libras pelo seu cavalo e o resto do gado e um cheque de 70 libras pelo material. Depois, nunca mais o vi.

Sem nada mais conseguir do obstinado declarante, Woods dispunha-se a encerrar o interrogatório,

# O Espiritismo através dos tempos ou o seu aspecto esotérico

Ser espirita é ser cristão racionalista, é ser possuidor duma fé e duma crença inabaláveis, porque são firmadas na razão pura. E, nestes termos, tal fé e tal crença defende-as ele com toda a convicção e com todo o entusiasmo.

Mas há também espiritas que têm os seus sentimentos místicos baseados noutras organizações religiosas, como os budistas, os maometanos, os hebreus; mas aquela fé e a crença na existência e sobrevivência da alma têm neles o seu fundamento na razão esclarecida pela experiência e pelos factos.

Porque as manifestações do mundo espiritual dão-se no seio de todos os povos e de todos os credos, e têm-se registado desde que os homens, saídos do período puramente animalesco, começaram a ter sensibilidade conveniente para verificar aquelas manifestações, que deram origem a um especial corpo de doutrina. E os que assim foram observando e verificando que outro mundo de inteligências livres e invisíveis envolvia o mundo das inteligências cativas em corpos de carne, movimentando-se estas como que algemadas sobre a Terra agreste que o Sol ilumina, foram ao mesmo tempo estudando as condições da vida espiritual invisível e tomando, assim, conhecimento de circunstâncias transcendentalíssimas e de difícil compreensão para a maioria dos viventes humanos, e então tais conhecimentos foram conservados secretos e só transmitidos, dos iniciados ou conhecedores, aos que davam provas de os saber aproveitar e compreender.

Os egípcios foram os maiores cultores daquelas doutrinas.

Eram as doutrinas ocultas ou secretas, também designadas esotéricas.

Mas os tempos foram rodando, e o segredo que elas continham foi-se rompendo e hoje muitos milhões de criaturas as conhecem, ainda que superficialmente, enquanto outras as aprofundam naqueles pequenos pormenores onde chega a sua compreensão.

O Espiritismo místico ou filosófico é um aspecto daquelas doutrinas ocultas, vistas à luz dos progressos morais e espirituais dos tempos decorridos, desde meados do século passado até hoje.

As doutrinas que o Espiritismo difunde eram, pois, já conhecidas nos tempos dos faraós e apregoadas por alguns dos mais categorizados filósofos dos tempos áureos da Grécia, e têm, para os tempos de hoje e futuros, sublimes consequências morais, espirituais e sociológicas.

O mundo espiritual abre-se, pois, à compreensão dos terrenos, através daquelas doutrinas, duma forma maravilhosa. Deixa de haver o mistério do invisível, deixa de haver o lado trágico que a morte tem mantido até hoje.

Aquelas doutrinas sintetizam-se nesta lei que Kardec enunciou e concretizou nas suas obras: «Nascer, morrer, tornar a nascer e progredir sempre».

Esta lei contém em si marcado o destino de todos os seres, culminando aquele progresso ou evolução no aperfeiçoamento espiritual do ser humano, que assim caminha sempre para os mais altos planos divinos, absolutamente incompreensíveis ao nosso entendimento.

Assim, nascer e morrer têm significados iguais: quando se nasce **morre-se** para o mundo espiritual, a que, em espírito, deixamos de pertencer, e quando se morre **nasce-se** para o mundo espiritual para onde voltamos. A morte, vista por este aspecto, deve ser festejada e não pranteada. E há povos que assim procedem.

E porque se nasce e porque se morre?

E porque nos impele o destino, ou seja a Lei, a nascermos muitas vezes e a morrermos outras tantas?

E se a Perfeição espiritual e a Beleza física são atributos inerentes a todos os humanos, porque não nascemos todos perfeitos e todos belos?

E donde vimos e para onde vamos?

Pois a estas interrogações respondem a filosofia da doutrina espirita comprovada pelos factos correlativos, e o misticismo dos seus conceitos divinos.

Estudemos, portanto, aquela doutrina para compreendermos tanta coisa que ignoramos e podermos explicar tanta coisa que a filosofia profana não explica.

**JOSÉ FRANCISCO CABRITA**

quando o quase esquecido Gladstone se levantou do canto onde se sentara, preso de estranha excitação, murmurando com voz entrecortada:

— O celeiro! O celeiro! Você seguiu Scotty ao celeiro, forçou-o à discussão, depois ao pugilato e quando o apanhou caído, bateu, bateu, até o matar e enterrou-o não longe do local.

O professor tremia ao cair sobre a cadeira, enquanto o efeito sobre Schumacher era fulminante. Mas, passado este colapso, voltou à sua atitude de desafio e de mutismo.

Na manhã seguinte o carro policial levou o preso e dirigiu-se para a quinta, junto à qual já dezenas de carros se amontoavam. A nova correra célere.

Deixando Schumacher sob custódia, seguimos o Professor em direcção ao celeiro. Mas desta vez Woods já não ria. Um silêncio de morte pairava sobre nós, enquanto o vidente agitava uma vergasta de salgueiro sobre o chão coberto de neve dura. De repente parou e sem hesitar voltou-se para Woods e disse-lhe:

— Aqui debaixo encontrará o que resta de Scotty!

Febrilmente começou a escavação do local por entre a expectativa dos curiosos e a ansiedade da polícia. Duas horas de inúteis esforços levaram por fim Woods a dizer que perderíamos o tempo, quando, de repente, um dos trabalhadores teve um grito de surpresa, agitando uma peúga de lã. Continuando a cavar, em breve surgiu um crânio e logo um esqueleto completo coberto ainda de carne seca e de cabelos, envolto nas vestes podres e sulcado de vermina.

E foi assim que um leitor da mente humana pôde decifrar um mistério que preocupara durante anos e sem resultados a Polícia Montada do Real Domínio do Canadá.

**(Do «Fate» de Setembro 1959)**

# RAZÃO E LÓGICA

Por RUY RIBAMAR

*«Nada hay de más difícil que las cosas sencillas».*

ANTÓNIO MACHADO

No ingente concerto do Universo quantas estrelas corresponderão ao tácito apelo dos poetas, às inquietações dos pensadores, ao afã dos sábios, à trágica frustração dos que se interrogam na anónima cumplicidade da noite sobre princípio e fim, vida e morte, destino e sina e aos que olham um Deus invisível e magnânimo, fonte e remédio de tudo quanto existe? E quantas vezes frases como esta foram lançadas na passividade do papel e por demais repetidas sem que se lhes apreenda o sentido?

Ser com o dom do raciocínio, o homem guarda bem no íntimo o travo amargo da sua limitação e todo o seu anseio é, espiritual e fìsicamente, evadir-se do seu círculo biológico, das cadeias da força egocêntrica da gravidade. O problema do Infinito dentro da sua condição finita é de todos o que, de longe, mais domina o signo do humano: acicata a Ciência, auxilia as religiões e nessa ânsia latente e fatal de evasão descentra muito dos termos de equações que são bem mais metafísicas do que físicas. Pouco a pouco a técnica tem diligenciado transpor esta fronteira, na marcha lenta mas admirável da ciência, numa ingente tentativa de mudar a face do mundo em que vivemos dentro dos nossos cinco sentidos ou de, alfim, a identificar.

Mas será, de facto, dado ao homem ir mais além do Universo aparente? Do Universo que lhe está reservado? Será esse o seu destino, a sua missão e será a conquista de planetas (uma aventura doméstica em relação ao Cosmos) que resolverá qualquer dos grandes problemas do seu papel na eternidade e das suas razões de existir? Não o creio.

Forma corpórea, que importa, afinal, que da incursão fora do *habitat* resulte um novo ser se só o que nele conta é a alma espiritual que o anima? É nela que está, sem dúvida, o segredo da Eternidade e do Infinito. Só a alma pode transpor a forma e quando o médico, ante o espanto dos que vivem e não aceitam o fim biológico, abandona o pulso do doente, bem sabe que aquele ser, belo ou horrendo, não é mais do que uma massa corrupta de células, pasto de outras vidas que por sua vez outras gerarão. Mas por sobre a complexa alquimia que irá decompor a morfológica, harmoniosa e perfeita máquina sem vida, igualmente sabe que alguma coisa dela se evolou: o fluido vital — dizem os materialistas; o fluido psíquico — dizem os espiritualistas.

Seja qual for a nossa posição religiosa, filosófica ou agnóstica, perante o facto da existência da imortalidade da alma também a técnica foi forçada a concluir, experimentalmente, que o poder de comunicação entre os seres através do espaço e por meios espiritas é um facto axiomático. A telepatia é hoje um dos capítulos da parapsicologia e a retrovisão e a profecia são, por outro lado, a sua prova mais cabal na abstracção do tempo e demonstram em si que o homem existe no momento da sua efémera passagem mas que pode *recuar* ou *avançar* psìquicamente sem essa premissa temporal do seu momento (um caso que apaixonou Freud) no espaço da eternidade.

Cabe agora perguntar: se o espírito parte para o Infinito após o trespasse do seu viático como entidade independente do tempo e da forma qual é o seu destino nessa Eternidade? Sendo uma essência emanada dela não pode, lógica, insofismàvelmente voltar a integrar-se no todo como uma parte abstracta emprestada a um corpo. Um destino a espera, após a encarnação, na imensidade das eras, um destino que lhe dá a possibilidade de estar presente em toda a vida (hipótese da reencarnação) ou sem dela depender e podendo dela abstrair (hipótese da não-reencarnação).

É esta realidade recionalista que força a inteligência a não se contentar com a solução religiosa — útil, no entanto, como panaceia moral para o homem deste mundo — que aceita através do milagre a sobrevivência que o Espiritismo tem como expoente real.

Mas o lado que mais apaixona todo aquele que enfrenta uma solução honesta e sincera, sintetiza-o bem a pergunta: terá cada espírito na Eternidade uma autonomia de existência livre, podendo, por intemporalidade e ubiquidade, comunicar não só com este mas com todos os outros mundos que o homem desconhece? A ser assim e como a matéria é uma constante do espírito teríamos «ab initio» uma linha preconceituada «do todo para um» que nos levaria a aceitar a pluralidade do cosmos como um domínio espiritual aberto aos que na terra esperam a hora decisiva e que na terra tiveram um lapso dessa eternidade. A aventura espacial do homem seria então e apenas uma possibilidade antecipada da linha do seu destino metafísico.

Numa época em que a filosofia está ultrapassada no que chamamos especulação, em que as religiões cada dia mais se dividem numa surda guerra pela divindade (como bem se diz num artigo nesta revista publicado e subscrito pelo sr. Doutor Karl B. Müller) o homem tem que tentar o impossível para identificar, compreender e utilizar as forças espirituais que o acompanham na sua gesta. E nenhum preconceito político ou religioso deve impedir esse supremo desiderato da Inteligência.

## PARA MEDITAR

**Dois animais são os que em nós fazem mais estragos. Um é fero e bravo, que é a inveja; o outro é manso e doméstico, que é a adulação. Quanto mais apreciarmos a sabedoria e a virtude, mais aborreceremos a lisonja que nos impede de ser sábios ou bons, dando-nos a entender que já o somos. E antes devemos agradecer a admoestação que nos mostra o que nos falta e onde e como devemos alcançá-lo. Pobre do homem que não tem quem o admoeste quando é necessário.**

**JUAN LUÍS VIVES**

# Reflexões sobre a Federação Espirita Internacional

por HUMBERTO MARIOTTI

As épocas, tanto científicas e sociais como religiosas e espirituais, determinam movimentos e atitudes que forçam ideologias, princípios e doutrinas a pôr-se em ligação com o plano evolutivo alcançado.

As ideias só caminham, desde que se integrem no espírito progressivo da sua época; de contrário serão rejeitadas e deslocadas, tidas como ineficazes à marcha da evolução. De resto, as ideologias serão benéficas se forem escudadas por meio de instituições inteligentemente organizadas e capazes de agir sobre os problemas que baseiam o progresso dos povos. É claro, que toda a ideia, por maior e verdadeira que seja, será ineficaz se as suas organizações e centros de acção não forem regidos e dirigidos por instituições bem coerentes e ligadas estreitamente entre si.

O Espiritismo, que é um humanismo espiritual e social para a humanidade, não poderia escapar a esta necessidade orgânica. A sua doutrina, que se dirige ao mundo, assume, desta forma, um cacácter colectivo que obriga a fechar-se numa só zona de actividade. Para se alargar a toda a sociedade é preciso organizar-se, não apenas nos planos nacionais, mas igualmente no plano internacional. Lembremo-nos de que os movimentos colectivos, se não quiserem alhear-se dos problemas sociais, disporão sempre de organismos internacionais, cuja missão é participar activamente nas suas lutas e dificuldades.

Agora é esta a razão pela qual o Espiritismo poderia contar com uma Federação Espirita Internacional, com sede fixa num ponto estratégico do mundo, a fim de que sob o seu governo e direcção o movimento espirita se uniformizasse e demonstrasse ao mesmo tempo que existe como entidade internacional.

Por exemplo, citaremos o movimento teosófico que, longe de ter a envergadura e a extensão da causa espirita, possui em Adyar, na Índia uma sede mundial para onde convergem todas as instituições teosóficas do mundo. É lá que reside permanentemente a direcção da Sociedade Teosófica mundial, donde conduz de maneira homogénea todos os seus partidários. E as consequências práticas desta centralização são as seguintes: uniformidade internacional de aspiração, existência dum estatuto mundial para reger a vida dos ramos aderentes, aceitação de três objectivos fundamentais: «formar um núcleo de fraternidade universal», continuar no estudo comparativo das religiões, filosofias e ciências» e «investigar as leis inexplicáveis da natureza e os poderes latentes no homem».

Desta maneira o movimento teosófico possui características que o distinguem de qualquer partido do mundo. E esta uniformização de meios não está de modo algum em luta com as resoluções de ordem individual.

O Espiritismo, pelo contrário, se bem que possuindo valores humanistas e históricos em ligação com as necessidades objectivas e espirituais da sociedade contemporânea, tem falta duma Central para que os seus valores se possam enraizar no seio dos povos. Mais ainda, o Espiritismo não possui uma acção mundial que lhe permita penetrar nos meios culturais e sociais.

É evidente que somos responsáveis por estes factos, visto que falta aos espiritistas a noção precisa do que significa o «espírito melitante». Lembremo-nos que o Espiritismo é um movimento de massas e não sòmente, como muitos julgam, um laboratório metapsíquico ou parapsicológico. Se tivermos em conta as grandes visões religiosas e sociais da codificação kardecista, compreender-se-á depressa que o Espiritismo possui as mesmas características do Cristianismo primitivo. Admitir-se-ia que a sua tarefa histórica consiste em transformar a concepção materialista do homem e da vida numa concepção espiritualista baseada na ciência, na filosofia e na religião iluminada pelos clarões espirituais da 3.ª Revelação.

A doutrina espirita, visando a reforma do indivíduo, toca por consequência a reforma da própria sociedade, no que se refere às leis civis e sociais que se repercutirão para melhorar a ordem das coisas existentes. Esta dupla reforma operar-se-á por uma disciplina espirita incessante que, para ser efectiva, deverá, por sua vez, ser escudada no «espírito militante» duma Federação Internacional ligada em permanência aos Centros filiados que a constituem, a fim de animar e de promulgar, como fazia Kardec, «a unidade de princípios», que conduzirá infalìvelmente à «unidade de acção».

Enquanto existir uma Federação Internacional cujos dirigentes vivam separados por grandes distâncias, sem domicílio nem local fixos, a acção internacional do Espiritismo terá falta de envergadura e passará despercebida, como é actualmente o caso dos povos que aspiram a novo tipo espiritual e social de civilização.

Todavia, a acção positiva do Espiritismo deveria assinalar caminhos de futuro aos governantes e instituições culturais, sobretudo neste momento de verdadeira desorientação do espírito humano.

Se o Espiritismo se mostrasse apenas como simples crença destinada a satisfazer grupos individuais ou familiares, a sua missão espiritual, chamada a revolucionar o sistema materialista sobre o qual a civilização cristã se baseia acabaria por desagregar-se. Para estar de acordo com o homem moderno e progressista, a Federação Espirita Internacional deverá ser absolutamente

militante. Deverá ter uma sede social fixa, que atrairá a atenção de toda a família espirita mundial e receberá dela a orientação necessária relativa à propaganda doutrinária nos meios intelectuais e populares.

Allan Kardec, que é pràticamente um desconhecido para muitos dirigentes espiritas anglo-saxões, falou-nos, em «Obras Postumas», da «Constituição do Espiritismo», e eu ponho em relevo os benefícios que advirão para o movimento espirita da existência duma «Comissão Central». Ele estabeleceu então um plano de trabalho que, na sua época, significava uma verdadeira marcha para o Espiritismo militante. E, como bom dirigente que era, acentuou igualmente que um organismo central teria a vantagem de neutralizar o personalismo, sempre nocivo, dum *só chefe*. Mas onde Kardec revela verdadeiro senso prático é quando declara:

— *Para o público estrangeiro, um corpo constituído disfruta de mais ascendente e preponderância; sobretudo, contra os adversários e representa uma força de resistência e de acção que não se encontraria num indivíduo: luta-se incomparàvelmente com mais vantagens. Atacar um indivíduo é bem deferente do que atacar uma entidade colectiva. Numa entidade deste género há também garantia de estabilidade que não existe, quando tudo assenta sobre uma só cabeça. Que, por uma razão qualquer sobrevém um impedimento e tudo pode desaparecer com o indivíduo. Pelo contrário, nenhum perigo correrá uma entidade colectiva (no nosso caso, a Federação Espirita Internacional), que sobrevirá, mesmo se perder um ou mais dos seus membros.*

É a esta «entidade colectiva» que nós desejamos aludir, quando assinalamos a necessidade duma Federação Espirita Internacional, com uma sede fixa em qualquer ponto estratégico da terra. É claro que esta Federação, tal qual existe, não constitui uma «entidade colectiva» que apoie e dirija os distinos do Espiritismo mundial. Ela apareceu-nos como entidade débil e simbólica, cuja acção não poderá jamais fazer-se sentir, em virtude da forma como está organizada, porque, como dizia muito bem Kardec, os espiritas, se não tiverem *um centro para elaboração das ideias, não poderão comunicá-las; e as suas impressões e observações, disseminadas e frequentemente divididas, abandonariam finalmente os estudos e trabalhos e a difusão da doutrina ressentir-se-ia.* A isto acrescentava: *O desenvolvimento das ideias espiritas, longe de demonstrar a inutilidade deste centro, torná-lo-á sempre mais necessário, porque o desejo de reaproximação e formação dum núcleo homogéneo será tanto maior, quanto mais considerável for o número dos adeptos.*

Como se vê, estas notas de Kardec traduzem a imprescritível necessidade de que a Federação Espirita Internacional (que nós estimamos e consideramos, com todo o respeito na sua forma actual) disponha da sua própria sede com as suas instituições acessórias e complementares. Allan Kardec dizia que estas deviam constituir *uma biblioteca, um museu, um dispensário, uma caixa económica, uma caixa geral do Espiritismo, uma sociedade, onde se realizariam regularmente conferências e uma casa de repouso.*

Desta maneira a Internacional Espirita seria uma organização activa e dirigente do Espiritismo mundial, dando assim forma à «entidade colectiva» mencionada por Kardec. A sua missão seria assegurar a unidade de princípios e a unidade de acção, dois elementos necessários para criar um movimento espirita internacional, disciplinado e homogéneo. Seria mesmo necessário que a Federação Espirita Internacional tivesse um registo de todos os adeptos espiritas do mundo, os quais, depois de terem sido reconhecidos pelas suas federações nacionais, seriam registados para melhor identificação com menção da sua «qualidade» de professo ou de militante, como Allan Kardec preconizava na sua «Constituição do Espiritismo».

É assim que a Federação Espirita Internacional, cujo presidente está na Suíça, o vice-presidente nos Estados Unidos, o secretário geral na Suécia e o tesoureiro na Inglaterra, não poderá realizar nada em favor da organização e da disciplina espirita, atendendo a que, pela sua disposição actual, é um organismo que só existe simbòlicamente.

Hoje as organizações internacionais têm a sua residência fixa e bem estabelecida em qualquer parte do mundo. Lembremos a organização das Nações-Unidas que, depois da sua inteligente constituição e acção permanente, concretiza uma real esperança de confraternização e entendimento dos povos. Em oposição, poder-se-ia dizer que o Espiritismo tem carência de meios para uma sede própria. Mas, em qualquer movimento no qual o espírito militante se afirme, a questão de dinheiro será sempre secundário. O sentido de organização e de comportamento passará ao primeiro plano, porque é o verdadeiro instrumento com que contam os dirigentes dos movimentos colectivos.

Por outro lado, se se tivesse criado como aconselhava Kardec naquela época, a «Caixa Geral do Espiritismo», o dinheiro necessário não teria faltado através da contribuição dos milhões de espiritas disseminados pelo mundo para criar uma rede internacional do Espiritismo. Entretanto, a nossa opinião é que este movimento carece de organização e de visão para atingir um fim verdadeiramente positivo. A questão de dinheiro por contribuição idealista seria favorávelmente resolvida. Mas, não se contou com o idealismo internacional que, mais do que os meios pecuniários, representa o verdadeiro sustentáculo do Espiritismo militante e mundial. Quase sempre se tem conduzido o movimento espirita com espírito conservador personalista, esquecendo-se frequentemente que o Espiritismo representa a transformação permanente da antiga ordem espiritual e é chamado a formar uma «Nova Espiritualidade» que baseie a civilização presente.

Se o Espiritismo for considerado prática estreita e rotineira, convertendo as sociedades espiritas em Centros exclusivamente fenomenistas, trasformar-se-á em doutrina passiva e inoperante. Pelo contrário, se se reconhecer como factor do *processus* histórico, quer dizer, como a Terceira Revelação do mundo espiritual, então compreender-se-á o seu conteúdo humanista e revolucionário. É sob este aspecto que os dirigentes e intelectuais espiritas poderão trabalhar na sociedade humana e nela depor os valores substanciais da ideologia espirita.

A nossa opinião é que a Federação Espirita Internacional deverá reorganizar-se sobre novas bases. A América latina deseja um organismo internacional que conduza o Espiritismo para disciplina homogénea». A causa espirita é hoje um movimento espiritual que está em condições de

# ALGUÉM VAI MORRER

por Wynne E. Lisett

Nós vivíamos em Cheshire uma vida pacífica e sem história, quando meu irmão mais velho, Dan, se viu sùbitamente sujeito a uma prova psíquica que, pela sua estranha peculiaridade de previsão da morte no tempo e no espaço, deu à sua vida um sentido diferente do dos outros mortais. E, contudo, meu irmão era incapaz de prever quaisquer outros acontecimentos que não fossem afins do trespasse de entes a quem nada o ligava ou a quem o uniam laços de amizade.

Eu não sei se o preconhecimento se pode herdar por ancestralidade, mas o que é certo é que já a minha avó paterna possuía a trágica possibilidade de antever o fim do humano trânsito, faculdade esta que nela se estendia a outras esferas, ao passo que em Dan, como já dissemos, se canalizava só numa direcção.

Em 1907, quando Dan contava apenas 7 anos, a família começou a notar acontecimentos demonstrativos de que a criança tinha a faculdade de profecia consciente, assustadora naquela idade. Um dia, por exemplo, o infante chegou a casa excitadíssimo e declarou, entre soluços, que «vira seu velho mestre a dormir numa grande caixa de madeira» e que isto acontecera no ginásio à hora das orações, quando o professor se encontrava atrás da sua secretária. Dois dias depois o austero pedagogo foi encontrado morto, caído sobre a mesa de trabalho, vitimado por síncope cardíaca. Foi a primeira prova de um poder que o havia de acompanhar durante a vida.

Com a idade, Dan aceitou o facto e amiúde o discutia com a família, dando às vezes mostras de grande depressão ante o privilégio de que dispunha para prever a morte. Uma vez passeávamos juntos e Dan parou sùbitamente, como sem alento. A sua face, já de si pálida, assumiu lividez cadavérica, enquanto os olhos se fixavam em qualquer coisa invisível.

— Não passo daqui — declarou ele com voz tão diferente, que mal a reconheci.

Voltámos. E ao chegar perto do ponto de partida, não me contive mais e perguntei:

— Viste alguma coisa?

— Não, mas aspirei o olor da morte, que tanto odeio. Alguém morrerá aqui.

Efectivamente, o jornal da tarde noticiava um acidente de trânsito naquele local e a morte dum homem em consequência do choque.

Em Outubro de 1929, meu pai, acompanhado de Dan, foi à cidade tratar dos seus negócios e ao passarem por um corredor meu irmão viu de repente um esqueleto balouçando-se a seu lado e o pobre rapaz quase desmaiou de emoção. Sem dúvida que tinha razões para isso. Pouco depois meu pai morria de cancro, com surpresa da família, menos de meu irmão.

Bob Avery, robusto e simpático moço de 20 anos e o seu melhor amigo, era dos poucos que conhecia o estranho poder de Dan e pedira-lhe que lhe dissesse se algo indicava a sua morte. Mas Dan não lho disse, mesmo quando um dia, ao regressarem os dois do trabalho e Bob se despediu, meu irmão viu a morte a seu lado — uma figura negra compassando os passos com os do alegre jovem, o melhor camarada do vidente.

Ao chegar a casa — num desesperado colapso de dor e choque — Dan disse-nos da sua visão. E não podendo por muito tempo suportar a tensão que o torturava saíu e dirigiu-se a correr para a casa do seu bom amigo. Mas a mãe do rapaz limitou-se a dizer-lhe que ele saíra de novo. Nunca mais o viu vivo — uma sufocação o vitimara antes de meu irmão o poder advertir do seu inesperado fim.

Muitas foram as experiências por que Dan passou durante a sua atribulada vida. A última foi a sua própria, quando se encontrava longe de casa, em 1944, contando ele 44 anos. Telefonou certo dia a meu irmão para lhe dizer «que ao atravessar a ponte um vulto embuçado numa mortalha negra o acompanhara até ao portão para logo desaparecer. Que às 5 horas voltara a fazer o mesmo em sentido contrário. Que isto se repetira dois dias».

Na quinta-feira Dan saíu doente com gripe, uma gripe virulenta no seu ataque rápido e mortal. Morreu no dia seguinte.

Eis uma história verídica, documentada e real dos eternos mistérios do Espírito, vencendo o tempo e pondo os homens ante os seus poderes ilimitados — para além da Vida, para além da Morte...

encontrar novas orientações para a marcha dos povos.

Acabou o tempo (isto preocupa muito os espiritistas latino-americanos) do «espiritismo de salão» que distraía os burgueses. Agora a filosofia espirita deve penetrar na história para lhe dar um sentido capaz de ultrapassar a visão materialista do homem e da vida. E para isso nada existe de melhor que o Kardecismo, injustamente esquecido pelos Europeus, como expressão máxima do nosso espiritualismo.

Se a Federação Espirita Internacional adoptasse Kardec e a sua monumental codificação, cremos que atingiria fàcilmente a unificação do Espiritismo mundial, realizando o que aconselhava o Mestre: «Unidade de acção e unidade de princípio». E assim, além da sua fórmula simbólica de organização, uma forte Internacional Espirita se levantaria com sede própria e um programa moderno de trabalho baseado na «Constituição do Espiritismo» traçado pelo génio de Allan Kardec.

Nesta conformidade a Federação Espirita Internacional poderia ser orientadora do movimento Espirita mundial. E além disso recordará ao mundo materialista e céptico de hoje que o Homem é um Espírito imortal e palingenésico destinado a preencher um grande destino no plano da evolução espiritual e histórica.

**(De «Spiritualisme Moderne», traduziu C. A.)**

# PALESTRAS DOUTRINÁRIAS

## (17) EU SOU O QUE PENSO

Estas palestras foram improvisadas no Grupo «Reper-Siam» e colhidas em magnetofone.

*Continuando a meditar nos grandes problemas mentais vamos hoje falar sobre a orientação, que é a base do êxito. Todos sabem isto, todos o sentem, embora a maioria não o saiba explicar a si própria e muito menos aos outros.*

*Mas eu vou apresentar um exemplo frisante, o exemplo da bússola e do piloto dirigidos ao alvo.*

*Quando se solta rumo no oceano, primeiro fazem-se cálculos e depois ruma-se no sentido colimado. Sabe-se de antemão que se há-de chegar ao porto, se não houver impedimentos, entre eles, a tempestade, correntes marítimas contrárias, ventos fortes, etc. Todavia, o piloto apetrecha-se com todos os elementos indispensáveis. Quer dizer: houve orientação com origem no mental, fonte originária dos pensamentos e das acções.*

*Claro, que há prós e contras: o bom e o mau tempo, o nevoeiro e o estado do navio. Mas para debelar ou ladear esses obstáculos inventaram-se aparelhos, como os goniómetros destinados a dirigir o barco em circunstâncias de má visibilidade, quando não se pode usar o cestante.*

*Portanto, a orientação dos pensamentos é o reflexo do que somos e pensamos. E eu talvez pudesse intitular o trabalho de hoje com esta legenda: «Eu sou o que penso».*

*Ora, se eu sou o que penso, os meus pensamentos devem ser dirigidos a ideias nobres. E se o piloto usou a bússola para obviar o receio de não atingir o porto de salvamento, também nas questões mentais há bússolas para manter o rumo e fugir do perigo que nos ameaça.*

*São tão importantes!*

*O exemplo da bússola é muito rudimentar. É tão comesinho, que nos faria rir, se o pudéssemos comparar com as dimensões do mundo mental. Dei tal exemplo para me tornar compreendido.*

*Esta legenda reside na individualidade total. Está no valor moral, mental e profissional. Mas estes valores têm a sua directriz, a sua orientação positiva ou negativa, pois há valores mentais e profissionais que são verdadeiras negações.*

*O rumo da história, por exemplo, tem a base na mente. Os grandes estadistas traçaram planos, linhas, ouviram conselheiros, transigiram, rectificaram pormenores e as suas obras reflectiram o seu pensamento. São os frutos da árvore que se plantou. Uns cuidaram das liberdades sociais e foram humanistas, como Benjamim Franklin, um dos fundadores da América e inventor do pára-raios. Outros, como Leonardo da Vinci, foram universalistas que orientaram o esforço nas artes, nas letras, e na ciência. Da Vinci foi um privilegiado. O que pensou, realizou.*

*Filho de agricultores modestos de Florença — viveu entre os séculos quinze e dezasseis — foi ao mesmo tempo pintor, escultor, arquitecto, engenheiro, músico, filósofo, um verdadeiro sábio.*

*Mal entrou na escola de pintura deslumbrou imediatamente o seu mestre com vastos conhecimentos de gramática, de música e de aritmética. Conta-se até que o pintor Verrochio — um dos seus mestres nessa escola — abandonou a pintura, depois de o ver pintar um quadro. Ficou tão impressionado, que deitou fora a paleta, os painéis e toda a sua arte, pensando que, depois de ver pintar assim, não teria mais direito de pintar.*

*Em Veneza dedicou-se à engenharia militar e em Florença chegou a competir com Miguel Ângelo, que suplantou até numa competição de pintura. Este último foi um verdadeiro pintor e escultor, dos maiores do seu tempo e cujas obras ainda hoje se podem apreciar em muitos museus espalhados pelo mundo.*

*Da Vinci pode considerar-se um fundador e realizador, pelo menos da Física e da Engenharia. Além disso era anatomista e até estudou o voo das aves e construiu uma máquina voadora.*

*E não ficou por aqui. O próprio pára-quedas deve-lhe a filiação. E também o helicóptero. O primeiro desenho desta máquina imaginou-o ele no século quinze e parte do dezasseis. O helicóptero subia em espiral por meio de parafusos.*

*E não ficou por aqui o seu génio inventivo e criador. Também se lhe deve a teoria sobre a idade das plantas, cuja casca nos indica os anos que têm. Onde se nota melhor o fenómeno é nos sobreiros. A cortiça tem camadas visíveis e sobrepostas e cada uma indica um ano de vida. Pois a ele se deve esta teoria, bem como a ideia do telescópio e da circulação do sangue. Podemos dizer que não houve no mundo um génio semelhante. Foi uma autêntica cerebridade dotada de qualidades insuperáveis no tempo em que viveu.*

*Mas houve e há indivíduos que não souberam nem sabem alimentar o pensamento para ideais nobres ou que deram origem a movimentos retrógados, como Inácio de Loiola e Torquemada.*

*Outros, porém, fortaleceram o pensamento com força de vontade.*

*Assim, a maneira de pensar de cada um abre as portas à fortuna ou à desgraça. Por isso digo que a orientação está ligada à origem mental. E na forma de utilizá-la está o êxito ou inêxito das nossas iniciativas.*

*Verifica-se, pois, que a faculdade de pensar é inata, embora dela irradiem certos atributos que definem o homem.*

*Um é a faculdade de pensar extensiva ao género humano. Todos possuímos faculdade de pensar que tão bem nos distingue de outros seres, ainda que não tenhamos possibilidade de averiguar até que ponto a afirmativa é certa, pois que os animais domésticos e os ferozes, as aves e os insectos, cada espécie, enfim, faz a vida de relação no seu mundo próprio, sujeita, é evidente, à lei de atracção e repulsão.*

*Todas estas qualidades são estados psíquicos permanentes que se desenvolvem, elevam ou degra-*

dam, segundo orientação positiva ou negativa.

O homem, através desta faculdade, pode transformar o ódio em amor, a ociosidade em trabalho. Desenvolve as tendências ao lado da consciência, que automàticamente julga os nossos actos. Qualquer deslise ou inconveniência tem logo a reprovação desse juiz inscorruptível. Por isso a faculdade de pensar, inata no homem, exerce-se de tal modo na vida psíquica e na vida moral, que as boas tendências se escolhem de harmonia com o ditame desse juiz que age sobre nós, porque há exemplos importantíssimos que perduram através dos séculos. Ainda hoje, quando fazemos história, ou queremos impor certas ideias, buscamos exemplos clássicos que atravessaram os tempos à margem da nossa participação e são eternamente novos e eloquentes.

Da maneira de pensar é que resulta a iniciativa individual ou seja o desenvolvimento das nossas faculdades volitivas.

A iniciativa não é exclusivo deste ou daquele. Todos a possuem em maior ou menor grau e podem desenvolvê-la. Provém do carácter, que é um conjunto de hábitos e movimentos que se ligam ao espírito e não ao cérebro, que não é fabricante de ideias ou pensamentos. É um veículo, ao passo que o espírito comanda o cérebro, de harmonia com a vontade.

Há criaturas de grande fecundidade ideológica e na América do Norte seleccionam indivíduos a quem se pagam muito bem ideias originais. Na Fundação Rockfeller há mais de noventa cientistas, cuja tarefa é procurar «ideias diferentes», para todos os departamentos da vida humana, nas artes, na medicina, na técnica, na mecânica, com intuitos de simplificar, porque os génios e os inventores não se fazem de um dia para outro. São produto de elaboração vagarosa. Estudam primeiro o que os outros fizeram, mas tentam superar o já conhecido, fazer melhor, encurtar caminhos, dar maior conforto, porque, sempre que surge uma inovação desse género, um luzeiro se acende na alma da humanidade, por estarmos habituados a ver que os grandes inventos são primeiro utilizados na destruição e só depois, quando o Moloch está repleto, é que o supérfluo se aplica ao bem-estar do mundo.

Mas — dizia eu — a fecundidade das ideias é oriunda da elevação mental. O pensamento deve orientar-se e dinamizar-se; de contrário estratifica e morre. E o pensamento estratificado não resolve problemas. Se eu tiver vontade de auxiliar alguém e nada fizer é como se nada pensasse. A iniciativa é que distingue os homens.

Se eu vir um cego caído e disser: «coitado!», pouco adianta. Mas se o vir cair e procurar ampará-lo farei melhor.

Assim, eu sou o que penso. É legenda que todos devemos fixar na memória. A iniciativa é uma faculdade máscula. Distingue até o empregado do patrão. Empregado que se limite a cumprir o dever do cargo, a ser atencioso, a chegar a horas, não é suficiente para o serviço que lhe compete. O empregado deve ter mais alguma coisa, que se chama iniciativa. Deve procurar fazer melhor do que se fazia até então e sugerir ideias ao gerente, não como cientista da Rockfeller, mas como peça de uma engrenagem rítmica. Entre as ideias haja uma que possa economizar tempo e modificar a técnica. O gerente, por seu lado, não deve fechar-se com as ideias. Porque há certos patrões com ideias fechadas; e quando um empregado lhe sugere a modificação deste ou aquele serviço no sentido de melhorar, ouve e cala, porque o seu orgulho é grande e não quer pôr em prática as ideias do empregado. Portanto, não basta construir; é preciso aperfeiçoar, demonstrar interesse pelas obras.

As ideias não surgem de repente. Há pouco disse eu que eram quase todas de génese muito lenta. Depois é que vem a iniciativa impulsionada pela vontade.

Vejamos uma casa a arder. As chamas fulguram. Os tectos abatem e a multidão assiste à catástrofe, apavorada, galvanizada. Mas ninguém dá um passo para o salvamento. Então um homem aparece e luta contra o incêndio, organiza socorros, trata das vítimas, que morreriam, se não fosse a sua iniciativa. E em face do exemplo a multidão mobiliza-se e auxilia.

Este homem está na legenda. Ele era o que pensava. Destruíu o medo e desenvolveu a vontade. Não se limitou a contemplar o fogo e agiu, pediu socorros e contribuíu para salvar alguém de morrer queimado. O pensamento impôs-se-lhe terminantemente.

As iniciativas dependem do temperamento individual. Cada qual é o que pensa. E o ambiente exerce enorme influência em nossa vida mental.

Mas é preciso saber pensar. Quem pensar ràpidamente não retém as ideias. É semelhante a certos prodígios que fixam as imagens com grande facilidade, mas que igualmente as esquecem.

I. D. S.

# LENDO «ILUMINAÇÃO»

**Por VITORINO ELÓI DOS SANTOS**

*Não vás, Leopoldo; a tarde está tão fria ...*
*— Que hei-de fazer, Marília, é minha a escala ...*
*E resoluto atravessou a sala*
*Para enfrentar a chuva que caía.*

*— Fica, Leopoldo — súplice insistia.*
*Eu vou por ti, aceita? ... — assim lhe fala.*
*E vai, quanta alegria a dominá-la,*
*Por ele, às Legionárias de Maria.*

*E fica em casa o enfermo e a sós medita:*
*— A bondade de Deus é infinita ...*
*Há para tudo, sempre, solução.*

*Em louvor à Mulher nasce um poema:*
*— Pedras sem jaça para um dilema —*
*Os seis sonetos de «Iluminação»!*

# A Universalidade do Espiritismo

**Por JOAQUIM FERNANDES DE ALBUQUERQUE**

O Dr. Karl E. Müller, no seu artigo «Como Vejo o Maravilhoso Espiritismo», publicado na Revista *Estudos Psíquicos* do mês de Outubro do ano corrente afirma que o Espiritismo é universal.

Estou inteiramente de acordo com tal opinião e até mesmo com todos os pontos de vista expendidos no referido artigo, por, embora por outras palavras, corroborarem o que penso sobre tal assunto e que deixei expresso em exposição oral por mim feita pùblicamente no *Centro Espiritualista Luz e Amor*, no dia 12 do passado mês de Julho, exposição que depois foi inserta na mesma Revista, relativa ao mês de Agosto seguinte, sob o título «Como o Espiritismo se Apresenta à Minha Inteligência».

Não pretendo repetir aqui o que então disse e que continuo a manter felizmente bem acompanhado, até prova concludente em contrário, mas tão sòmente dizer como vejo o problema agora ventilado.

Há duas categorias de leis: as naturais, científicas, causais ou de causalidade; e as normativas, finais ou de finalidade.

*As primeiras, são formuladas indutivamente através de generalizações sucessivas, visam uma relação de causa para efeito, são gerais e objectivas e pertencem ao mundo do «ser».*

As segundas são prescritas tendo em vista um certo e determinado fim, e pertencem ao mundo do «dever ser».

*Por consequência, se as leis científicas são gerais e objectivas, são-no vàlidamente em todos os tempos e em todos os lugares.*

*Daí o seu carácter universal.*

Como diz Allan Kardec, e muito bem, na sua obra «A Génese», há duas espécies de revelação: a Divina, que é transmitida por Deus às Entidades Espirituais esclarecidas, e a «Científica», que é transmitida por estas Entidades aos homens, que elaboram essa Revelação através de um processo — o científico.

Pela aplicação de tal método, essencialmente positivo, foi possível construir-se toda uma teoria científica, o Espiritismo.

*Os seus postulados, os seus princípios intrínsecos, contràriamente ao que muitos espiritas afirmam, não são antiquados, não são desactualizados, nem cristalizaram.*

Não são antiquados, porque não carecem de renovação.

Não são desactualizados, porque são objectivos e, como tal, permanentes.

Não cristalizaram, porque, consequentemente, estão em contínuo movimento, mantêm uma validade sempre actual.

É que as leis científicas não pressupõem evolução. Tudo o que é permanente, porque sempre actual, não necessita de evoluir. *Uma lei científica, permita-se-me a afirmação, é, em si mesma, a evolução das evoluções.*

Há quem diga que o Espiritismo codificado por Kardec é antiquado, foi elaborado numa época que já passou, e por isso não corresponde às exigências do movimento espirita de hoje.

Não concordo com tal ponto de vista. Os princípios intrínsecos do Espiritismo, porque científicos, são de carácter permanente, e, como tal, sempre actuais.

Estará, por exemplo, a *Lei de Newton* fora da época? É evidente que não.

E porquê? Precisamente porque é uma lei científica, vivendo, embora, num domínio diferente do das leis que estruturam o Espiritismo, mas que são tão científicas como aquela.

*Não quero dizer com isto que o Espiritismo não deva evoluir. Sim, deve evoluir, evolução essa, contudo, que não se pode verificar em relação aos seus princípios estruturais, mas em relação ao seu âmbito, pela ampliação deste, pelo acrescentamento de outros conceitos, de outras leis, que de nenhuma maneira podem ter carácter revogatório, sob pena de se desmentirem a si próprios.* Isto é legítimo, porque legítima é a evolução de uma ciência.

Não evoluiram as Ciências Físico-Químicas?

Como? Pela evolução ou revogação das suas leis anteriores? É manifesto que não.

A Física e a Química evoluiram pela ampliação do seu âmbito, dos seus horizontes, pelo acrescentamento de outras leis, que não revogam as que existiam. A Física Nuclear, como é óbvio, não matou a Física de Newton ou a de Galileu. A Química de hoje, não eliminou também a Química de Lavoisier ou a de Proust.

Quanto a mim, é em tal direcção que se

# AS LEIS DE DEUS

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Porque as leis de Deus são imutáveis e não se dobram às rogativas humanas, sejam elas quais forem, muitos espiritas e espiritualistas se deixaram tomar de um lamentável pèssimismo contra preces e rogativas, prejudicando a fé de muitos espíritos ainda mal esclarecidos, os quais, diante da inflexibilidade da lei, sentiram a tristeza da esperança que morre, tornando a sua vida mais infeliz.

Entretanto, há erro em tais raciocínios ao considerarem sòmente a lei e não verem nem sentirem a Divina Misericórdia que sempre é presente para nos esclarecer, proteger e guiar em nossa vida, principalmente nas horas mais difíceis.

Sobre esta mesma tese alguém se manifestou dizendo: «A lei não se modifica, é bem certo. O estado da criatura é que se altera».

Aquele que sente Jesus bem de perto, vê que em tudo a transformação se opera.

Aquele que vibrar no amor de Jesus, traz consigo um poder imensurável. Dissipa a treva e mostra a luz.

A prece ou rogativa do necessitado não modifica, de facto, a lei. Mas atrai a misericórdia, na terra ou no espaço, por suas vibrações que, agindo em nossa alma, nos alteram perante a lei, que passa a fazer-se sentir de outro modo na vida de tais pacientes.

Jesus é a misericórdia de Deus para nos esclarecer, proteger, instruir e guiar em tais circunstâncias com o auxílio de seus Mensageiros, que são os nossos guias e protectores, para que em nós se cumpra a lei, dentro da obediência e sem revoltas. Porque a lei foi estabelecida por Deus para nosso bem e não para nos fazer sofrer e menos ainda para castigar. Ela é uma necessidade na vida dos homens para que haja paz e prosperidade, tanto na ordem material como espiritual.

Quem se educa e trabalha na sua obediência nem a sente. Porque ela constitui a razão de ser de sua vida. Ele é a lei e a lei é a sua vida.

Quando toda a humanidade assim o compreender e viver, terá resolvido todos os seus problemas e restabelecido o reino da paz e do amor na terra.

Estejamos convencidos de que se o diamante é lapidado pelo diamante, o espírito ainda endurecido e mau carece de ser ainda corrigido e polido por espírito de igual natureza.

Em tais casos funciona a Justiça através da injustiça aparente, até que o amor nasça no coração e redima os que se condenaram a si mesmos diante da Lei. Cada qual tem o que merece e em tudo se cumprem as imutáveis leis.

A misericórdia Divina não abandona nenhum de seus filhos, mas estes, de acordo com seu estado e rebeldia, colocam-se em situação negativa e julgam nada existir deste amor.

Considerando nossas contingências, cabe-nos preparar recursos de auxílio, reconhecendo que a obra redentora é trabalho de educação por excelência de cada qual em si mesmo, para depois, ensinando e exemplificando, ajudar o seu próximo. A verdadeira obra salvacionista permanece, ainda, radicada no coração, mesmo que a muitos assim não pareça.

Porque a edificação do reino de Deus é obra de cada qual, em si mesmo, e não se alcança por atitudes nem créditos exteriores, mas sim de compreensão, de renúncia e desejo de ser justo e útil ao seu próximo, como desejaria que este o fosse consigo mesmo.

Sòmente depois de bem compreender e sentir a vida e o amor que, através dela, nosso Pai nos concede; mesmo caíndo e se levantando, rindo e chorando, adquirimos meios de vibrar no amor do próximo com Deus e Jesus, auxiliando-o sem humilhar e sem o perturbar em seu livre arbítrio, que é preciso respeitar, apesar de todos os pesares, porque é por meio dele que evoluímos e nos tornamos responsáveis pelo que somos e praticamos.

opera a evolução das ciências e, portanto, a do Espiritismo.

A evolução científica é diferente da evolução normativa.

Enquanto aquela mantém em plena pujança, em pleno vigor, os princípios científicos formulados em função do mundo do «ser», princípios, porque objectivos e permanentes, de carácter universal, esta, a evolução normativa, pode revogar os postulados normativos estabelecidos em função do mundo do «dever ser».

*É que, tudo o que vive no mundo do «ser», porque «é», não se revoga. E tudo o que vive no mundo do «dever ser», porque «pode deixar de ser», é susceptível de revogação.*

É por isso que eu, tal como o Dr. Karl E. Müller, embora por caminho diferente, afirmo a universalidade do Espiritismo.

*Tudo o que tem existência real é universal.*

Esta Causa, o Espiritismo, é, por isso mesmo, comum a todos os povos que a ela se dedicam, não conhece fronteiras.

Que o rumo do nosso movimento seja precisamente nesse sentido.

*Observação:* Às leis científicas também se chama leis fenoménicas, porque são enunciadas em função do domínio dos fenómenos.

# Conversa com Joã

## — Vice-Presidente do Hospit

*Este nosso amigo acaba de fazer uma viagem a Portugal, onde conta muitos admiradores, e aproveitámos o ensejo de ouvi-lo acerca do movimento espirita brasileiro, sobretudo do Rio Grande do Sul, onde vive há muitos anos. João Venâncio dispôs-se a responder a várias perguntas e a conversar com o director de* Estudos Psíquicos. *Das suas declarações ajuizarão os leitores.*

*— Então por cá, meu caro Venâncio?*

*— É verdade. Uma viagem para abraçar amigos que há muito tempo não via. Primeiro estive em Nova Iorque. Negócios da firma a que pertenço. Depois resolvi dar um salto a Portugal. E cá estou novamente.*

**EVOCAÇÃO DO PASSADO**

*— Eu já tinha saudades. Não posso esquecer-me do seu lar e da sua terra, onde passei momentos inesquecíveis — disse eu.*

*— Você também lá deixou muitas saudades.*

*— É sempre assim. Quando se trabalha por um ideial grangeiam-se amizades.*

*— Sem dúvida. Todas as vezes que os homens se movem no sentido do bem. No caso presente a sua viagem foi alguma coisa de extraordinário, com lances de coragem, audácia e por vezes grandes emoções que atingiram igualmente os que tiveram a ventura de o acompanhar. Quando você chegou a Porto Alegre, todos — espiritistas e espiritualistas — o esperavam ansiosos. Foi um momento culminante em que os corações se chocaram de alegria e de tristeza, por nos lembrarmos que dias depois regressaria a Lisboa.*

*— É a lei das coisas. Na verdade, fiquei surpreendidíssimo, quando, ao descer do avião, encontrei num átrio enorme tantos e tantos amigos. Nunca supus que se juntassem assim para receber alguém que vinha de longe.*

*— Foi um preito de admiração pela sua obra de muitos anos. E creia que a viagem realizada lançou poderosa luz na história do Rio Grande do Sul, pelas visitas que fez a centros e agremiações, bem como a várias cidades, entre elas Caxias do Sul, Rio Grande, Pelotas, etc., deixando sempre saudades. Ainda hoje essa digressão é lembrada em nossas reuniões semanais.*

*— É grande honra para mim ouvir essas palavras. E agora, uma pergunta simplista:*

*— De onde é natural?*

*— De Ponte de Lima.*

*— Uma terra lindíssima onde tenho passado algumas vezes. E quantos anos tem? Não serei indiscreto?*

*— Tenho sessenta e um. Perguntar a idade não é ser indiscreto. Bem sabe que ninguém pode agarrar o tempo. E não adianta enganar ...*

*— Parece que tem cinquenta.*

*— O meu físico suporta bem os anos e acredito que me proporciona vida maior.*

*— E há muito que reside no Brasil?*

*— Desde 1919. Percorri-o quase todo de Norte a Sul, fiz vida comum com os brasileiros e hoje é a minha segunda pátria.*

*— A nossa segunda pátria ...*

*— Pátria estremecida. Às vezes não sei se pertenço ao Brasil, se a Portugal.*

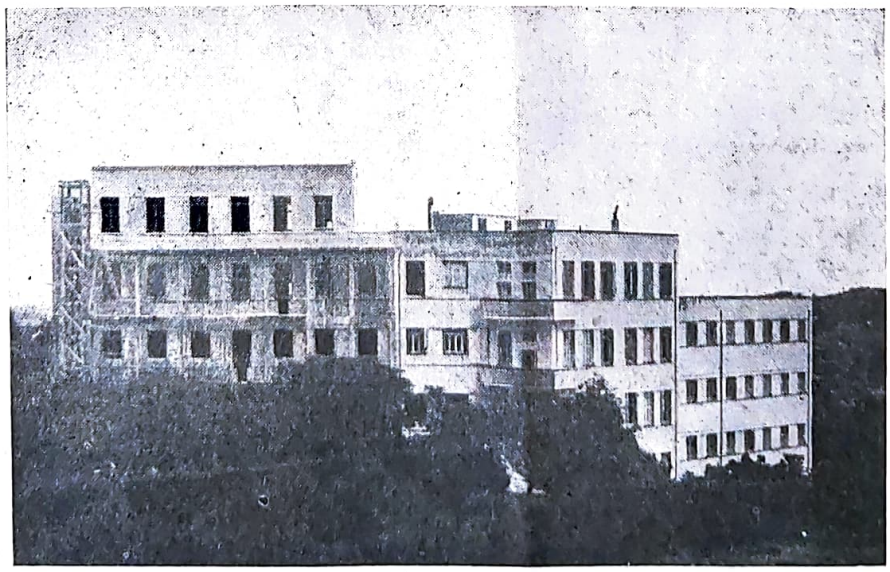
*— Pertence aos dois. E por lá passou inclemências antes de chegar ao Rio Grande do Sul...*

*— Decerto. Todos nós temos um pedestal sobre o qual assenta a própria vida. Quanto a mim, tive de percorrer o Brasil e estudar em larga escola cheia de socalcos e pequenos cursos que aproveitei em grande extensão. E por fim dei com os costados em Porto Alegre.*

*— E lá se fixou... e lá casou... e lá constituiu família...*

*— Lá organizei a vida, vida feliz com raízes do coração. Depois lancei-me ao trabalho, como se tivesse nascido naquela terra abençoada.*

*— A nossa terra é onde somos felizes... Tenho ouvido esta frase a milhares de pessoas e as*



**Uma das áleas do Hospital Espirita de Porto Alegre fotografada em construção e que há muito se encontra a funcionar**

# Amado Venâncio

## Espirita de Porto Alegre

*suas palavras a corroboram com extremos de realidade.*

**O ESPIRITISMO EM PORTUGAL**

*João Venâncio animou-se à lembrança de alguns lances, mas nova pergunta o levou a rumo diferente.*

*— Que pensa do Espiritismo em Portugal?*

*— Destina-se a missão sublime, como em todas as nações onde surgem ideias que englobam o estudo do cristianismo redivivo. Portugal necessita desta semente benéfica que esclareça as almas, mas que às vezes os religiosos não compreendem.*

*— Alguns até deturpam o sentido exacto das coisas. Mas a verdade triunfa sempre.*

*— Conheço pouco acerca da função que o Espiritismo exerce em Portugal, mas creio que está arreigado em muitos lares e no seio do povo.*

*Em Portugal a ideia existe cada vez mais arreigada. Há pessoas de vasta cultura que são espiritistas. O Espiritismo não se pode extinguir fàcilmente. Se, por absurdo, como alguém disse, destruissem todas as organizações existentes, uma hora depois os Espíritos continuariam a dar as suas mensagens.*

*Na verdade, as palavras de João Venâncio são judiciosas. Ninguém as pode refutar. É precisamente nesse fenómeno que reside a grande força do Espiritismo.*

*Houve doutrinas que sofreram a acção do tempo, que foram justa ou injustamente combatidas e não sobreviveram. Hoje poucos as conhecem. Semelhantes às línguas mortas, jazem no pó dos arquivos e só um ou outro se lembra de as vasculhar, por curiosidade ou erudição.*

*Mas eu tinha interesse de ouvir este homem que iria dizer muito aos nossos leitores. Adepto sincero, alma de eleição, o seu verbo inflamado respira sinceridade e amor a uma causa nobre que se defende alegremente. Tudo dependeria da maneira de conduzir a conversa.*

**O ESPIRITISMO NO BRASIL**

*— E como se pratica no Brasil?*

*— No Brasil tem curso amplo. É, por assim dizer, uma forma de viver do povo, que o abraça, como razão de ser do Cristianismo. Pratica-se com relativa pureza. Em 1927 comecei a estudá-lo e a praticá-lo. Sou espirita militante.*

*— E que faceta prefere?*

*— Todas me interessam profundamente, mas a parte moral é que melhor fundamenta a doutrina do Cristo. Apesar disso, inclino-me para a parte social. Entendemos que as obras sobrevivem aos homens e por esse motivo integramo-nos na sociedade, vivendo para ela, como vivemos para o nosso lar. Fazemos da nossa vivência universal a continuação da família.*

*— Chama-se a isso viver o ideal... E que levou os elementos responsáveis a erguer tantos monumentos de caridade?*

*— Creio que o livro «Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho», de Humberto de Campos, é uma razão dessa avalanche, pois além de fazer luz sobre a história entrelaçada de Portugal e Brasil, mostra que as realizações terrenas foram idealizadas no Além. Através de tais conhecimentos os adeptos lançaram essas obras de assistência social, certos de cumprir os ensinamentos de Jesus.*

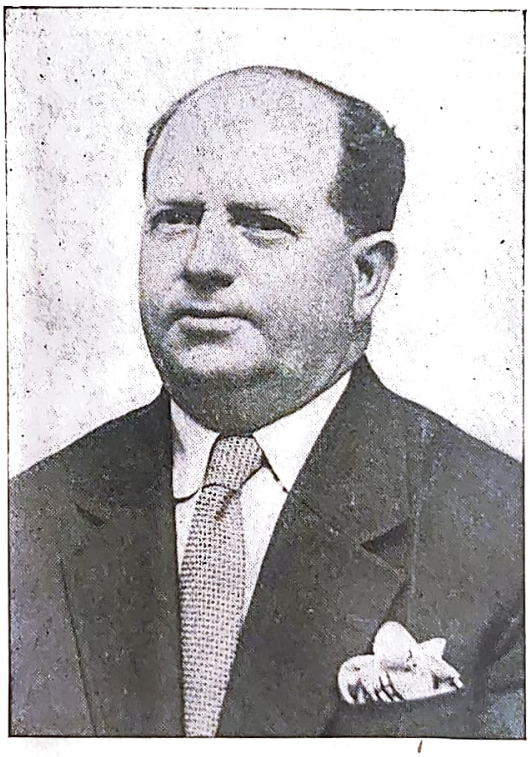
*— Tem sido uma grande tarefa com repercussão nas gerações novas. Não se esboça um grande movimento de mocidades Espiritas?*

*— A esperança do Brasil-espirita está nos jovens. No dia em que esta nação for evangelizada; quando os homens se educarem e compreenderem a doutrina, o sofrimento será eliminado.*

**O LIVRO ESPIRITA**

*Nesta parte da conversa lembrei-me do primeiro Congresso de Mocidades Espiritas, de que Leopoldo Machado foi um grande paladino, e frisei ao mesmo tempo o interesse pelo livro espirita, que dia-a-dia se acentua. João Venâncio atalhou imediatamente:*

*— Aí está uma coisa que nos tem merecido especial atenção. A Federação Espirita Brasileira tem um Departamento Editor a que se pode chamar monumental, dirigido por um grupo de idealistas tendo à frente o Dr. Wan-*



**João Venâncio de há dez anos...**

tuil de Freitas, nosso velho amigo e verdadeiro missionário, pois se nada mais fizesse do que tratar deste assunto teria plenamente justificado a sua vinda à terra.

— Conheci o Wantuil, quando estive no Rio de Janeiro. É homem dinâmico, duro se for necessário para que o alvo seja atingido. Pareceu-me no seu lugar, como se costuma dizer. A F. E. B., pela sua acção editorial, merece louvores de todos os espiritistas brasileiros e portugueses, visto que em nossa terra aprendemos Espiritismo através dos seus livros, cuja actuação nas almas suplanta, a meu ver, todos os monumentos de caridade.

O nosso interlocutor anima-se, dir-se-ia inspirado. E corrobora:

— Se não fosse o livro espirita não teríamos tão grande progresso nas obras sociais. E por isso quero lembrar que, além do Dr. Wantuil, que é, sem dúvida, o maior responsável por aquela obra, há lá uma turma valorosa — sem falar nos desencarnados que marcaram indelèvelmente a sua passagem — em que se encontra o nosso velho amigo Dr. Brito Soares, um baluarte ao lado do primeiro, o Zeus Wantuil e outros que na empresa põem a sua alma. Não seria justo esquecer o Dr. Brito Soares, que dá quanto pode à Federação.

— É uma figura muito simpática e quem o lê julga-o português.

— Exactamente. Tem muito afecto à nossa raça.

Uma vez perguntei-lhe se se formara em Coimbra e sorriu-se. Além de acatado pioneiro é também declamador emérito. Na recepção que me fizeram na «Hora Espiritualista João Pinto de Sousa», da Rádio Tamoio, a cargo de Geraldo de Aquino, apareceu o Dr. Brito Soares a declamar uma cena da «Ceia dos Cardeais».

— Mas há outras editoras — aventurei.

— Sim, embora de menos projecção. Uma das melhores é a LAKE (Livraria Allan Kardec Editora), de São Paulo, dirigida por António Baptista Lino. Não o conheço pessoalmente, mas tem editado obras de valor a preços muito acessíveis.

— Sou amigo pessoal dele. É um abnegado, um idealista, uma espécie de carola do livro. Vive para a Causa e não merece os ataques que tem sofrido. E que me diz agora dos jornais e revistas espiritas?

— Bem ... O livro é um veículo sempre ligado ao homem, é companheiro de cabeceira. A revista ... Temos no Brasil mais de cem publicações que divulgam constantemente a Doutrina. O Reformador, por exemplo, é a de maior tiragem, mas há outras de tiragens consideráveis muito apreciadas nos meios literários.

— Esse movimento impõe respeito ...

— Sim, porque todas elas têm dificuldades a vencer e realizam obras admiráveis.

## EM QUE SE FALA DA UMBANDA

— E como encara a Umbanda?

— É doutrina de raiz africana professada por uma grei de certa evolução. Uns a combatem, outros a defendem. Tem o direito de viver como qualquer doutrina. Os seus componentes são donos de suas convicções. É uma escola igual a tantas escolas. À maneira que avançam aumentam de valor.

— Estão no seu degrau ...

— Exactamente.

— Como o Catolicismo e o Protestantismo ...

— É uma grei que segue os seus princípios e age de harmonia com a consciência. Por isso merece o nosso acatamento.

— Mas alguns desses elementos dizem-se espiritistas ...

— Em certo aspecto têm razão, porque não conhecem coisa melhor. Não conhecem outro espiritismo mais elevado e por isso devemos respeitá-los. Na verdade, Umbandismo não é Espiritismo. É mediunismo prático. Espiritismo é a Codificação Kardequiana posta em movimento. De resto, eles pouco estudam o Evangelho, embora alguns o hajam introduzido em seus rituais.

## OS ATAQUES À DOUTRINA

— Às vezes chegam-nos rumores de ataques católicos ...

— Alguns padres menos esclarecidos atacam o Espiritismo. Mas são casos isolados. O clero brasileiro compreende que não adianta atacar uma doutrina tão sublime. Alguns párocos é que o fazem de conta própria. O verdadeiro religioso não ataca ninguém. Respeita a crença alheia.

— E os protestantes?

— Toleram mais. Embora procurem viver a vida segundo os seus princípios, respeitam e colaboram com os espiritistas.

— Apesar de serem protestantes ...

— Exactamente. Mas neste caso não protestam. São coerentes com os princípios de tolerância de todas as crenças religiosas.

Lembrei então a conversa em que tomei parte num consultório de Lisboa. A filha do facultativo, que pertencia à Acção Católica, falava acaloradamente com um protestante, sem conseguir demovê-lo. Então o médico exclamou a sorrir: — «Olhem que está aqui um espiritista!». Acto contínuo fui apresentado e ficámos amigos. O médico ponderou que, se era difícil harmonizar dois, foi muito fácil harmonizar três. É que o terceiro era ... espiritista, respeitador de todas as crenças, ainda as mais compreensíveis.

Um sorriso ia-se esboçando na cara do Venâncio, que deu uma sonora gargalhada, exclamando:

— Essa é uma condição da alegria que sentimos, quando estamos entre companheiros que manifestam francamente as suas ideias para delas tirarmos o maior proveito.

Em seguida contou como se fixara em Porto Alegre, ao cabo de andanças mil, trabalhando, caminhando e observando os companheiros de luta, patrões e amigos que ele sabia captar. De rumo a Buenos Aires encontrou em Santos um amigo de São Paulo e resolveram seguir para a formosa cidade riograndense.

— Você não crê no acaso ...

— Não. Devo ter sido governado por coisas superiores. Recomecei a vida com dificuldade, exercendo várias profissões, inclusive a de calceteiro de ruas. Não houve nada de honesto que não tivesse feito para ganhar o pão. E fiz daquela terra a minha pátria.

## A INICIAÇÃO

— E como se ligou ao Espiritismo?

— Não foi nessa altura. Um ano depois de lá chegar, em 1927, entrei numa escola nocturna para aperfeiçoar os conhecimentos. Foi quando me falaram no Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, de São Paulo, e comecei a ler «As Nossas Forças Mentais», de Prentice Mulford, «O Problema do Ser e do Destino», de Léon Denis e tantas obras que despertaram em mim interesse invulgar. Ali é que principiou a minha tarefa.

— Começou pela leitura ... Não teve necessidade de factos impressionantes para chegar à Doutrina ...

— Não. As minhas dificuldades eram sobretudo de ordem mate-

rial e eu sempre quis resolvê-las honestamente. Procurava enfrentar o pagamento das minhas obrigações sem correr o risco de as não poder cumprir, como em certas épocas aconteceu. Este era o problema essencial, cuja solução encontrei na doutrina dos espíritos e dos homens que me puseram em contacto com os livros. Pensei naturalmente que tal doutrina era a melhor base da minha orientação.

— Encontrou uma verdadeira fonte. Há sequiosos que não encontram água e morrem de sede e há outros que morrem de sede ao pé da fonte. Você encontrou um grande manancial.

— Foi uma descoberta, meu caro Isidoro. Quando dei os primeiros passos na seara conheci um velhinho chamado Israel Correia da Silva, que me indicou os livros e me instruiu, como se fosse um pai. Conheci-lhe a família e a obra na cidade do Rio Grande e soube quanto ele trabalhou. Um apóstolo que eu procurei seguir o mais possível. Era criatura boníssima e sobretudo um amigo do coração.

## O HOSPITAL ESPIRITA

— Na vida de cada um há sempre um nome a atrair-nos, a impressionar-nos. Por isso o Hospital Espirita de Porto Alegre o atraiu a você...

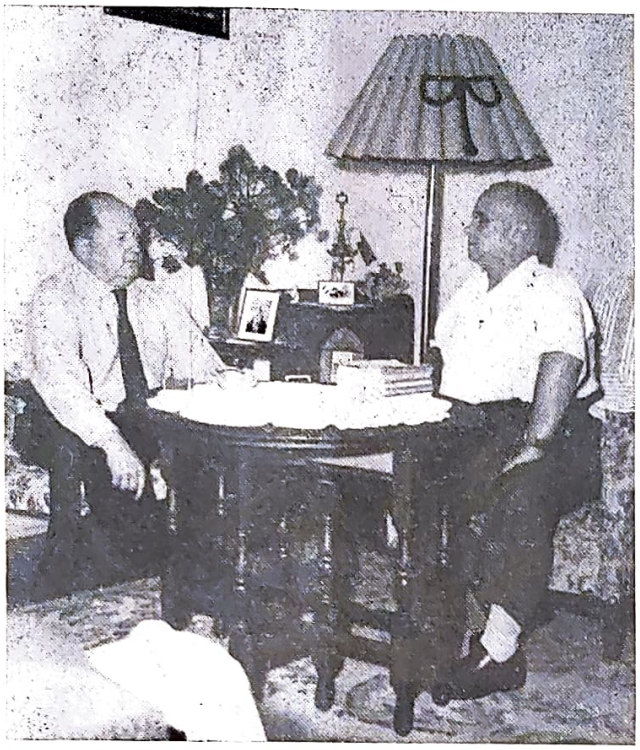
— Foi a sequência de outras obras a que me vinha ligando, pois tenho pertencido a directorias de muitas sociedades locais e não se pode estar em qualquer directoria sem conhecer o Hospital, que é a conjugação do esforço dos espiritas do Rio Grande do Sul. Houve uma época em que viveu isolado, mas depois todos compreenderam que tinham deveres para com ele. Eu pertenço a essa falange. Aproximei-me, não só a convite de velhos companheiros e amigos, mas por ver que o trabalho era muito e poucos os trabalhadores. Lá conheci um amigo invulgar, já valoroso nesse tempo. Mas quando me inteirei do que ele tinha feito, considerei-o um exemplo, cujas lições me beneficiaram sempre. Chama-se Conrado Ferrari.

— É uma grande alma!

— Deixe-me que lhe diga, é um homem simples e humilde, mas com alma tão grande, como a sua capacidade de trabalho. Vive a vida do Hospital. Se é certo que desde a fundação da obra houve muitos idealistas que deram trabalho, dinheiro, esforços inauditos, creio que nenhum como ele esculpiu naquela casa as suas ideias, a sua dedicação, o seu carinho e, por vezes, a própria saúde em risco. Embora conheça obras meritórias com homens extraordinários à sua frente, ainda não vi uma como esta. É que duas missões se entrelaçam no Hospital. 1.ª) É dirigido por médicos especialistas que lhe dão tom de grandeza que falta a outros. 2.ª) É que, além de subordinar-se às leis, é hospital para almas, com trabalho de desobsessão, de assistência espiritual feita por abnegados médiuns que lá vão diàriamente prestar serviço, com passes e vibrações e tudo quanto possuem para que os doentes melhorem. É um hospital de almas porque é assistido por Espíritos Superiores.

— Você falou no Conrado Ferrari. É um ser de eleição, com rara bondade e aquela expressão espiritual que irradia sobre os que o conhecem. É um elemento preciosíssimo.

— Já que estamos em troca de ideias, quero dizer que no Hospital Espirita temos uma turma de obreiros, como Ernesto Dístel, actualmente na presidência, enquanto o sr. Ferrari permanece de licença, e o José Jorge da Silva, 1.º Secretário. Ambos dão tudo o que está a seu alcance. E temos ainda I'talo Bruto, o nosso tesoureiro, elemento de relevo que não pode dar tanta assistência, em virtude de seus afazeres.



**A conversa segue o seu rumo em casa de Isidoro Duarte Santos...**

## A REVISTA «ESTUDOS PSÍQUICOS»

— E quanto à revista Estudos Psíquicos?

— É o maior veículo doutrinário que conhecemos. Muito bem cuidada, com belíssima redacção e óptima recolha de assuntos. Para nós, portugueses do Brasil, é bendito orgulho sabermos que vem de Portugal. Acontece que o Brasil é grande e as publicações são quase todas locais e por isso esta revista tem o condão de nos dar notícias de todos os nossos Estados. É uma alegria quando tomamos conhecimento de coisas próximas através das suas colunas, por ver que temos um veículo que não é estrangeiro, visto que Portugal não é assim considerado, mas com o cunho de estrangeiro e que nos traz notícias dos nossos companheiros mais chegados, tal a rede informativa que possui em todas as cidades.

— É o que se pode chamar uma revista indiscreta ...

— Exactamente ...

— Leva as notícias aos vizinhos ... mesmo as que parece não terem importância, mas que, no fundo, podem contribuir para melhor conhecimento do Espiritismo brasileiro ...

— É verdade — diz João Ve-

nâncio, num sorriso esfusiante —. Ficamo-nos conhecendo a nós mesmos através desta revista.

— Concorda com a sua orientação?

— Não pode ser melhor. Já alguém declarou que devia chamar-se «Selecções», tal a selecção que faz dos artigos que insere.

— As suas palavras pesam-me nos ombros ...

— Responsabilidade, sim, muita responsabilidade. Mas ainda mais responsabilidade é entregar ao público uma revista cheia de ensinamentos colhidos em várias fontes e oferecidos a paladares diferentes. Essa responsabilidade é maior do que aquela que advirá das minhas expressões.

— Esse triunfo é devido em grande parte aos colaboradores.

— De facto. Tem numerosos colaboradores seleccionados.

**Um flagrante em casa do nosso Director. Da esquerda para a direita: D. Maria Bacelar, João Venâncio, Mário Bacelar e D. Maria Raquel Duarte Santos**

— Por isso a eles endosso o bem que tem causado onde circula. Agradeço-lhes o facto de se haverem ligado a um movimento de propaganda oriundo do nosso querido e amado Portugal, pequeno em território, mas grande em alma, tão grande, que pôde dar nascimento a uma nação como esse imenso Brasil. Agora, outra coisa. Desculpe a minha curiosidade, mas você dispôs-se a responder a tudo que eu lhe quisesse perguntar e nesta circunstância muitas são as questões que eu desejaria apresentar. Diga-me: a Medicina Oficial combate o Espiritismo?

## A MEDICINA OFICIAL ...

— A medicina oficial teve épocas em que procurou dificultar a prática espírita, mas viram o caso arriscado, quando promoveram o encerramento de sociedades e a prisão de médiuns que tentavam a cura espiritual com passes e até com receituário. Mas logo se compreendeu o erro e fecharam os olhos àquelas práticas. Hoje harmonizam-se por ver que em determinadas circunstâncias não podem competir com os médiuns. E cada um se acomoda em seu lugar.

— Se a Medicina se aliasse à terapêutica espiritual ...

— Seria o caminho mais curto para o seu triunfo e a humanidade lucraria com isso.

## O CHICO XAVIER

— Já que falou em médiuns ... Conhece alguns de grande projecção?

— O Brasil é um país extraordinário, pois nele nasceram muitos médiuns para divulgação da doutrina dos Espíritos. Mas basta referir-me a Francisco Cândido Xavier, talvez o maior entre os contemporâneos. É um médium universal. Além disso é tão bondoso e modesto, que se despede sempre com esta rogativa: «Orai por mim, que preciso muito das vossas preces». Veja o grau de humildade deste homem que, sendo um espírito com reflexos vastíssimos, em virtude da obra, pede aos que o visitam que orem por ele.

— De acordo. Quando o vi a primeira vez fiquei impressionadíssimo. Há qualquer coisa a envolvê-lo, a caracterizá-lo. Mas há outros, como o Peixotinho ...

— Sim, temos o Peixotinho, o Francisco Luciano e o Hercílio Maes, de Curitiba, para só falar dos maiores.

## HENRIQUE MAGALHÃES E A CASA DA MÃE POBBRE

— Diga-me, João Venâncio: além do Hospital Espirita de Porto Alegre, de que você é vice-presidente, há outros hospitais no Brasil...

— Há muitos outros. Umas três dezenas. Um dos melhores é a «Casa da Mãe Pobre», do Rio de Janeiro. Se não me engano foi seu fundador e ainda é seu presidente o nosso companheiro e velho amigo Henrique Magalhães.

— Outra grande alma...

— Este Henrique Magalhães... Não há lugar onde não se meta e não se mete em lugar algum sem sair vencedor. É um homem baixo e franzino, mas de vivacidade como tenho visto poucos. Certa vez, em Porto Alegre, o Dr. Wantuil de Freitas disse-me que o Magalhães é tal e qual o cupim que se mete na madeira e só o veneno extermina. Que nunca viu um homem de tamanho dinamismo e eu tenho-o visitado e à sua obra e parece-me incrível que naquela casa já velha nasçam trinta e cinco crianças por dia.

— Nem o veneno o pode exterminar ...

— É verdade, nem o veneno. Estão a concluir o novo Hospital da Maternidade com muito entusiasmo, embora cheios de dificuldades. Sou seu correspondente em Porto Alegre e faço quanto posso para que nele surja um dos maiores idealizadores e construtores

de obras espiritas. É uma glória haver um escol de portugueses nascidos em Portugal e integrados na vida social brasileira, à semelhança do Simões de Matos, do Cerqueira e de outros patrícios que dão tudo pela obra do Cristo.

— As suas palavras, meu caro Venâncio, tocaram-me de perto, porque o Magalhães é o meu colaborador mais directo e dilecto e sempre lhe notei as qualidades que você lhe atribui. Ele vai zangar-se com a festa, mas estou convencido de que deve estar muito próximo do Espiritista n.º 1 do Brasil, por causa do tal cupim que se infiltra na madeira. Ele, porém, infiltra-se para construir. Obra que empreenda é obra que vinga. Nesse ponto é semelhante ao Venâncio. Quando o ideal se apodera de nós e há força de vontade as coisas progridem. E eu ainda hoje pasmo como é que ele, após tanto esforço, conseguiu lançar-se à empresa gigantesca desse hospital. Creio que ficará um grande hospital espirita e que se poderá igualar aos maiores hospitais brasileiros.

— Assim o creio.

— Como português desvanece-me a obra dele, mas ainda me desvanece mais, quando a vejo como espiritista, sem acepção de pátrias, porque as obras que vocês constroem nessa terra maravilhosa é comum aos dois países, é uma ponte sobre o Atlântico a ligar os obreiros dos dois lados.

— É verdade, concretizando a ideia da obra sublime de Humberto de Campos, segundo a qual no Brasil encarnariam os que haviam de cimentar o verdadeiro cristianismo. Ele diz em seu livro que embora tenhamos nascido no Brasil e em Portugal, continuaremos ali a obra comum, pois entre as duas pátrias não há fronteiras.

## A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

— E sobre educação infantil?

— A meu ver as crianças devem ser orientadas nos princípios evangélicos à luz do Espiritismo.

— E terão elas mentalidade para compreendê-los?

— Acho que sim, porque as escolas espiritas são orientadas por criaturas que conhecem a moderna pedagogia e são capazes de integrá-las numa doutrina, conforme o seu grau de compreensão.

— Há quem opine que não se deve violentar o livre arbítrio. Há casos de indivíduos orientados em certas doutrinas que depois se rebelaram contra elas, quando chegaram à maturidade.

— Acho que não me fiz compreender. Toda a doutrina dogmática é perniciosa em qualquer idade e principalmente na infância. Mas no Espiritismo não há dogmatismo. Há ciência, pureza de sentimentos e de costumes. Posso falar de cadeira, pois criei o meu filho à margem das ideias religiosas e estou arrependido de lhe não ter ensinado alguns princípios filosóficos e espiritas. Ensinar Espiritismo é uma coisa; impor uma crença é outra. Uma coisa é ciência e outra coisa é dogma. No dogma não se pode raciocinar. A criança de hoje não aceita mais imposições religiosas. Raciocina também.

— Mas há pais que não querem educar os filhos sob determinados princípios. Quando forem homens, que escolham a religião ou a filosofia que entenderem. Dizem que a consciência infantil é cera mole e admite qualquer sinete. O primeiro que se lhe imprime é que fica durante a vida inteira.

— Sou coerente com as minhas primeiras palavras. Devemos respeitar a vontade das crianças, não lhes impondo dogmas ou princípios que colidam com o seu livre arbítrio, mas não devemos deixar que outros o façam em prejuízo delas. É preciso que a criança tenha ideia de Deus, de um ser superior e alguém tem que lho ensinar, se os pais o não fizerem em casa. Porque, não o fazendo, deixam o campo livre a coisas inferiores que tragam maiores prejuízos. Creio que a responsabilidade pertence aos pais. Hoje sinto não ter tomado esta resolução, quando criei o meu único filho, pois tem dificuldades que não teria, se eu houvesse tomado outra decisão.

## A INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO

Estava quase a terminar a conversa. Para rematar perguntei:

— Qual a influência do Espiritismo na sociedade?

— Só poderá ser benéfica, porque é caridade e amor. É a expressão máxima da vida. Em sentido elevado e real é a ciência da alma e portanto só pode exercer acção meritória. Todos os espiritistas são úteis à comunidade.

Agradeci a João Venâncio o prazer de um «bate-papo» tão longo e tão ameno e pedi-lhe que levasse saudações a todos os confrades de Porto Alegre. Se um dia voltar a essa terra amiga abraçá-los-ei, como quando lá estive. Ao que ele respondeu, a fechar a conversa:

— Eu é que lhe agradeço a oportunidade de externar o que penso. Para os portugueses do Brasil é uma honra poder falar a esta revista que tantos esclarecimentos nos tem dado, pois os seus artigos nos servem de livro de cabeceira e nos dão satisfação indisível. Os agradecimentos são meus. Deus permita que possamos continuar neste afã de bem servir a humanidade.

# Aproxima-se o Natal !

**Recebemos os seguintes donativos destinados à subscrição do Natal:**

| | |
|---|---|
| **Saldo do número anterior** . . . . . | **340$00** |
| **Serafim Brites, da Amadora** . . . . . | **50$00** |
| **Correia e Gouveia, de Lisboa** . . . . . | **20$00** |
| **Manuel Teixeira, de Lamego** . . . . . | **20$00** |
| **Maria Madalena de Jesus Macedo, de Luanda, como gratidão ao Espírito de LIA e seus auxiliares pela cura radical de seu genro José dos Reis e Cunha** . . . . . | **267$00** |
| **C. M. B., de Lisboa** . . . . . | **10$00** |
| **António L. Lopes Dias, do Porto** . . . . . | **300$00** |
| **Maria Inês Sena, de Lisboa** . . . . . | **50$00** |
| **Celestino Monteiro Bexiga, de Lisboa** . . . . . | **10$00** |
| **José Augusto Silva, de Lisboa** . . . . . | **20$00** |
| **Total** . . . . . | **1.087$00** |

# O TRÍPLICE ASPECTO

Pelo Dr. CARLOS IMBASSAHY
(correspondente em Niterói)

O Mundo, encarado como ele é, ou visto como se acha, dar-nos-ia uma triste ideia de Deus e, sobretudo, dos seus atributos. Não se compreenderia a sua omnisciência, construíndo essa tralha, que é o nosso pobre, o nosso miserável presídio terráqueo, onde vivemos cheios de apreensões, necessidades e angústias.

Há pouco líamos num escritor que somos todos infelizes. Os mais felizes são apenas os que assim o julgam, absorvidos em prazeres frívolos e frivolidades sem prazer.

A omnipotência divina é limitada; a bondade é duvidosa, desde que nos puseram nesse pélago de dores. Além disso, nada sabíamos de nosso destino e de nosso ser. Criados para sofrer é o que víamos e sentíamos.

Chegou o momento em que o homem se deveria esclarecer. Desenvolvem-se as actividades humanas, ampliam-se os conhecimentos, progride a Ciência e a Filosofia começa a inquirir. E o homem começa a pensar. Dizia Descartes: «Penso, logo existo». O homem moderno poderia dizer: «Penso, logo duvido».

E duvidava por não poder compreender nada, por lhe parecerem erradas as lições ministradas, por não ser acompanhado de provas o que lhe diziam, por se ter que orientar por uns tantos postulados onde não havia lógica nem demonstração.

Com as invenções, com o desenvolvimento material, com o progresso mental, ia a fé amortecendo. Quando muito, ela se sustentava no coração do pobre, do desvalido, como único arrimo entre as ondas revoltas da existência. Mas, entre esses mesmos, brota por vezes o desespero e temos os que fogem da vida; já não é falta apenas de fé, senão principalmente de conhecimento, e trocam as agruras do solo planetário pelos horrores do orco, ou seja pelos suplícios que aguardam o suicida no Espaço.

Poderíamos, então, dizer, segundo um plebeísmo ainda usado em nossa terra, que o Espiritismo «chegou na hora H».

Chegou na ocasião em que as inteligências, esclarecidas pelo estudo, começavam a desviar-se de Deus e a não acreditar no espírito, porque não encontravam o primeiro nos Céus, apesar dos telescópios, nem o outro nos seres, apesar dos escalpelos e dos microscópios.

Mas o Espiritismo veio abalar crenças e desmentir doutos. Por maneira que a estes não convém que ele se intitule Ciência e àqueles que seja Religião. E não agrada também aos filósofos que seja Filosofia, porque viria alterar os quadros que ela nos impõe, dentro de suas velhas teorias, e deixar um tanto de cara à banda alguns mestres, que até agora não nos ensinaram nem explicaram nada do que a Filosofia propõe ensinar e explicar, explicações e ensinos que chegaram a parecer coisa secreta, de tão ocultos.

Vejamos as razões conscientes e subconscientes de uns e outros, religiosos, filósofos e cientistas.

Pretendem os cientistas libertar-se do incómodo, lançando o Espiritismo para os domínios da Fé. Dizem eles, benévola e ingènuamente:

— Fique aí, que aí é o seu lugar.

E lá encantonado não viria o Espiritismo abalar-lhes os precários descobrimentos, com suas pouco firmes teorias, quando colidem com as nossas lições. A pouco ficaríamos reduzidos, mas é o que eles querem: quanto menor, mais fraco, e quanto mais fraco, melhor. Num estreito círculo, perderia ele a sua força, que é o extraordinário acervo de provas com que se apresenta. Quem diz fé, diz dogma, e o dogma não perturba. Religião, tinha toda a gente o direito de dar de ombros, porque só a aceita quem quer, uma vez que não pode já ser imposta pelos tribunais civis. Ciência, tinha que impor-se à consideração das Academias. Religião, ficaria confinada aos crentes; Ciência era forçoso conhecê-la, estudá-la, segui-la. A Religião é do foro íntimo; a Ciência, do domínio universal. Ninguém é obrigado a seguir uma religião, mas todos são obrigados a conhecer uma ciência. Não é mal visto o que não tem tais ou quais princípios religiosos, a não ser pelos sectários; entretanto, aquele que se despreocupa de uma ciência é ignorante.

Se alguém disser que não crê no Protestantismo, ninguém lhe negará esse direito; mas se afirmar que não aceita a Física ou que repele a Astronomia, julgá-lo-ão idiota. Quem não tem religião, será, quando muito, um materialista, o que não leva ao descrédito; mas quem não tem laivo de ciência e é pretensioso será ignorante levado ao ridículo.

Daí o grande empenho de jogar-se o Espiritismo para o lado da Religião, e assim desafogar-se a Ciência daquele trambolho, que viria, como diz Richet, subverter (bouleverser) todas as nossas ideias sobre a matéria e a vida. Outros limitam-se a declarar que o Espiritismo não é ciência, tout court. Faltam-lhe os elementos para isso, acrescentam, quando muito. No mais, vá ser o que quiser.

Mas os espiritas não se podem conformar com esse afastamento. Ciência, do latim scientia, de scio, scire, saber, é conhecimento, notícia, corpo de doutrina, que expõe as causas e efeitos dos fenómenos.

Não é isso o que se dá com o Espiritismo?

Ainda que lhe faltassem, o que não é verdade, os métodos que o caracterizam, isto é, o da experimentação e da observação, estaria ele dentro da significação clássica.

Apresentamos os fenómenos e procuramos expor-lhes as causas e os efeitos. Estudamos factos, observamo-los e não poderemos relegar isso para o terreno religioso.

Apontam-nos ainda outros motivos para o afastamento: é que os factos não podem ser observados sempre e em toda a parte. Mas isto

*acontece com inúmeros factos que fogem àquele determinismo. Não poderemos ver aqui no Rio auroras boreais, como nunca ninguém viu à meia noite o sol em Lisboa. Bólidos, estrelas cadentes, eclipses, pragas de gafanhotos, fogos fátuos, terramotos, poderá ficar um indivíduo a espiá-los a vida inteira sem nunca ver nada. Mesmo aqueles fenómenos calculáveis e previsíveis podem falhar: chuvas, nevadas, ventos, ondas de calor e frio...*

*Os cálculos anunciavam em 1910 a presença de um cometa que viria dar um esbarro na Terra: era o cometa de Haley. E até hoje ainda não esbarrámos com astro nenhum, talvez desventuradamente, que um mundo da ordem do nosso merecería uma trombada.*

*Também não é possível abandonar a esfera religiosa, o que seria de muito gosto para os que lidam com o Divino, porque não interferiríamos nos seus pontos de fé, não meteríamos o nariz em seus dogmas, não teríamos a indiscrição de querer desvendar seus mistérios; em suma, não teríamos que imiscuir-nos em seus catecismos.*

*É de lamentar que sucedam tais inconvenientes, muito a nosso pesar. Mas a religião é necessária para o conforto das almas oprimidas, para enxugar as lágrimas dos sofredores, para mitigar as nossas dores, dores que são necessárias para o nosso progresso, pois é por elas que redimimos as faltas do passado, mas que encontram um lenitivo nas promessas do Senhor.*

*Também não é possível esquecer Deus e os Espíritos Superiores, que são os sóis a iluminar-nos a Consciência. É preciso manter Deus em nossos corações e mostrar o valor da prece.*

*A Filosofia, que talvez das três seja a mais tolerante, nem sempre nos vê com bons olhos; também ela tem seus pontos definidos e não há quem goste que lhe vão alterar os hábitos. Além disso, estaremos com Huxley, quando dizia:*

*— Não aceiteis proposições, cujas provas deixem dúvidas. E nem sempre os axiomas filosóficos têm clareza e distinção.*

*Introduzimos também algumas novidades que vão alterar o conservantismo geral, porque em Espiritismo se explica o mecanismo da vida, a razão de ser de nossa existência, a nossa origem e destino. E ninguém queria mexer nessa complicação. De tais princípios nasceu a Filosofia Espírita.*

*Destarte, em nosso corpo doutrinário ensina-se o caminho que deve trilhar o homem para chegar à felicidade e ao bem, explica-se o motivo de seus desajustes, das suas penas e dos seus trabalhos. E tudo se prova com factos insofismáveis, concludentes, ou seja com os factos da Parapsicologia ou do Psiquismo paranormal e ainda com os métodos que a Ciência estabelece para a demonstração de seus princípios e para a certeza de seus fenómenos.*

*Teremos aí as três faces do Espiritismo: A Ciência, a Filosofia e a Religião, de cujo conjunto resulta o ensino da Vida, contido na mensagem que Allan Kardec codificou.*

*O Espiritismo é, pois, uma série de noções que, com o apoio dos factos, nos demonstra a existência de Deus, seus atributos, a imortalidade, os efeitos de nossas transgressões, o motivo de nossas dores, com a promessa da felicidade para os que não se afastam da honra, do bem, do amor do próximo.*

# DAI AOS POBRES

**São muitos no redemoinho do ano os dias de tristeza para os pobres. Nenhum, porém, como o dia de Natal lhes punge tanto o coração. Em suas almas timbram plúmbeas saudades, em seus peitos doloridos não floresce uma esperança.**

**Tudo tristeza... desolação... retratando miséria e só miséria! E contudo os pobresinhos contentam-se com bem pouco;**

**Uma recordação, um lampejo de esperança, uma promessa e tanto basta para os alegrar e fazer-lhes crer que o Destino os ajudará no seu caminho de renúncia!**

**Daqui ao Natal vão ainda muitos dias. Pois bem; meditai e concentrai-vos. A inspiração surgirá em vossas mentes.**

**Comparai os quadros aflitivos dos necessitados com a vossa venturosa riqueza ou feliz mediania. Confrontai a alegria que reinará em vossa casa nesse dia evocativo do nascimento daquele que veio ao mundo pregar o Amor.**

**Pensai na alegria que sentireis ao receber as dádivas que vos ofertarão em nome do Natal.**

**E lembrai depois os lares apagados, sem pão, sem prendas, sem nada! Apenas fome e desdita!**

**Homens de boa-vontade, defraudai o vosso orçamento tirando de lá uns tostões. Não vos custará a pô-los de parte, reservando-os aos pobrezinhos. É pouco, mas, juntos, farão soma que permita adquirir parte do muito que necessitam.**

**Senhoras de mãos habilidosas, aproveitai os momentos de ócio produzindo abafos e roupas, que levarão o conforto do calor aos que tremem de frio!**

**Há coisas postas de lado que, aproveitadas, terão utilidade, criando nesses pobres a ilusão da felicidade e a certeza de que não foram esquecidos.**

**Escutai as minhas sugestões e ficai certos de que, uma vez socorridos, esses desgraçados estarão convosco, abençoando-vos, em jubilosa comunhão espiritual.**

**E não esqueçais que a Caridade constitui um bem que fica para depois desta vida e que ninguém poderá disputar-nos!**

MARIA INÊS SENA

# Dos Primórdios do Espiritismo no Brasil

por NEY DA SILVA PINHEIRO

Assinalando o transcurso do mês de Julho, somos levados a lembrar, aqui, em rápido registo, os factos que seguem, para conhecimento dos leitores que se interessam pelos eventos históricos do Espiritismo brasileiro e como homenagem de reconhecimento aos obreiros de primeira hora que foram parte nesses acontecimentos significativos.

— O primeiro jornal espirita do Brasil; os dois primeiros livros espiritas aparecidos no Brasil, em língua portuguesa; a primeira sessão espirita realizada no Brasil; a primeira sociedade espirita organizada, legalmente; quando e onde teve início o movimento espirita brasileiro.

I) — O primeiro jornal espirita que circulou em nossa terra, cognominado *O Monitor do Espiritismo no Brasil* (isto vinha em subtítulo); foi fundado no Estado da Bahia, por quem de justiça e de direito foi o pioneiro do Espiritismo na Pátria do Evangelho, Luís Olímpio Teles de Menezes, e apareceu sob o título, aliás sugestivo, de *O Eco d'Além-Túmulo,* com redacção à Ladeira das Fontes das Pedras, 25, na cidade de Salvador.

O seu insigne fundador nasceu, na Bahia, a 26 de Julho de 1825 e desencarnou no Rio de Janeiro, rua Barão de São Félix, 165, às 22 horas e 40 minutos do dia 16 de Março de 1893. Foi membro do Instituto Histórico da Bahia, taquígrafo da Assembleia Legislativa daquele Estado e do Senado Federal. Com os doutores José Álvares do Amaral e Joaquim Carneiro de Campos, subscreveu réplica, publicada no dia 28 de Setembro de 1863, ao artigo transcrito no *Diário da Bahia,* da autoria do Dr. Déchambre, extraído da *Gazette Medicale* (onde fora publicado seis anos antes), burlesco e debochativo, réplica que, no dizer do Dr. Silvino Canuto Abreu, não só «colocou o Brasil em relevo aos olhos de Kardec», conforme seu próprio comentário inserto na *Revue Spirite* de Novembro de 1865, mas inaugurou, desassombradamente, o debate público no país, em defesa dos ideais espiritas.

O primeiro número de *O Eco d'Além-Túmulo* apareceu em Julho de 1869, justamente no ano em que se deu a desencarnação de Allan Kardec e tinha o formato de revista, com circulação bimestral.

Em sua primeira página de texto lemos estas judiciosas afirmações doutrinárias, depoimento positivo do próprio nível doutrinário, máxima para a época: «Nenhum homem concebeu a ideia do Espiritismo: nenhum homem, portanto, é o seu autor». E continuando: «Se os espíritos não se tivessem manifestado espontâneamente, certo que não haveria Espiritismo: logo, ele é uma questão de facto e não de opinião, contra o qual não podem, por certo, prevalecer as denegações da incredulidade»; e assim, neste diapasão, seguia lançando as primeiras sementes em terra fértil.

Em 1939, no Rio de Janeiro, quando se realizou o 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espiritas, figurou na sua magnífica exposição de jornais e revistas espiritas uma preciosa colecção de *O Eco d'Além-Túmulo,* de propriedade dos ilustres confrades Alfredo Miguel e Pedro Serra.

II) — Foi em 1860 que apareceram os dois primeiros livros espiritas em Português, no Brasil. São eles «Os tempos São Chegados», da autoria do espirita francês Professor Casimir Lieutand, e «O Espiritismo na sua Expressão mais Simples», tradução do professor Alexandre Canu.

III) — A primeira sessão espirita registada nos anais do Espiritismo brasileiro realizou-se em Salvador da Bahia, exactamente, segundo Luís Olímpio Teles de Menezes, «às 22,30 horas da noite de 17 de Setembro de 1865».

IV) — Data de 1873 a organização do movimento espirita na Bahia, e, *ipso-facto,* no Brasil. Do «Grupo Familiar do Espiritismo» nasceu a «Associação Espirítica Brasileira», que parece ter sido (não se tem notícia de outra) a primeira sociedade espirita legalmente constituída no Brasil, conforme se depreende destas afirmações de L. O. Teles de Menezes: «Temos a fortuna de pensar agora que o Espiritismo vai gozar, no Brasil, da plenitude de seu direitos civis».

Esta sociedade procurou, tanto quanto possível, seguir à risca a orientação administrativa preconizada em «Obras Póstumas», pelo Codificador.

O Espiritismo, desde seus primórdios, teve na Bahia, apesar do catolicismo ser quase religião oficial, franca propaganda, como atesta o facto, aliás significativo, de em 1874 estudar-se o «O Evangelho Segundo o Espiritismo» em sessões públicas, com método, ordem e continuidade.

V) — Escreve Deolindo Amorim, em trabalho publicado na *Revista Espirita do Brasil,* de Abril de 1950: «Embora se saiba que houve sessões mediúnicas no Rio de Janeiro, muito antes de se conhecer a própria Doutrina Espirita, a expansão do Espiritismo, neste país, começou na Bahia, com a vulgarização da obra de Allan Kardec», quando ocorreu, segundo se infere desse e outros estudos, em 1867, a primeira campanha religiosa contra o Espiritismo no Brasil, ocasionada pelo aparecimento de «O Livro dos Espíritos».

**Porto Alegre, Julho de 1959.**

# As maiores histórias psíquicas do mundo

por W. F. NEECH

## 10) O lado Psíquico de Churchill

A cólera de Winston Churchill foi difícil de dominar naquele dia de guerra em que o maior inglês depois de Shakespeare conduziu a nação através da mais trágica batalha e soube que no Old Bailey era julgada e condenada a grande Helena Duncam, a médium famosa, cuja injusta sentença foi ditada ao abrigo do desumano e anacrónico Witchcraft Act. Irritado, enviou ao Ministério do Interior estas enérgicas palavras:

«Envie-se-me uma nota explicativa da razão por que se aplica nos tribunais modernos o Witchcraft Act (1735) e quanto custa ele ao Estado, com deslocações de testemunhas (que neste caso vieram de Portsmouth e aqui estiveram 15 dias, nesta Londres superlotada), etc., etc., além de embaraços que causa à Justiça e prejudicam os tribunais».

### A MOEDA DA SORTE

Estas palavras tão sensatas foram o início duma campanha, longa e apaixonada, que acabou com o obsoleto instrumento de perseguições. A intervenção de Churchill demonstra a sua compreensão pelo caso, compreensão certamente devida aos dotes psíquicos do grande estadista, porque tudo indica que Churchill é um espírito altamente sensível às influências metafísicas e foi decerto uma força espiritual que o faz evadir-se dum campo de concentração durante a guerra boer e o salvou de ser recapturado. Perdido em território desconhecido, receoso de qualquer voz que ouvia no seu esconderijo, Churchill foi, sem dúvida, guiado para o único amigo que encontrou nas redondezas e que lhe prestou ajuda e lhe possibilitou juntar-se às forças britânicas.

No sua autobiografia «Os Meus Anos da Juventude» Churchill recorda como concentrava os seus movimentos jogando com uma moeda e um lápis para melhor ordem de ideias.

Tendo caído prisioneiro quando se encontrava em África como correspondente do «Morning Post» conseguiu escapar sòzinho, levando apenas como alimento uns pedaços de chocolate. Comenta ele assim o seu estado mental ao entrar na aventura: «Não encontrei nesta emergência qualquer conforto nas ideias filosóficas a que alguns homens recorrem nas suas horas calmas de segurança e liberdade. Pelo contrário, velhos amigos sem significado, só pensei que um poder mais alto, o que interfere na lei da causa e do efeito, me poderia salvar dos meus inimigos. Orei longamente, pedindo ajuda e guia, e de repente tive a certeza de que os meus passos se encaminhavam para o Kaffir Kraal».

### IDENTIDADE REVELADA

Foi assim que Winston atingiu as cabanas dos mineiros e logo na primeira casa disse ser um comerciante que perdera o comboio. O mineiro não acreditou, fechou a porta e o jornalista acabou por dizer quem era. Mas o operário, rindo-se, acalmou-o, dizendo-lhe que ele era pelos ingleses, que ali havia segurança.

Assim uma força preconcebida conduzira Churchill a um camarada. Ele próprio o diz mais tarde por estas palavras: «Algumas vezes tenho a sensação duma interferência, de como se uma mão timoneira me guiasse e de como se um guarda me acompanhasse para me proteger e iluminar».

Hannen Swaffer, escrevendo acerca de Churchill em 1946, diz: «Conheço-o há mais de 30 anos. E acredito que por detrás dele, nestas horas cruciantes, esses grandes vultos de Pitt, Hampden e Cromwell vigiavam e amparavam o seu espírito. Todos sabemos pelo sua autobiografia dos poderes psíquicos de Churchill».

### A REVELAÇÃO MATINAL

Nas suas memórias de guerra ele próprio nos conta um caso puramente de ordem fatídica, quando pretendeu adiar as eleições até à derrota do Japão, o que não conseguiu. E nem a certeza que Estaline alimentava de que os Tories venceriam por 80 lugares consolavam Churchill da perspectiva de descer dos pináculos de chefe nacional para a mediocridade de dirigente político. Na noite anterior ao acto eleitoral foi para o leito, esperançado de que, contudo, o povo britânico o mantivesse como Primeiro Ministro. Ele próprio conta o sucesso no seu livro; «Um pouco antes da madrugada acordei preso duma sensação de dor quase física, com a certeza de que seríamos derrotados e o poder de traçar o futuro arrebatado das minhas mãos e com ele a autoridade e prestígio que eu ganhara em todas as nações. E, no entanto, todos diziam o contrário, mas aquela presciência era tão presente, que tentei em vão dormir. Foi como se uma voz me avisasse da derrota».

Efectivamente horas depois o velho estadista entregava nas mãos do Rei a sua demissão.

Há, leitor, na vida deste homem uma linha de destino diferente de muitos dos seus grandes pares na história. Uma linha profética, em que o acaso pouco conta, mas onde o preconcebido tem um papel transcendente. É possível que Churchill no seu íntimo se haja posto a si próprio o problema e que, tal como MacKenzie, o esconda dos seus compatriotas. Mas, quando mais tarde a sua múltipla personalidade for estudada, decerto o lado psíquico do grande inglês será motivo de investigação dentro do domínio da parapsicologia e do psiquismo. O tempo o dirá.

**(Do «Two Worlds», de 5 de Setembro de 1959)**

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

77

## A MORTA QUE FALA

Amigo radiouvinte:

O que vou contar não é mirabolância ou ilusão dos sentidos. É uma experiência dramática como terão vivido poucos investigadores e que Edward C. Wood, de Filadélfia, conta num livro intitulado «A Morte, Porta da Vida».

Haverá qualquer pessoa que, ouvindo retinir o telefone e levantando o auscultador, possa falar com uma rapariga que tenha morrido 30 anos antes? O problema não deixa de ser estranho e coloca o radiouvinte na atitude céptica de quem não pode aceitar o que parece transcender as leis naturais.

Na noite anterior ao acontecimento Wood realizara em sua casa uma sessão de voz directa com o médium Leonard Stott e entre os presentes estava Melvin Sutley, superintendente da secção oftalmológica do hospício local e cuja esposa e filha haviam morrido há muito. Esta última, Bárbara, conversou muito com o pai.

Às 18,45 da noite seguinte o telefone tocou em casa de Wood, que ouviu a voz de uma jovem:

— Gostei muito de o ver ontem à noite, sr. Wood. Sou a Bárbara...

— Bárbara Hutchinson, com quem falei algumas vezes ao telefone? — perguntou ele, referindo-se a outra rapariga morta que lhe falava de quando em quando por esta via.

— Não, — respondeu a voz —. Sou Bárbara Sutley.

Wood ficou excitado e chamou a esposa, pedindo-lhe que escutasse na extensão telefónica do andar superior.

— Está bem — disse ela —. Tu é que vais ter a conversa.

E logo Bárbara atalhou:

— Não desligue. Também quero falar consigo.

Em seguida disse a voz espiritual:

— Fiquei tão contente por ter falado ontem à noite ao meu querido paizinho! Ele sente-se muito só e eu e minha mãe tentámos confortá-lo e ajudá-lo a suportar as responsabilidades da vida.

Wood escrevera uma carta a Stott a agradecer-lhe a sessão e ficou admirado quando Bárbara lhe disse que o médium não podia lê-la.

— Como sabe isso?

— Disse-mo Bárbara Hutchinson.

E depois de falar cinco minutos, terminou a conversa.

Os Wood ouviram o ruído do auscultador ao ser pousado no outro lado da linha. A conversa dramática chegara ao fim e logo o marido telefonou a Stott para saber se ele tivera conhecimento consciente da conversa.

— Nos últimos minutos — esclareceu — ouvi o telefone e apresseei-me a responder à sua chamada.

E contou que levara a carta para o trabalho, conseguindo ler apenas algumas palavras. Foi quando Wood narrou a conversa telefónica com Bárbara Sutley, que Stott ouviu com espanto.

Noutra noite Wood telefonava a Stott, quando Bárbara se intrometeu numa pausa da conversação e Wood perguntou ao médium se tinha ouvido.

— Pareceu-me que você falava com alguém ao pé, mas não percebi o que disseram.

Desde então Bárbara tem falado muitas vezes com Wood ao telefone. Não raro, quando ele se despedia de Stott, murmurava o seu «adeus».

Uma vez Wood realizava uma sessão com Stott. Bárbara anunciou que tentaria falar com ele à luz branca e foi bem sucedida.

Não se limitou a isto a experiência de Wood. O manejo do ectoplasma pelos espíritos mereceu-lhe igualmente curiosas observações. Aos pés do médium viu ele uma substância esbranquiçada, espécie de gase, que levantou e achou muito leve.

— Desfez-se nas minhas mãos, como se fosse uma teia de aranha. Tentei puxá-lo para o desmanchar, mas não se rasgava, como sucederia com qualquer tecido. Só consegui rompê-lo e nada mais.

Depois foi convidado a entrar no gabinete e viu um lençol ectoplásmico sobre os joelhos do médium e aglomerado ao canto da boca, de onde emergia. E assim pôde observar a substância alguns minutos.

Em transe, Stott estava inquieto e moveu os braços, até que partiu o fio de ectoplasma. Neste momento queixou-se e pôs a mão no plexo solar. Mais tarde, quando lhe contaram o sucedido, disse que se lembrava vagamente de incómodo no estômago. Era como se estivesse meio acordado, mas tinha vontade de adormecer outra vez.

A secessão do ectoplasma é sempre perigosa e pode ocasionar traumatismos nervosos irreparáveis. Por isso é necessário o maior cuidado nestas experiências.

Wood fala numa sessão, na qual tacteou o ectoplasma que formava a trombeta ligada à boca do médium. Pediram-lhe que procurasse levantar esta substância e ele explicou:

— Quando lhe toquei tive a sensação de uma coisa etérea, que não se pode explicar no vocabulário humano.

Mas diz que é visível e tangível e tem às vezes peso. Reside no corpo, como o sistema nervoso, e deve estar muito relacionado com este. E acrescenta que pode ser extraído pelas forças espirituais, embora às vezes pareça que é controlado pelo médium.

— É esbranquiçado, frio e viscoso — afirma Wood —. E também parece negro e seco. Há nele uma espécie de vida, pois move-se aparentemente sob a sua própria vontade, materializa-se em forma de corpo e actua na base de tecido material de várias cores e texturas, ainda que tal acção esteja subordinada aos espíritos.

A seguir elucida:

— Sai dos orifícios do corpo e da ponta dos dedos e com mais frequência da boca ou do plexo solar, talvez da pele, como a transpiração. E quando a sua vibração é elevada torna-se invisível e não sabemos se lhe poderemos chamar substância. Além disso tem grande força, podendo suspender coisas pesadas e até um piano. Tenho-o tocado com as mãos em plena luz, vindo da boca de Stott para o chão em forma de fita longa e observei-o a voltar em movimentos espasmódicos para a boca do médium, através das minhas mãos, enquanto ele estava em transe. Então desmate-

rializava-se repentinamente e desaparecia.

O fenómeno da morta que se intrometia nas conversas telefónicas do sr. Wood é profundamente interessante e faz-me lembrar coisa semelhante passada com o grande escritor Coelho Neto, que também ouviu a neta desencarnada num momento de angústia. Sentiu retinir o telefone, levantou o auscultador e uma voz sumida mas bem timbrada lhe falou, e que ele reconheceu imediatamente.

Mas isso fica para outra crónica.

Amigo radiouvinte, até à próxima e que Deus nos inspire sempre nas boas obras.

78

## COELHO NETO

Amigo radiouvinte:

Na última crónica falei em Coelho Neto, que todos os brasileiros devem conhecer através de seus livros encantadores.

Foi adversário do Espiritismo. Combateu-o com todas as forças, porque o considerava superstição ridícula. Chegou ao ponto de ser intransigente e cruel com pessoas de família que aceitavam a doutrina. Chegava a ser temido, apesar da sua tolerância em matéria de fé.

Ele não era opositor do Espiritismo. Para isso teria que estudá-lo. Era inimigo. Os inimigos é que o combatem tenazmente, apriorísticamente, sem o conhecer.

Ignoro por que se dá este fenómeno. Os maiores corifeus do Espiritismo foram seus antigos detractores, enquanto não chegaram a Damasco. Nesse momento iluminou-os a fé, como a Paulo de Tarso, e tudo neles se modificou.

Coelho Neto vivia sombriamente a pensar na sua neta que a morte levara, deixando um vazio de saudade. A mulher do escritor em tudo via a pequenina Ester: nas roupas, nos brinquedos que sempre a acompanharam e até na boneca que levou para a cova. E às vezes o iconoclasta lastimava a filha:

— Júlia... coitada! Nem sei como resiste a tão fundos desgostos. Seis meses depois do marido, a filha...

Júlia passava os dias no cemitério a cobrir o tumulozinho de flores e lá ficava a conversar com a terra. Depois ia à campa do marido, indiferente aos que passavam.

Quando o pai lhe propôs a mudança de casa recusou a oferta. Queria ficar ali onde fora feliz e desgraçada, envolvida de recordações amigas. Foi quando Coelho Neto começou a temer que o Espiritismo a arrebatasse, como faziam na Idade Média aos ingénuos que eram levados ao sabat. E por isso usou de meios severos, deu ordens terminantes acerca daquela filha que não queria perder e que levava os dias no quarto a contar historietas, como fazia durante a vida da criança.

— Tais ilusões — diz o inolvidável cronista — eram bálsamos que mitigavam o sofrimento da alma, à semelhança da morfina.

Era assim. Mas um dia Júlia apareceu risonha, cheia de felicidade, embora os olhos conservassem ainda uma ou outra lágrima.

E então interrogou-a. Ela sorriu. E interrogou a esposa, cujo mutismo o deixou perplexo.

— Já começava a afazer-me à ideia de um novo amor de Júlia — escreve — quando, uma noite, minha esposa me entrou no escritório lavada em lágrimas, exclamando que a filha enlouquecera. — «Porquê?» — perguntei. — «Está lá em baixo no telefone, a falar com Ester.» — «Que Ester?». Nesse instante ouvi duas palavras que me estarreceram:

— A filha...

E Coelho Neto continua:

«Encarei-a demoradamente, certo de que a louca era ela e não Júlia.

«Como se compreendesse o meu pensamento, insistiu:

«— Lá está. Se queres convencer-te, vai até à escada. Poderás ouvi-la».

E foi. O escritor tinha dois telefones: um na sala de entrada e outro no escritório. Os dois cônjuges permaneceram na balaustrada do primeiro andar e Júlia falava em baixo, na escuridão.

— Por mais esforços que fizéssemos — volta Coelho Neto a afirmar — não conseguimos ouvir uma palavra. Era um sussurro meigo, entrecortado de rizinhos. Pareceu-me conversa de amor e tive ímpetos de violar o segredo de minha filha. Mas o cavalheirismo conteve-me.

Aquele pai atónito não queria acreditar e interrogou novamente a esposa:

— Porque dizes que fala com Ester?

— Porque ela mo confessou com grande alegria.

O romancista de tantas coisas belas ficou estatelado sem nada compreender. E acto contínuo entrou no escritório, levantou o auscultador telefónico...

— E ouvi, ouvi minha neta, reconheci-lhe a voz, a doce voz, que era a música da minha casa...

E logo a seguir, com vivacidade e entusiasmo:

— Mas não foi a voz que me impressionou, que me fez sorrir e chorar. Foi o que ela dizia. Ainda que duvidasse com toda a minha descrença, tinha de convencer-me, tais eram as referências, as alusões que minha neta fazia a coisas da nossa vida...

Noutra emergência atribuiria o facto a mistificação. Mas agora já explica:

— Que mistificador esse que conhecia episódios ignorados de nós mesmos passados na intimidade de mãe e filha? Não, não! Era ela, a minha neta, ou antes a sua alma visitadora que se comunicava daquele modo com o coração materno, levantando-o do sofrimento em que jazia. Ouvi toda a conversa e compreendi que nos aproximamos da grande era, que os tempos se atraem, que o finito defronta o infinito e das fronteiras as almas se comunicam. Foi assim que me converti. A minha estrada de Damasco estava no escritório, onde ouvi a voz do Além, da outra vida, do mundo da perfeição!

Quando lhe perguntaram como conseguia Júlia comunicar com o espírito da filha, exclamava:

— Invoca-a, chama-a com o coração, ou melhor, com o amor e ouve-lhe a voz. Falam, entretêm-se, continuam a vida espiritual. A que partiu é feliz na bem-aventurança e a que ficou na orfandade já não sofre, como dantes sofria, porque se tornou em certeza o que era esperança...

— E porque a não ouves normalmente?

— Porque o espírito necessita de um meio em que se demonstre. O lume precisa de combustível para arder e o fogo é eternidade. O imaterial carece de veículo para agir.

Finalmente a claridade envolveu o homem numa auréola. O certicismo desapareceu e a convicção modificou-o. Sobre as dúvidas cruciantes que o levavam à dureza de entendimento apareceu a verdade sem véu, a certeza «de uma vida melhor e maior, de vida permanente, espiritual, sem dores, sem os tormentos próprios da carne, que não é mais do que um cadinho, no qual nos depuramos para alcançar a Perfeição».

Amigo radiouvinte, há factos decisivos que fazem oscilar as convicções, por maiores que sejam. A pequenina Ester iluminou para sempre as trevas de um grande escritor.

# NOTÍCIAS DA BAHIA

**Vitória da Conquista realizou mais uma Semana Espirita. Presente às festividades o escritor Deolindo Amorim. Referências da imprensa local. Brilhantismo nas comemorações do Dia da Independência.**

O Espiritismo, na linda e adiantada cidade de Vitória da Conquista, é um movimento, hoje, plenamente vitorioso.

Lá estão os seus milhares de adeptos e as obras cristãs que as suas mãos benfazejas executaram num eloquente testemunho de amor ao próximo.

A *União Espirita de Vitória da Conquista* é a inspiradora e realizadora dos melhores programas de trabalho, visando a maior difusão da Doutrina e o estreitamento de relações entre os seus valores culturais dispersos por outras localidades.

Com esse objectivo, promoveu de 1 a 7 de Setembro último a *V Semana Espirita*, cujo êxito pode dizer-se que sobrepujou o dos anos anteriores alcançado por essas movimentadas *Semanas*.

A *Semana Espirita* deste ano, em Vitória da Conquista, contou com a colaboração inestimável de um dos mais cultos expoentes de nossa Doutrina, no Brasil, cuja chegada em avião da *Real*, vindo do Rio de Janeiro, atraíu ao aeródromo local numerosas pessoas da distinta sociedade conquistense, tendo à frente o ilustre Prefeito, Sr. Gérson Gusmão de Sales.

Trata-se do aplaudido escritor e jornalista Deolindo Amorim, que, no mesmo dia de sua chegada, à tarde, foi ouvido, através da *Rádio Clube de Conquista*, numa entrevista pelo microfone daquela emissora. Logo aí o talento e a cultura de Deolindo Amorim foram evidenciados e admirados por quantos estiveram de ouvidos atentos nas respostas às diversas questões que lhe foram propostas, envolvendo temas de alta relevância social, como sejam, entre outros, a pena de morte e o divórcio.

À noite, no *Centro E. Humberto de Campos*, fez Deolindo Amorim a primeira conferência, sob aplausos gerais, tão clara e lógica foi a sua exposição do assunto oferecido à meditação do grande público ali reunido.

Na manhã seguinte, domingo, 6, no mesmo local houve concorrida reunião, ou melhor, uma animada sabatina, respondendo Deolindo Amorim às variadas indagações formuladas por muitos dos presentes acerca de interessantes pontos doutrinários.

Nesses debates tomaram parte outros confrades, inclusive o Redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em Salvador que, também a convite dos companheiros de Conquista, rumara para aquela cidade no dia 4, pronunciando à noite uma conferência e, ao remate, fazendo uma antecipada apresentação de Deolindo Amorim.

O festejado autor de «Espiritismo e Criminologia» fez-se ouvir mais duas vezes, sempre empolgando a assistência com a sua palavra brilhante e segura. No dia do encerramento da *Semana*, falaram também Alfredo Miguel, jornalista José Cortes Duarte, de Almenara (Minas Gerais) e o prof. Everardo Públio de Castro, Director da Escola Normal de Vitória da Conquista. O poeta local Odilon Santos recitou poemas da sua autoria.

No início dessa *V Semana Espirita*, sempre presidida pelo conceituado médico Dr. Luís Barreto, um de seus incansáveis promotores, ocupou a tribuna o farmacêutico Aloísio Pereira da Silva, seguindo-se os confrades Presciliano de David, Dr. Isaías Viana de Andrade, Dr. João Gustavo dos Santos e José Cortes Duarte, todos esflorando temas de palpitante interesse e actualidade.

O *Centro Espirita Humberto de Campos*, sem dúvida um dos mais importantes do Brasil, pelo seu tamanho e obras de assistência que mantém, teve durante sete dias o seu vasto salão replecto de gente de todas as camadas sociais interessada em ouvir os oradores.

No derradeiro dia da *Semana* o jornal *Conquista-Espirita* circulou numa bela edição, confiada à capacidade jornalística de José da Silva Guimarães, que teve como coadjuvador eventual o José Cortes Duarte, outro plumitivo vindo das distantes plagas mineiras. Também a imprensa leiga local, representada pelos semanários *O Combate* e *O Conquistense*, deram incentivo à *Semana Espirita*, inserindo notas alusivas e realçando com palavras laudatórias a presença dos visitantes que vieram tomar parte no certame.

Estes, mais uma vez sentiram a grandeza de alma do bom povo de Vitória da Conquista, sempre a primar pela hospitalidade e cavalheirismo.

---

Como nos anos anteriores, no dia 7 Vitória da Conquista realizou uma grande parada escolar, comemorativa do Dia da Independência.

Foi um espectáculo deveras imponente, e não sabemos se em outra cidade do interior baiano a celebração do 7 de Setembro é levada a efeito com tanto brilhantismo e expressão cívica.

**(Do Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos», em Salvador)**

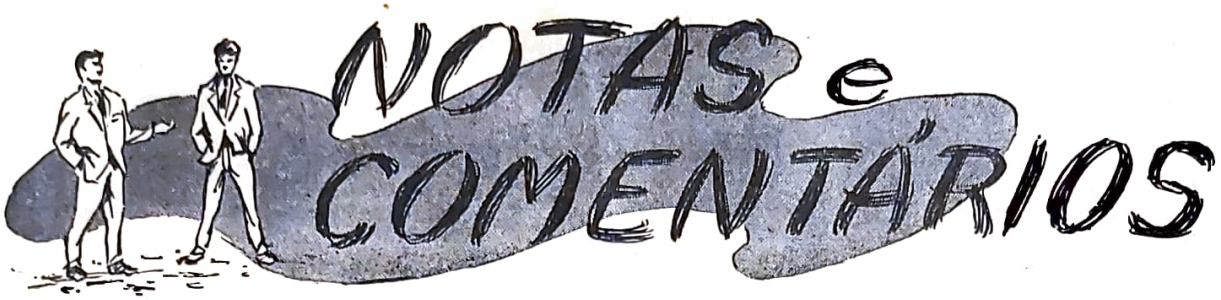

**"A VIDA ALÉM DA SEPULTURA"**

*pelo Espírito Ramatís*

**Encontram-se à venda nesta redacção os últimos exemplares do livro «A Vida Além da Sepultura», de RAMATÍS, que tão grande êxito alcançou entre os nossos leitores. É uma obra sugestiva e de grande alcance doutrinário.**

**Preço — 120$00**

Enviamos-la à cobrança




## O MÉDIUM TINHA RAZÃO...

*O* Fate *publica o seguinte comunicado de um leitor:*

*«Uma noite assisti a certa reunião espirita e tive a surpresa de ser escolhido pelo médium dentre o grupo de amigos que me rodeavam. Ele nunca me vira, mas, apesar disso, perguntou-me se sentia perturbações nos olhos. Surpreendido, respondi afirmativamente. Descreveu-me então o especialista que me observara e dissera que o meu caso não tinha grande importância. Mas o médium aconselhou-me a não perder tempo e procurar uma clínica, o que fiz, tendo o médico descoberto inflamação local e receitado umas gotas. Desde esse dia jamais voltei a sentir perturbações locais».*

*O médium tinha razão. Por isso mais uma vez preconizamos a aliança entre Medicina e Espiritismo, visto não ser possível delimitar as duas partes essenciais que constituem o corpo humano e todas as doenças terem origem no psíquico.*

## O ESPIRITISMO NOS ESTADOS UNIDOS

*Maurice Barbanell, director de* Two Worlds, *semanário espirita londrino, diz que, em 1958, jornais, revistas e postos de televisão se têm referido amàvelmente ao Espiritismo, demonstrando interesse pelos fenómenos psíquicos e que em toda a América essa onda de simpatia é cada vez maior, como bem observa o* Life.

*Uma das histórias que maior sensação causaram foi a que relatou os fenómenos desenrolados na residência do casal Herrman, em Long Island, com 67 tipos de manifestação, segundo informa o* Journal of Parapsychologie *editado pela Universidade de Duke. Bodin, que enviou estas notícias ao* Two Worlds, *refere-se igualmente aos artigos do notável jornalista Hy Gardner, redactor do* New York Herald Tribune *acerca dos fenómenos psíquicos ocorridos no Oriente, sobretudo em Quemói.*

*Parece que o movimento espirita ganha terreno nos Estados Unidos, principalmente entre os pensadores, que sentem grande atracção pela nossa doutrina.*

*Há bem pouco ainda «O Mistério de Bridey Murphy» foi considerado «best-seller» numa edição de três milhões de exemplares, susceptível de enriquecer o autor. Os próprios realizadores de cinema voltam-se para o Espiritismo na mira de novos filões que os afastem do ramerrão de Hollywood.*

## UMA CARREIRA FULGURANTE

*Há homens que passam pela vida como autênticos meteoros. Nascem crescem e morrem, deixando um rasto de verdadeira admiração.*

*Está neste caso o Dr. Moshe Baharav, presidente do «Movimento Espirita Israelita». Nasceu em 1918, tendo, portanto, 41 anos. Primeiro estudou em Telavive e depois na Universidade de Jerusalém.*

*Em 1937 foi comandante nesta cidade e em Haifa. Em 1940 alistou-se nas forças armadas britânicas para combater os alemães. Depois serviu na Líbia, no Egipto, na Etiópia, na Itália e em França. Em 1945 esteve na Itália.*

*Em 1947 recebeu o grau de doutor em Filosofia e em 1948 serviu como tenente-coronel na guerra de independência do seu país, até que foi nomeado governador de Nazaré.*

*Em 1950 fundou uma empresa para exploração de minas de sal, de que é presidente.*

*É casado e tem três filhos. Escreveu um livro intitulado «Patologia das Crianças» e outro sobre espiritismo, no qual apresenta muitas provas acerca da vida depois da morte.*

*Não há dúvida. A carreira do Dr. Moshe Baharav tem sido fulgurante. O Espiritismo em Israel está entregue em boas mãos.*

## A ALMA DOS ANIMAIS

*De uma mensagem de* Emmanuel:

*«Os animais têm a sua linguagem, os seus afectos, a sua inteligência rudimentar com atributos inumeráveis. São os irmãos mais próximos do homem, merecendo por isso protecção e amparo.*

*«Seria difícil ao médico legista determinar nas manchas de sangue o que pertence ao homem ou ao animal, tal a identidade dos elementos que o compõem. A organização óssea de ambos é quase a mesma, variando apenas na conformação e observando-se diminuta diferença nas vértebras.*

*«O homem está para o animal, simplesmente como um superior hierárquico. Neles se desenvolvem também faculdades intelectuais.*

*«O sentimento de curiosidade é, na maioria deles, altamente avançado e muitas espécies nos demonstram as suas elevadas qualidades, exemplificando o amor conjugal, o sentimento da paternidade, as faculdades de imitação, o gosto da beleza.*

*«Os animais mais ferozes têm para com a prole ilimitada ternura. Aves existem que se deixam matar, quando não podem defender a família. Os cães, os cavalos, os macacos, os elefantes deixam entrever apreciáveis qualidades de inteligência. É conhecido o caso dos cavalos de um regimento que mastigavam o feno para um companheiro inutilizado e enfermo.*

*«É um facto observável a sensibilidade dos cães e dos cavalos ao elogio e às reprimendas».*

*Não há palavras que impugnem estas verdades demasiado evidentes para que mereçam comentário. O que é preciso é que o homem seja mais carinhoso para com os animais que o acompanham e servem com resignação. A história do burro que há pouco mordeu e espezinhou quem o havia maltratado oito dias antes é demonstração de que os animais têm sentimentos e nem sempre se limitam à resignação e à dor.*

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## A HISTÓRIA PSÍQUICA DE MAE WEST

*Two Worlds* de 22 de Novembro último publicou um artigo relativo à grande actriz de cinema Mae West, no qual se fazem revelações curiosíssimas.

Sabe-se que nunca fez segredo das suas ideias espiritas. Por isso não hesitou em confiá-las a Danton Walker, conhecido jornalista de Nova Iorque e autor do livro «A Aparição que eu vi», o qual elucidou que Mae West fala destes assuntos com todas as pessoas que os compreendam.

Em 1939, quando era disputada como estrela em Hollywood, começou a interessar-se pelo Espiritismo e, como todos os seres inteligentes, perguntava a si própria:

— Que haverá para lá de tudo isto? Que provas teremos?

Dirigiu estas perguntas aos sacerdotes e aos pregadores até que um dia leu num jornal de Los Ângeles a inauguração de um centro espirita e pediu ao seu assistente Jim Tomoney que fosse assistir à reunião e lhe contasse as suas impressões. E fez-se acompanhar de um boxador chamado Mickey sem cultura nem educação.

Durante os trabalhos o médium T. John Kelly olhou na direcção dos dois companheiros e disse:

— Tenho aqui um nome S..., uma palavra quase incompreensível de polaco ou russo.

Mickey sentiu um choque e disse a Jim que era o apelido de sua família. Jim não sentiu choque menor, pois julgava-o irlandês.

Mas a voz de Kelly ergueu-se de novo.

— O pai desse sr. S... tem aqui uma mensagem para seu filho. Diz-lhe que foi assassinado e lançado às águas.

O rapaz saíu da sala muito excitado e só depois conseguiu explicar que todos julgavam que morrera afogado.

Mae West ficou impressionadíssima com o relato e resolveu organizar uma sessão privada com Kelly, convidando uma dúzia de amigos e parentes, incluíndo a irmã Beverley West.

— Algumas coisas que nos disse o médium eram simplesmente espantosas — comentou ela —. Eu nunca as poderia saber com antecedência e algumas eram até embaraçosas para certa gente, se fossem tornadas públicas.

Houve outras revelações significativas que não se referiam a assuntos pessoais. Kelly, completamente vendado e atado a uma cadeira, respondeu a perguntas encerradas em sobrescritos lacrados, em Outubro de 1941, quando as nuvens da guerra se amontoavam sobre a América e toda a gente duvidava se o país entraria na contenda. A uma inquirição respondeu:

— Teremos ataques de surpresa no Hawaí, dentro de três meses. A guerra durará cinco a seis anos e o presidente Roosevelt não viverá até ao fim do mandato.

Mas foi acrescentando que a guerra seria ganha.

Esta sessão convenceu Mae West da existência do mundo dos espíritos e da possibilidade de comunicação com os chamados mortos. Depois assistiu na Inglaterra a várias sessões com Lilian Bailey e Helena Hughes.

Tempos depois a irmã Beverley recebeu a visita de um homem de Brooklyn, que conhecera os pais da actriz. Beverley não sabia que ele se apresentava sob o nome de Berkman e que era procurado pelas autoridades como presumível assassino da esposa. A polícia de Los Ângeles pediu a Mae West que a ajudasse a prendê-lo, mas o homem desapareceu sem deixar vestígio. Ela própria telefonou a Kelly, que lhe disse:

— Esse homem foi preso há vinte minutos.

O Comissário, ao saber do ocorrido, telefonou ao Departamento Central, onde confirmaram a notícia.

Estas provas extraordinárias convenceram a notável artista americana de que há outra vida para a qual todos convergem.

É mais um nome a juntar a muitos intelectuais e artistas que se deixaram empolgar por estas verdades.

## UM CASO ESTRANHO

A *Folha da Tarde*, de São Paulo, publicou há meses uma notícia curiosa e que *O Semeador*, da mesma cidade, transcreveu na íntegra. É o caso de um trintanário que se tornou criança.

«Levantara-se antes de Lucy — escreve o articulista —. Vestira-se e fora para a saleta, onde costumava tomar a refeição com ela. Quando esta entrou, ainda ele não tinha tocado no pão nem deitara chá na chávena. Não pegara em coisa alguma da mesa. Pegara no jornal, cuja metade deixou cair no chão e permanecia com os dedos abertos apalpando os desenhos para crianças que se encontravam na última página. E ria ingènuamente, como uma criancinha.

«Lucy abanou a cabeça, murmurando: «Como os homens às vezes parecem infantis!».

«Edgard nessa manhã não comeu coisa alguma, nem conversou com ela, que se levantou, deu-lhe o casaco e o sobretudo e viu-o abandonar a casa, como sempre, quando se dirigia ao escritório.

«Quando, meia hora depois, Lucy chegou à janela e olhou para o jardim, viu qualquer coisa que se movia debaixo de um arbusto. Era um corpo escuro. Cheia de curiosidade, desceu para verificar do que se tratava e descobriu, horrorizada, este quadro: sob a folhagem estava sentado, brincando com a terra e fazendo pequenos montinhos o seu marido, Edgard, um homem com quem ela na véspera estivera no teatro a conversar sobre literatura. Agora estava sentado no chão, fixava-a e ria-se a fazer caretas.

«Cheia de horror, quis retirá-lo do sítio onde se encontrava, mas ele começou a gritar como criança pequena. Os vizinhos foram em seu auxílio. Chamou o médico da casa. Este foi tão inteligente, que trouxe logo um psiquiatra. Vinte minutos

mais tarde Edgard entrava numa casa de saúde. O crânio foi radiografado. Nada, absolutamente nada. Todas as funções estavam normais, com a diferença de que não era Edgard W., de 30 anos, que fazia isto ou aquilo, mas uma criança de dois anos.

«No mesmo dia já não suportava a alimentação do dia anterior, isto é, adequada ao adulto Edgard W. A criança de dois anos em que de repente se tornara suportava ùnicamente leite, papinhas e alimentação de bebé. E também a sua maneira de proceder era de uma criança de dois anos».

Este é o caso em si, que *O Semeador* atribui a espíritos atrasados e que a *Folha da Tarde* não comenta, possìvelmente por falta de elementos básicos.

Seria interessante conhecer o desfecho da história para melhor apreciação e análise.

A seguir, o mesmo jornal insere o «parecer do psiquiatra» *(qual psiquiatra?)* e transcreve o caso de John Smith, que se recordou de qualquer coisa do seu passado e que, depois de haver atingido lembranças do segundo ano de vida, não mais conseguiu voltar ao presente. «É pouco mais ou menos como se alguém subisse um rio a nado e se perdesse nas proximidades da nascente e não pudesse regressar».

Aplicaram-lhe mescalina, essa droga que consegue apagar o tempo, e fizeram-no avançar até aos 10 anos. Depois aumentaram a dose e trouxeram-no à realidade momentânea, porque, uma vez eliminado o produto, o desgraçado voltou ao estado de bebé.

Empregaram então amital sódico, a tal «droga da verdade», a fim de obrigá-lo ao conhecimento do seu estado actual. Mas também aqui a reportagem é insuficiente, visto que deixa o leitor na ignorância dos factos.

Finalmente, informa que o parecer da Universidade *(qual Universidade?)* acerca de John Smith é este:

— Se conseguirmos esclarecer este caso teremos provàvelmente encontrado um orifício para contemplar o segredo da vida. Tocaremos talvez no segredo da juventude eterna, ou seja o rejuvenescimento do corpo e da alma.

Quanto a nós, quer-nos parecer que deve tratar-se de coisa mais simples: um caso de obsessão, semelhante ao de Edgard W. Um e outro estavam sob influência alheia e não podiam usar as faculdades volitivas. Doutrinada a entidade, cessaria o desequilíbrio.

## ÁLVARO MOREIRA E O ESPIRITISMO

O Dr. Álvaro Moreira, membro da Academia Brasileira de Letras e gaúcho eminente muito conhecido nos meios literários de Santa Cruz, foi protagonista de um episódio que o vespertino *Última Hora*, do Rio de Janeiro, acaba de revelar aos leitores e que passamos a transcrever:

«Há dias que o escritor Álvaro Moreira está impressionado com o Espiritismo, em virtude de um facto em que foi envolvido. Achava-se na redacção da emissora onde mantém crónica diária, quando foi abordado por um desconhecido.

«— Sr. Álvaro Moreira, trago missão muito importante: levá-lo a certo lugar a pedido de certa pessoa...

«As palavras do desconhecido abriam caminho ao mistério e começaram a intrigar o escritor e a provocar-lhe a curiosidade. Pediu esclarecimentos ao homem, mas este respondia sempre com palavras vagas, alegando que nada mais podia dizer, porque se tratava de uma ordem de certa pessoa. Resultado: Álvaro, com aquela bondade que faz dele um mar de ternura, acompanhou o estranho.

«Levado para uma rua do Estácio, o escritor foi introduzido numa sala onde se realizava uma sessão espirita. Feita a corrente, baixou um espírito que se dirigiu ao autor de «O Dia nos Olhos», em puro e cristalino Francês.

«— Até parece o Anatole France — pensou.

«Pela boca do médium dizia o Espírito:

«— Álvaro Moreira, você está numa fase de grande intranquilidade. Mas é porque você quer. Deixou de fazer o que o tranquilizava...

«O escritor, calado, escutava, enquanto a voz prosseguia:

«— Será que você não se lembra do tempo em que se sentava naquela sua cadeira de florões no espaldar e ficava horas a conversar comigo?

«Álvaro Moreira estremeceu ao ouvir falar na sua cadeira, que hoje tem em casa, abandonada a um canto, com os florões quebrados.

«Mas o Espírito continua, para maior espanto do escritor.

«— Sim, é aquela cadeira mesmo. Está com o espaldar quebrado e você abandonou-a. Siga o meu conselho, Álvaro Moreira. Volte à sua cadeira. Volte a conversar comigo, como antigamente.

«Quando Álvaro Moreira conta o facto aos amigos explica que, efectivamente, há tempos se sentava na tal cadeira dos florões e ficava lendo Anatole France, um de seus autores preferidos. A esposa costumava aproximar-se dele e perguntar o que estava lendo e ele respondia invariàvelmente:

«— Não estou lendo nada, minha filha. Estou «conversando» com o Anatole France...».

Há quem converse muito assim, com amigos que partiram, estando presentes. É um prazer incomparável. Umas vezes vemo-los e ouvimo-los. Outras vezes sentimo-los, tocam-nos as suas vibrações e temos a sensação de pertencer ao mesmo ambiente.

O escritor Álvaro Moreira não diz o que pensa do Espiritismo ou como reagiu mentalmente ao fenómeno. Isso, não diz. Mas é possível, é mesmo natural que ficasse impressionado. E quando a impressão é forte e não há muitas hipóteses para explicar a coisa...

O mesmo sucedeu a Coelho Neto, a Viriato Correia, a Olavo Bilac. Converteram-se, aceitando a realidade. Este último era vidente e teve belos fenómenos premonitórios no seu activo de poeta.

É bom que os intelectuais decididos sejam tocados e falem do caso em seus escritos. O público se encarrega de espalhar a notícia e a doutrina vai andando. Uns contagiam os outros.

## NAVIO ASSOMBRADO

*Two Worlds* diz que o marítimo Brian Edward declarou no tribunal de Auckland, Nova Zelândia, haver desertado, porque o navio era assombrado pelo espírito de um velho capitão. Uma noite viu-o uniformizado na cabina do comando.

Os proprietários do navio afirmaram no tribunal que, de facto, o capitão se suicidara na cabina havia oito anos.

A notícia foi dada em primeira mão pelo *Sunday Express*, o qual informa que o marinheiro fora condenado a prisão, com riscos de ser deportado.

Casos destes lêem-se com frequência, não só nos anais do Espiritismo, como também na imprensa profana. Por isso não vale a pena comentá-los.

## AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 16 de Outubro, véspera da sua ida ao Brasil, António Cardoso realizou uma conferência no Centro Espiritualista Luz e Amor. Não lhe foi possível desenvolver o tema intitulado «Os Fenómenos Rítmicos», como prometera, devido à sua fadiga, pois, além dos preparativos de viagem, submetera-se a vários exames finais no Instituto Superior Técnico, onde fez o curso de engenheiro químico e realizara mais uma conferência noutra sociedade. Limitou-se, porém, a contar alguns passos da sua viagem à Suíça no tocante ao Espiritismo naquele país.

E durante uma hora manteve a assistência em expectativa, contando episódios, peripécias, opiniões deste e daquele, deliciando-nos a todos com a graça que lhe é peculiar.

No final, Jorge Raimundo leu uma bela saudação a António Cardoso, desejando-lhe boa viagem e êxito nos seus propósitos, o mesmo fazendo Isidoro Duarte Santos e Manuel Morais Canaveira.

No dia 18 Túlio Rosa realizou também a sua anunciada conferência intitulada «O Espiritismo e a sua propagação».

Durante uma hora e com à vontade característico, o orador contou a marcha da Doutrina desde os seus primórdios à actualidade, em tom sereno, mais em forma de expositor, que de defensor.

Secretariado por Isidoro Duarte Santos e Jorge Raimundo, o confrade Raúl Ribeiro Pesqueira congratulou-se com o trabalho apresentado pelo conferencista, a quem fez um sincero apelo no sentido de voltar mais vezes àquele estrado para bem da doutrina e para servir de exemplo a outros que a seu tempo o imitarão.

## TRABALHOS DO CENTRO EM NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1959

### Grupo de Irradiação Mental Reper-Siam

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigida por Isidoro Duarte Santos, com auxílio dos clarividentes D. Maria Bacelar, Túlio Rosa e Guilherme Maria da Silva.

---

Dia 1 de Novembro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina e dirigido por J. Francisco Cabrita.

Dia 2, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos e dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 3, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 4, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília e dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 10, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 11, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 13, 6.ª feira, às 21,30—Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 15, domingo, às 16 horas — Conferência de Raúl Ribeiro, intitulada «Ensaio Científico-filosófico do Espiritismo».

Dia 16, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos e dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 17, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 18, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 20, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 22, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 24, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 25, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 27, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia.

Dia 29, domingo, às 16 horas — Conferência de Joaquim Fernandes de Albuquerque, intitulada «A Minha Profissão de Fé».

Dia 30, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação com a médium D. Ermelinda dos Santos e dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 1 de Dezembro, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

Dia 2, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 4, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 8, 3.ª feira, às 21,30 — Grupo de Intuição e Clarividência, com o concurso de Túlio Augusto Rosa.

## Fundo de Beneficência

*Mês de Outubro* — V. L., de Coimbra, 10$00; A. L., de Setúbal, 10$00; M. Margarida, de Elvas, 5$00; M. do Rosário, de Coimbra, 5$00; Anónimo, 20$00; Manuel Leitão, de Monte Estoril, 110$00; Outro Anónimo, 20$00; Zétó, de Tavira, 5$00; R. Manuel, de Setúbal, 5$00; M. L., de Coimbra, 10$00; M. F., de Beja, 5$00; Margarida Maria, de Coimbra, 5$00; R. M., de Portalegre, 4$00; J. V., de Santarém, 5$00; Jaime S., de Viana do Castelo, 6$00; V. Santos, da Foz do Douro, 10$00; C. S., de Viseu, 5$00; M. Morais, de Bragança, 5$00. *Total — 245$00.*

# ESTUDOS PSIQUICOS

MENSÁRIO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

20.º ANO | LISBOA, DEZEMBRO DE 1959 | N.º 12

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 56605

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. Nova do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa


# GRADAÇÃO

Já o temos dito algumas vezes. O caminho de Deus é através da ciência e do amor. Deus é o conhecimento absoluto, o amor permanente. Nós somos o nauta em plena rota evolutiva. Buscamos a fonte, porque temos sede. O que está em nós é aspiração inconsciente radicada no instinto.

Sem o passo deliberado somos atraídos para o foco e vamos na onda, como as aves migradoras recolhidas em barco. De uma forma ou de outra chegaremos.

É preciso esforço e aquisição de bondade. A vida é trabalho ininterrupto caldeado em dor e dessa amálgama surgirá um dia o diamante lapidado.

Tudo o que se faz é linha ascendente, partindo de um ponto inferior. A tarefa é sucessão de pontos na linha. Quem a pode avaliar sem referência?

Só os que ultrapassaram o limite do sensório e dominam o fenómeno, vibrando noutra dimensão.

O estudo é estrada divina em ascese. Olhemos a humanidade, observemos o seu caminho, desde o princípio, nos arquivos da história, e veremos a sua linha sinuosa, avançando aqui, retrocedendo para destruir obstáculos, em obediência a seus rumos e nunca retrogradando. E à medida que nos tornamos conscientes, Deus aumenta em nós. Vemos melhor, temos necessidade de iluminar os que vivem na penumbra. Isto é sabedoria.

Depois vem a bondade. Não se fabrica, não se martela. Surge espontânea. É uma síntese admirável de harmonia, que nos atinge e aos companheiros de trabalho.

A bondade é estática, permanece, emite radiações magníficas, cria ambiente de felicidade, mas é preciso dinamizá-la. O amor é movimento, é expansão espiritual. É um conjunto atractivo.

Por isso, quando estudamos adquirimos valor intrínseco, aproximamo-nos do semelhante, damos-lhe um pouco do nosso influxo. E também recebemos. Abandonamos o repouso que estaciona e entramos no trabalho excitante que abre clareiras ao viajor inquieto. Estamos na vida plena.

A escola é multiforme e todas as facetas do espírito são buriladas.

Sólon dizia:

— Procura instruir-te, enquanto viveres; não creias que a velhice traga consigo a razão.

Sim; a velhice não dá a mais bela prerrogativa do homem. A maturidade é que a vê esplender ufanamente. Mas também lhe não pertence. Uma e outra são estádios do tempo. A razão é que pertence ao Espírito. Se a velhice desse razão, que bom seria avançar em anos! Todavia, que vale possuir uma coisa, quando não se pode usá-la? E que pode fazer o homem caduco?

A razão é síntese de conhecimento.

Na opinião de Simon, a riqueza intelectual é o maior bem depois da virtude. E o Padre António Vieira perorava:

— Instruir é construir!

Tudo avança em gradação, do simples ao composto. É cadeia infinita e sem princípio para quem vive agarrado ao calendário.

Assim, compreende-se a essência dos dois caminhos tendentes à unidade.

Há livros que derramam florescências. São potenciais ao serviço do conhecimento humano. Neles apoiados a caminhada é menos difícil, porque resumem a experiência de alguns a reflectir-se na incipiência de muitos.

Procurar Deus é avanço gradativo até atingir liberdade completa. Quem vive mentalmente preso não pode encontrá-lo. Deus é ciência, é amor, é perfeição. Estudemos, amemos, caminhemos para luz superior e seremos humildes, que ser humilde é ser grande. E a velocidade aumentará sempre, na proporção do trabalho de cada um.

# O BALANÇO

Por CYRILO ALEIXO

Em qualquer casa comercial, quando um balanço acusa saldo positivo, produz nos seus proprietários um sentimento de viva satisfação, por verificarem assim, que seus negócios estão correndo bem. Mas, se, pelo contrário, o saldo é negativo, aborrecimentos e preocupações vêm ensombrar os espíritos, advertindo-os de que as coisas não vão bem, e, neste caso, providências são tomadas, para que no futuro os resultados sejam outros.

Há, portanto, o cuidado de indagar as causas de tal situação, a fim de serem evitadas, ninguém se poupando a esforços para alcançar a melhoria, pois o essencial é que o dinheiro não deixe de entrar nos cofres.

Tal procedimento seria particularmente louvável no tocante às coisas do espírito, para o que um balanço levado a efeito periòdicamente, traria grandes vantagens.

Mas, quem se preocupa a valer com sua parte psíquica, nesta época em que tudo parece subverter-se ante alterosas vagas do mais sórdido e requintado materialismo?

Mais do que nunca, aqueles que reconhecem na parte espiritual do ser a sede da felicidade legítima, devem estar bem vigilantes nos tempos actuais, dada a existência de inúmeros focos infecciosos, pondo em risco aquelas partes que se apresentam ainda mais ou menos sãs.

É certo que, quando o lado psíquico impera, com sua luz potente e força colossal varrendo as trevas da ignorância, quando nos sentimos assentes nessas bases inabaláveis depois de termos sido joguetes nas mãos das forças inferiores, nada há que venha alterar tão desafogada situação, adquirida à custa de muita renúncia e sacrifício.

Ainda que tudo em nossa volta vacile e as mais sombrias perspectivas venham ensombrar os espíritos, aqueles que receberam já o baptismo espiritual, manter-se-ão firmes e confiantes nas leis que regem seu mundo interior, quais sólidas rochas, inabaláveis à fúria dos elementos.

É que o nosso Eu real, após muito haver lutado e sofrido, depois de ter experimentado o vácuo das ilusões e o travor contido nas seduções mundanas, no anseio de encontrar um bem que continuamente lhe escapa e que, por intuição, sabe existir algures, chega assim triste e abatido às portas de um recanto ignorado, sem forças para ir mais além.

A alma, desiludida e insatisfeita, depois de ter deambulado por todos os meandros do materialismo, onde só deparou com grosseiros arremedos dum bem que nunca foi possível encontrar, é atraída para essas paragens misteriosas, às quais, sem o saber, está ligada por inúmeros fios invisíveis.

Essas regiões inexploradas, onde abundam os maiores tesouros e as mais fagueiras possibilidades, fazem parte integrante de nós mesmos, residem em nosso âmago, prontas a servirem-nos com seus admiráveis recursos, como legítimo património da nossa alma.

Há, na verdade, uma real atracção para essa parte interna, à qual, quase sempre cedemos, sòmente depois de desiludidos cá fora, após termos experimentado a inanidade de tudo que aí se encontra, o que só geralmente se consegue, à custa de muitos tormentos e decepções.

É preciso sentir-se primeiro um horrível vazio e a perspectiva de um tédio intolerável, para a alma despertar desse langor, porque então, insensìvelmente, se sente impelida para esse lado ignorado, onde existe tudo capaz de satisfazê-la.

Essa atracção é, felizmente, inevitável e todos vêm a senti-la na devida altura, pelo que devemos louvar o Criador, por não nos abandonar àquela triste condição.

Que somos nós, senão trémulos lampejos divinos, grosseiros amontoados de escórias, embaciando a potente luz interior e que por nós terão de ser removidos, à custa de nosso próprio esforço?

A alma é portadora do germe da perfeição, competindo-nos envidar todos os esforços para fazê-la emergir das sombras da animalidade para a rutilante condição angélica.

E assim, depois de nos convencermos de que no apertado círculo da vida exterior nada encontramos de verdadeiramente real e definitivo, nos voltamos então para o interior, com a esperança de vê-lo corresponder aos nossos íntimos anseios.

Tal reviravolta é fatal.

Colocada num meio heterogéneo, entre impulsos e forças antagónicas, atracções e repulsões, obstáculos que, por vezes, parecem inamovíveis, a centelha divina tem de sustentar, assim, uma luta gigantesca, cujo fim é libertá-la gradualmente do jogo material.

Envolvida, quando da formação do nosso universo, nas pesadas vestes da parte inorgânica, sua finalidade é ir subjugando gradualmente as limitações que a conservam prisioneira, até conseguir libertar-se definitivamente daquele ergástulo, para efectivação de sua augusta finalidade: o ingresso no foco de onde havia sido irradiada.

Sua trajectória é longa e penosa e, através de quedas e ascensões, lágrimas e sorrisos, esperanças e desenganos, se sente impelida a avançar sempre, naquela insatisfação por algo melhor, que constantemente lhe escapa e em que reside o segredo da sua evolução.

Exhaurido um ciclo, outro se abre e depois ainda outro, seguidos de muitos mais, degraus que são da longa escada que todos temos de subir, a fim de ser levada a efeito a tarefa que nos coube na obra da criação.

Quando, após termos perambulado longamente nos planos materiais, chegamos às portas do mundo interior, nos encontramos não só desiludidos e exhaustos, mas também paupérrimos, esfomeados e sedentos, pelas muitas privações que essas paragens inóspitas nos haviam imposto, depois de nos terem acenado com miragens ardilosas, hàbilmente preparadas para encobrir sua aridez.

As aflições da vida, são as grandes mestras do espírito. Sem o seu concurso, não seria possível sairmos do langor em que as seduções materiais nos costumam envolver.

Os sofrimentos que nos atingem, são outras tantas marteladas, na dura crosta que envolve a chispa

divina. Sem eles, seríamos quais artistas desprovidos de cinzel, incapazes, portanto, de levar a efeito qualquer obra.

Quando, aflitos e desiludidos, entramos finalmente em nosso império anímico, um sentimento de calma nos invade e pela primeira vez sentimos então aquela paz de espírito há tanto ambicionada.

Surpreende-nos sobretudo a profusão de recursos ali patentes, tão acessíveis quão eficazes, lastimando o tempo perdido lá fora, onde só há artificialismo e vacuidade.

A vida, sob os sadios estímulos psíquicos, toma nova feição. Ao horrível vácuo anterior, segue-se majestosa plenitude, onde os horizontes se desdobram em perspectivas progressivamente grandiosas e fascinantes.

Estamos assim em bom caminho e o progresso psíquico se acelera sob o impulso das poderosas forças introspectivas, empenhadas em adelgaçar cada vez mais os envoltórios da prisioneira divina.

Nunca, como actualmente, houve tamanho apego àquela parte exterior, onde a alma fica esquecida e soterrada sob os escombros do que o camartelo da desilusão vai incessantemente demolindo.

Nunca a corrida aos bens materiais atingiu o delírio dos nossos dias, numa loucura, num frenesi diabólico, como se o mundo fosse acabar de um momento para o outro e houvesse necessidade de extrair da vida o máximo que nos pode dar de materialidade, onde os olhos se fixam àvidamente, como num supremo bem.

Quem cuida assim, nestes tempos de acentuada mediocridade, em dar um balanço psíquico, para nos inteirarmos de nossa situação perante as inflexíveis leis cósmicas que nos regem?

É certo que muitas pessoas são incapazes ainda de levar a cabo um trabalho de tal envergadura, convictas de que sòmente há que atender à parte tangível do ser, única, afinal, que admitem, não passando o resto, a seu ver, de teorias mais ou menos engenhosas, destinadas a embalar os bacocos...

Elas, porém, espíritos fortes, estão acima dessas grosseiras crendices, não se deixando embalar por tais balelas, pelo que, como a vida é curta, toca a aproveitá-la em tudo que dê real e imediato prazer, ou, pelo menos, que o possamos usufruir antes de a parca nos vir cerrar os olhos para sempre.

Dignos de lástima são esses pobres mortais, que um dia aportarão também às fronteiras dos domínios interiores, para a confissão da sua culpa, sua grande culpa.

Não devemos todavia culpar indiscriminadamente quem assim vê as coisas, porque a alma humana vem da inexperiência para o conhecimento e este só é possível com as lições da vida, através de inúmeros avatares e daí a ignorância para tudo que, escapando aos sentidos físicos, mergulha suas raízes num outro mundo, mais vasto e real, para muitos ainda desconhecido.

São quais frutos verdes, cuja condição não podemos censurar, antes devemos achar natural, por falta de tempo para a devida maturação.

Todos, porém, que ultrapassaram já essa fase inferior, onde, para nos servirmos de um dito popular, ainda se cheira aos cueiros — neste caso, aos cueiros da matéria — só lucrarão com a efectivação de balanços periódicos, destinados a mostrarem-nos nossa situação anímica, pois embora a alma se encontre então relativamente emancipada, tem de contar ainda com as fraquezas do suporte carnal.

Qual a empresa que entrega ao acaso o curso dos seus negócios, sem procurar saber como tudo vai correndo?

As colunas de «Deve» e «Haver» do grande livro da vida, devem ser compulsadas frequentemente, a fim de, segundo o resultado da respectiva verificação, mantermos ou modificarmos nossa conduta, o que, sem aquela consulta, nos passaria despercebido.

Neste caso, o «vale mais prevenir do que remediar» é de grande importância, porque, dada a instabilidade da vida, a prudência nos aconselha a termos as contas sempre em dia, por o seu cancelamento poder ocorrer inesperadamente de um momento para o outro.

Quando o pano desce sobre mais um acto do drama da evolução, somos obrigados a rever, com amargura ou alegria, conforme os lançamentos feitos no livro que se fechou, o papel acabado de desempenhar.

Aqueles que pouco ou nada se preocupam com o preenchimento daquelas colunas, deixando-o, por assim dizer, entregue ao acaso sem qualquer espécie de fiscalização, ficam geralmente atónitos ante a gravidade de tal incúria, deplorando amargamente tão grave falta.

De facto, deixarmos correr a vida indiferentes aos prejuízos ou benefícios que possamos vir a colher, é tão insensato como uma casa comercial que se preza, deixar entregue ao acaso seus negócios, num manifesto desinteresse pelos resultados que daí possam advir.

A responsabilidade da nossa actuação nos mundos-escolas será tanto maior quanto maior for o grau de conhecimento sobre a finalidade das existências.

Muitas vezes, apesar do conhecimento de tal responsabilidade, não nos decidimos a balancear a vida convenientemente, ou por desleixo, ou por nos convencermos de que tudo vai bem, olvidando assim que muitos dos nossos erros seriam evitados, se nos submetêssemos a uma fiscalização periódica.

Uma vez que a finalidade das existências é impulsionar-nos para a frente, não passando de outras tantas lições no aprendizado em que andamos empenhados, o bom senso nos aconselha a aproveitá-las o melhor possível, para lhes extrairmos todo o proveito que nos podem dar.

Deixar correr a vida, indiferentes ao que o conta corrente da existência nos possa vir a apresentar, é colocarmo-nos numa situação bastante perigosa, cujos resultados não poderão deixar de ser bem desagradáveis.

Poderá passar pela cabeça de alguém que tenha a seu cargo qualquer negócio, ser inteiramente indiferente ao andamento do mesmo, entregando-o assim à sorte e à ventura?

Quem quer que de tal forma procedesse, sujeitar-se-ia a consequências bem nefastas e, no entanto, é assim que geralmente nos comportamos atrás do balcão da vida.

É por isso que o remorso nos acicata, quando, mais tarde, perante a verificação obrigatória do livro acabado de preencher, os prejuízos nos avultam como lógico resultado da nossa indiferença.

Sentimo-nos então na condição de um escolar, que, por cabulice, tivesse perdido o ano, ou parte dele.

Aqueles que na verdade querem triunfar, aqueles que já experimentaram amargamente a vacuidade das coisas transitórias, viram-se então, de alma e coração, para as sendas do espírito, armando-se de uma vontade tal, que nada existe capaz de detê-los na sua marcha regeneradora.

É por isso que há pessoas especialmente prudentes e cautelosas, deligenciando extrair de cada dia o máximo de proveito, para, no próximo interregno, sentirem a alegria do dever cumprido, que é, sem dúvida, a maior felicidade colhida em cada existência.

Todos nós encontramos tempo para as coisas temporais, mas para

as psíquicas somos, no geral, muito madraços.

De um lado, a parte transitória do ser, alvo de mil atenções e cuidados, à qual se rende, geralmente, exagerado culto; do outro, a parte eterna, a angélica, onde se hão-de delinear as asas da nossa libertação, relegada para plano secundário, como coisa de somenos importância.

Que insânia a nossa, nos desvelos excessivos postos naquele conjunto de células, destinadas a inexorável desintegração sob algumas pàzadas de terra fria e inerte e que lastimável indiferença para com o princípio eterno, que sobreviverá a todas as mortes fisiológicas!

Vêde, por exemplo, como uma dona de casa, empenhada em confeccionar um bolo, põe todo o cuidado na pesagem e medida dos ingredientes, manipulando-os a rigor, tendo em atenção a temperatura do forno e tudo o mais necessário à sua confecção e como se procede quanto à alma, sem cuidarmos de ver se está seguindo as normas divinas, caridosamente indicadas pelo nosso sublime mestre Jesus!

E que diferença entre as consequências de uma e de outra coisa! No primeiro caso, da errada manipulação do bolo, apenas poderá resultar uma decepção para o paladar, mas no segundo, as consequências são sempre mais vastas e atingir-nos-ão profundamente.

Como é possível desprezar-se assim a hóspede divina, desviando a vida do seu legítimo fim, criada que foi sòmente para servi-la, para arrancá-la ao jugo da carne?

Tal servilismo nada mais faz do que escravizar-nos.

Não nos iludamos pois, quanto aos bens da terra, revestidos de um brilho enganador, que o tempo transforma sempre em poeira de ilusões. Os únicos bens reais são os do espírito, que estarão sempre connosco, tanto neste como no outro plano, esses bens inalienáveis, com os quais se preencherão colunas e colunas do crédito e que, através de oportuno balanço, nos mostrarão os avultados lucros auferidos, com os quais os proventos materiais nada são e nada valem.

Em vez de riquezas transitórias, que, no dizer de nosso esclarecido mestre Jesus, os vermes consomem e a ferrugem corrói, antes riquezas eternas, constituídas pelos dotes do coração, com as quais alcançaremos o sumo bem, quando, ingressados nas élites do espaço, passarmos a viver para sempre a esplendorosa vida espiritual.

# ANSIEDADE

*Afagando os lírios no luar abro os olhos ao céu pontilhado de estrelas. E minha alma fica presa a esse constelado de faúlhas espargindo lucilações esmorecentes...*

*Na transparência azulínea surge o nácar da Aurora roseando o firmamento, que o sol esmalta de opalas na euforia da luminosidade...*

*Por fim, desce o dia dos espaços siderais.*

*Escoa o tempo... Meses e anos dobam no crivo da Eternidade.*

*Pairam no ar poalhas que me enfeitiçam e me impelem para o sonho.*

*Encandeiam-me visões em duradoiros afectos.*

*Embalam-me saudades emergindo do cinzento das recordações!*

*Saudades, afeições são velas pandas no mar imenso do passado.*

*E sonho que afago os lírios brancos do luar! Que sonho e volto a sonhar no regaço da Aurora!...*

*É que em mim existe ânsia de sonhar. Nesta época de aspirações vagas, só no sonho encontro beleza, deleite emotivo, tónico espiritual.*

*A superfície do planeta é insuficiente e o aspecto da civilização é o da ânsia do novo, mas não do Belo.*

*Muitos correm em busca do ignorado.*

*A Humanidade sofre uma crise de nervos que se desequilibram entre naturais possibilidades e aspirações indescritíveis.*

*Os homens querem a Felicidade, mas não a encontram. E, todavia, encontrá-la-ão, se souberem e quiserem dominar a vontade.*

*Os louros da glória deixam-nos insatisfeitos, perdem o interesse depois de alcançados. E a felicidade não reside na glória do mundo ou em notas bancárias. São bens efémeros que pertencem mais à terra que ao espírito. A felicidade é o fruto da perfeição moral que germinará em nós próprios, se a alimentarmos de bons actos e bons pensamentos.*

*Bons Actos! Boas Aspirações! Bons Pensamentos!*

*Eis as pedras basilares que edificam com equilíbrio, harmonia e perfeição a nossa Felicidade.*

*São estas palavras que devemos ter sempre em mente e que elas nos conduzam a praticar o bem e a perdor injustiças. Que elas ceifem do nosso coração a maldade e o ódio, dando-nos tranquilidade de consciência. Amemo-nos uns aos outros, aceitemos com resignação os sofrimentos que cabem a cada um e teremos o nosso quinhão da felicidade. Procedamos com sinceridade, correcção e fé para que um dia enveredemos pelo mais lindo caminho com destino a outra Esfera.*

*Companheiros de ergástulo, eu afago os lírios brancos do luar...*

*Sonho, sonho muito...*

*Mas no meu sonho há verdade!*

*Sim. O meu sonho oferece um painel da verdade.*

*— SEMPRE ASCENDENS!*

*Brandamente, uma lágrima suave rola em minhas faces.*

*Sonho e choro? Talvez... numa prece de agradecimento ao ALTO por me ter feito sentir a doçura das ideias...*

**MARIA INÊS SENA**

# VÃO MATERIALISMO

Por MAURICE BARBANELL
(Director do «Two Worlds»)

Ao provar a sobrevivência após a morte, a mediunidade prova também que o homem é um ser espiritual, com nascimento e destino espiritual. Portanto, o homem tem que ser visto como espírito em corpo e não como corpo em espírito — distinção esta, em princípio, duma altíssima importância. O homem não é o seu corpo, ainda que se identifique com ele durante toda a vida. Pode dizer: «Não me sinto muito bem», mas o que ele quer realmente significar é apenas: «O meu corpo não se sente bem».

Paradoxalmente, se assim o entendem, a verdadeira resposta à pergunta sobre a saúde não devia ser: «Infelizmente tenho reumatismo», mas sim: «Sinto-me bem, mas o meu ombro esquerdo sofre de reumatismo».

O reflexo que vemos num espelho não é a nossa imagem, e a nossa certidão de idade não nos diz quem somos — apenas regista o nome que identifica a nossa personalidade corpórea.

## MEDO CRESCENTE

O homem que arrancou à natureza alguns dos seus segredos mais profundos, que mergulhou nos abismos e subiu aos cumes, que explorou virtualmente todos os recantos da terra, que pode destruir imensos territórios com uma simples explosão, o homem, que se supõe ser a obra-prima da criação, continua a desconhecer-se. As suas maravilhosas e ao mesmo tempo terríveis descobertas e invenções, em vez de lhe acarretarem serenidade e paz, só lhe aumentaram o medo, as apreensões, e hoje encara com mais terror o futuro. E assim, se é mais próspero, materialmente, do ponto de vista espiritual está falido; se o seu conhecimento terrestre é enorme, a ignorância de si próprio é maior ainda. «Homem, conhece-te a ti mesmo!» era o apelo da sabedoria antiga, que continua sem resposta após alguns milénios.

A descoberta da energia atómica presenteou o género humano com o maior poder da História. E ele oscila em redor do precipício, esperando as maravilhosas dádivas que a ciência lhe pode ofertar, mas treme de medo ao antever a maior das catástrofes, destruidora de milhões de vidas.

Assim, o problema surge por força das descobertas científicas terem diminuído o desenvolvimento espiritual do homem, que se encontra mentalmente incapaz de reger os poderes que a ciência desvendou. E mesmo grandes e profundas, essas descobertas não conseguiram atingir o segredo da vida e o homem é susceptível de produzir qualquer ser vivo, mesmo em miniatura, ao mesmo tempo que fabrica uma bomba atómica.

Qual a diferença entre um corpo vivo e um corpo morto? Estruturalmente parecem ser o mesmo. Que é que fez paralisar o coração? Por que motivo essa estranha rigidez do trespasse se apoderou dos membros dos que morrem? Simplesmente, porque saíu aquilo que anima o corpo e o princípio vital se desagregou e, sem ele, o corpo e os seus órgãos não podem funcionar. Este princípio não-material é o espírito, que é a essência da vida e, sendo quase impossível defini-lo, bem podemos dizer que está na base da própria existência terrena.

As investigações psíquicas e as suas provas revelaram ao mundo que o homem sobrevive como espírito para além do túmulo e que não é a morte que lhe confere essa natureza espiritual. O corpo mergulha nas cinzas ou transforma-se noutros elementos; só o espírito segue a sua eterna jornada. Portanto, o corpo é o menos e o espírito é o mais; o corpo é o servente e o espírito o senhor; o corpo é a máquina e o espírito o indivíduo. E quem teve uma existência limitada a 70, 80 e 90 anos não pode ser superior ao poder imortal que lhe deu a vida.

Nós somos dos que estamos familiarizados com muitas leis físicas que controlam os acontecimentos da terra. A sala das sessões espiritas conduz-nos a um feixe de leis psíquicas que regulam os fenómenos produzidos através da mediunidade, o que, aliás, é lógico no reino espiritual, como nos outros aspectos do Universo.

## UM DEUS UNIVERSAL

O que acabamos de dizer indica uma infinita inteligência que é responsável por um universo governado por leis em todas as suas ramificações. As mentes acanhadas não podem compreender o infinito, mas desta realidade emerge a concepção dum espírito infinito, como supremo arquitecto do esquema cósmico. É este o Deus do espirita, não homem deificado, qualquer divindade tribal ou ainda qualquer ser antropomórfico. É este o deus de todo o mundo, de todas as criaturas, de todo o infindável universo, que não a propriedade exclusiva de uma religião ou de um país. É um deus incapaz de favoritismo, ódio, ciúme, vingança ou qualquer outra humana fraqueza.

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, diz o *Genesis*. Mas o homem só espiritualmente é a imagem de Deus. As suas relações são espirituais e os homens da terra e do além são uma parte integrada no seu espírito infinito.

## O LAÇO ETERNO

O homem nasceu, porque uma partícula dele se encarnou na matéria e concedeu vida ao corpo. E a todo o momento e desde sempre, o ser humano está unido a Deus. Esta relação espiritual é um facto no nascimento, na vida, na morte e no Além — uma união eterna que não pode quebrar-se

A vontade livre é que decide até que ponto nos será concedido o germe latente da divindade para

o vermos florir. Potencialmente, o homem necessita de possuir todos os poderes dum espírito infinito. É este para mim o significado das palavras «O reino dos céus está dentro de nós», ao que se pode juntar: «E também o reino dos infernos». Assim o homem constrói o seu próprio destino, o seu céu e o seu inferno e determina a sua evolução espiritual, que nada tem que ver com a nacionalidade, o nascimento, a riqueza ou a profissão. A lei natural de causa e efeito interfere aqui e o homem é o que de si faz pelo seu comportamento. Cada indivíduo tem oportunidade de desenvolver o seu carácter e ninguém no mistério do universo está melhor condicionado para auxiliar o próximo. Não ser egoísta, ser amável, compassivo e bom, não depende da nossa riqueza ou da nossa pobreza. O avarento, por exemplo, não pode ser um santo, porque essa deformação jamais produziu santidade.

## IMUTÁVEIS NA MORTE

Depois do trespasse o homem continua a viver, precisamente no mesmo estado espiritual que tinha atingido antes de abandonar a terra. Nem pode ser doutra maneira, porque ninguém pretende, na verdade eterna, possuir um desenvolvimento espiritual que não atingiu.

Os padrões da terra não têm influência para além do túmulo, onde a classificação é muito outra. Aqui podemos querer ser diferentes do que realmente somos, porque raramente, ou nunca, o nosso íntimo é revelado e nos escondemos atrás da máscara da personalidade. Mas a morte faz cair todas as vendas e revela a alma em sua autenticidade. E esta lei natural de causa e efeito não pode ser alterada por arrependimento à hora da morte, por quaisquer fórmulas teológais ou pela administração dos tão falados sacramentos, ainda que dados e recebidos com sinceridade. Nenhum homem tem poder para mudar a lei natural.

## A PROVA AMARGA

Um credo religioso, ou a sua ausência, não tem para o efeito qualquer importância, porque a prova, amarga ou doce, é a vida que nós vivemos. Não é o recital dos livros litúrgicos que pode alterar as normas universais.

Aquilo que é olhado como religião por milhões de indivíduos vale, não como crença em si, mas como estímulo a vida melhor. Todos somos individualmente responsáveis pelo que fazemos e a morte não transforma pecadores em santos, lorpas em sábios ou loucos em filósofos.

A convicção de que o homem é um ser espiritual, como se conclui nas sessões espiritas, é um facto tremendo que transformará o cenário da vida terrena e dará à humanidade um novo sentido de valores baseados na compreensão do seu lugar e finalidade no plano divino.

Milhões de seres vivem uma vida fútil, correndo atrás das sombras e das ilusões, porque ignoram simplesmente os fins da existência. Praticamente a mór parte da sua atenção está fixada no corpo com lamentável esquecimento das premissas espirituais, que são, de facto, as realidades que permanecem para sempre.

## LIÇÕES NÃO APRENDIDAS

Se uma fracção do nosso tempo, esforço e energia fosse dedicado ao desvendar da nossa divindade latente, o mundo seria em breve melhor. Milhões de seres viveriam na luz espiritual, em vez da escuridão em que hoje se encontram. Mas assim a maioria dos homens morrem mal apetrechados, sem preparação para o ciclo de vida que se há-de exercer além-túmulo. É confrangedor apreciar os milhares de infelizes que morrem na ignorância do que trazem em si próprios, esquecidos de aprender a lição na escola da terra. Porque ao concluirmos que somos uma entidade espiritual, nova escala de valores, uma inédita e maravilhosa perspectiva nos surgirá, totalmente diferente da anterior. O medo e a preocupação extinguem-se, quando nos convencemos de que mal algum pode advir à nossa real existência. Além disso o conhecimento de que possuimos uma armadura espiritual ensina-nos a empregar o nosso poder latente para nos fortalecer nas horas de fraqueza, nos guiar nos momentos de crise e nos ajudar, quando tudo são dificuldades.

## O MAIOR INIMIGO DOS NOSSOS DIAS

Este conhecimento demonstra-nos que há muitas lições a aprender na sombra e no sol, na dor e no prazer, na tristeza e na alegria, na tormenta e na paz. Cada experiência de vida enriquece esta certeza e ajuda a formar o carácter, que é uma posse eterna.

O maior inimigo do mundo é o materialismo, cancro maligno que parasitàriamente cresce em todas as classes e em todas as nações.

O conhecimento da sobrevivência após a morte com tudo o que implica de espiritual e de contínuo torna o materialismo impossível, por isso que é a sua antítese. E o Espiritismo prova que o egoísta pagará pelo seu egoísmo. A ânsia do poder — ou da riqueza — através de qualquer preço ou sofrimento que incida sobre o ambicioso existe apenas, porque a maioria dos indivíduos não têm a menor noção das suas consequências espirituais. É um efémero lapso de poder ou de fortuna pode trazer consigo a adulação e o respeito aparente, mas tudo isso é apenas fachada transitória e vã.

A morte põe um ponto final a todas as ambições dos ditadores, dos míseros, dos pantagruélicos e dos avaros. E assim como a bondade tem o seu prémio, o egoísmo encontrará o seu castigo.

Com o tempo (cremo-lo firmemente) estas verdades substituirão o antagonismo individual, nacional e internacional pela cooperação e desejo de servir o próximo.

## A LIBERDADE É O IDEAL

As manchas e paradoxos que enfraquecem a existência humana serão neutralizadas pelo encontro do espírito com a sua mais alta expressão.

Todas as relações humanas, nos seus diversos aspectos, se terão que alterar pela apreciação das necessidades espirituais da vida. As diferenças de cor, raça, crença, língua e nacionalidade serão ultrapassadas pelo imperativo da natureza espiritual do homem, porque na sua essência, ainda que em grau diferente, ela existe dentro de todas as almas deste mundo e constitui um laço imortal e divino mais forte do que os da família ou do sangue.

E a verdade simplista é que Deus nos fez a todos dum só espírito. Gostando ou não gostando, as leis universais o ordenaram, de tal modo que

# APROXIMA-SE O NATAL!

**Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:**

| | |
|---|---|
| Saldo do número anterior ..... | 1.087$00 |
| Sócio 1723, de Lisboa ..... | 20$00 |
| Alberto Pinto Gouveia, de Lisboa ... | 100$00 |
| Manuel Romão de Sousa Gago, de Luanda ..... | 100$00 |
| Anónimo, de Lisboa ..... | 20$00 |
| Manuel da Conceição Martins, de Lisboa ..... | 15$00 |
| Luísa Pacheco Martins, de Lisboa ... | 20$00 |
| João da Silva Gomes, de Moimenta da Beira ..... | 100$00 |
| Margarida ..... | 100$00 |
| Salvador Silva Machado, de Lisboa | 25$00 |
| J. O. R., de Lisboa ..... | 20$00 |
| Lucinda Mendes, de Lisboa ..... | 50$00 |
| Rogério Leite de Faria, do Porto ... | 90$00 |
| João Vito Pina, de Garvão ..... | 20$00 |
| Miguel Martins de Carvalho, de Lisboa ..... | 30$00 |
| León de Castro, de Lisboa ..... | 30$00 |
| Anónimo, de Lisboa ..... | 50$00 |
| Beatriz Fernandes, de Lisboa ..... | 20$00 |
| Américo Monteiro, de Bombarral ... | 100$00 |
| Laurentino Simões, do Porto ..... | 20$00 |
| Jaime Sabino, de Aveiro ..... | 34$00 |
| Anónimo, de Ovar ..... | 50$00 |
| Artur Levi Gomes, de Lisboa ..... | 20$00 |
| A. da Silva Júnior, de Coimbra ..... | 50$00 |
| David da Silva Guimarães, de Matosinhos ..... | 50$00 |
| Leonilde Ferreira de Albuquerque, de Lisboa ..... | 10$00 |
| Joaquim Fernandes de Albuquerque, de Lisboa ..... | 20$00 |
| Maria Augusta, de Lisboa ..... | 10$00 |
| Grupo Maria José, de Lisboa ..... | 20$00 |
| Anónimo, de Lisboa ..... | 12$50 |
| J. Espinha, de Lisboa ..... | 50$00 |
| Maria do Carmo Miranda, de Lisboa | 20$00 |
| Anónimo, de Maceira, Liz ..... | 20$00 |
| Rosa Vidal, do Porto ..... | 50$00 |
| José Maria Cabral, de V. N. de Gaia | 20$00 |
| Margarida, C. de Sousa, de Algés ... | 20$00 |
| Maria Luísa P. Macedo, de Nova Lisboa ..... | 30$00 |
| R. Dias, do Porto, em homenagem ao Espírito de LIA pelo auxílio e conforto recebidos ..... | 200$00 |
| Maria do Carmo Miranda, de Lisboa | 20$00 |
| Alfredo Cavalheiro, de Lisboa ..... | 50$00 |
| Ernesto Beleza de Andrade, de Lisboa | 20$00 |
| | 2.793$50 |

**Continuam a afluir os donativos, que mencionaremos no próximo número.**

## UMA SÉRIE DE ENXOVAIS

**Do casal portuense Rogério Leite de Faria, que todos os anos, incansàvelmente, nos têm enviado numerosos enxovais para criança, acabamos de receber uma grande porção deles, finamente trabalhados, denotando um grande amor aos pequeninos seres que hão-de constituir a seara em flor de amanhã.**

**O casal Rogério Leite de Faria vivem a Doutrina como deve ser vivida e propagam-na na roda dos amigos, alertando corações, consolando aflitos, dando, enfim, testemunho da sua fé de espiritistas. Que o seu caminho seja iluminado e que encontrem sempre na vida o sorriso franco daqueles que protegem.**

o canibal, o negro, o índio pele-vermelha, o aborígene, o indígena e os membros de todas as raças, todos pertencem à nossa família. Espiritualmente somos membros uns dos outros, todos filhos da divina prole. É assim que se concebe a família espiritual das nações unidas.

## MATAR NÃO É ARGUMENTO

O que dissemos são verdades eternas que em muito transcendem as nossas diferenças físicas. Matar não pode extinguir esta relação espiritual ou finalizar as responsabilidades perante nós mesmos ou em relação a outrem. O homem que morreu na batalha continua a ser uma realidade espiritual que se não extingue. A guerra não resolve problema algum, só o transfere para outros planos dentro da existência mal compreendida.

Quando o homem adquirir verdadeira riqueza, lustre e nobreza de viver e conhecer a sua potência espiritual, o momento chegou para uma nova ordem, que surgirá baseada nestas verdades eternas e realizadas pelos espíritos de eleição.

Nesse clima as visões dos sonhadores, dos reformadores, dos pioneiros e dos mártires serão, de facto, realizadas e o reinado do céu na terra será uma verdade viva e o homem viverá então em paz consigo e com o próximo, na plenitude do conhecimento do poder do espírito em toda a sua magnífica e sublime majestade.

# O jornalismo espirita em crise perigosa

Por Tito L. Bancésqu
(Correspondente em Rosário, Argentina)

O director da prestigiosa revista lusitana *Estudos Psíquicos*, sr. Isidoro Duarte Santos, publicou uma nota na sua edição do mês de Agosto do ano corrente, na qual chama a atenção dos espiritistas cuja imprensa se encontra numa perigosa situação económica.

Infelizmente, não é a primeira vez que se faz semelhante advertência ao mundo espirita dos nossos dias. Recentemente — segundo a mencionada revista — o semanário *Two Worlds*, de Inglaterra, dirigido pelo dinâmico sr. Barbanell, fazia chamamento aos leitores e assinantes, pondo em relevo o precário estado das suas finanças com a eminência de suspender a publicação. Em caso análogo encontram-se várias publicações espiritas de diferentes países.

Antes de entrar noutras considerações assinalo a crise económica que atravessa a humanidade. Não negamos, pois, a existência acentuada do desemprego e da carestia da vida, do vestuário, etc.

Contudo notaremos uma questão de vital importância, não só para nós, como também para a difusão do Espiritismo em face da crise de valores. Confessemos, pois, de relance, que as fileiras espiritas se acham afectadas no aspecto moral. Não se tem em conta a missão que exerce o jornalismo na propaganda das diferentes manifestações da vida e como ele forma e deforma a personalidade concorrendo com seu peso gravitório na marcha de género humano, mediante a palavra escrita e oral da radiodifusão e da televisão.

No campo espirita de todas as latitudes, ainda não se chegou a valorizar a função do nosso jornalismo, porque, se assim fosse, a estas horas já circulariam muitos órgãos semanais, sob a direcção de pessoas idóneas; contudo, todos sabemos que os jornais e revistas mensais vegetam. Os seus directores precisam de realizar esforços sobre-humanos para manter as publicações que orientam, sacrificando frequentemente seus pecúlios pessoais para as porem em circulação, satisfazendo, assim, os assinantes. E quando o encarecimento tipográfico ou a inflação obriga a aumentar o preço dos exemplares ou das assinaturas anuais, então muitos deles, ignorando talvez o que custa editar um mensário, protestam ou desistem da assinatura.

Semelhante procedimento tem a virtude de servir a administração da empresa jornalística em base psicológica, para se saber quão precária é a mentalidade espirita. Aqueles que renunciam a prestar o seu apoio monetário a uma publicação espirita, diàriamente adquirem jornais profanos ou revistas da mesma índole, que trazem muitas gravuras, quer dizer, que tàcitamente apoiam publicações que costumam combater a nossa doutrina ou zombam do Espiritismo até ridicularizá-lo, aplaudindo quem classifica os espiritistas de «loucos» ou de «bruxos».

Admitamos, por outro lado, a título hipotético, que a crise económica afecta o orçamento doméstico. Mas, para sermos lógicos, devemos apontar que não são poucos os irmãos espiritas que diàriamente gastam, em cigarros, charutos e fósforos, importâncias que somam centenas de pesos, cruzeiros ou dólares mensais. É dinheiro atirado ao ar e que só prejudica a saúde. Todos os domingos esses mesmos espiritistas protestantes vão aos jogos de futebol ou aos estádios de boxe, se é que não arranjam valiosas entradas nalgum hipódromo ... porque de tudo há na vida.

Ao lado destas *maravilhas*, não passamos por alto alguns copitos de bom licor, que fazem parte do orçamento do nosso bom amigo ...

Pedimos aos nossos leitores que nos perdoem por tanta franqueza, que não usamos em nossa lide; mas nós pecamos por sinceros e como jornalistas profissionais não podemos resistir à tentação de dizer pùblicamente o que vemos, o que sentimos e o que tocamos.

O quadro aqui traçado milita pouco em favor da doutrina espirita, porque nenhum sacrifício pessoal — ainda que a troco de nossos pequenos e grandes vícios — será muito, se nos propusermos elevar a pessoa de nossos irmãos, orientando-a através do jornalismo para um nível moral mais alto. Se temos a convicção de que o Espiritismo prático salvará o homem da encruzilhada em que a palingenesia nos introduziu, então temos obrigação de alimentar, manter e difundir a tábua de salvação através dos veículos escritos e orais.

Se entre os espiritistas de cada país houvesse absoluta convicção da grande vantagem de uma publicação semanal, certamente se conseguiriam esses instrumentos, demonstrando que o Espiritismo não enlouquece ninguém, mas que cura os loucos abandonados pela ciência académica. Mais ainda: ver-se-ia que só a luta do homem contra as muitas imperfeições reúne elementos de confraternização mundial e elevação moral.

A verdade é que, salvo raras excepções, não nos solidarizamos com os princípios morais, científicos e filosóficos que tanto apregoamos aos outros, nem tão pouco com o titânico esforço que realizam os directores das mais importantes publicações da nossa esfera. Abandonamos a carga sobre as costas desses abnegados irmãos, como se fossem multimilionários. Não se trata de servi-los, mas sim aos órgãos de publicidade que dirigem, além de suportar por acréscimo atitudes críticas por isto ou por aquilo ou porque não se publicou a colaboração que se lhes tinha enviado.

Dissemos anteriormente que todos os valores humanos se encontram em crise, porque, se assim não fosse, não abundariam tantas mentalidades infantilizadas que se deslumbram ante espectáculos pueris, grotescos e embrutecedores, os quais são alimentados e estimulados econòmicamente pelas multidões que só reclamam «pão e circo», isto é, futebol e boxe.

Nós entendemos que não é esta a autêntica nota do espiritista coerente com a doutrina. Porque

# PARAPSICOLOGIA

## 5 Perguntas e 5 Respostas

### PERGUNTA N.º 1

**Os mortos podem voltar do Além?**

RESPOSTA:

Eis uma pergunta que nem sofre discussão.

Pertence definitivamente ao rol das coisas arrumadas.

E se algum bisbilhoteiro analfabeto pretender ainda, em nossos dias, arriscar uma só palavra de dúvida sobre a questão *post mortem*, ter-se-á então necessidade de abrir, pela força da ciência, os olhos desse cego que não quer ou não pode ver...

Ora, bem longe vai já o tempo — como ficou patente na nossa conferência realizada há anos: «Metafísica» — em que Luís Buchner, no seu famoso tratado «Força e Matéria», afirmava, equivocadamente, aludindo aos princípios de ordem natural: «Não há e nunca houve facto algum que possa fazer-nos crer ou supor que a alma de um indivíduo morto continue a existir sob uma forma qualquer».

É claro que teorias obsoletas desta ordem teriam de resvalar com o tempo ao cesto dos papéis inúteis para dar lugar a uma ciência experimental, de investigações psíquicas, como a Parapsicologia.

E que se viu, então?

Um intenso movimento dos sábios mais notáveis, cujos estudos positivos vieram provar, cabalmente, que o *homem verdadeiro não morre* e pode até levantar o véu que separa os dois mundos.

### PERGUNTA N.º 2

**O Padre Mainage dedicou-se alguma vez às Ciências Psíquicas?**

RESPOSTA:

É o que nos garante o inquérito do sr. Paul Heuzé.

Com efeito, o P.e Mainage, professor de História das Religiões no Instituto Católico de França, consagrou-se «oficialmente», durante alguns anos, ao estudo das questões psíquicas e das suas relações com o moderno espiritualismo.

Ele próprio confessa: «Quanto aos *fenómenos*, a Igreja não os nega, nem nunca mesmo os negou. E, quando se trate de pesquisas científicas, apenas para alcançar um conhecimento mais perfeito sobre tudo quanto há de misterioso no mecanismo da vida, a Igreja só pode provar esses esforços».

E referindo-se à incompetência e má vontade de alguns membros do clero, conclui: «Apenas me desola ver alguns católicos, que se dizem sinceros crentes, hesitarem ainda em tomar uma resolução».

Eis uma solução heróica para um sacerdote com olhos postos no futuro, que sabia que a Igreja nem sempre proibiu as relações dos vivos com os seres de além-túmulo.

### PERGUNTA N.º 3

**É um facto o «teleplasma»?**

RESPOSTA:

A existência indubitável deste fenómeno parecerá um truque de prestidigitação, mas em face das fotogravuras do livro *Teleplasma und Telekinese*, do Dr. F. Schivab, seria prudente concluir de outro modo.

Além disso, a sr.ª Brisson, que sugeriu as experiências realizadas na Sorbonne, em 1925, defende a realidade do *teleplasma:* «Deve notar-se que a biologia no seu estado actual, não parece opor-se a semelhante concepção».

Enfim, o *teleplasma*, também chamado *ectoplasma*, é, segundo a asserção dos metapsiquistas, uma substância que emanaria do organismo dos médiuns e pode revestir as formas mais diversas, tais como figuras humanas, mãos, braços, etc.

### PERGUNTA N.º 4

**Não existe um Museu Metapsíquico destinado ao registo das manifestações supranormais?**

RESPOSTA:

O seu organizador foi o célebre novelista Connan Doyle, autor do *Sherlock Holmes*.

Não faltam, no extraordinário museu de Londres, os documentos fotográficos de fantásticas aparições, que foram obtidos sob a mais rigorosa fiscalização científica: rostos apagados, membros flutuantes, mãos diáfanas, medalhas, lápis, botões, cigarreiras, jarras, tinturas, flores, etc., etc.

Um ornamento notável do famoso museu psíquico é a fotografia do físico inglês Sir William Crookes de braço dado com o espectro da enfermeira Katie King, *espírito* das relações de Conan Doyle.

### PERGUNTA N.º 5

**Diz-se que já se filmou uma sessão autêntica de parapsiquismo?**

RESPOSTA:

Esse sonho cinematográfico realizou-se, há anos, em Londres.

A iniciativa pertenceu ao «Internacional Institute of Psychic Research», cujos médiuns se sujeitaram durante três dias às mais extraordinárias e macabras experiências.

Entre as pessoas que assistiram à tomada da película, contam-se um médico, um farmacêutico, um engenheiro, o chefe dos operadores, auxiliares, *regisseurs*, electricistas.

O Dr. Nandor disse a propósito ao *Daily Scketch*: «Estamos muito satisfeitos com os resultados do nosso trabalho. Ao todo temos cerca de 6.400 m de filme, eloquentes de flagrância e nitidez, que correspondem a 4.000 fotografias».

E conclui, naturalmente: «Chegámos a registar no filme cinco silhuetas transparentes, mas de rosto fácil de reconhecer, uma das quais esboçando um vulto de chinês, em cabaia, que fitava a máquina com olhar aturdido».

**PROFESSOR MARIALVA**

---

se reencarnarmos, é para purificar em parte os erros espirituais que trazemos de outras encarnações. Nosso dever é, pois, autocontrolar o nosso procedimento, a maneira de pensar e de actuar. Temos obrigação de ser úteis à nossa imprensa, difundindo-a, fazendo subscrições, assegurando voluntàriamente fundos para consolidar a fundação de cada período sério e orientador, inspirado com fins de progresso.

Se o jornalismo profano e a radiodifusão alugada aproveitam os pequenos episódios de certas manifestações da vida social, para desprestigiar sistemàticamente o Espiritismo, é porque somos culpados ao alimentar a publicidade profana com os nossos esforços pecuniários, permitindo que as nossas revistas e jornais enfraqueçam ou vegetem cada vez mais. Isto é doloroso, do que se depreende que ainda não aprendemos a ser mais solidários com a elevada prédica espirita, nem tão pouco com os que já deram provas de sacrifício pela causa que amam.

*(Tradução de C. A.)*

# ÓSCAR F. CARNEIRO

## Por J. C. Moreira Guimarães

A 1 de Julho próximo passado, desencarnou o estimado confrade Óscar F. Carneiro, bastante conhecido no meio espirita brasileiro pela sua extraordinária actividade através do grande jornal doutrinário *Mundo Espirita*, em cujas colunas colaborou ininterruptamente desde 1932, oferecendo-nos suas magníficas «Reflexões», onde se espalhavam suas altas qualidades de pensador e moralista dos mais acatados entre os profitentes da Consoladora Doutrina codificada por Allan Kardec.

Ouvíamos o programa «Selecções Espiritualistas», irradiando diàriamente pela Rádio Guanabara, quando, de súbito, o locutor lançou ao espaço a compungente notícia do desencarne do inolvidável irmão Óscar F. Carneiro.

Conquanto, para nós, espiritas, a desencarnação seja um acontecimento que nada tem de surpreendente, todavia aquela notícia causou profunda emoção èm nossa alma, tais os laços de afeição e principalmente de gratidão que nos prendiam ao generoso irmão Carneiro, de cujos lábios tantas vezes ouvíramos palavras, observações, sentenças, conselhos, em suma, que muito nos fortaleceram e ampararam em momentos difíceis e amargurados da nossa travessia terrestre.

Naquela data retornava aos páramos do Infinito o humilde e prestante servo da Seara Bendita, o espirita sincero, cuja permanência na terra ultrapassara a fronteira dos setenta janeiros, vividos a mór parte em estado de quase completa paralisia sobre um leito de dolorosas provações.

Óscar F. Carneiro foi o que se poderia chamar um Evangelho vivo, aberto de par em par à contemplação de quantos transpusessem os umbrais do seu modesto aposento, autêntico santuário, onde as bençãos do Alto caíam em catadupas e as mensagens do espírito de Icléia — doce amiga dos sofredores — se faziam ouvir lenindo corações e iluminando consciências.

A figura de Óscar F. Carneiro impressionava vivamente a quantos dele se aproximavam: sua fronte, como que circundada de radiante auréola, dava-lhe à fisionomia uma expressão de candura e de bondade que trasbordava do seu olhar suave e penetrante e da sua voz cariciosa, meiga e compassiva, que tinha o dom de persuadir e quebrantar o mais rebelde e impenitente.

Quantos irmãos nossos lhe buscavam o carinhoso aconchego, alquebrados, desfeitos, torturados por angústias insopitáveis e de lá saíam encorajados, reanimados e confortados!

É que Óscar Carneiro, graças à sua fé contagiante e inabalável, possuía forças espirituais de tal modo robustas, que o levavam a esquecer as suas próprias dores, para pensar sòmente nos sofrimentos alheios.

Disso deu ele provas edificantes até o instante em que se desprendeu dos laços da matéria, chegando mesmo a dizer de uma feita:

Se é preciso que eu sofra ainda mais para mitigar a dor do meu semelhante, que sejam aumentadas as minhas dores.

Dir-se-ia que Óscar Carneiro era um enamorado da Dor. Já nos derradeiros momentos de sua indescritível tortura física, quando alguém, piedosamente interessado em suavizar-lhe a agonia, lembrou lhe fossem ministrados um entorpecente, teve ele essas edificantes expressões:

— É acto de covardia recuar diante da dor!

Soberbo exemplo de resignação, coragem e confiança na justiça divina nos deu quem em toda a sua peregrinação terrestre soube revelar-se legítimo seguidor do Mestre!

Pelo seu lar, onde o Espiritismo criou um núcleo da mais ampla dispensação cristã, desfilaram em constante romaria pessoas de todas as condições sociais, que ali iam dessedentar-se na fonte cristalina do Consolador Prometido.

Casais desavindos, lares na iminência de completo desmoronamento, reconsiliaram-se e soergueram-se ante os fraternos apelos e as tocantes doutrinações de Óscar Carneiro, reforçadas pelas conclamações cristãs do espírito de Icléia e de toda uma falange de iluminados mensageiros do Cristo que ali baixavam constantemente.

Embora quase totalmente imobilizado no seu leito de remissoras provas, como dissemos, força e reconhecer que, sobrepondo-se às tremendas restrições impostas pela gravidade do seu estado de saúde, Óscar Carneiro fez mais pela Doutrina do que muitos em plena liberdade de movimentos.

Por maneira que a sua semeadura ao longo dos setenta e poucos anos de existência terrena, foi das mais fartas e opulentas que já se registaram nos anais do Espiritismo em terras brasileiras.

Assim, ao anoitecer do dia 1 de Julho próximo passado, Óscar F. Carneiro — essa alma brilhante e radiosa que soube sentir e viver, como poucos, o Evangelho do Cristo Amado — rompendo os últimos élos que o prendiam ao corpo perecível, qual pássaro de luz singrando o espaço, partiu num voo célere, em demanda dos alcandorados cimos da Vida Espiritual.

Sua passagem por este mundo foi uma rajada de luz clareando os caminhos sombrios da humanidade, tangendo ovelhas tresmalhadas para o abençoado redil do Nazareno.

Ao saudoso Óscar F. Carneiro bem se ajustam os belos versos do imortal Longfellow:

*Quando morre um varão de sã virtude,*
*Depois que a luz dos olhos seus a morte, venda,*
*A luz que em vida derramou, resplende,*
*Da humanidade iluminando a senda.*

Eis aí, fielmente retratada nesta admirável estrofe do mavioso Longfellow, a figura empolgante de Óscar Carneiro.

Possuidor de acrisoladas virtudes, dos seus

# O QUARTO ONDE A MORTE SE DETEVE

Por DOROTHY BONNER

*As tempestades de verão nas regiões de Rip Van Winkle, ao longo das cordilheiras inferiores dos Castskills surgem abruptamente numa pirotécnica de trovões e relâmpagos dignos de fogos de vista. E seja qual for o local onde me encontre durante uma trovoada, nunca esquecerei a estranha experiência por que passei em 1926 naquelas vizinhanças.*

*Conduzia eu, certo dia, o meu carro, de regresso, com minha família, ao nosso lar em Connecticut, depois duma estadia no Canadá, quando vi os primeiros relâmpagos. Deviam ser umas 10 horas.*

*Quando decidimos procurar uma pousada para passar a noite, já o longo crepúsculo de Agosto se adensara nas sombras da noite e nós obrigados a ir devagar para ler as indicações da estrada e por aquela área de Hudson River, onde os primeiros pioneiros holandeses haviam fundado os seus grandes domínios.*

*Alguns destes encantadores lugares, rodeados de relva verde e cuidada, que se estendia até às margens do rio, tinham sido transformados em pousadas turísticas e, assim, em Ardsley-on-the-Hudson, deparámos com um letreiro oferecendo alojamentos e refeições. A atraente estalagem ficava para além do caminho bordado de pinheiros e ao longe divisava-se o rio.*

*Depois da grande porta dupla nos ter sido aberta por uma senhora simpática e idosa fomos conduzidos a um quarto espaçoso e acolhedor, cujas janelas davam para a estrada. Apesar da trovoada, eu e minha mãe depressa nos instalámos para dormir no largo e confortável leito, cansados como vínhamos.*

*Mas, de madrugada, ainda escuro, acordei sobressaltada ao ouvir o meu nome pronunciado baixinho e por voz desconhecida. Saltei, assustada, da cama e procurei desesperadamente o botão da luz.*

*— Que é isso?—perguntou minha mãe também já desperta.*

*Contei-lhe o sucedido. Minha mãe, ainda que também lhe parecesse ter ouvido o seu nome e da mesma forma, disse-me que o melhor era voltar a dormir, porque ambas devíamos ter sonhado. Hesitei em apagar a luz, mas, finalmente, decidi-me e a casa ficou como numa respiração suspensa e eu fui em direcção à cama, receosa do próprio barulho que fazia. De súbito parei, ao ouvir um estranho ruído vindo do armário. Minha mãe, ao ouvir o som aumentar, levantou-se e dirigiu-se ao móvel, abrindo-o com decisão. Eu parara de respirar, mas minha mãe riu com alívio: um morcego saía voando do armário, de encontro à luz.*

*Depois de o termos expulso pela janela fiquei preocupada com o que os outros hóspedes pensariam do barulho. Todavia, minha mãe disse-me que apagasse a luz. Nervosa, como estava, coloquei um roupão em torno da lâmpada, de forma que se assemelhava a um corpo sem cabeça e o conjunto começou a balouçar numa estranha figuração.*

*Eu continuava nervosa e contrafeita e contei a minha mãe que, antes de ouvir a voz, tivera um terrível pesadelo, onde qualquer coisa me estrangulava e sufocava e ela respondeu-me que também acordara sufocada.*

*Quando descemos, meu pai esperáva-nos no vestíbulo, mas nenhuma de nós mencionou o ocorrido durante a noite, porque tememos que se risse à nossa custa. Ao pequeno almoço sentei-me junto a uma senhora idosa e pequenina, que, mesmo àquela hora, usava abafo de lã e nos olhava com interesse invulgar. Soubemos, pelo que nos disse, que passara ali a maior parte do verão. A certa altura perguntou-nos:*

*— Dormiram bem a noite passada?*

*Eu respondi negativamente.*

*Os seus olhos animaram-se:*

*— Sonharam que estavam a ser sufocadas? — inquiriu.*

*— Mas, como o sabe? — foi a pergunta rápida de minha mãe.*

*— Porque lhes deram o quarto do dono da casa. E todos que ali entram se sentem sufocados, estrangulados.*

*— Porquê? — perguntei cheia de curiosidade.*

*A senhora, com um sorriso, contou-nos então que um antigo proprietário do local se enforcara naquele quarto e que era essa a razão das terríveis sensações que os hóspedes sentiam, quando ali dormiam. Depois, entrando em pormenores, descreveu-nos como ele perdera a sua riqueza numa das tentativas falhadas dos franceses para construirem o canal do Panamá! E olhando a dona da casa disse-nos que ela só alugava o quarto em último recurso, admirando-se de que o tivesse destinado a meu pai.*

*Assim a «morte» vivia num quarto da encantadora pousada, num cenário de paz e de beleza. Foi meu pai que trouxe a bagagem do compartimento assombrado e eu corri a instalar-me no carro para partir.*

*Os próprios pinheiros do caminho pareciam vigiar-nos e foi com enorme alívio que olhei pela última vez as janelas daquele quarto. Uma alma penada comunicava aos outros os seus tormentos, até que o seu destino no Além fosse cumprido.*

**(Do «Fate», de Novembro de 1957)**

---

olhos doces, serenos, penetrantes, como das suas palavras plenas de afecto e ternura, jorravam contìnuamente verdadeiras cascatas de luz.

A morte apagou-lhe os olhos carnais; mas aquela luz que Óscar Carneiro derramou em vida, não se apagou, nem se apagará jamais. Ela resplende ainda e resplenderá sempre, iluminando os caminhos do mundo, para transformá-lo, de futuro, numa das moradas felizes da Casa do Senhor.

Em suma, foi assim Óscar Carneiro: *Fraternidade, Perdão, Doutrinação, Esclarecimento, Exemplificação Cristã, Espírita Verdadeiro.*

Glória, pois, ao abnegado seareiro de Jesus!

Luz! Mais luz ao seu resplendente espírito!

**Rio de Janeiro, Agosto de 1959**

# A Morte tem um Número

**Por SIBBEY S. MORRIL**

Os homens de todo o mundo acreditam geralmente que a mais terrível de todas as descobertas é a fórmula de Einstein de que resultou a bomba atómica ($E = mc^2$). Mas é esta fórmula — Energia = igual à massa multiplicada pelo quadrado da luz — realmente a mais sinistra que os homens encontraram?

Sabe-se que uma guerra atómica total podia destruir a civilização e a humanidade, e por isso nenhuma arma até agora experimentada teve o colossal e imediato poder destrutivo da bomba atómica e das suas derivadas: a bomba de cobalto e a de hidrogénio.

Mas, tendo isto como certo, não teria havido anteriormente quaisquer descobertas específicas feitas muito antes de Einstein — uma das quais a chave da porta da câmara dos horrores atómicos? Houve — e era tão presaga, que bem podia ter sido tomada como terrível aviso. E a sua história mantém a crença de muitos em que não estão sós no mundo, de que há poderes mais altos a atender e a seguir. O relato da linha de pensamento que culminou na descoberta de Einstein apresenta-se espantoso a muitos espíritos e, para o apreciar, é necessário rever primeiro alguns factos concernentes à própria fórmula. Vejamos-los.

A fórmula da bomba atómica é a directa consequência de equação anterior expressa por Einstein na sua teoria da relatividade:

$$m = \frac{m_0}{V_1 - (v^2/c^2)}$$

e que, traduzida da linguagem matemática, significa que a massa de um corpo em movimento equivale à sua massa, quando em repouso, dividida pelo número irracional — a raiz quadrada de um, menos a sua velocidade quadrada sobre o quadrado da velocidade da luz.

A palavra-chave desta fórmula é a palavra irraccional e, para aqueles que se não lembram dos números irracionais aprendidos na escola, diremos que é um número inexprimível por um número inteiro ou uma fracção comum. Por exemplo, a raiz quadrada de 4 pode exprimir-se correctamente. Se duas vezes 2 são 4, a raiz quadrada de 4 serão 2. Mas a raiz quadrada de 2 não se pode exprimir tão exactamente, porque número algum multiplicado por si próprio é rigorosamente igual a 2.

O mais próximo que podemos chegar na sua figuração é 1,414141 e assim por diante e quantos 41 juntemos à expressão só nos aproximarão do número preciso para a raiz quadrada de 2 — o número assim chamado «irracional». Mas se tão fàcilmente usamos estes números irracionais, porque lhes damos nome tão duro?

A resposta data de largos tempos na nossa história e temos que voltar atrás uns 2000 anos, quando um filósofo grego — homem no cume da sua carreira — descobriu um número que o chocou, o encheu de horror e sensação de culpa. Chama-se Pitágoras — bem conhecido dos estudantes de geometria pelo célebre teorema do seu nome e dos da música pela sua descoberta das oitavas. Todos conhecemos o efeito da descoberta do sábio grego nos acontecimentos que se lhe seguiram — acontecimentos fatídicos, não só para a sua morte, como para muitos dos seus discípulos assassinados numa revolução cruel.

O número encontrado era a raiz quadrada de 2, ($V^2$ como se escreve hoje) e surgiu quando tentava estabelecer o comprimento de uma diagonal dentro de um quadrado, cujo lado era a unidade = um. Perturbou-o fundamente este facto, porque julgava que esta expressão não podia existir, só pela simples razão de que número algum multiplicado por si próprio pode ser igual a dois, mas só aproximado. Todavia, esta aproximação não era suficiente e assim teve que violar a perfeição que buscava e julgava ter obtido na sua teoria das proporções, compreendendo imediatamente que a existência de tal número, a ser conhecida, destruiria a sua teoria assente em números racionais.

Brilhante pensador, mas não tão forte que suportasse tal desenlace, Pitágoras teimava em ver o mundo como coisa lógica, fora deste novo conceito revolucionário do ilógico, do irracional e assim pensou que o que se não fala é invisível, combinando, sob juramento, com os membros da Irmandade Pitagórica, por si fundada, que se manteria secreta a nova fórmula. Mas os juramentos não foram decisivos para um deles, Hipasos de Metapontum, e se a sua traição se deve ao desejo de celebridade ou ao sincero afã de espalhar no mundo semelhante descoberta, a história não o diz. Seja como for ele é que promoveu a publicação do facto num livro, cujas cópias eram feitas por escravos, equivalentes aos tipógrafos de hoje. O choque motivado pela divulgação gerou imediatamente uma crise no mundo grego, cujo epicentro era Creta, a sede da organização pitagórica.

Mas os resultados para Hipasos foram desastrosos. Morreu de súbito por afogamento e não faltou quem dissesse que os deuses o castigaram pela sua perfídia, enquanto outros denunciavam a vingança dos seus colegas. Não sofreu, contudo, sòzinho, porque o próprio Pitágoras teve que fugir e pouco tempo depois foi assassinado em Metapontum, ao que se seguiu igualmente a morte da irmandade inteira, muitos queimados no próprio auditorium por uma populaça enlouquecida.

Mas de maneira alguma esta violenta reacção diminuiu o efeito da descoberta e dentro de um século (apesar do imenso prestígio de Pitágoras) espalhou-se de tal modo, que a teoria dos números irracionais foi aceite até por Platão, constrangido a dizer «que os homens que não compreendiam o número irracional eram como os suínos».

Para os prosélitos das influências ocultas da história, a decisiva descoberta de Pitágoras, o conceito de Platão e o consequente desenvolvimento dos números irracionais pode ter grande significado. A descoberta surgiu na época em que o poderio grego estava no zénite e a civilização helénica e a sua cultura, influíam no Mediterrâneo e no Mar Negro, penetrando noutras terras com o seu prestígio. A

# "O ESPIRITISMO E AS DOUTRINAS ESPIRITUALISTAS"

**Por MARTINS PERALVA**

(correspondente em Belo Horizonte)

Toda a vez que lemos um trabalho do festejado escritor Deolindo Amorim consolida-se em nós a convicção, que é, por sinal, a convicção de todo o Espirita, quanto à diversidade de tarefas portas a dentro de nossa Doutrina.

Na literatura espiritista Deolindo Amorim tem função específica. É um escritor que esclarece. E sua tarefa essencial parece consistir no esforço de dirimir dúvidas.

Desde o seu primeiro trabalho — «Africanismo e Espiritismo», que mereceu tradução para o idioma argentino — transparecia nele essa tendência de resguardar a integridade doutrinária.

Podemos, assim, defini-lo como um eliminador de confusões. Um estudioso que se empenha, ardorosamente, idealìsticamente, em colocar cada coisa em seu lugar.

Não sabemos se o confrade baiano assumiu compromisso, na Espiritualidade, para a execução dessa nobre tarefa, ou se aqui mesmo, no plano físico, já reencarnado, empolgado pela Doutrina, tomou a si tal encargo.

O que é certo, o que ninguém contesta, é que vem trabalhando com elegância e dignidade na consecução desse mister.

Mesmo quando se dirige a opositores, como o fez em «O Espiritismo à Luz da Crítica», sua pena é segura e respeitosa, seus conceitos primam pela feição construtiva.

Em seu novo livro, Deolindo Amorim revela-se, mais uma vez, sem nenhuma surpresa para nós, que bem o conhecemos, o escritor sereno, o argumentador seguro, o exegeta convincente.

Analisando, embora ràpidamente, o Esoterismo, a Teosofia, a Rosacruz e a Umbanda, aponta, com clareza e oportunidade, os pontos de contacto dessas correntes palingenésicas com a Doutrina Espirita, ressaltando, entretanto, com brilhantismo, as divergências que impedem sejam aqueles movimentos espiritualistas confundidos com o Espiritismo.

Os aspectos em comum não autorizam a confusão. Essa verdade Deolindo Amorim evidencia, de maneira incontestável, mercê de exuberante argumentação alicerçada na lógica, no bom senso, na razão.

Ninguém desconhece, no Brasil e em qualquer parte, a preferência de Amorim pelo lado filosófico do Espiritismo. Alegra-nos, no entanto, vê-lo na bela roupagem do exegeta seguro, quando, embora ràpidamente, aprecia do Evangelho o *buscai primeiro o reino de Deus e sua Justiça, e todas as coisas vos serão dadas.*

Eis o seu judicioso comentário:

> *Desta passagem evangélica decorrem duas acções sucessivas: a primeira é a acção de buscar o reino de Deus, o que significa esforço, trabalho; a segunda é a acção de receber as coisas por acréscimo, como consequência das qualidades adquiridas pelo esforço próprio.*

O livro ora em apreciação é de excepcional utilidade, especialmente para aqueles que, por ausência de estudo, admitem que o Espiritismo, que tem o seu corpo de doutrina próprio, autónomo, se confunde com quaisquer sistemas filosóficos ou cultos religiosos.

Todo o conteúdo de «O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas» conduz o raciocínio do leitor para uma certa verdade, que o próprio leitor irá sentindo e percebendo, gradualmente, à medida que se identifica com a sequência das exposições. Verdade essa que, afinal, encontrará clara, nítida, inconcussa, nas vigorosas palavras com que Deolindo Amorim fecha o derradeiro capítulo do seu valioso livro:

> *O Espiritismo é uma Doutrina que se basta a si mesma, sem empréstimos nem acréscimos artificiais.*

Efectivamente a Doutrina dos Espíritos assim é, em seus fundamentos, sem embargo de sua natureza expansiva, de sua progressividade, no Tempo e no Espaço, confirmando, aliás, o luminoso pensamento do insigne Codificador:

> *Do Espiritismo foi dita a primeira palavra, mas nunca se dirá a última.*

**Belo Horizonte, 10-8-959.**

*observação de Platão foi feita, quando a glória da Grécia se desfazia sob a ditadura de Alexandre, o* Grande. *E o subsequente desenvolvimento das matemáticas marcou passo com o declínio da civilização clássica, até que a ciência e a cultura antiga entraram no longo colapso da Idade Média. Com o seu despertar, na Renascença, o desenvolvimento dos irracionais matemáticos renovou-se, até que, com Einstein, culminou na equação* $E = mc^2$, *a equação conhecida como a que levou os cientistas para a época mais importante e, certamente, mais famosa da Matemática e da Física. Mas, quanto ao seu futuro, como a poderemos denominar? Será tão fatídica como a que Pitágoras temia? Será a raiz quadrada de dois o número da morte da humanidade?...*

*A resposta leva a outra pergunta: — Será o racionalismo do homem capaz de dominar o seu irracionalismo? E a tempo?...*

# "SEDE PERFEITOS COMO VOSSO PAI CELESTIAL É PERFEITO"

**Por José Simões de Matos**

Foi este um dos ensinos de Jesus aos apóstolos, aos discípulos e a toda a humanidade, que muito preocupou o meu espírito e me fez estudar o seu Evangelho desde a mocidade.

Pareceu-me, mesmo, à primeira vista, que o Mestre se contradizia diante daquele seu outro ensino, que, tendo-lhe alguém chamado bom, Ele retrucou: «Bom e Perfeito só o nosso Pai, que está no Céu.»

Será que Jesus nos haja aconselhado uma coisa que não cabe nas nossas possibilidades?

Isso não pode ser, porque não aprendeu dos homens, a verdade que nos ensinou, porquanto nos afirmou, *que era o Caminho, a Verdade e a Vida.* E quem é o *Caminho, nada tem de informar-se. E quem é a Verdade nada tem de aprender.*

Disse-nos também: *que de Si nada fazia;* que quem agia nele era o Pai», porque veio para transmitir-nos os seus ensinos e conselhos, verdadeiramente paternais, e que, no dizer dos apóstolos, são a luz do mundo, a aurora da era cristã. Portanto, deve haver falta de melhor interpretação da parte dos homens que não sentiram, nem compreenderam bem este ensino do Mestre.

Então senti no íntimo algo que me dizia: «Raciocina e vê que o ensino está certo. Estuda, trabalha que o Céu te ajudará a esclarecer o facto». E prosseguiu esclarecendo: «Assim como na semente, em latência, está o germe da vida que há-de ser através do tempo, assim também no homem está o germe do génio e do apóstolo, ou seja, o homem civilizado pela sabedoria e pelo amor, que virá a ser no futuro de sua vida, através de várias reencarnações e estágios de esclarecimento no mundo espiritual, tornando-se um digno instrumento da sabedoria e do amor do Pai, à imitação do Cristo, nosso Mestre, que é a vida perfeita, como acima se aconselha.

Jesus foi um perfeito instrumento da sabedoria e do amor do Pai. Ele mesmo o afirma, quando nos diz: «Quem conhece o Pai, o reconhecerá no Filho, porque ele só vive para dar testemunho do Pai». E ninguém vai ao Pai sem seguir o caminho do Filho, que veio ao mundo para nos ensinar e despertar, na consciência dos homens, esta verdade salvadora.

Jesus, aconselhando-nos a ser perfeitos como nosso Pai o é, quis tornar-nos participantes da mesma felicidade que ele usufruía como instrumento da sabedoria e do amor do Pai, porque só dEle nos podem vir estas virtudes e possibilidades.

O nosso coração e a nossa mente devem estar para Deus e para o Cristo como um lago está para o sol. O sol deixa-se reflectir no lago, mesmo que no fundo exista lodo, se o mesmo se conservar sereno e limpo, quanto possível. O homem, através dele, vê o sol e tudo o que há no Céu e ao seu redor, sem sair do si mesmo, nem precisar de saber dos outros; mas, se o lago não estiver limpo e não se mantiver calmo, sereno, também coisa alguma poderá precisar verdadeiramente.

Assim como o sol se reflecte no lago e nele se vê todo o seu resplendor, tornando mais bela a vida de tudo que o cerca, também nós, quando tivermos a alma pura, poderemos espelhar a imagem divina.

A limpeza do coração e da mente são condições indispensáveis para receber a Iluminação Divina. E tudo se obtém pela vida educada e de obediência às leis espirituais, que se fazem sentir no homem, através de sua consciência. Esta consciência é a base do ser pensante, tanto na ordem material, como espiritual. Representa para a vida do homem o que é a bússola para o navegante. E quanto mais difícil se apresentarem os problemas de nossa vida, mais necessário se torna obedecer-lhe, tal como procede o marinheiro ou piloto, quando se lhe apresenta mar encapelado ou horizonte tempestuoso. O comandante não abandona o leme até que a borrasca não tenha passado, a fim de evitar contratempos e possíveis perigos na viagem.

A consciência divide-se em três partes distintas, a saber: *consciência normal,* que responde aos nossos problemas da vida actual; *subconsciência,* que mais ou menos responde e reflecte a nossa vida de ontem e de outras trajectórias, de onde nos vêm determinadas tendências e aptidões; e a *superconsciência,* de onde nos vem a luz espiritual que ilumina a alma e dá vida, compreensão e amor.

É por meio desta faculdade que recebemos os ditames de Jesus e de nosso Guia espiritual, que são os intérpretes da sabedoria e do amor do Pai. Esta faculdade liga-nos a Deus e a Jesus e é regida por leis que jamais poderão dobrar-se aos nossos caprichos materiais. Somos livres de não lhes obedecer, mas não somos, jamais, de sofrer as consequências de tais infracções. A nossa vida na terra ou no espaço gira sempre, gravita sempre em torno da lei que rege esta nossa faculdade. As irradiações que emanam deste princípio fazem sentir-se nos nossos pensamentos. Se vibrarmos em harmonia com eles, praticando o bem, sentir-nos-emos felizes; se procedermos contràriamente, por sermos arrastados à prática do mal, seremos infelizes, moral e materialmente. E tal sofrimento, crescendo muito, nos incapacita de seguir adiante. E, em tal caso, dá-se a falência do nosso livre arbítrio por termos ido além do que é permitido e justo.

Então morremos para muitas ilusões e nascemos para redentoras realidades, reparadoras de nossas faltas praticadas. É nesta ocasião que o Pai, por meio do Cristo, nos fala, conduzindo-nos a novas veredas. É nessa ocasião que, através de nossa consciência, recebemos a luz que emana da superconsciência e nos tornamos dignos instrumentos da sabedoria e do amor, cumprindo-se, desse modo, em nós, o conselho do Mestre: «Sede perfeitos como vosso Pai Celestial é perfeito».

# Pastoral

Por ROCHA DE SOUSA

**Acabou-se o cinzento às cores da outra casa.**
**Acabou-se a escada de serviço com pernas de criada.**
**Acabou-se o cinzento de sombra no cinzento da rua**
**e já não há pessoas pasmadas e movidas.**
**Acabou-se alguma coisa que era de ferro e gemia**
**e já não há intriga, nem política, nem guerra.**
**Acabou-se tudo.**
**E comecei.**

**Comecei aqui, com a terra inteira.**
**Comecei aqui, com a casa branca, de telhado em bico.**
**Comecei aqui, solitário e total.**
**Tive as mãos cansadas e contentes do arado,**
**o corpo vergado de um peso feliz,**
**a cara queimada de um sol vertical.**
**Sonhei nas noites luarentas e caladas**
**e acordei com manhãs pálidas, e quietas, e orvalhadas.**
**Plantei vidas de couves.**
**e as couves foram minhas amigas,**
**e por causa das couves cortei canas**
**e com as canas secas e leves fiz grades para as couves.**
**Com isto senti prazer.**

**Mergulhei as mãos maravilhosamente terrosas e naturais**
**no cristal de uma fonte nascida da pedra,**
**e fui feliz, e amei a água verdadeira.**
**Então percebi que gostava da própria chuva**
**e até desejei a tristeza molhada de uma tarde de inverno.**
**Desejei inteiramente o céu de algodão sujo,**
**o bater das gotas nos vidros da minha janela,**
**o quente da cama,**
**e a luz de petróleo, submissa e breve.**

**Depois desejei tudo o que viesse depois.**
**Desejei as quatro estações todas,**
**os risos de flores e ervas em sol tépido,**
**o secar amarelo de folhas tristes,**
**o branco de uma luz parada e muito quente.**
**Fui o próprio campo.**
**Estendi-me no ondulado dos cerros,**
**enchi de folhas verdes e vivas o chão das minhas mãos,**
**brinquei realmente no suave vermelho de uma tarde morta,**
**e quase enlouqueci de prazer,**
**e quase fui a criança que não fora,**
**e quase me plantei na própria terra,**
**para nascer de novo e ser planta.**

**Mas um dia senti saudades de qualquer coisa**
**como dois ombros brancos, redondos e de carne,**
**e fiquei a chorar na soleira da porta...**

# AS CRENÇAS ESPIRITUALIS

É hoje um facto conhecido «orbi et urbi» a fé e a devação com que o maior de todos os canadianos e seu Primeiro Ministro, o notável cidadão MacKenzie King, professou o Espiritismo e como durante 25 anos praticou a sua crença, guardando para si e para alguns espiritas seus íntimos essa confissão. Só após a morte do ilustre e austero presbiteriano e liberal se soube que mantinha contactos regulares com médiuns de escol. Este homem, a quem o novíssimo «Dicionário de Biografias Nacionais» apelidou de rochedo sobre o qual o moderno Canadá foi erecto, após as suas conferências em Londres com os membros da Comunidade Britânica e as suas reuniões de gabinete em Ottawa, muito gostava de ter longas conversas psíquicas com sua mãe e Roosevelt.

**VOTOS**

E porque manteve ele tanto tempo o seu segredo? Pela simples razão de que perderia, inùtilmente, os votos dos católicos e canadianos franceses que dominavam os círculos eleitorais. O director da mais importante revista do Canadá, Blair Frazer, escreve: «Para os seus íntimos não fazia segredo das suas crenças e eles ouviam dos seus próprios lábios quanto conforto recebia através das suas comunicações com os mortos». E os próprios membros do seu pessoal sabiam as ideias de seu amo, todos guardando um sigilo absoluto, para que a oposição não dissesse que os negócios de estado eram conduzidos pelo Além.

**A MORTE NÃO OS SEPAROU**

Não teriam, contudo, razão, pois o Primeiro, como verdadeiro espirita que era, não se dirigia ao mundo superior para augúrios políticos, mas para falar com a mãe, irmão e amigos que já haviam partido, como se fossem seres terrenos — assim no-lo afirma Helen Hughes, famosa médium. Nunca lhe ouviu qualquer referência a assuntos públicos, ainda que o estadista fosse metapsìquicamente avisado da sua retirada da política, no que sua mãe o encorajou, em vista do seu estado cardíaco, mas que ele demorou até ao extremo. Uma das razões desta demora foi, sem dúvida, a opinião de Roosevelt, que lhe enviou certa mensagem escrita numa sessão com Geraldine Cummins e que dizia que o Canadá ainda precisava dele.

É Frazer, o director já citado da revista Maclean, que nos conta ainda: o «Presidente, depois de mais uma sessão, disse a King que vigiasse a Ásia — que era o fulcro nevrálgico do perigo. A actividade de Berlim era um centro de atenção, porém a seu lado havia a força dos soviéticos. Miss Commins recorda então que o Primeiro Ministro pareceu confundido e um pouco abalado na parte que lhe dizia respeito na comunicação, mas que depois dissera que nesse campo não seguia o conselho de ninguém». E, contudo, Roosevelt tinha razão! MacKenzie King fora introduzido no Espiritismo pela Marquesa de Aberdeen, depois de ouvir as referências feitas a Etilia Wriedt, a médium de voz directa que recebeu «o relógio de oiro da Rainha Vitória em 1911», o qual primeiramente fora

# RELAÇÕES PSI

*O Espiritismo em Espanha não morreu. Ainda no último Congresso Espirita Internacional, alguns confrades espanhóis foram até Paris, demonstrando com a sua presença que a doutrina de Kardec não desapareceu ali! Agora surge-nos uma dedicada companheira madrilena, que oferece a sua colaboração à nossa revista. Dolores de Paz, interessando-se em especial pela parte científica da doutrina, é uma espirita convicta, o que lhe tem valido muitas contrariedades...*

*Sinceramente gratos, saudamos Dolores de Paz, com os votos de que o seu gesto* heróico *possa ser em breve seguido por outros...*

No oliencéfalo ou cérebro intermédio acha-se o tálamo óptico e o hipotálamo, que representa a parte do sistema nervoso que mais se relaciona com o inconsciente e com os automatismos orgânicos. Podemos comparar o tálamo a uma central telefónica à qual enviamos todas as mensagens. A substância branca do interior do encéfalo e a medula relacionam entre si, por meio das suas fibras nervosas, as diversas partes da grande central. Os impulsos correm ao longo dos nervos, como se fossem ondas electroquímicas muito fáceis de comprovar e de escassa intensidade, embora a suficiente para excitar as estruturas nervosas, glândula ou músculo, segundo a parte afectada. As ondas nervosas *viajam* nos nervos à velocidade de 120 metros por segundo, não podendo, portanto, ser comparadas com as eléctricas. Os estímulos transmitidos à central pelos nervos sensoriais são de novo enviados à substância cinzenta e dali *arrancam* os impulsos. Nela reside a inteligência com seus centros sensitivos, motores, centros de fixação de factos e de reprodução de imagens comparável a uma retina cerebral gigante que enlaça por intermédio da sua apertada rede a periferia com o centro e vice-versa.

As correntes sensitivas são chamadas avisos, pedidos, etc., do exterior ou do próprio organismo e as correntes motoras ou centrífugas são as que levam as respostas em suas missões tão complexas. O cérebro dobra-se sobre si mesmo, tal

# TAS DE MACKENZIE KING

*oferecido a Georgiana Eagle, essa extraordinária clarividente. Após a sua morte a rainha confiou o relógio a W. T. Stead, o famoso jornalista espirita, para que ele o presenteasse à médium que dele fosse digna, sendo escolhida a sr.ª Wriedt que, antes da sua morte, o entregou a King que, mais tarde, o confiou ao* Colégio de Ciências Psíquicas.

*«Helen Hughes recorda a maneira como o grande canadiano entrou em contacto com os seus através de médium de escrita automática. E as cartas de King para o Dr. Glen Hamilton, médico bem conhecido e em que se falava das materializações, foram publicadas em fotocópia pelo* Winnipeg Tribune, *recordando o jornal e a propósito a visita feita pelo estadista ao Doutor, «a fim de encontrar a prova científica da sobrevivência após a morte». As provas foram-lhe exibidas teleplasmadas, fotografias de Spurgeon, o evangelista, e de Raimundo, filho de Sir Oliver Lodge, etc. A sr.ª Hamilton, secretária de seu marido, confiou ao jornal que King pensava em escrever um livro apologético do Espiritismo. O doutor enviava regularmente ao grande estadista apontamentos de preces escritas através da médium. Quando morreu, em 1935, King escreveu uma carta à sr.ª Hamilton, dizendo: «Felizmente temos fé bastante para ver as estrelas para além dos ciprestes...»:*

*A revelação tão tardia como sensacional da correspondência citada foi devida aos desejos do estadista que ao tempo tinha que manter as suas reservas num meio ortodoxo e em clima de guerra.*

*Mas, para os leitores (portugueses), a quem este caso de ardente Espiritismo era desconhecido, a carta que transcrevemos, escrita pelo Primeiro Ministro MacKenzie King a uma criança chamada Marilyn Hibbasco, que residia em sua terra natal, Woodside, Kitchenner, Ontário, é esclarecedora e concludente nas suas belas linhas, escritas após a morte do pai da pequenita: «Tenho a certeza que teu pai, ainda que de ti separado, está no céu onde existe o próprio Deus e, ainda que não o possas ver, ele pode olhar-te e acompanhar-te em espírito... Não penses, portanto, que teu amigo partiu, pois está presente em espírito com tua mãe, irmão e contigo, que oras por ele...».*

*Assim se exprimiu o homem de fama universal, cujo fundo religioso só tarde foi revelado. Mas esta mensagem póstuma, sensacional revelação duma actividade espirita sem alardes mas fundamente sincera e acrisolada na alma de um grande combatente, é um exemplo a seguir por tantos que, por inércia ou receio, temem enfrentar um problema latente em todos os espíritos inteligentes.*

*William Lyon MacKenzie King, figura de renome mundial, carácter impoluto e homem de fé passou à posteridade. Faltava à sua biografia esta face transcendente da sua multiforme personalidade. Completa-a, na verdade e no mais alto plano para mais completo conhecimento do homem que, segundo a revista* Life, *«fez mais pelo engrandecimento do Canadá do que nenhum homem». Era um espirita que honrou a causa e a humanidade.*

**(De «Two Worlds»)**

# CO-SOMÁTICAS

como um lenço de bolso, pois a sua superfície total é muito grande e em virtude das pregas existentes, apresenta-se com a forma reduzida habitual. Há autores que comparam a transmissão dos impulsos nervosos às centelhas que acompanham um foguete, quando este se eleva no espaço. É de grande importância saber interpretar as mensagens chegadas ao tálamo para que não sejam motivo de alarme e de falsas interpretações, com repercursão no organismo. Como se sabe o tálamo actua directamente sobre o sistema nervoso autónomo. Certos estímulos produzem uma alteração nas funções das glândulas endócrinas, pois ante uma impressão de medo, ira, etc., as glândulas supra-renais aumentam a secreção de adrenalina, a qual acelera a acção do coração e de todo o aparelho circulatório. Além disso a adrenalina altera os órgãos digestivos, e isto explica como os estados de medo ou de angústia constante dão origem a dispepsias, favorecidas ainda pela acção do simpático em virtude do aumento de adrenalina. Igualmente, o fígado lança no sangue grande quantidade de glicogénio, de modo que pode dar origem à diabetes. As emoções violentas provocam intoxicações passageiras; mas se estas emoções são constantes ou repetidas, como quando se vive em estado de angústia, então o organismo tem uma intoxicação permanente. Daí o provérbio popular: «destila veneno».

Os nervos, que regem as glândulas, actuam como os motores. Ora, para que a central telefónica possa funcionar, tomada como termo de comparação, necessita de um fluido físico (electricidade) e além disso que seus canais condutores não estejam danificados.

Pois bem: para poder funcionar a central nervosa, também se necessita de outro fluido. É o fluido espiritual; mas assim como os canais condutores não deviam estar perfurados, também não deverá haver lesão no sistema nervoso, para que este fluído possa circular livremente.

**Madrid, 1 de Fevereiro de 1959.**

**DOLORES DE PAZ**

# INCOERÊNCIAS

Por JOSÉ FRANCISCO CABRITA

Há incoerências que só se podem fundamentar na ignorância, ou no fanatismo ou no preconceito.

Ora o ignorante é um irresponsável e, portanto, pessoa que não merece crédito e em que ninguém pode confiar, pelo menos enquanto ela não demonstrar que estudou os assuntos que aborda e discute; o fanático é um doente espiritual por sugestão intensa e persistente e o preconceituoso é um escravo de ideias feitas, que não tem serenidade de espírito para distinguir o falso do verdadeiro, o real do ilusório.

Dentro destas condições é de lamentar que haja tanta gente sensata que se deixa iludir por falsas atitudes e por infundamentados doutrinadores ou pseudo cientistas.

É o caso que se dá com os que combatem as doutrinas neo-espiritualistas ou espiritistas tanto sob o ponto de vista fenomenológico como sob o seu aspecto filosófico, moral ou místico.

Efectivamente aquelas doutrinas estabelecem tão profundo contraste e apresentam a vida terrena e espiritual sob aspectos tão diferentes em relação às ideias e conceitos até hoje defendidos pelas organizações religiosas predominantes no ocidente, que não deve admirar a ninguém que tais organizações reajam, por todas as formas possíveis, contra a expansão das doutrinas espiritas ou neo-espiritualistas como já dissemos, que, afinal, em todos os seus aspectos têm por objectivo supremo restabelecer as doutrinas do Cristo em toda a sua pureza, e orientar as almas para o verdadeiro caminho da evolução que tende para a perfeição espiritual. Ora, se com tal objectivo — o da perfeição, e com isso o Espiritismo se propõe estabelecer, como norma para todas as criaturas, aquele ensinamento de Jesus quando disse: «Sede perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito», como se compreende que tanto o combatam e injuriem?

Eis uma daquelas incoerências a que no princípio nos referimos.

Realmente, se há criaturas que, por temperamento ou por educação, não aceitam e antes repudiam as normas e os rituais das igrejas cristãs existentes, e perfilham e seguem com fé os ensinamentos espirituais com que o Espiritismo forma o seu Código Doutrinal, que é simplesmente o Evangelho rejuvenescido, porque é que tais igrejas hão-de contrariar a cristianização daquelas criaturas, que com entusiasmo aceitam aquele Evangelho rejuvenescido, visto que, pelos caminhos indicados por elas estavam perdidas como almas que não aceitavam o Cristo como elas o concebem?

Pois, senhores, se o Espiritismo, pelo experimentalismo em que fundamenta as suas doutrinas, atrai ao seu seio os materialistas e outras criaturas rotuladas de «espíritos fortes», em cujo íntimo nunca brilhou a luz da crença e para quem a existência da alma era um mito, pois, senhores, se tais «almas perdidas» encontram naquele Espiritismo esclarecidos ensinamentos que a sua razão aceita, para que não auxiliar que tal Espiritismo continue a ser a tábua de salvação daqueles irmãos naufragados no mar imenso das contradições sectaristas, em vez de o combaterem com o intuito de fazer desaparecer aquela única tábua de salvação que a Providência lhes lançou?

Eis aqui mais uma daquelas incoerências a que fizemos referência.

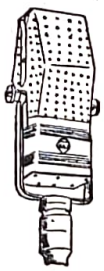
Pois todo aquele combate às doutrinas que Kardec codificou nos seus livros magistrais, e que outros propagandistas e evangelizadores kardecistas demonstraram e confirmaram, em obras de altíssimo valor, que estavam certas, fazendo assim prosélitos aos milhões, pois todo aquele combate — dizíamos nós, é o mais flagrante contra-senso encarando-o sob o ponto de vista místico de «salvação das almas», porque o Espiritismo indubitàvelmente contribui para tal salvação; é um atropelo ao ensinamento crítico que diz: «não julgueis para que não sejais julgados», e é uma deplorável blasfêmia ou negação contra a base fundamental do Evangelho — o Amor, porque ele é claro quando ensina, pela divina boca de Jesus: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amo, e como vosso Pai Celestial vos ama a todos. Amai, principalmente, aos vossos inimigos e procurai sempre a devida reconciliação com eles».

Ora, com aquele Amor, que se exterioriza entre os homens pela prática da Caridade, sobretudo quando ela exige espírito de sacrifício, e com aquela reconciliação que se consegue pela humildade, é que, verdadeiramente, pode brilhar, no seio da humanidade, a Fraternidade e a verdadeira Paz.

Tal combate, após cem anos de disseminação das doutrinas espiritas, que eram o ocultismo dos antigos, já devia ter feito compreender aos combatentes que nele estão empenhados, pela ineficácia do material combativo empregado — a calúnia e a mentira, que nada lhes aproveita recalcitrarem contra o aguilhão, no dizer de Jesus, pois tal o fazia Paulo de Tarso, na sua má vontade contra os nazarenos, antes da sua conversão na estrada de Damasco.

E então, senhores, tal como Paulo de Tarso se converteu ao Cristo, assim vós vos convertereis um dia à pureza do cristianismo que o Espiritismo apregoa, pureza que consiste em o despirem das inovações que os Concílios lhe introduziram.

Que não venha tarde esse dia, para glória vossa e nossa.

**Selecções Espiritualistas**

Direcção e Apresentação de

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

**Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»**

# As maiores histórias psíquicas do mundo

por W. F. NEECH

## 11) *John Wesley e o Espiritismo*

John Wesley, o fundador do metodismo, podia ter sido também o iniciador do Espiritismo. Pancadas de origem invisível e muitas outras manifestações psíquicas, notàvelmente parecidas às que anunciaram o nascimento do Espiritualismo Moderno em Hydesville, Estado de Nova-Iorque, se produziram na Reitoria de Epoworth, Lincolnshire, ao tempo o lar da família Wesley, há mais de 130 anos.

Tivesse Wesley descoberto um código semelhante ao que permitiu ao vendedor ambulante assassinado que entrasse em comunicação coerente com a moradia de Hydesville e um contacto directo entre os dois membros se teria tão firmemente estabelecido, que nós talvez nunca ouvíssemos falar das irmãs Fox.

A história das pancadas é descrita em cartas que se trocaram entre os membros da família Wesley, nessa antiga data. O pai de John Wesley era vigário de Epoworth e o rapaz quando veio a férias pôde verificar pessoalmente o fenómeno. Mais tarde, já famoso em todo mundo pela sua cruzada religiosa, escreveu um relato completo do ocorrido durante dois meses, a começar em 2 de Dezembro de 1716 — acontecimentos que muito influiram na sua teologia e na sua filosofia.

John Wesley — um médium nato — foi expulso da Igreja de Inglaterra e perseguido pelos pastores e eclesiásticos ortodoxos, visto que não só acreditava nas comunicações espiritas, como também tentara em vão fazer entrar essa verdade no ensino da igreja.

Visitava frequentemente os médiuns do seu tempo e foi testemunha escrita dos seus transes. Diz ele a propósito:

— Nem a religião nem a lógica nos pedem que não acreditemos nas aparições. É verdade que há fenómenos supranormais que eu não compreendo, mas estas restrições constituem uma fraca objecção, pois muitas vezes nem entendo os avisos que vejo diàriamente. Nem o pequeno grão de areia ou o germinar da relva.

Os «diários» de Wesley, de 1757-59, hoje na posse da *Congressional Library de* Washington, contêm várias referências a pessoas com poderes psíquicos e entre eles aquela rapariga de Inglaterra que despertou uma noite e viu o irmão de pé a seu lado — tão aterrorizada, que os cabelos se eriçaram e o seu corpo se banhou de suores frios. Poucos dias depois chegou a inevitável carta a Jamaica, onde seu irmão residia havia meses, participando-lhe que se afogara e morrera em tal dia e a tal hora — no momento em que ela o vira junto a si!

Wesley comentou o facto deste modo:

— Se os cristãos o sabem ou não pouco interessa, mas desdenhar das aparições é o mesmo que desdenhar da Bíblia.

Também pôs o seu dedo de exegeta nos motivos por que a grande mediunidade outrora praticada na igreja cristã se perdera:

— A razão por que os dons miraculosos foram tão cedo retirados à igreja primitiva deve-se, não só ao facto de que a fé e a santidade se perderam, mas porque também espíritos secos e áridos de prosélitos ortodoxos começaram a ridicularizar esses dons que eles não possuíam e a apodá-los de loucura ou impostura.

Perguntado um dia se já vira algum fantasma, Wesley respondeu:

— Não, ainda não. Mas também não vi nenhum assassinato e, no entanto, neste ou naquele lugar, uma morte é cometida todos os dias.

Uma vez numa reunião, entregaram ao teólogo uma carta que o surpreendeu e que dizia: «Fui informado no mundo dos espíritos que alimenta um grande desejo de conversar comigo. Sentir-me-ei muito feliz em receber a sua amável visita». Quem assinava tão cativante missiva era o grande vidente e polígrafo sueco Emanuel Swedenborg. Ao comentar a mensagem, Wesley disse que, de facto, sentia uma grande vontade de conversar com o sábio espirita, mas que jamais o dissera a alguém... E respondeu que aguardaria com satisfação a visita de Swedenborg — então em Londres — quando regressasse à capital, seis meses depois. Mas imediatamente Swedenborg respondeu que seria demasiado tarde, porque devia «entrar no mundo dos espíritos, para nunca mais voltar, no dia 29 do mês seguinte».

Exactamente nesse dia, 29 de Março de 1772, Swedenborg transpunha os humbrais do Além.

Eis o relato do próprio Wesley sobre as pancadas inexplicáveis e os ruídos sem causa visível que ocorreram no seu lar há 132 anos:

### PANCADAS ESTRANHAS

— Quando era muito novo ouvi ler muitas cartas escritas por meu pai a meu irmão mais velho, dando-lhe notícia das extranhas perturbações que ocorriam na sua casa de Epoworth, em Lincolnshire.

«Quando ali regressei no ano de 1720 inquiri cuidadosamente dos pormenores, falando com todas as pessoas da casa e tomando nota das possíveis testemunhas. A síntese do inquérito foi esta:

«Em 2 de Dezembro de 1716, enquanto Robert Brown, criado de meu pai, se sentava ao lado duma serviçal, um pouco antes da meia-noite e

na sala de jantar que dava para o jardim, ouviu, ou melhor, ambos ouviram uma pancada forte na porta de entrada. Robert levantou-se e abriu a comunicação, sem ver alguém. Mas de novo a pancada se repetiu. «Deve ser o sr. Turpine» — pensou Robert, abrindo a porta de repente. Mas da mesma forma anterior, pessoa alguma foi vista. Intrigado com o caso e nada conseguindo ver foi deitar-se, mas, ao atingir as mansardas, viu um moínho de mão mover-se muito devagar, embora estivesse vazio, quando ele, atónito, o foi examinar. Já deitado contou-me que ouvira o ruído dum pássaro a comer e mais tarde o do cair de botas e sapatos, o que era impossível, pois deixara o calçado em baixo. No dia seguinte contou o caso a outra criada, que riu perdidamente, dizendo que os dois estavam doidos e que experimentassem assustá-la.

## CORREU PARA SALVAR A VIDA

«Depois desta mesma rapariga ter batido a manteiga do dia colocou-a no tabuleiro e levou-a para a queijeira, mas, ao fazê-lo, ouviu um forte ruído nas prateleiras, onde várias bilhas de leite se acumulavam. Pegando na vela examinou o armário cuidadosamente, mas, não encontrando nada e como as pancadas se repetissem, tomada de pânico, atirou fora a manteiga, o tabuleiro e tudo o que trazia, fugindo para salvar a vida, segundo disse.

«No dia seguinte entre as 5 e as 6 h. minha irmã Molly, que contava então 20 anos, ao sentar-se para ler na sala-de-jantar, ouviu o ruído da porta ao abrir-se e um vulto passar no vestíbulo, de roupão de seda, que farfalhava e se arrastava pelo chão e que parecia ir e voltar em seu redor. Minha irmã pensou que o melhor era não correr, porque o que quer que fosse correria mais do que ela. Depois do jantar, sentou-se com minha irmã Sukey, um ano mais velha do que ela, num dos quartos, a fim de lhe contar o sucedido, mas esta disse-lhe que «não tinha medo dessas coisas». Imediatamente uma pancada soou debaixo da mesa e a janela e a braseira a baterem violentamente. Minha irmã Sukey fugiu para a cama e meteu-se debaixo dos cobertores, sem mais olhar para fora.

«Também minha outra irmã mais nova, ao esperar que meu pai a chamasse, ouviu alguém descer as escadas do sótão, passar por ela e subir de novo a escadaria. A cada passo que dava, a casa parecia estremecer. Logo que meu pai tocou, a pobre criança foi-se meter na cama, contando tudo no dia seguinte à nossa irmã mais velha. Mas esta garantiu-lhe que não acreditava em aparições e que seria ela a atender meu pai nessa noite, o que fez com tanta infelicidade, que logo ouviu um enorme barulho em baixo. Ao correr para o identificar começou a ouvir ruídos de tambores por todos os lados. Depois sentiu um forte baque na porta da cozinha, que ela fechou. mas que logo se abriu, sem que visse alguém! Tornou a fechá-la e começou uma luta desesperada até que conseguiu fechar a porta à chave. Depois, transida de medo, correu para o quarto e desde então já não fala de sugestão ou impostura, contando a minha mãe o sucedido. Minha mãe disse que só vendo e ouvindo poderia julgar. Mas logo nesse dia minha irmã a chamou à casa das crianças e no canto do comportamento minha mãe ouviu distintamente um balançar violento dum berço, sem que berço algum ali houvesse. Convenceu-se então de que se tratava de algo sobrenatural, mas, bastante zangada, disse a minha irmã:

«— Sukey, não quero ouvir mais falar destas coisas que trazem tuas irmãs aterrorizadas. Às seis horas da tarde meu pai fazia as suas orações com a família, como era seu hábito. Nesse dia, quando começou as preces pelo rei, um barulho crescente se fez ouvir na sala, terminando com uma pancada tonitroante na altura do *Amen*.

## SERIA O VELHO JEFFERY?

«Ao ouvir contar que o bondoso sr. Hoole, vigário de Haxey, homem ponderado e sensato, me poderia fornecer outras informações, dirigi-me à sua residência e ali ouvi da sua boca o seguinte:

— Robert Brown procurou-me e disse-me que seu pai desejava a minha comparência e, logo que cheguei a vossa casa, resumiu-me a série de ruídos, aparições e pancadas que se têm verificado no vosso lar, sobretudo os ruídos terríveis que acompanham as orações. Mas nessa noite, com grande satisfação minha, não os houve. Contudo, entre as 9 e as 10 horas, uma das vossas serviçais anunciou-nos, tremendo de ansiedade: «O velho Jeffery acaba de chegar, porque ouço o sinal». O velho Jeffery era o nome de alguém que morrera na vossa casa e o sinal da chegada do seu espírito assemelhava-se ao ruído dum moínho ou duma serra, como me informaram. Pouco depois ouvimos uma pancada sobre as nossas cabeças. Seu pai pegou então num castiçal e disse-me: «Venha comigo e ouvirá com os seus ouvidos». Efectivamente, na casa das crianças, os ruídos iam da parede para as camas e vice-versa. O pastor, seu pai, muito excitado, chegou a puxar duma pistola, que eu evitei disparasse, dizendo-lhe que, de facto, se tratava dum caso sobrenatural. Mas ele, encolerizado, desafiou o demónio que o seguisse ao seu escritório vermelho de raiva por ver as suas irmãs tão aterrorizadas».

«Até essa data meu pai nunca tinha notado qualquer desarranjo no seu escritório. Porém, na manhã seguinte, quando tentou entrar foi violentamente empurrado pela porta. Mas, sem embargo, fez finca-pé e entrou para começar a ouvir pancadas dum lado e doutro e depois no compartimento contíguo, o quarto de Nancy. Foi ali e as pancadas cada vez se ouviam mais.

«Disse então a minha irmã que descesse e o deixasse só. Depois exclamou:

— «Se se trata do espírito de meu filho Samuel, que bata três pancadas e não mais». Imediatamente se fez silêncio e nada mais ouvimos nessa noite.

«Por essa altura e em consequência da repetição, minha família já se habituara tanto aos ruídos e pancadas, que estas lhes causavam pouco incómodo e chegámos ao ponto de dizer: «Jeffery está a chegar; são horas de dormir».

«Mas algumas noites após a monotonia dos ruídos, meus pais foram deitar-se, com a vela acesa, quando, sùbitamente, sentiram três novas pancadas. Meu pai pôs-se de pé e ouvindo grande barulho em baixo correu para as escadas, depa-

# AS "MEMÓRIAS" DE ESTELLE ROBERTS

*A grande médium inglesa Estelle Roberts acaba de escrever as suas «Memórias» que estão a ser publicadas no* Sunday People, *constituindo um acontecimento sensacional. O povo chama-lhe a mulher mais extraordinária do mundo. Na verdade, Estelle tem sido uma autêntica batalhadora e na sua luta discordou muitas vezes de verdadeiras sumidades, de especialistas notáveis e numerosas controvérsias surgiram por sua causa. Agora resolveu contar a sua história, uma história estranha cheia de acontecimentos.*

*«Gostaria de estabelecer um plano de narração,—diz ela—. Considero-me feliz; e muito embora a morte e a tristeza me tenham acompanhado, ainda não me sinto neurótica. Acabo de fazer sessenta anos, mas todos me dão quarenta e cinco. Os espiritistas dizem que sou a maior médium do mundo, mas afirmo humildemente que nunca vislumbrei a celebridade».*

**Estella Roberts numa demonstração de clarividência**

*Acerca do seu desenvolvimento mediúnico, informa que o mundo espiritual a escolheu para veicular as suas mensagens, mas esse trabalho foi levado a efeito contra sua vontade.*

*Diz que a primeira indicação da existência de outro mundo surgiu-lhe na infância despreocupada, tinha então sete anos. Após uma brincadeira qualquer dirigiu-se ao espelho a arranjar o cabelo e viu por reflexo um cavaleiro exibindo uma cruz vermelha e empunhando uma espada, que apontou para ela.*

*— Não vês nada, Dolly? — perguntou a sua irmã que estava presente —. Dolly correu à janela, mas a visão desapareceu.*

*Este facto despertou-a para a vida espiritual num ambiente retrógrado a questões psíquicas e começou a ver muitas coisas que outras pessoas não podiam ver, mas que era obrigada a tomar como verdadeiras, à medida que ia perdendo o medo. Assim, aos 14 anos foi sem nervosismo que viu o espírito de seu pai no patamar da escada.*

*— Minha querida — disse-lhe — estou inquieto com a saúde de tua irmã Bella.*

*Quatro dias depois, Bella adoecia inesperadamente.*

*Conta também que uma vez, no seu primeiro casamento, viu um espírito de mulher andar através das paredes do quarto de dormir, a sorrir tristemente para o marido. Teve intuição de que era sua tia Maria, mesmo que nunca a tivesse visto. E na manhã seguinte souberam que havia morrido durante a noite.*

*Em 1919, quando seu marido faleceu, assistiu à desencarnação do espírito: primeiro sair da nuca e depois, modelar exactamente o corpo físico e pairar ligado à cabeça.*

*É pena que as «Memórias» de Estelle Roberts não sejam traduzidas em português.*

rando com um montão de garrafas partidas e o nosso molosso uivando sobre os destroços. Desesperado, voltou para a cama. Mas os ruídos e as pancadas eram tão violentas, que não pôde conciliar mais o sono toda a noite.

«Como não podia deixar de ser, muitos amigos eclesiásticos aconselharam meu pai a deixar a casa, mas ele respondia teimosamente: «Não e não! Que o diabo fuja de mim e não eu que fuja do diabo». E escreveu a meu irmão mais velho para que viesse a casa, dada a atmosfera de pânico que ali reinava. Mas, quando ele se preparava para a viagem, nova carta chegou anunciando-lhe que as desordens e a agitação tinham cessado depois de continuarem de 2 de Dezembro até ao fim de Janeiro».

Eis como Wesley, pela primeira vez na história do Espiritualismo, aceita e descreve a visita dos espíritos do Além aos que vivem sobre a Terra, dando origem ao Espiritismo experimental.

**(Do «Two Worlds» de 4 de Abril 1959)**

# VIDÊNCIA E QUIROLOGIA

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

Eis uma faculdade e um dos ramos da ciência ocultista. Duas alavancas para auxiliar o homem a encontrar o caminho do conhecimento da sua própria personalidade e do seu destino. Deste modo o indivíduo pode conhecer o seu Karma e a maneira mais viável de o combater, porque em todos os casos o Karma apresenta o carácter taxativo.

A vidência e a quirologia ensinam a modificar, pelo esforço consciente, o que é modificável e a aceitar com lógico raciocínio o que tem de se considerar como inexorável.

A vidência é uma faculdade supranormal proveniente do maior ou menor desenvolvimento da glândula pineal e faz parte do sexto sentido que, segundo se afirma, atingirá o seu pleno desenvolvimento nas novas raças do futuro ciclo. Esse desenvolvimento está ligado com os movimentos de certos neurões chamados chacras que giram com uma velocidade prodigiosa.

O que é a vidência ou conhecimento supranormal? Segundo o Dr. Osty, ela pode ser definida como a faculdade de tomar conhecimento com a realidade no que respeita aos seres e às causas, sem se utilizarem os sentidos conhecidos, como a vista, nem os processos lógicos da razão, isto é, em que entrem o exercício da inteligência e do saber.

A vidência ou clarividência (faculdade de ver claro) encontra-se sobretudo nos sensitivos-natos, cuja constituição físico-fisiológica possui essas determinantes desde o nascimento. Deste modo o vidente pode perceber as ondas vibratórias dos diversos planos, no presente ou mesmo num passado longínquo ou no futuro.

O vidente assim como o quirólogo não é um adivinho. O vidente percebe as vibrações do éter, as ondas poderosas por ele propagadas, busca-lhes o fulcro. Se a onda tem uma frequência adequada, sensibiliza, isto é, fere o grupo vibratório — é o momento da comunhão da identificação com um ser ou com um objecto, no presente ou no passado. Chocado o fulcro, este emite uma onda que é uma realidade; o reflexo, uma contra-onda ou agente emissor que corresponde à potencialidade geradora pela concentração. Nesse momento essa onda reflexa é recebida pelo fulcro anímico encarnado, e esse fulcro é a glândula pineal. Nesse instante raciocínios claros, completos, profundos, véus que se rasgam, visões deslumbrantes são apercebidas pelo vidente. Ele entrou na quarta dimensão que os nossos vulgares sentidos não atingem. Então o vidente mergulha no domínio das Ideias-Forças, no plano do Verbo-Pensamento, através dos seus fulcros anímicos.

Segundo a potencialidade desses fulcros o vidente pode ver claramente as auras ou penetrar no Mundo Astral e divisar os planos superiores.

O vidente, repito, não adivinha: percebe as ondas do éter em tudo, porque tudo em torno de nós é constituído pelo éter, nas suas quatro modalidades: éter químico, éter reflector, éter luminoso e éter da vida.

Alguns modernos cientistas pretendem que o éter não existe; chamem-lhe o que quiserem, mas por momento eu tenho de aceitar a primeira teoria.

Quando o fulcro pineal do vidente toca na aura de alguém, ele percebe as vibrações dessa aura e toma íntimo conhecimento com essa pessoa. Como sabemos a aura é a nossa própria personalidade.

Tudo no mundo é ciência. O mais humilde grão de poeira assim como o mais insignificante verme têm a sua escala nas composições bioquímicas. A vida é ciência em tudo, e a vidência tal como deve ser considerada é um dos ramos da Grande Ciência Universal.

Também quanto à Quirologia é vulgar dizer-se que certas pessoas têm o dom de adivinhar: por isso se fala de ciências adivinhatórias. Ora como já afirmei isso é um erro, porque ninguém adivinha. A ignorância do homem é que o leva a designar assim os fenómenos que não compreende.

Quanto às chamadas «ciências adivinhatórias», tais como a Quirologia, a Astrologia, a Caracteriologia, a Grafologia, etc., assim como a faculdade da clarividência são elementos que a Natureza colocou ao alcance do homem para que ele possa conhecer-se e bem assim o seu destino. Para quê este conhecimento? Qual a finalidade do ser conhecer o seu futuro? Haverá nisso alguma vantagem? Deus facilitando-nos esse conhecimento teve sem dúvida uma ideia generosa: o que geralmente se designa por «misericórdia divina».

A meu ver essa finalidade consiste em facilitar aos pobres mortais o caminho para uma mais rápida evolução, na compreensão das suas qualidades e defeitos, e sobretudo para a análise da tarefa kármica a fim de melhor a saber estudar e executar.

Desde tempos imemoriais que a Humanidade procura ler na Natureza, por diversas vias o que o futuro lhe reserva. Os antigos pastores estudaram as estrelas e daí nasceu a Astrologia e depois a Astronomia. Continuando nas suas pesquisas o homem descobriu que as linhas da mão não significavam mero acaso, posto que este não existe. Descobriu também que nelas estava escrito o destino de cada ser desde o nascimento até à morte.

Há grande afinidade entre a Quirologia e a Astrologia, o que não surpreende, visto que todos os seres animais e até as plantas estão sob o domínio dos astros que compõem o sistema planetário solar.

Há os planetas que presidem ao nascimento, os que regem certos acontecimentos, o carácter do indivíduo e outros que o acompanham até à morte.

Porquê essa influência? Pela acção kármica ligada à influência magnética de cada planeta, magnetismo ao qual obedecemos automàticamente, como obedecem as estações do ano, as marés, as sementeiras, a rotação da terra, etc., etc.

Antes mesmo da concepção já os seres invisíveis chamados os Senhores do Karma, trabalham na conjugação dessas portentosas forças para a formação do destino do futuro ser terreno.

Factos importantes, inexoráveis, outros em que o nosso critério, isto é, o nosso livre-arbítrio pode e deve resolver; tudo fica sàbiamente assinalado nas linhas da mão.

Entra-se neste mundo com o livro

# O QUADRO QUE VÔA

Por KEITH AYLING

No mês de Abril de 1929 a Polícia de Segurança Francesa teve que enfrentar um caso, um desses casos que são arquivados por insolúveis. A história começou no dia em que o Sr. Pierre Dubois, homem abastado e de bom gosto, se apresentou na sede, imerso em angústia e ansiedade não disfarçadas e declarou que um valioso quadro a óleo fora roubado da residência de sua família situada na aristocrática Avenida Foch. Foi mais um espinho para os investigadores parisienses que desde há alguns meses se viram assoberbados por uma quadrilha de gatunos inteligentes e experimentados. Mas como a família Dubois era das relações do enérgico comissário-chefe, os melhores agentes foram escalados para investigar o caso e medidas rigorosas se levaram a efeito a fim de impedir a saída para o estrangeira de tão notável obra de arte.

Mas apesar destes bons propósitos, ao fim de dois dias de buscas exaustivas a polícia não possuía qualquer pista e nem sequer impressões digitais se encontraram no local do roubo, cuja entrada não fora forçada. Não se compreendia como uma tela de $1^m$,50 por $2^m$ pudesse ter sido transportada para a rua em pleno dia, cem que o facto fosse notado. Assim, parecia que o óleo, avaliado em 18.000 libras, desaparecera no ar a partir das 9 horas da manhã, hora em que Dubois o vira pela última vez e até à meia noite, momento em que a criada notara a sua falta.

Impotente, a polícia pesquisou cantos e recantos, toda a casa, enfim, sem nada conseguir. Os criados foram incessantemente interrogados em vão; como a casa era de janelas quadradas, ao estilo antigo, por esse lado nada se concluíu. E por fim o porteiro, erecto, junto aos monumentais portões de ferro, jurou que nada saira da mansão. Para maior espanto, o dono da casa recebeu do filho, o Capitão Dubois, famoso toxicólogo em serviço na Argélia, combatendo com o exército dura epidemia diftérica entre os nativos, um telegrama que dizia: «Diga-me se o meu Watteau se encontra ainda na sala de jantar». Perplexo, atónito, o honrado homem não pôde mais do que exclamar:

— Mas como podia ele saber do roubo? Era o seu quadro preferido e eu nem sequer informei a imprensa para que ele se não afligisse!

Algumas horas mais tarde o Capitão Dubois recebia em seu acampamento na Argélia um telegrama que o fez estremecer de espanto. O quadro fora roubado! Sem hesitar, o cientista pegou no telefone e ligou para o Comissário do distrito, o chefe dos correios e um colega médico. Quando os convocados chegaram, o Capitão apontou-lhes para a parede e perguntou-lhes:

— Senhores, vêem alguma coisa pendurada nessa parede?

— Mas, certamente, Dubois, um quadro. Um belo quadro por sinal. Onde o comprou?

Como alucinado, o jovem médico pediu-lhes que o dependurassem, que o tocassem para verem bem que era um quadro, dizendo-lhes que não estava doido, que não bebera, que não era o «cafard» que o levara àquela cena.

Os seus amigos, ainda que intrigados com aquele mistério absurdo, fizeram-lhe a vontade, após o que o Comissário lhe afirmou não haver qualquer dúvida, que era um quadro e que ele próprio o testemunhava por documento, se preciso fosse. O perplexo Dubois teve que render-se à profecia do nativo Abdul Oab que lhe havia afirmado que tudo era possível no reino de Deus e dito que aquilo que ele mais prezava em Arte lhe havia de chegar por meios metafísicos, mas que, em seguida, regressaria ao local de sempre. Seja como for, o quadro logo voltou ao seu paradeiro habitual, a imprensa fez largos comentários ao estranho caso de «ubiguidade» e o Dr. Alexandre Canon, uma autoridade em fenómenos psíquicos, afirmou haver pessoas capazes de concretizar o que visionam, uma força que coincide só em determinados indivíduos e que neste caso pertencia a Abdul Oab — o notável daquela vila árabe dos confins da Argélia.

---

do Deve e Haver, e para ler esta contabilidade é necessário conhecer talvez a mais velha das ciências humanas.

O mapa quirológico é um programa em que cada homem deve estudar a finalidade da sua vinda à terra. Infelizmente no estado de atraso da actual humanidade, esse livro fica geralmente fechado, e o seu possuidor ignorando tudo quanto de útil ele contém. Eis porque o homem é um desconhecido para ele próprio.

A maioria das gentes segue ao acaso pela vida fora, nunca procurando saber o porquê das coisas, numa semi-inconsciência quase animalesca. Deste modo acumulam erros sobre erros, razão por que a evolução espiritual tem sido tão lenta!

A Quirologia como a Caracteriologia e a Grafologia são os nossos auto-retratos traçados pelas sábias leis da Natureza.

Admitindo a força dum pensamento plasmador desde a célula ao ovo, a Quirologia pode ser considerada como a plasmação dos pensamentos do ser quando constrói o seu corpo físico durante a gestação. Paracelso disse que «as estrelas inclinam mas não obrigam», o que indica a grande importância do livre-arbítrio, que a Quirologia também demonstra para o domínio de certas passagens do Karma.

Todos os antigos iniciados praticavam simultâneamente a Astrologia e a Quirologia. Balzac e Montaigne referindo-se à Quirologia disseram elogiosamente que «ela será a gramática da futura organização humana».

Desbanolles, conhecido mestre quirólogo escreveu que «o destino está escrito por sinais misteriosos nas linhas das mãos dos homens».

Nascida nos primórdios do mundo, a Quirologia por experiências provadas perante médicos, está dignamente enfileirando nos ramos da ciência, e faço votos para que em breve ela ocupe o lugar que lhe compete pela sua grande utilidade, a fim de que o homem deixe de ser «esse desconhecido», como lhe chamou o grande Alexis Carrel.

# A MULHER DO MEU SONHO

**Por MARK TWAIN**

Encontrei-a pela primeira vez quando eu tinha 17 anos e ela 15. Foi num sonho — e a coisa foi rápida, sem preparações, como soe acontecer nos sonhos — e eu ali estava, numa vilazinha do Missouri, atravessando uma velha ponte de madeira. E ela ali estava, a umas cinco passadas de mim — tão inopinadamente como eu.

O lugarejo situava-se à nossa retaguarda, mesmo junto a nós, e a sua última casa era a do ferreiro e neste sítio onde me encontrava podia ouvir o plácido retinir dos martelos — um som que sempre se impregna na solidão. Na nossa frente estendia-se o desvio da estrada principal da região, na sua branca sinuosidade.

Lembro-me de tudo e também da mulher, de como ela andava, de como ela estava vestida e de como, no minuto seguinte, me encontrei a seu lado, de como coloquei o meu braço em redor de sua cintura delicada, de como a atraí a mim e de como — ainda que a não conhecesse — o meu procedimento me pareceu natural e justo.

Por seu lado ela não demonstrou surpresa ou desprazer, pelo contrário enlaçou-me também, voltando a sua face para mim num sorriso feliz de boas vindas, e recebeu o meu beijo como natural, tão naturalmente como o retribuiu.

O nosso sentir não era o de irmão para irmã, era mais íntimo, mas não era igualmente o dos amorosos, porque nele não havia paixão—era qualquer coisa de intermédio, muito mais bela que os dois. Caminhámos assim juntos através da ponte e em direcção à estrada, conversando como amigos velhos. Ela chamava-me Jorge, e isso parecia-me natural, ainda que esse não fosse o meu nome. Eu chamava-lhe Alice. Numa curva da estrada entrámos numa velha casa de madeira. A mesa estava posta e um perú fumegava, com sua guarnição de feijão manteiga ao centro. Ali, só um gato dormia numa cadeira rústica junto ao fogo — de resto, nem viva alma, silêncio e vazio, só vazio e silêncio.

Ela disse-me então que ia ver o compartimento seguinte, se me não importasse de esperar — e desapareceu pela porta. Esperei e desesperei. Depois levantei-me e atravessei a porta... encontrando-me num estranho e bizarro cemitério, iluminado por luzes doiradas e avermelhadas provindas do sol em declínio.

Olhei em redor, atónito: a velha casa de madeira tinha desaparecido! Corri então como um desesperado por entre as filas de túmulos, chamando Alice — mas a noite caiu e eu não pude divisar o caminho.

... Então acordei, mergulhado em desespero pela perda da esbelta companheira — e encontrei-me no meu leito em Filadélfia. E não tinha então 17 anos, mas sim 19...

★

Dez anos mais tarde, num outro sonho, voltei a encontrá-la e do mesmo modo eu tinha 17 anos e ela 15. Vi-me então no crepúsculo duma floresta de magnólias cerca de Natchez, no Mississipi. As árvores estavam brancas da grande floração, o ar impregnado da sua capitosa fragrância e eu sentado na relva, pensando e cogitando, quando um braço me enlaçou o pescoço. E ali estava Alice! Uma felicidade funda e satisfeita impregnou o meu ser, mas sem qualquer emoção de surpresa ou sensação de tempo transcorrido. Ela começou a chamar-me Jack e eu chamei-lhe Helena — e esses nomes soavam como os naturais e verdadeiros. Se ela era fascinante dez anos antes, fascinante e bela continuava, mas os seus olhos azuis, os seus cabelos de oiro sedoso de outrora tinham desaparecido. Os seus cabelos eram negros e os seus olhos castanho-escuros e, ainda que eu notasse essas diferenças, elas não me davam a sensação de qualquer mudança intrínseca.

Dispendemos um belo e deleitoso tempo errando pelo bosque e quando chegámos a um riacho pouco profundo ela disse-me:

— Não devo molhar os pés; pega-me ao colo, meu amigo!

Levantei-a ao meu peito e atravessei o riacho e aqui poderia dizer que transportá-la se tornava desagradável, mas, pelo contrário, levei-a nos meus braços quilómetros e quilómetros sem que nos ocorresse jamais a ideia de fadiga.

Ao escurecer atingimos uma grande casa de plantações — a sua casa — e ali reconheci a família como ela me reconheceu, *se bem que nunca nos tivéssemos encontrado.*

Nessa altura um criado perguntou-me se eu queria adoptar as minhas medidas e a pergunta confundiu-me e aborreceu-me. Respondi que desejava aconselhar-me — e ele dirigiu-se para a porta. Foi então que o seu vulto e os de toda a família começaram a escurecer. Em poucos minutos o local era u mpoço de escuridão, apenas cortado por um raio de luar e um golpe de vento frio, e em seguida deparei-me sòzinho, cruzando um lago gelado, com os braços vazios.

A onda de desespero que senti despertou-me e... encontrei-me sentado à minha secretária do jornal de São Francisco onde trabalhava. Reparei, olhando para o relógio, que havia apenas dormido dois minutos e que, na realidade, contava 29 anos de idade!

★

Depois do que escrevi, passei alguns meses nas ilhas Hawai (isto no ano de 1866) e nesse ano desisti do meu emprego em São Francisco, chegando a Nova Iorque em Janeiro, contando então 31 anos de idade. Neste ano tive outra vez a minha adorada visão e no sonho encontrei-me de novo no estrado da Ópera de São Francisco, pronto a falar. Comecei, falei uns tantos minutos e de repente parei, cheio e frio de terror, porque vi que não tinha assunto para continuar. Sufocado, articulei mais umas tantas e confusas palavras — seguidas por

risos de troça e logo pelos gritos insultuosos, assobios, etc., da plateia. E no meio deste tumulto os assistentes começaram a debandar, deixando-me só na imensa sala, desolado e confundido.

Foi então que a voz familiar dos meus sonhos pronunciou um nome e varreu os meus tormentos: «Roberto, Roberto!» Ao que eu respondi: «Agnes, Agnes!»

E no momento seguinte eis-nos a passear por entre a garganta natural e florida a que chamam Iao Valley nas ilhas havaianas.

Compreendi desde o primeiro instante e sem explicações, que Roberto não era o meu nome, mas um diminutivo de «querido», e os dois sabíamos igualmente que Agnes não era nome, mas também diminutivo só compreendido na linguagem dos sonhos. Empregávamos expressões que não existem em qualquer língua conhecida e, sem embargo, nós a entendíamos. No meu livro de notas há várias cartas da etérea visão do meu sonhar expressas num idioma desconhecido — talvez essa estranha linguagem dos sonhos — com as minhas próprias traduções. Eis aqui uma delas: «Quando receberes esta carta lembra-te de que almejo ver a tua face e tocar a tua mão para meu conforto e paz».

Percorremos até ao alto a encantadora ravina, colhendo as flores policromas do gengibre e falando, falando... Por fim sentámo-nos. Agnes disse-me então que não valia a pena guardar coisas, porque não existe a estabilidade relativa da sua essência. Observei-lhe que a dureza das rochas era uma realidade, mas ela negou, dizendo que tudo era igual, e pegando numa pedra fê-la voar em pedaços.

Assim deixámos passar o tempo, reclinados sobre a base musgosa duma árvore — ouvindo de repente um estranho e surdo ruído, seguido de pesados choques, o que levou Agnes a soltar um gemido e, arquejando, dizer numa voz entrecortada pela angústia:

— Aperta-me em teus braços... Tenho medo de morrer... Assim, mais apertado. Não me deixes... tudo se torna escuro. Não me deixes... Eu não te deixarei!...

Então o seu espírito partiu. Ela agora era apenas argila nos meus braços...

★

Ràpidamente a cena mudou e eu, perfeitamente desperto, cruzava Bond Street, em Nova Iorque, na companhia dum amigo, com quem vinha conversando sem aparentes lapsos no discurso. É dizer que apenas poderia ter dormido durante dois ou três passos.

Um quarto de hora mais tarde encontrava-me nos meus aposentos pronto a deitar-me e anotando no meu diário o sonho que tivera. Deitei-me e voltei a sonhar.

Desta vez encontrava-me em Atenas — uma cidade que eu não conhecia. Reconheci, contudo, o Partenon, ainda que resplandecesse duma reparação perfeita. Atravessei-o, subi uma colina arrelvada e entrei numa palácio construído de terra-cota, sem encontrar alguém. Mas, dentro, havia uma pessoa: Agnes, coberta de singelas vestes gregas. Seus olhos eram diferentes do momento em que morrera nas Hawai, meia hora antes — e continuava a ter 15 anos e eu 17.

Sentei-me junto dela e começámos a falar da maneira habitual. Lembrei-me da sua morte; mas a dor, o tormento e a amargura, naquela hora tão agudos, tinham desaparecido! Num momento, tudo se evaporava. Agnes, Atenas, o palácio... e eu encontrava-me de novo no meu apartamento de Nova Iorque, procurando o meu livro de notas...

Durante os 44 anos em que conheci a minha amada do país do sonho, vi-a, em média, de dois em dois anos. Ela sempre com 15; eu sempre com 17.

Para mim é uma pessoa real, não uma miragem, e a sua doce e inocente companhia constituiu uma das mais belas e inolvidáveis experiências da minha vida.

**(Do livro «The Mysterious Stranger and Other Stories», de Mark Twain. — Harper & Brothers — Editores).**

# VISÃO ATRAVÉS DO ESPAÇO

A sr.ª Sallie A. Cooper publicou na revista *Your Fate* o seguinte relato:

*Quando, em 1944, o nosso filho se encontrava destacado em Karachi, na Índia, segunda grande guerra, enamorou-se duma enfermeira mobilizada e escreveu-nos nessa altura a comunicar-nos o seu intento de casar-se por ocasião da sua licença de dez dias, possìvelmente dentro de dois meses.*

*Numa das noites da semana seguinte tive uma visão em que vi a cerimónia do casamento: meu filho ostentava um uniforme que eu desconhecia. A noiva, com seu vestido e flores, apresentava-se-me tão real, como se a seu lado estivesse.*

*Na manhã seguinte contei o ocorrido a meu marido e ao porteiro. Em menos de 24 horas recebi um telegrama de meu filho: a sua dispensa tinha chegado inesperadamente e, após ela expirar, seria transferido para Inglaterra. O casamento realizara-se no preciso momento em que o vi na minha visão!*

*Escrevi-lhe então a descrever-lhe o seu uniforme e os atavios da noiva, cor de azul-claro. Meu filho respondeu-me que tudo era exacto, até o seu uniforme de novo modelo adoptado pela Força Aérea. E ainda que soubesse que eu nunca tinha visto a noiva, ou qualquer retrato seu, a minha descrição era perfeita.*

*Mais tarde chegaram as fotografias da boda confirmando tudo o que eu notara em minha visão através do espaço.*

# Mensagem de Amor

Pelo
Dr. VASCO DE LEMOS MOURISCA

**Espírito liberto, que vagueias no Infinito**
**e foste, no mundo, minha Mãe,**
**tu, que sentes e ouves o meu grito,**
**conheces a amargura que ele tem!**

**A ti eu endereço a minha prece,**
**nesta mensagem de amor**
**feita em meu coração, que não te esquece,**
**mortificado em cânticos de dor!**
**E se é certo**
**que nem sempre entendi todo o teu bem,**
**perdoa-me, espírito liberto,**
**que foste minha Mãe!**

**Perdoa ao que na carne foi teu filho.**
**Perdoa-me, se eu não senti a altura,**
**se não segui o rectilínio trilho**
**que na vida que sofreste se contém!**
**Hoje tu podes ver este deserto**
**e do mundo da luz contemplar a negrura**
**destes planos da humana criatura,**
**meu amado espírito liberto**
**que foste minha Mãe!**

**Perdoa-me a incompreensão**
**e as faltas que contigo cometi.**
**Os olhos do meu corpo vêem perto,**
**neste limite humano que os detém.**
**Mas o meu pensamento e o meu coração**
**vão ambos para ti,**
**inolvidável espírito liberto**
**que foste minha Mãe!**

**E dessa clara luz dos Universos**
**que hoje pela tua mais luz tem,**
**tu podes ver do teu plano aberto**
**que eu, que fui na vida o teu enlevo,**
**nunca pus toda a alma nos meus versos,**
**como a ponho nos versos que te escrevo,**
**ó meu amado espírito liberto,**
**que foste minha Mãe!**

**(Do «LIVRO DE ORAÇÕES»)**

## DOIS ANIVERSÁRIOS

La Conciencia, *de Buenos Aires, e* Voz Informativa, *da cidade de México. Duas lâmpadas, dois arautos magníficos ao serviço do Espiritismo Mundial, porque ambas transcendem os limites nacionais.*

*A primeira é uma revista de «Selecções das Ciências do Espírito» e tem a dirigi-la um grande orientador e batalhador — Genaro Pucci —, cérebro ordenado, consciência limpa, visão larga dos assuntos e manancial de bom senso. Vai no 12.º ano de existência juvenil e forte, donairosa e cavalheiresca no seu formato elegante. É uma revista que lemos sempre com avidez e dela nos servimos em nossas secções habituais. Começou modestamente, dactilografada por mãos hábeis, mas a selecção dos temas foi de tal modo notável, que os leitores reclamaram o seu progresso. E quando os leitores reclamam, a obra realiza-se. Hoje é uma revista bimestral de 56 páginas repletas do melhor material doutrinário.*

*Genaro Pucci atravessou momentos difíceis que acompanhámos com verdadeira ansiedade por nos parecer que uma publicação deste género não poderia mais extinguir-se. Ao contrário, devia aumentar o ritmo e o número de páginas. E conseguiu vencer a procela e aqui a temos disposta a novo avanço e a novos sacrifícios. Honra lhe seja!*

*A segunda, de grande formato e feição combativa, é dirigida por uma mulher garbosa e idealista, profundamente culta e possuidora de faculdades psíquicas. A professora Elodia Cástol de Benavides, cuja simplicidade nos encantou, quando esteve em Lisboa, não se limita a fazer circular a sua publicação e fundou as* Edições Voz Informativa, *que têm lançado obras excelentes. Oito anos de vida estuante e agitada ao serviço do mais nobre ideal do homem! Oito anos de esforço contínuo, de exemplo senhoril, pois é a única mulher do mundo que, no sector espírita, abre caminhos largos ao jornalismo e ao livro!*

*Dois aniversários auspiciosos na América Latina, duas promessas que não faltarão, porque o trabalho é a base do triunfo.*

*A um e outro, as nossas congratulações e felicitações.*

## DOUTOR CELSO CARDÃO

*O* Diário Mercantil *de Belo Horizonte dá-nos uma grande notícia acerca do nosso confrade e amigo doutor Celso Cardão de quem muito falámos em nosso livro «O Espiritismo no Brasil». Após brilhante concurso realizado na capital mineira, ele, que já era professor da Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais, conquistou a cadeira de Técnica de Construção Topográfica da Escola de Arquitectura daquela Universidade.*

*«A banca examinadora — diz o jornal — constituída de representantes da Faculdade Nacional de Arquitectura do Rio de Janeiro, da Escola de Arquitectura da Universidade do Rio Grande do Sul, da Escola de Minas de Ouro Preto e da Universidade Mineira, proclamou no decorrer das diversas provas, os méritos do candidato, que apresentou valiosa relação de títulos e elevados conhecimentos técnicos e didácticos.*

*«O professor Celso Cardão é filho do sr. António Cardão e da sr.ª Linda Cardão, antigos e estimados moradores desta cidade, de onde é natural o novo catedrático, cujos estudos primários foram feitos no Colégio Barros. Os estudos secundários foram feitos no Instituto Grambery e o curso superior na Escola Superior de Engenharia de Belo Horizonte. Em toda a sua vida estudantil o prefessor Celso Cardão sempre se distinguiu por sua inteligência e aplicação, também reveladas em suas actividades profissionais e no magistério, motivo por que é bastante merecida a posição que hoje ocupa».*

Estudos Psíquicos *regista o facto com o maior desvanecimento, pois conta no doutor Cardão um grande amigo, a quem deseja as maiores venturas cheias de triunfos semelhantes. E a seu pai e nosso amigo também, actualmente em Juiz de Fora, a «Manchester Mineira», muitos parabens pela vitória do filho.*

## UMA PROVA DE SOBREVIVÊNCIA

Psychic News, *de Londres, relatou um caso contado pelo actor de cinema James Cagney à revista* Film Magazine, *relativamente a uma experiência que lhe salvou a vida.*

*O actor e a esposa seguiam de automóvel para S. Francisco da Califórnia, completamente tranquilos, antegozando o belo jantar que iam saborear. Como bons americanos, rolavam a 140 quilómetros à hora numa estrada moderna e convidativa. Eis senão quando, ouviram uma voz que lhes disse:*

*— Mais devagar, meu filho...*

*Cagney aliviou o pé do acelerador, julgando que sua mulher tinha imitado voz de homem, mas ela perguntou-lhe:*

*— Também ouviste?*

*Ele respondeu que sim, mas que ia acelerar outra vez. E quando o conta-quilómetros voltou a marcar 140, tornou a ouvir:*

*— De vagar... meu filho...*

*James Cagney ficou atordoado e disse à mulher que a voz era semelhante à de seu pai, falecido havia muitos anos. Afrouxou a marcha. Centenas de metros passados viu no meio da estrada um veículo rebocado que se desligara de um camião alguns minutos antes, conseguindo evitar um choque terrível, em virtude da velocidade reduzida que levava. E Cagney conclui o depoimento, sintetizado assim na* Revue Spirite, *de Paris, por Jean Barbier:*

*— Se continuássemos a 140, a viagem terminaria na eternidade...*

## A FECHAR...

O visitante — *Eu gostaria de combinar uma entrevista com o condenado à morte...*

O Director da Penitenciária — *Impossível! Estamos exactamente na hora. Vamos executá-lo.*

O visitante — *Eu quero combinar a entrevista para depois da execução. Sou espiritista...*

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

79

## A JUSTIÇA DO MESTRE

Amigo radiouvinte:

Há casos que fazem meditar na posição do homem. Olhamos as coisas do ponto de vista terreno e às vezes não conseguimos compreendê-las. E sofremos e recalcitramos. Afinal é tudo incompreensão.

O que vou narrar veio publicado na revista «Fan-Fon» e deu-se em 1934 na América do Norte. Um tal John Fergunson meteu-se em contendas e foi condenado à morte por homicídio na pessoa de um desafecto chamado Richard Donald. Clive Mac Guire, também envolvido na desordem, conseguiu provar a inocência, embora sendo o verdadeiro criminoso.

É assim a justiça humana. Muitas circunstâncias podem iludir e os juízes nada mais fazem do que aplicar o código, lavando as mãos, como Pilatos.

Foi o que sucedeu a John Fergunson, que seria electrocutado no dia seguinte.

Vítor Hugo escreveu um livro intitulado «O Último Dia de Um Condenado». Quem o leu deve ter sentido o problema terrível em toda a sua essência. O homem a quem se fecharam as portas da vida, sem possibilidade de reabilitação ou regeneração, entra num mundo novo. E enquanto espera o carcereiro que o irá conduzir ao patíbulo a sua dor não tem limites. Alguns ficam parados em face do acontecimento. São autómatos. Outros choram, acovardados.

E aqueles que avançam para a morte, inocentes do que foram acusados?

John Fergunson recebeu sua mulher, talvez a única pessoa que tinha amado com loucura.

— Que coisa horrível! — dizia ela —. Como poderei suportar tamanha agonia, sabendo que estás inocente e aquele infame Mac Guire em liberdade, a rir-se de nós? É um crime monstruoso! Não te levarão assim! Não levarão!...

John estava calmo, ao contrário dos dias anteriores. Acariciava Marion, mas parecia abstracto.

— Porque não falas, John?...

Ele acariciou-lhe os cabelos loiros, osculou-a nos olhos marejados e pediu-lhe que não chorasse. Tinha acontecido um facto estranho naquela noite... um facto misterioso que não sabia explicar...

— Sim, Marion, parece mentira, mas é verdade. Ele esteve aqui esta madrugada... Eu mesmo não compreendo bem... Não chego a compreender... Senta-te. Vou ver se me lembro...

Marion sentou-se ao lado dele.

— Eu estava agitadíssimo e julguei enlouquecer. Só a tua lembrança me acalmava um pouco. Depois o desespero atingia o extremo e não podia dormir, nem podia andar. A morte infundia-me pavor. Ia enlouquecendo aos poucos, até que senti uma espécie de tontura que me envolveu. Um torpor estranho, Marion. Foi quando me apareceu... Eu vi-o... Era o Mestre... Era ele...

Marion estreitava com força o condenado.

— Aqueles olhos meigos, bondosos... Aquelas mãos finas, delicadas... E senti um mundo diferente dentro de mim. Via-a essência da beleza universal plena de sinfonias. E perguntava a mim mesmo se estaria louco. Mas não estava. Era ele, sim. E falou-me:

— Que tens, meu filho? Porque sofres tanto?

— Perdoai-me, mas eu não suporto isto, não posso... Condenaram-me injustamente... Não matei... E tenho medo de morrer...

— É verdade — disse ele —. Sei que não mataste. Mas não tiveste intenção de o fazer?

— Tive. Perdoai-me por isso.

— Não sabes que a intenção é a consumação espiritual do delito? Os homens não a julgam, porque não a podem sentir... Mas acalma-te. Não crês em mim?

— Creio.

— Não é verdade; de contrário, não sofrerias tanto. Condenas os que te julgaram, mas sabes que obedeceram às determinações da vida que tu mataste, aguardando ambiciosamente a marcha do tempo e odiando, quando só de afecto poderias viver. E sofres ao chegar ao fim da existência que destruíste... É porque não vês a verdade... Vem comigo. Eu ta mostrarei.

— Mas eu estou preso ...

— Vem comigo em espírito, que eles só querem o teu corpo, que é dos homens que te julgaram. O espírito é de Deus. Ninguém o prenderá. Tem fé e verás as montanhas e os astros abrirem caminho à tua frente. Voltaremos mil anos atrás...

— Como? Não estamos em 1934?

— Que será o tempo? A humanidade é uma só e os factos são os mesmos. Ontem, hoje, amanhã. O tempo é a divisão de um todo que o homem criou para avaliar a derrocada orgânica, com paixões e ambições. Tem um paraíso de riquezas e transforma-o em ódio recalcado. Vem comigo e verás que o tempo é entidade imaginária. Verás o mundo que Deus ofereceu aos homens e a verdade no que julgavas fantasia e a mentira no que julgavas realidade.

— Eu obedeci, Marion. Transformei-me em fluido e vi o meu corpo cansado. Que impressão senti naquele momento! Desapareceram os obstáculos, as grades, as paredes. Penetrava nelas com a maior facilidade. Tudo era soberbo. Fora das paixões não há desarmonias. A natureza, o sol, a brisa... nada havia mudado. E nessa apoteose também te vi. Que felicidade me inspiravas! Depois conduziu-me ao local onde o crucificaram há milénios pelo crime de ser bom. Vi a tragédia. O povo e os soldados lá estavam, raivosos, a chicoteá-lo. E a resignação era o seu refúgio. Sofria pelo bem comum. Até que surgiu uma mulher como tu. Era sua mãe, que assistia ao apedrejamento do filho.

— Meu filho — perguntou-lhe —, que fizeste para sofrer tanto?

— Mãe — respondeu —, este sacrifício é filho do ódio humano. A fé é a sublimação da vontade de meu Pai. Com ela o mundo se modifica a morte é impossível.

John Fergunson concluiu:

— Depois vi o grande filósofo crucificado entre clamores de revolta. Finalmente conduziu-me

aqui, devolvendo-me ao corpo. Pedi-lhe que me fosse permitido conduzir-te comigo na grande viagem. Recusou. Que mais tarde nos reuniríamos. E desapareceu, deixando-me o perfume sublime da sua inspiração. Aqui está, Marion, porque estou calmo e realmente feliz. Não chores. Cedo nos encontraremos. Será a redenção dos nossos erros. Na hora da minha execução ergue uma prece sentida ao Mestre para que o nosso amor continui...

Cumpriu-se a justiça da terra. A «dívida» ficou saldada e o código saiu ileso. John Fergunson foi electrocutado com sorriso nos lábios. Tempos depois Mac Guire era assassinado numa rua de Chicago. Teria sido alucinação o encontro de John com o Mestre?...

Adeus, amigo radiouvinte. Quando os tribunais terrenos condenam inocentes à pena irreparável, só nos resta a justiça divina, como sucedeu a John Fergunson...

80

## E AGORA?...

Amigo radiouvinte:

Isto até parece um conto e podia começar assim: Era uma vez um pirralho que entrou numa clínica de Florença com seu pai angustiado perante muitas pessoas que se aglomeravam no largo fronteiro. A notícia correra, qual rastilho. Francesco Cardali, o menino-prodígio que deixara boquiaberto o povo italiano encontrava-se em estado gravíssimo.

Houve crianças de memória notabilíssima que a história regista com louvor, como Willy Ferreros, Haendel, Rubinstein, Sarasate, Pic de la Mirandola, Hamilton, Inaudi e outros que poderia citar neste momento. Não constituindo legião, dariam fila razoável. Alguns deles, como Trombetti, que aprendeu Francês e Alemão na escola primária e dois meses depois lia Goethe e Voltaire e aos dez anos estudou sòzinho Latim, Grego e Hebraico, conhecendo perto de trezentos dialectos orientais; alguns deles, dizia eu, canalizaram a atenção na música e fizeram maravilhas. Tudo dependia da evolução individual.

Francesco Cardali andava na escola primária, sujeito ao mesmo regime dos companheiros, até que a professora notou que o garoto tinha memória extraordinária. Uma coisa verdadeiramente anormal. Lendo em voz alta ou ouvindo ler aos outros algum trecho da «Selecta», repetia tudo, à guisa de fonógrafo.

Quando a professora comunicou o caso ao director da escola, este, movido por natural curiosidade, quis observá-lo pessoalmente, a fim de lhe estudar às reacções e as possibilidades. E ficou admirado. Aquilo não era um garoto, era um fenómeno espantoso.

Operações de matemática fazia-as com rapidez incrível.

Uma vez um companheiro apostou em como ele não era capaz de decorar um livro inteiro que levava três horas a ler. Era um romance policial de cento e setenta páginas. O garoto isolou-se num quarto contíguo, leu o livro e ganhou a aposta em muito menos tempo que o exigido. O resultado fora espampanante; de tal forma, que o amigo chegou a duvidar. Era impossível que o tivesse decorado.

O facto provocou enorme curiosidade e outros garotos vieram sentar-se ao pés de Francesco e seguiam as letras do livro, à medida que ele ia repetindo vagarosamente, de olhos semicerrados.

Efectivamente não falhara uma única palavra, durante a leitura.

Mas isto não era nada, em comparação com outras proezas que realizou e cuja fama chegou às regiões limítrofes. Tanta gente que o visitava com as propostas mais disparatadas, no intuito de o apanhar em falso! Até que um produtor de televisão lhe entregou uma lista telefónica de Florença.

— Decora isto e ganharás muito dinheiro!

A experiência realizou-se na presença de muitas pessoas influentes e logo surgiu a ideia de apresentá-lo em público, embora os pais se opusessem, pois queriam que o miúdo estudasse normalmente.

Todavia, o destino cumpriu-se. Francesco foi arrastado na voragem dos interesses e seu pai recebeu uma proposta para que ele aparecesse na televisão. E depois veio a rádio... E os jornalistas vieram também, com entrevistas.

O *Século de Domingo*, donde extraio os elementos desta crónica, diz que toda a gente falava no menino prodígio que decorara a Lista Telefónica de Florença e conhecia a história de Itália em todos os pormenores, que fixava nomes e números lidos uma só vez...

O caso era sério. O pai lutou contra a engrenagem que lhe queria roubar o filho e, num momento que julgou inspirado, levou-o para outra aldeia.

Foi quando principiou a tragédia. O pai adoeceu gravemente e entrou num hospital, onde seria operado. Mas isso custaria muito dinheiro. Em face do acontecido, o Francesco dirigiu-se a Florença e aceitou os contratos. Daí em diante ficou nas garras dos produtores. Concursos de memória, publicidade de firmas comerciais, homenagens de todos os lados, semelhantes às que o vidente recebia na terra dos cegos... E uma cornucópia a despejar a sorte grande que, por sua vez, ia direita à bolsa de um grande especialista que salvara o doente...

Mas chegou um dia... Na emissão de um teatro popular que milhares de telespectadores seguiam com interesse o menino caiu desamparado e um silêncio sepulcral fez parar os corações.

O jornal explica:

«Só então aquela gente pensou no sacrifício do garoto esgotado até ao paroxismo da loucura pelo trabalho a que as multidões o obrigavam. Os médicos acorreram e diagnosticaram um terrível esgotamento cerebral difícil de curar. Um neurologista foi mais longe e poucas esperanças deu. Francesco, em cama improvisada num camarim do teatro, estava à beira da loucura! Foi então que se ergueram os mais ruidosos protestos. Um articulista disse que a história de Cardali era um crime praticado pela sociedade. Numa idade em que as crianças necessitam de se expandir, brincar, descansar e enriquecer a vida psicológica integrada em ambiente próprio, o pequeno Francesco tinha sido atirado às feras, dormindo só quatro horas por dia, sem um único momento de repouso».

Depois acrescenta que os empresários diziam que ele tinha um cérebro previlegiado.

Estas palavras não beneficiaram Francesco, que entrou numa clínica em que os médicos se esforçaram desesperadamente para o salvar, a fim de lhe restituir o espírito, a lucidez e a infância destruída.

Isto até parece um conto — disse eu no começo da crónica —. Sim, um conto macabro, no qual o egoísmo e a indiferença humana desempenham papéis horripilantes. Ao mesmo tempo é um aviso à multidão ignara e voluntariosa que reclama espectáculo, como no circo de Roma, não se importando que a vítima seja um ancião inerme ou uma criança de doze anos!

E agora? Se Francisco está próximo da loucura e os médicos perderam a esperança de o salvar, de pouco terá valido a manifestação prodigiosa da memória na pessoa de um miúdo aniquilado pelo interesse. Bem dizia Young: «A terra é o hospital dos doidos do Universo».

Adeus, amigo. Até à próxima...

# CRÓNICA MUNDIAL

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

## UM GRANDE CURADOR

Paul Miller publicou há tempo um curioso livro intitulado «Harry Edwards, The Healer» (O Curador Harry Edwards), em que descreve as actividades deste conhecido confrade, que muita fama tem obtido, não só em Inglaterra, como em todos os círculos espiritas mundiais.

Descreve muitas curas, mas diz que o processo usado permanece oculto, como já afirmara Alexis Carrel na sua obra «O Homem, esse Desconhecido», ao referir-se às curas de Lurdes. O grande mistério — não sabemos quando será desvendado — é saber quais são as forças que em determinadas circunstâncias actuam.

Paul Miller diz que algumas curas podem ser consideradas milagrosas e cita casos de cancro, que a ciência atribui a *cura espontânea.*

As curas mais vulgares de Harry Edwards relacionam-se com artrites de qualquer natureza e doenças de pele. O curador, na sua humildade, afirma que é estranho às curas. E acrescenta:

— Quem as faz são os Espíritos-guias Lister e Pasteur.

Mas o seu maior mérito reside no facto de se haver entregado absolutamente à sua obra e de ser consultado por muitos membros da família real inglesa e por milhares de enfermos desenganados pela Medicina e que procura a todo transe uma porta de salvação.

A sua correspondência atinge muitas vezes três mil e quinhentas cartas por semana. Entre os casos citados pelo autor do livro há um de cancro curado a distância, na Islândia.

Mas não devemos julgar que todos podem ser curadores aplicando as mãos como Edwards, um dos raros veículos das forças invisíveis que ele utiliza em benefício dos semelhantes — como diz *Voz Informativa,* donde extraímos os elementos desta nota.

Sim, nem todos podem ser curadores, embora muitos tenham faculdades latentes que, bem desenvolvidas e aplicadas, dariam grande alegria à pobre humanidade.

Harry Edwards, cujo trabalho temos seguido através dos semanários *Two Worlds* e *Psychic News* e da revista *The Spiritual Healer,* fundada pelo grande curador, é um ser extraordinário, pois além de aliviar milhares de pessoas, ainda lhe sobra tempo para escrever livros e artigos, responder a ataques e exibir-se na televisão britânica em serviços de propaganda espirita.

Por tudo isto e por se tratar de individualidade marcante que nunca visou lucros no seu esforço de bem-fazer, Harry Edwards merece a simpatia do grande público que o admira e estima. Há pouco disse que o Santuário de Cura Espiritual, em Surrey, de sua direcção, se encontra em circunstâncias precárias, ao contrário do que um jornal propalou, insinuando que Edwards estava milionário com o serviço de curas.

## EDITH PIAF E A SOBREVIVÊNCIA

De *La Revue Spirite* extraímos os seguintes parágrafos que *France-Dimanche* dedicou à célebre cantora Edith Piaf, que nos Estados Unidos sofreu grandes abalos de saúde:

«Sete vezes saiu forte e bem-disposta de catástrofes que teriam destruído a vida a qualquer mulher vulgar. Eis a explicação que ela dá e que registamos com particular interesse:

«— As minhas curas constituem segredo. A minha vida parece uma série de mortes e de ressurreições. Aos 25 anos fui desenganada pelos médicos ... Mas há uma coisa que eles não compreenderam: é que eu me curo sempre, porque tenho uma grande força moral, uma certeza imensa; creio na sobrevivência, não tenho medo da morte. Isto é que me impede de morrer. Só se morre de doença, quando se tem medo, quando já se está morto em pensamento ... Mil vezes estive prestes a abandonar a luta pela vida, por me encontrar muito iludida, muito inútil, mas dominei-me no momento próprio. Acreditava na sobrevivência ...

«Depois acrescenta cheia de convicção:

«— Um médico do Canadá — o professor Sellye — é que o afirma. O optimismo perante a morte leva os órgãos a segregar hormonas benéficas. Estou convencida de que nem tudo acaba na morte. Pelo contrário, é o princípio de qualquer coisa maravilhosa que não quero nomear ... O corpo desaparece, é verdade, mas a alma fica ... Ressuscitamos após a morte e outra vida se abre à nossa frente. Quanto a mim, estou convencida de que já vivi outra vida. Tive esta impressão, quando cheguei a Nova Iorque, na minha primeira viagem».

Há muita gente culta e sensata que milita nos mesmos princípios. Mas o tom decisivo e convincente de Edith Piaf chega a ser desconcertante para os materialistas que no túmulo vêm o fim de tudo o que somos.

## CASA TRANSITÓRIA

A Federação Espirita do Estado de São Paulo acaba de lançar uma campanha pró-«Casa Transitória» que constará de oito pavilhões modernos a construir na Avenida Marginal Esquerda do rio Tietê, em Vila Maria, terreno cedido pelo Governo da cidade, na gestão do Dr. Jânio Quadros.

Este empreendimento arrojadíssimo define bem os desígnios desta agremiação, à qual pertencem, entre outros, o Coronel Edgard Armond, M. San Marcos, Carlos Jordão da Silva, José Gonçalves Pereira, Flávio Paciello, Luís Monteiro de Barros e Emílio Manso Vieira.

Trata-se de desdobramento assistencial da grande obra federativa que estes amigos estão a desenvolver e cujo plano foi cuidadosamente delineado e estudado por uma comissão de engenheiros especializados, os quais, por si próprios, garantem a eficiência do seu funcionamento.

O custo da obra está orçado em 20 milhões de cruzeiros e serão cobertos pelas mãos generosas do povo de São Paulo que nunca rega-

teou o seu concurso a obras deste género.

A Federação Espirita do Estado de São Paulo é uma colectividade prestigiosa que devia ser imitada pelos dirigentes de quantas agremiações existem no interior do Brasil e o Coronel Edgard Armond é o protótipo do verdadeiro organizador. Os seu livros são roteiros de sábia orientação ao alcance de quem os queira perlustrar e muitos benefícios têm prestado aos espiritistas de língua portuguesa.

Que a Casa Transitória seja erguida na grande urbe paulista são os nossos votos e que ela constitua um marco de solidariedade, apontando aos contemporâneos os novos horizontes que se vislumbram nesta curva do século.

## O ESPIRITISMO NA SUÉCIA

*Mundo Espirita*, de Curitiba, Estado do Paraná, entrevistou Rolf Carleson, secretário da Federação Espirita Internacional e notável propagandista da Doutrina na Suécia. De Estocolmo, onde reside, dirige a Secretaria Geral daquela Federação com brilho e proficiência.

Respondendo às perguntas que lhe fizeram disse que na sua terra consideram o Espiritismo uma *filosofia da vida* com implicações científicas e religiosas. Assim, a *União Nacional Espiritualista da Suécia* afirma que o Espiritismo prova a continuidade da vida após a morte do corpo e a comunicação com o mundo espiritual e define a responsabilidade pessoal.

A seguir diz que a mediunidade no seu país está ligada aos actos religiosos e que as sessões se abrem e encerram com preces e música apropriada.

A *União Nacional Espiritualista* tem 28 sociedades em 24 comunidades diferentes, algumas com perto de mil associados com direito à revista mensal *Spiritualism*.

A *União* é sediada em Estocolmo e promove estudos e viagens de médiuns para demonstrações e aos quais paga o transporte, mas a sua remuneração e hospedagem é por conta das entidades interessadas.

Na Suécia confunde-se Espiritismo e Espiritualismo, embora este movimento tenha influência kardequiana. Por isso no começo denominava-se Espiritismo e depois passou a designar-se Espiritualismo, devido à influência anglo-saxónia, e abrange o aspecto filosófico e religioso, ao passo que o Espiritismo tem acepção estrictamente científica, relativa à parte experimental. A diferença está possìvelmente na remuneração dos médiuns; os médiuns curadores, porém, não recebem pagamento algum.

Rolf Carleson acha que a verdadeira diferença reside na controvérsia sobre a *reencarnação*, mas diz que semelhante divergência poderia desaparecer, visto que os factos probatórios alicerçaram há muito aquela teoria e portanto era lógico cessar a divergência, embora as hostilidades antigas tenham desaparecido na América e na Grã-Bretanha.

Depois informou que o movimento espiritualista sueco aceita a reencarnação como base doutrinária. Não há, pois, grupos reencarnacionistas, mas há prós e contras que se discutem frequentemente nas reuniões.

Quanto às obras de Kardec, foram publicadas na Suécia, logo a seguir às edições francesas e não têm sido reimpressas. Mas o facto de se aceitar o princípio reencarnacionista deve-se à influência do codificador.

Há muitos espiritistas que não se inscrevem nos quadros associativos. Intitulam-se *espiritualistas*, mas a designação de *espiritistas* é também corrente, sobretudo na imprensa.

A respeito das actividades do movimento, Carleson disse que eram muito variadas, principalmente em demonstrações científicas através da mediunidade, e que havia sessões semanais em Estocolmo, leituras e conferências sobre assuntos correlativos, incluindo a teosofia. De quinze em quinze dias há um *serviço religioso* dominical, mas diferente do Cristianismo dogmático. Estudam-se as relações do Espiritismo com o Cristianismo adogmático. A parte mediúnica só se desenvolve no seio das sociedades e não pùblicamente.

A organização das sociedades difere dos moldes americanos, pois não há *igrejas espiritualistas*, nem *ministros* nem *reverendos*. «Aliás, não há necessidade, porque os serviços religiosos são prestados nas próprias agremiações espiritualistas».

A respeito das relações da Federação Espirita Internacional com o movimento americano disse que o Espiritismo é um movimento internacional, acrescentando:

— Todo o ser humano terá que deixar um dia o corpo e a convicção de sobrevivência dada pelo Espiritismo é um facto universal. Os princípios básicos, tanto em Kardec, como em Davis ou Stainton Moses são geralmente aceitos. Isto será futuramente a base da unidade que terá enorme repercussão no pensamento mundial.

O Espiritismo, como temos dito, vai fazendo a ronda dos povos em sua marcha ascendente.

## UM PSICÓMETRA HOLANDÊS

O *Psychic Observer*, dos Estados Unidos, refere-se ao grande psicómetra Peter Hurkos, historiando a evolução de suas faculdades, que surgiram após um acidente. Estava a pintar uma parede, quando se estatelou no solo e facturou o crânio.

Em seguida foi conduzido ao hospital em estado inconsciente. Mais tarde despertou e viu que se tinha produzido nele uma estranha mudança, pois começou a conhecer muitas coisas que nunca aprendera através dos sentidos normais.

Lembrou-se então de fazer demonstrações que se tornaram célebres.

Em 1946 percorreu a Europa e realizou sessões notáveis em que as suas faculdades psíquicas se evidenciaram.

Contribuíu muito para o êxito da sua jornada o facto de falar algumas línguas, entre elas, Inglês, Francês, Alemão, Holandês e Espanhol.

Herkos colaborou muitas vezes com a polícia na solução de problemas difíceis e conseguiu assim muito boa reputação.

Na Holanda chegou a filmar-se um documentário de 30 minutos de duração, intitulado «O Assombroso Peter Hurkos».

Nos últimos anos fez demonstrações psicométricas no programa de televisão «Mistérios do Espírito», em Miami, na Florida.

Peter Hurkos, para excitar as suas faculdades, coloca na mão os objectos que lhe entregam as pessoas interessadas e o resultado destas experiências impressiona fortemente os assistentes.

Já nos referimos a este sensitivo e anotamos com grande prazer as referências do jornal americano acerca da sua mediunidade.

## BOM HUMOR...

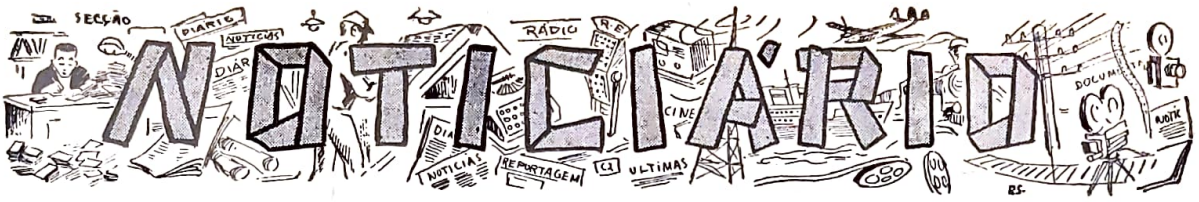
Os espiritistas são pessoas de bom humor. Sabem que é preciso rir de vez em quando para se manter bom equilíbrio espiritual.

Então vamos rir um pouco e aos melindrosos lembraremos a legenda da *Jarreteira*: «*Honni soi qui mal y pense*»:

O director de uma sociedade espirita diz ao presidente:

— A minha senhora tem verdadeira pasta de médium.

— Muito bem — responde o presidente —; quando os médiuns se fizerem de pasta utilizá-la-emos...




## AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 15 de Novembro realizou no Centro a sua anunciada conferência o nosso colaborador Raúl Ribeiro. «Ensaio Científico-filosófico do Espiritismo» foi o seu tema, embora o título não estivesse bem adequado ao trabalho que apresentou, porquanto, o que ele quis demonstrar foi a posição de materialistas e espiritualistas, perante os grandes problemas biológicos.

Não há dúvida. Raúl Ribeiro esçou-se nessa demonstração, da qual tirou argumentos para a sua e nossa tese; e depois de apreciar a posição do corpo e do espírito e de afirmar que o cérebro não poderia jamais segregar pensamento, disse que só a dualidade e a pluralidade de vidas poderia explicar a transição gradual de conhecimento para mais conhecimento, ou seja a transição gradual para aquilo a que se dirige o intelecto e que nós tomamos como valor. E as manifestações intelectuais podemos dizer que são filhas da intuição.

— Versando alguém assuntos que não conhece e que não constituem valor dominante do que se está ventilando — exclamou — e não fazendo parte da sua cultura, quem lhe forneceu os argumentos e as reflexões? Foi a intuição, filha de reminiscências longínquas, pois tudo jaz nesse oceano milenário que constitui para mim o verdadeiro eu.

E concluindo:

— O Espírito e o Corpo é o grande mistério, o arcano insondável da natureza. Seguem unidos na vida e por isso mal se distinguem. Só desejo que o Espiritismo tome posição e firme o seu conteúdo intelectual para ser apreciado com interesse; e que os espiritas busquem na sua bibliografia o conhecimento e a cultura para saber onde estão os pontos fracos, baseados nos quais os adversários apontam o nosso erro.

O presidente da Direcção apreciou o trabalho em apreço, repetiu o seu apelo aos novos, alguns dos quais se encontravam presentes, e demonstrou a necessidade de união sincera em torno do ideal espirita.

## FESTA DO NATAL

No dia 20 de Dezembro, às 15,30 realizar-se-á no *Centro Espiritualista Luz e Amor* a *Festa do Natal*, organizada por Jorge Augusto Raimundo com a colaboração de Manuel Morais Canaveira e muitos elementos artísticos, entre eles, os discípulos de D. Ema Cordeiro que abrilhantarão a *Festa* com a sua digna Professora.

## TRABALHOS DO CENTRO EM DEZEMBRO DE 1959

### Grupo de Irradiação Mental Reper-Siam

Toda as 5.as feiras às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

### Grupo de Intuição e Clarividência

Todas as 3.as feiras, às 21,30 dirigido por Túlio Augusto Rosa.

---

Dia 2, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 4, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias, dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina, dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 9, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Albertina e dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 11, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 13, domingo, às 16 horas — Conferência por Túlio Augusto Rosa, intitulada «Mediunidade, Suas Causas e Efeitos».

Dia 14, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos e dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 16, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos dirigido por Isidoro Duarte Santos — Tema: «A Lei Natural».

Dia 18, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias e dirigido por Raúl Ribeiro.

**Dia 20, domingo, às 15,30 horas — Festa do Natal, organizada por Jorge Augusto Raimundo.**

Dia 21, 2.ª feira, às 15 horas — Distribuição de enxovais pelo Grupo de Protecção às Crianças.

Dia 23, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação com a médium D. Albertina e dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 24, 5.ª feira, às 14 horas — Distribuição de donativos pelo Centro E. «Luz e Amor».

Dia 25, 6.ª feira — Não há trabalhos.

Dia 27, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 28, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo de Captação e Doutrinação, com a médium D. Ermelinda dos Santos e dirigido por António de Carvalho Rasteiro.

Dia 30, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Estudos Filosóficos dirigido por Isidoro Duarte Santos (Tema: O Problema do Bem e do Mal).

## MÊS DE JANEIRO DE 1960

Dia 1, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Léon Denis», com a médium D. Maria Antónia e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 3, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília e dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 4, 2.ª feira, às 14 horas — Distribuição de donativos pelo Centro E. «Luz e Amor».

Dia 6, 4.ª feira, às 21,30 — Grupo de Doutrinação, com a médium D. Albertina e dirigido por José Francisco Cabrita.

Dia 8, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo «Allan Kardec», com a médium D. Conceição Dias e dirigido por Raúl Ribeiro.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias e dirigido por Raúl Ribeiro.